A, para (exprimindo relação locativa). Com toda razão diz Aulete que a preposição a é de todas a mais vaga; e a tal ponto que, segundo observa Lafaye, está ela hoje, como a prep. de, quase inteiramente despojada do seu valor de origem. São raras as relações lógicas que se não possam marcar pela preposição a: "andamos a cavalo"; "fugiram a toda pressa"; "comemos a enjoar"; "vem a galope"; "lançou à terra"; "morre à míngua"; "pescamos à linha"; "matamos a tiro"; "bateram-se à espada"; etc. – Restringiremos, portanto, as nossas notas às duas acepções em que parece melhor fixado o valor da preposição a comparativamente com os seus sinônimos. Entende Lacerda que "ainda os mais corretos escritores usam indistintamente das preposições a e para" quando querem exprimir relação de locativo. Não nos parece que seja assim, pelo menos entre aqueles que se mostram mais fiéis ao espírito da língua. Ninguém dirá que têm o mesmo valor estas expressões: - "Vou a Lisboa", e - "vou para Lisboa"; "virei ao Rio em junho", e – "virei para o Rio em junho". – As duas preposições empregam-se, pois, com os verbos "ir", "vir", "dirigir-se", "encaminhar-se", "levar", "trazer", e alguns outros que designam movimento. "Ir para algures", "dá a entender intenção de grande" (ou pelo menos de alguma) "demora, ou longa estada, e às vezes para sempre", o que, no entanto, não exclui, como acrescenta Roquete, propriamente a ideia de regresso, nem sempre. "Foi para Viena como secretário de embaixada". "Ir a", ou "vir a alguma parte" "indica a ideia de pouca demora", ou o propósito de ir ou vir e voltar logo. Este exemplo de Roquete expõe nitidamente a diferença entre as duas preposições: "El-Rei d. João VI, quando residia em Queluz, ia muitas vezes a Mafra; vinha com frequência a Lisboa; no verão ia para o Alfeite;

no tempo das caçadas ia para Salvaterra ou Vila Viçosa: e quando os franceses vieram a Portugal, foi para o Brazil". E ainda este de Vieira: "Porque o pai fez uma viagem para as conquistas, e nunca mais houve novas dele, tomaste por devoção vir os sábados à Penha de França".

A, a fim, para, por. – Estas preposições exprimem relação de fim para que. A e para, além disso, marcam ainda relação de dativo; e há entre elas uma diferença análoga à que se lhes nota nos casos em que marcam relação de locativo. Essa diferença fica bem clara nestas frases: "dei um livro a meu filho"; "trouxe uma flor para a menina". - Como preposições de fim para que, assinalam: para, "ação, imediata", segundo Bruns., ou "o objeto imediato da ação", no entender de Roq.; a fim marca intuito menos imediato e mais preciso; por "explica mais diretamente a intenção, o fim (ou o desejo) com que se executa a ação", e emprega-se "quando se supõe somente possibilidade ou probabilidade de lograr o que se intenta". Exemplos: "Ele se esforça por instruir-nos, para que sejamos cidadãos dignos, a fim de que nos tornemos capazes de servir a pátria". - Confundem-se muito frequentemente, nesta acepção, as preposições a e para. O próprio Roquete escreve: "serve (ou servem) a formar", em vez de "para formar". Dizem muitos indiferentemente: "apto a dirigir", ou "apto para dirigir"; "pronto a ouvi-lo", ou "pronto para ouvi-lo". A distinção entre as duas formas revela-se muito clara nestas frases: "convidou-me a jantar", e "convidou-me para jantar". No primeiro caso, estava eu à vista da mesa servida, ou o anfitrião ia para a mesa, e convidou-me a jantar; no segundo caso, encontrou-me ele pela manhã, e convidou-me para jantar com ele domingo... Há entre "convidar para" e

"convidar a" a mesma diferença que explica Lafaye entre "prier à diner" e "prier de diner". - Há ainda em português outra preposição que deve, em certos casos, ser considerada como sinônimo da preposição para: é de, com alguns verbos como "servir", "valer": "não serve de nada"; "não serve para nada". Esta última locução (que é mais geral - diz Laf.) exprime que o objeto de que se trata não tem serventia alguma; a primeira nega que ele sirva no momento, para um fim que se tinha em vista presentemente. "O meu rebenque – diz o major – não serve para nada; e neste caso, meu amigo, o seu alvitre de nada me serve, pois que não resolve o embaraço em que me vejo".

3

ABA, falda, base, orla, sopé; vertente, encosta, flanco, ilharga, lado, ladeira, declive, aclive, rampa. - Todas estas palavras designam "refegos, lados, parte pendente de alguma coisa", e sugerem ideia de altitude, inclinação, etc. - Aba é a parte mais baixa e prolongada de um cone, de um monte, de um chapéu; falda (ou fralda) é também (na acepção em que a tomamos aqui) a parte inferior do monte: difere de aba porque acrescenta, à ideia de extremidade e inclinação, o sentido de forma irregular, ou de superfície dobrada... como as fraldas de uma camisa. – Sopé e orla designam a parte do monte que assenta no plano horizontal ocupado por ele: sopé é a porção do dito plano onde a montanha começa; orla é mais o recorte da aba, ou da parte onde a montanha começa a destacar-se do plano sobre que assenta. Base é toda a porção do plano horizontal que o monte abrange. - Encosta é toda a parte inclinada de um monte; e vertente adita à significação de encosta a ideia de origem de rio, de "vertidura de águas pluviais". - Flanco e ilharga designam também os lados do monte, mas sugerindo uma ideia de amplitude; e o primeiro termo ainda se distingue do segundo por ser mais expressivo e mais belo, e por sugerir alguma coisa de fecundidade. - Declive (ou declívio) é a inclinação da encosta, do alto do monte para baixo; e aclive é também essa inclinação, mas considerada de baixo para cima. - Rampa e ladeira exprimem igualmente plano inclinado, com esta diferença: a ladeira (lado suave de colina ou monte) é menos áspera, mais fácil de subir; enquanto que a rampa nem sempre é acessível, pois pode ser tão íngreme que se torne de difícil ou mesmo impossível ascensão. Dizemos: "a ladeira da Glória"; "a rampa do Pão de Açúcar". - Lado, ou lados designam apenas as partes opostas da montanha (ou de qualquer corpo) sem ideia alguma acessória.

4

ABAS, adjacências, contiguidades, cercanias, contornos, circunvizinhanças, imediações, proximidades, confins; bairros, distritos, comarcas, subúrbios, arrabaldes, arredores, redondeza. - Todas estas palavras designam situações em torno de um ponto, ou de uma povoação; e distinguem--se principalmente pela ideia, que marcam, de maior ou menor afastamento desse ponto. Bairros são secções de uma cidade, ou de um município. - Distritos são secções maiores que compreendem vários bairros; assim como comarcas são divisões mais extensas que distritos. - Imediações são partes da cidade, ou de um lugar, que lhe ficam imediatamente em volta; vizinhanças e circunvizinhanças são os lugares que se seguem às imediações, diferençando-se a segunda da primeira pela noção acessória de contorno (e ambas dando ideia de convivência); cercanias são as paragens em torno de um lugar, e mais afastadas que as circunvizinhanças; proximidades são pontos das cercanias. - Arrabaldes designa a

porção de uma vila ou cidade que lhe fica fora dos muros, ou para além do circuito urbano; arredores são arrabaldes mais distantes, e quase sempre não povoados, ou tendo poucas habitações. - Contornos designa a totalidade dos arredores (de uma cidade ou de um lugar). - Redondeza ou redondezas, tudo que fica dentro dos limites do círculo visual de que se supõe centro à cidade, ou um ponto dado; e confins são os limites em relação aos de outro. - Por subúrbios entende-se toda parte habitada que fica sob a jurisdição da cidade. – Abas são "os pontos extremos de uma povoação, contidos, porém, dentro do seu perímetro"; contiguidades e adjacências, as porções habitadas que se seguem às abas, sendo o segundo termo mais vago. – Diremos com propriedade: "o bairro de Botafogo"; "morar em Pedrouços é morar nas abas de Lisboa" (Bruns.); "mudou-se mais para as imediações do centro urbano"; "tem casa nas vizinhanças da praça ou do bairro"; "não gosta de ponto algum das circunvizinhanças do Castelo"; "nas cercanias de Olinda lutou-se toda a tarde"; "quando anoiteceu estávamos já nas proximidades da fazenda"; "aqueles jardins e pomares já eram adjacências e quase contiguidades de Jerusalém"; "a Tijuca é um dos mais belos arrabaldes do Rio"; "o Méier, o mais aprazível dos nossos subúrbios"; "nos arredores de S. Cruz há algumas fazendas"; "em todo o contorno da vila não se encontrou um morador pobre"; "a epidemia alastrou-se pela redondeza do nosso acampamento, e chegou até os confins do país inimigo"; "nas vastas comarcas daquela provincia há distritos riquissimos em minerais".

ABAFAR, sufocar, conter, reprimir, sofrear, refrear; vencer, domar, suplantar, superar, submeter, subjugar, jugular, sujeitar, debelar, dominar, sobrepujar, sobrelevar. - Abafar é impedir que respire, tome forças, que cresça, que vingue; sufocar é impedir de viver privando da respiração, é "matar por asfixia"; conter é moderar, impedir que se manifeste, que opere, que se mova; reprimir é conter com mais energia e decisão, até com força e violência; debelar é reprimir à custa de guerra, ou vencer em luta; subjugar é submeter a jugo, a império; jugular é reprimir, vencer com escarmento, como estrangulando (do latim jugulare "degolar", "cortar a cabeça"); sofrear é conter com prudência e cuidado, não deixar que apareça ou que se desenvolva; refrear é conter com esforço e trabalho; dominar é submeter com império, como senhor; vencer é sair vitorioso de um combate, de um embaraço, de um transe; submeter é "reduzir à dependência, pôr sob a autoridade, ou o poder de"; suplantar (etimologicamente "meter debaixo dos pés") é vencer com orgulho, humilhando o vencido; domar é submeter, subjugar pela força bruta, e mesmo tratando-se de homens, dá ideia da inferioridade moral do que é domado; superar é vencer e ficar superior a alguém ou alguma coisa; sobrepujar é superar depois de esforço e luta; sobrelevar é "pôr-se acima de", sem grande esforço, nem luta material; sujeitar é reduzir à obediência. – Abafa-se uma conspiração antes que venha para a rua: abafa-se o pranto para que ninguém o veja; "O homem que vê o que eu vi e abafa no peito o grito da indignação"... (Herc.). - Sufoca-se uma rebelião no seu começo. – Contém-se um ímpeto de cólera; não se pode conter as lágrimas diante de um infortúnio; é preciso que se contenha o instinto das multidões. - Reprimem-se movimentos subversivos da ordem pública; "acudiram-lhes alguns dos nossos, que reprimiram os inimigos"... (Fil. Elys.); reprime-se a custo uma explosão de raiva ou de furor. - "Debelaram afinal as nossas forças aquele que foi o mais grave levante dos últimos tempos";

"os Jesuítas tiveram aqui a grande missão de andar debelando paixões e barbarias"... -"Subjugamos as tribos menos dispostas ao trato dos estrangeiros". - "Com aquele golpe certeiro conseguiu jugular a sedição". - "O homem que não *refreia* os seus apetites é incapaz de refrear os seus ódios". - "Aquele homem dominou os outros tão completamente que ninguém mais pôde protestar"; "... com a sua habilidade e energia dominou a revolta"... - "A autoridade venceu naquele conflito desigual"; "cumpre que cada um de nós vença por sua parte os embaraços que sobrevierem". - "Em poucos dias o general submeteu toda a província". – "O senhor não conseguirá suplantar-nos com todo o seu poder"...; "... nem o gênio é capaz de suplantar a altivez de uma consciência". - Domam-se as feras, os bárbaros, os sicários. – "Ele, que andava a superar as misérias daquele meio, sobrepujou afinal todas as traições, e hoje é incontestavelmente a figura que sobreleva todas as outras ali". - O pai sujeita os filhos, o tutor os tutelados.

6

ABAFAR, abrigar, resguardar, agasalhar, cobrir, tapar. – Neste grupo, abafar significa "tolher a respiração, confinando ambiente respirável de modo a provocar suor ou calor artificial; ou impedir que pela evaporação esfrie um corpo, ou que se agite, expanda ou desordene alguma coisa". - Abrigar quer dizer "amparar contra o mau tempo, fugindo ou fazendo dele fugir para um abrigo". - Resguardar é também amparar "contra o tempo ou contra alguma coisa, e não só fugindo, mas defendendo-se, com cuidado". - Agasalhar é ainda "defender-se contra o tempo, mas evitando-lhe a ação, por meio de roupas ou cobertas". - Cobrir é "ocultar ou resguardar pondo alguma coisa em cima, diante, ou em redor". - Abafa-se o doente para facilitar-lhe a transpiração; abafa-se a

comida para que não esfrie; abafam-se as chamas para que se não propaguem. - "Abrigaram-se em nossa casa contra a tormenta"; "à vista do vendaval iminente fomos abrigar--nos na enseada dos Reis". - "Resguarde-se do mal, meu amigo, pois – que eu saiba – não tem cura quando sobrevém na sua idade"; "Os farrapos que vestia não o resguardavam do frio" (Herc). - "Agasalhe-se bem, meu filho, para atravessar a praça"; "Ninguém se deve expor às friagens de junho se não bem agasalhado". – "É preciso cobrir bem o menino, e evitar que se descubra"; "Conviria que cobrisse a cabeça com a manta". - Tapar – diz Bruns. – "é um termo genérico, de significação vaga quando se emprega fora do sentido reto de cobrir. Dizemos tapar o menino no berço; tapar o doente; tapar a cara com as mãos."

7

ABAFAR, atabafar, encobrir, ocultar, esconder, receptar, acoitar, sonegar, reter, subtrair, acobertar. - Abafar aqui significa "não deixar seguir os trâmites usuais"; como em: "abafou o processo, a formação da culpa"; "abafemos o triste incidente para que ninguém mais o explore". - Atabafar, segundo Bruns., é "abafar com precipitação e energia"; como neste exemplo: "Chegou a abrir-se a sessão; mas os espertos atabafaram tudo antes que nós chegássemos". - Encobrir é "evitar que se veja ou se conheça algum intento, ou que se torne pública a culpa de alguém". Como diz Bruns., "encobre-se a falta alheia tornando-nos até certo ponto cúmplice do delinquente". "Encobrem algumas mais, por fraqueza que se explica, as culpas dos filhos". – Ocultar é "não dar testemunho do que se viu, ou não fazer conhecida uma coisa que nos interessa a nós ou a alguém; ou ainda "furtar alguma coisa à vista de outrem." Oculta-se uma verdade para não comprometer inutilmente a honra

de alguém; "...mas eu não sou homem que oculte a baixeza da minha esfera" (Garrett). - Esconder é ocultar com mais cuidado e interesse. Diremos: ele se ocultou em casa (deixou de sair, de aparecer, mas em caso algum se esconderá para que não suponham que se quer subtrair à ação da justiça"; "O desgraçado escondeu tão mal o furto... que parecia nem ter intenção de ocultá-lo". – Receptar é "receber, guardar, esconder o furto ou roubo que outrem fez". – Acoitar é "dar coito, asilo, homizio": é, portanto, "ocultar contra a lei". Só se acoita a um criminoso ou indivíduo que tal se julga. - Sonegar é termo forense e indica propriamente "esconder e negar sob juramento". Sonegam-se bens a inventário, mercadorias sobre que se tinha de pagar imposto, etc. É usado quase exclusivamente nesta acepção. - Reter é "conservar indevidamente em seu poder o que lhe não pertence". (Aul.). - Subtrair significa "tirar com astúcia ou fraude, furtar alguma coisa ou alguém ardilosamente às vistas, à ação ou poder de alguém". "O advogado subtraiu uma folha dos autos"; "os facinoras subtrairam-se às diligências da polícia"; "aquele moço fugiu para subtrair-se ao serviço militar"; "Para libertá-los do infortúnio e subtraí-los à vingança"... (Mont'Alv.). - Acobertar é "proteger um culpado, ou a si próprio, disfarçando-se para não ser visto ou descoberto". É quase encobrir, sendo este verbo apenas de sentido mais vago e geral. Encobre-se, mas não se acoberta um defeito físico: acoberta-se por piedade um foragido, mas sem a intenção de encobrir-lhe o crime. "A nuvem encobre o sol"; não "acoberta o sol".

ABAFEIRA, charco, pântano, lamaçal, brejo, atascadeiro, atoleiro, paul, banhado, tremedal, pantanal, lodaçal, lodeiro, enxurdeiro, lagoeiro, lameiro, lameirão, lameiral, lenteiro, chafurda, chafurdeiro. - Todos estes vocábulos sugerem ideia de água suja e estagnada, terreno flácido e lodoso. - Abafeira, segundo Bruns., é "o estado do lugar não arejado, onde a água se acumula, permanece, e se estagna e abafa..." "O porão onde mora é uma horrível abafeira". – Charco é "terreno alagadiço, coberto de vegetação". - Pântano é "lugar coberto de camada de lama pouco profunda". -Lamaçal é pântano mais extenso. – Brejo, segundo Bruns., é "terreno balofo, sem vegetação espontânea". No Brasil é "terreno úmido, pantanoso, inculto, de chavascal". "O caboclo mete a cabeça no brejo e desaparece". - Atascadeiro ou (atasqueiro) diz o mesmo que atoleiro, com a diferença de que atascadeiro é mais profundo, e quase que só se emprega em sentido figurado. "Aquela casa, ou aquela cidade é o atascadeivo dos moços"... – Paul é "alagoa formada por enchente", "terra encharcada devido a aluviões". - Banhado é "quase charco, distinguindo-se deste em ser terreno baixo que apenas os enxurros banham acidentalmente, e que é vestido de vegetação rasteira." É termo brasileiro. – **Tremedal** é lamaçal vasto e profundo. – Pantanal é aumentativo de pântano. – Lodaçal é alagoa de lodo, de vasa, de água lodacenta. – Lodeiro (ou lodeira) é lugar "onde há muito lodo", mas não tanto e tão extenso como no lodaçal. -Enxurdeiro (ou enxurdeira) é lodaçal revolvido, como os chiqueiros, onde se chafurdam animais. - Lagoeiro é termo popular, e designa "porção de águas de chuva (ou de despejo) que fica temporariamente depositada em sítios baixos, ou em depressões de terreno". - Lameiro (ou lameira) é "terra baixa e pantanosa", terra onde há lama, embora menos que no lamaçal. – Lameirão (ou lamarão) é palavra de uso vulgar: aumentativo de lameiro. - Lameiral está nas mesmas condições: e indica série de lameiros, lameiro extenso, ou "grande lameiro"

(C. Fig.). – Lenteiro (como diz a forma de que se derivou – *lento*, ou *lentar*) é terreno úmido, molhado, pegajoso. – Chafurda, e chafurdeiro, ou chafurdeira (esta forma é extensão daquela) são lamaçais onde chafurdam porcos, e figuradamente – casas *imundas*.

9

ABAIXAR, baixar, abater, arriar, descer. - Abaixar e baixar parecem ser a mesma palavra e com perfeita identidade de significação. Basta, no entanto, que se examinem algumas formas para se ver que não é assim. A propósito escreve Bruns.: "Não se taxe de nimiedade o estabelecer sinonímia entre estes dois vocábulos, que à primeira vista só parecem diferir na preposição que prefixa o primeiro, preposição que mais parece um a eufônico do que partícula significativa. Raciocinemos (no entanto) um momento. Que diremos a quem, levando um objeto frágil à cabeça, vai passar por uma porta mais baixa que a parte superior do objeto? Como diremos que, ao encontrar a F. na rua, apenas a saudamos com um aceno de cabeça? Não gritaremos, no primeiro caso: - "Abaixa a cabeça!"? E não diremos no segundo: - "Baixei a cabeça..."? Se não há sinonímia entre os dois verbos, isto é, se é indiferente empregar um ou outro, por que diremos abaixar, de mais longa enunciação que baixar, precisamente quando a advertência exige brevidade? Não é: - "Baixa os olhos!" que dizemos a quem queremos humilhar? Não é: - "Abaixa a mão!" que diz aquele que se vê ameaçado por alguém? E não obstante também se diz: - "Abaixa os olhos, e verás a teus pés o que andas procurando". Tratemos de substituir baixar por abaixar e vice-versa, nesses exemplos: não é tangível a impropriedade das frases? - "Dizemos ainda: baixou o câmbio"; "ele baixou até o crime"; "baixa da própria dignidade": e

não "abaixou", ou "abaixa". Dizemos: "abaixaram comovidos o pavilhão sagrado": e não "baixaram". – Abaixar é, portanto, o verdadeiro sinônimo de arriar, descer, abater; e significa, como arriar principalmente, fazer que uma coisa desça do lugar em que está até um certo outro lugar. - Arriar é que é, neste sentido, equivalente quase perfeito de abaixar, com esta diferença: pode exprimir também (arriar) a ideia de alívio; e além disso dá mais completa a ideia de abaixar. Abaixa-se a bandeira a meio pau (desce-se do alto para o meio da haste); mas não se arria a bandeira señão quando se a retira da haste. Arria-se a carga se é pesada; abaixa-se a cortina por causa do sol. – Descer é correlativo de "subir". Não se desce sem haver subido. É também **baixar**: "não *desce*, ou não *baixa* a dar satisfações a ninguém". Excluindo a ideia acessória de alívio, é ainda conexo de arriar. Quem chega desce a carga; só quem cansa a arria. - Abater acrescenta à ação de abaixar a ideia de força ou violência, de humilhação. "Os inimigos abateram as armas;" "Ele abateu a espada diante do general".

10

ABAIXAR, abater, rebaixar, aviltar, degradar, humilhar, envergonhar, deprimir, desonrar, depreciar, envilecer, desdoirar, deslustrar, macular, manchar, desacreditar, desabonar, infamar, difamar. - Todos estes verbos exprimem intuito, ou ação dirigida a diminuir os créditos de alguém. - Abaixar significa "descer do conceito em que se era tido". "Os vícios nos abaixam, a virtude nos levanta" (Leitão de Andrade). – Abater é "abaixar humilhando". É indigno de um homem abater a inocência. Abate-se o orgulho de alguém. – Rebaixar é "abater infamando". "Como é que ele se rebaixa até aquele papel ignominioso?" "O chefe o tem rebaixado ao ponto de convertê-lo em besta miserável". – Aviltar é "fazer vil, abjeto, desprezível"; é rebaixar afrontando. "Tentaram aviltar-nos perante a nação". - Envilecer é também fazer vil, mas não dá ideia de força, de intuito afrontoso. Diríamos: as más ações envilecem (quer dizer: fazem que se perca a estima, o direito de parecer digno); "naquele alcouce os mais nobres se aviltam". – Degradar é "fazer baixar de grau, descer de posto, de hierarquia"; é, pois, no sentido com que entra neste grupo, o sinônimo mais próximo de rebaixar: significa "fazer decair do conceito, desmerecer na estima, tornar abjeto "por abaixamento". "Não se compreende como aquele moço chegou a praticar atos que degradam"... - Humilhar é "oprimir, castigar envergonhando". "General, não humilhe os vencidos". "Glória alguma do mundo poderá induzi-lo a humi*lbar* os pequenos". – **Envergonhar** é "molestar alguém confundindo-lhe o pudor". "Com aqueles destemperos só envergonham a família". "Este crime envergonha a toda a geração". – Deprimir e depreciar, como diz Laf., "marcam uma ação que ataca, enfraquece, ou rebaixa, não a classe ou a dignidade (como acontece com o verbo degradar) mas o valor, o mérito, ou o apreço; e apresentam de comum a ideia de obrigar a descer da posição ou do conceito em que alguém estava. Uma pessoa depreciada ou deprimida não está mais na estima em que esteve". Deprimir - acrescenta - inclui "intenção de destruir no conceito com grande desejo de prejudicar". E cita como exemplo: "Este escritor afeta elevar S. Crisóstomo para deprimir S. Agostinho." (Boss.). Depreciar significa "diminuir o preço, o valor". "Estas leves travessuras não depreciam um moço". -Desonrar é "tirar a honra", ofender o pundonor; como infamar é "privar da fama"; como desacreditar é "destruir o crédito", e desabonar é "diminuir o crédito e o bom nome". Exemplos: "A conduta daquele homem desonra a toda a família"; "O intento daquele monstro é ainda *infamar* a memória do tio"; "Ele se desacredita pelos próprios atos". É preciso distinguir **infamar** de **difamar**. Significam ambos

"privar da fama"; **difamar**, no entanto, é privar da fama, ou tentar destruir a fama dizendo da vítima e espalhando coisas que podem ser até aleivosas"; e infamar é "ofender a honra, a fama de alguém com estigma infamante". Pode-se definir precisamente: infamar "marcar de infâmia"; difamar "tirar a fama". Exemplo: "Tentam, no seu ódio sacrílego de brutos, difamar-nos; e, no entanto, só eles vivem praticando atos que infamam". - Entre desabonar e desacreditar convém, do mesmo modo, assinalar diferença, por mais subtil que esta seja. Bastanos o que diz Bruns.: "Tem muito maior alcance a ação de desacreditar que a de desabonar": quem desabona diminui o apreço, o crédito de alguém, mas não o destrói; quem desacredita arruína o crédito, a boa reputação da vítima. "Uma fraqueza desabona; mas só as más ações desacreditam" (Bruns.). – Deslustrar e desdoirar, no sentido figurado, apresentam diferença equivalente à que, na acepção natural, marcam os respetivos radicais. Propriamente falando, só se deslustra quem é ilustre, quem goza de alta posição; como só se desdoira quem brilha no mundo, ou tem glória. "Meu pai não sente vergonha de deslustrar seu sangue". (Cast.) "Quem é aquele pobre-diabo de rodapés para desdoirar Camões?" – De deslustrar e desdoirar aproxima-se desluzir; mas este significa mais – "perder ou tirar o brilho, empanar o luzimento". "Desluzia as gerações dos inimigos com a injustiça da sua malquerença". (Camil). – Macular e manchar são formas do mesmo termo latino (macular, macula) e significam "marear um nome, deslustrá-lo infligindo-lhe alguma pecha infamante". Macular é talvez mais fino e mais nobre: manchar é, no entanto, muito mais expressivo e mais forte. "A mínima suspeita macula aquela inocência". "Esta torpeza mancha toda uma vida".

H

afoitar-se, atrever-se, ABALANÇAR-SE, atirar-se, arrojar-se, arriscar-se, aventurar-se, ousar, animar-se. – Abalançar-se quer dizer "não hesitar, depois de haver meditado"; afoitar-se é "não hesitar sem refletir muito no perigo, tomar uma resolução súbita"; atrever-se é "afoitar-se com audácia"; atirar-se é "lançar-se sem ímpeto, mas decisivamente"; arrojar-se é "precipitar-se, atirar-se com ímpeto"; arriscar-se é "expor-se a um risco, a um perigo eventual", é "sujeitar-se a que lhe aconteça bem ou mal"; aventurar-se é "expor-se a boa ou má sorte", é "empreender um lance de resultado incerto", só confiando na ventura; ousar é, como diz Bruns., "o mais genérico de todos estes sinônimos; e tanto pode ter sentido favorável como desfavorável": significa "atrever-se confiante e seguro, sem os receios ou escrúpulos usuais"; animar-se quer dizer "ter alma, força, coragem, para alguma coisa, boa ou má". - Apliquemos todos esses verbos. – "O sr. se abalançou a publicar o artigo?" - "O homem afoitou-se a atravessar o escuro, a ir à cidade convulsionada; e ainda se arriscou a andar pelos lugares mais públicos". - "Como é que um soldado se atreve a chegar tão perto da trincheira inimiga?" - "O pescador atirou-se ao mar, e salvou a criança". - "O bombeiro arrojou-se ao furor do incêndio, e trouxe nos braços o menino desfalecido". – "Ele se aventura a ir a Minas: se for feliz, voltará por S. Paulo". – "Pois há quem ouse ir a comícios neste país arriscando a própria vida?". "Ousa o bandido falar em lei, e discutir justiça?" - "Afinal animou-se a pobre viúva a ir a palácio, mas perdeu o tempo".

12

ABALAR, partir, fugir, azular, esgueirar-se, desaparecer, sumir-se, ausentar-se, retirar-se, sair, seguir. – Abalar (sent. fig.) significa "sair precipitadamente e às ocultas, embora sem a intenção de esconder-se, e só com o fim de não continuar presente num

lugar". Abala o garoto quando vê o policial. Também do grupo abala o estudante assim que ouve falar em bomba. "O exército abalou dali ao ter certeza de que o inimigo estava a chegar". - Partir quer dizer - "começar marcha ou viagem, pôr-se a caminho". É sim quase perfeito de sair, diferindo deste porque não dá, como sair, mais a ideia de deixar um certo lugar" que de "ir para outro". Diremos: "Ele saiu da cidade há uma hora: e no outro dia partiu para S. Paulo, dali seguindo para ponto ignorado". Não poderíamos trocar aí nenhum dos verbos. – Seguir aproxima-se, portanto, de partir e de sair; mas distingue-se claramente de um e outro porque acrescenta à ideia de "pôr-se em movimento" a de "continuação de marcha iniciada". Ninguém segue seu caminho sem haver começado a andar. "Partimos daqui no dia tal, saindo de casa às 3 da tarde; pernoitamos em Campo Grande, e no outro dia seguimos para Mendes." - Azular é brasileirismo bem moderno, e significa – abalar, desaparecer... como se se sumisse no espaço. "F. azulou dali quando nos viu de longe". - Esqueirar-se é "azular com a ideia de esconder-se", é "retirar-se sorrateiramente". - "O gatuno pressentiu-nos e esqueirou-se". -Fugir aproxima-se de esgueirar-se com esta diferença: esqueirar-se é "desaparecer com astúcia, de modo a não ser visto"; e fugir é "deixar um ponto às pressas", "desviar-se precipitadamente de alguém ou de alguma coisa para evitar incômodo, perigo, risco, tentação", etc. "O exército fugiu perseguido pela cavalaria inimiga" (Aul.). "Espavorido, o companheiro foge" (Garrett). - Desaparecer é deixar de ser visto, sem ideia alguma acessória quanto ao intuito de quem desaparece. "F. desapareceu da rua do Ouvidor"; "Depois da meia-noite desapareceram as crianças"; "Por que desapareceu o senhor de nossa casa?" - Sumir-se é mais que desaparecer porque dá ideia de "deixar de ser visto sem

que se saiba o paradeiro ou o destino de quem se sumiu. Diremos que um amigo (que continuamos aliás a encontrar na rua) desapareceu de nossa casa, isto é, "deixou de ser visto nela, de frequentá-la"; e não, "que se sumiu de nossa casa". Do mesmo modo não confundiremos os dois termos para empregá-los indistintamente nesta frase: "O pobre viúvo sumiu-se do mundo" (isto é, desapareceu para sempre). Em suma: quem desaparece nem sempre tem tenção de sumir-se: agora o que não é possível é que alguém se suma sem haver desaparecido. – Ausentar-se é "deixar de estar presente em alguma parte"; e aproxima-se em certos casos de desaparecer, de sair, e de retirar-se principalmente. Mas ausentar-se não dá (como retirar-se, às vezes) ideia de plano, ou de intento, de fim ou de necessidade com que alguém se retira: apenas marca a noção de "não estar mais presente onde se estava"; assim como retirar-se marca, não propriamente, a ideia de "não estar mais presente", mas a de "haver deixado um lugar". "O juiz ausentou-se durante as férias". "O homem retirou-se da festa mais cedo do que se esperava". "No meio do tumulto, o presidente suspende a sessão e retira-se". Não diríamos neste caso - ausenta-se - pois que o nosso pensamento não é aludir ao fato de não ter mais o homem ficado presente, mas ao fato de haver deixado a cadeira.

13

ABALAR, demover, dissuadir. – Abalar, aqui, significa "mover um pouco", "tirar do estado de firmeza", "fazer que uma pessoa fique em dúvida a respeito de alguma coisa". Dizemos: "O homem, com toda a sua eloquência, não consegue abalar-me neste modo de ver"; "Fazem esforços por abalar na alma do povo as crenças de que ele vive". É, portanto, este verbo empregado aqui, na acepção figurada, com valor perfeitamente análogo ao que tem no sentido físico. Quem se deixa abalar nas suas conviçções nem por isso as renuncia, apenas não fica muito firme nelas. - Demover diz muito mais, pois enuncia "a ideia de mudar do que se era, ou do que se intentava". Dizemos: "Ele me demoveu (e não – abalou) do intento de vingança". - Dissuadir é "tirar do espírito", "demover operando no espírito, na consciência". "Demovemos uma criança de ficar no meio do barulho"; "Tais coisas lhe disse o velho que o dissuadiu de casar" (tirou-lhe isto do espírito); "As suas palavras poderiam abalar-me alguma coisa; mas não creio que cheguem a demover-me do meu propósito, pois jamais me dissuadirão de que a Justiça está comigo".

ABALIZADO, assinalado, distinto, notável, ilustre, nobre, digno, famoso, afamado, famigerado, célebre, insigne, preclaro, conspícuo, eminente, egrégio, exímio, consumado, ínclito, grande. - Abalizado - dizemos de um profissional ou de um artista que se fez completo na sua profissão ou na sua arte. "F. é um escritor abalizado"; "F. é mestre abalizado no seu oficio". - Assinalado é o que se destacou por alguma prova brilhante no seu oficio, o que se distinguiu por alguma grande ação. "Não arrefeceu nunca em Vieira aquele assinalado heroísmo da sua imensa fé"; "As armas e os varões assinalados" (Cam.). – Distinto é aquele que, por algum mérito ou aptidão, se destaca do comum e se põe em relevo. "Não se trata de um tipo qualquer, mas de um moço distinto." - Notável diz mais que distinto: designa o que se pôs, não apenas em simples destaque, mas em tal evidência que se fez digno de ser notado, e tido como exemplo. "F. era um jornalista distinto; mas que fosse um escritor notável ninguém sabia". - Ilustre é um desses vocábulos que parecem gastos pelo uso.

No seu sentido próprio, é de assinalado que mais se aproxima: ilustre quer dizer -"conhecido e brilhante por si mesmo, destacado por ações, ou feitos, ou qualidades que dão lustre". "Entre os políticos ilustres de Itália, nenhum excede a Cavour pela função histórica"... – **Digno** é um epíteto mais modesto do que todos os precedentes: digno se diz daquele que "se porta discretamente no seu cargo, oficio, missão, função, ou mesmo nas vicissitudes da vida"; e que por isso mesmo é merecedor de alguma coisa mais que o comum. "F. é um digno funcionário"; "Aquela criatura, pela sua grandeza moral, é digna de respeito". - Nobre, porque conserve uns laivos da antiga acepção, diz menos que ilustre; e hoje é termo de que só se usa na oratória parlamentar, ou então em frases enfáticas. "O nobre ancião falou solene"; "Nada tenho a dizer ao nobre senador". Aplicado a qualidades, ou a coisas, significa "digno e excelente". "Que nobre alma a daquela dama tão obscura e tão desventurada." "A nobre altivez daquela criança salvou-nos a todos". - Famoso e célebre, como nota Lafaye, "tocam-se de perto; mas, afastando--nos um pouco do autor, observaremos que: famoso é vocábulo menos nobre, e deve aplicar-se a um fato ou a uma vida "que fez grande ruído no mundo", podendo até ser a de um bandido; célebre enuncia não fama ruidosa, mas "grandeza que tem alguma coisa de solenidade e de esplendor na história, e no seu lugar, ou na sua condição própria". Há capitães ao mesmo tempo célebres e famosos como Alexandre; mas a raríssimos grandes poetas ou grandes artistas chamaríamos com propriedade famosos. - Afamado diz muito menos que famoso; e segundo observa Bruns., com razão, só se pode aplicar a pessoas vivas, ou a coisas subsistentes. Afamado é quem ou o que tem fama, ou "está tendo fama no seu tempo, e no meio em que vive, ou onde aparece". É ainda preciso

notar que tanto se aplica a pessoas como a coisas, mas melhor a coisas. "F. é um médico afamado" (isto é – que tem bom nome ou boa fama de profissional na cidade onde clinica); "Os afamados charutos da Bahia"... "As afamadas laranjas da Argélia"... Não seria muito próprio, apesar do que diz Bruns., chamar – famoso a um médico que se fizesse conhecido e ilustre fora do seu meio: diríamos antes – notável, eminente, ou melhor – célebre, ou mesmo – grande... conforme o caso. Charcot é célebre, é grande... mas decerto que não diríamos dele - o famoso Charcot. - Famigerado quase sempre se toma em sentido pejorativo: designa indivíduo cuja fama, boa ou má (em regra – má) "se espalha num dado círculo e com aparato". Diremos: "famigerado bandido"; "famigerado desordeiro"; "famigerado conspirador... de aldeia"... (porque, tratando-se de um conspirador de alta raça, já lhe não caberia bem o epíteto). Só por menoscabo diríamos: "famigerado cultor das musas". - Preclaro e insigne aproximam-se de ilustre. Mas preclaro diz mais e é mais nobre: exprime - "excelente, belo, brilhante". Nem todos os ilustres são preclaros; mas os preclaros são ao mesmo tempo ilustres. Diríamos: "O preclaro Tácito"; "O preclaro varão que ilustrou o seu tempo"; "A preclara majestade de d. Henrique, o grande Infante, mais do que rei no seu império do mundo"... Mas rarissimamente poderíamos dizer sem flagrante absurdo, por exemplo: "preclaro representante da nação", ou "preclaro ministro", só porque se trata de homens ilustres. - Insigne é quem, ou o que "se assinala por algum grande mérito, ou alguma grande qualidade ou aptidão." Difere de assinalado em que este "chama atenção mais para os feitos do indivíduo que se assinalou"; e insigne exprime "qualidade inerente à pessoa ou coisa insigne". Diríamos: "Job foi um varão insigne pela virtude da resignação" (e não – "um varão assinalado)"; "Este

homem, sem ser insigne, tornou-se naquele momento figura assinalada pelo heroísmo com que fez frente ao inimigo". Um favor, ou um serviço assinalado é não como entendem Bourg. Berg., um favor ou serviço que se manifesta, ou de que se tem sinais evidentes, mas um favor que no momento assumiu proporções que não teria em ocasião normal": um favor insigne, sim – é "um favor grande, excepcional, notável de si mesmo". - Eminente e conspícuo diz mais do que ilustre: eminente é o que "excede à estatura moral, ou às proporções de grandeza dos seus pares"; e, tratando de coisas – a que "se eleva acima de outra coisa e se põe muito alto"; conspícuo é o que se faz "tão ilustre e eminente que dá nas vistas de todo mundo". Qualquer dos dois termos só pode ser, tratando-se de pessoas, aplicado a pessoas ilustres. Não poderíamos dizer, mesmo referindo-nos aos mais abalizados no seu ofício: "F. é um conspícuo marceneiro"; ou "F. é um artesão eminente". Mas diríamos: escritor, magistrado, artista eminente; "F. é figura conspícua da nossa política, ou das nossas letras". – Exímio exprime a "qualidade de superexcelência", e se diz daquele que na sua arte, ou na sua profissão (principalmente na sua arte) "excede, sobreleva aos mais hábeis". Há exímios poetas, como há jogadores exímios. - Consumado aproxima-se de abalizado; e tanto um como outro exprimem mais do que exímio quando se quer marcar precisamente elevação pela capacidade e pelo mérito. Consumado significa – "subido à perfeição, a uma profunda e acabada perícia na sua ciência ou na sua arte", e por isso "posto no pináculo entre os da mesma classe". Tanto podemos dizer - "um artista", como - "um filósofo consumado". Egrégio é "honrado e ilustre, digno de respeito pela compostura e gravidade na sua conduta, ou no desempenho de algum alto cargo". Dizemos: "O egrégio tribunal";

"egrégio pastor de almas"; "F. é verdadeiramente o egrégio e venerável patriarca daquela família". "Ínclito", segundo Roq. – "é o que chega ao último grau da glória"; o que é "muito falado, que tem nome ruidoso e brilhante". Há inclitos generais, como há inclitos poetas. – Grande é um genérico que se não confunde entre os do grupo. Só é grande o homem "excepcionalmente notável que foi consagrado pelo culto das gerações"; ou o fato, ou acontecimento extraordinário, ou o feito de proporções fora do comum "- que se incorporaram definitivamente na história humana". Dizemos: "o grande Infante"; "o grande Vieira". Entre todos os vocábulos deste grupo, muito raros outros caberiam nos dois exemplos.

ABALO, tremor de terra, terremoto, trepidação, comoção, convulsão, estremecimento, agitação. - Todos estes vocábulos significam fenômenos sísmicos. - Abalo é "movimento amplo, de grande massa", e por isso mesmo pouco intenso e pouco sensível. - Tremor de terra é, como diz Bruns., "uma série de abalos, ou melhor, de estremecimentos, pois que estes não são mais que abalos menos amplos conquanto mais intensos e mais sensíveis". - Trepidação é leve abalo, menos extenso e menos sensível que o tremor de terra. - Terremoto é "forte tremor de terra tendo consequências na crosta terrestre". - Comoção é "estrondo ou abalo no interior da terra, apenas sensível na superfície". – Agitação será mais "uma comoção continuada por algum tempo". -Convulsão aplicar-se-ia para designar um terremoto violento de grandes proporções, e de consequências gravíssimas para a região convulsionada. – Parece que se vê melhor nestes exemplos: "Temia-se um terremoto; e nem chegou a ser um verdadeiro tremor de terra, mas um simples abalo; no dia seguinte

houve algumas trepidações do solo junto do monte; no outro dia, ligeiros estremecimentos: e depois tudo voltou à serenidade normal;" "O que se deu ali não foi um simples terremoto, mas uma formidável convulsão que alterou toda a topografia da ilha"; "A primeira vez sentiu-se uma rápida comoção ao sopé da montanha; logo à noite repetiram-se uns estremecimentos; e como nos convencêssemos de que semelhante agitação subterrânea é prenúncio de catástrofes... fugimos..."

16

ABALROAR, investir, atracar, aferrar, abordar, acometer, agredir, assaltar, arremeter, atacar. - Abalroar. Diz Bruns. que o abalroamento de dois navios é devido ao acaso. Não há dúvida: mas decerto não é em tal acepção que abalroamento é sinônimo de investida. Abalroar, neste grupo, é - como define Aul. - "atracar com balroas, e com intuito hostil". "Os inimigos abalroaram uma nau de El-Rei". (Dic. da Acad.) – Investir é "arremeter hostilmente contra alguém ou alguma coisa". "O inimigo investe, mas não consegue abalroar a nossa embarcação". - Atracar, como aferrar, é mais genérico do que abalroar; mas os três verbos sugerem o mesmo ato, consistindo a diferença apenas "nos meios de que se valem os tripulantes de um navio para aprisionar um navio inimigo": abalroar, como se disse, é "atracar com balroas" (instrumento próprio para abordagem em combate); aferrar é "atracar com ferros (quaisquer que sejam)"; e atracar é "prender de qualquer modo". – Abordar é "aproximar-se uma de outra embarcação, bordo com bordo", para melhor combater. "Com muita gente armada a investiram e abordaram (a caravela) por duas partes". (Dic. da Acad.). - Acometer é quase assaltar: é "investir subitamente e com decisão". "Acometeu-nos o inimigo sem que o esperássemos tão cedo". - Assaltar é

"investir à traição, de emboscada, e decisivamente". "Assaltaram os brutos a fortaleza à noite". Também se diz: "Assaltou-nos em caminho a tormenta". - Agredir é propriamente "provocar, tomar ofensiva contra alguém". "Ele não tinha motivos para agredir-nos tão insolitamente". - Arremeter é "atacar com fúria, impetuosamente", "com precipitação". "A vaca danada arremete contra todos". – Atacar é, de todos os do grupo, o verbo de significação mais genérica: "é ir hostilmente contra alguém ou alguma coisa". "Não se ataca impunemente a honra alheia". "O inimigo nos atacou de frente". "Vamos atacar o forte". "O bandido nos atacará em caminho se facilitarmos".

17

ABANDONAR, desprezar, desproteger, desamparar, desdenhar, dessocorrer, desvaler, desarrimar, desapoiar, desajudar, desfavorecer. Quanto a abandonar, escreve Bruns.: "O antigo português tinha o verbo bandir ("banir", "desterrar") que nos revela a existência de um substantivo mais antigo - bandon - de que nos vem bando ("pregão", "decreto"). Bandon era ordem de bandir. Abandonar é, pois, etimologicamente, "não querer saber da pessoa ou da coisa que se abandona"; é "deixá-la entregue aos seus próprios recursos, os quais se reputam deficientes ou nulos". Abandonar tem com efeito alguma coisa de "exilar, pôr de lado e esquecido". "Os bárbaros abandonaram os míseros náufragos ali na ilha deserta". Diz Roq. que: "o desamparo se refere ao bem necessário de que se priva o desamparado; o abandono se refere ao mal iminente a que se deixa exposto o abandonado. O rico que não socorre a sua família pobre a desampara; se o faz, porém, quando esta se acha em iminente risco de perecer, ou de sacrificar

sua honra, a abandona". - Desdenhar é "ter em pouca conta"; é "tratar com desdém, acinte ou altivez". "Desdenhando o poder dos homens, a santa continuou muda". "Aquele ricaço desdenha a nossa pobreza porque nós lhe desdenhamos a arrogância"... - Quanto aos outros do grupo, a distinção será fácil desde que se tenha em vista o respetivo radical, pois em todos figura o prefixo negativo ou privativo des. - Desprezar é "não dar a alguém ou alguma coisa o apreço ou importância que se lhe dava". – Desproteger é "recusar a proteção que antes se dava a alguém", como desamparar é "negar amparo"; como dessocorrer é "deixar de oferecer o socorro que se nos pede". Como estes, entendemos: desvaler ("não acudir"); desarrimar ("privar de arrimo"); desapoiar ("deixar de apoiar"); desajudar ("negar ajuda, auxílio", e antes "fazer o contrário"); desfavorecer ("negar favor"). Todos estes sinônimos têm a significação geral "de indiferença, pouco apreço, desprezo ou pouco interesse revelado por alguém": diferençada, pelos próprios respetivos radicais, e tão distintamente que em muitos casos não seria possível, sem sacrificar alguma coisa da clareza e propriedade da expressão, substituir um pelo outro, ou pelos outros indistintamente. É simples de ver que eu me não sinto desamparado só porque um sujeito me desprotege. "Aquele homem, mesmo desprezado pelos amigos, não foi dessocorrido de algumas almas piedosas". "Os homens o desvaleram sempre naquelas angústias; mas os filhos fizeram mais: desarrimaram-no na velhice dolorosa: e afinal, abandonado de todo o mundo, morreu em amarguras...". "Nesta causa pode um parente desapoiar-nos sem que nos prejudique; mas aqueles que estavam conosco e se afastaram não fazem menos que desajudar-nos". Só nos desfavorece aquele de cujos favores dependíamos. Nem sempre se despreza, ou se desprotege, se desampara ou se desdenha, etc.,

aquele a quem se abandona. Pode-se desapoiar sem desproteger; desvaler sem desdenhar. Desarrimar não é propriamente dessocorrer, pois que só se dessocorre aquele que está em perigo ou em situação difícil; e só se desarrima a quem precisa de nós; como só se desampara aquele a quem devíamos valer, e só se abandona a quem, na perdição ou na desgraça, tinha direito a ser por nós socorrido.

18

ABANDONO, desafetação, naturalidade, negligência, simpleza, descuido, ingenuidade, singeleza, lhaneza, desalinho, indolência, desídia, incúria, inércia, inação, desleixo, desmazelo, languidez, desapercebimento, abstração, distração, acídia, preguiça, ócio, segnícia, moleza. – Abandono é um galicismo (neste grupo) que pode perfeitamente ser incorporado na língua, apesar de certos caprichos fúteis de um mal--entendido purismo. É estranha a aplicação do termo feita por Bruns, depois de o haver definido como sinônimo de naturalidade. -"A amizade – diz ele – exige a naturalidade; mas o amor, a paixão veemente só é real quando há abandono". Aqui há seguramente lapso: o abandono dessa frase não é o que o autor definiu como sendo o abandon francês. O abandono dessa frase é sinônimo de renunciamento, abdicação, abnegação, etc. Mas aqui, neste grupo, abandono, conquanto não seja o aplicado, e o definido por Bruns., é: "negligência amável no falar, no trajo, nas maneiras..." "Aquela candura da jovem princesa ressalta de todo o abandono em que se deixa ver lá no parque". - Naturalidade é "maneira de se mostrar, de dizer, de se vestir sem artificios que deem na vista". "Falamos à rapariga, e ela respondeu com uma graça e naturalidade de criança". - Desafetação já se não aplicaria com a mesma propriedade a uma criança; pois, desafetação já "sugere ideia de esforço ou de propósito no

sentido de parecer desafetado ou natural". Desafetação pode simular-se; naturalidade, não. "Este tipo vem aqui fingir desafetações de Tartufo..." - Negligência2 diz também maneira descuidosa, postura desafetada, trajo sem capricho, pouca atenção com que alguém cumpre sua tarefa ou desempenha um dever. Incúria é igualmente (conforme está indicando a própria etimologia) descuido, mas "descuido culposo de quem deixa de parecer como deve, ou de cumprir um dever do seu ofício". Negligência sempre é menos do que incúria, conquanto diga Roq. o contrário. "Por negligência foi censurada a menina que não deu conta das lições, ou dos temas a tempo: por incúria teve castigo". "Pilhou-me a visita, ou surpreendeu--me nesta negligência em que se está em casa". "Ninguém há de ter o direito de acusar-me de incúria na minha profissão". - Desalinho é "maneira ainda mais descuidosa que a negligência: é quase incorreção de costumes, ou de frase, ou de trajar". "Passam a ser censuráveis aqueles modos: aquilo já é desalinho, e quase inconveniência que se não perdoa em gente de educação". - Singeleza é a qualidade do que não tem "refolhos e malícias", acidentes de ânimo, e antes um humor sempre igual. "A singeleza daquele viver é mais edificante do que todas as opulências dos grandes". - Simpleza sugere ideia de inconsciência, de quase ignorância e parvoíce: é a "singeleza ou a ingenuidade do inculto e rude". "Ele ficou em pasmo ante a simpleza daquele bárbaro ali impassível a tudo que se passa". - Ingenuidade é a "singeleza de quem não oculta o que sente, nem disfarça o que faz, como as crianças". "Calino é o tipo do ingênuo: diz, com toda gravidade, as coisas mais sabidas do mundo." - Lhaneza é a qualidade do que é

lhano (do latim *planus* = liso, parelho, sem desigualdades de relevo). "Nada alterava jamais a lhaneza daquele caráter". - Descuido é (como se vê da formação do vocábulo) "falta de cuidado no trato, no falar, no vestir, ou no desempenho de uma tarefa": mais censurável sem dúvida que desalinho. "O descuido de quem se apresenta maltrajado em um salão de cerimônia é imperdoável". O descuido na elocução, no gesto, na postura... é muito mais grave que simples desalinho. - Indolência e preguiça. Diz Lafaye que "a indolência é um defeito, a preguiça um vício". Neste grupo não é bem assim. Se é mesmo vício a **preguiça**, está passando a ser quase um vício elegante... É ela "um relaxamento de ânimo, uma falta de ação para certas ocupações". Pode ser oriunda de mal físico; e ordinariamente revela falha moral. - Indolência diz etimologicamente - "falta de sensibilidade; apatia, indiferença por tudo que a outros merece cuidados ou atenção". A preguiça pode não ser um vício, mas deve tirar a vontade de agir e de viver: a indolência chega a ser às vezes uma virtude para o cético, o pessimista ou o misantropo. - Moleza é "preguiça sensual". - Inércia é "imobilidade, falta de energia, estado de torpor". - Inação é um "estado de inércia passageiro, que cessa logo que desaparece a causa acidental que constrange o inativo". - Languidez é um quase "desfalecimento semelhante à depressão mórbida, e tendo também alguma coisa de moleza". - Desídia é quase incúria, distinguindo-se desta em significar mais uma "inércia moral que afasta do trabalho, ou que torna avesso ao cumprimento do dever; enquanto que incúria é o próprio fato de não fazer o que devia". – Acídia (ou acédia, mais conforme à etimologia) é uma inércia mais de espírito ainda do que desídia (talvez originariamente uma e outra do mesmo radical grego). Diz Roq. que parece ter sido vulgar outrora,

² **W** Usa-se muito hoje do francês *negligé* em vez de negligência.

e usar-se em vez de preguiça, como se vê do Leal Conselheiro e do Catecismo, de Fr. Bartolomeu dos Mártires, que a define assim: "O sétimo e último vício capital se chama acídia, que é uma tibieza e fastio espiritual que a alma tem para o exercício das obras virtuosas, especialmente para as coisas do culto divino e comunicação com Deus". - Deleixo (ou Desleixo) e desmazelo significam "relaxamento no cumprir o dever, falta de correção; parecendo que desmazelo é mais grave e mais culposo "porque exprime, não apenas falta de correção, mas uma desídia quase ostentosa, um defeito mais punível que desleixo, que é mais "ausência de sentimento muito nítido do dever" - Desapercebimento, abstração, distração sugerem ideia de estado bem semelhante a umas aparências de abandono. Desapercebimento é "um como estado de inconsciência aparente, em que alguém fica sem dar atenção a nada, ou sem notar em torno de si coisas que lhe não deviam passar despercebidas". Abstração é o "desapercebimento de uma pessoa completamente alheada do meio em que se acha, por um motivo interior, uma como tensão mental que a separa – dir-se-ia – das outras pessoas". **Distração** é também desapercebimento, mas de quem parece "não pensar em coisa alguma, e ter os seus sentidos materiais como que suspensos ou apagados, olhando sem ver, tocando sem sentir, tendo ouvidos e não ouvindo, etc. -Segnícia é mais do que indolência, do que desídia, do que desleixo, do que preguiça, porque junta a tudo isso alguma coisa de miséria moral mais lastimável: segnícia deve ser o "torpor estúpido, a aversão ao movimento, a inércia e moleza do bárbaro". -**Ócio** é antínomo de trabalho, ou porque se descanse dele, ou porque se seja forçado a ficar inativo; mais, no entanto, porque se tenha trabalhado é que se fica em ócio: é este, pois, mais lazer do que inação. "Os meus

instantes de ócio são poucos, porque a minha vida é muito atribulada de serviço".

ABARATAR, baratear, embaratecer, malbaratar, depreciar, menoscabar; menosprezar, desapreciar, desestimar, desencarecer. - Abaratar (ou baratar) significa "diminuir o custo, tornar barato, fazer baixar o preço de alguma coisa"; e figuradamente é, pois, "ter em menor conta do que a antiga em que se tinha alguma coisa, ou as qualidades, a importância, o valimento de alguém". "Ele não há de consentir assim que lhe abaratem a honra de juiz". - Baratear é "oferecer por menor preço", é dar "por menos do justo valor, não tendo na conta devida". "Não pensem que ele vai agora baratear as aptidões". Tem ainda, como intr., a significação de "baixar de preço". Dizemos, pelo menos no Brasil: "O café já barateou". Usamos também de embaratecer, que se não sabe por que é que falha nos léxicos. Mas este difere de baratear porque significa, não só "baixar de preço", mas "fazer baixar de preço". A mesma diferença no sentido figurado. "Os tais conluiaram-se no intento de embaratecer os bons ofícios do competidor". - Malbaratar é "desperdiçar coisa estimável"; é "vender com prejuízo, abrir mão de uma coisa facilmente, mostrando por ela pouca estima ou nenhum interesse". "Míseras criaturas é o que elas são, a malbaratar na vida os melhores dons que lhes tocaram". – Menosprezar, menoscabar, desestimar distinguem-se ligeiramente. Menosprezar não é propriamente "desprezar", mas "prezar menos do que seria justo", "ter em menor apreço do que o devido". "Havemos então de menosprezá-lo só porque, naquela causa, não esteve conosco?" Menoscabar não é somente menosprezar, mas também "abater o valor, diminuir o crédito, a consideração". "Não é por menoscabá-lo que

dele digo estas coisas". Desestimar é "não ter em estima, deixar de estimar, não ter por alguém ou alguma coisa a mesma estima que se tinha". É este verbo um sinônimo quase perfeito de desapreciar, havendo apenas entre os dois a mesma diferença que há entre os respetivos radicais – estima e apreço. "Só desestima o dinheiro quem lhe não sabe o valor". "Não se desestima a um amigo só porque caiu em pobreza". Em qualquer dos casos desaprecia diria sem dúvida alguma coisa menos, e tanto menos quanto estima é um sentimento mais profundo que apreço. - Desencarecer é deixar de encarecer, de ser tão caro ou encarecido como era, ou de ter na mesma conta exagerada em que se tinha (e tanto no sentido próprio como no figurado). "Ninguém decerto vai desencarecer-lhe os grandes serviços prestados à pátria naquele momento".

20

ABANTESMA, fantasma, espetro, larva, visão, duende, trasgo, manes, lêmures, avejão, aparição, sombra. - Abantesma é forma popular de fantasma. Este vocábulo (fantasma) significa imagem fantástica ou incorpórea, que, por alucinação, julga alguém ver, tendo figura humana mais ou menos acentuada, e causando terror; e talvez porque sugira melhor esta última noção é que se distingue de todos os do grupo. "Encontrou no caminho um fantasma que o obrigou a voltar". "Aquela casa... ou aquela consciência vive atormentada de fantasmas" (isto é, de coisas falsas ou imaginárias e medonhas). Também se aproxima de "símbolo", "representação"; "personificação"; como em: "O fantasma da dor, ou do remorso". Abantesma é propriamente "fantasma sem forma definida, e que, além de terror, inspira repugnância". "Imundos abantesmas vagavam naquela região mais do pecado que da morte". - Duende designa alguma coisa

semelhante ao que se chama vulgarmente "alma do outro mundo". Lêmures e manes eram, entre os romanos, "espíritos que andavam vagando pela Terra, e como em penitência, ou perseguindo os vivos". Manes designava particularmente "as almas dos avós ou dos parentes falecidos"; mas todos, manes e lêmures, saíam do inferno à noite para, às vezes, socorrer, mas quase sempre "para atormentar os vivos". – **Trasgo** é qualquer coisa como "figura ostentosa, heroica – dir-se-ia – e terrível do diabo". – **Es**petro e larva designam também fantasmas; e há entre eles uma certa distinção análoga à que se nota entre fantasma e abantesma. Espetro será o fantasma, ou melhor - "a alma de algum conhecido, que se deixa ver sem perfeito relevo, mas ainda conservando alguma coisa da forma humana". Larva será espetro menos nítido, e é de crer que junte à ideia de visão a de penitência, significando assim – "alma penada", "alma dolorosa". "Quando encontrou no vestíbulo a larva de Aquiles... emudeceu". - Avejão (fig.) é o que se poderia chamar também – "alma penada" – mas que toma "aspetos estranhos, formas de aves ou de animais fantásticos". - Visão, aparição, sombra são vocábulos de significação mais genérica e vaga, dando sempre a ideia comum de coisa sobrenatural, ou não corpórea, atribuída à imaginação dos alucinados, ou à falsa visão de certos doentes. O mais vago de todos é o primeiro dos três: visão é "toda imagem que se julga ver, quer em vigília, quer durante o sono". Aparição distingue-se de visão em "acrescentar à ideia de imagem sobrenatural a ideia de miraculoso, de inesperado e súbito, mesmo instantâneo..." Sombra pode-se dizer que, com a significação que tem neste grupo, é vocábulo de alta nobreza histórica, significando "forma vaga subsistente de alguém que foi vivo"; "coisa impalpável, subtil, imaterial... como a sombra" (fenômeno



físico). Entre os antigos, e ainda hoje, mesmo entre muita gente de cultura, sombra era o mesmo que "alma".

21

ABARCAR, monopolizar, açambarcar, atravessar. - Todos estes verbos exprimem de comum a ideia de abuso contra a liberdade de comprar e vender, de modo a fazer subir pela carestia o preço das coisas. - Abarcar significa "apoderar-se da mercadoria como quem a prendesse nos braços", "Abarcava todo o peixe que vinha à Ribeira". (Aul.) – Açambarcar exprime a mesma ação de prender ou arrecadar mercadorias: mas "de modo mais amplo, enfeixando-as, ou reunindo-as por meio de sambarca". - Monopolizar enuncia a forma legal de "exercer exclusivamente o comércio ou qualquer encargo ou função"; o direito "exclusivo ou privilégio de vender ou comprar". Há o monopólio não fundado em lei; e é sem dúvida com esta significação que entra aqui o verbo monopolizar: é "tomar alguém, alguma companhia, ou mesmo alguma nação a propriedade de um certo gênero de negócios, ou da exploração de certas indústrias". - Atravessar é "comprar as mercadorias em caminho, antes que cheguem à praça ou ao mercado público".

22

ABARCAR, abranger, compreender. -Abarcar e abranger significam "encerrar ou conter em si muitas coisas: em abarcar há ideia de esforço; em abranger, não: "Cesar abarcou todas as dignidades da república"; "O poder de Roma abrangia multidão de povos" (Bruns.). No Brasil é muito comum dizer-se indiferentemente: "Abarcar ou abranger o mundo com as pernas". Compreender é sinônimo que se pode ter como quase perfeito de abranger; muito raros hão de ser os casos em que um se não possa substituir pelo outro. Deve notar-se, no entanto, que mais talvez o uso comum do que a precisão ou a propriedade fixa em alguns o emprego de um de preferência a outro. Teríamos de dizer, por exemplo: "Nesta relação não se compreendem (e não se abrangem) os casos a que se refere o ministro". Abranger, por sua parte, exprime alguma coisa de "alcançar", e mesmo de abarcar". Diremos: "O incêndio abrangeu todo o quarteirão"; e nunca propriamente: "O incêndio compreendeu, etc."

ABARROADO, obstinado, opiniático, cabeçudo, teimoso, tenaz, pertinaz, insistente, contumaz, caprichoso, encaprichado, afincado, constante, relutante, porfiado, persistente, perseverante, aferrado, firme, emperrado, birrento, embirrante. -Abarroado quer dizer "teimoso, insistente, obstinado com insolência e por motivos torpes". "Sedutor, libertino, devasso abarroado". - Obstinado e opiniático poderiam tomar-se em certos casos como sinônimos perfeitos. Há, no entanto, entre os dois bem marcada diferença; tanto assim que em certas formas não poderiam ser trocados; nestas por exemplo: "O homem está obstinado em não aceitar o cargo"; "Ele é opiniático, e sei que por coisa alguma se dissuadirá daquele intento". Isto quer dizer que com efeito o opiniático e o obstinado, como diz Lafaye, "não cedem à vontade, aos desejos de outrem, a embaraços, a ataques", etc.; mas distinguindo-se o primeiro do segundo em significar "uma tendência ou qualidade própria, essencial, fundada em opinião, em modo de ser, em razões em suma, que parecem estar na mesma natureza, ou na índole do opiniático; enquanto que obstinado é o "que resiste, o que se escusa de agir, ou que não cede, mas por efeito de uma determinação ativa e refletida". - Cabeçudo é o que se deixa guiar só pela sua cabeça, e faz o que

entende sem ouvir conselhos, advertências ou mesmo ordens de ninguém. - Teimoso é "o que persiste em pensar ou agir como se o fizesse quase por acinte". - Tenaz exprime "firme e vigoroso em pensar, em querer, em agir". - Pertinaz já inclui alguma coisa de teimosia; mas o pertinaz é um teimoso, não por acinte, mas "por opinião ou capricho". – Aproxima-se deste o vocábulo insistente: o qual, além de significar "pertinácia em querer, obrar ou pedir", dá ideia de que, se não se teima propriamente, pelo menos se repetem esforços e tentativas. – Contumaz quer dizer "obstinado, revel; que não atende, ou não obedece à ordem legítima, ou à citação feita por um juiz"; e por extensão é aquele que "segue sua opinião, e reincide no seu modo de ver ou de conduzir-se sem se importar com o que é seguido por todos". Diremos, portanto: "Contumaz no erro"; "Testemunha contumaz", etc. - Caprichoso é aquele que se mostra seguro e inabalável, "mais pelo prazer de contrariar do que por sincera convicção"; e difere de encaprichado por isto: porque encaprichado significa que se tomou "por acinte ou por vingança uma atitude caprichosa". Dizemos: "Ele está encaprichado no propósito de molestar--nos"; e não: caprichoso: "A caprichosa menina não atende a coisa alguma"; e não: "A encaprichada menina", etc.; mesmo porque encaprichado reclama sempre um completivo; o que nem sempre acontece com caprichoso. - Afincado, aferrado, firme significam todos "fixo no lugar, na atitude, nas ideias, na vontade", etc. Afincado equivale a "fixo e seguro como uma haste que se fixasse ao solo"; aferrado diz - "fixo como alguma coisa que se prendesse a ferro a uma outra coisa"; firme significa "obstinado, resoluto, seguro conscienciosamente"; "que se não abala, nem cede, nem fraqueja". - Constante, porfiado, relutante, persistente, perseverante acrescentam à qualidade do que é

firme a "ideia de esforço no propósito de conservar-se firme numa resolução, num intento ou numa tarefa". Constante é "ser sempre igual ao que se foi ou se prometeu ser, ou ao que de nós se espera". Porfiado é ser "constante mostrando um certo brio e valor". Relutante é "mais que porfiado, pois enuncia a ideia de que o porfiado é "capaz de ir ao extremo, de travar luta na resistência"... Persistente é o que "sabe, quer, ou tem força para continuar firme no seu posto, seu intento, no seu desejo". Perseverante é o "que se conserva firme e constante num sentimento, numa resolução" (Aul.). "Este homem extraordinário é constante na virtude; porfiado no trabalho; relutante contra as seduções do vício; persistente na ideia de vencer; e perseverante como quem sabe o que vale a fortuna". - Emperrado, birrento, embirrante, poderiam aproximar-se de caprichoso e cabeçudo. Emperrado significa o que se firma na sua opinião, ou no seu intento, e fica imóvel, sem explicar-se... como o animal que empaca (podendo dar-se-lhe empacado como sinônimo quase perfeito). Birrento é "emperrado ou teimoso por birra, capricho, antipatia ou aversão". Embirrante é o que "insiste" nalguma coisa "por birra, com obstinação e enfado".

ABASTADO, rico, ricaço, opulento, endinheirado, apatacado, remediado; argentário, banqueiro, capitalista, milionário. -Abastado é quem está "fartamente provido de bens para viver em abastança". - Rico é aquele "que possui muitas riquezas, ou bens que excedem às próprias necessidades". - Ricaço é aumentativo de rico, e diz - "sujeito muito rico e com ares de ufano das suas riquezas". - Opulento é sujeito muito rico que "vive vida brilhante e sumptuosa, ostentando a sua riqueza". - Endinheirado, apatacado, remediado marcam

uma certa "mediania, ou uma condição de fortuna que fica entre a do rico e a do pobre". O endinheirado é aquele que ajuntou algum dinheiro e saiu da pobreza. Apatacado diz menos ainda, pois reduz a simples patacas as posses do sujeito. Remediado é o que tem com que viver sem apuros. -Argentário, banqueiro, capitalista, milionário exprimem a ideia de "possuidor de grandes riquezas em dinheiro; e acrescentam à noção geral de rico a ideia de apego ou amor ao dinheiro, ou de mais ou menos paixão com que se cuida do dinheiro, ou ainda uma ideia do valor preciso ou das proporções da fortuna possuída. Argentário é o mais genérico e diz "homem dado a grandes negócios, preocupado só de lucros, vivendo só pelo dinheiro". Banqueiro é o que "faz negócios de banco" (Aul.), isto é, que "vive de negociar, ou especular sobre empréstimos e outras transações de praça". Capitalista é o que "vive dos rendimentos de seus capitais". Milionário é o "ricaço que possui milhões". – Já se usam também como gradações da ideia expressa por este último vocábulo: bilionário, arquimilionário, miliardário.

ABASTARDAR, degenerar, desfigurar, deformar, desfear, afear, deturpar, desnaturar, corromper, deteriorar, estragar, perverter, viciar, adulterar, desvirtuar, depravar. – Estes verbos exprimem de comum a ideia de mudar a forma, a natureza, ou o modo de ser de uma coisa ou pessoa. -Abastardar significa "fazer ilegítimo, impuro". – Degenerar é "perder mais ou menos o tipo, as qualidades da sua geração" (Aul.). - Desfigurar é, segundo a própria etimologia, "tirar a figura", alterar a forma própria, o "aspeto, as feições de alguém ou de alguma coisa" (Aul). – Deformar é "mudar a forma primitiva, deixar imperfeito, defei-

tuoso". – Desfear é uma dessas anomalias morfológicas da língua que o uso impõe, e significa "alterar alguma coisa fazendo-a feia". É sinônimo perfeito, ou melhor, quase perfeito de afear, convindo, portanto, que se note: em afear não há tão viva a ideia de "mudar tornando defeituoso", ideia que se sente em desfear. Desfea-se (ou desfeia--se) – isto é – "torna-se feio" o que "era bonito, correto, próprio, legítimo". Afea-se (ou **afeia-se**) uma coisa "tornando-a menos correta, bonita", etc. Diremos, pois: "O andar afea-lhe um pouco a elegância" (e não desfea-lhe); "A idade a desfeou horrivelmente" (e não – afeou). No Brasil usa-se também o verbo enfear (ou enfeiar) com o sentido de "exagerar, fazer feio com o propósito de impressionar, demover, etc.": "Ele enfeia o caso para que nós não vamos". - Deturpar é "desfigurar deprimindo, profanando, ofendendo o pudor". Desnaturar é "alterar a natureza, o modo de ser normal". - Corromper é "pôr fora do estado de pureza própria". - Deteriorar é "alterar danificando, fazendo pior ou imprestável". - Estragar enuncia a ideia geral de "destruir, ou de transformar piorando". - Perverter é "mudar para mal" (Aul.) transtornando; é "estragar o que era puro". - Viciar é, aqui, menos que perverter, se bem que enuncie igualmente a ideia de "estragar, ou de fazer que uma coisa não seja ou não se faça tão bem como devia fazer-se". – Adulterar é "fazer mudar alguma coisa falseando-a, pondo-a fora do seu estado próprio, deprimindo-a com perfidia". - Desvirtuar significa, em geral, "tirar a virtude, o mérito, o brilho, o valor próprio de alguma coisa". - Depravar é "perder as qualidades que tinha; estragar desvirtuando, perverter com escândalo". – Dizemos: Abastarda-se uma geração; degenera uma família, um indivíduo ou uma raça; desfigura-se um texto tirando-lhe as belezas próprias da língua; deforma-se uma figura fazendo-a monstruosa; deturpa-se a memória de alguém; desnatura-se o homem no vício ou no crime; corrompe-se o pão exposto à umidade, ou corrompe-se o menino nas más companhias; deteriora-se o caráter fraco em luta com a miséria; o tempo devastador estraga formosura, e, no entanto, para que se pervertam almas basta às vezes um instante; as melhores índoles viciam-se fora do lar; adulteram as nossas palavras quando as transmitem infielmente de propósito; desvirtuam as nossas intenções quando as interpretam de má-fé; deprava-se um indivíduo, uma nação pelos erros, pelos desregramentos, pelos crimes".

26

ABASTAR, abastecer; fornir, fornecer; munir, municiar, municionar; ministrar, subministrar; prover, aprovisionar. - Abastar significa propriamente "prover do bastante, do indispensável"; e abastecer é "abastar gradualmente, prover pouco a pouco e com regularidade". "O grande comboio abastou então a praça, e dali em diante foi ela sendo abastecida pelos lavradores dos arredores". "Só os colonos vizinhos abastecem (e não abastam) o nosso mercado". "As colheitas excepcionais daquele ano abastaram (e não - abasteceram) toda a província". - Entre fornir e fornecer nota-se a mesma relação que entre abastar e abastecer. Fornir é "prover do necessário, e por uma determinação própria, ou em obediência a uma ordem, ou em cumprimento de um dever ou de um contrato"; e fornecer é uma forma extensiva de fornir. "A caravana, ao passar, é que nos forniu de pão: agora o que preciso é ver quem no-lo forneça regularmente". Diremos também: "O menino está bem fornido (e não fornecido) de carnes e com boas cores". "Nós sempre nos fornecemos (e não - fornimos) de tudo aqui mesmo no bairro". - Munir significa propriamente "prover de armas e outras coisas que tornem forte, ou que habilitem a defender-se". "Munem-se as praças de guerra esperando o inimigo". "Muniram-se de documentos contra a calúnia". "Munam--se todos de roupas de lã para o inverno". "E até de paciência vou *munir-me* para sofrer aquele biltre." - Municiar e municionar são formações vernáculas – de municio, o primeiro, e - de munição, o segundo. Municiar é "prover de munições para um certo tempo, para uma diligência". Municionar é "abastar de munições de toda ordem, e nem sempre com fim especial e imediato, nem para prazo certo". "Vai bem municiada a escolta", ou "ficam bem municiadas as duas praças guardando aquele posto". - "Quando chegamos àquela zona assolada pela seca foi necessário municionar muitos dos nossos postos, pois estavam quase todos completamente desprovidos de tudo". - Ministrar e subministrar são muitas vezes empregados indiferentemente. Ministrar, no entanto, significa "fornecer, dar, conferir, oferecer, apresentar, com certa cerimônia, como função própria ou dever de oficio". "A secretaria ministrará todas as informações necessárias ao juiz". "Ele nos ministrou todas as coisas de que precisávamos". Subministrar é – diz Bruns. – "fazer com que alguma coisa chegue ao poder de alguém que necessita dela para se sustentar": "Os americanos subministravam armas aos insurretos cubanos". Notemos ainda que subministrar sugere ideia de "ação clandestina, ou pelo menos de intuito que se procura dissimular ou encobrir". - Prover é o mais compreensivo dos do grupo, e de predicação mais imprecisa e vaga; significa "fornecer, munir, como por necessidade de acautelar o futuro ou prevenir algum mal". – Aprovisionar é "abastar de provisões, quaisquer que sejam estas". "Aprovisiona-se de água, de pão ou de carne uma praça onde havia necessidade de algum desses artigos". Poder-se-ia ainda dizer sem



deslize da pura vernaculidade: "Aprovisionar de pólvora a praça". Não se daria o mesmo, porém, se se dissesse: "Municionar de água ou de pão a praça"; pois municionar tem predicação mais restrita. Provisão (rad. de aprovisionar) é tudo quanto convém, como no exemplo, aos que guarnecem a praça; e munição (rad. de municionar) é tudo que se aplica diretamente à defesa da praça.

27

ABATER, cair, desmoronar, aluir, desabar, despenhar-se, precipitar-se, ruir, tombar. - Abater é baixar ou cair "a prumo - diz Bruns., - rápida e inesperadamente": "Abateu o telhado"; "Abateu a terra em torno". - Cair é, dos do grupo, o verbo de sentido mais geral: enuncia a ideia de deixar uma coisa, e mais ou menos rapidamente, o lugar em que estava para vir a lugar mais baixo. "Cai a casa; cai o balão que já estava no ar; caiu chuva; caiu um raio sobre a torre; caiu o chapéu de cima da mesa." – Desmoronar é "ir desfazendo-se" (Bruns.) e caindo pouco a pouco; mas deve aplicar-se "só a coisas de grande volume, como grossos muros, vastas construções, montanhas", etc. "Desmoronam-se castelos"; e até, no sentido figurado, "desmoronam-se esperanças ou ilusões"... – Aluir é abalar-se, desprender-se e sair do lugar em que estava". "A parede aluiu com as chuvas". - Desabar significa propriamente "abater em torno com fracasso", cair "a aba ou a beira". "Desabou a fachada de um edifício; desabou a barranca", etc. - Despenhar--se é vir abaixo desprendendo-se de grande altura (segundo a etimologia – "cair do alto de rochedo"). "Despenha-se a avalanche inundando toda a várzea". – Precipitar-se é "lançar-se com violência de cima para baixo, cair com ímpeto em lugar profundo". "Daquela medonha altura precipitou-se o monstro no abismo e desapareceu". – Ruir é "cair, abater com estrondo". "Ruiu todo o edificio abalando a redondeza". "Ouvia-se cá de baixo o ruir dos cedros lá no Líbano". -Tombar é "cair com fracasso, lançar-se para um lado estendendo-se"; e sugere a ideia de que é "volumosa a coisa que tomba", ou a de que é "extraordinária e sensacional a queda". Não se diria com propriedade: "Tombou-lhe dentre os dedos o charuto"; ou "Deixei tombar o lápis". Mas diremos: "Tombam rochedos"; "Tombam árvores"; "Ouviu--se a descarga e o mísero tombou..."

28

ABATER, deitar abaixo, derribar, demolir, destruir, arrasar, desfazer, desmanchar, derruir, arruinar, estragar, desmantelar, derrocar, aniquilar. - Compara assim, Bruns., o verbo abater e a forma perifrástica pôr ou deitar abaixo: "Diferençam-se em que abate-se uma coisa para que deixe de existir, e deita-se abaixo, tanto para esse fim, como para tornar a levantar, renovando ou transformando: manda-se abater a árvore que intercepta a vista, e deita-se abaixo aquela que se quer substituir; abate-se a fortaleza que não convém deixar de pé; deita-se abaixo a muralha que se quer reconstruir. - Entendemos que derribar, pelo menos tanto como abater, se aproxima de deitar abaixo. Derribar é "fazer cair, tirar de cima para baixo". Tanto se derriba a árvore, como a muralha, como o castelo. – Demolir é "desfazer pouco a pouco uma vasta construção; e aproxima-se de destruir, que também significa propriamente "desfazer o que foi construído". Mas esta ideia é melhor expressa ainda pelo primeiro, demolir. Podemos dizer sem grave ofensa à índole da língua: "A artilheria inimiga destruiu a colina" (isto é – "desarranjou-lhe a estrutura"); nem tanto, porém: "A artilheria demoliu"..., etc.; pois só é suscetível de demolir-se o que foi construído. – Destruir é, portanto, como dissemos, "fazer que uma coisa deixe de ser

o que era desarranjando-lhe a estrutura". - Arrasar é "destruir completamente uma coisa (um edifício, uma cidade, uma floresta, um monte) até que fique rasa com o chão". "Tito arrasou Jerusalém". - Desfazer é, como bem define Aul., "mudar o estado de uma coisa de modo que não seja mais o que era". É, portanto, verbo de sentido muito geral. Tanto se desfaz um muro, como se desfaz um nó, como se desfaz um exército, uma fortuna, um enredo, etc. - Desmanchar é também desfazer, mas sem ideia necessária de destruir. Não há dúvida que se desmancha uma intriga, como se desmancha um muro, uma cerca (isto é – se desfaz, ou mesmo – se destrói); mas podemos também desmanchar um aparelho, e até uma casa, conservando-lhes as peças para armá-las de novo. Derruir (ou deruir) é "pôr abaixo abalando, destruir com fracasso". "Derruíram em poucas horas as muralhas do forte". - Arruinar é "estragar e reduzir a ruínas". "Arruinaram depressa todo um quarteirão da cidade". – Estragar é "desfazer, ou mesmo destruir assolando". "O bombardeio estragou enormemente a cidade". - Desmantelar é, em geral, "desguarnecer um objeto daquilo que o protege ou que lhe é essencial; e em sentido mais restrito é estragar, demolir as fortificações de uma praça, ou os muros ou paredes de um edificio". Desmantela-se uma fortaleza arruinando-lhe as muralhas; desmantela-se um exército desfazendo-lhe a parte mais forte, dividindo-o, privando-o de unidade de comando e de ação; desmantela-se uma corporação que se desagrega e fica sem ter quem a dirija e represente. -Derrocar (ou derocar) é "derribar com estrondo, demolir grandes moles (rochedos, montanhas, construções)". Derrocam-se muralhas, como – figuradamente – se derrocam grandezas, instituições, etc. - Aniquilar é "destruir reduzindo a nada". "Com tais erros aniquila-se a obra de muitas gerações".

"Carregando impetuosos, aniquilaram num momento o inimigo".

20

ABATER, descontar, minuir, deminuir, deduzir, subtrair. - Abater, neste grupo, significa "deduzir de uma certa importância uma outra que se combinou não fosse paga": Abateu 20 0/0 nas compras que fiz"; "É preciso abater do ordenado do mês o que corresponde aos dias da licença". - Descontar é propriamente "deduzir de uma conta", ou "deixar de meter em conta"; e por extensão: "abater de uma quantia uma outra que já foi paga ou que não deve ser paga". "Que da soma maior do dote se descontaria todo o oiro, prata e joias que a infanta consigo levasse" (Fr. L. de Souza). "Descontam-se letras e outros papéis de crédito". "Os títulos, ou as cédulas do tesouro a recolher já sofrem desconto" (e não abatimento). - Minuir é "fazer menor"; e deminuir (ou diminuir) é "fazer menor uma quantidade tirando dela uma outra quantidade". Minuir é, portanto, quase o mesmo que "minguar ou fazer minguar". "Vai o tempo inexorável minuindo aquela robustez". "Do total a que chegou suponho que é preciso deminuir alguma coisa". Deduzir dá "ideia genérica de abater, de tirar uma coisa da outra, quer se trate de quantias, quer de quantidades em geral". "Deduzam da nossa dívida a importância dos serviços que temos prestado". "Já deduziu da nota as parcelas que estavam marcadas"? -Subtrair é, aqui, o mesmo que deminuir, consistindo apenas a diferença entre os dois em "poder subtrair aplicar-se somente a números".

30

ABATIMENTO, depressão, languidez, desfalecimento, desmaio, esmorecimento, esvaecimento, acabrunhamento, acobardamento, definhamento,

debilitação, enfraquecimento, prostração, desalento, alquebramento, desânimo, desesperação (desesperança e desespero), delíquio. - Segundo Bruns. - "Abatimento e prostração dizem-se do corpo e do espírito; desalento, desânimo e desesperação dizem-se só do espírito". – Abatimento é o "estado em que fica uma pessoa por efeito de grande dor ou choque (se é moral) ou de doença grave ou prolongado sofrimento físico". - Depressão é o "abaixamento de forças produzindo abatimento do corpo e do espírito". - Languidez é o "estado de fraqueza, tédio e abandono em que fica um doente". - Desfalecimento é a "perda de forças e de coragem". - Desmaio será um "desfalecimento súbito", perda de lucidez "em consequência de desfalecimento". – Esmorecimento é quase desmaio; mas é mais lento e extenso. Pode-se esmorecer subitamente; mas decerto que se não dirá: - "desmaiou subitamente", pois a ideia de subitaneidade já está contida em desmaiar. - Esvaecimento será um desmaio "muito subtil, um quase esmorecimento muito rápido, instantâneo". "Não foi propriamente desmaio o que ela teve, mas um simples esvaecimento". – Esvaimento (do mesmo rad. vanescere) é o desfalecimento produzido por exaustão (e tanto no sentido moral como no físico). "Daqueles sessenta anos de esvaimento, levanta-se Portugal como por um prodígio"... - Acabrunhamento é o "estado de fadiga, opressão, tristeza, desânimo, produzido por dores físicas ou morais, por trabalhos, doenças ou miséria". "Só a morte porá termo a todo aquele acabrunhamento". - Acobardamento é a "depressão de ânimo, produzida por medo, por falta de coragem para arrostar um embaraço, ou vencer um mal ou um sofrimento". - Definhamento, debilitação e enfraquecimento "exprimem também diminuição de forças (tanto tratando-se do corpo como do espírito)".

O organismo que se extenua por trabalho, ou por doença ou desgosto, definha; o que se imobiliza ou não tem regra na vida, debilita--se; o que não se nutre convenientemente enfraquece. Análogas aplicações no sentido moral: a saudade, o amor, o remorso, etc., podem produzir definhamento em almas extremamente sensíveis; "não há esperança, coragem, fortaleza moral, que não esteja sujeita a profundas debilitações em certas crises..."; uma consequência necessária da crápula é o "enfraquecimento do espírito". - Prostração diz mais que os três precedentes: é o "extremo abatimento, em que se fica sem ação, entregue inteiramente à dor, ao cansaço ou à fraqueza". – **Desalento** é a falta de forças (físicas ou morais, principalmente morais) produzida por trabalhos, desilusões, etc. -Alquebramento é "diminuição, quebra de forças ou de ânimo": "Os meus alquebramentos não vão até o extremo de desalentar-me para a vida"; "A doença alquebrou-a; mas não chegou a feri-la de desalento para as coisas de arte". - Desânimo e desesperação, sim só se dizem (como no entender de Bruns.) do espírito: desanimar e desesperar marcam fenômenos da vida subjetiva. Desanima aquele que "deixa de sentir a indispensável coragem para vencer um embaraço, superar algum contratempo, ou sofrer alguma coisa". Quanto a desânimo e desalento diz Bruns. que "podem confundir-se: ambos significam falta de ânimo, de coragem, de energia"; o desalento, porém, refere-se melhor à perda da esperança, e o desânimo à perda da coragem. O desânimo pode ser originado pela pusilanimidade: o desalento funda-se na experiência. "É o desânimo que nos arreda de encetarmos a empresa: é o desalento que nos induz a não continuar o que não nos deu os resultados que esperávamos obter". Desesperação é "o auge do desalento" - diz ainda Bruns. Desespera aquele que "perde de todo a coragem e a esperança".

É preciso distinguir as três formas – desesperação, desesperança e desespero. Desesperança é apenas a falta, a privação de toda esperança. Desespero significa mais a raiva, o desvario de quem se desengana de alguma coisa. Desesperação é a aflição, a angústia em que fica quem perdeu a esperança. "A desesperança de quem viveu sem pensar no destino pode chegar à desesperação de morte horrível, atormentada de todos os desesperos do precito". – Delíquio aproxima-se de desmaio e de esvaimento: é o estado em que fica uma pessoa que desfalece "como se se dissolvesse". "Não há fortes que não tenham seus delíquios na vida".

31

ABDICAR, renunciar, demitir-se, exonerar-se, desobrigar-se, rejeitar, recusar, resignar, desistir, largar, abandonar, ceder. - Abdicar é "renunciar, em favor ou proveito de alguém, alguma dignidade ou alto cargo", "tirar de si por vontade ou a contragosto", "despojar-se de alguma honra ou algum proveito antes de tempo". "Abdica o rei o seu trono em favor de outrem." - Renunciar é "depor voluntariamente", ou "não querer coisa a que se tem direito, ou em cuja posse se estava legitimamente". "Renunciam--se (e não – abdicam-se) riquezas". "Renunciai instintos ignóbeis" (Mont'Alverne). – Demitir-se é "deixar de permanecer no cargo, no posto". "Como não lhe atenderam aos reclamos, demitiu-se ele próprio daquelas funções". - Exonerar-se é também demitir-se, mas sugere a ideia de que se "alivia de peso, ou encargo ou tarefa pesada, o que se exonera". Quem se demite põe-se fora do lugar em que estava: quem se exonera liberta--se de um trabalho, ou de um cargo que não mais lhe convinha ocupar. - Desobrigar-se é "isentar-se da responsabilidade, desistir da obrigação que se tomara, livrar-se ou exonerar-se de um dever". "Vou desobrigar-me contigo da promessa que fiz". "Ele se desobrigaria do pacto se nós o maltratássemos". "O pobre está desobrigado de dar esmolas". "Desobrigou-se facilmente da grande missão". – Rejeitar é propriamente "lançar de si com veemência ou ímpeto". Rejeita-se uma proposta desonesta, uma ignomínia; como se rejeita uma coroa... mesmo de loiros". Quem rejeita não está de posse ainda da coisa rejeitada. – O mesmo deve acontecer a quem recusa. Recusar diz menos que rejeitar: é "deixar de receber, de permitir, de aceitar". "Como é que se recusa entrada a um moço daquela ordem?" "Ele recusou tão bom emprego". – Resignar é íntimo convizinho de renunciar e de abdicar; devendo notar-se que é sempre voluntariamente que se resigna; que aquele que renuncia pode ser a isso forçado, igualmente como aquele que abdica; mas quem resigna entende-se que mais propriamente renuncia do que abdica, pois quem abdica ainda usa do seu direito de passar a outrem a dignidade abdicada, e, no entanto, quem renuncia (como quem resigna) despoja-se do cargo ou da coisa renunciada, esquecendo-a, ou sem nada mais ter que ver com a sorte dela. - Desistir de... é "abrir mão de...", "deixar o que se tinha começado, ou a função em que se estava". Desiste-se de um emprego; desiste-se de um pleito, ou de um intento. - Largar e abandonar significam "deixar, pôr de lado alguma coisa, ou algum cargo". Mas, quem larga como que "deixa fugir ou escapar a coisa largada"; quem abandona "como que foge ou se afasta da coisa abandonada". Pode-se largar e abandonar; mas certamente não se pode abandonar e largar; ou não se pode dizer que se larga depois de haver abandonado. "F. largou o oficio de órfãs" (deixou-o livre, ou vago). "O príncipe abandonou a sua causa". - Ceder é (como diz Aul.) "desistir de alguma coisa em favor", ou em proveito de alguém; é "abdicar em sentido amplo e geral". "Esaú cedeu a Jacob o seu direito de primogenitura".

32

ABDÔMEN, ventre, entranha, barriga, pança, pandulho, bojo. - Abdômen (diz Bruns.) "é o nome científico da cavidade que encerra os intestinos do homem; extensivamente diz-se do vulto que essa cavidade apresenta exteriormente". - Ventre é também abdômen; mas, em vez da de volume, "sugere ideia de fecundidade, de atividade funcional". – Entranha (ou entranhas) diz também ventre, mas acrescentando-lhe ideia de "íntimo, profundo, sensível..." -Barriga, pandulho, pança são plebeísmos a que se dá sentido semelhante ao de abdômen; isto é - "sugerem ideia de ventre volumoso". Distinguem-se de **abdômen** e de ventre por significarem mais particularmente o estômago, a parte para onde vai o alimento quando é ingerido. Dizemos vulgarmente: "encheu a barriga, a pança ou o pandulho": não com a mesma propriedade -"encheu o *ventre*"; e nunca – "encheu o *abdô*men". – Bojo é termo genérico, significando "amplitude, grandeza de volume de forma arredondada"... "alargamento ou saliência" - diz Aul. - em forma convexa: "O bojo de um frasco, de uma parede, da vela de uma embarcação". "O bojo de um navio; de um barril; de um tronco de árvore, etc.". Daí bojo com aplicação ao volume desabalado do abdômen.

33

ABENÇOAR, bendizer, benzer, louvar; bendito, abençoado, bento, benção, benzimento. - Do verbo latino benedicere formaram-se – diz Roq. – três verbos portugueses (bendizer, benzer, abençoar) que, posto que concordem na ideia principal, têm entre si alguma diferença. O primeiro, bendizer, significa propriamente "dizer bem, louvar, exalçar". O segundo, abençoar (ou abendiçoar), significa "deitar a benção, ou benções". O terceiro, benzer, significa "lançar benções acompanhando-as de preces e ritos apropriados à coisa que se benze. Bendizer e abencoar confundem-se muitas vezes na significação extensiva de "desejar, pedir bens e prosperidades para alguém". Benzer não é hoje usado senão para indicar as benções eclesiásticas ou supersticiosas. "O justo bendiz (ou louva) ao Senhor tanto na prosperidade como na desgraça". "Os pais abençoam os filhos para que sejam felizes". "Os sacerdotes benzem tudo que é consagrado ao culto divino"; e também "abençoam a assistência ao fim da missa". O que se diz de bendizer aplica-se a louvar; com esta diferença: louvar se diz em relação a Deus, a santos e a homens; bendizer pode referir-se também a coisas. Bendizemos a hora, o instante em que nos vem alguma felicidade; e não - louvamos; porque louvar é mais "fazer elogios" do que "dizer bem e dar graças". Esta diferença – diz Roq. – (entre bendizer, benzer e abençoar) torna-se mais sensível nos particípios destes verbos. - Bendito ou abençoado se diz para designar a proteção particular de Deus sobre uma pessoa, uma família, uma nação, etc. Nossa Senhora é bendita entre todas as mulheres. Todas as nações foram abençoadas em Jesus Cristo. – Bento designa a benção da Igreja, dada pelo sacerdote com as cerimônias do costume. Pão bento, água benta, etc. - Vê-se, pois, que bendito, e às vezes abençoado, se pode dizer no sentido moral e de louvores, e bento no sentido legal e de consagração. "As bandeiras militares, bentas com grande pompa na Igreja, nem sempre são abençoadas do Céu nos campos de batalha". – Também se sente a distinção nos derivados benção e benzimento (ou benzedura). Benção é tanto o ato de abençoar como de benzer. Dizemos – a benção do pão, como dizemos – a benção dos pais. Benzimento é também ato de benzer, não já de abençoar; e mesmo como significando "ato de benzer, já não

se pode mais aplicar a cerimônias de culto, nem mesmo nos casos em que se aplica o verbo benzer. O sacerdote benze o fogo, a água, o óleo; mas a benzimento do fogo preferimos dizer — a benção do fogo. Benzimento ou benzedura ficou tendo aplicação quase exclusiva a "coisas de cabala, a gestos ou figurações de supersticiosos".

34

ABERTURA, greta, racha, resquício, fresta, fenda, fisga, rotura, buraco, orifício, aberta, furo, rombo, frincha, interstício, vão. - Quanto a greta, abertura e resquício, escreve Roq.: "A diferença que existe entre a significação destas três palavras é bem fácil de notar. A primeira, greta, é uma rotura natural, própria de dilatação ou contração dos corpos sólidos, ou dos efeitos do calórico. A segunda, abertura, é uma racha aberta de propósito com instrumento cortante. A terceira, resquício, é, rigorosamente falando, a abertura que há entre o quício e a porta; e por extensão qualquer fenda por onde penetra a custo a luz. A greta e o resquício são naturais; a abertura é artificial". - Racha é a "abertura por efeito de rotura" (Aul.), é "o espaço que fica entre duas partes de um corpo que se separam". - Fresta, fenda, fisga são muito semelhantes pela ideia comum, que sugerem, de abertura longa e fina, ou estreita: devendo notar-se: que fresta é das três a que exprime abertura menos estreita; e fenda é exatamente o contrário – enuncia apenas a ideia de que se não acham unidas ou apertadas as duas partes de um corpo que se disgregam. Diremos: "Por uma fresta da porta mal fechada vi-a passar" (e não: por uma fenda). "As fendas que o sol fez no muro" (e não as frestas). Fisga é quase o mesmo que fresta: apenas fisga dá ideia de abertura feita por um corte ou rasgão. "Eu, que mirava tudo, mas com a cabeça coberta, por uma fisga de roupa" (Herc.). - Rotura

é a "aberta deixada por um rompimento". - Buraco é "abertura, ordinariamente circular", e não dá ideia de proporções: tanto é buraco um rombo enorme feito através de uma montanha como é buraco o furo feito por uma bala através de uma parede. – Se o buraco é muito fino, passa a ser orifício. -Aberta é o mesmo que abertura; cumprindo observar, no entanto, que abertura sugere ideia de que a racha foi "feita de propósito" (como nota Roq.): o que, pelo menos, nem sempre se dá em relação a aberta, pois esta enuncia apenas o "claro de greta grande, o espaço livre entre duas ou mais partes de uma coisa". - Furo e rombo designam "buraco, rotura feita com mais ou menos violência; principalmente rombo. Este dá ideia ainda de rotura de grandes proporções. "As bombardas fizeram rombos enormes na muralha, ou no costado do navio". Poder-se-ia dizer igualmente sem grande impropriedade: "... fizeram enormes furos..." Rombo, no entanto, além de grande força onomatopeica, dá mais ideia de violência e de grandeza. - Frincha "dá ideia de fenda, falha, claro" e vagamente: "Frinchas da renda"; "frinchas da madeira". - Interstício é propriamente "o que fica entre duas coisas". – Vão é "todo o vazio ou espaço aberto num corpo". "Pelo vão de uma janela"; "por um vão da floresta, ou da montanha."

35

ABELHUDO, entremetido, metediço, intrometido, introduzido, oferecido, intruso, ingerido, intrujão, taralhão. — Abelhudo é aquele que vive (como a abelha num jardim) "metendo-se em toda parte, mas para ouvir o que se diz, saber de tudo que se faz, discutindo negócios alheios, tomando atitude em questões que lhe não pertencem". — Entremetido é, não propriamente abelhudo, mas o que "se mete com certa audácia naquilo que lhe não compete". Nem sempre, por

isso, o entremetido é abelbudo: só a inversa é que é menos exata. - Intrometido é o mesmo que entremetido. - Metediço é como se se dissesse oferecido: é o que "vai ou se mete em toda parte mesmo sem ser chamado". Distingue-se de oferecido porque dá mais ideia de atrevimento e desaso; enquanto que oferecido diz também alguma coisa de dissimulado, velhaco, ou pelo menos tendo algum interesse, ou fim oculto em meter--se onde não foi convidado a ir. O metediço irrita; o oferecido aborrece. Repulsa-se o metediço; desconfia-se do oferecido. – Introduzido é mais que oferecido, e até que metediço: é o que "entra onde não deve entrar, e com mais atrevimento que desaso". - Intruso é o que "se põe nalgum lugar alheio, e portanto contra o direito". - Ingerido (que se confunde bem com inserido ou enxerido) é o que "intervém em questões ou negócios pretendendo resolver ou adiantar o que é de competência alheia". – **Intrujão** é ao mesmo tempo metediço e abelhudo, e mais ainda: é o "tipo manhoso e importuno que persegue com lábias, engana, explora, desfruta, valendo-se de astúcias e perfídias". De toda a família é o mais forte; ao passo que tara**lhão** parece o mais inofensivo. A propósito de taralhão, escreve João Ribeiro na última série das suas Frases feitas: "Atribui-se o ditado "Nunca o vi mais gordo" ao imprudente que, com ridiculez, se entremete onde não é chamado, afetando graça, familiaridade ou importância. Creio que por elipse se tirou da outra frase muito comum: "meter-se a taralhão"; porque chamam de taralhão à pessoa gorda, e os taralhões são pardais que engordam muito. Assim, Bluteau já havia, a propósito de *taralhão*, notado que o termo se toma metaforicamente por gordo, e "em frase chula quer dizer – aquele que tem um modo de tratar com termos, ou jocosos ou sérios, naturais ou afetados que o fazem ridículo; e a este trato ou modo de falar, conversar ou

obrar, lhe chamam taralhice. "Taralhão é o que se entremete onde o não chamam" (Bento Antonio). E uma vez que taralhão e gordo se equivalem, e o epíteto se aplica a pessoas afetadas, intrusas e ridículas, suponho que o sentido passou de um ditado ao outro. "O entremetido parece sempre demasiado gordo".

36

ABERTO, amplo, largo, espaçoso, vasto, extenso, desenvolvido, dilatado, explanado, lato, estirado. - Aberto é talvez o mais genérico do grupo, e de significação mais vaga. Diz - "o que está desimpedido, livre de obstáculos; e em certos casos sugere ideia de amplitude: "Horizontes abertos"; "campina dilatada e aberta." – **Amplo** ajunta à noção de dilatado a ideia de "vasto contorno, de grande circunferência". (Aul.) "Com grandes poderes e ampla jurisdição" (Dic. da Acad.). "O assunto é muito amplo para ser tratado em meia hora". – Largo é o que "só tem grande a largura": muito menos, portanto, diz que amplo, que abrange todas as dimensões. Largo não se poderia também, com muita propriedade, aplicar (como acontece em relação a amplo) em certos sentidos morais: não diríamos, por exemplo: larga jurisdição, larga liberdade, largo direito. O antônimo de largo é estreito; o de amplo é exíguo (ou constrito). – Espaçoso é "o que compreende relativamente grande porção de espaço"; é o que é amplo - largo e comprido – extenso. "Casa espaçosa". Diz Bruns. que "uma sala é espaçosa quando, contendo muita mobília, ainda nela há muito espaço desocupado; é ampla quando nela folga tudo o que contém; é vasta quando as suas dimensões são extraordinárias". - Vasto é mais do que amplo e espaçoso, portanto; e em sentido lato dá ideia de "tão desmedido e aberto como se fora feito por arrasamento e assolação". "Vasta campanha;

vasto país; vasto mar". - Extenso diz menos que amplo; e na acepção usual referem-se mais ao comprimento do que à largura, fazendo-se mais convizinho de longo, dilatado, estirado. – Mas, longo exprime ainda mais particularmente a ideia de comprimento. Diríamos indiferentemente longo ou extenso caminho; nem com tanta propriedade, ou pelo menos nem sempre - campo longo. Camões disse: "Esperando com olhos longos o marido ausente". Não diria decerto: "... com olhos extensos..." - Desenvolvido refere-se a uma grandeza que tomou proporções notáveis: "O menino está desenvolvido". "Desenvolvido demais foi o discurso". "Estão bem desenvolvidos os serviços da construção". - Dilatado diz juntamente o que "é longo, extenso, amplo, vasto, aberto". "Dilatada campina; dilatados domínios; dilatados tempos". - Explanado, no sentido próprio, diz "extenso, igual, plano, aberto". "Chegamos ali, a uma parte do continente explanada como imensa campanha a perder de vista". - Lato é quase o mesmo que amplo; sugere, no entanto, além da ideia de amplitude propriamente, a "de largura, de extensão, ou (como em semântica) de sentido ilimitado". "Percorremos as formosas e latas veredas daquela região"... "Este vocábulo, na acepção lata, diz mais, ou diz menos do que largo". - Estirado quer dizer "estendido, extenso, mais desenvolvido que o normal". "Não pudemos aguentar toda aquela estirada arenga"...

37

A BEL-PRAZER, à vontade, a gosto, à larga, largamente, desafogadamente, à farta, folgadamente, à saciedade, regaladamente, à regalona. — A bel-prazer significa "segundo a própria satisfação". — À vontade quer dizer "como quiser ou desejar". A gosto exprime "sem constranger-se", "conforme é do nosso agrado". À larga diz "em plena

liberdade", "sem medir gastos", "sem regular cuidados", "sem obedecer a escrúpulos". É de mais força que largamente, pois esta forma equivale apenas a "de modo amplo"; enquanto que à larga sugere ideia de "incontinência, desregramento". Ninguém confundirá, portanto, estas duas frases: "Falou largamente contra o governo". "Falou à larga contra o governo". - Desafogadamente enuncia a ideia de "sem nenhum embaraço ou premura, livremente, sem preocupações". – À farta equivale a "com fartura"; e aproxima-se de à saciedade, que é o mesmo que "até ficar satisfeito", "até mais não desejar ou não querer". - Folgadamente corresponde a "com largueza" (Aul.), "sem apertos ou empecilhos". - Regaladamente diz mais do que "em abundância", ou "com fartura": acrescenta a isso a ideia de "com alegria e voluptuosidade de sibarita". - À regalona diz ainda mais que regaladamente: significa "de maneira ostentosa, à grande". – "Estamos em nossa casa a bel-prazer; deixa-se a criança brincar à vontade; fica-se a gosto onde não há cerimônia; vive-se à larga quando se gasta desregradamente; vive-se desafogadamente quando se vive sem ânsias ou preocupações; vive-se à farta se se não tem necessidade de calcular muito as despesas, ou se se tem com fartura o que é necessário; e à saciedade se goza um prazer se não se deseja mais. Estamos folgadamente onde nada nos aperta ou oprime. Passamos regaladamente "quando passamos como... príncipes". Trata-se à regalona quem se trata como grão--senhor, ou como senhora rica "que cuida mais da mesa que da fama"...

38

ABERRAÇÃO, absurdo, desrazão, contrassenso, destampatório, despropósito, extravagância, destempero, desatino, disparate, desconcerto, desvairo, despautério, desconchavo; erro, error, falta, claudica-

ção, engano, descuido, equívoco, lapso; desacerto, desvio, descaminho, descaída, queda, deslize, patada, cinca. - Aberração³ significa propriamente o "ato de sair do caminho direito (aberrar), perder-se no caminho"; por extensão, aplicado a fatos de psicologia, quer dizer "o erro que comete quem se desvia das leis do espírito, ou dos princípios da lógica. Toma, portanto, uma acepção que o aproxima de absurdo, pois este vocábulo enuncia "o que é contrário ao senso comum", aquilo que está "em colisão com a consciência". "Este homem tem perpetrado tais absurdos, ou cometido estas aberrações"... Mas entre absurdo e aberração deve notar-se pelo menos esta diferença facilmente perceptível: absurdo é termo genérico e que, em certos casos, poderia confundir-se com abuso: designa simples infração de raciocínio. O que é absurdo ao sentir ou ver de uns pode deixar de o ser ao de outros. Aberração, além de mais preciso, é mais forte, e só se deve aplicar a deformidades e a erros extraordinários. Decerto que tratando de Lutero não diria o padre católico: "os absurdos"; mas; "as aberrações do demônio"... Revendo um tema, não diria o professor ao aluno: "Disseste, ou cometeste aberrações"; mas: "Disseste absurdos"... Dizemos também: "as aberrações do espírito humano"; e não: "os absurdos", etc.; porque absurdo é o fato "em si mesmo, determinado, flagrante, concreto", ao passo que aberração enuncia a ideia geral de aberrar, verbo de predicação muito mais vaga. – **Desrazão** significa propriamente "contra a razão", "contrário ao que é razoável". - Contrassenso é o mesmo que "contrário ao senso comum, ao modo de ver de todo mundo". Desrazão e contrassenso são casos particulares de absurdo; são erros de certa ordem, uns percebidos quando colidem com o entendimento (desrazões), outros percebidos ainda mais prontamente, como se apenas o bom senso, ou mesmo os sentidos materiais bastassem para senti-los (contrassensos). - Destampatório é "extravagância ou despropósito descomunal". - Despropósito é "dito ou ação fora de propósito, ou em desacordo com aquilo de que se trata". -Extravagância é "tudo o que se desvia das normas usuais do bom senso e da boa razão" (Aul.). – **Destempero** é extravagância "mais estrondosa e deplorável". "F. comete às vezes umas tantas extravagâncias, mas nunca chegou a tais destemperos". - Desatino é "falta de tino, de aprumo, de equilíbrio mental", é destempero que chega a parecer excesso de doido. - Disparate é desatino que tem "mais de graça que propriamente de doidice"; é o que não está "no mesmo tom, que não se ajusta à ordem de ideias ou de fatos que se seguia". – Desvairo (ou desvaire) será o desatino "leve e sem a graça do disparate". – Desconcerto é "disparate sem espírito, transviamento da linha em que se ia, confusão produzida por desvio do normal". - Despautério é forma popular de disparate, e diz "absurdo, despropósito que não vale a pena de combater ou destruir". - Desconchavo é também o que "desgarra das normas, ou do que se dizia, ou do que se tinha assentado". – Erro é "tudo o que não se concilia com a razão, ou melhor com a consciência vigente; devendo considerar--se que parece inseparável da ideia de culpa; e por isso aproxima-se muito de falta, conquanto seja este menos forte nesta acepção. "Simples faltas que nem se podem ter por erros..." – Error é, além de forma erudita, "uma extensão de erro"; é como se disséssemos, principalmente no plural, persistência ou "reincidência numa série de erros", e mais: "erros de entendimento ou de juízo que de

^{3 •} Diz Laf. – Intr. LXXIX – que aberração era um termo de astronomia somente antes do começo do século XIX.

conduta". Claudicação é propriamente o "ato de coxear"; e no sentido figurado designa o "ato de cometer erros por defeito de espírito, ou por falta de noção exata do dever". – Engano será o "erro ou a falta cometida sem culpa, mais por ilusão do que em consciência, e sempre sem as proporções e a gravidade que tem o erro propriamente". - Descuido é o "engano cometido por falta de atenção". - Equívoco é menos que descuido: é o engano "cometido contra a vontade ou intenção de quem o comete". - Lapso é quase equívoco: é engano devido mais à falta de memória que a desmazelo ou ignorância. Exemplo: "Repetem-se os lapsos; já ele não sabia explicar tão frequentes equívocos; depois, não tiveram mais desculpa os muitos enganos; e por fim, estes, que podiam passar como apenas claudicações censuráveis, viram todos como erros que logo tomaram o caráter de verdadeiros crimes". - Desacerto é "erro ou falta cometida por irreflexão ou inadvertência". (Aul.) - Desvio e descaminho quase que se equivalem; notando-se, porém, que descaminho é o "fato de tomar caminho errado, ou de perder o caminho certo ou direito"; e desvio é o "ato de mudar de rumo, ou da direção em que se ia ou que tinha de ser seguida." Podem, em certos casos, aplicar-se a erros de entendimento; mas, em regra, assentam mais propriamente a faltas de senso prático. – Descaída, queda, deslize equivalem quase a claudicações: queda sugere de mais a ideia de culpa ou de pecado; descaída é mais "deslize ou lapso que propriamente queda", aumentando àqueles a ideia "de ingenuidade ou inconsciência". Deslize é "ligeiro desvio da linha, do reto caminho". "Os seus deslizes nem são descaídas quanto mais quedas". - Patada é plebeísmo que significa "despropósito grosseiro, erro brutal; e inclui ideia de asneira agressiva". -Cinca (ou cincada) é "erro de ofício", ou "falta cometida por imperícia".

ABESTALHADO, aparvalhado, abobado, abobalhado, apalermado, apatetado, atoleimado, apapalvado, alorpado, acamelado, apataratado, apalhaçado, abasbacado, ajogralado, aburrado, apalonçado, abasbanado, amatutado, acaipirado, aparvoado, embotado, enfatuado, aboçalado, amatungado, pasmado, besta, burro, burrego, aburregado, parvo, bobo, palerma, pateta, tolo, estólido, papalvo, lorpa, camelo, palúrdio, patarata, lerdo, lerdaço, palhaço, basbaque, palonço, jogral, pascácio, pacóvio, papa--moscas, boca-aberta, tabaréu, caipira, basbana, matuto, bolônio, mentecapto, sandeu, doidivanas, beócio, estupidarrão, toleirão, parvoeirão, parvajola, truão, bufão, chocarreiro, maninelo, parvoinho, simples, simplório, bestiaga, bobório, camelório, boto, pato, patau, patocho, patego, pataroco, fátuo, estulto, tapado, obtuso, bronco, rombo, rude, boçal, estúpido, néscio, idiota, imbecil, alvar, ingênuo, ignaro, ignorante, ignorantão, quadrúpede, asno, asneirão, asinino, maturrão, jumento, charro. – Todos estes vocábulos exprimem de comum a ideia de "falta de inteligência, de vivacidade, de expediente na vida, de graça para agradar, de espírito para agir". Quanto a alguns do grupo há uma observação a fazer, aplicável a cada um desses e o respetivo derivado, e que se refere à diferença notável marcada pela derivação, não devendo entender-se que este (o derivado) seja sempre, como poderia parecer, apenas uma extensa e atenuada do seu radical. Vejamos: Besta é tropo conhecido que designa o indivíduo em que aparentemente se denuncia uma indigência de entendimento e uma índole obstinada semelhantes ao que parece ter o quadrúpede desse nome: abestalhado, no entanto, significa "que se mostra besta, ou que tem ares de besta". Quer isto dizer que mesmo um indivíduo muito inteligente

pode ser **abestalhado** (isto é – ter modos e ares de **besta**). O mesmo deve entender-se quanto aos outros do grupo que dão derivados. Notemos ainda que entre abobado e abobalhado é preciso fazer uma ligeira distinção: o primeiro quer dizer que parece bobo, que tem ares de bobo; e o segundo, abobalhado = "que se faz de bobo". Parece dar-se o contrário com aparvoado ("feito parvo, meio parvo") e aparvalhado ("semelhante a parvo, com jeito de parvo"). - Besta, além de abestalhado, dá bestiaga, que significa "estúpido e sem préstimo ou valor algum". - Parvo quer dizer "pequeno de espírito, curto de compreensão como criança, e revelando isso por inépcias, modos e gestos de quase idiota. - Parvoinho é simples diminutivo de parvo. Temos ainda: parvoeirão (aum.) = "grande parvo"; e parvajola = "que, por fazer-se engraçado, se ostenta parvo, ou melhor, parvoinho" (pois parvajola é também forma diminutiva). – Bobo, como se sabe, era, na Idade Média, o jogral de corte; e por analogia significa o "indivíduo pobre de espírito que procura divertir os outros, mais com esgares, mímica espalhafatosa, disparates gaguejados a custo, graçolas charras, ou palavras deturpadas e sem nexo, do que propriamente com discursos ou ditos graciosos". Além de abobado e abobalhado, temos ainda bobório, muito usado pelo menos em grande parte do sul do Brasil, conquanto, como outros muitos do grupo, não figure nos léxicos. - Bobório quer dizer "bobo a afetar compostura de gente sensata". - Palerma é o indivíduo "quase idiota e que parece ter tanta incapacidade para pensar como para mover-se". Dá apalermado = "com ares de palerma". - Pateta designa indivíduo "desorientado e abobado". Dá apatetado = "com ares de pateta". Do mesmo radical temos ainda: patau, patego, patocho, pataroco, formas que pouco alteram a significa-

ção que tem aqui, por figura, a própria palavra pato, dando ideia do "indivíduo lorpa, que se deixa iludir, enganar, explorar facilmente". – Patau (que também poderia ser uma adaptação do francês pataud) sugere, além da ideia de parvoíce, a de grande inépcia". - Patego é como se dissesse "pequeno pato", "meio pato". - Patocho, diz C. de Fig., que é provincianismo algarvio, e que significa o mesmo que patego. – Pataroco é outro provincianismo algarvio, com idêntica significação, parecendo, aliás, uma forma diminutiva ainda mais acentuada de pato. - Tolo e estólido são formações do mesmo latino stolidus: a forma popular, que é a mais usada, equivale a "bobo insolente, ignorante que se mete a sabichão, maluco pretensioso". Dá atoleimado - "que se faz de tolo". – Estólido, que é forma erudita, diz melhor "o que não tem o discernimento, nem a compostura, a medida do bom senso comum", o que é "leviano com petulância". - Papalvo quer dizer "simplório, palerma, demasiado ingênuo, fácil de enganar". Dá apapalvado = "com jeito de papalvo". -Lorpa é o indivíduo "inepto, preguiçoso, incapaz de esforço físico ou mental". Temos ainda alorpado = "feito, ou parecendo lorpa". - Camelo (fig.) é o "indivíduo pesado, rude, lerdo no pensar e no agir". - Camelório diz "quase camelo", "que se faz de camelo". Acamelado = "com ares de camelo". - Palúrdio quer dizer "idiota, estouvado, estúpido, abrutalhado". - Patarata é "pessoa tola, afetada, pretensiosa, impostora, fútil". (Aul.), "tipo mais boçal e desfrutável que o bobo". Dá apataratado = "que se faz patarata", ou "que se assemelha a patarata". - Lerdo equivale a "pesado, lasso, mandrião, estúpido" - Lerdaço é aumentativo de lerdo. - Palhaço significa mais -"bobo, histrião por ofício do que propriamente idiota ou besta". - Apalhaçado = "que se faz palhaço". - Basbaque é convizi-

nho de palerma: é o "ingênuo que pasma de tudo, como pateta". - Abasbacado (ou embasbacado) = "que é ou se mostra como basbaque". - Palonço equivale a "tipo sem vida, rude, imbecil". – Apalonçado = à semelhança de palonço". – Jogral é o "bobo de praça", "maroto estúpido, desafrontado e chalaceiro". Ajogralado = dado a jogral. - Pascácio assemelha-se bem a "bobo, pasmado e imbecil". - Pacóvio é simplório da mesma família: "idiota e lorpa". - Papa--moscas está dizendo tudo por si mesmo: "tão inerte, tão massa-bruta que as moscas lhe entram na boca". É o mesmo que boca--aberta. - Tabaréu tem significação muito parecida com a do nosso caipira. O tabaréu, no entanto, é o sujeito que "não sabe ainda bem o seu oficio", que "se atrapalha com a tarefa por falta de aptidão", que "faz figura ridícula por inépcia": caipira é o "homem do mato, o mesmo matuto, sem prática da cidade, rombo e tolhido, desconfiado e escuso." Temos ainda: acaipirado = "com ares ou modos de caipira"; amatutado = "com ares de matuto". - Basbana, segundo C. de Fig., é provincianismo algarvio, significando "estólido, parvo, imbecil como basbaque". - Abasbanado = "parecendo basbana". - Bolônio é "indivíduo rústico e simples que se deixa enganar por todos" (Bruns.). - Mentecapto é o que "não tem siso", que é imbecil, idiota. -Sandeu (do esp. sandio) equivale a "tapado, burro abobado, tipo desavisado". - Doidivanas é o "indivíduo sem tino, atabalhoado, que fala, obra, vaga como doido; tonto, estraga-albardas". – Beócio, segundo a origem do vocábulo (designa habitante da Beócia, por um prejuízo dos atenienses tido como estúpido ou pouco inteligente), é aplicável ao indivíduo "inepto, curto de espírito, abobado". - Estupidarrão e toleirão são aumentativos de estúpido e tolo. - Truão é o "bobo vagabundo, que salta e canta por

dinheiro". – Bufão é o "truão espalhafatoso, farsista; bobo que faz o seu papel com certo aparato". - Chocarreiro é o "bufão insolente, que diz mais chalaças do que salta". - Maninelo é o "bobo que se mete ridiculamente a gostar muito de mulheres" (corresponde ao nosso brasileirismo coió). - Simples, na acepção em que é aqui tomado, significa o mesmo que "ingênuo, sem disfarce, quase papalvo, de boa-fé excessiva, crédulo demais". – Simplório quer dizer – "despreocupado, desapercebido, meio bobo, sem malícia e sem espírito". - Fátuo é o "ignorante tolo e presumido". – Enfatuado (ou infatuado) é "o que se torna fátuo". -Estulto quer dizer "tolo, estouvado, extravagante, fora do papel que lhe cabe, quase impertinente". - Tapado, obtuso, bronco, rombo e rude têm uma sinonímia quase perfeita; convindo notar-se, no entanto, que tapado é aquele que parece ter o espírito "como que fechado para o mundo exterior". Bronco e rombo equivalem-se na significação de "estúpido, falto de inteligência": bronco é o que "não entende por defeito de faculdade aperceptiva"; rombo é o que "não tem capacidade de raciocínio". - Obtuso é o bronco "que se esforça" e "quebra a cabeça" inutilmente porque é "incapaz de compreender". - Rude significa mais "áspero, grosseiro, tosco do que propriamente bronco"; e, no entanto, é muito empregado com esta significação. Ainda assim, rude equivale a "de difícil compreensão por desmazelo, por falta de estímulo". - Boçal exprime "estúpido e bobo que repugna, ou que inspira asco ou aversão". - Aboçalado = "que tem aparências de boçal". – Estúpido diz propriamente "rude, bruto de senso, ou de inteligência pesada, de espírito entorpecido, que fica parado e em pasmo diante de coisas que não entende". - Néscio quer dizer "que nada sabe, ignorante, inepto". - Idiota e imbecil equivalem-se. O idiota é desequili-

brado, isto é, "não tem senso nem discernimento para distinguir coisas diferentes"; e imbecil é "quase idiota, é menos atabalhoado, mas é tão fraco de espírito". Tanto a idiotia como a imbecilidade podem ter como causa algum defeito orgânico do cérebro. - Pasmado, alvar, ingênuo aproximam--se. Alvar tem hoje, e neste grupo, sentido desfigurado do próprio, e diz "quase imbecil, de sinceridade, candura e boa-fé que tocam a parvoíce". Ingênuo é menos que alvar: significa "sem malícia como criança, e por isso mesmo incorrendo frequentemente em enganos e caindo em ridículo". Pasmado equivale a "falto de vivacidade, sem agudeza de senso". É quase o mesmo que basbaque e palerma: apenas o palerma "parece não ver"; o basbaque "não vê nem sente"; o pasmado tem o curto senso fixo num objeto, e "não vê, não ouve, nem sente mais nada". - Ignaro exprime - "inculto, bruto, inconsciente como o próprio instinto". - Ignorante diz apenas "que não tem instrução", "falto de cultura, pelo menos da cultura comum". Sobre estes dois sinônimos escreve Roq.: "Todo homem é mais ou menos ignorante". Qual é aquele que tudo sabe? Pois só aquele que tudo soubesse de alguma coisa ignorante. Toma-se, contudo, a palavra ignorante num sentido mais restrito, para designar a pessoa que não sabe o que devia saber, ou que ignora as coisas mais geralmente sabidas, ou que não tem a ciência necessária à profissão que exerce. Ignaro é "uma expressão pejorativa de ignorante, que sempre se toma em mau sentido, e designa o estado da mais crassa e vergonhosa ignorância: aplicada às pessoas é injuriosa, e diz--se com propriedade da plebe e povo rude, sem nenhuma cultura intelectual"... - Ignorantão é aumentativo de ignorante, e diz Bruns, que é "termo familiar que se aplica a um néscio que pretende impor-se como sábio". – E vem agora, completando esta fa-

mília, toda a zoologia transfigurada: quadrúpede, asno, asneirão, asinino, burro, burrego, jumento, matungo, amatungado, maturrão. São todos termos chulos empregados para significar, por analogia, inópia intelectual, defeito de aptidão comparáveis à bruteza do asno ou do quadrúpede em geral. Asneirão e asinino são meras gradações de asno: significando asneirão "grande asno", e asinino, "semelhante a asno" ou "que faz de asno". Jumento (assim como burro) é o mesmo que asno; se bem que pareçam dizer, segundo a etimologia, principalmente jumento - "o burro de carga, o asno que é afeito ao jugo". De burro, temos: aburrado (ou emburrado) = que se obstina como burro"; e burrego, que equivale a "pequeno burro". - Matungo (brasileirismo do sul) no sentido que aqui tem, aplica-se ao sujeito esbodegado, lerdo e inepto, ou incapaz de esforço em coisas de espírito. Maturrão será um aumentativo de matungo; e amatungado = "feito matungo". – Quadrúpede designa "sujeito, além de inculto, abrutalhado". - Charro é "gordo, burro, grosseiro, alapuzado".

40

ABEIRAR-SE, aproximar-se, apropinquar--se, chegar-se, achegar-se, conchegar-se, aconchegar-se, acostar-se, encostar-se, abordar, rentear, acercar-se, avizinhar-se. -Abeirar-se diz propriamente "aproximar-se da beira", e, no sentido figurado, "chegar junto, ou ao lado de alguém". Tanto se diz: "abeirou-se do precipício"; como "abeirou--se do amigo". - Aproximar-se equivale a apropinquar-se, significando ambos "chegar perto"; parecendo que este último sugere "ideia de pressa, celeridade, decisão". Dir-se-ia: "Aproximei-me pouco a pouco, ou o mais possível..."; e não: "Apropinquei-me..." - Chegar-se e achegar-se, à primeira vista, parecem a mesma coisa. Mas já uma dife-

rença de sintaxe os distingue: chegar-se emprega-se só com a preposição a; enquanto que achegar-se pode ser empregado tanto com essa como com a preposição de, e mais lidimamente com esta. Não se confundem estas frases: "Ele chegou-se a nós" e "Ele achegou-se de nós". No primeiro exemplo, ele se aproxima de nós como para amparar-se, para pedir-nos socorro ou proteção. No segundo caso, ele apenas se pôs mais perto de nós. - Conchegar-se e aconchegar-se significam "aproximar-se reciprocamente (uma coisa ou pessoa da outra) de modo a ficarem unidas, em contacto, tanto para agasalhar-se ou confortar-se como para resistir a algum mal". Notemos que o prefixo a de aconchegar-se lhe aumenta uma ideia de ação imediata, flagrante, atual. Dizemos: "Eles se aconchegaram" querendo exprimir que duas ou mais pessoas, de propósito, com a mesma solicitude se juntaram, ou uniram: tanto não diz: "conchegaram-se"..., pois até à força podiam conchegar-se. "Queremos ou desejamos aconchegar-nos o mais possível"; e não: "conchegar-nos", pois este verbo não marca tão bem atividade e gradação como o outro. "Concheguem-se mais" não é, pelo menos, tão próprio como: "Aconcheguem-se mais". – Acostar-se e encostar-se enunciam ações diferentes, conquanto digam alguns lexicógrafos que se equivalem. Acostar-se é "juntar-se a alguma coisa pelas costas, ou pelas costelas, pelo lado"; encostar-se é "apoiar as costas a alguma coisa". Dizemos: "Acostei-me à parede" (isto é – "pus-me rente à parede") - o que é muito diferente de: "Encostei-me à parede" (isto é - "descansei o corpo apoiando-me na parede"). É preciso dizer: "Acostamo-nos à floresta ou à serra" (isto é – fomos até ficar muito junto à floresta ou à serra); e não: "Encostamo-nos". - Abordar é propriamente "chegar à borda, ao fim de alguma coisa, aproximar-se de súbito". "Abordamos o abismo"; "abordei-o", ou "abordamo-nos na rua". — Rentear = "passar muito junto, rente". "Renteamos o despenhadeiro"; e também: "Renteamos com o acampamento, ou com ele". — Acercar-se é formado de a + cerca (ou cerco) + ar, e significa "pôr-se em volta, ou em círculo, em torno de alguém ou alguma coisa". "Acercamo-nos dele"; "acercaram-se do forte, ou da árvore". — Avizinhar-se diz propriamente "fazer-se vizinho, aproximar-se bem". "Quando a caravana se avizinhava de Jerusalém, vimos no céu..."

4 T

ABESPINHAR-SE, irritar-se, zangar-se, enfrenisar-se, enfurecer-se, irar-se, enraivecer-se (raivecer-se, enraivar-se, raivar), encolerizar-se, esquentar-se, exaltar-se, assanhar-se, exasperar-se, embravecer (embravecer-se, embravear), indignar-se, apaixonar-se, impacientar-se, enfadar-se, melindrar-se, aborrecer-se, excitar-se, incitar-se, estimular-se, exacerbar-se, enquizilar-se (ou quizilar-se), agravar-se, agastar-se, molestar-se; anojar-se, arrenegar-se, desgostar-se, magoar-se. – Abespinhar-se diz, segundo a própria etimologia, "irritar-se como as vespas", "zangar-se a todo instante e por qualquer coisa". - Irritar-se é "perder a calma, exasperar-se provocado por alguém ou por alguma coisa". - Zangar-se é quase o mesmo que "dar o cavaco", enfadar-se, amuar-se por qualquer coisa, e mais por vício de educação que por temperamento". - Enfrenesiar-se, ou frenesiar--se (também no Brasil – enfrenisar-se) é "zangar-se, aborrecer-se como por impulsão súbita". – Enfurecer-se é "irritar-se até o furor, perder a razão momentaneamente, e tornar-se violento e impetuoso como os loucos". – Irar-se é: "perder a calma, enfurecer-se instantaneamente" (pois a ira dura menos ainda que o furor). - Enraivecer-se, ou raivecer (ou ainda enraivar-se) equivale a "encher-se de raiva", tomar-se

de rancor violento e brutal. - Encolerizar--se é "ir ao extremo da ira, e sugere a ideia de que foi ofendido ou provocado aquele que se encoleriza". O próprio Deus pode encolerizar-se (e também irar-se, ou irritar-se) à vista de sacrilégios, ou de grandes pecados. - Esquentar-se é "exaltar-se um pouco, sair da serenidade habitual". – Exaltar-se é mais do que esquentar-se: é "fazer-se mais enérgico e veemente do que convém, ou do que é normal". – Assanhar-se é "ficar agitado, em fúria ou alvoroço hostil". - Exasperar--se é "irritar-se em extremo, fazer-se rude e quase furioso". - Embravecer, ou embravecer-se (ou embravear) é "tornar-se bravio, feroz como bruto irritado". – Indignar-se significa "encher-se de ira por algum motivo muito nobre, ou em presença de alguma coisa que se tem por indigna". - Apaixonar--se é "sair do estado normal por exaltação de algum sentimento, seja bom, ou seja mau". - Impacientar-se é propriamente "perder a paciência, ficar insofrido, inquieto, ansioso". – Enfadar-se é menos que aborrecer-se: é "quase amuar-se"; distinguindo-se deste em sugerir a ideia de "desgostar-se como por fadiga"; enquanto que amuar-se significa mais "desgostar-se por suscetibilidade". - Melindrar-se quer dizer "desgostar-se por motivos muito delicados, por excesso de pundonor, ou por afetação de melindre". - Aborrecer-se diz propriamente "sentir horror", mas perdeu alguma coisa na acepção comum, principalmente como pronominal: é "mostrar aversão ou repugnância, ou mesmo simples desprazer". – Excitar-se, incitar-se e estimular-se equivalem-se com pequena diferença. Quem se estimula contra nós é porque foi provocado ou importunado, e pode bem ser que não revele a sua irritação por mais do que animar-se de disposições infensas; quem se excita é como quem "se irrita despertando da sua calma habitual", mostrando-se agitado e hostil. Incitar-

-se é mais vizinho de estimular-se: quem se incita mostra "vigor anormal, quase assanho, e por ter sido instigado". - Exacerbar-se, segundo a própria etimologia, diz "fazer--se áspero, rude, violento". - Enquizilarse (ou quizilar-se) é mostrar-se menos que zangado: mais "indisposto por impaciência e antipatia ou quase aversão", do que aborrecido. – Agravar-se é "fazer-se grave por desconfiança ou aborrecimento, mostrar-se sentido por ofensa". - Agastar-se é "enfadar-se ligeiramente, parecer exausto de paciência". - Molestar-se é "mostrar-se ofendido por incômodo ou por importunação". – Anojar-se é "sentir-se incomodado, aborrecido, triste e desgostoso". - Arrenegar-se equivale a "zangar-se maldizendo e blasfemando". - Desgostar-se é propriamente "não ter mais o gosto que se tinha," ou "deixar de sentir o prazer que se sentia". - Magoar-se é "sentir-se melindrado por alguma ofensa", ou "ressentir-se de alguma coisa desagradável".

ABICAR, varar, fundear, ancorar, aportar, arribar, surgir, abordar, chegar, atracar. - Abicar significa propriamente (assim como embicar⁴) "dar com o bico (a proa) em terra"; devendo empregar-se, portanto, só tratando-se de pequenas embarcações. - Varar também só é aplicável a pequenas embarcações, e quer dizer "pôr em seco, tirar para a praia". - Fundear significa "dar ou tomar fundo". - Ancorar equivale a fundear lançando âncora" (Aul.). Pode-se dizer, portanto, "ancorar" depois de "haver fundeado"; ou, como neste exemplo: "Fundeou toda a frota na vasta baía, e à tarde ancoramos a nossa nau mais junto à terra". – Aportar diz precisamente "tomar porto, conduzir

^{4 °} Convindo não confundir com embicar = "encaminhar pela bica".

ao porto, entrar no porto". - Arribar significa "ser forçado a tomar porto", "procurar abrigo ou refúgio", "entrar num porto que não é o que se demandava". - Surgir é "aparecer, chegar por via marítima" (Aul.) parecendo aduzir à "noção de chegar a ideia de surpresa", como se dissesse: "apresentar--se, entrar de repente, ou sem ser esperado". - Abordar significa propriamente "encostar ao bordo"; e por extensão "chegar à terra ou ao porto, dar com o bordo junto à terra". - Chegar é o mais genérico de todos os do grupo, e quer dizer "alcançar o ponto demandado"; e, particularmente, tratando--se de navios: "entrar no porto ao cabo de uma viagem". A embarcação que sai, mas volta ao porto sem ter seguido a seu destino, não chega - arriba. - Atracar equivale quase a abordar: é "chegar e prender-se à terra ou a outra embarcação".

43

ABISMO⁵, precipício, sorvedouro, tragadoiro, voragem, báratro, pego, rodomoinho, despenhadeiro. - "Precipício (do latim præ "para diante", e caput "cabeça") é um espaço vazio – diz Bourguig. – profundo, escarpado, no qual se está exposto a cair, a ser precipitado. A ideia principal que sugere esta palavra é a do perigo da queda, por causa do escarpamento das beiras, e da dificuldade da marcha quando se as circula, ou da passagem quando se as quer evitar". É "por isso que, no sentido figurado, se emprega esta palavra para designar os grandes perigos de que muito dificilmente se pode sair e que só se descobrem quando já é dificílimo evitá-los". - Voragem (do latim vorago) "é o nome" – diz Bruns. – "desses terríveis remoinhos formados pela

5 **Abismo** é do baixo-latim *abysmus*. A forma culta é *abysso* (latim clássico *abyssus*, do grego *abussos* = a + bussos "sem fundo").

ação de correntes opostas, e que arrastam fatalmente para a profundeza, tragando-as, subvertendo-as, as embarcações que a imperícia ou a fatalidade leva até onde alcança a influência do torvelinho. É, pois, a ideia de tragar que predomina nesta palavra; por isso, emprega-se no figurado para designar o que atrai irresistivelmente para a ruína ou a morte inevitável". - Abismo (do baixo--latim abysmus, correspondente de abyssus) significa propriamente aquilo "que não tem fundo" e onde desaparece para sempre o que chegou a cair. - Sorvedouro e tragadoiro confundem-se: este último, no entanto, é mais forte e sugere a ideia da violência inevitável com que a voragem engole, traga o que nela cai. Há, portanto, entre sorvedouro e tragadoiro a mesma diferença que se nota entre sorver e tragar. – Báratro era o precipício onde se fazia cair o criminoso de certos crimes em Atenas: daí a significação de "profundeza como a do inferno", onde alguém é lançado como castigo. - Pego é a parte mais profunda do mar, de um rio, de um lago; onde, portanto, são mais para temer os perigos. - Rodomoinho (ou remoinho) é quase o mesmo que sorvedoiro: não dá, no entanto, como este, só a ideia de "absorção para o fundo", pois o remoinho pode também levar para os ares. - Despenhadeiro diz propriamente "rochedo elevado e abruto" de onde há grande perigo em lançar-se alguém.

44

ABJETO, detestável, desprezível, ignóbil, indigno, baixo, vil, repelente, abominável, abominando, abominoso, repugnante, execrando, execrável, aborrecível (aborrível), odioso. — Abjeto é o mais compreensivo de todos os do grupo, significando quase o mesmo que detestável; sendo de notar que a coisa abjeta é a que repelimos como indigna de nós; e a coisa detestável é a que não pode

ter a nossa sanção moral, e não é recebida por nós; ou a coisa da qual não queremos saber. Convém ainda advertir que abjeto ajunta à noção de detestável a ideia de baixeza. Um indivíduo, ou uma coisa, pode ser detestável, portanto, sem ser abjeta. "F. é um poeta detestável" (não abjeto). "A vida fora de Paris é detestável" (não abjeta). Em caso algum, porém, a coisa abjeta deixaria de ser detestável. - Desprezível significa precisamente, segundo a própria formação - "digno de desprezo"; e é dos mais vagos do grupo. – Ignóbil diz propriamente – "sem nobreza, baixo de condição, grosseiro e vil". - Indigno aproxima-se de ignóbil, e aplica-se ao que é baixo e desprezível. - Vil e baixo também se aproximam muito. Segundo Roq., são "palavras que apresentam a ideia de desprezo, posto que sob diferentes aspetos... Baixo é o homem que abate a sua dignidade; vil o que perde a estima dos outros e ainda a sua própria. Baixo é o que por cobardia sofre injúrias de outrem; e muito vil o que as sofre contente, por seu interesse e com o fim de fazer fortuna por meios indecorosos. O descarado adulador, que nem ânimo tem para saber calar, é baixo; o mais vil dos homens é o que vende sua honra e sua consciência para adquirir dignidades e riquezas. Todo vício é baixo e desprezível; porém chamamos particularmente baixos aqueles que supõem falta de vigor e de energia, como, v. g., a avareza. São particularmente vis os vícios que desonram e infamam, convertendo o homem numa besta malévola, feroz e estúpida, como costuma suceder na embriaguez. Chamamos ofícios baixos aqueles que só exerce a gente miserável e abandonada; como algumas ocupações mecânicas, que não exigem mais que um trabalho material e nenhum talento, nem instrução, e que por isso são tidos em nenhuma conta. Chamase vil o "exercício que se tem por desprezível em razão de ser sujo, feroz e brutal na sua

execução, e entregue de ordinário a gentes tidas por infames em seu proceder". - Repelente oferece alguma coisa de comum com detestável e abjeto; podendo-se entender que reune o valor destes dois: é repelente o que "se detesta ou repele com asco". - Abominável é "o que é digno de condenação como coisa ímpia e nefanda"; o que "se condena, se detesta, se afasta com horror". Abominando quer dizer - "que se há de abominar; que se fez para ser negado, repelido por todas as consciências como sacrilégio". Abominoso é o que "contém, o que está cheio de abominação". - Repugnante é vizinho de repelente: é "o que se repulsa como coisa nojenta". - Execrável é o que "atenta contra lei sagrada". – Execrando é "o que merece maldição de todo mundo"; que "afronta o nosso sentimento religioso". É mais forte que execrável. – Aborrecível, ou aborrível, significa propriamente - "que inspira horror, que causa aversão". - Odioso quer dizer - "que merece ódio".

ABJURAR, renegar, trair, renunciar, apostatar, desprofessar, abrenunciar, converter-se. – Sobre abjurar, apostatar e renegar escreve Bruns.: Abjurar (do latim abjurare "negar com juramento") é renunciar solenemente à religião que se tem seguido e que se reputa falsa. Note-se, porém, que o verbo abjurar, que não encerra ideia depreciativa, não é por todos aplicado ao mesmo ato: o que é abjurar para uns é apostatar para outros. Os católicos dizem que Henrique IV de França abjurou o protestantismo; ao passo que os protestantes qualificam esse ato com o verbo apostatar. Entre nós temos o exemplo do padre Guilherme Dias, que, segundo os protestantes, abjurou os erros do catolicismo; enquanto os católicos dizem que ele apostatou do catolicismo. "Note-se também que os católicos, que empregam o verbo apostatar, lhe dão, por conveniência própria, o sentido de ser o interesse, e não a convicção, o principal móbil que leva à mudança de religião; não assim os membros das outras religiões". Abjurar diz propriamente "jurar contra alguma coisa, lançando-a fora do espírito." Quem abjura afasta da consciência a coisa abjurada, podendo ainda continuar a tê-la em respeito. Quem apostata deixa, abandona, põe longe de si a coisa (o princípio, a crença, a opinião, etc.), de que apostatou por uma outra coisa. – Renegar é ao mesmo tempo abjurar e apostatar "passando a ter ódio à coisa renegada". - Trair neste grupo aproxima-se muito de renegar: é "negar ou protestar com perfídia, faltando à fé jurada com os da grei". Pode-se renegar sem trair: e a inversa também é admissível, pois mesmo aquele que trai o seu Deus, o seu culto, a sua seita, a sua causa, nem sempre a renegará necessariamente. Quantos traidores ficam preferindo de coração, e até de consciência, a coisa traída. – Renunciar é aqui convizinho de apostatar; devendo subentender-se que aquele que renuncia abandona apenas a velha crença, causa, princípio, escola, etc., sem mágoa, sem ódio, ou sem intenções hostis a respeito da coisa renunciada; mas aquele que apostata é como o trânsfuga, que sai do seu grêmio, ou do seu partido e vai para outro. De um sujeito que tivesse deixado a sua religião, e ficasse sem nenhuma crença, isto é, um indiferente em matéria religiosa, ou um ateu – não se poderia dizer que apostatou: sim que renunciou. Um sujeito que se passasse para uma religião nova (ou para outro partido, ou escola filosófica) e fosse combater a antiga - esse, sim, é um apóstata, e dele se diz com toda propriedade que apostatou. - Abrenunciar é mais forte que renunciar. Este diz apenas, como vimos, "deixar de crer, de aceitar, de ter na conta em que se tinha"; abrenunciar significa "negar, detestar afastando com horror". Abrenuncia-se a vida

ímpia em que se andava, um erro sacrílego em que se vivia; abrenuncia-se o espírito do mal, o demônio. – Desprofessar é neologismo aproveitável e perfeitamente legítimo: diz, segundo a própria formação, "deixar de professar", isto é, de "dar testemunho, de reconhecer formalmente, de exercer em público. O sujeito que desprofessa o seu culto pode passar a crer só consigo mesmo o que já cria, deixando apenas de continuar a fazer confissão pública da sua crença. -Sobre converter-se (que se aproxima de abjurar), diz Bourguig.: "Converter-se marca simplesmente uma mudança que se operou nas crenças, na fé, e que leva a passar de uma religião reconhecida falsa para uma religião considerada verdadeira". Além disso, quando se emprega este termo, tem-se em vista a religião que se abraça, e não a que se deixa. Henrique IV converteu-se ao catolicismo.

46

ABLAÇÃO, amputação. – "Em linguagem cirúrgica" – diz Bruns. – "consiste a amputação em cortar um membro superior ou inferior: amputam-se os braços ou as pernas. A ablação consiste em extrair de qualquer parte do corpo uma parte mórbida: faz-se a ablação de um quisto".

47

ABNEGAÇÃO, desinteresse, desapego, desambição, desamor, desprendimento, altruísmo. — Quanto a abnegação e desinteresse escreve Bruns.: "Abnegação diz mais que desinteresse. O desinteresse cessa onde principia o interesse próprio; a abnegação não tem limites. Desinteresse diz-se do que é material: é desinteresse vender por baixo preço (com pequeno lucro); ceder um ganho lícito; renunciar a uma herança em favor de um parente pobre: é abnegação ceder o que nos é indispensável; interceder em favor de um inimigo; arriscar a saúde velando duran-

te noites consecutivas o amigo doente". – Desapego e desprendimento dizem quase a mesma coisa. Desapego, no entanto, parece mais forte; pelo menos quando é certo que a pessoa que se apega mostra mais vontade e esforço em *apegar-se* do que mostraria em prender-se ou deixar-se prender. Desapego não é, pois, senão a "facilidade, a decisão com que se renuncia a grandes bens, ou a coisas a que nos tínhamos afeiçoado". - Desprendimento é a "indiferença com que se vê um perigo; a coragem estouvada com que se afronta um mal; o pouco caso com que se vê passar uma felicidade a que se tinha direito". – **Desambição** e **desamor** não fazem mais do que marcar a perfeita antonímia em que ficam com os respetivos radicais. - Altruísmo é o nome moderno da velha virtude cristã do amor do próximo.

48

ABLUIR, purificar, lavar, apurar, limpar, mundificar (também mundar), expurgar, purgar, acrisolar, acendrar, desmacular. - Abluir diz aqui propriamente a ação de "fazer puro como as coisas sagradas". "Tais amarguras dir-se-ia que te abluem a alma". -Purificar (como purgar e expurgar) exprime a ideia geral de "fazer puro eliminando impurezas". Purifica-se o espírito, o coração, como se purifica o sangue, a água, o ar. Sobre estes três verbos escreve Bruns. muito judiciosamente: "Nestes entra o radical puro. Purificar é tornar puro; mas, além dessa ideia, nota-se no vocábulo ainda outra: a de uma causa que penetra no objeto impuro para o modificar e devolver-lhe a pureza primitiva. Purgar é tornar puro fazendo expelir o que há de impuro no que se purga. Expurgar é tornar completamente puro o que ainda não se havia purgado ou purificado de todo. Os ventos rijos purificam o ar. A fermentação purga o mosto. Não se implantam liberdades onde não se expurgam erros". -

Apurar diz também "fazer puro separando fezes, substâncias estranhas"; e sugere ainda a "ideia geral de desmisturar, deduzir, verificar o que há de essencial nalguma coisa: e nesta última acepção não se confunde com purificar. Tanto se apura como se purifica o açúcar; mas - "de um negócio, de uma discussão, de um esforço alguma coisa se apura, e não – purifica". E mesmo: "De uma certa quantidade de calda apura-se (não - purificase) tantos quilos de açúcar". – Acrisolar é "purificar como se apura em cadinho ou crisol". Quase que só se usa hoje em sentido figurado, tratando-se de qualidades morais, aptidões, etc. - Lavar é "limpar com água". "Lavam-se as mãos". "A chuva lava o ar". E em sentido translato também se usa: "Aqui (no Purgatório) – disse-me o patriarca – lavam-se almas". - Limpar é o mais genérico do grupo; é "fazer livre de impurezas, ou de coisas estranhas, mediante qualquer processo." Tanto se limpa com água, como com óleos, ou com preparações, ou com cinza, etc. Também é usado figuradamente, ou aplicando-se a coisas morais: "Limpamo--nos de culpa e pena". Limpe-se ele primeiro (ou lave-se) das acusações que lhe fazem". -Mundificar, ou mundar (de mundus = puro, limpo), segundo a própria etimologia, diz "fazer limpo, tornar puro". – Acendrar é "limpar e fazer brilhante como os metais polidos". Quase que só se usa no sentido figurado. – Desmacular é neologismo perfeitamente admissível, e diz, segundo a própria formação," tirar a mancha ou as manchas"; e figuradamente "tornar puro aquilo que se manchara. "Naquele horrível sacrifício a mísera se desmaculou do nefando pecado".

ABOLIR, extinguir, ab-rogar, derrogar, antiquar, suprimir, cassar, anular, revogar, invalidar, proscrever, infirmar. - Abolir significa "declarar não existente; desfeito,

apagado". Emprega-se tratando-se de leis, instituições, costumes, usos, impostos, etc. Dizemos: "A lei de I3 de maio aboliu a escravidão"; mas decerto que não diríamos: "A lei tal aboliu um cargo no ministério tal". Neste caso empregaríamos o verbo suprimiu. - Extinguir significa também abolir; mas em certos casos não se poderia empregar um pelo outro. Ninguém diria, por exemplo: "O decreto, ou a lei tal aboliu tal repartição", e sim: "... extinguiu...". Do mesmo, modo, não seria perfeitamente lídimo dizer: "Mais hoje, mais amanhã havia de extinguir-se a monarquia"; e sim: "... havia de abolir-se..." - Ab-rogar e derrogar confundem-se de ordinário, e com certa razão, pois que a diferença que se quer ver entre eles é quase convencional. O prefixo ab, quando muito, parece apenas mais ativo e mais forte do que o prefixo de. Por isso ab-rogar se diz em referência a uma lei ou a um decreto que a autoridade competente deixou sem efeito e substituiu por outro: derrogar deve aplicar-se menos a toda uma lei do que a uma ou algumas disposições dela. "A nova lei ab-rogou a lei tal; e desta mesma o art. tantos já foi derrogado por lei ulterior". - Revogar é quase sinônimo perfeito de derrogar: significa, porém, melhor do que este, a ação de declarar "não vigente", ou "sem valor"; enquanto que derrogar exprime com mais propriedade "deixar sem toda a força, atenuar ou diminuir a força de uma lei cortando-lhe uma parte". Na fórmula legislativa: "Revogam-se as disposições em contrário" não seria permitido empregar o verbo derrogam-se. – Antiquar é "deixar cair em desuso"; é "prescrever por falta de aplicação"; e tanto se emprega tratando de leis, como de instituições, costumes, fatos de linguagem, etc. – Suprimir é mais genérico e menos técnico que derrogar; mas significa também "eliminar, pôr de lado parte de alguma coisa"; e, portanto, tratando-se de

leis - "excluir, cortar alguma ou algumas partes delas; com esta diferença: é só uma nova disposição que derroga a outra; ao passo que para suprimir basta o ato supressório; isto é – não se faz indispensável que em lugar da disposição suprimida fique vigorando disposição nova. - Cassar é propriamente "declarar sem efeito o decreto que se tinha publicado, ou a resolução que se tomara, mas que não havia tido aplicação ainda, ou não tinha começado a produzir efeito". De uma lei não se diz cassada, mas ab-rogada. De um decreto que ontem ou há poucos dias se publicou e hoje se deixa sem efeito, não se dirá ab-rogado, senão cassado. - Anular diz propriamente "tornar nulo", isto é, "como se não existisse". Aplica-se em regra nos casos em que a lei, o decreto ou a sentença anulada, ou a anular, tinha algum senão, ou estava inquinada de algum vício, alguma coisa contra o direito. - Invalidar significa "tirar o valor"; e, portanto, é quase o mesmo que anular; com esta diferença: supõe--se sempre um ato de autoridade que anule: o que não se dá quando se trata de invalidar. Uma circunstância ignorada ou imprevista, ou uma infração essencial invalida um contrato; mas só o juiz competente pode anulá--lo". – Infirmar é "tirar a força, o vigor de uma lei, de uma sentença, de um princípio jurídico ou filosófico". É antônimo de confirmar. - Proscrever é "declarar excluído, cancelado por ato público"; e tanto se emprega tratando-se de leis, costumes, coisas, etc., como de pessoas.

ABONO, abonação, caução, penhor, hipoteca, fiança, garantia, sinal, arras, segurança. – Abono é o próprio ato de assumir alguém por um outro uma certa responsabilidade moral; - abonação é a ação de abonar, isto é, de dar segurança pelo caráter ou pelas aptidões de uma pessoa. "F. pediu-lhe abono; mas compreende-se que em casos tais não vale só a abonação de um parente". - Quanto a caução, penhor, hipoteca e fiança, escreve Roq.: "A primeira palavra é o gênero a que pertencem as outras como espécies, e significa qualquer meio de assegurar a outrem que havemos de cumprir nossos deveres ou os ajustes que com ele fizemos; por isso, em linguagem jurídica se dá à caução diferentes nomes, segundo as diferentes relações em que se a considera: pignoratícia, hipotecária, fideijussória, juratória, etc. - Penhor é o móvel que se obriga ou empenha ao credor para segurança de uma dívida. Hipoteca é a obrigação de bens de raiz por alguma dívida, e que dá direito ao credor de pagar-se por eles, se não se cumprem as condições do contrato. Pode ela ser consensual, judicial ou legal, segundo as disposições da lei. Fiança é a obrigação em que alguma pessoa se constitui voluntariamente de pagar por outra quando este o não faça, ou de cumprir seu dever no caso em que ele o não cumpra. A pessoa que a tal se obriga chama-se "fiador". - A garantia, segundo Bruns., pode ser direta ou indireta; isto é, dada pelo próprio interessado que se obriga, ou por um terceiro que responde pelo cumprimento da obrigação. "O preço de um objeto vendido sob garantia é devolvido ao comprador se, antes de terminar o prazo em que a garantia cessa, o objeto não corresponder às condições devidas: é a garantia direta". Se a garantia é feita por outra pessoa que não o próprio comprador, chama-se indireta. - Sinal é o dinheiro ou a coisa que o comprador ou um dos contratantes adianta como garantia do ajuste que há de fazer. - Arras, diz o mesmo quase que sinal, parecendo que a diferença consiste apenas em ser o primeiro "escrito e formal". - Segurança é propriamente "garantia moral"; e confunde-se com abonação.

ABORÍGENE, autóctone, indígena, originário, natural, nativo, íncola. - Aborígene e autóctone confundem-se de ordinário, e até estes dois com o terceiro do grupo. Mas a diferença entre eles marca-se bem neste exemplo: "O filho de europeu nascido no Brasil é indígena; mas decerto que não é aborígene senão o selvagem que aqui encontramos; e quanto ao autóctone desta parte da América nada sabemos até agora de positivo". Quer--se dizer, portanto, que indígena é o mesmo que natural, e significa "filho do país, ou nascido na própria terra onde vive". Apenas natural acrescenta à noção a ideia de incultura. – Originário = que "tem origem no próprio país, ou na própria raça". - Nativo = oriundo, próprio do país"; ou "que é próprio do lugar do nascimento (Aul.). - Aborígene é o povo que se considera como o primitivo num país, ou que foi o habitante mais antigo que nele se encontrou (de modo que pode ser até adventício no país onde foi encontrado): enquanto que autóctone deve ser o povo ou o indivíduo que apareceu, que se formou, que subiu, na escala antropológica, até a espécie humana – no próprio país onde se encontra. Só, portanto, no que, em linguagem científica, se chama centro de criação é que se encontraria o legítimo autóctone. "O ibero é o aborígene da Espanha; mas quanto ao autóctone da península nada sabemos; ou não se sabe se seria possível afirmar a autoctonia daquele que é o mais antigo habitador da península". – Íncola é o que "habita um país que não é o do seu nascimento".

52

ABORTAR, malograr-se, frustrar-se, gorar, falhar, fracassar. - Quanto aos quatro primeiros do grupo escreve Bruns.: "Abortar é não chegar a realizar-se por causa de um defeito intrínseco ou por uma força estranha o

impedir: aborta a conspiração malplaneada, e aquela de que o governo chega a ter conhecimento. Malograr-se é não vingar, não ter bom êxito devido a causas alheias: malogra--se uma viagem quando um acontecimento nos impede de partir, ou quando uma notícia nos obriga a retroceder depois de a ter principiado. Gorar é não ter bom resultado aquilo em que fundávamos boas esperanças: uma empresa, por muito útil que seja, há de gorar se o público se não capacitar da sua utilidade. Frustrar-se é não obter o resultado que até certo ponto se tinha o direito de esperar: um filho inteligente frustra as esperanças do pai quando abandona o estudo pelo vício. O pai dirá que as suas esperanças se frustraram". – Falhar é "não produzir o efeito desejado, não suceder como se esperava" (Aul.). Falham planos; falham esperanças; falham cálculos. – Fracassar é "falhar imprevistamente, frustrar-se de todo e produzindo sensação". Fracassam conspirações, como fracassam grandes negócios planeados.

ABRA, angra, golfo, enseada, recôncavo, lagamar, calheta, baía, esteiro, abrigada (abrigo). – Abra, segundo Bruns., é, "tanto na costa, como num rio, o lugar de bastante fundo que de qualquer modo está defendido do ímpeto das águas e dos ventos". - Angra é "um braço de mar, uma abra alongada pelo interior da terra". - Golfo é porção considerável de mar que entra muito pela terra, e "cuja abertura é ordinariamente bastante larga" (Aul.). – Enseada é "grande porção de água aberta, ampla e pacífica, mas que não penetra demais na costa". - Recôncavo é "pequena enseada e metida mais para os fundos de uma baía ou de um golfo". - Lagamar é "recôncavo mais vasto, onde as águas como que se espalham penetrando nas terras". – Calheta é um braço de mar ou de rio "apertado entre duas pontas de

terra". - Baía é "grande porção de mar que penetra na costa, entrando por boca estreita e alargando-se no interior". – Esteiro é um estreito braço de mar ou de rio que penetra nas terras, e que sendo pouco profundo só dá curso a pequenas embarcações. (É o que se chama no interior do Brasil igarapé. Também se chama furo ao pequeno canal que une duas porções de água maiores; isto é – o igarapé mais estreito ou menos franco à passagem de canoas). - Abrigada (ou abrigo) é "qualquer porção de mar manso (resguardado de certos ventos) onde os navios se podem refugiar contra tormentas".

ABRANDAR, moderar, suavizar, enternecer, adoçar, serenar, abonançar, apaziguar, acalmar, mitigar, amenizar, atenuar, temperar, adormentar, adormecer. - Abrandar, segundo o próprio radical, é "fazer brando", isto é, "diminuir a intensidade do que é demasiadamente ativo" (Bruns.). -Moderar é "diminuir movimento, reduzir força, conter em certos limites". - Suavizar é "fazer mais suave, tirar o que há de áspero, duro, forte, intenso nalguma coisa". Suaviza-se a voz, a dor, os sofrimentos morais. – Enternecer é tornar mais do que brando: é "fazer tenro, dócil, sensível, comovido". – Amenizar é fazer ameno, isto é, "fresco, suave, aprazível, delicioso... como as campinas florescidas..." - Atenuar é "fazer mais delicado, reduzir a menos, diminuir as proporções". – Temperar é "pôr em grau de força, de movimento, de intensidade conveniente". – Adormentar é diminuir ou "suspender momentaneamente o movimento, a ação, a sensibilidade – como que adormecer, que aliás é mais preciso e mais forte. – Adoçar diz propriamente "fazer doce" (como adocicar equivale a "tornar mais doce, meio doce"). – Serenar é "fazer sereno, moderar o ímpeto, aplacar pouco

a pouco". - Abonançar - "fora do sentido reto, que tem referindo-se ao tempo, ao mar, ao vento, etc., tem cabida ao falar das calamidades, dos infortúnios, considerados como tempestades da vida; a sua significação é a mesma nos dois sentidos: serenar, fazer cessar a tormenta" (Bruns.). Apaziguar diz propriamente "restabelecer a paz, harmonizar, pôr de acordo". - Acalmar, segundo Bruns., "é fazer diminuir a cólera, a agitação, a violência, a emoção, etc.; o verbo não encerra, porém, a ideia de ser a calma completa nem duradoura; antes, pelo contrário, deixa supor que a agitação, a violência, etc., podem recrudescer: "o vendaval que acalmara (que ficara menos forte) ao amanhecer, desencadeou-se depois com mais fúria". Dizer que a idade acalma as paixões não significa tanto como "a idade modera as paixões". Efetivamente, em moderar há significação reguladora, a moderação sendo constante: o que não se dá com **acalmar**. – Mitigar é moderar o rigor, a rudeza; e ajunta à noção de abrandar a ideia de "agradar, consolar". "Como esta música ou esta voz lhe mitiga tantas dores." "Não há nada capaz de mitigar-lhe aquela saudade".

55

ABRASADOR (ou abrasante), ardente, caloroso, cálido, quente, cáustico, queimante, queimoso, candente, comburente, carbonizante. - Abrasador (ou abrasante) significa propriamente "que reduz a brasas": no sentido figurado diz, portanto, "tão quente que parece queimar como o fogo". - Ardente, na acepção que tem aqui, está no mesmo caso de abrasante: vale por um superlativo de quente. – Caloroso define-se pelo próprio radical. Bruns. estabelece uma gradação ascendente no valor destes três adjetivos e dispostos nesta ordem: caloroso, ardente, abrasador. - Cálido e quente aproximam-se bastante; devendo notar-se o seguinte: cálido é o que tem naturalmente um alto grau de calor, o que de si mesmo é quente. Não se diria com propriedade, por exemplo: "a sopa está cálida". Nem deve este adjetivo ser usado, pois, com o verbo estar. Quente é o que "pode ter mais ou menos calor, ou cuja temperatura, determinada por ação estranha, pode aumentar ou diminuir". Emprega-se, no entanto, com o valor de cálido quando se diz: "clima quente", "que dias quentes". - Cáustico e queimante dizem quase a mesma coisa: apenas o primeiro aplica-se para significar coisa ou droga que "destrói o tecido orgânico como se fosse fogo"; e o segundo exprime propriamente "que queima", isto é, "que atua como o próprio fogo". - Queimoso é o mesmo, e apenas menos forte que queimante. - Candente se diz daquilo "que de tão quente parece ou branco ou vermelho". - Comburente quer dizer "que produz combustão, que faz arder, ou que abrasa". - Carbonizante significa propriamente "que reduz a carvão". Também se diz: "sol carbonizante", como "sol abrasador".

56

ABRASAR-SE6, arder, queimar-se, inincendiar-se, conflagrar-se, flamar-se, incinerar-se. - Sobre arder, inflamar-se, incendiar-se, abrasar-se e queimar-se, escreve Roq.: "Explicam estas palavras os diferentes graus pelos quais pode passar um corpo combustível desde o instante em que se lhe ateou fogo até que foi inteiramente consumido. Quando penetra o fogo num corpo combustível, e se manifesta à simples vista, dizemos que arde; quando se desenvolve a chama, inflama-se; quando levanta

6 🛰 Há uma certa diferença entre abrasar, abrasear e esbrasear. Abrasar significa "reduzir a brasas" (sentido natural); abrasear = "fazer da cor da brasa ou pôr em estado como de brasa"; esbrasear = "tornar quase como brasa, vermelho e crepitante como brasa".

labareda e se propaga com rapidez e fracasso, incendeia-se; quando o corpo que deu alimento ao fogo, apesar de compacto, está todo repassado dele e feito brasa, abrasa-se; e quando a força do fogo ou do incêndio devorou a matéria combustível e a reduziu a cinzas, queimou-se. Diferença-se, portanto, arder de inflamar em que o primeiro designa a ação ordinária pela qual o fogo se apodera dum corpo e o vai consumindo; e o segundo designa a força com que a superfície deste corpo arroja de si o fogo que a penetra, e aplica-se particularmente às matérias líquidas e resinosas, que por isso se chamam inflamáveis. O incêndio supõe um grande fogo que, despedindo chamas, se comunica aos corpos vizinhos, e tomando ala faz rápidos progressos. Pode abrasar-se um corpo sem formar labaredas: - tal é o ferro na frágua. Tanto pelo fogo ordinário, como pelo incêndio, se queimam os corpos quando, depois de consumido o que dava alimento ao fogo, restam somente os resíduos incombustíveis. - Os quatro primeiros termos tomam-se no sentido figurado, pouco mais ou menos com as mesmas diferenças". - Conflagrar é "pôr inteiramente em chamas, destruir completamente pelo fogo". Usa-se frequentemente no sentido translato, e por isso figura em outro grupo. - Incinerar diz propriamente "queimar até reduzir a cinzas".

57

ABREVIAR, encurtar, reduzir, restringir, diminuir. – Abreviar é "diminuir o tempo em que alguma coisa se há de fazer; é apressar, fazer menos demorado, reduzir um prazo, encaminhar com mais presteza uma solução". – Encurtar é "diminuir distância, extensão; colher o que é demais, fazer menor o que se supõe grande no comprimento". Abrevia-se um prazo, a decisão de um caso ou de um negócio; encurta-se um

caminho, uma corda, uma haste. – Reduzir significa neste grupo "fazer mais simples, diminuir em todas as dimensões, resumir"; aplicando-se tanto no sentido moral como no físico. Reduzem-se dificuldades de um negócio ou de uma campanha, como se reduzem aspirações. – Restringir é "tornar mais curto ou limitado como que apertando os extremos". "Vamos restringir todo o nosso esforço a nada arriscar em vão"... "Restrinja os seus gastos, e tudo irá melhor". - Diminuir, aqui, é o mais genérico do grupo, e diz propriamente "fazer menor". Diminui-se tanto prazo, caminho, dificuldades de vida, esforços, como trabalho mental, aspirações, ímpetos, e até saudades...

58

ABRIGO, refúgio, asilo, amparo, esconderijo, coito, guarida, homizio, valhacoito; resguardo, acolhida, acolhimento. - Sobre asilo e refúgio, escreve Alv. Pas. "Asilo é derivado do a privativo, e do verbo grego sylan, que significa "levar, roubar, tirar". Etimologicamente, e segundo o seu verdadeiro sentido, asilo quer dizer: "lugar de refúgio, de onde ninguém pode tirar os que se acolhem nele". Cadmo fez edificar um asilo para todo gênero de delinquentes; e antes disso, e ainda depois, houve asilos só para certos criminosos. Os descendentes de Hércules fundaram em Atenas outro asilo como o de Cadmo. Rômulo fundou também um asilo no bosque entre o Palatino e o Capitólio, do qual faz menção Virgílio nos seguintes versos:

Ilinc lucum ingentem, quem Romulus

[acer asylum]

Retulit, et gelida monstrat sub rupe

[lupercal.]

O asilo é, pois, uma proteção, uma defesa contra a força e perseguição; o **refúgio** é um recurso contra a indigência, a aflição etc.

O hospital é um refúgio para os pobres doentes; a igreja é um asilo para o criminoso. Busca a nau um refúgio em qualquer porto fugindo à tempestade que receia, e busca num porto amigo um asilo fugindo à força superior que a persegue. "Recolhida naquele soberano asilo, deu-se toda a Deus". (Cardoso) "Por isso Tertuliano chamou judiciosamente à sepultura asilo, e sagrado, da morte". (Vieira) - Abrigo é quase o mesmo que asilo; distinguindo-se apenas em não dar, como asilo, a ideia de segurança, de garantia por lei ou costume. "A casa de um antigo discípulo lhe serviu de abrigo no último período da vida" (Aul.). – Amparo significa o ato de acolher e sustentar ou apoiar, proteger de qualquer modo. "A eles (montes) se acolhem (os homens) como a castelos e lugares, em que têm amparo e defensão certa". (Dic. da Ac. – cit. Aul.) – Esconderijo é "lugar, sempre escuro, onde alguém procura abrigo fugindo às vistas de pessoas a quem tenha de dar contas de alguma coisa". - Coito (ou melhor, couto, do latim cautum) era a propriedade ou lugar "onde não podiam entrar as justiças de El--Rei", e onde, portanto, ficavam fora e livres dela, as pessoas que se recolhiam. O couto é, pois, o "lugar seguro onde alguém se oculta fugindo a perigo, ou a perseguição". - Guarida é propriamente a cova ou covil onde as feras se recolhem contra a chuva ou a tormenta. Emprega-se em sentido figurado para designar "abrigo ligeiro, fácil esconderijo, onde alguém se furta a olhares de estranhos". – Valhacoito é o "lugar seguro onde alguém se refugia e abriga contra o que teme ou procura evitar". "Os bandidos têm o seu valhacoito lá no fundo da floresta"... – **Homizio** é "valhacoito procurado por criminoso perseguido da justiça". "O assassino buscou ou teve homizio seguro no sertão, ou na casa de alguém". - Resguardo é "defesa, proteção momentânea contra

algum mal ou perigo iminente". "Debaixo da árvore encontrou resquardo contra o sol". "Perdido no campo, foi afinal ter na casinha do pobre fácil resquardo contra a tormenta". - Acolhida e acolhimento confundem-se muito, e hoje quase todos parece que preferem empregar acolhida, mesmo nos casos em que só caberia acolhimento. Chega-se a dizer: "A delegação de tal país teve boa acolhida na corte do imperador..." em vez de: "... teve bom acolhimento". E também: "Por mais pobre e humilde que fosse, a coitadinha dispensou o acolhimento que lhe quiseram fazer naquela casa"; em vez de: "... acolhida"... Até em mestres se encontra confusão, como se vê neste exemplo: "A religião oferecia-lhe seguro acolhimento das lutas mundanas"... em vez de: "... oferecia-lhe segura acolhida"... Acolhida é, pois, "o próprio ato de receber como quem protege e acarinha"; e acolhimento é "o modo como se recebe, hospeda e agasalha". "Tem boa acolhida em nossa casa um amigo que nos procura para pedir-nos um obséquio; tem o melhor ou o mais cordial acolhimento o parente que não víamos de muito e que chega de surpresa".

59

ABRIR, soabrir, entreabrir, descerrar, escancarar. – Dispostos em outra ordem (descerrar, soabrir, entreabrir, abrir, escancarar) marcam estes vocábulos uma perfeita gradação de sorites. - Descerrar é apenas "desunir o que estava unido ou cerrado". Descerra-se uma porta, ou uma cortina, se o afastamento que se operou no pano da cortina, ou na folha da porta, deixa passagem apenas a um raio de sol ou a uma réstia de luz. – Soabrir é "abrir muito pouco e instantaneamente". – Entreabrir é "abrir pouco e com cuidado, mas de modo a poder-se ver e falar para fora, ou de fora para dentro". Por uma janela soaberta mal se revezaria uma voz ou se distinguiria um vulto; por uma porta entreaberta um homem não passaria, mas veria distintamente quem estivesse dentro da casa. Abrir é "remover alguma coisa da abertura que está ocupando (fechando) de modo que deixe passar, por essa abertura desimpedida, alguma outra coisa". Abre-se uma janela para falar com alguém; abre-se uma porta para que alguém entre. Abre-se uma caixa, uma gaveta, um pacote de biscoitos. — Escancarar é abrir completamente, o mais possível, "de lés a lés". (Aul.) Abre-se a boca falando; escancara-se a gargalhar; entreabrem-se os lábios a sorrir; soabrem-se os lábios num ríctus imperceptível.

60

ABRIR, desunir, separar, desligar, soltar, desprender, desatar, desmembrar, afastar, apartar, distanciar, divorciar. – Abrir, aqui, é "afastar uma coisa da outra". Mesmo quando se abre um caminho não se faz outra coisa senão, eliminando os embaraços que se acharem entre uma e outra, separar uma da outra margem, ou um lado do caminho do outro lado; e é só neste sentido que se diz - "abrir caminho". Em referência a caminhos de ferro, por exemplo, já não se emprega o verbo abrir, porque em tal caso já não se trata só de "separar as margens". - Desunir é antônimo de unir, e significa, portanto, separar "o que estava unido, ligado, apertado". Tanto que não se diria, por exemplo: "desunir os bons dos maus"; "desunimo-nos ao chegar à vila"...; pois o verbo desunir só se deve aplicar quando se trata de coisas que tinham sido enlaçadas, associadas, ligadas intimamente. Desune-se um casal (separando um do outro esposo); desunem-se famílias que viviam em perfeita união; desunem-se mesmo povos que eram amigos; desunem-se, em geral, coisas que haviam sido incorporadas ou ajuntadas. - Separar diz propriamente "pôr, duas ou mais coisas, cada qual para o seu lado, ou no seu

lugar." Separa-se o trigo do joio; separam-se os bons dos maus; separa-se a Igreja do Estado: em regra, separa-se uma coisa da outra, ou as partes de uma coisa umas das outras, mesmo que nunca tivessem sido unidas. – Desligar é antônimo de ligar e diz, portanto, "separar o que estava ligado". - Soltar enuncia a ideia geral de "libertar coisas que estavam juntas ou presas umas a outras". -Desprender ainda exprime com mais força, e de modo mais preciso, a ideia de soltar. – Desatar é "deixar livre uma coisa que estava presa por nó". – Desmembrar é desunir ou "separar por membros", destruindo portanto a unidade ou o todo desmembrado. – Afastar é "pôr uma longe da outra as coisas que se desuniram ou separaram". – Apartar é "impedir que continuem, duas ou mais coisas ou pessoas, unidas". - Distanciar é "afastar muito as pessoas ou coisas que se separaram". - Divorciar é, tratando-se particularmente do vínculo conjugal, "desunir, separar por sentença, segundo a lei"; e na acepção lata é "separar definitivamente". "Nunca se divorciou da religião de seus pais"... "Fazem tudo por divorciar-me do meu partido". Divorciam-se colegas, amigos que se separam para sempre.

61

ABROLHOS, cachopos, escolhos, farelhões, recifes, baixos, baixios, alfaques, parcéis, restingas, sirtes, banco. — Todas estas palavras designam acidentes ou situações no mar (ou nos rios), quase sempre junto das costas, e que impedem ou dificultam a navegação. — Quanto às quatro primeiras do grupo, diz Roq. que "os autores as têm confundido, sendo elas distintas e indicando coisas diferentes. Cachopos são penhascos que saem fora d'água, e onde rebentam as ondas. Dizem os etimologistas que cachopos é corrupção de scopuli "rocha". Abrolhos é voz usada em sentido transla-

to para indicar aqueles cachopos que formam pontas como a planta chamada abrolhos ou estrepes. São menores que os cachopos. Escolhos são aqueles penhascos que estão debaixo d'água e não se descobrem bem: donde resulta serem mais perigosos que os cachopos... Farelhões são "escolhos pontiagudos, empinados acima d'água, uns contíguos à terra, outros formando ilhetas: e por sua grandeza, e pelo perigo que perto deles correm os navios, andam assinalados nas cartas marítimas". - Recifes (ou recife, e também arrecifes) designa "rochedo ou série de rochedos pouco destacados da água e perto da costa embaraçando a navegação". - Quanto às palavras que se seguem, até a penúltima, escreve Lac.: "Baixos é palavra genérica, e designa o fundo do mar onde há pouca altura, e por isso ali tocam os navios. Baixios (prolongamento de baixos) são bancos de areia em que, por falta de altura de água, não se pode navegar sem risco. – Alfaques, conforme a origem arábica, são baixios ou bancos de areia ou de pedra, mas com a circunstância de serem desiguais e muito fundos, no que se distinguem dos parcéis, que são baixos iguais, onde se corre, sem dúvida, risco por causa da pouca altura de água, mas pode navegar-se; e têm a circunstância de prolongar-se, às vezes, por espaço de muitas milhas. O alfaque é breve e fundo; mas o parcel tem pouca altura, por isso que se espraia largamente (chamando-se também por isso esparcelados). – Restingas são baixos de penhascos, ou de areia, cobertos de água, ou contíguos à costa. - Sirtes são baixos de areia movediça por entre penhascos, para onde a corrente arrasta as embarcações, e por isso perigosíssimos". - Banco é "cômoro ou elevação mais ou menos extensa de areia, de rocha ou de coral, onde não há fundo para navios de grande calado".

62

ABRUPTO, alcantilado, íngreme, empinado, escarpado, aprumado, ladeirento. -Abrupto difere de alcantilado e de íngreme em ajuntar à noção de "flanco a pique a ideia de áspero, escabroso". Alcantilada é, por exemplo, "a encosta nua de um monte que fica vertical, ou quase a prumo, e por onde não se poderia subir ou descer sem grande esforço ou sem artifício". – Íngreme é "menos inclinado, ou menos a pique do que alcantilado. Uma ladeira, um monte, mesmo muito ingreme, pode-se subir". - Empinado é o menos preciso destes cinco vocábulos; e tanto pode aplicar-se a um cume de monte como a uma encosta que seja tão íngreme que pareça levar como verticalmente ao pino do monte. - Escarpado diz "íngreme e difícil de subir". Mesmo de uma ladeira pode dizer-se escarpada, se é tal o declive que torne penosa a decida ou a ascensão. – Aprumado = "talhado a prumo", e de impossível ou muito difícil acesso. - Ladeirento = "disposto como em ladeiras, inclinado, quase empinado".

63

ABSCONSO, abscôndito, escondido, oculto, recôndito, retruso, secreto, clandestino, encoberto. - Absconso e abscôndito não são apenas, como parece, formas eruditas de **escondido**. Este diz precisamente "posto fora das vistas... de modo que não seja possível, ou pelo menos não seja fácil encontrar". Deve aplicar-se particularmente a coisas materiais; pois não seria próprio dizer: "os escondidos desígnios de Deus"; "as grandes verdades escondidas ao vulgo"; "a escondida intenção de levar-me à forca"... – mesmo porque escondido, ainda empregado como adjetivo, conserva alguma coisa da sua função de particípio. Mas absconso e abscôndito já não seriam aplicáveis propriamente senão em sentido moral ou abstrato. - Absconso

ajunta à significação de escondido, oculto, a ideia de concentrado e profundo; assim como abscôndito, além de oculto, diz ainda abstruso, misterioso. "Absconsos intentos da majestade em furor". "O abscôndito espírito de Deus era sentido ali no oceano"... - Recôndito e retruso aproximam-se. - Retruso diz "posto para o fundo, retraído às vistas, repulsado à força". - Recôndito exprime "escondido muito longe, retirado muito para a profundeza". "O mísero ali ficou, humilhado, retruso e hostil, num canto da sala; depois esgueirou-se para um ponto recôndito do parque, de onde pôde dar o bote certeiro"... "Lá esteve tímido e retruso, até que passasse o perigo". "Ficaremos para sempre no sertão, recônditos e humildes nesta miséria". -Oculto é simplesmente "furtado às vistas" de qualquer modo, e podendo aplicar-se tanto em sentido moral como físico. "O sol ficou oculto pela árvore ou pela nuvem; os ocultos desígnios da Providência; as intenções ocultas do mouro; os cabedais ocultos no seio da terra". - Secreto se diz do que fica mais que oculto, porque fica "como em segredo e reservado a alguns". "O trabalho secreto dos conspiradores; o secreto processo, ou a secreta vida das abelhas; as maravilhas secretas da natureza. Os avisos, as operações, os acordos secretos, dados ou feitos por um ministro". - Clandestino é "o que é secreto e contrário à lei". Quanto a estes dois vocábulos, escreve Roq.: "Uma coisa é secreta quando ninguém ou poucos a sabem ou conhecem; e é clandestina quando se faz às escondidas, faltando à lei, ou procurando violá-la sem que ninguém o conheça. Chamamos casamento secreto ao que, por qualquer motivo que nos é pessoal, não declaramos, nem confessamos, e ainda às vezes negamos; e chama-se clandestino quando o celebramos às escondidas sem observar as regras que prescrevem as leis canônicas. Secreta é uma junta quando secretamente se celebra, não obstante

ser permitida; e é clandestina quando se verifica clandestinamente contra o expresso mandado da lei. Disto resulta que nem tudo o que é secreto é clandestino; tudo, porém, que é clandestino vem a ser secreto: este é lícito; aquele, não". – Encoberto é o que ficou oculto, ou "a coisa que não podemos ver, devido à interposição de algum corpo opaco entre essa coisa e a nossa vista". Deve aplicar-se a coisas materiais; e em certos casos figuradamente. "O tempo, o sol, o céu, o horizonte está encoberto; deixaram-nos sempre cuidado-samente encoberto aquele intento".

64

ABSOLUTISMO, despotismo, autocracia, tirania, ditadura, caudilhismo, militarismo. – O absolutismo (diz Bruns.) "é a forma de governo monárquico em que o poder é exercido pelo soberano; esse poder é limitado por leis, chamadas leis do Estado, as quais velam pela vida, haveres e liberdade de todos os súbditos. O despotismo é o abuso do absolutismo; quer dizer, é o caso omisso que o monarca faz das leis que deve respeitar: quando o absolutismo oprime, persegue e atormenta, converte-se em despotismo. Com o absolutismo podem conciliar-se intenções retas e benéficas, virtudes eminentes; nada disso, porém, se estende ao despotismo. Também se dá o nome de despotismo à forma de governo em que o monarca não tem de obedecer a nenhuma lei; como, por exemplo, em Marrocos. O absolutismo é chamado autocracia ao falar-se da Rússia". – **Tirania** é palavra que tem hoje significação diferente da que teve em tempos idos. É agora tomada como enunciando a ideia de um excesso de poder político degenerando em dureza de mais rigor que o despotismo. "Nestes últimos tempos" – escreve Roq. - "tem-se dado tanto o nome de tirano como o de déspota ao rei absoluto, só porque governa como senhor absoluto,

o que é um grave erro, porque tão tirano e despótico pode ser o governo de um como o de muitos cônsules. A tirania e o despotismo não estão nas instituições, senão na aplicação delas; não na forma de governo, senão nos atos dos que governam. Para compreender, pois, com exatidão a diferença que existe entre as duas palavras, tirano e **déspota**, basta ter presente que **tirano** é aquele que oprime a outro, ainda quando seja seu igual na sociedade; e déspota, aquele em quem se reconhece um direito indisputável de mando, seja legal ou de força, e que, valendo-se do dito direito, obriga aos demais a fazer o que não devem contra toda a razão e justiça. Tirano por conseguinte é o opressor; déspota, não somente o opressor, senão o dominador". - Ditadura é um regimen excepcional que se caracteriza pela concentração de todos os poderes políticos do Estado nas mãos de um chefe. - Caudilhismo é adaptação do antigo espanhol (de capdillo "capitão") para significar o regimen político caracterizado pelo predomínio de chefes de bando em certos países da América. – Militarismo é o sistema em que o poder político é exercido por chefes militares; ou que se funda na supremacia da força armada.

65

ABSOLUTO, decisivo, definitivo, categórico, imperioso, imperativo, arrogante, irredutível, incondicional, inapelável, terminante, peremptório, cabal. – Sobre absoluto e imperioso, tomados num sentido restrito, escreve Bruns.: "Quem é absoluto quer ser obedecido; e quaisquer que sejam as observações que lhe façam, permanece inabalável nos seus propósitos; se aprovam ou não a sua conduta é, para o homem absoluto, ponto secundário: o que ele quer é a execução efetiva e completa do que decidiu. Quem é imperioso quer, sobretudo, que o não contradigam, nem lhe façam observações; pretende que ante ele se observe uma postura respeitosa, e que lhe deem provas de deferência e submissão; extremamente exigente neste ponto, pode não o ser tanto no que toca à execução efetiva das suas ordens". - Em sentido amplo, absoluto significa "fora de contraste; não sujeito a contrariedade, dúvida ou contestação; acima de contingências, ou acidentes ou mudanças imprevistas; livre de embaraços de qualquer natureza". Imperioso equivale a "que se impõe, que ordena, que exige com império". Entre imperioso e imperativo só existe a diferença marcada pelos respetivos sufixos. Quando se diz que uma pessoa, ou uma corporação, determina ou dispõe imperativamente, exprime-se que essa corporação ou pessoa tem competência e autoridade para dispor ou determinar; quando se diz que dispõe ou determina imperiosamente, quer-se dizer que ordena mais com arrogância do que com autoridade. Dizemos: "forma imperativa da lei, ou de tal artigo de uma lei; sentido imperativo de uma frase" (e não: imperioso). Sentimos bem nitidamente a distinção destas frases: "fez um gesto, ou tomara uma atitude imperativa" e: "fez um gesto, ou tomara uma atitude imperiosa". - Arrogante é o que se impõe "com soberba e altivez, como quem se presume forte e ufano da sua força". É mais do que imperioso, pois ajunta à significação deste vocábulo uma ideia de excesso de orgulho com que se manda, clama, quer, exige, etc. - Decisivo equivale a "que põe termo a toda dúvida; que é definitivo; que não admite réplica; ou que não muda de resolução". - Definitivo = "que explica, resolve, ordena de modo que não deixa lugar a dúvidas ou observações". "Opinião, parecer, atitude, intento, declaração definitiva". - Categórico diz o mesmo que "precisamente definido, positivo, claro"; que não deixa lugar a dúvidas". - Irredutível aproxima-se aqui de decisivo: diferençando-se deste em sugerir também a noção do grau de força ou de capacidade com que a coisa ou pessoa irredutível não altera o seu modo de ser ou de agir, não cede do que resolve, quer, pensa, etc. - Incondicional é "o que se não sujeita a condições, não se submete a continências, fica fora de hipóteses, acima de eventualidades". - Inapelável = "de que não há recurso, de que se não pode apelar". Despacho, decisão, juiz, tribunal inapelável. - Terminante diz propriamente "que põe fim"; "que não admite outra solução"; "imperativo". - Peremptório = "que completa e decide; não sujeito mais a dúvida ou a nova resolução" - Cabal = "pleno, terminante, acabado, completo".

ABSOLVER, perdoar, remitir, anistiar, indultar, agraciar, desculpar, escusar, tolerar, descriminar. - Quanto aos três primeiros destes vocábulos, escreve Bruns., de acordo com Roq.: "Absolver é desligar o culpado dos laços que o prendiam. Perdoar é esquecer uma ofensa, renunciando a qualquer desforra, ou a qualquer castigo. Remitir é desistir em todo, ou em parte, do que havia direito a exigir. Este verbo dá também a supor que a pessoa a quem se faz a remissão tem certas condições que a tornam credora desse beneficio. Absolvemos o acusado; perdoamos a pena; remitimos a dívida." Entre remitir e anistiar há esta diferença; remitir dá uma ideia de resgatar, ou de redimir; e tanto que, acerca de remissão, diz Alv. Pas.: "A remissão é concedida por quem cede dos direitos que lhe competiam acerca de alguma coisa; compete ao príncipe e ao magistrado, e suspende a execução da justiça". – Anistiar é adaptação moderna, direta do grego, e significa "esquecer, deixar como se não existisse, ou não tivesse sido perpetrado, o crime político". Remitem-se culpas,

dívidas, pecados; só o soberano ou o órgão legítimo da soberania nas repúblicas é que anistiam. - Indultar e agraciar dizem aqui mais particularmente "conceder perdão de crime de alta gravidade". Quem indulta ou agracia exerce função soberana, e dá prova mais de misericórdia que de justiça. - Desculpar diz propriamente "relevar a culpa, ou a falta cometida". – Escusar e tolerar sugerem a ideia de "deixar que passe a falta sem puni-la". Tanto quem escusa como quem tolera supõe-se que tem alguma superioridade sobre aquele a quem aproveita a escusa ou a tolerância. – Descriminar equivale precisamente a "absolver de crime".

67

ÁBSONO, dissonante, malsoante, desentoado, destoante, discordante, desarmônico, discrepante, desafinado, destemperado, desarmonioso. – Ábsono diz propriamente "que discrepa, que se afasta de outro som, ou do som conveniente". Confunde-se, portanto, com outros do grupo: dissonante, destoante, discordante, discrepante; convindo notar o seguinte: dissonante diz apenas "que não está de acordo com o som que se quer, ou que era preciso seguir"; destoante é o que não condiz com o "tom próprio, ou com a regra estabelecida ou vigente"; - discordante é "o que se não põe ou não está fiel ao acorde, ou não faz acorde com outro som"; - discrepante é, do grupo, o mais próximo de ábsono: exprime não só destoante, discordante, mas sugere ainda a "ideia de muito afastamento do som que convém ou da harmonia dominante". - Malsoante diz propriamente "que soa mal". - Desentoado é o que está "fora do tom próprio, ou que não se associa a outro som para formar harmonia"; é convizinho, portanto, de desarmônico, desafinado, destemperado. – Desarmônico é o mais geral: exprime "que não faz harmonia ou acorde, que não está

igual ao som dominante". Um som, ou uma voz pode ser desarmônica sem ser propriamente desarmoniosa. No meio de um tumulto a palavra ponderada é desarmônica (isto é, não afina pela desordem que aí reina). - Desafinado exprime "que não está no tom próprio, que não se afina convenientemente". – **Destemperado** é o que desafina de todo, ou que está completamente fora do tom: é mais que desafinado. O instrumento, ou a voz desafinada não faz harmonia perfeita; a voz, ou o instrumento destemperado desordena de todo a harmonia. – Desarmonioso é o mais geral e absoluto do grupo: não precisa, em regra, de adjunto completivo: enuncia "que não faz acorde, que não tem harmonia, que é desordenado em si mesmo e fora de toda conveniência".

68

ABSORVER, sorver, sugar, chupar, chuchar, tragar, consumir, consumar, devorar, beber, aspirar, deglutir, engolir, comer. - Absorver designa a ação de "consumir pouco a pouco, destacando porções". - Sorver diz também "beber aos sorvos" (Aul.); mas não marca a ideia de desligar de todo as partes que vão sendo sorvidas. E tanto que dizemos: "o mar sorveu o frágil batel" (não - absorveu, porque em absorver há, enunciada pelo prefixo ab, ideia de esforço para consumir separando por partes a coisa a absorver). – Entre **engolir** e deglutir pode notar-se diferença análoga. – Engolir exprime simplesmente a ação de "levar ao estômago", ou de "deixar que vá ao estômago, ou ao fundo"; deglutir marca, além disso, a ideia do esforço com que se engole. Diremos que "o oceano engole (e não – deglute) a embarcação". É, por outro lado, muito mais próprio dizer-se: "O doente não tem mais forças nem para deglutir alimento sólido, mal engole caldos". - Chupar = "sorver, atrair líquido quase sempre

com esforço". O morcego chupa o sangue aos outros animais. A esponja chupa a água. A abelha chupa o mel. – Sugar é equivalente de chupar. Distingue-se deste por incluir, e rigorosamente, a ideia de esforço, o que nem sempre se dá em relação a chupar, pois não se supõe que a esponja faça esforço em chupar a água. - Chuchar parece a alguns uma simples forma popular de chupar; mas outros o derivam (como Aul.) do latim sugere, que significa igualmente chupar. Beber é "engolir líquidos". Nos tempos coloniais dizia-se no Brasil "beber fumo", por tragar ou aspirar. - Aspirar é "atrair aos pulmões, pelo nariz ou pela boca, o ar, o fumo, etc." Só se aspira matéria gasosa. -Tragar é "beber aos tragos e tomando bem o sabor; engolir sofregamente, sem mastigar". - Consumir acrescenta à noção de absorver a ideia de "extinguir lentamente, fazer que desapareça". Sobre consumir e consumar diz Bourguig: "Consumar e consumir, cujo sentido próprio é acabar, tomaram-se outrora indiferentemente um pelo outro, ainda que o primeiro designe antes a ação de completar, de perfazer, e o segundo a de destruir, de gastar (user). Assim consuma-se um ato, consome-se uma certa matéria". Laf. julga os dois verbos como quase perfeitos equivalentes, não sendo fácil, com a significação que têm aqui, distingui-los precisamente. "A ação de consumar - diz ele - não destrói em vão como a de consumir. A consumação serve para a reprodução. 'No mar quase toda consumação se faz em proveito da reprodução' (Buff.). A consumpção não serve para nada, e até muitas vezes não faz senão causar prejuízo. -" Devorar é "tragar, consumir com avidez, rapidamente". - Comer é quase o mesmo que consumir; enuncia a ação de "mastigar e engolir". – Sobre devorar, tragar e comer escreve Roq.: "Comer vem de comedo, latino, e significa mastigar e engolir alimentos para sustentar-se; tragar vem de trogo, grego $(\tau\rho\acute{\omega}\gamma\omega)$ e significa engolir sem mastigar; e devorar, de devoro, latino, significa comer ou tragar com voracidade ou sofreguidão".

ABSORTO, pensativo, enlevado, extasiado, admirado, assombrado, maravilhado, abismado, distraído, abstraído (abstrato); abstração, distração, embebido, arroubado, arrebatado, contemplativo, meditativo, meditabundo, impressionado, apreensivo, preocupado, estático, extático, estatelado. - Absorto exprime: como que "fora da consciência, e numa concentração de todo o espírito num assunto". - Pensativo está ou fica por momentos quem "pensa ou parece pensar só nalguma coisa". - Meditativo e meditabundo parece que têm a mesma significação, e no entanto diferençam-se assim: meditativo quer dizer – "dado, propenso a refletir, meditar em graves coisas"; meditabundo diz mais "pensativo e triste", que ama o afastamento, que está "solitário, silencioso e melancólico". – Sobre enlevado, embebido e arrebatado escreve Alv. Pas.: "Arrebatado usa-se não poucas vezes para se exprimir um deleite mental ou corpóreo, tão intenso que chega como a alienar-nos. "Eis que no meio da Missa fica subitamente arrebatado". (Souza.) "Saiam como fora de si, e arrebatados em Deus". (Feo.) - Enlevado exprime a nímia confiança que se põe num parecer, nas qualidades ou promessas de qualquer pessoa, a ponto de ficar como maravilhado da vista dessa pessoa, ou da contemplação de suas qualidades.

E casar-se com ela, d'enlevado, Num falso parecer mal entendido. (Cam. Lus. c. III)

- Embebido significa, ao pé da letra, metido nos poros: a esponja embebe-se do líquido; "tinha embebido em si a doutrina do Apóstolo" (Feo); mas no sentido em que aqui se toma quer dizer - profundamente atento.

Da boca do facundo capitão Pendendo estavam todos embebidos...

(Cam. Lus. c. V)

Homem arrebatado em Deus; amante enlevado num falso parecer; ouvintes embebidos etc. – Arroubado significa "arrebatado de altas emoções ou de sublimes pensamentos". – Extasiado "o mesmo que absorto e em pasmo", arrebatado "de grande admiração e como em esquecimento de si próprio". - Extático diz "absorto, enlevado em êxtase". (Aul.) - Estático e estatelado, se só os olhos pudessem julgar, diriam exatamente o mesmo que extático e extasiado. Estático exprime "parado, imóvel como estátua, insensível a tudo que está em torno". Estatelado acrescenta a estático uma ideia de esvaimento, delíquio ou inanição. - Impressionado diz propriamente "sob a tortura de impressão de dor, de desconfiança, de medo, etc."... – Preocupado ajunta à noção de impressionado a ideia de "pungido de cuidados". - Apreensivo significa "tomado de cismas, de pressentimentos, de suspeitas"... – Sobre admirado, assombrado e abismado escreve Bruns.: "Admirado, o mais usual destes termos, é o de menor significação; ficamos admirados ao ver o que não esperávamos." Assombrado é "muito admirado", dando porém a entender que a causa desse estado é algo que impõe medo, respeito etc. - Abismado diz mais que assombrado, pois nos representa como "caídos em abismo de que não se sai". - Maravilhado diz mais que os três precedentes: ajunta-lhes a ideia de "grande surpresa e admiração que nos abalam e deixam em pasmo". - Contemplativo é "absorto em coisas místicas"; que vive ou está "como se tivesse a alma toda voltada para fora do mundo sensível, e

pela visão interior vendo o que os olhos não têm a faculdade de ver". – Sobre distraído, abstraído e abstrato; abstração e distração vejamos Roq.: "A palavra abstração vem da latina abstrahere, que significa - separar ou arrancar uma coisa do lugar em que está ou supomos estar; corresponde à linguagem metafísica, e designa a operação do entendimento por meio da qual desunimos coisas que na realidade são inseparáveis, para podê-las considerar cada uma em particular sem dependência nem relação com as demais, fixando-nos nela com exclusão de todas as outras. Uma imaginação abstraída só à sua própria ideia atende como se não houvesse outras. No cabedal das línguas cultas ocupam um lugar muito importante as palavras que representam ideias abstratas, e sendo estas o objeto das ciências mais elevadas, como a matemática, a metafísica, e a filosofia, chamam tanto a atenção dos que as estudam que, abstraídos nelas, são indiferentes e como insensíveis aos objetos exteriores. – Abstração é, pois, uma como alheação do homem concentrado naquele objeto interior que o tira como de si mesmo. A palavra abstrato usa-se quando a aplicamos às coisas, e abstraído quando a referimos às pessoas. Falamos em abstrato quando o fazemos com separação de qualquer coisa; e dizemos abstrair-se quando nos alheamos dos objetos sensíveis para nos entregarmos aos intelectuais. O homem que se aparta do trato e comunicação das gentes, ocupando--se, por assim dizer, em conversação consigo mesmo, e na consideração de suas abstrações, merece o nome de abstraído. Querem alguns que distração seja diversão do pensamento de todo objeto exterior para atender aos interiores; de cuja definição resultará que haja pouca diferença entre as duas palavras, servindo-se de uma por outra, e comumente de distraído por abstraído. Diz-se de um homem que está distraído no jogo em amores,

em vícios, por concentrar-se, e, por assim dizê-lo, abstrair-se nisto, distraindo-se de suas obrigações. Em nosso entender, porém, há verdadeira e notável distinção entre as duas palavras; pois a abstração se exerce de fora para dentro, e a distração, ao contrário, de dentro para fora. Uma palavra casual nos leva insensivelmente de um objeto exterior a outro interior abstraindo-nos inteiramente daquele; mas quando, achando-nos no mais profundo desta abstração, nos fere repentinamente os sentidos qualquer objeto exterior, distrai-nos. Se estamos engolfados em nosso estudo solitário, e de repente entra uma pessoa, ou se faz um ruído forte, diremos que nos distraiu, e não que nos abstraiu. Enfim, olhamos a abstração como uma coisa habitual, como uma ocupação contínua, como o resultado de um caráter particular, e assim dizemos: Este homem está sempre abstraído em seus estudos ou meditações. A distração é momentânea e como passageira, separando--nos da abstração, a que procuramos voltar bem depressa". - Sobre abstraído e distraído lê-se em Laf.: "Abstraído, abstractus "tirado, atraído para longe de"; distraído, distractus "atraído de um lado e de outro, de diversos lados ou para diversos lados". O espírito do abstraído está longe do que vós lhe dizeis, daquilo de que se trata; o espírito do distraído é instável, dissipado, evaporado, incapaz de aplicar-se ao que quer que seja; ele deixa vagar seus pensamentos, segundo a expressão de Bossuet; ele está à mercê de todas as impressões. A causa das abstrações é antes interior; a da distração é exterior". Alv. Pas. escreve magistralmente: "Encerra-se nestas duas palavras a ideia comum de falta de atenção; mas com esta diferença: que são as ideias próprias, o pensamento do indivíduo, que o fazem abstraído, ocupando-se ele tão fortemente com estas ideias interiores que só atende às coisas que elas representam; e é um novo objeto exterior que faz o

homem distraído, e atrai a sua atenção, que a desvia do objeto a que ele a tinha aplicado. Ficamos abstraídos quando não pensamos em nenhum objeto presente; quando, recolhidos conosco, nos entretemos com o nosso próprio cogitar; quando estamos numa parte e o pensamento noutra. "A força da oração o abstraiu deste desterro". (Cardoso) Ficamos distraídos quando, estando a contemplar um objeto, mudamos a atenção para outro diverso; quando, estando a ouvir um discurso que se nos dirige, escutamos outro diferente; quando, dados a nossas ocupações, atendemos a festins etc. Uma pessoa abstraída tem o espírito muitas vezes a grandes distâncias: ora está em Lisboa em frente da estátua equestre; ouvindo tal orador no palácio das Cortes; admirando as belezas da Ajuda, ou as antiguidades de S. Vicente de Fora; ora está em Roma no meio da praça de S. Pedro. É difícil que não fiquemos distraídos quando, escutando um discurso enfadonho, ouvimos do lado uma coisa interessante. As abstrações são mais próprias dos homens dados a meditações, a estudos profundos. "Devem guardar o coração desempenhado, abstraído, silencioso e solitário para o comércio divino". (Bern.) As distrações pertencem mais aos espíritos levianos e às crianças que se distraem com lindos nadas. "Os abstraídos meditam muito e falam pouco; e os distraídos meditam pouco, e falam muito, e perdem o fruto das conversações".

70

ABSTER-SE, privar-se; abstinência, privação. — Escreve Roq.: Abster-se exprime a ação sem referi-la ao sentimento que pode acompanhá-la; privar-se supõe apego à coisa, e pena de não poder gozar dela. Fácil nos é abster-nos do que não conhecemos nem amamos, nem desejamos, ou que nos é indiferente; com dificuldade, porém, nos privamos das coisas que conhecemos, que nos agradam, de

que gozamos ou queremos gozar. Podendo o bêbado beber, caso raro é que se prive de vinho; porém o homem de razão abstém-se dele quando sabe que lhe é nocivo. — Vemos que abstinência supõe que podemos gozar de uma coisa, mas que por certas razões dela nos abstemos, e assim se entende ser voluntária. A privação é de ordinário forçada, pois temos desgosto e ainda pena de nos vermos privados daquilo que muito desejamos lograr. Para o que prefere sua saúde aos prazeres, a abstinência não é na realidade privação; mas para o que prefere os prazeres à saúde, a abstinência é também privação.

71

ABSTERSO, terso, polido, brilhante, alvo, cândido, branco, limpo, límpido, lustroso, fúlgido, fulgente, refulgente, brunido, luzido, luzidio, luzente, reluzente, lúcido, nítido, nitente. - Absterso é como um redobramento de terso; e este significa "livre de manchas, polido e lustroso". Tanto se aplica em sentido natural como em translato. Dizemos: "O aço já terso da ferrugem" (Fil. Elys. cit. Aul.); como dizemos: "Linguagem tersa; estilo absterso e brilhante". – Polido e brunido aproximam-se; mas, brunido se aplica mais propriamente ao brilho que se dá aos metais; polido se diz de tudo a que se deu polimento, isto é, nitidez e brilho, sem ser pelo brunidor. - Brilhante exprime "muito polido e luzente: que tem grande brilho". - Fúlgido é o "que fulge de si mesmo"; fulgente é o "que está fulgindo ou sendo brilhante no momento". Refulgente é um reforço de fulgente. - Alvo e branco se confundem; mas a distinção entre os dois consiste em que alvo ajunta à noção de branco a ideia de puro, delicado, imaculado. - Cândido, ainda melhor que alvo, acrescenta à ideia de alvura a de pureza e imaculidade, e tanto na acepção moral como na física. Cândidas al-

mas de crianças. Cândido livro. - Limpo diz - "livre de impurezas": é o mais genérico do grupo. - Límpido acrescenta à ideia de terso e puro a de lustroso, diáfano, brilhante. – Lustroso confunde-se com brilhante; mas, não só este é mais intenso e complexo, como lustroso restringe ao que se lustrou ou poliu a qualidade que enuncia. Não seria próprio dizer, portanto: "lustrosa estrela". -Luzido, luzente, reluzente, luzidio, lúcido confundem-se muito. É preciso notar-lhes, no entanto, alguma diferença marcada pelos respetivos sufixos. Luzido acrescenta à noção de polido, lustroso, cheio de luz, a ideia de esbelto, pomposo; luzente quer dizer - "que espalha luz em torno"; reluzente é forma redobrada de luzente; luzidio diz propriamente – "que é semelhante ao que brilha", que despede luz um tanto indecisa, ou instantânea e fugaz; lúcido é o mais forte da secção: diz - "claro, diáfano, brilhante como a própria luz". Dizemos com propriedade: *luzidos* batalhões; abóbada ou esfera luzente; olhos reluzentes de cólera; um ponto luzidio no escuro da floresta; a lúcida visão do gênio. – Nítido ajunta à noção de limpo, discriminado, terso, a ideia de brilhante; nitente diz, além de limpo - "correto, airoso, vistoso". Exemplos: "Nítidas frontes fulgem do meio da turba"; "Nitentes florações nos trouxe a primavera".

72

ABSTINENTE, abstêmio, frugal, sóbrio, abstido, continente, temperante, temperado, moderado, parco, comedido. - Abstinente é aquele que se abstém de alguma coisa por necessidade de consciência ou por sentimento de dever. – Abstêmio é o que se abstém de excessos na mesa, principalmente quanto a bebidas que embriagam. - Frugal é propriamente o que se nutre "só de frutas", e por extensão "o que se satisfaz com pequena quantidade de alimento". – Sóbrio é "o que só toma o alimento indispensável, e em sentido geral, o que se mostra moderado em todas as funções, e no uso dos bens da vida". – Abstido é quase o mesmo que abstinente; convindo notar-se que abstido deve aplicar-se ao que, "no momento", se abstém de alguma coisa: não designa, portanto, propriamente uma qualidade (como se dá com abstinente) mas um estado. -Continente designa "o que tem a virtude de sofrear os impulsos, as inclinações da própria natureza". Num sentido mais restrito embora, está temperante no mesmo caso: significa "moderado nos apetites, particularmente no comer e no beber". - Moderado e comedido muito se aproximam. O primeiro, no entanto, designa "uma qualidade mais forte e que parece depender de mais esforço e energia moral". - Comedido significa "que sabe regular, medir as suas palavras e ações de um modo conveniente". (Aul.) - Parco diz mais que sóbrio: é aplicável ao que é "pouco abundante, reduzido, pequeno, curto, quase tacanho e avaro".

ABSTRATO, abstruso. – Segundo Roq., uma coisa abstrata é difícil de entender porque dista muito das ideias sensíveis e comuns. Uma coisa abstrusa é difícil de compreender, porque depende de um encadeamento de raciocínios, cuja relação não é possível descobrir nem seguir, e muito menos a totalidade que deles resulta, apesar do esforço extraordinário que nossa inteligência faça para consegui-lo. Um tratado sobre o entendimento humano precisamente deve ser abstrato; e abstrusa dizemos que é a ciência da geometria transcendental. Tudo que é abstruso é abstrato, mas nem tudo que é abstrato é abstruso.

74

ABUNDÂNCIA, fartura, riqueza, opulência. - Abundância (do latim abundantia, f. de abundare, f. de ab + undo, are) diz propriamente "em quantidade tão grande que satisfaz plenamente ao que se deseja". – Fartura diz mais que abundância: significa "em quantidade tal que já excede ao que é suficiente". – Riqueza é, como diz Roq., "a superabundância de bens da fortuna e de coisas preciosas". – Opulência é a "riqueza com aparato e ostentação". – Quem vive na abundância não precisa de mais nada para viver. Quem vive na fartura tem mais do que lhe é necessário. Quem viveu sempre na riqueza "não sabe o que é ser pobre"... Quem vive na opulência goza com ufania da sua riqueza.

75

ABUSÃO, patranha, peta, crendice, superstição, prejuízo, preconceito, prevenção, preocupação, fanatismo. - Todas estas palavras indicam ou sugerem defeito de consciência, impedindo de julgar samente. - Abusão é "falsa história, ou caso fictício com que se engana, ou de que alguém se persuade por ingenuidade, ou por índole supersticiosa". - Patranha diz - "grande tolice, ou conto mentiroso com pretensões a coisa séria e verdadeira, e que só aceitam os néscios". Aproxima-se-lhe peta; convindo não esquecer que patranha parece significar que as mentiras ou as tolices se referem a assuntos de religião; e que é, portanto, um gênero de petas. - Crendice é, conforme define Aul., crença popular sem fundamento, e absurda e ridícula. – Superstição – diz Bruns. de perfeito acordo com Aul. - "é sentimento de veneração religiosa fundado no temor ou na ignorância, e que conduz geralmente ao cumprimento de falsos ou supostos deveres, à cega confiança em coisas ineficazes". Propriamente, superstição (superstitio, de superstare) é uma depravação do senso religioso, um excesso de credulidade que turva a consciência ou faz calar a razão; e pode estender-se mesmo a coisas que não sejam religiosas. Dizemos: a superstição da honra, do destino, da verdade, do dinheiro, etc. - Prejuízo diz propriamente "juízo antecipado, opinião que se tem de uma coisa antes de examiná-la diretamente, ou sem conhecê-la, e que portanto nos impede de julgá-la de consciência". Confunde-se com preconceito; mas este supõe que o nosso espírito "foi induzido a deixar-se dominar" da falsa noção que nos impede de julgar livremente. O prejuízo parece mais um temor supersticioso, um respeito cego a coisas vãs; o preconceito parece mais a "suposta certeza", a convicção assentada, de que não saímos como por um capricho do nosso amor próprio. Podemos admitir ainda o preconceito da honra: não o prejuízo. – Acerca de preocupação e prevenção diz Roq.: "Estes dois termos exprimem uma disposição interior oposta ao conhecimento da consciência, e que impede o ânimo de adquirir os conhecimentos necessários para julgar das coisas retamente; com a diferença que a preocupação reside particularmente no entendimento, e o faz cego; e a prevenção tem seu principal assento na vontade, e a faz injusta. A preocupação é o estado do ânimo de tal modo cheio e possuído de certas ideias, que não pode ouvir nem conceber outras contrárias. A prevenção é uma disposição antecipada da alma que a faz inclinar-se a julgar mais ou menos favorável ou desfavoravelmente de um objeto. A preocupação tira a liberdade do ânimo; absorve-o. A prevenção tira a imparcialidade do juízo; induz em erro. A preocupação nasce de alguma impressão viva e profunda que enche de seu objeto a capacidade do ânimo, e cativa o pensamento. A prevenção nasce de certas relações ou informações que nos deram, de um objeto, as quais, interessando--nos a respeito desse objeto, não permitem à nossa alma o conservar seu equilíbrio e sua indiferença. As preocupações não são boas

para coisa nenhuma: devem combater-se como inimigas da verdade. Há prevenções justas e razoáveis: é mister examiná-las, porque podem prevenir-nos contra o engano". - Fanatismo, segundo o mesmo Roq., "é um zelo cego e apaixonado, que nasce das opiniões supersticiosas, e faz cometer ações ridículas, injustas e cruéis, não somente sem vergonha e sem consciência, senão também com uma espécie de alegria e consolação, como se o que as faz houvera recebido alguma missão de Deus".

ACABAR, concluir, cessar, descontinuar, interromper, suspender, finalizar, findar, ultimar, terminar, rematar, fechar, intermitir, parar. - Segundo Roq., "acabar representa a ação de chegar ao termo ou fim de uma operação; concluir representa a ação no deixar a coisa completa. Hoje se acaba minha fadiga. Ontem se concluiu o negócio. Como as ações destes dois verbos são em geral inseparáveis, é pouco perceptível sua diferença; para distingui-la, porém, basta buscá-la num exemplo, no qual o que se acaba seja precisamente a ação de outro verbo: Amanhã acabarei de escrever; não acaba de chegar; ao meio-dia acabou de correr; acaba de sair, de chegar, de entrar, etc. Em nenhum destes exemplos se pode usar sem impropriedade do verbo concluir, porque não se trata diretamente de uma coisa finalizada e completa por meio da conclusão, senão puramente de uma ação que cessa, do termo e fim a que chega, não a coisa concluída, mas a operação com que se conclui". - "Cessar diz ainda Roq. – é um termo geral, que a toda suspensão de trabalho ou ação pode aplicar-se, sem indicar diferença alguma. Cessa-se por um instante, por muito tempo, para sempre. – Descontinuar é suspender o trabalho, ainda que não seja por muito tempo; é romper a continuação ou seguida

do fato com o que fica por fazer". - Acabar e findar têm muito íntima conexão; devendo notar-se, no entanto, que findar enuncia simples fato em muitos casos em que acabar enuncia ação. Findar é "ter fim"; acabar é, além de "ter fim" – chegar, levar ao fim (ao cabo); e é nesta última acepção, que se distingue de findar. "Acabamos a nossa tarefa" (e não - findamos). Segue-se que em todos os casos em que se aplica findar pode aplicar-se acabar; mas a inversa não seria exata. - Entre findar e finalizar dáse uma diferença análoga. Finalizar enuncia ação, esforço "para chegar ao fim". "Findou o sofrimento da triste criatura" (e não - finalizou), "Finalizamos o trabalho com muita fortuna" (e não - findamos). - Finalizar, ultimar, terminar, rematar, fechar podem confundir-se. Quem diz ultimar indica a ação de "chegar ao termo de uma coisa deixando supor que se havia começado e que se vai ou pode dar princípio a outra; e, portanto, como que estabelecendo uma certa relação de ordem ou de seguimento entre a coisa que se ultima, o princípio que teve essa coisa, e às vezes alguma outra coisa que se lhe pode seguir". Dizemos rematar quando queremos exprimir que se "pôs fim ou conclusão a uma coisa com um sinal próprio ou de um modo completo". Um exemplo: "Quando ouvimos aquela apóstrofe vibrante supusemos que o orador ia ultimar as graves acusações; mas ele continuou no mesmo tom veemente; e parecia terminar ou concluir já mais calmo, quando a um aparte do ministro, rematou a tremenda objurgatória com uma invetiva ultrajante". - Rematar, portanto, e fechar, neste caso, seriam sinônimos perfeitos se não fosse a nuança assinalada na predicação daquele primeiro verbo: o que se fecha fica "resolvido definitivamente, concluído, ultimado": o que se remata "tem termo preciso, formal, bem marcado, e até pode ser que solene". - Terminar é "ir ao termo,

levar ao termo, ter fim, chegar ao limite". - Interromper e suspender, como descontinuar, enunciam ação de "cessar, ou deixar de exercer por algum tempo função própria ou alheia". Descontinua-se quando "se deixa de prosseguir aquilo que é contínuo ou sucessivo"; interrompe-se alguma coisa quando "se lhe corta ou suspende bruscamente a ação ou o modo de ser"; suspende-se alguma coisa quando "se a interrompe por algum tempo e a deixa pendente". - Intermitir é "suspender ou interromper de momento a momento, cessar de agir, de atuar, ou de se fazer sentir por intervalos". - Parar significa "cessar, acabar, tratando-se de movimento ou de função". "Para o relógio quando se lhe acaba a corda". "Intermite-se a aplicação de um medicamento quando sobrevêm acessos do mal que se combate".

77

ACABAR, perecer, falecer, morrer, fenecer, finar-se, extinguir-se, expirar. - Todos estes verbos significam "chegar ao fim", quer se trate de duração ou de espaço. – "Acabar - escreve Roq. - significa chegar ao cabo ou fim de uma operação sem indicar a conclusão, e de um modo mui genérico. - Fenecer é chegar ao fim do prazo ou extensão própria da coisa que fenece. - Perecer é chegar ao fim da existência, cessar de todo, e às vezes por desastre ou infortúnio. - Finar--se exprime propriamente o acabamento progressivo do ser vivente. - Falecer é fazer falta acabando. – Morrer é acabar de viver, perder a vida. Depressa se acaba o dinheiro a quem gasta perdulariamente. Muitas vezes se acaba a vida antes que tenhamos acabado a mocidade. Fenecem as serras nas planícies, e às vezes no mar. - Fenece a vida do homem muitas vezes quando ele menos o espera. Perece, ou há de perecer tudo quanto existe. Quantos têm perecido de fome, de sede, à míngua, nos cárceres, nos suplícios, nos

incêndios, nos terremotos, nos naufrágios?! Todos os seres animados finam-se quando, extenuadas as forças, pagam o tributo à lei da morte. Falece o homem quando passa da presente a melhor vida. Morre tudo quanto é vivente; e porque as plantas têm uma espécie de vida, também as plantas morrem. O homem não morre só quando o prazo dos seus dias está cheio, mas morre muitas vezes às mãos de assassinos, de inimigos ou de rivais. Acaba ou fenece a serra, e não perece, nem morre⁷, nem se fina, nem falece. Perece um edificio, uma cidade, etc., e não morre, nem se fina, nem falece (nem fenece). Morre o vivente, mas o irracional não falece. Morre, acaba, falece, fina--se o homem, e por sua desventura também muitas vezes perece. Diz-se mui urbanamente, e por uma espécie de eufemismo, que um homem faleceu quando acabou seus dias naturalmente, do mesmo modo que diziam os latinos vita functus est; mas não se dirá que faleceu aquele que morreu na guerra ou às mãos do algoz". - Expirar é "render o último alento, dar o último suspiro, acabar de existir no mesmo instante". - Extinguir--se significa "fenecer, acabar de ser"; e sugere a ideia do desaparecimento da coisa que se extingue.

78

ACABADO, desfigurado, macerado, abatido, consumido, gasto, velho, idoso, envelhecido, avelhentado, quebrado, alquebrado, quebrantado, aniquilado, curvado, acurvado, combalido, definhado, enfraquecido, debilitado, extenuado, esgotado, exaurido, exausto, cansado, fatigado, acabrunhado, arruinado, ralado, mortificado, exinanido, inanido, prostrado, amofinado, descomposto, desfeito, alterado, mudado, demudado,

⁷ **S** Figuradamente dizemos, aliás, que a serra vai *morrendo*, para indicar que vai baixando pouco a pouco até acabar, ou *morrer* de todo.

transtornado, desmanchado. – Acabado dizemos daquele em cuja fisionomia o tempo, os trabalhos ou as doenças parecem ter feito mais estragos de que se devia esperar. - Desfigurado está aquele que mostra na fronte "sinais de depressão física produzida por alguma doença, ou mesmo por algum sofrimento moral". - Abatido significa "desfigurado e enfraquecido, mofino, sem forças e sem ânimo". - Consumido indica melhor o que se sente "ferido profundamente na alma, o que se deixa abater e como emurchecer de dor moral". Diz também "o que a moléstia afligiu, ou o que os trabalhos amofinaram". - Macerado quer dizer "desfeito, mortificado pelos padecimentos". - Gasto confundir--se-ia com os precedentes, se deles não se distinguisse em sugerir, como diz Bruns., "que não é precisamente ao exercício das virtudes que se deve o estar gasto", isto é, o já não ter o vigor, a louçania que só a idade não extingue. - Curvado (e acurvado) enuncia ideia da postura daquele que a idade ou o sofrimento fez pender; e sugere alguma coisa de resignação. "Aquela figura, ainda ontem tão altiva, está hoje abatida, curvada pelo infortúnio". -Combalido exprime "abalado, falto de forças (físicas ou morais), que parece tombar". Agora está combalido: o tempo não poupa nem a glória. – **Definhado** = "consumido, que vai murchando e morrendo de desconsolações". - Enfraquecido = "falto de forças". - Debilitado = "um tanto enfraquecido", sugerindo ideia de mal passageiro. - Extenuado = muito exausto, muito esgotado de forças, também devido quase sempre a causas momentâneas. – Esgotado, exaurido e exausto seriam quase sinônimos perfeitos se os dois últimos não sugerissem ideia do esforço que produziu o esgotamento. Entre exaurido e exausto pode notar-se esta diferença: exaurido dá melhor a ideia da causa que exauriu, e enuncia de maneira mais completa e mais forte a noção de esgotado. – Cansado e fati-

gado exprimem a mesma noção de "quebrado de forças"; mas o segundo dá ideia mais clara de extenuamento. – Acabrunhado ajunta à noção de abatido moralmente a ideia de profundo desânimo e tristeza. – Arruinado = tão alterado na saúde ou nas forças que parece perdido. Aplica-se mais propriamente à situação da vida que à própria vida. - Ralado = "vexado, afligido, esmagado de dores, de sofrimentos, de remorsos". - Mortificado = "ferido de angústias, macerado, atormentado pelo sofrimento; que parece estar morrendo". - Exinanido = "aniquilado, muito enfraquecido pelas privações". É mais forte que inanido, que enuncia apenas a ideia de "não nutrido, e por isso falto de forças". - Prostrado = "violentamente abatido, por fadiga, doença ou idade". – Amofinado = "ressentido de moléstia, de desgraça, de trabalhos". – Como desfigurado – descomposto, desfeito, alterado, mudado, demudado, transtornado, desmanchado indicam todos, com pequenas diferenças de nuanças, o estado do semblante, de todo o conspecto da pessoa abalada de sofrimento, de doença, de susto, medo, etc. - Velho e idoso distinguem-se assim: idoso é o que chegou à idade avançada; velho é o que, devido à idade avançada, se sente enfraquecido e enfermo. Todo velho deve ser idoso; mas há homens idosos que não se pode dizer precisamente velhos. - Envelhecido e avelhentado: o primeiro se aplica à pessoa que parece ter mais idade do que realmente tem; **avelhentado** é o que tem ares de velho, que parece velho sem o ser. – Quebrado se diz daquele que está enfraquecido, mais exausto de forças do que devia estar. – Alquebrado se aplica ao velho que a doença, mais que os anos, abateu e como que curvou. - Quebrantado convém mais àquele que se deixou abater por motivos que muitas vezes são imaginários. – Confunde-se com aniquilado: notando-se que este ajunta a quebrantado a ideia de humilhação.

79

ACABADO, perfeito, completo, magistral, cabal, pleno. - Acabado, aqui, se diz em referência a uma "coisa que se fez de modo tão perfeito que nada se deixou a desejar". Distingue-se dos demais do grupo em conservar a atividade predicativa do verbo, e sugerir, portanto, essa ideia de execução. - Perfeito significa propriamente "feito de modo completo"; e aplica-se àquilo que foi elevado ao mais alto grau de perfeição. "O que pode ser melhor – diz Laf. – não é perfeito; aquilo, a que o autor, ou o artista (se se trata de uma obra de arte) pode ainda acrescentar alguma coisa, não é acabado". Além disso, perfeito é mais extenso: aplica-se tanto ao homem como às coisas. O mesmo não se poderia dizer de acabado. - Completo aplica-se apenas ao homem, às coisas que se lhe referem; e significa "que reúne todas as qualidades, ou pelo menos as qualidades mais excelentes que caracterizam um tipo". É mais genérico do que perfeito, e exprime virtudes ou méritos em conjunto; enquanto que perfeito é mais próprio para designar uma certa qualidade, um certo mérito, ou a perfeição sob um ponto de vista particular. Dizemos: um perfeito médico; uma dançarina perfeita (e não - completo médico; dançarina completa). Uma beleza perfeita – diz o citado autor - tem a qualidade "beleza" em alto grau; pode não brilhar (ou não ser "beleza") senão sob um certo ponto de vista, como, por exemplo, sob o da figura: uma beleza completa reúne muitas perfeições, muitas qualidades eminentes. M. me Mazarin era uma das mais⁸ perfeitas belezas da corte: só lhe faltava espírito para ser completa. Delaf.. "Um amigo

8 **©** É tal a dificuldade que apresenta a falta de precisão absoluta do valor lógico de certas palavras que em muitos casos é forçoso admitir formas como esta – mais *perfeitas* – apesar do que, algumas linhas antes, diz o próprio Lafaye quando escreve que o que pode ser melhor não é *perfeito*.

é antes perfeito, e um esposo é completo; pois um é encarado sob ponto de vista mais restrito que o outro". - Magistral é "o que foi feito com mestria ou consumada perícia"; é o trabalho, a produção, o serviço no qual se reconhecem as perfeições do autor ou do mestre que o executou. - Cabal, no entender de Bruns., é sinônimo perfeito de completo, notando-se apenas que "em cabal há uma ideia de justeza, de pontualidade, de exatidão que não há em completo." É preciso, no entanto, acrescentar que cabal, além de completo, diz também "alguma coisa de terminante, definitivo", e que só se aplica a fatos morais ou a coisas de espírito. Razões, explicações, sentenças, soluções cabais (completas e decisivas). - Pleno diz propriamente "cheio, completo, inteiro, que satisfaz completamente". Pleno direito; plenas informações; sessão plena.

80

ACABRUNHAR, amofinar, afligir, oprimir, humilhar, entristecer, contristar, vexar, magoar, desgostar, molestar, aborrecer, apoquentar, importunar, mortificar, angustiar, atormentar, agoniar, amargurar, consternar, inquietar, incomodar. -Acabrunhar significa "abater o ânimo pelo castigo ou pelo sofrimento, pelo peso de algum desgosto ou de alguma desgraça". -Amofinar e apoquentar são muito próximos: ambos exprimem a ação de diminuir a coragem com pequenas coisas; sendo que amofinar sugere a ideia da tristeza em que fica o que se amofina; e apoquentar, a do aborrecimento, da impaciência, do mau humor em que se sente o apoquentado. - Afligir diz propriamente "abalar a alma violentamente, ferir de grande mal, inquietar muito; e dá ideia do desespero em que fica o que se aflige. - Oprimir dá ideia "do gravame, da rudeza com que se molesta e aflige, ou com que se faz alguém sofrer". - Humi**lhar** acrescenta à ação de **oprimir** a ideia de afrontar, de rebaixar, e equivale a "oprimir envergonhando". Distingue-se de vexar por isso mesmo: porque sugere o intento, por parte de quem humilha, de diminuir os créditos, de abusar dos brios do humilhado: enquanto que vexar exprime a ação de expor a afronta, a escândalo, podendo ser que o vexado nem por isso se sinta ferido propriamente na sua honra. Um garoto decerto que nos vexa (ou nos molesta) em público se nos expõe a algum ridículo; mas não nos humilha. Uma autoridade injusta ou estúpida pode afligir-nos, oprimir-nos, vexar-nos mesmo: nem por isso nos *humilhará.* – **Magoar** enuncia a ação de "produzir ligeira dor, ou um aborrecimento que não é duradoiro". – Molestar e aborrecer aproximam-se do precedente, e diferençam-se assim: molestar sugere a ideia do incômodo que se causa à pessoa molestada; aborrecer é "pôr de mau humor, enfastiar, causar displicência". - Também é convizinho destes importunar, que significa "afligir ligeiramente, fazer perder a paciência". – Desgostar é "contrariar o gosto de alguém, causar desgosto a alguém". -Entristecer é propriamente "encher de tristeza". É menos intenso que contristar, pois este já enuncia que a coisa que nos contrista "produz em nossa alma uma pena mais funda". "Ela entristeceu (ficou triste ou mostrou--se triste) diante daquela cena, que realmente era de contristar os ânimos mais fortes, ou os mais duros corações". – Mortificar é "afligir até deixar exausto de forças ou de ânimo como se estivesse a morrer". – Angustiar é "pôr em grande aperto de alma, em aflição horrível". - Atormentar é "afligir de tormentos, deixando o atormentado como em conturbação, em ânsias de dor". – Agoniar é "impor ou fazer sofrer suplício ou aflição como de agonia". - Amargurar é "causar dor acerba e profunda, ferir de grande angústia, pondo a alma em estado de confracção tal que ela só sente forças para repugnar a vida". – Consternar é "produzir um sentimento tal de pesar, luto e tristeza que faz supor a alma como prostrada de dor imensa, e de assombro, à vista de alguma fatalidade, ou alguma grande desgraça, que se lamenta como castigo do céu. - Inquietar e incomodar são, de todo o grupo, os de predicação menos forte: uma suspeita, ou um pressentimento inquieta, isto é, "tira a calma e serenidade" (diz muito menos que aflige); uma falta que se cometeu desapercebidamente, uma inadvertência, um aperto em que nos põem, um mal-estar, uma ligeira dor incômoda.

81

ACADEMIA, escola, instituto, universidade, colégio, ginásio, liceu. - Todas estas palavras designam estabelecimentos onde se ensina ou se estuda. Discordamos de Bruns. quando estranha que se não possa dizer "a universidade de medicina de Lisboa, a universidade de medicina do Porto, já que estes estabelecimentos em nada dependem da universidade de Coimbra, sendo-lhe, porém, equiparados até certo ponto". Não é propriamente a independência de que aí se fala, nem a categoria do ensino que se dá no estabelecimento, que determina a classe do mesmo e a denominação que lhe compete. -Universidade devia ser o conjunto de todos os cursos que se podem fazer num país, ou numa cidade, ou ainda num vasto instituto de educação; hoje, no entanto, por universidade designamos o estabelecimento onde se professam muitas faculdades, mesmo que não sejam todas as que se podem professar. É nisto antes de tudo que consiste a diferença entre universidade e os demais termos do grupo. Uma academia, ou uma escola toma a si apenas uma certa ordem de ciências ou artes, ou mesmo uma só arte ou uma só ciência. Temos academia ou escola de

medicina, de direito, de engenharia; escola ou academia de belas-artes; ou mesmo academia ou escola de música; escola de cirurgia, academia de pintura, de letras, etc. Não se sabe como usar de nenhum desses dois vocábulos sem um restritivo que lhes designe a especialidade de conhecimentos que ministram. Se se disser só – escola, – ou só – academia – há de subentender-se que se sabe já de que academia ou escola se está tratando: ou então, o nosso interlocutor não terá noção exata, precisa do estabelecimento a que nos referimos. O mesmo não se dá em relação à universidade, pela simples razão de que esta ordem de institutos, em vez de uma, ensina diversas especialidades ou classes de ciências, e se quiséssemos dar-lhe os mesmos restritivos que são indispensáveis tratando-se de escola ou de academia, teríamos de juntar--lhe todos os que fossem necessários para designar as diversas ciências professadas, e dizer, por exemplo - universidade de medicina, direito, matemática e teologia... Mas esta forma não faria mais do que pôr em destaque e tornar flagrante um absurdo que passa disfarçado e que é tolerável enquanto não se tenta restringir expressamente o termo universidade. Quando empregamos esta palavra para designar um instituto onde se professam apenas algumas faculdades, não pecamos mais contra a precisão lógica do vocábulo do que, por exemplo, quando reduzimos o universo ao nosso mundo. Mas o que certamente se não nos permitiria é que tentássemos dizer sem dislate clamante, por exemplo – "universo mundial", ou – "universo solar", ou – "universo da estrela d'alva"; e isto porque a palavra "universo" abrange todos sistemas de mundos, e só por figura é que podemos aplicá-la para exprimir a totalidade das nações do nosso mundo. - Academia e escola são usados, em grande número de casos, indistintamente. Deve notar-se, porém, que academia é mais

nobre, e só se aplica a estabelecimento onde se façam altos estudos, ou onde se ministre ensino superior, quer tratando-se de ciências, quer tratando-se artes liberais. Escola é mais prática e mais popular, e pode abranger todo gênero de estudos. Dizemos "academia ou escola de belas-artes, de medicina, de direito, etc.: mas não diremos "academia de artes e ofícios", ou "academia de instrução primária", ou "academia de agricultura", ou "de aprendizes marinheiros". É preciso notar ainda que tanto academia como escola podem designar estabelecimento onde se ensinem diversas ciências ou artes, ou melhor as artes ou ciências de toda uma categoria. – Colégio e instituto são os mais genéricos do grupo. Colégio é estabelecimento onde se reúnem pessoas (meninos ou adultos) para estudar; mais particularmente aplica-se a internato, pois a ideia dominante que o termo sugere é a da "reunião das pessoas que foram escolhidas e que ficam no estabelecimento em perfeita igualdade de condições". Instituto é ainda mais genérico e extensivo do que colégio: pode aplicar--se a toda categoria de estabelecimentos onde se estude ou onde se ensine, desde – "intituto primário" – até – "instituto de altos estudos", ou "de altas ciências". O Instituto de França, por ex., compreende todas as academias de artes e ciências de Paris. - Ginásio e liceu são os menos latos do grupo. Ginásio designa estabelecimento (internato ou externato) onde se faz educação tanto moral como física de meninos ou moços; ou onde se dá um cuidado mais especial aos exercícios físicos. Dá-se hoje, no entanto, o nome de ginásios a colégios onde se ensinam matérias do curso preparatório. Liceu está no mesmo caso; mas este se aplica tanto a escola de instrução secundária, como a cursos práticos de artes e ofícios.

82

ACALENTAR, amimar, consolar, agradar, afagar, ameigar, acariciar, acarinhar, acaridar. – Acalentar designa particularmente a "ação de aquecer a criança nos braços para que sossegue e adormeça"; e por extensão e figuradamente pode aplicar-se nos casos em que se trata de coisas morais ou abstratas, como: "acalentar sonhos, esperanças, desejos, e até vícios". – Amimar é tratar com mimos, isto é, com "manifestações delicadas de afeto e desvelo, como... se fosse criança a pessoa que se amima". – Consolar é, "por meio de carinhos, de palavras de conforto, de atos de amizade, procurar diminuir a pena, minorar o sofrimento, ou tornar esquecido ou menos intenso o pesar que aflige alguém". - Agradar, aqui, é quase afagar; pois ambos indicam que se deseja fazer contente, grata conosco a pessoa a quem se agrada ou se afaga. Este último verbo, no entanto, é mais expressivo e intenso; e tanto quanto afago o é em relação a agrado. Afagar é fazer, por palavras, gestos e atos, demonstrações de muita benevolência e afeto; agradar é apenas, também por atos e palavras, dispor bem, deixar satisfeito, bem impressionado. - Ameigar diz propriamente "tratar com meiguices, com muita brandura, de modo a fazer suave, doce, meigo o que é tratado". - Acariciar é "tratar com carícia", sendo carícia sinal mais delicado ainda de amor do que meiguice, mesmo do que carinho. Daí o fato de ser acarinhar menos expressivo de ternura do que acariciar. Acarinham-se a todos os meninos, ou a todas as criaturas desvalidas, tratando-as com afeto paternal; acariciam-se as crianças, beijando-as, enchendo-as de afagos e mimos. Acarinha-se a um amigo, a uma pessoa que se estima; só se acariciam aquelas criaturas que merecem os nossos afagos e blandícias, antes de tudo porque são tenras, mimosas e têm o nosso amor comovido. "Jesus acarinhava a todo o

mundo; mas as crianças ele acariciou sempre com um estremecimento que dizia bem até onde era capaz de ir, no enlevo de amar, a sua ternura divina". – Acaridar diz propriamente "tratar com caridade", isto é, mostrando o amor que as almas bem formadas têm pelos que sofrem, e por todos que precisam da nossa assistência e socorro. Só se acaridam, portanto, àqueles que são menos felizes do que nós, ou que se acham em situação em que tenham o direito de contar com a nossa bondade de coração.

ACAMPAMENTO, arraial, bivaque. - Segundo Bruns., "acampamento é termo genérico, mas particularmente designa o recinto ou área onde um exército em campanha ergue as suas tendas e se instala com certa comodidade e segurança. - Arraial, palavra tomada ao espanhol, reales, designava o acampamento em cujo centro se elevava a tenda do rei; hoje é termo poético. - Bivaque (do frandês bivac) é o estado de um exército acampado ao ar livre, sem tendas nem comodidades; por extensão, diz-se do terreno onde esse exército passa a noite ao sereno".

84

ACANHADO, tímido, vergonhoso, modesto, apoucado, pudico, pudibundo; acanhamento, timidez, vergonha, modéstia, apoucamento, pudor, pudicícia, pudor e pundonor, pundonoroso. - Acanhado se diz do que tem "tão pouco desembaraço e vivacidade e que se mostra tão tolhido que parece diminuir-se aos nossos olhos". Entre acanhado e tímido é preciso notar diferenças que à primeira vista se não percebem distintamente. A pessoa tímida é natural que se mostre acanhada, entrando, por ex., num salão sumptuoso, ou dirigindo-se a personagem ilustre. É natural também que a pessoa

acanhada pareça tímida, pelos modos como se apresenta. De sorte que se pode entender acanhamento como sinal de timidez, não sendo a inversa perfeitamente verdadeira. Uma criança é natural que seja tímida, e pode ser tímida sem ser propriamente acanhada. Timidez é, portanto, uma condição de índole, uma qualidade subjetiva, e que se manifesta ou pela desconfiança que alguém nos inspira, ou pelo receio de que sejamos malsucedidos, ou ainda pela dúvida em que nos sentimos a nosso próprio respeito; acanhamento diz o gesto tacanho, o enleio no movimento e na expressão, a postura contrafeita, os modos e ares indecisos que revelam a timidez. Acanhamento sugere alguma coisa de rude, trôpego, mofino, sem o modo de ser normal; timidez diz algo de tibieza de ânimo, de retraimento, de irresolução e perplexidade. O tímido pode não ser acanhado; mas o acanhado revela quase sempre timidez; à vista do que, não seria própria esta forma: acanhado e tímido. - Vergonhoso, neste grupo, diz mais do que tímido; pois a vergonha, no sentido que tem aqui, já não dá só ideia de simples tolhimento de alma: significa a vacilação, o escrúpulo, o pejo que, por uma delicadeza da consciência moral, nos impede de comprometer o nosso decoro, de parecer, aos olhos de outrem, de um modo incorreto. Uma criança tímida, nem por isso há de ser vergonhosa, mesmo porque é de supor que uma criança é inconsciente em questões de bons costumes, de pudor, de boa fama. - Modéstia não parece que seja bem como definem os lexicógrafos - uma completa ausência de vaidade: é antes uma virtude dos sábios, e consiste num sentimento natural de justa medida em tudo - no agir, no falar, no modo como se comporta, no trato com toda classe de homens. Modesto diz, portanto, moderado, comedido, razoável; discreto, sem ambições exageradas; indulgente, benigno e afável; sem exaltamentos, nem ímpetos – em suma sábio, na acepção moral desta palavra. - Apoucado e apoucamento não se podem confundir com os dois precedentes; nem mesmo se deve admitir apoucamento como degeneração ou vício da modéstia: segundo a própria formação, apoucamento exprime a falta de ânimo, a pequenez de alma e de espírito que diminuem um indivíduo e o tornam inútil, trôpego, imprestável. Apoucado, assim, diz "escasso, tacanho, mesquinho, sem o valor que se devia esperar". - Pudor e pudicícia usam-se frequentemente um pelo outro. Ambos sugerem ideia de fina sensibilidade em questões de moral; mas pudor é o próprio sentimento que induz a escrúpulos delicados contra tudo que se oponha à honestidade e à decência; pudicícia é a "qualidade de ser pudico, é a virtude de ter pudor". - Pudico e pudibundo também se confundem, mas devem distinguir-se assim: pudico diz o "que tem pudor"; pudibundo se emprega para designar "o gesto, o modo que revela pudor, que expressa a modéstia, o recato, o enleio da pessoa pudica". – Pudor e pundonor são palavras de significação muito distinta e que só por erro ou inadvertência são confundidas às vezes. - Pundonor parece termo que os espanhóis adaptaram da dicção francesa point d'honneur; e significa "nímia susceptibilidade em questões de brio e amor-próprio; cuidado, esmero com que se defende a honra". Pundoroso é, portanto, "o que tem pundonor".

25

AÇÃO, ato, fato. – Segundo Lac., ação é "um vocábulo abstrato; ato é um vocábulo concreto. A ação é o exercício de uma potência; ato é o resultado da ação dessa mesma potência. A potência, quando emprega a sua energia, está em ação e produz o ato". – Fato designa "ato de certa importância, consumado e reconhecido".

AÇÃO, combate, batalha, peleja, pugna, lide, luta, prélio, duelo, desafio, rixa, briga, pendência, contenda, pleito, litígio, conflito, recontro, refrega, campanha, guerra. -Ação é o mais genérico do grupo: seriam raríssimos os casos em que não pudesse substituir a qualquer dos outros. **Ação** aqui é "o exercício da atividade hostil entre duas ou mais forças em conflito". - Combate - diz Bruns. – "é o encontro de ordinário imprevisto, de troços de exércitos inimigos que travam luta entre si. Além dessa acepção, aplica-se o termo combate para designar qualquer luta em que a vida está exposta: o combate dos Horácios e Coriáceos terminou em combate entre dois homens". - Batalha é combate de vastas proporções; é peleja formal e de resultados decisivos quase sempre, ou pelo menos de grande importância. -Peleja designa a luta encarniçada e corpo a corpo. Dois inimigos separados por um rio ou por outro qualquer acidente, combatem--se, lutam, mas não pelejam. - Pugna significa propriamente "luta a punho, sem armas". - Duelo é "a luta entre duas (ou mesmo mais) pessoas, luta convencionada, regulada e solene, por questões de pundonor". – Desafio é "o ato de provocar outra pessoa para duelo". - Lide e luta tomamse ordinariamente quase como sinônimos perfeitos; convém, no entanto, não esquecer que lide (ou lida) vem de lis... litis "pleito, processo, questão judiciária"; e só por extensão se aplica no sentido de luta. Lide será, aliás, uma luta caracterizada pela elevação dos motivos. Dizemos - "as lutas políticas" -; mas é muito mais próprio dizer – "as lides acadêmicas". "As lides do jornalismo" - diz uma coisa; "as lutas da imprensa ou do jornalismo" – diz outra. Em – "lutas da imprensa" há a sugestão de que os trabalhos do jornalista amargaram no embate das intrigas e das perfídias; em - "lides da imprensa" sugere-se o afã nobilíssimo com que se trata das altas questões, com que se empenham devotamentos pelas grandes ideias de que se presume que trata sempre um jornalista cônscio da sua missão. – No latim prælium figura como radical o verbo eo... ire, que significa, entre outras coisas, "marchar contra, atacar"; e pode assim apanhar-se no português prélio a significação de "luta em que os lutadores se adiantem, se apressam a investir um contra o outro". - Briga e rixa são termos vulgares que significam "disputa escandalosa, pequenina, por motivos fúteis, e sem graves consequências"; diferençando--se em que a rixa pode ficar só na disputa de palavras ou degenerar em briga. - Litígio, aqui, é a fase, ou "o estado de conflito em que se põem duas ou mais pessoas, ou mesmo duas ou mais nações que não puderam chegar a acordo em relação a algum reclamo ou intento". - Pleito é quase o mesmo que litígio: pode, como este, significar também questão judicial propriamente; mas sugere melhor a ideia da correção dos que pleiteiam, discutindo sem má-fé, só defendendo a sua causa, e esperando pela sentença (placitum) ou pelo desenlace favorável. Pleito, portanto, exprime "nobre questão em que alguém se empenha confiante na justiça". - Contenda e pendência aproximam-se bastante: ambos sugerem mais ideia de controvérsia e discussão que de luta material: se bem que se não lhes recuse esta última acepção. Mas a contenda parece uma gradação da pendência. Esta é o "litígio ou a questão em que se empenham duas ou mais partes trocando razões e argumentos, ou medindo forças e destrezas com capricho, mas sem leviandades"; contenda é "a fase a que pode chegar a pendência tornando-se mais viva, mais apaixonada, intensa, violenta". – Conflito é "o encontro hostil, o choque, a oposição ativa em que se põem duas ou mais pessoas ou coisas". Pode dar-se entre

nações, entre poderes públicos, entre indivíduos, entre interesses, desejos, pretensões, entre animais, entre seres inanimados. É forma geral e extensa que pode abranger quase todos os casos em que figurem as outras do grupo. — Recontro é "combate ligeiro, casual, indeciso entre inimigos". — Refrega é "recontro violento, furioso como tormenta, produzindo debandada, e deixando também indecisa a luta". — Campanha exprime "todas as batalhas, combates, e todas as vicissitudes de uma guerra, ou de certa fase de uma guerra"; devendo notar-se que o primeiro termo só se aplica para designar a guerra terrestre.

87

AÇÃO, demanda, litígio, processo, pleito, questão, querela. - Escreve Roq.: "Com muita razão diz um autor que a demanda dá origem e princípio ao litígio, e que este se trata e se desenvolve no processo. Ao ato de pedir ou requerer em direito se chama demandar. À controvérsia judicial que se suscita quando o demandado não consente no que o demandante requer se chama com razão litígio. Os feitos que correm em juízo, os autos judiciais e termos que se fazem por escrito em qualquer litígio se chamam processo. Note-se, porém, que no uso ordinário a palavra demanda não significa só o ato de intentar o litígio, mas ainda a ação proposta e disputada contenciosamente em juízo - o que vale o mesmo que litígio judicial ou pleito. Os que neste caso usam a palavra processo cometem um galicismo, porque o que nós chamamos processo é em francês procédure, e avoir un procès quer dizer em português – ter uma demanda. Pleito é palavra castelhana, e neste caso diz o mesmo que litígio judicial". - Ação é termo genérico ainda neste sentido: é o "próprio ato de requerer ou demandar em juízo, o uso do direito de pleitear perante um tribunal". – Questão designa "toda espécie de dúvida em que ficam duas ou mais pessoas e que deve ser dirimida em juízo, ou perante uma autoridade superior". – Querela é equivalente quase a ação, sendo este apenas mais lato: é "a denúncia ou queixa que se dá contra alguém para reparação de agravo ou ofensa". Fora da acepção jurídica, querela se emprega para designar questões e dissídios de pequena monta.

88

ACASO, fortuna, sorte, fado, fadário, sina, destino, estrela, ventura, dita, fatalidade. – Acerca de muitos destes vocábulos, consubstancia Bruns. o que se pode colher de Roq., de fr. S. Luiz, e de outros. "O acaso – diz ele – o mais fantástico de todos os seres desta série, obra arbitrariamente; prepara combinações de circunstâncias tão impossíveis de prever como de impedir; e delas provêm fatos, felizes ou desgraçados, que nos deixam estupefatos de prazer ou de dor. As suas manifestações não são constantes; isto é, não se lhe referem fatos sucessivos: revela-se de quando em quando, oculta-se, reaparece; persegue-nos ou abandona-nos; favorece-nos ou esmaga-nos. É nisto que não se assemelha à fortuna; pois esta parece obrar de um modo constante, e ao acaso só se imputam fatos isolados, tendo por isso muita analogia com a fatalidade. É o acaso que nos leva ao lugar onde encontramos a felicidade ou a desventura. Quantas descobertas são filhas do acaso? – A fortuna, de que os antigos fizeram uma divindade cega, caprichosa, volúvel, preside a todos os atos da vida, e distribui os bens ou os males segundo o seu desígnio..." Temos, por isso, boa fortuna ou má fortuna, segundo nos é ela favorável ou contrária. - "A sorte é ao mesmo tempo efeito e causa; efeito quando designa o estado, ou a condição a que a fortuna ou o acaso trouxeram uma pessoa;

causa, quando, considerando-a um misto de acaso ou de fortuna, lhe atribuímos um fato isolado, ou uma série de fatos favoráveis ou desfavoráveis. Por outro lado, a palavra sorte aplica-se melhor às condições modestas, fortuna às elevadas (ou de mais vulto): a sorte de Creso ao lado de Ciro era mais invejável que a sua fortuna. – A fatalidade (do latim fatum "o que está dito ou decretado") distingue--se do acaso, da fortuna e da sorte, em ser agente e não sujeito. A fatalidade não obra arbitrária e caprichosamente: obedece como a um impulso omnipotente, a uma disposição superior e impenetrável. O estava escrito dos maometanos é a fatalidade; como é fatalidade, no cristianismo, a predestinação de S. Paulo. - O destino era, entre os antigos, uma divindade cega a quem os deuses e os homens estavam submetidos: tinha nas mãos a sorte dos mortais. Os seus decretos eram irrevogáveis e tinham o caráter da fatalidade. Eis por que denominamos destino à combinação de circunstâncias ou de acontecimentos que se efetuam em virtude de leis inflexíveis, e que nos trazem fatal e inelutavelmente ao ponto em que só nos resta obedecer: ante o destino desaparece a nossa força, aniquila-se a nossa vontade: somos obrigados a obedecer ao destino; ninguém pode resistir às leis do destino. – O fado é o estado que resulta das imposições do destino, como bem o prova a acepção que esta palavra tem nos contos de encantamentos em que se vêm príncipes, sujeitos ao seu fado, transformados em rãs ou outras alimárias, até que um certo acontecimento os venha libertar. O nosso fado é intangível, acompanha-nos, persegue-nos, e por mais que façamos, não nos deixa. - Fadário é – diz Aul. – "destino extraordinário e irresistível que se atribui a um poder sobrenatural". Refere-se mais particularmente a certas vicissitudes da vida mundana, às extravagâncias de que alguém se lamenta, mas sem coragem para corrigir-se, e procurando

por isso consolar-se dos erros ou deslizes, atribuindo-os ao seu fadário... - Sina marca melhor do que quase todos os do grupo o caráter de fatalidade das coisas que têm de suceder na vida de cada um. Sina e destino seriam sinônimos perfeitos se o primeiro não se limitasse de ordinário às coisas funestas da vida. Dizemos, por ex. – "o alto destino de Napoleão"; e decerto que neste caso não empregaríamos sina. Podemos, é claro, dizer - "a sina dos grandes homens"; não, porém, quando fazemos referência às ações ou obras que lhes deram lustre, mas quando fazemos alusão às amarguras que quase todos tiveram de sofrer. - Ventura e dita são também seres fantásticos sem vontade certa nem determinada; ventura, geralmente, e dita, sempre tomam-se a boa parte. - Estrela, como diz D. José de Lacerda, é outra palavra do mesmo gênero, que se conservou na língua (com a significação que tem aqui), apesar de terem passado as quimeras da astrologia, que lhe deram origem. Refere-se à suposta influência dos astros no destino dos homens; e ainda hoje se diz que "tal indivíduo nasceu em boa ou má estrela", ou que tem boa ou má estrela.

89

ACASO, por acaso, porventura. - São realmente muito fáceis de confundir-se. Nas três frases seguintes vejamos, no entanto, se poderiam ser trocadas, conservando-se-lhes uma perfeita propriedade: "Teria o nosso amigo visto acaso alguma coisa estranha lá no parque?" "Passaste na vinda por acaso lá pela pensão?" "Terias, oh rapaz, encontrado alguém porventura lá na praça à minha espera?" Em qualquer desses casos, não haveria talvez muita gente, mesmo de boas letras, que hesitasse em empregar indistintamente, ou sem preferências, qualquer das três formas; e no entanto, se na primeira frase, em vez de acaso, puséssemos por acaso, não exprimiríamos com a mesma precisão o pensamento de quem perguntava. Quando pergunto se o nosso amigo "viu acaso", ponho em dúvida, e quase nego, que ele tenha visto; ou estranho que isso se tenha dado. Quando pergunto se ele "viu por acaso", decerto que exprimo dúvida também; mas aqui a minha dúvida é mais condescendente, e não sugere, como acaso, a mesma ideia de estranheza e negação. Caim retrucou ao anjo que lhe perguntava por Abel: "Sou eu acaso o guarda de meu irmão?" Este acaso, como no exemplo acima, rebate, repulsa, nega intencionalmente o que se pergunta. "És tu acaso meu filho?" "Veio ele acaso ter conosco?" "Tinha eu acaso notícia da tua chegada?" Em nenhum destes exemplos, pelo menos, seria indiferente usar acaso e por acaso. – Na segunda frase que formulamos acima: "Passaste na vinda por acaso lá pela pensão?" – também não poderíamos substituir a locução por acaso por simplesmente acaso, para dizer o que desejamos. "Passaste acaso?" – equivaleria a – "Dar-se-á que tenhas passado?" ou – "Será possível que tenha passado?" E - "Passaste por acaso?" – diria: – "Por uma casualidade (isto é, "sem que te apercebesses", ou "sem que tivesses tensão") passaste?" – A terceira frase: "Terias, oh rapaz, encontrado alguém porventura lá na praça à minha espera?" enuncia o meu intento de saber uma coisa que desejo e pela qual estou ansioso. Se eu empregasse a locução por acaso, não mostraria o mesmo interesse; e se eu empregasse o advérbio acaso, dizendo: "Terias visto ou encontrado acaso alguém à minha espera?" é como se fizesse a pergunta insinuando a negativa. – Segue-se, portanto: – que acaso sugere contrariedade intencional e dá à pergunta a função de negar: – que por acaso é mais convizinho de porventura, distinguindose esta forma daquela em sugerir, em vez de indiferença, a ideia do interesse com que se espera por uma resposta satisfatória quando

se faz a pergunta. - Fora dos casos interrogativos, se há necessidade de distinção, há de ser a mesma que se acaba de assinalar; devendo notar-se que, então, só muito raramente poderá a locução por acaso ser substituída por qualquer dos dois outros advérbios. "Chegamos por acaso à livraria; fomos dar conosco por acaso junto ao morro; feri o dedo por acaso, limpando a pena": aí não caberia, em nenhuma dessas frases, acaso nem porventura.

90

ACATAR, acatamento; respeito, respeitar; veneração, venerar; reverência, reverenciar, deferência, deferir. - Segundo fr. S. Luiz, "acatamento é todo ato externo com que mostramos o nosso respeito, reverência ou veneração. Acatamos, mais ou menos, todas as pessoas a quem devemos esses sentimentos. - Respeito é a atenção, ou consideração, que se tem ou se dá a alguém ou a alguma coisa. Respeitamos os outros homens, os seus direitos, as suas infelicidades; respeitamo-nos a nós mesmos, os nossos deveres, os nossos justos interesses, etc. - Reverência é respeito com temor filial. Reverenciamos os mestres, os pais, os pastores, os magistrados, o soberano; reverenciamos tudo aquilo, em cuja presença estamos como o filho costuma estar diante de seu pai, isto é, com respeitoso temor. – Deferência é o respeito que se tem aos sentimentos, desejos e gostos de qualquer pessoa, preferindo-os aos nossos próprios, por alguma superioridade que julgamos haver nessa pessoa. Deferimos (rendemos deferência) à idade, ao mérito, à virtude, ao saber... - Veneração é respeito profundo e submisso, respeito religioso; espécie de culto, que se dá às coisas santas, ou às que reputamos como tais, ou aos objetos que julgamos mais dignos de respeito e honra. Veneramos a Deus, os santos, as coisas religiosas e sagradas; a tudo aquilo a que



tributamos algum gênero de culto, como os pais, a pátria, os homens de virtudes, etc."

ACAUTELADO, cauto, cauteloso, prevenido, precavido, precatado, avisado, prudente, previdente; cautela, prevenção, sobreaviso, precaução, aviso, prudência, previdência; acautelar, prevenir, precaver, precatar, avisar, prever. - Cauto sugere ideia da firmeza e segurança do que sabe guardar-se contra os perigos. Designa qualidade própria: não seria, pois, admissível a forma: "está cauto". Acautelado é o que toma cautela no momento, ou em certas circunstâncias: e então "está acautelado". Entre cauto e acautelado fica sem dúvida cauteloso, que significa "prevenido de muito cuidado, de meticulosa cautela". Basta sentir a diferença que há entre estas formas: "Ela sempre se livrará cautamente (com a cautela, ou segurança, que lhe é própria) daqueles abismos". "F. ficou acauteladamente em casa". Entrou, e seguiu logo cautelosamente pelo jardim". - Cautela é, portanto, "o apercebimento, a atenção, a vigilância do espírito contra o que pode sobrevir". - Acautelar diz, consequentemente, "defender, prevenir com cautela, pôr a bom recato, em boa guarda". Acautelam-se os interesses, os bens, a fortuna, a honra; acautelam-se os cautos contra males iminentes. – Prevenir (do latim prævenio... ire "chegar antes, passar adiante, tomar a dianteira") enuncia a ação de "adiantar--se a tomar expediente acerca do que pode acontecer; ficar ou pôr de sobreaviso a respeito de alguma coisa que se receia". A prevenção, portanto, é "uma medida de prudência posta em prática antecipadamente; é o estado ou a atitude de suspeita em que se fica em relação ao que se deve temer"; e é prevenido, ou está prevenido quem se põe ou se acha nesse estado. Quem se *previne* põe-se de ânimo desconfiado contra alguém

ou alguma coisa; quem se acautela toma providências, disposições, resguardos contra o mal que teme. Quem acautela os negócios de outrem cerca-os de garantias; quem previne males previstos faz o que supõe que os evita antes que eles ocorram: daí a diferença entre acautelar e prevenir, e entre os respetivos conexos. – Não há dificuldade em distinguir prevenção de sobreaviso; sendo este "a disposição de ânimo em que fica quem se previne". - Precaver em certos casos poderia confundir-se facilmente com prevenir; mas é necessário não perder de vista o radical de cada um desses verbos: - venio... ire significa "vir", chegar": prevenir diz, portanto, como já ficou exposto, "vir antes", "adiantarse" à coisa contra a qual se previne; - caveo... ere "tomar cuidado", "guardar-se": à vista do que, precaver se aproxima ainda mais de acautelar que de prevenir. Mas entre acautelar e precaver há a diferença que provém de que aquele que trata de precaver--se toma cuidado, guarda-se, defende-se por assim dizer de eventualidades; e quem se acautela cuida de resguardar-se contra coisas certas de que está prevenido. Não diremos que o homem que segura a sua casa se acautele contra sinistros, pois ele não cogita de um determinado mal, nem se apercebe de que esteja para sobrevir sinistro, mas julga apenas que isso é possível, e contra essa possibilidade é que se apercebe precavendo--se. Precaver-me é, pois, guardar-me, defender-me antecipadamente do mal possível; e precaução é o ato de precaver-me, o modo de ser precavido; prevenir-me é pôr-me de sobreaviso; e acautelar-me é dispor os meios de evitar alguma coisa que receio. Decerto que eu não me posso precaver contra a noite; mas previno-me contra o frio; e acautelo-me deste ou contra este agasalhando-me. Não será por isso que eu seja precavido; mas sou prevenido e acautelado. - Precatar é "estar atento, apercebido contra alguma coisa

certa que é para temer"; e assim, precatado designa aquele que se não deixará pilhar desprevenido em caso em que da atenção dependa o sucesso. – Avisado é aquele que está fortalecido do aviso que convém, do conselho mais sábio para o caso, e sem o qual não seria possível sair-se bem; sendo o aviso esse estado de atividade consciencial em que se acha o avisado; e sendo avisar a ação de despertar ou ter desperto o ânimo ou produzir esse estado. - Prudência é mais que aviso: designa a virtude de uma sábia ponderação, que faz o ânimo calmo, refletido e seguro no agir; e prudente será aquele que possua essa virtude. - Previdente é o que sabe prever; e prever diz "ver antecipadamente o que se pode dar em relação a alguma coisa que se deve evitar". - Previdência é, pois, a qualidade de quem sabe prever; é o ato de prever tanto quanto é possível, e prevenir-se contra surpresas.

92

ACEPÇÃO, significação, sentido. – Acepção dizemos dos "vários sentidos em que uma palavra pode ser empregada". - Significação é "o valor semântico da palavra, o que ela diz por si mesma, a ideia que exprime". - Sentido é "o valor da palavra conforme a aplicação que tem na frase; ou o valor da frase ou do discurso, regulado pela disposição das palavras".

93

ACEDER, aquiescer, consentir, aderir, condescender, concordar, anuir, conformar--se, assentir. - Aceder, segundo Bruns., "é declarar que se aceita o que outros decidiram, e que se cooperará para o intuito geral; deixa, porém, entrever que se tinham outras tenções. Aquiescer é consentir voluntariamente e sem esforço". - Consentir sugere ideia de "permitir, de não discordar, qual-

quer que seja o motivo do consentimento". - Aderir é "dar aprovação afinal àquilo que se tinha recusado ou combatido". - Condescender é "consentir por tolerância". -Concordar é "chegar a acordo depois de dissensão, ou admitir por mero desejo de ser agradável ou de não contrariar". - Anuir é propriamente "fazer sinal, ou exprimir de qualquer modo, que se está de acordo e se consente". – Assentir é "mostrar que se é da mesma opinião, do mesmo voto; que se sente do mesmo modo". – Conformar-se é "estar, ou pôr-se em perfeita identidade de sentimentos, de vistas, de ideias, de modo de ver, etc.".

94

ACEITAR, receber, tomar. - Muito judiciosamente estabelece S. L. uma certa gradação entre estes verbos, sob uma outra ordem. "Tomar alguém uma certa coisa – diz ele - é havê-la para si, chamá-la a si, apreendê--la com a mão (ou pô-la sob seu domínio). Não envolve, nem supõe ação estranha, que nos mande, ou dê, ou ofereça essa coisa; nem ideia de movimento que no-la traga. Tomamos o vestido, o chapéu, a espada; tomamos o livro para ler, a pena para escrever, as armas para brigar; tomamos amor, ódio, asco; tomamos ocasião, ensejo, tempo, etc. - Receber é tomar o que se nos dá, ou se nos oferece, ou se nos manda; ou o que vem a nós. Recebemos um presente, um favor, uma injúria; recebemos um hóspede, uma visita, uma notícia, uma ferida na guerra; recebemos o foro que se nos paga, o dinheiro que se nos deve. - Aceitar é receber com agrado e boa sombra; e também aprovar, assentir, dar consentimento, autorizar o que se nos oferece ou propõe. Aceitamos um obséquio, uma graça, uma oferta; aceitamos as condições de um contrato, a proposta que se nos faz, a obrigação que se nos impõe, etc.".

95

ACELERAR, apressar, apressurar, ativar, aligeirar, precipitar. - Acelerar - diz Bruns. -"denota impaciência (sofreguidão), desejo ardente de alcançar o termo; é dar mais rapidez ao movimento ou ao ato... – Apressar denota ação viva, movimento apressado para chegar ao fim, ou afastar-nos do princípio: é inerente a este verbo a ideia do pouco cuidado que resulta da própria pressa. – Apressurar é dar--se pressa desordenadamente, "apressar com precipitação". – Ativar, como está dizendo o próprio radical, é "fazer mais ativo". É o mais genérico do grupo; e poderia, no maior número dos casos, suprir a qualquer dos outros que nele figuram. - Aligeirar é propriamente "fazer que se mova, que caminhe, etc., mais ligeiro". Aligeira-se o passo, o voo. Aligeiram-se os soldados pelo exercício. - Precipitar quer dizer aqui "apressar, antecipando, um negócio, uma solução esperada etc."

96

ACENTO, tom, timbre, toada, som, sonido (soído), diapasão. - Acento é o "modo como se exprime uma emoção"; tom é a "maior ou menor intensidade de força com que se exprime". - Timbre não é propriamente o tom, mas "a qualidade do som, a espécie de sonoridade de um instrumento ou de uma voz". - Diapasão é o som próprio de um instrumento, o **tom** que serve de norma, pelo qual se afinam outros. - Toada é o tom de uma voz, o diapasão de uma cantiga; e falar, discutir na mesma, ou pela mesma toada é discutir ou falar segundo os modos ou pela mesma forma por que outrem fizera. "Tomar as palavras pela *toada* é (diz Aul.) tomá-las pelo som e não pela significação; é interpretá-las à letra sem atender ao espírito delas". - Som é "todo ruído que os corpos produzem quando em movimento ou em vibração". - Sonido (e soído) significa um "som particular, estranho".

97

ACENTO, pronúncia. – Sobre estas duas palavras escreve Bruns.: "Dizemos a pronúncia do Minho, e o acento dos minhotos, referindo-se pronúncia ao modo de serem ditas as palavras, e acento a uma particularidade da voz de quem as diz. Não obstante, estas duas palavras confundem-se geralmente".

98

ACERBO, azedo, ácido, acre, acérrimo, agro, acrimonioso, travoso, travento, áspero, amargo, amargoso. – A maior parte destes adjetivos têm a mesma raiz: acerbo, azedo, ácido, acre, acérrimo, acrimonioso, agro são proliferações de ak, do grego, partícula que marca ideia de "alguma coisa de agudo, de acre" (Chass. 39). - Acerbo é "tudo que punge algum dos nossos sentidos". Uma coisa pode ser acerba tanto ao gosto como ao olfato, como ao ouvido, etc.; tanto se diz acerbo o som como a ironia, como a flecha; o espinho, como o olhar ou como a censura, etc. - Ácido é tudo que impressiona desagradavelmente, como o sabor lancinante do limão; e só é sinônimo de amargo pela acerbidade, pois a coisa amarga, conquanto menos pungente ao paladar, é todavia mais ingrata. (Amargoso significa "um tanto amargo"). Dizemos – dias amargos, amargas decepções (como dizemos - "momento amargoso" etc.) – para significar quanto essas decepções e esses dias nos deixaram na alma uma impressão comparável à que na boca produz o gosto do fel. Dizem muitos: - "palavras ácidas, ácidos remoques, sugerindo a ideia de remoques ou palavras mordazes, picantes como a coisa ácida: notando-se que não é usada pela maioria dos autores, neste sentido, senão no natural. - Azedo (de acidulus, diminutivo de acidus) diz propriamente "meio ácido, um tanto ácido". Matéria azeda é a que se alterou do normal pela fermentação: figuradamente azedo significa, portanto, "o que se irrita, se exacerba, o que sai do seu estado de calma". Dizemos: - "discussão azeda, palavras azedas, negócio azedo, azedos momentos". - Acre é o "que tem sabor picante e corrosivo" (Aul.): e, no sentido figurado, designa "o que é rude e violento, áspero e desabrido". Usa-se mais frequentemente no superlativo: acérrima invetiva, acérrimos furores, recriminações acérrimas. -Agro só se diferencia de acre em ser mais extensivo. Tanto pode ser aplicado no sentido moral como no físico. Dizemos: agras penas, como dizemos agras escarpas. – Acrimonioso não se deve confundir com acre. A coisa acrimoniosa contém alguma acrimônia, é um tanto acre; e aplicado a uma pessoa, diz "que mostra azedume, e parece áspero, mal humorado, revelando violência reprimida..." – Áspero é "tudo o que impressiona desagradavelmente, que molesta algum dos nossos sentidos". Confunde-se muito com acerbo; mas convém não esquecer que áspero sugere ideia de rude, inculto. Estilo acerbo pode não ser áspero. Uma palavra áspera pode não ser acerba. Até uma menina é capaz de fazer uma acerba reprimenda; mas reprimenda áspera deixaria supor que não fora feita em termos delicados.

ACERCA DE..., a respeito de... (com respeito a...), a propósito de..., em relação a..., (com relação a..., relativamente a...), sobre, quanto a..., em referência a..., em alusão a... - "Acerca de... e a respeito de... ou com respeito a... modificam a ideia representada pelo verbo, fixando-a na do objeto em que a ação recai ou se executa. Usam-se indiferentemente com verbos que designam operação intelectual, ou exercício da palavra, como pensar, meditar, falar, disputar acerca de, ou a respeito de, ou com respeito a tal ou tal assunto. Divergem, porém, em que acerca de... só se usa com esta classe de verbos, e

a respeito de... e com respeito a... se empregam com os que designam operação, conduta, colocação: como as disposições do testador com respeito a seus filhos; a conduta de Cícero com respeito a Otavio; a colocação de tal ponto geográfico com respeito a tal outro". (Bruns.). – A propósito de... exprime muito mais vagamente a ideia de outras locuções deste grupo. Falar, referir, etc., a propósito de alguma coisa não é propriamente referir o que esteja ligado a essa coisa, ou falar sobre o que lhe diga diretamente respeito; mas a alguma outra coisa que com essa tenha pontos de relação, semelhança ou analogia. A propósito de uma história podemos contar outra história muito diferente e que apenas nos tenha sido sugerida pela primeira. – Em relação a... (ou com relação a... ou relativamente a...) já enuncia mais precisamente que ao assunto, caso, ou negócio, etc. é que se prende o que se vai dizer, deliberar, etc., mas ainda sem estabelecer dependência direta, necessária, rigorosa entre o caso e o que se vai dizer. Quem fala em relação a alguma coisa diz sem dúvida coisas que estão com aquela em relação mais direta do que quando fala a propósito da dita coisa. - Sobre, como acerca de e a respeito de, estabelece uma relação precisa e direta entre o que vamos dizer, escrever, fazer, etc., e o objeto sobre que se diz, escreve ou faz alguma coisa. Além disso, esta preposição sobre marca, ou pelo menos dá ideia da autoridade da pessoa que escreve, diz ou faz. É fácil de sentir a diferença que é palpável entre estas duas formas: "O ministro ouviu o diretor acerca do negócio" (ou a respeito do..., ou em relação ao negócio): "O diretor ouviu o ministro sobre o negócio". - Quanto a é outra locução que marca também conexão direta entre o objeto e o que se vai enunciar. Equivale a sobre, e em relação a... em grande número de casos em que não seria perceptível uma diferença essencial mas muito subtil. - Em

referência a... e em alusão a... distinguem--se tão bem como os dois verbos que ordinariamente se confunde, e sem razão, pois que referir é "indicar positivamente, pelo próprio nome"; e aludir é "indicar por sugestão, referir vagamente, sem dizer de modo expresso qual a coisa a que se alude". Falar em referência é, pois, falar acerca ou a respeito de coisa determinada clara, precisa, expressamente. Falar em alusão é falar quase a propósito; é falar considerando uma coisa que não foi citada, nem era necessário que se o fizesse, porque todos os que ouvem sabem já qual é a coisa a que se alude. Um sujeito, numa festa, ou num banquete político, por exemplo, pode falar em alusão a certos fatos ou a certos homens sem os referir.

100

ACERTAR, atinar, adivinhar. – Quem acerta dá por uma coisa casualmente, ou então ao cabo de algum esforço. - Quem atina acerta com alguma coisa pondo em ação umas tantas qualidades de espírito (argúcia, tenacidade, tino) que nem todos têm... - Aquele que adivinha vale-se de um tino misterioso, de um dom excepcional que só se explicaria por faculdades que o fizessem superior aos homens comuns. Adivinhar é, portanto, acertar, atinar mesmo com as coisas de que absolutamente nada se sabia, e para cujo conhecimento o adivinho não se serve nem de esforço, nem de acaso, mas de uma vidência maravilhosa.

ACERVO, monte, montão, pilha, ruma, rima, cúmulo. - Acervo diz "grande porção de coisas"; e só se usa, fora da acepção jurídica, no sentido figurado, e quase sempre à má parte. "Que acervo de asneiras disse o homem em tão curtos instantes". Não seria de bom gosto dizer: acervo de verdades. - Monte diz também "grande porção de coisas"; e tanto se emprega no sentido próprio como no figurado: - neste último igualmente à má parte. "Que monte de absurdos!", "um monte de laranjas, de pedras, de areia, de gelo", etc. - Montão é aumentativo de monte; e sugere, melhor ainda do que este, ideia de confusão, desordem, grandeza descomunal. – Pilha é "porção de coisas numa certa ordem": pilha de tábuas, de sacos, de frutas, de armas, etc. - Rima, segundo Bruns., é cada uma das pilhas de coisas iguais e sobrepostas umas às outras, que se esteiam mutuamente. - Ruma é "porção de coisas uniformes, podendo por isso ajustar-se umas às outras, de modo que ocupem o menor espaço possível". Quem arruma coloca em rumas as coisas que se devem arrumar. - Cúmulo dá ideia de grande quantidade de coisas formando monte; e usa-se tanto no sentido natural como no figurado9.

102

ACESSÓRIO, secundário, contingente, subsecivo, sobressalente. - Acessório se diz de tudo que numa coisa (num corpo, numa questão, num pensamento, etc.), "não é parte essencial ou fundamental". - Secundário é "o que é de menor importância, de segunda ordem, de valor que não é principal, em relação a outra coisa". - Contingente é "o que não é necessário, ou indispensável e próprio, e que, portanto, pode permanecer apenas por algum tempo, ou mudar logo". - Subsecivo é o que pode ou deve ser eliminado, sem que faça falta no todo de que se elimina, por ser aí demais. - Sobressalente = "que sobra, que excede ao necessário, mas que se põe de reserva para momentos em que venha a servir".

^{9 🐿} Usamos também acúmulo por acumulação, equivalente a amontoamento, excesso de coisas que se vão reunindo, sobrepondo, acumulando.

103

ACHADO, invento, invenção, descoberta, descobrimento. - Achado é "aquilo com que se deu, que se encontrou, quase sempre por acaso, mas podendo ser também fruto de esforço"; e, como diz Roq., anda esta palavra em regra associada à ideia de bom, feliz, proveitoso. - Sobre invento e invenção escreve o mesmo autor que "exprimem o que se inventou, o produto da faculdade inventiva (ou criadora), a obra do inventor; com a diferença que invenção é muito mais extensiva, e que invento se restringe às artes. Pode-se, além disso, estabelecer, entre invenção e invento, a mesma diferença que se dá entre ação e ato". - Descoberta e descobrimento designam o ato de "dar com alguma coisa oculta, ou não conhecida; de revelar o que não era sabido". Descobrimento aplica-se às descobertas de grande alcance, aos fatos de extraordinárias proporções realizados pelos navegadores e viajantes modernos. Descoberta aplica-se mais particularmente ao que se descobre no domínio das artes e das ciências. Ex.: o descobrimento da América; a descoberta da pólvora¹⁰.

104

ACHAR, encontrar, deparar, descobrir, inventar. – Acerca deste grupo escreve Roq.: "Encontrar corresponde ao verbo latino invenire: na sua mais lata significação representa a ação de dar com uma coisa que se buscava, ou que por casualidade se oferece. De um homem que, indo pela rua, viu no chão uma peça de oiro, a apanhou e guardou, dizemos que achou; assim como, tendo-a perdido, e andando à procura dela e encontrando-a, dizemos igualmente que achou... Ao passar

10 Se bem que se não siga sempre muito à risca esta distinção. Muitos autores dos nossos dias dizem indiferentemente descobrimento ou descoberta da América. Só não se diz, nem se há de dizer nunca: descobrimento da pólvora.

pela praça encontrei uma procissão, um enterro, etc. A duas léguas de Lisboa encontrei o correio, o estafeta, etc. Ninguém dirá que achou a procissão, etc.; a não querer dar a entender que a andava buscando. Esta distinção, mui razoável por certo, não deixaria de ter bom patrono entre os clássicos, pois o p. Lucena diz: "Mais encontraram acaso as ilhas do que as acharam por arte". (3, I5). -Deparar, que é composto da preposição de e do verbo latino parare "preparar", exprime a ação de um agente, diferente de nós, que nos subministra, nos apresenta uma pessoa ou coisa de que havíamos, que nos é útil, etc. É por isso que não se usa comumente nas primeiras pessoas: Dizemos que Deus nos depara um amigo, uma boa fortuna; mas só Deus poderia dizer: "Eu te deparei um amigo", etc. Alguns o quiseram fazer sinônimo de encontrar, com a voz neutra, dizendo, por exemplo: "A passagem com que deparei": o que é erro, pois o modo correto de falar é: "A passagem que o acaso, a minha diligência, etc., me deparou". – Descobrir é pôr patente o que estava coberto, oculto ou secreto, tanto moral como fisicamente; é achar o que era ignorado. O que se descobre não estava visível ou aparente; o que se acha estava visível ou aparente, mas fora de nosso alcance atual, ou de nossa vista. Uma coisa simplesmente perdida achamo-la quando chegamos aonde ela está e a descobrimos com a vista; mas não a descobrimos, porque ela estava manifesta, e não coberta ou oculta. Descobrem-se as minas, as nascentes que a terra encerra em seu seio; acham-se os animais e as plantas que povoam sua superfície. Colombo e Cook descobriram novos mundos; e naquelas regiões até então ignoradas acharam um novo reino vegetal e animal, mas a mesma espécie de homem... - Inventar corresponde ao latim invenire na sua significação restrita de "discorrer, achar de novo"; e exprime a ação daquele que pelo seu engenho, imaginação, trabalho, acha ou

descobre coisas novas, ou novos usos, novas combinações de objetos já conhecidos. Um engenho fecundo acha muitas coisas; mas o engenho penetrante inventa coisas novas. A mecânica inventa as ferramentas e as máquinas; a física acha as causas e os efeitos. Copérnico inventou um novo sistema do mundo. Harvée achou ou descobriu a circulação do sangue. Herschel descobriu um novo planeta. Volta inventou a pilha que dele tomou o nome de voltaica".

105

ACHAQUE, moléstia, enfermidade, doença, incômodo (incômodos), indisposição, mal. – Quanto às quatro primeiras palavras deste grupo é ainda de Roq., o que se segue: "Todas estas palavras enunciam um desarranjo ou desordem no estado normal da saúde do homem; mas cada uma delas indica modificações particulares que distinguem os diferentes gêneros de sofrimento". - Achaque, segundo a origem árabe ax xaqui, significa enfermidade ou moléstia habitual. – Moléstia toma-se quase sempre na significação da palavra latina, que quer dizer doença permanente, como o definiu Cícero: Molestia est ægritudo permanens (Tusc. 4, 8). - Enfermidade significa, segundo a força da palavra latina, "fraqueza, falta de forças, debilidade da natureza no sentido em que disse Cícero: Infermitas puerorum et ferocitas juvenum" (Senect. 10). - Doença, segundo sua origem (do verbo latino doleo), quer dizer estado doloroso do corpo, moléstia do corpo acompanhada de dores. A primeira fez-se extensiva a todo defeito físico ou moral; a segunda também se generalizou a todo incômodo, enfadamento, ou trabalho penoso de corpo ou de espírito; a terceira é preferível para indicar a falta de saúde que provém de fraqueza do corpo, abandono de forças, etc.; a última exprime bem a falta de saúde acompanhada de dores ou incômodos físicos, mas não habitual. Parece corresponder ao morbus dos latinos. Dizemos com razão - doente o que não está são, no mesmo sentido em que dizia Cícero: Qui in morbo sunt, sani non sunt. (Tusc. 3, 4). – Incômodo é "mal passageiro"; se bem que no plural se aproxime de moléstia, achaque, enfermidade. – Indisposição é "estado em que a pessoa fica ligeiramente fora do normal". – Mal é termo genérico para designar tudo que causa dano ao homem; aqui tem decerto um sentido mais restrito, e significa em geral o sofrimento que traz a alteração da saúde, podendo substituir em quase todos os casos a todos os outros do grupo.

106

ACIDENTAL, fortuito, imprevisto, inesperado, inopinado, eventual, contingente, casual, ocasional, aleatório, incerto. -Acerca de acidental e de fortuito, escreve Alv. Pas. "Acidental vem de acidente". "Porque parecendo, primeiro, caso acidental, tantas vezes sucedeu que veio a ser havido por mistério". Fr. L. de S... É o que acontece sem ser esperado, em sentido desfavorável. - Fortuito vem de fortuna: é o sucesso extraordinário, mas favorável". - Inesperado, segundo Roq., "supõe conhecimento da possibilidade de uma coisa, que não se espera numa ocasião ou circunstância determinada". - Imprevisto supõe ignorância da possibilidade da coisa. Inopinado supõe que não se havia pensado, nem nos viera à imaginação o que sucede". - Eventual distingue-se de todos os do grupo em enunciar apenas a ideia de coisa que ocorre, que atua ou que se produz sem ser normalmente, isto é, sem que se ligue a causas que possam ser previstas: e, portanto, coisa que pode ou não acontecer. - Contingente sugere ideia de coincidência; e significa "que depende de certas condições ou circunstâncias; ou que não é permanente; que vem e

passa". – Casual se diz de todo fenômeno cuja causa é desconhecida, e que por isso se acredita que é devido ao acaso. – Ocasional significa propriamente "de ocasião", isto é, que se dá como de momento, "que aparece como circunstância que se não prevê". – Aleatório "é termo jurídico: aplica-se a disposições que se tomam para o caso em que se dê uma circunstância possível, mas não provável". (Bruns.). – Incerto é "tudo aquilo a respeito do que se está em dúvida, ou não se tem certeza".

107

ACIDENTE, desastre, desgraça, catástrofe, revés, calamidade. - Segundo Bruns., acidente (do latim accidere, "suceder") diz-se de qualquer desgraça que sobrevém inesperadamente, sem que nada a fizesse prever, e considerando-a até certo ponto como contrária às leis ordinárias... - Desastre (vocábulo francês, formado do prefixo negativo des e de astre, "astro") significa propriamente um grande infortúnio, uma grande desgraça causada, segundo as superstições astrológicas, pela influência nociva dos astros, isto é, do destino; e por extensão, toda desgraça irremediável, que aniquila e destrói tudo, desgraça da qual é impossível sair, e contra a qual nada se pode fazer. - Desgraça é o mais genérico do grupo, abrangendo a significação de todos os outros: é todo acontecimento funesto, que sobrevém como castigo... - Revés é a desgraça que faz mudar completamente uma situação, mas para pior; é o reverso da medalha, se assim nos podemos exprimir... - Catástrofe é acontecimento extraordinário, considerável, que revolve, muda, transforma completamente o estado precedente noutro estado muito pior. Esta revolução completa pode dar-se num povo, num Estado, numa sociedade, e até somente numa família, ou mesmo num indivíduo, mas sempre sugerindo a ideia

de transtorno violento e profundo. - Calamidade (do latim calamitas, vocábulo que significou primitivamente os estragos que a saraiva produz nos campos) significa, segundo a sua etimologia, destruição das searas pelas intempéries, etc. Como a destruição das searas é uma desgraça que afeta sobremodo a muitas famílias, povoações e províncias, trazendo consigo a carestia e a penúria, calamidade, no sentido figurado, que é o único que hoje tem, se diz de qualquer grande desgraça, pública ou privada. O sentido desta palavra é sempre coletivo, mesmo quando se fala de uma calamidade privada, pois nesse caso não se atende a um fato adverso somente, mas a uma série desses fatos que sobrevêm uns aos outros, constituindo um conjunto que tem importância excepcional".

108

ACLAMAR, vitoriar, aplaudir, proclamar, glorificar. - Postos nesta ordem - aplaudir, aclamar, proclamar, vitoriar, glorificar – estes verbos marcam a gradação, a força crescente dos sentimentos com que se manifesta aprovação, alegria, entusiasmo, delírio, incendimento sagrado por alguém ou alguma coisa. - Aplaudir é "dar sinais ostensivos, expressos, de que se aprova e sanciona". - Aclamar é "aprovar, aceitar solenemente". - Proclamar é "dar sanção, declarar com desvanecimento e no meio de extraordinário aparato". (Há muita diferença entre proclamar e aclamar. Em regra, aclama-se espontaneamente, livremente, como se se fizesse escolha solene da pessoa aclamada; proclama-se, porém, como se se desse testemunho, se declarasse autêntico, cumprindo um dever, e como se se tornasse publicamente reconhecido o que se proclama.) – Vitoriar é "aclamar estrepitosamente, com vivacidade, agitação, movimentos de delírio". – Glorificar é "fazer a consagração

de virtudes, feitos, talentos que excedem ao que é grandeza comum entre os homens". A glorificação deve ser um ato ou uma cerimônia tal que se compare à solenidade de culto: só a merecem os verdadeiros gênios e os santos, "pois que diante destes os homens ficam como se estivessem diante de divindades".

109

ACLARAR, esclarecer, elucidar, ilustrar, alumiar, iluminar, explicar, explanar. -Aclarar é "tornar claro, fazer que se veja claro". - Esclarecer é "aclarar completando, explicando o que parecia obscuro ou estava confuso". - Elucidar é "fazer perfeitamente claro, como a própria luz". É convizinho de ilustrar, alumiar e iluminar; distinguindo-se destes, no entanto, em sugerir ideia do modo completo como a coisa elucidada ficou esclarecida. Uma questão pode ter sido ilustrada por um mestre, sem que só por isso haja necessariamente ficado de todo elucidada. - Ilustrar significa "lançar luz, projetar brilho sobre"... – Alumiar diz propriamente "dar luz, esparzir claridade"; e distingue-se de ilustrar em grande número de casos. O grande homem *ilustra* (dá brilho) o seu tempo"; e não – "alumia..." O sol alumia a todos"; e não – "ilustra..." "A palavra de Jesus alumia os cegos" (não - "ilustra...") Ilustra-se uma obra, um assunto, um debate; e não – alumia-se..." – **Iluminar** é de predicação mais viva e de ação mais direta que alumiar e ilustrar; e isto quer no sentido próprio, quer no figurado. A lição do mestre abalizado nos *ilustra*, ou nos *alumia* o espírito; mas nem sempre nos ilumina; pois iluminar, num sentido muito alto, significa "dar à inteligência uma nova e intensa claridade a que não escapem as coisas mais abstrusas". Dizemos: "Deus que o ilumine" (isto é – que lhe torne luminoso o espírito, o senso interior); e: "Deus que lhe alumie o caminho escabroso que vai seguir" (isto é – que lhe torne claro o caminho). E como um caminho só se faz claro a olhos que saibam ver, também poderíamos dizer assim: "Deus que lhe ilumine o caminho da vida". Mas, quanto ao primeiro exemplo, decerto que ninguém teria a lembrança de arriscar: "Deus que o alumie..." Pelo menos esta forma seria de lidimidade muito duvidosa. -Explicar é esclarecer como desdobrando, estendendo, desembrulhando aquilo que se não entendia, mais por defeito da coisa que se explica do que da pessoa a quem é explicada. - Explanar = "explicar tornando simples, inteligível, fazendo fácil".

110

ACOBARDAR. intimidar. amedrontar. atemorizar, assustar, aterrar, aterrorizar, espavorir, apavorar, quebrantar. – Todos estes verbos enunciam ação de diminuir ou abater o ânimo de...; e pode-se dizer que a nuança entre uns e outros é marcada pelos respetivos radicais. – Acobardar é "reduzir alguém a uma incapacidade absoluta de reagir". Quem se acobarda perde a coragem para repelir um ataque, ou para atacar um inimigo que o afronta. Muito bem nota Roq., tratando de cobardia, que de um menino (de uma mulher, de um enfermo, ou de um decrépito, etc.) não se pode dizer que seja cobarde, e sim medroso. A noite, a solidão, uma invetiva não acobardam, mas amedrontam uma criança. Também não será próprio o verbo acobardar tratando-se de casos em que a coisa a resistir, a vencer, a atacar, ou a evitar etc., seja superior a forças humanas ou fique fora do nosso alcance. Não se poderia dizer, por exemplo, que uma tormenta, ou um vulcão, ou o relâmpago, etc., me acobarda, mas que me apavora, que me atemoriza ou me quebranta. De sorte que só se entende que alguém se acobarda quando deixa de ter o ânimo que é próprio do homem, da

sua função, da sua tarefa, etc. - Intimidar é "fazer tímido". Pode-se intimidar a todo o mundo talvez; mas aquele que se intimida – ou é de uma prudência tão meticulosa que se avizinha de cobardia; ou é de uma tão delicada modéstia que passa a ter sem dúvida outro nome; ou então é mesmo de natureza ou de condição tímido por ser fraco, submisso, etc. Exemplos: "Bastou uma palavra mais alto e mais áspera para que o outro se intimidasse ali, calando-se". (O outro aqui não é decerto um herói, mas é possível que explicasse suficientemente a sua quebra de ânimo como excesso de pudor, como virtude contra o escândalo.) "Por estar na rua, a presença daquele biltre intimidou o velho soldado (O velho soldado nem por isso perderia direito a continuar sendo o mais legítimo dos heróis: poderia mesmo juntar talvez agora ao antigo, tão discutível e brutal, o heroísmo um tanto menos espetaculoso, mas seguramente mais humano, de salvar o seu decoro intimidando-se, já que é tarde para defendê-lo a pulso ou à força de armas); "Só ao ver ao longe o filho do senhor, o mísero escravo intimidou-se"; ou: "Bastou a presença do mestre para intimidar o menino". – Amedrontar é "causar medo"; como atemorizar é "causar temor". Mas a diferença entre estes dois verbos é bem sensível quando se compara medo e temor. (Ver o grupo...) Amedrontamos uma criança, um espírito supersticioso, um assassino acossado de remorso ou perseguido da justiça; atemorizamos o mau estudante com a presença do pai; o perdulário lembrando-lhe o futuro; atemoriza-se o réu diante do tribunal; o menino na presença dos examinadores, etc. Sente-se, portanto, que em atemorizar se inclui a ideia do motivo real, grave, sagrado, que leva alguém a perder o ânimo. "O crente atemoriza-se do castigo divino"; ou - "O castigo do céu atemoriza os crentes". (Ninguém diria amedronta, nem intimida, e menos

acobarda.) – Assustar é "produzir impressão súbita de espanto ou medo", é causar susto. É dos mais extensivos do grupo. Até os animais podemos assustar. - Aterrar e aterrorizar confundem-se muito, e sem razão. O primeiro exprime "inspirar um medo, um grande espanto, um súbito terror de imobilizar, abater inteiramente o ânimo aterrado". O segundo significa também "encher de terror"; mas não sugere a ideia de mistério, de coisa sagrada, de impressão violenta, que se inclui em **aterrar**. Uma visão diremos que nos aterra; a iminência de uma grande desgraça nos aterroriza. – Espavorir é "fazer abalado de pavor, deixar agitado de susto: e sugere a ideia da fuga que revela o espanto. - Apavorar diz propriamente "encher de pavor, causar grande medo"; e tem alguma coisa de análogo a aterrar por sugerir, quase sempre, igualmente a ideia do que tem de misterioso, como sobrenatural, o pavor que sentimos. Não se poderia dizer, por exemplo: "A noite, lá fora, nos espavore"; mas -"nos *apavora*"… – Quebrantar é "fazer que se perca o ânimo, que se deixe abater, amofinar". "Na miséria ou na doença os mais fortes se quebrantam". "O sofrimento moral quebranta mais que os males físicos".

HI

AÇÕES, fatos, feitos, façanhas, proezas. — Quanto aos três primeiros escreve Roq. "A ação tem uma relação imediata com a pessoa que a executa, representando-nos a vontade, o movimento, a parte que nela tem a pessoa. O fato tem uma relação direta com a coisa executada, representando-nos o efeito, o produto, o que fica executado por meio da ação. Daí vem que as ações são boas, más ou indiferentes, sinalando a palavra diretamente a intenção do que as executa; e os fatos são certos, falsos ou duvidosos, com relação direta à essência ou qualidade do fato em si mesmo. — Feito é o mesmo que fato, mu-

dada por eufonia a pronúncia dura de a na doce de ei; corresponde muitas vezes a obra, ato, mas o seu uso mais frequente é representar as ações nobres, ilustres de homens famosos e dignos de memória". – Façanha (do latim facinus, de facere, "fazer", "obrar" etc.) é feito heroico, devido à grande coragem, a virtudes, a esforço, a valor excepcionais. - Segundo Laf., proeza (em francês prouesse "action de preux") "diz-se propriamente das façanhas da antiga cavalaria, das que são contadas nos antigos romances".

ACOITAR, acoitar-se; asilar, asilar-se; esconder, esconder-se; ocultar, ocultar-se; refugiar-se; abrigar, abrigar-se; homiziar, homiziar-se. – Acoitamos uma pessoa que sabemos comprometida com autoridade pública, ou com alguém a que essa pessoa esteja sujeita. Vem acoitar-se em nossa casa o indivíduo que se julga culpado de algum crime. Nem por isso asilamos a primeira; nem o segundo pode dizer-se, nem sempre, que se *asila* em nossa casa. – **Asilar** expressa a ideia de lugar seguro, sagrado (asilo) em que alguém se julga a salvo de qualquer perseguição. - Esconder é "furtar alguém ou alguma coisa à ação, ao esforço de outrem, que se considera com direito a essa coisa ou essa pessoa". Esconde-se aquele que se esquiva à ação dos que o procuram. - Ocultar é menos do que esconder, pois ocultamos uma coisa evitando apenas que outros a vejam. Quem se oculta deixa apenas de aparecer; quem se esconde procura escapar tanto às vistas como à investigação de outrem. – Refugiar-se diz propriamente "fugir e valer-se de algum lugar seguro para escapar a algum perigo". Um político, um anarquista, comprometido em algum atentado ou algum movimento subversivo, refugia-se na Inglaterra ou na Suíça. Um bandido, acossado do clamor geral, refugia-se na floresta. – Abrigar é "dar

abrigo"; isto é – "acolher e amparar alguém contra risco iminente, ou contra mal de que é perseguido": "O hoteleiro abrigou da (ou contra a) chuva aquelas crianças"; "Abrigamos em nossa casa bons e maus". - Homiziamos em nossa casa alguém "que sabemos condenado por algum crime": e exatamente nisto é que este verbo se distingue de acoitar: este é mais extensivo: tanto podemos acoitar um menino que fugiu da casa dos pais, como um assassino que foge da polícia; mas só bomiziamos o criminoso que tenta escapar à ação da lei penal. – Homiziar é sempre um delito; acoitar nem sempre. De um revolucionário vencido que conseguiu fugir não se pode dizer que foi homiziar-se no estrangeiro (e sim – refugiar-se). De um criminoso julgado, sim, não se dirá que se refugiou, mas que se foi homiziar no estrangeiro.

113

AÇOITAR, vergastar (verdascar), chicotar (ou chicotear), azorragar, zurzir, surrar, chibatar (ou chibatear), flagelar, fustigar. – Todos estes verbos enunciam ação de molestar fisicamente; e diferençam-se quase que só pelo gênero do instrumento com que se molesta. Usam-se todos também no sentido moral. - Açoitar é "bater com açoite ou látego, e como castigo". - Vergastar (ou verdascar) é "bater com vergasta (ou verdasca) isto é - com vara muito fina e rija, cortante". - Chicotar (ou chicotear) é "pungir a chicote"; e tanto se faz às bestas lerdas, como aos homens que se deseja humilhar, pois o chicote ou rebenque não só molesta, mas ultraja também. – Azorragar é "bater com azorrague"; e sugere a ideia de "fortes golpes que molestam e afrontam a vítima". – Zurzir é "espicaçar, pungir, afligir, magoar açoitando ou vergastando". - Surrar é o mais compreensivo do grupo: exprime a ideia geral de "molestar de qualquer modo, mas principalmente batendo,

macerando, zurzindo para exemplar e corrigir". - Chibatar (ou chibatear) é "aplicar a chibata, ou a verdasca"; e sugere noção da superioridade de quem chibata com respeito ao chibatado. - Flagelar tem hoje uma acepção especial, significando a ação de impor pena como suplício e castigo, ou o fato de cair... como calamidade. Tanto pode flagelar--nos um inimigo como um infortúnio, como a despiedade de um mau poeta. Uma nação pode ser flagelada por uma inundação ou por um mau governo. – Fustigar é quase como zurzir: designa a ação "de picar, bater com vergasta e repetidamente, até que o fustigado perca a paciência e saia do estado normal de atividade ou de calma". - O sentido translato é análogo ao natural em todos estes verbos

114

ACOMODAR, adequar, adaptar, ajustar, apropriar. – Acomodar "é – diz Bruns. – transformar uma coisa de modo que, sem perder o seu caráter, sofra as alterações que o caso exige: acomodar um drama estrangeiro ao teatro português". – Adequar é "fazer uma coisa proporcionada a um certo fim, conveniente a um determinado uso, ou a um caso determinado". – Adaptar é "fazer alguma coisa apta especialmente para uma calculada serventia". – Ajustar é "modificar uma coisa de maneira que com outra se combine". – Apropriar aqui é "dar a uma coisa condições que a tornem própria para o fim que se deseja".

115

ACOMPANHAR, seguir, escoltar, comboiar. — Acompanha-se uma pessoa quando se vai a seu lado e subentende-se que tomando parte nas vicissitudes que essa pessoa tiver no seu caminho. Não se poderia dizer, portanto, "acompanha no encalço", mas — "segue no encalço" (ou vai...). Porque seguir é que diz

"ir atrás, tomar o mesmo rumo de alguém, mas indo-lhe na retaguarda e sem perdê-lo de vista, e quer para observá-lo, quer para o servir. Segue-se-lhe a pista a alguém... (não acompanha-se). Acompanha-se uma irmã à igreja (não - segue-se)". - Escoltar é "acompanhar para proteger ou para vigiar"; e dá ideia de que nunca é uma só pessoa que escolta. Um galé só sai da sua prisão escoltado. As forças escoltaram os prisioneiros até Pernambuco. – Quanto a comboiar é preciso que se note que, em regra, a coisa a comboiar – carros, navios, tropas de carga, boiadas, etc. – é sempre mais de uma; isto é, sempre se entende que é grupo, multidão (comboio). Além disso, é mais restrito que escoltar, pois nunca se comboia senão para proteger.

116

ACONSELHAR, sugerir, insinuar, guiar, inspirar, persuadir. - Aconselhar é "induzir alguém, por meio de razões insistentes e bons argumentos, a que faça alguma coisa que não faria de moto-próprio"; é também "encaminhar numa certa direção (num negócio, numa situação difícil, na vida, etc.)." Pode aconselhar-se bem ou mal, de boa ou de má-fé, benévola ou perversamente. - Sugerir é "fazer entrar no espírito de alguém, e muito subtilmente, ou por meios indiretos e vagos, alguma coisa que está no nosso interesse, ou mesmo na conveniência da pessoa a quem se sugere. É claro que, quando dizemos explicitamente a Pedro que levante cedo, a isso o aconselhamos; quando lhe fazemos sentir por meias palavras, ou por circunlóquios, a conveniência de ocultar-se às vistas da polícia, sugerimos a Pedro o que está no seu interesse. Ninguém diria que sugeriu a Pedro que levantasse muito cedo: salvo se quisesse mesmo fazer uma simples sugestão, em vez de dar um conselho". - Insinuar está quase no mesmo caso de sugerir: é "introduzir, levar até o íntimo do espírito ou do

coração de alguém uma ideia, uma suspeita, um desejo etc.: convindo não esquecer que insinuar envolve ideia de má vontade ou de intuito ilegítimo de quem insinua". – Guiar é dirigir alguém nalgum serviço, intento, marcha, etc.; é assistir com bons conselhos, para que a pessoa *guiada* não se afaste do reto caminho, Guiamos os nossos filhos; como guia o mestre os seus discípulos. - Também se pode guiar mal ou bem. - Inspirar, aqui, significa "sugerir mais diretamente, com mais energia; operar sobre o espírito ou o coração de alguém para que se oriente, se anime, se incenda, se recorde, etc. - Persuadir é "insistir em que alguém creia, aceite o que lhe propomos ou dizemos". Não é convicção que leva uma pessoa a persuadir-se: é antes a autoridade de quem persuade.

117

ACONTECER, suceder, ocorrer, dar-se, passar-se. - Quanto aos três primeiros, diz Bruns.: "Acontecer é termo genérico, aplicável a qualquer fato, previsto ou imprevisto, importante ou não. Geralmente, acontecer não relaciona o fato com outro anterior nem o atribui a determinada causa; não obstante, como termo genérico, não há dúvida que em tais casos seja bem empregado: aconteceu o que tínhamos previsto; aconteceu um desastre." - Suceder é o mesmo que acontecer, mas encerra ideia de causa anterior. Dizendo - "aconteceu uma desgraça" – referimo-nos à desgraça em si, sem outra ideia acessória; dizendo "sucedeu uma desgraça" – apresentamos o fato como consequência de tal ou tal existência: "na perfuração dos túneis sucedem desgraças amiúde..." Ocorrer é o mesmo que suceder ou acontecer; emprega-se, porém, quando se quer dar a entender que do que sucede ou acontece se origina alguma consequência... - Dar-se é, aqui, um verbo que em todos os casos poderia substituir a qualquer dos

três primeiros, significando o mesmo que acontecer, ou suceder, ou ocorrer. Dão-se às vezes desgraças que surpreendem os mais fortes ânimos. Deram-se acontecimentos extraordinários em Lisboa. Dizem que se deram naquele momento sucessos imprevistos. As ocorrências que se dão diariamente já não impressionam. – Passar-se está quase no mesmo caso: não é, porém, tão extensivo, e é de predicação mais precisa. Decerto que se não poderia dizer: "Passou-se uma catástrofe; passar-se-ia um desastre se não fora a nossa prudência".

118

ACORDAR, concordar, convir, convencionar, combinar, concertar, ajustar, assentar, tratar, contratar, pactuar; acordo, concordata, convênio, convenção, combinação, ajuste, concerto, assento, tratado, contrato, pacto. - Acordo supõe que a pessoa, que chegou a fazê-lo, primeiro relutara ou não se tinha mostrado a ele propícia. Nesta palavra acordo (accordo) figura a raiz cor, que deu cors, cordis, "coração"; e, portanto, ac (c por d) + cordo diz propriamente "ao coração", "para o coração"; - isto é - significa a união de sentimentos e extensivamente de ideias, de opiniões, etc., a que chega quem faz acordo. Por isso é que se diz muito acertadamente que onde nunca houve desacordo não seria próprio dizer que veio a dar-se acordo. - Acordar é, pois, entrar em acordo. - Convir é encontrar-se com outra pessoa numa certa igualdade de intuitos. O que se faz entre as pessoas que convêm chama-se convênio. -Convenção é "o acordo, não de vontades ou de impulsos propriamente, mas de razão, de direito ou de interesses a que se submetem afinal partes que não puderam dirimir de outro modo a contenda ou a questão debatida". Convenção é sempre mais solene e ato de mais importância do que convênio. Os que convêm fazem convênio: celebrar

convenção é convencionar. - Tratado e contrato correspondem a convenção e convênio ou guardam respetivamente entre si a mesma analogia. Mas tratado é uma convenção de alta categoria: só pode ser celebrado entre nações. Dois exércitos não celebram tratado, mas convenção: só poderes soberanos têm capacidade para celebrar, tanto convenções como tratados. É certo, no entanto, que tratar tem uma significação muito menos precisa, se bem que o mesmo se pode quase dizer de tratado, fora da acepção que tem neste grupo. Trata-se tanto de altos interesses de nações como das coisas mais insignificantes do mundo; mas dizemos também, referindo-nos a negócios de pequena monta: "o tratado é devido". - "O pacto é uma convenção formal em que cada pactário declara renunciar ao direito de romper o pactuado; é um compromisso que fica obrigatório para cada um dos que nele tomam parte, ainda quando não tenha sanção legal – não a podendo mesmo ter quando, como frequentemente sucede, o pacto se faz sobre coisas cuja sanção é superior ao alcance das leis humanas. É precisamente em virtude do caráter de imutabilidade que o pacto reveste, que este termo se presta a ser tomado a má parte, como quando se diz: fazer um pacto com o diabo; pactuar com os inimigos da pátria". (Bruns.) – Ajustar é "convir em alguma coisa, ou nas condições de um arranjo ou negócio depois de haverem as partes discutido". Ajuste é, portanto, o ato de ajustar; e tem mais propriamente sentido jurídico, ou ainda mais restrito - comercial. - Assento diz propriamente "o registro solene de um convênio, da resolução que se tomou, da sentença que foi proferida": assentar é, pois, "reduzir a escrito (ou dar-lhe toda autenticidade) um acordo a que se chegou, de modo que fique sólido e perfeito". - Combinar (do latim combinare - cum + bini "com" + "par") diz precisamente "pôr uma coisa

ao lado da outra, ou junto uma da outra, juntá-las, confrontá-las, compará-las": combinar é, pois, "dispor, ordenar os termos de um acordo ou de um convênio". O que se combina fica assentado apenas mentalmente: não tem força de acordo ou de pacto feito. - Combinação é o ato de combinar ou aquilo mesmo que se combinou. - Concerto é um pouco mais que simples combinação: é "a harmonia perfeita a que se chega acerca de alguma coisa depois de haver ponderado todos os prós e contras": pode não chegar a ser um contrato, mas já envolve compromisso moral mais solene do que aquilo que simplesmente se combinou. – Concertar é, portanto, "entrar em concerto, decidir, depois de debate, por acordo comum". - Contrato é "aquilo que se tratou reduzido a escrito, a forma autêntica, nos termos ou nas condições da lei, ou dos costumes, para que dele resultem direitos e obrigações legais ou morais". - Contratar é, pois, celebrar contrato. – Concordar é convizinho de concertar: é "vir a acordo como os que se conciliam, deixando sentir que se havia antes discordado". - Concordata é termo jurídico que tem principalmente duas acepções: exprime "acordo ou convenção solene feita entre o sumo pontífice e um soberano"; e designa "ajuste entre credores e devedor".

119

ACORDAR, despertar. – Segundo Roq.: – "Acordar e despertar são verbos ativos e neutros, e representam a ação pela qual um homem sai, ou o tiram, do estado de adormecimento em que jazia. – Acordar exprime propriamente a cessação do sono, o recobro dos sentidos, e também a cessação do sonho, como se vê naquele verso de Camões (Canç. 15):

Ah! quem de sonho tal nunca acordara

– Despertar é pôr ou pôr-se um homem esperto, expedito para exercer suas faculda-

des, como se vê ainda de outros versos de Camões (Lus. VI, 38):

Os do quarto da prima se deitavam, Para o segundo os outros despertavam.

Parece que a ação de acordar precede à de despertar; que acordar supõe um sono ordinário e que acaba regularmente, sendo que despertar anuncia sono profundo, e que se interrompe a horas desacostumadas, para sair do qual é necessário mais esforço nosso quando acordamos, ou de quem nos quer tornar espertos. – A mesma diferença existe na acepção figurada. Quantos homens acordam do sono da culpa, mas não chegam a estar assaz espertos para praticarem resolutamente a virtude!"

120

ACOROÇOAR, alentar, animar, induzir, incitar. – Acoroçoa-se alguém na sua tarefa, ou seu intento, incitando-o com palavras e afagos a que tenha coragem e se esforce por vencer. Segundo a própria etimologia, acoroçoar (a + coração + ar) diz "avigorar o coração": quer dizer – confortar alguém no que empreende. - Alentar significa propriamente "dar alento, isto é, insuflar coragem, incitar na tarefa, sustentar no esforço. A esperança nos *alenta* nesta luta. A palavra do santo velho alentava os moços. Animar é "infundir alma"; isto é – dar vigor às forças do espírito para uma resolução, para um trabalho, para sofrer um mal, ou uma doença. Com o exemplo do capitão animam-se os soldados a investir o baluarte. Animam-se os enfermos contando-se-lhes casos de cura prodigiosos. Não há ninguém que anime aqueles míseros no eito. - Induzir, aqui, é "levar alguém, por meio de palavras persuasivas, ou por exemplos ou por medo, a fazer alguma coisa". - Incitar é um pouco mais: é "induzir com grande esforço e vivo empenho". Quem induz um menino a faltar às aulas não é talvez menos perverso do que aquele que o incita a praticar o mal.

121

ACORRENTAR (ou encorrentar), encadear, agrilhoar, encorrear (ou acorrear), amarrar, prender. - Acorrentar (ou encorrentar)^{II}, no sentido próprio, é "prender por meio de corrente"; no figurado é "coagir, conter dentro de certos limites". É próximo de encadear, distinguindo-se em sugerir, melhor do que este, a ideia da força, dureza, prepotência com que se prende. - Agrilhoar diz mais ainda que acorrentar, pois encerra ideia da tirania com que se agrilhoa, do peso dos grilhões, do sofrimento do agrilhoado. - Encorrear (ou acorrear) é "prender por meio de correias, enlaçar de modo a tolher os movimentos ao que se encorreia". - Amarrar diz propriamente "prender com amarra"; isto é - por meio de cabos, correntes, ou cordas, de modo que a coisa amarrada fique segura, e não se possa afastar do posto em que se a fixou. – Prender é o mais genérico do grupo: diz "ligar uma coisa a outra, mais ou menos intimamente, sem envolver ideia do modo como se a prende".

122

ACORRER, acudir, afluir. - Estes três verbos enunciam a ação de correr, marchar, ir ou vir para alguma parte. Entre os dois primeiros e o outro, já se nota uma diferença fundamental: tratando-se de pessoas (ou quaisquer animais) só se emprega afluir quando se faz referência a muitos indivíduos. Uma só pessoa seria impróprio dizer que aflui; porque em afluir se inclui a ideia

II • Poder-se-ia notar entre estes dois verbos alguma diferença; pois encorrentar diz mais propriamente "carregado de ferros, cheio de correntes". Colombo voltou da América encorrentado (não acorrentado).

de multidão, de cópia ou abundância. Esta ideia não há em acorrer e acudir: tanto podemos dizer "ele acorreu ou acudiu ao ver o desabamento", como: "eles acorreram ou acudiram..." Outra diferença: como há casos em que **afluir** não substituiria nenhum dos dois, há-os também nos quais não seria permitido usar de acudir, nem de acorrer por afluir: por exemplo: em – "as famílias da redondeza afluíram à cidade no dia da festa" – não poderíamos (sem alterar o valor lógico da frase) pôr nenhum dos dois primeiros verbos no lugar de afluíram. Isto quer dizer que afluir significa (como na acepção própria, natural) "mover-se lentamente (como os líquidos) numa certa direção, à procura de um ponto"; e que em acorrer e acudir está implícita a ideia de pressa: não se acorre nem se acode devagar, ou sem grande interesse de momento ou urgente. Entre acorrer e acudir é preciso também notar que é fácil marcar uma certa nuança. Quem acode atende a grito de socorro, ou a perigo que viu, ou a alguma coisa que procura solícito impedir ou evitar, ou cede a medo, a obediência, a vivo interesse, ou a provocação: o que, pelo menos, nem sempre se dá quanto a acorrer. Quando muito, poder-se-ia dizer que ninguém acorre a um certo ponto, ou para determinado lugar, sem motivo instante; mas quem ouve um grito de socorro não acorre apenas: acode, porque "corre a socorrer".

123

ACOSSAR, perseguir. – Acossar – diz Bruns. – "é perseguir hostilizando; conseguintemente, o acossador tem à vista o acossado. Tal ideia não existe em perseguir, pois entre o perseguidor e o perseguido a distância pode ser considerável".

124

ACOSTUMAR-SE, habituar-se, dar-se, afazer-se, adaptar-se, acomodar-se, ajus-

tar-se, aclimar-se (aclimatar-se), identificar-se, afeiçoar-se, amoldar-se, modelar-se. Costume, hábito. – Todos os verbos deste grupo enunciam ação de mudar de vida, de meio, de condição, e afazer-se a condição, meio ou vida nova. Acostuma-se alguém com alguma coisa, ou nalgum lugar, quando sente que o meio, tanto social como físico, lhe não é mais estranho como a princípio. Por isso mesmo não se explicaria, por exemplo, que um paulista nos viesse dizer que se acostuma em S. Paulo (isto é, na mesma terra onde nasceu e se criou e onde vive). - Confunde-se acostumar-se, com habituar-se, e com a mesma sem-razão com que se confunde costume com hábito. Não está em mim acostumar-me numa cidade; mas depende de mim habituar-me a um certo serviço, ou a um gênero de vida que nunca tive. - Costume é "tudo que forma o modo de ser próprio de alguém ou de um povo: o convívio é que o faz." Devemos, portanto, os nossos costumes, tanto maus quanto bons, menos a nós próprios do que à ação do meio em que vivemos. - Hábito é "tudo que fazemos já quase maquinalmente, por nos termos exercitado com esforço, ou por termos repetido muitas vezes": devemos os nossos hábitos mais a nós próprios do que a outros. Resta observar que costume se poderia definir como significando hábito moral, pois inclui mais ideia de modo de ser do espírito, do indivíduo subjetivo, do caráter em suma, que do exterior, ou do modo de parecer peculiar a cada pessoa. Entre acostumar-se e habituar-se há, pois, a mesma diferença. F. se habituou a ir todos os dias à igreja. A. não se acostuma no campo. M. acostumou-se, afinal, em Paris; mas nunca se habituará à vida dos boulevards. - Dar-se exprime, aqui, quase o mesmo que acostumar-se; e a diferença entre os dois consiste em que aquele é de predicação menos intensa e mais vaga. Ele se dá tão bem na roça como na corte. Ela nun-

ca se pôde dar com os caprichos do noivo. Decerto nada impediria que uma pessoa, que se não dá com a vida do Rio, viesse, afinal, a acostumar-se aqui. - Afazer-se aproxima-se mais de habituar-se, pois ninguém se afaz a alguma coisa sem esforço. - Adaptar-se enuncia a "ação de se fazer alguém próprio, capaz, apto para uma certa coisa, ou para algum serviço ou função". - Acomodar--se diz propriamente "ficar a gosto nalgum lugar ou com alguma coisa; dar-se bem, sem constrangimento, com alguma coisa." – Ajustar-se quer dizer "pôr-se alguém, em relação a outrem ou alguma coisa, como ficam duas superfícies planas que se juntam; ficarem medida igual". – Aclimar-se é "afazer-se, adaptar-se a um clima novo, ou que não é propriamente o nosso". O sentido translato é análogo. – Aclimatar-se é o mesmo verbo, adaptado da forma francesa. - Identificar-se é "acomodar-se tão bem com alguma coisa como se se fizesse igual a ela". - Afeiçoar-se é "semelhante ao precedente: designa a ação de dar-se perfeitamente com alguma coisa (ou com alguém) amoldando-se a ela". – Amoldar-se é propriamente "tomar alguém ou alguma coisa por molde ou modelo"; e modelar--se diz o mesmo, notando-se apenas entre os dois a diferença marcada pelo prefixo a de amoldar-se, designativo de esforço por parte de quem se amolda: ideia que se não inclui em modelar-se. – Exemplos: afazemo-nos a uma tarefa nova; adaptam-se rapazes à vida militar; acomodo-me à compostura, ou à índole das pessoas prudentes; ela procura ajustar-se ao modo de ser do esposo; aclimar-se-ão neste trabalho ou neste meio se tiverem perseverança e cautela; identificou--se ele completamente com a sorte daqueles homens; afeiçoei-me sempre às condições da minha vida; amoldo-me a todas as contingências: só não posso modelar-me pelo sentir dos ímpios.

125

ACRESCENTAR. aumentar. acrescer. - "O segundo" - diz Roq. - "é o meio; o primeiro é o resultado. Para aumentar, acrescenta-se; acrescentando, aumenta-se. Aumentei o número dos livros da minha biblioteca. porque acrescentei alguns que me faltavam. E não se diria: Acrescentei o número de livros porque o aumentei. O aumento é sempre efeito da adição ou aditamento; e este é o meio por que o aumento se verifica. Um ricaço aumenta suas rendas acrescentando novas propriedades às que já tinha". - Acrescentar é uma extensão de acrescer. Quando uma coisa aumenta "crescendo, isto é, pouco a pouco, por acréscimo ou adição gradual de novas moléculas ou porções de massa, dizemos que acresce." - Acrescer é, pois, nesta acepção, "ficar maior, mais ampla, mais extensa por acrescimento." Quando uma coisa cresce de volume, de extensão, de amplitude, de força, de intensidade, qualquer que seja o processo de crescimento, dizemos que aumenta. A dor, por exemplo, a alegria, a felicidade, a raiva, etc., ninguém diria que acresce: e sim que aumenta, pois que se torna mais intensa.

126

ACRESCENTAR, ajuntar, juntar, adicionar, adir, aditar, agregar. - Segundo Bruns., "adicionar é reunir um todo (ou uma parte) a outro todo¹² da mesma espécie: adicionar um ato à Constituição do Estado. – Acrescentar é tornar mais longo ou mais complexo: acrescentar um parágrafo à carta. Ajuntar é pôr umas coisas junto a outras. O que se junta ou ajunta forma parte integrante do todo. Não assim o que se

12 Naliás, isto seria melhor juntar, unir. No verbo adicionar há implícita a ideia de que, em regra, a coisa adicionada é menor do que a coisa a que se adiciona: esta fica para aquela como o todo para a parte, como a soma para a adição.

agrega, pois cada parte agregada conserva a sua individualidade. Por isso ajuntar é aumentar o todo, e agregar é aumentar o conjunto. Juntam-se coisas homogêneas; agregam-se essas ou outras". – Entre ajuntar e juntar parece que há sempre alguma diferença. Basta notar que se diz: - "juntamos os nossos esforços" e não - "ajuntamos..."; "ajuntamos laranjas, ajuntamos dinheiro" e não - "juntamos..." Ísto quer dizer que ajuntar marca (pelo prefixo a = ad) a atividade, o esforço do sujeito que põe uma coisa junto de outra: o que não se dá em relação a juntar, que enuncia apenas o "ato de se pôr ou de ficar uma coisa juntamente ou em cooperação com outra". Exemplo: "Convença-se de que me juntarei ao sr. (estarei junto do sr.) nesta questão"; nunca - "me ajuntarei..." (porque ajuntar, aqui, só admite a forma pronominal recíproca: poder-se-á ainda dizer – "ajuntar-nosemos"; não - "eu me ajuntarei ou ajuntar-me--ei". – Adicionar, aditar e adir têm o mesmo radical (do... are) e todos designam a ação de acrescentar, ajuntar. - Adir (de addere = ad + dare) significa "pôr ao pé, adaptar, ajuntar, unir". Deu-nos adido e adição, dos quais temos aditar e adicionar, este de formação vernácula, e aquele de formação latina; parecendo, portanto, que se equivalem perfeitamente, como se vê dos nossos léxicos. É preciso, no entanto, notar que dizemos: aditar alguma coisa às provas feitas, aos autos, ao discurso lido: casos em que adicionar não seria pelo menos de muito escrupulosa propriedade. - Aditar diz, portanto, "ajuntar ao que estava feito, deixando como apensa a coisa aditada": adicionar exprime "acrescentar como adição, como parcela que vai aumentar, e como perfazer a soma". Aditam-se razões às que já foram produzidas: adiciona-se alguma coisa a uma coisa dada, ou uma ou mais porções a um corpo fazendo-o maior. É certo que dizemos – "ato adicional", mas sem dúvida ninguém se animaria a dizer -

"adição constitucional", em vez de — "aditamento constitucional", referindo-se a uma peça complementar da Constituição, peça que lhe fica como que apensa.

127

ACREDITAR, crer. - Confundem-se muito estes dois verbos; e, no entanto, bastariam alguns exemplos para deixar clara a distinção que é preciso não esquecer entre os dois. "Creio em Deus"; "creio firmemente na imortalidade da alma", "creio que ela não descerá jamais àquela miséria moral". Se nestes exemplos substituirmos o verbo crer pelo outro, é evidente que não faremos com a mesma precisão e a mesma força as afirmações que aí se formulam. É exato, aliás, que o próprio verbo crer, em certos casos, sugere também alguma coisa de dúvida no considerar como certa a coisa em que se crê; mas provavelmente devemos isso, menos à imprecisa propriedade do vocábulo, que a uma desfiguração de sentido que se explicaria talvez por uma vantagem do menor esforço com que pronunciamos crer em vez de acreditar. Todos dizemos: "Creio que ele virá" - querendo dizer: "Acredito que ele virá"... Mas quem diz: "Creio que ele virá" – funda naturalmente a sua crença ou a sua confiança na afirmação daquele que tem de vir; e neste caso, é de mais lídima propriedade a aplicação do verbo acreditar, que diz precisamente "ter como verdade, não o que sentimos, mas aquilo que outros nos afirmam". Enquanto que o verbo crer significa "considerar como verdade aquilo que está no coração ou na consciência", e isso por uma injunção do nosso espírito, por uma capacidade própria do nosso entendimento, ou por uma tendência ou um modo de ser da nossa natureza moral. Crer encerra ideia de certeza profunda, de convicção segura e inabalável; e é só por engano talvez que lhe damos a significação perfeita de acreditar.

Muita gente não *crê* em Deus, ou em Jesus, mas acredita em visões, em lendas fantásticas e contos da carochinha.

128

ACRO, quebradiço, frágil. - Segundo Bruns., "acro se diz do que, sendo duro e pouco dúctil, se quebra ao ser trabalhado. Há metais acros." - Quebradiço é o que se quebra facilmente. O vidro é quebradiço. - Frágil aplica-se ao que, além de ser quebradiço ou deteriorável, necessita cuidados assíduos para conservar-se. Nada mais frágil que "a saúde".

129

ACUDIR, socorrer, auxiliar, amparar, proteger, defender, ajudar, salvar, valer. -Acudir é "correr em socorro de alguém". Aquele que nos grita: Acudi-me! – solicita ansiosamente a nossa assistência nalgum perigo em que se encontra. – Socorrer não implica a ideia da presença da pessoa, cujo socorro se pede, junto da pessoa que se deve socorrer. Nem sempre quem acode socorre efetivamente. E a inversa é também admissível: só porque alguém nos socorre num grande embaraço, ou mesmo num perigo, não se segue necessariamente que nos haja acudido, isto é – que tenha vindo solícito ao lugar em que perigamos. Acudir dá ainda ideia de que a pessoa pela qual se grita deve fazer tudo pela nossa salvação, pois entende-se que nós, quando gritamos, nos julgamos inteiramente perdidos. Quem nos socorre, no entanto, vem apenas completar o nosso esforço e a nossa capacidade de defesa. - Auxiliar diz propriamente "dar auxílio"; isto é – aumentar a força de alguém que já não se julga fraco. Quem me auxilia apenas concorre para que eu vença, ou aumenta a minha força, a minha capacidade de triunfar. - O mesmo se pode dizer de quem me ajuda. Escreve Roq., que, "segundo o acadêmico Francisco Dias (Mem. da Acad., IV, 37) a palavra auxílio, que é latina (auxilium), era ignorada ou não usada até princípios do reinado de D. Manoel; a que se empregava era a portuguesa ajuda, como ainda se vê em Camões, que disse sentenciosamente:

Fraqueza é dar ajuda ao mais potente. (Lus. IX, 80).

Depois que os poetas e escritores cultos foram alatinando a língua, foi aquela (auxílio) admitida com certo ar de nobreza, e esta (ajuda) passou para o domínio do vulgo; e o mesmo aconteceu com o verbo ajudar relativamente a auxiliar, como se vê dos seguintes provérbios em que no uso ordinário se não pode substituir um pelo outro:

Deus ajuda aos que trabalham. A quem madruga Deus ajuda.

Mais vale quem Deus ajuda Do que quem muito madruga.

Dá-se ajuda (ou ajuda-se) a uma pessoa que está embaraçada com trabalho que não pode fazer, ou para que o faça mais prontamente; dá-se auxílio (ou auxilia-se) ao que já tem meios, forças etc., e precisa de ter mais; dá-se socorro (ou socorre-se) ao que não tem o suficiente, e amparo (ou ampara-se) ao que nada tem"... - Amparar supõe o desvalimento completo da pessoa que se ampara. Só se amparam aos desvalidos, abandonados, espúrios, os que precisam de amparo, isto é, de que os sustentem, guardem, protejam para que não caiam, não sucumbam, não pereçam. - Proteger envolve ideia da superioridade de quem guarda ou ajuda, acolhe e abriga. O protegido não é sujeito que precise de socorro ou de amparo, mas antes de auxílio; e o protetor dá-lhe um auxílio poderoso para que ele se revigore, ou para que multiplique as próprias forças e se ponha ainda mais no caso de alcançar o que almeja. -

Quem nos defende é como quem se pusesse entre nós e o nosso inimigo e dos golpes deste nos guardasse. Mais extensamente, defender "é ficar ao lado de alguém para impedir que outrem se aproxime hostilmente, ou mesmo para evitar ataques previstos ou repelir agressões". - Salvar "é pôr alguém livre ou a salvo de algum perigo, embaraço, desastre etc., quer acudindo-lhe e dando-lhe socorro oportuno e eficaz, quer auxiliando--lhe os esforços, quer protegendo-o, quer ainda amparando-o vigorosamente ou defendendo-o". - Valer aqui é muito próximo de socorrer, amparar, salvar, acudir... "Vendo-se já no último perigo recorreu a Deus que lhe valesse" (P. Man. Bern.) – isto é – que 1he acudisse... "Valha-nos o céu nesta amargura", "Quem me valerá nesta contingência?"

130

ACUSAR, denunciar, delatar, malsinar; acusador, denunciante, delator, malsim. – Segundo Roq., "denunciar é manifestar aos juízes um delito oculto, sem apresentar as provas, deixando este encargo às partes interessadas, para que façam o que entenderem, já para assegurar-se da verdade da denúncia, já para evitar ou remediar o mal que se denuncia. - Delatar acrescenta à ideia de denunciar a de malevolência, e talvez a de algum vil interesse. O denunciante pode ser levado somente do zelo do bem público; o delator obra por maldade, ou por interesse, nunca pelo bem público: procede com disfarce e ocultando-se, e é designado pela frase de vil delator. - Acusar é denunciar alguém como criminoso. A acusação pode ser às vezes um ato bom; outras (e são as mais comuns) é ato de malevolência. Quando a acusação é justa, fundada e nobre, o acusador acusa aberta e publicamente, intentando uma ação criminal de roubo, de assassínio, etc. Contudo, a palavra acusador é odiosa, toma-se à má parte; e nas demandas chama-se autor ao que intenta ação contra o réu ou acusado, e não acusador. – Malsinar é acusar como malsim; isto é, por preço, paga, e por oficio, como fazem os malsins. Nos tempos modernos o uso tem quase fixado o valor de cada uma destas palavras. O malsim exerce o seu ofício em tudo que respeita aos contrabandos: o delator satisfaz sua maldade acusando os crimes ou delitos contra as leis; o denunciante nutre seu zelo fazendo conhecer às autoridades as ações e opiniões condenadas em política, ou suspeitas ao governo". "O acusador – diz Alv. Pas. será um homem irritado: o denunciante. um homem indignado; mas o delator é uma personagem odiada, um homem vendido, que trafica às escondidas da honra e vida de seus semelhantes, um homem corruto, que dá interpretações criminosas às coisas mais inocentes; um traidor que finge viver com os outros em termos de boa amizade para vir no conhecimento de seus segredos; um judas infame, que se aproveita de um abraço para introduzir no bolso do que chama amigo papéis, que serão o seu corpo de delito. - Delator vem do latim delactor: é um indivíduo que procura, descobre, e defere secretamente o que ele crê ter visto, e muitas vezes o que deseja fazer que se creia: o seu ofício é o de trair. Os **delatores** formam a classe mais vil e infame: são a arma dos governos fracos e corrompidos, que aviltam neste mister uma parte dos cidadãos, para fazerem a perdição da outra, e que animam a calúnia com o interesse".

131

ACUSAR, criminar, incriminar, culpar, inculpar, arguir. – Acusar, aqui, é "atribuir a alguém falta ou crime, reclamando a devida punição". Mas quem *acusa* articula fatos com que pretende dar provas do crime ou da falta por que acusa; e pode fazê-lo cumprindo dever de cargo, ou exercendo direito

ou faculdade própria. – Criminar (criminari) é, segundo Roq., "dizer ou declarar alguém autor de um crime, dar-lhe culpa, delito; pronunciá-lo por criminoso ou réu". – Incriminar tem-se geralmente como sinônimo perfeito de criminar. Note-se, no entanto, que incriminar, melhor do que criminar, significa "reduzir a crime, considerar como crime um certo ato": e nesta acepção é bem distinto do outro. Neste exemplo: "Se a lei, ou o código não incrimina esta conduta, que juiz há de puni-la?" – não seria permitido o emprego de criminar. - Culpar e inculpar estão em caso análogo. - Culpar é "atribuir culpa a alguém, considerar alguém como culpado, mas apenas por indícios, sem formular propriamente acusação". - Inculpar é "ver como culpa um ato que talvez não o seja". Diríamos: "Pode arguir-me de muita coisa; pode mesmo culpar-me de imprudente; mas inculpar-me assim este gesto... é levar muito longe e arriscar muito a sua argúcia de juiz...." - Arguir é "acusar de falta, exprobrar culpa como invectivando, repreender com acrimônia, fazendo censuras mais com veemência do que com razões". "Poderá arguir-me de tudo, senhor, menos de não ter sabido defender a inocência".

132

ADÁGIO, brocardo, provérbio, anexim, rifão, dito, ditado, preceito, princípio, axioma, paremia, sentença, máxima, aforismo, apotegma, prolóquio, conceito, pensamento. – Todas estas palavras enunciam conceito, breve e incisivo, dando normas ou noções em que se representa a experiência dos tempos, a sabedoria vulgar, a moral vigente, ou os grandes princípios de ciência ou de arte. Adágio, provérbio, brocardo, máxima, parêmia, anexim, dito, ditado, **prolóquio**, **sentença**, **rifão** – quase todos exprimem conceito exclusivamente moral, e como que condensam, em frase rápida, clara, sugestiva, tudo que se tornou clássico, ou que foi consagrado pela razão humana em todos os tempos. - Adágio não se confunde com dito, rifão ou anexim; pois é uma sentença moral mais profunda. "Gato ruivo do que usa disso cuida"; "lé com lé, cré com cré – cá e lá más fadas há" – podem ser tidos como rifões, ditados ou anexins; mas decerto não seria próprio designar nenhuma dessas frases por adágio, nem paremia ou máxima, ou provérbio, muito menos por sentença. O anexim, como o rifão, como o ditado têm uma forma, não só rude, mas quase sempre chula, frívola e sempre velada, tendo portanto um sentido translato que apenas corresponde à noção que se quer sugerir. São mais vizinhos de ditérios, graçolas, trocadilhos, apodos e chufas que de adágio ou provérbio. Distingue-se adágio de provérbio: primeiro – em dar o adágio noção simples e clara, em termos precisos; e em ser o provérbio mais grave, quase sempre mais longo, seco de forma, e enunciando conceito menos vulgar; segundo - em ser o adágio sempre anônimo; enquanto que provérbio pode ter autor conhecido. - Sentença é um provérbio mais solene, mais brilhante de forma, e de sentido ainda mais profundo. Dizemos: "as sentenças, ou os provérbios de Salomão": e aí não caberia nenhum outro dos vocábulos do grupo. -Parêmia pode ser comparada a provérbio: é menos usada que este, e exprime "sentença sob uma certa forma de alegoria, ou de parábola concisa", dada em poucas palavras. Segundo Roq., paremia é palavra grega (paroimia) pouco usada em nossa língua, e que significa provérbio, ou sentença vulgar; e como tal usou-a Vieira, dizendo: "E daqui nasceu aquela paremia ou provérbio: que o céu era para Deus, e a terra para os homens." (IV, 324). – Prolóquio é sentença menos grave e profunda, e mais vulgar que provérbio: propriamente é "a sentença, a frase, a máxima

pela qual começa alguém um discurso ou um escrito, e que anuncia o assunto que se vai desenvolver, ou o ponto de vista que vai ser seguido pelo orador". Um prolóquio vale sempre por uma proposição, ou mesmo por um período todo. - Brocardo é "máxima que se popularizou, sentença jurídica ou moral criada por alguma grande autoridade". - Dito, ditado e anexim confundem--se: o dito quase sempre tem ares de pilhéria; o ditado é dos três o que mais se aproxima de adágio, e em regra tem quase o valor da máxima, pois esta é sempre uma noção resumida por grande autoridade moral, e que em poucas palavras dá um sábio conselho. E é exatamente por isto que se distingue máxima de ditado: este é anônimo e popular: a máxima é menos comum e tem autor quase sempre conhecido e até indicado ao ser ela proferida. Além disso, a máxima é sempre moral: o ditado pode exprimir apenas um conselho, dar uma noção, um simples conceito vulgar. - Preceito pode aproximar-se dos precedentes: é também uma norma ou regra de conduta, ou de dever, de ação ou de execução, pois o preceito pode ser de moral, de ciência, de arte, de religião, e nisto distingue-se dos outros. - Princípio é mais do que preceito. Este é o que se prescreve, se impõe, se dá como regra: princípio é "o que está consagrado pela razão vigente, o que já foi tão suficientemente demonstrado que dispensa mais demonstração". Por isso, aproxima-se de axioma, que é também "enunciado aceito por todos como sendo de si mesmo evidente". – Aforismo tem menos de científico e de preciso do que axioma: designa também, no entanto, "regra de conduta, preceito ou noção expressa em breves termos". - Pensamento e conceito são palavras de significação mais vaga, e designam apenas um juízo enunciado com intenção de exprimir uma verdade, quer tratando-se de ciência, quer de arte. Conceito é a síntese

de uma noção a que se chegou pelo estudo ou pela reflexão; pensamento é menos preciso – é "uma proposição de forma simples, precisa, mas eloquente, dando um conselho, uma verdade, ou qualquer coisa que interesse ou que seja útil". - Apotegma é "juízo ou sentença, profunda atribuída a uma alta autoridade"; ou, como diz Aul. "dito notável ou palavra memorável de algum personagem ilustre".

133

ADARGA, escudo, broquel, rodela, pavês, égide. – Segundo Roq., todas estas palavras designam "armas defensivas, muito usadas antes da invenção da pólvora, e que serviam para cobrir o corpo, ou parte dele contra os botes de lança, golpes de espada, os dardos, e armas de arremesso, mas que se diferençavam na matéria ou na forma, ou no uso que das mesmas se fazia. - Escudo vem do latim scutus (do grego skútos "couro", porque os primeiros foram de couro) e significa a arma defensiva oblonga ou oval, a mais conhecida de todas e a mais forte, porque se fizeram logo de ferro e aço; enfiava-se no braço esquerdo pelas braçadeiras; nele pintavam os guerreiros suas letras e divisas, e daqui veio chamar-se também escudo às armas de uma família ou de uma nação, como se vê daqueles versos de Camões:

Vede-o no vosso *escudo,* que presente Vos amostra a vitória já passada; Na qual vos deu por armas, e deixou As que Ele para si na cruz tomou.

(*Lus.* I, 7).

Broquel, palavra comum à língua castelhana, que provavelmente vem do bouclier francês e do buccula latino, significa escudo pequeno de madeira forrado de couro forte, com seu brocal; no meio tem um embigo de metal ou diamante, que cobre a embraçadeira que está por dentro. Também os havia de metal. Parece corresponder ao clypeus dos latinos, que era escudo menor dos peões. - Adarga é palavra comum à língua castelhana, e que vem do árabe addarca ou addara, escudo de couro, e significa escudo oblongo de couro com duas embraçadeiras em que se enfiava o braço, e uma abertura onde se metia o dedo polegar para o segurar. Era arma antigamente usada em Espanha, em Portugal, entre mouros e africanos. Em dois lugares faz Camões menção desta arma defensiva; falando dos habitantes de Moçambique, diz ele:

Por armas tem *adargas* e terçados Com a adarga, e com a hastea perigosa. (Lus. I, 47, 87).

- Rodela, palavra igualmente comum à língua castelhana, e que vem do italiano rotella, designa uma espécie de escudo pequeno e delgado. – **Pavês** (do italiano *pavese*) era escudo grande e oblongo, que cobria todo o corpo do soldado. – Égide é palavra latina, agis (do grego aigis, escudo ou couraça de pele de cabra, de aix "cabra"), e significa propriamente o escudo de Minerva ou Palas, feito da pele da cabra Amalteia, e em cujo centro estava a cabeça de Gorgona ou Medusa, cheia de serpentes. No sentido figurado quer dizer "defesa, proteção".

134

ADIÇÃO, soma, total. – Adição – diz Bruns. – "é a operação pela qual, ajuntando um ou vários números a outro, obtemos um número equivalente a todos. - Soma é o número que se obtém ao praticar a adição. O uso, ainda que impropriamente, tornou soma e adição sinônimos perfeitos. - Total é o número equivalente a várias somas parciais. O uso também confunde soma com total. Fazendo a adição das verbas despendidas num dia da semana, obtemos a soma do gasto desse dia. Adicionando (ou reunindo) as somas do gasto de cada um dos sete dias da semana, obtemos o total do gasto dessa semana".

135

ADIANTAR, antecipar. - Quanto a estes verbos escreve Bruns.: "Consideram-se estas palavras como sinônimos perfeitos: a quem se prontificou a fazer-nos um trabalho por certo preço, adiantamos ou antecipamos alguma quantia à conta dele". Há, porém, uma diferença subtil entre as duas expressões: adiantar refere-se ao ato, antecipar ao tempo. "Nos colégios, as mensalidades pagam-se adiantadas; o pai de um aluno pode, no entanto, antecipar a mensalidade", isto é, "fazêla efetiva antes da época ou do dia em que deve adiantá-la".

136

ADIANTAR-SE, progredir, prosperar, avantajar-se, florescer, medrar, vingar. -Todos estes verbos dão ideia de "ir para diante no desenvolvimento próprio e natural". - Adiantar-se e progredir podem confundir-se, mas nem por isso devem considerar-se como sinônimos perfeitos. Quem se adianta marcha resoluto para a frente, vai seguro, em atividade vitoriosa: quem progride anda também para diante; mas entre estas duas frases: - "meus negócios não se adiantam", "meus negócios não progridem" - há sempre uma diferença facilmente perceptível. A primeira diz evidentemente que meus negócios não se encaminham à solução que eu desejo; a segunda exprime que os meus negócios não se desenvolvem, não aumentam na proporção dos meus esforços. - Progredir é, portanto, desenvolver-se com presteza. Distinguem-se ainda estes dois verbos nestes exemplos: "o mal, a doença progride" (e não – adianta-se); "os dias daquele enfermo se adiantam" (e não - progridem). - Avantajar-se significa "levar vantagem a alguém,

fazer mais ou melhor do que outrem". É, pois, um verbo de predicação sempre relativa; porquanto, mesmo nos casos em que a cláusula correlata não está expressa, ou o complemento terminativo não está claro, é de supor que fica subentendido. Quando eu digo: "Aquele rapaz tem-se avantajado muito nos seus estudos" – quero exprimir que o rapaz de quem se trata tem feito muito mais do que outros, ou do que o comum dos estudantes. "Aquele tipo não te avantaja em coisa alguma". "Eles se nos avantajam pelo ar desenvolto, e por aquela estultícia vitoriosa de que se ufanam...". "Tu te avantajarás a Pedro se fores esperto...". - Prosperar é "ir adiante, crescer na fortuna". O que prospera não só se desenvolve e aumenta, como vai feliz na vida. "F. ganha muito, esforça-se muito, trabalha em excesso, mas os seus negócios não prosperam". "As rendas se lhe aumentam sempre, mas nem por isso se pode dizer que ele prospere...". "Apesar de todos os contraventos, o que é certo é que a empresa não deixa de prosperar". - Florescer é "ir prosperamente em tudo, prosperar com esplendor, desenvolver-se brilhantemente". Florescem letras e artes, como florescem povos, gerações, grandes vidas, como ainda florescem países, cidades, estabelecimentos. - "A ideia fundamental do verbo medrar – diz Bruns. – é "o aumento, quer em volume, quer em quantidade, força ou poder". Medram o menino que cresce, as searas que abundam, os interesses que aumentam, a população que se multiplica". - Vingar aqui (vincere) é próximo de medrar: significa "tomar vitalidade, crescer não obstante algum entrave, conseguir o seu fim; ter bom êxito, prosperar, ser feliz". Vinga a flor, como vingam os nossos planos, as nossas esperanças, etc.

ADEPTO, sectário (sectarista), iniciado, partidário, partidista, assecla, sequaz, aderente; faccionário, faccioso, parcial; seita, facção, partido, parcialidade. - Adepto é "o que foi catequizado, que se deixou influenciar, que se convenceu e aderiu ou se ligou a uma seita, a um partido, ou que se fez defensor de uma ideia". "A causa da independência alcançou logo um grande número de adeptos". "A tua reforma, filho disse o deputado ao colega sonhador – não encontrará adeptos". - Iniciado (ao contrário do que pensam alguns) parece que diz menos que adepto; pois o iniciado considera-se apenas "admitido a iniciação", isto é, habilitado a receber os princípios, as noções, a entrar nos mistérios de um culto, de uma ciência, de uma doutrina: diz mais neófito propriamente do que adepto. "F. está iniciado no ocultismo" – equivale a – "F. começou a estudar e a conhecer o ocultismo". Tem razão Bruns. quando observa que adepto designa um modo de ser; e iniciado designa mais um estado do que uma condição: conquanto isto não signifique de forma absoluta a impropriedade de iniciado como puro substantivo, pois dizemos: "Os iniciados da religião bramânica"; "O novo credo, ou o novo partido já conta bom número de iniciados". - Sectário diz propriamente "membro de uma seita, de uma escola filosófica, ou mesmo de um partido"; e sugere ideia de obstinação e fanatismo. Além disso envolve também ideia de heterodoxia ou dissidência, deixando supor que o sectário é sempre alguém que se afastou da sua antiga religião ou do seu partido. Dizemos: "sectário do calvinismo", "sectário de Lutero"; nunca: "sectário do Cristianismo", nem "sectário de Jesus ou de S. Paulo". – Partidário é "membro de um partido, adepto esforçado de uma causa, ou de uma ideia". Partidista é quase o mesmo; distinguindo-se este do primeiro em exprimir melhor o empenho, a paixão com que se toma o partido, a causa ou a ideia. O partidário pode pertencer apenas a

um partido, professar as ideias ou opiniões desse partido; mas o partidista exalta-se na defesa do seu partido, esforça-se pela vitória, apaixona-se pela sua causa. – Diferença análoga pode notar-se entre faccionário e faccioso¹³: o primeiro diz apenas "membro de facção", "pertencente a facção"; faccioso vale por "viciado de espírito de facção, afeito a maquinações", sedicioso, perturbador, desordeiro. A facção distingue-se do partido em significar "grupo ou ajuntamento hostil e secreto contra outro grupo, ou contra instituições, partidos, ou mesmo contra um homem"; enquanto que partido designa apenas "reunião ou conjunto de indivíduos que defendem as mesmas opiniões, ou sustentam a mesma causa". A **facção** só se faz partido quando assume o caráter e a força de coletividade legítima, trabalhando francamente por uma causa. - Parcial, aqui, é "o indivíduo que se liga a outro indivíduo"; e parcialidade é o "bando, o grupo dirigido por um chefe". Um só partido pode dividir--se em várias parcialidades. A liga ou aliança de algumas parcialidades pode formar um grande partido. - Aderente se diz daquele que aderiu, isto é, que deu a sua sanção, o seu apoio a um partido, a uma ideia, a uma causa que até aí havia hostilizado ou combatido. Além disso, aderente sugere menos ideia de convicção ou de identidade de opiniões entre a pessoa que adere e a causa ou partido a que se faz adesão, do que ideia de incorporação, de aliança, de liga. – Assecla (como se vê da própria formação: ad + sequi) é "o que segue alguém, algum partido ou seita; o que vai como se fosse na comitiva ou no séquito de alguém". Sugere,

13 ~ Também entre sectário e sectarista; designando este o sectário apaixonado de forte espírito de seita. E como já vimos, seita diz dissidência, separação, desligamento da doutrina que se professava, da causa que se servia.

portanto, ideia de subserviência, da cegueira com que o assecla acompanha alguém ou alguma coisa. - Sequaz, até pela etimologia (sequi), confunde-se com assecla: apenas sequaz envolve, melhor do que assecla, ideia de parcialidade ou partidismo pessoal; e por pouco se não diz sinônimo do nosso brasileirismo capanga.

138

ADERECAR, enfeitar, adornar, ornar, ornamentar, ataviar, embelezar, embelecer, aformosear, engalanar, alindar, decorar, aprimorar; adorno, enfeite, ornato, atavio, adereço, ornamento, decoração, gala, primor. - A ideia de tornar belo, mais vistoso, ou mais correto no gosto, no aspeto, na expressão – é comum a todos os verbos deste grupo. Raros, no entanto, entre eles poderiam confundir-se ou ser empregados indistintamente. Uma senhora se adereça, ou se enfeita, ou se atavia; mas decerto ninguém dirá que uma senhora se adereça de fitas, ou que se enfeita de joias, ou que se atavia de brilhantes. (Aliás, o verbo enfeitar é o mais genérico e vulgar, e emprega-se frequentemente em casos como o exemplo acima, conquanto não pareça muito próprio.) -Adereçar diz, portanto, "adornar de adereços", isto é, de joias, de adornos de oiro ou pedraria. - Enfeitar e ataviar aproximam--se, pela ideia, que sugerem, de "adornar de coisas ligeiras, vãs, insignificantes: e o segundo mais ainda que o primeiro, pois atavio é adorno mais falso que enfeite. Além disso, a pessoa que se adereça quer brilhar; a que se enfeita quer parecer mais bela do que é, ou deseja disfarçar algum defeito; a que se atavia exagera ou dispõe sem gosto os seus adornos ou enfeites, e mostra-se por isso mais fútil ainda que a pessoa que se enfeita. Ninguém diria que, por exemplo, a gralha da fábula se adorna, e sim que se enfeita ou se atavia com as penas do pavão. - Adornar e

ornar diferençam-se tão bem como adorno e ornato. Ornato aplica-se mais a coisas, e designa "o que, num edificio, num artefato, mesmo numa produção literária, é trabalho de acabamento, de lavor artístico"; e adorno tanto se aplica a pessoas como a coisas, e diz "tudo que aumenta a beleza". Aproxima-se por isso de ornato, e mais talvez de decoração. Esta, porém, deixa supor que os adornos de que se decora têm um fim especial, e excedem naturalmente ao simples ornato, próprio do edifício ou da coisa de que se trata. Também ornato deve confrontar-se com **ornamento**: este é uma decoração mais brilhante, de mais imponência, mais sumptuosa e augusta. A mesma diferença há, portanto, entre ornar e ornamentar. A ornamentação de um templo, de um palácio, de uma câmara só se faz excepcionalmente, e para algum ato ou função extraordinária e de grande solenidade. – De ornamentar aproxima-se engalanar; mas este sugere ideia de brilho, aparato de festa, alegria ruidosa – tudo que se encerra em gala. – Embelezar e embelecer, se se aceita a definição dos lexicógrafos, são sinônimos perfeitos; e no entanto, bastará um exemplo para deixar bem clara a distinção que se sente entre estes dois verbos: "A cidade se embelece de dia em dia..." (não seria próprio, ou pelo menos de rigorosa propriedade dizer que a cidade se embeleza). Ainda outro: "Para a festa vamos embelezar toda a praça..." (não se diria que vamos embelecer, pois esta forma significa não - "fazer belo simplesmente" (embelezar), mas – "tornar belo cada vez mais" (embelecer). – Aformosear e alindar apresentam a mesma diferença que se reconhece entre formoso e lindo. Lindo exprime "belo gentil, gracioso, ingênuo, loução, taful". Dizemos: "lindo ramilhete, linda criança" (e não – "formoso ramilhete", nem "formosa criança": mesmo porque – "formosa criança" já seria outra coisa). Aformosear e alindar estão em caso

correspondente. Dizemos que se aformoseia o estilo, a alma, o caráter, etc.; e que só se alindam coisas muito mimosas, infantis. — Aprimorar é dar ao que é já belo, correto, elegante — um alto grau, uma expressão primorosa, uma excelência suprema. Aprimora-se a educação, como se aprimora uma obra de arte, ou uma virtude, etc. Sendo, portanto, primor "o alto grau de perfeição a que se eleva aquilo que se aprimora."

139

ADESTRAR, exercitar, instruir, ensinar, desembaraçar. - Tanto se adestra um animal como um homem, ou mesmo os nossos braços, as nossas mãos. Pode-se também adestrar num certo sentido: na corrida, por exemplo, ou na marcha, ou no salto, na pugna, no tiro ao alvo; ou mesmo em alguma aptidão especial - no desenho, na escrita, na datilografia, nas quatro operações aritméticas, nalgum ofício ou função, etc. Mas note-se que não dizemos: adestrar na música, ou na poesia, ou na matemática: salvo se nos referimos apenas à técnica de algum instrumento, de algum processo, ou de alguma operação. E isso porque adestrar diz propriamente "fazer-se muito hábil, tornar--se perito, rápido, ágil" – portanto, numa função que não seja puramente espiritual. Pode-se, aliás, adestrar a memória, mesmo o espírito; mas é claro que referindo-nos a um exercício que seja mais mecânico do que de raciocínio. Ninguém seria capaz de dizer: "vou adestrar-me na filosofia, ou na ciência do direito, ou na economia política", etc.; e no entanto, seriam perfeitamente lídimas estas outras formas: adestrar-se nas lides parlamentares, na dialética, nas manobras militares, ou políticas – em tudo, afinal, em que é possível, pelo exercício, à custa de esforço, fazer-nos mais destro. – Exercitar é mais genérico, e designa toda e qualquer ação de "aumentar as aptidões, a capacidade, a

força, o vigor, etc., por meio do exercício", isto é, repetindo muitas vezes, ou por muito tempo, a função ou o processo que a isso se destine. Exercitamo-nos numa profissão, num trabalho, num cargo, numa virtude, etc. – Instruir é "preparar alguém nalguma arte ou ciência; comunicar-lhe, infundir-lhe doutrinas, noções ou princípios, formando--lhe, como construindo-lhe o espírito". Instruise um batalhão; instrui-se a mocidade; mas não se instrui um macaco ou um papagaio, pois quem *instrui* opera sobre o espírito do que é instruído. - A um papagaio ensina-se; e ensina-se um papagaio a falar, como se ensina alguma coisa a um cavalo, ou a um cão. Pode-se usar também este verbo ensinar como só transitivo, subentendendo o complemento indireto da predicação; e neste caso, equivale a **instruir**, conquanto não tenha a força deste. Quando digo: "ensinemos a mocidade", exprimo nada menos do que exprimiria se dissesse: "instruamos a mocidade". Observase, no entanto, que ensinar, mesmo neste caso, envolve mais ideia do processo, do trabalho, da função de transmitir o que deve ser aprendido, do que propriamente ideia da ação de quem instrui. - Desembaraçar pode aproximar-se do primeiro verbo deste grupo: diz precisamente "fazer expedito, diligente, lépido, esperto, hábil nalgum ofício, mister, profissão".

140

ADIAR, transferir, diferir, dilatar, demorar, retardar, protelar, remanchar, aprazar, procrastinar, espaçar, estirar, prorrogar, contemporizar, ampliar, alongar, delongar, prolongar. - Todos estes verbos sugerem ideia de espaçamento, dilação. - Adiar é "deixar para outro dia". (Aul.) Adiam-se negócios, resoluções, trabalhos, reformas. - Transferir diz a mesma coisa, segundo os lexicógrafos. Notemos, no entanto, que adiar é "transferir por dias". Evidentemente não seria próprio dizer que se adiou uma comemoração, ou uma grande festa para o ano próximo... – Diferir é "deixar para depois, para mais tarde", sem marcar prazo fixo. Difere-se uma resolução, um negócio, um despacho. – Dilatar é "ampliar um prazo que se fixara, torná-lo mais largo, mais espaçoso". Dilata-se o tempo que se tinha para fazer alguma coisa; isto é – afasta-se o termo desse prazo. – Demorar confronta-se com retardar: ambos dizem - "fazer que se espere, não dar no tempo oportuno". Mas retardar quer dizer propriamente -"deixar para mais tarde"; e demorar exprime – "não mover, fazer parar, entravar ou reter por um certo tempo". Retarda-se uma solução; demora-se um processo. - Protelar = "demorar, retardar de propósito", com algum fim, malévolo quase sempre; para enganar, por exemplo, ou para impedir que da coisa que se protela alguém se aproveite se não for *protelada*. – **Remanchar** = "demorar com certa manha", ordinariamente por desídia, mas podendo ser também por mero capricho. - Aprazar é "assinar um tempo certo (prazo) para alguma coisa". Apraza-se uma negociação, uma entrevista. - Procrastinar é "remeter continuamente para o dia seguinte o que se deve fazer". "O tribunal anda procrastinando a sentença"; "o governo procrastina a solução de um negócio de tal monta"... - Contemporizar é "entreter, demorar para ir ganhando tempo". "Nós insistimos por que se faça a coisa com urgência": e ele a contemporizar muito impassível"... - Prorrogar é "dilatar um prazo que se venceu". Prorroga-se uma licença; a época de pagamento de um imposto, do vencimento de uma letra. Prorroga-se uma sessão do Congresso. – Ampliar confunde-se com dilatar: aquele sugere, no entanto, uma ideia de extensividade que se não encontra em dilatar. Nestes exemplos: "A língua se amplia adaptando de outras os termos novos de

que precisa"; "convém ampliar a todas as classes do curso primário aquela medida"; "vou ampliar a minha oficina com mais uma secção de roupas"... - aí não caberia decerto o verbo dilatar; pelo menos não teria a mesma propriedade, e nem o mesmo valor. Do mesmo modo, neste outro exemplo: "... as memórias gloriosas daqueles reis que foram dilatando a Fé, o Império... (Camões, I, 2) – não caberia o verbo ampliando. Também não se diria: "vou ampliar no mundo a vossa fama"; e sim – "vou dilatar; pois este verbo é que significa "estender, sem dar ideia de limite, tornar mais vasto, mais aberto, sem sugerir noção de proporções, ou de compreensão, e sem marcar a ideia de fazer aumentar em todas as dimensões; como se reconhece em ampliar. Uma serpente contrai-se e dilata-se: e tanto se dilata engrossando, como se dilata distendendo-se; mas ninguém dirá que uma serpente se amplia quando se distende. – Estirar e espaçar significam, aqui, fazer mais longo, tornar maior um interstício, um prazo. Espaçar enuncia, ainda, a ideia de fazer maior a distância entre diversas coisas, ou entre atos que se repetem. - Alongar, prolongar e delongar apresentam entre si as diferenças marcadas pelos respetivos prefixos. Alongar é "fazer mais extenso ou comprido"; e naturalmente só se diz de coisas que sejam longas, isto é, que só tenham uma dimensão característica. Ninguém diria, portanto, que se alonga uma esfera, ou um quadrado perfeito, salvo se se lhes quer mesmo mudar a forma. Também não se compreende como se alongaria uma cabeça humana, uma moeda, etc. Prolongar é "estender para diante uma coisa longa". Prolonga-se e também se alonga uma linha, uma rua; mas alonga-se dando-lhe mais extensão; prolonga-se estendendo-a a começar de um dos extremos, ou numa certa direção e até um dado limite. Uma rua que se prolongou até uma praça por isso mesmo

alongou-se; e podia ainda alongar-se essa rua prolongando-a, de uma parte até à praça, e de outro lado até uma outra rua. Delongar confronta-se com retardar, contemporizar, procrastinar, diferir, demorar: significa propriamente – "deixar para depois, para outra ocasião". Mas: demora-se uma solução quando não se cuida de dá-la; difere-se quando, por desídia, ou por alguma conveniência ou cálculo, se deixa para depois; procrastina-se prometendo sempre dá-la "amanhã" e não dando nunca; contemporiza-se quanto à semelhante solução falando em dá-la sem fazê-lo, e assim enchendo tempo; retarda-se a dita solução deixando-a para mais tarde; e delonga-se adiando-a indefinidamente, e dificultando-a sempre.

141

A DESPEITO, apesar, malgrado, não obstante, sem embargo, ainda que, conquanto, embora, posto que, bem que, por mais que. – Segundo Roq., "todas estas locuções adverbiais exprimem uma oposição, ou resistência, mais ou menos forte, vinda das pessoas ou das coisas, a qual não é eficaz para impedir a ação; mas em cada uma delas há uma relação particular em que consiste sua diferença". – Significando a palavra grado "vontade, consentimento", é claro que malgrado, isto é, de mau grado, quer dizer "de má vontade, com desgosto ou desagrado; indica, portanto, esta locução oposição ou resistência de pessoa estranha, ou de nossa mesma vontade, que vencemos, e contra a qual obramos". Malgrado seu é o mesmo que "a mal de seu grado", e significa "contra sua vontade". "Submeto-me de malgrado" quer dizer "contra minha vontade, com desgosto meu". - Apesar indica mais forte oposição, em que não só há desgosto senão também sentimento, mágoa com isso que se faz. "Apesar vosso levarei a minha adiante", isto é – "ainda que vos pese, ou que tenhais

pesar" farei o que intento. "Apesar meu, beijo a mão que desejara ver cortada"; isto é - "com pesar, com mágoa beijo a mão..." - Vindo despeito de despectus "desprezo", é claro que a locução a despeito, ou em despeito, tem mais energia e aumenta de força por ajuntar à ideia de oposição ou resistência o desprezo com que se vence. A despeito das leis, do próprio dever, em despeito do juramento, etc. – isto é – em desprezo das leis, etc. Bem se autoriza esta inteligência da palavra despeito com o seguinte mui elegante lugar de Vieira: "Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito igual, pelo despeito com que pisa igualmente os palácios dos reis e as cabanas dos pastores". Confirma-se mais nossa asserção por outro lugar do mesmo Vieira, onde, falando dos cinquenta sábios que se renderam à doutrina de S. Catarina, diz: "A constância firme até à morte com que defenderam a mesma verdade apesar, e a despeito do imperador". - Não obstante exclui simplesmente uma oposição, resistência, ou dificuldade absoluta. "Faz calor não obstante ter chovido". "Saio de casa, não obstante andar doente". - Sem embargo indica uma resistência menor de coisas ou circunstâncias, e mais fácil de vencer: exclui o embaraço ou impedimento que pode delas resultar. "Sem embargo das queixas dos povos o mau príncipe prossegue em suas opressões". "O homem virtuoso observa pontualmente os preceitos de sua religião, sem embargo dos insensatos motejos dos ímpios". - Ainda que tem mais extensão que as duas antecedentes, porque se emprega também nos casos em que se trata de uma oposição puramente condicional ou possível, nos quais não têm seu uso próprio as locuções não obstante, ou sem embargo. "Amanhã hei de ir ao campo ainda que chova". "Não deixarei de protestar ainda que me matem". -Conquanto enuncia oposição ainda menor do que sem embargo; e exprime "por mais

que assim pareça ou que seja de fato...". "Conquanto este seja mais inteligente, aquele aprende mais porque é mais aplicado." -Por mais que exclui toda dúvida e indica resolução firme, que não cede a oposições. É mais forte que ainda que. "Por mais que me hostilizem, hei de vencer". - Embora indica pouca atenção ao embaraço ou à contrariedade. "Digam embora que eu fugi". - Posto que = "dado mesmo, ou admitido que seja assim"... - Bem que = "ainda assim, mesmo que"...

ADIVINHAR, agoirar, profetizar, vaticinar, prognosticar, pressagiar, predizer; agoiro, adivinhação, profecia, vaticínio, prognóstico, presságio, predição. – "O último destes vocábulos – escreve Roq. – é o gênero a que os outros pertencem como espécies". - Predizer é o verbo latino predico, e significa literalmente "dizer uma coisa antes que aconteça, sem declarar por que modo se veio a sabê--la nem dar a conhecer o grau de autoridade que merece quem a prediz". Isto pertence aos outros, seus sinônimos. - Agoirar é o verbo latino auguro ou auguror, que significava antigamente "predizer o futuro pelo canto, o gesto, o pasto das aves" (propriè est ex avium cantu, gestu, vel pastu futura divino), e por extensão, "conjeturar de qualquer modo"; e neste sentido se usa hoje quando, por certos incidentes insignificantes, a que chamamos agoiros, queremos predizer o futuro. – Adivinhar, em latim divino, era entre os pagãos "predizer o futuro por uma espécie de inspiração que eles supunham divina"; de onde veio divinatio; hoje é "conjeturar por certos sinais ou pressentimentos sobre o futuro, e às vezes acertar com o que há de acontecer". - Profetizar é verbo grego, prophetizo (de pró "antes", e phemi "digo") e vale o mesmo que dizer antes ou predizer; com a diferença que é termo bíblico e teológico, e tem a significação restrita de

anunciar as coisas futuras em virtude do es-

pírito de profecia. — Vaticinar, em latim vaticinor, era predizer, ou profetizar cantando, de

vates, a que Scaligero dá por origem o grego

phátes "falador", "mentiroso" (fatuos primum vates vocatos esse apud omnes satis constat, à phates). - Prognosticar é o verbo grego progignosko (de pró "antes", e gignosko "sei, conheço") e significa, em linguagem técnica, "predizer, por meio de discurso certo ou conjetural, da natureza dos objetos sobre que se faz o prognóstico". - Pressagiar é verbo latino, præsagio (de prae "antes", e sagio "penetro, sinto") e significa "pressentir, ter pressentimento, por uma espécie de tino interior de que se não sabe dar razão, pelo qual se prediz alguma coisa futura, no mesmo sentido em que o usaram Cícero e Terêncio: Is igitur qui ante sagit quam ablata res est dicitur præsagire, id est futura ante sentire (Cic., De Divin, I, 31) Nescio quid profecto mihi animus præsagit mali (Ter., Heaut, II, I, 7). -Tudo o que se prediz antes de acontecer é predição. Quando as predições se fundavam no canto, no voo, etc. das aves, chamavam-se agoiros (angurium, id est avigerium, vel avigarrium, avium garritus). Extensivamente aplica-se depois a qualquer sucesso ou sinal indiferente de que a superstição se valia para ler no futuro. De tais sucessos não se deve tomar nem bom nem mau agoiro, porque nenhuma conexão têm com o que há de acontecer. - Sendo certo que a adivinhação, como a entendiam os antigos, é ilusória, serve particularmente hoje esta palavra para indicar um enigma que se propõe a alguém para o decifrar. - O dom sobrenatural de conhecer as coisas futuras chama-se profecia, e assim mesmo o anúncio que destas coisas faz o profeta. - As predições que faziam os vates chamavam-se vaticínios, porque eram acompanhadas de certo canto poético, e daquele estro ou furor que estimula o poeta quando estende as vistas sobre o futuro; e assim se podem chamar ainda hoje aquelas conjeturas que os políticos formam sobre a sorte futura das nações. - Os astrólogos faziam inumeráveis prognósticos acerca de acontecimentos futuros, fundados na suposta influência dos astros; os astrônomos, guiados por mais seguras regras, prognosticam os eclipses, etc.; os prognósticos dos políticos e estadistas, fundados nas analogias e probabilidades que lhes ministra a história, raramente falham. O médico, tendo bem examinado o doente, e feito o diagnóstico, forma mui facilmente o seu prognóstico acerca da crise e do termo da doença. – Todas estas predições provêm do homem: não assim o presságio, o qual se não pode chamar uma predição, e somente é um sinal que indica ou anuncia coisa futura, ou que os homens têm como tal. Deste gênero são os sinais de que fala Virgílio no livro I das Geórgicas, e que, segundo o poeta, pressagiaram a morte de Cesar; os eclipses, que ainda o p. Vieira tinha a simplicidade ou mania de apontar como causas de grandes desgraças e calamidades; e enfim, o que sucedeu em Évora no tempo de El-Rei d. João I e que o nosso Camões cita como um presságio daquele feliz reinado dizendo:

Ser isto ordenação dos ceus divina Por sinais muito claros se mostrou Quando em Evora a voz de uma menina Ante tempo falando o nomeou.

(Lus., IV, 3).

 O agoiro é uma conjetura fútil, precipitada, e supersticiosa; o presságio é uma conjetura legítima e razoável, e às vezes nascida de um pressentimento instintivo que não engana, como disse Camões:

Que o coração presago nunca mente.

143

ADIVINHO, bruxo, feiticeiro, mandingueiro, mágico, astrólogo, quiromante, necromante, haríolo, profeta, vate. – "O adivinho (do latim 'divinus, divino') é "– diz Bourguig. –" propriamente falando, aquele

que se julga dotado de um poder divino para descobrir e conhecer o que está oculto aos outros homens, quer se lhe atribua a sapiência a um dom da Divindade, quer se lha atribua ao estudo das ciências ocultas, ou mesmo à sua sagacidade natural". A faculdade de conhecer que possui o adivinho estende-se sobre todas as coisas, e compreende o passado, o presente e o futuro. Entre os pagãos, consideravam-se os adivinhos como homens inspirados do Céu; entre os judeus e os cristãos, eram tidos, ao contrário, como simples feiticeiros ou mágicos, e reservava-se para os **profetas** exclusivamente a inspiração divina. – O profeta (do grego pró "antes", e phemi "digo") era, pois, um homem que se julgava inspirado de Deus, e a quem se atribuía o dom de predizer o futuro. Esta segunda acepção conserva-se no sentido figurado para designar aquele que anuncia, com mais ou menos certeza ou probabilidade, os acontecimentos que prevê: aquele que nos ameaçou de tais desgraças foi verdadeiro profeta. - O mágico, o feiticeiro e o necromante possuem, não somente o dom de conhecer coisas ocultas, mas ainda o poder sobrenatural de praticar ações maravilhosas, superiores ao poder humano; semelhante dom, no entanto, não emana da divindade. O do mágico (de magia, ciência dos magos) provém de conhecimento das ciências ocultas, conhecimento que lhe submete todas as forças da natureza, e que lhe permite executar livremente toda sorte de prodígios, dispor dos espíritos e dos gênios, operar metamorfoses, transportar-se para onde quiser, etc. Toma-se não raramente à má parte esta palavra; e no sentido figurado emprega-se sempre para designar um personagem que faz coisas agradáveis e maravilhosas. - O feiticeiro (de feitiço "encantamento") em francês sorcier (de sort "destino") é aquele que tira sortes: recebe seu poder do demônio, do inferno e emprega-o

sobretudo em fazer mal, em causar dano aos homens ou aos animais, e muitas vezes também em descobrir e revelar o futuro. É este último sentido que o vocábulo conserva geralmente no figurado: designa então um homem muito hábil, muito destro, e mais ainda que tudo isso, muito sagaz, penetrando subtilmente nos pensamentos dos outros, ou prevendo facilmente as consequências dos acontecimentos. - Mandingueiro = "que faz ou usa mandingas". Este parece termo introduzido pelos africanos. Mandinga é a feitiçaria grosseira dos negros, praticada ainda hoje em alguns lugares do Brasil. – O necromante (do grego nekrós "morto" e manteia "adivinhação") é "um mágico que evoca os mortos, ou cuja arte se reduz a evocar os mortos, para saber deles o futuro ou as coisas ocultas aos vivos e que os espíritos podem revelar". – Segundo Bruns., bruxo é palavra de etimologia muito duvidosa, parecendo ser de importação italiana; pois a Itália foi na Idade Média fecunda em homens dados a toda espécie de ciências ocultas, na maior parte das quais era indispensável o lume para brucciare ("queimar") as plantas e ingredientes auxiliares das adivinhações em que o agente principal era o próprio diabo (il brucciato, como ainda hoje se lhe chama nas aldeias da Itália meridional). O bruxo, ou a bruxa é, com efeito, a pessoa que tem pacto com o diabo para fazer malefícios, ou para os debelar... – Astrólogo era o sábio versado no segredo dos astros e conhecedor da sua suposta influência nos acontecimentos humanos. – O quiromante (do grego kheir "mão", e manteia "adivinhação") é propriamente o que prediz o futuro das pessoas pela inspeção das linhas da mão. As ciganas são quiromantes... – Haríolo era o charlatão que dizia "a sina mediante uma espórtula". – Vate era o que fazia vaticínios; isto é, o que profetizava cantando; e hoje reserva-se o vocábulo para designar o grande poeta, cuja visão genial alcança o futuro.

I44

ADJACENTE, contíguo, vizinho, próximo, junto, confim, confinante, fronteiro, limítrofe, imediato, unido, pegado, chegado. -Adjacente quer dizer - "que está nas imediações, que jaz perto". - Vizinho é o que se acha "mais por perto de nós". - Próximo diz – "mais chegado, menos distante"; e quer se trate de espaço, quer de tempo. A casa ou a aldeia próxima; a próxima semana, o próximo verão. - Junto é o que fica ao lado, mais do que próximo. - Confim (ou confine) e confinante dizem propriamente - "que tem o mesmo fim, a mesma linha divisória". Aproximam-se de fronteiro, limítrofe, contíguo. Mas, contíguas são extensões (ou coisas) que se tocam (con=cum+ tago, forma arcaica de tango... ere "tocar"); e fronteiras são extensões (ou coisas) que ficam ou que estão uma defronte à outra: não é necessário que estejam contíguas ou unidas. Limítrofe é o mais próximo de contíguo; mas este é mais extenso, e aquele só se aplica em referência a países, ou em geral a territórios. Ninguém diria que, por exemplo, a casa contígua à minha é desta limítrofe. Países, províncias, distritos, propriedades rurais (todo território de extensão determinada) podem ser limítrofes, ou contíguos, ou unidos, ou fronteiros, ou confinantes; e se a extensão não é certa, ou se os limites não são fixos e precisos, os termos próprios serão adjacentes, confins, vizinhos: Não se diria: paragens limítrofes, nem confinantes; pois só podem ser confinantes ou limítrofes territórios que tenham fim certo e preciso (limite) e cujos limites se encontrem. Marca-se assim perfeitamente a diferença entre confim e confinante. Paragens, regiões, zonas confins (não - confinantes, pois que zonas, regiões, paragens não têm fim preciso ou limite certo). - Imediato, unido, pegado, chegado confrontam-se. -Imediata, tratando-se de duas coisas, é "a que se segue à primeira, sem que medeie

coisa igual entre uma e outra". É claro que a coisa imediata pode não estar unida à coisa precedente. — Unido quer dizer "tão junto (um objeto, ou uma superfície da outra) que não fique espaço nenhum entre a coisa que está junta e aquela a que se junta". É mais ainda que contíguo. — Pegado é quase o mesmo que unido, não dando apenas a mesma ideia de ligação perfeita que se inclui neste último. — Chegado diz menos que pegado: significa "muito próximo".

145

ADJETIVO, epíteto. – Sobre estes dois vocábulos lê-se em fr. S. Luiz: "Na língua grega, epíteto diz o mesmo que na latina diz adjetivo: quer um, quer outro significa 'vocábulo aposto, ou ajuntado ao substantivo para modificar-lhe a significação'. Neste sentido genérico, pode-se dizer que os dois coincidem exatamente um com o outro. Considerando, porém, o uso mais particular que se dá a cada um deles - adjetivo é termo da gramática e da lógica; - epíteto é termo da eloquência e da poesia. As primeiras duas artes consideram o adjetivo como exprimindo uma qualidade do substantivo, necessária para modificar ou determinar a sua ideia. As outras duas consideram o epíteto como exprimindo uma qualidade do substantivo, conveniente para vestir, ornar, e pôr-lhe a ideia vivamente em destaque. O adjetivo completa ideia do nome e o sentido da proposição: é necessário. O epíteto faz mais viva, mais pitoresca, mais animada a ideia; dá vivacidade e energia ao discurso: é útil e conveniente. O adjetivo acaba a imagem do objeto: o epíteto dá-lhe colorido. O espírito justo emprega o adjetivo mais próprio: a imaginação brilhante emprega o epíteto mais expressivo. Se tiramos o adjetivo, a proposição muda de termos: se tiramos o **epíteto** a proposição fica sem ornato, sem graça, sem energia. Nesta frase:

'O homem justo é digno da imortalidade' – o adjetivo 'justo' determina a ideia principal, e completa o sujeito da proposição. Tirado esse adjetivo, o sujeito muda, e a proposição é falsa. Nesta outra: 'A pálida morte pisa com igual despeito os palácios e as cabanas' – o epíteto 'pálida' dá uma cor à ideia principal, e quase pinta aos nossos olhos um hórrido objeto. Tirado o epíteto, fica o mesmo sentido, mas a imagem descorada e amortecida".

146

ADJUNTO, adido. – Estes dois vocábulos designam pessoas (autoridades, funcionários) que têm funções junto de outras autoridades, quer para substituí-las, quer para auxiliá-las. Mas adjunto se supõe sempre junto de uma outra pessoa (juiz, professor, etc.); enquanto que adido se diz do funcionário, etc., que fica junto de uma repartição, de um tribunal, etc. Dizemos: adjunto do promotor público, adjunto do lente de geografia; e adido de embaixada, de certa missão, etc.

147

ADJURAR, conjurar, esconjurar, exorcizar (ou exorcismar). – Adjurar é "concitar com império, induzir energicamente, ordenar em nome do próprio Deus, da pátria, de alguma coisa sagrada, que se faça alguma coisa"; e particularmente "ordenar ao demônio que saia do corpo de um possesso, ou que deixe de atormentar alguma alma, como se cria nos velhos tempos" – diz Bourguig. – Conjurar é mais que protestar contra a obsessão e que ordenar ao demônio que saia do corpo de um atribulado: é fazê-lo sair, expulsá-lo com grande clamor, em nome de Deus. – Esconjurar não é apenas uma outra forma de conjurar, como dizem alguns autores: é "conjurar imprecando, é renegar abrenunciando, repelindo, maldizendo". –

Exorcizar (ou, talvez melhor, exorcismar) é "fazer as adjurações, os esconjuros (exorcismos) próprios para expelir o demônio de um corpo". – Empregam-se todos estes verbos em sentido figurado, e com significação análoga à que lhes fica assinalada respetivamente.

148

ADMIRAÇÃO, pasmo, espanto, assombro, susto, maravilha, arrebatamento, transporte, arroubo, êxtase, entusiasmo, enlevo, surpresa; admirado, pasmado, espantado, assombrado, assustado, maravilhado, arrebatado, transportado, arroubado, extasiado (extático), entusiasmado (entusiasta), surpreendido (surpreso), enlevado. – Admiração é "o forte movimento de alma que em nós excita alguma coisa extraordinária, e que nós manifestamos principalmente pelo olhar". Muitas vezes é empregado este vocábulo para exprimir a própria coisa que excita admiração; como se vê deste exemplo de Vieira: "D. Fernando... a fama da Universidade... e admiração de seus doutores..." - Admirado, aqui (com a função de predicativo), diz propriamente "tomado de admiração". "O sr. ficou admirado, ou está admirado de ver a justiça tão liberal quando a julgávamos tão somítica?" – Pasmo é a "admiração levada a uma intensidade tal que absorve todos os sentidos da pessoa que está pasmada". "Aquela cena estranha causa pasmo geral". Pasmado, na surpresa que o assalta, o menino emudeceu". – Espanto, susto e assombro confundem-se frequentemente, e na maioria dos casos sem muita razão. É certo que nesta frase, por exemplo: "Qual não foi o meu espanto (ou o meu susto, ou o meu assombro) quando o moço, em plena Câmara, proferiu aqueles horrores!..." – só uma distinção muito subtil é que poderia dar uma preferência formal por um dos três vocábulos. Mas vejamos. – Espanto diz –

"admiração que é quase pasmo, violenta impressão de surpresa e quase terror". - Susto é menos que espanto: é "espanto súbito, abalo mais ou menos forte, causado por alguma coisa inesperada". Dizemos: "pequeno susto, grande susto"; mas não seria muito próprio dizer (na acepção que lhes damos aqui): "pequeno assombro"; nem: "pequeno espanto". – Assombro é "grande espanto, admiração profunda e solene". "Vieira foi o assombro do seu século"; "a grandeza dos Estados Unidos do Norte é o espanto de todo o mundo". "Senti um grande susto em toda a assistência". - Espantado, assustado e assombrado distinguem-se de igual maneira. "O moço está espantado de me ver marchar" (não - assustado, pois este vocábulo já enuncia um estado de alma que é mais alarme do que espanto). "A população está assustada com aquele boato que ontem correu..." (não - espantada, porque o que a população sente não é comoção de quase terror, mas apenas uma desconfiança, um sobressalto, causado pela suspeita de algum perigo). "O auditório está assombrado de ouvir aquela palavra tão nova, tão brilhante e segura" (e não - assustados nem mesmo - espantado, pois o que o auditório sente é mais admiração que surpresa ou pasmo). - Maravilha (no sentido que lhe dá lugar neste grupo) é "sentimento de assombro tão vivo e intenso como se fosse produzido por alguma causa sobrenatural". "Aquilo (aquela ação extraordinária, ou aquele invento, ou aquela conquista surpreendente) põe-me na alma agitada mais maravilha que alegria". Fica-se maravilhado à vista de um prodígio; e a nossa maravilha provém de sentirmos que tal prodígio excede às forças humanas, ou às próprias condições da natureza. - Arrebatamento diz - "admiração súbita e impetuosa". "Ouvindo um lance daquela oratória grandiosa, a assistência, arrebatada, encheu de um vasto e grave clamor todo o templo".

- Transporte é "arrebatamento da alma, sacudida de paixão violenta", "Transportado de cólera, o pobre, daqueles transportes de alegria passou à demência..." - Arroubo (ou arroubamento) é o estado em que fica a alma "arrebatada de altas emoções, e sentindo-se como em deslumbramento de coisas divinas". "Naqueles arroubos da sua vida moral, ele vivia mais num instante do que outros num século". - Êxtase (ou extasis) é "o estado de quase delíquio em que fica a pessoa que se arrebata, e no qual parece tomada de pasmo e maravilha". Vemo-la extasiada se ela se mostra como entregue ao seu êxtase, gozando o seu arroubamento; e, extática, se parece como absorta, em pasmo, quase inconsciente nas profundezas do seu êxtase. "Ali ficou, diante do altar extasiada; e muitas horas depois ainda a encontramos extática, em todo o delírio da sua fé". "O noivo, extasiado da íntima alegria da bemaventurança, pareceu-nos em completa transfiguração: enquanto ela (a noiva), serena e extática, ficou por longo tempo em adoração diante da imagem". - Enlevo é "um êxtase mais sereno, mais inconsciente e mais delicioso; é um como esquecimento da alma pela coisa que aprecia, admira ou adora". É um estado semelhante àquele "engano da alma... que a fortuna não deixa durar muito..." - Entusiasmo é "o estado de agitação e arrebatamento em que fica a alma, como se estivesse incendida do próprio Deus, ou como tocada de centelha divina". Entusiasmado é "o que está sentindo entusiasmo" (é um estado); entusiasta é "o que se devota com entusiasmo por alguém ou por alguma causa" (é uma qualidade). "Ele está entusiasmado com a vitória"; "ele é grande entusiasta do capitão". – Surpresa é a "súbita impressão que nos causa alguma coisa que não esperávamos"; e é tomado também este vocábulo como significando a própria coisa que nos surpreende. Surpreendido é o que

está sentindo surpresa; e se nos referimos mais à condição que ao estado momentâneo em que ficou a pessoa que se surpreende, dizemos de preferência surpresa, que vale mais por "perplexa, em susto, perturbada".

149

ADMIRAR, apreciar, contemplar, considerar, examinar, ver, olhar, encarar, fitar, observar. – Admirar é "ver alguma coisa com grande atenção, espanto ou alegria". -Apreciar é "ver com muito interesse, com apreço". - Contemplar é "admirar longamente, como se a pessoa que contempla estivesse absorta, em grande pasmo para a coisa contemplada". – Considerar (de con = cum e sidus "astro") confunde-se muito com o precedente, até pela analogia da formação. Considerar sugere a ideia de ter (quem considera) o espírito voltado para o alto, para a abóbada celeste. Em contemplar sente-se também a sugestão de ideia semelhante. A palavra latina templum, que entra na composição do verbo contemplar, significava, entre outras coisas, o espaço marcado no céu, dentro do qual o áugure observava o voo das aves. Quem contempla e quem considera entende-se, pois, que está enlevado para o céu, ou para os astros. Mas a diferença entre os dois verbos consiste em ser a ação de considerar mais própria do espírito que indaga, que procura entender as coisas do universo; e a de contemplar mais própria da alma que se enleva ou extasia. "Aquela criatura já considera gravemente na vida, no destino". "Vivemos aqui, na floresta sagrada, a contemplar as maravilhas de Deus". - Examinar é "fazer inspeção ocular, estudo minucioso e com muita atenção". Examina-se um caso, um problema, uma obra de arte, uma doutrina, uma paragem, etc. – Ver e olhar distinguem-se essencialmente, conquanto no uso vulgar muitas vezes se empregue um pelo outro. Ver exprime o exercício da fa-

culdade de "receber pelos olhos a impressão que nos causam as coisas exteriores". Olhar é simplesmente "dirigir os olhos para algures, ou para alguém ou alguma coisa". Tanto podemos olhar sem ver propriamente como podemos ver sem ter olhado. "Eu pasmava de olhar e ver o homem" (Garrett). "Olhou e viu tudo cerrado" (R. da Sil.). E quer um, quer outro destes verbos, sem embargo da restrição que fazem alguns autores quanto a ver, admitem adjuntos modificativos da respetiva ação. "Olha-se de esguelha; ou com maus olhos; ou de relance; ou com desprezo". "Vê--se com os próprios olhos; vê-se vesgamente; ou vê-se preto; ou cor-de-rosa". Vieira tem este exemplo: "Faça-me V. M. a mercê de ver com ambos os olhos, por que se os não tiver ambos abertos, nem a capa lhe escapará nos ombros". - Olhar e encarar poderiam confundir-se em grande número de casos; mas é certo que o último acrescenta força e intensidade à ação do primeiro. Como bem define Aul. – "encarar é olhar direito para fixar bem, dar de cara com..., fitar os olhos em..., olhar com atenção". Resta dizer que sugere também a intenção - o interesse, ou o desplante, ou a arrogância, etc. – com que se olha. – Fitar e encarar ainda se confundem mais facilmente; mas bastam alguns exemplos para ver como se distinguem. "Ele encarou de frente o inimigo" (e não fitou). "Ele fitou14 aquele ponto com muita insistência" (e não - encarou). "Como é que encara o sr. a conduta deste moço?" (e não - fita). - Observar e examinar confrontamse. Mas quem examina é de supor que tem perto, ao alcance de todos os sentidos, a coisa a examinar; e quem observa só estuda ou considera a coisa a observar aplicando

14 ~ Fitar significa "fixar (os olhos) com muita atenção"; e, portanto, devíamos dizer: "Ele fitou os olhos naquele ponto." Mas tanto esta como a forma do exemplo acima, autorizam-se com os clássicos.

apenas os olhos. O astrônomo *observa* o céu (e não propriamente – *examina*). *Observar* a conduta de alguém é seguir-lhe os passos, como se a tivesse sempre debaixo dos olhos; e *examinar* a conduta de alguém é ponderar-lhe os atos, para estabelecer a respeito dessa pessoa um juízo seguro.

150

ADMIRÁVEL¹⁵, admirando, espantoso, maravilhoso, assombroso, curioso, singular, extraordinário, raro, surpreendente, estupendo, estupefaciente, estupefativo, estranho, excelente, arrebatador, magnífico, soberbo, grandioso, esplêndido, pasmoso. – Todas estas palavras designam coisas que nos impressionam mais ou menos fortemente, excitando a nossa emotividade. – É admirável "aquilo que provoca admiração". Dão os lexicógrafos como tendo o mesmo valor o adjetivo admirando. Mas incontestavelmente os sufixos vel e ...ndo marcam uma certa diferença entre os dois: admirando enuncia a ideia - "que está sendo admirado, que está causando admiração, ou que se impõe à nossa admiração"; enquanto que admirável diz - "digno de ser admirado". Parece que o mundo ficou até hoje ali, abalado e suspenso ante aquela cena, tão nova e admiranda!..." (não com a mesma propriedade – admirável). Vem ver como "está admirável a aurora!" (não - admiranda). – Espantoso é propriamente "o que causa espanto"; como assombroso "o que

15 Noq. e Bruns. dão no mesmo grupo, como sinônimos, admirável e admirativo: e eles próprios se encarregam de, pela simples definição, distanciá-los; e ainda melhor citando este exemplo de Vieira: "Estas minhas admirações são as que haveis de ouvir. Não será o sermão admirável (isto é – 'digno de admiração'), mas será admirativo" (isto é – cheio de sentenças, exclamativas e admirações). Se esses fossem sinônimos, também o seriam: estimável e estimativo; amável e amativo, etc.

desperta assombro", e maravilhoso "o que nos deixa maravilhados". - Curioso é "o que desperta interesse, viva atenção (curiosidade) por ser original, esquisito, raro, ou imprevisto". - Singular é "o que impressiona por ser único em seu gênero, por ser extraordinário, distinto de todos os outros da mesma espécie". – Extraordinário é "o que nos chama a atenção por estar fora da regra ordinária ou da ordem normal das coisas ou dos fenômenos, ou porque excede ou está abaixo da medida comum". - Raro é "o que se faz notar por não ser frequente, porque sucede poucas vezes, ou porque não se encontra comumente". - Surpreendente é "o que nos causa admiração ou espanto porque se nos apresenta de súbito e sem que o esperássemos". – Estupendo é "o que nos causa espanto, assombro tão grande que nos suspende, por assim dizer, a alma, como se a tivéssemos batida, afrontada de coisas anormais, monstruosas, inverossímeis". Em estupefaciente e estupefativo encontra-se, como no precedente, a mesma raiz grega tup, que sugere a ideia de bater, impressionar vivamente, pungir. Mas estupefaciente não é o mesmo que estupendo, apesar do que dizem alguns autores: o que é estupendo imobiliza-nos de assombro; o que é estupefaciente nos faz estupefato, isto é, atônito, como em estado de estupor. Uma cena de canibalismo é estupefaciente, e não se pode dizer que seja estupenda. Há na história lances estupendos e edificantes... (e não - estupefacientes). Não se confundem também estupefaciente e estupefativo; pois este diz melhor que o primeiro "que gera estupefação", "cheio de estupefações". "Aquele discurso estupefativo deixava-nos imobilizados..." (aquele discurso cheio de coisas que nos deixam estupefatos...). – Estranho é "o que, além de raro, é fora das proporções usuais, e que por isso causa movimento de alma anormal". - Excelente é "o que impressiona pela sua grandeza, su-

perioridade ou distinção". – Arrebatador é "o que produz admiração súbita, entusiasmo impetuoso, forte impulso de alma". -Magnífico é "o que, pela excelência, pelo esplendor, pela pompa e majestade, inspira um sentimento de admiração solene, de respeito religioso". - Soberbo é "o que se mostra augusto, imponente no seu modo de ser": é mais que excelente: - é o que "sobreleva a coisas do mesmo gênero também excelentes". - Grandioso é "o que junta à grandeza serena e brilhante do que é excelso e majestoso a magnificência do sublime". -Esplêndido significa "admirável pelo brilho e perfeição". - Pasmoso é "o que, pela raridade, ou porque exceda ao que é normal, produz pasmo, que é uma como admiração quase passiva".

151

ADMITIR, receber. - Segundo Roq., "admitir indica um ato de urbanidade pelo qual se franqueia a porta da casa ao que de um modo decoroso a ela se apresenta. A recepção é mais cerimoniosa: supõe certa igualdade, consideração e correspondência. Um fidalgo admite à sua mesa e em sua sociedade um homem limpo a quem nunca visita. As corporações, as sociedades literárias e científicas recebem em seu grêmio os homens notáveis e doutos. Os príncipes admitem à sua audiência os ministros estrangeiros16 e recebem em suas cortes os grandes senhores das outras".

152

ADMITIR, permitir, consentir, tolerar. - Quem admite alguma coisa deixa apenas que essa coisa seja ou se realize, como se a aprovasse mais pelo desejo de condescender com outrem do que por impulso de consciência ou por sentimento de dever. - Quem permite alguma coisa admite-a com autoridade. – Quem consente que alguma coisa se faça é porque se põe de harmonia com o sentir da pessoa que a quer fazer. - Quem tolera alguma coisa é que a permite pelo silêncio, tacitamente, deixa que ela passe sem oposição, sem castigo ou censura. "Pedro admitiu que o negócio fosse discutido lá mesmo no escritório". - "Antonio não permitirá que a escolta lhe penetre na oficina". "Ele há de afinal consentir que a filha case..." "O pobre marido ainda lhe tolera todos os caprichos e extravagâncias."

153

ADMOESTAR, advertir, repreender, censurar, arguir, avisar, aconselhar, verberar, estigmatizar. – Admoestar (admonere, no qual figura a raiz men ou man, que sugere a ideia de "pensar", "sentir") é, "em termos brandos e amistosos, chamar atenção para alguma falta, fazer sentir uma inconveniência". – Advertir é "admoestar mais formalmente e com certa autoridade". -Repreender é advertir, "não só com autoridade, mas com energia e mesmo com certa arrogância e aspereza, ameaçando de castigo." - Censurar é "repreender como por direito de função, e discutindo e mostrando a falta". Em Roma, censor era o magistrado que exercia a censura, isto é, que vigiava sobre os costumes, etc. - Arguir, aqui, é "repreender acusando de vício, defeito ou falta, e como que invetivando". - Avisar e aconselhar confrontam-se. Mas quem avisa dá à pessoa avisada conhecimento de coisas (faltas, circunstâncias, etc.) que ela ignorava, concorrendo assim para que essa pessoa se dirija melhor em alguma conjuntura; quem aconselha dá à pessoa que é aconselhada - ou porque espontaneamente se interesse por ela, ou porque se lhe pediu – uma noção clara do modo como essa pessoa se

deve conduzir em certo caso. Segue-se que para aconselhar é preciso, ou se supõe, ter o conselheiro autoridade moral em relação ao aconselhado; e que para avisar basta que a pessoa que avisa tenha motivos especiais de cuidado (interesse a zelar, ou dever a cumprir) com a pessoa que é avisada. - Verberar (verberare, de verber, "açoite") é "arguir fortemente, reprovar com acrimônia, repreender violentamente". - Estigmatizar (formação vernácula de stigma "ferrete", "marca") é "verberar como indigna" (a coisa ou pessoa estigmatizada). Admoesta-se o filho ou o aluno, para que não repita a falta. Adverte o chefe da repartição a um empregado que não cumpre o seu dever; censura-lhe a desídia; e repreende-o se ele reincide na culpa. É de lamentar que o arguisse de males que não fez, ou de faltas que não cometeu. Avisa-se a um amigo de que alguma coisa se trama contra ele. Aconselha-se a um parente mais moço, ou com quem temos familiaridade, a que evite a companhia de um colega desmoralizado. Verbera-se uma injustiça do tribunal; um ato iníquo do mau governo. Estigmatiza-se a calúnia, ou o caluniador.

154

ADOECER. enfermar. - Confundem-se ordinariamente estes dois verbos. Mas adoece uma pessoa quando deixa de estar sã; e enferma quando a moléstia é de tal natureza que a debilite. Também o que adoece naturalmente sente dor: o que enferma sente a fraqueza que provém do mal ou da doença. Costuma-se dizer, na linguagem comum, de uma senhora que vai para o leito, no momento do parto - que adoeceu; e não - que enfermou. E depois do parto - que enfermou, e não - que adoeceu. Dizemos: - longa enfermidade: e não - enfermidade rápida. Não diríamos, portanto - que F. enfermou momentaneamente, ou de momento. Quem está sofrendo dor de dentes, ou dor de cabeça, ou de ouvidos, nem por isso está enfermo, está doente. Dizemos – doença do peito, do coração, do figado; e não – enfermidade. Não seria próprio dizer, portanto, que alguém enfermou ou do coração, ou do peito.

155

ADOLESCÊNCIA, juventude, mocidade, puberdade, mancebia; adolescente, jovem, moço, púbere, mancebo. – Adolescência – diz Bruns. – vem-nos do latim adolescentia, voz derivada do verbo adolescere, "crescer". Este vocábulo está, por conseguinte, atendendo à sua etimologia, perfeitamente definido por Faria: "período da vida em que o organismo chega a desenvolver-se plenamente; juventude, mocidade, idade subsequente à puerícia, dos quatorze aos vinte e cinco anos". A latitude dada assim ao período da adolescência é corroborada pela Academia espanhola que a define: "la edad desde los catorce hasta los veinticinco años". - Juventude é a quadra da vida em que se é jovem, isto é, em que se tem força, vigor, e impetuosidade nas paixões; principia com a puberdade, e dura mais ou menos, segundo a constituição, temperamento, ou posição social do indivíduo, se esta o obriga a refrear os ardores da natureza, como se vê nos moços ambiciosos que procuram guindar--se pela política, ou parecer dignos da carreira que abraçam. Todos conhecemos jovens de quarenta anos, assim como velhos de vinte e cinco. Sabemos, pois, quando a juventude principia: não se sabe, porém, quanto pode durar. – Mocidade vem-nos do castelhano mocedad (idade de mozo). Principia quando a juventude, e com ela se confunde ao princípio; mas é suscetível de durar mais que ela. De um médico, de um ministro se diz que é bom moço, não – que é bom jovem, parecendo esta última expressão excluir a gravidade que o médico e o ministro devem ter. A mocidade será, portanto, a época da vida que prin-

cipia com a puberdade, e acaba ao entrar na idade madura. Pode-se mesmo, atribuindo à palavra moço a sua primitiva significação de solteiro, dizer que "a mocidade é o espaço da vida compreendido entre a puberdade e a idade em que compete ao homem tomar estado, isto é, sobre os trinta a trinta e cinco anos". Por sua vez diz Roq.: "A voz jovem (do latim juvenis) explica a ideia absolutamente; a voz moço, do espanhol mozo, a explica comparativamente: porque a juventude é a idade do homem entre a adolescência e a idade varonil, como dos quatorze até os vinte e um anos; e a mocidade é o tempo em que o homem conserva aquele vigor, parecer, ou disposição que são próprios da juventude, e podem durar mais ou menos tempo. Um homem de trinta anos já não é jovem, segundo a rigorosa propriedade da palavra, porém ainda é moço. – Mancebo, do árabe mansubon¹⁷, significa rigorosamente o moço de poucos anos; mas em geral se usa por jovem, que não é muito frequente nos clássicos". - Mancebia significa propriamente a qualidade, a condição de mancebo; mas é pouco usado nesta acepção, e tende a perdê-la de todo. - Puberdade é a idade em que o indivíduo se torna púbere, isto é, "apto para procriar".

156

ADORAÇÃO, reverência, veneração, acatamento, respeito, honra, homenagem; adorar, honrar, venerar, reverenciar, acatar, respeitar; adorável, venerável, venerando, acatável, respeitável. - Adoração é ato de adorar. No sentido próprio, só Deus é que se adora. No sentido figurado, adorar é "amar com o mesmo extremo, fervor, abnegação, renunciamento com que se ama a Deus". – Adorável é "o que é digno de ser adorado". - Reverência é a manifestação (por atitude, gesto, palavra, etc.) de grande respeito por alguma coisa sagrada. - Reverencia-se aquilo que merece o nosso culto, ou esta espécie de culto que rendemos às coisas em presença das quais nos sentimos humildes e de alma confusa e abalada. – Veneração é respeito profundo. - Veneram-se os santos e as coisas santas; e por extensão aquelas que pela sua grandeza moral assumem a nossos olhos um aspeto de santidade, como a velhice, a sabedoria, as grandes virtudes, etc. - Venerável e venerando são definidos como sinônimos perfeitos; pode-se, no entanto, considerar venerável como significando "o que é digno de ser venerado", e venerando "o que se impõe à nossa veneração". - Fora da acepção que esta, como algumas outras palavras deste grupo, tem no XC, acatamento confunde-se com reverência e mesmo com adoração. A pessoa que a outra acata, ou que a algum santo ou divindade acata – procura, por meio de grandes demonstrações de respeito e submissão, chamar a si o ente acatado ou insinuar-se-lhe no ânimo. - Acatável é a pessoa que merece o nosso acatamento. - Respeito (respectus, de respicere - re spicere – "olhar para trás", "não dar as costas") é todo sinal de atenção com que vemos ou tratamos uma pessoa ou coisa. Quem respeita fica, diante da pessoa que julga respeitável, em atitude de vivo apercebimento e vigilância, em compostura de perfeita discrição e gravidade. - Honra é, aqui, "o grande apreço, a profunda estima, a consideração que se tem pelas pessoas a quem se devem tais sentimentos". Honramos os nossos pais, a nossa família, os grandes homens, as grandes virtudes. - Homenagem, no sentido próprio, era o juramento de fidelidade que o vassalo fazia ao senhor feudal, e depois a autoridade subalterna à autoridade superior que representava diretamente o soberano.

¹⁷ Segundo outros, do latim mancipium (de manceps, formado de manus e capere "mão" e "reter, conservar, ter debaixo de") e significando, portanto, "o filho que ainda está sob a autoridade do pai".

No sentido que tem aqui, homenagem é "o sinal de respeito, obediência, submissão e acatamento que se tributam a uma pessoa que consideramos como nosso superior".

157

ADUANA, alfândega; aduaneiro, alfandegário. – Segundo Bruns., "a primeira destas palavras já quase desapareceu da língua: só a registramos aqui a título de curiosidade, e para explicação do seu derivado aduaneiro. Aduana e alfândega são palavras de origem árabe, mas de etimologia diferente: na aduana (de dana, 'escrever') registravam-se as mercadorias sujeitas a direitos; daí vem o dizer-se ainda 'tarifas aduaneiras'; na alfândega (de fundag 'depósito', 'armazém') depositavam-se as mercadorias sujeitas a direitos. Estabelecida esta diferença, compreende-se que - 'movimento aduaneiro' se refira aos ingressos de direitos; e - 'movimento alfandegário' à quantidade de mercancias que passam pela alfândega".

158

ADUBAR, temperar, condimentar; adubo, tempero, condimento. - Adubar, aqui, é "juntar à comida que se prepara os adubos (como tomate, alho, pimenta, etc.), que a tornem agradável". Aduba-se um prato especial para F. Também se emprega no sentido figurado: aduba-se a narrativa, o discurso, de coisas curiosas. - Temperar a comida é "dar-lhe o sabor próprio, juntando-lhe sal, vinagre, cheiros. – Tempero é a quantidade dessas coisas que se juntam à comida, e o grau de perfeição com que é ela temperada. - Condimento é a porção mais substancial dos adubos e que serve não só para tornar a comida de cheiro e de sabor mais delicado, como para fazê-la mais nutritiva. Um manjar que se condimentou com perícia é apetitoso e restaurador. – Tanto condimentar como temperar se usam também no sentido figurado. Condimenta-se o esti-10; tempera-se a frase...

159

ADULAR, lisonjear, louvaminhar, bajular, engrossar; adulador, lisonjeiro (ou lisonjeador), louvaminheiro, bajulador, engrossador. - Lisonjeiro (ou lisonjeador), de todos os vocábulos do grupo, é o que enuncia ação que nem sempre é vil. Quem lisonjeia pode querer apenas tornar-se agradável ao lisonjeado; e quando o não faz por uma requintada delicadeza será talvez com o pensamento de ganhar-lhe o coração, de fazer-se-lhe simpático. O lisonjeiro não é, portanto, nem sempre pelo menos, um sujeito indigno; pode ser exagerado, ou não ser sincero no louvar: não será baixo. Só quando a lisonja é calculada, excessiva, soez, repugnante, é que passa o lisonjeiro a ser adulador. E adular não se reduz a simples louvores ou ao intento de ser agradável só por palavras; mas estende-se aos atos, a todo o esforço que faz o adulador por insinuar-se no ânimo do adulado. - Bajular exprime ação ainda mais abjeta que a do verbo adular. O bajulador humilha-se; como diz Bruns. - "serve de capacho ou de sabujo", e não se satisfaz "só com palavras, mas vai até os serviços mais asquerosos" que dele exija o bajulado. – O louvaminheiro não é tão sórdido como o bajulador; nem mesmo se envilece como o que adula: será talvez mais próximo do lisonjeador, pois louvaminhar não é senão lisonjear demais e continuamente, fazer louvaminhas, isto é, gabos, louvores afetados e fúteis, e portanto que mais enojam do que louvam. – Engrossar, aqui, é termo de gíria, empregado em linguagem popular para dizer o mesmo que lisonjear com certa intenção de insinuar-se no ânimo do lisonjeado. É quase adular. Quem engrossa, no entanto, nem por isso se tem na conta de indigno como quem bajula. É mais termo criado pelo instinto de crítica do nosso povo para zurzir o vício de, em política principalmente, abrir caminho adulando os chefes de quem dependem as posições.

160

ADULTERAR, contrafazer, falsificar, imitar. - Adulterar e falsificar confundem-se facilmente: exprimem ambos "a ação de tirar a uma coisa as qualidades que lhe são próprias". Mas falsificar é fazer isso, estragando, corrompendo, diminuindo o valor à coisa falsificada; e adulterar é alterar a pureza própria de uma coisa dando-lhe outro aspeto, aumentando-lhe ou diminuindo-lhe o peso, o volume, etc. Falsificase um produto de indústria introduzindo no mercado (e com o mesmo nome e com todas as aparências de que seja o mesmo) um outro produto que não tem as mesmas qualidades daquele. Por isso, falsificar é também convizinho de contrafazer. Quem contrafaz, no entanto, pode muito bem ser que não estrague o produto, nem lhe tire o valor próprio: é possível até que a coisa contrafeita seja superior à coisa legítima. Este verbo contrafazer sugere, portanto, mais a ideia de infringir direitos alheios, de aproveitar alguém, em seu favor, do esforço que outro fez – do que propriamente a ideia de falsificar. Quem contrafaz pode imitar com tanta perfeição que se torne difícil distinguir a coisa legítima da coisa contrafeita. Quem falsifica estraga sempre, deixa pior a coisa falsificada que pretende fazer passar por legítima. Adulterar distingue-se ainda de falsificar em poder empregar-se no sentido translato; enquanto que falsificar só se aplica propriamente a coisas materiais. Adulteram-se vinhos, como se adulteram ideias, opiniões, etc. Não se poderia dizer, com perfeita lidimidade, que opiniões ou ideias se falsificam. – Imitar é menos ainda que contrafazer, pois a coisa imitada nem sequer incide sob a sanção dos códigos. Apenas as imitações nunca têm ou só excepcionalmente chegam a ter o mesmo valor da coisa imitada. Imitar é, pois (quer se trate de coisas, quer de atos), "fingir com

tal perfeição que aquilo que se imitou não se distinga facilmente da imitação". Imita-se a conduta de alguém, como se imita uma obra de arte, como se imitam gêneros de comércio.

161

ADUNAR, aunar, coadunar; unir, reunir, unificar; ligar, aliar, coligar; incorporar, agregar, congregar, ajuntar, agrupar. -Adunar, aunar e coadunar, tendo radical comum, exprimem, por meio dos respetivos prefixos, nuanças da mesma ideia fundamental. Aunar e adunar, segundo Bruns., "são, é inegável, o mesmo vocábulo, pois ambos são formados do latim unus, "um". O prefixo, porém, a em aunar, e ad em adunar, estabelece uma nuança diferente, que muito convém ter em conta: ad envolvendo ideia de impelimento, de força; e a, a de evolução natural. Aunar é, portanto, converter num todo, coisas diferentes, procedendo natural e brandamente. Adunar é trazer com esforço, e como que impelindo, coisas diferentes que se pretende unificar. "Os governos prudentes aunam os partidos. Carlos Magno pretendeu adunar à fé católica povos de mui diferentes crenças". - Coadunar acrescenta à ação de adunar a ideia acessória de concurso, dizendo, portanto – "adunar muitas coisas". "Aquela desgraça adunou os dois chefes". "Adunaram-se as hostes, batidas da catástrofe". "Coadunam-se os vários grupos políticos para conjurar a crise". - Unir, reunir, unificar têm ainda o mesmo radical, e apresentam, no entanto, mais sensível diferença de ação que a notada entre os três precedentes. Unir é "juntar (coisas semelhantes, ou mesmo coisas diferentes) de tal modo que pareçam uma só coisa". "Vamos unir os nossos esforços... é preciso que nos unamos contra o inimigo comum". Unem-se os esposos, os membros da mesma família, do mesmo partido, etc. Reunir é "dar unidade a coisas que se achavam dispersas"; e também "tornar a unir coisas que se tinham desunido". Reunir é mais congregar, ajuntar, incorporar do que unir". "Reúnem-se as forças para a batalha" (não - unem-se). "Reuniram-se os deputados para a eleição prévia" (e não - uniram-se). "Uniram-se os chefes contra o ditador" (e não - reuniram-se). Nestas frases: "a desgraça encontrou os irmãos unidos"; e "o emissário foi encontrar os irmãos reunidos na casa do tio" – percebe-se bem claro como são distintos fundamentalmente os dois verbos. Unificar é "fazer de várias coisas, em regra da mesma ordem, se não da mesma natureza, um só todo". Unificam-se dois ou mais Estados (reúnem-se sob o mesmo governo supremo, aliam-se formando um só). - Ligar, aliar e coligar enunciam a mesma ideia de "fazer acordo moral" (sem, portanto, sugerir necessariamente a ideia de ficarem reunidas ou juntas, uma à outra, as pessoas que se ligam ou aliam). Ligam-se indivíduos, facções, etc., se se põem de concerto quanto a uma certa questão, ou para defesa de uma mesma causa. Aliar (ad+ligare) sugere ideia de esforço mais ponderado e formal que fizeram os que se aliaram. Este verbo reserva-se para exprimir a ação de celebrar acordo de mais importância, de fazer pacto mais solene, e mais particularmente entre nações. Ligam--se partidos, indivíduos (não - aliam-se). "Aliaram-se o Brasil, a República Argentina e o Uruguai"... (não ligaram-se). Coligar está, em relação a ligar, como coadunar em relação a adunar: aplica-se mais propriamente quando são muitas as pessoas, os grupos, etc. que se ligam. – Incorporar assemelha-se a reunir: é "juntar uma coisa a outra ou muitas coisas entre si, de modo que formem um só corpo". Incorpora-se um exército, uma companhia, etc. - Agregar

e congregar apresentam diferença análoga à que se nota entre adunar e coadunar. Têm ambos o mesmo radical (grex, gregis, "rebanho") e dizem, pois, propriamente: agregar "fazer vir ao aprisco, incorporar no rebanho"; e congregar "reunir todo o rebanho, chamar ao aprisco todas as ovelhas". Numa acepção mais ampla, conservam o mesmo valor e a mesma distinção que têm no sentido natural. – <mark>Ajuntar</mark> é "reunir com mais cuidado e trabalho". – Agrupar é "reunir em um só grupo, ou em grupos diferentes".

ADUNCO, curvo; recurvado, arcado, arqueado. – Adunco (ad + uncus, "gancho") diz propriamente "em forma de gancho, ou de anzol", isto é, curvo e terminado em ponta. - Curvo indica a forma da figura que não é reta nem quebrada, mas que representa, com pouca diferença ou irregularidade, uma secção de circunferência (arco). - Recurvado é "meio curvo, mais ou menos curvo". – Arcado é um tanto diferente de arqueado. Este diz propriamente "em forma de arco"; aquele significa "inclinado como se quisesse, ou se fosse tomar a forma de arco". Dizemos: "O pobre velho já está ou já anda muito arcado (e não - arqueado)." Arqueados são os supercílios de uma menina (e não arcados).

163

ADUZIR, alegar. – Aduzir (adducere é "juntar a razões já expostas, a argumentos já formulados, outras razões e argumentos que deem força aos primeiros". O advogado do autor aduz provas mais positivas e cabais contra o réu, de modo a fazer-lhe mais difícil a defesa; o advogado do réu defende-o, alegando atenuantes ou justificativas em seu favor e procurando destruir a acusação. - Alegar é, pois, "juntar argumentos,

circunstâncias, demonstrações de defesa, de convicção contra o intento com que se nos persegue, contra o erro em que alguém está, contra aquilo que se afirma em oposição à justica, à verdade, à inocência" etc.

164

ADVENTÍCIO, ádvena, alienígena, forasteiro, estrangeiro. – Todas estas palavras designam pessoas que não nasceram no, ou não são originárias, do país onde se acham. – Adventício e ádvena têm a mesma etimologia (do latim advenire = ad + venire) e significam "indivíduo vindo de fora, indivíduo ou raça que não é a própria do país em que está". Mas ádvena diz propriamente "indivíduo que chega, que está de passagem". Adventício diz igualmente "indivíduo ou raça vinda de outro país, mas podendo ter-se fixado no país novo onde se encontra". Os povos de origem latina são adventícios na América, porque não era a raça latina que ocupava o continente quando este foi conhecido. Não se poderia dizer, no entanto, que os referidos povos aqui são ádvenas, pois este vocábulo deixa supor que o que chega há de sair logo. Por isso, ádvena aproxima-se mais talvez de estrangeiro que de adventício. O ádvena, entretanto, pode não ser de fora do país, mas apenas da cidade, ou do lugar onde chega. "A gente ádvena associou-se compungida à imensa consternação de toda a vila naquele instante". Essa gente ádvena aí diz "a gente que estava ali de pouso, chegada por dias". Estrangeiro é propriamente "o que é estranho ao país; que nele está, ou mesmo que nele vive sem certos direitos (os políticos) e sem certos deveres (o do serviço militar). - Forasteiro confunde-se frequentemente com estrangeiro; de uma pessoa, porém, que não é do país, mas que nele vive longos anos, ou que nele se fixou, não se pode dizer que seja um forasteiro, pois esta palavra designa melhor o

indivíduo que é hóspede na terra onde se encontra, o peregrino, etc. Estrangeiros podem ser até indivíduos que tenham nascido no país em que vivem (desde que os pais lhes conservem a nacionalidade de origem, ou desde que tenham aqueles indivíduos perdido a sua própria): o mesmo não se dá em relação a forasteiro. Segue-se disto que forasteiro ainda é mais próximo de ádvena que estrangeiro. - Alienígena (alienus "alheio", e gignere "gerar") emprega-se como antônimo de indígena (indu ou endo = in "no" (país) e gignere) e significa, pois, o que não é originário do país onde vive. – Resta notar que todos estes vocábulos só se empregam em relação, mesmo implícita, com outros, ou com os respetivos antônimos. Dizemos: adventício, quando consideramos o que veio de fora em relação ao que estava no país; ádvena, quando nos referimos ao que chega em relação ao que vive na terra; forasteiro, quando queremos exprimir que o indivíduo estranho aí não tem intuito de fixar-se no país como os que nele se acham; estrangeiro, quando fazemos alusão à nacionalidade do indivíduo, diferente da dos filhos do país onde o estrangeiro está; e dizemos alienígena, em confronto (expresso ou tácito) com os que são nascidos (indígenas) no país onde está o alienígena.

165

ADVERSÁRIO, rival, êmulo, antagonista, inimigo, competidor, concorrente. - Segundo Roq., "a palavra adversário compõese da preposição latina ad "junto", e versus, particípio de verto "voltado", "mudado", pois o adversário é com efeito aquele que se voltou contra nós outros, ou seguindo diferente opinião ou partido, ou pugnando por interesses que nos prejudicam. - Ainda que o interesse e o amor-próprio sejam de ordinário as causas por que muitos se fizeram nossos adversários, todavia podem estes

ser amigos debaixo de outros respeitos, ou indiferentes, e ainda generosos e delicados: não assim o inimigo. Aquele pode favorecer-nos em tudo aquilo que não pertence à disputa, nem à contradição; este procura sempre fazer mal, que para isso é ele inimigo. Adversário não supõe ódio; inimigo, sim. - Por analogia chamamos sorte adversa a que nos é contrária, e sucesso adverso o que nos causa dano e conduz ao infortúnio; e daqui vêm as palavras adversidade, adversamente, e as antigas adversar e adversia. - Rival é palavra latina, rivalis, e indica uma oposição mais forte que a precedente. Não há propriamente rivalidade nas opiniões e ideias, mas sim nas doutrinas e partidos, nos interesses e inclinações, no talento, no mérito, nas riquezas, no luxo, no esplendor, e sobretudo nos empregos, honras, e graças; há muitos rivais em amor, e também se rivaliza em ações virtuosas, como na generosidade, no valor, no heroísmo; até nos animais se dá certa rivalidade. - Êmulo é também palavra latina, amulus, e designa a pessoa que compete com outra em arte, ciência, em ações louváveis, ou que se propõe imitá-la e até excedê-la, valendo-se de meios honestos. Diferença-se, pois, muito de rival, sem se confundir com adversário. Êmulo denota competição honesta, nobre, generosa, e não admite ódio nem inveja. O êmulo reconhece, e até proclama, o mérito dos competidores. Os êmulos correm a mesma carreira. Os rivais têm interesses opostos que se combatem. Dois êmulos caminham, vivem em harmonia; dois rivais acometem--se. Pompeu e Cesar foram rivais; Cícero e Hortênsio foram êmulos. – Entre os antigos, a palavra grega antagonistes (antagonista em latim e nas línguas que deste se derivam) significava um inimigo armado e em ato de batalha; pois antagonistes compõe-se da proposição anti, "contra", e agonixomai, "eu combato"; mas posteriormente foi limitando-se a combates mais nobres e menos

sangrentos, como os literários, os de jogos e exercícios, e os partidos que não saem da linha da nobreza, galhardia, generosidade, e até heroísmo: é uma rivalidade mais distinta e elevada. Dizemos, v. g., que os Newtonianos são *antagonistas* dos Cartesianos em seus sistemas; os ingleses e os franceses em seus adiantamentos científicos e industriais; os soberanos em sua grandeza e esplendor; os amantes em obséquios a uma dama. Temos, pois, que todas as palavras anteriores, longe de excluírem as ideias de nobreza e urbanidade, as supõem. Só os homens de mérito têm adversários e êmulos: e as almas grandes, rivais e antagonistas. O vulgo não conhece mais que inimigos. A inimizade é de ordinário uma paixão, se nem sempre baixa, ao menos rancorosa, tenaz, repreensível sobretudo em seus excessos; supõe graves injúrias recebidas, se é bem fundada; faz com que receiemos o inimigo ainda depois de reconciliados com ele, porque costuma ser traidor. Tantos são os bens que da amizade resultam, quantos são os males que a inimizade produz; não há ação baixa, nem procedimento vil, a que ela não conduza. Esta palavra tem muita extensão em seus significados, pois abraça as pessoas, as ações e todas as coisas que nos podem desagradar, contrariar, ou fazer dano: somos inimigos de certos manjares, de certos prazeres, de certos costumes; somo-lo, umas vezes por nossa natural inclinação, por bons motivos e com razão, e também por prejuízos e caprichos. Estende-se a inimizade, em sua significação metafórica, "a todos os seres organizados e sensíveis, aos animais e às plantas". - Competidor é "o que está contra nós na conquista de alguma coisa". É mais do que simples concorrente, pois este apenas concorre conosco, isto é, "propõe-se a fazer ou conseguir aquilo que nós também nos julgamos capazes de alcançar".

166

ADVERSO, oposto, contrário, desfavorável. – "Relativamente – diz Bruns. – às ideias, às tendências, aos fins, consiste a sinonímia destes vocábulos em que: - Adverso se diz do que tende a prevalecer por meio da luta; - oposto, do que tende a fins diferentes; contrário, do que quer impedir o triunfo alheio; - desfavorável, do que, em lugar de favorecer, tende a impedir o que outrem pretende. As partes adversas procuram mutuamente suplantar-se. As partes opostas, tendendo a fins diferentes, procuram, para conseguir o seu intento, cada uma hostilizar a outra; e então fazem-se adversas. As partes contrárias não tratam precisamente de fazer vingar o seu intento: o que pretendem é impedir que o contrário triunfe. Desfavorável não se diz propriamente das pessoas, senão das suas opiniões, pareceres e decisões. É desfavorável aquilo que, sendo necessário para a realização do fato, se declara contra isso. A república é adversa à monarquia. Frequentemente os pais têm ideias opostas a respeito do futuro dos filhos. As minorias declaram-se contrárias às propostas da maioria. O parecer do relator foi desfavorável à pretensão."

ADVERSIDADE, sorte adversa (ou adversa fortuna), desgraça, desdita, infelicidade, infortúnio, desfortuna, desventura, caiporismo, calamidade; desgraçado, desditoso, infeliz, infortunado, desfortunado, desafortunado, mal-afortunado, desventurado, desaventurado, mal-aventurado, caipora. - Adversidade e sorte adversa (ou fortuna adversa) dizem quase a mesma coisa: exprimem o fato de ser uma criatura "perseguida de males, de insucessos e coisas contrárias". Mas a **sorte adversa** só assume o caráter de adversidade quando persegue o indivíduo continuadamente, sem deixar-lhe alívio ou descanso. "Afinal teve no pleito ou na campanha fortuna ou sorte adversa". "Caiu aquela nobre figura vencida pela adversidade" (isto é – pela constância da má sorte). – **Desgraça** é termo genérico, e significa todo sucesso lamentável que cai imprevisto sobre alguém. No plural, vale por sofrimentos, misérias, tristezas. – "Desgraça", diz Roq., "explica o mal em si mesmo". – Desdita acrescenta à ideia do mal o efeito da desgraça, com relação à triste situação em que se acha o desgraçado. O que perde no jogo, sem que o incomode nem o aflija a perda, é desgraçado no jogo, e só por pura ponderação se chamará desdita à sua desgraça. O que perdeu, porém, toda a sua fazenda, e se acha reduzido à maior miséria e aflição, sem consolo nem esperança de alívio, não só é desgraçado porque padece um verdadeiro mal, como é também desditoso, pela triste situação a que o reduziu sua desgraça. Por isso dizemos: Aconteceu ontem uma desgraça no mar, no rio, etc.; e não - aconteceu uma desdita, porque só fazemos relação ao fato, ao malsucedido. -Infelicidade é o contrário de felicidade, a privação do que constitui o homem feliz; mas vulgarmente se toma por desgraça, e é mais usada esta palavra que desdita, que vem da castelhana desdicha. - Infortúnio vem a ser uma série ou cadeia de desgraças, que não provêm do homem, porque não deu motivo a elas por seu procedimento ou falta de prudência; não por isto, senão por sua má sorte, cai em infortúnio. – Desventura é má sorte, fortuna adversa. Aquele que não sai bem nas suas empresas, antes encontra adversidades, pode queixar-se de sua desventura, mas não é desgraçado nem desditoso. – Quando a desgraça é grande e se estende a infinito número de pessoas e a países inteiros, chamase-lhe calamidade, que é propriamente um infortúnio público e geral, tal como a fome, a peste, a guerra, as inundações, as erupções vulcânicas, os terremotos, e outras muitas grandes desgraças que afligem as nações, e

às vezes quase o mundo inteiro. - Caipora e caiporismo são vocábulos adotados dos nossos indígenas, significando: - o último, "a falta de boa fortuna em tudo quanto se tenta na vida"; falta que se atribui, ou "a predestinação, ou a trama de algum espírito mau"; e o primeiro, caipora, é "o sujeito que se julga assim perseguido da má sorte". É preciso comparar alguns dos vocábulos deste grupo que têm o mesmo radical. - Infortúnio e desfortuna. Como se viu, infortúnio é grande desgraça que se prolonga (e quase sempre se usa no plural): desfortuna diz apenas "fortuna contrária, falta de boa fortuna, impedindo o êxito que se calculava". "Um capitão tem a desfortuna de ver fugir e escapar-se o inimigo quando ia certo de esmagá-lo" (não - o infortúnio). "Tive a desfortuna de lhe não merecer simpatia". "Tem padecido os seus infortúnios com serenidade e resignação" (não - as suas desfortunas). - Entre infortunado e desfortunado há diferença análoga à que notamos entre infortúnio e desfortuna. - "Foi ele tão desfortunado (tão sem boa fortuna) que não conseguiu sequer uma vez bater no alvo". "É preciso consolar uma criatura infortunada (perseguida de infortúnios)". - Entre desfortunado e desafortunado há a diferença expressa pela partícula de intensidade a que figura no segundo antes da negativa des. O homem desafortunado é o que não teve no momento, ou num certo caso, a boa fortuna que sempre tivera; ou que não se saiu tão bem como costuma sair-se. - Mal-afortunado será um antônimo mais perfeito de bem-afortunado; enquanto que desafortunado é antônimo de afortunado: marca-se assim uma distinção muito clara entre mal-afortunado e desafortunado: este, como já se disse, significa "sem fortuna, ou sem êxito no caso"; e aquele, mal-afortunado – "com má fortuna, ou com mau sucesso em certas circunstâncias". "Se eu for mal-afortunado

agora no meu intento, voltarei logo de Paris". "Não acredito que ele consiga o que quer, pois é muito desafortunado sempre que pede alguma coisa à política". Em qualquer dos dois exemplos, a substituição de um adjetivo pelo outro mudaria o sentido da frase. – Notemos ainda que mal-afortunado é muito próximo do nosso caipora. - Entre desventurado e desaventurado não é perceptível diferença alguma. Os lexicógrafos estão de acordo em considerá-los sinônimos perfeitos. E isto pela razão de ter a palavra aventura, que dá o segundo desses compostos, uma significação que nele desaparece. Mas entre os dois e mal-aventurado já se nota alguma distinção. - Desventurado, ou desaventurado, é o sujeito "sem ventura"; isto é, "o que não consegue chegar ao seu dia, o que é perseguido de desventuras"; malaventurado é antônimo de bem-aventurado; e este significa propriamente "que alcançou ou alcançará felicidade" (boa ventura, ou bem-aventurança). Aquele, portanto, que se empenhou numa causa de alta grandeza moral e saiu batido de infortúnio; o amigo que se perdeu num lance de honra; o menino que foi vítima de uma imprudência – são todos mal-aventurados. – Desventurados são os pais que têm uma velhice de desilusões e amarguras com os filhos; o sacerdote que se deixou imolar pela sua fé; o rei magnânimo que foi deposto e banido. – É conveniente notar ainda o que distingue estes compostos de ventura dos compostos de fortuna. A ventura não parece tão cega como a fortuna; tanto que dizemos: "ele vai à ventura" (e não - à fortuna); "ele deixa tudo à fortuna" (e não à ventura). O desventurado lutou contra a sorte; o mal-aventurado errou nos esforços que fez, transviou-se no caminho, foi malsucedido no empenho. O desafortunado, o mal-afortunado, o infortunado mesmo, deve a desfortuna, ou mesmo o infortúnio, a causas misteriosas e inevitáveis.

168

ADVOCACIA, advocatura. – Distinguem-se perfeitamente estas duas palavras, conquanto nos léxicos se definam como significando a mesma coisa. Advocacia é "a profissão do advogado"; advocatura é "o exercício, o prazo de tempo que se levou advogando". "Durante a minha advocatura no sul fiz menos fortuna do que inimizades." "A advocacia na campanha não dá o pão e tira o couro".

169

ADVOGADO, legista, letrado, jurisconsulto, jurista, causídico, rábula, defensor, patrono. – Segundo Bruns.: – "Advogado é, aqui, o que defende causas de direito com autorização legal". - Legista é o que conhece as leis a fundo e as interpreta. - Letrado, termo que hoje se tornou popular, designa principalmente o advogado que dá consultas. - Jurisconsulto é o legista profundo, que debela os casos intrincados, e disserta ou escreve sobre leis. – Jurista é termo mais relativo à teoria que à prática; o estudante de direito é jurista¹⁸, e jurista é também aquele que conhece a história do direito, os antigos usos, os costumes passados". -Causídico e rábula são termos depreciativos, que designam: causídico é aquele que trata de causas mais talvez com astúcias, manobras, artimanhas do que com lisura. O mesmo se pode dizer quanto a rábula (do latim rabere, "estar furioso, raivoso, violento"). Assim define S. Saraiva este nome: "advogado que fala muito e sabe pouco, gritador, tagarela". - Rábula é, portanto, mais depreciativo do que causídico: aplicase ao advogado sem pergaminho, e que se vale mais de chicana que de razões. (Nada disto impede sem dúvida que haja rábulas de muito mais valor do que muitos bacharéis; e também que haja muitos bacharéis muito mais alicantineiros e chicanistas do que tantos rábulas.) - Defensor é termo genérico que se aplica a toda pessoa que defende a outra; e particularmente ao advogado que faz perante o júri a defesa de um réu. - Patrono confunde-se com advogado e defensor. Designava antigamente o que defendia os interesses da plebe, os direitos das gentes, isto é, dos estrangeiros em geral. Passou depois a significar o chefe da casa (pater) em relação aos agregados e protegidos19, ou o senhor em relação aos seus libertos. - Patrono é pois o que não só defende os direitos do seu cliente como cuida solicitamente de salvaguardar-lhe os interesses.

170

ADVOGADO, patrono, patrocinador, padroeiro, defensor, protetor, intercessor, mediador, medianeiro, intermediário, interventor. – É nosso advogado quem toma a nossa defesa perante algum superior nosso, ou perante alguma pessoa ou mesmo perante algum poder com cuja benignidade precisamos de contar para que nos absolva de culpas, ou nos livre de males. - Patrono, patrocinador e padroeiro assemelham-se muito (têm o mesmo radical). O patrono defende-nos e protege-nos como se fosse nosso chefe ou nosso pai (patrão); o patrocinador nos toma à sua conta, fala e age por nós, patrocina a nossa causa: pode ter para isso motivos que não sejam os mais legítimos; e também com isso pode estimular em nós instintos, tendências, coragens e ousadias que não sejam as mais recomendáveis, instigando-nos, portanto, a praticar males que talvez não praticássemos sem o seu pa-

^{18 •} Hoje está-se introduzindo o neologismo direitista, aplicado aos que conhecem direito ou seguem a carreira do direito.

^{19 🐿} Patrono deu o nosso vernáculo patrão – o dono da fábrica, ou do estabelecimento em relação aos seus subordinados.

trocínio. Dizemos – "patrocinador de crimes ou de criminosos" (patrono de criminosos seria já coisa muito diferente: o patrono de criminosos toma, de acordo com as leis, a defesa de criminosos; o patrocinador de criminosos acolhe, protege criminosos; anima, induz os celerados a praticar crimes). - Padroeiro é propriamente "o que exerce o direito de padroado"; e por extensão é "o que nos ampara perante alguém de cuja munificência temos necessidade". S. Sebastião é o padroeiro da cidade (isto é - protege no céu a cidade do Rio de Janeiro). – **Defensor**, como já vimos no parágrafo precedente, é toda pessoa que defende a outra. - Protetor (de protegere = pro + tegere, "cobrir, ocultar, esconder") é "o que nos toma sob sua guarda, sua solicitude e valimento, e não só nos ampara, como nos habilita a vencer na vida, ou a triunfar numa certa conjuntura". A ação de proteger (de protetor) naturalmente marca, muito claro, melhor do que todos os outros do grupo, a superioridade de condições da pessoa que protege sobre as da pessoa protegida. - Intercessor é a pessoa que se põe entre nós e aquele perante o qual precisamos de defesa. Poderia confundir-se com mediador; mas este é o que se interpõe entre duas pessoas "para servir apenas de veículo, por assim dizer, entre elas": enquanto que intercessor sugere a ideia de que a pessoa pela qual se intercede precisa de defesa e proteção perante aquela junto da qual tem de agir o intercessor. - Mediador, portanto, mais se parece com intermediário: este, porém, é apenas o que se põe ou fica entre duas pessoas fazendo sentir a uma o que a outra quer, e vice-versa; ao passo que o mediador tem sempre algum interesse ou empenho em conciliar aqueles entre os quais se põe. - Medianeiro diz muito mais do que mediador: é "o que interpõe a sua autoridade, prestígio e valimento em favor de alguém e perante um poder a cuja presença esse al-

guém não pode ir diretamente para alcançar o que deseja". – **Interventor** é "aquele que, em nome de um terceiro, se mete entre duas ou mais pessoas ou facções, para restabelecer acordo ou ordem entre elas, e não sendo mais por uma que por outra".

171

AFABILIDADE, agrado, amabilidade, civilidade, urbanidade, polidez, cortesia, cortesania, delicadeza, benignidade, benevolência, carinho, afeição, complacência, bondade, fineza, ternura, meiguice, indulgência; afável, agradável, amável, civil, urbano, polido, cortês, cortesão, delicado, benigno, benévolo, benevolente, carinhoso, afetuoso, complacente, bom, fino, bondoso, obsequioso, terno, meigo, indulgente, amistoso. - Segundo Bruns., "a afabilidade (do latim ad "a", e fari ou afari "falar") dá-se de superior para inferior, e não ao contrário". Consiste na maneira cativante com que as pessoas de posição prendem a vontade dos que lhes falam, mostrando-se assim **afáveis**. O **agrado** é o testemunho da alegria que sentimos ao receber em nossa casa, ou ao falar em qualquer parte com uma pessoa, de qualquer condição que ela seja; dá-se de superiores para inferiores, e vice-versa. Tanto o agrado como a afabilidade são geralmente provas de um caráter bem formado. A amabilidade consiste em empregar todos os meios possíveis para nos tornarmos agradáveis à pessoa a quem a testemunhamos. Não é, a maior parte das vezes, uma qualidade inerente ao caráter da pessoa que se mostra amável: ou tem fins interesseiros, ou faz simplesmente parte da bagagem das convenções sociais com que os homens pretendem enganar-se reciprocamente. Tal que é amável com os estranhos é ríspido e intratável com os seus. A civilidade é a convenção estabelecida na sociedade para que os seus membros se avenham

mutuamente, de modo a não se ofenderem nem se desagradarem. Varia segundo os meios, os tempos, os lugares e a condição das pessoas. A civilidade exagerada – a que o vulgo chama política – é ridícula e presta-se ao escárnio. Contudo, a civilidade bem entendida deve reinar em toda parte, mesmo em família, pois sem ela nos tornaríamos desagradáveis até aos nossos mais próximos. A **urbanidade** é a civilidade de bom tom, a que se usa nos grandes centros urbanos. - Polidez e urbanidade confundem-se no fundo. – Polidez é a civilidade das pessoas de fino trato, que obram e se exprimem nobremente, com facilidade, finura e delicadeza. Basta conhecer certas regras e observar certas práticas para ser tido como homem civil; é, porém, necessário ter grande trato do mundo, e saber amoldar-se às situações, para ser um homem **polido**, pois a **polidez** exige que não só nos tornemos agradáveis, senão que penhoremos as pessoas com quem tratamos. – Cortesia é a demonstração do respeito que nos devemos mutuamente; tem-se não só para com as pessoas que conhecemos como também para com as desconhecidas, sempre que estas pareçam merecer-no-la. – Cortesania é o requinte da polidez: é "a polidez da corte, como indica a palavra..." – Cortesão, no entanto, perdeu hoje esse sentido: é mais "palaciano, áulico e até adulador" do que cortês. - Delicadeza é a qualidade do homem muito polido, fino, suave no trato. O homem **delicado** é-o mais por temperamento, por índole talvez do que por educação. - Benigno é "o homem de natureza moral muito singela, que se contenta de ter para com seus semelhantes sentimentos propícios". A benignidade é, pois, a virtude das grandes almas; e sugere sempre, tratando-se de pessoas, uma ideia da excelência da pessoa benigna em relação àquela a respeito da qual assim se mostra. - Benevolência poderia confundir-se com

benignidade. Mas benevolência é apenas "uma disposição de alma, um movimento propício de coração em favor de alguém". Uma pessoa é benévola, isto é, mostra-se de boa vontade com alguém no momento, ou pode ter benevolência com esta ou aquela outra pessoa. Dizemos: "os reis benignos são amados do seu povo"; "os homens benignos fazem-se queridos" (e não - os reis benévolos, ou – os homens benevolentes). Entre benévolo e benevolente não estabelecem os dicionários diferença alguma. Nesta frase, entretanto, supomos que seria imprópria a mudança dos dois vocábulos: "Ele se mostrou benevolente comigo; e isso tanto mais me cativa quanto é certo que ele não é benévolo com todo mundo". Parece, portanto, que isto quer significar que benévolo expressa melhor uma como qualidade pessoal; e benevolente ("que está sendo benévolo") uma disposição atual de sentimentos. - Carinhosa é a pessoa que nos recebe, não só com mostras de bondade, como com sentimentos ternos, afagando-nos, fazendo-se meiga, sincera, como se nos abrisse a alma. - Carinho não é uma qualidade, senão sinal de qualidades, indício de bom ânimo, de simpatia, de intimidade da pessoa que faz, para com a pessoa que recebe o carinho. - Afeição é a "conformidade moral que leva uma pessoa a chegar-se muito a outra, a acolhê-la, a atraí-la enchendo-a de meiguices e provas de amizade". O amigo afetuoso é o que nos trata com afeição, revelando sempre por nós os seus afetos. - Complacência é também menos uma qualidade do que uma disposição moral: é a "boa vontade, a diligência que se mostra em fazer o gosto de alguém, em estar de acordo com os desejos de alguém". Complacente é o amigo que se compraz conosco; que, pela amizade, ou pela benignidade, leva a sua mansuetude e tolerância a uma quase renúncia de si mesmo para ser-nos agradável. – Complacente

é o nosso superior hierárquico, ou aquele de quem dependemos, quando se mostra conosco tolerante, sereno e afável. - Bondade é a qualidade de ser bom, a virtude de ser contrário a tudo quanto é mau. - Bom é aquele que tem essa virtude, julgada tão excelsa que o próprio Jesus a atribuía só a Deus. – Entre bom e bondoso há muita diferença; pois, bondoso é apenas "o que tem bondades quase que aparentes; o que é cheio de deferências conosco". - Fineza poderia considerar-se como sinônimo quase perfeito de delicadeza; mas um fino cavalheiro é aquele que sabe requintar a sua delicadeza e fazer-se "muito delicado". - Ternura é, conforme já ficou em outra parte definido, uma delicadeza de sentimentos levada a extremos de meiguice, e a provas de afeto que nos comovem, pois que só os pais sabem ter com os filhos, e os esposos entre si, ou então de que são capazes só as excelentes naturezas morais encontrando-se com as misérias da vida. Ternos são os corações que ficam como que em êxtase de piedade, ou de amor na presença de uma criança que sofre, ou diante de um infeliz, ou da pessoa amada. – São meigos os propensos ao amor, os que se mostram mais do que amáveis, pois que parecem deslumbrados mais de amar que de sentir o nosso amor. A meiguice é a qualidade das crianças e das virgens, porque deixa supor sempre a inocência, a candura dos simples edificada de instintivo sentimento de renúncia e de simpatia. - A criatura indulgente conosco é a que tem para os nossos defeitos mais perdão do que rigor, mais misericórdia do que justiça. A indulgência supõe sempre uma autoridade ou poder mais alto que o da pessoa com quem se é indulgente. Poder-se-ia dizer que é um predicamento divino, que só por extensão se pode atribuir a homens. – O homem amistoso é o que nos trata como costumam tratar-nos os nossos legítimos amigos.

172

AFASIA, afonia, mudez; afásico, afônico, mudo. – O afásico titubeia, claudica, ou de todo não pode falar; pois a afasia provém de alguma "lesão na substância nervosa frontocerebral; pode ser completa (o que é raro) ou parcial, sendo a esta que é devida a gaguez". (Bruns.) – Afonia é a falta de voz: mal ou defeito "que provém da laringe". O afônico sente dificuldade ou mesmo impossibilidade na emissão da voz. – Mudez é propriamente a incapacidade orgânica de articular a voz. O mudo não fala porque ignora o som da palavra, pois a surdez lhe impede ouvi-la, e portanto fica ele incapaz de imitá-la.

173

AFÃ, azáfama, faina, lida, fadiga, afadigamento, aforçuramento, luta; trabalho, labor (lavor), laboração, labuta, labutação, lucubração. - Afã é "toda atividade penosa, todo esforço difícil". É mais usado no plural. "Os meus afãs não me deixam sentir estes pequenos incômodos". - Azáfama significa mais "o apressuramento com que se cuida da tarefa, ou de um trabalho urgente". "Na azáfama em que vive, aquele homem não tem tempo de atender-nos". - Faina é uma outra forma de afã: é "todo serviço feito sem muita ordem e com pressa; trabalho aturado e debaixo de barulho". A faina de bordo; a faina dos campos; e mesmo a faina das ruas, para exprimir o movimento geral das grandes cidades. – Lida é "trabalho afanoso, azáfama incessante". Tanta lida para tão pouca vida. - Fadiga, aqui, é "trabalho penoso, que nos cansa, e nos vence as forças"; e afadigamento é uma extensão de fadiga, e sugere ideia de afãs contínuos, de longas fadigas; e é próximo de aforçuramento. Este, no entanto, envolve mais a ideia de pressa que de trabalho. Um sujeito aforçurado gasta inutilmente as próprias forças; um sujeito

afadigado despende forças, cansa também, mas nem sempre sem fruto. – Luta é "trabalho doloroso, como se fora mesmo um combate, e que só não acabrunha as grandes naturezas morais". "As lutas da vida o venceram". "Naquela contínua luta do seu viver foi morrendo". – A palavra **trabalho** foi primitivamente aplicada à função do construtor, do que lidava com madeiras (trabs. "viga, trave, árvore grande"; trabalis "próprio das árvores, relativo a traves"); depois generalizou-se, nas línguas neolatinas, passando a significar "toda aplicação de aptidões no sentido de fazer algum objeto, ou conseguir alguma coisa". No plural, sugere a ideia das penas e fadigas que produz todo exercício aturado. "Os trabalhos da vida" – é quase como se se dissesse – "as lutas da vida". – Labor é "todo esforço exercido com aptidão e gosto; que nos fatiga, mas que também nos agrada e satisfaz". Quanto a labor confrontado com **lavor**, escreve Bruns.: "**Labor** é palavra que tomamos diretamente do latim labor; lavor tem a mesma origem, mas indiretamente, pois se formou de lavrar (laborare). – Labor e lavor são, portanto, palavras mui distintas, que não devem ser tomadas indiferentemente, ainda quando os dicionários as confundam e as expliquem uma pela outra. – Labor é sinônimo de trabalho; lavor, não. Só a ignorância, confundindo a pronúncia dos dois vocábulos, originou que *lavor* seja abusivamente empregado por trabalho ou faina, isto é, por labor. - Labor é trabalho longo e difícil, que cansa o espírito ou o corpo... – **Lavor** dizemos do trabalho "de agulha, feito por desenho, e de qualquer ornato em relevo..." Resta acrescentar que lavor significa também "a perfeição da mão de obra, o modo como um trabalho foi acabado". - Laboração é uma forma extensa de labor: é a ação de exercer o labor (laborar). No plural acrescenta a labor uma ideia de faina, de lida ou fadiga, ou mesmo de

afadigamento". "As nossas laborações naquele transe nos inutilizaram por muitos dias"... - Entre labuta e labutação (que com os dois precedentes têm origem comum) deve notar-se análoga diferença. Labuta é esforço afanoso, lida penosa, ocupação árdua de que se vive. Labutação é o mesmo que "labuta afadigada"; e no plural – "trabalho pesado e afanoso". – Lucubração é todo trabalho que nos absorve dia e noite, e a que aplicamos toda a intensidade do nosso espírito, ou das nossas aptidões. Lucubrar (de lucubrare (de lux) "trabalhar à noite") significa propriamente "fazer serão": e, portanto, lucubração, ou melhor, lucubrações aplica-se mais particularmente "ao trabalho feito à noite, à luz do gás, ou da lâmpada, ao esforço, à contensão mental com que é feita uma obra de arte ou de ciência".

174

AFASTAR, retirar, arredar, desviar, deslocar, descaminhar (desencaminhar), apartar, separar. - Afastar (do latim abstare, de ab + stare "estar ou ficar longe") significa propriamente "tirar uma coisa ou pessoa de junto da outra". Afastam-se de nós alguns amigos; afasta-se da parede o sofá; afasta-se do espírito uma ideia sinistra. - Retirar (formado de re, equivalente aqui a retro (re que marca "retração", "retrocesso", e ter "três vezes") + tirar, do gótico tairan segundo alguns, e segundo outros do latim trahere²⁰ - retirar, dizemos, tem o sentido próprio de "afastar para trás, chamar a si, pôr para aquém"; e por extensão significa - "tirar uma coisa do lugar em que estava, chamando-a a nós, ou pondo-a de lado." Retira-se um exército, voltando por onde tinha ido; retira-se o chapéu de cima da mesa; retira-se o filho do colégio; retira-se uma ofensa; etc. –

20 Narece que estes têm mais razão do que aqueles. O próprio latim tem retrahere "tirar para traz".

Arredar é "desviar bruscamente, dar espaço ou caminho". Arreda a multidão à passagem do cortejo; arredam-se as cadeiras do meio da sala. – Desviar – diz Bruns. – "é tirar uma coisa ou uma pessoa do ponto ou da linha em que alguma outra coisa ou pessoa vai passar, ou algum fato suceder. Noutro sentido, desviar indica a ação de tirar de uma direção para fazer tomar outra diferente; neste caso, é-lhe inerente a ideia de fim, propósito ou conveniência... Desviamos o corpo para evitar um golpe; desviamos uma criança que vai ser pisada..."; desviamos do sentido uma lembrança funesta. - Deslocar é "mover alguma coisa do lugar próprio, retirá-la do ponto em que se acha". "Com perícia admirável desloca o dente e saca-o num instante". "A pulso desloca o rochedo, e lá do alto deixa-o tombar sobre a cidade". Deslocam-se figuras da política em todas as grandes crises. - Descaminhar, melhor ainda que desviar, exprime a ideia de "tirar ou de sair do caminho próprio, ou da direção que se seguia". Descaminha-se a gente, tomando uma azinhaga"; descaminha-se o menino da escola. "Aquele sucesso imprevisto vem descaminhar-nos da vereda em que íamos" (isto é, vem fazer que tomemos outra rota). (Por mais que digam os lexicógrafos, desencaminhar não se confunde com descaminhar. Desencaminhar tem significação diferente, e nem carece, como descaminhar, de completivo de predicação: é "tirar do bom caminho, do caminho certo; e por, extensão - perverter, prostituir".) - Apartar é "pôr de parte". Quando dentre muitas coisas se apartam algumas, põem-se estas em lugar onde fiquem separadas das primeiras. Quando alguém se aparta de outra pessoa toma um lugar para longe dessa pessoa. Em sentido mais restrito, este verbo sugere ideia da atitude contrária em que fica a pessoa que se aparta em relação àquela de quem se apartou. Se alguém se aparta do seu partido é que toma posição

contra este, ainda que se não aliste em outras fileiras. - Separar é "pôr duas ou mais coisas ou pessoas longe uma das outras". Só no sentido moral é que as coisas ou pessoas separadas nem sempre se julgam a distância umas das outras, ou nem sempre estarão necessariamente desligadas. "Separa-se - diz Roq. – o que estava unido, ligado, misturado: sempre com referência a mais de um objeto. Separa o lavrador a palha do grão, o trigo do joio, a fruta podre da sã; separam-se os casados quando não podem viver juntos, ou quando se desquitam; no juízo final hão de separar-se os bons dos maus. Separar diz muito mais que apartar. Segundo Vieira, parece que separação indica principalmente a ação de separar, e apartamento os resultados morais da separação; pois, falando do juízo final, diz ele: "Feita a separação dos maus e bons, e sossegados os prantos daquele último apartamento..." (III, 163).

175

AFERRO, apego. — Diz muito bem Bruns.: "O apego é a constância que provém mais do hábito que da reflexão. O aferro provém da convicção, e é, portanto, um forte apego. Temos apego à casa, quando somos sedentários por gosto; temos aferro às ideias que defendemos com tenacidade".

176

AFERROLHAR, fechar, trancar; ferrolho, fecho, tranca. – Fechar aqui exprime a ação geral de "cerrar, unir com firmeza" (do latim fixare); fecho é a "peça com que se fecha, o processo mediante o qual se cerra, liga, prende alguma coisa". – Os dois outros do grupo, no sentido próprio e originário, designam formas ou modos particulares de fechar, diferençando-se segundo a peça com que se fecha: se se emprega o ferrolho, aferrolha-se; se se emprega a tranca, tranca-se. Ferrolho é – diz Aul. – "tranqueta de ferro

(ou qualquer peça de ferro que se empregue em fechar) que, correndo horizontalmente pelos anéis, por que está abraçada, vai embeber-se na ombreira ou noutra peça, impedindo assim que se abra a porta ou janela em que está pregada". Tranca é uma barra semelhante ao ferrolho, podendo ser, porém, de madeira. Figuradamente, no entanto, **aferrolhar** e **trancar** dizem "prender com segurança". Fecha-se uma porta, uma gaveta, um livro, uma carta. Fecha-se a boca, deixando de falar. Também se fecha a alma, não dizendo o que se sente, ou não se expandindo. Aferrolha-se ou tranca-se igualmente uma porta, um portão, um cofre, fechando--os fortemente. Também se diz – "aferrolhar a fortuna", significando que se a retém com usura ou somiticaria.

177

AFETO (afeição), paixão, amor, inclinação, amizade, ternura, apego, dedicação. - Afeto e afeição - diz Bruns. - diferençam-se apenas em ser a afeição extensiva a pessoas e a coisas, e o afeto só a pessoas. Afeição é a tendência, propensão, ou inclinação comedida que se tem para alguém ou para alguma coisa. É por afeto ou por afeição que se sente prazer em encontrar a pessoa a quem se estima, e que se procura a ocasião de a ver, de gozar da sua companhia, de lhe ser útil. A afeição que temos às coisas nos induz a ter cuidados com elas... - Paixão é o desejo veemente de obter e possuir a pessoa ou a coisa que desperta em nós esse sentimento. No afeto há moderação; na paixão há arrebatamento. Uma diferença essencial entre a afeição e a paixão é que a afeição se sente por aquilo que se possui, e a paixão sente-se geralmente por aquilo que se deseja possuir... Muitas vezes a paixão desaparece com o logro da coisa desejada; não assim o afeto ou a afeição, pois esta é constante. – O amor é um sentimento que se pode considerar intermédio entre o afeto e a paixão. Se no amor não há os arrebatos da paixão, há nele algo mais da tibieza do afeto. Adolphe Garnier, no seu Traité des facultés de l'âme, diz do amor: "O caráter distintivo do amor é o de preocupar exclusivamente o nosso pensamento com a existência de uma pessoa do outro sexo, a qual nos causa um como deslumbramento contínuo pelas qualidades e perfeições que a nossa imaginação lhe atribui. Tudo nela tem encanto à nossa vista. Deliciamo--nos em ouvir falar dela, e ambicionamos encontrar-nos sempre e exclusivamente na sua presença. E assim como é ela que unicamente nos interessa, quiséramos que só nós fôssemos o único que lhe interessasse. Só o pensar que a ternura da pessoa amada pode ou poderia repartir-se com outrem faz-nos estremecer. O amor, não obstante, sobrevive à infidelidade: sofre-se e ama-se; está-se humilhado e adora-se; a amargura sustém-nos. O amor recusa crer nos defeitos que vê na pessoa amada; e é tal o seu fundo de benevolência que estende por sobre os vícios o véu das perfeições. Não são os defeitos da alma apenas que recusamos ver no objeto que nos apraz: são também os do corpo; e não só os negamos, senão que os tomamos por perfeições, e acabamos por amá-los. O austero Descartes simpatizava com os olhos vesgos: procurando a origem de tal gosto, recordou-se que esse defeito existia numa menina a quem amara desde a infância. É certo que o amor aumenta com os méritos do objeto amado: não vem, no entanto, de tais méritos. De que provém? Nasce, por assim dizer, sem causa; e às vezes cessa sem ela". Antes de Garnier já Diderot definira admiravelmente o amor pela boca de Gardeil, quando este se dirige à sua amante La Chaux: "Ignoro a razão de já a não amar; tudo o que sei é que principiei a amá-la sem saber por quê; e que cessei de a amar sem saber a causa". Num sentido mais geral, o

amor é o sentimento pelo qual se ama ou se quer bem a alguma pessoa: amor paternal; amor filial; amor ao próximo; amor à ciência, etc. - Inclinação, no sentido lato da palavra, é a disposição e tendência natural do espírito para alguma coisa. Há pessoas que têm inclinação para o bem, como as há que têm inclinação para o mal. Se a razão não pode dominar, geralmente, a paixão, nem o amor, pode facilmente triunfar da inclinação, pois aquele que se sente levado por ela para o jogo, por exemplo, ou para qualquer vício, foge desse mal sem grande esforço. Vemos assim que esta palavra é menos expressiva que qualquer das três precedentes. Se a inclinação, porém, não for combatida, degenerará facilmente em paixão, ou em amor. Num sentido mais restrito, a inclinação é a disposição e tendência natural do espírito para amar alguém em razão do que nessa pessoa nos agrada; esta disposição, fortalecendo-se, pode tornar-se amor, ou amizade; mas em si, propriamente, não é mais do que o embrião desses sentimentos. – A amizade – diz d. José de Lacerda – é "o apego particular de uma a outra pessoa, ou que duas pessoas têm entre si". O abuso que se faz desta palavra não exclui que a amizade exista: se ela é vã na boca da quase totalidade dos humanos; se, no sentido que geralmente se lhe atribui, só quer dizer que as relações do trato não são desagradáveis entre aqueles que se dizem amigos – a amizade verdadeira tem, não obstante, caracteres especiais pelos quais se pode determinar; tais são: a necessidade de expansão e de confiança recíprocas, o apreço do caráter, da índole e do espírito do amigo, e o desejo de ser-lhe agradável e útil até a preço do próprio sacrifício. Não se pode dizer que há amizade sem que o tempo e as vicissitudes da vida a tenham cimentado e posto à prova. – A ternura não é sentimento: é a manifestação de um sentimento, seja amor, seja amizade. A ternura paternal, por

exemplo, não é um sentimento distinto do amor paternal: é a sua manifestação, é esse próprio amor, que se revela em tudo o que ao filho diz respeito. - O apego é um sentimento que pode ter maior ou menor intensidade, mas ao qual o coração fica alheio. O hábito, a reflexão, a recordação originam o apego; também o origina a inclinação quando é fomentada. Tem-se apego a um objeto, a um partido, a um hábito, a uma pessoa, a um animal; assim como o animal tem apego ao homem. – Dedicação é o desprendimento de si próprio em favor de outrem, ou de alguma ideia; não é o sentimento, mas o efeito de uma firme resolução, de um como voto feito, e pelo qual nos consideramos ligados. Um criado é dedicado a seu amo; um homem é dedicado ao seu partido; a dedicação leva às vezes ao sacrifício.

178

AFETAÇÃO, fingimento, disfarce, simulação, dissimulação, contrafação, aparência, fantasia; afetar, fingir (fazer de, representar de), disfarçar, simular, dissimular, contrafazer, aparentar, fantasiar; afetado, fingido, disfarçado, simulado, dissimulado, contrafeito, aparente, fantasiado. -Afetação é "o modo contrafeito de mostrar sentimentos, aptidões, intuitos, etc., que realmente não se têm". O indivíduo afetado é o que anda, fala, traja e se apresenta fora do natural. Quem afeta alguma coisa inculca sentir o que de fato não sente. Usa--se também este verbo como pronominal: o indivíduo que se afeta no dizer é o que procura apurar tanto a elocução que se torna ridículo. - Fingido é aquele que faz por parecer o que não é: é mais hábil, astuto, que o afetado; pois, enquanto este exagera porque aspira passar por mais do que realmente é, o sujeito que se finge quer ser diferente daquilo que é; encobre com artificios (fingimentos) o que sente, e procura, portanto, iludir os

outros. Usa-se o verbo fingir como transitivo e como pronominal. – Os verbos **fazer** e representar em certas formas valem por fingir; como, por exemplo, nestas frases: "O pobre homem está fazendo de Judas"; "ele se faz de tolo" (o homem está fingindo ou representando de Judas; ele finge ou finge-se de tolo, ou representa de tolo). - Disfarçar é tomar aspeto, ou aparências, que aos olhos de outrem encubram a verdade que não se deseja, reconhecida. Disfarce é muito semelhante a dissimulação; como simular é próximo de fingir. O sujeito que se disfarça, ou que disfarça suas intenções, reveste-se de artifícios (disfarces) que o desfigurem; ou procura, no que diz, nos gestos, nas atitudes, ocultar o que pensa ou quer. O sujeito que dissimula faz por parecer estranho ao que se passa em volta de si. O dissimulado mostra-se alheio exatamente àquilo que de fato lhe interessa. A dissimulação pode não ser um defeito: o disfarce nem sempre. Um homem prudente pode, muitas vezes, dissimular, por discrição. O homem que disfarça procura sempre arredar do pensamento dos outros a noção exata do que lhe convém: o que dissimula cala mais o que sabe ou o que sente do que disfarça o que deseja, quer ou pensa. Parece, portanto, que o disfarçado tem intuito de enganar; e que nem sempre se poderá dizer o mesmo do dissimulado. -Simular e fingir têm de comum a significação de "ocultar, por um falso exterior, a verdade, inculcando outra coisa que por ela se quer fazer passar". Mas quem simula faz que uma coisa pareça em vez de outra; que uma coisa seja semelhante a outra (as palavras latinas simulare e similis deram-nos simular, assimilar e assemelhar, etc.), ou que tenha aparências de outra pela qual se quer que essa coisa passe. "F. simulou um ataque pela retaguarda"... "Ela está fingindo que não nos vê"... - Contrafação é, aqui, "o ato de fazer alguma coisa de modo contrário ao

que é legítimo, ou ao que se devia esperar". Quem se contrafaz obra, portanto, como não obraria se fosse sincero, se não se mostrasse contrafeito, isto é, "contrário ao que é natural que se esperasse dele". - Aparentar é "mostrar aparências de que uma coisa é assim mesmo como se faz crer, ou de que é tal como parece" (aparente). - Fantasiar é "iludir pelo aspeto; é fazer crer pela aparência simulada". O que se fantasia impõe-se pelo efeito produzido sobre a imaginação dos outros; e "nada mais falso do que a fantasia de que se valem os espertos contra a ingenuidade dos tolos ou das crianças".

179

AFETIVO, afetuoso. - Ainda que os dicionários deem como significando a mesma coisa e tendo o mesmo valor, convém distinguir estes dois adjetivos. Pelo menos diferençam-se eles em poder afetivo aplicar-se tanto a pessoas como a fenômenos morais; e afetuoso só a pessoas. Dizemos - "criaturas afetivas", ou - "criaturas afetuosas"; não dizemos, no entanto, "qualidades afetuosas", "demonstrações afetuosas"; mas -"demonstrações, qualidades afetivas". Afetivo significa, portanto, "de afeto, próprio de afeto, que tem relação com afeto"; e afetuoso = "cheio de afeto, benigno, afável".

180

AFETOS, paixões. - Segundo S. Luiz, "o bem, ou o mal; isto é, o prazer, ou a dor, sentido, ou apreendido nos objetos pela nossa alma, excita nela comoções, ou movimentos - de atração para aqueles que se lhe representam como bons, ou – de aversão para aqueles que se lhe representam como maus: e estas comoções comunicam-se ao corpo, e produzem nele efeitos proporcionados, que se manifestam nos olhos, na cor do rosto, no movimento do sangue, e às vezes em toda a pessoa do homem. Quando

estas comoções, consideradas em si e nos seus efeitos, são brandas, doces, temperadas, chamam-se simplesmente afetos. Quando fortes, violentas, impetuosas, chamam-se mais propriamente paixões... A amizade, a compaixão, o amor filial, o reconhecimento são afetos. O amor sensual, a ambição, a cólera, a vingança são paixões..." As paixões, como diz Roq., "são afetos levados ao último grau e assenhoreando-se da vontade. Os simples afetos são comoções brandas e suaves que se podem ajustar com a razão; não assim as paixões, que violentas e impetuosas fazem muitas vezes emudecer a razão, e arrastam o homem ao quebrantamento da lei e do dever. - Na linguagem da retórica, afetos e paixões são uma mesma coisa".

181

AFETUOSO, apaixonado. - Escrevendo depois de S. Luiz, começa Alves Passos observando que se sabe "o sentido em que estes dois vocábulos são sinônimos"... e que, para verificar-lhes a significação precisa, pode o leitor consultar o artigo - Paixões, afetos - que citamos acima, no precedente parágrafo. "Nos Sermões de Fr. Antonio de Sant'Anna, lemos, no parecer que sobre o mérito deles deu Fr. José de Jesus Maria, a seguinte passagem: ... "antes sem temor de que a minha aprovação possa, por afetuosa, padecer a nota de apaixonada, digo que neste Sermonário se admira um livro que tem mais frutos que folhas..." Daqui nos veio a ideia do presente artigo. O autor da passagem citada amava o escritor dos Sermões, e sua alma inclinava-se suave e gostosamente para as doutrinas expendidas neles; mas apesar disso, o seu voto era imparcial – a amizade ao orador não o arrastava ao elogio dos seus sermões: eis aqui, a nosso ver, estabelecida a sinonímia e a diferença dos dois vocábulos - afetuoso e apaixonado - e também desenvolvido o pensamento de Fr. José de Jesus

Maria. **Afetuoso** é o *plenus amoris* dos latinos. "Assim por conseguinte cada um dos afetuosos suspiros tiram alguma coisa da ferrugem do pecado". Fr. Br. de Barr. Apaixonado é o que obra como involuntariamente, e arrebatado pela paixão. "Aqueles a quem Deus cometeu o juízo, e os fez julgadores, devem com madura consideração examinar as causas dos acusados e a intenção dos acusadores, e não se devem render a clamores dos que apaixonadamente insistem em perseguir a inocência". P. L. Brandão. "Eram caluniadores e apaixonados, e apostados a rasgar cortesia". Souza. O afetuoso inclina-se para um objeto: o apaixonado é arrastado por ele. O parecer afetuoso é cheio de carinhos, suave, e favorável: o parecer apaixonado não é imparcial. "Ao coração apaixonado nada se deve crer". Eufros.

182

AFERVENTAR, ferver, cozer, aquentar, aquecer, requentar. – Ferver é "submeter um líquido a estado de ebulição por certo tempo". – Aferventar é "submeter um líquido a um grau de calor em que ele comece a ferver; é ferver mal e mal". - Cozer (do latim coquere) é "preparar ao fogo; isto é, submeter alguma coisa sólida, no meio de um líquido, a um certo grau de calor, até que pela fervura do líquido chegue essa coisa ao estado que convém". Ferve-se a água; aferventa-se a sopa ou o café; coze-se o feijão ou a carne. – Há entre aquentar e aquecer uma diferença análoga à que se nota entre ferver e aferventar. Aquentar (radical quente, do latim calens, de calere "estar quente") designa a ação de "tornar quente"; aquecer (do latim calescere, incoativo de calere) significa "fazer meio quente, dar a alguma coisa começo de quentura". - Requentar é "tornar a fazer quente, aquentar pela segunda vez".

183

AFINIDADE, relação, analogia, conexão, parentesco, semelhança, similaridade. -**Afinidade** (affinitas, de affinis = ad + finis) sugere ideia de junção, contiguidade, vizinhança: é a "relação de proximidade, de propriedade ou conveniência entre duas coisas, a semelhança de natureza, a conexão ou conformidade existente entre as coisas sob um certo ponto de vista". - Relação, aqui, "é o grau de afinidade, a forma, a natureza das propriedades ou do modo de ser entre duas ou mais coisas ou fenômenos". "Isto não tem relação com aquilo" - quer dizer: não há entre isto e aquilo coisa alguma que os aproxime, que os ponha num certo grau de conveniência, ou que seja comum aos dois. - Analogia é o ponto, o aspeto, ou "o modo de ser semelhante entre duas ou mais coisas diferentes". – Conexão é, entre duas ou mais coisas, "algum lado ou aspeto pelo qual se liguem ou associem". - Parentesco, propriamente, é a relação de sangue ou de aliança doméstica entre pessoas; e no sentido lato, é "a relação de proximidade, semelhança, ou analogia entre pessoas, fenômenos ou coisas". – Semelhança é "a qualidade de ser uma coisa parecida, conforme, quase igual a outra, muito aproximada de outra pela espécie, pela forma, pelo modo de ser". – Similaridade diz propriamente "igualdade de natureza, semelhança essencial".

184

AFINIDADE, aderência, coerência, inerência, adesão, coesão; atração, gravidade, gravitação. – "A aderência, escrevem Bourg. e Berg., é o estado de duas coisas que se prendem uma a outra e que são mais ou menos difíceis de separar. – A **coerência** é o estado das partes unidas entre si para formar um todo. A inerência é a relação que une a qualidade à substância. – A **adesão** é a força que produz a aderência. – A coesão é a força que produz

a coerência, a força que une entre si as partes constitutivas de um corpo. Quando o corpo é formado de substâncias de natureza diferente (isto é, quando se trata de um corpo composto) dão os químicos mais particularmente o nome de afinidade à força que une as partes constitutivas do corpo, reservando o nome de coesão para designar a força que liga as partes que formam uma substância única ou homogênea (de um corpo simples)"... – "Há" – diz fr. S. Luiz – "uma força universal na natureza que solicita todas as moléculas da matéria e todos os agregados dela, a aproximarem-se uns dos outros debaixo de certas leis. Chamase esta força atração. Quando consideramos a atração solicitando os corpos terrestres, e cada uma das suas partículas, a aproximaremse do centro da Terra, chamamos-lhe mais ordinariamente gravidade: e o mesmo nome damos a essa força considerada nos corpos de que se compõe cada astro, a respeito desse astro. A mesma **atração** considerada nos grandes corpos, ou astros, de que se compõe o sistema do mundo, e solicitando-os uns para os outros, e todos para um centro comum, toma o nome de gravitação". - Quanto a atração, gravitação, adesão, ou coesão, afinidade, escreve também Roq.: "Palavras científicas com que se exprimem as diferentes maneiras por que se manifesta essa força invisível que há na natureza, chamada atração; e a relação que os corpos ou suas partes têm entre si. Quando ela exprime a tendência que têm os graves para seus respetivos centros de gravidade, chama-se gravitação: tal é a dos planetas para o centro de suas órbitas – o qual, por isso, também se chama atração planetária. A atração que se dá quando os corpos se tocam, e que só tende a mantê-los adunados, denominase adesão ou coesão. A que se exercita sobre as últimas moléculas dos corpos recebe o nome de afinidade, atração química, ou também atração de composição".

185

AFINIDADE, agnação, cognação, consanguinidade; afim, ágnato, cognato. - Afinidade é "o parentesco resultante de uniões conjugais entre membros de famílias diferentes". É diverso da consanguinidade, que significa "parentesco pelo sangue; isto é, parentesco existente entre pessoas do mesmo casal". – Agnação e cognação marcam parentescos também "opostos": o primeiro, "o parentesco pelo lado masculino, por parte do varão"; o segundo, "o parentesco pelo lado da mulher." Na jurisprudência antiga, segundo Aul., cognação era "o laço de parentesco natural sem direitos civis". - Cognatos são os filhos da mesma mãe e de pais diferentes; agnatos, os filhos do mesmo pai e de mães diferentes. Afins são, por exemplo, os concunhados, ou mesmo os cunhados, se não pertenciam pelo sangue à mesma família. Consanguíneos são os irmãos, quer cognatos, quer agnatos.

186

AFIRMAR, dizer, confirmar, ratificar, corroborar, comprovar, demonstrar, assegurar, asseverar, garantir, atestar, certificar. - Afirmar é "dizer formalmente aquilo de que se está convencido". Confirmar é "afirmar uma segunda vez e dar testemunho solene do que se viu, do que se sabe". "Afirmei ontem que o rei fora deposto: confirmo hoje este despacho". - Ratificar é "repetir categoricamente o que se afirmou, declarar definitivamente aquilo que se tinha dito". - Corroborar é "dar força ao que se disse, aumentar o valor da afirmação que se fez, não dando mais energia ao modo de afirmar, como trazendo em favor da afirmação testemunhos ou documentos valiosos". -Comprovar é "fazer prova mais forte de alguma coisa que se afirmou". - Demonstrar é "pôr em clareza e evidência aquilo que se disse, argumentando, explicando, de-

duzindo, etc." – Assegurar é "afirmar com segurança, isto é, convictamente, com serenidade de quem não receia desmentido". - Garantir é empregado frequentemente por assegurar, e vice-versa. Mas aquele que garante (na acepção que tem aqui este verbo) assegura a veracidade, dá fiança, dá certeza daquilo que disse ele próprio, ou que outro disse, fez, pensa, etc. "Asseguro-lhe, ou garanto-lhe o que digo; garanto-lhe que é exato o que ele disse". – Atestar é propriamente "dar testemunho de que uma coisa é como se diz". - Certificar é próximo de atestar: significa "dar por certo aquilo que se sabe, convencer da certeza de que uma coisa é como se afirma".

187

AFIXAR, colar, pregar, segurar, grudar, fixar, aplicar, apor, sobrepor, pegar, chumbar, soldar, ligar, atar, prender. – Afixar é propriamente "fazer fixo"; ligar uma coisa a outra, de qualquer modo. – Colar é "afixar por meio de cola". – Pregar é "prender por meio de prego"; mas num sentido geral é "prender fortemente". – Segurar é "fazer firme, estável, seguro." – Grudar é "prender com grude", ou fazer aderir, como se fosse colada, uma coisa a outra. - Fixar e afixar só se distinguem pelo que o prefixo ad acrescenta ao segundo. Duas coisas fixam-se (e não - afixam-se). Só se afixa uma coisa a outra coisa. – Aplicar, aqui, é "fazer alguma coisa pegar a outra, aderir a outra". – Apor e sobrepor também se distinguem pelos respetivos prefixos: - apor é "juntar uma coisa a outra, ou pôr uma coisa em cima de outra"; – sobrepor é "pôr alguma coisa sobre, ou superior, ou por cima de outra". -Pegar (do latim picare, de pix "pez") é, aqui, o mesmo que grudar e colar: é "aplicar, fazer aderir por meio de alguma substância glutinosa". - Chumbar e soldar, aqui, só têm sentido figurado; e diferençam-se

claramente pelos respetivos radicais, indicando ambos a ação de prender uma coisa a outra: - chumbar, "prender como se ficasse seguro por chumbo, ou mesmo pelo peso do chumbo"; - soldar, "unir, prender como por meio de solda". – Ligar = juntar e prender com liga ou ligadura, laço, fita, corda, etc.". - Atar = "prender por meio de atadura, de fios, laços, etc.". - Prender = "Fazer sujeito, reter, segurar, de qualquer modo".

188

AFLIÇÃO, pesar, desgosto, mágoa, tristeza, pesadume (pesadumbre, espanhol), pesadelo, inquietação, agonia, consternação, opressão, angústia, amargura, ansiedade, transe, tormento, suplício, tortura, dor, sofrimento, padecimento, pena, tribulação, trabalhos, incômodos; aflito, pesaroso, desgostoso, magoado, triste, inquieto, agoniado, consternado, angustiado, amargurado, ansioso (ansiado), supliciado, atormentado, torturado, doloroso, dorido, dolorido, penalizado, atribulado, incomodado. – Aflição (de afligere (ad + fligere) "deitar por terra" é "grande incômodo moral, angústia que abate o espírito (diz Bruns.), que perturba a razão, e leva o **aflito** a obrar sem tino"... – **Pesar** é a "dor moral, o sentimento de tristeza (condolência) que nos causa uma notícia, um sucesso que não se esperava". Também ficamos pesarosos (cheios de pesar) de não ter podido evitar um mal ou de não haver involuntariamente cumprido um dever. – Desgosto é o "mau grado que nos causa algum sucesso, ou, em geral, coisa que nos fere o coração". Desgostoso é, no entanto, menos que pesaroso, pois indica apenas a falta de prazer, de boa vontade com que se faz, se recebe, se vê, etc. alguma coisa. - Mágoa é quase como desgosto; mas designa um desgosto ou pesar menos fundo,

porém mais fino e talvez mais sincero. A criatura magoada, não só não sente prazer, mas está como revelando no semblante a tristeza, o desgosto, a saudade que sente. - Tristeza é o "estado de compunção em que se fica, muitas vezes por algum motivo que não é grande, ou mesmo sem motivo real e preciso". Uma pessoa triste dá indício de que tem na alma preocupações que lhe toldam vida, ou que lhe alteram o humor normal. – Pesadume (ou pesadumbre, do espanhol) = "tristeza lamentosa, ligeira amargura". "Nada viu que lhe aliviasse a saudade e pesadume". (Fil. Elys., cit. Aul.). -Inquietação é menos que aflição: designa o "estado de espírito em que o medo, ou a desconfiança, ou a dúvida, etc., nos põe, tirando-nos a calma e o sossego. A pessoa inquieta sente-se preocupada com alguma coisa que lhe desagrada, e mostra-se um tanto ansiosa dessa preocupação. - Agonia (do grego agon "combate") é propriamente a luta que o moribundo trava com a morte na hora extrema; e por extensão, é "toda ânsia que se pareça com essa aflição de morrer". - Agoniado está quem sente ou parece sentir essa aflição de hora da morte. - Consternação é "a grande tristeza e desalento produzidos por alguma espantosa desgraça". Quem está consternado mostra-se abatido de dor e de espanto, profundamente penalizado e inconsolável, ou pelo mal que aconteceu, ou pelo que receia venha a dar-se. - Opressão e angústia podem confundir-se; mas o segundo é mais forte. Opressão é, como definem os léxicos, a sensação desagradável que se experimenta respirando mal, ou por falta de ar, ou ar viciado, ou devido à moléstia que afete a função respiratória. Angústia é uma opressão tão forte e dolorosa, como se a pessoa angustiada tivesse impedida a respiração, numa aflição e ansiedade de quem se sentisse estrangular. – Amargura é dor moral acerbíssima, que aflige e angustia abalando e pungindo os mais nobres e santos afetos da pessoa amargurada. - Ansiedade, aqui, é o estado de quase opressão, de sofreguidão, de desejo inquieto e aflitivo em que fica a pessoa ansiosa, quer pelo receio de alguma desgraça, quer pela impaciência com que espera o que deseja. Entre ansioso e ansiado convém não esquecer que há esta diferença: o primeiro emprega-se no sentido moral: o segundo, no físico. "O doente está ansiado". "A menina está ansiosa pelo noivo". - Transe é como a crise, o momento mais duro dos trabalhos, das amarguras: momento que se deseja "passe logo" (de transeo... ire). - Tormento é a "dor e a inquietação ansiosa, causadas por sofrimento físico ou moral". As dores do atormentado são dores que afligem e mortificam. - Suplício (do latim supplicium, no qual figura a raiz grega plek, sugestiva de "enleiar, transar") era o tormento a que se submetia a vítima nos holocaustos, ou o incumbido de pedir aos deuses nas preces públicas. Hoje, é o sofrimento do que vai ser justiçado; e por extensão empregamos esta palavra suplício para designar padecimentos que se podem comparar aos de um condenado à morte. - Tortura (de torquere "dobrar, torcer, contrair") significa "os tormentos a que se sujeitava o acusado quando não queria revelar alguma coisa que interessava à justiça". Em sentido lato, torturado se sente aquele a quem se infligem duros constrangimentos, ou provações comparáveis à tortura. - Dor é "toda sensação que nos molesta, causada por alguma alteração traumática dos tecidos, ou por alguma pancada violenta; ou então devida a alguma anormalidade de funções de qualquer dos órgãos. Dor moral é a "comoção amarga, o sentimento de funda tristeza que nos vence a alma no meio dos contrastes da vida, ou causada pela consciência de algum mal

que se fez, de algum bem que se perdeu, de alguma esperança que se extinguiu". "Oh vós que passais pelo caminho – clamava o patriarca bíblico – atendei, e vede se há dor igual à minha dor!"... Os três adjetivos dolorido, dorido e doloroso confundem-se, e não seria fácil assinalar-lhes clara diferença. Quando muito, pode notar-se que doloroso quase que se emprega de preferência no sentido moral. (Não costumamos dizer, por exemplo: "tenho as mãos, a cabeça, ou os pés dolorosos, mas doloridos). - Dolorido emprega-se num e noutro sentido. (Almas doloridas, vozes doloridas; partes do corpo doloridas, juntas doloridas.) - Dorido diz mais "triste, magoado, sensibilizado". (Doridos cantos; súplicas, preces, orações doridas). -Sofrimento é o mais genérico deste grupo, e exprime "todo gênero de provações, quer morais, quer físicas, ligeiras e vagas, ou longas e intensas". - Padecimento é empregado na mesma acepção; deve notarse, no entanto, o seguinte: quem padece sofre os males com certa resignação, e talvez até com uma quase ufania de os padecer. Longe, pois, de significar, como querem alguns autores, apenas o sofrimento físico – o padecimento é uma forma estoica de sofrer as coisas que nos amarguram, os males, as dores, tanto morais como físicas, mas principalmente morais. É assim que na oração simbólica (o Credo) se diz que "... Jesus padeceu sob Pôncio Pilatos"... (e não - sofreu...). - Pena é "o sentimento de desgosto, de dó, que nos causa a desgraça, o sofrimento alheio". É mais propriamente a manifestação da dor que a mesma dor; pois o penalizado mostra que avalia a dor do seu semelhante. – Tribulação é "trabalho aflitivo, tormento como castigo; flagelo, tortura". O atribulado sente-se como que perseguido de aflições. - Trabalhos toma--se aqui como significando "as contrariedades, as lidas e penas que se sofrem na vida,



ou que se experimentam nalguma empresa". – Incômodo (ou incômodos) é "a sensação de fadiga, de pesar, de cuidado ou de dor, com que a pessoa incomodada se sente inquieta, ou indisposta, triste e abatida".

189

AFLUÊNCIA. concurso, concorrência. multidão, turba, ajuntamento, reunião, assembleia, aglomeração, agrupamento, turbamulta, tropel. – Segundo Bruns., "conjunto de muitas pessoas" é a ideia geral que encerram os seis primeiros vocábulos do grupo, de que trata o referido autor: e o mesmo se diz dos demais, de que nós trataremos. - Afluência - escreve ele - "considera as pessoas dirigindo-se para um ponto, seguindo todas a mesma direção: é o que se depreende da etimologia da palavra (em latim fluere, significando "correr para um sítio). Na linguagem corrente, porém, afluência não se limita a designar a muita gente que se dirige a um ponto seguindo a mesma via, senão toda a que vai convergindo para o mesmo sítio por diversas vias. Empregar este vocábulo para designar a gente já reunida no ponto a que já convergiu, é erro. - Concurso representa a mesma ideia que afluência: mas entre os dois vocábulos há uma diferença essencial: afluência considera o movimento como contínuo e regular; isto é, as pessoas ou os grupos seguindo-se uns aos outros sem interrupção; enquanto que concurso indica o movimento simultâneo de muitas pessoas que convergem por diferentes vias a um ponto dado; mas neste movimento nada revela a ideia de continuidade. - Concorrência diz-se das pessoas com relação a um ponto dado, quer se considerem em movimento, quer paradas. Assim, nos dias de parada, há grande afluência ao local onde ela se efetua. Cintra atrai no verão um grande concurso de gente. A hora em que há maior concorrência nas

ruas da Baixa é à saída das repartições; no inverno é enorme a concorrência aos teatros. As outras três palavras que se seguem representam afluência de pessoas reunidas num ponto determinado sem ideia de estarem em movimento. – Multidão é uma grande reunião de gente sem nenhuma ideia acessória. - Turba é a multidão indisciplinada e turbulenta, que obra em confusão, e traz consigo a desordem. - Ajuntamento designa a reunião de pessoas que pararam num ponto para um fim determinado". -Reunião é, aqui, o grupo de pessoas que se juntaram para algum fim: é muito próximo de ajuntamento e de assembleia; devendo notar-se, no entanto, que este último é particularmente empregado para designar uma reunião mais importante e solene, como, por exemplo, são as de corporações políticas; que ajuntamento é quase sempre tomado à má parte; isto é, indica que a reunião pode não ser legítima, ou não ter funções ou fins legítimos. - Aglomeração (cujo radical glomus significa "novelo, rolo") diz "ajuntamento feito como que em atropelo; multidão, chusma, turba que se forma desordenadamente, como em turbilhões". – Aproxima-se de tropel e de turbamulta. Este é uma formação pleonástica de duas palavras do mesmo valor, e é como se dissesse turba-multidão; e vale por grande ajuntamento desgovernado, anárquico, tumultuoso. O mesmo diz tropel; mas este acrescenta à multidão, à turba e à turbamulta - a ideia necessária de movimento, e comumente de assanho, de alarde hostil. "O vasto tropel de beduínos fazia estremecer a planura"... – Agrupamento é reunião por grupos, formando conjunto que facilmente se destaca. Tem formação análoga à de aglomeração (o italiano gróppo, ou gruppo significa, entre outras coisas, "núcleo revolto, turbilhão"; como em "gróppo di vento").



AFORA, exceto. – É ainda de Bruns: Exceto e afora empregam-se indistintamente; não obstante, exceto se diz melhor do que se exclui; e afora, do que não se inclui. Nos dois exemplos seguintes nota-se essa particularidade: "Afora o mais novo, todos os irmãos são uns vadios". "Todos os irmãos são va-

190

191

dios, exceto o João que é trabalhador".

AFIADO, amolado, aguçado, agudo; cortante, talhante, incisivo. - Um instrumento afiado tem o fio muito fino, tornando-se por isso muito cortante. Nem a todo gênero de instrumentos se aplica, no entanto, este adjetivo afiado. Diremos – um bisturi, um canivete, uma navalha afiada; mas decerto que não diremos – uma foice afiada. – Amolado se diz do instrumento que se aguçou a rebolo (mola "mó", "pedra de amolar"). – Aguçado significa – "de gume ou de ponta muito fina ou adelgaçada. O verbo aguçar (do latim acutare) significa mesmo "fazer agudo". - Agudo diz - "muito vivo, fino, penetrante; pode ser o gume de uma faca, a ponta de um punção, ou um espinho". - Cortante e talhante exprimem a qualidade, a propriedade do instrumento que foi afiado. - Cortante diz apenas - "que corta"; e talhante sugere a ideia de separar de todo (talhar) a coisa que se corta". - Incisivo - "próprio para cortar, que corta" – define Aul. Em sentido translato – "que opera, atua com força e decisão, como coisa que corta".

192

AFOITO, desafrontado, temerário, confiado, arrojado, atrevido, inconsiderado, arriscado, imponderado, decidido, determinado, ousado, audaz, audacioso, destemido, intemente, impávido, corajoso, animoso, valoroso, valente, impertérrito, intrépido, heroico, resoluto, bravo, arrebatado, impetuoso, denodado, ardido, veemente, precipitado, violento, intrêmulo, imperturbável, impassível; afoiteza, temeridade, confiança, arrojo, atrevimento, inconsideração, decisão, resolução, determinação, ousadia, audácia, destemor, impavidez, coragem, ânimo, valor, valentia, intrepidez, heroísmo, heroicidade, bravura, arrebatamento, ímpeto, impetuosidade, denodo, ardimento, veemência, precipitação, violência, imperturbabilidade, impassibilidade. - Todas estas palavras designam qualidades ou estados de alma que se revelam ante os grandes perigos, nos campos de batalha, ou à vista de embaraços ou obstáculos opostos ao que intentamos. - O homem afoito, ou não o conhece, ou faz uma ideia muito imperfeita do perigo. Na afoiteza, há sempre, ou ignorância ou falta de prudência. – O desafrontado mostra que se não deixa impressionar ante um obstáculo ou perigo: antes fica altivo, desafogado, erecto à vista dele. - Temerário já é mais próximo de afoito; mas na temeridade (que é às vezes uma como exageração do heroísmo) sempre há mais alguma consciência do perigo do que na **afoiteza**. O temerário leva a sua audácia e resolução até uma quase loucura. - Confiado é aquele que mostra em si mesmo uma demasiada confiança; quer dizer – um ânimo seguro, uma fé perfeita no próprio valor. - Arrojado é o que, não só afronta, mas investe o embaraço, ou que se lança a encontro do perigo. Arrojo é mais que denodo, que intrepidez e que bravura: o capitão arrojado não mede bem as consequências da investida, não toma com calma as proporções do perigo: arremessa-se à luta com o desassombro e afoiteza de quem não sabe poupar a vida. - Desassombrado é semelhante a desafrontado: significa - "que não se assusta, que se mostra impávido e sereno, sem preocupações que o levem a vacilar". -

Atrevido sugere a ideia de que o arrojado é inferior em forças àquele contra o qual investe, e que para investi-lo tem de juntar ao arrojo a afoiteza. Quer isto dizer que atrevimento é a decisão pouco refletida, leviana e confiante, com que alguém se arrisca a um perigo. - Inconsiderado significa o mesmo quase que afoito, denotando apenas a inconsideração mais leviandade que propriamente coragem. O general inconsiderado meterá o seu exército em risco de desastres, sem probabilidades de vencer: o afoito ainda pode, com um golpe de audácia, salvar-se pela vitória. - Arriscado quer dizer - "que se expõe a perigos mais do que se permitiria a uma coragem regulada pela prudência". -Imponderado é convizinho dos dois precedentes; notando-se que imponderado e inconsiderado não envolvem necessariamente a ideia de coragem afoita que se encontra em arriscado. - Decidido é "que não vacila ante obstáculos ou perigos". A decisão (decisio, de decidere $[= de + c \alpha do... ere]$ "cortar") revela-se no ânimo seguro e pronto com que alguém se dirige em dada conjuntura. (Resoluto parece dizer alguma coisa mais calmo e ponderado que decidido; sendo a resolução um ato que resulta de reflexão.) Determinado diz melhor a firmeza com que o resoluto executa o que resolveu. A determinação parece, pois, consequência da resolução que se tomou. – Ousado é menos que atrevido; pois a ousadia não é mais do que uma coragem que se funda na confiança que o ousado logrou de sucessos anteriores. Não seria de estranhar que muito sujeito ousado viesse a mostrar-se covarde. – Audaz (conquanto oriundo da mesma raiz de que proveio ousado) envolve as ideias de intrépido, arrojado, quase temerário. Audácia é, pois, "coragem resoluta, desafrontada, que zomba dos perigos, que despreza os tropeços". – Audacioso (formação vernácula de audácia) não diz senão – "que revela alguma

audácia (ou uma audácia menos nobre e legítima), que mostra ousadia extrema, talvez mais petulância que audácia, propriamente". - Destemido, intemente, impávido poderiam confundir-se; mas o sujeito intemente é o que não teme aquilo que é natural se tema, e parece dar mais prova de irreverência que de destemor. Neste exemplo: "F., que teme tanto castigos do Céu, é tão desgraçado: vejo, no entanto, criaturas intementes, e até ímpias, que vivem sempre felizes" - parece que fica muito clara a significação do vocábulo intemente (apenas -"não temente"). Destemido é "o que nada teme, que é corajoso e intrépido"; sendo o destemor uma das grandes qualidades do herói. Impávido é "o que se não amedronta; que se mostra calmo e tranquilo ante o que pode sobrevir; que não se abala de pavor". **Impavidez** é a "serenidade com que se encara, sem temer, sem comover-se, sem agitar-se, algum perigo". - Coragem (do baixo latim coragium "força do coração) designa propriamente a energia moral, a constância, a firmeza com que se afrontam os perigos e se trata de os vencer. O homem fisicamente fraco e até enfermo pode bem ser corajoso, isto é, pode conservar espírito forte, valor moral, grandeza de alma no meio dos perigos. – Ânimo não tem a força de coragem: é mais "a posse de si mesmo, a índole, o temperamento normal que se não perde no meio dos embaraços, do que propriamente valor". O sujeito animoso é o que se conserva como é, igual, inquebrantável em situações difíceis. - Valente e valoroso andam de ordinário confundidos; mas o primeiro se aplica de preferência ao indivíduo que é forte no físico, robusto, alentado e animoso. A valentia é qualidade de que se ufanam os campeões. Nem se diz, por isso mesmo, "valentia moral". O valoroso tem mais de coragem, de alma forte que de força muscular. O valor consiste mais na grande-

za de ânimo, no esforço e altivez com que se afronta a desgraça ou o inimigo, do que propriamente no vigor de um físico sadio e robusto. - Impertérrito é antônimo de pertérrito; e significa, portanto, "que não se assusta diante do inimigo; que é animoso, e conserva a coragem e a calma nos combates". - Intrépido é aquele que não vacila na investida; que não volta as costas ao inimigo. A intrepidez é a qualidade daqueles que, além de impávidos, têm valor para arrostar o mal, o ataque, a desgraça; para não trepidar ante a própria morte. – Heroico é o que se mostra digno de triunfar galhardamente pelo valor moral, pela constância, por esforço hercúleo; pois heroísmo é tudo isto junto: grandeza de alma, coragem desassombrada, excelência de intuitos, esplendor das ações (sendo heroicidade a "qualidade de ser herói"). Não se teria por heroísmo a valentia de um sujeito que vencesse a um enfermo, ou que matasse uma criança; nem mesmo ao que viesse a triunfar da fé. - Resoluto é quase o mesmo que decidido: apenas no resoluto se supõe uma reflexão mais funda do que no decidido; pois, como já se disse, resolução é o "intento ou o propósito que se tomou depois de haver muito refletido na coisa que se trata de resolver". - A bravura pode-se dizer que é a virtude dos homens de guerra, e só figuradamente se aplicaria à grandeza moral dos que triunfam pela excelência de virtudes mais excelsas: dizemos, assim, que é um bravo o homem que num dado momento da vida se portou com a majestade de alma própria dos heróis. - Arrebatado é "o que se incende de sentimentos heroicos diante das desgraças, dos perigos, dos escarmentos". O homem que salva de um incêndio uma criança, ou um inválido, dá provas mais que de coragem comum, mas de uma bravura que vai até o delírio, de uma abnegação que excede a tudo que tem de augusto o heroísmo: e é a isto que se deve chamar arrebatamento moral. - Impetuoso é o que cede a impulsos instantâneos da sua coragem e pratica atos heroicos que parecem mais inconsiderados do que atos voluntários de valor; pois ímpeto quer dizer mesmo "decisão súbita e veemente" (e impetuosidade é a qualidade de ser impetuoso). - Denodado significa "desprendido, desafrontado, livre de receios". O denodo é a qualidade dos que, ante só perigos, se mostram isentos de preocupações que não sejam as de se mostrarem desembaraçados de tudo para alcançar o que almejam. - Ardido é galicismo pouco usado (bardi) significando propriamente "atrevido; que se aventura, ou que se abalança a atos de audácia pouco refletidos (ardimentos)". - Veemente quer dizer "impetuoso e forte, rápido e violento". Veemência é "a viva intensidade de uma apóstrofe, de um ato de coragem, de afronta, de censura ou de exprobração". Ninguém diria, por exemplo: - "um pedido", senão – "uma súplica veemente". – Precipitado confunde-se com inconsiderado e imponderado; mas a precipitação enuncia mais claro um ato fora de toda consciência. Um homem precipitado atira-se a um abismo sem o ver, sem pensar nele, sem se aperceber do perigo. Precipitação é, pois, alguma coisa mais que afoiteza; pois o sujeito afoito pode ainda ter ideia do perigo, e apenas não pensar nas exatas proporções dele: o precipitado não cogita do perigo. - Violento é muito distinto de precipitado; o violento só não dá ao que vai fazer uma atenção perfeita; sendo a violência "uma perpetração, ou um impulso mais devido ao temperamento que à decisão de quem obra". - Intrêmulo, imperturbável, impassível são convizinhos muito íntimos. A própria formação destas palavras está, no entanto, explicando-lhes a diferença. Intrêmulo diz -'que não treme diante do perigo"; - imperturbável –, "que se não perturba, não se altera ante o perigo, ou a afronta, ou o mal que o assalta"; - impassível, "que nada sofre; que se mostra indiferente, insensível diante do que vê, ou do que ouve". A impassibilidade pode, portanto, ser uma virtude de estoico, ou um vício, ou estado de ânimo, de atonia moral, que deprima.

193

AFRONTA, agravo, ofensa, injúria, ultraje, insulto, avania, vexame, zombaria, mofa, irrisão, chacota, sátira, apodo, gracejo, remoque, troça, chasco, escárnio. – "Entre o agravo e a afronta" – diz Roq. – "há esta diferença, como já notou d. Quixote: que a afronta vem da parte de quem a pode fazer, e faz e sustenta; o agravo pode vir de qualquer parte sem que afronte. Seja exemplo: Está um homem na rua descuidado; chegam dez indivíduos armados, e dão-lhe pancadas; mete o homem mão à espada, e faz o que lhe cumpre como homem de brio; mas a multidão dos contrários se lhe opõem, e não o deixam levar avante o que intenta, que é vingar-se: este homem fica decerto agravado; não, porém, afrontado. O mesmo confirmará outro exemplo: Está um homem com as costas voltadas; chega outro por detrás, e dá-lhe duas bengaladas, e foge; segue-o o homem, e não o alcança para castigá-lo. O que levou as pauladas recebeu agravo, mas não afronta, pois que a afronta há de ser sustentada: circunstância que não é necessária para constituir o **agravo.** Se o que deu as pauladas ficara de pé firme fazendo rosto a seu inimigo, ficaria o que levou as pauladas agravado e afrontado juntamente: agravado, porque lhe deram à traição; afrontado, porque o agressor lhe fez rosto, sustentou o seu feito sem voltar as costas, e a pé firme. E assim, segundo as leis do maldito duelo, eu posso estar agravado, mas não afrontado. – O agravo atropela nosso direito; a ofensa junta

ao agravo o desprezo ou o insulto. O que tem direito a um acesso, e o não conseguiu, crê-se agravado; se a este agravo acresceu um desprezo do seu mérito, ou uma declaração de sua insuficiência, crê-se ofendido. Para o agravo é preciso que haja injustiça; para a ofensa basta que haja insulto, ainda que não haja injustiça. Aquele prejudica-nos talvez sem nos afrontar; esta afronta-nos sempre, ou nos humilha. Não agrava o que diz de outrem que é torto, quando realmente o é, porque em dizer aquela verdade não se dá a injustiça que exige o agravo para o ser; porém ofende aquele a quem se diz, porque insulta seu amor-próprio e o humilha. Por isso, dissimula-se o agravo mais facilmente que a ofensa, não obstante que aquele nos causa um prejuízo efetivo, privando-nos realmente do que nos pertence; esta, a ofensa, só nos incomoda com um prejuízo fundado, comumente, na opinião, ou no capricho; porque a ofensa nos choca diretamente com o amor-próprio, e este não perdoa com facilidade, nem olha como leves os insultos. De um homem que dança bem, sem ter nisto vaidade, nem pretender elogios, não se pode dizer que dança mal sem fazer-lhe um agravo, de que decerto se não dará por ofendido; fica, porém, ofendida uma mulher a quem se disputa a boa figura, ainda que ela mesma conheça que a não tem; porque aquele, o homem, não vê nisto mais que uma injustiça; porém esta, a mulher, toma-o como desprezo ou insulto, porque nas mulheres pode mais, em regra, a vaidade que a modéstia". – Quanto a injúria e ultraje, diz Roq. em outro §: injúria apresenta a ideia de agravo violento, feito às qualidades pessoais de alguém; - ultraje apresenta a ideia de vilipêndio público em detrimento de alguém. Desconfiar da probidade de um homem de bem é uma injúria; tratá-lo publicamente de ladrão é um ultraje. Tratar de feia a uma mulher formosa é um agravo que, quando

muito, não devera passar de injúria; poucas haverá, porém, que o não tenham por ultraje". - Insulto dá ideia de ofensa feita de propósito, com ostentação, violência, escândalo. - Avanias são propriamente as "vexações, insultos, e extorsões que os muçulmanos faziam aos cristãos", e passou para a língua significando vexames, por atos ou palavras, que expõem a vítima a irrisão pública. – Vexame é "tudo o que constrange, que melindra o pudor". - Zombaria é o dito, o gesto, a atitude com que se falta ao devido respeito com alguém, expondo-o a ridículo. - Mofa é também o sinal – palavras ou gestos – "com que se mostra desprezo por alguém, com intuito de ofendê-lo". – Irrisão é a "zombaria que consiste em rir, escarnecer da vítima". - Chacota é "zombaria por ditérios ou termos burlescos". - Sátira, aqui, é a palavra picante, o ataque, o insulto disfarçado, dirigido a algum defeito ou a alguma falta da pessoa a quem se ofende. – Apodo (mais usado no plural) é "o remoque ligeiro, por palavras engraçadas ou escarninhas". - Gracejo é de todos os do grupo o menos forte; e tanto que reclama um adjunto quase sempre para que se torne ofensivo: gracejo de mau gosto, gracejo pesado. Diz neste caso - "ofensa por meio de graçolas, isto é, de ditos pouco delicados, maliciosos, irritantes". - Remoque é "dito picante que disfarça uma censura ou repreensão". -Troça, aqui, é termo popular significando "a zombaria aparatosa que se faz com alguém, às vezes mais brincando que ofendendo". - Chasco é muito semelhante a remoque, acrescentando a este a ideia de desprezo. – Escárnio (do italiano schérno) é mais forte do que muitos deste grupo: ajunta à intenção de ofensa a ideia de nojo e repulsa, e sugere o intento de insultar e expor à vergonha.

194

AFRONTAR, arrostar, encarar. – Ao modo de entender de Lacerda e de Roquete, preferimos o de Bruns.: "No sentido figurado destes verbos – escreve ele – o menos expressivo é encarar. Encara-se com terror a morte; encara-se a sangue-frio o perigo... Encarar necessita, portanto, um complemento que lhe determine a significação. - Afrontar e arrostar, excluindo a ideia de medo, encerram a de denodo; com esta diferença, porém: que afrontar não implica a ideia de luta que existe em arrostar. Afrontar a morte não é combatê-la: é encará-la impávido; pode ser mesmo oferecer-se até certo ponto a ela. Os exploradores do polo afrontam a morte por amor à ciência. - Arrostar (vocábulo derivado do latim rostrum "esporão de navio") é o mais expressivo deste grupo. Arrostar peleja frente a frente, intentando obrigar o inimigo a que recue".

195

ÁGAPE, comezaina, patuscada, brequefeste, bródio, pândega, rega-bofe, janta, jantar, banquete. - Ágape, como é sabido, era a refeição com ares de cerimônia cultual, que os primitivos cristãos faziam em comum e às ocultas; e que depois foi proibida pela Igreja porque quase sempre degenerava em orgia. A palavra com que se designou aquilo, porém, ficou (do grego ágape "amor, torpeza") significando hoje "grande e farta refeição alegre, festiva". - Comezaina é ágape menos nobre, onde há mais fartura de comidas que delícias. – Patuscada é comezaina que desanda para a troça. – Brequefeste (do inglês breakfast "almoço, alimento") é "refeição abundante e alegre". - Bródio é quase o mesmo que patuscada; apenas o bródio é menos charro; e, conquanto animado, é mais modesto. - Rega-bofe é grande folia de comes e bebes. – Pândega é "rega-bofe estrondoso, patuscada de vagabundos." -



Jantar é uma das duas refeições normais feitas diariamente; e janta é o "jantar mais simples, feito em família". - Banquete é "jantar solene, dado em honra de alguém, ou por algum motivo excepcional".

196

AGONIZAR, estertorar. – Agonizar é hoje usado só como intransitivo, para exprimir o ato de morrer, sugerindo ideia da luta que o moribundo trava com a morte. É assim que há pessoas que morrem sem agonia, que não agonizam no momento de morrer; isto é, que não sofrem as ânsias da morte. – Estertorar acrescenta a agonizar a ideia do trabalho, do esforço e aflição de estertor em que se vê o moribundo.

197

AGRADECIDO, grato, reconhecido, obrigado, penhorado, cativo. - Agradecido é o que não se esquece do benefício que recebeu, e dá provas disso. – Grato é igualmente o que é sensível ao benefício, sem fazer, no entanto, manifestações disso, mas guardando intimamente a lembrança do bem que se lhe fez. - Reconhecido dá, melhor que os dois precedentes, a ideia de como o que recebeu benefícios quer dar provas da sua gratidão, do seu apreço por aquele que lhe fez bem. Por um obséquio fica-se agradecido. Por uma gentileza fica-se grato. Por alguém que nos proteje ou socorre ficamos reconhecidos. - Obrigado = "que se julga em obrigação moral com alguém que lhe fez alguma fineza". – Penhorado = "obrigado, reconhecido por favores". – Cativo – tão reconhecido por serviços, gentilezas, etc., que se julga como preso moralmente àquele a quem as deve".

198

AGRESTE, campestre, campesino, rústico, silvestre, selvático, selvagem. - Agreste, diz Bruns. (do latim agrestis, de ager "campo"), aplicado a pessoas ou ao que lhes é particular, refere-se à grosseria, à rudeza, à baixeza; e nunca se toma em bom sentido. O homem agreste é grosseiro a ponto de ser intratável; as maneiras agrestes, os costumes agrestes, não podem ser suportados por quem se habituou às delicadezas, ao trato da boa sociedade. Falando de sítios, agreste exclui toda ideia de cultura, de beleza natural. "Um lugar agreste só tem rochedos escalvados, plantas raquíticas, terrenos ingratos..." - Campestre, segundo o mesmo autor, refere-se a tudo que pertence ao campo cultivado... – E campesino, epíteto menos frequente que campestre, tem a mesma origem deste, e geralmente só encerra a ideia de viver ou habitar no campo, tanto falando de homens como de animais. -Rústico (em latim rusticus, de rus "campo", como antônimo de urbs "cidade") diz-se do que tem o caráter próprio da simplicidade aldeã ou camponesa; isto é, do que carece da polidez das cidades. Diz-se de pessoas e de coisas. O homem rústico carece de urbanidade; não conhece os usos da gente fina, e pode faltar às leis da conveniência, fundadas por mútua convenção social; podendo ser, no entanto, apreciáveis os seus sentimentos. Não é polido, nem trabalhado com arte o objeto rústico; pode, porém, ser agradável, devido mesmo à sua própria simplicidade. São propriedades rústicas as que constam de terras de lavoura, etc. - Em sentido desfavorável, rústico implica falta de tato, inépcia, rudez intelectual; mas, ainda assim, difere de agreste, que implica a ideia de rudez moral. – Silvestre é o que é próprio da selva, o que nasce e vive nos matos, e, portanto, sem cultura, ou sem a beleza da arte. Confunde-se frequentemente com agreste, dizendo-se indiferentemente – flor agreste ou flor silvestre, para indicar a flor que não é cultivada. – Entre silvestre e selvático há diferença bem fácil de assinalar: flor selvática decerto que não é simplesmente a flor que não foi colhida nos jardins, mas a flor sem beleza, disforme, grosseira como a selva bruta; enquanto que a flor silvestre pode ser tão delicada como as que se cultivam. Tratando-se de pessoas não se diz silvestre (e sim, selvagem); mas poder-se-á dizer selvático, se o homem de quem se trata é rude, inculto, brutal como os que vivem nos matos.

199

AGRÍCOLA, agrário, rural, rústico. - Agrícola e agrário não poderiam confundir-se: agrário (de ager "campo") diz apenas "próprio do campo ou das terras utilizáveis, relativo às terras ocupadas, às propriedades territoriais"; agrícola (de ager e colere "cultivar") já significa "relativo ao trabalho, próprio da cultura dos campos". Dizemos: medidas agrárias (e não – agrícolas); lei agrária (não – agrícola); trabalho agrícola (não – agrário). Diríamos: crédito agrário; ou crédito agrícola; conforme fosse o crédito fundado na propriedade rural em si, no seu valor próprio; ou fundado na produção agrícola. - Entre rural e rústico (ambos oriundos de rus "campo") há uma diferença análoga à que se acaba de ver entre os dois precedentes. Ambos se empregam para designar o que não é da cidade, o que não está situado dentro da área urbana; mas rústico se aplica ao que não está cultivado, à propriedade territorial em si; e corresponde a agrário; rural se aplica à propriedade, ao campo onde se trabalha, à vida dos que se dedicam à exploração das terras; e corresponde a agrícola.

200

AGRICULTURA, agronomia; agricultor, agrônomo, cultivador, lavrador, colono. – Agricultura – escreve Bruns. – "é a arte de cultivar a terra; a agronomia é a teoria dessa arte. A cultura dos campos efetuada constitui a agricultura, a qual varia de processos

à medida que a **agronomia** se aperfeiçoa. A agricultura é prática; a agronomia é teórica. - Os substantivos agricultor e lavrador confundem-se frequentemente na linguagem comum, e com eles designa-se indistintamente o indivíduo, proprietário ou rendeiro, que explora terras e as cultiva. No sentido rigoroso, porém, estes vocábulos divergem entre si. Agricultor é o proprietário que, por si próprio (ou de sua conta) e em ponto grande, se dedica à agricultura, que ele considera como uma arte pela qual sente gosto. O agricultor é, pois, o proprietário das terras que explora. Lavrador é o homem que lavra a terra, seja de conta própria, seja de conta alheia, ou mediante jornal. Há lavradores ricos, lavradores pobres; grandes lavradores, e pequenos lavradores. Não há, porém, pequenos agricultores, sendo a ideia de propriedade e de riqueza inerente a este vocábulo. - Agricultor e agrônomo também se confundem frequentemente; e não obstante, não é indiferente empregar um em vez de outro. O agricultor, não só conhece a agricultura como arte, senão que a exerce como ocupação. O agrônomo é o indivíduo versado na teoria da agricultura: pode ser agricultor ou não, visto que para ser agrônomo não é necessário possuir terras, nem lavrá-las: basta ser entendido em agricultura. - Cultivador é um termo genérico que se pode dizer tanto do agricultor como do lavrador, porque se refere à profissão do indivíduo, e não à arte que ele exerce. O cultivador vive de cultivar: é a única ideia que o vocábulo sugere. Numa ordem de ideias mais restrita, este vocábulo, quando seguido de um complemento, indica uma especialidade: há cultivadores de cereais, de determinadas plantas, de artes, de letras, etc. Colono só remotamente encerra a ideia de agricultura. O colono habita terra que não é sua própria, seja para que a cultive, seja para simplesmente povoá-la"...

201

AGUARDAR, esperar. – Segundo d. José de Lacerda, "aguardar é estar à espera, dando atenção, olhando se sucede, ou se vem alguma coisa ou pessoa, que deve suceder ou vir, ou que se presume sucederá ou virá. Esperar é ter esperança, aguardar algum bem que se deseja e se julga que há de vir. Espera-se o que é feliz ou agradável; o que se aguarda pode sê-lo ou não".

202

AGUAR, banhar, molhar, irrigar, regar, alagar, inundar. - Aguar diz apenas -"derramar água sobre alguma coisa, juntar água a..., encher de água, banhar de água..." - Banhar é "meter n'água alguma coisa, ou aguar tão bem como se a coisa banhada tivesse imergido n'água, ou noutro líquido". – Molhar é propriamente "umedecer ao ponto em que a coisa molhada perca o estado de secura, a solidez, a densidade, a dureza própria ou normal." - Irrigar e regar confundem-se. Irrigar, no entanto, não é mais do que uma extensão de **regar**. Dizemos – regar ou irrigar as plantas, os campos, os jardins; mas não dizemos - regar as ruas (sim irrigar). Mesmo tratando-se de campos, se o trabalho de umedecer as terras é feito por meio de canais, represas etc., dizemos – que se irrigam, e não – que se regam. – Alagar e inundar também se confundem. Mas alagar sugere a ideia de que a porção de espaço alagada ficou por algum tempo debaixo d'água (como formando lago); e inundar envolve ideia de extravasamento, de invasão de água por excesso dela em outro ponto, ou por transbordamento. – Água-se uma flor, num vaso, para que não murche tão depressa. – Banha-se o rosto, as mãos, imergindo-os, ou pondo-os debaixo de uma corrente de água; e também fica-se com as faces banhadas de suor, ou de lágrimas, se o suor é tanto, ou se tão abundantes são as lágrimas que as faces

fiquem tão molhadas como se tivessem saído d'água. – Molha-se o dedo na salmoura; molha-se a cabeça apanhando chuva sem estar coberto; molha-se os pés na sarjeta, ou na grama orvalhada. Rega-se o canteiro; regam-se as hortas; rega-se a goles de água ou de vinho a garganta ressequida. Irrigam-se as plantações, as lavouras, os campos, as ruas. A enxurrada inundou as ruas; e estas durante muitos dias ficaram alagadas. As grandes chuvas alagaram os campos. A ruptura do açude inundou o caminho.

AGUDEZA (agudo), perspicácia (perspicaz), penetração (penetrante), sagacidade (sagaz), finura (fino); atilamento (atilado), tino (atinado), argúcia (arguto e argucioso), astúcia (astuto e astucioso), subtileza (**subtil**). – Os três primeiros substantivos do grupo, segundo S. Luiz, "exprimem diferentes qualidades da vista corporal, e por translação se aplicam ao entendimento ou à vista intelectual. – A perspicácia da vista vê claro por entre, e através da nuvem, do véu, do obstáculo. A agudeza vê os objetos mais subtis, mais finos, mais delicados, e os que, por sua posição, se representam como tais. A **penetração** vê no interior, no fundo dos objetos." O homem **perspicaz** vê claramente através dos disfarces. A vista aguda apanha diferenças, particularidades, minúcias que escapam à visão comum. A vista penetrante alcança o íntimo das coisas, dos fatos. - Sagacidade - diz Bruns. - "vem do latim sagax, que se dizia dos cães que tinham delicadeza de olfato para achar a caça pelo rasto. A palavra, ressentindo-se da etimologia, designa a qualidade especial de descobrir sem esforço o que é confuso, obscuro, emaranhado. É pela sagacidade que se apreciam, no seu justo valor, as qualidades das pessoas e das coisas, e que se descobre o mérito que se oculta, ou o pensamento

que se disfarça. Finura é um termo genérico pelo qual se designa a habilidade de ver, a facilidade de compreender, a oportunidade de obrar, a escolha do falar. Finura é frequentemente sinônimo de velhacaria e de diplomacia." – Atilamento é "a habilidade, a perspicácia, o cuidado meticuloso com que se faz alguma coisa sem nada esquecer do que lhe pertence." - Tino é "a finura instintiva, a agudeza natural, um como faro, ou tato muito subtil para apanhar o que nos interessa, para sentir o que convém, o que é razoável". Exemplo: "É uma criatura de tino admirável: e faz tudo com tanta habilidade e atilamento que maravilha os mesmos que a educaram". - Argúcia será então a "subtileza no argumentar ou no discutir". O espírito arguto agencia razões para envolver o adversário na disputa. Argucioso é o que usa de argúcias, de sofismas, na discussão. -Astúcia é a habilidade no emprego de ardis, artifícios para enganar. Astuto = "sagaz no enredo, dissimulado e malicioso". Astucioso - "que usa de astúcias para enganar". - Subtil = "agudo, apurado, penetrante". - Subtileza é a qualidade de subtil.

204

AGUENTAR, suster, suspender, sustentar, amparar, apoiar, escorar, especar, estear. - Aguentar é propriamente, como define Aul., - "conservar em equilíbrio sobre a corrente da água"; e por extensão - "manter alguma coisa no estado ou na posição em que se acha, para que daí não saia ou não se desvie". - Suster (de sustinere, de susum "para cima, acima", e tenere "conservar, segurar") significa também "manter (alguma coisa) no lugar em que está"; e é mais expressivo que o primeiro, pois em aguentar, como observa Bruns., se inclui ideia de ação momentânea, ou pelo menos de menor duração, e também de menor emprego de força que em suster". – Sustentar é uma extensão de suster: dá ideia do maior esforço com que se apoia ou se mantém alguma coisa no lugar próprio. – Suspender, segundo a formação do vocábulo (susum pendere) diz precisamente "deixar pendente em cima ou no ar". - Amparar é "impedir, sustendo-a, que alguma coisa caia". – Apoiar é também "impedir a queda, o abaixamento de alguma coisa"; mas não sugere, tão bem como amparar, ideia de esforço. Uma trave que serve de apoio a outra nem por isso se deve dizer que a ampara. Se alguém impede que uma senhora dê uma queda não se diz que a apoia, mas que a ampara. – Escorar, especar e estear confundem-se com apoiar, que exprime a ação ou o efeito geral que os três primeiros particularizam: escorar é dar apoio por meio de escora; especar é fazer o mesmo com espeque; e estear é pôr em segurança, fazer firme, estável, empregando esteio. A diferença consiste, portanto, na distinção notada entre os respetivos radicais: o espeque (do inglês spike "espigão, haste, ponta, cavilha") é uma peça com que se prende, segura, escora alguma coisa para que não vire, não penda, ou não caia de uma vez; esteio é uma peça muito maior e mais forte, comumente uma trave mais ou menos grossa, de madeira, de ferro, ou de pedra, em que assenta algum grande peso e fica firme. Não se há de dizer, portanto, especar um telhado, ou o vigamento de um edifício; nem estear um galho de árvore para que não se quebre. Escora é um espeque mais forte, de madeira ou de metal, com que se impede alguma coisa de virar de uma vez, ou de inclinar-se demais, ou de cair. Escorar e especar distinguem-se ainda de estear por isto: o que se especa ou se escora não descansa propriamente sobre a escora ou o espeque; pois o espeque, ou a escora impede apenas que a coisa amparada se desloque de todo; enquanto que a coisa que se esteia assenta, repousa, se apoia e fica firme sobre o esteio. Além disso, só se especa ou só se escora

como provisoriamente, pois sempre se subentende que a coisa a escorar ou a especar já não está em segurança. O mesmo não se dá em relação a estear; pois o esteio (do inglês stay, que dá o verbo to stay "ficar, ou estar no mesmo lugar") sugere a ideia de permanecer em posição vertical, e resistir, suportar. O esteio apoia, aguenta em cima, tornando segura, firme a coisa esteada. Segue-se, portanto, que se especa ou se escora como um recurso de momento, para evitar uma queda, ou ruína iminente; e que se esteia para fixar, para fazer que permaneça seguro, inabalável na posição que se quer.

205

AIO, preceptor, mestre, amo, instrutor, institutor, educador; professor, lente, catedrático, pedagogo (e pedagogista). -Segundo Roq.: - Mestre dizemos do que ensina alguma ciência ou arte; por isso se diz: mestre de gramática, de música, de dança, etc. - Preceptor dizemos do que está encarregado de instruir, de educar um menino, cujos pais o confiaram à sua direção. O mestre dá lições a certas e determinadas horas, e tem um certo número de discípulos. O preceptor dá preceitos e conselhos continuamente a seu aluno, e não o perde um instante de vista, para o formar moralmente e facilitar-lhe todos os conhecimentos possíveis: dirige-lhe a educação e a instrução em geral. – Aio é a palavra que antigamente se usava em lugar de preceptor, que é moderna na língua. Egas Moniz foi aio de d. Afonso Henriques. Também lhe chamavam naquele tempo **amo**, como ainda se lê em Camões, falando do mesmo Egas Moniz:

Mas, com se oferecer a dura morte O fiel Egas amo, foi livrado

(*Lus.*, III, 35)

Amo é hoje desusado neste sentido; aio refere-se particularmente ao que educa filho de príncipes ou de grandes senhores; preceptor, ao encarregado da educação de qualquer menino; mestre é todo homem que dá lições. - Instrutor é propriamente o que dá alguma instrução prática, e pode-se dizer superficial e ligeira. Instrutor militar; instrutor de ginástica, de esgrima, de equitação. - Institutor é o que ensina meninos em estabelecimento público. Sugere este vocábulo a ideia de criar, formar (instituir) o espírito do educando. Talvez que seja, entre todos os do grupo, o mais expressivo da função de educar crianças; pois o próprio termo educador pode não ter a extensão que se atribui ao institutor; e tanto que com perfeita propriedade se deve dizer: educador da mocidade (não institutor); institutor da infância (não educador). Institutor, portanto, diz com muito mais precisão "o que se encarrega de preparar na alma da criança os fundamentos sobre que há de assentar a educação futura". Educar é dirigir o educando, guiá-lo pelo bom caminho (e até pelo mau caminho não deixaria de ser educar). – Quem educa não dá só instrução: nutre, orienta, prepara num certo sentido o espírito do discípulo; toma conta de toda a sua conduta, de tudo quanto lhe interessa, para que venha a ser na vida o homem que se deseja. Mas o **educador** faz tudo isso, tendo recebido já o menino ou o moço que lhe veio do institutor. – Quanto aos três últimos vocábulos do grupo, diz Roq.: "Todos estes ensinam em público uma ciência ou faculdade; mas em cada um deles concorrem circunstâncias particulares que os distinguem entre si. – **Professor** é o que professa, ensina em público uma ciência ou faculdade, expondo suas doutrinas como próprias, e quase sempre ostentando seu saber oralmente, como orador. - Lente ou leitor é o que, segundo o método escolástico, lia ou explicava as doutrinas aprovadas pela escola ou universidade, contidas num

compêndio, do qual se não afastava. - Catedrático é o proprietário de uma cadeira (cátedra) de universidade (ou de uma escola superior) em que ensina a faculdade de que está encarregado. O professor pode não ser catedrático; pois há muitos homens sábios e instruídos que, sem pertencerem ao corpo universitário, professam em academias, ateneus, reuniões literárias etc. O lente ou leitor pode pertencer, ou a uma universidade, ou a uma corporação religiosa; mas é sempre condecorado com o título de mestre. O catedrático pertence sempre a uma universidade (ou a uma escola): se ensina à antiga, tem também o nome de lente; se professa à moderna, pertence-lhe o nome de professor". - Pedagogo e pedagogista, que têm hoje acepção muito diferente da antiga, são sinônimos de professor. Tomam-se, porém, quase sempre a má parte; pois aludem, principalmente o primeiro, à presunção com que o pedagogo alardeia a sua capacidade. Deve notar-se que pedagogo é o professor que ensina segundo a pedagogia; e pedagogista é o versado em pedagogia, podendo até não ter a profissão de pedagogo.

206

AIROSO (airosidade), nobre (nobreza), gracioso, engraçado (graciosidade, graça), donairoso (donaire), elegante (elegância), gentil (gentileza), formoso (formosura), belo (beleza), bonito (boniteza), lindo (lindeza), galante (galantice, galanteria), taful (tafulice, tafularia), garboso (garbo, garbosidade), gazil, grácil (gracilidade), galhardo (galhardia), bizarro (bizarria), vistoso, esbelto (esbelteza), distinto (distinção), cavalheiro, cavalheiroso, cavalheiresco (cavalheirismo), fidalgo (fidalguia), loução (louçania), garrido (garridice), guapo (guapice). - Airoso se diz de quem apresenta um aspeto agradável. A pessoa airosa pode não ser bela, nem mesmo elegan-

te: basta que tenha nos modos, no porte, no andar uma certa graça (airosidade); que tenha uns ares que nos agradem. - Nobre, aqui, acrescenta às qualidades de airoso, elegante, galhardo, a de distinto. A nobreza confunde-se com a fidalguia; mas esta é menos distinta e brilhante. – Fidalgo é o que se mostra fino, delicado nas maneiras; nobre é o que, além disso, é austero na moral, digno, generoso. – Graça, neste grupo, é "o dom subtil, delicado, suave, que consiste num modo de ser que atrai, encanta, seduz". -Engraçado é o que mostra alguma graça nas maneiras, no falar, etc. - Gracioso é aquele ou aquilo cujo aspeto tem graça. Graciosidade é a qualidade de ser gracioso. - A graça é mais que o simples donaire. É donairosa a pessoa que é mais engraçada que graciosa; pois a graça é uma prenda mais espiritual, e que, portanto, impressiona mais o coração que os olhos; enquanto que o donaire é apenas uma aparência airosa. - Elegante é "o que é bem modelado, tem nobre aspeto, e é distinto e gracioso". A elegância consiste no modo de ser discretamente belo, de ser aprimorado sem afetação. - Gentil é "o que tem delicadeza, garbo próprios de fidalgo". Gentileza é "a galhardia e bom ar" – diz Roq. – "acompanhado de nobre presença; é mais varonil que a formosura; e sendo esta privativa do sexo feminino, deve aquela usar-se particularmente quando se fala do masculino". Disto nos deixaram exemplos dois mestres da língua. Vieira, falando de Absalão, a quem chama galhardo e belo, diz: "Esta foi a pensão que pagou Absalão à sua gentileza". (V, 44I). E o padre Bernardes, falando de Fortunato de Chiaromonte, diz: "Era de tão rara gentileza, ornada com os retoques da modéstia..." (V, II6) - Consiste a beleza e a formosura na boa proporção e harmonia das partes que compõem um todo; a palavra formosura, porém, limita--se a representar aquela ideia com relação

ao agradável; a palavra beleza representa a ideia da perfeição possível. Neste sentido admira-se a beleza do Apolo do Belvedere, do Hércules Farnésio, dos quais não pode, com igual propriedade, dizer-se que são formosos; a Vênus de Médicis, porém, e o Apolo Pitio, são belíssimos para os inteligentes, e formosos para todos. São os olhos os juízes da formosura; e por isso acontece muitas vezes que o gosto, viciado por algum capricho ou costume, põe a formosura no que está mais distante da beleza. Se a Vênus de Médicis, em cujo corpo se não encontra defeito, se pudesse vestir à francesa, que mofas não fariam as nossas damas de quem lhe louvasse a beleza do talhe? A formosura só se aplica ao físico, ao que obra sobre os sentidos; a beleza aplica-se também ao moral, ao que obra diretamente sobre o espírito. É assim que não chamamos formoso a um poema, à expressão de um sentimento, à ternura de um afeto: a tudo isso assenta propriamente beleza"... – Bonito é um diminutivo de bom, que tomou na linguagem vulgar um sentido especial. Boniteza é "a qualidade do que é bonito" - diz o mesmo Roq. -, "mas que não chega a ser formoso". Bonito é palavra familiar que indica coisa agradável à vista; e toma-se ordinariamente pelo oposto de feio, como diz o prolóquio: "Quem o feio ama bonito lhe parece..." Quando se diz das pessoas, entende-se particularmente das feições, da expressão do rosto. - "Lindeza é palavra mais culta que boniteza, e também indica maior perfeição no objeto **lindo**, pois este adjetivo junta à qualidade de bonito um certo ar e graça que muito o aproximam de belo e formoso. Também se entende especialmente das boas proporções do rosto acompanhadas de graça e donaire." – Galante, segundo S. Luiz, "refere-se ao gosto, concerto, graça, e ornato dos trajos, do asseio etc. Coisa galante quer dizer - bem ornada, ataviada com gosto, engraçada; de onde vem

galante, isto é, namorado, que pretende agradar às damas, com asseios esquisitos, talvez com ditos engraçados, etc." Galanteria é a arte de ser galante, os modos, as graças, os ditos de que se serve o galante para agradar. Galantice é a qualidade de ser galante. -Coisas análogas devem dizer-se em relação a taful, tafulice e tafularia. Taful significa - "loução, faceiro, alegre, festivo". Tafularia é a facécia do taful, os modos como ele se apresenta. Tafulice é a qualidade de taful. - Garbo é "um quase orgulho de ostentar figura e galhardia". Garboso é o que, além de elegante, se mostra altivo, brioso, varonil. Garbosidade é a qualidade de ser garboso. – Gazil e grácil são adaptações do mesmo vocábulo latino gracilis. Grácil significa "delicado, fino, mimoso, vivo, lépido, interessante". Gazil é corrupção de grácil. Gracilidade só deve aplicar-se ao que é pequeno, franzino. - Galhardo (do italiano gagliardo) diz - "robusto, forte, possante, bravo; que se sai garbosamente, isto é, com destreza e elegância (galhardia), da tarefa, do embaraço, da ação". - Bizarro exprime "esbelto e gentil, sacudido, cavalheiresco". Bizarria é tudo isto junto: elegância, desembaraço, aprumo e coragem. - Vistoso é apenas "o que parece bem à vista, o que tem aparências de saúde, de boa disposição". - Esbelto (ou esvelto) designa "o que é de formas corretas, bem proporcionado, elegante e gracioso"; sendo esbelteza a qualidade de ser esbelto. - Tratando-se do homem, dizemos de preferência, por ser mais expressivo, "homem de distinção, pessoa de distinção", quando queremos designar o que tem maneiras de alto bom-tom, o que é afeito ao trato de gente culta e fina; pois distinto significa apenas – "que não se confunde com o comum, que se destaca do vulgo". – Cavalheiroso e cavalheiresco são definidos como significando a mesma coisa; pode notar-se, no entanto, que o primeiro

designa propriamente - "que tem ou revela qualidades e maneiras que eram de rigor entre os antigos cavaleiros (nos tempos da Cavalaria)"; e cavalheiresco enuncia – "próprio do cavaleiro, segundo ostentava o antigo fidalgo". Pretende-se que esta subtil distinção se sente nestas frases: "Recebeu-me muito afável e cavalheiroso". "Teve comigo um gesto cavalheiresco". É o cavalheirismo, tanto o ato como a qualidade do que é cavalheiro (se bem que para exprimir a qualidade poderia usar-se de cavalheirice), isto é, "delicado no trato, correspondendo a gentileza com gentileza, sem discrepar das boas normas". -Fidalgo (é ainda de Roq.) "é termo corruto de filho d'algo (do castelhano hidalgo, hijodalgo). Algo significava haveres, bens, educação e qualidades nobres. Com todas estas partes servia-se a pátria e adquiria-se a fidalguia". Fidalgo, no sentido que lhe damos aqui, é "o que é no trato parecido com os antigos fidalgos; o que tem maneiras gentis e sentimentos cavalheirescos". - Loução diz - "de aspeto gentil, alegre, festivo". Louçania é, tanto a qualidade de ser loução, como os próprios modos (trajo, enfeites, garbo) de parecer loução. - Garrido exprime - "vivo, alegre, sécio, fino, esquisito e engalanado". A garridice é, portanto, uma qualidade que assenta nas crianças e nas meninas. – Guapo é "o que se mostra lépido, bravo, bizarro e gentil". Bem se vê: a guapice só se encontra em moços, conquanto haja talvez muitos velhos que se jactem de guapos.

207

ÁGIL, destro, ligeiro, lesto, lépido, expedito; agilidade, destreza, ligeireza, expediência. – Agilidade é "facilidade, rapidez, desembaraço natural no mover-se"; ágil tanto pode ser o homem como o simples animal. – Destro só se aplica ao homem; pois a destreza é "uma agilidade acompanhada ou servida de astúcia e arte". – Ligeiro diz

mais – "vivo, leve, muito veloz" – do que propriamente ágil. Ligeireza, além de significar qualidade do que é ligeiro, toma-se também à má parte, para designar "leviandade, volubilidade" e principalmente "habilidade em escamotear". – Lesto é "o que, além de ágil, é discreto e gracioso". – Lépido, aqui, significa também "ligeiro, ufano, pronto e gracioso". – Expedito é o que se não embaraça no agir, no falar, etc.; sendo expediência a "qualidade de ser expedito".

208

AGIOTA, usurário, onzeneiro (ou onzenário). – Segundo Bruns., "agiota, na verdadeira acepção da palavra, designa aquele que trafica em fundos públicos, papéis de crédito, etc., valendo-se da alta, ou da baixa de preço que estes sofrem, para auferir ganhos. Na linguagem corrente, agiota se diz, como usurário, do prestamista que empresta dinheiro com usura abusiva". – Onzeneiro (ou onzenário) é o usurário que exige usura requintada e faz questão de lucros descomunais.

209

AGITAÇÃO, insurreição, revolta, rebelião, levantamento, motim, arruaça, sedição, revolução, pronunciamento, convulsão, comoção, choque, abalo, sublevação, conflagração, cataclismo. - Agitação, diz Bruns., "é o movimento anormal do povo quando os espíritos sobressaltados planeiam ou tramam contra os dirigentes; a agitação é geralmente a precursora de qualquer das comoções designadas pelas outras palavras deste grupo". - Segundo Alves Passos: -"Rebelião é a desobediência, a resistência à autoridade opressora: exprime tanto como levantar contra. – Revolta (to turn agaisnt em inglês) exprime tanto como voltar contra; é a perturbação da ordem estabelecida, por meio de atos tendentes a subvertê-la. – Re-

volução é a mudança da ordem estabelecida. Da rebelião passa-se à revolta; e a revolta produz a revolução. Às vezes a simples rebelião de uma alta personagem motiva a revolta de um reino; e se esta não for sufocada, virá a mudança da sua política – outra ordem de coisas – a revolução. – Rebelião designa a ação das pessoas; revolta, o estado das coisas; e revolução indica o triunfo da revolta. A rebelião é ato de arremessar a luva; a revolta é o duelo; e a revolução é a vitória, que se decidiu em favor do revoltoso. Rebelião é a declaração de guerra; revolta é a guerra formal; e revolução é a coroa de loiros para o vencedor. A rebelião não é algumas vezes senão uma simples desobediência, uma oposição ou resistência à autoridade; a revolta tem sempre alguma coisa de violento e terrível. Assim, um particular está em rebelião "quando se opõe aos decretos do poder público; e quando um povo, indignado contra seus opressores, perturba a ordem estabelecida, por uma série de atentados, está em revolta ou revoltado". - Na linguagem comum, no entanto, revolução é apenas uma revolta mais extensa, generalizada por todo um país, ou por uma vasta província. Não diremos, por exemplo, que está em revolução a força que guarda um posto, ou a guarnição de um presídio que se levanta contra o respetivo comandante (e sim - que está em revolta): como não diremos que está em revolta toda a população de um dos Estados da República, tendo chegado a depor autoridades, e a subverter toda a ordem política, mesmo sem certeza de que se consumem as mudanças operadas (e sim diremos – que está em revolução). - A insurreição, diz Roq., "é o estado em que se acha um povo depois que se levantou e se armou para combater a autoridade a que estava sujeito, e que publicamente declara não reconhecer por legítima, e antes achar-se de ânimo firme e resoluto em combatê-la. – A sedição é um

espírito geral de perturbação, de oposição, que, inspirada por alguns, se comunica rapidamente a todos os membros de um corpo, de uma assembleia, ou do mesmo povo. – O motim é o menor dos movimentos contra a ordem normal, ou contra a autoridade constituída; ou pelo menos é aquele cujas consequências são de menor importância. É de ordinário uma fermentação momentânea de algum bando do povo, causada por descontentamento, e muitas vezes por pertinácia e falta de reflexão". - O levantamento é, segundo Bruns., "o resultado imediato da agitação: degenera em revolta, em revolução, ou em insurreição, segundo for a sua importância, e a gravidade do que o origina. O motim é um levantamento de pouca importância, uma agitação tumultuosa e de curta duração. O motim tende mais a perturbar a ordem que a combater a autoridade... A arruaça é o motim da mais ínfima ralé; e é geralmente promovida pelo próprio governo quando lhe convém fazer alardes de força, ou tomar disposições que não soubera justificar de outro modo... Pronunciamento (ou melhor, pronunciamiento) "é termo puramente espanhol com que se designam as frequentes insubordinações dos chefes militares de Espanha..." – Convulsão é, tratando-se de política, uma revolução talvez menos formal e extensa, porém mais violenta, rápida e tremenda. – Comoção é quase o mesmo que convulsão: apenas não sugere tão necessariamente a ideia de violência e transtorno que se envolve em convulsão. – Choque diz "comoção instantânea, passageira". - Abalo é "o movimento contra a ordem, semelhante ao tremor, à crispação produzida por uma impressão forte". - Sublevação é mais extenso que levantamento: designa "o fato de insurgir-se em massa uma população inteira". A consequência da sublevação é a guerra civil, a luta contra a autoridade; é a revolução em suma. - Conflagração é "convulsão

tão violenta, vasta, geral como se fosse um incêndio". – Cataclismo, na acepção que tem aqui, "é uma conflagração que transtorna toda a ordem política de um país".

210

AGITAR, ventilar, aventar, discutir, debater, disputar, tratar, controverter. – Quem agita uma questão, um problema, nem por isso o discute propriamente: apenas o faz lembrado e o põe à vista de outros ou do público, chama sobre ele a atenção geral, e mostra interesse em que se trate de discuti--lo e resolvê-lo. - Ventilar e aventar exprimem um pouco mais do que simplesmente agitar: quem ventila ou aventa um caso, uma opinião, decerto que a não discute propriamente, nem a debate tampouco, mas procura desembaraçá-la, fazê-la simples e líquida, clara e nítida, pondo-lhe os termos muito precisos. Entre aventar e ventilar não se notaria grande diferença fundamental. Pode dizer-se, no entanto, que em ventilar se sente já alguma coisa de intuito dialético: ventila-se um assunto estudando-lhe ligeiramente as proporções, oferecendo opinião sobre ele, tomando-lhe em suma os termos gerais. Aventar tem mais de expor, indicar, lembrar, quase propor – do que propriamente de discutir, ou mesmo de estudar. Quem aventa uma hipótese, uma ideia, quase que não faz mais do que apresentá-la à atenção de outros, muitas vezes até sem dela fazer mesmo a apologia. – Discutir é "examinar todos os termos de uma questão, analisar todos os aspetos de um caso". Quem discute sustenta sempre um modo de ver, defende uma opinião, e procura impô-la a outrem. – Debater é ventilar e discutir esforçadamente, com vivo empenho, encontrando-se com adversário, e procurando vencê-lo. Em regra, só se debatem questões de grande importância, nas quais têm muito interesse os que as debatem: tais como os casos políticos e os

judiciários de alta monta. **Disputar** é "uma forma de *discutir* e *debater*: o que *disputa*, porém, exalta-se mais, ou graceja e zomba do que argumenta ou discute". — **Controverte-se** um assunto, uma questão, um princípio, dando-o por ainda não liquidado, pondo-o em dúvida, e sujeitando-o a disputa ou a debate. — **Tratar** é o mais genérico do grupo, e significa — "dar atenção, cuidar de alguma coisa para resolvê-la". Quem *trata* de um assunto, de uma questão, faz isso — ou apresentando-a apenas em seus termos gerais, ou agitando-a, ou discutindo-a formalmente e debatendo-a.

211

AJUIZADO, sensato, sisudo, assisado, sábio, prudente, judicioso, cordato, grave, sério, circunspeto, ponderado, discreto, avisado. - Ajuizado diz propriamente -"que tem juízo"; isto é, "que sabe julgar direito, que tem uma justa medida das coisas". - Sensato, assisado e sisudo são vocábulos que coincidem no mesmo radical sensus. Sensato confunde-se com ajuizado; mas este refere-se mais particularmente ao estado, à conduta da pessoa a quem se o aplica; ou sugere a ideia da compostura que mantém essa pessoa num dado momento, ou a respeito de alguma coisa. Nesta frase: "F. tem sido muito ajuizado em toda esta questão" – decerto que não caberia com lídima propriedade o adjetivo sensato; pois este designa qualidade, e o outro designa mais estado que qualidade. Assisado e sisudo também se confundem. Assisado quer dizer – "que tem siso"; isto é, que tem juízo, bom senso, tino, prudência. Sisudo acrescenta a assisado a ideia de "discreto, grave na compostura". – Prudente é a pessoa que, além da sisudez, tem a calma, a serenidade e moderação do que é sábio, isto é, do "que tem uma compreensão exata das coisas, uma perfeita inteligência da

vida, um tino seguro para precaver-se dos males e perigos". - Judicioso exprime -"que julga com bom juízo, que raciocina com acerto". - Cordato (de cor... cordis, "coração") é o homem "prudente, que chega sempre à boa razão, que se satisfaz ou se concilia com o que é razoável". -Grave é "o que tem aspeto nobre, fechado e sereno, altivo e severo, revelando ou afetando grande segurança de reflexão, de equilíbrio moral". A gravidade é própria dos homens velhos, que parecem sentir o peso dos anos. – Não assim, nem sempre assim, pelo menos, quanto à seriedade, que na acepção que tem aqui, não é a mesma seriedade de que trata Roq. no seu grupo 493. Seriedade é uma virtude que consiste mais na lisura de consciência, na retidão de conduta, na inteireza de caráter do que na simples compostura que se mostra ou afeta às vezes calculadamente. Quando se diz que F. é um homem sério afirma-se que F. é um homem em cuja probidade se pode ter plena confiança, porque se sabe que tem sido sempre correto, liso, sincero e direito nos seus tratos, no cumprimento dos seus deveres. A seriedade é, portanto, aqui, mais uma qualidade moral do que modo de ser exterior; enquanto que gravidade é mais modo de ser exterior do que propriamente virtude. Ainda podemos deixar, nos seguintes exemplos, bem clara a distinção entre grave e sério, entre seriedade e gravidade: "Ele falou sério" (isto é – "disse o que sente"); Ele falou grave (isto é – "pesadamente, medindo, acentuando muito as palavras"); "Ele foi sempre um homem sério" (isto é - "sempre foi probo e digno"); "Ele foi sempre um homem grave" (quer dizer – "de maneiras lentas que o fazem parecer severo"). Dizemos: "Ele marchou com gravidade para a forca"; "Ela tem o porte grave das matronas" (e não - "marchou com seriedade"; nem – "ostenta porte sério). Aplicado

a coisas ou fatos é que o vocábulo grave é mais forte que sério; como nestas frases: "Trata-se de negócio sério"; "Trata-se de negócio grave". "O caso é muito sério"; "O caso é muito grave": nas quais se sente como grave diz muito mais do que sério. - Circunspeto significa propriamente - "comedido, cauteloso, aprumado no agir e no falar, como se nunca estivesse desapercebido do seu posto, das suas condições, de tudo que se lhe passa em torno". - Ponderado é "o que nada faz sem refletir muito, sem apreciar maduramente as coisas, e sem pesar os atos". – Discreto é "o que se mostra atento nas palavras, conveniente nas ações, modesto, reservado, sabendo bem discernir as coisas, não saindo nunca da linha normal no modo de portar-se". - Avisado é "o que procede com acerto; que se mostra sagaz, apercebido do que convém, dando provas de juízo e atilamento".

212

ALA, fila, fileira, renque, linha, série. -Fila, segundo Bruns., "é a série de pessoas ou de coisas postas uma ao lado da outra com a frente voltada para o mesmo lado". - Fileira é propriamente uma série de filas. Conforme a definição de Bruns., "é a série de pessoas ou de coisas postas umas atrás das outras, tendo a frente voltada para o mesmo lado". – Cada uma das duas longas filas que, voltadas de frente uma para outra, estão separadas por um espaço, é uma ala. - Renque é "uma série de coisas ou de pessoas postas em linha". – Linha e série não se confundem, conquanto exprimam ambos a continuidade ou sequência de coisas ou pessoas numa certa direção; pois na linha as coisas podem estar sem regra de sucessividade, enquanto que na série as coisas, não só se sucedem numa certa ordem, como até ordinariamente obedecem a critério de classificação.

213

ALARDEAR (alarde), ostentar (ostentação), jactar-se (jactância), vangloriar-se (vanglória), bazofiar (bazófia), blasonar, desvanecer-se (desvanecimento), ufanar-se (ufania), fanfarrear (fanfarrice, fanfarronice, fanfarronada, fanfúrria), intimar (intimação), gabar-se, orgulhar-se ou orgulhecer-se. – Alardear e ostentar distinguem-se, tanto de todos os do grupo, como entre si, por mais que signifiquem ambos "proclamar com aparato e desvanecimento (alarde, ostentação) aquilo que se tem ou se supõe ter. Só se ostenta o que realmente se mostra, ou que é material, ou que pode ser visto por todos. Ninguém ostentará méritos que nunca teve, posições que nunca ocupou, vitórias com que apenas tem sonhado. Qualquer pode fazer ostentação de riqueza, de valentia, ou de honras; mas decerto que ninguém se lembrará de fazer ostentação de gênio, de tino, ou de magnanimidade. Alardear, tanto se pode dizer daquilo que se possui, ou que é material, como do que se não possui, ou é invisível. Pode-se fazer alarde de rico (alardear fortuna ou cabedais) e fazer alarde de honradez, de piedade, etc. - Jactar-se é dizer publicamente, com ênfase, os próprios méritos, os feitos, as qualidades. A jactância não é propriamente ostentação, nem alarde: é mais "um quase desvanecimento e alegria em que se fica de haver alcançado alguma coisa cujo valor se exagera". - Vangloriar-se aproxima-se do precedente. A vanglória é "uma ideia falsa ou exagerada que faz alguém de si próprio". Quem se vangloria de alguma coisa presume demais do que essa coisa vale, e dá--lhe por isso uma importância que ela não tem. – Bazofiar é "fazer ostentação ridícula ou escandalosa de grandeza, de força, de prosápia, etc. A bazófia é coisa semelhante ao que vulgarmente se chama prosa ou intimação. - Blasonar é quase o mesmo que bazofiar: apenas blasonar, mais de rigor do

que o outro, é usado com um completivo: blasona-se de nobre, de valente, etc. - Desvanecer-se é "sentir vaidade por algum mérito, por alguma honra, fortuna ou triunfo". O desvanecimento, aqui, é "uma exaltação do amor-próprio que nos leva a ter um orgulho exagerado daquilo que se nos diz ou faz, ou que se nos atribui". Conforme o complemento da sua predicação, porém, é que este verbo desvanecer-se envolve ideia que o aproxima dos demais deste grupo. Blasonar (de qualquer coisa que seja) é sempre, pelo menos, impróprio de um homem sério. Assim de alardear, ostentar, jactar-se, vangloriar-se, bazofiar, fanfarrear. Mas só desvanecer-se de ser belo, ou de coisas fúteis e vãs é que é ridículo. Desvanecer-se da amizade de um homem digno é perfeitamente legítimo. Mesmo desvanecer-nos da benevolência que se tem conosco, ou da honra que se nos faz – é coisa que se diz sem descaída moral. – Sob este aspeto, outro tanto se deve dizer de ufanar-se. Quem é que se não ufana da justiça que se lhe fez, num caso em que dessa justiça lhe pendia o crédito? Só quem pode não ufanar-se nunca de coisa alguma. A ufania é um como contentamento desvanecido, uma alegria orgulhosa que se sente por haver alcançado alguma vitória. Ufana-se o artista da sua obra quando sente que ela lhe deu uma grande expressão da própria alma. Agora, ufanar-se de haver ganho uma partida de bilhar... ou de ter dançado uma valsa com mestria e elegância... – isso é outra coisa. - Fanfarrear é, entre todos os do grupo, o que melhor acentua a ideia de todos alardes, ostentações charras e ridículas que só se admitem naquele tipo de Th. Gautier – o capitão Fracasso. Só fanfarreia o boborio que berra e bufa de valente e corre de uma criança; que blasona de façanhas que nunca praticou; que alardeia méritos que não possui. Fanfarrice é a qualidade de fanfarrão. Fanfarronada (ou fanfúrria) é "a prosa do

fanfarrão; as palavras, os gestos, os atos do fanfarrão". **Fanfarronice** é "o modo de ser fanfarrão, de fazer fanfarronadas. - Intimar exprime, aqui, a ideia de "blasonar de poderoso, de importante". Intima... o sujeito que trata os outros com arrogância, com ares de quem sempre está mandando (intimação). - Gabar-se não é mais do que "elogiar-se a si mesmo, ser o primeiro a falar nos próprios méritos". - Orgulhar-se é mais que desvanecer-se. Só se orgulha de alguma coisa quem sente uma importância exagerada que dessa coisa lhe vem. Neste sentido, parece que é mais expressiva e até mais própria, conquanto menos usada, a forma **orgulhecer-se**.

214

ALARGAR, ampliar, dilatar. – Alargar diz propriamente "fazer mais largo"; e só figuradamente é que se emprega por ampliar, quando se diz, por exemplo: "Vamos alargar o nosso campo de ação". Alarga-se um caminho, uma rua: em geral, tudo que tem comprimento e largura. - Ampliar é "tornar maior alguma coisa em todas as suas partes, em todas as dimensões; fazer crescer proporcionalmente". Amplia-se um jardim, uma praça, uma bola de borracha que se enche de ar, etc. - Dilatar é também "fazer maior, mais extenso, em qualquer dimensão; abrir, tornar mais largo, ou mais longo". Dilatam--se as pupilas à medida que a luz ambiente diminui; dilata-se um orificio; dilatam-se as narinas para aspirar o perfume; dilatam-se alguns corpos sob a ação do calor.

215

ALARIDO, gritaria, celeuma, berreiro, vozeria, clamor, bramido, algazarra, tumulto, turba, alvoroço, barulho, bulha, arruído, rumor, borborinho, sussurro, murmúrio, murmurinho. - Alarido - diz d. José de Lacerda - "conforme a origem árabe, significa o clamor que se levanta ao travar-se a peleja. Por extensão, designa a vozeria dos que se travam de razões, contendem ou bulham, e também as vozes lastimosas dos que pranteiam, ou se amesquinham. - Gritaria designa multidão de gritos, ou vozes em confusão e descompassadas. - Celeuma, segundo a origem grega, designa certo canto ou cantilena cadenciosa que os marujos e outros operários entoam quando trabalham para se animarem mutuamente, e compassarem com as vozes, as forças que empregam na manobra, ou no trabalho, etc. Por extensão, dá-se o nome de celeuma à vozeria, grito ou alarido". – Berreiro é "grito ou gritaria monótona, como o berro de alguns animais". - Vozeria diz propriamente "multidão confusa de vozes". - Clamor é "como gritaria grave e aflita, pedindo, protestando, ameaçando". - Bramido é "clamor de cólera, de ameaça, e até de dores violentas, que fazem mais bramar que gemer". – Algazarra é adaptação do árabe: era "vozeria, gritaria, que os moiros levantavam em qualquer acometimento ou conflito de guerra." (Aul.). Incorporamo-lo para designar a desordem e confusão de vozes no meio das quais nada se discerne. - Tumulto é "grande comoção e alarido, desordem estrondosa". - Turba, na acepção com que figura neste grupo, é "conjunto de vozes desordenadas formando 'coro de arruídos'". - Alvoroço é "manifestação estrondosa de alegria, de entusiasmo, ou de ódio". - Barulho é termo vulgar que corresponde a tumulto: é apenas um tumulto menos grave, de menores proporções. – Bulha será um barulho insignificante, mais arrelia, rusga que barulho. - Arruído é quase tumulto, é "a confusão, a desordem, os motins destacados de uma comoção ou revolta". - Rumor é mais "eco de vozeria, repercussão de desordem, de arruído que propriamente essas coisas". - Sussurro é palavra onomatopaica designando "rumor menos perceptível e mais confuso". – Murmúrio é "leve sussurro como de água corrente, ou de viração em arvoredo". – Murmurinho é como "vozeria abafada, sussurro de multidão falando a um tempo e mal contido". – Borborinho é também voz onomatopaica, ou talvez desfiguração de murmurinho, tendo a mesma significação.

216

ALARME, rebate, chamada, chamamento, apelo, clamor, reclamo. – Alarme – escreve Bruns. - diz-se do grito ou gritos que se soltam para anunciar um perigo. - Rebate é o toque de sinos, de tambores com que se convoca o povo (ou uma guarnição militar) para defender-se quando sobrevém um perigo. O rebate sempre encerra a ideia de defensa; o alarme, a de defensa, ou a de instigar à fuga. - Chamada é propriamente "a voz ou sinal com que se avisa ou com que se chama atenção e se convoca; e como termo de técnica militar, é o toque de clarim ou de tambor com que se reúnem os soldados." - Chamamento designa a "ação de chamar com esforço, clamando." - Apelo é "pedido de socorro; é o ato de dirigir-se alguém a outrem, como um recurso de aflição, ou de desejo ansioso em causa dependente de amparo, de testemunho ou de juízo da pessoa para quem se apela". - Clamor, aqui, é "chamamento com desespero, ou com indignação". - Reclamo é "apelo instante e formal, como se o objeto do reclamo fosse fundado sempre em direito".

217

ALARME, temor, medo, susto, terror, espanto, pânico, pavor, receio, assombro, assombramento, sobressalto. — Segundo Bruns., "a ideia comum aos sete primeiros vocábulos deste grupo é a do sentimento ou sensação penosa que nos assalta quando um

perigo sobrevém". – Alarme, no sentido próprio da palavra, é a confusão e gritaria que se manifesta num acampamento ou praça de guerra à aproximação, real ou suposta, do inimigo. Figuradamente, emprega-se este vocábulo para designar a perturbação que causa a ameaça, a suspeita de algum perigo. Emprega-se esta palavra com muita propriedade quando nos referimos à previsão de acontecimentos muito desagradáveis, cuja ocorrência temos por certa e próxima, ignorando, porém, quanto tempo nos separa ainda deles. O temor é o estado do espírito que se perturba pela apreensão de um perigo, ou de um mal que certos indícios nos levam a julgar não só possível mas até provável. – Medo é termo genérico, e mais pelo extenso uso que se faz desta palavra, do que pela propriedade de resumir a ideia dos outros seis do grupo. Particularmente, porém, o medo é um sobressalto violento e repentino que nos leva ao temor, e que nos induz a evitar aquilo que julgamos nos há de ser nocivo. O medo distingue-se do temor em ser este um produto da razão e até certo ponto da vontade; enquanto que aquele é um sentimento irresistível e espontâneo que nos assalta sem querermos, e que conservamos contra nossa vontade. Por isso se diz que temos o temor de Deus, e não medo de Deus; que temos medo dos cães danados, e não temor. - Susto é uma espécie de medo que nos deixa como suspenso durante os primeiros instantes. A causa do medo é determinada; a do susto não o é geralmente. O medo é mais ou menos prolongado; o susto dura pouco. Causa medo aquilo que vemos; assusta-nos o que não podemos definir. O susto diferençase ainda do medo em levar-nos este a fugir da coisa que nos amedronta; enquanto que o susto nos deixa como suspenso: quando o susto assalta o homem, este para repentina e inconscientemente. – Terror é um termo que mais se refere à causa do sentimento

que ao próprio sentimento; por isso se diz que os bandidos espalham o terror por onde andam. Foi o terror dos franceses que ocasionou a grande hecatombe da ponte de barcas do Porto. Terror (do latim terrere, "fazer tremer") aplica-se aos perigos ou males que julgamos irresistíveis, e contra os quais é inútil qualquer luta. - Espanto é uma forte impressão causada por alguma coisa que sobrevém inesperada e repentinamente. O espanto pode deixar-nos paralisados como o susto, ou impelir-nos a uma fuga insensata como o medo. – **Pânico** é propriamente um adjetivo que qualifica o substantivo terror; é, porém, frequente dizer-se indiferentemente - o pânico, ou o terror; pânico, para exprimir, ou o grande terror que se apodera de alguém à vista de um caso espantoso; ou o terror infundado que assalta a muitas pessoas. Propriamente só se diz neste último sentido. Na cidade em cujos contornos a peste faz muitas vítimas, reina o alarme; o temor de sermos assaltados dessa peste nos leva a evitar a comunicação com as pessoas provenientes das localidades empestadas. O medo da peste leva-nos a fugir da cidade; e se qualquer incômodo sobrevém que pareça sintoma dessa peste, colhe-nos o susto. Essa peste espalha o terror por toda parte; e se ela sobrevém inesperadamente, é o espanto que nos domina. A suposta existência de uma terrível peste espalha um *pânic*o geral". – Pavor é "um medo incoercível, um grande terror que faz desvairar, ou que vence todas as energias morais". - Receio é menos que medo ou que temor: é mais - um estado de dúvida, uma obediência a escrúpulos de qualquer ordem, que nos impede de agir ou de fazer alguma coisa – do que propriamente temor. – Assombro é grande espanto, que imobiliza e como que maravilha; e assombramento, aqui, tem uma acepção especial para designar o estado de terror

em que fica uma pessoa surpreendida de alguma coisa ou de algum fenômeno misterioso. Significa também a própria coisa ou fenômeno misterioso que assombra. -Sobressalto é "a comoção que se sente sob a iminência de algum perigo, ou mal que se suspeita". Confunde-se com susto; mas sobressalto sugere ideia da inquietação em que se fica, do cuidado e preocupação que nos causa o mal que nos sobressalta.

218

ALBERGARIA, albergue, guarida, estalagem, pousada, hospedaria, hotel, pensão. -Albergaria – escreve Bruns. – "era o nome da dependência dos mosteiros destinada a hospedar os transeuntes, particularmente os pobres que iam de viagem". Certos estabelecimentos de caridade ainda hoje têm albergarias destinadas ao mesmo fim. - Albergue é propriamente a casa onde se hospeda aquele que está fora da sua terra, quer seja pagando, quer devido à mera hospitalidade. - Guarida é o local onde se encontra abrigo contra a intempérie ou contra a perseguição. – Estalagem é casa onde se recebem passageiros que não pretendem grandes comodidades, e na qual são principalmente admitidos aqueles que trazem cavalgaduras ou veículos. – Pousada é termo castelhano que se diz por estalagem, principalmente no Alentejo e no Algarves. - Hospedaria é casa onde se recebem hóspedes de cama e mesa; se a hospedaria reúne certas condições de comodidade, e algum ou muito luxo, é denominada hotel. - Pensão tem aqui um sentido particular, designando a casa, em regra casa de família, onde se recebem hóspedes, mediante um pagamento convencionado que também se chama pensão. Difere da casa de cômodos em dar esta ordinariamente só a dormida; e aquela, tanto a cama como a mesa; e até em só fornecer as refeições, morando fora o pensionista.

219

ALBESCENTE, alvacento, alvadio, esbranquiçado. – Quanto aos três primeiros, lê-se em Bruns.: "Albescente diz-se daquilo que se está tornando branco. Qualquer superfície que parece ter tido originariamente outra cor, e tende, enfim, a ser branca, é albescente. - Alvacento é a cor fixa que tira para branco. - Alvadio diz-se da cor intermédia, entre branco e cinzento". - Esbranquiçado significa "um tanto branco, meio branco".

ALCÁCER (ou ALCÁÇAR), palácio, paço, castelo. - Alcáçar (ou alcácer), segundo Bruns., "era propriamente o palácio afortalezado onde os reis ou governadores faziam residência. Em poesia diz-se dos atuais paços dos monarcas. - Palácio diz-se de qualquer edifício grandioso, disposto para habitação ou para outro fim. - Paço, contração de palácio, só se diz das residências das pessoas reais, das dos bispos, e dos governadores ou vice-reis das colônias". – Castelo (de castellum, diminutivo de castrum, "fortaleza") corresponde com exatidão a alcáçar (do árabe): era "a antiga habitação do rei, ou do grande senhor, defendida de fortificações".

221

ALCANÇAR, conseguir, obter, lograr, gozar, impetrar. – "Lograr é propriamente o termo de nosso desejo – diz Roq. – sem relação aos meios empregados para isso. -Conseguir é o termo de nossa solicitude, o fim a que se dirigem os meios com relação a eles. - Alcançar é o termo de nossos rogos. - Lograr e conseguir podem supor justiça; alcançar supõe sempre graça. – Gozar é ter, possuir alguma coisa que nos dá gosto ou prazer sem indicar que a buscamos, que fizemos diligência por ela, ou que a ela tínhamos direito. Logra uma grande fortuna o que

pode viver sem demandas nem pretensões. Consegue um bom emprego o que solicita com mérito, ou tem protetor de valimento. Alcança o perdão o que interpõe rogos humildes e pede misericórdia. Os homens sóbrios e de bom temperamento gozam ordinariamente de boa saúde. - Obter é alcançar uma coisa que se pretende ou deseja, ou que nos é grata. – <mark>Impetrar</mark> é alcançar do superior a graça que se havia solicitado. Obtêm-se cargos, dignidades, favores, atenções, etc., tudo o que nos é honroso, útil, agradável; e obtêm-se de iguais, de superiores, de inferiores. Consegue-se o que com diligência e perseverança se busca, ou se pretende. Vê-se, pois, que este vocábulo tem significação menos genérica que o precedente (obter); e mais restrita a tem ainda impetrar, pois só impetramos graças de um superior, pretendendo-as e solicitando-as com rogos e súplicas".

222

ALCANÇAR, chegar, atingir, tocar. - Alcançar "denota esforço"; chegar designa o fato. Os náufragos alcançaram a praia depois de mil perigos; mas quando lá chegaram tiveram quem os agasalhasse. Noutra ordem de ideias, porém, alcançar diz-se da possibilidade, da capacidade, da força de efetuar; chegar diz-se do próprio fato. A artilheria moderna alcança a grandes distâncias; isto é, tem força para fazer chegar balas a grande distância. As balas não chegavam à fortaleza. Por não poder alcançar um ramo, temos de subir a um banco para lhe chegar com a mão. Um homem chega à idade avançada; não alcança, porém, a de seu pai, se este viveu mais anos do que ele". (Bruns.) - Atingir (que também colocam alguns no grupo CCXXI) diz "alcançar ligeiramente, como se chegasse apenas a tocar de leve a coisa alcançada (ad + tangere, "tocar, sentir pelo tato")". -Tocar (da mesma origem de atingir) exprime a mesma ideia; diferençando-se, no entanto, deste em não sugerir com a mesma força a ideia de atividade. Quase que destes dois se pode dizer o que se diz de alcançar e chegar.

223

ALCANCE, desfalque, irregularidade. -Alcance é, nas contas que alguém é obrigado a prestar, a diferença entre a quantia que entrega e a que devia entregar. Se o alcance acusa, além de inépcia ou desmazelo, improbidade e dolo, passa a ser **desfalque**. – Bruns. acrescenta irregularidade e escreve: "Quando o desfalque é cometido nos dinheiros do Estado, de alguma corporação, ou mesmo de algum particular, batiza-se atualmente sob o nome de irregularidade, a fim de não ofender a honra do ladrão, se este é da categoria das chamadas pessoas decentes".

224

ALCANTIL, despenhadeiro, ribanceira, grota, itaimbé, precipício, escarpa, fraga, riba, ribança. - Segundo Bruns.: - "Alcantil é a vertente talhada a pique, ou quase a pique, vista de frente, ou desde baixo; a base do alcantil mergulha no mar, ou é banhada por alguma corrente impetuosa. - Despenhadeiro é a vertente ou precipício considerado, não com relação ao pendor, mas relativamente à profundidade a que está a base, e ao perigo a que se expõem os que transitam próximo da sua beira. - Ribanceira considera a vertente como tendo pendor considerável, não tanto como o do alcantil, e tendo a base regada ou não de corrente". – Grota é aberta, mais ou menos larga e profunda, em montanha, e por onde quase sempre corre água. – **Itaimbé** é palavra do tupi designando rochedo a prumo, escarpa, despenhadeiro. - Precipício é termo geral que indica "todo acidente perigoso onde se pode cair". – Escarpa é "rochedo alcantilado, encosta muito íngreme". - Fraga é mais aspereza de serra, pedra escarpada que propriamente escarpa. As fragas tornam a ascensão difícil; a escarpa é quase sempre de acesso impossível sem ajuda de arte. - Riba e ribança confundem-se com ribanceira: este é apenas uma extensão daqueles.

225

ALÇAR, erguer, elevar, levantar. – "O último destes vocábulos – diz Roq. – é o gênero em que entram os outros como espécies". Exprime ele a ideia de "pôr em alto, ou ao alto, tirar para cima, fazer subir", etc. - Alçar é levantar o que está caído, ou uma coisa acima da sua posição ordinária, como os olhos, as mãos, a voz, etc. - Erguer é levantar pondo em pé, talvez endireitando, fazendo crescer para cima, como um edifício, etc. – Elevar é "pôr em lugar alto, em ordem eminente, exaltar a dignidades, etc."

226

ALCATEIA, bando, multidão, enxame, turba, turma, grupo, magote, rancho, quadrilha, legião, malta, súcia, corja, matula, caterva, matilha, horda, troço, troça, chusma. - Alcateia é um coletivo que se emprega para designar "multidão de animais ferozes"; alcateia de lobos, de panteras. Figuradamente aplica-se a indivíduos da espécie humana aos quais se ligue alguma ideia que os ponha em relação com aqueles animais: alcateia de bandidos, de ladrões, de assassinos. – Bando, que na linguagem vulgar só se aplica a aves, designa multidão, e sugere ideia de vida errante, aventurosa. Não seria, por isso, de lídima propriedade dizer que se viu – "um bando parado", ou "um bando de estudantes na aula", ou "na escola". Um bando de estudantes só se vê na rua, ou a caminho do colégio. – Multidão quer dizer "grande número", sem mais ideia alguma acessória: multidão de pessoas, de livros, de

ideias, de estrelas, de sapos, etc. - Enxame aplica-se mais particularmente tratando-se de abelhas; e no sentido figurado empregase para designar multidão laboriosa, em atividade mais ou menos ordenada. Não se diria: um enxame de lobos, ou de aves; nem um enxame de vagabundos ou de vadios, ou malandros; pois neste coletivo figura o radical agmen = agimen, de ago...ere, "obrar, agir". - Turba significa "multidão desordenada, em tumulto". Uma turba de sábios, ou mesmo de velhos – seria, pelo menos, uma coisa fantástica. – Turma era "uma divisão tática na milícia romana": diz, portanto, coisa semelhante a batalhão, companhia; isto é, designa multidão certa, e deixando supor que é multidão fazendo parte de uma série de multidões. - Grupo é "conjunto de coisas ou pessoas reunidas, mas em pequeno número"; e sugere também a ideia de que essas pessoas ou essas coisas fazem parte de multidão maior. - Magote é semelhante a grupo e a turma: significa "porção de pessoas, ou mesmo de coisas", e parece que encerra ideia de atividade, e também de divisão, de parcelamento: um magote parece que deixa supor sempre outro ou outros magotes. - Rancho é o mesmo que bando: apenas não sugere, como este, ideia de aventura, de intuito escuso. Dizemos: um rancho de fiéis, de peregrinos, de missionários (não - um bando). - Quadrilha está nas mesmas condições de turma: designa "um certo número de indivíduos aprestados para a guerra"; e fora deste caso, toma-se sempre a má parte. Dizemos: quadrilha de salteadores, de gatunos; nunca se diria, no entanto: quadrilha de colegiais, de crianças. - Legião era entre os romanos um corpo de tropas. Neste sentido continuou a usar-se para exprimir o motivo que impele, ou a causa especial que põe em movimento a legião: "legião patriótica, legião acadêmica"; ou "legião da morte, legião negra". Quando Jesus

perguntou pelo nome do espírito mau que atormentava o possesso: – "O meu nome é legião" – respondeu o espírito. E também, ao ser preso, quando reprimiu a ira de Pedro, disse a este: - "Cuidas que não posso rogar a meu Pai, e que não porá logo aqui mais de doze legiões de Anjos?" Este coletivo legião, portanto, sugere sempre ideia de que se trata de defender uma causa, ou de realizar algum intento, bom ou mau. - Malta designa também multidão, mas sugerindo ideia de vagabundagem, de depravamento e banditismo. Súcia, corja, matula, caterva estão nas mesmas condições do precedente: juntam à noção de muitos indivíduos reunidos a ideia de indisciplina, destempero, perversidade, e até de fereza (sobretudo os três últimos): súcia de malandros; corja de vadios; matula de desordeiros, de malfeitores; caterva de lobos, de bandidos. - Matilha é também coletivo de cláusula restrita: matilha de cães, de lobos. E até sem cláusula é usado para designar "multidão de cães de caça". - Horda sugere ideia de selvageria, banditismo, desregramento: horda de bárbaros, de facínoras, de salteadores. - Troço significa "multidão ou porção, de guerrilheiros por exemplo, de gente sem ordem". - Troça também diz "multidão", mas sugere ideia de festa, pândega, orgia. - Chusma significa "multidão em alvoroço".

227

ALCATIFA, alfombra, tapete, tapeçaria. -"Dos três primeiros vocábulos – diz Bruns. - é alcatifa que tem significação mais nobre; alfombra, a mais exata; tapete, a mais extensa". - Alcatifa é o tecido rico, de cores variegadas, mas agradáveis, espesso, confortável, que cobre todo o pavimento de uma habitação, e está fixo nele. - Alfombra é o tapete de maiores ou menores dimensões, feito de uma só peça, que cobre o pavimento ou parte dele, podendo estar ou não fixo no chão. - Tapete é termo genérico, que tanto designa o estofo da alfombra ou da alcatifa como esses próprios objetos. Há tapetes de escada, de corredor, de mesa, de sala, etc. – Tapeçaria, além de ser um termo coletivo, com que se designa um conjunto de tapetes, alcatifas etc., tem a significação especial de pano de armação, que serve para cobrir as paredes. "Os panos de Arrás são tapeçarias de muito valor artístico".

228

ALCOICE, lupanar, prostíbulo, bordel, sentina. – Estes quatro vocábulos empregam-se indistintamente para designar as casas públicas de prostituição; cada um deles tem, no entanto, a sua significação particular. – Alcoice é a casa onde se dão cômodos às parelhas que procuram ter comércio. A maior parte das casas que nas cidades se intitulam hotéis para pernoitar são alcoices. – Lupanar (do latim *lupa* "meretriz") é a casa onde residem meretrizes. Emprega-se esta palavra de preferência às outras quando se alude à moralidade dos que frequentam essas casas: frequentador de lupanares. - Prostíbulo (do latim prostibula "meretriz das ruas") é o lupanar considerado como sentina onde as infelizes se degradam. - Bordel é termo francês introduzido na língua, e o menos usado dos deste grupo: designa a casa de prostituição considerando-a sob o ponto de vista das orgias que nela se fazem". (Bruns.) - Sentina é o "prostíbulo imundo, onde impura a depravação moral, onde o vício ostenta as suas torpezas".

229

ALCUNHA, apelido, nome, sobrenome, agnome, cognome, prenome, antonomásia, apodo. - Segundo Roq., "a primeira, palavra árabe (alconia); e a segunda, portuguesa, muito usada no tempos gloriosos de nossas guerras, eram sinônimas em significarem o sobrenome das pessoas segundo a diferença das famílias. Os reis davam, por honra e mercê, a suas vilas e cidades, alcunhas de leais, nobres, notáveis, etc.; assim como os nomes de animais, peixes, aves, como perdigão, pega, coelho, sardinha, etc., foram apelidos nobres da descendência das famílias. Hoje, porém, e já há muito, não se dá tal sinonímia, porque alcunha só significa apelido injurioso, e quase sempre alusivo a algum defeito da pessoa, e que acaba com ela, sendo que o apelido se transmite e distingue as famílias". - Nome é a palavra com que se designa ou distingue uma pessoa ou coisa. -Sobrenome é o nome que se interpõe entre o nome de batismo e o de família. - Cognome é o designativo de alguma qualidade notável ou característica, e que se junta ao nome de alguém para torná-lo mais preciso. - Agnome é o epíteto que se adiciona ao cognome para fazer que ressalte alguma virtude ou qualidade própria do indivíduo. -Prenome é propriamente o nome que precede ao nome de família e que é, portanto, exclusivo do indivíduo. Em João da Costa, por exemplo, João é o prenome; Costa é o apelido; e João da Costa é o nome do indivíduo. - Antonomásia confunde-se com cognome e com alcunha; mas diferença-se destes em não ser próprio e expresso, mas apenas alusivo do indivíduo a quem se aplica: vale mais por um epíteto que designa o indivíduo sem nomeá-lo, do que propriamente por um nome. – Apodo é quase o mesmo que alcunha; mas não é muito usado em português com esta significação.

230

ALEGAR, citar. – Segundo Roq., "alegar é referir a seu favor algum dito, exemplo, ou autoridade que prova o intento proposto; e em termos forenses, é trazer o advogado leis e razões em defensa do direito de sua causa". – Citar é referir textos e autoridades

em prova do que se diz; e em estilo forense é noticiar, fazer saber o chamamento do juiz. Citam-se os autores, as pessoas, ou o que eles dizem; alegam-se fatos e razões. Para dar autoridade ao que dizemos, e peso ao nosso dito, citamos; porém, para sustentá-lo, e defender-nos, alegamos. Para defender o réu, citado perante o juiz, alegou o advogado leis e razões tão importantes que por suas alegações conseguiu que ficasse de nenhum efeito a citação.

231

ALEGRIA, ledice, júbilo, exultação, regozijo, contentamento, jovialidade, alacridade, satisfação; alegre, ledo, jubiloso, exultante, contente, jovial, álacre, satisfeito. - Diz Roq. que "o contentamento é uma situação agradável do ânimo, causada, ou pelo bem que se possui, ou pelo gosto que se logra, ou pela satisfação de que se goza. Quando o contentamento se manifesta exteriormente nas ações ou nas palavras, é alegria. Pode, pois, uma pessoa estar contente, sem parecer alegre. Pode fingir-se a alegria, porque é demonstração exterior, e pertence à imaginação; não assim o contentamento, que é afeto interior, e pertence principalmente ao juízo e à reflexão. Diríamos que o contentamento é filosófico; a alegria, poética; aquele supõe igualdade e sossego de ânimo, tranquilidade de consciência; conduz à felicidade, e sempre a acompanha. Ao contrário, a alegria é desigual, buliçosa, e até imoderada, quiçá louca em seus transportes; muitas vezes prescinde da consciência, ou é surda a seus gritos, porque na embriaguez do espírito se deixa arrastar da força do prazer; não é a felicidade, nem a ela conduz, nem a acompanha. O homem alegre nem sempre é feliz; muitos há que sem mostrarem alegria gozam de felicidade. Um fausto sucesso, que interessa a toda uma nação, celebra-se com festas e regozijos, alegra ao público, e

produz contentamento no ânimo dos que foram causa dele. Antes que o ardente licor, que dá alegria, fizesse seu efeito no moiro de Moçambique, já ele estava mui contente pelo acolhimento que lhe fazia o Gama, e muito mais pelo regalo com que o tratava, como diz o nosso poeta... - Fixada a diferença entre alegria e contentamento, não será difícil fixá-la entre outros dos vocábulos deste grupo; pois representando todos um estado agradável no espírito do homem, exprime cada um deles seu diferente grau ou circunstâncias". - Ledice, ou ledica como diziam os antigos, é corrupção da palavra latina lætitia, e eles a usavam em lugar de alegria: em Camões ainda é frequente o adjetivo ledo em lugar de alegre. Hoje, a palavra ledo é desusada, e só em poesia terá cabimento. Seria para desejar que o uso lhe desse a significação modificada que lhe atribui D. Fr. de S. Luiz, dizendo que é menos viva, mais suave, tranquila e serena que a alegria; mas não lhe achamos autoridade suficiente para a estimar como tal. - O júbilo é mais animado que a alegria, e mostra-se por sons, vozes, gritos de aclamação. A pessoa jubilosa mostra-se alvoroçada de alegria. - Exultação é o último grau da alegria, que, não cabendo no coração, rompe em saltos, danças, etc., segundo a força do verbo exultar, que é saltar de gozo, de alegria. Está exultante a criatura que parece ufana da sua felicidade ou da satisfação que tem. – Regozijo, como está dizendo a palavra, formada da partícula reduplicativa re e gozo, é alegria, ou gozo repetido ou prolongado; e quase sempre se aplica às demonstrações públicas de gosto e alegria, celebradas com festas, bailes, etc., em memória de faustos acontecimentos. -Jovialidade significa "disposição natural para a alegria ruidosa mais inocente, temperamento irrequieto, festivo, quase ufano da vida". Há velhos joviais; mas a jovialidade só assenta nos moços. - Alacridade é a

"alegria aberta e serena, discreta e segura". - Satisfação é "o estado de alma em que ficamos quando alguma coisa vem corresponder aos nossos desejos, aos nossos sentimentos", etc.

232

ALEIVE, aleivosia (aleivoso), calúnia (calunioso, caluniador), traição, (traiçoeiro, traidor), perfídia (pérfido), deslealdade (desleal), infidelidade (infiel), falsidade (falso, falsário). – Aleive é a própria calúnia que se disfarça, praticada com má-fé, à traição; aleivosia é a qualidade de ser aleivoso. Emprega-se frequentemente aleivosia por aleive. - Calúnia é "a falsa imputação que se faz a alguém de atos que lhe prejudiquem a honra". - Calunioso é aquilo que envolve calúnia; e caluniador, o que perpetra calúnia. - Traição é, propriamente, o "ato de faltar à fé que se devia"; e confundese, portanto, com perfidia e infidelidade. Mas o traidor é sempre infiel, e pode não ser pérfido; pois a perfidia consiste em "faltar à fé parecendo fiel". Calabar foi traidor; e não se poderia dizer que foi pérfido, pois que traiu abertamente, passou para os inimigos sem astúcias com os seus próprios. Entre os dois vocábulos traiçoeiro e traidor há diferença análoga à que notamos entre calunioso e caluniador. - A deslealdade consiste em faltar com alguém, que é nosso igual ou superior, a deveres ou compromissos que temos contraído. O homem **desleal** é o que sai das normas, dos bons princípios morais, ferindo ou prejudicando aquele a quem devia lealdade. – A **falsidade** consiste no modo traiçoeiro, nas maneiras dissimuladas com que procura alguém enganar a outrem para lograr do enganado alguma coisa. Falso é o que nos diz aquilo que não sente; que nos promete o que não tem tenção de cumprir; que dissimula com ares de inocência o golpe que vai descarregar... Entre falso e falsário, além da distinção sob o ponto de vista das funções gramaticais, deve notar-se que o segundo tem uma significação especial e precisa que seria bastante para excluí-lo deste grupo se não fosse a ideia fundamental comum que o põe em relação com os demais, e particularmente com falso; pois falsário é "o que faltou ao que prometeu solenemente; é o que iludiu ou procurou iludir a boa-fé dos outros".

233

ALÉM, adiante, depois, após. - Além, aqui, designa situação do que se encontra "depois de alguma outra coisa e em relação ao lugar que ocupamos nós: é antônimo de aquém. - Adiante é também aplicado para designar ordem de situação; mas é um pouco mais preciso que além, e sugere ideia de "posto à frente de alguma coisa", também relativamente a nós. É antônimo de atrás, ou para trás. – Depois quer dizer – "em seguida, posterior a alguma coisa"; e é antônimo de antes. - Após é de todos os do grupo o mais preciso: diz - "logo depois, imediatamente depois".

234

ALENTADO, vigoroso, forte, robusto, valente, esforçado, reforçado, possante, pujante, potente; alento, vigor, força, fortaleza (fortidão), robustez, valentia, esforço, reforço, possança, pujança, potência. - Alentado, segundo Bruns., "é aquele cuja arca do peito apresenta uma ampla superfície"; isto é, aquele que exteriormente revela ter uma respiração fácil e poderosa (alento) que lhe permite fazer grandes esforços. Um homem alentado pode suportar grandes fadigas. – Vigoroso refere-se à manifestação de força, ao movimento, à vivacidade que indicam aptidões para praticar atos que necessitam de esforço. Quem é vigoroso é capaz de empregar grandes forças; e essa capacidade

manifesta-se exteriormente, mesmo quando não as emprega: o movimento dos membros, o seu jogo enérgico mostram o vigor latente. - Robusto (do latim robur "força") diz-se da pessoa que no vigor muscular, na forma opulenta dos membros, revela força e saúde. O homem robusto tem membros atléticos, tórax amplo, movimentos pausados: nisto se distingue sobremaneira daquele que é vigoroso, pois o vigor manifesta-se na energia dos movimentos. - Forte é um termo genérico que exprime o poder de obrar ou de resistir, sem nenhuma ideia acessória. Há pessoas magras que são fortes; assim como as há muito corpulentas que não são robustas." - Força é "capacidade de ação ou de resistência física". - Fortaleza é "a energia moral; é a qualidade de ser forte". Este vocábulo, portanto, só se aplica à força exercida pelo homem. Quando essa capacidade é atribuída aos animais, preferimos dizer força. E se se trata da propriedade correspondente nos inorgânicos, dizemos fortidão. Exemplos: "A fé aumenta a fortaleza das almas". "O leão tem mais força que o burro". "Matéria explosiva, ou álcool de fortidão maravilhosa". Afinal essas distinções não são essenciais; pois dizemos também: a força da dinamite; a fortaleza daqueles muros, ou do antigo castelo; a fortidão do seu gênio, etc. - Valente é aquele que não teme o perigo e é capaz de enfrentá-lo. "É à valentia dos soldados, tanto pelo menos quanto à bravura do general, que se deveu a vitória". - Esforço é a ação moral ou física de que alguém é capaz. O indivíduo esforçado é o que tem qualidades para vencer pelo trabalho. - Reforço é "acréscimo de força, aumento de vigor". É reforçado o homem que tem mais desenvolvidos os órgãos de ação física próprios para uma certa função ou esforço: reforçado do peito, das pernas, dos braços. - Possante quer dizer - "que tem grande força, que se impõe pelo enorme poder dos músculos" (possança). Confunde-se com pujante e potente. É

preciso notar, no entanto, que pujante se diz daquele que é capaz de vencer em pugna; que potente adita à noção de "poderoso, a ideia de ativo, energético, eficaz"; e que possante sugere ideia de "opulência de força" e "majestade de aspeto." "O gladiador estava ainda em toda a sua pujança". "Quando operou aquela possante máquina de guerra...", "A alma potente do justo a nada cede". "A potência daquele espírito, daquelas grandes virtudes ou daquelas construções maravilhosas".

235

ALFANJE, cimitarra, espada, gládio, terçado, durindana, montante, chanfalho, sabre. – Espada – diz Roq. – é palavra italiana e castelhana, que vem do latim bárbaro spatha, do grego spathe, que significa "espátula", e espada de folha larga na ponta; e designa a arma que se julga corresponder ao gladius dos latinos. - Gládio é a palavra latina gladius, que, segundo Varrão, vem de cladis "matança na guerra" (quasi cladius, quod ad cladem sit inventus). Não se sabe ao certo qual era a forma desta arma ofensiva entre os romanos, mas deve ter-se como provado que se metia em bainha, que se punha à cinta, e que era longa, porque Cícero diz na oração pro Marcello: Gladium vaginâ vacuum in urbe non vidimus – "não vimos na cidade espada desembainhada". E zombando de seu genro Lentulo, que sendo de pequena estatura, trazia uma grande espada à cinta, disse: Quis generum meum ad gladium alligavit? – "Quem foi que atou meu genro àquela espada?" O primeiro talvez que usou esta palavra em sentido reto, como em latim, foi Filinto Elysio, na tradução dos *Mártires*, I. 6., onde diz:

Detrás dos Vexillarios vão Hastatos. Com *gladios* na segunda forma, etc...

Foi, contudo, usada em sentido figurado por escritores de boa nota para designar o poder supremo, e também um castigo de Deus, como disse Camões, falando da peste: "O gladio que feriu o povo". – Quer o autor dos Sinônimos da língua portuguesa (D. Fr. F. de S. Luiz) que se use esta palavra em sentido reto quando aludirmos aos usos bélicos dos romanos: e nomeadamente se houvéramos de traduzir aquele lugar de Vegecio, De Re Milit., II, 15: Habent... gladios majores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathas nominant – em que não poderíamos deixar de empregar os dois vocábulos gladio e espada, senão usando de um circunlóquio extenso e escusado. Mui sensato é este parecer; resta que se adote e se observe: do que duvidamos em tempos em que se vêm postergadas outras mais importantes observações acerca de nossa tão maltratada língua. – Terçado do castelhano terciado, é espada curta e larga. É palavra muito usada nos clássicos, e poética, pois Camões, falando dos habitantes de Moçambique, disse:

Por armas têm adargas e terçados.

(Lus., I., 47).

- Durindana é termo cômico e burlesco, e por ele se designa uma espada grande, pesada e terrível, de que usam os valentes e denodados cavaleiros em suas lides; e assim nos servimos desta palavra, como os franceses da sua flamberge, e os espanhóis da sua tizona, para zombarmos da valentia dos fanfarrões que se gabam de façanhas inauditas. - Alfanje é espada mouresca e turca, larga, curta e curva, que tem só um gume. - Cimitarra é "espada pérsica, de aço fino, de figura curva, e de três dedos de largo". – Montante – define Aul. – "grande espada antiga, que se brandia com ambas as mãos para acutilar por alto, pelo que também se lhe dava o nome de espada de ambalas mãos. Miguel de Asnide era tão agigantado que trazia na cinta um montante por espada ordinária (D. do Couto)" – Chanfalho é termo vulgar, ainda mais burlesco do que durindana: é "grande espada, velha, enferrujada, que não corta". - Sabre é "espada pequena, ou pelo menos mais curta que o terçado. É hoje usada na gendarmeria".

236

ALFIM, enfim, finalmente, afinal, por fim. – Diz Roq., que "alfim é expressão castelhana mas admitida em nossa língua, e usada por Fr. L. de Souza e por Vieira". Confundem-na muitos com enfim e com finalmente; mas é mister distingui-las. Chama-se fim ao termo material de uma coisa, e também ao conseguimento do objeto que nos propusemos, ou que desejávamos. Segundo a preposição que se lhe ajunta, é mais ou menos extensa, decisiva ou positiva sua significação. Alfim denota que, depois de se haverem vencido todos os obstáculos, logramos nosso intento; e assim dizemos: "Depois de havermos gasto tanto, ao cabo de tantas fadigas, tivemos alfim a ventura de sair bem em nossa empresa". – Enfim é um modo translatício, que designa a conclusão, pelo comum desejada, de um discurso, de uma conversação, de uma arenga, ou de uma enumeração: "Enfim acabou de falar, terminou seu discurso". – Mais positivo e terminante que as duas expressões anteriores é o advérbio finalmente, que significa, por última conclusão, definitiva, irrevogavelmente. As duas primeiras não resolvem absolutamente, deixam alguma coisa que esperar: a terceira, não; pelo que nos atreveríamos a dizer que é a conclusão das conclusões, ou o fim dos fins. Os seguintes lugares de Vieira talvez possam servir de modelo neste caso. Falando ele dos apóstolos, que depois de não poucos esforços de seu Mestre foram elevados a tão alta dignidade, diz: "Como homens alfim levantados do pó da terra, ou das areias da praia..." (II, 24). Depois de enumerar os formosos dotes de Helena, diz: "Flor enfim da terra, e cada ano cortada

com o arado do tempo"... (XII, 5). E começando aquele famoso exórdio do sermão sobre o dia de juízo, diz: "Abrasado finalmente o mundo", etc. (III, I46). – Resta-nos dizer que o primeiro do grupo é hoje muito pouco usado: em vez de alfim, dizemos afinal. – A locução por fim equivale a "finalmente", "em conclusão". "Afinal chegou o nosso dia". "Depois de nos mostrar toda a casa, levou-nos por fim ao parque..."

237

ALGOZ, carrasco, verdugo, carnífice, sacrificador, executor. - Quanto aos três primeiros, diz Bruns. são: "denominações comuns ao executor da alta justiça nos países onde vigora a pena de morte". - Algoz é termo culto, próprio da poesia e do estilo elevado; carrasco é termo popular; verdugo é palavra castelhana que se introduziu na língua portuguesa. - Carrasco e verdugo designam o indivíduo que tem o ofício de executor; algoz é esse indivíduo, ou outro qualquer (que faça de algoz contra alguém; isto é, que o flagele e martirize como se quisesse tirar-lhe a vida). "Carlos I de Inglaterra foi executado por um algoz mascarado que se prontificou a substituir o carrasco que havia desaparecido". No sentido figurado, "algoz diz-se melhor de quem martiriza moralmente; carrasco e verdugo, dos que martirizam moral e fisicamente". -Carnífice diz - "homem sanguinário; que faz, ou que é capaz de fazer morticínios". -Sacrificador era o encarregado de sacrificar as vítimas entre quase todos os povos antigos; e aplica-se hoje com sentido análogo, para designar o indivíduo que imita contra alguém as funções do sacrifício, isto é, da execução religiosa, ou da tortura como cerimônia de culto, e que passou, por isso mesmo, a ser sacrílega. – Executor substitui a quase todos os outros do grupo; é simplesmente o que executa a sentença, subentendendo-se que é quase sempre a de morte.

238

ALGUNS, certos. – Alguns "refere-se limitadamente a pessoas ou coisas indeterminadas, que aquele que fala não conhece bem, ou que lhe não ocorrem, nem é preciso indicar. O segundo, posto que se refira igualmente a pessoas ou coisas indeterminadas, é menos vago, e dá a entender que são conhecidas e que se poderiam nomear se necessário fosse". (Roq.).

239

ALHEIO, de outrem, estranho. – "Entre alheio e de outrem – escreve Bruns. – há uma muito leve diferença, suficiente não obstante para que em muitos casos as duas expressões não possam empregar-se indistintamente. – Alheio indica apenas que o objeto não é nosso; de outrem não só indica que o objeto não é nosso, mas afirma que outrem é seu dono. Cobiçar o alheio é cobiçar o que não é nosso; cobiçar o que é de outrem é cobiçar o que pertence a determinado indivíduo. Entre alheio e estranho também se nota a seguinte diferença: o alheio não é nosso; o estranho não só não é nosso, senão que ignoramos se tem dono".

240

ALHURES, algures. – Segundo Bruns., estes dois advérbios "são atualmente pouco usados na linguagem culta; e o primeiro não só pouco usado, senão já quase desconhecido. Não obstante, são muito expressivos, e por certo merecedores de serem revividos". – Alhures (pronuncie-se alures) exclui o lugar em que estamos; – algures, sem determinar o lugar, não exclui nenhum; albures = "noutra parte"; algures = "em algum sítio".

241

ALI, lá, acolá, aí, além. – Ali diz propriamente – "naquele lugar", tanto à vista como no sítio de que se acaba de tratar. –

Lá significa – "naquele outro lugar"; isto é – no lugar que não é o em que me encontro eu presentemente e que está distante de mim, na parte oposta àquela em que estou. - Aí quer dizer - "nesse lugar"; isto é - no lugar em que se encontra a pessoa a quem nos dirigimos. - Acolá diz - "ali, naquele lugar que está à vista, mas que não é o que eu ocupo, nem o que está ocupando a pessoa com quem falo". - Além significa - "mais para diante, do outro lado de um lugar ou um acidente à vista, ou mesmo não visível".

242

ALIANÇA, liga, confederação, coalizão. - "Aliança é a união de vontades e forças para fins determinados. A aliança entre soberanos (ou entre Estados) forma-se por via de tratados; e as condições, com que é estabelecida, convertem-se em regras de direito público, que obrigam as nações que se aliaram". - Liga é uma semelhante união, porém menos duradoira, e não requer as formalidades com que se estipulam as alianças, nem produz resultados iguais. Aliança diz-se com respeito às pessoas e às coisas; porém *liga,* comumente, refere-se às pessoas. A palavra aliança toma-se indiferentemente, podendo ser boa ou má; pelo contrário a palavra *liga* toma-se quase sempre em mau sentido. - Confederação é "uma união, que, para realizar-se, supõe maior formalidade; e tem lugar mediante convenções particulares, entre reis, povos, corporações, etc." (D. José de Lacerda). - Coalizão - diz Bruns., – "é uma espécie de liga momentânea, e dela difere em que a liga se celebra geralmente entre Estados, ou entre partidos que não têm interesses opostos; enquanto que a coalizão se faz entre Estados, ou entre partidos que, em circunstâncias normais, têm interesses ou sustentam princípios diametralmente contrários. A coalizão visa a

um fim; conseguido este, cada Estado, ou cada partido volta ao seu anterior antagonismo, ou à anterior indiferença".

243

ALIANÇA, união, casamento, consórcio, matrimônio, núpcias, bodas, noivado. -Neste grupo, "a palavra aliança refere-se ao que da união é aparente e se relaciona com as convenções sociais. Assim dizemos que a diferença de religião, a desproporção das fortunas, etc., não impediram a aliança de duas famílias. Há homens que contraem alianças que não estão em relação com a nobreza da sua prosápia. – União é a palavra que mais se relaciona com as conveniências pessoais dos cônjuges. Duas pessoas de gostos diametralmente opostos formam uma união desgraçada. - Casamento é o vocábulo que exprime a associação do homem e da mulher, sem nenhuma outra ideia acessória". (Bruns.). – Matrimônio, segundo Roq., exprime o contrato, entre homem e mulher, pelo qual dá um ao outro poder sobre seu corpo. É termo genérico do direito das gentes, que se refere precisamente ao contrato, sem relação necessária às leis religiosas ou civis de cada nação. – **Núpcias** é palavra latina, nuptiæ, e refere-se propriamente às solenidades legais, ao rito e aparato com que costuma celebrar-se o matrimônio. -Bodas, do castelhano boda, significa o festim doméstico, o banquete nupcial, com que se soleniza esta festa de família. - Noivado é "expressão vulgar com que se designa a cerimônia religiosa do matrimônio católico, e também as bodas que a este se seguem".

244

ALICERCE, base, fundamento, embasamento; peanha, pedestal. - Alicerce (ou alicerces) é a "parte sólida, maciça de alvenaria, encravada no solo firme, e sobre a qual assentam os muros de uma constru-

ção". - Base é termo geral, significando "a parte inferior sobre a qual repousam os corpos"; e tratando-se de edifícios, poderia confundir-se com alicerce se este não sugerisse a ideia, que o caracteriza, de apoio firme; enquanto que base designa apenas "os pontos por onde começa o edifício a erguer-se do solo". - Fundamento (aqui, melhor no plural) é "toda a área de solo, compreendendo a estrutura subterrânea, sobre que assenta uma construção". Há uma palavra que parece mais técnica para designar o assento geral, o aparelho de solidez e segurança sobre que repousa um edifício: é o vocábulo embasamento. Entre este e fundamento há, no entanto, sensível diferença: embasamento não é mais do que tudo aquilo que acima do solo serve de suporte ao edifício: assenta, pois, o embasamento sobre os alicerces; como estes assentam sobre os fundamentos. - Sobre fundamento e base escreve Laf.: "Fundamento usa-se mais no plural, e tratando de um edifício, seus fundamentos são como suas raízes. Base emprega-se ordinariamente no singular e falando de um objeto pouco extenso, como um rochedo, ou uma coluna: sua base é seu pedestal, ou como seu pedestal". "O mago encerrou-me numa estátua colossal, cuja base assenta nos fundamentos do templo" (Volt.). O fundamento está oculto na terra; a base está acima da terra e se vê: cavam-se, lançam-se fundamentos; assenta-se uma base; a máquina de guerra dos antigos, chamada em francês tortue e que era móvel, tinha uma base (Roll.), mas não um fundamento ou fundamentos. Uma montanha é abalada até nos seus fundamentos; e sua base tem tanto de circunferência, é coberta de habitações ou de verdura. O fundamento é aquilo sobre que assenta a base. "Não basta que a virtude seja a base de vossa conduta, se não estabelecerdes essa base mesma sobre fundamentos inabaláveis". (J. J.)... Mas o que é decisivo na escolha entre estas duas pa-

lavras, de uso tão frequente no sentido figurado, é que "fundamento encerra a ideia de solidez, a qual não se inclui, pelo menos nem sempre, na palavra base". - "Peanha é palavra portuguesa formada de pé e anha, que alguns querem seja corrução de lignea, "de pau", e designa a peça de pedra ou de madeira, às vezes movediça, sobre que se põe estátua ou busto... - Pedestal (do francês piédestal, de pied, "pé", e do teutônico stall, "base, apoio", é termo de arquitetura, e indica um corpo sólido, ordinariamente de mármore, que sustém as colunas, as estátuas monumentais, etc.; consta de base, soco e cornija, e varia segundo as ordens de arquitetura".

245

ALICIAR, engodar, seduzir, subornar, peitar, corromper. – Aliciar é "trazer alguém para o nosso partido, fazendo-lhe promessas, falando-lhe às ambições". - Engodar é "atrair com presentes e mimos, boas palavras e artes". - Seduzir é "desviar do reto caminho, enganando com artifícios, iludindo a boa-fé, corrompendo com habilidades e finuras". - Subornar é "induzir de qualquer modo, com ofertas e pagas, a que falte alguém com o seu dever". - Peitar é "por meio de paga, "pôr alguém a nosso favor e levá-lo a fazer o que é do nosso interesse". - Corromper é, aqui, "por todos os meios ilícitos e desonestos, apoderar-se da vontade e da ação de alguém para fins criminosos ou indignos". O ato de corromper envilece tanto o corrompido como o que corrompe, na maioria dos casos, no entanto, muito mais o corrompido.

246

ALIENAR, vender, trocar, permutar, traficar, cambiar, escambiar. – Alienar exprime a ideia geral que os outros verbos deste grupo especializam: a ideia de desfazer-se alguém de alguma coisa, de cedê-la, passá-la a outrem. Se a cessão é feita mediante dinheiro, dizemos que se vendeu; se damos uma coisa por outra, dizemos que foi trocada, ou que se a permutou. Há, no entanto, alguma diferença entre **permutar** e **trocar**; o primeiro verbo sugere melhor a ideia de mutualidade entre os que fazem a transação. Quando os mercadores de um país vão a outro (ou vão entre bárbaros, por exemplo) levar artigos de comércio, e os trocam por outros desse país, não se pode dizer, só por isso, que os dois países permutam, ou que há permuta entre os dois países. Haverá troca, tráfico, não propriamente permuta. Para haver permuta seria preciso que do país onde se vendeu ou trocou fossem também mercadores ao outro país, e que se estabelecessem assim entre os dois mútuas relações de comércio. Fora do comércio, permutar significa – "trocar de posto, de emprego, de lugar". - Cambiar e escambiar (do mesmo tema cambio, "troca") distinguem-se assim: escambar, que é pouco usado, indica a operação de trocar, mas mediante dinheiro (vender); e cambiar é mais propriamente "trocar moeda de um por moeda de outro país".

247

ALIMENTAR, nutrir, sustentar, manter. - Alimentar, diz Roq., que "se refere à ideia da necessidade que de comer têm os seres viventes. - Nutrir explica esta mesma necessidade satisfeita em proveito do indivíduo pelos bons resultados da digestão. - Sustentar significa prover do necessário para a vida, dar o sustento, a comida diária. Alimenta-se o pobre com umas sopas. Nutre-se o rico de bons manjares. As pessoas caritativas sustentam muitas famílias necessitadas. No sentido figurado, dizemos que a lenha alimenta o fogo, a água as plantas. O literato alimenta-se lendo Horácio, e nutre-se com as verdades da filosofia. Os poderosos do século sustentaram com sua influência e conselhos muitos erros e heresias". – Manter diz propriamente – "conservar alguma coisa como está, no seu lugar, nas condições em que se encontra. Mantém-se a família; mantém--se a promessa, a atitude, a opinião...

248

ALIMPA, monda, poda. – A alimpa – diz Bruns. – é o ato de cortar os ramos desnecessários ou nocivos à existência da árvore, limpando ao mesmo tempo, os que ficam, da ferrugem e outros parasitas que os cobrem. - Monda se diz do ato de arrancar à mão, ou com sacho, as más ervas que crescem entre os cereais. - Poda é "o ato de cortar a rama supérflua que de ano para ano fica nos vegetais, principalmente na vinha."

249

ALISTAR, relacionar, arrolar, catalogar, inventariar. - Alistar distingue-se dos outros deste grupo em sugerir a ideia de inscrever com certa solenidade a pessoa que se alista. Tanto assim que se diz: alistou-se eleitor; alistou-se no partido (e não - relacionou--se; nem – arrolou-se). – Relacionar é "dar em relação com as informações precisas": ideia que se não encerra em arrolar, que diz apenas – "pôr em rol", sem mais ideia alguma acessória. Relacionam-se os objetos que vão para o depósito; relacionam-se fatos. Arrola-se a roupa; arrolam-se os instrumentos e armas indispensáveis para a viagem, etc. - Catalogar é "arrolar em certa ordem, e com explicações que facilitem a respeito das coisas catalogadas o que se deseja saber de cada uma. Catalogam-se livros, papéis, etc." -Inventariar, na acepção jurídica, é arrolar e descrever minuciosamente os bens de um espólio ou de uma execução; e, em geral, diz o mesmo que relacionar, mas sugerindo ideia da indagação e pesquisa que faz o que inventaria.

250

ALJAVA, alforje, carcás, mochila, bolsa, estojo, mala, saco, cesta, bruaca, picoá, peçuelo, guaiaca, alcofa, açafate, seira, seirão, balaio, cabaz, cesta, jacá. - Diz Bruns. que a primeira e a terceira palavras deste grupo - aljava e carcás - são sinônimos perfeitos e com qualquer delas se designa o estojo onde se metem as setas e que se traz pendente do ombro. Diferem apenas, acrescenta o mesmo autor, quanto à origem: aljava nos vem do árabe; carcás, do grego. - Alforje (usado comumente no plural) é, segundo definição de Aul., "um saco fechado em ambas as extremidades, e com a abertura no centro, de modo a formar como dois sacos ou compartimentos. Usa-se para trazer ao ombro, ou sobre as cavalgaduras, a fim de igualar o peso dos dois lados". - Mochila é "uma espécie de saco de sola para trazer roupa e outros artigos de uso que os soldados de infanteria e de caçadores em marcha põem às costas, seguro por meio de correias". -Bolsa é "um saco de qualquer estofo, ou mesmo de cabedal, e mais ou menos semelhante a uma bolsa para dinheiro". - Estojo é "uma caixa, de madeira, de coiro ou de pano, com divisões e escaninhos, para guardar coisas de uso, aparelhos de profissão, etc. Estojo de desenho; estojo de costura, etc." - Mala é "saco de coiro, lona, madeira, oleado ou pano, fechado ou não com cadeado ou chave, e em que se leva fato de jornada, papéis, e outros quaisquer objetos". - Saco é "peça de pano ou de coiro, dobrada, e ordinariamente de forma retangular, fechada por todos os lados menos por um (a boca) destinada a conter provisoriamente diversos objetos miúdos, a fim de resguardar ou de os transportar)". – Cesta é "vaso grande, descoberto (ou mesmo com tampa móvel), feito de varas entrançadas, e que serve para conter ou transportar roupa, etc." (Aul.). -Cesto é uma cesta mais grosseira. No Bra-

sil dizemos - cesta de costura, cesta de roupa suja (e não – cesto); – cesto de bananas, cesto de feijão (e não – cesta). – Bruaca (ou broaca) é termo nosso, usado entre os tropeiros e homens do campo. Assim o define o prof. Pereira Coruja: "espécie de saco de coiro, grande, que se conduz sobre cangalhas em viagem". Usa-se mais no plural, pois são sempre duas as bruacas, para que se equilibrem sobre o animal. Diferem, pois, de alforjes apenas em serem de coiro. - Peçuelo (ou melhor, peçuelos) é uma bruaca menor, que o próprio cavaleiro leva consigo à garupa. - Picoá, segundo o prof. Coruja, é "mala de algodão ou linho com abertura no meio: serve para conduzir roupa ou mantimentos em viagem. Também se costuma chamar sapicoá". É, pois, como se vê, um nome indígena mais equivalente a alforje. - Guaiaca é outro; e este poderia comparar-se a bolsa ou estojo se não fosse a particularidade de ser a guaiaca presa sempre à cintura. Diz o prof. Coruja que o dr. José Antonio do Valle, no seu romance Divina Pastora, em uma nota, assim define esta palavra: "Cinta de coiro lavrado, com bolsa para guardar dinheiro e mais misteres de um viajor". - Alcofa é, segundo Aul., cesto flexível de vime, esparto, ou folhas de palma, geralmente com asas. Dom. Vieir. acrescenta que é ordinariamente redondo, e serve para guardar ou conduzir pão, farinha, etc. - Açafate (ou çafate) = "pequeno cesto tecido de vimes delgados e descascados, de três ou quatro dedos de altura, sem arco ou asas, largo e leve, servindo para guardar objetos de costura, bordados, rendas e também flores, frutas, etc. (D. V.) -Balaio é "cesto grande, de palha, de taquara partida, de cascas de embira, de junco, etc." - Seira = cesto de palha, de junco ou de esparto, que serve para conter frutas, e diferentes objetos". Seirão = "seira grande, em forma de alforje, que se põe sobre as bestas de carga". - Cabaz = "cesto fundo, quase

sempre com asas; para condução de coisas miúdas". - Jacá = "cesto grande e grosseiro, feito de esparto ou de taquara".

251

ÁLGIDO, glacial, frio, frígido, gelado, regelado, gélido. – "Álgido é termo científico e poético; glacial é científico, poético e da linguagem vulgar. Além disso distinguem-se estes adjetivos por sua diferente significação. Álgido se diz do que comunica a sensação do gelo; glacial, do que está frequentemente gelado. Noutra acepção, qualifica-se de álgido ao que vive no que é glacial: as plantas e os animais álgidos vivem nas regiões glaciais". (Bruns.) - Frio significa propriamente "sem calor", "privado de calor", ou "que não é quente". Frígido (do mesmo latim que deu frio, frigidus) diz também "frio, onde há muito frio". É provavelmente esta última definição que caracteriza a diferença entre os dois. Dizemos: clima frio; zona frígida (zona fria, e clima frígido significariam outra coisa). - Gelado quer dizer propriamente – "reduzido à temperatura do gelo". - Regelado é redobramento do precedente e diz - "muito frio, ou mais frio do que o gelo." - Gélido é termo poético, empregado mais no sentido moral, e significando o mesmo que gelado; devendo notar-se que, melhor do que este (que designa apenas estado quase sempre), exprime qualidade ou modo de ser. Dizemos: o gélido cadáver (e não – gelado); a gélida indiferença (não – gelada); água gelada (e não – gélida).

ALMA, espírito, ânimo, eu, coração. – Segundo Roq., "alma, no entender de alguns etimologistas, vem de anima, termo latino que vem do grego anemos, "ar, sopro, alento"; outros, e talvez com mais razão, derivam a palavra alma do verbo latino alo... alere, "vivificar, nutrir". Seja qual for sua etimologia, representa esta palavra, em sua significação mais lata, o princípio, a causa oculta da vida, do sentimento, do movimento de todos os seres viventes". - Espírito é a palavra latina spiritus, de spiro... are, "respirar", e vale o mesmo que sopro ou hálito, ar que se respira. Espírito difere de alma, primeiro em encerrar a ideia de princípio subtil, invisível que não é essencial ao outro vocábulo; segundo, em denotar inteligência, faculdades intelectuais ativas que àquele só são acessórias. Os filósofos materialistas têm querido negar à alma humana a qualidade de espiritual, mas nenhum se lembrou ainda de dizer que o espírito era matéria. Alma desperta ideia de substância simples, que anima ou animou o corpo, sendo que espírito só indica substância imaterial, inteligente e livre, sem relação nenhuma com o corpo. Deus, os anjos, os demônios são espíritos, mas não são almas; as substâncias espirituais que animaram os corpos humanos, ainda depois de separadas deles, chamam-se almas; e assim dizemos: as almas do Purgatório; almas do outro mundo, a que os franceses chamam revenants. Vieira disse, falando do demônio: "É espírito: vê as almas". Os gregos designavam a alma pela palavra psyche, "que quer dizer respiração", "sopro"; e davam-lhe a mesma extensão que nós damos à palavra alma... Daí vem chamar-se psicologia à parte da filosofia que trata da alma. No sentido figurado, alma refere-se aos atos, aos sentimentos, aos afetos; espírito, ao pensamento, à inteligência. Diz-se que um homem tem a alma grande, nobre, briosa; e que tem o espírito penetrante, profundo, vasto. Falando do homem, alma e espírito nem sempre são sinônimos perfeitos; isto é, nem em todos os casos se podem empregar indiferentemente, senão em alguns; tal é aquele de Vieira em que, querendo encarecer o valor da alma sobre o corpo, diz: "Tudo isto que vemos (no

homem) com os próprios olhos é aquele espírito sublime, ardente, grande, imenso – a alma (II, 7I). – Ânimo é a mesma palavra latina animus, de anemos, grego, do mesmo modo que anima. Na sua significação primitiva vale o mesmo que alma, espírito; porém o uso tem preferido este vocábulo para designar a faculdade sensitiva e seus atos: representa, pois, quase sempre valor, esforço, ou intenção, vontade; e nisto se distingue de alma e espírito (se bem que nem sempre essencialmente). Segundo os afetos que o ânimo experimenta, pode ele ser baixo, abatido, humilde, vil, ou altivo, elevado, soberbo, nobre, esforçado: o que com propriedade (em muitos casos) não se poderia dizer de alma, e ainda menos de espírito". Como notamos entre parênteses, nem sempre é de rigor a distinção que faz Roq. Também dizemos: espírito baixo ou altivo; alma esforçada ou abatida, vil ou soberba. - Em linguagem filosófica, eu é a alma, é o conjunto das faculdades que formam a individualidade psicológica. Particularmente, quando se considera a alma como ser pensante, ou quando nela se vê apenas a faculdade intelectual, chamamo-la espírito. - Coração só pode ser tido como sinônimo de alma e de espírito: de alma, quando exprime, como esta, "órgão dos afetos"; de espírito, quando é tomado como sede da fortaleza moral, da coragem etc.

253

ALMANAQUE, calendário, folhinha, repertório, anuário, guia, indicador, vademeco, roteiro, manual, prontuário. — Diz Bruns. "que de todos estes vocábulos, só folhinha e repertório são genuinamente portugueses. — Almanaque, palavra árabe introduzida na língua espanhola, e que passou desta para todas as línguas europeias, designa um folheto ou livro (e às vezes livro bem alentado) em que, além do calendário do

ano, se indicam os eclipses, número áureo, epacta, ciclo solar, indicação romana, letra dominical, entrada e saída do sol em cada um dos signos do Zodíaco; e, segundo a índole das pessoas a que é destinado, é provido de vária leitura e indicações interessantes, ou de mero passatempo. - O calendário indica a ordem e série de todos os dias do ano, dispostos por meses; o princípio das estações; as fases da lua e as variações dos dias; designa também o santo ou a festa própria de cada dia do ano. Além do calendário folheto, há o calendário parietal, que se compõe de folhas sobrepostas que se vão retirando uma a uma cada dia. - Folhinha é o calendário adequado ao uso do povo; há também folhinhas eclesiásticas, para uso do clero. - Repertório é uma espécie de almanaque acomodado às necessidades da gente do campo. – A palavra anuário, moderna na nossa língua com esta acepção, é uma espécie de almanaque cuja utilidade é particular às casas de comércio, às repartições oficiais, e à burocracia em geral". - Guia, aqui, é folheto ou pequeno livro em que se encontram todas as indicações indispensáveis aos que se ocupam de algum serviço: guia dos viajantes, guia dos lavradores, etc. - Indicador será um guia mais particular: indicador das ruas, dos caminhos de ferro. - Vademeco (latim vade mecum) = "folheto com indicações ligeiras, fórmulas ou noções de uso frequente em algum oficio ou profissão". - Roteiro, no sentido restrito que tem neste grupo, é o indicador dos pontos por onde se tem de passar, ou do rumo que se há de seguir nalguma viagem. (Usa-se neste caso mais propriamente de itinerário.) - Manual é vademeco mais extenso; "livro pequeno, que contém em resumo aquilo que é indispensável em algum ofício, ciência ou arte". - Prontuário é o "manual onde se acha prontamente o que se quer sobre algum oficio ou profissão".

254

ALMEJAR, aspirar, desejar, ambicionar, apetecer, cobiçar, pretender. - Desejar é "ter vontade de conseguir ou de gozar alguma coisa: é querer com mais gosto". - Aspirar é "desejar com esforço e veemência". - Almejar é "desejar ardentemente, querer do fundo da alma, e com serenidade e confiança nos votos com que se espera pela coisa almejada". - Ambicionar é "desejar demais, imoderadamente". - Apetecer é "desejar alguma coisa como por necessidade de ceder a exigências da própria natureza". Não seria, por isso, próprio dizer que F. apetece riquezas, honras, poder. - Cobiçar é "desejar o que não nos pertence, ou o que está acima dos nossos méritos". - Pretender é "desejar coisas muito altas e de grande monta, e que excedem muito a nossa capacidade". – *Deseja-se* recobrar a saúde, vencer um embaraço, ou possuir alguma coisa que nos agrada. – Aspira-se um bom lugar na administração, ou um alto posto na política. - Almeja-se voltar à casa dos pais, ou fazer as pazes com o amigo. Ambiciona-se uma grande fortuna. – Apetece-se quanta fruta se vê nas mercearias. - Cobiça-se a bengala, o cavalo do Pedro. - Pretende-se um cargo de importância ou chegar a almirante quando se é simples marinheiro.

255

ALMO, nutriente, nutritivo, criador. -Almo (do latim alimus, de alo...ere) diz "fecundo, criador, que alimenta, que nutre, que faz crescer". – Entre nutriente e nutritivo há esta diferença: nutritivo (de formação vernácula) significa "de nutrição: que tem a propriedade de ser nutriente". Nutriente (do latim nutriens) quer dizer "que nutre". Dizemos: as qualidades, ou propriedades nutritivas de um produto vegetal (e não nutrientes); o leite é muito nutriente (e não nutritivo). É certo, no entanto, que andam quase sempre os dois aplicados indistintamente. - Criador é aquilo que é capaz de gerar, de produzir forças, de nutrir, etc.

256

ALOCUÇÃO, proclamação, arenga, discurso, fala, prática, arrazoamento, oração, sermão, homilia, panegírico, prédica, preleção, conferência, elogio. - A palavra arrazoamento, de todas as deste grupo, é a mais extensa. Como diz Roq. - "é o gênero a que pertencem como espécies todas as composições oratórias, que, segundo a contextura, os fins e as circunstâncias, tomam diferentes nomes, e têm entre si algumas diferenças. Tudo o que se diz de viva voz a um auditório mais ou menos numeroso, com o fim de o convencer e persuadir, ou de o excitar a alguma ação ou empresa, é um arrazoamento, por isso que se razoa e se empregam razões para conseguir o fim que se deseja". – Arenga é uma espécie de arrazoamento oratório, animado e vivo, que se dirige a um grande concurso para comovê-lo, e mui comumente para animar os soldados a empreender com denodo a batalha ou qualquer ação perigosa. Arenga-se também a corporações respeitáveis, a pessoas eminentes, em notáveis circunstâncias. A arenga dirige-se, pois, ao coração, como tendo por fim persuadir e mover. Arengas são as que os antigos generais faziam a suas tropas em vésperas de combate, as quais devem atribuir-se antes ao artificio retórico dos historiadores e poetas que à eloquência dos seus heróis. Em contrário sentido fazem os grandes conspiradores arengas ao povo, para excitá-lo à rebelião, como as que Salustio põe na boca de Catilina para animar e enfurecer a seus cúmplices. Os sábios e valorosos generais a acalmaram muitas vezes, em perigosas e decisivas circunstâncias, as sublevações de seus exércitos com eloquentes e veementes arengas. São arengas também os estudados e cerimoniosos discursos que, ao entrar um príncipe, um general, um conquistador numa cidade, lhe dirigem as câmaras, os governadores e demais autoridades, como devida homenagem que se lhes rende e jura. - Prática é exortação menos solene e menos veemente que arenga; e só se dá de superior para inferior. Às vezes corresponde às arengas dos antigos generais; tais são as que Jacinto Freire põe na boca de Coge Cofar e de d. João de Castro, onde diz, falando do primeiro: "Fez aos turcos uma breve prática...": e do segundo: "Acabada a prática..." - Fala é termo vulgar que vale o mesmo que prática no sentido em que aqui a tomamos; diz-se com muita frequência que o coronel fez uma fala a seus soldados, o general à sua tropa, o superior a seus súbditos. Esta palavra é mais bem recebida entre o vulgo do que arenga, que ele quase sempre toma no mau sentido de razões longas ou ininteligíveis, práticas impertinentes, etc. – Do substantivo os...oris, "boca", tiraram os latinos o verbo orare, que significa "falar, pedir, suplicar, rogar"; e daqui oratio, "oração", que em seu sentido reto é um arrazoamento ou alocução disposta com inteligência e arte, para persuadir, mover e interessar a uma pessoa, ou a um ser superior, a que nos ampare, favoreça, socorra, ou nos perdoe as faltas que havemos cometido. Usa-se mais comum e geralmente em sentido religioso; como as orações que fazemos a Deus e aos Santos; as da Igreja segundo o ritual. Dizemos oração dominical, mental, vocal, jaculatória, fúnebre. Chamaram os latinos orações aos discursos que compunham com o maior esmero, para importantes sucessos ou negócios públicos; como a paz ou a guerra, a formação e aprovação de leis; a defensa, perante o povo, de causas particulares em que ele devia decidir; assim chamavam, e chamamos ainda hoje, a estes arrazoamentos públicos orações; como as de Isócrates, de Eschines, de Demóstenes, de Cícero. Po-

rém, aos que fazem os oradores modernos se lhes dá geralmente o nome de discursos; tais são os de Pitt, de Fox, de Mirabeau, etc. De modo que àquilo que os antigos chamavam oratio, e que nós traduzimos pela palavra oração, agora lhe chamamos discursos no sentido oratório, entendendo por ele uma composição literária feita por qualquer de nossos oradores acerca de algum importante assunto, para chegar aos fins que nisso propôs: o que verifica por uma dedução de ideias, pensamentos, raciocínios coordenados entre si, animados e engrandecidos por quantos meios subministra a arte da eloquência. – Alocução é discurso breve, ou fala dirigida a alguém sem aparato oratório. Diz-se ordinariamente do que o Papa dirige aos cardeais em consistório, por ocasião de algum notável acontecimento que interessa a Igreja. – Proclamação é "uma fala ou arenga mais solene, escrita, dirigida a um povo ou a um exército por um príncipe, ou por um general, em grandes momentos, sobre questões de alta monta, e sempre destinada a nutrir esperança ou coragem na alma daqueles a quem se dirige". - Sermão é "uma prática religiosa, ou sacropolítica, e feita com certa solenidade, do alto do púlpito". - Homilia é "um sermão menos formal e solene; ou melhor, uma prática destinada a esclarecer algum ponto de doutrina ou alguma passagem das Escrituras". - Panegírico é a "oração em que se faz a apologia, o louvor de alguma grande vida". - Prédica é o mesmo que prática religiosa. Há, no entanto, uma diferença muito subtil entre estes dois vocábulos: "prática sugere intenção de instruir, de explanar"; enquanto que "prédica sugere mais a ideia de anunciar, proclamar, dizer muito alto", se bem que não exclua a noção de instruir. – Preleção é o mesmo que "discurso didático, ou prática em que se explica uma lição". - Conferência tem aqui a significação particular que lhe damos

hoje comumente: designa a "composição literária ou científica, em regra sem grande extensão, lida perante um auditório". -Elogio é quase panegírico; mas distingue--se deste em ser mais justo, mais legítimo como testemunho. Dizemos; elogio fúnebre, elogio histórico (e decerto ninguém diria panegírico histórico ou fúnebre, pois que panegírico diz propriamente "discurso festivo e laudatório".)

257

ALPENDRE, alpendrada, telheiro, pórtico, adro, átrio, vestíbulo. - Segundo Bruns.: "alpendre e alpendrada (ou alpendrado) têm por fundo o próprio edifício; o telheiro está contra o edifício ou isolado... Denominamos alpendre o adro coberto que há diante da porta de algumas ermidas e conventos; alpendrada o alpendre sobre que abrem as janelas de alguns chalets. Hoje alpendre diz-se quase exclusivamente daquela parte de um pátio que está coberta por telhado. Ao alpendre, como o entende Roquete²¹, dá-se o nome de anteportaria; e à alpendrada, inda que impropriamente, chama-se galeria". - Pórtico é "portal de grande edifício, como templo, palácio, e que compreende certo espaço coberto, cuja abóbada é quase sempre sustentada de colunas e que serve de entrada". - Adro (do latim atrium, que também nos dá átrio) é "o espaço que fica à frente do pórtico, e pode ser aberto, ou não": diz-se mais particularmente do que se vê à entrada dos templos de alta construção. – Aplica-se o vocábulo átrio ao "pátio que nos grandes edifícios leva da entrada até à escadaria." -Vestíbulo é "o espaço que vai da rua até à porta que dá no interior, em casas nobres, ou em geral, nos grandes edifícios".

258

ALTANERIA, altivez, sobranceria, orgulho, soberba, empáfia, impostura, fatuidade. - Altaneria é uma afetação de altivez, e consiste em parecer que se é altivo, forte, valente, rico, etc. - Sobranceria, pode dizerse, é a altaneria exagerada até a presunção, que mostra o sobranceiro, de estar acima de outros, de ter preeminência sobre outros. – Nas suas manifestações, a altaneria e a sobranceria podem facilmente confundir-se com orgulho, e sobretudo com soberba e empáfia. Orgulho difere de soberba em ser um sentimento que não é incompatível com a discrição, a magnanimidade, a nobreza de alma e outras grandes qualidades morais. Sendo o orgulho o alto conceito que temos de nós próprios, do nosso valor, da nossa família, é possível que se torne para o orgulhoso em forte estímulo na sociedade e na vida. A **soberba** não é só a manifestação do orgulho: é mais um falso orgulho, um orgulho afetado e estulto, um ridículo entono, arrogância e altaneria – do que propriamente orgulho. O orgulho pode ainda justificarse, portanto, fazer-se legítimo: a soberba, nunca. O orgulho pode ser nobre, ou mesmo ser indício de virtudes excelentes: a soberba é sempre fútil, e raramente deixará de revelar pequenez de espírito. Ninguém se vexaria de dizer que tem orgulho de algum bem magnífico, de alguma honra excepcional, ou de não ter vícios torpes. Quem dissesse que é soberbo, ou quem se mostrasse soberbo de alguma coisa – estaria julgado só por isso. – A **empáfia** é a soberba arrogante, que se mostra pelos gestos, pelos ares insolentes, pelo desprezo com que encara o resto dos homens. Empáfia tem ainda alguma coisa de ostentação e fanfarrice. - Altivez é antônimo de humildade. O sujeito altivo é aquele que está no mundo como quem está no que é seu; que vive entre os homens como entre iguais, não se tendo como inferior a

²¹ Na Alpendre, diz Roq.: "é um pórtico sustido em pilares diante da porta de algum edifício".

ninguém. A altivez é, na maioria dos casos, manifestação de legítimo orgulho. Não é altivo o indivíduo que afronta um velho, ou que se mostra arrogante com uma criança. Deixa de ser altivez todo movimento de alma que não se funda numa perfeita consciência do direito, do honesto, do sagrado. — Impostura, mais do que soberba talvez, é uma afetação de grandeza, de superioridade, de orgulho — que se confunde com bazófia. Impostor é o sujeito cheio de si, ostentoso, a fazer alarde de si mesmo, com muita empáfia. — Fatuidade é a soberba do imbecil... se é que alguma soberba exista que não seja tal...

259

ALTERNATIVA, disjuntiva, dilema. — "Alternativa é a opção entre duas coisas ou ações, ambas possíveis, e sem que se contradigam. — Disjuntiva é a opção entre duas coisas opostas, das quais uma há de ficar precisamente prejudicada. Posso ir ao Porto por mar ou por terra: é uma alternativa. Ou casar, ou fazer-se freira: é uma disjuntiva. — Dilema é a alternativa ou disjuntiva em que não há opção satisfatória". (Bruns.)

260

ALTITUDE, altura. – Pode-se dizer – altitude de uma montanha, de uma torre; altura de uma torre, ou de uma montanha. No primeiro caso, consideramos a elevação da torre ou da montanha sobre o nível do mar; no segundo caso, calculamos a dimensão da montanha ou da torre desde a base até o cimo.

261

ALTEZA, altura. — Altura, como já se viu no § precedente, é a elevação de um corpo, contada da sua parte inferior até à parte superior: só se aplica a coisas físicas. — Alteza só se emprega tratando-se de elevação moral ou social. De resto, não é uma distin-

ção absoluta. Nesta frase: "Os reis, quando tombam das suas *alturas*, sofrem mais que nós outros, os que não temos de onde cair" — a palavra *alturas* está aplicada também a elevação moral. **Alteza**, no entanto, em caso algum teria sentido físico.

262

ALTERAR, mudar, variar, modificar, reformar, transformar, renovar, remodelar, reorganizar, reconstruir, reconstituir, refazer, retificar, corrigir, emendar. - Alterar enuncia a ação geral que os outros verbos deste grupo particularizam: é dar – às partes, à forma, ao peso, à estrutura, à cor de um corpo ou de um todo e também às suas condições ou ao seu modo de ser ou de funcionar – uma nova disposição. – Se a alteração é total ou completa, usamos do verbo mudar, que significa alguma coisa como substituir. - Se se vai alterando pouco a pouco, chamamos a essa operação variar. - Se se muda de forma, ou se se fazem alterações num certo sentido – dizemos que isso é modificar. - Reformar é quase mudar, substituir, renovar; mas distingue-se de todos; e principalmente do último, diferença-se deste modo: a coisa que se reforma conserva ainda os seus fundamentos: mudará apenas o que nela não pode ou não convém ficar; a coisa que se renova toma um novo aspeto. - Transformar também se confunde com reformar aqui. A coisa que se transformou, porém, sofreu alterações maiores do que se tivesse sido apenas reformada. – Remodelar é "refazer alguma coisa sobre novos moldes ou modelos". – Reorganizar seria propriamente "dar organização nova àquilo que havia deixado de existir", mas é usado este verbo para designar o ato de "dar organização diferente mesmo àquilo que já existia ou que ainda existe". - Reconstruir, conforme indica o prefixo re, é "construir outra vez ou de novo". - Reconstituir é "dar a alguma

coisa uma nova estrutura, uma disposição íntima, essencial que pode ser ou não diferente da antiga, renovando-lhe apenas os elementos". - Refazer é um pouco menos que reconstituir em certos casos, e noutros poderia confundir-se muito com este; como, por exemplo, na frase: "Preciso de refazer (ou de reconstituir) as minhas forças". Mas aqui mesmo pode notar-se alguma diferença entre estes dois verbos. A ação de refazer não é tão essencial, profunda, completa como a de reconstituir. Um doente de anemia vai reconstituir-se na ilha da Madeira. Um sujeito que trabalhou o dia inteiro deve refazer-se das fadigas para a nova tarefa. – Retificar, corrigir e emendar confundem-se: todos enunciam a ação de pôr uma coisa nas condições em que se quer que fique. Mas, emenda-se o que está errado; corrige-se o que não está bem direito, ou bem expurgado de erros; retifica-se o que está torto, ou curvo, e também o que não está ainda bem puro.

263

ALUCINAR, ofuscar, confundir, cegar, deslumbrar, fascinar. - Sobre os três primeiros verbos deste grupo, lê-se em Bruns.: "Traduzimos da Coleção de sinônimos da língua espanhola, de que é autor d. José Joaquim de Mora, e que foi editada pela Real Academia da língua, o artigo correspondente a estes vocábulos: "As esperanças quiméricas, as ilusões do amor-próprio, as promessas enganadoras, alucinam. As razões sofísticas, as impressões veementes, tudo o que é indefinido, ofusca. As narrações complicadas, os raciocínios excessivamente subtis, as questões espinhosas, confundem. Aquele que funda as suas esperanças de acenso no sorriso ou no aperto de mãos do ministro - alucina-se. Aquele que sustenta uma causa injusta, por simpatia, ou por antipatia com as pessoas interessadas – ofusca-se. Quem pode ler, sem confundir-se, as obras dos filósofos alemães?

A imaginação é a faculdade que se alucina; a razão, a que se ofusca; o entendimento, a que se confunde". - Cegar é "perturbar a vista de qualquer modo; fazer que desvaire por falta de uma visão perfeita das coisas". -Deslumbrar é "turvar a vista por meio de luz muito forte"; e no sentido figurado é "alucinar, confundir o entendimento ou a razão, ofuscá-la por alguma coisa brilhante, magnífica". - Fascinar, do latim fascinare, significa propriamente "enfeitiçar, encantar, dar quebranto"; e no sentido figurado quer dizer - "enganar por meio de prestígios, falsas aparências, etc." (Roq.)

264

ALUCINADO, louco, perdido, cego, demente, doido, desvairado, delirante, insano, insensato, aturdido, atordoado, estonteado. – Alucinado é o que subitamente desvaira e se arrebata como louco por efeito de alucinação. Aqui, fica muito próximo de perdido; mas devendo notar-se que este é mais extenso e de significação menos precisa. Pode dizer-se que perdido encerra o valor dos dois vocábulos franceses (ou a eles, ou a um ou outro deles é capaz de corresponder) éperdu e égaré: tanto diz – "agitado, perturbado por uma emoção violenta" (éperdu) como – "fora de si, espantado como doido, alucinado" (égaré). - Louco é propriamente "o que perdeu a razão"; e no sentido figurado equivale a "perdido, alucinado, desvairado como se tivesse subitamente enlouquecido". - Cego só tem aqui sentido figurado e diz - "que perdeu ou tem perdida a visão da alma ou do entendimento, como o cego tem perdido a vista". – Demente é "o que está privado das faculdades de raciocinar, de entender, e que fica em estado como de estupidez ou imbecilidade". Nesta palavra demente figura a raiz grega man ou men, que sugere a ideia de "pensar", "sentir". Mente é, pois, "o

espírito, a faculdade, ou o conjunto das faculdades superiores do homem": demente exprime, portanto -, "privado do espírito, da inteligência". - Doido é quase o mesmo que louco: se se pode notar alguma diferença entre os dois vocábulos, é, segundo os lexicógrafos, a que consiste em ser talvez a doidice uma forma de loucura mais completa e permanente, e caracterizada pelos desvarios, os gestos ridículos e estabanamentos do doido. - Desvairado é "o que ficou em súbita exaltação que o põe agitado, aflito, sem tino". - Delirante é "o que está como perturbado momentaneamente das faculdades intelectuais, e assim privado de senso normal, incapaz de fazer juízo". - Insano diz propriamente - "o que está enfermo da razão": a insânia sugere também a ideia de loucura instantânea. - Insensato é "o que não tem senso comum, e por isso não pensa normalmente". – Aturdido = "subitamente perturbado, de surpresa ou de susto". Atordoado = "menos que aturdido, sentindo-se apenas em estado que não é de perfeita lucidez". - Estonteado = "perturbado como quem acorda repentinamente, sem tento no que faz".

265

ALUDIR, referir, indicar, expor, enunciar, mencionar. - Entre aludir e referir há uma diferença notável, não só de significação, mas ainda de função gramatical. Referir quer dizer - "indicar de modo claro e preciso a coisa sobre que se quer chamar a atenção de alguém". Aludir é "referir indiretamente, isto é -, sugerindo apenas, por figura, uma ideia da coisa, sem a declarar pelo nome. Quando alguém nos diz intencionalmente que - "certos tipos execrandos escandalizam a moral pública" - subentende-se que nós sabemos a que tipos se dirige a apóstrofe, ou a que indivíduos se endereça o ataque: e neste caso se diz

que ele aludiu a esses tipos. Neste exemplo vê-se melhor a distinção: "O homem aludiu aos bandidos, às suas tropelias e infâmias, mas nem sequer um fato teve a coragem de referir, nem declinou os nomes dos quadrilheiros". Sente-se que referir seria indicar expressa e claramente fatos, e que declinar seria dar os próprios nomes dos criminosos. Declinar é, pois, muito próximo de referir; e confunde-se ainda com articular, que é "referir por palavras adequadas e precisas que esclareçam o articulado". Sob o ponto de vista gramatical, há entre referir e aludir uma diferença que é frequentemente esquecida, mais por inadvertência talvez do que por ignorância. Refere-se uma coisa; alude-se a uma coisa. Dizemos, portanto - "a coisa referida"; e não podemos dizer - "a coisa aludida"; pois que o verbo aludir, não sendo transitivo, não pode dar particípio passivo. Dizer - "a coisa aludida" seria o mesmo que dizer – "a coisa, ou o ato procedido", ou - "o caso assistido"22. Em vez de "circunstância aludida", diremos corretamente: "circunstância a que se alude". - Indicar é "apontar precisamente alguma coisa, dizer onde se encontra, marcá-la ou mostrá-la". – Expor é "fazer uma relação minuciosa do que se quer tornar conhecido de outrem, ou por dever de oficio, ou com intuito de queixa, ou ainda por desejo de instruir alguém sobre a coisa que se expõe". – Enunciar é apenas "declarar por palavras, expressas pela voz, formular por termos próprios". - Mencionar é indicar claramente, pelo próprio nome, declinar, consignar positivamente".

22 🛰 Note-se que assistir tem diferentes acepções. "O enfermo foi assistido" – está direito (porque se quis dizer que o enfermo foi socorrido); mas - "a cerimônia foi assistida" é construção viciosa (porque, neste caso, assistir é verbo intransitivo e significa "estar presente a...") Não se assiste a cerimônia, mas à cerimônia.

266

ALUSIVO, referente, relativo, concernente, respetivo. – A mesma diferença, que se nota entre os verbos aludir e referir, há entre os dois primeiros adjetivos deste grupo: dizemos que uma coisa é referente a outra quando a ela se refere, isto é, quando a indica direta e claramente; e dizemos que é alusiva quando apenas sugere ideia dessa coisa, sem a nomear. - Relativo exprime - "que tem relação com...; que diz respeito a...; que se prende à coisa a que se refere". - Concernente exprime, de modo ainda mais preciso, a ideia contida em *referente* e *relativo*: diz – "que é próprio, que pertence, que se atribui à coisa a que se refere". - Respetivo diz - "que compete, que respeita ao próprio a que se refere, ou a cada um em particular ou em separado". – Exemplos: Discurso alusivo a uma questão, a um ato; palavras alusivas à má conduta de alguém, aos defeitos da criança, etc. Os termos referentes àquele fato são ásperos; e parece que todo o trabalho do ministro consistiu em dar toda amplitude à parte relativa a desfalques... Procuramos naquele livro das Escrituras tudo que é concernente ao adultério. Apresentaram-se os diversos clubes tendo envolto em crepe os respetivos estandartes.

267

ALUGAR, arrendar, alquilar, locar, sublocar. - Alugar e arrendar diferençam-se entre si – diz Bruns. – como aluguel e renda; isto é: aluga-se para um fim determinado, por curto tempo, e pelo preço que se combina pagar, ordinariamente de uma vez; *arrenda-se* por tempo mais longo e às vezes sem prazo certo, e por preço que constitui renda ou rendimento para o proprietário. Nas praias de banhos alugam-se casas aos banhistas, por dias, ou por meses; nas cidades arrendam-se ou alugam-se casas por semestre, e também se arrendam mediante contrato, e por alguns

anos. Aluga-se um trem: alugam-se móveis (não - arrendam-se). Uma companhia de cômicos aluga o teatro da povoação por onde passa; um empresário arrenda o teatro que quer explorar. - Alquilar, termo que já foi genérico, só se diz atualmente falando de cavalgaduras e carruagens; o uso vai mesmo postergando este vocábulo, e substituindo-o por alugar. - Locar = "alugar, dar de aluguel mediante contrato". Tanto podem locar os proprietários como os que estão no usufruto da coisa locada. - Sublocar = "alugar a outrem uma coisa que se tem tomado a alguém por aluguel".

268

ALUNO, discípulo, educando. – Aluno é o menino que frequenta alguma escola, quer como externo, quer como interno. - Discípulo é o menino que é entregue aos cuidados e esforços de um mestre ou professor, que o instrui e guia. Dizemos também que é discipulo de F. qualquer pessoa que recebeu lições de F. quer de ciência, quer de arte ou de moral. Aluno, portanto, é uma designação que se refere ao estabelecimento onde o menino aprende; e discípulo só se diz com relação ao mestre. "Entre os alunos do colégio tal, ou da aula de música, F. não tem nenhum discípulo". "Os meus discípulos são os melhores alunos do ginásio tal". - Educando é sinônimo bem próximo dos dois precedentes: e em muitos casos poderia substituir a um ou outro. Tanto posso dizer: os meus educandos (os meus discípulos, meninos cuja educação me está confiada); como: os educandos do instituto, ou do internato tal (os meninos que estão sendo educados nesse internato). Em outros muitos casos, no entanto, não seria possível a substituição; como, por exemplo, nestes: "Respeito muito os discípulos de Loyola ou de Comte" (não educandos por certo); "Os alunos da minha turma foram aprovados" (decerto que não ficaria bem aqui dizer - educandos).

269

ALVA, aurora, alvorada, madrugada, dilúculo, alvor (ou albor), crepúsculo. – "A luz que aparece no horizonte, e vai crescendo e matizando-se de luminosas cores até que o sol o doire com seus brilhantes raios, pode dividir-se pelo pensamento em dois tempos que formam o que vulgarmente chamamos madrugada. Começa o horizonte a fazer--se alvo com a aproximação do sol: eleva-se pouco a pouco esta alvura, espalha-se nas regiões etéreas, afugenta as trevas da noite, e com ela se patenteia de novo a formosura do universo. Esta luz suave, ainda não tinta de vivas cores, é a alva, que não cansa nossos olhos, antes lhes dá motivo para se recrearem vendo alvorecer o dia. Matiza-se insensivelmente no horizonte a alvura com a cor cerúlea, rósea, purpurina; entremeia-se o oiro vivo dos apolíneos raios, e em ondas de progressiva luz derrama-se no firmamento, até que o astro do dia mostre seu afogueado limbo: eis a aurora. A aurora, mais brilhante que a alva, e mais benigna que o sol, é – como disse Vieira – o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo". (Roq.) - Alvor (ou albor, como é muito usado também) é o primeiro sinal da alva; e alvorada – dir-se-ia – é uma extensão de alvor; e parece dar mais ideia de festa do que exprimir propriamente fase do alvorecer. – Dilúculo é termo poético designando o romper do dia, o crepúsculo da manhã. - Crepúsculo (de crepusculum, de creperus "duvidoso, incerto, contingente") (Sar.) é a meia-luz indecisa que precede ao nascer, e que continua alguns minutos depois do pôr do sol.

270

ALVO, fito, fim, escopo, mira, objeto, intento, intenção, propósito. – Alvo é "o ponto que se quer atingir ou onde se quer

acertar". - Fito é "o alvo sobre o qual temos toda a nossa atenção e esforço". – Fim é "o ponto a que se quer chegar, a que levamos o nosso intento, a que se destina o nosso trabalho". - Escopo é muito próximo de **alvo** e de **fim**, e também de **mira**. No grego skopós, que significa "ponto ou fim que se colima", figura a raiz skeh, que sugere ideia de observar, examinar: é portanto escopo "aquilo que se visa, que se tem por fim atingir". - Mira é mais propriamente "o ato de fitar o alvo". Ter em mira quer dizer "desejar, pretender, ter os olhos sobre..." – Objeto é "tudo que está fora de nós, que é estranho ao eu, e que no momento prende a nossa atenção". Pode ser físico ou moral. - Intenção e intento significam "o desígnio que nos leva a agir, o propósito que temos formado, a determinação em que estamos de fazer alguma coisa". Intento é propósito mais firme e seguro, resoluto, decisivo do que intenção, que é apenas o estado de espírito em que estamos, ou a disposição de alma em que nos deixa aquilo que temos desejo ou vontade de fazer. – Propósito é "resolução tomada, firme determinação".

271

ÂMAGO, imo, profundeza, recesso, interior, íntimo, centro, meio, seio, cerne, coração, medula, miolo. - Âmago é propriamente a medula, a parte que fica no centro dos vegetais; e no sentido figurado, é o íntimo das coisas, o mais profundo nos seres, quer morais quer físicos. Dizemos: âmago da alma, âmago da vida. - Imo é também o mais profundo das coisas; mas só se emprega no sentido moral. - Profundeza e recesso, aqui, distinguem-se assim: recesso, além de profundeza, sugere ideia de mistério, de recato, de intenção de ocultar. Aquela dor chegou às profundezas do meu coração; mas dos recessos desta alma não sairão jamais os meus gemidos. - Interior designa simplesmente a parte interna, central de alguma coisa. Interior do coração; interior do país, da floresta, do edifício, da cidade. – Íntimo quer dizer "profundo, recôndito, afastado dos olhos como um mistério". - Centro e meio, em certos casos poderiam ser usados indistintamente; mas convém nunca esquecer que há entre eles uma diferença tal que se não poderiam substituir em grande número de casos com propriedade. Centro é termo de geometria para designar, num círculo, o ponto que fica a igual distância de todos os pontos da circunferência; ou, numa esfera, o ponto que é equidistante de todas as partes da periferia. Meio, no entanto, aplica-se a tudo que não é lado, extremidade, beira etc. Dizemos: centro da mesa; centro da arena – desde que sejam circulares. Dizemos: meio do caminho; meio da floresta. Poderíamos dizer mesmo: meio da mesa. ainda que fosse redonda; mas neste caso não lhe indicaríamos precisamente o centro, senão ponto afastado da circunferência dela. Uma pessoa mete-se no *meio* da turba (e não no centro). O diâmetro passa pelo centro da circunferência (não - pelo meio). O centro da terra – é uma coisa: o meio da terra – é outra; ou pelo menos esta não é forma tão precisa como aquela. Em grande número de outros casos não seria possível usar um pelo outro. – Na linguagem vulgar, no entanto, não se reconhece, nem sempre, tão rigorosa distinção. - Em muitos casos poderia também confundir-se meio com seio. Mas este último sugere ideia de conchego, carinho, conforto; e além disso meio é mais extenso e genérico. Estou afinal no meio dos meus amigos (como poderia estar no meio de bandidos). Até que enfim restituiu-me a sorte ao seio de minha família. Em nenhuma dessas frases seria próprio substituir nenhum dos dois vocábulos. - Cerne é "a parte mais dura de muitos vegetais, porque os há que não chegam a ter cerne". - Medula é "o âmago, a substância mole que se encontra no centro das árvores, dos ossos" etc. - Miolo (corrução de medula) é "frequentemente empregada pela própria latina: pode definir-se, no entanto, esta palavra miolo como designando toda a parte do pão contida dentro da côdea, ou tratandose de certas frutas, o que fica por dentro da casca". - Coração só figuradamente é que entra neste grupo, para exprimir o núcleo, a parte onde está a força, a vida, o sentimento característico das coisas, quer abstratas quer concretas. Feriram a França no coração. Naquela terra está o coração da pátria. Também dizemos – o coração da noite – para exprimir a plenitude dela; - o coração da África indicando o meio dela, a parte central.

272

AMAINAR, afrouxar, enfraquecer, abater, abrandar, diminuir, sossegar, acalmar, serenar, suavizar, tranquilizar, atenuar. - Estes verbos têm de comum a ideia de "diminuir de intensidade". - Amainar emprega-se quando a coisa se caracteriza pela agitação, pelo furor, pelo estrondo, pelos estragos que causa. Amaina o temporal, a cólera divina, a discórdia. – Afrouxar aplica-se ao que está apertado, teso; enfraquecer ao que é ou está forte; abater ao que está elevado, altivo, crescido; abrandar ao que é duro, áspero, furente; sossegar ao que está inquieto, ou, por analogia, ao que parece irritado, em delírio; acalmar aplica--se ao que está em alto grau de intensidade. - Diminuir é o mais genérico do grupo: diz "reduzir a força, fazer baixar, descer, etc.". Afrouxam-se os grilhões, os laços que prendem alguma coisa, as cordas de um instrumento. Enfraquece o exército pelas deserções; enfraquece a mocidade vencida pelo vício. Abatem as desgraças aquele orgulho; abateu com as chuvas o rochedo. Abrandam-se dores, cóleras, castigos, selvagerias. Sossega o

enfermo, o desordeiro, o revoltado. Acalma-se a turba que bramava; o pranto, a dor, as aflições. Diminuem as águas da enxurrada; diminui o furor; diminui a tristeza; diminuem as forças; diminui-se o prazo, o comprimento, a extensão, o volume, o peso, o rigor, etc. – Serenar, como diz o próprio radical, é "fazer sereno", diminuindo a agitação, a força, a intensidade, tanto no sentido moral como no físico. – Suavizar = "tornar mais suave", isto é, menos forte, menos ríspido, menos violento. – Tranquilizar = "fazer mais tranquilo, menos impaciente, agitado e aflito." – Atenuar = "fazer menos forte".

273

AMANSAR, domar, domesticar. – Segundo Lacerda – "podem-se domesticar os animais bravios; isto é, podem-se reduzir a viver na mesma habitação com o homem, e como que a ser seus servos ou seus companheiros. Podem-se amansar os animais ferozes; isto é, podem-se tornar submissos e obedientes. Podem-se domar animais bravios, mas sem ficarem contudo tão obedientes que se possa dizer que os "amansamos", e menos ainda que os domesticamos.

274

AMANTE, concubina, barregã, amásia, amiga, manceba, comborça. — Sobre os primeiros cinco vocábulos deste grupo escreve Bruns.: — "Concubina é vocábulo que hoje apenas se emprega na linguagem da Igreja, ou ao falar de mulheres ou da antiguidade ou da Idade Média. — Amante é o termo que se considera mais decente na nossa época, e o único que pode, sem ofender demais (a não ser a ouvidos muito delicados) ser admitido em qualquer linguagem. Salomão tinha concubinas; Napoleão III teve muitas amantes. Há, no entanto, além da suplantação de um dos termos pelo outro, uma distinção social muito importante que con-

vém considerar entre eles. Concubina (do latim cum "com" e cubare "estar deitado") encerra a ideia de coabitação. A concubina é, por assim dizer, uma esposa ilegítima que vive na dependência e na sujeição: tendo estas ideias vindo até nós pela consideração dos usos e costumes dos países e das épocas em que o concubinato era legalmente tolerado, e admitido até pela esposa legítima, da qual a concubina era frequentemente uma como escrava. Amante, pelo contrário, é vocábulo que, se não enaltece a mulher, a torna pelo menos igual ao homem, sendo, como é comum para os designar a ambos com relação de reciprocidade, de sentimentos e de convívio. Por isso, nos países do Oriente, onde a mulher é considerada como inferior ao homem, estes têm concubinas; ao passo que no Ocidente, onde a mulher é geralmente considerada como igual ao homem, este tem amantes. Uma outra diferença importante entre os dois termos, é que a palavra amante não encerra a ideia de coabitação, podendo a amante viver ou não na casa do homem solteiro, ou do viúvo, mas não sendo frequente encontrá-la na casa do homem casado. Muito frequente é também que a amante de um homem seja casada ou viva com outro homem. – Barregã (do castelhano barragana) é termo insultuoso e depreciativo, que melhor que outro qualquer designa a mulher que só pelo interesse é concubina de algum homem asqueroso, ou que pelo seu caráter não devera ter amorios; assim dizemos - barregã de frade, ou cônego, melhor que - amante de frade, ou de cônego: - Amásia é termo vulgar, que, assim como amiga – termo mais escolhido – qualifica a mulher que vive das liberalidades do seu amante". – Manceba está hoje sendo inteiramente desusado como sinônimo perfeito de amásia. - Comborça, segundo define Aul., é qualificativo humilhante da concubina de homem casado.

275

AMARROTAR, marlotar, amarfanhar, machucar (ou amachucar), amassar, enrugar, arrugar, franzir, frisar, riçar (eriçar, erriçar), ratinar, encrespar, embrulhar, crispar, arrepiar, encaracolar, encarapinhar, encarquilhar. - Marlota, que é o radical de amarrotar (e que deu também o verbo português marlotar), é palavra árabe (mallôta) que designa "capote curto com capuz, justo ao corpo muito deselegante e só usado pelos pobres". - Amarrotar é, pois, "deformar, quebrar as linhas, reduzir ao aspeto rude da marlota". - Amarfanhar é "encrespar, eriçar, fazer hirto como a marrafa" (cabelos do topete lançados para a testa). Amarfanha--se o papel, a seda, quando se a embrulha e amassa entre os dedos; amarfanha-se uma roupa tirando-lhe o aspeto de lisura que lhe é próprio. - Machucar (ou amachucar) é amolgar, amassar, esmagar alguma coisa debaixo de outra, ou de encontro a outra. - Amassar é, aqui, tirar a forma própria de alguma coisa, achatando-a, reduzindo-a a massa informe. - Enrugar, arrugar, e franzir poderiam facilmente confundir-se; e quando muito deve notar-se entre eles esta diferença: enrugar enuncia ação lenta e mais completa que a de arrugar; sendo a de franzir momentânea. "Enruga a pele o tempo"; "de um dia para outro uma grande dor lhe arruga as faces"; "agitado de cólera, franziu a testa afrontando-nos"... – Encrespar é "fazer crespo", isto é, "não liso e correntio; áspero, rugoso, ondulado, anelado". - O mesmo radical deu-nos crispar, entre o qual e encrespar pode notar-se a distinção que consiste em ser o verbo crispar aplicável a fenômenos morais melhor do que o outro. Diremos: a alma lhe crispou de dor; sentiu o coração a crispar-lhe de angústia (e não -"encrespar"). - Frisar, neste grupo, significa "fazer felpudo, levantar o pelo" (frisa). – O mesmo quase diz riçar, que é "fazer em riço,

encrespar, encaracolar em forma de riço". Entre riçar e eriçar (ou erriçar) nota-se esta diferença: eriçar quer dizer "riçar momentaneamente, arrepiar, ouriçar". "Os cabelos se lhe erriçam de horror" (não - riçam). Aliás, esta distinção não é essencial. - Ratinar é, segundo Aul., "dar a aparência ou o feitio de ratina (aos panos)"; e por analogia, "frisar, tornar felpudo". – Arrepiar (de arre "para trás" e pio = pilus + ar) significa "ouriçar (os cabelos), levantá-los e deitá-los para trás, pô-los em sentido contrário ao em que estava ou que é o normal". – Encaracolar é "dar a forma de caracol, enrolar em espiral" (Aul.) – Encarapinhar é "fazer muito crespo, enovelado demais, emaranhado, cerrado como carapinha. – Embrulhar é "apertar, contrafazer, enrolar e comprimir como se faz com embrulhos". – Encarquilhar é "encolher formando rugas, vincos, pregas" (carquilhas). Velhice encarquilhada (cheia de rugas e mofina, quebrantada).

276

AMBIÇÃO, cobiça, avareza, avidez, cupidez, ganância, gana. – Dos dois primeiros vocábulos, só ambição – diz Bruns., pode ser tomado a boa parte; cobiça designa um sentimento vil. Ambição significa principalmente o desejo de alcançar poder, honras, dignidades; cobiça refere-se apenas à riqueza, ao dinheiro. Há ambiciosos que, longe de serem cobiçosos, gastam a mãos largas para obterem o que ambicionam". - Avareza é vício de alma que torna sórdido o avarento; e que consiste no amor desordenado aos bens materiais, na paixão pelo dinheiro, na ânsia e sofreguidão de acumular. - Avidez (conquanto da mesma origem latina avere) não se confunde com avareza, começando por ser um termo genérico para indicar todo desejo imoderado, toda ansiedade com que se quer alguma coisa ou se executa alguma função. – Cupidez é bem fácil de confundir com o precedente; mas de ordinário aplicase cupidez mais particularmente para designar desejo imoderado em questões de amor. – Ganância tem, pela força do uso, a significação de "desespero pelo ganho, sem escrúpulos e sem medida". – Gana é termo do espanhol que significa "apetite desregrado, vontade irreprimível, fome, voracidade, até raiva incontinente".

277

AMBÍGUO, anfibológico, impreciso, confuso, equívoco, duvidoso, dúbio, incerto, vário; ambiguidade, anfibologia, confusão, equívoco, dúvida, incerteza. - Ambiguidade, segundo Roq., "é palavra latina (ambiguitas, de ambigo, "rodear, andar à roda, duvidar") e consiste em apresentar a frase um sentido geral, que admite diferentes interpretações, de modo que custa descobrir ou adivinhar o pensamento do autor, sendo às vezes impossível consegui-lo. É, pois, a ambiguidade dúvida, confusão, incerteza na linguagem e nas ideias. – Anfibologia vem do grego amphibólia, composto da preposição amphi, que significa "ao pé, em roda, de dois lados", etc., e bollo, "lançar"; e ao qual se ajuntou depois logos "palavra, discurso". Ou vem então de amphibolos, que também é formado de amphi e bollo, e significa "ferido", ou "que fere de dois lados", e figuradamente "ambíguo, equívoco". Comete-se esta falta quando se constrói uma frase de modo que possa admitir duas diferentes interpretações. Refere-se antes ao giro da frase ou colocação das palavras que aos termos equívocos dela; ao contrário da ambiguidade, que se acha só nos termos. E assim se diz – uma palavra ambígua e – uma frase anfibológica. Deste gênero é a seguinte: "Heitor Aquiles chama a desafio". Aí nenhuma das palavras é ambígua nem equívoca, mas é anfibológico o sentido, porque, ainda que regularmente se ponha o sujeito antes do verbo, os poetas

invertem muitas vezes esta ordem; e daquela frase pode-se entender que Heitor provoca a Aquiles, ou este àquele. - Equívoco é palavra latina, aequivocos (de aequus, "igual", e vox, "voz"), e significa em geral multiplicidade de significações; mas regularmente tem dois sentidos – um natural e imediato, que é o que parece querer-se dar a entender; e outro, artificial, ou fingido, desviado ou apartado, que só compreende a pessoa que fala, e às vezes tão disfarçado que só o entendem os que penetram a alusão. Chamam-se equívocas as palavras que se podem entender em dois ou mais sentidos, ou porque elas mesmas têm várias significações distintas, ou porque se confundem com outras da língua que se pronunciam e escrevem do mesmo modo, posto que tenham um significado mui diverso. O mau gosto dos nossos seiscentistas introduziu o uso dos equívocos como um ornato oratório, jogando de vocábulos para divertir o auditório ou os leitores, ou para mostrar agudeza de engenho. Vieira, tão bom orador como era, pagou largo tributo a este depravado uso; e apesar de o ter como um defeito, não se emendava de cair nele, como ele mesmo confessa num sermão da Ressurreição (VI, 470), dizendo: "Quem tirou o véu ao amor, esse lhe descobriu a cara, porque o mostrou desvelado. Não me estranheis o equívoco, que em manhã tão alegre e tão festiva até os Evangelistas o usaram". "Este equívoco do padre Vieira precisa explicação. Sabem todos que a partícula des é um prefixo que corresponde ao latino dis, privativo ou disjuntivo, e se antepõe a muitos vocábulos para exprimir "separação, ação feita em contrário ou em sentido oposto a outra; v. g. desfazer, "desmanchar o que está feito"; desprezar "não prezar" etc. Mas o que nem todos sabem é que esta mesma partícula em alguns poucos vocábulos tem um valor mui diferente, pois indica "prolongação de ato, intensidade na ação, ou maior

perfeição"; v. g. descantar, e descante, que não significam "deixar de cantar" - o que seria "ficar calado" – mas sim "cantar muito e em harmonia ou concerto de instrumentos", e também o mesmo concerto. A esta espécie pertence o verbo desvelar, que é composto de des e velar, e não significa "deixar de velar" – o que seria "dormir", e no figurado "não cuidar" – mas sim "velar muito, ter muito cuidado, andar muito, solícito". Ora, é neste sentido que o padre Vieira tinha usado este verbo e o seu substantivo desvelo; mas de repente, emprega a palavra desvelado, não com a significação do verbo desvelar-se, mas com a de "privado de véu", fazendo a partícula des privativa, referindo-se ao verbo velar (velare) que significa "cobrir com véu", o qual, precedido da partícula des, desvelar, significaria "privar de véu, descobrir", como em francês o verbo dévoiler; desvelado, pelo contexto da sentença, significaria "sem véu", porque véu é contração de velo (de velum latino) – o que forma equívoco com a significação geralmente aceita de desvelado. A isto chamam com razão os franceses jouer sur les mots; e nós, com o mesmo Vieira, lhe chamamos jogar de vocábulos. A ambiguidade é parto de limitado talento, ou dos que se querem esconder na obscuridade, como sucede com os charlatães e impostores. A anfibologia provém da ignorância das regras gramaticais ou da intenção dobre de quem fala. O **equívoco** é "indigno de um homem franco e honrado, porque delata engano, e deve ser evitado pelo literato, pois este nunca deve jogar de vocábulos senão em obras jocosas". - Imprecisa será a linguagem que não for "clara, a forma que não for exata, fixa, perfeitamente determinada". - Confusa será a construção que "possa dar ensejo a enganos, que não for desembaraçada de termos ambíguos, e escorreita de relações maldistintas". - Linguagem duvidosa é aquela que não exprime pensamento certo,

ou que pode deixar margem a alternativas de interpretação, ou aquela que se não pode interpretar com segurança; pois a dúvida é o estado de vacilação em que a frase nos deixa o espírito à vista dos termos em que está concebida; sendo confusão quando a obscuridade é tal que nada nos deixe entender precisamente. - Dúbio é o que é incerto, vago, maldefinido; e dubiedade é o estado de hesitação e perplexidade em que ficamos quando não temos um fundamento seguro para o modo como se há de agir, ou para a resolução que se tem de tomar. Entre dúbio e duvidoso pode notar-se uma diferença muito subtil que consiste em sugerir duvidoso, melhor do que dúbio, a ideia de esperteza calculada, ou de fim ilícito com que se fez ou deixou duvidosa a forma, ou a coisa de que se trata. Linguagem duvidosa é "a que se usa de propósito para enganar; é a linguagem anfibológica destinada a induzir em erro, a ocultar o verdadeiro sentido". Linguagem dúbia, ou atitude dúbia é apenas "a que dá lugar a mais de uma interpretação, ou é a forma a que se pode atribuir mais de um sentido". Desconfia-se da forma duvidosa: procura-se fixar a linguagem dúbia. - Incerto é propriamente aquilo que não é determinado, que pode variar ou que varia constantemente. É mais próximo de dúbio que de duvidoso, se bem que em muitos casos se confunda com ambos. Dizemos: a dúbia, a duvidosa, a incerta fortuna. - Vário diz inconstante; que muda facilmente; que é indeciso, volúvel, caprichoso. A vária sorte; o vário modo de entender as coisas da fé...

278

ÂMBITO, área, recinto. - Âmbito sugere ideia de superfície, ou espaço de extensão determinada, ou limitada. – Área é a extensão de uma certa superfície, que se designa precisamente, ou dando da mesma uma ideia. – Recinto é mais próximo de âmbito, pois designa "o espaço compreendido entre dados limites. É assim que se diz indiferentemente: a área, ou o âmbito da praça, do circo, da explanada"; não se dirá, porém: "a voz ressoou por toda a área da sala", mas: "ressoou a voz por todo o âmbito da sala" ou "por todo o recinto".

279

AMBOS, os dois, um e outro. - Escreve sobre estas formas o provecto Bruns.: -"Ambos e um e outro distinguem-se em referir-se o primeiro ao conjunto dos dois; e um e outro a cada um distintamente. -Ambos também se diferença de dois (ou os dois) em referir-se este ao número, e aquele, como já se disse, ao conjunto. Esta noção se ilustra pelo seguinte trecho de Vieira: "O querer e o poder fazer bem são duas coisas totalmente diferentes, e que nem sempre existem unidas no mesmo sujeito; mas ambas se requerem essencialmente para o exercício da nobre virtude da beneficência". Temos ainda este exemplo: Aqueles dois moços, ou ambos aqueles moços foram heróis na campanha; e um e outro deixaram no país legítimo renome..."

280

AMBULANTE, errante, vagabundo, teatino, peregrino, nômade, perdido, vagante, passeante, vadio, tunante, airado, vaganau. – Segundo Bruns., ambulante diz-se de quem exerce um mister de terra em terra: músico ambulante; dentista, professor ambulante. – Errante, sem compreender a ideia de mister, aplica-se a quem anda de terra em terra, sem rumo fixo, e sem mais objeto que o de não estar parado: de todos é conhecida a lenda do Judeu errante. – Vagabundo acrescenta à ideia de errante a de ociosidade, vadiagem". – Teatino propriamente era o monge pertencente a uma Ordem religiosa, fundada nas primeiras décadas do século

XVI na Itália, e que tomou esse nome da circunstância de ser o seu fundador (Caraffa), arcebispo de Chieti, outrora Teate. Esses monges de Teate viviam a pregar de terra em terra, como se não tivessem destino e se se não deixassem dirigir de nenhuma autoridade. Daí a significação com que ficou esta palavra teatino na linguagem comum: designa o (homem ou animal) que anda vagando, que não se submete a autoridades, ou que não tem dono conhecido. - Peregrino também apresenta aqui uma significação especial, apenas análoga à própria (de romeiro): designa "o que viaja por terras estranhas, longe do próprio país". - Nômade (ou nômada) se aplica para designar o homem primitivo que não tinha morada, ou habitação fixa. - Perdido, aqui, quer dizer "que errou o caminho, desorientado" (equivalente ao égaré do francês). - Vagante é o mesmo que vagabundo, mas sem a ideia, que neste é necessária, de vadiagem: antes aproxima-se mais de passeante, que significa – "andar vagaroso, despreocupado, só por distração". - Vadio "é o que vaga por ociosidade; que não se ocupa de nada; que não tem domicílio certo." - Tunante é "o vadio de baixa classe, vagabundo, trocista e malandro". – Airado será "o vadio elegante; o que leva vida solta e alegre". - Vaganau = "que vive a vagar, à ventura, sem eira nem beira".

281

AMEAÇAR, intimidar, amedrontar, atemorizar, assustar. – Ameaçar é "dizer ou protestar que se fará algum mal, ou que se imporá algum castigo (se se trata, neste último caso, de superior para inferior). – Intimidar diz propriamente "causar temor"; e o mesmo significa atemorizar. Há entre os dois a diferença que consiste em sugerir o verbo intimidar a ideia de que a pessoa que intimida conta com a fraqueza de ânimo da

pessoa que é intimidada: o que não se dá com atemorizar. Não seria próprio, portanto, dizer que um herói se intimida; enquanto que sem desar para ele, bem se poderia admitir que um herói se atemorizasse do castigo divino. Também não se atemoriza a uma criança, nem um idiota, nem a criatura alguma incapaz de sentir o verdadeiro temor, que é um escrúpulo ou um forte movimento de consciência, um medo sagrado. - Amedrontar é que convizinha muito de perto com intimidar: quer dizer "impressionar algum ânimo fraco"; isto é, "tolhê-lo, ou induzi-lo a ceder a motivos imaginários". Deve notar-se uma certa diferença entre estes dois verbos: intimida-se a um menino ameaçando-o de cortar-lhe a mão se tocar no doce; amedronta-se o ladrão (que vai penetrar na casa) disparando para o ar o revólver. A trovoada amedronta até espíritos fortes (e ninguém diria – aqui *intimida*). – **Assustar**, aqui, é "produzir medo súbito e quase pavor com que se ameaça alguém".

282

AMENO, agradável, aprazível, delicioso, deleitoso, deleitável, grato. – O que é ameno – diz Bruns. – é agradável; nem tudo, porém, que é agradável é ameno. Tudo o que causa prazer é agradável; mas, para que aquilo que causa prazer seja ameno, é necessário que o gozo seja puro, suave, inocentemente deleitável. Entre agradável e grato nota-se esta distinção: o que é agradável dá prazer aos sentidos; o que é grato é relativo aos sentimentos. Agradáveis são as belas paisagens, a boa música, os perfumes; gratas são as provas de amizade, as demonstrações do reconhecimento, as recompensas ao mérito, etc. O agradável apraz; o grato sensibiliza". - Aprazível é aquilo "(tanto no mundo das coisas como na esfera moral) que nos encanta a vista, ou que nos excita na alma um sereno prazer – e cândida alegria." É aprazível um panorama; e nada mais aprazível no mundo do que ser útil ao nosso semelhante; ou a função mais aprazível é a do juiz que salva a inocência, a do artista que nobilita a sua arte. - Delicioso é mais do que aprazível. Só no uso comum é que se pode entender de delicioso como entende Lacerda; isto é - que propriamente deve aplicar-se só em relação às sensações. Muito longe disso – é no sentido moral que delicioso exprime o mais alto grau do prazer²³. Entre delicioso e deleitável – não é possível ver as diferenças que notaram Roquete e Lacerda entre delícia e deleite. Entendem esses autores (seguidos por muitos outros) que deleite indica o maior grau de delícia. Neste ponto ainda preferimos Bruns., segundo o qual - "delícia, não só exprime o prazer sentido, mas também, e sobretudo, encarece o mérito, valor ou qualidades do que lhe dá origem. A delícia consola os sentidos e o espírito. Deleite é o gozo dos sentidos". E tanto é assim que dizemos: delícias do Paraíso (não - deleites); deleite carnal (não – delícia carnal). – Sobre delicioso, deleitável, deleitoso escreve o mesmo seguro Bruns.: "O que é deleitável causa-nos deleite; o que é delicioso causa abundância de delícias. É deleitável o que nos dá prazer; é delicioso o que nos arrebata. Portanto, delicioso diz muito mais que deleitável. Querem os dicionaristas que deleitável e deleitoso designem a mesma ideia, e o mais recente de todos eles chega a preferir a forma deleitoso a deleitável. Ora, se atendermos a que a desinência oso designa "abundância", e avel, "qualidade", obteremos a verdadeira diferença que há entre os dois adjetivos". (E não completa infelizmente o autor a exposição do seu modo de ver.) Pode-se, no entanto, atendendo aos fundamentos que ele oferece, entender assim: que é deleitável o que

^{23 🛰} Já o poeta dissera, falando da saudade: – o delicioso pungir de acerbo espinho.

produz deleite; e é deleitoso o que está cheio de deleites. Dizemos: o deleitoso vale, ou campo, ou paragem (e não – deleitável). Dizemos: uma prosa deleitável, e não – deleitosa).

283

AMOLGAR, abolar, amossar, amassar, deformar, embotar, esmagar. - Amolgar significa "tirar a um objeto ou a alguma porção desse objeto a forma própria deprimindo, dobrando, ou esmagando". Usa-se também no sentido figurado para designar o ato ou o efeito de causar funda impressão no ânimo de alguém. - Abolar é reduzir a bolo, tirar a forma de... amassando. Aul. registra este exemplo do Dic. da Ac.: "Com tamanha pancada, que lhe abolou o elmo..." - Amassar diz propriamente "deformar reduzindo à massa, achatar, quebrar as arestas a..." Amassou o chapéu, a carteira, o livro. – Amossar é produzir mossa (marca de pressão violenta sobre corpo compressível). Usa-se também no sentido translato para exprimir o efeito de causar impressão forte (fazer mossa). – Deformar é "tirar a forma própria, seja como for". É o mais genérico do grupo. – Embotar é "fazer boto, rombo; tirar a acuidade ou agudeza", tanto no sentido figurado como no natural. - Esmagar é "espremer, comprimir violentamente, achatar, triturar". É usado igualmente no sentido moral.

284

AMONTOAR, acumular, ajuntar, reunir, arrumar, emaçar. — Todos estes verbos enunciam a ideia de reunir, de formar conjunto, de associar coisas em quantidade. — Amontoar é "reunir aos montes, formar montão, juntar sem ordem". — Acumular é sinônimo quase perfeito de amontoar: apenas acrescenta à significação deste uma ideia de continuidade e de reflexão: o que se acumula já sobra, já excede à medida normal. Por

isso dizemos – acumular empregos ou cargos; acumular fortuna ou riquezas; mas não dizemos – acumular o trigo no campo; acumular as pedras que vêm da montanha; nem - acumular as frutas que se estão colhendo, ou os peixes que se estão pescando: porque em todos estes casos não se subentende medida a encher. Aí deve usar-se o verbo amontoar, ajuntar, ou reunir. – Ajuntar e reunir são muito difíceis de distinguir-se: ajuntar é "pôr um ao lado, unido ao outro, ou uns a outros"; reunir é "tornar a unir"; portanto – é "unir outra vez o que já fora unido": e aí está no que consiste a diferença entre os dois. É por isso que dizemos: "aquele homem, com toda aquela atividade e economia, depressa ajuntará dinheiro ou fortuna"; e não diremos: "aquele homem reunirá..." Pode-se dizer indiferentemente: "reunir ou ajuntar as forças debandadas ou dispersas"; mas ninguém diria: ajuntei meus irmãos para combinarmos a resolução mais acertada"... (e sim – reuni meus irmãos...) – Arrumar é "propriamente pôr em rumas, arranjar um sobre outro". - Emaçar é "reunir, ou ajuntar em maço, isto é, formar de algumas ou muitas coisas um só volume". "Emaçamos os papéis, e arrumamos os maços no armário ou na estante".

285

AMOSTRA, mostra, prova, sinal, indício, demonstração. – Amostra é "o resumo, o pedaço, o fragmento de uma coisa, e com que se dá uma ideia, ou mesmo uma noção perfeita dessa coisa". Entre amostra e mostra parece que não há mais diferença que a de ser o segundo mais aplicável no sentido moral. Dizemos – amostra do pano (e não – mostra); deu mostra ou mostras de indiferença (e não – amostras). – Prova, neste grupo, é "de uma certa coisa uma parte ou porção com que experimentamos a qualidade dessa coisa". – Sinal é, segundo Lacerda, "o que dá

notícia de outra coisa com que tem relação, e talvez exprime ou representa. - Indício é o que indica, aponta, denota, denuncia, leva ao conhecimento de algum objeto. As palavras são sinais das ideias. As nuvens grossas são indícios de chuva". - Demonstração, aqui, é "uma prova mais completa, um sinal mais claro, manifestação mais decisiva".

286

AMPLIDÃO, amplitude, vastidão, grandeza, extensão, imensidade, imensidão, âmbito. – Amplidão e amplitude são duas formas vernáculas da mesma palavra latina amplitudo. Amplidão significa extensão sem ideia de quantidade precisa ou determinável; amplitude significa extensão maior ou menor. Esta é mais próxima de grandeza, de vastidão; aquela é mais vizinha de imensidade, de infinito. Dizemos: a amplitude de um campo; a amplidão do espaço. Dizemos ainda: tratar do assunto em toda a sua amplitude (e não - amplidão); amplidão infinita (e nunca amplitude infinita, a não ser por figura muito forçada). – Vastidão é a qualidade do que é vasto. – Grandeza é propriamente a qualidade de ser grande. É dos mais extensos entre os do grupo. - Extensão, fora da acepção própria que tem na tecnologia científica, é muito semelhante a amplitude e a grandeza: designa as proporções de uma superfície, de uma linha, de um certo espaço mesmo. – Entre **imensidade** e **imensidão** mal se poderia marcar uma diferença muito subtil, devendo logo notar-se que ambos têm aqui sentido figurado, ou melhor o sentido que por extensão se lhes dá comumente. Na maioria dos casos, imensidão sugere ideia de grande número, de quantidade extraordinária; enquanto que imensidade sugere ideia de ilimitado, de infinito. Dizemos: aqui estamos a enfrentar com a imensidade (e não – com a imensidão, salvo se a esta déssemos um completivo, dizendo - imensidão do

céu, do espaço, das estrelas). Imensidade é mais do que sinônimo perfeito, pois é equivalente de **infinito**; o mesmo não se dá com imensidão, que é mais - grande extensão, amplitude fora do comum. - Âmbito é o espaço compreendido dentro de certos limites. O vasto âmbito da sala, da praça, etc.

287

ANACORETA, eremita, solitário, cenobita, monge, asceta, religioso, fanático, frade. -Anacoreta, segundo Bruns., "aplica-se aos que se retiram do vaivém do mundo para sítio isolado, e aí vivem entregues à meditação religiosa. Figuradamente se diz de qualquer pessoa que vive retirada do trato social. - Eremita (ermitã ou ermitão) é o religioso que, em lugar isolado, cuida de uma ermida ou capela. – Solitário é termo genérico: diz-se indistintamente de quantos vivem em sítios apartados, longe do convívio do mundo. – Há mais austeridade na ideia sugerida pela palavra monge que na do vocábulo cenobita. O monge é como o desenganado que foge ao mundo e aos homens, para viver na contemplação e no estudo. O cenobita (do grego koinos, "comum", e bios, "vida") é o monge que não procura precisamente a solidão, mas sim a companhia de alguns homens da sua feição, para com eles viver em comum, e gozar a seu modo de um isolamento que não é absoluto. – É asceta qualquer pessoa que despreza o bulício do mundo e se entrega inteiramente a exercícios espirituais (sendo o ascetismo independente de qualquer ordem religiosa). Em todas as religiões há ascetas; mas, quando esta palavra se refere aos católicos romanos, é-lhe inerente a ideia de mortificação do corpo, de privações voluntárias, de vida retraída. Este vocábulo toma-se sempre à boa parte; pois, quando o asceta o é só na aparência e nas exterioridades, chama-se-lhe tartufo, hipócrita, etc. O

asceta, porém, o legítimo asceta é geralmente egoísta, pois pretende a bem-aventurança para si, e fecha os olhos às desgraças da terra que não remedeia para não se distrair da contemplação em que vive. - Religioso diz-se daquele que, seja qual for a sua crença, observa os preceitos que ela lhe impõe. - Fanático diz-se de quem é ultrarreligioso. Esta palavra toma-se a má parte; pois o fanático julga-se superior ao resto da humanidade, pensa ser inspirado pela divindade, quer que tudo e que todos se amoldem às suas imposições. Noutro sentido, religioso é sinônimo ainda mais próximo de monge e frade. Mas religioso é palavra de mais lata extensão, porque se aplica a todos quantos se dedicam à vida religiosa, quer ligando-se a ela por votos, quer por simples resolução. Entre monge e frade há a mesma diferença que entre mosteiro e convento: o monge é do mosteiro; o frade é do convento.

288

extrato, epítome, resumo, ANÁLISE, compêndio, sumário, argumento, súmula, suma, epílogo, resunta. – "Na série de ideias em que os primeiros sete vocábulos deste grupo são sinônimos, análise diz-se de trabalho literário ou científico em que é examinado outro de igual natureza; pode ter por objeto a crítica, ou tão somente o fim de expor o objeto, o plano e a sequência das ideias explanadas na obra de que se trata. - Extrato é a cópia literal de um ou vários trechos de uma obra. Noutro sentido, porém, se diz da obra literária que extrai abreviadamente a doutrina de outra. consubstanciando-a e resumindo-a. Nesta acepção, no entanto, o termo mais apropriado é epítome. – Resumo é o livro que, sem pretensões a substituir outro, reduz a sua doutrina, de modo que, ao lê-lo, se recorde o texto da obra principal. - Compêndio é a exposição abreviada dos princípios de uma

arte ou ciência. – Sumário é uma exposição das principais matérias contidas no texto. - Argumento é o mesmo que sumário; dizse, porém, mais frequentemente do sumário que precede a cada uma das divisões de um poema". – Suma é "o resumo que nos dá em substância a matéria de um trabalho". – Súmula é "uma pequena suma, um sumário em que se indiquem apenas os capítulos de um livro, ou os artigos de uma revista". -Epílogo é o "resumo que se faz no fim de um trabalho literário (discurso, drama, poema, etc.), recapitulando a matéria de que no entrecho se tratou desenvolvidamente". - Resunta, como termo escolástico, é a repetição abreviada dos argumentos, pró ou contra, feita pelo que defende alguma tese. Em sentido lato, é o mesmo que resumo.

289

ANARQUIA, desordem, desgoverno, desconcerto, desregramento, discórdia, cizânia, caos, confusão, balbúrdia. – Anarquia e desordem são palavras que, no uso comum, se têm como sinônimos perfeitos. Num sentido menos vulgar, no entanto, são precisamente distintas. - Desordem é "falta de ordem normal"; anarquia é "ausência de governo, de poder público". Em acepção mais alta, como termo filosófico – anarquia será o vocábulo com que se há de designar "o regime social independente de autoridade política, ou a direção da sociedade humana só pelas leis morais". - Desgoverno, muito longe de ser "falta de governo", é desregramento de autoridade, mau governo, destempero na administração da coisa pública. Em política, propriamente só os que exercem o governo é que podem praticar desgovernos. - Desconcerto é ausência de acordo moral – e a desordem que revela esse desacordo. – **Desregramento** é "desvio das normas, infração dos princípios morais, dos costumes próprios de uma sociedade,

de uma instituição, de uma família". - Discórdia é "desconcerto profundo e violento, devido à irrupção de paixões, criando transtornos, hostilidades, veementes furores". Não se compreende discórdia sem agitação, sem desvarios e estrondos. – Cizânia é mais – "falta de harmonia, de concerto moral, de boa paz" do que propriamente discórdia: e distingue-se desta ainda em sugerir a ideia de que foi um terceiro que a lançou ou acendeu. – Confusão é "a desordem que chegou ao seu mais alto grau; o transtorno geral em que ninguém mais se entende, tornando-se difícil restabelecer-se a paz. - Caos é o estado que se compara ao da matéria amorfa, antes da criação da vida, da organização de seres animados: é o extremo da confusão, para o qual parece que não há mais corretivo. - Balbúrdia é grande desordem, como se tudo estivesse em turbilhões.

290

ANATEMATIZAR, excomungar, amaldiçoar, anátema, excomunhão, maldição. -Anatematizar e excomungar exprimem de comum a ação de excluir, expulsar, banir do grêmio da Igreja (e no sentido geral, de qualquer grêmio). Mas entre anátema e excomunhão nota Bruns. a seguinte diferença: "o anátema dimana, como a excomunhão, dos poderes eclesiásticos...; mas aquele é fulminado contra os que da Igreja se emanciparam: o seu fim imediato é o de incitar ao ódio e à perseguição, às injúrias e ao desprezo contra aquele que a Igreja anatematizou. A **excomunhão** é a sentença ou decisão da autoridade eclesiástica pela qual se exclui do grêmio da Igreja aquele que, pertencendo a ela, lhe não é obediente". - Maldição exprime ideia mais genérica do que anátema; pois este é a maldição formal imposta pela Igreja; enquanto que maldição é um como anátema lançado por alguma alta autoridade moral, por alguém que se sente abalado de grandes amarguras, de funda consternação, de sagrados ressentimentos. O monge partiu amaldiçoando a cidade... Aquele filho que os pais amaldiçoaram... O profeta que amaldiçoou os meninos perdidos...

291

ANATOMIA, dissecção, autópsia. - Anatomia é, neste grupo, a arte de dissecar; e a dissecção consiste em dividir, separar em partes um órgão, ou todo um organismo, para examinar-lhe a estrutura. - Autópsia significa propriamente "vista de si mesmo", e num sentido mais alto e abstruso, "visão da alma", ou "visão interior". Como termo de Medicina, é o "exame minucioso, o estudo de todas as partes de um órgão ou de todo um cadáver, feito diretamente pelo médico".

292

ANCIÃO, velho. – Destes dois vocábulos diz S. Luiz. – Velho exprime simplesmente "o homem que tem chegado à idade da velhice". - Ancião ajunta à ideia de velho a de autoridade: é o velho respeitável e digno de veneração pela sua sabedoria e probidade".

293

ANSIEDADE, ânsia. - Confundem-se ordinariamente estes dois vocábulos. Nestes termos a eles se refere Bruns.: "Ansiedade difere de ânsia como incerteza difere de receio. Há ansiedade quando o espírito está inquieto esperando que um sucesso feliz acabe de realizar-se, ou quando labuta na incerteza de se qualquer sucesso, bom ou mau, se realizará ou não. Há ânsia quando se receia que um mal suceda". E dá estes entre outros exemplos. "Um prisioneiro espera com ansiedade o dia em que se há de ver livre"; "Deve ser horrível a ânsia com que o réu espera a sentença do júri"... "Vive em ânsias (ou na ansiedade) aquele que receia a cada momento

que lhe descubram o desfalque..." – Parece que não se distingue bem a diferença, que é realmente muito subtil. Devemos acrescentar, no entanto, que **ansiedade** sugere mais ideia de impaciência aflitiva, incerteza dolorosa – do que **ânsia**, que é angústia, aperto do coração, mais talvez sofrimento físico do que moral. Não dizemos – a *ânsia*, mas – a *ansiedade* de quem espera; como não dizemos – a *ansiedade*, mas – a *ânsia*, ou as *ânsias* da morte.

294

ANDAÇO, contágio, epidemia, endemia, peste. - Segundo Roq., o contágio (de cum e tago, antiq., por tango "tocar") é uma enfermidade que se comunica pelo contato, ou seja imediato, ou pelas roupas, móveis, qualquer corpo infestado; ou enfim, por meio do ar, que pode levar consigo certos miasmas morbíficos, etc. Tais são a sarna, a lepra, os males venéreos, etc. - Chamase epidemia, ou enfermidades epidêmicas (do grego epi, "em, sobre", e demós, "povo") as que provêm da infecção do ar, estendendose a províncias e reinos inteiros, correndo às vezes toda a extensão do globo. Tais são certos catarros, a peste de Levante, a febre amarela, o cólera-morbo, etc. – Endemia é "mal próprio de um país, ou de certos climas, e devido a causas puramente locais". - Andaço é palavra vulgar que indica epidemia menor, doença que grassa pela terra, por várias regiões, em certos tempos ou estações do ano". Acrescenta Bruns. a esta lista a palavra peste, "que se diz das graves epidemias que semeiam a morte em províncias e nações, comunicando-se de umas a outras".

295

ANDAR, caminhar, ir, marchar, seguir, passar, transitar. – Andar é mover-se dando passos para diante, sem relação a pontos determinados. – Ir é andar, ou mover-se

de um lugar para outro, de qualquer modo que se faça este trânsito: e tem relação a um ponto determinado a que a pessoa ou coisa se dirige. — Caminhar é fazer caminho, ir de viagem de um lugar para outro. — Marchar é "andar ou caminhar compassadamente: dizse especialmente da tropa de guerra quando vai com ordem de marcha". — Seguir é propriamente "continuar a viagem começada, marchando ou caminhando para diante". — Passar é "dirigir-se para algum ponto atravessando um caminho ou uma certa zona, distrito ou paragem". — Transitar exprime a ideia geral de "passar além, fazer caminho, viajar".

296

ANDRAJOS, trapos, farrapos, molambos. – São palavras que quase sempre se empregam indiferentemente para designar as roupas velhas, sujas ou rotas de que se cobrem os mendigos. A primeira distinguese, no entanto, das outras pela ideia que sugere de grande miséria dolorosa e como que sagrada. Por excesso de modéstia, ou então por orgulho gracioso, poderia uma pessoa elegante, vestida com certo apuro, referir-se, ou fazer alusão aos seus farrapos, aos seus trapos: não seria próprio, entretanto, que usasse andrajos. "Aqueles farrapos da antiga opulência..." – diríamos referindo-nos à pobreza, ou mesmo à mediania a que tivesse descido um homem rico; e nunca decerto se empregaria no caso o vocábulo andrajos. – Molambos é brasileirismo significando – trapos, roupas muito rotas e sujas.

297

ANEXAR, anexação, anexado, anexo; incorporar, incorporação, incorporado. — Estas palavras têm de comum a ideia, que sugerem, de associação de uma a outra coisa. A coisa anexa, ou que foi anexada a outra, fica fazendo parte desta conquanto

conserve o seu modo de ser ou o seu caráter individual. Uma repartição que se anexou a outra fica apenas sob a mesma direção sob que esta se acha; um Estado, ou um país qualquer que se anexa a outro continua a ser o que era anteriormente, apenas adstrito à soberania do país a que foi anexado. O Texas foi anexado à União norte-americana; isto é, destacando-se do México, ficou sob o pacto federal daquela outra república sem perder o predicamento de Estado. - Incorporar designa uma ação ou efeito mais completo que o da simples anexação. Um Estado que se incorpora a outro passa a fazer com este como um só corpo, perdendo o seu caráter individual. Neste exemplo marca-se bem a distinção entre os dois verbos: "A Alsácia--Lorena foi anexada à Alemanha em 1871; e desde essa época, o pensamento constante da política alemã tem consistido em fazer tudo por incorporar definitivamente aquelas províncias ao império". Uma força militar que se incorpora num exército perde inteiramente a sua forma ou condição antiga, e passa a formar com esse exército um só todo, sob o comando do mesmo chefe.

298

ANEXO, dependente, unido. - Sobre os dois primeiros, escreve Bruns.: "Estes dois adjetivos exprimem ideias diferentes (isto é, uma ideia comum fundamental diferenciada por ideias acessórias): o que está anexo forma, com aquilo a que foi anexado, um todo em que nenhuma das partes fica dependente nem nenhuma dominante. Dependente diz--se do que, formando corpo à parte, recebe domínio alheio. Quando duas freguesias se anexam, nenhuma delas fica imperando sobre a outra: eram duas, formam uma. Essas freguesias, porém, ficam dependentes da mesma diocese. - Anexo diz-se, pois, do que forma parte de um todo; dependente, daquilo que recebe domínio alheio ou lhe pertence, ainda que per se constitua um todo à parte". - Unido, melhor ainda que anexo, designa o que se associou a outro sem perder coisa alguma das suas condições próprias. Isto se entende principalmente em matéria política. Entre diversas províncias unidas não há nenhuma a que se atribua hegemonia ou preeminência.

299

ANGARIAR, aliciar, recrutar. - Angaria--se "fazendo acordo, tratando com boas maneiras a pessoa ou pessoas que se quer atrair ao nosso partido ou ao nosso serviço". - Alicia-se "enganando, desencaminhando, seduzindo com muitas promessas e vantagens". - Recruta-se com autoridade, quase sempre à força. Angariamos adeptos para a nossa causa, operários para as nossas oficinas; angariamos amizades que nos sejam úteis na desgraça. Alicia-se gente para a revolta; e há quem alicie inocências para a miséria dos bordéis. Recrutam-se praças para um batalhão; recrutam-se os conscritos refratários. Mesmo quando se diz que se recrutam partidários para uma causa, dá-se ideia do esforço e trabalho com que se angariam esses partidários.

300

ANGU, pirão, mingau, mexido, revirado, papa, escaldado. - A maior parte destas palavras são quaiseirismos comuns, entre os brasil nem sempre se nota diferença essencial e precisa. – Angu e pirão, por exemplo, aplicam-se indiferentemente à farinha de mandioca escaldada em água. Quando muito, admite-se que o angu é mais condimentado; sendo o pirão apenas a farinha fervida ou aferventada em água ou em caldo de peixe. - Mexido e revirado são massas de farinha com peixe ou carne, tudo muito misturado e revolvido. – Escaldado é o mesmo que pirão, angu ou mingau, sendo apenas mais

extenso do que estes. Tanto dizemos — escaldado de farinha (esta fervida em caldo de carne ou de peixe) como — escaldado de ovos, de frutas, etc. — Mingau é um angu especial, feito de farinha (de mandioca, de trigo, ou de arroz, de milho, de sagu, etc.) com ovos, leite, açúcar, etc. — Papa significa "massa em geral"; isto é, qualquer substância pouco consistente; e particularmente designa comida grosseira, malpreparada.

301

ANELO, desejo, aspiração, anseio, vontade. – De todos os vocábulos deste grupo, é vontade, vulgarmente, o menos expressivo e forte; pois apenas significa a disposição favorável de agir em qualquer circunstância. – Desejo é vontade mais viva. – Anelo é desejo mais intenso e solícito; como anseio é anelo mais ardente e fervoroso. -Aspiração é desejo mais grave, que se tem como fazendo votos e procurando vê-los realizados na vida. - Tem-se vontade de sair cedo de casa (sem fazer disso grande questão); tem-se desejo de possuir algum bem que nos agrada ou nos encanta; sente-se anelo (ou anelos) do Céu, ou de coisas excelentes, muito altas ou muito difíceis; tem--se anseio (ou anseios) por alguma coisa que nos apaixona; alimentam-se grandes aspirações que raramente se realizam.

302

ANOITECER, enoitecer. — Distingue Bruns. muito bem estes dois verbos. — "Anoitecer é o fenômeno que observamos cada dia entre o pôr do sol e o cerrar da noite. — Enoitecer é o fenômeno anormal que se pode observar a qualquer hora do dia quando o tempo se escurece por uma causa qualquer. O eclipse enoiteceu a face da Terra (não anoiteceu)". Para minha alma enoiteceu no dia em que vi morta minha filha. Quando chegávamos à fazenda, anoitecia.

303

ANÔMALO, anomalia; anormal, anormalidade; excepcional, excepcionalidade; desordenado; irregular, irregularidade; disforme, deforme, disformidade, deformidade; monstruoso, monstruosidade; excêntrico, excentricidade. - É anômalo o que se afasta do usual, da ordem estabelecida, da regra comum. É uma anomalia moral um sujeito malvado professando uma religião de paz. É anômalo "um mal desconhecido, ou um sintoma aberrante em certo morbo". É anomalia de linguagem toda forma admitida pelo uso, mas que se afasta da gramática pela construção viciosa ou absurda, mesmo que seja isso apenas aparentemente. - Anormal é "o que infringe a regra dominante, as normas aceitas, as leis conhecidas; que não se opera segundo as condições normais, ou que se não acha no estado ordinário". Aquela calma em F. é anormal (isto é, não está no seu temperamento, e só excepcionalmente é que ele se mostra calmo). A estação tem sido muito anormal (fora do que comumente se observa). -Anormalidade é ato anormal, qualidade do anormal. – Excepcional é o que não se conforma com a regra geral. Difere muito de anormal; pois este não se adstringe a regra nenhuma, fica fora das leis; enquanto que a excepcionalidade consiste apenas em "não entrar a coisa excepcional na regra instituída, numa certa regra que rege o maior número das coisas ou fenômenos de que se trata". – Desordenado é "o que sai da ordem vigente; que não se põe de acordo com a ordem conhecida e aceita". - Irregularidade é a qualidade do que é contrário à boa ordem, do que infringe a regra instituída. – Irregular distingue-se de anormal em sugerir mais claro a ideia de infração culposa: ideia que não é essencial no outro. As irregularidades de uma vida licenciosa nem sempre se poderá dizer que sejam anormais. As anormalidades

de gosto, de afeições, de tendências, etc., numa criatura nem sempre serão irregulares (isto é, nem sempre serão contrárias à moral, à justiça, etc.). - Disforme e deforme poderiam confundir-se se se disfarçasse o valor preciso dos respetivos prefixos. Mas disforme quer dizer "fora da forma usual; que excede, que exagera a forma própria comum"; deforme significa "defetivo, sem a forma própria do gênero; e envolve ideia de vício, de anomalia na conformação (deformidade)". – Deforme confundir-se-ia com monstruoso se este não sugerisse a ideia, que lhe é essencial, de irregularidade repugnante à moral, à justiça, à inteligência comum. – Excêntrico é propriamente o que sai do núcleo, da direção, do centro que lhe é próprio; e só figuradamente é que se emprega excentricidade para significar "o que tem um indivíduo, uma coisa, um fenômeno, de original, afastando-se do que se nota em todos ou no comum dos indivíduos, coisas ou fenômenos do mesmo gênero".

304

ANOSO, velho, idoso, secular, antigo. – Anoso dizemos melhor tratando de coisas ou de fenômenos. O anoso carvalho; anosa existência (carvalho, existência que conta grande número de anos). – Velho é "aquilo que está gasto, estragado pelo tempo". - Idoso equivale a "anoso, e aplica-se de preferência ao homem". - Secular é propriamente "o que conta séculos de existência, ou cuja vida ou duração é tão extensa como um século". – Antigo é "o que é tão velho ou tem tanta idade que já se acha fora de uso".

305

ANOTAR, anotações, notas; comentar, comentário, comento; interpretar, interpretação; explicar, explicação; explanar, explanação; apostilar, apostilas; cotas, observações, glosas. - Segundo Roq., "as anotações e as notas se empregam para aclarar e ilustrar (anotar) alguns lugares de uma obra; mas rigorosamente falando, as notas são curtas, e só dizem o que é precisamente necessário para aclarar e ilustrar a obra. Também se chamam notas os reparos e tachas que se põem a alguns escritos. Mais extensão admitem as anotações, que vêm a ser como breves comentários das obras, as quais, em linguagem exata, são extensas e eruditas explicações de um texto". (Comento vale mais por nota e fica em relação a comentário como nota em relação a anotações.) - Assim como o fim das anotações é explicar com clareza e exatidão as frases e palavras, fixando seu verdadeiro sentido, conhecido só de alguns eruditos, ou um sentido oculto ou obscuro que se aclara com autoridades e raciocínios; assim a interpretação, por sua parte, supõe ambiguidade, e procura achar o verdadeiro sentido do texto que se interpreta. É assim que a anotação instrui, e a interpretação limita-se a apresentar razões pró e contra. A anotação, bem-feita, derrama sobre o texto uma luz que a todos alumia; por engenhosa que seja a interpretação, sempre nos deixa em dúvida, porque cada leitor se julga com direito de ser intérprete. – Mais extensas que as anotações são as explicações, pois não se limitam, como aquelas, a aclarar o sentido da frase ou palavra, señão que se estendem a facilitar a inteligência das coisas ao vulgo dos leitores". (Quem explica não faz menos do que "desdobrar aquilo que é complicado".) - As apostilas são notas ou glosas (ou observações elucidativas) quase sempre pouco extensas, que se costuma pôr à margem do texto para explicá-lo, ou para completá-lo. – Cota é "a citação de autor posta à margem. Também se chama assim a nota marginal posta em autos, a referência à matéria deles, etc.". – Explanar é "explicar, tornando simples e fácil de entender um

texto, um princípio, uma frase". Quem se incumbe da **explanação** de um texto, de uma forma um tanto vaga ou abstrusa, de um problema, de uma questão — há de explicar-lhe os termos e esclarecê-los de modo que se torne mais facilmente inteligível.

306

ANUVIAR, nublar, escurecer, obscurecer, obcecar, ensombrar, carregar, toldar, fechar, entenebrecer. - Tanto no sentido natural como no figurado exprimem de comum estes verbos a ideia de eclipsar, de fazer sombrio, torvo, escuro. - Anuviar é "toldar de nuvens, ensombrar como se entre a coisa anuviada e a nossa vista passasse ou se interpusesse uma nuvem". - Nublar é quase o mesmo que anuviar: apenas este sugere, melhor do que aquele, a ideia de turbação e escureza. Dizemos: o tempo está meio nublado; a dor como que lhe nublou um tanto a razão naquele instante. Em nenhum destes casos seria de tão lídima propriedade o verbo anuviar, que envolve ideia de toldação e ensombramento. - Escurecer é o mais genérico e vago do grupo, exprimindo "a ação ou o efeito de fazer ou de fazer-se escuro..." Escurece o tempo, como se escurece a inteligência mais lúcida, ou a cor mais viva. - Obscurecer sugere ideia mais sensível de atividade subjetiva: significa "privar de luz, fazer menos claro e límpido". A paixão política obscurece os espíritos mais luminosos. - Obcecar (no sentido figurado) confunde-se com obscurecer; devendo notar-se que a predicação de obcecar é mais completa e direta; como se vê deste exemplo: "Esta miséria jamais nos há de obcecar, pelo menos não tanto quanto as divícias lhe obscurecem o senso moral para a justiça". - Ensombrar é "fazer sombrio, cobrir de sombras, deixar em meia-luz". A saudade ensombra-lhe o semblante; ensombrou-se aquela alma à vista de tal cena; aquele sacrilégio

ficou para sempre a ensombrar-lhe as magnificências do sólio sagrado. - Carregar tem uma acepção especial, mesmo no sentido figurado: significa "fazer sombrio, grave, severo, lúgubre". Ele carregou o semblante ao ver aquela miséria. - Fechar equivale ao precedente, sendo apenas de menos intensidade que o outro. Quando se diz que F. fechou a alma, quer-se dizer que F. se pôs em guarda conosco, que se isolou moralmente da nossa intimidade; enquanto que carregar diz muito mais, pois que significa "fechar ou fechar-se como hostilmente". – Toldar é semelhante a **nublar**: fazendo o radical tolda em toldar função análoga à de nuvem em nublar. Muito raro será o caso em que, no sentido figurado, não se possa substituir um pelo outro. - Entenebrecer é mais forte que escurecer, sendo a treva (tenebra) a ausência completa da luz²⁴.

307

ANTÁRTICO, austral, meridional. – Antártico significa "que está abaixo do círculo polar do sul". Terras, mares antárticos. – Austral designa todo o hemisfério oposto ao boreal. É mais próprio, portanto, dizer – hemisfério austral – em vez de hemisfério meridional. – Dizemos também – terras ou mares austrais – para designar os que ficam no hemisfério do sul; e neste caso não seria aplicável meridionais. – Meridional quer dizer – "que fica ao sul de um outro ponto designado".

308

ANTECEDENTE, precedente, anterior, prévio. – Antecedente é, segundo Bruns., "termo especulativo que, à ideia de ante-

24 Poder-se-ia juntar a este grupo os verbos eclipsar e enoitar. Eclipsar significa "escurecer pela interposição de corpo opaco entre a luz e o órgão visual". No sentido fig. tem valor análogo. Enoitar diz propriamente "pôr ou deixar em noite".

rioridade, reúne frequentemente a de causa, de influência. As consequências provêm das causas antecedentes. - Precedente indica prioridade ou anterioridade, sem nenhuma ideia de causa nem de influência. Neste vocábulo o que predomina é a ideia de que, entre o fato atual ou a coisa presente e o fato ou a coisa precedente, não se intercala nenhum outro fato ou nenhuma outra coisa. O capítulo precedente ao capítulo IV é o capítulo III. - Anterior, como precedente, designa prioridade no espaço ou no tempo, mas de modo indeterminado, pois não especifica se outros fatos ou outras coisas se intercalam ou não entre o fato ou a coisa atual e o fato ou a coisa *anterior*. O capítulo de que se fala como anterior ao capítulo IV pode ser o III, o II ou o I. – Anterior e prévio devem distinguir-se. O que é anterior está antes ou precede; o que é *prévio* é, não só *anterior*, mas também necessário. Notando-se defeitos no contrato anterior, fez-se novo contrato baseado em condições prévias".

ANTECEDENTES, precedentes. – É preciso admitir uma certa distinção entre estas duas palavras como substantivos. - Antecedentes de um fato são todos os fatos de que esse fato decorre como uma consequência ou corolário. - Precedentes são os fatos que precedem imediatamente o fato de que se trata. Dizemos: os antecedentes históricos de um certo acontecimento, referindo-nos a todos os sucessos que são como determinantes desse acontecimento. Dizemos também: os precedentes de um criminoso, fazendo alusão à conduta que parece explicar de perto o delito de que se acusa esse criminoso.

310

ANTECESSOR, predecessor. – Confundem-se comumente estes dois vocábulos; mas é preciso notar que, segundo Lacerda,

"antecessor é o que ocupou algum lugar em relação ao que nele lhe sucedeu imediatamente; e **predecessor** é o que o ocupou antes do antecessor". Acrescenta Roq. com muita razão: "Predecessor indica sujeito ou classe elevada, e corresponde mais ao cerimonial, aos privilégios, às dignidades; enquanto que antecessor corresponde à ordem material de sucederem-se as pessoas umas às outras. Os reis, os duques, os grandes, em geral, contam com desvanecimento grande número de predecessores, isto é, de figuras que os precederam na dignidade; os funcionários da administração, da justiça, etc., tiveram seus antecessores nos cargos; isto é, outros que antes deles ocuparam os mesmos cargos. O serventuário de um ofício, o dono de uma casa de comércio, o gerente de uma empresa, etc., dirá: o meu antecessor; mas não deverá dizer: os meus predecessores".

311

ANTECESSORES, antepassados, ascendentes, pais, avós, antigos, maiores, avoengos. – Observa Bruns. que ascendentes é "o termo mais genérico e o menos pretensioso entre os primeiros três deste grupo. O pobre como o rico, o plebeu como o nobre, tem ascendentes, antepassados ou antecessores; mas só a primeira dessas denominações quadra bem na boca de todas as classes. - Ascendente dizemos de qualquer dos parentes de que provimos: o nosso pai, o nosso avô, o nosso bisavô, etc., são nossos ascendentes. -Antepassado não se poderia dizer do pai nem do avô: só do bisavô para além se podem começar a contar os antepassados. Esta palavra encerra algo de nobre e de elevado, que nos impede empregá-la em circunstâncias triviais. – Antecessores dizemos dos ascendentes, considerando-os como tendo fruído do que nos legaram, ou daquilo em que lhes havemos sucedido". – Pais, como avós, aqui não designam parentesco de sangue

313

ou direto: referem-se em geral às gerações que nos precederam, aos homens, não só da nossa nação, como aos de todas as raças e que viveram antes de nós. — Pais indica os mais próximos do nosso tempo, se bem que isto não seja essencial à palavra; pois dizemos — nossos pais, referindo-nos até a Adão e Eva. — Avós designa antepassados mais remotos. — Antigos parece encerrar ideia de mais afastamento ainda que avós; e, segundo Alv. Passos, "reserva-se este nome para os homens célebres da antiguidade, e é assim que o emprega Camões na seguinte passagem do c. IV, dos Lusíadas:

Oh tu, Sertorio, oh nobre Coriolano, Catilina, e vós outros dos *antigos*, Que contra vossas patrias, com profano Coração, vos fizestes inimigos."

– Maiores é "o termo genérico em que se compreendem todos os que viveram antes de nós, parentes ou não". – Avoengos designa mais propriamente "a série dos avós ou progenitores de quem descendemos em linha reta" (Aul.) e só por extensão é que se aplica este termo para designar os ascendentes em geral, ou mesmo os antepassados.

312

ANTECIPADAMENTE, adiantadamente, prematuramente. - Antecipadamente diz "antes do prazo estipulado". - Adiantadamente exprime "com antecedência, antes do tempo devido". - Prematuramente significa "antes da ocasião própria em que alguma coisa se deve fazer ou deve dar-se". F. preveniu-nos antecipadamente que não viria hoje, conforme havíamos combinado (preveniu antes do dia ou da hora em que devia vir). F. pagou adiantadamente três meses do aluguel da casa (pagou antes que começasse a correr o aluguel, ou que chegasse a época do pagamento). F. morreu prematuramente (isto é, antes de chegar à idade em que é mais comum que se morra).

ANTEMURAL, muro, muralha. - Sobre estes três vocábulos escreve Roq.: "Na frase da milícia antiga – diz Vieira – o muro significava a fortificação mais estreita, e do recinto da cidade; e o antemural, as que hoje se chamam fortificações ou obras exteriores, que a defendem no largo. A fortificação das cidades mais inexpugnáveis, segundo a arquitetura militar antiga, consistia em muro e antemural: o muro que cingia e defendia a cidade; e o antemural que cingia e defendia o muro". (VI, 104 e 372). - Muralha é o muro de praça fortificada, construído segundo as regras da nova arquitetura militar, a fim de cingir e defender uma praça ou cidade fortificada. Hoje fazem-se muros só para cercar uma quinta, etc.; edificam-se muralhas só para fortificar e defender praças. Paris tem muros e muralhas; muros para impedir a entrada de contrabandos e para que se recebam nas portas os direitos de octroi; muralhas para resistir aos inimigos que a quisessem atacar".

314

ANTIPATIA, ódio, aversão, repugnância, quizila, asca, asco, zanga, rancor, gana, horror. - "Das duas palavras gregas anti, "contra", e pathos, "paixão", compondo uma que poderíamos dizer literalmente contrapaixão (ou contrassentimento) formou-se a palavra latina antipatia (que se trasladou para as línguas derivadas) e que significa uma oposição ou inimizade natural ou irresistível dos seres uns contra outros. A causa de tal oposição é desconhecida inteiramente; e é assim que muito se há delirado sobre ela; seus efeitos são prodigiosos, frequentemente exagerados, e por vezes fabulosos. – Aversão é sentimento que tem igualmente alguma coisa de desconhecido em suas causas, muitas vezes morais. É mais forte que a antipatia; mas parece não ser tão invencível

nem tão profunda. – A repugnância é ainda mais forte que a aversão. Diz, no entanto, Roq. que a repugnância é menos invencível que a **aversão**, e que esta o é também menos que a antipatia; e que muitas vezes acontece que uma e outra (aversão e repugnância) chegam a converter-se em afeto, e até em amor, pois têm muito de caprichosos estes sentimentos que devemos chamar acidentais. Mas isto mesmo poderíamos dizer, e talvez com mais razão, de antipatia: quantas vezes se tem antipatia por uma pessoa só porque não a conhecemos de perto? - O ódio nasce quase sempre de poderosas e fundadas causas, por graves injúrias recebidas; algumas vezes, de mera vontade, de ligeiros motivos, e ainda de capricho. De qualquer modo que se manifeste, são cruéis e terríveis seus efeitos; parece com o tempo ganhar forças, e chega a inveterar-se na alma como um veneno mortal. A **aversão** e a **an**tipatia exercem-se indistintamente nas pessoas e nas coisas; o ódio, mais naquelas que nestas; a repugnância, nas ações. - Quizila (ou quizília) é palavra da língua bunda, e significa a antipatia que os pretos têm a certos comeres ou ações. É mais "tédio, aborrecimento, arrelia do que aversão propriamente, em lugar da qual se usa em linguagem comum". – Asca, segundo o mesmo Roq., é palavra vulgar que indica "aversão, má vontade que se tem a alguém, talvez com desejo de vingança". Aproxima-se, portanto, de gana (em sentido figurado) que é "um forte desejo de mal, encarniçamento e quase furor impulsivo contra alguém, às vezes gratuitamente". – Asco é "aversão, repugnância que se tem a coisa torpe ou imunda". - Zanga é "a quase aversão que se tem a pessoa ou coisa que se julga de mau agoiro". - Rancor é "ódio profundo e oculto, produzido sempre por alguma causa muito grave". - Horror é "grande aversão e repugnância, muitas vezes sem ódio".

315

ANTIQUADO, obsoleto, desusado, arcaico. – Estas palavras "indicam coisa antiga que decaiu do uso". - Obsoleto acrescenta à significação das duas outras uma ideia de - "excluído ou proscrito", e até de "quase ridículo". As palavras e frases antiquadas ou desusadas "podem ainda usar-se em poesia e em estilo jocoso; não as obsoletas, que de ordinário foram substituídas por outras mais bem derivadas e mais sonoras". O uso pode fazer ainda reviver, segundo a sentença de Horácio, muitas expressões desusadas ou antiquadas, mas as obsoletas parecem condenadas a perpétuo esquecimento. O escritor que se serve de palavras e locuções antiquadas (ou desusadas), mas genuínas da língua, expressivas e com boa analogia, para fugir à invasão do neologismo, merece louvor; porém o que busca desenterrar velharias, e prefere os arcaísmos de nossos avós às boas expressões que o uso depois introduziu – este não se livrará da pecha de rançoso. Cada século tem seu cunho particular, e cada escritor o estilo que lhe é próprio. Sem nada mendigarem aos estranhos, Barros e Fernão Mendes Pinto não escreveram como Fernão Lopes e Castanheda; Luiz de Souza e Vieira diferem muito de Seita e Paiva; Camões e Bernardes não se parecem com Gil Vicente e Sá de Miranda, posto que todos escrevessem em bom português, e clássico para seus respetivos tempos". - Entre desusado e arcaico deve notar-se a seguinte diferença: desusado diz propriamente "fora do uso, já excluído pelo uso"; enquanto que arcaico significa apenas "que o vocábulo é muito antigo; que a forma não está em moda por ser muito velha".

316

ANTIQUÁRIO, arqueólogo. – "O domínio" – escreve Bruns. – "em que o antiquário e o arqueólogo exercitam a sua atividade é o mesmo"; há, porém, entre as duas palavras diferença considerável. — **Arqueólogo** é "o que é muito versado em tudo quanto respeita a antiguidades, que as conhece, as explica, etc. — **Antiquário** é o que tem gosto pelas coisas antigas, que se dedica ao seu estudo, que as coleciona (e que até com elas negocia). Com estudo e paciência, um *antiquário* pode tornar-se *arqueólogo*".

317

ANTÍTESE, contraste, antífrase, antinomia, antilogia, contradição, contrariedade, oposição. - Segundo Bourg. e Berg., antítese "pertence exclusivamente à linguagem literária, e dizemos só da flagrante oposição que existe entre duas palavras ou duas ideias aproximadas: dizer que um homem é de uma 'orgulhosa' 'simplicidade' é fazer uma antítese. Esta palavra é, portanto, muito mais restrita que contraste, que se aplica a situações, a caracteres, e não somente às partes de um mesmo período. - O contraste (do latim contra, 'frente a frente' e stare, 'conservar-se') é a oposição que existe entre coisas contrárias; qualidades ou modos de ser diferentes, e que a aproximação faz ressaltar melhor". Esta palavra emprega-se nas artes, em literatura, em filosofia, e em geral sempre que se nota uma impressiva contrariedade entre duas coisas. - A antífrase, ainda segundo Bourg. e Berg., "é uma palavra ou uma locução que deve ser entendida num sentido contrário ao que exprime essa palavra ou essa locução. É por antífrase que os gregos designavam as Fúrias pelo nome de Eumênides (deusas benignas, ou benévolas). É por antífrase que eles designavam o mar Negro sob o nome de Ponto Euxino (mar hospitaleiro). É também por antífrase que, falando de um celerado, dizemos: este santo homem". Quando Boileau diz: "Asseguro: Quinault é um Virgílio" – a proposição: "Quinault é um Virgílio" "deve ser

entendida em um sentido contrário ao que lhe é natural e próprio. Se não houvesse aí antífrase, essa afirmativa marcaria que Quinault é um poeta de primeira ordem; mas admitido, pela antífrase, o sentido real que está no pensamento do satírico, essa proposição marca que Quinault é um medíocre poeta", Bourg e Berg. distinguem a antífrase da contraverdade; mas sem fundamentar claramente a distinção. - Antinomia é "a oposição que se nota entre duas leis ou princípios". - Antilogia "é a contradição ou desconchavo entre as ideias sustentadas pelo mesmo autor, ou entre os capítulos de um mesmo livro". - Contradição é "desconcerto entre o que se disse e o que se está dizendo; contraste entre as ideias ou as afirmações de alguém e as nossas". - Contrariedade é "a relação que se nota entre duas coisas ou duas ideias opostas". – Oposição é aqui "o maior ou menor afastamento em que uma coisa fica da outra".

318

ANTRO, caverna, furna, gruta, lapa, cova, buraco, toca, subterrâneo. - Segundo Roq. - "a primeira destas palavras é o grego antron, que deu o latim antrum, o qual entrou no português como palavra culta e poética; e segundo a sua origem significa – cova profunda e escura. – A segunda do grupo é latina, caverna; e significa uma grande escavação aberta a modo de abóbada, e defendida pelos lados como um recinto. - Furna é cova profunda, escura e medonha; diz-se particularmente da fauce lôbrega de um vulcão, de que nos deixou exemplo Bernardes na Floresta: "Estando em cima, contemplando a horrenda furna e estômago do monte (Etna), cuja disforme boca mostra ter uma légua de âmbito... (II, 227)". Esta palavra não é poética, e diferença-se de todas as do grupo em acrescentar-lhes à significação comum a ideia de medo, de horror, que às

outras não é inerente. - Gruta é palavra castelhana e portuguesa (talvez do latim crypta, grego krupta) e significa concavidade da terra entre penhascos, às vezes suscetível de ornato rústico. - Lapa é palavra portuguesa, vinda talvez do grego *lápathos*; e quer dizer uma caverna na encosta de monte, e coberta por um penedo ou chapa de pedra: isto mesmo significa a palavra **lapa.** – Os antros servem de covil às feras; as cavernas, de asilo aos homens e de guarida aos ladrões; as grutas são habitadas pelos anacoretas; e as lapas dão abrigo aos pastores, como diz Luiz de Souza, na Vida do Arcebispo: "E viu juntamente que ao pé do penedo se abria uma lapa que podia ser bastante abrigo para o tempo". Em estilo poético, "as ninfas e os deuses campestres habitam as grutas; as feras, os antros; os facínoras, as cavernas; e os zagais acolhem-se às lapas". - Cova é "abertura feita na terra, mais ou menos ampla e profunda". - Buraco "será uma cova, ou mesmo uma caverna menos profunda e de menores proporções". – Toca = "buraco onde vivem ou se refugiam caças"; e por analogia, o lugar onde alguém se esconde... com alguma vergonha. - Subterrâneo designa "em geral todo espaço que se encontra no subsolo".

319

APARATO, apresto, preparativo, apare**lho.** – Segundo Roq. – "quando se reúnem, dispõem e arranjam diversos materiais ou coisas para a execução de qualquer obra, dizemos que se fazem preparativos; assim como à reunião deles se chama aprestos ou aparelhos. Dizemos, pois - os preparativos de uma função, ou de um banquete; os preparativos de uma guerra, de um assédio. Às disposições para qualquer faustosa cerimônia ou festividade se lhes dá o nome de aparatos, pois que a significação desta palavra se estende a tudo o que se executa com pompa e ostentação... A significação da palavra aparelho é muito mais extensa que a das anteriores, pois não só as compreende todas, mas abrange os instrumentos, operações, materiais, disposições para todo exercício, trabalho ou obra, desde o mais elevado até o mais ínfimo: estende-se desde a ciência e manobras náuticas, desde o exercício e arte da pintura até o mais baixo oficio mecânico. Chamam-se, portanto, aparelhos aos arreios necessários para montar, ou para carregar cavalgaduras; e dizia-se antigamente aparelhos para dizer missa..."

320

APARATO, pompa, sumptuosidade, magnificência, grandeza, majestade, ostentação, esplendor, alardo, fausto, luxo. -Aparato é o movimento pomposo, o modo solene, a grandiosa disposição com que se celebra algum ato extraordinário. Quando se diz: "o aparato daquela cena" – quer-se dar ideia, não só das proporções dela, como do brilho, da grandiosidade excepcional que ela vai ter ou que apresenta. - Pompa é o aparato ostentoso, é o esplendor exagerado de um ato solene, e que sugere ideia de deslumbrar, de fazer sucesso, de produzir sensação. Não há pompa sem grandeza exuberante, sem opulência de formas, sem majestade de encenação. - Sumptuosidade, como indica a própria origem latina, é a qualidade daquilo em que se faz ostentação de riqueza: sumptuosidade do templo, do palácio, do festim; e também, figuradamente - sumptuosidade do estilo, das cores que um artista empregou no seu quadro, etc. - Magnificência é o esplendor, a pompa que maravilham, que "engrandecem" (aos que a contemplam). Diz mais que sumptuosidade, porque acrescenta à noção de grandeza a ideia de excelência, brilho e formosura. – Grandeza (segundo Lacerda, que repete, quase pelas mesmas palavras, o que escrevera Roquete), no sentido em que se

toma aqui o vocábulo, significa extensão, tamanho de alguma coisa, e figuradamente, poder. - Majestade indica magnificência, ostentação (de grandeza e poder); e em sentido translato - seriedade, gravidade de alguma pessoa. - Grandeza indica luxo, poderio, soberania. - Majestade indica decoro, dignidade, seriedade. Grandeza refere-se "à parte material das coisas; e majestade ao ideal das mesmas coisas". - Ostentação é o brilho e aparato, o exagero calculado com que se exibe alguma coisa. Tanto se faz ostentação de riqueza ou de força muscular, como de talentos e virtudes. – Esplendor, aqui, é brilho, excelência, lustre, de alguma coisa ou ação. O esplendor da natureza, da corte, de um panorama; o esplendor da mocidade, do espírito, de uma civilização etc. - Alardo (ou alarde) é ostentação mais estrondosa, dando ideia da ufania de quem alardeia. Há criaturas que fazem alardo de fortuna, de beleza, de poder, etc. - Fausto é luxo custoso, grandeza, quase sumptuosidade. É de notar que se diria: "Ele vive com certo fausto" (isto é – com alguma pompa de quem deseja ser tido como rico); mas, impróprio seria, ou pelo menos não perfeitamente lídimo, dizer: "... com 'certa' sumptuosidade". – Luxo é toda manifestação exagerada do desejo de conforto, ou do desejo de agradar ou de fazer figura. Luxo no trajar, nos modos, no viver; luxo de sapiência, de erudição, de poderio, etc.

321

APARECIMENTO, aparição. — Distingue muito bem Bruns. estas duas palavras: — "Aparecimento é o ato de aparecer; aparição diz-se da coisa que aparece, e do próprio ato de aparecer, de manifestar-se, considerado esse ato como coisa inesperada, e o objeto aparecido como extraordinário. Dizemos: o aparecimento do cadáver que se andava procurando; o aparecimento (ou aparecimento)

rição, neste caso) da febre amarela; mas não se diz: o *aparecimento*, senão a *aparição* do anjo Gabriel; a *aparição* do cometa de Halley".

322

APARÊNCIA, ar (ares), exterior, exterioridade, visos, mostra, aspeto, semblante. -Segundo Roq. – "a aparência é o efeito que produz a vista de uma coisa, e a ideia que nos resulta dela, pelo que é às vezes enganosa. Exterior é o que cada corpo mostra pela parte de fora: aplicado às pessoas, é o aspeto, maneiras, porte ou conduta que ela mostra exteriormente, e então se lhe chama exterioridade". - O ar (ou os ares) com que uma pessoa se nos apresenta é o conjunto de tudo quanto da parte dessa pessoa nos impressiona à primeira vista: o semblante, os modos, os gestos, a voz, etc. - Visos quer dizer - aparência não clara, ou não definida: "o que ela diz tem visos de verdade" (tem aparências vagas, imprecisas de verdade): - Mostra, diz Lacerda, "é manifestação de uma coisa presente, da qual nos deixa ver apenas uma parte". - Aspeto é a exterioridade que nos impressiona ao primeiro relance de olhos. - Semblante é o modo de ser da fisionomia humana: é, por assim dizer, o que quer que seja de acento espiritual que distingue uma fronte humana.

323

APEDREJAR, lapidar. – Estes dois verbos, que à primeira vista parecem sinônimos perfeitos, distinguem-se, no entanto, deste modo: apedrejar é simplesmente jogar pedras a alguém ou a alguma coisa, correr a pedradas; e lapidar é matar a pedradas. Como hoje se lincha, antigamente se lapidava, isto é, dava-se a morte pelo apedrejamento. Quando se diz que alguém foi apedrejado, enuncia-se apenas a ideia de que sobre essa pessoa se atiraram

pedras. Quando dizemos que Estevão foi lapidado em Jerusalém, afirmamos que Estevão foi morto a pedradas.

324

APELAÇÃO, agravo, recurso. - Definindo, no seu vocabulário jurídico, os dois primeiros termos deste grupo, diz Teixeira de Freitas: - "Agravo é um dos recursos frequentes da nossa ordem judiciária..." - Apelação é "o recurso interposto da primeira instância para a segunda, quando as decisões são apeláveis." Parece, portanto, que o agravo é o recurso de que se vale a parte perante a própria autoridade que deu a decisão; e que a apelação é recurso para juízo de instância superior à do juiz contra cuja sentença se recorre. - Recurso é termo genérico exprimindo "não só o ato de recorrer, como a faculdade, o direito de reclamar, de agir contra uma decisão ou um julgamento que se considera injusto, ou contrário à lei".

325

APENAS, só (ou somente), exclusivamente. - Segundo Bruns., só (ou somente) enuncia quantidade sem relação determinada: F. não é rico: tem só (ou somente) quinhentas libras de rendimento. - Apenas, melhor do que somente, ou só, sugere ideia de insuficiência ou insignificância para determinado fim: Não o compro porque tenho apenas cinco mil-réis; Falta-me apenas o quinto volume para completar a obra. – Exclusivamente exprime exceção mais completa ainda, pois exclui todas as outras coisas do número daquelas que se salva ou a que se refere o enunciado. Falou exclusivamente do ponto que se controvertia (isto é, falou só desse ponto sem desviar-se para nenhum outro ponto).

326

APÊNDICE, suplemento. – "Tanto o apêndice como o suplemento" - escreve Bruns. – "são partes que se acrescentam a uma obra para completá-la; têm, no entanto, caracteres diferentes. O apêndice liga-se intimamente com o texto, ou com alguma parte dele, para explanar a doutrina, expor novas aplicações, dar maior extensão à matéria, ou restringir-lhe o alcance. O suplemento completa o texto com artigos que lhe faltam, e que, se bem sejam da mesma natureza da obra, são diferentes dela no fundo. A um código junta-se o apêndice que encerra as alterações que se fizeram a alguns dos seus artigos. A um dicionário junta-se o suplemento, que contém os vocábulos que no dicionário não estão incluídos".

327

APERTADO, estreito. - Com toda razão observa Bruns, que frequentemente se ouve: calçado ou vestido apertado para indicar que o pé ou o corpo não se encontram neles à vontade; e diz que esta expressão é imprópria; o calçado é estreito, e por isso está o pé apertado; e por ser estreito o vestido, anda o corpo apertado. Falando de superfícies, estreita dir-se-á da que é pouco larga ou pouco ampla; e apertada da que, sendo demasiado estreita, está como cingida de um e outro lado. Esta rua é estreita, e está apertada entre altas paredes.

328

ÁPICE, cume (cumeeira, cumeada), cimo, pino, pináculo, píncaro, auge, apogeu, sumidade, culminância, tope, fastígio, alto, zênite. - Ápice é a parte mais elevada de um corpo, a que fica superior a todas as outras. Não admite, por isso, gradação; ninguém diria com propriedade: - "ápice mais alto de um edifício ou de um monte". Podemos, no entanto, dizer: o mais alto cume da cordilheira ou da montanha; pois cume significa toda a porção superior das grandes elevações; não devendo, por isso, dizer-se:

o cume da ladeira ou da lomba, ou da colina. Em qualquer destes casos preferiríamos empregar cimo, alto, tope. Entre cume e cimo deve admitir-se, portanto, uma certa diferença. - Cimo (do latim cyma) é propriamente a parte que de um corpo se destaca ou se faz saliente. Tanto podemos dizer: o cimo do monte, como o cimo do edifício, o cimo da escarpa, ou do muro, ou da escada; o cimo do chapéu, o cimo da planta. - Cume (do latim culmen) é a parte que se eleva também acima das outras; mas esta palavra é de aplicação mais restrita. Rigorosamente falando, só devemos empregar cume tratando de montanhas, ou de grandes construções. Não seria próprio dizer: - o cume da ladeira; nem – o cume do telhado; nem mesmo – o cume da torre. - Cumieira (ou cumeeira) é "a parte mais alta, quase sempre melhor aplicada quando se trata de um edifício". -Cumiada (ou cumeada) é também "a parte mais alta, tratando-se de uma montanha; é também a série dos cumes de uma serra ou cordilheira". A cumiada dos Pireneus; a cumeada dos Andes. - Alto é igualmente qualquer das porções elevadas de um corpo, sem dar ideia necessária de grandeza ou de altura extraordinária. Tanto é de lídima propriedade dizer: alto do monte, alto do palácio, alto das ruínas; como: alto da árvore, alto da porta, alto da testa. - Pino é um correlativo de base: designa o ponto culminante de alguma coisa, pela analogia da posição desse ponto com a do sol quando se acha no zênite. - Pináculo é mais expressivo do que pino. Pode comparar-se a culminância, a sumidade e a outros do grupo. Mas pináculo envolve ideia de terminação da coisa elevada em ponta aguda. Culminância sugere ideia de imensa altura do pináculo. O mesmo se poderia dizer de píncaro se este designasse, em vez de todos os pontos elevados, o mais alto de todos, como exprime culminância. Sumidade acrescenta à noção de cimo, cume,

cumeada, a ideia de grandeza, de volume e de extensão. - Fastígio, por analogia com a significação desta palavra como termo de arquitetura, é a parte mais elevada, mais à vista e mais brilhante de algum edifício, de algum corpo em geral; e é aplicável no sentido translato. "Ficamos até em pasmo, a contemplar o fastígio maravilhoso do templo." "A linha desdobra-se pelo fastígio da cordilheira". "Ele ascendeu então ao fastígio da glória." – Auge só se aplica a fenômenos morais; e indica "o alto grau de intensidade a que é capaz de chegar um sentimento ou a que um fato pode atingir". "Ele estava no auge da raiva...". "No auge da fortuna, ou da fama..." - Apogeu, também por analogia (com o fenômeno astronômico a que se dá esse nome), é "o auge supremo, o ponto acima do qual não é possível ir." - Tope (ou topo) é a parte superior de qualquer coisa, sem mais ideia alguma acessória. Tanto dizemos: o tope do monte, da colina, ou da ladeira; como: o tope do mastro, da escada, etc. - Zênite é termo técnico de astronomia, correlativo de nadir: em linguagem comum designa também "a culminância a que alguma pessoa atinge na esfera em que exerce o seu esforço."

329

APÓCRIFO, suposto, pretenso, fictício, fabuloso, falso. – Suposto – diz Roq. – "é palavra latina (suppositus) e significa o que se põe falsamente em lugar do verdadeiro; particularmente se diz do livro ou da obra que falsamente se atribui a quem não é seu autor. – Apócrifo é palavra grega (apókruphos) que significa coisa secreta, não conhecida antes, cujo autor não é conhecido. Em linguagem eclesiástica, dá-se este nome a todo livro duvidoso, de autor incerto, e de pouca ou nenhuma fé, e que a Igreja Católica não incluiu no cânon das Escrituras autênticas e divinamente inspiradas. Ainda que a au-

toridade do livro suposto se repute suspeita, pode, contudo, ele conter doutrina boa e verdadeira, pois por erro tem-se atribuído a autores clássicos obras que não escreveram; dos livros apócrifos, porém, não permite a Igreja que se tirem argumentos para provar as verdades teológicas". - Pretensa é a coisa que se quer fazer passar por ser a verdadeira. - Fictícia é a coisa criada pela imaginação e que só nesta existe. - Falso é propriamente o contrário à verdade ou como tal admitido. - Fabuloso distingue-se de fictício em sugerir ideia de prodígio. Decerto que ninguém diria: "a promessa de que F. quer tirar proveito é fabulosa"; empregaria certamente de preferência - fictícia, suposta ou falsa. Fabuloso nem sempre exclui a ideia de verdadeiro, como se dá em relação a fictício, a suposto, etc. Aquele homem nos disse coisas fabulosas do que se passa no sertão (coisas que se têm ou podem ter como verdadeiras, mas que se tornam estranhas pela enormidade, isto é – fabulosas).

APOLOGIA, defesa, justificação, elogio, panegírico. - Apologia, "segundo o valor da palavra grega, significa defensa; e é qualquer discurso ou escrito no qual se defende um sistema, um partido, uma opinião, uma nação ou pessoa. Fazem-se as apologias para desvanecer as acusações com que se agravam as classes mencionadas, não as acusações jurídicas, porque essas correm nos tribunais, e contra elas advogam os letrados perante os juízes; mas as acusações vagas, espalhadas entre o público e que vão tomando corpo com grave dano das pessoas acusadas até que acabam em perseguição formal pela justiça. Este é o verdadeiro caso da apologia. Deste modo perseguidos e caluniados os primeiros Cristãos, foi-lhes forçoso apresentar aos imperadores, ao senado e aos magistrados, apologias em defesa da religião

cristã, para rechaçar as falsidades com que os pagãos procuravam fazê-los odiosos como inimigos dos deuses e de todas as potestades, e perturbadores da ordem pública. A justificação consiste só nas provas que se deduzem do exame das testemunhas, dos documentos autênticos; e serve para manifestar a inocência do acusado". (Roq.) - Defesa é todo esforço feito para demonstrar a não culpabilidade de algum acusado. É mais ato ou dever de ofício, do que de esforço puramente moral: e nisto distinguese de apologia. Um advogado, na tribuna do júri, faz a defesa de um réu (não a apologia). - Elogio é "o discurso, ou o escrito em que se demonstra ou procura demonstrar como a pessoa elogiada é digna dos louvores que se lhe fazem". – O panegírico é um elogio mais incondicional, sistemático, e sempre com intuito de só fazer que ressaltem as altas virtudes, etc. da pessoa de quem se trata. Nas associações científicas e literárias é uso fazer-se o elogio dos sócios falecidos (não panegírico). Conhecemos orações fúnebres que são verdadeiros panegíricos.

331

APOSENTAR, reformar, jubilar. - Exprimem de comum estes verbos a ideia de cessar alguém de exercer as funções do seu cargo, ou porque fez jus a tal vantagem, prestando serviços durante um certo prazo; ou porque se ache ou seja julgado inválido para continuar a servir. - Jubilam-se os professores, os lentes, concedendo-se-lhes, como um prêmio, direito a todos os honorários do cargo, como se estivessem nas respetivas funções. - Aposentar diz propriamente – "dispensar do serviço, ou do exercício do cargo, conservando uma parte dos vencimentos, ou mesmo todos os vencimentos", de modo a que fique livre de penúria o aposentado. – Reformar é dispensar do serviço o militar que se fez inválido, e assegurando-lhe o soldo da patente.

332

APOSSAR-SE, apropriar-se, usurpar, invadir, conquistar. - Apossar-se alguém de alguma coisa – escreve Roq. – é "simplesmente meter-se de posse dela, fazer-se senhor dela, tomá-la para si. – Usurpar é tirar a outrem o que é seu, usando de prepotência; e também arrogar-se uma autoridade, uma dignidade, etc., que lhe não cabe. - Invadir é acometer e entrar por força em alguma parte. – Conquistar é ganhar à força de armas um estado, uma cidade, etc. Napoleão apossou-se primeiramente do comando geral, depois usurpou o império; não tardou a invadir a Europa quase toda, e conquistou parte dela; mas suas conquistas e invasões ficaram sem efeito quando os aliados o desapossaram de sua autoridade usurpada". Entre apossar-se e apropriar-se há uma diferença de ordem jurídica. Nem sempre se apropria de alguma coisa aquele que dessa coisa se apossa. O que se apossa chama a coisa a si, retém-na em seu poder ou sob seu domínio. Só se apropria de alguma coisa, porém, aquele que se arroga a propriedade, o direito de ser o dono dessa coisa.

333

APÓSTOLO, missionário, evangelizador; propagandista; anunciador, pregoeiro, precursor; núncio, mensageiro, emissário, enviado. - Apóstolo (do grego apostolos, "enviado, mensageiro de algum príncipe") designa propriamente cada um dos doze discípulos de Jesus, por ele enviados a pregar a boa-nova a todas as nações. Por extensão, damos o nome de apóstolo àquele que exerce na terra funções, ou desempenha missão equivalente à daqueles discípulos. - Missionário é o que toma a si a propaganda de alguma causa sagrada. Aplica-se particularmente esta palavra para designar o sacerdote ou o clérigo que se incumbe

de ir a terras de pagãos ensinar o Evangelho e instruir nas coisas cristãs. Por isso mesmo tem o vocábulo um valor peculiar, e não deve ser empregado senão em casos que recordem a grandeza moral dos antigos missionários. Não seria próprio dizer, por exemplo: missionário da revolta, da desordem, etc. No mesmo caso está evangelizador. Não se evangelizam senão grandes verdades, doutrinas de redenção, ideias excelentes, causas augustas. Quem seria capaz de dizer: evangelizar o erro, a perfídia, a ignorância? Evangelizador, apóstolo e missionário têm, portanto, lugar à parte no grupo. Se se deve admitir entre eles alguma distinção, é só esta, muito subtil, que resulta: de sugerir o vocábulo apóstolo o intento de fazer prosélitos, de chamar ao grêmio do Cristianismo; de encerrar a palavra missionário a ideia de que aquele que missiona toma uma tarefa como sacrifício, em obediência a algum voto; de exprimir evangelizador a ideia de que aquele que evangeliza não faz menos do que proclamar alguma coisa de que ele próprio está ufano e espantado. -Propagandista é termo comum e geral que designa "todo e qualquer indivíduo que se encarrega de inculcar ao maior número alguma coisa, naturalmente fazendo-lhe a apologia. Tanto se diz: propagandista da república, do socialismo, de um sistema filosófico, de uma escola literária, etc., como se diz: propagandista do casamento, propagandista de pílulas. - Anunciador significa apenas "aquele que anuncia". Tanto pode ser anunciador de desgraças, como de felicidades. O pregoeiro faz mais que o simples anunciador: fala muito alto, grita em favor da coisa apregoada, e não cessa de chamar a atenção de todos para ela. - Precursor diz propriamente – "o que vai adiante de alguém anunciando-lhe a chegada". Aplica-se também a coisas e a fenômenos. S. João Batista foi "o precursor de Jesus Cristo". As refregas precur-

soras do arrasamento... Aquele ar sereno precursor da saúde moral... Um gesto precursor de tormenta... - Núncio e mensageiro, aqui, seriam sinônimos perfeitos se mensageiro não encerrasse a ideia muito clara de que a mensagem não é própria de mensageiro, mas daquele que a enviou, em nome do qual ele vem. Esta ideia não se encerra necessariamente em núncio. - Emissário e enviado só se poderiam diferençar pela nobreza do vocábulo emissário. Ambos significam - "o que é mandado"; mas o emissário supõe-se que leva incumbência mais alta, e cujo sucesso se lhe confia. O enviado (esta palavra, aqui, diz simplesmente – "posto a caminho") não faz mais do que cumprir estrictamente a ordem que leva.

334

APOTEOSE, deificação – Sobre estas duas palavras escreve Lacerda: "Apoteose era a cerimônia mediante a qual era alguém posto no número dos deuses. Os romanos usavam assim a respeito dos imperadores, logo que estes morriam. Deificação é um ato pelo qual se supõe a divindade onde não está senão a criatura, rendendo a esta, em consideração das suas preeminentes virtudes, culto religioso, ou quase religioso".

335

APREÇO, estima, consideração, conta. -Apreço é a "consideração particular que se tem pelo mérito, pelos talentos, ou em geral, pelo valor de alguém". – Estima é a "consideração em que se têm as qualidades de uma pessoa". A pessoa ou coisa estimada pode mesmo não ter valor, ou ter valor só para nós. - Consideração é a "atenção respeitosa que se tem por alguma pessoa que, pelos seus atributos morais, pela sua posição, pelo seu valimento, tanto nos merece". – Conta, aqui, é "o ato ou disposição de pôr em cálculo, de admitir a cômputo, o

valor, o préstimo de alguém ou de alguma coisa". Não teve o rei em conta o meu serviço. A alta conta em que é preciso ter aquela propriedade...

336

APRESAR, prender, arrestar, apreender, capturar, apanhar, segurar, deter. – Diz Bruns., que "capturar é prender, arrestar a alguém pela força do direito, ou pelo direito da força"; e que "apresar é tomar como presa, navios, gêneros embarcados, ou subtraídos aos direitos a que estão sujeitos. A polícia captura os criminosos; a guarda fiscal apresa as mercadorias que os contrabandistas querem subtrair aos direitos, e captura os contrabandistas". – Prender enuncia a ideia geral de "impedir alguém, ou algum animal, ou alguma coisa de locomover-se, ou de mover-se livremente". Prende-se o celerado em flagrante de homicídio. Prende-se a ave no viveiro, ou atando-lhe as asas. Prende-se o cão à corrente. Prende-se o monóculo na órbita ocular. – Apreender é "prender, chamar a si de direito alguma coisa". - Deter é "prender e conservar preso". – Segurar é "prender e conservar em segurança". – Arrestar é termo jurídico e significa "apreender, embargando que siga ou que continue a estar onde estava, alguma coisa, e mediante ordem ou mandado de autoridade pública".

337

APRESENTAR-SE, aparecer, comparecer. - Apresentar-se é "fazer-se presente em alguma parte ou perante alguém". Supõe-se que aquele que se apresenta o faz por algum dever com a pessoa perante a qual comparece. - E comparecer ainda sugere melhor a ideia da obrigatoriedade do ato de apresentar-se. Dizemos: F. compareceu à sessão, à audiência, etc. (e não apresentou-se); F. apresentou-se pronto para o serviço (e não - compareceu).

 Aparecer dá ideia geral do fato de "se deixar ver" alguém ou alguma coisa. Aparece um grande sinal no céu. Apareceu a peste em Bombaim.

338

APRISCO, redil, curral, mangueira. — Os dois primeiros são termos literários. — Redil é "um curral para rebanho miúdo, feito de tela de arame, podendo ser ou não coberto". — Aprisco dá ideia do abrigo em que ficam as ovelhas. Usa-se, por isso, dizer no sentido figurado — o aprisco da Igreja; ou da casa paterna (e não redil, pois este não sugere a mesma ideia de amparo, proteção, segurança, que encerra aprisco). — Curral é "um cercado, de madeira ou de muro, onde se recolhe o rebanho". Tanto se diz — curral de porcos, ou de cabras; como curral de bois. — Mangueira é brasileirismo comum, que significa "um vasto curral de bois".

339

APROFUNDAR, profundar. – Segundo Bruns., "estes dois verbos empregam-se geralmente sem outra distinção que não seja a da exigência da eufonia; há, porém, entre eles uma diferença muito notável. Profundar é cavar muito fundo, fazer profundo. Aprofundar é tornar ainda mais fundo o que se profundou. No sentido figurado subsiste a mesma gradação".

340

APTIDÃO, disposição, inclinação, propensão, vocação, talento, capacidade, idoneidade, habilidade, jeito, gosto. — Aptidão (Bensabat) "é a capacidade natural para fazer uma certa coisa. Esta capacidade refere-se mais ao que requer estudo, aplicação de inteligência; por isso aptidão não se aplica senão relativamente às artes liberais, às letras ou às ciências. (Dizemos, aliás, que F. tem aptidão para o negócio, para a tarefa, para o trabalho,

etc.). - Disposição também se diz da faculdade de ser próprio para uma dada coisa, de ter certa vocação para ela; mas essa faculdade é menor que aptidão. As disposições carecem de ser cultivadas; a aptidão opera, desenvolve-se, exercita-se por si mesma. Além disso, como disposição diz menos que aptidão, pode-se empregar essa palavra falando de estudos ligeiros ou recreativos, como a dança, a esgrima, a ginástica, etc., enquanto que aptidão não se emprega bem senão falando de estudos sérios; e assim diremos que certa pessoa tem, não aptidão, mas disposição para a dança e para a ginástica. A propensão, diz um hábil sinonimista, denota um poderoso atrativo, e a inclinação uma espécie de gosto, ou uma disposição favorável. A propensão, mais ou menos grande ou violenta, arrebata a alma seduzida pela promessa do repouso, da felicidade, ou de um vivo prazer; entregamonos a ela sem reservas, e não a combatemos senão com grande pesar e com poderosos recursos. A inclinação, mais ou menos agradável ou lisonjeira, inspira o desejo que solicita a aquisição de um objeto; seguimo-la, ou contrariamo-la: e eis o motivo por que se toma esta palavra como sinônima de amor ou afeição." - Vocação, aqui, significa "uma tendência própria, uma disposição natural do espírito para alguma arte ou mister". -Talento, além de designar dom natural (diz Bruns.), como aptidão, presume exercício e prática, e por isso pode dizer-se que o talento é a aptidão no terreno da prática. Ter talento para a pintura é mais do que ter aptidão para a pintura, pois a aptidão pode ficar inativa, e o talento só se revela no exercício, na cultura. - Capacidade é o conjunto de qualidades e conhecimentos necessários para levar a bem--determinada ordem de coisas; a capacidade, como o talento, só pode manifestar-se na prática; diferem, porém, as duas palavras quanto à sua aplicação: talento dizendo-se particularmente com relação aos estudos pu-

ramente científicos, literários ou artísticos; e capacidade relativamente às coisas práticas da vida, empresas, negócios, direção de assuntos, etc. Assim é que ninguém dirá – um poeta, ou um escultor de capacidade, mas sim, de talento: e também não é comum dizer-se um banqueiro, ou um general que carece de talento, mas sim, de capacidade. Convém ter presente que tanto a capacidade como o talento não podem existir onde não há **aptidão**. – Idoneidade, palavra não muito usada, é independente da ideia de aptidão; a idoneidade adquire-se pela prática, e conseguintemente este vocábulo encerra a ideia de faculdades adquiridas. F. não tinha nenhuma *aptidão* para a magistratura; não obstante, à força de boa vontade e de estudo, adquiriu nela bastante idoneidade. Um recruta pode ter aptidão para aprender o exercício; um tenente tem bastante capacidade para comandar a companhia, se o capitão vier a faltar; mas nem todos os chefes de corpo têm a idoneidade precisa para comandar uma divisão. – Habilidade é vocábulo mais significativo que capacidade e idoneidade. A habilidade não só revela a ideia de se possuir o conjunto de qualidades e de conhecimentos necessários para levar a bom resultado uma determinada ordem de coisas, senão que sugere a ideia de que por várias vezes já se praticaram tais coisas, e sempre com bom resultado". - Jeito é muito próximo de disposição: é "o desembaraço, a habilidade, ou pelo menos a facilidade, a expediência, a discreta perícia com que nos sentimos para alguma coisa". – Gosto é mais do que jeito: designa este "como senso íntimo que nos faz preferir uma coisa a outra". Pedro parece ter jeito para as letras; mas creio que nunca terá gosto para a cultura antiga.

341

AQUI, cá. – Escreve Roq., que estes dois advérbios" valem o mesmo que 'este lugar', ou 'neste lugar' onde se acha a pessoa que fala. A diferença entre os dois consiste em que aqui designa o lugar de um modo absoluto, e sem referência alguma a outro lugar; v. g.: Aqui vivo, aqui estou, etc. Cá tem maior extensão, pois além de designar o lugar onde se está, acrescenta por si só a exclusão de outro lugar determinado (lá) que direta ou indiretamente se contrapõe àquele em que nos achamos. Vivo aqui; janto aqui - supõe, só e absolutamente, o lugar onde vivo e onde janto, sem excluir determinadamente outro lugar, e sem sugerir a menor ideia de dúvida, preferência, ou relação alguma respetivamente a outro. Mas – janto hoje cá; esta noite durmo cá – exclui determinadamente o lugar onde costumo jantar ou dormir. No estilo familiar entende-se - aqui por 'nesta casa'; pois quando alguém diz - F. jantou aqui ontem; ou - passou ontem aqui a noite – é como se dissesse – jantou, passou a noite 'nesta casa'. Quando cá se contrapõe a lá indica a terra ou o lugar em que estamos comparando com outro de que já falamos, e a que nos referimos como se vê no ditado vulgar – Cá e lá más fadas há".

342

ARDIL, estratagema, logro, arteirice, astúcia, cilada, emboscada, armadilha. – Dos cinco primeiros do grupo, diz Bruns.: Ardil, estratagema e logro designam fatos; arteirice, não só fato, mas também o que o sugere; astúcia designa só o que sugere fatos característicos dos outros vocábulos do grupo. – O ardil é o meio que se emprega para obter o fim desejado, obrando de modo que o lesado não conheça as intenções, senão quando já não possa opor-lhes obstáculo. "O ardiloso" – diz d. José de Lacerda – "oculta os meios de que se serve, e procede com disfarce". – Estratagema (do francês stratagème, vocábulo formado do grego stratos, "exército", e agó, "conduzo") designa, no sentido reto, os ardis de guerra

para surpreender ou vencer o inimigo. Extensivamente, diz-se dos meios extraordinários que se combinam com arte e manha para surpreender de improviso a pessoa que visamos, e obter dela o que queremos, sem que ela no-lo possa negar. O estratagema difere do ardil em contar este com a impossibilidade de defesa, e o estratagema em levar o lesado a não poder negar-nos o que pretendemos. - Logro é o ardil caviloso, que leva o lesado a ser o próprio a oferecer o que pretendemos, julgando que obra em seu proveito. - Arteirice, como fato, é a realização de um engano habilmente preparado. Noutra acepção, designa a arte ou manha de quem tem inventiva para fraudes, ou para conseguir os seus fins empregando vias tortuosas mas habilmente combinadas. - Astúcia é um dom natural, misto de finura e de falta de escrúpulos, quase idêntico à arteirice, mas diferençando-se desta em que o arteiro planeia com arte, com habilidade; e o astucioso, com perseverança, malícia e ruindade. A arteirice maquina; a astúcia obra simplesmente, aproveitando os descuidos e as ocasiões. "A raposa tem astúcia; quem pretende insinuar-se no espírito alheio necessita ter arteirice". - Cilada e emboscada designam "a surpresa que se prepara contra alguém para vencê-lo à traição". A emboscada sugere a ideia de que o autor se esconde ou se disfarça para o assalto; a cilada é feita com astúcia, procurando-se enganar a vítima. – Armadilha é "a cilada que se arranja contra alguém para que se deixe cair como no laço a veação".

343

ÁRDUO, difícil, dificultoso, penoso, ímprobo, trabalhoso, custoso, doloroso, espinhoso, fatigante, intrincado. – "O que é árduo (escreve Bruns.), é muito difícil. – Difícil diz-se do grosso do trabalho ou da empresa, da sua essência; dificultoso convém às particularidades, pormenores, obstáculos. O que é difícil necessita pulso, força, resolução, coragem, talento; o que é dificultoso supera-se com paciência, tato, perseverança. É difícil resolver certos problemas; é dificultoso reunir uma coleção completa de selos; é árduo escrever para o teatro. – Note-se também que difícil e dificultoso ponderam a dificuldade, mas não incluem a ideia de impossibilidade; enquanto que árduo pode frequentemente encerrar essa ideia: árdua empresa é a de pretender corrigir defeitos morais". – Penosa é "a tarefa que, além de difícil ou mesmo árdua, não se desempenha senão à custa de esforço doloroso". – Ímprobo é "o trabalho excessivo, rude, fatigante". – Trabalhoso é o que custa muito trabalho, ou que é cheio de trabalhos. - Custoso é "aquilo que se não faz com facilidade". – Doloroso = "que se faz com esforço que mais punge e amarga que fatiga". Tarefa, missão dolorosa. Pode não ser mesmo difícil a missão, mas há de ser muito penosa, e quase sempre mais à alma que ao nosso valor físico. – Espinhoso = "que é de difícil execução porque exige grande habilidade e fortuna", podendo dar ensejo a coisas desagradáveis a quem executa. - Intrincado é o que parece difícil, mais porque está embaraçado e difícil de entender que pelo trabalho que poderia dar. - Fatigante não é o mesmo que trabalhoso, pois este sugere ideia do grande esforço que exige a coisa trabalhosa. Fatigante é aquilo que só se faz com muita fadiga.

344

ÁREA, superfície. – Superfície, conforme a definição dos lexicógrafos em geral, é "a parte exterior do corpo", sem mais noção alguma acessória. Tanto dizemos – superfície do mar, da terra; como – superfície de um poliedro, etc. Mas esta palavra, até pela sua formação, pareceria só aplicável à face su-

perior dos corpos. Não tem, pelo menos, visos de perfeitamente lógica uma expressão como esta, por exemplo: a superfície inferior da caixa²⁵. E tanto parece assim que ninguém se arriscaria a dizer – superfície do céu – por exemplo. E por quê? Simplesmente porque a palavra superfície sugere que o corpo ao qual se aplica tem outra face que não é superior. Não obstante, o uso autoriza o emprego deste vocábulo mesmo nos casos em que não se trata de face superior. Tanto dizemos - superfície horizontal, como - superfície vertical, inclinada, etc. - Área é "superfície limitada de qualquer modo. Área de um polígono, de um campo, de uma sala," etc.

345

ÁRIDO, aridez; seco, sequidade; estéril, esterilidade; improdutivo, improdutividade; infrutífero, infrutuoso, infrutuosidade; infecundo, infecundidade; maninho, maninhez; ingrato, sáfaro, improlífico. - Terra ou terreno seco é aquele a que falta umidade suficiente para que se torne produtivo. A sequidade pode, portanto, ser um acidente, e até ser um defeito remediável pela rega artificial. – Terreno **árido** é o que nada produz, ou porque seja seco, ou porque lhe faltem outras qualidades de terra fecunda. Deve notar-se, em todo caso, que a aridez é mais propriamente devida à natureza do terreno. - Estéril é termo de mais extensividade do que árido. Dizemos, tanto zona estéril, ou terreno estéril, como planta estéril, cabra estéril; e até homem estéril (e ainda esforço, trabalho, sacrifício estéril); pois esterilidade exprime a ideia geral de incapacidade para produzir, para gerar, para ter efeito. - Improdutivo também enuncia ideia geral de estéril; mas sugere mais claro a ideia do esforço que se fez

25 **E** isso por mais que se nos objete neste caso que o super que figura no termo enuncia uma ideia de relação entre a face e o centro do corpo, e nada tendo com a posição em que se encontre a face.

para que produzisse. Trabalhei quanto pude, mas tudo que fiz foi completamente improdutivo (não sem dúvida - estéril, nem árido...). Supõe-se, portanto, que a improdutividade está, tanto na coisa explorada, quanto, pelo menos, no agente que a explora. - Infrutífero é propriamente "o que não produz os frutos que devia produzir". Infrutuoso é "o que não é tão abundante em frutos como se esperava". Os meus esforços não foram tão infrutuosos como eu receava (aqui não seria tão próprio usar infrutíferos). A infrutuosidade de uma planta, como a de uma tarefa ou um trabalho supõe-se que é devida mais, ou a circunstâncias estranhas, ou à imperícia de quem trabalha ou de quem cuida da planta. - Infecundo é "o que não tem qualidades de natureza próprias para produzir amplamente". A infecundidade diferença-se da esterilidade pelo seguinte: dá o primeiro uma ideia muito nítida de que a coisa infecunda não tem qualidades criadoras, ou não as exerce se as tem; não produz com a abundância que se esperava; esterilidade sugere, além da noção que exprime, de incapacidade para produzir, a ideia de aridez absoluta, contra a qual não há ação corretiva possível. Dizemos – a esterilidade das regiões polares (não, infecundidade...). A infecundidade daquela fazenda é devida à má administração, ou à falta de custeio próprio (não – esterilidade). – Maninho (do latim malignus) quer dizer, "além de infecundo, ou improdutivo por falta de cultura – bravio, ou onde só nascem plantas inúteis ou daninhas". A maninhez supõe-se que é mais devida a abandono do que às qualidades da terra. -Ingrato, tanto se diz do terreno, como do trabalho que não compensa o esforço feito. É um pouco menos que **improbo.** – **Sáfaro** é também "exausto (terreno), cansado, improdutivo por falta de cultura". - Improlífico = "incapaz de procriar". No sentido natural, só se aplica aos animais. No sentido translato, "poder-se-ia confundir com infecundo se

não marcasse, melhor do que este, a noção de incapacidade própria e talvez ingênita para a procriação". "As tiranias sacrílegas não voltam: os monstros são *improlíficos* (e não – *infecundos*) para a história".

346

ARMADA, esquadra, esquadrilha, frota. -Frota (escreve Roq.) "é a reunião de navios mercantes dados à vela com o objeto de exportar e importar mercadorias de um para outro porto marítimo mais ou menos distante; tais eram as que os fenícios e cartagineses enviavam à Espanha na infância da navegação; e em tempos modernos, as comboiadas por nau ou naus de guerra; como as que vinham todos os anos do Brasil para Portugal, enquanto durou a guerra com os holandeses. - Esquadra é uma reunião de navios de guerra com o objeto de proteger o comércio, ou de hostilizar o inimigo, no mar, ou em terra; tal foi a de d. João de Áustria, que venceu os turcos nas águas de Lepanto. - Armada é o conjunto total dos vasos de guerra de uma nação. Toma-se às vezes por esquadra, mas talvez esquadra mui numerosa, bem provida de armas, ou frota armada; tais foram as que ajudaram D. Afonso Henriques a tomar Lisboa, e D. Sancho I a tomar Silves, como diz o nosso poeta:

Tu²⁶ a quem obedece o mar profundo, Obedeceste à força portuguesa, Ajudada também da forte *armada* Que das boreais partes foi mandada.

(Lus. III, 57)

E ainda:

Foi das valentes gentes ajudada. Da germânica *armada*, que passava, De armas fortes e gente apercebida A recobrar Judéa já perdida.

(Lus. III, 86)

Camões, umas vezes chama *frota*; outras, *armada*, à que comandava Vasco da Gama; em rigor, porém, nenhum destes nomes lhe é próprio, porque só constava de três embarcações; nem ainda o de *esquadra*, senão o de *esquadrilha*. A de Pedro Álvares Cabral, sim, podia chamar-se *armada*, porque constava de treze navios".

347

ARMISTÍCIO, suspensão de armas, tréguas. - Segundo Bruns., "armistício é termo diplomático e técnico; suspensão de armas é locução vulgar; mas o armistício é absolutamente a mesma coisa que a suspensão de armas - frase que designa a interrupção momentânea da luta, combinada entre dois exércitos em campanha, ou entre duas nações que estão em guerra. - Tréguas distingue-se de armistício pela sua generalidade, e pela duração que é inerente ao sentido do vocábulo. Pode-se dizer que as tréguas são um tratado de paz que, em vez de ser definitivo, se limita a um espaço determinado de tempo, geralmente a anos. O armistício tem ordinariamente por fim recolher os feridos, enterrar os mortos, dar tempo a discutir uma proposta, planear a paz, etc. As tréguas são geralmente motivadas pela nenhuma eficácia das operações entre os beligerantes; pela sua comum falta de recursos, ou pelo desejo de se combinar a paz. Em todo caso, o que bem distingue armistício de tréguas é o fato de serem sempre estas de muito maior duração que aquele, e não terem o objeto determinado que tem o armistício; e ainda a circunstância de deixar entender que os exércitos beligerantes se recolhem a quartel".

348

AROMA (aromas), fragrância, perfume, cheiro (cheiros), hálito, olor, odor. – No seu grupo 457, diz Roq.: "Fragrância per-

tence exclusivamente às flores, em seu sentido próprio²⁷. Tem fragrância uma rosa, um cravo, um jasmim, uma açucena, um lírio. O aroma é próprio das drogas e das árvores que o produzem. É aromática a árvore da canela, do cravo, do alcanfor, da pimenta. O aroma supõe, além disto, uma causa permanente de fragrância. Esta supõe um efeito passageiro em seu estado natural; e por meio da arte algumas vezes se faz durável. Fragrância explica a ideia de um cheiro grato, porém de pouco tempo, como é a vida das flores; e **aroma** exprime ideia de mais larga duração". – E no grupo 215: "Apesar de que o **cheiro** pode ser bom ou mau, agradável ou desagradável, cheiros, no plural, diz-se comumente das substâncias que produzem bom e agradável cheiro. -Aroma é palavra grega, aroma, que se aplica a – toda droga cheirosa, ou sejam – resinas, óleos, bálsamos, lenhos (raízes), unguentos de grande fragrância. - Perfumes, posto que em francês parfums corresponda a aromas, em português aplica-se particularmente às matérias odoríferas, que se exalam em fumo cheiroso, e ao fumo ou vapor odorífero que elas despedem". - Hálito só figuradamente é que entra neste grupo, significando "suave emanação de algumas substâncias". "Os hálitos que vêm da recendente alfombra..." - Olor é "o cheiro particular de cada flor, o perfume das plantas". "O olor da rosa lhe é gratíssimo..." – Odor pode aproximar-se de fragrância e de cheiro; e também distingue-se de perfume por "sugerir sempre ideia da substância de que mana, sem restrição da qualidade do cheiro". Odor de floresta virgem; de jardim; de pomares; ou odor acre de carniça, de azinhavre, de lenteiro.

349

ARRANCAR, tirar, sacar, extrair, arrebatar. - Diz muito bem Bruns., que arrancar e tirar exprimem um ato de força; mas arrancar indica força, não só por parte de quem arranca, como resistência do que é arrancado, ou da parte de onde se arranca; ideia, esta última, que não sugere, pelo menos nem sempre, o verbo tirar. Daí se refere a impropriedade de frases como estas (que aliás se encontram até em autores de nota): "arrancou da espada"; "arrancara da casa a pobre criatura que nem mais se movia..." -Arrebatar acrescenta à noção de arrancar a ideia de violência e rapidez. "Arrebatou-lhe o livro sem que ela tivesse tempo de gritar sequer por socorro". - Sacar enuncia a mesma ação de arrancar, mas sem a ideia de resistência por parte da coisa ou pessoa de que se saca, nem da coisa sacada. Melhor do que tirar, encerra ideia de esforço, mesmo de força por parte de quem saca. - Extrair diz propriamente "tirar para fora, tirar do lugar em que estava". Extrai-se oiro da mina; extrai-se de um livro o que ele tem de substancial; extrai-se (como se tira, se saca, ou se arranca) um dente.

350

ARREPENDIMENTO, remorso, contrição, atrição, compunção, penitência. - Segundo Lacerda, arrependimento "é o sentido pesar, a pena pungente de haver cometido erro ou culpa, acompanhado do desejo veemente de emenda e reparação. – Indica a palavra **remorso**, no sentido translato, o remordimento, a angústia que nos atormenta a consciência quando delinquimos, ou perpetramos algum grave delito. – Pesar é a recordação molesta e penosa causada pela falta que se cometeu. - Contrição é palavra religiosa, e significa a dor profunda e sincera de ter ofendido a Deus por ser quem é, e porque o devemos amar

^{27 &}gt; E, no entanto, o uso autoriza o emprego desta palavra tratando-se de qualquer substância que dá perfume.

de todo o coração sobre todas as coisas. A contrição alcança-nos o perdão de Deus; o tempo diminui o pesar; a reparação aquieta o arrependimento; os remorsos, porém, perseguem o malvado impenitente até à sepultura". -Atrição é quase o mesmo que contrição: é também termo de teologia, e exprime a ideia de que o atrito se impressiona mais com o castigo do que com a dor da consciência. – A compunção (define Bruns.) "é uma contrição levada ao mais alto grau, pois é a dor profunda (e amargurada) de ter ofendido a Deus, dor que não provém do receio do castigo, senão do verdadeiro amor divino..." - Penitência é ao mesmo tempo "a compunção, o arrependimento do contrito, com o desejo de sofrer penas que lhe resgatem a culpa cometida".

351

ARROIO, regueiro, regato, ribeiro, ribeira, rio, riacho, ribeirão, córrego, torrente. -Faz Bruns. algumas considerações a propósito da escassez de vocábulos de que, para designação de rio, se ressente a língua portuguesa, enquanto que são numerosos os diminutivos dessa palavra, ou as formas com que se designam as pequenas correntes de água. Temos, portanto, que socorrer-nos da adjetivação quando é preciso marcar a grandeza dos rios. Não nos parece, porém, que o francês seja no caso mais rico, pois frequentemente nessa língua se emprega fleuve e rivière, no mesmo caso; e é raro encontrar ruisseau também sem atributivo. Como é que há de o francês enunciar a noção de riacho, por exemplo, ou regato sem dizer petit ruisseau? - Rio é a corrente de água mais ou menos considerável que vai ter ao mar, ou a outro rio. O uso, no entanto, não conseguiu fixar o valor próprio que o termo deve ter no português, por menos que o latim rivus no-lo autorizasse. Tanto aplicamos o vocábulo rio ao Amazonas, como ao Scamandro; ao Danúbio como ao Alfeu. Aqui, no Distrito Federal, temos *rios* que nem são ribeirões. Consolemo-nos da penúria, mesmo porque todas as línguas conhecidas, pode--se dizer talvez, padecem do mesmo mal. – Depois de rio, o designativo imediato pelo que exprime quanto às proporções da corrente de água é ribeira, que significa "abundante curso de água, navegável ou não", apenas menos amplo, profundo e vasto do que são de ordinário os rios. - Ribeirão é propriamente "ribeiro grande". - Ribeiro é "pequena corrente de água que brota de nascente, e que quase sempre seca no estio". - Riacho é diminutivo de rio, e diz menos que ribeiro. – Arroio será de menores proporções que riacho. - Regato é "o mais diminuto dos cursos de água perene". - Regueiro (ou regueira) é propriamente o sulco por onde se escoa a água do rego; e por extensão é toda porção insignificante de água corrente. - Córrego é "regueiro mais rápido, embora mais estreito, apertado entre margens altas". - Torrente é "volume de água que se despenha, que corre impetuosa e desordenada".

352

ARTE, artificio; artístico, artificial. - Sobre arte e artificio escreve Bruns. (e é mais por isso que também damos aqui este grupo): "Coisa feita com arte; coisa feita com artifício - são expressões vulgares que exprimem que o objeto de que se trata está feito com primor. Vejamos até que ponto há justeza nestes dois modos de exprimir-se. O artificio é a arte manifestada no trabalho que analisamos; mas o que é inegável é que a arte existe por si própria, independentemente de qualquer manifestação; ela subsiste pelo simples fato de haver métodos, regras e preceitos que a constituem métodos, regras e preceitos que o artista há de observar para produzir, mas que, a não

serem empregados, não impedem que a arte seja. O artifício é que não pode existir sem manifestação: não há artifício onde nada há que o revele. Conseguintemente dizemos que uma coisa está feita com artifício - para exprimir que nela há primor de execução; dizer – que ela está feita com arte – é como um pleonasmo, pois se não houvesse a arte de a fazer ela não existiria". - A isso convém acrescentar: sob um ponto de vista mais elevado, a arte consiste no talento com que é feita uma obra, cuja execução depende principalmente do espírito do artista; o artifício é a habilidade com que a obra foi executada. Tanto que dizemos: - uma coisa foi feita com arte; – como dizemos: – uma coisa foi feita sem arte. Dizemos também (e aqui se marca muito claramente a distinção que é preciso notar entre os dois vocábulos): – neste trabalho, ou nesta obra há algum artifício, mas não há arte: – querendo-se exprimir que o autor da obra empregou na execução dela alguma habilidade, mas não revelou talento; que é um artifice, mas não é um artista; que a obra é artificial, mas não se pode dizer que seja artística. Há, além disso, entre artificial e natural uma antonímia que se não nota entre natural e artístico.

353

ARTE, oficio, mister, profissão – "Posto que a palavra latina ars, de que nós fizemos arte, venha por síncope da grega areté, 'virtude', todavia ela equivale a esta outra, téchne, que entre os gregos tinha mui lata significação, pois abrangia toda disciplina em que se davam regras e preceitos. A gramática, a retórica, a poética, a lógica, a dialética, assim como a pintura, a arquitetura, a estatuária, etc., eram *artes*; de tal modo que todas estas palavras, que hoje temos como substantivos, são adjetivos substantivados, pois representam a variação feminina de grammatikós, rhetorikós, poietikós, logikós, dialektikós, zographikós,

architektonikós, ermoglyphikós, concordando com o substantivo feminino subentendido téchne 'arte'. – Artes liberais chamavam os antigos as que ornavam o espírito, e eram cultivadas por homens livres, em oposição às que só exerciam os escravos; mas hoje se entendem principalmente aquelas em que predomina o espírito; como a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, etc. - Artes mecânicas, antigamente só exercidas por escravos, são as que dependem do trabalho das mãos; tais são todos os ofícios fabris, a que os gregos chamavam cheironaxia, ou banaysos téchne. - Belas-artes são as que nos suscitam ao mesmo tempo sensações, sentimentos e ideias agradáveis, que se propõem imitar a natureza na sua maior perfeição; tais como a poesia, a eloquência, a pintura, a estatuária, etc. -Mister, do latim ministerium, palavra mais usada antigamente do que hoje (mester), é o mesmo que ofício mecânico ou fabril; tal é o de ferreiro, de carpinteiro, etc. – **Profissão** é aquele modo de vida que cada um exerce publicamente; e pode ser mecânica ou de outro gênero. A arte faz o artífice, o artista, o homem hábil; o ofício faz o operário, o jornaleiro; a profissão, o homem de uma ordem, ou de certa classe: tais são os médicos, os cirurgiões, os boticários, os advogados, etc., os quais não se chamam artistas (pelo menos nem sempre...) nem são homens de ofício propriamente. O ofício requer um trabalho material, mecânico ou de mãos; a profissão, um trabalho ou ocupação qualquer; a arte, um trabalho de engenho, sem excluir nem exigir um trabalho material". (Roq.)

354

ARTE, ciência. - Sobre estes dois vocábulos, guiado por Bourg. e Berg., escreve Bruns.: "Arte diz-se de qualquer conjunto de regras que têm por fim guiar na prática. Ciência diz-se de um conjunto de conhecimentos que dependem intrinsecamente de certos princípios gerais; conhecimentos que, mesmo que possam guiar na prática, tendem principalmente a dotar a inteligência com a verdade. A agrimensura é a arte de medir os campos; encerra ela as regras necessárias para proceder-se à exata avaliação de qualquer terreno, qualquer que seja a forma que apresente. Mas essas regras são consideradas apenas quanto à sua utilidade no trabalho de determinar a área do campo, não como expressão da verdade. A arte do agrimensor não tem por missão demonstrar a evidência das regras que a formam; essa demonstração foi feita alhures, e isso é quanto basta para se dar por exato o resultado da aplicação das regras demonstradas. – A geometria é a ciência que se ocupa de medir as linhas, as superfícies, os volumes. Ela funda as suas regras em princípios evidentes, que demonstra, que grava no espírito de modo tal que a dúvida não pode subsistir ante a evidência das suas verdades. Esses princípios podem guiar na prática; e efetivamente as regras da agrimensura fundam-se nos princípios da geometria; mas essa utilidade nada importa para a ciência do geômetra, pois este o que pretende é demonstrar a verdade dos seus princípios, não inculcarlhes o valor prático. Partindo, pois, do princípio de que é a arte que aplica, e a ciência que instrui, resulta que entre estes dois vocábulos existe a seguinte sinonímia: Arte dir-se-á do conjunto de regras que, aplicadas, conduzem a um resultado previsto: ciência, do conjunto de conhecimentos que formam um sistema. A gramática, por exemplo, tendo por fim subministrar umas tantas regras para a correta expressão do pensamento, é arte. A filologia, sendo o conjunto de vários conhecimentos, é ciência".

355

ARTESÃO (ou artesano), artífice, artista, operário, obreiro, proletário, trabalhador, oficial, mestre, profissional. – Artesão é

"o que tem por oficio alguma arte mecânica". - Artífice é "o oficial mecânico que fez uma certa obra". – Artista é "o que exerce uma arte liberal". - Operário e obreiro, formas portuguesas oriundas do mesmo original (do latim opera), confundem-se aplicados aos que vivem de algum trabalho manual. - Obreiro, no entanto, pode ter uma significação mais alta e mais extensiva. Dizemos, por exemplo: os obreiros da fé; os obreiros da civilização, da grande causa (e não operários). - Operário confunde-se hoje ordinariamente com proletário. Há entre os dois termos, porém, uma distinção que se não deve esquecer. - Proletário sugere ideia da condição social a que se sente reduzido ainda o operário. - Proletário é tanto o operário, como qualquer outro profissional que se julga oprimido e angustiado na vida, atribuindo os seus males à má organização da sociedade. Tanto que dizemos já – proletariado intelectual, proletariado dos titulares... Mas ninguém se lembrou ainda de dizer - operariado intelectual, ou - operariado profissional... O proletário é, portanto, o homem do trabalho que protesta e reclama, o operário que reivindica. - Entre operário e trabalhador nota-se uma certa diferença. O operário entende-se que tem aptidões especiais para o trabalho de que se ocupa; o trabalhador supõe-se que entende de todo e qualquer serviço para o qual não se exija um préstimo especial. - Oficial e mestre também se confundem. Mas a palavra mestre, comumente, dá-se, como um título ou tratamento, ao oficial que se tem por senhor do seu ofício. - Profissional é todo aquele que exerce uma profissão.

356

ÁRTICO, boreal, setentrional, norte. – Ártico é adjetivo menos extensivo que setentrional, pois só se diz do que está para além do círculo polar do norte; enquanto que

setentrional quer apenas dizer - "que está para o lado do norte". - Boreal se aplica a tudo que fica para o norte do equador. – Norte emprega-se para designar, em vez de setentrional, o hemisfério onde se conta a latitude. América setentrional (a que fica a norte da meridional). Hemisfério boreal (o que fica para cima do equador). Zona ártica (oposta à antártica). Latitude norte (ou setentrional).

357

ARTICULAR, pronunciar, dizer, proferir, falar. - Articular é "dizer a palavra destacando-lhe bem as sílabas". - Pronunciar é "enunciar a palavra com clareza e precisão". - Dizer é "expressar por meio de palavras". - Proferir é pronunciar em voz alta e com certa solenidade. - Falar é "comunicar-se com alguém por meio de palavra viva". -F. articulou com receio algumas palavras. Ele pronunciou aquela palavra com certa intencionalidade. Disse-me ela que virá hoje à tarde. F. proferiu na Câmara um belo discurso. Se ele me falar sobre isto...

358

ARTIFICIAL, factício, ficto, fictício, fingido, simulado, falso. - Artificial é "todo trabalho feito com arte": opõe-se a natural. - Factício significa também "feito ou criado pelo homem, ou devido a circunstâncias de momento". Este, porém, só se aplica tratando-se de coisas não propriamente materiais ou concretas. - Ficto, fictício e fingido são formas oriundas do mesmo original (fingo... ere). - Ficto quer dizer "fingido, suposto, aceito como tal". Chama-se a um navio de guerra, ao palácio de uma embaixada, por exemplo, "território ficto" da respetiva nação (querendo significar que se consideram a embaixada e o navio de guerra como se fossem prolongamentos do território nacional). -Fictício é "o que só existe na imaginação, o que é inventado, fingido, mas talvez com intento de que passe por natural e verdadeiro". - Fingido é "o que imita calculadamente a coisa verdadeira pela qual quer passar..." - Simulado exprime o mesmo que fingido, e dá, melhor ainda do que este, ideia do intento de "fazer acreditar que a coisa fingida é a coisa real". - Falso é "o que não é exato, verdadeiro, legítimo, puro".

359

ARTIFICIAL, artificioso. – Artificial já vimos que significa "feito pela arte ou pela indústria do homem". - Artificioso é também o que se fez com artifício, mas em regra com o intuito de iludir, de enganar. A tudo que é artificial nem sempre caberá o epíteto artificioso; nada se concebe, no entanto, como artificioso, em que não tenha entrado algum artifício – e que não seja, portanto, artificial.

360

ARTIFÍCIO, artefacto. – Não se poderiam confundir estes dois vocábulos, por mais clara que lhes seja a comunidade de estrutura. – Artificio, conforme já se viu, é o meio, o processo, ou o conjunto de meios que se emprega para alcançar um resultado, para fazer alguma coisa (e, pois, para conseguir um artefacto). - Artefacto é qualquer produto de trabalho mecânico. Mas artificio aproxima-se mais de artefacto quando se aplica também a coisas que se fizeram com certa arte. Do mesmo modo que dizemos - artefactos de cerâmica, ou de marcenaria também dizemos - artifícios de caça, ou de pesca. Aí mesmo, no entanto, é evidente a distinção que se nota entre os dois vocábulos; pois só aplicamos o nome de artifícios a certa ordem de artefactos; isto é, àqueles que sugerem a ideia de que foram feitos "para enganar". Resta observar que artificio se emprega ainda no sentido translato: o que não se dá com o outro. Dizemos. "Vou desfazer os artifícios de que usou contra mim";

"É fácil de ver de que rude, ou de que grosseiro *artifíci*o se valeu para obter aquilo..." (Em nenhum destes casos caberia *artefacto*.)

36I

ÁSCUA, brasa. – De que entre estas duas palavras não existe sinonímia perfeita – diz Bruns. – é uma prova o podermos dizer: "as brasas estão quase apagadas", e não – "as áscuas estão quase apagadas". – Áscua implica, portanto, a ideia de ser completa a incandescência: ideia que não é inerente à palavra brasa, pois se o fosse, seria pleonasmo o dizer-se – "brasa viva", expressão que é muito trivial. Também se diz – "brilhar como uma áscua de oiro"; "ferro em brasa": expressões que parecem autorizar-nos a empregar o termo brasa para exprimir calor; e áscua, para exprimir "brilho ou fulgor".

362

ASSASSINAR, matar, trucidar, massacrar, degolar. - Matar enuncia a ideia geral de "tirar a vida a um ser vivo". Só figuradamente se emprega este verbo para significar - "exaurir, fazer cessar, tirar o vigor". - Assassinar é "matar a homem que se não pode defender, e matar com perfidia e violência, ou à traição, com injustiça e crueldade". -Trucidar é "matar com excessos de barbaridade, e abusando o matador da sua força, ou das vantagens que tem sobre a vítima". - Massacrar (do francês massacrer, adaptado do alemão matsken "degolar") é "matar em massa gente sem defesa" (Besch.). - Degolar é "matar cortando o pescoço". Na guerra, degolar equivale quase, ou melhor, é o termo próprio para exprimir – trucidar, massacrar.

363

ASSASSINO, assassínio, assassinato; matador, morte, matança, morticínio; homicida, homicídio. – Assassino é o que, à traição, ou abusando da sua força, mata o seu

semelhante. Entre assassínio e assassinato não fazem os léxicos distinção alguma. E, no entanto, em direito seria preciso marcar talvez uma certa diferença entre os dois. Neste exemplo: "Os bandidos foram cometendo, em toda aquela região desolada, assassínios em massa..." – seria possível empregar, com a mesma propriedade, assassinatos em vez de assassínios? Bourg. e Berg., no seu artigo sobre assassinat, meurtre, homicide, dizem que "o homicídio é o fato de dar a morte a outrem, voluntária ou involuntariamente. O homicídio involuntário é uma desgraça e não um crime". Só é crime, portanto, o homicídio voluntário; isto é, a morte de criatura humana feita com a responsabilidade do que matou. Dizem-nos agora os citados autores: "L'homicide, commis volontairement, est un meurtre." Parece que não poderemos traduzir este vocábulo francês meurtre só por morte, como vemos algures. O homicídio, cometido voluntariamente, decerto que é morte, no sentido que esta palavra tem aqui. Nem sempre, no entanto, a morte, isto é, o "ato de matar", será homicídio. São os mesmos autores indicados que definem: "Le meurtre, commis avec préméditation ou guet-apens, se nomme assassinat". Logo, o meurtre, cometido sem premeditação, não é assassinato. Nem será morte se o que o fez não usou de violência. Diremos, por exemplo, que F. praticou morte envenenando alguém? E não seria o caso de dizermos então que F. cometeu assassínio? Sob um ponto de vista filológico, seria preciso notar que a desinência ...io de assassínio marca simplesmente forma substantival; enquanto a terminação ...ato em assassinato sugere a ideia de crime ou delito, infração de lei. Conclui-se ao menos de tudo que assassínio designa o ato em si mesmo, a ação de matar com premeditação e abuso de força; e que assassinato designa o próprio crime, capitulado nos códigos. Num país onde fosse permitido assassinar,

o assassínio não figuraria nas leis penais: não seria propriamente assassinato. – É matador "aquele que mata, seja homem, seja irracional". - Morte é o que praticou o matador. - Matança é "morte de muita gente, ou de grande número de animais", sem mais ideia alguma acessória. – Morticínio é "matança de criaturas humanas em grande número, e incapazes de defender-se". Podemos dizer – matança de bois ou de ratos, e – matança de mulheres, ou de inocentes. Não devemos dizer, porém, morticínio de bois.

364

ASSAZ, bastante, suficiente. – "Estes três vocábulos" – diz Bruns. – "assim dispostos apresentam a sua gradação descendente": assaz é mais que bastante; bastante é mais que suficiente. "Livro assaz despretensioso", dir-se-á do livro que não tem pretensões, "F. é assaz incrédulo para..." diz claramente que o indivíduo do que se trata não é crédulo. Este vocábulo, sendo puramente adverbial, pode frequentemente confundir-se com bastante; menos vezes, porém, com suficiente. - Bastante indica maior quantidade que suficiente. – Quando se diz: "Tenho o bastante para fazer esta viagem" – entende--se que não há necessidade de esquivar-se a gastos supérfluos. Não se entende a mesma coisa ao dizer: "Tenho o suficiente para a viagem" – revelando, esta maneira de se exprimir, que não se tem dinheiro de sobra.

365

ASSÉDIO, cerco, sítio, bloqueio. – A julgar só pela respetiva estrutura, assédio e sítio não se diferençariam senão pela forma. As**sédio** (de ad + sedes; ou de assideo = ad + sedeo) é a operação de acampar um exército hostilmente junto ou diante de uma cidade, ou de uma fortaleza. – Sítio (de obsidium formado de obsideo = ob + sedeo) deveria ter o mesmo valor de assédio, desde que se lhes encontra no fundo o mesmo radical, e tendo muito de comum as duas preposições ad e ob. E, no entanto, não seria possível, quando menos em grande número de casos, confundir os dois vocábulos. Bastaria notar que se diz: "fechar o sítio", "apertar o sítio"; e não – "fechar o assédio", nem "apertar o assédio". - Sítio, portanto, não é simplesmente assédio: é mais próximo de cerco, pois não só dá ideia da duração que podem ter as operações de guerra, como ainda a ideia do aperto em que se põe a praça sitiada, cercando-a por vários, ou mesmo por todos os lados. O assédio poderia consistir apenas em manobras a certa distância, ou à vista mesmo de uma praça, ameaçando-a, pondo-a em perigo crescente; sem sugerir, no entanto, ideia necessária de cerco propriamente. - Cerco é termo genérico e designa aqui a operação de "instalar forças militares em torno de uma praça, no propósito de rendê-la". O cerco pode ser de curta duração; e o sítio supõe-se que será longo. Além disso, não dá o cerco ideia alguma da coisa cercada: pode ser uma grande cidade, uma aldeia, um forte, um posto militar, ou mesmo uma casa, um bosque, onde se tenha metido o inimigo. - Sítio sugere ideia da importância da praça sitiada. – Bloqueio (do alemão blockhaus "pequeno forte de madeira". Besch.) aplica-se mais propriamente a operações militares destinadas a trancar um porto, impedindo que nele entre ou dele saia embarcação alguma.

366

ASSÍDUO, frequente. - O que é assíduo é mais constante e mais repetido que o que é frequente. São assíduas as visitas que se repetem com insistência e com certa regularidade; são frequentes as que se fazem muitas vezes. O que é assíduo indica mais empenho, mais vivo intento que o que é frequente. Não se diz que um bom empregado é frequente, mas assíduo (Bruns.).

367

ASSINAR, firmar, subscrever. – Subscrever é simplesmente "pôr o nome por baixo de algum escrito". Mesmo um outro pode subscrever por nós. – Assinar designa o ato de "pôr a própria pessoa o seu nome por baixo de algum escrito, para que se saiba que é ela quem escreve". – Firmar é "assinar documento para que se torne autêntico". Subscreve-se uma lista..., uma felicitação coletiva. Assina-se uma carta, um artigo de imprensa, uma declaração. Firma-se uma letra, um contrato.

368

ASSONÂNCIA, assoante; consonância, consoante; rima, rimado. – Assonância significa "semelhança de sons, harmonia imperfeita"; em poética dizem-se assoantes os versos que em vez de rima têm apenas assonância; isto é – que terminam por palavras "cujas desinências têm da sílaba predominante para o fim as mesmas vogais, mas diferentes consoantes"; como, por exemplo: fala e casa, medo e preto. - Consonância diz propriamente "sons que se correspondem, ou igualdade de sons". Dizem-se consoantes os versos de rima com pouca propriedade chamada literal, isto é, feita das mesmas letras mas de sons ou acentos nem sempre iguais; como, por exemplo, versos que terminassem em besta e lesta, ou em credo e enredo. - Rima é a "perfeita igualdade de som e de acento no fim de dois ou mais versos". E como nem todos os versos carecem de rima, senão de ritmo, só se chamam rimados os que a têm.

369

ASSUNTO, matéria, objeto. – Matéria é palavra de maior extensão que assunto, e por isso mesmo mais vaga, menos precisa. A matéria abrange todo o gênero a que pertence a coisa de que se trata; e não só essa coisa, mas tudo quanto a ela é acessório,

ainda que não faça propriamente parte dela. – Assunto é o ponto particular e determinado de que se trata no discurso ou no livro. A matéria de que o historiador se ocupa é a história. O assunto de história tratado por Arriaga é a revolução de 1820. – Assunto e objeto também se distinguem. O assunto é o ponto em si, aquilo de que nos ocupamos atualmente; o objeto é o alcance que pode ter o assunto (Bruns.).

370

ASTROLOGIA, astronomia. - Duas palavras gregas de origem - diz Roq. - formadas, a primeira de astér "astro", e logo "discurso"; e a segunda, de astér e nómos "lei, regra". Parecem significar ambas a ciência dos astros e das leis que lhes regem os movimentos. O uso, porém, pôs entre elas uma notável diferença. Entende-se por astrologia a suposta arte de predizer futuros acontecimentos, valendo-se o astrólogo, para isto, do aspeto, posição, influxo dos astros; e chamava-se comumente astrologia judiciária. – Astronomia é termo mais moderno, e designa a verdadeira ciência dos astros, que consiste no estudo e conhecimento do céu e dos fenômenos celestes, do curso e movimento dos astros, etc. O astrólogo conta o que imagina, ou julga sem fundamento científico; busca e acha aplauso entre o néscio vulgo; o astrônomo funda-se em cálculos que não falham; diz-nos o que sabe, e por isso merece a estima dos sábios.

371

ATA, auto, assento, registro, termo. – Ata é "a narração por escrito do que se passa em uma assembleia, ou numa reunião em que se tomaram deliberações". – Auto é "o registro solene de cerimônia que se celebrou, de resolução coletiva que foi tornada, para produzir efeitos jurídicos, ou para que se tenha mais tarde testemunho autêntico da verdade

sobre o que se fez ou resolveu". Mais restritamente - "é a narração circunstanciada de qualquer ato, ou diligência, judiciária ou administrativa, escrita e autenticada pelo respetivo escrivão e testemunhas"... (Aul.) - Assento, na acepção que tem aqui, é antiquado: equivale a auto, apenas, sem a solenidade deste. Significa mais - "contrato escrito, ou prova escrita de contrato do que propriamente – registro autêntico de resolução que se tomou". - Registro é o "ato de se lançar em livro próprio a cópia ou o extrato de um documento, ou a súmula de um sucesso, para que fique lembrança dele" (Aul.). – Termo é convizinho de assento: é o "auto conciso de um ajuste, de uma sessão do Congresso, ou de um clube; reduz-se a auto uma deliberação; faz-se assento de um acordo ou de um compromisso; ordena-se o registro de um fato, ou de um papel importante; toma-se por termo uma confissão ou um testamento".

372

ATAÚDE, caixão, tumba, esquife, féretro. – Segundo Bruns. - ataúde e caixão são sinônimos perfeitos. O primeiro, no entanto, não só é termo mais escolhido, mas ainda é certo que se não aplica geralmente a caixão pobre e desguarnecido. - Tumba, na acepção em que aqui consideramos este vocábulo, designa a maca em que o cadáver é transportado até a beira da sepultura, e da qual é tirado para se enterrar. - Esquife diferença-se de tumba em não ter tampa, como esta. – **Féretro** é termo genérico que pode substituir qualquer dos outros deste grupo. Tanto dizemos - "féretro sumptuoso", como – "féretro humilde", "féretro pobre".

373

ATEU, incrédulo (incréu), descrente, descrido, cético, ímpio, sacrílego, irreligioso, infiel, gentio (gentil), pagão, idólatra,

heterodoxo, herege (herético); leigo, profano. - Ateu (do grego a privativo, e theos "deus") é o homem que não crê na existência de Deus. – Incrédulo é vocábulo de significação mais extensa: designa "o que não crê facilmente"; e no sentido restrito em que é tomado neste grupo, designa "o que não crê nas verdades que a religião ensina ou que a Igreja manda crer". - Incréu é forma contrata de incrédulo. – Descrente é "o que não crê com firmeza, que duvida ou vacila em crer, em confiar". - Descrido enuncia de modo mais completo a noção de descrente: é como se se dissesse - um descrente definitivo; pois descrido significa - "que não crê decisivamente, que se desiludiu de crer". - Cético é o que não crê senão quando sente a verdade em plena evidência. Entre cético e incrédulo é preciso notar a seguinte distinção: o incrédulo não crê porque não cogita de saber a verdade; o cético, porque a procurou inutilmente. -Ímpio é – diz Lacerda – "o que não tem piedade, e por isso despreza o culto público e o objeto desse mesmo culto". O incrédulo zomba da religião, e quase sempre é um leviano e fútil, que afeta uma falsa independência moral, ou superioridade de espírito. O cético argumenta contra as grandes verdades da religião, e muitas vezes mostra-se amargurado de não aceitá-las porque lhe parecem contrárias à razão humana. O ímpio é quase um celerado, que detesta Deus e a humanidade; que não sente pelo semelhante senão ódio e desprezo, e que se rebela contra Deus. – Sacrílego é o que atenta contra coisa sagrada; e, por extensão, contra tudo que merece grande respeito, amor, veneração. O ímpio, em regra, é sacrílego: nem sempre, porém, será verdadeira a inversa, desde que impiedade encerra a ideia de ufania contra Deus e os homens. – Irreligioso diz apenas "que não tem religião alguma". - Infiel é palavra de significação muito restrita, con-

siderada neste grupo: é o qualificativo com que na Idade Média os Cristãos designavam os maometanos. – Gentio era "toda a gente que ficava fora da nossa grei"; como também foram bárbaros para os romanos todos os povos que se encontravam fora de Roma. Sobre esta e a palavra pagão escreve Roq.: "Assim como os gregos e os romanos chamavam bárbaros a todos os povos que não fossem eles próprios; assim também os judeus chamavam goim, nações, gentes, ou gentios todos os povos que não eram da sua religião; e este mesmo nome deram depois aos Cristãos". Observa Fleury que entre estes gentios incircuncisos alguns havia que adoravam o verdadeiro Deus, e aos quais se concedia a permissão de habitar a Terra Santa, contanto que observassem a lei natural e se abstivessem de sangue. Pretendem alguns sábios que os gentios foram assim chamados porque não têm outra lei mais que a natural e as que a si mesmos se impõem, por oposição aos judeus e aos Cristãos, que têm uma lei positiva e uma religião revelada que são obrigados a seguir. A Igreja nascente não falava senão de gentios. S. Paulo foi o apóstolo das gentes, isto é, dos gentios, como se lê nos Atos dos Apóstolos. Ut portet nomen meum coram gentibus (IX, I5). Depois do estabelecimento do Cristianismo, chamaram-se pagãos (pagani) os povos que ficaram infiéis; ou fosse, como crê Barônio, porque os imperadores cristãos obrigaram por seus editos aos adoradores de falsos deuses a retirar-se para as aldeias ou lugares de pouca conta, que se chamavam pagus, onde exerciam sua religião; ou porque, depois de convertidas ao Cristianismo as vilas e cidades, ainda se conservou a idolatria nas aldeias (pagi); ou, como diz S. Jerônimo, porque os infiéis se recusaram a alistar-se na milícia de Jesus Cristo; ou porque preferiram deixar o serviço a receber o batismo, como foi ordenado no ano 310, segundo observa Fleury; por-

que, entre os latinos, paganus era oposto a miles, como entre nós o é paisano a soldado ou militar. Cita Ainsworth a favor desta opinião a passagem seguinte: Miles, si dum paganus erat, fecerit testamentum, etc. "o soldado, se quando era ainda paisano, tivesse feito testamento", etc. E acrescenta: Hinc et fortasse christiani gentes dixere paganos, quod Christi vexillis non militarent = "daqui veio talvez chamarem os Cristãos pagãos aos gentios, porque não queriam militar debaixo das bandeiras de Cristo". Seja como for, o nome de pagãos foi dado aos infiéis que, retirados das cidades, continuaram a adorar os falsos deuses. Os gentios foram chamados à fé, e obedeceram à sua vocação; os pagãos persistiram em sua idolatria. A palavra gentios não designa senão as pessoas que não creem na religião revelada; e a de pagãos distingue aqueles que observam cegamente, e com fanatismo, uma religião mitológica, ou um culto de falsos deuses. Pelo que, os pagãos são gentios; mas nem todos os gentios são pagãos. Confúcio e Sócrates, que refutavam a pluralidade dos deuses, eram gentios, mas não eram pagãos. Os adoradores de Júpiter, de Fo, de Brama, de Xaca, e de outras falsas divindades, são pagãos; os sectários de Mafoma, adoradores de um só Deus, são, propriamente falando, gentios, ou infiéis, como lhes chamou d. Afonso Henriques, na visão do campo de Ourique

Aos infiéis, Senhor, aos infiéis, E não a mim que creio o que podeis. (Lus., III, 45)

– Idólatra designa propriamente "o que adora ídolos". É termo que se pode aplicar a todos os que desconhecem a religião cristã e celebram cultos bárbaros. – Heterodoxo se diz do membro de uma igreja, de uma religião, de uma doutrina – que não se submete à autoridade que a regula; – que tem opinião diferente dos demais sectários (heteros "outro" + doxa "opinião"). É antôni-

mo de ortodoxo. - Herege (ou herético) é o que levou a heterodoxía ao extremo de discutir com certa paixão e sustentar graves erros em ponto de fé. – Leigo e profano distinguem apenas o que nada tem com a religião; que não pertence ao clero; ou que não diz respeito a crença nenhuma. – Profano, porém, junta à noção de leigo a de ímpio e sacrílego, em muitos casos.

374

ATENÇÃO, aplicação, reflexão, ponderação, meditação, contensão, apercepção, cogitação; cuidado, vigilância, solicitude, desvelo, dedicação. – Atenção é o ato pelo qual o nosso espírito fixa o seu poder sobre algum objeto externo. Se, em vez de num objeto externo, as nossas faculdades se fixam sobre objetos internos, esse ato chamase reflexão. Se a reflexão, ou a atenção é demorada e persistente, chama-se aplicação. - Ponderação sugere ideia de atenção mais profunda, de extremo cuidado e grave aplicação com que se estuda e trata de resolver alguma alta questão, ou de efetuar negócio de grande importância. - Meditação, como bem define Bruns., é "uma espécie de reflexão prolongada e persistente". Não obstante, há entre os dois vocábulos uma diferença notável, e que consiste em que a reflexão deduz consequências, enquanto que a meditação se exerce sobre fatos cujas consequências se conhecem antecipadamente. Antes de empreender um negócio importante, necessitamos refletir, não meditar. A paixão do Redentor é um assunto de meditação, para os crentes, não de reflexão. - Contensão significa "profundo esforço espiritual; grande, intensa aplicação". - Apercepção é a "capacidade própria da inteligência para conceber ideia das coisas reais". - Cogitação enuncia "o ato ou a operação de pensar sobre alguma coisa". - Cuidado é a "atenção zelosa, indefectível com que se faz alguma coisa". –

Vigilância é um cuidado contínuo, uma atenção que se não deixa iludir, uma atividade que está sempre alerta (vígil "que vela"). -Desvelo é o "cuidado e vigilância contínua de quem se empenha com afinco em realizar alguma coisa; que não cessa de agir enquanto não consegue o seu fim". - Solicitude é a "atenção, o cuidado, a diligência levados quase a um verdadeira inquietação por aquilo que nos interessa ou de que devemos dar contas". – Dedicação é quase solicitude e desvelo: é "a boa vontade e empenho com que se cuida de cumprir um dever, ou de executar alguma tarefa".

375

ATENTADO, crime, delito, culpa, falta, pecado, transgressão, infração, violação, quebra, quebrantamento, tentativa. - Segundo Bruns. – atentado tem duas acepções muito distintas. – Na primeira, exprime-se que o ato criminoso foi planeado e começado a perpetrar, não chegando, porém, a consumar-se por circunstâncias independentes da vontade do autor. Na segunda acepção, indica-se com esta palavra um desses crimes que causam indignação, seja porque revelem instintos depravados no criminoso, seja por ser o ato praticado contra quem ou contra aquilo que é geralmente respeitado. Como exemplo da primeira acepção, apontaremos - o atentado que alguns nobres, instigados pelos Jesuítas, praticaram nas terras da Boa-Hora para assassinarem el-rei D. José. Como exemplos da segunda, citaremos – o atentado contra Carnot; – os frequentes atentados dos governos contra as liberdades públicas. - Crime é o ato pelo qual a vida, a propriedade, a honra, os direitos ou os interesses alheios são atacados ou aniquilados. Há crimes graves, e crimes leves. - Delito é uma infração à lei; não se lhe pode atribuir a gravidade do crime. Muitas vezes comete-se delito sem infringir as leis

morais; e frequentemente, também, infringem-se as leis morais sem cometer delito. O crime quase sempre imprime baldão em quem o comete; o delito, não. - Culpa = "ato ou omissão menos grave do que crime". - Falta = "omissão menos grave do que culpa". - Pecado é infração da lei religiosa, e por extensão, das leis morais. Há o pecado mortal, isto é, aquele que pela sua gravidade como que mata as almas; e o pecado venial – o que não importa em perda da graça; que pode ser facilmente perdoado. - Transgressão é propriamente "o ato de fazer alguma coisa passando por cima das leis"; e geralmente aplica-se este termo só a casos de pouca importância. - Infração é o ato de "infringir, de quebrar a lei, ou o preceito moral". Quem deseja mal ao próximo comete pecado. A autoridade que dá uma ordem absurda comete transgressão, mais ou menos grave, da lei. O negociante que não pagou os impostos devidos cometeu infração das leis fiscais; como comete infração das leis penais quem furta uma carteira, quem fere, mata ou tenta ferir ou matar o seu semelhante. - Violação distingue-se dos dois precedentes em encerrar a ideia da força, do propósito com que a lei é infringida. Não é possível violar (de violo, verbo latino oriundo de vis "força") sem cometer violência. Quem comete uma infração pode não ter culpa, pois esta resulta da consciência com que a infração foi cometida; mas quem comete violação tem sempre culpa. Dizemos - infração involuntária; e nunca - violação involuntária. - Tentativa é propriamente um atentado, ou a prática de um crime ou de um delito que se começou, mas que não chegou a consumar-se por alguma circunstância alheia à vontade do autor. Quem erra um golpe ou um tiro de bala contra uma pessoa comete uma tentativa de morte. Se a pessoa alvejada tem uma alta representação social, ou se as circunstâncias da tentativa são excepcionalmente notáveis, passa esta a ser um atentado. O celerado que lança uma bomba explosiva sobre uma multidão, mesmo que não mate ninguém, comete um atentado, não uma tentativa. — Quebra, quebrantamento = "ato de infringir lei ou preceito"; parecendo que o segundo é muito mais forte.

376

ATITUDE, postura, posição, gesto. - Atitude, neste grupo, é "o que, na pessoa, nos revela as disposições, os sentimentos, que na atualidade a dominam". Assim dizemos - atitude serena ou ameaçadora; atitude benigna, ou indiferente, ou suplicante. - Postura difere de atitude em revelar este o sentimento próprio; e aquele, postura, aludir à apreciação alheia. A postura de uma pessoa é decente conforme os olhos que a veem. É preciso não esquecer que atitude e postura se dizem do conjunto do corpo, não de cada uma das suas partes. Devemos, portanto, evitar frases como estas: a postura da cabeça; a postura das mãos, etc.: frases nas quais posição ou gesto seriam o termo adequado. - Posição - referindo-nos somente ao que desta palavra é relativo às pessoas, dizemos da direção que se dá aos membros, à cabeça, ao busto. Um braço estendido horizontalmente não pode permanecer muito tempo nessa posição. – Gesto é um movimento do corpo todo, ou só da cabeça ou dos membros, e que exprime um sentimento, uma paixão. O gesto é rápido; e nisso difere também da atitude.

377

ATIVO, diligente, experto, solerte, solícito, cuidadoso, desvelado, zeloso, pressuroso, apressurado, afanoso, afadigado, moirejante, ansioso. — Atividade é antônimo de inércia. Tudo que exerce a ação que lhe é própria, que opera os efeitos que lhe são naturais, é ativo. Particularmente aplicado a

faculdades do homem, dizemos que é ativo aquele que se move na vida com desembaraço, que é expedito em adiantar os seus negócios, que é pronto nos misteres de que se ocupa, que exerce, em suma, com atividade as suas aptidões. – Diligente será o homem que, além de ativo, é cuidadoso, mostra zelo, perícia, vivo interesse nos encargos que lhe são confiados. Nem sempre o homem ativo pode ser tido como diligente, portanto, pois a atividade pode não ser ponderada e sair da justa medida, perdendo-se ou dispersando-se inutilmente. Por isso o homem ativo nem sempre conseguirá fazer o que deseja. O mesmo não se deve entender quanto ao diligente, pois este se supõe sempre que exerce a sua atividade com muito bom senso, e que os seus esforços são regulados cuidadosamente pelo esmero com que procura dar conta da sua tarefa. - Experto é tomado frequentemente a má parte. Nem sempre a esperteza é uma virtude de que nos possamos desvanecer: antes pelo contrário. E neste sentido depreciativo aproxima-se mais de ladino, sagaz, astuto, que de ativo e diligente. Na acepção figurada que lhe dá lugar neste grupo dir-se-ia, porém, convizinho desses dois: experto é o "homem que, além de ativo e diligente, tem uma pronta e clara inteligência das coisas, que é de vivo engenho e de fácil penetração". - Solerte é, como define Aul., "prudente com astúcia". Caixeiro solerte. Solerte diplomata. - Solícito diz "cuidadoso e diligente, esmerado, vigilante, assíduo em dar conta de seu mister ou de algum encargo". - Cuidadoso se diz daquele "que desempenha com cuidado o seu cargo, ou trata bem da sua tarefa ou de um negócio que lhe compete." - Desvelado é mais que cuidadoso: é "aquele que não descansa antes de haver cumprido a sua tarefa", ou "enquanto", segundo Lac., "não consegue o que pretende". – Zeloso é o que, além de ser ativo, "mostra escrúpulo em cuidar

da sua tarefa, em defender os interesses que lhe estão confiados". – Pressuroso = ativo, solícito, impaciente de cumprir o seu dever ou de executar algum serviço. - Apressurado = "que tem pressa em fazer... impaciente por acabar... quase precipitado". - Afanoso = "ativo, esforçado na sua lida". - Afadigado = "ansioso no trabalho, empenhado com grande esforço, cansado mais do que talvez exigiria a tarefa". - Moirejante = "esforçado, afanoso, afadigado como um moiro". - Ansioso é o que se não satisfaz com ser apenas solícito e desvelado, mas chega a inquietar-se, a afligir-se por ver cumprida a sua tarefa. Observa com razão Bruns. que "ansioso não se diz de uma qualidade da pessoa, mas de um estado anormal em que ela se encontra. Está ansioso aquele que procura chegar ao termo de uma coisa, ou quem se impacienta por ver que ela tarda a chegar".

378

ATIVO, eficaz, enérgico, violento, forte. -Quanto aos dois primeiros, diz Alv. Pas.: "A diligência, e a viveza com que se empregam os meios para obter um fim, ou com que obram as causas, constituem a atividade, e o caráter do que é ativo. A natureza poderosa dos meios, ou das causas, a sua força e virtude constituem a eficácia, e o caráter do que é eficaz. Um medicamento ativo produz prontamente o seu efeito, e obra com energia em toda a economia animal; e se a sua ação sobre ela é de natureza que afugenta a doença; se por sua virtude combate com segurança os efeitos do mal, esse medicamento ativo é um remédio eficaz. Um discurso ativo surpreende e não deixa tempo para a dúvida; mas um discurso eficaz previne-a e combate-a, convencendo e persuadindo". - Enérgico diz propriamente "que opera com grande atividade, que se exerce com muita força". - Violento é o que se exerce

com atividade anormal e brusca, que opera com energia demasiada, rápida, impetuosa. Dizemos que um remédio é enérgico se ele é mais do que ativo, se age prontamente; e que é violento se abate o organismo e pode até pôr em risco o doente. Um discurso enérgico é feito em termos fortes, claros, incisivos; um discurso violento ataca sempre alguém, alguma instituição, alguma coisa, e de modo áspero e sem atenção a conveniências que normalmente se guardariam. — Forte = "que atua com muita força, com força mais que normal". Remédio forte. Fortes razões, argumentos, provas.

379

ATOR, cômico, comediante, artista. - Sobre estes quatro vocábulos escreve Bruns.: "Quem representa no teatro uma personagem qualquer, faça-o por profissão, ou por mero passatempo, é ator enquanto está no palco; cessa de o ser logo que se retira para entre bastidores. Cômico ou comediante é aquele que tem a profissão de ser ator no teatro: cômico, se é considerado como pago para fazer rir o público; comediante, se o é como representante das personagens que entram na comédia. Artista é um termo muito extensivo, não porque a língua o autorize, mas porque o uso assim o tem estabelecido: Rafael foi artista, e artista se intitula o meu sapateiro..."

380

ATRIBUIR, imputar. – Sobre estes dois verbos escreveu Lacerda, repetindo Roquete: "Exprimem ambos a ação de referir a alguém uma coisa, dando-o como autor dela; diferençam-se, no entanto, em que – atribuir é dar alguém por autor de alguma coisa vagamente, por simples asserção; e – imputar é atribuir-lha aplicando-lhe logo o mérito ou o demérito da ação. Atribui-se uma obra ao que se crê ser autor dela; imputa-se

um fato à pessoa que julgamos ser causa mais ou menos remota, direta ou indireta dele. *Atribui-se* a ruína dos impérios aos conquistadores; e deveria *imputar-se* isso aos maus governos, que facilitaram a conquista. **Atribuir** toma-se indiferentemente em boa ou má parte, **imputar** toma-se quase sempre em mau sentido".

381

ATRIBUTO, predicado, propriedade, qualidade. - Atributo "se diz daquilo que, estando na essência da pessoa ou da coisa, lhe pertence tão indiscutivelmente que a pessoa ou coisa deixaria de ser o que é se lhe faltasse tal atributo. A eternidade é um dos atributos de Deus. - Predicado é o que se exige na pessoa ou coisa para ser tida como válida ou verdadeira. A tolerância é um dos predicados do espírito livre. Predicado e atributo, que em lógica são sinônimos perfeitos, diferençam-se na linguagem vulgar: I.°) em considerar-se o atributo como existente, próprio, essencial, e o predicado como exigido, contingente, acidental; 2.°) em o atributo constituir estado, modo de ser, e o predicado, ação. - Propriedade é aquilo que, pertencendo exclusivamente à pessoa ou coisa, a torna distinta e inconfundível, constituindo uma das suas virtudes. A propriedade do ímã é atrair o ferro. - Qualidade é o que faz com que uma coisa seja tal como se diz. Papel de boa qualidade. As excelentes qualidades de uma pessoa". (Bruns.)

38

ATUALMENTE, **presentemente**, **hoje**, **agora**; **presente**, **atual**. – Nota Laf. que parece muito estreita a sinonímia que existe entre os dois primeiros advérbios deste grupo. "A diferença" – diz ele – "deve ser a mesma que se nota entre **presente** e **atual**. O que é ou está **presente** acha-se aqui mesmo, diante de nós, em presença (*prα*). **Atual** significa

'que está em ato (actu) e não em potência (potentiâ)', segundo a linguagem da antiga metafísica; de sorte que o que é atual não está nem em potência, nem em ideia, nem em expectativa, nem por vir em geral". -Presente refere-se sem dúvida tanto ao futuro como ao passado; parece, no entanto, ser ainda mais próprio para o passado. Seja como for, atual caracteriza-se unicamente por sugerir uma ideia de realidade em oposição ao que poderá ou poderia ser. "Opõese o presente aos séculos passados" (Volt.). "Opõe-se o estado presente de uma pessoa a suas calamidades passadas" (Vauv.). Mas disse d'Alembert com perfeita justeza: "Os acadêmicos, tanto atuais como futuros". Emprega-se, portanto, **presentemente** de maneira absoluta; e querendo marcar uma certa relação com o passado; atualmente é relativo, e marca alguma coisa em oposição com o que é ideal, hipotético, possível ou futuro. "Nossa natureza está presentemente corrompida" (Mol.). "Nós nos preparamos atualmente para reinar um dia com os santos no céu" (Bourd.). "O rei que reina presentemente" – dir-se-á de maneira absoluta, ou em referência aos reis seus predecessores; "o rei que reina atualmente" - empregar-se-á de preferência quando se quiser sugerir alguma relação com os reis que hão de vir depois dele. Ilustra o autor essas definições com profusão de exemplos extraídos de clássicos. – Hoje, segundo o mesmo Laf., "emprega-se sobretudo para opor uma certa época da vida de um homem, de um povo, ou da humanidade, às épocas precedentes, sob diversos aspetos - costumes, espírito, modas, etc." É preciso notar que hoje, como os dois advérbios precedentes, marca relação com outro tempo; e não é difícil apanhar a natureza e extensão dessa relação em todos os do grupo. Quem diz presentemente não faz decerto referência em oposição a fato que tivesse sucedido ontem, ou há

poucos dias, mas a fato passado há muito tempo. Quem diz hoje refere-se a fato em oposição a fato ocorrido ontem. Só mesmo dando-lhe muita latitude é que admitimos, no entanto, que hoje marque também ideia muito semelhante a presentemente. Dizemos: "Felizmente hoje não me deixo afrontar daquelas abusões..." - referindo-nos não a abusões que tivéssemos precisamente ontem, nem limitando o que afirmamos ao próprio dia atual – hoje, – mas à fase da vida em que nos achamos, em oposição a outra fase passada. Em suma: hoje é tanto o dia atual propriamente, como a época atual, o tempo em que se está vivendo. - Agora (do latim bac bora) é também advérbio que à noção precisa de "neste ou a este momento, nesta ou a esta hora" associa a noção mais vaga de "nos ou os dias que correm, no ou o tempo que não é o passado de que se falava". O francês, com o seu maintenant (main + tenant), dá com precisão admirável o nosso agora; e nem por isso fica livre da extensão que é admissível, exatamente como em português. "Il était riche autrefois; maintenant il est pauvre". "Ele foi rico em outros tempos; agora está pobre." É evidente que tanto numa como noutra língua esses advérbios estão postos – maintenant em lugar de aujourd'hui; e agora em vez de hoje.

383

ATUAR, operar (obrar), agir, influir. -Quando uma coisa (ou mesmo uma pessoa) exerce ativamente a sua força (física ou moral) sobre outra, dizemos que atua. Quando produz sobre alguma coisa o efeito que lhe é próprio, dizemos que opera (ou obra, que é a forma vernácula do mesmo verbo latino operare). E quando exerce influxo (ou influência) sobre alguma coisa, dizemos que influi. Não se confundem, portanto, estes três verbos. Um sucesso pode influir sobre coisas futuras (não operar, nem atuar, porque estes

enunciam ação que depende de atividade e quase de esforço consciente). "Aquele discurso atuou fortemente no espírito da Câmara, e é possível que se destine a operar uma verdadeira revolução no seio do ministério"; ou: "é possível que tenha de operar ainda alguma transformação política imprevista". — Também agir, conquanto pouco tolerado pelos vernaculistas escrupulosos, pode ser incluído neste grupo, com a mesma significação de obrar, se bem que mais genérica.

384

ATURAR, sofrer, suportar, aguentar, tolerar, padecer. - Segundo Roq.: - Sofrer "exprime a ideia geral e absoluta de levar o mal que nos acontece, ou que nos fazem. - Padecer exprime particularmente o sofrimento físico do indivíduo. - Aturar é sofrer com repugnância e de mau grado. - Suportar é sofrer com paciência e conformidade. – Tolerar é também sofrer por efeito de prudência ou de boa educação; porém é sofrer em silêncio. O que tem desgostos domésticos, enfermidades, ou que se vê na pobreza, ou injuriado, sofre. O que tem dores padece. O filho submisso atura a rabugice do velho pai. O homem caritativo suporta com bom semblante os defeitos e fraquezas do próximo. O rei prudente tolera alguns abusos contra sua autoridade para evitar maiores males". - Aguentar é vocábulo de uso comum (com a significação que tem neste grupo) e enuncia a ideia de sofrer com esforço, contrariando-se muito, ou contrafazendo-se. Aguentam-se grosserias de um biltre, por não dar escândalo. Aguenta-se a estupidez de um funcionário imbecil, ou de uma autoridade ignorante...

385

ATURDIR, atordoar, perturbar, conturbar. – Aturdir e atordoar têm de comum a ideia de perturbar os sentidos; e só se

distinguem pela causa que produz a perturbação. - Atordoar aplica-se mais particularmente à ação de perturbar por efeito físico: um cheiro muito forte, uma bebida alcoólica, uma queda, uma pancada na cabeça - atordoam. Aturdir significa "perturbar o senso confundindo-o". Uma tormenta, um grande rumor ou vozeria – aturdem--nos. – Perturbar é interverter, ou mudar a ordem, alterar as condições, a situação ou estado normal de alguma coisa. - Conturbar exprime a mesma noção geral de pôr em desordem e confusão; mas sugere mais particularmente a ideia de perturbação do senso interior. A luz forte perturba a vista (não - conturba). A alma se lhe conturba ao saber daquela desgraça.

386

AUGUSTO, majestoso, imponente, soberano, solene, pontifical, grandioso, glorioso, magnífico, pomposo, esplêndido, ostentoso. – Augusto é o que é tão grande, solene, sumptuoso e magnífico ao ponto de sugerir a ideia de coisa sagrada e divina, e em cuja presença se sente um como religioso temor. A augusta fronte do pontífice; a figura augusta do patriarca. - Majestoso é o que esplende pela sua aparência grandiosa e sublime. O ar majestoso da rainha; a majestosa cerimônia da sagração do bispo. Porte, andar, semblante majestoso. - Imponente é o que, pela sua grandeza, poder, ou majestade, se impõe ao respeito ou à admiração de todos. Préstito imponente; gesto, postura imponente. -Soberano é o que está no mais alto grau de poder, e portanto acima de todos os do seu gênero, ou da sua classe. O soberano olhar da princesa; o gesto soberano de desdém. - Solene = "que tem caráter de formal e brilhante autenticidade". - Pontifical = "que tem aparência de pompa religiosa; que é augusto e venerando como as coisas sagradas". - Grandioso = "aquilo cuja pompa e mag-

nificência excedem à grandeza comum". - Glorioso = "que ascendeu à elevação do que se fez ilustre e excelente, digno de honras sobre-humanas. - Magnífico sugere ideia do que chegou ao máximo esplendor e grandeza. – Pomposo = "que tem mais que o aparato de solenidades usuais; que tem o brilho ostentoso da riqueza". – Esplêndido = "sereno e brilhante, excelente e augusto". - Ostentoso = "que, além de esplêndido e aparatoso, ainda mostra ostentação, isto é, orgulho e ufania".

387

AUMENTAR, crescer, avolumar-se, avultar, engrandecer, ampliar-se, amplificar-se, dilatar-se, inchar, engrossar, intumescer, empolar, empolamar, exagerar, encorpar. - Observa Bruns, que "o antônimo de aumentar é diminuir, e o de crescer é minguar; e que, portanto, aumentar é relativo à quantidade: crescer é relativo ao volume. – Há casos, no entanto, em que não se atende nem à quantidade, nem ao volume, mas sim ao incremento, ao desenvolvimento; então, consideraremos o modo como esse incremento ou desenvolvimento se opera para empregar um dos verbos aumentar ou crescer. Se o incremento ou desenvolvimento for devido à afluência do que vem do exterior, o verbo adequado será aumentar; se for devido a forças interiores, usaremos de crescer; e isso porque aumentar considera concurso alheio, e crescer, impulso próprio". Cresce a planta, o menino, o rio. Aumenta a fortuna, a biblioteca, etc. – Avolumar-se é muito próximo de **aumentar**; e entre os dois deve notar-se a diferença que consiste unicamente em aplicar-se o primeiro só a coisas concretas. Não se diz: avoluma-se a minha dor, ou a minha febre, ou a minha felicidade (e sim aumenta-se). – Avultar pode dizer-se que é muito mais extenso e compreensivo que avolumar-se, e pode ser empregado tanto no sentido abstrato como no concreto. Avulta o prestígio do general; avulta aquela grande figura no meio da turba; os meus males avultam com os meus receios. - Engrandecer = "fazer-se grande, ou maior do que era". – Ampliar-se = "tornar-se de proporções maiores, fazer-se mais largo ou extenso". - Amplificar-se ajunta à significação de ampliar-se a ideia do esforço com que se faz maior o que já era grande. - Di**latar-se** = "ampliar-se, fazer-se mais extenso, ou mais largo". – Inchar = crescer com esforço, ou por efeito de gás que se dilata, ou de matéria que se acumula". - Engrossar = "fazer-se mais grosso". – Intumescer = "inchar demais, fazer-se túmido, crescer como um tumor". - Empolar = "crescer, avolumar-se como empola". – Empolamar (outra forma de empolar) = "fazer empolado demais". – Exagerar = "dar proporções fora do normal". - Encorpar = "tomar maior corpo; fazer mais compacto, mais sólido e de maior vulto".

AURA, brisa, zéfiro, aragem, viração, favônio. - Aura é "brisa fagueira, brando vento aprazível, propício como o favônio". - Brisa é também muito próximo dos precedentes: é "vento suave e fresco". - Zéfiro é "brisa matutina, a que sopra alegrando os prados". - Viração "é vento fresco, propício, que vem a certa hora, ou que não é contínuo por muito tempo". - Aragem é um brando movimento do ar, que se sente apenas pela agitação das folhas, ou por uma impressão muito vaga, quase imperceptível, que nos cause mais pela quentura ou pela frieza do que pela força.

389

AUSPÍCIOS, proteção, patrocínio, salvaguarda. - No entender de Bruns., "cada um dos vocábulos deste grupo sugere a ideia de uma influência eficaz para o logro do que outrem deseja". - Auspícios (do latim auspex, de avis e spicere "ver, contemplar") é o termo que designa menor influência benéfica; pois, assim como os romanos costumavam consultar os auspícios - isto é, os presságios tirados do voo ou do canto das aves – antes de se aventurarem em alguma empresa, na qual, quando eram favoráveis os auspícios, se arriscavam confiados apenas na proteção que os deuses lhes haviam de confiar; assim também, por analogia, este vocábulo designa a influência favorável, mas vaga e um tanto ou quanto incerta, que se manifesta pela benevolência, por um apoio indeterminado, ou por alguns conselhos ou recomendações, sem contudo ir até auxílio imediato ou intervenção ativa. Assim se diz que "uma empresa principiou sob bons auspícios", quando desde princípio tem o favor do público; esse favor, porém, pode ser-lhe retirado por várias circunstâncias: e eis aí a versatilidade e inconstância dos auspícios. Em proteção (do latim pro "adiante", e tegere "cobrir") predomina a ideia dos meios que se adotam para pôr o protegido ao abrigo de algum mal. Os fracos procuram a proteção dos poderosos. Há, porém, neste vocábulo uma grande vaguidade de significação, pois a proteção defende, cobre; mas nem sempre ajuda, ou auxilia ou socorre, nem ampara; o que a proteção pode fazer é impedir que se chegue à situação de necessitar de ajuda, auxílio, socorro ou amparo. - Patrocínio denota proteção eficaz, ativa, que pugna em favor daquele que é protegido ou melhor patrocinado; entendendo-se que o patrocínio provém sempre do forte para o fraco, do superior para o inferior: ideia que não é inerente à proteção. - Salvaguarda não é vocábulo muito usado; não obstante, é o mais expressivo de todos os deste grupo, e o que designa maior eficácia: literalmente "guarda que salva", que põe ao abrigo de

grandes perigos. Este termo sugere sempre a ideia de autoridade revestida do poder de defender, de salvar. "As leis são a salvaguarda dos cidadãos".

390

AUSPICIOSO, esperançoso, prometedor. – Se **auspícios** tem a significação um tanto vaga, como se vê no grupo precedente, o mesmo não se dá quanto a auspicioso. Auspícios podem ser bons ou maus; auspicioso significa sempre – "que começa sob a influência de bons augúrios; que se pode prever terá esplêndido sucesso". – Esperançoso é "o que inspira esperanças de grande sucesso; o que, por si mesmo, pelas suas qualidades e dotes próprios, deixa prever que alcançará o êxito que aspira". - Prometedor é o que, à vista do que apresenta, autoriza a esperar-se que venha a dar o que promete. Pode ser auspiciosa uma estreia, um natalício, um casamento, etc. Pode ser esperançoso um estudante, um poeta, etc. É prometedor o menino que fez alguma coisa extraordinária para a sua idade.

391

AUSTERO, severo, rigoroso, rígido, ríspido, duro, inflexível, inexorável, inabalável, inalterável. - Segundo Roq. - "a austeridade consiste em sujeitarmo-nos a regras rígidas da maneira de viver, observando-as estrictamente e sem delas nos separarmos. Ainda que geralmente se tome a austeridade em sentido de aspereza e rigorosa virtude, como também de mortificação e penitência, sem embargo, como depende muitas vezes do temperamento e do gênero de vida que muitos são obrigados a levar, acontece que homens que não fazem profissão de virtude, e que até são malvados, têm costumes mui rígidos e austeros. A austeridade, portanto, refere-se antes à nossa conduta conosco mesmo que com os demais; sem embargo disto, um gênio austero e rígido também costuma sê-lo com todos, e mais ainda com os que dele dependem. Diz La Bruyère que um filósofo austero, e de gênio áspero, espanta a todos, e faz como aborrecível a virtude. – A severidade exerce-se de ordinário antes com os demais que conosco; bem que os homens severos costumem ser pontuais e exatos no cumprimento de suas obrigações. O severo não manifesta condescendência alguma. Se aplicarmos esta palavra aos princípios ou causas, indicará ela certo caráter virtuoso; e se a aplicarmos às ações, indicará extremada rigidez, pouco conforme às vezes com a equidade. Muitos homens, sem serem severos com os outros, são austeros consigo mesmos; em outros sucede o contrário. Não podemos deixar de ter certa admiração pelo homem austero, nem de temer o severo. A austeridade chega a converter-se em hábito; e a severidade o é pelo caráter e os princípios. – O homem rigoroso tudo exagera, e nada lhe contenta o excessivo rigor. O homem severo não se aparta nunca de seus princípios; ao mesmo tempo que o rigoroso os leva a um extremo que é mais prejudicial do que útil. A austeridade consigo mesmo não é incômoda a ninguém; a severidade com os outros pode ser obra de virtude ou de vício, e por essa razão sempre é temida; contra o rigor, porém, todos se viram pelos excessos a que de ordinário arrasta". – **Ríspido** aplica-se ao que se excede nas manifestações da severidade, e vem a parecer mais áspero e grosseiro que severo. A rispidez quase que depende mais do temperamento e da educação que propriamente das qualidades fundamentais da criatura; e por isso não são raros os casos em que a rispidez não exclui a magnanimidade e outras virtudes de coração. – Duro dizemos, em sentido moral, do que é mais que rígido: dureza de alma é quase crueldade; podendo, no entanto, admitir-se algum coração duro que não seja propriamente cruel. - Infle-

xível exprime, segundo a própria formação do vocábulo, "que não se dobra, que não muda da resolução tomada". - Inexorável é "o que não cede nem a súplicas e lágrimas". - Inabalável é "o que não muda de opinião, de propósito, mostrando-se firme e seguro no seu modo de ver ou de obrar". - Inalterável é "o que se não move exteriormente, que parece o mesmo sempre". - Inabalável é mais forte que inalterável, pois encerra muito claro a ideia de que a coisa ou pessoa inabalável não cede a esforço.

AUTÊNTICO, formal, solene. - Autêntico designa "o caráter de legitimidade que toma o ato ou a coisa que se fez com todos os requisitos que lhe são próprios, e como tal capaz de produzir todos os efeitos jurídicos". - Formal é "o que se fez na devida forma, e que por isso é claro, positivo, genuíno". Não inclui necessariamente a ideia de autenticidade: um ato, ou um documento formal pode não ser autêntico, pois só se torna autêntico o ato formal depois de legalizado juridicamente. - Solene é "o que, além de formal e autêntico, se fez com grande aparato e plena publicidade". Dizemos: carta, contrato, relação autêntica; declaração formal; juramento solene.

393

AUTONOMIA, independência, soberania.

- Tomamos aqui estas palavras na acepção política. Dizemos que um Estado, ou uma província, ou mesmo um distrito ou um município goza de autonomia quando ele se governa, ou melhor, se administra pelas suas leis próprias, subentendendo-se que essas leis ficam sempre dentro de alguma lei geral, ou limitadas por alguma autoridade superior. – Independência pode-se dizer que se confunde com soberania, pois não se concebe um Estado independente sem que seja por isso mesmo soberano. – A soberania política consiste na qualidade de poder um Estado existir por si mesmo, sem reconhecer acima de si nenhuma outra autoridade. Os Estados do Brasil são *autônomos*; a soberania, aqui, é exercida pela União, que é a entidade representativa de todo o país, do conjunto dos Estados.

394

AUTOR, escritor, publicista. - "Estes três vocábulos aplicam-se aos homens de letras que publicam obras de sua composição. Chama-se autor o que dá à luz qualquer escrito, porque esta palavra se refere somente a este gênero de produção. Também se chama escritor qualquer autor literário; porém, só se diz escritor fazendo-se referência ao estilo; de modo que o mesmo homem pode ser bom autor, porque pensa e discorre bem; e mau escritor porque escreve incorretamente o que pensou com profundidade. A significação da palavra publicista é restrita; porque se refere exclusivamente ao que escreve sobre direito público". - Damos, aliás, hoje o nome de publicista a todo aquele que, com autoridade, escreve para o público.

395

AUTORIDADE, poder, potestade, força. – Segundo Lacerda, "autoridade é a superioridade legal, quer a lei seja divina, quer natural, humana, ou de opinião". – Poder é a autoridade que se acompanha da força necessária para fazer-se obedecer. Potestade supõe o poder que a sustenta. Os nossos clássicos davam a esta palavra a significação geral de poder. "Pobre está já (Roma) tão decaída da antiga potestade". – Força, aqui, é "a resultante dos elementos materiais em que funda o poderoso o seu poder".

396

AVALIAR, apreçar (apreçar e apreciar). – Avaliar é "calcular o valor de uma coisa";

e tanto se aplica no sentido moral ou abstrato, como no sentido físico. Avalia-se uma propriedade, um serviço; como se avalia um esforço mental, um sofrimento. — Apreçar é "dar o preço, calcular o valor venal de alguma coisa, de algum trabalho ou produção". — Entre apreçar e apreciar há, portanto, a diferença que consiste em não ser inerente ao segundo a ideia de cálculo. Deve dizer-se mesmo que a distinção entre os dois verbos se regula pela que existe entre os respetivos radicais: apreçar é estipular preço; apreciar é ver com apreço, olhar, examinar com interesse e cuidado.

397

AVARENTO (avaro), ávido, sovina, fona, mesquinho, cainho, tacanho, agarrado, somítico, interesseiro, cobiçoso. - Avarento é "o homem que tem a paixão da riqueza, e vive ansioso por entesourar tudo o que adquire, gastando o menos que é possível, ainda que se prive a si mesmo dos bens mais comuns da vida". A avareza é um vício que mata a alma, e converte a criatura humana em simples animal. Entre avarento e avaro, que os léxicos dão como sendo a mesma coisa, é preciso notar uma diferença essencial. Dizemos: a sorte avara (e não - avarenta); o avarento é um enfermo de consciência (não – o avaro). Isto quer dizer (por mais que digam, ainda quanto a isto, o contrário os lexicógrafos) que avarento pode ser empregado como substantivo (significando – "homem avaro"), e muito excepcionalmente como adjetivo; e que o inverso se dá em relação a avaro; isto é, só é empregado como adjetivo, e que nos conste, não há caso algum na língua em que ele se nos apresente como substantivo, salvo figuradamente, já se vê, pois isso é comum a toda aquela categoria gramatical. – Ávido é também adjetivo, e em relação a avarento está no mesmo caso de avaro. Mas ávido distingue-se de um e outro, não só pela ex-

tensividade, como pela significação própria. Ávido é "o que deseja ardentemente alguma coisa pela qual anseia, e que procura alcançar com solicitude e esforço"; e só particularmente é que significa – "ansioso de riquezas". - Sovina é "a pessoa mesquinha, que prefere sofrer vexames a gastar o seu vintém". - Fona é "a criatura miúda" que faz questão das coisas mais insignificantes; que vive a apanhar os restos, as coisas inúteis". – Mesquinho, aqui, é "o que exagera a sua pobreza, fazendo-se em tudo mais indigente do que é, poupando em excesso". - Cainho (fig.) é "o que esconde, guarda o seu dinheiro, ou melhor, o seu bocado como o cão o seu osso". – Agarrado aproxima-se de cainho: é "o que prende quanto tem, como o animal agarra a sua presa". - Tacanho aproxima-se de mesquinho: é "o estreito, apertado no despender, medindo tudo com muita escassez, e até procurando lograr os outros se for possível sem parecer propriamente gatuno". - Somítico deve comparar-se muito de perto com tacanho e mesquinho; acrescenta, no entanto, a estes uma certa ideia de torpeza: o somítico é mesquinho com os outros para só gastar com aquilo que lhe dá prazer. – Interesseiro é, como está dizendo claramente a palavra, "o que cede muito aos seus lucros; o que, em regra, nada faz que lhe não redunde em proveitos pessoais". - Cobiçoso não diz propriamente o mesmo que avarento. Este quer "para guardar"; o cobiçoso deseja muito adquirir, e quase sempre o que vê em poder de outros; mas cobiçoso não inclui necessariamente a ideia de avareza, nem mesmo a de mesquinhez. Como diz Roq. – "pode o cobiçoso ser liberal, magnífico, e até pródigo"; o que não se dá em relação a avarento.

398

AVARIA, estrago, perda, prejuízo, lesão, dano. - Avaria, além da acepção especial em que mais particularmente se emprega para designar estrago de mercadorias a bordo de navios, dizemos dos danos causados principalmente pelas grandes chuvas e inundações, danos puramente materiais, e considerados como reparáveis por meio de gastos pecuniários. - Estrago é o dano que prejudica parte do que se possui; que diminui a quantidade, que danifica a qualidade. As avarias são suscetíveis de reparação, como dissemos; os estragos podem sê-lo, ou não. – Perda é o dano total, ou pelo menos considerável do que se possui. Um temporal causa avarias nos muros da quinta, estragos nas árvores, e perda de colheitas. - Prejuízo é "desfalque resultante de perda, estrago ou avaria". - Dano é "o mal que provém de nos haverem diminuído o valor de alguma coisa que nos pertence." - Lesão é termo bem mais extensivo do que dano: designa "toda sorte de prejuízos que de qualquer modo se cause a pessoas ou coisas".

399

AVE, pássaro, volátil. - Ave é "o nome genérico que se aplica a todo animal ovíparo provido de asas". - Pássaro é "a ave pequena, de voo curto". O condor, o avestruz, a galinha, o pato são aves; o sabiá, a andorinha, o tucano são pássaros. - Volátil aplica-se a todas as aves, a todo animal que voa mesmo sem ser ave. O pardal, a águia, o morcego são voláteis; e, no entanto, o pardal é pássaro; a águia é ave; o morcego não é pássaro nem ave (porque não é ovíparo).

AVERIGUAR, verificar, reconhecer, constatar. - Segundo Lacerda: averiguar é procurar, diligenciar, achar a verdade. Também significa, entre os nossos clássicos, provar que uma coisa é certa, verdadeira. - Verificar é "empregar os meios convenientes para cada um a si mesmo convencer-se de que alguma coisa sucedeu como se conta,

e que é exata etc." — Em suma: averiguar é "reconhecer a verdade"; verificar é "ver clara, deixar clara a verdade". — Reconhecer é "chegar ao resultado de ver que uma coisa é realmente como se dizia; e dar disso testemunho". — Constatar (que muitos se dão o luxo de condenar como galicismo escusado) é "estabelecer, depois de exame, a verdade sobre alguma coisa."

401

AVESSO, reverso, anverso; verso, inverso. - "O avesso" - diz Bruns. - "é o lado pelo qual uma coisa não deve ser vista. O reverso é a parte oposta ao lado principal. Anverso é o lado principal, a face, ou a parte oposta ao reverso. O pano tem avesso; as medalhas têm anverso e reverso". - Verso é "a parte de uma superfície, ou mais particularmente de uma folha de papel, ou de livro, oposta à da frente, regulada esta pelo lado em que a folha se liga a outras". Referindo-nos a um caderno ou a um livro sem numeração por páginas e sim só por folhas; dizemos: "à folha ou à página tal verso" (isto é – "à página oposta à página numerada"). - Inverso significa "de modo contrário ao que é natural; voltado da direita para a esquerda, de diante para trás, de cima para baixo; ou posto em ordem, direção, ou sentido que não é o próprio".

402

AVISTAR, enxergar, lobrigar, ver, distinguir, discernir, descobrir, devisar, bispar. – Avistar é "alcançar com a vista alguma coisa". "Logo que saímos da floresta, avistamos muito ao fundo do campo a casa da fazenda". – Enxergar é "avistar mal, através de algum obstáculo". "Enxergamos muito confusamente a caravana, perdendo-se entre as lombas da campanha." – Lobrigar é "ver indistintamente, mal devisar alguma coisa estando-se no escuro". – Ver designa a

ação de "receber pela vista uma impressão direta do mundo exterior". — Distinguir, aqui, é "enxergar ou mesmo lobrigar com esforços". — Discernir é "ver claramente, separando ou discriminando a coisa vista de outras coisas, ou na própria coisa vista, os vários aspetos". — Descobrir é aqui "ver ao longe, ou avistar mal e mal; como se se houvesse eliminado algum obstáculo entre a nossa visão e a coisa descoberta". — Devisar é "perceber pela vista, descobrir, distinguir". — Bispar é vocábulo popular, muito usado com a significação de "enxergar ou avistar com dificuldade e rapidamente".

403

AVIVAR, aviventar. – Entre estes dois vocábulos há a diferença marcada pela partícula verbal incoativa entar que figura no segundo. - Avivar é "dar mais vida, mais atividade, mais rapidez, mais intensidade etc." - Aviventar é "dar um pouco de vida, etc. sem a ideia de que a vida seja completa". Aquela desgraça vem *avivar-me* a dor antiga (e não - aviventar-me, porque o que se quis exprimir é que a nova desgraça tornou a antiga dor tão viva como tinha sido). As frases: "avivente um bocadinho o fogo da lareira"; "aviventemos alguma coisa a nossa marcha, e iremos ter ainda hoje à fazenda"; "dê-nos qualquer ideia que nos avivente ao menos a memória" – não admitiriam, sem quebra de rigorosa lidimidade lógica, o verbo avivar, que significa "tornar vivo", ou "mais vivo" em absoluto.

404

AZADO, oportuno, próprio, conveniente, adequado, propício. – Azado e oportuno poderiam, à primeira vista, ser empregados indistintamente. Há, no entanto, entre eles a seguinte diferença: azado dizemos do que, sem que o esperemos, se nos apresenta como favorável; e oportuno dizemos do que vem a

encontro dos nossos desejos, ou do cálculo que fizemos. "Chegou o momento oportuno de jogar a partida"... (e não – o "momento azado"). "O momento parece azado para uma tentativa" (e não - oportuno) - desde que veio inesperadamente. - Próprio, aqui, significa – "que se adota, ou que convém ao fim que se colima". - Conveniente diz também - "que é favorável, vantajoso ao fim que se deseja". - Adequado exprime - "que se ajusta ao que pretendemos, como se viesse a propósito, ou fosse feito para tal fim". - Propício é "o que se apresenta oportuno, favorável, e prometendo sucesso".

405

AZIAGO, funesto, nefasto, infausto, agoirento. – Aziago se diz, ainda hoje, daquilo "que anuncia desgraças", como acreditava o espírito supersticioso dos antigos. - Funesto, além da de aziago, sugere "a ideia de sinistro, fatal". - Nefasto significa "cheio de desgraças e calamidades". - Infausto diz menos que aziago, pois exprime apenas -"não propício, não feliz". - Agoirento é "o que, além de aziago, é lúgubre e sinistro".

406

BAILE, bailado, dança, folia, folgança, fandango, samba, jongo. – Sobre baile, dança e folia escreve Roq.: "Não defendemos a etimologia do verbo bailar, de ballizô, 'saltar'; mas é certo que ao que nós chamamos bailar chamavam os latinos saltare, 'saltar, dar saltos'. E, na verdade, quem baila dá saltos, e faz movimentos de corpo mais ou menos compassados, com mais ou menos ligeireza. A língua francesa, mais pobre que a nossa, tem só um termo para significar estes movimentos – é o substantivo danse, e seu verbo danser; a nossa, porém, tem três que determinam as ideias acessórias destes saltos e movimentos. – Baile é nome genérico e vulgar, e só exprime a ação física de bai-

lar. – Dança é palavra mais nobre, e designa particularmente o movimento regular do corpo e seus membros ao compasso e tom de música. - Folia, como a palavra de origem francesa (folie 'loucura') o está dizendo, é uma dança rápida ao som de pandeiro ou adufe, entre várias pessoas, cantando; e que se assemelha à dança das bacantes. Bailam os moços e moças do povo em suas festas e reuniões; bailam os próprios selvagens à sombra de frondosas árvores, e ao som de rústicos instrumentos; dançam os cavalheiros e senhoras nobres em suas salas; faziam-se antigamente folias por ocasiões de alegria pública. O bailar é uma espécie de instinto nas criaturas racionais; e assim como os animais retouçam de contentes e alegres, bailam os homens por alegria e diversão. A dança é uma arte semelhante à que entre os gregos se chamava orchestike, que não só dá regras para mover o corpo e os membros a compasso, senão para a maneira de pisar, ter o corpo em elegante postura, e fazer as cortesias e mesuras que a boa educação prescreve; e, por isso, a dança é própria de gente nobre e cavalheira. A folia indicava noutro tempo (que hoje é palavra antiquada) certo modo particular de bailar, talvez semelhante ao que chamam hoje contradança, muito alegre e festivo, em que os próprios reis não duvidavam tomar parte, pois El-Rei D. Pedro I sabemos que tinha gosto particular de bailar a folia, em que era muito eminente, executando concertadamente todos os movimentos, ora mais rápidos, ora mais graves, ao som de flautas. No dia em que armou cavaleiro a D. João Afonso Teles, dançou em público com seus cortesãos, e dizia a todos: 'Eu assento que nada fica mal à Majestade, quando se trata de honrar a virtude' (Anecd. Port., II)". Diz Bruns. que "baile, no sentido em que esta palavra se pode confundir com dança, designa o conjunto ou série de movimentos com que se executa uma dança; isto

é, uma polca, uma mazurca, uma valsa são danças, e os movimentos com que essas danças se executam constituem o baile. Assim, há mestres de dança, mas não há mestres de baile (senão noutro sentido); nos teatros há corpo de baile, mas não há corpo de dança. De uma pessoa se diz que baila bem quando se atende à maneira como faz cada um dos movimentos que entram na dança, e dizemos que dança bem quando se atende ao modo como executa as diferentes danças em que toma parte. Nos teatros há bailarinas que executam os bailados, ou danças mímicas, e dançarinas que executam jotas, fandangos etc.; quer dizer: na bailarina considera-se o baile, o bailado, os movimentos do corpo; na dançarina considera-se a dança. - Bailado, como acabamos de dizer, é a dança mímica espetaculosa". - Noutro sentido, baile é propriamente a festa, mais ou menos ruidosa, ou solene, e que consiste em danças; bailados são as próprias danças. - Folgança ou folguedo é termo popular que designa toda espécie de diversão com que se descansa do trabalho; mas indica particularmente baile popular. No sul do Brasil, é o mesmo que fandango. – Fandango é "festa de danças ruidosas, feitas mais de barulho que de bailados; da Espanha passou para toda a América colonial. Hoje está quase inteiramente extinto no Brasil". - Samba é também bailado popular; mas aplica-se comumente esta palavra a toda festa livre e reles. - Jongo é "dança ou bailado em público e ao ar livre", usado pelos africanos, antes da abolição. As danças ou bailados executavam-se ao som de grandes tambores, tangidos à mão.

407

BALA, projetil. – Projetil é "qualquer corpo, de qualquer forma, que pode ser arremessado com força". – Bala é "o projetil de forma cônica ou esférica que pode ser lançado por armas de fogo, espingardas ou canhões".

408

BALANCEAR (balançar, embalançar), hesitar, vacilar, duvidar. - Balancear "é pôr ou ficar como suspenso, indeciso, oscilante". -Balancar é outra forma de balancear. O mesmo se deve dizer de embalançar. Mas tanto este como balançar sugerem melhor a ideia de ficar em dúvida entre duas ou mais coisas, comparando-as, como medindo os motivos de escolha e decisão. Note-se que estes três verbos entram aqui no seu sentido figurado. - Hesitar enuncia o estado de espírito "em que, apesar do nosso desejo e até do nosso esforço, não sentimos razões suficientemente fortes que nos levem a tomar uma resolução". – Distingue-se este dos dois últimos verbos do grupo em dar, muito clara, a ideia de que a pessoa que hesita tem desejo de não hesitar. Quem vacila quer agora uma coisa, depois outra, logo mais uma outra. Vacilamos entre coisas que nos repugnam e que nos impõem (não - hesitamos). Hesitamos em preferir um de dois ou três bons empregos que se nos oferecem (não - vacilamos). - Duvidar é "hesitar por não ter certeza, ou um conhecimento exato do que se deve fazer". "F. duvida tomar, ou em tomar a tarefa que se lhe propõe".

409

BALBUCIAR, gaguejar, tartamudear. – Balbuciar é "não pronunciar claramente certas articulações. É defeito comum à infância e à extrema velhice. – Gaguejar (ser gago, ou ter gagueira) é falar com dificuldade, cortando as palavras e repetindo várias vezes a mesma sílaba antes de pronunciar a seguinte. É a gagueira um defeito dos órgãos vocais. – Tartamudear é precipitar as palavras de modo confuso, misturá-las, confundi-las num ruído surdo que não as deixa claramente entendidas. Pode ser isto um efeito acidental da comoção ou da emoção, ou um defeito natural que provém dos órgãos da voz. Colhidos de improviso, balbuciamos, como as



crianças. Por imperfeição natural, gaguejamos. As pessoas nervosas tartamudeiam quando vivamente emocionadas". (Bruns.)

410

BANAL, trivial, vulgar, comum, ordinário, corriqueiro, familiar. - Segundo Bruns. banal se diz do termo ou expressão que é usado por todas as classes sociais, mas particularmente mais pelas baixas que pelas altas. - Trivial (do latim trivialis, de trivium "encruzilhada") dizemos do termo ou expressão própria dos que andam pelas encruzilhadas ou pelas esquinas, ou que nelas estão parados à espera que alguém os ocupe. O que é trivial é baixo, grosseiro, e impróprio de pessoas decentes. - Vulgar se diz do que é próprio do vulgo. Como, porém, o vulgo não se compõe só do que é ínfimo, resulta daí que vulgar se diz dos termos e expressões que, sem ficarem mal na boca de ninguém, não ficam contudo bem em todas as ocasiões. O que é vulgar carece de uma certa nobreza que não é comum entre o vulgo. -Comum significa propriamente "de todos", ou quando menos "de muitos"; e também "que não é raro", "que é frequente"; e como o que não é raro tem pouco valor, daí resulta que comum se diz do termo ou expressão que não é elevada, ou não merece apreço. -Ordinário se diz do que não se destaca do comum, ou não sobressai acima da ordem habitual das coisas; e, conseguintemente, na ordem de ideias em que consideramos a sinonímia destes vocábulos, dir-se-á ordinário do termo, expressão ou linguagem que não se salienta de nenhum modo. Este vocábulo pode considerar-se só neste sentido; é muito usual, porém, aplicá-lo àqueles termos que têm algo de indecente ou de baixo. – Corriqueiro se diz do que corre na boca de todos, isto é, que é comum, vulgar, sem certa nobreza. - Familiar se diz "da linguagem ou dos termos usados em família".

BANCARROTA, falência, quebra. - Sobre estes três termos de jurisprudência escreve Teixeira de Freitas: - "Bancarrota denota geralmente entre nós o estado de falência ou quebra de qualquer comerciante, ainda que não seja fraudulenta. Isto ainda mais se confirma pela redação do art. 263 do Cod. Pen., dizendo – 'a bancarrota que foi qualificada de fraudulenta...: logo, a bancarrota pode não ser fraudulenta. E demais, o art. 798 do Cod. do Com. aplica os epítetos casual, culposa, fraudulenta, à falência, e não à bancarrota. - Falência, ou quebra, é o estado dos comercintes falidos ou quebrados – isto é, que cessam seus pagamentos... - Quebra entende-se de comerciante, e significa o mesmo que falência ou falimento...". - Bourg. e Berg, resumem assim: "A quebra é o estado de um devedor, comerciante ou não, cujo passivo é superior ao ativo. A falência é o estado de um comerciante que cessou seus pagamentos. Daí se vê que há entre falência e quebra diferenças essenciais: I.º) a falência é um estado exclusivamente próprio aos negociantes; 2.°) um comerciante pode estar em estado de quebra (isto é, ter mais dívidas que bens) e, entretanto, se goza de um crédito suficiente, pode continuar seus pagamentos e escapar assim, portanto, à declaração de falência; 3.°) ao contrário, pode dar-se que um comerciante cujo ativo exceda de muito ao passivo, seja declarado em fa**lência** se, por falta de recursos presentes, não puder solver compromissos, e for obrigado a cessar pagamentos. A falência não é, de si mesma, punível quando não é acompanhada de fraude, nem de falta grave. Acompanhada de fraude ou de falta grave, a falência passa a ser uma bancarrota. A bancarrota simples é a falência que é acompanhada de falta grave, sem que haja todavia fraude da parte do falido: é um delito da competência dos tribunais correcionais. A bancarrota fraudulenta é

a falência acompanhada de fraude: é crime, e como tal da competência dos tribunais ou câmaras criminais".

412

BANDA, charanga, fanfarra, filarmônica, orquestra, música. – Música é, aqui, "o termo genérico aplicável a todo grupo de músicos que executam alguma composição musical". - Banda é uma corporação de músicos pertencente a algum batalhão, ou mesmo a algum estabelecimento público: a banda da polícia; a banda do regimento, ou do batalhão naval. -Charanga é a banda formada só com instrumentos metálicos. Fanfarra é o mesmo que charanga. - Filarmônica é a banda de música particular, ou feita e mantida por alguma associação. - Orquestra é o conjunto de professores que executam altas peças de música em concerto, ou em teatros. Não se poderia dizer - orquestra militar, ou orquestra do batalhão, nem mesmo - orquestra popular; como não seria a ninguém permitido arriscar esta monstruosidade: a banda do teatro lírico.

413

BANDEIRA, estandarte, pavilhão, insígnia, vexilo. — Bandeira é qualquer pedaço de pano preso a uma haste e arvorado de modo a que se o aviste de longe, como sinal ou como distintivo. — Estandarte é a bandeira de forma e cor fixas, simbolizando uma nação. — Pavilhão pode-se dizer que é o nome que toma o estandarte nas tendas de campanha, ou a bordo de navios. — Insígnia é qualquer emblema que distinga, ou que seja próprio para representar alguma instituição. — Vexilo é termo antiquado correspondente a estandarte: era a bandeira militar, desfraldada à frente dos exércitos.

4I4

BANDIDO, salteador, malfeitor, bandoleiro, celerado, facínora. – Segundo Bruns. - "malfeitor é, do grupo, a palavra menos enérgica; o malfeitor pode viver do roubo sem nunca assassinar, assim como pode ser ladrão e assassino. No Alentejo dizem que os ciganos e os malteses são malfeitores. - Salteador é o ladrão que ataca os viajantes nos caminhos, ou que assalta de noite as habitações isoladas. O salteador vive do roubo, e não é raro que seja também assassino. Quando o salteador opera com outros, e entre todos obedecem a um chefe, é bandoleiro. - Bandido é o malfeitor perseguido pela justiça. Os vocábulos bandido e malfeitor são frequentemente empregados como qualificativos das pessoas de má índole". - Celerado "é o bandido monstruoso que praticou, ou que é capaz de praticar, grandes crimes" (scelus, "crime", que deu scelero, de que sceleratus é particípio). - Facínora (e facinoroso) é também o sujeito perverso, "cheio de crimes". Pode-se distinguir estes dois últimos vocábulos pela particularidade que apresenta celerado de sugerir a ideia de bandido ou malfeitor impulsivo, doido, vesânico.

415

BANIR, exilar, desterrar, deportar, expatriar, proscrever, degredar. - Todos estes verbos têm de comum a ideia de expulsar da terra, ou de privar da pátria ou do país onde se vive ou mesmo se está de passagem ou de pouco. - Banir é o mais forte de todos, sendo a pena de banimento muito mais grave que a de deportação ou mesmo desterro, pois o banimento importa a perda, para sempre, dos direitos de pátria, não podendo o banido voltar jamais ao território de que foi expulso. Segundo alguns autores, esta palavra encerra a ideia de pena infamante, "pelo menos na mente de quem ordena o ato". O banido é expulso, mas sem se lhe determinar o ponto para onde deve retirarse. – Exilar exprime simplesmente o ato de enviar para fora da pátria, ou da terra em que se tem domicílio. Não se liga a este vocábulo nenhuma ideia de pena infamante, posto que nele predomine a ideia de prepotência por parte de quem decreta a pena, e não a da gravidade da culpa da vítima. Muitas vezes até o exílio é voluntário, e neste caso quase sempre indica atitude infensa, ou protesto implícito contra a política existente ou contra as ideias dominantes na terra de onde se retirou o êxul. - Proscrever é, de todo o grupo, o mais próximo de banir: era antigamente (em Roma e na Grécia) o ato de expulsar da pátria e proibir que o proscrito a ela regressasse sob pena de morte. Mais comumente proscreviam-se aqueles que procuravam escapar à ação da justiça, e, por esse ato, não só se lhes confiscavam os bens, mas até se fixava um prêmio para aquele que tirasse a vida ao proscrito se encontrado na pátria. – Desterrar diz propriamente "fazer sair da terra onde se habita", fixando a residência em que o desterrado deve cumprir a pena, ou limitando-lhe a menor distância em que pode ficar do seu domicílio. -Deportar é desterrar perpetuamente para uma colônia distante, ou para longe do país onde se acha o *deportado*²⁸. – **Degredar** é enviar para o degredo, seja só como pena infamante (degradação), seja como infamante e aflitiva. – Expatriar não é pena que se imponha. Este vocábulo designa o ato de sair da pátria, sem outra ideia acessória além da de inculcar que a ausência será longa.

BARBARIDADE, crueldade (crueza), ferocidade (fereza), desumanidade. – Segundo Lacerda – **barbaridade** é a disposição do homem rude, sem polícia, falto de humanidade. (Será, portanto, ação, ou mesmo sentimento próprio de bárbaro, ou só explicável no selvagem.) - Crueldade é a inclinação à prática de atos sanguinários; é a manifestação de um certo prazer à vista de sucessos fortuitos ou provocados que trazem consigo derramamento de sangue. (Crueza é a própria ação cruel, o modo, o trato que denuncia a índole sanguinária.) - Ferocidade, com referência ao homem, e portanto figuradamente, é o prazer que mostram certas naturezas experimentar à vista de espetáculos que tanto têm de bárbaros como de cruéis. (Fereza é o ato mesmo de ferocidade; e também a ferocidade própria da fera.) – **Desumanidade** é a ausência de sentimentos humanos; é a indiferença com que, por egoísmo, por orgulho, ou por dureza de alma, vemos sofrer o nosso semelhante sem socorrê-lo.

417

BARBARISMO, solecismo. – "Significam estas duas palavras" – diz Roq. – "em geral erros de linguagem, com a diferença que o barbarismo é uma locução viciosa, corrompida, própria do vulgo que tudo adultera; o solecismo é um defeito da construção da oração e que pode provir de ignorância ou de descuido. Por isso que os gregos e romanos chamavam bárbaros a todos os povos que não eram eles, deram com muita razão o nome de barbarismo às palavras e expressões que, por sua viciosa pronúncia, se pareciam com as dos bárbaros, ou da língua deles eram tiradas. Poderíamos, pois, nós outros, que temos uma linguagem culta e polida desde Camões, quando ainda os franceses tinham a sua semibárbara de Ronsard, chamar barbarismos galicanos ao que mui francesmente se chamou galicismos. – De Soles, colônia ateniense na Silícia, que, com o andar dos tempos, esqueceu a pureza da língua grega, vem a palavra solecismo. Cometem-se estes de muitos modos na língua", mas ordinariamente infringindo as leis da sintaxe.

418

BÁRBARO, selvagem. – Resume Lacerda assim, sobre estes dois vocábulos, os autores que o precederam: "Os antigos egípcios, depois os gregos, à imitação destes os romanos, e hoje os chineses, deram o nome de bárbaros a todos os estrangeiros, por considerarem todos, sem exceção, inferiores nas ciências, nas letras, nas artes, na polícia, etc. - Selvagens são os habitantes das selvas, que não cultivam as artes, nem gozam dos beneficios da civilização. Uma nação selvagem não conhece, nem respeita lei alguma, nem convenções sociais. A nação bárbara conhece e respeita em geral essas leis; mas carece de aperfeiçoamento em tudo quanto constitui o que se chama um povo civilizado".

419

BARCO, embarcação, navio; nau, fragata, caravela, galera, galé, iate, batel, batelão, alvarenga, lancha, barca, chata, catraia, bote, xaveco, tartana, manchua, gôndola, galeota, canoa, junco, piroga, igara, barcaça, galeão, bergantim, brigue, escuna. - Barco é "termo genérico, menos porém que embarcação, pois é restrito à ideia de construção; enquanto que embarcação designa qualquer corpo flutuante que pode conter pessoas ou coisas. A jangada é uma embarcação, mas não é um barco. - Navio é a embarcação destinada a navegar no mar alto, mas só se diz dos barcos cobertos, para os quais é termo genérico. - Embarcação não se diz hoje dos navios de guerra; barco, sim". - Como os precedentes, todos os vocábulos que se seguem apresentam de comum a ideia de "próprios para transporte por água (rio, ou mar)". - Nau era o maior navio outrora empregado principalmente na guerra. – A fragata, como força agressiva, era inferior à nau. - A caravela era menor que a fragata, e servia

tanto para a guerra como para o tráfego marítimo. – Galera = "antiga embarcação, estreita e comprida, de vela e remos, com dois ou três mastros". - Galé é embarcação de baixo bordo, de vela e remos, usada outrora. - Galeota (diminutivo de galé) é pequeno barco, elegante e luxuoso; e, como o iate, serve mais para recreio. O iate, no entanto, é maior, e pode até prestar-se para longas viagens. - Batel e escaler são pequenas embarcações que conduzem para bordo dos navios não atracados ao cais. O escaler distingue-se do outro em ser movido ou poder mover-se tanto a remos como a vela, sendo o batel movido só a esforço do remeiro. Talvez por isso é que se diz - "batel da vida" (e nunca - escaler...) fazendo alusão ao esforço e trabalho com que é levado. - Batelão (aumentativo de batel) é "barca rasa e grande, larga e aberta como a alvarenga". Servem ambas para o trasbordo de cargas, rebocadas dos navios para os trapiches ou vice-versa. - Lancha é "embarcação pequena e sem tilha (coberta) que anda tanto à vela como a remos", e que serve também para o serviço de carga e descarga de navios, e transporte de passageiros de terra para os vapores, e vice-versa. - Barca = "embarcação larga e pouco funda" (C. de Fig.). - Barcaça é barca maior. - Chata é "barcaça larga e de pouco fundo, empregada, como o batelão e a alvarenga, no serviço de transporte de cargas dentro da baía". - Catraia é bote pequeno. - Bote é batel de rio, pequeno escaler, movido a remos. - Xaveco - espécie de fragata usada outrora pelos mouros no corso do Mediterrâneo. – Tartana era um xaveco menor, de um só mastro. - Manchua - "pequeno barco usado nas costas da Ásia". - Gôndola - "pequena embarcação (como a galeota) movida a remos, usada principalmente para recreio". - Galeão (aum. de galé) - "antigo navio

de alto bordo; nau de guerra". (C. de Fig.) - Bergantim - "pequena fragata, de dois mastros, e também movida a remos". -Brigue - "bergantim maior". - Escuna -"brigue tendo vergas no mastro da proa e sem mastaréu de joanete". - Canoa - "pequena embarcação, feita quase sempre de um só tronco de árvore escavado", e de uso nas enseadas e nos rios. - Junco - "pequena canoa ou batel, fino e leve, usado pelos chineses". - Piroga e igara - "canoas de índios".

420

BARDO, trovador, vate, rapsoda. – Bardo era, entre os celtas, o nome que se dava aos poetas e cantores populares. - Trovador é a designação equivalente a troubadour, poeta ambulante da língua d'oc, que andava pelo sul da França cantando sonetos e trovas, de castelo em castelo; e é ainda correspondente aos trouvères, poetas da língua d'oil, que no norte da França, do XI ao XV século, se dedicavam à poesia épica, e aos quais se devem os primeiros romances de cavalaria. - Vate era o profeta que fazia os seus vaticínios em estilo elevado, quando não em verso (Bruns.).

421

BASTARDO, natural, espúrio, ilegítimo. – "Todos estes vocábulos" – escreve S. Luiz - "exprimem a qualidade do filho que é ilegítimo, ou que não é havido de matrimônio celebrado com as solenidades da lei; mas há entre eles diferenças mui notáveis". – Bastardo é denominação genérica, que compete a qualquer filho ilegítimo; e parece referir-se, não tanto à ilegitimidade do matrimônio, ou da união dos sexos, quanto à degeneração, que daí se presume provir aos filhos, ou pela imoralidade que acompanha o ato em que são gerados, ou pela ordinária desigualdade da

condição dos pais, ou pelo descuido, também ordinário, que eles têm na educação da prole. Bastardo significa, em algumas línguas, coisa degenerada²⁹; e nós mesmos chamamos, por exemplo, letra bastarda a que é degenerada da romana, por ser uma alteração dela; peça bastarda a que não tem as medidas próprias da sua espécie; trombeta bastarda a que dá um som misto, temperado do agudo e grave da legítima. O filho bastardo pode ser natural, ou espúrio: são duas espécies de bastardia. Chamamos natural o que nasce de concubinato, de barreguice, de matrimônio clandestino, etc.; em geral o que nasce de pessoas entre as quais não há impedimento algum legal que lhes vede o contraírem matrimônio. E chamamos espúrio o que nasce de pessoas entre as quais há esse impedimento, v. gr. - de casado e solteira ou vice-versa; de pai eclesiástico; de mãe religiosa, etc.; e também o que não tem pai certo. Desta última acepção da palavra espúrio nasceu o sentido figurado, que lhe damos na Arte Crítica, quando dizemos que uma produção, uma obra, um livro é espúrio, isto é – que lhe não conhecemos o autor, ou que não temos como tal o que vulgarmente se lhe atribui. - Segundo Roq. - espúrio é termo desonroso, porque não só denota bastardia, senão que dá a entender que o pai é incógnito porque a mãe se facilitava a vários quando o concebeu.

422

BATOLOGIA, tautologia, redundância, perissologia. - Redundância é o termo genérico de que os outros do grupo especializam a significação; e quer dizer - "exces-

29 🛰 Segundo Roq. – bastardo, do francês bátard, antigamente bastard, vem do alemão boest "degenerado", e art "raça, espécie"; ou de bas "vil, baixo", e stard "nascido", que vale o mesmo que - "baixamentenacido".

so de palavras para ornar o estilo, ou para fazer mais explícito o enunciado". – Das três outras diz Roq. – "que indicam três defeitos do estilo que, dado serem todos contra a elegância e concisão da frase, são entre si distintos, como a origem e composição de cada uma delas o dá a conhecer. A toda inútil repetição de palavras chama-se batologia, palavra grega battología (de báthos e logos) sobre cuja origem não estão de acordo os autores. Dizem uns que se deve ao nome do fundador de Cirene, chamado Batto, o qual supõem que era gago, e tinha o costume de repetir cada coisa duas e mais vezes; outros a atribuem a um mau poeta do mesmo nome, que repetia um pensamento com as mesmas expressões que havia empregado a primeira vez; e ainda outros a atribuem a um pastor que fazia o mesmo que o mau poeta. E com efeito, falou deste Ovídio naquela passagem do liv. II das Metamorfoses, no qual refere como Mercúrio furtou a Apolo o gado que andava guardando; e não havendo ninguém visto fazer o roubo senão um pastor velho chamado Batto, rogou a este que não o descobrisse, oferecendo-lhe em prêmio uma novilha. O velho prometeu-lhe que sim; porém, duvidando Mercúrio que ele cumprisse a palavra, ausentou-se, mudou de forma, voltou, e perguntou-lhe se tinha visto para que parte fora o gado que pouco antes andava apascentando; e para tentar sua cobiça ofereceu-lhe uma vaca e um touro se lhe dissesse a verdade. O velho então respondeu-lhe: 'Agora há pouco ao pé daqueles montes estavam, e estavam ao pé daqueles montes'.

......Sub illis
Montibus, inquit, erant, et erant sub
[montibus illis.

Pelo que, indignado, Mercúrio o transformou, diz Ovídio, na pedra chamada *in*-

dex, isto é – 'descobridora' ou 'denunciadora'. A verdade é que a palavra grega Báthos significa 'tartamudo' ou 'gago'; e como os que o são repetem duas, três ou mais vezes as sílabas iniciais das palavras até que rompem a falar, daqui se chamaram battos a todos os que repetiam sem necessidade uma mesma palavra. – Tautologia, do grego tautologia (de tautó 'o mesmo' + logós), é a repetição inútil da mesma ideia ou pensamento por termos diferentes. - Perissologia (de perissos 'que é demais' + logós), é superfluidade de palavras, redundância nímia, verbosidade aparatosa, e também exageração, encarecimento. Consiste principalmente este defeito em amplificar demasiadamente um pensamento, variando-o de muitos modos diferentes. O primeiro defeito (batologia) opõe-se à elegância, e é demasiado grosseiro para que nele caiam ainda escritores medíocres. O segundo (tautologia) e o terceiro (perissologia) opõem-se à concisão, e não são fáceis de evitar como o precedente. As frases de Ovídio são bastante concisas, e seu estilo é, sem embargo, redundante, porque gosta de variar um mesmo pensamento. Sêneca afeta mais concisão na frase, e, não obstante, é nímio e prolixo muitas vezes, porque, em colhendo entre mãos uma ideia, não a larga até haver apurado quanto sua rica imaginação lhe podia sugerir para ilustrá-la, amplificá-la, e variá-la de cem maneiras diferentes. Vieira também cai algumas vezes neste defeito: o que não admira, porque Sêneca era um dos seus autores favoritos. – Esta afetação, de mostrar que se sabe dizer uma mesma coisa de muitas e diferentes maneiras, é justamente o que Boileau chama com graça – 'estéril abundância'. - O que não sabe omitir, entre o muito que sempre ocorre quando se escreve sobre matérias bem-estudadas, o que não é absolutamente necessário naquela passagem, é



um declamador, não um escritor judicioso; e incorre na censura do citado Boileau, que com tanta razão dizia:

Quem não sabe calar, nem escrever sabe."

423

BEATO, carola, hipócrita, tartufo. - Beato, neste grupo, tem uma acepção que só o uso autoriza. Propriamente, esta palavra designa a pessoa que é muito solícita nas suas devoções e práticas religiosas. No sentido que tem aqui, aplica-se à pessoa que parece mais obsedada, na sua boa-fé e simpleza, de uma religião malcompreendida, do que convicta e segura de uma crença racional e verdadeira. Supõe-se sempre no beato um espírito fraco, ingênuo, que faz dessa pessoa mais um monomaníaco do que um religioso. Neste sentido, beato "aproxima-se muito de hipócrita, mas de hipócrita que afeta grande devoção, mais por tolice que por cálculo, mais por simplicidade de espírito que por interesse" (Bruns.). - Carola é o que faz consistir toda a sua religiosidade nas superfetações do culto, isto é – nas festas de igreja, nas procissões, etc. – Hipócrita é o que finge sentimentos, virtudes que não tem. - Tartufo é o nome do protagonista de uma comédia de Molière, e incorporou-se na língua para designar o refinado *hipócrita* em matéria de religião. - Tartufo é aquele - diz Bruns. – que às práticas afetadas de piedade alia a mais refinada velhacaria; que se insinua habilmente na simpatia alheia, e explora os incautos; que não só afeta ser virtuoso, como reveste todos os seus atos e discursos de melíflua unção: aconselha a virtude, induz a observância das práticas religiosas, inculca o bem, inspira o temor de Deus, e engana e arruína sem fé nem consciência.

424

BEIÇO, lábio. - Segundo Roq., as "duas membranas carnosas e sem osso que formam a parte exterior da boca, e cobrem os dentes quando se fecham, chamam-se beiços, tanto no homem como nos animais. A parte mais macia e delicada dos beiços, que são as bordas em que muitas vezes brilha a cor do rubim, e quando abrem o sorriso deixam ver alvos dentes, são os lábios. A primeira é palavra vulgar; a segunda é científica e poética. Ajudam os beiços a fala e a mastigação: só os lábios osculam e beijam".

425

BÉLICO, belicoso, guerreiro, militar, marcial. - Dizemos bélico daquilo "que concerne à guerra, que lhe é próprio ou que serve para ela, ou que a ela é relativo. É termo concreto, e como tal só deve aplicar-se ao que é material. Elementos bélicos; aprestos bélicos; material bélico. – Belicoso é termo abstrato; e como tal só pode qualificar o que é moral: furor belicoso; caráter belicoso; intuitos belicosos; atitude belicosa. Quando belicoso se diz do homem, não lhe qualifica a entidade física, mas a moral: os povos bárbaros são belicosos (isto é – dados à guerra, dominados de instinto militar). – Guerreiro é o que é afeito à guerra, hábil em coisas de guerra. Pode um povo, ou um indivíduo ser belicoso, e não ser guerreiro; e também um grande guerreiro pode acontecer que não tenha instintos belicosos. -Militar (do latim miles 'soldado') dizemos de tudo o que é relativo à carreira das armas, à profissão do soldado. Comparando militar com guerreiro, podemos estabelecer que militar qualifica o que é teórico, e guerreiro o que é prático. – Marcial (de Mars, o deus da guerra, Marte) significa propriamente o que é relativo a Marte. É vocábulo mais extenso que belicoso, pois este, como dissemos, só qualifica o abstrato, enquanto que marcial se diz tanto do que é abstrato como do que é concreto. Porte marcial; incendimento marcial. Em suma: é militar mais próximo de bélico; e marcial mais de belicoso".

426

BENEFICÊNCIA, caridade, filantropia, humanidade, amor ao próximo, altruísmo. - Todos estes vocábulos têm de comum a propriedade de sugerir a ideia de abnegação que leva um homem a interessar-se pelo seu semelhante. - Beneficência é "a virtude de fazer o bem espontaneamente, como que obedecendo aos impulsos da própria natureza moral, e sem ideia alguma de dever". -Caridade é propriamente "o amor do nosso próximo, como sendo nosso irmão". Podese dizer que é mais uma virtude interior, uma qualidade da alma do que virtude social. Um homem que não dá esmolas pode ter em alto grau a virtude da caridade. Por outro lado, nem sempre aquele que mais esmolas dá será o mais caritativo. - Filantropia é a mesma caridade, talvez sem sugestão de ideia religiosa: é mais, no entanto, por isso mesmo, uma virtude social. - Humanidade é apenas o conjunto de qualidades que levam a criatura a ter sentimentos simpáticos, tanto com os outros homens todos como com os próprios animais. - Amor ao próximo (ou do próximo) é também uma virtude evangélica: é a que mais se aproxima de caridade; devendo notar-se que, por isso mesmo que é mais do que a própria caridade exterior ou praticante, o amor ao próximo é uma locução que vale muito pouco porque não fixa sentimento nenhum... - Altruísmo está quase nas mesmas condições: é o "amor dos outros"; é o nome positivista do amor ao próximo.

427

BENEFÍCIO, favor, graça, mercê, obséquio. – Segundo Bruns. – a ideia comum aos termos deste grupo é que os atos por eles expressos se aplicam em favor de alguém. – Benefício é um dom gratuito que inculca ideia de ação sagrada, e de superioridade de fortuna, posição ou valimento por parte de

quem o faz sobre quem o recebe. – Favor – diz muito bem Roq. – é termo genérico que significa todo ato de benevolência afetuosa que distingue e prefere a pessoa favorecida. – Graça é um benefício ou distinção que se concede sem merecimento particular de quem o recebe e sim só por afeto, consideração ou piedade de quem a outorga. – Mercê é prêmio, dádiva, galardão que se dá em agradecimento ou recompensa de bons serviços. – Obséquio é simplesmente "ato de delicadeza com que se procura agradar ao obsequiado".

428

BIBLIOTECA, livraria. – Não é possível confundir estes dois vocábulos. Ninguém diria: – "Vou à biblioteca do Sr. F. Alves"; como ninguém se animaria a perpetrar: "Vim da livraria pública, ou da livraria municipal". – Biblioteca é, portanto, "o conjunto de livros destinados à leitura". Acrescentei de alguns volumes a minha pequena biblioteca (e não – livraria). Mudou-se a biblioteca nacional para a Avenida (não – livraria). – Livraria é multidão de livros destinados à venda.

429

BISPADO, episcopado, diocese, mitra. — Bispado é a jurisdição do bispo, a divisão eclesiástica que fica sob a administração de um bispo, e também a autoridade deste. — Episcopado é a função, ou o prazo durante o qual exerce o bispo a sua função. Emprega-se também para designar o conjunto dos bispos de uma província eclesiástica ou de uma nação. — Diocese é o território dentro do qual exerce um bispo a sua autoridade e jurisdição. — Mitra é o mesmo bispado ou dignidade de bispo, considerada como pessoa jurídica e na sua capacidade de possuir bens temporais. — O bispado de Mariana. Vamos recorrer da vigararia para o bispado.

O bispado só pode condenar, ou impor penas no espiritual. – O meu episcopado tem sido tormentoso. Teve ele sessenta anos de episcopado. O episcopado brasileiro. O episcopado americano. - A imensa diocese de Mato Grosso. Dividiu-se em três a diocese do Amazonas. - A mitra vai reclamar contra a extorsão que contra ela cometeu a municipalidade. Mitra rendosa. *Mitra* muito rica.

430

BOIAR, flutuar, sobrenadar, nadar. – Boiar é "não ir para o fundo da água". O corpo que boia pode nem ser visto à tona ou à superfície da água; quando muito poderá ter uma parte fora da água. - Flutuar é "ficar em cima da água ou de qualquer outro líquido". - Sobrenadar é mais que flutuar, pois o corpo que sobrenada quase que fica todo fora da água. - Nadar é, por esforço, não ir ao fundo, e tomar alguma direção. -Boiam as urtigas marinhas. Flutua a cortiça; flutua a jangada, ou "sobrenada se tem altura". Nadam os animais.

43 I

BOLA, globo, esfera; pelouro, bala. – Segundo Roq., - "Todas estas palavras designam um corpo esférico, redondo por todas as partes; mas cada uma delas exprime uma espécie de redondeza, e não se podem usar indistintamente umas por outras". – A bola é redonda por todos os lados, ou esférica (oca ou sólida). É palavra vulgar, que alguns querem venha do inglês ball (que se pronuncia bol) e designa especialmente os corpos esféricos maciços com que se joga. - Globo é palavra trasladada do latim, globus, não vulgar, mas elevada e científica; e designa um corpo esférico, de cujo centro todas as linhas que se tiram até à superfície são iguais. Por este nome é conhecida entre os doutos a terra que habitamos; e para mais clareza, ajunta-se-lhe o qualificativo – terrestre, ou terráqueo. – Esfera é também voz grega; e significa um corpo sólido perfeitamente redondo: no que concorda com globo, com a diferença que esfera é termo de geometria, de geografia e de astronomia, e tem mais lata significação que globo. Designa particularmente toda máquina redonda e móvel, em cuja superfície se figuram os diversos acidentes da superficie da terra, ou os signos ou constelações celestes e a que estão adaptados círculos astronômicos que representam o curso do sol na eclítica. A primeira chama-se globo terrestre, ou esfera terráquea; a segunda, esfera celeste. - Pelouro, palavra muito usada dos nossos antigos antes que tomássemos dos franceses a que hoje se usa, bala; vem provavelmente de pela, com a terminação exagerativa ouro; ou então de pello, "lançar", e designa toda sorte de projetil que saia das bombardas, arcabuzes, etc. Na nossa antiga forma de eleições, chamavam-se pelouros a umas bolas de cera dentro das quais se metiam os papelinhos contendo os nomes das pessoas de que se fazia escolha para juiz ordinário etc.; e daí a locução – "sair nos pelouros", isto é –, "ser nomeado ou eleito". Por ser palavra hoje pouco vulgar, e de bom soído, é mais poética do que bala; e de seu uso nos deixou Camões bom exemplo na estância LXVII, do canto I dos Lusíadas:

Isto dizendo, manda os dilijentes Ministros amostrar as armaduras; Vêm arnezes, e peitos reluzentes, Malhas finas, e laminas seguras, Escudos de pinturas diferentes, Pelouros, espingardas de aço puras...

432

BOLHA, empola, borbulha, vesícula. – São tomados aqui todos estes vocábulos como significando particularmente as pequenas elevações que se formam na pele. - Bolha é a pequena saliência que encerra matéria serosa. O cáustico forma bolhas. — A empola ocupa maior superfície que a bolha e pode estar ou não cheia de aquosidade. Uma pancada pode produzir empola. — Borbulha é uma saliência ainda menor que a bolha, contendo ou não serosidade. — Vesícula é termo científico, genérico dos demais deste grupo.

433

BORBOTÃO, jorro, jacto, golfada, torrente, gorgolhão, cachão. - Borbotão (ordinariamente usado no plural) é "o fluxo desordenado ou jacto impetuoso que faz a água ou qualquer líquido ao sair de um lugar para outro". - Jorro é "uma porção de borbotões impelidos com força". - Jacto é "uma porção de líquido ou fluido arremessada com ímpeto". - Golfada é o "jacto que sai por um canal ou aberta". - Torrente é "uma quantidade de água que se despenha em cachões e impetuosamente". - Gorgolhão (ou gorgolão) é "golfada, jacto cheio, ou borbotão que sai com ímpeto e ruído". - Cachão é "a bolha ou borbotão que forma um líquido ao correr com força".

434

BORDA, margem, ribeira, riba, ribança, ribanceira, beira, praia, costa. — "Todas estas palavras" — diz Roq. referindo-se a borda, margem, ribeira, praia e costa — "indicam coisas que têm relação imediata com as águas do mar ou dos rios, mas cada uma delas a seu modo. — Sendo borda a extremidade prolongada de qualquer superfície, quase que não tem largura, e é por assim dizer a orla da margem, da ribeira, da praia, ou costa. — Margem é toda a extensão de terra chã, ao longo dos rios, coberta de verdura, e por isso aprazível à vista. — Ribeira é a margem mais ou menos em declive, de ordinário coberta de água no

inverno e descoberta no verão. Estes dois termos dizem-se mais ordinariamente dos rios que do mar. - Praia é toda a extensão de terra plana que as águas do mar cobrem e banham com suas enchentes; e quase sempre de areia. - Ribeira, quando é do mar, supõe-se ser de areia; e quando é de rios, é de terra vegetal, mui fresca e produtiva, devido aos nateiros. - Costa é a porção de terra ao longo do mar, mais ou menos elevada, e como que lhe serve de barreira". -Riba designa "margem de rio onde a terra é levantada". - Ribança é "continuidade, ou certa extensão de ribas". - Ribanceira é "como ribança mais áspera"; e tanto se aplica relativamente a rios como relativamente ao mar. - Beira é quase sinônimo perfeito de borda; distinguindo-se deste apenas em sugerir a ideia de maior porção da margem que a beira pode compreender. Dizemos -"pernoitar à beira do rio ou do mar"; mas ninguém diria sem absurdo ou pelo menos impropriedade clamante: "pernoitar à borda do rio"...

435

BORDÃO, pau, varapau, cajado, bastão, cacete, bengala. - Segundo Bruns. -, "bordão é o pau grosso a que alguém se arrima, segurando-o por baixo da extremidade superior. - Pau é o bordão considerado mais como arma que como amparo; e é frequentemente chamado também varapau. - Cajado é o bordão que tem a parte superior em forma de arco. O bordão é usado pelo viandante; o pau pelo camponês; o cajado pelo pastor; o varapau pelo desordeiro. - Bastão é uma grossa bengala de castão; e é o símbolo de certas autoridades". - Cacete (do francês casse-tête) é o bastão grosseiro de que usam os garotos e valentões de praça ou de estrada. - Bengala é o bastão de cana, de junco, de qualquer madeira; e de uso geral nas cidades modernas.

BORRASCA, tempestade, tormenta, refrega, temporal, aguaceiro, procela, vendaval. - "O vocábulo borrasca" - diz Bruns. -"pertence melhor à linguagem marítima que à terrestre; não obstante, também se emprega para designar a chuva de neve que cai nas altas montanhas quando é impelida por um forte e frio vento do norte. Só quem foi colhido por uma borrasca nos Pireneus é que se pode fazer uma ideia da fúria dos elementos na terra. – Tempestade é o mau tempo em que há violenta agitação do ar, acompanhada o mais das vezes de chuva, saraiva e trovoada. Na linguagem dos marítimos, tempestade refere-se mais à agitação do mar, e borrasca à impetuosidade e fúria dos ventos". - Tormenta muito se aproxima de tempestade, distinguindo-se desta em sugerir a ideia de ser o fenômeno mais rápido, menos violento e talvez mais imprevisto. – Refrega é "rajada de vento que não chega a ser tormenta, porque é súbita, mesmo que seja muito forte". - Temporal é "borrasca que se prolonga por dias". -Aguaceiro é "uma carga de água súbita e violenta". - Procela, segundo Lacerda, é "a tormenta furiosa do mar, em estilo poético, e muito usada em significação translata. Aquiles... procela horrenda do cruel Mavorte (Diniz, Pind.)". - Vendaval é "o temporal mais forte e tempestuoso". Usa-se muito igualmente no sentido figurado. Os vendavais da vida, ou da sorte, ou da má fortuna.

437

BOSQUE, luco, arvoredo, selva, mata, floresta, sertão, capão, capoeira, restinga, tapera. – Bosque é o "nome que se dá a uma porção de árvores reunidas". – Luco é termo poético significando "o bosque cheio de flores, cuidado com esmero, como os que, entre os gregos, se consagravam a divindades bucólicas". – Arvoredo é também, como bosque,

multidão de árvores, mas sem a ideia de ser basto ou espesso. - Selva é "o bosque espesso, emaranhado". – Mata é "a selva rude, opulenta, formada quase sempre de grandes árvores, é apenas menos extensa que a floresta". – Sertão é "a grande floresta desolada e sem habitantes". É termo nosso que os primeiros povoadores da terra fizeram da palavra desertão (grande deserto), suprimindo--lhe a sílaba inicial. – Capão, como as três últimas, é também brasileirismo, significando "bosque nas vizinhanças quase sempre de habitação". - Capoeira é "mata que já foi capão, e que se encontra agora mais distante da casa, e onde se abriga a criação miúda". - Restinga é o capão que fica no meio do campo ou junto a algum rio. Parece provir da semelhança que apresenta com a restinga no meio do mar. – Tapera é o capão ou bosque pouco espesso onde ainda se encontram vestígios de habitação antiga. É palavra indígena que incorporamos à língua (formada de taba "habitação" + oera "que foi").

438

BOSSA, giba, gibosidade, corcova, corcunda, marreca. - Bossa aqui, diz Bruns., é a protuberância natural que têm no dorso certos animais. Por extensão designa o defeito físico das costas ou do peito daquele que é algo corcunda. – Giba (em latim gibba) é o nome científico de qualquer protuberância que existe no que devera ser plano; a giba pouco aparente é mesmo, cientificamente, chamada bossa. -Gibosidade (além de designar a qualidade de giboso, de ter giba) é o defeito, o vulto que faz a giba. As montanhas são as gibosidades da terra. - Corcova é a giba considerada como aleijão. - Corcunda e marreca designam tanto o defeito como a própria pessoa que o tem: a corcunda é uma corcova considerável, ideia que é igualmente expressa por marreca. Bossa, giba e corcova dizem-se de pessoas e de animais; corcunda e marreca, só de pessoas.

439

BOTÃO, gema, gomo, olho, rebento, renovo, broto. - "Olho é a parte que na ramagem das árvores e arbustos indica o lugar onde se hão de formar os botões e as gemas na época do desabrolhar dos vegetais. O primeiro sinal de vida que dá o olho constitui o botão; este, tomando consistência, forma a gema. - Gomo é corrução deste último vocábulo, mas muito usual entre a nossa gente do campo. - Rebento, ou renovo, só se diz com propriedade das novas hastes que saem da raiz da planta; rebento, porém, designa também a gema quando está prestes a dar a folha ou a flor". (Bruns.) -Broto é o mesmo rebento ao apontar, tanto da raiz como dos galhos da planta.

440

BOTICA, farmácia. – Só o uso autorizanos designar pelo vocábulo farmácia a loja
ou estabelecimento onde se vendem drogas
e remédios; pois o vocábulo farmácia (do
grego phár makon "remédio, veneno" etc.)
designa propriamente "a arte de preparar
medicamentos". A loja onde se vendem remédios e drogas chama-se botica (do grego
apotheke "lugar oculto ou reservado"). – Mas,
como dissemos, o uso baniu esta última:
nos grandes centros urbanos ninguém mais
diz botica,³⁰ e sim farmácia.

44I

BOTIM, bota, botina, sapato, calçado. – Botim e botina (ou botinha) são diminutivos de bota, havendo, no entanto, entre os dois alguma diferença. Botim é a bota de cano baixo, quase sempre guarnecido de elásticos, ou então aberto na frente, para que não se torne difícil o ato de calçar. Botina (ou botinha) é o

botim de senhora ou de criança, tendo o cano mais ou menos alto. — Bota é o calçado de cano alto, e que, portanto, cobre o pé e a perna até um pouco acima do joelho ordinariamente. — Sapato é o calçado de couro grosso quase sempre, e que só cobre o pé. — Calçado é o nome genérico de todos os deste grupo.

442

BREVE, curto, conciso, lacônico, sucinto, preciso. - Segundo Bruns. - Breve é o que se faz em pouco tempo: discurso breve (breve demora no campo, na cidade, na estação...). Falando-se do tempo, dizemos indiferentemente breve ou curto: é breve a vida do homem; na sua curta vida sofre o homem bastante. O que não tem tanto comprimento como devia ter ou se supunha que tivesse, é curto, não breve: uma obra que nos empolga sempre nos parece curta, e não breve. - Conciso, lacônico e sucinto só se dizem do que é relativo ao estilo. A qualidade de conciso consiste em enunciar o pensamento em poucas palavras, sem ampliações nem ornatos. O que não é conciso é prolixo. - Lacônico também dizemos do que é enunciado no menor número possível de palavras. O que é conciso exprime brevemente o pensamento; o que é lacônico emprega só as palavras absolutamente indispensáveis. O que é conciso pode ser perfeito (e é enérgico e simples); o que é lacônico pode correr o risco de ser afetado. - Sucinto, que melhor se diz do discurso ou da obra, que do estilo, qualifica aquele escrito ou fala em que o escritor ou orador se atém exclusivamente ao essencial, ao que é característico próprio do assunto, desprezando tudo quanto seja circunstância acessória ou pormenores. - Preciso é antônimo de difuso, consistindo a precisão no emprego dos termos mais adequados, e em excluir quanto seja alheio ao assunto. Todos os estilos podem ser precisos, pois a quantidade que este adjetivo enuncia não exclui a riqueza nem o adorno.

³⁰ **De botica temos o diminutivo** *botequim,* com a significação que todos conhecem: loja reservada onde se vendem bebidas.

443

BRILHANTE, diamante. - Conquanto designem a mesma pedra preciosa, não seria possível confundir as duas palavras nem empregá-las indiferentemente. Ninguém dirá: "mina de brilhantes", ou "extrair brilhantes"; como ninguém se lembraria de perpetrar: "um adereço de diamante", "um anel de diamante". - Diamante é, pois, "o mineral no estado nativo, não lapidado". - Brilhante é o nome que toma o diamante depois de lapidado. Dizemos, portanto, "diamante em bruto", "diamante lapidado"; e nunca "brilhante lapidado"; ou "brilhante em bruto".

444

BRILHAR, rebrilhar, luzir, reluzir, transluzir, tremeluzir, cintilar, resplandecer (resplendecer), esplender, resplender, fulgurar, refulgurar, fulgir, refulgir, rutilar, relampear (relampejar, relampaguear, relampadejar), relumbrar, faiscar, chispar, coriscar (coruscar), fuzilar, flamear (flamejar), irradiar. - Todos estes verbos têm de comum a propriedade de sugerir a ideia fundamental de emissão de luz. - Brilhar é "emitir de si próprio, ou refletir, luz muito forte, intensa, clara como a do sol". É, de todo o grupo, o mais expressivo. - Rebrilhar é "brilhar de novo, com luz mais viva". - Luzir é simplesmente "emitir luz", sem ideia de gradação de intensidade. - Reluzir diz melhor - "refletir luz". – **Transluzir** é "emitir luz através de alguma coisa". - Tremeluzir é "dar luz indecisa, vacilante, vaga". - Cintilar é "brilhar com rápidas intermitências, como trepidando, como despedindo jactos de luz". - Resplandecer é "reluzir, esplender com majestade, brilhar solenemente, mas sem intensidade que chegue a deslumbrar". - Resplendecer é o mesmo verbo mais fiel à forma latina (resplendescere). - Esplender dizem muitos autores que é o mesmo que resplandecer. E, no entanto, a partícula incoativa ecer, que neste figura, marca uma diferença bem sensível entre os dois verbos. Resplandece o sol quando vem nascendo; esplende majestoso na amplidão do céu. "Aquela doce e gloriosa luz vem resplandecendo dalém dos montes". (Aqui não seria, pelo menos tão próprio, o verbo esplendendo.) - Resplender é "luzir amplamente, refletir esplendor, luz muito viva e radiosa". - Fulgurar é "brilhar de luz muito forte e instantânea". - Refulgurar é fulgurar outra vez, refletir fulgurações. Estes dois verbos parecem envolver a ideia de que a luz que fulgura ou refulgura mais deslumbra e cega do que ilumina propriamente. - Fulgir³¹ é "luzir vivamente"; e refulgir é "emitir ou refletir luz quase com a mesma intensidade da que brilha". - Rutilar é "luzir com luz viva e fugaz". – Relampejar e os três verbos que se seguem (relampejar, relampaguear e relampadejar) enunciam a ideia de luzir instantaneamente, como relâmpago, e sem diferença alguma sensível entre nenhum deles. - Relumbrar é luzir como chama ou como lume, cintilar vagamente. - Faiscar é propriamente "despedir faíscas"; como chispar é "desprender chispas", isto é, – fragmentos em ignição que saem de um corpo ferido por outro, ou que está em combustão ou em estado candente. - Coriscar é "luzir como corisco, ou pequeno raio ou faísca elétrica". A forma coruscar é mais fiel ao latim coruscare. — Fuzilar é "despedir lumes, faiscar à maneira de raios". – Flamear (ou flamejar) é "emitir brilho como de chama, luzir, dar claridade como corpo inflamado". - Irradiar é "lançar, espargir luz, ou raios luminosos".

445

BRINDE, presente, dádiva, donativo, dom, oferta, mimo. – Este último vocábulo, mimo, designa o objeto esquisito, fino, encantador,

³I 👁 Como fulgurar, tem fulgir na sua estrutura a raiz grega fleg (phleg) que sugere ideia de "queimar".

que por gentileza se oferece a alguém. — "O brinde" — diz Bruns. — "é um obséquio, uma prova de boa vontade; e só pode consistir em algo de delicado". — O presente é uma prova de amizade; e este vocábulo não inculca que o objeto que constitui o presente reúna qualidades determinadas. — Dádiva é uma prova de generosidade. Quando a dádiva tem um fim benéfico, recebe o nome de donativo. — Dom é uma prova de munificência. — A oferta considera-se como feita de inferior a superior".

446

BRUMA, caligem, nevoeiro, névoa, nuvem, bulcão, neblina, negror, negrume, cerração, nimbo. - Bruma é "cerração espessa, nevoeiro principalmente no mar, muito fechado, impedindo que se veja claro a pouca distância". - Caligem é "nevoeiro muito denso e escuro, cerração profunda". - Nevoeiro é "grande névoa, densa e baixa". -Névoa é "vapor aquoso que pela sua densidade não sobe muito nem se desfaz em chuva, pairando ordinariamente na encosta ou no cume dos montes". - Nuvem é "acumulação de vapores, mais ou menos densos, em suspensão na atmosfera". - Bulcão é "nuvem muito densa e negra, que é quase sempre seguida de tempestade". - Neblina é "nevoeiro menos denso e muito chegado à terra". – Negror e negrume só por figura é que se tomam por "bruma muito espessa, ou bulção ou caligem, que escurece o ar e ameaça de tormenta". - Cerração é "forte nevoeiro que cobre os campos ou o mar, principalmente nas manhãs de inverno". -Nimbo é "a nuvem grossa, ampla, escura e que quase sempre se desfaz em chuva".

447

BURLESCO, grotesco, cômico, bufo, bufão, caricato, faceto, ridículo, truanesco, extravagante. – Burlesco diz propriamente "por

burla, como de burla, por gracejo, por brincadeira; dito para que outros riam". - Grotesco sugere ideia de "caprichoso, excêntrico, esquisito ao ponto de cair no ridículo". -Cômico é "o que é próprio da comédia, o burlesco, o que desperta riso, hilaridade". - Bufo (transplantação do italiano) indica também o que é burlesco, feito para causar alegria e riso. Ópera-bufa, por exemplo, seria o mesmo que ópera-cômica. Gênero bufo, o mesmo que gênero burlesco. - Bufão é o mesmo que bufo; mas emprega-se, com mais propriedade do que este, como substantivo. - Caricato é o que tem a aparência de caricatura; e esta palavra (que tomamos do italiano) designa a representação caprichosa, faceta, grotesca de fatos, ou de homens e coisas. Para exprimir caricatura tem o francês a palavra charge (= representação exagerada, literal ou gráfica, de alguma coisa). Caricato equivaleria, portanto, ao nosso carregado ou exagerado... - Faceto quer dizer - "engraçado, chistoso, esquisito; mas de esquisitice, chiste e graça que se não confundem com a zombaria, ou o motejo. - Ridículo é termo genérico aplicável a "tudo que provoca o riso ou que merece escárnio". - Truanesco é "o que faz coisas ou diz tolices de truão, que é bobo de praça". - Extravagante é "o que saiu do normal; que é demasiado até o ridículo; que não guarda a devida compostura".

448

BUSCAR, procurar. — Destes dois verbos diz muito judiciosamente Bruns.: "Pretendem alguns que em buscar há mais diligência ou empenho que em procurar: não nos parece que tenha fundamento essa distinção. Buscar inclui sempre a ideia de movimento por parte de quem busca; procurar não inclui nem exclui essa ideia. Busca-se ou procura-se por toda parte aquilo de que se necessita. Procura-se (mas não se busca) uma palavra no dicionário. O que nos parece

acertado estabelecer é que quem procura sabe que existe o que anda procurando; enquanto que aquele que busca ignora se há o que anda buscando. Um inquilino procura casa para onde mudar-se; um necessitado busca ou procura um emprego".

CABELEIRA, cabelo, melena, grenha, guedelha, coma, madeixa, marrafa. - Cabelo é do grupo o termo genérico, e designa "o conjunto dos pelos que vestem a cabeça do homem". - Cabeleira, segundo Lacerda, "diz-se de todo o cabelo, principalmente quando é em profusão, que uma pessoa tem na cabeça; e igualmente se diz dos cabelos postiços compostos de modo que cubram os naturais ou a calva". - Melena significa certa porção de cabelo, composta e ordenada, caindo pelas faces, ou sobre os ombros. - Grenha designa cabelo embaraçado, não penteado, revolto, em desordem. – Guedelha é "uma pequena porção, uma madeixa de cabelo da cabeça ou da barba". - Coma é "cabeleira farta, longa, imponente"; e tanto se diz do homem como de certos animais. - Madeixa é "um negalho, uma porção de cabelo enovelado ou em trança". - Marrafa é uma porção de cabelo riçado, caindo sobre a testa ou para os lados. Também se diz de cada uma das duas porções em que se divide a cabeleira ao penteá-la.

450

CABO, promontório, pontal, cabedelo. – Cabo é "a grande porção de terra que se mete pelo mar, sem notáveis acidentes, ou sem elevação que se destaque muito do continente". - Promontório é o cabo que termina em rocha escarpada ou em monte, como diz o latim promontorium (mons in mare prominens). – Pontal é "uma ponta de terra para o mar", e vale por um pequeno cabo, ou um cabo de pequenas proporções. - Cabedelo é "um diminutivo de cabo; e aplica-se particularmente a uma praia que avança para o mar, desnudada e cheia de montículos de areia".

45 I

CACHOEIRA, corredeira, rápido; catadupa, cascata, catarata, salto. - Cachoeira, segundo Bruns., é "o ponto onde um rio, mudando bruscamente de nível, forma cachões. A cachoeira pode ser formada por um salto vertical (e então chama-se mesmo salto) ou por um plano muito inclinado". - Catadupa e catarata dizem-se da queda de um grande volume de águas e de grande altura. - Cascata é a queda, ou descida de águas por entre rochedos, quando o volume delas não é muito considerável. - Rápido é "a parte de um rio onde a água muda um tanto de nível sem formar queda". - Corredeira é brasileirismo equivalente a cachoeira, sugerindo, no entanto, a ideia de que o fluxo das águas é menos vivo que na cachoeira. - Salto, aqui, designa catadupa, se bem que encerre a ideia de menor volume de águas, por mais que o uso geral não dê por semelhante distinção.

452

CADAFALSO, patíbulo, forca, guilhotina. - Entre cadafalso e patíbulo, que se julga serem sinônimos perfeitos, é preciso admitir uma certa diferença. Ambos designam o instrumento de suplício nos países onde subsiste a pena de morte; mas o patíbulo sugere ideia do castigo merecido pelo paciente; ideia que se não encerra em cadafalso. Lesurques morreu no cadafalso; ao patíbulo sobem os monstros. - Forca é, de todos, o instrumento mais ignominioso: é "o aparelho onde se estrangulam os condenados à pena última". - Guilhotina é "o aparelho moderno, usado principalmente em França e durante a Revolução, para decapitar de modo instantâneo os condenados".

453

CADUCO (caducidade e caduquice), decrépito (decrepitude), velho (velhice), inválido (invalidez), senectude, senilidade. - Caduco, aplicado às pessoas, designa o que tem perdido as forças do espírito, que não está mais na lucidez da sua razão e que caiu em quase idiotia. Entre caducidade e caduquice há muita distinção: caducidade é "a idade ou a qualidade de caduco"; caduquice é "manifestação de caducidade, é obra, gesto, palavra etc., de caduco". - Decrépito designa "o que não tem mais forças para viver; que está de todo gasto, desordenado, desfeito, e que chega ao seu fim". Decrepitude (ou decrepidez) é a qualidade de decrépito. - Velho é o homem avançado em idade e sem mais o vigor de moço. -Velhice é o estado de exaustão a que chega o velho. - Inválido é o que, ou pela idade, ou por moléstia, ou por deformação orgânica, se tornou incapaz das funções que lhe eram próprias. - Invalidez é a qualidade ou condição de inválido. - Senectude é a idade avançada; e senilidade, que contém o mesmo radical latino que o primeiro (senex "velho, ancião"), também designa a qualidade do que chegou à extrema velhice. Deve notar-se entre os dois vocábulos a seguinte diferença: senectude refere-se mais particularmente ao físico, ao alquebramento das forças; e senilidade à diminuição da energia moral e física ao mesmo tempo.

454

CALADO, mudo, silencioso, taciturno, quieto, reservado, sombrio. – Calado é "o que está sem falar, guarda silêncio, ou não revela o que sabe ou o que sente". Há entre calado e mudo, no entanto, uma diferença que se não deve esquecer. O que está mudo não pronuncia palavra alguma, ou por defeito orgânico (e então é mudo), ou por algum motivo; o que está calado também

não articula palavra alguma por um motivo qualquer; mas o que é calado nem por isso se entende que esteja ou seja mudo: basta que fale pouco e com muita prudência, reserva e cautela. - Silencioso é termo genérico e muito extenso, aplicável tanto a pessoas como a coisas: o que é ou está silencioso exclui a ideia de rumor; de sorte que um sujeito que esteja calado ou mesmo que seja mudo pode não estar silencioso. - Taciturno é aquele que, além de calado, se mostra esquivo, sombrio, de ar severo, carregado, quase sinistro, evitando o convívio e tudo vendo com maus olhos. - Quieto é propriamente o que não se agita, nem se move demais; por isso é que este vocábulo sugere ideia de estar em silêncio. - Quieto, aqui, diz o mesmo que "sereno, calado, discreto, calmo, prudente". -Reservado é um tanto mais expressivo que o termo calado, e mesmo que silencioso; pois à ideia de falar pouco reúne a de muito cuidado em não dizer o que é inconveniente, de ser discreto, de guardar em segredo o que não deve ser divulgado. - Sombrio é quase o mesmo que taciturno: apenas sugere melhor a ideia de tristeza que em taciturno como que desaparece ou se disfarça sob o ar de esquivança ou mesmo de repugnância que este encerra.

455

CALCULAR, computar, contar; cálculo, cômputo, conta; orçar, esmar, suputar, estimar, avaliar. – Tratando dos seis primeiros vocábulos deste grupo, diz Roq.: – "A palavra contar é a mais genérica de todas estas; pois, nas escolas de primeiras letras, ensina-se a ler, escrever e contar; mas este ensino, mais de rotina que de ciência, consiste em fazer numerações e algumas operações aritméticas para conhecer uma quantidade: é, por assim dizer, o romance da sábia língua do cálculo. – Calcular é executar operações aritméticas, ou fazer operações

particulares da ciência dos números, para chegar a um conhecimento, a uma prova, a uma demonstração. - Computar é reunir, combinar, adicionar os números dados, para conhecer o total ou o resultado que se procura. Contamos quando numeramos, isto é, quando queremos saber o número de certas coisas, começando por um, dois, etc. Um menino conta primeiramente pelos dedos – um, dois, três, etc.; e rigorosamente falando não computa enquanto não pode dizer – um e dois fazem três, dois e três fazem cinco, etc.: e com muito mais razão está longe de poder calcular por divisões, multiplicações e diminuições. - O cálculo é uma verdadeira ciência formada de muitos métodos mui sábios. O astrônomo calcula a volta dos cometas; o geômetra, o infinito. – Dizemos – cálculos astronômicos, algébricos, etc.; cálculo diferencial, integral, infinitesimal. - O contar olha-se como negócio que poderemos chamar econômico, isto é, relativo a assuntos de interesse material, de administração, de comércio, etc. O amo toma contas a seu feitor; e este deve ter suas contas claras e em dia. O comerciante tem seu livro de contas em que assenta tudo quanto se refere a seu débito e a seu crédito. - O cômputo compreende-se no cálculo e na conta, pois é uma operação determinada e limitada a cálculo. Assim é que o cronologista computa os tempos, partindo de termos conhecidos para chegar a um desconhecido; e o astrônomo computa sobre tábuas de sua ciência para fixar o tempo e o instante mesmo da repetição de um fenômeno. Todo homem deve saber contar; e até certo ponto tem necessidade de saber calcular. O computar é próprio dos doutos. A palavra computar não é conhecida do vulgo, em vez da qual usa de contar; e apenas se aplica no sentido próprio. - Calcular usase no sentido figurado, em lugar de combinar, raciocinar, etc. - Contar entra em mui variadas locuções, como se pode ver nos dicionários". - Orçar é "calcular aproximadamente, fazer o cálculo de um gasto, de uma despesa, de uma receita provável por ser baseada em dados que não devem variar muito". – Esmar é "orçar ligeiramente, calcular a esmo, sem os fundamentos com que se orça". – **Suputar** (que é desusado) é, segundo Bruns., "computar com dados cuja exatidão se julga a mais perfeita possível, mas não rigorosa. Para estabelecer o orçamento de um ano econômico suputam--se (hoje só se usa – orçam-se) as receitas e os gastos prováveis. Há, pois, em suputar uma ideia de cômputo falível". - Estimar é determinar o valor de uma coisa, ou fazer um cálculo, sem base segura: é pouco menos vago apenas do que esmar (não sendo este mais que uma contração daquele, e como que ressentindo-se disso no significado, pois esmar é "estimar a olho, sem calcular, quase sem refletir"). - Avaliar é "estabelecer o valor de uma coisa, com mais fundamento do que quando se estima".

456

CAMINHO, estrada, via, trilha, raia, vicina, carreiro, azinhaga, picada, senda, vereda, atalho. – Todas estas palavras têm de comum a propriedade de designar "espaço aberto conduzindo de um lugar a outro". - Caminho não sugere mais que a ideia de "espaço ou trilho livre entre dois pontos". - Estrada é "caminho largo, construído com mais ou menos arte, e de modo que se preste ao tráfego de veículos". Há estradas de rodagem, estradas de ferro, etc. Por influência do francês, já se diz também - caminho de ferro. - Via só dá ideia do meio de comunicação entre um e outro ponto. É assim que tanto dizemos - via terrestre, como - via marítima, ou fluvial (e não - estrada, nem mesmo *caminho*). – Trilha (ou trilho) é caminho estreito, aberto por entre obstácu-

lo. Nesta acepção, trilha é vocábulo mais próprio e mais usado do que trilho, pois este designa melhor o sulco, a passagem rápida para transpor um embaraço. - Raia é, aqui, "uma curta trilha destinada a jogos de corrida". - Vicina é termo pouco usado, empregando-se, em vez dele, a locução - caminho vicinal - para indicar os "pequenos caminhos, que levam de um caminho geral ou de uma estrada, para os lugares vizinhos". - Carreiro é "caminho estreito, aberto pelo tráfego de carros". – Azinhaga é também "caminho estreito", mas sugere a ideia de "complicado e escuso". – Picada é "trilha mal aberta em floresta, cortando-se apenas as árvores, numa certa direção". - Senda, se se atende à respetiva origem (do latim semita de semis + iter) deve significar "meio caminho", ou caminho muito estreito por onde mal pode passar-se. Não se compreende como é tão usada esta palavra na frase – a senda..., e até - "a larga" senda do progresso... Talvez só se explique isso pela beleza fônica do vocábulo. – Vereda é "trilha tão maldistinta que apenas parece marcar o rumo seguido". – Atalho é "caminho estreito, trilha, azinhaga por onde se evitam as longas curvas do caminho geral".

457

CANSAÇO, canseira, fadiga, lassidão. – Cansaço é "a depressão de ânimo e de forças físicas que se seguem a esforço longo ou violento". – Canseira é "o abatimento geral que impede de agir. São só para nós as canseiras da vida... (não – os cansaços). Ficou a morrer de cansaço quando deixou a forja... (não – de canseira). – Fadiga é o "cansaço que resulta de longos trabalhos, a indisposição, o desgosto em que se fica, devidos à faina muito agitada e aflitiva". – Lassidão é a "completa exaustão, o esgotamento, desânimo e prostração em que põem a fadiga e o cansaço".

458

CÂNTICO, canto, canção, hino. — O cântico é um "hino religioso, solene, e mesmo heroico". — Canto é "toda composição poética que pode ser cantada". — Canção é termo muito mais próprio do que canto para significar "a poesia que é própria para ser cantada". Designa particularmente o poema lírico sobre tema popular. — O hino é "um cântico que pode ser patriótico, religioso, panegírico", etc.

459

CAPCIOSO, insidioso, sofístico, arguto, argucioso, ardiloso, traiçoeiro, velhaco, falaz, falacioso, subtil, astuto, astucioso, ob--reptício, sub-reptício, caviloso. - Segundo Bruns. - capcioso (do latim captare "tratar de apanhar, fazer esforços para apoderar-se de"...) enuncia a ideia de meios hábeis, destinados a apanhar a alguém como se apanha um animal a que se armam laços disfarçados. Aplica-se particularmente este vocábulo ao discurso ou argumento com que se enreda alguém de modo tal que toda escapatória se lhe torna impossível. Empregam-se meios capciosos para levar alguma pessoa a confessar aquilo mesmo que nega obstinadamente. -Insidioso (do latim insidiæ "ciladas") revela ideia de laço preparado para nele fazer cair alguém. Diz-se das palavras, dos modos, do tom, etc. O que é capcioso dirige-se ao entendimento; o que é insidioso, à vontade. Um argumento capcioso leva ao erro; uma promessa insidiosa conduz a imprudências. No capcioso há engano; no insidioso há má intenção. - Sofístico só se diz dos argumentos, e só daqueles com que se pretende enganar o entendimento sem nenhum outro fim imediato. O que é capcioso, ou insidioso não é fácil de descobrir; o sofístico descobre-se facilmente. - Arguto diz--se do que é subtil e engenhoso; e mais frequentemente se toma à boa que à má parte; não obstante, no que é arguto há muitas vezes algo de capcioso. - Argucioso é "o que usa de

argúcias, isto é, de argumentos capciosos, de subtilezas e disfarces". - Ardiloso é "o que emprega meios enganosos e traiçoeiros, como quem prepara emboscadas". - Traiçoeiro é "o que age com perfidia, armando traição". - Velhaco é "o que usa de fraude para enganar, para fugir a um compromisso". - Falaz é também "enganador; que mente, que inventa e dissimula para fazer cair em erro". Aplica-se, portanto, só à linguagem. - Falacioso é "o que usa de falácia; quer dizer - de enredos, de falsidades"; e pode aplicar-se tanto à linguagem como à própria pessoa. Dizemos – gestos falazes ou falaciosos; mas não seria próprio dizer - tipo falaz, e sim - tipo falacioso. - Subtil é "o que induz a erro sem que a vítima se aperceba; é o que se insinua habilmente no ânimo de outrem, como a serpe na relva". Também só se deve referir ao discurso. – Astuto é "o que com arte, finura, sagacidade consegue o que deseja". – Astucioso é "o que, além de astuto, sabe usar de disfarce para encobrir o seu intento enganoso; é o que emprega astúcias contra outrem". - Astuto só se pode referir às pessoas; astucioso, tanto às pessoas como aos discursos, gestos, etc. – Ob-reptício = "que se obteve por meio de ardil, de surpresa ou dolo". - Sub-reptício = "que se conseguiu iludindo, enganando, mentindo, ou ocultando a verdade ou qualquer circunstância que conhecida seria motivo para que se não nos concedesse". - Caviloso é "aquilo em que há sofisma ou má-fé, fraude ou mentira para enganar".

460

CAPITULAÇÃO, rendição. – São bem distintos estes dois sinônimos. Ambos significam o ato de entregar-se ou de se considerar vencida uma praça de guerra. A rendição supõe que a entrega é feita "sem ajuste prévio nem condições, passando a guarnição da praça rendida a ser prisioneira do vencedor"; a capitulação é

"a entrega da praça feita e regulada por uma convenção prévia, ou ato de capitulação."

CAPÍTULO, cabido. - Conquanto provenham do mesmo original latino (capitulum, de caput "cabeça") distinguem-se assim estes dois vocábulos: cabido é "a corporação de cônegos de uma sé"; capítulo é "a assembleia em que o cabido toma as deliberações para que tem autoridade".

CARA, rosto, face, frente, fronte, semblante, vulto. - "Por estas palavras" - diz Roq. - "designa-se a parte mais nobre do homem, parte que ao corpo, qual soberana, preside e manda. Mas, cada uma delas ajunta à ideia fundamental alguma acessória que a modifica, e que importa conhecer para não as confundir". – Cara é da palavra grega kára, ou karé, e significava cabeça, cume ou cimo; mas entre nós só significa a parte anterior da cabeça do homem, e de alguns animais brutos. É expressão vulgar, e às vezes incivil e grosseira. Não é admitida em estilo elevado; em lugar dela usam os poetas a palavra frente, ou fronte (que vêm ambas de frons). José Agostinho de Macedo diz na *Meditação*:

Mas que pasmosa arquitetura é esta Deste corpo, que eu palpo, eu sinto? A frente

Qual soberana, lhe preside e manda!

E Camões, nos Lusíadas, I, 51:

Que não no largo mar, com leda fronte, Mas no lago entraremos de Aqueronte.

E no c. V, 56:

Estando c'um penedo fronte a fronte, Que eu pelo rosto angélico apertava, Não fiquei homem, não, mas mudo e [quedo,

E junto do penedo outro penedo.

463

– Chamavam os latinos *rostrum* ao bico das aves, ao esporão da proa das embarcações, e ao que com ele se parecia; os nossos antigos chamavam, e ainda hoje os castelhanos chamam *rostro* à *cara* dos racionais, por ser a parte saliente do corpo, sobretudo visto de perfil, em que o nariz forma uma espécie de bico. Por suavidade de pronúncia se diz **rosto**. É expressão mais elevada que a palavra **cara**, pois só se diz dos racionais; e é poética, como se vê da precedente citação de Camões, e da seguinte:

E com o seu apertando o *rosto* amado, Que os soluços e lágrimas aumenta.

(Lus. II, 4I)

- Semblante (talvez do francês semblant) é o rosto considerado como expressão dos afetos ou paixões, e muitas vezes equivale à representação exterior, que no rosto se mostra, do que na alma se passa. – Da palavra latina facies vem o nosso vocábulo face, que, significando rigorosamente a maçã do rosto, ou a parte da cara desde os olhos até à barba, significa por extensão toda ela; usa-se, muito a propósito, quando a consideramos voltada para nós. – À palavra latina vultus muitas vezes corresponde a nossa semblante, como se vê deste lugar de Cícero. Vultus animi sensus plerumque idicant (De Orat, II, 35), "O semblante (o vulto) muitas vezes indica os sentimentos da alma". O mais comum, porém, é significar esta palavra vulto o relevo do corpo humano; e como é no rosto que mais avultam as feições humanas, usam--na os poetas para indicar o mesmo rosto, e talvez "rosto formoso", como se infere destes versos de Camões:

Quem³² de uma peregrina formosura, De um *vulto* de Medusa propriamente, Que o coração converte, que tem preso Em pedra não, mas em desejo aceso?

(Lus. III, 142)

CARÁTER, humor, índole, gênio, temperamento, natural, compleição, constituição, feição, feitio, ânimo, instinto, idiossincrasia. – Segundo Bourg. e Berg., – "o caráter e o humor resultam de disposições do espírito que são particulares a uma pessoa. Toda disposição de espírito própria para estabelecer uma séria distinção entre um homem e um outro homem é um elemento do caráter; especialmente as disposições do espírito que têm relação com a moralidade são elementos essenciais do caráter. O humor resulta de um certo número de disposições do espírito que têm relação com a melancolia, ou com o seu contrário, com a sociabilidade ou a falta de sociabilidade: tais são as disposições para ser alegre, dócil, complacente, ou para ser triste, esquisito, rabugento, etc. Pode dizer--se igualmente, ou com a mesma propriedade um caráter ou - um humor, alegre, sombrio... Não há, no entanto, uma perfeita equivalência entre caráter alegre, sombrio, e humor alegre, sombrio; pois humor, marcando simplesmente uma certa disposição do espírito, pode entender-se que essa disposição é permanente, ou quase permanente, ou que é passageira³³. – Caráter, marcando, não somente uma simples disposição do espírito, mas uma disposição tal que possa estabelecer uma notável distinção entre um homem e um outro homem, entende-se sempre como sendo uma disposição permanente do espírito, ou pouco mais ou menos permanente. Dizemos – um caráter leal (não - um humor leal). Um caráter leal é a disposição permanente para a lealdade, para a probidade, para a franqueza: uma disposição,

33 № E aqui está a verdadeira distinção entre caráter e humor: no caráter há fixidez de disposições, de tendências; as disposições que formam o humor podem ser e são quase sempre momentâneas. Dizemos — F. está de bom *bumor*; e não — está de bom *caráter*. F. é de um *caráter* austero; e não — de *bumor* austero.

portanto, que se refere à moralidade, e que é eminentemente própria para distinguir um de outro homem. O humor não resulta de disposições que tenham relação com a moralidade; humor leal, por isso, não tem sentido. - Entre índole, gênio e temperamento há tanta semelhança que poderiam facilmente confundir-se os três vocábulos". – **Índole** é "o modo de ser, a natureza moral, a inclinação de cada um". - Gênio é a disposição natural com que cada um revela a sua vontade, as suas emoções. - Temperamento é a sensibilidade, mais ou menos viva de cada um. A união da índole, o gênio e o temperamento forma o caráter de cada indivíduo. Mas o homem – diz Roq. – que é naturalmente inclinado à verdade, ao bem, à virtude, tem boa *índole* (e não se dirá – tem bom *gênio*)³⁴. O homem que não se irrita facilmente, que sabe moderar os transportes de ira, e não se enoja arrebatadamente, tem bom gênio (e nem por isso terá sempre boa índole). – Segundo Lafaye -, natural exprime as qualidades do caráter, as disposições naturais para o bem ou para o mal – ou melhor, é o modo de ser do espírito, formado pela índole e o gênio. – Complexão (ou melhor – compleição que é mais vernáculo, a despeito do que diz Bruns.) e temperamento não significam mais que o humor, que os movimentos da sensibilidade, considerados no seu grau de força ou de vivacidade, e não sob o ponto de vista do bem ou do mal. Quando se é de um natural brando, não se cometem crueldades; quando se é brando por temperamento ou compleição, não se é arrebatado, nem sujeito a fortes movimentos de paixões. – Há naturais (ou naturezas morais) benfazejos, viciosos, bruscos (e não – compleições, nem temperamentos). Comparando compleição e temperamento, escreve o mesmo autor: "Complexão (do latim complexio, de cum + plexus 'dobrado com..., complicado') exprime uma certa união de todos os sistemas e aparelhos orgânicos. - Temperamento (de temperare 'misturar, adoçar') anuncia um amálgama de coisas violentas que têm necessidade de corrigir-se e que se corrigem uma pela outra. Estas duas palavras fazem conceber uma proporção entre os elementos do corpo, sobretudo entre as partes líquidas, isto é, os humores. Mas, temperamento dá, melhor, a ideia de uma certa força ou violência atribuída aos elementos, e essa ideia torna-se como que característica da própria mistura ou amálgama. Dir-se-á, pois, de preferência – um temperamento ardente, e – uma compleição biliosa; um - temperamento forte, e - uma compleição delicada"... A constituição representa (é ainda de Laf.) antes o bom estado exterior e visível do corpo; a conformação dos membros, sólida e capaz de resistir às fadigas; uma saúde robusta; enquanto que compleição e temperamento designam o estado de saúde interior... - Feição e feitio bem que se podem confundir. - Feição é, como feitio, a índole de cada um, revelada na maneira de ser, no modo de encarar as pessoas e as coisas. - Feitio, no entanto, sugere melhor a compleição, a índole, a natureza de cada indivíduo; feição parece enunciar melhor a ideia de modos exteriores, de costumes e hábitos. – Ânimo é, aqui, o estado de espírito em que se está em certa situação, e segundo o qual julgamos as coisas. Poderia aproximar-se muito de humor. - Instinto é o modo de ser ou de agir quase inconsciente, é o impulso natural a que obedece o homem, e os animais principalmente, no exercício de alguma função ou na prática de certos atos, bons ou maus. Também significa o tino, a perspicácia com que se faz alguma coisa espontaneamente, como por inspiração, sem refletir nem cogitar do que se vai fazer. – **Idiossincrasia** é termo erudito e moderno, importado diretamente do grego, significando "disposição particular do temperamento e constituição, em virtude da qual cada indivíduo sente de modo diverso os efeitos da mesma causa". (Aul.)

464

CARCAÇA, esqueleto, arcaboiço. – Segundo Bruns. – os ossos do corpo completo do homem, ou do animal, formam o esqueleto. A carcaça é a porção de ossos que formam o tronco do homem ou o bojo dos animais. – Esqueleto é palavra científica; e carcaça é termo que só em linguagem familiar se pode dizer por esqueleto. – Arcaboiço (de que não cogita o autor citado) é a "armação de ossos que formam, por assim dizer, a base ou o fundamento do organismo humano".

465

CARECER, precisar, necessitar. - Carecer (do latim carescere, ou carere, em que figura a raiz grega ker, sugerindo ideia de "cortar, encurtar") significa propriamente "ter falta daquilo que se deseja ou de que se precisa". Quem carece de alguma coisa é que não tem essa coisa que lhe seria útil. Ninguém carece daquilo que lhe não seria de proveito. Em bom português não se poderia dizer que -"um homem carece de honra ou de vergonha". Para isso seria necessário admitir que esse homem sabe que não tem vergonha e quer ou deseja tê-la. Também não se diria que "F. carece de cem contos para realizar um negócio que planeou". Neste caso empregaríamos, sem dúvida, o verbo precisar. Em regra, não se pode carecer de cem contos... para coisa alguma. Como não se carece de meia dúzia de chapéus para não andar descoberto (sim - de um chapéu); nem de um banquete para matar a fome (sim - de um pouco de pão). O sujeito que carece de emprego, ou de proteção, não tem nenhum emprego, nem protetor. O argumento que

carece de lógica é que não é senão absurdo. É conveniente notar ainda que não carece daquilo que nunca se teve, como entendem Roq. e Lac. – Entre precisar e necessitar poderia ser mais difícil estabelecer diferença do que entre estes e aquele primeiro verbo. Necessitar aproxima-se, no entanto, mais de carecer do que precisar. Quem necessita de alguma coisa dá ideia de que essa coisa lhe é necessária. Quem precisa de alguma coisa, expressa que lhe conviria muito alcançar ou possuir essa coisa. Por isso, dizemos que – um negociante precisa de cem contos para ampliar as operações da sua casa (e não – que carece, nem - que necessita de cem contos...). Observemos, por último, que estes verbos precisar³⁵ e necessitar, como intransitivos, significam evidentemente "ter falta do que é indispensável". "Ele sacrifica-se a trabalhar dia e noite porque precisa ou porque necessita".

466

CARESTIA, careza, carência, escassez, inópia, pobreza, penúria, indigência, necessidade, miséria; sede, fome. – Carestia é "o preço elevado das coisas determinado pela falta ou pela grande escassez dessas coisas". – Careza é a qualidade de caro, isto é, de ser, um artigo, de preço mais alto que o comum. Há, portanto, uma grande diferença entre careza e carestia: esta sugere ideia de carência, de escassez que obriga à privação muita gente; e até mesmo de quase penúria: ideia que se não inclui na palavra careza. – Carência é "a falta de alguma coisa, mas falta que se sente e que passa, portanto, a ser necessidade quase". Quando se diz que,

35 • O verbo precisar também pode ter significação diferente quando rege algum outro, e conforme se emprega ou não entre os dois a preposição de. "Preciso falar-lhe" (isto é – tenho obrigação de, ou conveniência em falar-lhe). "Preciso de falar-lhe" (isto é – tenho necessidade, ou precisão de falar-lhe).

por exemplo, "temos carência de notícias a respeito de alguém ou de algum sucesso", é que não temos as notícias que esperávamos. - Escassez é "a qualidade de escasso, isto é – de ser curto, parco, mesquinho; de ser, a coisa escassa, insuficiente para o fim a que é destinada". - Inópia é a palavra inopia que importamos do latim (de inops = in neg. + ops, "meios, recursos, força", etc.) e que significa "falta, carência absoluta de alguma coisa". Dizemos inópia tanto em referência à falta de dinheiro, como à falta de talento, de moralidade, etc. – Pobreza é "a qualidade de ser pobre; isto é, de não possuir meios de viver folgado, em abastança". - Penúria [latim penuria, do grego peina "fome, necessidade violenta" (Chass.)] é "pobreza extrema e dolorosa, falta absoluta, clamante do indispensável". – **Indigência** é "a qualidade ou estado de indigente, isto é – de achar-se alguém em tal penúria que precisa de recorrer à caridade de seus semelhantes". Um homem que luta heroicamente para viver pode estar até em penúria sem ser indigente. -Necessidade, em toda a sua extensão, pode definir-se como significando "contingência fatal, imposta pelo destino". Mais restritamente é "a falta do necessário"; e sugere a ideia de que "o necessitado solicita auxílio, pede socorro". – **Miséria** é "o estado de penúria, de indigência que comove, que inspira piedade; é pobreza horrível e desventurada; e tanto se pode (como, aliás, muitos outros entre os vocábulos deste grupo) empregar no sentido moral como no físico". Um sujeito rico pode achar-se em verdadeira *miséria* de vida se é um perdido. – **Sede** e fome entram aqui numa acepção muito particular: exprimem "necessidade ansiosa, aflitiva de algum bem; pode ser bem físico ou moral". Lavra a miséria num país, e ali a fome já espreita as vidas. Tem-se fome ou sede de justiça (isto é – clama-se por uma justiça sem a qual teremos de perecer).

467

CARGO (encargo), emprego, ministério, ofício; colocação, lugar, função, papel. -Segundo Roq. – a ideia própria da palavra ofício é a de obrigar (ao que exerce o ofício) a fazer uma certa coisa útil à sociedade; corresponde, portanto, a cargo pela necessidade, que sugere, de fazer ou cumprir um certo dever aquele que toma o cargo ou o oficio. Confundem-se às vezes estas palavras; pois, com efeito, todo **ofício** vem a ser cargo; mas esquecendo-se que nem todo cargo é ofício. Certos cargos no governo e na administração do Estado são verdadeiros ofícios que de direito se exercem; mas os cargos de prefeito ou de intendente municipal, que dependem de nomeação ou de eleição, não se pode dizer que sejam propriamente oficios, senão cargos; porque os que os desempenham só o fazem ou devem fazer por um certo tempo, sem que tenham mais título que sua eleição ou nomeação; enquanto que os ofícios constituem, por assim dizer, uma qualidade permanente, às vezes até adquirida por herança, ou como direito anexo a uma dignidade. A ideia própria de ministério é a de que a pessoa que o exerce desempenha um certo cargo por outra pessoa, em nome de outrem, ou da autoridade que a nomeia. - Emprego encerra a ideia de estar o empregado sujeito a um trabalho permanente e obrigatório. É, pois, o emprego muito diferente do cargo. Há cargos da magistratura, da diplomacia, do alto funcionalismo (não - empregos). Há empregos vagos na repartição tal (não - cargos). Entre cargo e encargo não é muito raro notar uma certa confusão, por mais distintas que sejam estas duas palavras. Encargo não é mais que a obrigação que decorre de um cargo ou de um compromisso que se tomou. Dizemos: "cumpro os meus encargos"; "os meus encargos estão satisfeitos"; "tomo o encargo de avisá-lo a tempo..." (e em nenhum

destes casos - cargo ou cargos). - Colocação é quase o mesmo que emprego: ajunta apenas à significação deste a ideia de que o emprego é permanente e quase sempre de certa importância. - Lugar é "qualquer emprego, mais ordinariamente – emprego por pouco tempo ou de pequena monta". - Função (ou, como quase sempre é usada, funções) é "o conjunto das obrigações, dos serviços próprios de um cargo, de um ministério, emprego ou oficio". - Papel figura neste grupo com o sentido translato que se lhe dá em frases como estas: "fiz do melhor modo que pude o meu papel"; "F. está no seu papel". Significa, portanto, a função própria que se toma num dado momento, a obrigação que se aceita num certo caso.

468

CARIDOSO, caritativo. - Diz Bruns. que "caridoso indica maior e mais frequente caridade que caritativo", e que isso é "devido à índole da terminação oso". É possível; mas essa distinção não basta. Parece, a nosso ver, que se confundem, e sem razão, estes dois adjetivos. - Caritativo é propriamente "o de natureza moral dada a atos de caridade, capaz de sentimentos de caridade". "F. é muito caritativo". - Caridoso diz apenas -"de caridade, próprio de caridade, indício de caridade, cheio de caridade". Ato caridoso, sentimentos caridosos (e não - ato caritativo, nem – sentimentos caritativos). Deveres caridosos (e não – deveres caritativos). Criatura caritativa; e não - caridosa... por mais que muita autoridade de nota o queira, e o uso geral o admita.

469

CARNICEIRO, carnívoro. Estes dois adjetivos designam em geral os animais que se sustentam de carne; mas as respetivas terminações marcam entre eles uma diferença bem sensível. — Carniceiro é o animal que se ceva de carne crua, que se ceva de carniça; carnívoro é o que come carne. O primeiro indica o apetite natural, o hábito constante, o instinto; o segundo anuncia simplesmente o fato, o costume, o gosto. Os naturalistas, quando comparam estas duas espécies de animais, dizem que o nome de carniceiro pertence àquele que, por uma necessidade de natureza, se nutre de carne, e não pode viver de outra coisa; e carnívoro pertence ao que come carne, mas não é reduzido a este só alimento, e pode nutrir-se de frutos da terra. O tigre, o leão, o lobo são animais carniceiros; o homem, o cão, o gato são carnívoros. Carnívoro é termo mais próprio de ciências naturais, e é antônimo de frugívoro; carniceiro é termo vulgar da língua, por isso mais usado é, às vezes, com a significação de cruel e sanguinário, como fez Camões naquela apóstrofe aos assassinos de Inez de Castro:

Contra uma dama, ó peitos *carniceiros*, Feros vos amostrais, e cavaleiros? (*Lus.*, III, 130)

470

CARTA, epístola, missiva, bilhete. - Segundo Bruns. – carta é o termo usual com que se designam os escritos que se dirigem a alguém dando-lhe notícias, ou tratando de assuntos que lhe interessam mais ou menos diretamente. - Epístolas dizemos das cartas dos antigos, tratando de graves assuntos, em forma literária e em tom solene, principalmente quando o conteúdo delas interessava a muitos; como, por exemplo, as epístolas de S. Paulo. Familiarmente dá-se hoje o nome de epístola a uma carta muito longa e em estilo pretensioso. -Missiva é a carta considerada com relação à pessoa que a manda; é termo pouco usado. – O bilhete difere da carta: em se ocupar só de um assunto, ou de assunto ligeiro, de pequena importância; em conter poucas palavras e excluir as formas cerimoniosas que encabeçam e concluem as cartas ordinárias.

CASA, morada, vivenda, palácio, palacete, tugúrio, teto, chalé, lar, fogo, canto, palheiro, palhoça, choupana, casebre, cabana, tenda, barraca, arribana, choça, colmo, habitação, mansarda, pardieiro, biombo, cômodo, prédio, solar, castelo. - Habitação é, de todos os vocábulos deste grupo, o mais genérico. De "ato de habitar", que é o que significa propriamente esta palavra habitação, passou a designar também a própria casa, que se habita: casa, ou palácio, ou choupana, ou biombo – tudo será habitação. - Casa é "o edifício de certas proporções destinado à habitação do homem"; e por extensão, designa, em linguagem vulgar, toda parte onde se abrigam alguns animais: a casa do escaravelho; a casa dos coelhos, etc. - Morada é "à habitação onde se mora, ou onde se fica por algum tempo, onde alguém se aloja provisoriamente". - Vivenda é a "habitação onde se vive", e sugere a ideia da maior ou menor comodidade com que a gente aí se abriga e vive. Por isso, usa-se quase sempre com um adjetivo: bela vivenda; vivenda detestável. – Palácio é "o edifício de proporções acima do normal, grandioso e magnífico". Palacete é diminutivo de palácio, designando, portanto, "prédio rico e elegante". - Tugúrio (latim tugurium, de tegere "cobrir") é "o abrigo onde qualquer vivente se recolhe, ou habitualmente ou por algum tempo". Este nome dá-se também, por modéstia ou por falsa humildade, à própria habitação magnífica. – Teto (latim tectum, também de tegere) é quase o mesmo que tugúrio: apenas teto não se aplica a um abrigo de animais, e sugere melhor a ideia de conchego, de proteção, de convívio amoroso: "teto paterno"; "era-lhe o céu um teto misericordioso". - Chalé é palavra da língua francesa, hoje muito em voga, significando "casa de escada exterior, no estilo suíço, ordinariamente revestida de madeira,

cujo teto de pouca inclinação é coberto de feltro, asfalto ou ardósia, e forma grande saliência sobre as paredes". (Aul.). - Lar é a "habitação considerada como abrigo tranquilo e seguro da família". – Fogos é o nome que se dá, nas estatísticas, às casas habitadas de um distrito, de uma cidade, ou de uma povoação: "a aldeia vizinha não chega a ter cem fogos". - Canto, aqui, é "o lugar, o sítio, a morada humilde e desolada, onde alguém como que se refugia afastando-se do mundo". - Palheiro é propriamente o lugar onde se guarda palha: designa, portanto, neste grupo, "abrigo ou habitação muito rústica e grosseira". - Palhoça é "pequena casa coberta de palha". - Choupana é – diz Aul. – "casa rústica de madeira, ou de ramos de árvores para habitação de pastores". – Cabana (do italiano capánna) é "casinha coberta de colmo ou de palha, onde se abrigam à noite os camponeses, junto ou no meio das roças ou lavouras". -Casebre é "pequena casa velha e arruinada, onde mora gente muito pobre". - Tenda é "armação coberta para abrigo provisório ou de passagem em caminho ou em campanha". – Barraca é "tenda ligeira, coberta de tela de lona ordinariamente". - Arribana é "palheiro que serve mais para guarda de animais e trem de viagem propriamente que para habitação, prestando-se quando muito para pernoite ao abrigo de intempéries". - Choça é "habitação ainda mais rústica e grosseira que a choupana". Dizemos que o selvagem procura a sua choça (e não, pelo menos com a mesma propriedade -, a sua choupana). - Colmo, aqui, é "o colmo tomado pela cabana que é dele coberta". -Mansarda afasta-se um pouco do francês de que a tomamos (mansarde é propriamente água-furtada ou trapeira, isto é – o último andar de uma casa tendo a janela ou janelas já abertas no telhado): tem, no português usual, mais a significação de "habitação

humilde, incômoda e difícil, onde há pobreza". – Pardieiro é – diz Aul. – "edifício velho e em ruínas": "Já me cansam estas perpétuas ruínas, estes pardieiros intermináveis" (Garrett). - Biombo é "um pequeno recinto separado de uma sala por meio de tabique móvel, e que serve de dormitório, de gabinete", etc. Costuma-se dizer: "vou para o meu biombo" para significar que se vai para casa. – Cômodo, aqui, é "uma parte de prédio que se aluga por baixo preço e por pouco tempo ordinariamente". - Prédio (latim prædium, do præs "garante, penhor, fiador") é propriamente "bem de raiz, propriedade real"; mas, aqui, designa "a casa que é nossa própria, a propriedade que consta da casa e do terreno onde está construída". – Solar é "a propriedade (terras e casa) considerada como representando uma tradição de família, tendo passado por herança de pais a filhos desde alguns séculos". - Castelo era antiga habitação fortificada, fora das cidades, e onde residiam os grandes senhores feudais. Hoje é "habitação nobre, luxuosa, onde se vive com opulência".

472

CASO, conjuntura, circunstância, situação, suposição, hipótese. - Bruns. distingue assim as três primeiras palavras deste grupo: "Caso se diz do que se considera possível: em caso de desgraça; se se der o caso de não ter ele filhos. Particularmente se diz de todas as hipóteses que se podem considerar nas ciências abstratas. Também se diz de um fato que apresenta tal ou tal caráter, sempre que este fato se possa relacionar com princípio geral: aos casos particulares não têm os magistrados senão leis gerais para aplicar. - Circunstância (do latim circumstantia, de circumstare 'estar à roda de') diz-se das particularidades de um fato, ou das coisas que, separadas do fato, têm com ele alguma relação imediata: os crimes perdem muito

da sua gravidade quando neles ocorrem circunstâncias atenuantes. - Conjuntura é o vocábulo com que se indica o conjunto de circunstâncias que nem estão no fato, nem com ele se relacionam imediatamente, mas que, contudo, têm com ele alguma relação. Um sinonimista francês, Roubaud, compara a conjuntura com a circunstância dizendo: A conjuntura e a circunstância estão para o fato como dois círculos concêntricos estão para um ponto dado: a circunstância é o círculo circunscrito na conjuntura, porque esta só de longe se relaciona com o ponto de que aquela está próxima. A conjuntura, assim como a circunstância, pode ser favorável ou desfavorável." - Situação é, aqui, "o conjunto de circunstâncias que determinam o estado ou a condição de uma coisa, pessoa, sucesso, etc., num dado momento." A situação em que me encontro agora; a situação atual do país; a situação da França em 93. – De suposição e hipótese escreve Roq.: "Além da primeira diferença que há entre estas palavras (e que consiste em ser um, suposição, termo vulgar, e outro, termo científico, distinguem-se mais em que: a hipótese é uma suposição puramente ideal, e a suposição toma-se por uma proposição ou verdadeira ou aprovada. A hipótese é mais certa, menos precária; funda-se numa verdade filosófica; a suposição é gratuita, só tem por base a verossimilhança. – A hipótese toma-se muitas vezes por um conjunto de proposições unidas e ordenadas, de modo que formam um corpo ou sistema. Os sistemas de Descartes, de Newton, de Leibnitz chamam-se hipóteses e não suposições. A hipótese refere-se às ciências: à instrução, à inteligência, à explicação das coisas; a suposição é mais familiar, entra na conversação ordinária, e muitas vezes se toma em mau sentido, como alegação, gratuita ou falsa, que não tem outro fundamento que a má vontade da pessoa que supõe."

CASTO, castidade; puro, pureza; continente, continência; virgem, virgindade; intemerato, impoluto, ilibado, incorrupto, imaculado (imáculo); pudico, pudicícia; inocente, inocência. – "É a castidade" – diz fr. S. Luiz – "uma virtude, que regula, e sujeita à autoridade sagrada da lei, os apetites e prazeres sensuais, ainda quando permitidos. (A pessoa casta nem pensa em semelhantes prazeres; e aí estará talvez o que torna a virtude da castidade diferente de muitas das que figuram neste grupo.). - Pudicícia é a castidade acompanhada de pudor, ou de honesta vergonha. A pessoa pudica teme, de algum modo, o próprio prazer honesto; e quando cede ao dever, sabe coartá-lo dentro dos mais estritos limites, e cora de os ver ainda levemente transgredidos. Esta virtude é mais ordinária no sexo feminino. - Continência exprime a abstinência atual dos prazeres da carne. O celibato cristão demanda continência perpétua. A viuvez, que não passe a segundas núpcias, deve ser continente. - Virgindade exprime uma continência universal, absoluta, e perfeita, tanto do corpo, como do espírito que se estende a todos os tempos e momentos da vida. É uma flor delicadíssima, que qualquer sopro impuro a embaça e murcha: um só instante de fraqueza, um só pensamento voluntário faz perder o merecimento desta angélica virtude. – Pureza não é propriamente uma virtude particular; é a excelência, a perseverança, a honra, e o lustre da virgindade: Ela supõe uma alma inocente, cândida, intacta, que nem experimentou, nem sentiu, e nem ainda conhece o que pode alterar a perfeita integridade da alma e do corpo". - Intemerato e imaculado podem dizer-se sinônimos perfeitos. Mesmo referindo-nos à própria Virgem, dizemos indistintamente – imaculada ou intemerata. Parece, no entanto, que intemerato sugere uma ideia que nem, pelo menos em todos os casos, será essencial em imaculado: a ideia de - não violado. Pode haver criaturas que, mesmo de uma brutal violência, venham a sair moralmente imaculadas. Em poesia não é muito raro empregarse imáculo por imaculado. - Impoluto é "o que não foi poluído, que não ficou alterado na sua pureza". – **Ilibado** (latim *illibatus* = *in* + libatus) quer dizer - "intacto, virgem; que está na sua plena integridade". - Incorrupto é "o que não foi corrompido, que é são e puro de espírito, de alma fiel, inalterada". - Inocência tem aqui a acepção de candura: é a qualidade do inocente, isto é – do que não tem malícia, nem sabe pensar no mal. Por isso mesmo é que não se pode considerar a inocência como propriamente uma virtude, mas como um estado de alma, um modo de ser, pois o inocente não conhece o mal, nem mesmo sabe que é inocente.

CASTIGAR, punir; castigo, pena, punição. - Punir supõe autoridade de uma parte, e culpa da outra. Castigar supõe autoridade de uma parte, mas da outra não supõe necessariamente culpa, mas sim erro, descuido, omissão. Punem-se crimes, delitos, ações voluntárias, quando contrárias à lei: e castigam-se, não só as ações voluntárias quando contrárias à lei, mas também os erros, as faltas, e até os defeitos. – Punir implica a ideia de imposição de pena; mas castigar indica principalmente a ideia de corrigir, aperfeiçoar por meio da repreensão, censura, etc. Neste sentido dizemos até - "castigar o estilo, castigar a frase". (Lac.). - Pena (latim pæna, do grego poiné "vingança, expiação") sugere ideia do "sofrimento que se impõe como punição do crime, ou delito, ou grande falta que deve ser punida". - Castigo é "tanto o ato de castigar, como o próprio sofrimento com que se castiga". - Punição é "o ato de punir".

CATÁLOGO, lista, rol, nomenclatura, nômina, enumeração, relação. - Segundo Bruns. - Catálogo (do grego katalogos "exposição desenvolvida, minuciosa") dizemos das relações ou enumerações de muitas coisas da mesma espécie, mas diferentes entre si. É condição essencial do catálogo: I.º) que a enumeração seja metódica, ou obedeça a uma certa ordem; 2.°) que cada objeto catalogado se faça acompanhar de algum esclarecimento que melhor o caracterize e distinga dos outros. Sempre que a enumeração careça dessas condições, só se lhe pode dar o nome de lista ou relação. O catálogo de uma livraria ou de uma biblioteca compreende o título das obras que a formam, o nome dos respetivos autores, etc. Fazemos a lista dos livros que desejamos comprar. Fazemos ou organizamos o catálogo de uma biblioteca. – Rol é a lista que contém, ao lado do nome das coisas ou pessoas arroladas, certas indicações numéricas. Não diremos, por exemplo - rol dos convidados, mas lista dos convidados, atendendo a que nessa lista a única indicação numérica é a dos números de ordem. - Nomenclatura é uma lista de nomes, de expressões que formam grupo separado, principalmente tratandose de ciências. Nomenclatura geográfica, por exemplo, ou da botânica, etc. Quando a nomenclatura inscreve ou classifica nomes de pessoas, denomina-se nômina. Fazer uma nômina dos empregados por ordem de antiguidade. - Enumeração é a lista que se faz com o fim de atender ao total que apresenta, ou ao conjunto das coisas enumeradas. Recapitulando, vemos que: o catálogo inscreve e circunstancia; a lista apenas inscreve; o rol inscreve e conta; a nomenclatura inscreve denominando; a nômina inscreve, nomeia por ordem; e a enumeração inscreve ou expõe sucessivamente para que cada unidade contribua para o conjunto. – Relação é quase o

mesmo que lista: apenas deixa supor que as coisas ou pessoas relacionadas estão inscritas numa certa ordem, ou não tanto a esmo como numa simples **lista**.

476

CATIVO, cativeiro; escravo, escravidão; servo, servidão; prisioneiro, prisão. - Cativo é propriamente "o que foi capturado, o que se deixou prender na guerra, e que, portanto, perdeu a sua liberdade, ficando sob a dependência de outrem". O cativo pode conservar ainda a sua dignidade, a sua condição pessoal. O judeu em Babilônia foi cativo, e não escravo, nem mesmo servo. O cativeiro não humilha, pelo menos nem sempre. – Escravo é "o que passou a ser propriedade de outrem; pode ser vendido, passar por herança ou legado". A escravidão não só humilha, como despoja a criatura de quase todas as suas qualidades humanas. -Servo é "o que está sujeito a outrem". A servidão é muito diferente da escravidão. O servo é considerado como pessoa, pode possuir bens, auferir lucros do serviço que presta a seu amo, etc. De tudo isto é privado o escravo. - Prisioneiro aproxima-se de cativo: é "o que fica em poder do seu vencedor". Hoje, na guerra não se fazem cativos, mas prisioneiros, supondo-se que estes esperam sempre o seu resgate. Do mesmo modo difere prisão de cativeiro; pois o primeiro designa apenas o fato de "achar-se alguém privado por algum tempo de agir livremente, de usar da sua liberdade".

477

CAUSA, motivo, razão, móvel, pretexto. — Todas estas palavras designam aquilo que se tem como determinante das nossas ações; mas não poderiam ser aplicadas indistintamente, mesmo aquelas que parecem mais semelhantes. — Causa é o que produz uma ação; em certos casos, é o fato em virtude

do qual se dá um outro fato. F. deixou de vir devido ao mau tempo (o mau tempo foi causa da ausência). A causa da intervenção da força pública foi o tumulto que ali se levantou. - Motivo e móvel são os nomes que damos ao fato, à consideração, ao intento, etc., que nos leva a fazer alguma coisa ou a agir de certo modo em dadas circunstâncias. - Motivo é simplesmente o que opera em nós excitando-nos, impelindo a nossa vontade de praticar uma ação, ou de conduzir-nos deste ou daquele modo em dadas circunstâncias. - Móvel é "um motivo mais ponderoso, que opera tanto sobre o espírito como sobre o coração". - Razão é "o motivo que se invoca para justificar algum ato, o móvel que se dá como causa da ação". -Pretexto é "uma razão falsa ou fictícia que se dá para não dar a verdadeira".

478

CÁUSTICO, causticante, mordaz (mordente), satírico, irônico, pungente, pungitivo, picante, acre, lancinante, ferino, sarcástico, escarninho, cruciante, terebrante. - Cáustico (segundo resume Bens.) "denota certa malignidade irritante; mordaz, um caráter mais ou menos maligno; satírico, um gênio acerbo, picante. Um espírito cáustico emprega a ironia, ditos e expressões picantes, chufas, motejos para fazer sobressair o ridículo e os defeitos dos outros. Um espírito mordaz ataca tudo e todos, não poupa ninguém; abocanha a honra, ofende a boa reputação, atraindo por isso o ódio ou o desprezo de todos. Um espírito satírico ataca, sobretudo, os vícios e os defeitos mais censuráveis; as suas armas são um gracejo vivo e picante, e algumas vezes a indignação e a veemência: é um moralista ou um juiz de mau humor, que condena, pune e instrui". - Entre mordaz e mordente há diferença bem sensível: mordente significa mais "espicaçante, pungente, provocador" do que só mordaz. Poderia ainda alguém dizer - sátira mordente (e talvez não – sátira mordaz). – Entre cáustico e causticante parece haver apenas a distinção marcada pela ideia de atualidade, de flagrância, que se inclui em causticante. Parece também que este tem mais força que o primeiro, devida ao sufixo de atividade ante. Aquela palavra ou aquela frase saiu causticante como ferro em brasa (e não – cáustica). Diremos com mais propriedade – estilo cáustico (em vez de – causticante); – palavra causticante (em vez de - cáustica). - Irônico é o que contém, ou o que diz ironia, isto é – que usa de uma palavra ou frase (ou mesmo gesto, atitude, postura) para exprimir exatamente o contrário do que diz ou afeta. Dizemos tanto – termos irônicos, como – olhar irôniω; saudação, discurso, elogio, até carinhos irônicos. - Pungente é um tanto mais forte e subtil que mordente: o que punge "penetra como espinho". - Pungitivo é "o que tem qualidades para pungir, picar, penetrar afligindo". Há palavras, frases pungitivas, mas que só pungem a certas almas. Dizer - "bandido" a um santo será usar de uma palavra pungitiva, isto é - capaz de pungir (mas não - pungente). Dizer - "santo" a um bandido seria dizer-lhe uma palavra pungente. – Picante é "o que é acre, e pica, irrita, como ao paladar a pimenta". – Acre, como já vimos em outro grupo (o XCVIII) é "o que tem sabor picante e corrosivo"; e, no sentido figurado, designa "o que é rude e violento, áspero e desabrido". É usado mais frequentemente no superlativo: acérrima ironia, invetiva, etc. - Lancinante é "o que penetra causando grande dor; o que corta, rasga como estilete". Gritos lancinantes = os que entram na alma de quem os ouve como lancetas. -Ferino é "o que é selvagem, feroz, próprio de fera": e no sentido figurado - "o que é rude, brutal, cruel". Talvez porque se julgue esta palavra como originada do verbo ferir, é frequente vê-la empregada como significando — "o que *fere* sem piedade, amargamente". — Sarcástico é "o que envolve mais do que ironia pungentíssima: é o que revela desprezo, intuito de humilhar, de ofender mostrando repugnância". Aproxima-se-lhe muito escarninho, equivalente a — "o que envolve ou manifesta escárnio, que é como nojo pela pessoa ou coisa escarnecida". — Cruciante vale por "aflitivo como o sacrifício da cruz; doloroso em excesso, cruel e pungente em extremo". — Terebrante, no sentido em que aqui o tomamos, é "o que punge como acúleo (como verruma...) até o mais fundo da vida".

479

CEGAMENTE, às cegas. — "Fazer alguma coisa às cegas" — escreve muito bem Lac. — "é fazê-la sem razão suficiente, para o fazer ou deixar de fazer. Fazer alguma coisa cegamente é fazê-la porque se põe confiança na pessoa que manda, persuade, ou aconselha que se faça".

480

CELEBRAR, solenizar, festejar, comemorar, rememorar. - Consideram-se aqui estes vocábulos na acepção que lhes é comum, de indicar o modo de render homenagem a qualquer pessoa ou acontecimento. - Festejar (do latim festus "alegre") é, dos três primeiros verbos deste grupo, o único que claramente encerra a ideia de festa, de alegria. É com hinos de louvor e de alegria que a Igreja católica festeja um santo; é com danças e divertimentos que o povo festeja S. João, S. Pedro e S. Antônio. - Celebrar e solenizar dizem-se tanto dos acontecimentos alegres como dos tristes, como dos grandiosos. - Celebrar encerra duas ideias principais: a de ser grande o número de pessoas que concorrem e a do aparato da festa ou da cerimônia celebrada. O padre celebra a missa; celebram-se exéquias;

celebra-se um aniversário com grandes festejos. – Solenizar é celebrar com pompa extraordinária, e a fim de bem gravar no espírito a lembrança do acontecimento que se soleniza, quer seja atual, quer passado. (Bruns.). – Comemorar é "celebrar festa solene que recorde algum sucesso, acontecimento, época extraordinária na vida de uma nação ou uma família". – Rememorar é "repetir uma comemoração, recordar outra vez uma data ou acontecimento".

481

CELESTE, celestial; divino, divinal; célico, celígeno, deífico. - Entre celeste e celestial há uma diferença, que em certos casos é fundamental, marcada pela partícula de extensividade que figura no segundo. - Celeste significa – "próprio do céu (e também de Deus) que está ou que aparece no céu, que vem do céu". - Celestial, tendo a mesma significação, designa, em certos casos, "o que é como se fosse celeste". Dizemos: cólera celeste (cólera divina) e não - cólera celestial; o semblante celestial de uma menina (e não - celeste). - Entre divino e divinal há uma distinção análoga. Ninguém diria - misericórdia divinal - em referência à misericórdia de Deus (e sim – misericórdia divina). Como ninguém diria – a ternura divina daquela mãe (mas – a ternura divinal). Na maioria dos casos, entretanto, empregam-se indistintamente celeste e celestial, divino e divinal. - Célico e celígeno são termos usados na poesia, significando: o primeiro, celestial, do céu" [nem sempre - celeste, pois este pode valer ainda como um restritivo de firmamento, conforme se vê em – corpo celeste (referindo-nos a um astro, e não - corpo celestial)]. – Celígeno quer dizer – "nascido no céu, vindo do céu, que tem origem no céu". - Deífico é também termo poético, significando mais - divinizante - que propriamente - divino.

CELIBATÁRIO, solteiro. – Concordam estes vocábulos em designar a pessoa que não casou; e na maior parte dos casos podem ser empregados indistintamente. - Solteiro, porém, a não ser no último exemplo deste artigo, indica essa ideia sem nenhuma outra acessória; enquanto que celibatário encerra frequentemente a ideia de não poder ou não querer contrair matrimônio. Dos sacerdotes católicos dizemos que são celibatários, e não - solteiros. De um ancião se diz que é celibatário quando se quer designar o seu estado social; e solteiro – às vezes até solteirão – quando queremos pôr em relevo o seu estado de independência, de não sujeição aos laços da união conjugal (Bruns.).

483

CENOTÁFIO, sarcófago, túmulo, mausoléu; jazigo, monumento, sepulcro, sepultura, carneiro, hipogeu, campa, catacumbas, cova. – Das quatro primeiras palavras deste grupo escreve Roq.: "Designam estes vocábulos o monumento elevado à memória de algum defunto ilustre, mas cada um deles recorda particular circunstância pela qual se diferençam". - Cenotáfio, da palavra grega kenotaphion (de kenos "vazio", e taphos "sepulcro"), tem no português a mesma significação de monumento sepulcral, erigido à memória de defunto enterrado em outro lugar. - Sarcófago, igualmente do grego sarkophágos [de sarx (genit sarkós), "carne", e phagein "comer"] é adjetivo substantivado concordando com lithos "pedra", que designava uma espécie de pedra calcária que consumia as carnes; e por extensão – o sepulcro feito desta pedra, e em geral - sepulcro em que o cadáver se consumiu. Da palavra latina tumulus (a tumore terræ), que em sentido reto significava "montículo", fizemos nós túmulo, só com a significação figurada de sepulcro, que entre os latinos também tinha; mas – sepulcro levantado da terra, como diz a etimologia, e a que os nossos antigos chamavam moimento. - Mauso**léu** (do latim mausoleum) foi primitivamente nome próprio, que designava o magnífico e sumptuoso monumento sepulcral que a rainha Artemísia mandou erigir a seu marido Mausolo; passou depois a ser nome apelativo, designando os sepulcros grandiosos dos reis, como se vê da seguinte passagem de Floro: In mausoleum se (Cleópatra), sepulcra regum sic vocant, recipit (4, II). Mais tarde, estendeu-se a todo sepulcro magnífico e sumptuoso, como se vê em Ferreira: "Mausoléus aos mortos não dão vida". (Eleg. 6). - Jazigo é "o pequeno edifício, ordinariamente em forma de templo, e numa necrópole, onde se depositam os cadáveres ou os ossos dos membros de uma família". É um mausoléu menos sumptuoso. – Monumento (ou moimento, que é forma antiquada) é "toda construção grandiosa levantada à memória de um morto, contenha-lhe ou não os restos". - Sepulcro e sepultura (do mesmo latim sepelire) sugerem a ideia de "ocultar, esconder": designam, portanto, o lugar onde se sepultam os mortos. Sepulcro é mais nobre, supõe alguma coisa mais que simples sepultura, que é apenas o espaço que se abre na terra para guardar o cadáver. Dizemos, por exemplo – sepultura rasa, e não - sepulcro raso. O próprio animal pode ter sepultura (não - sepulcro). - Sepultura é, pois, quase o mesmo que cova: apenas a cova é uma sepultura ainda mais tosca e mais ligeira. Nenhuma das duas têm saliência, ou qualquer construção acima do solo. – Carneiro é o lugar subterrâneo, guarnecido de muros, onde se depositam cadáveres. O carneiro pode ser levantado do solo. É este o nome que mais comumente se dá aos depósitos de cadáveres que não são propriamente simples sepulturas. – Hipogeu só será usado hoje em linguagem poética: designa,

como insinua a própria etimologia, subterrâneo, cova. — Campa é, propriamente, "a lápide que cobre o sepulcro ou mesmo a sepultura rasa": toma-se frequentemente pela própria sepultura. — Catacumbas eram as vastas construções subterrâneas destinadas a guardar cadáveres. Por extensão, dá-se ainda hoje o nome de catacumba ao grande túmulo comum.

484

CENSURA, crítica, sátira; admoestação, observação, advertência, ponderação, comentário, repreensão, arguição, recriminação, objurgatória (objurgação), remoque, reproche, exprobração, reprimenda. - Das três primeiras do grupo, diz Roq.: "Censura vem da palavra latina census 'censo', que era entre os romanos a declaração autêntica que os cidadãos faziam de seus nomes, residência, família e bens, ante os censores ou censitores, magistrados da primeira plana, cujos mui importantes cargos eram guardar o padrão ou registro do povo, repartir as quotas dos impostos, cuidar da polícia, e, sobretudo, dos costumes públicos, adotando os meios de reformá-los, castigando aos que os pervertiam com seu desordenado procedimento. Este nome, no uso comum, veio a ficar reduzido à censura dos costumes públicos, e, em especial, ao exame, julgamento e correção dos livros, aprovando-os ou desaprovando-os, como coisa a mais conducente para a boa moral pública; com o que o cargo de censor vem a ser o de uma espécie de magistrado na república literária, como era o dos antigos na política. - Crítica é palavra grega kritiké (de krino 'julgar, distinguir') e significava a arte de julgar as obras de engenho. Tem muita relação com a censura, porque é o juízo fundado que se faz das obras, segundo as regras da arte e do bom gosto; e esta é uma das circunstâncias que a diferençam daquela – a censura – cuja significação, como vimos, é mais extensa. Distinguem-se também em que o objeto da crítica não é precisamente o de censurar, repreender e corrigir as obras; senão o de examiná-las, julgá-las literariamente. dar a conhecer suas belezas, e notar-lhes os defeitos, mas sempre com fundamento e equidade; sendo que a censura leva consigo a repreensão, a correção e o castigo do que aparece contrário à lei, à razão, à verdade, aos bons costumes, sem se importar com o estilo, nem com o desempenho das regras de bem escrever. Muitas obras há que pela solidez dos princípios, e pela utilidade das verdades que defendem ou anunciam, são irrepreensíveis aos olhos da censura; mas que pela má disposição das matérias, impureza da linguagem, confusão e obscuridade do estilo, são defeituosíssimas aos olhos da crítica. Aprova a censura o que muitas vezes condena a crítica; assim como pode acontecer que a crítica literária nada tenha a dizer onde a censura moral muito tenha que repreender e condenar. A crítica supõe a censura, pois não se pode julgar de uma obra sem notar defeitos maiores ou menores, que são inseparáveis de tudo que é humano; nem sempre, no entanto, a censura supõe a crítica, pois muitas pessoas pouco instruídas e muito audazes atrevem-se a censurar sem serem capazes de fazer a devida crítica. – A sátira é um juízo, raramente imparcial, em que, pondo de parte o que pode merecer elogio, se ridiculizam os defeitos. Não há coisa mais difícil que fazer uma boa crítica. Não há coisa mais fácil que agradar ao público com uma sátira. Assim que a crítica, como a sátira, podem talvez ter por objeto a correção e o desengano; porém os meios de que se valem são muito diferentes; porque a crítica, mais moderada, faz ver o erro como tal, para que se emende ou evite; a sátira, rara vez imparcial, e sempre violenta, representa o ridículo, para que se despreze.

Aquela instrui mais que recreia; esta recreia mais que instrui. Daqui vem que a eficácia da sátira é maior e sem efeitos mais perigosos. Uma crítica necessita ser mui bem fundada para corrigir, ou para estabelecer uma opinião. Uma sátira ligeira pode fazer esquecer o mérito mais sólido". - Admoestação é "o ato de fazer sentir o erro ou falta cometida, para que o admoestado não reincida nela". A admoestação é sempre feita em termos brandos. – Observação é "o ato de advertir fazendo considerações sobre a falta cometida ou sobre o dever que se deixou de cumprir". - Advertência é "o ato de chamar atenção para o mal que se fez, ou para a falta em que se caiu mais por descuido que por desídia". - Ponderação será "uma advertência ou observação mais disfarçada, ou em termos menos positivos, e mais reflexionando, sobre a coisa a respeito da qual se pondera, do que propriamente advertindo". - Comentário é "o exame ou mesmo a crítica, ilustrada de exemplos e largas considerações, sobre a conduta de alguém". - Repreensão "é o ato de condenar o erro ou a falta cometida: o que é sempre feito com certa acrimônia, ou em termos mais ou menos ásperos". - Arguição é "o ato de acusar alguém de falta ou erro, mostrando-lhe, com razões e argumentos, como cometeu tal erro ou falta". - Recriminação é "a censura mais forte, a acusação mais grave e violenta com que se rebate a outra censura ou acusação". - Objurgatória é "a repreensão áspera, a censura ou acusação desabrida que se lança à face de alguém, mais como invetivando-o do que simplesmente fazendo-lhe acusações e censuras". - Objurgação é "o ato, ou melhor - a ação de objurgar, ou de acusar desabridamente". - Remoque é "dito ou frase picante que mal dissimula a intenção de repreender, de criticar malevolamente". - Reproche é palavra francesa de que muito se abusa. Significa - "ato de lançar em rosto a alguém a falta cometida, ou defeitos e vícios, com o intuito de envergonhá-lo". - Exprobração enuncia a ideia de "lançar em rosto as culpas, ou faltas, ou vícios de alguém". - Reprimenda = "admoestação formal e severa, de superior a inferior".

485

CERIMÔNIA, rito, ritual, liturgia. - Segundo Roq. - "o rito é a reunião de todas as cerimônias de um culto religioso, não precisamente postas em prática, senão compiladas por escrito para sua execução, e autorizadas pelo Sumo Pontífice, ou pelo patriarca de alguma seita; por isso se diz – o rito romano, o rito grego. As cerimônias são o modo por que o rito se executa. Rito exprime mais que cerimônia. O ritual romano, entre nós, prescreve as cerimônias com que se devem celebrar os oficios divinos; a maneira de executá-lo são as cerimônias". - Ritual e rito confundem-se aqui. Mas nesta frase, por exemplo: "Vamos celebrar o ato com todo o rigor do ritual" – não seria admissível a palavra rito. - Ritual é, pois, o conjunto de cerimônias que, para os diferentes atos de um culto, estão prescritas por quem tinha autoridade para estabelecer o rito. – Entre liturgia e rito há diferenças essenciais. Dizemos, por exemplo, que F. é católico do rito grego, e não – católico da liturgia grega. E, no entanto, liturgia é também "o modo como se regula a execução das cerimônias de um culto público". É evidente que aplicamos rito quando queremos assinalar diferenças de liturgia ou de cerimônias entre cultos da mesma religião. Não dizemos – o rito romano – senão quando queremos diferençar as cerimônias do culto católico romano das de outro culto também católico mas não romano. Quando se diz – ritual romano – já não se marca tão bem, ou com tanta evidência, essa diferença: o que

parece que aproxima este termo **ritual** mais de **liturgia** que mesmo de **rito**. Dizemos – *liturgia* católica (e não – *rito* católico – salvo se quisermos distinguir entre **rito** católico e **rito** protestante).

486

CHAMA, flama, labareda, fogueira, incêndio, lume, fogo; faísca, fagulha, chispa, centelha. - Chama é, segundo Lacerda, "a parte mais luminosa do fogo, e que se levanta em forma piramidal acima do corpo que arde. – Flama tem a mesma significação (é a forma erudita do latim flamma, de que chama é a forma popular), porém é palavra preferível para o estilo culto, porque a palavra chama se tornou vulgar. – Labareda designa grande chama, que se eleva e ondeia em línguas de fogo. - Lume exprime propriamente o que dá luz e claridade; e fogo, o que causa calor, queima e abrasa. No uso vulgar confundem-se estas palavras; mas, no sentido translato, deve notar-se com cuidado a diferença que há entre uma e outra. Dizemos - o lume da razão, mas não se pode dizer – o fogo da razão. Dizemos – o fogo da mocidade, mas não se dirá – o lume da mocidade. É certo que se diz - o lume, ou - o fogo dos olhos; mas é porque nos olhos há estas duas propriedades, pois que, ou cintilam e dão luz, como o lume; ou queimam, e comunicam o calor e ardor da paixão, como o fogo. Todavia, é mais correto dizer - o fogo, do que - o lume dos olhos. - Fogueira é, por assim dizer, o resultado do fogo: é o fogo aplicado à matéria combustível (e a esta circunscrito - como diz muito bem Bruns.); é essa matéria acesa, em ala, e grande labareda ou brasido". - Incêndio é "grande fogo ou fogueira que se alastra e devora". – Faísca, fagulha, chispa e centelha designam todas "pequenas porções de fogo ou de matéria inflamada que se desprendem de fogo maior". - Chispa

dá ideia da rapidez com que a partícula ardente se desprende; e **centelha** dá ideia da luz produzida pela fagulha (e é como se se dissesse – partícula de chama).

487

CHAMARIZ, engodo, reclamo, isca, negaça, atrativo. – Dos três primeiros vocábulos deste grupo diz Bruns.: - "O chamariz é o que atrai o público a alguma parte; o engodo é a astúcia que o engana; o reclamo é o que desperta a atenção para o chamariz". Isso, entende-se, tomadas essas palavras em sentido restrito; pois, num sentido mais extenso, o chamariz tanto atrai o público a alguma parte, como pode atrair, para um ponto, ou para algures, uma porção de crianças, uma récula de garotos, um bando de aves, um cardume de peixes etc. De engodo quase que se pode dizer outro tanto. Só de reclamo é que se não poderia fazer, pelo menos nem sempre, mais que o uso indicado. – Isca é "tudo que se prende ao anzol para atrair e enganar o peixe", e figuradamente, é "tudo que serve para engodar alguém". - Negaça, particularmente, é "o nome que se dá ao pássaro que se deixa na gaiola de alçapão para chamar os outros"; e num sentido geral, é "o que serve para provocar, seduzir, enganar". – Atrativo é termo genérico, designando "tudo que atrai, que chama atenção, que faz convergir".

488

CHAPADA, planura, planalto, esplanada, planície. – Chapada é "extensão de terras mais ou menos planas no alto de montanhas, ou a certa altura delas". – Planura é quase o mesmo que planície: apenas sugere ideia de beleza de panoramas, de situação aprazível; enquanto que planície é "toda extensão de terras chãs e baixas, isto é – não no alto nem na encosta de montanhas". – Planalto é "grande planura elevada, ou vasta planície

muito alta, que se eleva gradualmente". Hoje usa-se muito, e sem necessidade, do francês plateau. – Esplanada é "uma arca muito plana em volta ou à frente de algum edificio"; e por extensão - toda superfície de terreno plano que não chega a ser planura.

489

CHEIA, inundação, enchente, dilúvio. – De cheia e inundação diz Roq.: "Posto que no uso comum da língua se confundam estes dois vocábulos, são eles contudo distintos quanto à etimologia, e designam duas coisas que se não devem confundir. Quando as águas alteiam nos rios, e transbordam nalguns sítios que alagam, chama-se a isto com propriedade cheia. Quando os rios saem da madre, não conhecem limites, estendem suas águas pelas veigas, e inundam os campos e prados vizinhos, diz-se que há inundação. Às grandes cheias do Tejo deveria chamar-se inundações, porque muito se parecem com as do Nilo. Distingue-se ainda cheia de inundação em que aquela só se diz de rios ou ribeiras; e esta, inundação pode dizer-se também do mar, de depósitos de água, etc. Cheia tem só a significação reta; e esta, além da natural, a figurada de - multidão excessiva. Diz-se – inundação de bárbaros, e não se pode dizer - cheia de bárbaros". - Enchente diz no sentido próprio – abundância, crescimento, fase em que alguma coisa se avoluma: daí a acepção particular de - cheia, em que pode ser tomada. É também o contrário de vazante; e, por isso, nem sempre a enchente é cheia. Há rios que enchem e vazam em época certa; e então quando a respeito desses se diz - enchente - não se quer dizer - cheia. É muito comum, no entanto, o emprego de enchente por cheia. - Dilúvio é 'grande inundação, que parece alagar todo um continente". Usa-se, também, como inundação, no sentido translato: dilúvio de gente, dilúvio de misérias, dilúvio de alegrias.

490

CHISTOSO, gracioso, espirituoso, faceto, engraçado, pilhérico, folgazão, trocista. - Chistoso dizemos do "que nos distrai e faz rir com ditos picantes mas sem malignidade". Tanto se diz - pessoa chistosa, como - palavras chistosas, e até gestos, modos chistosos. - Gracioso é "o que mostra mais graça nos modos, nos gestos, na gentileza da figura, do que mesmo nas palavras, ou nos ditos". – Espirituoso é "o que tem espírito quando conversa (ou quando escreve); isto é, o que sabe dar uma nota fina e original sobre as coisas, os fatos, os homens". - Faceto é "o que encerra, ou o que emprega chiste ou graça leve, subtil e galante. Dizemos tanto – criatura faceta, como estilo faceto, conto faceto. – Engraçado é simplesmente "o que tem graça, o que provoca riso por meio de gracejos". - Pilhérico é "o que faz rir pelas pilhérias, isto é, pelos contos ou façanhas imaginárias que inventa e que inculca, com mais ou menos espírito". – Folgazão é o que se diverte, e diverte os outros, mais brincando ruidosamente que falando. Todos estes vocábulos se aplicam tanto às pessoas como às coisas. Moço folgazão; moço pilhérico; moço engraçado; e também: gênio, espírito folgazão; frase pilhérica; dito engraçado. - Entre engraçado e gracioso há grande diferença: este último é o que tem graça fina e delicada de si mesmo; aquele é o que mostra certa graça, que quer parecer espirituoso. Nesta frase, por exemplo: "Não se faça engraçado"; ou – "não faça de engraçado" – não caberia certamente o vocábulo gracioso. O moço engraçado pode fazer-se ridículo: o gracioso, não; pois, antes de tudo, este é gentil fazendo graças. O engraçado pode não ter graça nenhuma, pois ordinariamente é o imbecil que procura ser engraçado: o mesmo não se pode dizer – é até justo que o contrário se diga do gracioso, pois graciosas só podem ser as pessoas de apurada

educação, muito amáveis, e finamente galantes, que nos agradam até pelos gestos, pelo ar simpático; e mesmo pela discrição dos gracejos. — **Trocista** é "o sujeito que *faz* pilhérias, graçolas, brincadeiras com os outros, para rir à custa destes". Também se diz — gênio *trocista*, ares *trocistas*.

491

CHOCALHEIRO (chocarreiro), linguareiro (linguarudo), garabulho, pernóstico, parlador, parlante, falador, falante, gárrulo. - Chocalheiro é "o que fala muito e indiscretamente, fazendo barulho, estardalhaço como um chocalho; não guarda reserva em coisa alguma, e torna-se importuno falando a torto e a direito". Confunde-se mui comumente chocalheiro com chocarreiro, que é termo bem diferente, pois só se diz chocarreiro daquele que diz chocarrices, isto é, graçolas, chalaças grosseiras e próprias de gente baixa. O chocalheiro é leviano e indispõe porque importuna: o chocarreiro é petulante, e indispõe porque irrita. – O linguareiro é o que diz tudo que sabe; que divulga quanta coisa lhe disseram; é - como se diz em linguagem popular – o que "dá de língua" a propósito de tudo. Mas o linguareiro não tem malícia propriamente: fala por ser leviano, por ter o vício de não guardar nenhum segredo, por ser amigo de dizer novidades. Não assim o linguarudo, que é mais falador que linguareiro. O linguarudo fala mais ainda porque tem o vício de intrigar e maldizer que pelo desejo de falar. - Com o linguarudo pode confundir-se falador, pois este vocábulo não se emprega hoje para designar simplesmente o indivíduo que fala muito; mas sim – "o indivíduo que fala da vida alheia". Naquela acepção, isto é, significando indivíduo que simplesmente fala muito, emprega-se a forma falante que não encerra de modo algum a ideia de falar por maldade, ou falar maldizendo. - Parlador

já não é também o indivíduo que só fala muito, nem o indivíduo que fala da vida alheia: designa mais propriamente o sujeito que mais fanfarreia do que fala, que é mais parlapatão do que linguareiro e do que linguarudo. – Parlante dirá um pouco menos que parlador; mas há de sugerir sempre a ideia de que pelo menos é pouco substancioso o que diz o parlante. Garabulho (ou garabulha) é palavra importada do italiano garbuglio, que significa "embrulhada, confusão, desordem"; e empregamo-la para designar "o sujeito que fala muito embrulhando tudo". - Pernóstico é "o sujeito pretensioso no falar; que fala muito, com muitos gestos e acionados, presumindo de tudo entender e falar muito bem". É termo popular (o mesmo que pronóstico, e formado de prognóstico). - Gárrulo é "o que fala como se falasse sem pensar, e sempre sobre coisas fúteis, e agitando-se, movendo-se, como fazem os passarinhos e as crianças".

492

CHOCAR, incubar. - Sobre estes dois verbos escreve Bruns.: "Ainda que estes verbos sejam sinônimos perfeitos36, designando tanto um como o outro uma mesma operação, deve notar-se que chocar é não só relativo à transformação que se vai operando no ovo, mas também à causa dessa transformação, e que é o calor que ao ovo comunica a ave que sobre ele se mantém. - Incubar refere-se apenas à operação ou transformação, sem atender à causa... Deve dizer-se - incubadora artificial, não - chocadeira artificial, como às vezes se ouve. Falando das doenças que se desenvolvem pouco a pouco antes de se declararem abertamente, devemos empregar exclusivamente o verbo incubar..."

^{36 •} Ou melhor – quase perfeitos, como se vê do próprio artigo transcrito.

CHOCAR, melindrar, ofender. - O verbo chocar sugere a ideia, que lhe é característica, da "impressão rude que produz uma ofensa, do abalo que pode causar uma frase nossa, ou mesmo um ato que se ponha em contraste com os sentimentos da pessoa a quem nos dirigimos, ou diante da qual falamos ou agimos". – Ofender é aqui tomado na acepção especial de "fazer a alguém coisa que o moleste, que o magoe, que o prejudique moralmente; ou em geral - coisa de que essa pessoa se ressinta". - Melindrar é "ofender os melindres de alguém, quer dizer o que esse alguém possui de mais delicado e sensível na sua natureza moral". Aquele que melindra nem sempre ofende propriamente, pois que melindrar supõe, na maioria dos casos, que é excessiva a suscetibilidade de quem se julga melindrado.

494

CHOQUE, embate, conflito, encontro, contraste. – São os dois primeiros vocábulos deste grupo os substantivos com que se designa o encontro mais ou menos violento de dois corpos que se embatem, um levando o outro de impelida, ou um deles recuando ao encontrar-se com o outro, ou mesmo recuando ambos depois de se encontrarem. O embate é violento; o choque pode ser ou não violento. Na palavra embate predomina a ideia de violência e de impetuosidade; na palavra choque apenas a de encontro (que não é senão o fato ou o ato de chegar uma coisa diante de outra)37. O navio que embate (ou bate) contra um rochedo abre-se e afunda: o mal não seria tão grande se tivesse havido somente choque. Duas locomotivas lançadas a todo vapor em uma mesma via, e

37 • Por isso mesmo é que é preciso admitir que choque não é simplesmente encontro, como se diz no artigo. Pode haver encontro sem haver choque, pois esta palavra dá ideia do abalo que o encontro produz.

caminhando uma para outra, têm um embate terrível; se, ao avistar-se, fazem contravapor os respetivos maquinistas, dá-se entre as máquinas um choque mais ou menos violento, mas não de terríveis efeitos. As ondas alterosas, que o vento impele, vêm embater contra a costa, elevam-se a grande altura, desfazem-se em espuma. De duas pessoas que caminhem apressadamente e que esbarrem uma com a outra ao dobrar de uma esquina, dizemos que tiveram choque; se caminhavam devagar não terão mais que encontro. (Segundo Bruns.) - Conflito é mais embate, luta propriamente do que simples encontro, ou mesmo do que choque. Ideias em conflito, por exemplo, não se entende que sejam ideias apenas contrárias ou opostas, mas ideias que se embatem. - Contraste é a oposição que existe entre duas coisas: não inclui ideia de choque, nem de luta, nem mesmo de encontro, senão de simples oposição.

495

CHORAR, prantear, carpir, lamentar, gemer, lagrimar, soluçar. – "Ao derramar, ou verter lágrimas chama-se chorar" - diz Roq. – do castelhano llorar, do latim fleo. É termo genérico, pois não só indica as lágrimas que provêm de dor e aflição, como as que por alguma circunstância se destilam das glândulas lacrimais. O fumo, os ácidos, etc. fazem chorar os olhos. Chora-se de alegria não menos que de tristeza. Choram também as videiras e os ramos quando se cortam. – Quando às lágrimas se juntam vozes queixosas, com lamentos – e talvez soluços, **pranteia-se**. O pranto é mais forte e intenso que o choro, porque neste derramam-se lágrimas com lamentos e soluços. – Lamentar é queixar-se com pranto e mostras de dor; e também exprime canto lúgubre em que se chora alguma grande calamidade. Jeremias lamentou poeticamente

as desgraças da ingrata Jerusalém, e a esta espécie de poema elegíaco se deu com razão o nome de lamentações. - Costumavam os antigos arrancar, ou pelo menos desgrenhar os cabelos, e desfigurar as faces, na ocasião de luto, e para exprimir esta ação de profunda dor, usavam do verbo carpir, e carpir-se, o qual, por extensão, veio a significar quase o mesmo que lamentar. Do uso de carpir-se sobre os defuntos se faz menção na Crônica de d. João I. Havia antigamente mulheres a quem se pagava para carpir-se sobre defuntos, e acompanhar os enterros, fazendo mostras de dor e aflição, e a que se chamava carpideiras. Refere-se, pois, este vocábulo especialmente às ações que demonstram dor e mágoa. De todas estas palavras, a mais poética, e que em lugar das outras muitas vezes se emprega, é o verbo chorar, de que o nosso poeta fez mui frequente uso, como estão dizendo os seguintes lugares:

Os altos promontorios o *choraram*; E dos rios as aguas saudosas, Os semeados campos alagaram Com lagrimas correndo piedosas.

(*Lus.* III, 84)

As filhas do Mondego a morte escura Longo tempo *chorando* memoraram; E por memoria eterna, em fonte pura As lagrimas *choradas* transformaram.

(*Ibid.* III, 135)

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo; Chorou-te toda a terra que pisaste; Mais te choram as almas que vestindo Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.

(*Ib.* X, 118)

Gemer é "dar sinal de grande dor, exprimir aflição, por meio de voz inarticulada e lamentosa". Os grandes prantos são sempre acompanhados de gemidos. – Lagrimar é "verter lágrimas". Julgam muitos que não passe este verbo de simples variante de la-

grimejar (ou lacrimejar); mas, na acepção em que é preciso tomá-lo neste grupo, é de uma força e intensidade que o tornam indispensável na língua, para significar "verter lágrimas como por efeito de imensa dor, gemendo e pranteando". É com este sentido que empregou Dante o seu *lagrima-re* num daqueles versos que pôs na boca de Ugolino:

Ma se le mie parole esser, den seme, Che frutti infamia al traditor, ch'io [rodo,

Parlare e lagrimar' vedrai insieme.

(Inf. XXXIII, 3)

Ora, traduzir este *lagrimare* pelo nosso *chorar* não seria menos do que diminuir deploravelmente aquela grande figura. – **Soluçar** é "prantear e gemer com aflição, como se a alma abalada clamasse em desespero para fora". Por isso dizemos figuradamente que — o mar *soluça* e não — *pranteia*, nem — *chora*; pois há como que aflição monstruosa no embate das ondas contra a praia.

496

CIDADELA, fortaleza, forte (fortim), castelo, praça, cidade fortificada. - Segundo Bruns. – cidadela é a fortaleza que domina a cidade dentro da qual ela está edificada. Se o inimigo se apoderar da cidade, os seus habitantes podem continuar a defender-se na cidadela. É condição da cidadela, não só o estar dentro do recinto da povoação, mas também oferecer grandes meios de defesa. - Fortaleza é a construção que se eleva em qualquer ponto para defender uma cidade ou um passo. Na fortaleza há sempre guarnição fixa. - Forte e fortaleza confundem-se muito frequentemente; mas fortaleza nunca se deve dizer de uma fortificação pequena, podendo **forte** designar indiferentemente a que é grande, como a que é mediana. O forte pequeno é um fortim. – Castelo designa a

residência ou o recinto fortificado e geralmente construído em ponto elevado. Este termo tem hoje tão pouca aplicação quanto foi usado antigamente, principalmente na época que precedeu à invenção da pólvora. - Praça é a povoação fortificada em que há guarnição permanente. - Comparando cidade fortificada e fortaleza, diz Roq.: "são termos da arte militar, que é mister não confundir. As fortalezas diferençam-se das cidades fortificadas, não somente porque ocupam um espaço mais pequeno, senão também porque estão geralmente ocupadas e habitadas por militares. As fortalezas são como umas cidadelas destinadas a conservar trânsitos importantes, ou a ocupar alturas sobre que o inimigo poderia estabelecer-se vantajosamente, ou com outros fins de mais ou menos importância. Entende-se por cidade fortificada, a que também se chama praça, uma povoação cercada de muros e baluartes, que a defendem contra o inimigo, e que, além da guarnição, contém população mais ou menos numerosa. A praça de Elvas é uma cidade fortificada; o forte da Graça é uma fortaleza".

497

CIFRA, zero, nada. - Diz Bruns., que cifra e zero são sinônimos perfeitos, sendo o primeiro o nome vulgar do algarismo que em matemática se denomina zero. E, no entanto, à vista do próprio exemplo que deu o autor, é preciso admitir alguma diferença entre as duas palavras. O exemplo é este: dizemos - tantos graus abaixo de zero, e não – abaixo de cifra. Isso quer dizer que zero, melhor do que cifra, dá ideia de simples sinal (com que nos números se marcarão as casas onde não houver algarismos representativos). E a prova disto temos em que cifra, além de sinônimo de zero, significa também – "número ou quantidade que resume outras quantidades". Dizemos: - a receita atingiu ou excedeu a enorme cifra de tanto (e não – ao enorme zero...). – Nada aqui, é o nome que se dá ainda mais vulgarmente ao zero. Nunca ouvimos nas nossas escolas, de qualquer grau, dizer-se: "três vezes nove – vinte e sete, noves fora – zero"; e sim - "noves fora - nada".

498

CIGANO, boêmio, vagabundo, valdevino, ambulante, nômade, zíngaro. - Cigano (de zíngaro, ou zingano) é "o indivíduo que vive errante, como os ciganos ou boêmios, a vender bugigangas, a enganar a quantos pode, especulando de todos os modos". – Boêmio é propriamente o nome que os franceses dão ao cigano; mas tem hoje nas rodas cultas um sentido muito particular, designando "o artista, ou o literato que só vive pelo espírito e pouco se importa de prover as próprias necessidades materiais da vida, vivendo por isso quase sempre em grande penúria, e culpando disso os outros homens e a sociedade, contra os quais deblatera ferozmente". - Vagabundo (que já ficou em outro grupo) entende-se que é "o indivíduo que vaga e erra, sem serviço; em regra de maus costumes, provocador, desordeiro, e vivendo de astúcias e furtos". - Valdevino (ou valdevinos) é "o sujeito desocupado, mas sem os vícios ou as maldades do vagabundo". - Ambulante não encerra ideia alguma depreciativa: é apenas "o indivíduo que anda de lugar em lugar; que não se fixa, ou que não exerce as suas funções ou misteres num só ponto certo". - Nômade é "o designativo de povo ou de tribo que vive mudando continuamente de terra". - Zíngaro (ou zingano) é quase o mesmo que cigano, mas designa apenas a raça ou povo que vagueia por muitos países da Europa, da Ásia Menor, da África e da América; e não tem o sentido pejorativo que se dá hoje comumente à palavra cigano, que só sugere os vícios característicos daquela gente vagabunda.

CIMENTAR, consolidar; firmar, prender, fixar, fortalecer. - Cimentar, no sentido figurado, é "fazer mais firme e seguro aquilo que já está firme". Cimenta-se a paz entre dois povos, estreitando as relações que entre eles já existia. Cimenta-se pelos laços de família uma velha amizade. - Consolidar é "firmar o que carece de firmeza; tornar efetivo e permanente o que ainda não tem esse caráter; dar unidade e força a alguma coisa, fazê-la fixa e inabalável". Consolidase uma paz que fora celebrada sobre bases muito frágeis. Consolidam-se relações que tinham sido feitas ligeiramente. - Firmar é "tornar firme, sólido, durável" – sem sugerir ideia da situação anterior da coisa que se firma. Nisto parece consistir a diferença entre este e o precedente verbo. Quando dois exércitos, ao cabo de longas negociações, acordam em celebrar a paz, dizemos: - "afinal firmou-se a paz" (e não - consolidou--se, pois só se consolida aquilo que já existe e que apenas não está sólido). E, no entanto, em quase todos os casos (nem sabemos se há exceções) em que se emprega consolidar poder-se-á suprir este verbo por firmar. - Prender é "tornar fixo, seguro". Deste verbo distingue-se fixar pela ideia, que este sugere, do estado de imobilidade em que se põe aquilo que se fixa: ideia que não é essencial em prender. - Fortalecer é "fazer mais forte aquilo que não era ainda tão forte, ou mesmo que era fraco".

500

CÍNICO, impudente, descarado, desvergonhado (desavergonhado), despudorado, impudico, safado, patife, canalha, reles, deslavado, safardana, asqueroso, hediondo, sujo, sórdido, imundo, repugnante, repulsivo, repelente, desfaçado. — Todos estes adjetivos enunciam a ideia geral de desvergonha ostentosa, e baixeza e abjeção

que repugnam. - Cínico é o que se vangloria de não ter vergonha, e pratica os atos mais indignos sem que a alma lhes sinta um gesto de repulsa. – O impudente é também, como o cínico, desafrontado, mas propriamente não timbra de sua desvergonha: é antes frio, impassível na torpeza, e não se impressiona com o testemunho dos outros, nem com as censuras que lhe façam. - Descarado é o sujeito "que até no semblante, ou no gesto se mostra impudente, mas que não tem deste o despudor imperturbável, e antes parece que é mais leviano do que cínico". – Desvergonhado diz por si mesmo - "espúrio de vergonha; que carece de brio". Entre desvergonhado e desavergonhado mal se poderia notar a distinção que consiste em ser o último talvez mais próprio para exprimir o estado atual do que perdeu a vergonha; pois desvergonhado equivale a - de todo privado de vergonha; e desavergonhado = sem mais a vergonha que tivera, ou que se devia esperar que tivesse. – Despudorado é o que se mostra destituído de pudor. Distingue-se este vocábulo entre os do grupo, e sobretudo entre os precedentes, desde que se não perca de vista que o pudor é um sentimento muito fino e melindroso do próprio crédito, do conceito moral de si mesmo. Despudorado fala-nos, portanto, mais de um estado atual, de um como deslize daquele que esqueceu o seu pudor - do que propriamente de uma condição ou de uma qualidade do caráter. E é por isso talvez que se usa mais na forma adverbial – despudoradamente (isto é – sem aquele pudor que se esperava, ou que era conhecido, e cuja ausência agora nos revolta por ser estranho). – Impudico diz apenas – "não pudico" (isto é – sem o pudor que lhe é, ou que lhe era ou seria próprio e natural). Dizemos, por isso – a Vênus impudica (e não – a Vênus despudorada, porque se não concebe uma Vênus pudica). Há, em suma, entre despudorado e

impudico uma diferença correspondente à que se deve notar entre despudor e impudicícia, sendo o despudor (quase equivalente de impudência) a falta, a ausência momentânea de pudor; e sendo a impudicícia uma qualidade do caráter impudico. Dizemos, por exemplo: "a impudicícia daquelas míseras criaturas é horrível, elas afrontam a luz do dia com despudor que nos confrange a alma"; e, portanto, dizemos também: "impudicas criaturas; quando as enfrentamos apareceram, ou mostraram-se tão despudoradas que eu cheguei a horrorizar-me..." - Safado é termo vulgar que designa "o que está moralmente estragado, gasto nos costumes". – Patife é "o que, além de safado, é audacioso e faz garbo de afrontar os dignos". - Canalha diz apenas – "baixo no proceder, sem a nobreza que se julga própria dos homens que se prezam". - Reles é "o que se conduz como o comum dos tipos malcotados". -Deslavado é um pouco menos que descarado: é o que pratica uma ação ilícita ou pouco digna sem pestanejar, mas muitas vezes sem parecer que tem uma perfeita consciência dela. - Safardana (pode ser empregado tanto como adjetivo como com a função de substantivo) é "o safado no ínfimo grau de abjeção, não tendo mais escrúpulo no que faz, nem mais nada a perder". – Asqueroso é "o que causa asco e produz náuseas". - Hediondo é "o que fede, que infeciona, corrompe, empesta o ambiente, como se fosse coisa podre". - Sujo é "o que no moral tem um como aspeto de farroupilha; que tem alma desasseada como um sujeito que não se trata". – **Sórdido** é "o que, além de sujo, é torpe, nojento, repugnante". - Entre imundo e sujo mal se poderia notar a distinção subtilíssima que consiste em que imundo se adapta melhor a ser aplicado no sentido translato. Poderemos dizer, por exemplo, que - F. tem desejos imundos (e não – sujos). – Imundo diz mais propriamente – "não puro"; e sujo – "não limpo". - Repugnante é "o que se recusa porque nos causa aversão ou nojo". - Repulsivo é "o que se afasta com horror; e também o que indica repulsa violenta: aspeto, figura repulsiva; gesto repulsivo". - Repelente é "o que inspira aversão, e que se nega e rejeita porque nos repugna". - Desfaçado é "o descarado audacioso, o cínico atrevido, que pratica indecências ou indignidades sem temor nem vergonha".

501

CINGIR, rodear, cercar, apertar, circular, abraçar, circundar, abarcar. - Sobre os três primeiros escreve Bruns.: - Cingir (do latim cingere) significa propriamente pôr alguma coisa à roda de uma parte do corpo, principalmente da cintura ou da cabeça, sobrepondo o cinto em voltas sucessivas para melhor defender ou abrigar a parte que se cinge. Por extensão se diz que os aros cingem as aduelas, para evitar que o líquido na vasilha se derrame. Em sentido metafórico se diz que – as muralhas cingem as povoações fortificadas para as proteger e defender; e, sempre sugerindo essa ideia de proteção e de defesa, dizemos que - o rei cinge o diadema ou a coroa; e que - o papa cinge a tiara; pois tais emblemas tornavam antigamente sagradas as pessoas do rei e do papa. - Rodear diferença-se de cingir principalmente em este último verbo expressar que o objeto que cinge fica em contato com a parte que é cingida: ideia que não apresenta rodear, pois pode-se rodear a certa distância. Uma povoação rodeada de montes é raro que não tenha grandes tratos de planície entre si e a base desses montes. - Cercar diferença-se de cingir também pelo fato de não indicar que o que cerca esteja unido ao que é cercado; diferença-se de rodear em sugerir este apenas a ideia de não haver solução de continuidade no que rodeia; incluindo cercar, não

só essa mesma ideia, mas ainda a de que o cerco (ou cerca) pretende impedir que se entre ou que se saia do recinto cercado. O que cinge rodeia e protege de perto; o que rodeia ou cerca protege ou envolve de mais ou menos longe. O que rodeia está posto mediata ou imediatamente em roda do objeto rodeado com um fim qualquer. O que cerca rodeia exclusivamente para defender, ou para impedir a entrada ou a saída. - Apertar é "cingir de perto, muito unido, com esforço mesmo". Distingue-se de cingir em não dar necessariamente a ideia de que se aperta em volta ou por todos os lados. – Circular é "fazer correr ou estender alguma coisa em torno de outra coisa"; e como verbo intransitivo é "dirigir-se, mover-se circularmente de modo que volte ao ponto de partida". (Aul.). – Abraçar, como já vimos em outro grupo, é "cingir com os braços", ou figuradamente "rodear, compreender, cingir como com os braços". – Circundar é "pôr, estender à roda ou em torno; ficar em volta de..." - Abarcar é quase o mesmo que abraçar, diferençando-se deste apenas em sugerir a ideia de que "se quer abranger tudo ou o mais que é possível abarcando".

502

CINZELAR, burilar, esculpir, gravar, entalhar, lavrar, lavorar, lavorear, imprimir. — Os dois primeiros verbos só se distinguem pela diferença dos instrumentos com que se cinzela e se burila respetivamente. — Cinzelar é "lavrar com o cinzel, ou a cinzel"; e, no sentido figurado, dá ideia da correção, capricho e delicadeza, do fino esmero e apuro com que se executa uma obra, principalmente literária. — Burilar é "lavrar a buril"; e no sentido figurado sugere ideia do cuidado minucioso, do esforço ponderado e tenaz com que se dá à obra que se burila uma perfeita nitidez e uma impecável correção de forma, fixa, indelével. Pode-se dizer

indistintamente – o poeta cinzela ou burila versos de oiro. Apenas o verbo cinzelar é mais sugestivo de delicadeza meticulosa de forma; e o burilar – de majestade de estilo, de forma fixa, nítida, brilhante. – Esculpir é "lavrar a cinzel ou a buril". O escultor usa do cinzel quando esculpe em pedra, madeira, etc.; usa do buril quando esculpe ou grava em metal. - Gravar enuncia o mesmo que esculpir. É, no entanto, de sentido menos alto e nobre que esculpir: basta ver a diferença que há entre escultor e gravador. - Enta-Îhar é "abrir, mais comumente em pedra ou madeira, gravar figuras, ornamentos, quase sempre combinando uma com outra madeira, e para isso abrindo corte ou incisão (entalho) numa delas, e embutindo aí porções da outra". - Lavrar tem significação muito lata; e "aplica-se em todos os casos em que se quer enunciar a ação de exercer algum esforço, algum trabalho de amainar, preparar, aproveitar, etc.; mas neste grupo tem a acepção especial de "cinzelar, dar forma, brilho"; e conserva, portanto, muito da generalidade que apresenta no sentido comum. - Lavorar = "fazer lavores: o mesmo"que lavrar." - Lavorear - diz C. de Fig. que é provincianismo trasmontano, significando "adornar muito, tornar primoroso". – Imprimir é "desenhar, fixar alguma figura ou sinal sobre uma superfície, e por meio de pressão". - Imprimir é termo que na linguagem usual se aplica particularmente em referência ao trabalho tipográfico; e é mais próximo sinônimo de estampar.

503

CIRCUNLOCUÇÃO, circunlóquio, perífrase. – De acordo com Bourg. e Berg., escreve Bruns., sobre estes vocábulos: "Designam eles o rodeio de palavras de que se faz uso quando não se quer ou não se pode exprimir uma coisa em termos precisos. A circunlocução (ou circunlóquio) encerra

em si um caráter familiar que torna o seu emprego impróprio do estilo elevado. Ela não é senão um rodeio de palavras e de expressões desenvolvidas que se emprega em vez da expressão simples e natural, quer por ignorância ou olvido momentâneo do termo adequado, quer para facilitar a compreensão do que se diz. Quem, no decurso da conversação, não se recorda imediatamente da expressão mais breve e adequada, do termo próprio para exprimir a sua ideia, faz uso de um circunlóquio, ou - o que é o mesmo – de uma circunlocução. Também para não ferir certas suscetibilidades, para não ofender com certos termos menos decentes, ou mesmo para não nos exprimirmos em termos triviais, fazemos frequente uso de circunlocuções. A perífrase (do grego peri "em torno", e phrasein "falar")38 é essencialmente oratória e poética, e por isso mesmo não convém ao estilo familiar. É uma figura de retórica com que se substitui a expressão simples de uma ideia por uma descrição ou expressão mais desenvolvida, porém só com o fim de dar ao discurso mais energia, mais nobreza, ou mais amenidade. Resulta do diferente caráter dos dois vocábulos uma diferença puramente convencional; porque, como vimos, a etimologia de ambos é a mesma (loqui sendo o equivalente latino, do grego phrasein, e circum o equivalente de peri) - resulta que a circunlocução pertence à linguagem comum, e tem mais relação com o fundo, ou com as ideias, que com a forma ou com as palavras; e que a perífrase, própria da linguagem seleta, é termo de retórica, e tem por isso mesmo mais relação com a forma ou expressão do que com o fundo ou com as ideias". – De circunlocução e circunlóquio diz o referido autor: "Muito frequentemente ouvimos dizer: – Não ande

com circunlóquios (ou - Deixe-se de circunlóquios...); mas nunca se ouve: – Não ande com circunlocuções. Depende isto de circunlocução designar particularmente o modo de dizer, e circunlóquio o próprio dito. Assim, dirse-á muito bem: - "À força de circunlocuções enredou-me o sr. com os seus circunlóquios".

504

CIÚME, zelo, inveja; ciumento, cioso, zeloso, invejoso. – De ciúme e inveja escreve S. Luiz com muita eloquência: "Inveja é um sentimento penoso, causado pelo bem, que outrem possui. - Ciúme é um sentimento penoso causado pela pretensão que outrem tem, ou receamos que tenha, de possuir um bem, que julgamos nosso ou que aspiramos venha a ser nosso exclusivamente. A inveja é mais geral que o ciúme. Aflige-se do bem alheio, ainda que não possa pretendê-lo, nem aspirar a ele, nem daí lhe venha mal algum. O ciúme é mais limitado na sua extensão, e somente domina aqueles que pretendem, ou podem pretender, a posse do mesmo objeto. A inveja é um sentimento baixo, abjecto; é o tormento das almas vis: tudo o que pode servir de alguma utilidade ou vantagem aos outros a irrita, como se o bem alheio fosse mal seu. O ciúme tem uma origem mais nobre: nasce do orgulho, isto é, da ideia vantajosa, que cada um tem da superioridade do seu merecimento; e olha como inimigo o competidor, que lhe disputa essa superioridade. A inveja rói e consome em segredo o coração que a nutre: envergonha-se (às vezes) da sua própria baixeza, e não ousa aparecer em público a cara descoberta. O ciúme, como é menos vil, não teme manifestar-se de um modo sensível e público: rompe muitas vezes com ímpeto, e os seus efeitos são mais estrondosos, e talvez mais funestos". - Zelo é "o fino e minucioso cuidado, o vivo interesse, a desvelada afeição que se tem pelo objeto que nos é caro, do qual não nos esquecemos

um instante". No plural é que esta palavra se confunde com ciúme, e até diz mais do que simples ciúme, pois que designa particularmente ciúmes amorosos. O ciúme supõe o amor; os zelos só sugerem a ideia de desejo sensual. O bruto tem zelos; não - ciúme propriamente. O ciúme pode conciliar-se com a mais alta nobreza de sentimentos, e coexistir com uma legítima afeição. Os zelos revelam sempre que é o ardor voluptuoso o seu único móvel. Em regra, só entre amantes há zelos; o zelo é perfeitamente legítimo entre casados. O zelo não exclui a ideia da confiança que se tem na pessoa pela qual se zela; enquanto que só se tem zelos quando se vê em perigo a posse, ou em dúvida a fidelidade da pessoa amada. – Entre zeloso e cioso não há mais que a diferença notada entre zelo e ciúme. Um homem digno é zeloso da sua família, ou pelo nome dos seus; e é cioso da sua honra, dos seus créditos. – **Zeloso**, porque sugere ideia de cuidado, atenção, interesse, como vimos, difere em muitos casos de cioso mais que simplesmente pela maior intensidade com que este último designa a qualidade de zelar ou de ter um nobre ciúme. Dizemos: -F. é zeloso do seu cargo, ou da sua tarefa (e não - cioso); - O rei, pouco zeloso do seu oficio (não - pouco cioso), mas muito cioso do seu poder (não - zeloso). - Entre cioso e ciumento há, antes de tudo, uma distinção de ordem gramatical: ciumento é um vocábulo de predicação implícita ou própria; cioso parece que não diz coisa alguma lógica senão quando completado. Ninguém dirá: "F. é um homem cioso". E se houver quem diga isso, é claro que só ficaremos sabendo, quando muito, metade do que F. é. Mas ficará sabendo tudo de F. a pessoa a quem dissermos: "F. é um homem ciumento". Conclui-se, pois, que cioso quer dizer - "que tem zelo ou ciúme de..."; e que ciumento significa - "que é cheio de ciúme, capaz de enciumar-se facilmente; que tem um como vício de dar-se a ciúmes".

505

CÍVEL, civil. – Em jurisprudência, cível dizemos em oposição a crime (criminal); e civil ao que é contrário a militar ou eclesiástico. Em causas cíveis debatem-se interesses, não se investigam crimes. Nos tribunais civis não são julgados os que têm foro militar ou eclesiástico (Bruns.).

506

CIVIL, cívico. - Muito judiciosamente, destes dois vocábulos, diz Jacob Bensabat: "- Civil diz respeito ao cidadão considerado como membro da família ou da sociedade humana. - Cívico diz respeito ao cidadão considerado sob o ponto de vista da organização política ou administrativa do Estado. Os direitos civis são os que se exercem como homem, tais como os direitos de adquirir a propriedade, de aliená-la, cedê-la, testar, herdar, casar, etc. Os direitos cívicos são os que se exercem como cidadão ativo, tais como os direitos de servir o Estado, de exercer empregos públicos, de ser jurado, etc. Certas penas trazem consigo a privação dos direitos cívicos sem excluir, no entanto, os direitos civis. Chamam-se virtudes civis as virtudes do homem em relação com os outros homens; por exemplo: as virtudes de um bom pai de família, a probidade nos negócios, etc. Entende-se por virtudes cívicas, as virtudes do cidadão nas suas relações com a pátria, com o governo do Estado, com a lei, órgão do poder político. A coragem do militar é uma virtude cívica; o magistrado que expõe a sua vida pelo respeito da lei dá prova de coragem cívica. As leis civis são as que regulam as relações dos cidadãos entre si, e não com o Estado". Leis políticas são as que regulam as relações do cidadão com o Estado; e mesmo entre os cidadãos o exercício dos direitos inerentes à sua qualidade de cidadãos ativos.

CIVILIZAÇÃO, cultura, polícia; instrução, ilustração. - "Onde há leis, governo correto, administração de justiça, e quanto pode constituir a ordem civil de um povo, há civilização. Ali onde se ama o saber; onde se desenvolve cada vez mais a educação literária e científica; onde há propensão para as letras e artes, e se protege e se premia aos que sobressaem no cultivo da inteligência, há cultura. A civilização depende mormente do regimen político e da autoridade; a cultura reside na índole do povo, e nos seus costumes. Há nações que têm muita civilização e pouca ou nenhuma cultura. O que não pode haver é cultura sem civilização". (Bruns.) - Polícia é propriamente o modo como, nos costumes, na regularidade da ordem, nas relações da vida ordinária, se manifesta uma civilização. – Os dois vocábulos últimos aqui se incluem porque figuram no grupo em que Roq. trata de civilização. Deles diz o sinonimista que a diferença que se lhes nota "consiste em que instrução se refere a uma ideia motriz; a ilustração é seu efeito imediato; e a civilização é o resultado das duas. O homem é naturalmente ignorante; necessita instruir-se para sair desse estado. Uma vez instruído adquiriu ilustração; e uma vez ilustrado contribui para a civilização, que não é outra coisa mais que a soma de instrução e de ilustração aplicada às necessidades sociais".

508

CIVISMO, patriotismo; cívico, patriótico. - Civismo (do latim civis "cidadão") é "o entusiasmo com que o cidadão cumpre devotadamente os seus deveres e exerce os seus direitos de membro de uma sociedade política". Ardor cívico, sentimentos cívicos são aqueles de que se dá provas nas funções de cidadão. - Patriotismo é o ardente amor que se consagra à pátria. Todo indivíduo pode ter sentimentos patrióticos, isto é, pode amar o país onde nasceu ou onde vive; mas só o cidadão (isto é - o que tem as qualidades de membro ativo de uma sociedade política) pode ter civismo.

509

CLARÃO, claridade, luz, lume, luar, brilho, fulgor, esplendor, lampejo. - Clarão é "uma forte e ampla, mas, em regra, súbita claridade". - Claridade é "o efeito de uma luz viva que permite ver bem distintamente um certo espaço, ou os corpos pelo seu volume, a sua forma, ou a sua cor". Segundo Lafaye, entre luz e luar, claridade, brilho, esplendor há uma diferença considerável. A luz é uma coisa, não sabemos que substância interposta entre o nosso órgão visual e aquilo que se lhe apresenta; enquanto que luar, claridade, brilho e esplendor designam o efeito ou a qualidade desse agente ou desse princípio natural. É assim que dizemos bem, por exemplo - andar, descobrir isto ou aquilo ao clarão ou à claridade de uma luz; e, de todas as palavras deste artigo, luz é o único que se emprega bem para significar um objeto material que espalha luz; como, por exemplo, uma vela, uma lâmpada... A luz é, como a treva, alguma coisa de concreto; claridade, clarão, brilho e esplendor indicam, ao contrário, como obscuridade, alguma coisa de abstrato. "Nós esperávamos a luz e não achamos senão trevas; esperávamos a claridade e marchamos na obscuridade (ou no escuro)" (Pasc.). Deus separou a luz das trevas; desde então vê-se suceder à obscuridade da noite o luar do crepúsculo, a claridade do dia, o brilho do sol no zênite, e os homens podem admirar o esplendor do firmamento. Todavia, toma-se também luz no sentido abstrato de seus sinônimos: e neste caso distinguese esse sentido por sua generalidade. - Luz tem isto de próprio: exprime a ideia comum

sem nenhum acessório particular; e é, por isso, a palavra que melhor convém para definir os outros sinônimos do grupo. O luar é uma luz fraca; a claridade, uma luz moderada; o clarão, uma luz vasta e instantânea, ou pouco duradoura; o brilho é uma luz viva; o esplendor, uma luz muito grande. O luar é uma luz fraca, sombria, um começo de claridade, um raio. "Começa-se a ver um vago luar do lado do oriente". Acad. "Há falsos luares, vãos luares, luares enganosos, que se tomam por verdadeira luz". Id... A claridade é uma luz moderada³⁹, doce, pura, suficiente, com auxílio da qual se vê claro, de maneira nítida e distinta, e não imperfeitamente e confusamente como quando se não tem mais que um simples luar. "É este véu que lhes não deixa ver a lua que os cerca de todos os lados e se lhes mostra em toda sua claridade". - Bourd. - O brilho é uma luz forte, viva, brilhante, algumas vezes capaz de deslumbrar e quase insuportável. "Os olhos ofuscados de um brilho tão vivo". Boss. "Na Lapônia não se pode suportar o brilho da neve". Regn. - O esplendor é a maior luz de todas, tanto pelo que respeita à plenitude e à extensão (circunstância estranha à ideia de brilho) como pelo que se refere à intensidade: o que faz com que o esplendor sobreleve ao mesmo brilho. A expressão brilho do sol – faz conceber este astro como lançando dardos de luz; mas, dizemos - o esplendor do sol – quando queremos dar uma grande ideia do espaço imenso que ele enche da sua luz. – Os vocábulos luz e lume, se fôssemos atender apenas à etimologia⁴⁰, afigurar-se-nos-iam sinônimos perfeitos.

39 • Ou mais ou menos viva. Dizemos – "intensa claridade", e não – luar intenso, nem – vivo luar.

Dizemos com a mesma força: – a *luz*, ou o lume da razão. - Seria, no entanto, necessário admitir alguma diferença entre eles. - Lume é o nome que em português cabe a uma luz fraca, suave, doce; a um fogo pouco vivo, a uma chama serena. De uma pessoa que espira diremos que perde o derradeiro lume dos olhos. De uma Îareira que se extingue subsiste sempre, por certo tempo, algum lume. – Fulgor é luz vivíssima; é brilho que alucina e quase que se diria fulminante. - Dizemos – o fulgor do raio, – e também – o fulgor de uma lâmpada – para dar ideia da intensidade da sua luz. - Lampejo será ligeiro fulgor, fulguração instantânea. Dizemos - ainda lhe pude sentir os últimos lampejos da razão divina - referindo-nos a uma criatura que enlouqueceu.

510

CLAREZA, claridade; perspicuidade. -Dos dois primeiros diz S. Luiz: "Clareza emprega-se no sentido figurado e moral; claridade, mais ordinariamente no sentido físico e próprio. Assim dizemos v. g. - a claridade do sol, da luz, do dia, etc.; e – a clareza do entendimento, do discurso, das expressões; a clareza do sangue, da família, etc." - Comparando clareza e perspicuidade, escreve o mesmo autor: "Ambos estes vocábulos exprimem uma qualidade essencial do bom discurso, ou seja escrito, ou pronunciado; mas clareza parece que se refere mais particularmente às ideias, e perspicuidade às expressões. A clareza requer precisão, exata dedução, e boa ordem nas ideias. A perspicuidade requer termos próprios e de significação bem determinada, construção regular, ligação conveniente. Tem clareza o discurso, quando mostra a verdade em toda a sua luz. Tem perspicuidade o estilo, quando através (digamos assim) dos vocábulos se vê perfeitamente o pensamento de quem fala ou escreve".

^{40 •} O latim lux deu-nos o nosso luz; o latim lumen, segundo Sar., derivado de lux, deu ao francês o seu lumière. Encontram-se, portanto, as duas formas na mesma raiz grega luk, sugestiva de claridade, brilho, visão.

CLARO, diáfano, transparente, translúcido, perspícuo. - Claro é, no sentido próprio, o que deixa ver os objetos como eles são. Dizemos – manhã clara; e até – luar muito claro (para sugerir a ideia de que a luz da lua está excepcionalmente viva). -Diáfano é mais vizinho de translúcido que de transparente. Segundo a origem grega (diá "através", e phaino "deixo ver") diz – que deixa passar alguma luz; que não é opaco. Uma folha de papel comum, uma tela fina são corpos diáfanos ou translúcidos, mas não - transparentes; pois este vocábulo indica que a translucidez ou diafaneidade é tão completa que através do corpo transparente podem ver-se os objetos. "Um vidro despolido" – exemplifica muito bem Roq. - "é diáfano (ou translúcido) e não transparente. A diafaneidade dos corpos, diz Newton, resulta, não da quantidade e reta direção dos poros, senão da igual densidade de todas as suas partes. Sua transparência é efeito, ou da mesma causa, ou da falta de aderência e de conexidade de suas entreabertas partes". - Perspícuo só se aplica no sentido moral, equivalendo ao que, em sentido físico, é diáfano e muito claro. Um estilo é perspícuo se deixa entender facilmente o que se nos diz.

512

CLASSE, categoria, jerarquia (ou hierarquia), camada, grupo. - Classe é "a divisão em que se acomodam diversos grupos ou categorias". - Grupo é "o conjunto de indivíduos ou de coisas que entram numa classe". - Categoria é "a gradação existente entre coisas ou pessoas da mesma classe". - Jerarquia é "o grau de posição ou de autoridade entre pessoas de uma classe". - Camada é o nome que se dá comumente à classe quando se trata de categorias sociais. A última camada da população; as camadas populares. Entraram na igreja sacerdotes de várias jerarquias. Vimos ali representadas todas as classes sociais. Cada categoria de funcionários entrava por grupos.

513

CLASSE, ordem, família, gênero, espécie, sorte, grupo, variedade, secção, ramo, série, divisão, tipo. - De acordo com Bourg. e Berg., trata Bruns. dos cinco primeiros vocábulos deste grupo assim: "Todos estes vocábulos designam um conjunto de coisas, que, conquanto diferentes, têm entre si caracteres comuns. Na linguagem técnica das ciências naturais representam, na ordem em que estão dispostos, o agrupamento em ordem descendente, pois a classificação natural ou artificial dos animais como das plantas considera a classe dividida em ordens; a **ordem** em famílias; a família em gêneros; e o gênero em espécies, estando cada espécie formada de indivíduos iguais. Na linguagem corrente representam estas palavras ideias análogas às que a tecnologia lhes atribui. - Espécie (do latim species "aparência, forma") diz-se da categoria de indivíduos que têm a mesma aparência ou forma, o mesmo aspeto, e que se distinguem dos restantes por um caráter específico que só a eles é comum. O que é da mesma espécie, quer ente quer objeto, assemelha-se pela forma, e pela disposição geral dos caracteres constitutivos, com tudo quanto compreende essa espécie, se bem cada indivíduo ou cada objeto difira dos congêneres nas particularidades individuais e variáveis que o constituem, sem que essa diferença, no entanto, altere a constituição comum, que até se pode dizer íntima na espécie. A espécie humana compreende todos os seres que possuem os caracteres naturais que formam o indivíduo – homem. Do mesmo modo, distinguimos imediatamente entre muitas árvores, mui-

tos frutos, muitas flores, muitos animais, etc., aqueles ou aquelas que, pela sua organização natural e pelo próprio aspeto, se assemelham de modo a constituírem uma mesma espécie. - Gênero (do latim genus 'raça') é, como espécie, uma divisão natural que compreende todos os seres ou objetos da mesma raça e da mesma origem, mas que têm entre si relações que não são tão íntimas, tão singulares, como as que se notam entre os indivíduos da mesma espécie. Devemos notar, e este ponto é essencialíssimo, que os vocábulos espécie e gênero se confundem frequentemente, porque um gênero pode tornar-se espécie relativamente a um gênero superior; e vice-versa, uma espécie pode tornar-se gênero com relação a uma espécie inferior. Na aplicação destes vocábulos, porém, deve conservar-se a cada um o seu sentido particular; por exemplo: à humanidade chamaremos – espécie humana - quando nela se considerem as qualidades que são comuns a todos os homens; e – gênero humano, quando se considere o conjunto dos homens como constituindo uma mesma raça e possuindo uma mesma essência. À espécie humana pertence cada homem, cada indivíduo; ao gênero humano pertencem todos os grupos de homens que, pela cor da pele, pela configuração do crânio, por outra qualquer particularidade, se assemelham entre si o bastante para constituírem grupo distinto. Dizer que estes ou aqueles seres ou objetos são do mesmo gênero é muito mais extenso, mas muito menos pormenorizado (e preciso) do que dizê-los da mesma espécie. – Família, apenas na classificação teórica das ciências, tem sinonímia com os outros vocábulos deste grupo: é o vocábulo com que se designa um agrupamento de gêneros que têm um caráter comum. Assim, na família europeia, distinta, entre outros carateres, pelo caráter da cor, cabem os gêneros neolatino, ger-

mânico, eslavo, etc., do primeiro dos quais os portugueses formam uma das espécies⁴¹. – Resta-nos comparar os vocábulos **ordem** e classe, que designam agrupamentos convencionais, não naturais. Diferençam-se estes dois termos em ser a ordem complexa, e a classe não. Na ordem entram gradações; na **classe** tudo é igual, ou reputa-se como igual. Assim, na ordem social cabem a classe alta, a classe média e a classe baixa; entre uma e outra destas classes existem as diferenças chamadas sociais; em cada classe, porém, os indivíduos representam-se iguais. Nas ordens de cavalaria há diferentes classes: cavaleiros, oficiais, cruzes, grã--cruzes; nas ordens eclesiásticas há as classes de presbítero, diácono, subdiácono, hostiário, leitor, exorcista e acólito. Muitas vezes vemos confundir os vocábulos ordem e classe; a clareza exige, porém, que não se denomine classe o agrupamento complexo, nem se dê o nome de ordem ao incomplexo". - Sorte, que Bourg. e Berg. incluem no grupo (e que vem do latim sors "acaso") "difere profundamente dos vocábulos acima: nada tem de preciso e de científico, e apenas marca uma reunião de objetos ou

41 ~ Aqui parece que não há uma satisfatória precisão de termos. Dizer – gênero humano, e – gênero latino ou neolatino denota pelo menos uma confusão de palavras cujo valor anda esquecido, ou está por fixar. Não há, aliás, quem não prefira dizer – família, ou – grupo latino (e mesmo – raça latina) a dizer – gênero latino. É certo que se não sabe se com mais propriedade que a da forma – gênero latino; pois também dizemos – família indo-europeia, para designar uma das grandes divisões da espécie humana; e dizemos ainda – *família* humana, quando o nosso intuito é acrescentar à noção de *gênero* a sugestão dos laços morais que prendem todas as raças, ou todos os homens. – Segundo Privat-Deschanel et Focillon (Dictionnaire général des sciences), classificação, na tecnologia da história natural, é "a ordenação regular na qual as espécies mais semelhantes estão reunidas em gêneros; os gêneros em famílias; as famílias em ordens; as ordens em classes; as classes em ramos e em tipos".

de pessoas, formada segundo relações vagas e indeterminadas, e como por acaso. Quando se diz - espécies de flores, - gêneros de árvores – sugere-se a ideia dos carateres particulares que distinguem essas flores, essas árvores; mas essa ideia torna-se vaga e indecisa, quando se diz – estas sortes de flores, – estas sortes de árvores. – Animais de toda espécie – são animais pertencentes a todas as categorias que formam espécies, e a expressão é inteiramente precisa; - animais de toda sorte - não apresenta ao espírito nada de exato, de determinado, e significa - muitos animais, sem exprimir uma distinção categórica". - Grupo é termo ainda muito mais vago do que sorte, e nem mesmo encerra muitas vezes ideia alguma de classificação, mas apenas de distribuição ou disposição; pois pode dar-se que um grande número de grupos se formem de coisas ou de pessoas iguais ou da mesma classe. - Variedade é "uma subdivisão da mesma família ou da mesma espécie". O francês, o italiano, o espanhol são variedades da família latina. - Secção é "subdivisão do mesmo gênero ou da mesma classe"; e - como a variedade - é fundada em diferenças muito ligeiras. – Ramo é só aplicável tratando-se de história natural: designa "a família em relação ao tronco de que provém". A família latina é um ramo da raça indo-europeia. – Série é "grupo de coisas fazendo parte de um conjunto ou sucessão de grupos semelhantes ou tendo entre si uma certa relação ou analogia". Significa também esse conjunto ou sucessão de coisas semelhantes ou pelo menos não fundamentalmente distintas. "A vida daquele homem tem sido uma série contínua de sofrimentos". "Vimos na secção dos ofídios uma série curiosíssima". Série, portanto, dá mais ideia de ordem, disposição propriamente que de classificação. "Figuram naquele quadro babélico todas as sé-

ries do reino animal". - Divisão muito se aproxima de secção: é apenas mais extenso ou complexo, pois designa "cada uma das grandes porções distintas que formam um todo". - Tipo é propriamente "o indivíduo ou a coisa que possui as qualidades ou os carateres próprios e distintivos de uma classe". É por isso esta palavra empregada comumente como significando a própria classe, ou sorte.

514

CLASSIFICAR, ordenar, coordenar, arranjar; dispor, distribuir, separar. - Há de comum entre estes verbos a ideia de dispor segundo um certo critério. - Classificar é "dispor algumas coisas ou pessoas por classes, ou indicar a classe a que pertence uma certa pessoa ou coisa". - Ordenar é "dispor algumas ou muitas coisas por grupos de classes, ou por ordens." Se estas ordens, na disposição que se faz, obedecem a uma certa relação de dependência, dizemos que as coisas se coordenam. – Arranjar é "dar uma disposição conveniente a coisas que estavam em desordem ou confusão." - Dispor, distribuir, separar sugerem de comum a ideia de pôr em seu lugar ou no lugar próprio cada coisa de muitas que se tem de separar, distribuir ou dispor. Quem separa desliga coisas que estavam unidas ou juntas, e as agrupa em porções. Quem distribui põe cada coisa ou pessoa, entre muitas pessoas ou coisas, no lugar próprio, e agrupando-as segundo uns dados carateres, ou sob um certo critério. Por isso pode este verbo muitas vezes confundir-se com o verbo classificar. – Aquele que dispõe não faz mais do que arranjar de um certo modo.

515

CLÁUSULA, frase, sentença, oração, proposição, período, trecho. - Segundo Roq. - "pela palavra **cláusula** (derivada do verbo

latino claudere 'cerrar') entende-se uma reunião de palavras que apresenta um pensamento completo, ou que forma, como costuma dizer-se, sentido perfeito... - Sentença é a cláusula que contém um pensamento sentencioso, isto é, uma reflexão ou observação profunda, filosófica ou moral. – Frase não designa precisamente a cláusula inteira, senão as expressões particulares de que ela consta, e assinaladamente aquelas em que se encontra algum idiotismo da língua, ou então o que chamam estilo da língua; e é neste sentido que disse Vieira, falando da História de S. Domingos: 'A linguagem, tanto nas palavras, como na frase, é puramente da língua em que professou e escreveu'. - Período, em termos de arte, não significa indistintamente cláusula, senão a cláusula que está composta de certo modo particular, e consta de diferentes membros, e se chama cláusula periódica". - Oração poderia confundir-se com cláusula; pois designa também a expressão completa de um pensamento. Em linguagem gramatical, no entanto, oração é mais do que simples cláusula; pois esta pode ser apenas um completivo de oração. - É muito subtil a diferença que se pode notar entre oração e proposição, sendo certo que o comum dos gramáticos não fazem entre essas duas palavras distinção alguma. Em oração parece que se sugere melhor a ideia das diversas partes que compõem o enunciado; em proposição, a ideia do modo como estão dispostas essas partes. É mais comum dizer-se: o verbo, o sujeito da oração; uma proposição intrincada, uma proposição absurda. - Trecho é "um conjunto de períodos, completando uma certa ordem de ideias".

516

CLEMÊNCIA, misericórdia, piedade, compaixão, caridade, dó, pena, miseração, comiseração, indulgência, inocência, benignidade, bondade, tolerância, humanidade. - Todas estas palavras designam virtudes, ou sentimentos, ou emoções que se manifestam por uma caridosa simpatia, mesmo por uma solicitude carinhosa com os que sofrem, com os que erraram ou cometeram faltas. - Clemência é a piedade que se tem com os que merecem castigo e pedem perdão: é a virtude dos soberanos, dos que podem perdoar em razão da autoridade, ou das funções que exercem. Não se diz que um indivíduo qualquer foi clemente, ou deu provas de clemência perdoando uma ofensa. A própria autoridade que anistia não se pode dizer que usa de clemência. Exerce, sim, esta virtude, não só o príncipe em cujo coração achou graça o condenado, mas também o general vencedor que poupa os inimigos quando podia sacrificá-los. Menos rigorosamente considerada, no entanto, a clemência é o sentimento de moderação, de benignidade que se tem com o culpado: é o dó que se sente por aquele que deve ser punido, e que nos leva a deixar de puni-lo esquecendo muitas vezes a justiça. - Misericórdia poderia definir-se como sendo uma virtude divina; pois verdadeiramente só Deus é que é misericordioso. É a virtude que consiste numa compaixão infinita pela desgraça, num grande dó pelo sofrimento, e que leva a alma misericordiosa, não só a perdoar, mas a socorrer o desgraçado livrando-o da desgraça. Por isso dizemos: real, imperial clemência; e – misericórdia divina. Mas, ainda, como clemência, vulgarmente misericórdia designa o profundo sentimento de piedade que nos induz a ser caritativos com os que precisam do nosso socorro. Tem-se misericórdia com os que sofrem e procura-se minorar-lhe os sofrimentos. - Piedade é "nome que melhor assenta ao sentimento que no coração humano corresponde ao que em Deus é misericórdia". Não há piedade sem desejo, sem vontade eficaz de livrar o nosso semelhante do mal que está sofren-

do. - Compaixão é "o sentimento que nos leva a compadecer-nos dos infelizes como se os seus males fossem nossos próprios". Pode ser um sentimento apenas, que se não manifeste por atos (que então passará a ser piedade). - Caridade é "o amor do semelhante, dir-se-ia mesmo – o amor com que se trata a todos os viventes". É um sentimento ativo, e que se funda, por assim dizer, na compaixão. – Dó é a "dor moral que nos inspira o que é frágil, o que sofre, o que é infeliz". - Pena, aqui, é "o sofrimento que se sente vendo alguém sofrer". Só se distingue de dó em sugerir este um sentimento muito delicado de carinho, mais do que de simples compaixão. De uma criança que se magoou caindo tem-se dó; de um celerado que chora ao caminhar para o cadafalso pode-se ter pena. - Entre miseração e comiseração parece haver uma diferença análoga à que se nota entre compaixão e piedade, ou mesmo entre piedade e caridade. - Miseração é "a profunda dor moral da criatura que se compunge por todo infortúnio". – Comiseração será um sentimento semelhante por uma desgraça atual, que se dá diante de nós, que nos comove no momento mesmo em que está sendo padecida. Uma grande tragédia de infortúnio, mesmo passada há longos séculos, pode produzir numa alma delicada um vivo sentimento de miseração; mas só nos comiseramos do infeliz ou pelo infeliz que sofre diante de nós; e ninguém decerto sentiria, hoje, comiseração por um Lesurques ou por um Luiz XVI. "Jesus passou por este mundo numa contínua miseração". "Não há quem não sinta comiseração por este desgraçado." - Indulgência é "o sentimento daqueles que são propensos a não usar de rigor e severidade com os que erraram ou cometeram faltas". Aproxima--se muito de tolerância. Esta deixa passar a falta, fecha os olhos ao erro; aquela, a indulgência, se não perdoa sempre, é fácil

em perdoar, e minora, o mais que pode, o castigo. A tolerância pode vir da prudência, ou da desídia; a indulgência nasce da bondade, e não dissimula o desejo de que a culpa não se repita. - Inocência (diretamente do latim ignoscentia) = "remissão de culpa; perdão que se concede; indulgência, mais talvez por segnícia que por misericórdia". - Bondade é uma palavra que perdeu, no uso comum, toda a sua nobreza. Quando Jesus dizia que "só Deus é bom", dava à bondade o valor de um atributo divino. Verdadeiramente, esta palavra designa o mais alto grau de perfeição moral a que é possível atingir no mundo. "Bom" é aquele que ama o bem, e o bem consiste na exclusão de tudo quanto repugnaria àquele que é o próprio bem infinito. A bondade não será, portanto, menos que o conjunto de todas as grandes virtudes que aproximam do Criador a criatura. Numa acepção mais restrita e vulgar, porém, a bondade consiste na "inclinação para o bem". - Benignidade é também uma "virtude" dos grandes, dos poderosos. Distingue-se de clemência em não sugerir, como esta, a ideia de que tem culpa a ser perdoada aquele que inspira ou que pede brandura e tolerância. Por isso é que disse o poeta:

Os olhos da real benignidade Ponde no chão...

(Lus., I, IX)

Aí não caberia clemência, pois não é de perdão que precisa quem pede, mas de generosidade, de coração afável. É claro que não se concebe clemência sem benignidade; e o próprio Camões nos dá exemplo no verso:

Queria perdoar-lhe o rei benigno, (Lus., III, CXXX)

Mas a manifestação de benignidade com aquele que vai ser castigado ou punido passa a ser clemência. – **Humanidade** é "a qualidade de ser *bumano*, isto é, de ser brando de coração, delicado de sentimentos ao ponto de ter benignidade com todos os que sofrem, que precisam de alívio, de socorro, de justiça; e de não ver tranquilo o sofrimento nem dos animais".

517

CLÉRIGO, eclesiástico, sacerdote, presbítero, padre, religioso. - Segundo Bruns. -, clérigo é todo aquele que tem alguma ordem sacra, maior ou menor. - Padre é termo genérico e designa qualquer clérigo secular que diga missa. O termo em si é nobre porque faz considerar o caráter sagrado que torna o homem representante de Deus e pai espiritual dos crentes. - Sacerdote é também expressão geral designando o eclesiástico em suas funções, ou como autorizado a presidir às cerimônias do culto. Não só se diz do padre católico, mas também de qualquer ministro de qualquer culto ou religião que admita sacrifícios: sacerdote egípcio; sacerdote de Júpiter; os sacerdotes israelitas. Não se diz, porém, dos ministros das religiões que não admitem sacrifícios; assim pode dizer-se - padre protestante, mas não — sacerdote protestante. (Emprega-se também a palavra sacerdote para designar todo aquele que exerce função, tendo alguma coisa de sagrada: sacerdote da lei, do bem, da verdade). – Presbítero (do grego presbuteros, comparativo de presbus "ancião") designa o eclesiástico revestido da autoridade que lhe dá o seu caráter sagrado, o seu desengano das pompas do mundo, a sua ciência do que é divino: é o ancião, o guia, o pastor. - Eclesiástico designa a condição social do sacerdote, a classe a que ele pertence. Seja qual for a jerarquia do indivíduo consagrado ao sacerdócio, é sempre eclesiástico, isto é -, homem de Igreja: prelados, abades, presbíteros, simples seminaristas, são eclesiásticos. Não obstante, não vemos empregar frequentemente este vocábulo para designar os membros das ordens religiosas; nesse sentido é muito mais frequente o termo religioso: religioso regrante.

518

CLIENTE, constituinte, comitente. -

Cliente era outrora aquele que se punha sob a proteção de um poderoso. Hoje designa "a pessoa que confia a outrem a defesa de seus interesses". – Constituinte é também "o que entrega a defesa de seus direitos ou interesses a um procurador". É termo mais nobre e sugere a ideia da plena confiança que o cliente deposita no seu advogado ou defensor. Da cadeira do júri não diz nunca o advogado do réu: - "o meu cliente"; mas - "o meu constituinte". Segue-se que cliente encerra a ideia de proteção, e a da dependência em que fica o cliente, que é como um protegido do seu procurador. Sugere ainda ideia do ganho, que leva o patrono a cuidar dos interesses do seu cliente. - Comitente é termo próprio de direito comercial, e designa "aquele que confere mandato a um comissário; que encarrega alguém de fazer alguma coisa que não quer ou não pode por si mesmo fazer".

519

CLÍNICA, clientela. – Estes dois vocábulos usam-se indiferentemente na linguagem comum. Não é raro ouvir da boca de muitos médicos: – "a minha clínica é muito reduzida"; "tenho muito pouca clínica no meu bairro". Mas, propriamente –, clínica é "o estudo direto do doente, a prática da medicina, o exercício da profissão do médico". – Clientela é o "conjunto dos doentes que frequentam o consultório de um médico". "Tenho sido feliz na minha clínica – disseme o doutor – e por isso é natural que a minha clientela aumente".

COAGIR, constranger, forçar, obrigar, violentar. – Coagir e constranger sugerem a ideia de obrigar alguém a fazer ou a não fazer alguma coisa, empregando para isso a força ou a violência física, ou exercendo pressão moral. - Coagir, porém, revela que a relutância ou a oposição subsiste no coagido até o fim da ação; constranger supõe, pelo contrário, que o constrangido delibera, a partir de certo momento, executar o que as circunstâncias lhe impõem. A necessidade de obter dinheiro para pagar aos credores constrangeu aquele negociante a valer-se dos usureiros. A devassidão dos filhos constrange os pais a serem severos. Os tormentos da Inquisição coagiam as vítimas a dizer quanto delas exigiam os algozes. - Forçar é também atentar contra a liberdade alheia pela força física, ou pela pressão moral; mas neste verbo sobressai a ideia do poder irresistível que leva o forçado a obrar, ou não obrar segundo a vontade daquele a que não pode deixar de obedecer. Um tirano pode forçar os seus vassalos a obedecerem-lhe exteriormente; não pode coagi-los à submissão interior. Assim, forçar diferença-se de coagir em chamar este verbo a atenção para a relutância do constrangido; e aquele, para a força de quem obriga. – Obrigar é constranger em virtude de uma obrigação; ou, pelo menos, em virtude de uma força moral que se considera como uma obrigação. As conveniências sociais obrigam-nos muitas vezes a tratar com pessoas que quiséramos evitar. A lei obriga-nos a respeitar a propriedade alheia. - Violentar é forçar pela violência, isto é exercendo uma pressão brutal. (Bruns.)

521

CÔDEA, crusta, crosta, casca, cortiça, cutícula. - Todos estes vocábulos designam "parte exterior; porção, camada que cobre a porção interna"; e distinguem-se apenas pelo gênero da coisa a que se aplicam. De fato, ninguém dirá – a cortiça do pão; nem – a côdea da árvore; nem – a casca da terra; nem - a cutícula da laranja. Todos dizem: - a côdea do pão; - a crusta, ou - a crosta da terra; - a casca da laranja; - a cortiça de certas árvores (como o sobro por exemplo); – a cutícula do craveiro.

522

COETÂNEO, coevo, contemporâneo. -Segundo Bruns. - coetâneo e coevo, "vocábulos em que entram respetivamente os termos latinos ætas e ævum⁴², diferem apenas em coevo ser termo mais nobre, e quase poético; sendo coetâneo o que melhor se pode empregar na linguagem despretensiosa. Não obstante, quando aquilo (ou aquela pessoa) de que se fala teve toda a existência compreendida na duração da coisa que lhe foi contemporânea, diz-se melhor coevo que coetâneo; no caso contrário, diz-se indiferentemente coetâneo ou coevo. - Contemporâneo, como os vocábulos precedentes, designa o que é do mesmo tempo; mas contemporâneo dizemos do que existiu, e também do que ainda existe; ao passo que coevo e coetâneo só se diz do que existiu e já não existe."

42 • "Ævum e ætas – dissemos no nosso Dicionário dos sinônimos latinos - significam o tempo em relação com a vida humana; mas com esta diferença: ævum designa: I.º) a vida de toda a humanidade, isto é, um tempo infinito, a eternidade; 2.°) a vida considerada em relação a um homem só, mas na sua totalidade, desde o berço até o sepulcro; e rara vez, uma das idades particulares da vida humana; 3.º) tomando o abstrato pelo concreto, os homens que vivem numa mesma idade, numa mesma época. Mas ætas, por ævitas, refere-se mais particularmente às qualidades, isto é, aos diversos estados da vida humana – juventude, virilidade, velhice; - e assim é que se diz atas tenera, provecta, florens, etc. Sem embargo, também significa, exatamente como ævum, os homens que vivem numa mesma idade, os contemporâneos. Mas neste último caso, ætas é o termo vulgar; e ævum, a expressão seleta, solene e quase poética."

COLEGA, confrade, coirmão, companheiro, camarada, consócio. – Colega (do latim cum + legere) é, em geral, aquele "que exerce o mesmo cargo ou as mesmas funções, ou funções e cargo da mesma ordem." Particularmente é "o aluno do mesmo colégio, ou o estudante da mesma escola". - Confrade designa que há entre uma e outra pessoa relações muito mais íntimas que as existentes entre simples colegas. - Confrade diz melhor – "o que trabalha pelo mesmo fim; que serve a mesma causa; que defende o mesmo ideal". Ajunta à noção de colega uma ideia do afeto pelo qual se sentem aliados e solidários os confrades. - Coirmão é ainda mais afetuoso que confrade: "sugere ideia de uma igualdade de sentimentos tão perfeita como a que ordinariamente existe entre irmãos pelo sangue". Somos confrade de alguém pelo espírito, pela dedicação igual com que nos esforçamos pelo mesmo fim; somos coirmão pela amizade. Dois poetas que apenas se conhecem tratam-se de confrades; dois amigos que se estimam profundamente dizem-se coirmãos. - Companheiro exprime apenas - "que se anda na mesma companhia". Companheiros de infortúnio; companheiros de prisão; companheiros de viagem. - Camarada (fora da acepção particular que tem entre soldados, designando aquele que vive na mesma caserna) acrescenta à noção de companheiro a ideia de "familiaridade, de intimidade de relações, de solidariedade na mesma causa". – Consócio é "o que faz parte da mesma sociedade mercantil ou industrial".

524

COLOSSAL, gigantesco, enorme, desabalado, monstruoso. – Colossal é "o que, pelas suas dimensões, ultrapassa àquilo mesmo que já é extraordinário". Diz muito mais que gigantesco; pois este vocábulo designa "o que é grande como gigante". Além disso, é preciso notar que gigantesco só se aplica no sentido físico enquanto que colossal se aplica tanto no sentido moral como no físico. Dizemos: asneira colossal; erro, despropósito; ou sorte, fortuna colossal (e não – gigantesca). – Enorme é "o que excede as proporções normais". – Desabalado é termo popular que ajunta à significação de enorme a ideia de disformidade. – Monstruoso nem sempre enuncia a ideia de enorme: é "o que não está conforme ao natural, que infringe as leis conhecidas."

525

COLUNA, pilar, pilastra, esteio, pedestal, fulcro, base, soco, supedâneo, peanha, sustentáculo; estaca, escora, suporte. - Entre coluna, suporte, pilar, pilastra, esteio e fulcro há sinonímia que só se distingue pela forma das coisas por esses vocábulos representadas: todos eles designam peças de arquitetura ou de mecânica que servem de apoio a outras peças; e por isso têm de comum a ideia, que lhes é própria, da posição vertical. - A coluna distingue-se das demais em dar ideia, não só de grande altura, como de beleza de lavor. Pode ser feita de pedra, de metal, ou de madeira, etc. – O pilar não tem as proporções, nem a importância da coluna sob o ponto de vista artístico, e supõe-se ordinariamente feito de pedras. -A pilastra é – diz Aul. – "pilar de quatro faces, ao qual se dão geralmente as mesmas proporções e os mesmos ornatos que às colunas, e que está fixo ou aderente à parede por uma das faces". É, portanto, o que mais se aproxima de coluna, da qual se distingue pela forma quadrangular que lhe é própria. – Esteio é "a peça que sustém alguma coisa, e que se supõe feita ordinariamente de madeira ou de ferro". - Suporte é termo ainda mais genérico do que esteio: é tudo o que serve de apoio a alguma coisa. - Ful-

cro diz a mesma coisa: apenas, além de ser termo mais nobre, sugere ideia de mais solidez e segurança. – Pedestal é "o que serve de assento a alguma coisa; particularmente, a construção sólida em que repousa uma estátua, uma coluna". - Base, como se diz em outro grupo, é "tudo aquilo sobre que assenta alguma coisa que se fixa". - Soco é a parte que serve como de base ao pedestal das colunas, estátuas, etc. – Supedâneo é tudo sobre que assentam pés; e figuradamente poderia confundir-se com sustentáculo se este não sugerisse ideia do esforço com que a coisa é sustentada. - Peanha é o supedâneo ou pedestal em que assenta uma imagem. Ninguém dizia – peanha do monumento; nem base ou pedestal da imagem. – As duas palavras estaca e escora, propriamente não deviam ser consideradas sinônimas; pois diferençam-se essencialmente das outras deste grupo em excluírem a ideia de verticalidade que é essencial a estas. Ambas - estaca e escora - designam "peças, de madeira ou de ferro, que não deixam cair para um lado aquilo que estão contendo ou apoiando". Supõe-se (e esta circunstância distingue-as dos demais vocábulos do grupo) que está para tombar aquilo que se aguenta com estaca ou escora.

526

COMA, modorra, sopor, letargia, torpor, sonolência. - Coma é "o estado de sono mórbido que precede ordinariamente à morte". - Modorra é "o estado de quase sono, mais de dormência que de sono propriamente". Pode ser devido à vigília, a cansaço, a bebidas alcoólicas, etc. - Sopor é sono profundo, e não natural, mas devido a narcóticos. De todos os do grupo é o mais vizinho de letargia, que é "sono tão profundo que se assemelha à morte". - Torpor é "uma letargia menos profunda talvez, mas que deixa sobretudo inerte e insensível". – Sonolência é "uma disposição irresistível para adormecer um estado intermediário entre o sono e a vigília".

527

COMANDO, mando, direção, ordem, autoridade, governo. – Comando só se aplica no sentido militar: é "o governo de soldados, exercido com império, e exigindo sempre obediência passiva". – Mando é "o direito, a autoridade, ou mesmo a ação de dar ordens como superior". - Direção é "a faculdade ou o poder de conduzir, de guiar, de governar, ou mesmo de exercer comando". Só se diferença deste em poder aplicar--se em qualquer sentido. - Ordem poderia confundir-se com os dois primeiros, se não sugerisse a ideia de um fim atual e imediato. Uma escolta que procura capturar um criminoso vai sob a ordem ou sob as ordens de um sargento (é o sargento quem dirige a diligência, e há de dispor os meios de fazer a captura). - Autoridade é "o poder especial que decorre de um princípio, de uma convenção, ou de uma qualidade; poder que se exerce dentro de certos limites, e que se impõe de modo imperativo a quantos incidem sob ele". – Governo é "o exercício da autoridade, a direção superior que se exerce, numa esfera determinada, e em virtude de investidura de autoridade". Governo do bispado; governo da nação; governo do município. – Só se aplica a palavra governo tratando-se de autoridade pública. Tratando-se de autoridade particular o termo próprio é direção. Direção de uma empresa, de um serviço, de um colégio.

528

COMEÇAR, principiar. – Para sentir-se a diferença, aliás subtilíssima, que existe entre estes dois verbos, bastaria notar que dizemos: - começar pelo princípio; mas não dizemos: - principiar pelo começo. Isto quer dizer que principiar significa "ter princípio"; e que começar enuncia a ação de "dar princípio", "iniciar, encetar". Desde que se principiou a obra, todas as manhãs começa-se a trabalhar às 6 horas. — Principiar aplica-se melhor ao fato, à coisa; começar, de preferência, à ação. A rua, o rio, a fazenda principia em tal parte; a viagem, o trabalho, a vida começa-se com muito afã.

529

COMÉDIA, farsa, entremez, pantomima; drama, tragédia. - Comparando as duas primeiras palavras do grupo, diz Roq.: "A primeira, comédia, é a espécie; a segunda, farsa, é o gênero. A palavra comédia é latina, comædia, e vem do grego kômôdia, sobre cuja origem não estão de acordo os etimologistas⁴³. Querem uns que a palavra grega kômôdia se forme de kôme 'lugar, aldeia', e ôde 'canto'; e neste caso diz o mesmo que "canção de aldeia". Querem outros, entre o quais Hermosilla, que ela se derive de kômos. Significa esta palavra: I°.) o que nós poderíamos chamar ronda ou quadrilha de mancebos de um lugar que vão de noite dar descantes a suas namoradas, e que muitas vezes, prevalecendo-se do escuro, e disfarçando a voz, dizem canções satíricas contra algumas pessoas; 2.°) estas mesmas canções ou sátiras demasiadamente livres e mordazes. Segundo esta etimologia, que parece a verdadeira, vê-se claramente por que é que os gregos deram às composições em verso, em que se censuravam malignamente, e satirizavam, primeiramente pessoas determinadas, e depois os vícios em geral, o nome de kômôdia, que os latinos escreveram comædia, e nós comédia. – Não longe desta origem vai a significação que damos à palavra comédia, que é a de fábula dramática, em que se

representam ações da vida, e pessoas ordinárias, para corrigir-se o vício por meio do ridículo. - Farsa (do francês farce, ou do italiano farsa) é pequena comédia burlesca, menos artificiosa que a comédia, e em que se entremeiam cenas ridículas e triviais. Muito bem fez sentir o atilado Vieira a diferença que há entre comédia e farsa, quando disse, falando dos pregadores do seu tempo: 'Não é comédia, é farsa': como se dissera que não só faziam rir, senão que provocavam a zombaria e a mofa." – Entremez, como está indicando a própria etimologia (do italiano intermézzo "intercalado, posto no meio"), é "a pequena farsa que se intercala na representação de um drama ou de uma tragédia". - Pantomima é "a comédia ou a farsa, em que os atores só se exprimem por meio de gestos e atitudes". – Drama (do latim drama, que vem do grego drâma, onde figura a raiz dra que enuncia ideia de "agir") é, em geral, "toda composição, em verso ou em prosa, destinada a representar-se no teatro". Distingue-se de **comédia**, num sentido mais restrito, em ser feito em estilo grave, e com o intuito de defender ou inculcar um princípio moral. - Tragédia é "o drama em que se representam grandes sucessos, e em que os personagens são sempre figuras históricas, ou homens ilustres". A tragédia tem quase sempre um desfecho imprevisto e comovente.

530

COMERCIANTE, negociante, mercador, marchante, traficante, tratante, chatim. – Destes vocábulos, exceto marchante, escreve Roq.: "Estas palavras indicam as diferentes circunstâncias e classes dos que se ocupam em comprar e vender, em trocar e cambiar mercadorias. A palavra comércio é latina (commercium) e significa literalmente 'câmbio de mercadorias' (commutatio mercium, e forma-se de cum + merx 'mercadoria'). No

⁴³ Segundo Bruns., kômôdia é formada de kômas "gala", e ôde "canto".

princípio só se fez o que impropriamente chamaríamos 'comércio por trocas e permutas', pois que não se conheciam as moedas, nem o cálculo, nem o câmbio, e muito menos ainda o giro, até que se descobriu fazer estas operações por valores equivalentes. De qualquer modo que seja, a palavra comércio significa 'câmbio, recíproca comutação e tráfico'. Posto que a palavra comércio se possa estender a toda sorte de compra e venda, como acontece na língua francesa, contudo aplica-se mais particularmente ao trato feito com ciência, em grande e por atacado; por isso se diz – junta, tribunal, aula de comércio. Negócio é também palavra latina (negotium, que os etimologistas dizem se deriva de nec e otium 'falta, carência de ócio'; e, por consequência, 'trabalho, fadiga' [(ou afadigamento), como parece confirmá-lo aquele dito de Terêncio: Ut in otio esset potius quam in negotio]. Designa, pois, um gênero particular de ocupação e trabalho, que compreende a ideia de comércio lucrativo; e assim dizemos que se fez bom negócio quando o trato foi favorável. Diferença-se negócio de comércio em que este compreende a ciência de todos seus diferentes ramos, e a prática desta ciência; e aquele só se refere à parte laboriosa e lucrativa. Aos que estudam a ciência do comércio e a praticam chamam-se comerciantes; e negociantes aos que se dão ao negócio, ou a algum ramo de comércio; aos mercadores de grosso, sem que muitas vezes tenham a ciência que é própria de comerciante. Por isso se diz - negociante de vinhos, de azeites, de trigos, etc., aquele que compra estes gêneros, os guarda em armazéns, os beneficia, etc., para os vender com lucro, sem cálculo nenhum prévio, nem especulação engenhosa. Ao contrário, o sábio comerciante calcula a abundância e a escassez de umas paragens com outras, os gastos de compra, transporte e armazenagem, os benefícios ou ganâncias de comprar num ponto e vender

noutro, verificando para sábias e complicadas operações, pondo em tudo a melhor ordem, e executando tudo com o arranjo e a economia possíveis. Tal é a ideia do sábio comerciante. - Mercador é o homem que se emprega em mercancia, ou trato de mercadejar. Houve tempo em que este vocábulo foi entre nós sinônimo perfeito de comerciante, porque este termo é novo na língua. A nossa antiga palavra genérica era homem de negócio, e mercador. Hoje, propriamente, mercador é o negociante que comercia dentro do país, por grosso ou a retalho. O mercador por grosso ombreia com o negociante. Acautelemo-nos de confundir o mercador português com o marchand francês, posto que as palavras muito se pareçam. Um mercador de vinhos, por exemplo, é um homem limpo, e o marchand de vin é um taverneiro. Tráfico ou tráfego⁴⁴ é o comércio, ou antes o transporte de um para outro lugar, sobretudo mui distante; porém, comumente, toma-se na ideia de 'entreposição, mediação'; bastante análoga à palavra, e mui adequada para designar a ação do último vendedor, que se põe, por assim dizer, entre o primeiro vendedor e o consumidor, para trasladar de um a outro uma mercadoria. Ao que se ocupa no tráfico chama-se traficante: mas este vocábulo, inocente na sua origem, toma-se hoje em mau sentido para designar o que no seu trato usa de indústrias e não negocia lisa e honradamente. – Tratante significa propriamente o que trata (no sentido de comércio, negócio, tráfico de mercadorias). Hoje, porém, toma-se à má parte, e é quase sinônimo perfeito de traficante: diz-se dos que fazem negócios com dolo e fraude. - Chatim é voz asiática; e designa o negociante astuto, talvez de pouca conta, que confia mais na

44 № "Parece-me – diz o autor em nota – que esta palavra se formou, assim como o verbo trafegar, de transfero "trasladar, levar de um lugar para outro".

sua esperteza que na lisura do trato, e na valia de seus cabedais". – Marchante é um traficante especial: é "o que vende carnes em açougue".

53I

COMETER, praticar, perpetrar, fazer. - Todos estes verbos enunciam a ação de levar a efeito, realizar alguma coisa; não podendo, porém, aplicar-se, nem todos, indistintamente a todos os casos: é o gênero da ação que lhes regula a propriedade. Ninguém dirá, por exemplo, que F. cometeu atos de abnegação, ou de caridade; nem que perpetrou ações valorosas. Podemos, portanto, distinguir os quatro verbos em dois subgrupos: I°.) cometer e perpetrar; e 2°.) praticar e fazer. - Entre cometer e perpetrar há esta diferença: cometer enuncia a espécie de ação; perpetrar, o gênero. Tudo que se perpetra também se comete; mas nem tudo que se comete poder-se-ia dizer que se perpetra. Meu filho cometeu no colégio uma falta (não perpetrou). Perpetram-se crimes, violências, barbaridades, sacrilégios, horrores, etc. – e também pode dizer-se que se cometem. Quer isto dizer que perpetrar só se aplica nos casos em que a ação é anormal porque infringe grandes princípios de direito, de moral, de justiça, etc., e sempre indicando que a ação subjetiva se converteu em ato. Por isso não seria próprio dizer - que se perpetram pecados – salvo figuradamente, quando se quer aludir à enormidade dos pecados. O que se comete pode ficar conosco; o que se perpetra supõe-se que é sempre contra alguém e que se manifesta por fato. - Perpetrar, no sentido próprio e natural, só se aplica no sentido físico, portanto, concreto; cometer, quer no sentido físico, quer no moral ou translato. - Entre fazer e praticar, o primeiro designa a espécie de ação; o segundo, o gênero. - Fazer tem predicação mais vaga, menos precisa, e, portanto, mais

geral e complexa. Muita coisa se faz que não se pratica. Fazem-se casas, muros, estradas, etc.; mas, não se praticam. Pouco haverá que se pratique, e que se não possa também dizer que se faz. Praticam-se crimes, erros, desatinos, injustiças, crueldades, etc.; e tudo isso também se pode dizer que se faz. Há casos, no entanto, em que o objeto da ação excluiria a propriedade do verbo fazer. Dizemos: praticar belas ações, ou ações condenáveis; praticar grandes virtudes, atos de bravura (e não seria muito próprio empregar nestes casos o verbo fazer, pois uma ação, uma virtude não se fazem - praticam-se). Por outro lado, como se viu já, dizemos: fazer uma casa, fazer um nome (e não – praticar). – Fazer enuncia, pois, uma ação que se aplica tanto no sentido moral como no físico: a ação de "criar, de dar existência". - Praticar é "pôr em prática, em atividade, reduzir a ato"; e não se aplica a coisas concretas, senão a ações. Ambos podem ser empregados tanto no bom como no mau sentido; enquanto que cometer e perpetrar, só no mau sentido. – Entre **cometer** e **praticar** há esta diferença essencial: o primeiro só se usa no mau sentido; e praticar, tanto num como noutro. Mesmo no mau sentido, porém, há casos em que só é admissível o verbo cometer. Cometem-se, ou praticam-se indiscrições; mas – cometer indiscrições – é uma coisa, e – praticar indiscrições - é outra. Quem toma, diante de uma pessoa de respeito, ou num lugar de cerimônia, uma postura indiscreta ou faz um gesto pouco delicado - pratica, ou comete uma indiscrição (mais propriamente - pratica); mas aquele que faz uma pergunta indiscreta, não - pratica, mas - comete uma indiscrição. Propriamente – cometem-se pecados, e não - praticam-se; pois pecado é "falta cometida de consciência, infração de lei moral"; e estas coisas não se praticam: cometem-se. Entre estes dois verbos há esta diferença ainda: praticar denota sempre intencionalidade; cometer, não; pelo menos nem sempre. Uma falta que se cometeu por inadvertência não se diz que se praticou. Indica isto que cometer sugere uma ideia da responsabilidade do agente: noção que nem sempre se inclui em praticar. Uma criança pratica desatinos; um homem alcoolizado pratica despropósitos. Em nenhum desses dois exemplos caberia - comete.

532

COMETIMENTO, empresa, empreendimento. - Empresa e empreendimento aproximam-se pelo que de comum subsiste na sua estrutura; mas há entre os dois a diferença que consiste em ser empreendimento só aplicável a empresas de vulto; e melhor ainda, no fato de excluir a ideia de operação mercantil, que é ordinariamente sugerida pelo vocábulo empresa. É um vasto empreendimento uma ascensão ao Himalaia, a travessia do Mediterrâneo em balão, uma viagem do Rio aos Andes pelo interior; e até se diz que é alto empreendimento uma grande reforma política, a propaganda de um vasto ideal de justiça, a composição de uma obra literária, etc. A nenhuma dessas coisas poderia aplicar-se com a mesma propriedade a palavra **empresa**. – **Cometimento** ajunta ao vocábulo empreendimento a sugestão de perigo. Só a ações muito árduas, a intentos audaciosos, a planos arrojados é que se dá o nome de **cometimentos**.

533

COMILÃO, glutão, guloso, faminto, voraz. - Comilão é "o que come demais". Entre comilão e guloso há esta diferença: o primeiro come muito sem fazer questão de manjares, e parece que come para encher-se; o guloso escolhe os melhores acepipes, come com certa luxúria. – **Glutão** é "o que come depressa, com avidez, como se devorasse o mais que pode sem atenção com o outros". - Faminto, vulgarmente (e é nesta acepção que figura neste grupo), aproxima-se de glutão: é "o que parece andar sempre com fome, devorando o que encontra". – Voraz é propriamente "o que devora, que come em excesso e com rapidez espantosa".

534

COMO, assim como, do mesmo modo que..., tal qual, de que modo, segundo, **conforme.** – A maior parte destas palavras podem entrar em mais de uma categoria gramatical. - Como significa - "de que modo, deste modo, desta forma"; e também – "à vista disso", ou – "do modo que". Em regra, como exprime relação comparativa; isto é – emprega-se quando se compara o que se vai afirmar com aquilo que já se afirmou; ou aquilo que se quer, que se propõe ou se deseja, com aquilo que em mente se tem. Exemplos valem mais que definições: - Como cumprires o teu dever, assim terás o teu destino. - O verdadeiro Deus tanto se vê de dia, como de noite (Vieira). – Falou como um grande orador. – Irei pela vida como ele foi. – **Assim como** equivale a – "do mesmo modo, de igual maneira que"... Assim como se vai, voltar-se-á. Assim como o sr. pede não é fácil. Digo-lhe que assim como se perde também se ganha. Destas frases se vê que entre como e assim como não há diferença perceptível, a não ser a maior força com que assim como explica melhor e acentua a comparação. – Nas mesmas condições está a locução – do mesmo modo que... Entre estas duas formas: "Como te portares comigo, assim me portarei eu contigo"; "Do mesmo modo que te portares comigo, assim (ou assim mesmo) me portarei contigo" só se poderia notar a diferença que consiste na intensidade com que aquele mesmo modo enuncia e frisa, por assim dizer, a comparação. E tanto é assim que em muitos casos

não se usaria da locução; nestes, por exemplo: "Aqueles olhos brilham como estrelas"; "A menina tem no semblante uma serenidade como a dos anjos". "Vejo aquela claridade como de um sol que vem". - Tal qual significa – "de igual modo, exatamente da mesma forma ou maneira": "Ele procedeu tal qual nós procederíamos" (isto é – procedeu como nós rigorosamente procederíamos). Esta locução pode ser também empregada como adjetiva: "Restituiu-me os livros tais quais os levara". "Os termos em que me falas são tais quais tenho ouvido a outros". - De que modo é locução que equivale perfeitamente a como: "De que modo quer o sr. que eu arranje o gabinete?" (ou: Como quer o sr. que eu arranje...). - Segundo e conforme, em muitos casos equivalem também a como: "Farei conforme o sr. mandar" (ou: como o sr. mandar). "Procederei segundo me convier" (ou: como me convier).

535

COMPACTO, espesso, denso. - Segundo Bruns. – "destes termos, o primeiro é o que considera maior aproximação ou aderência entre as partes que compõem o todo". É compacto aquilo que não consente que sem esforço se passe através da sua massa. - Espesso diz-se do todo cujas partes estão muito próximas umas das outras, ainda que cada uma esteja separada das que lhe ficam mais perto: bosque espesso. Frequentemente se diz espesso por grosso: uma espessa camada de gesso. – Denso qualifica o todo cujas partes estão de tal modo juntas que não deixam entre si intervalo algum. Cientificamente se diz do corpo cujas moléculas estão apenas separadas pelos poros. Assim, "o oiro é mais denso que o ferro. A água é mais densa que o ar".

536

COMPADECER-SE, condoer-se, enternecer-se, amiserar-se, apiedar-se. — Quem

se enternece fica brando de coração, disposto a ter sentimentos bons, a comover-se. - Quem se compadece de alguém é como se lhe tomasse como próprias as dores, as desgraças, os sofrimentos. - Quem se condói faz a mesma coisa. Mas entre condoer-se e compadecer-se há esta distinção: condo--er-se é de significação mais restrita. Uma pessoa pode estar sinceramente condoída sem que se compadeça propriamente do semelhante que lhe inspira condoimento ou condolência. Em compadecer-se encerra-se a ideia de "sofrer com o desgraçado, e à vista do seu sofrimento". Em condoer-se só há a ideia de avaliar e sentir a mesma dor. Condoemo-nos de um amigo que perdeu um filho; mas decerto que, só por isso, não nos compadecemos dele. – Amiserar-se (e também comiserar-se) é sentir misericórdia por alguém. - Como também apiadar-se (ou na forma arcaica apiedar-se) é "sentir piedade, mostrar-se brando, caritativo com alguém".

537

COMPANHIA, sociedade; sindicato, associação. – Deste grupo, são os dois primeiros vocábulos os que têm significação mais vaga e que podem ser tomados em acepções mais várias. - Dizemos, por exemplo: "A nossa companhia (a turma em que viajávamos) chegou primeiro a Jerusalém"; "Venho fazer companhia ao meu amigo" (estar com ele e confortá-lo); "As más companhias quase sempre nos comprometem" (a convivência com pessoas de má fama); "Agradeço-lhe a boa companhia" (o ajuntamento e camaradagem), etc. Em nenhum desses casos caberia decerto a palavra sociedade. Por outro lado dizemos: "A sociedade antiga tinha suas coisas veneráveis" (a existência, o modo de viver dos homens antigos); "A sociedade selvagem fundava-se no instinto da força" (o modo de viver, a ordem entre os selvagens); "Sociedades de beneficência; de socorro mútuo; de

seguros", etc. (reuniões de indivíduos que se associam para se protegerem ou ampararem). Em nenhum destes casos caberia sem dúvida a palavra companhia. Outros muitos casos há ainda em que companhia e sociedade marcam ideias bem distintas; por exemplo: "sociedade de agricultura" e "companhia de agricultura" designariam agrupamentos de homens com intuitos mui diferentes: "sociedade de agricultura" determinaria um certo número de homens que se dedicam a promover o desenvolvimento do trabalho agrícola; e "companhia de agricultura" só se aplicaria a um grupo de indivíduos que explorassem o trabalho agrícola. Mas há casos em que se confundiriam os dois vocábulos; por exemplo: sociedade manufatureira, e companhia manufatureira; companhia pastoril, e sociedade pastoril; ou mesmo: sociedade agrícola, e companhia agrícola. Ainda aqui, porém, não é difícil apanhar a distinção que existe entre os dois vocábulos: uma sociedade agrícola de que só fizessem parte duas pessoas não se chamaria nunca – uma companhia; enquanto que uma vastíssima companhia organizada, por exemplo, para explorar todo o comércio da Ásia oriental, bem que se poderia chamar - "sociedade asiática de comércio", ou - "sociedade de comércio da Ásia". De tudo isto resulta: I – que sociedade é vocábulo de significação mais ampla; II – que companhia só é aplicável a grupos de indivíduos, mais ou menos numerosos; III – que companhia sugere sempre ideia de exploração mercantil (ou fora deste caso – a ideia de ajuntamento, de emparelhamento, para algum fim, lícito ou mesmo ilícito). Parece mesmo que a distinção mais clara, por assim dizer a única fundamental entre os dois vocábulos, é esta última, da sugestão de intuito mercantil que se atribui a companhia na maior parte dos casos, e que não é essencial à sociedade. Dizemos: sociedades secretas (e não - companhias secretas); companhia lírica; companhia dramá-

tica (e não - sociedade lírica, etc.). E sociedade lírica ou dramática seria já coisa muito diferente de companhia dramática ou lírica. - Associação confunde-se ordinariamente com sociedade. Dizemos indistintamente: sociedades literárias, e associações literárias. Mas associação dá ideia de união mais íntima entre os que se associam, de maior esforço e cooperação dos que se unem e ligam para um fim comum. Diz Lafaye que Voltaire faz entre **sociedade** (a sociedade humana) e associação uma diferença análoga à que se nota entre corpo e corporação. Cita ele primeiro este exemplo de Roubaud: "Os povos são unidos, e a nação é uma: a nação é o corpo, e os povos são espécies de corporações nacionais". E conclui assim o seu §: "Voltaire, falando do estabelecimento dos templários e dos hospitalários, distingue do mesmo modo sociedade e associação: "Quando a sociedade geral é bem governada, diz ele, quase que se não fazem associações particulares". (Laf.) – Sindicato é vocábulo introduzido modernamente na língua e designa, segundo Cândido de Figueiredo, "companhia ou associação de capitalistas, interessados na mesma empresa, e pondo em comum os seus títulos, para que na venda destes não haja alteração de preços". Daí a ideia, que sugere esta palavra, de manobra de especuladores poderosos contra os mercados onde se consomem os produtos com que especulam. Por isso, ainda segundo o referido autor - sindicato tem ordinariamente o valor de "especulação financeira pouco lícita".

538

COMPARAR, confrontar, conferir, colacionar, cotejar. – Segundo Bruns. – Comparar (do latim. comparare, de cum, "com", e par, "igual, semelhante") é o modo geral de examinar como, ou em que se parecem, ou em que se diferençam pessoas ou coisas. Este verbo não sugere ideia determinada sobre o fim

que tem a operação. Compara-se notando-se a semelhança ou a diferença. Cotejar é comparar para descobrir a conformidade ou a diferença. Os poetas comparam os sentimentos da alma com os objetos naturais que com eles têm alguma analogia, para pintá-los com mais viveza e naturalidade. Os eruditos cotejam documentos e autores, para notar em que ponto estão ou não de acordo. O símile retórico é uma comparação, mas não é um cotejo. Quando se examina se a cópia difere do original, coteja-se, mas não se compara. "As comparações – diz um autor – são odiosas, mas os cotejos ainda o são mais". - Confrontar (do latim cum e frons "frente") é pôr frente a frente pessoas, e particularmente testemunhas e réus, para comparar os seus ditos, e ver se entre eles há contradição. Já nisto difere, portanto, de comparar, pois declaradamente diz que a operação tem um fim determinado. Falando-se de coisas, confrontar tem um sentido análogo; pois no confronto o que se pretende é obter uma certeza, sair de uma dúvida. Confronta-se a assinatura que se sabe ser de determinada pessoa com outra que a imita e que se julga ser feita por um falsificador. - Conferir (do latim conferre "comparar") é comparar textos entre si para esclarecer um fato. Diz-se também da comparação que se faz entre as nossas contas e as que nos apresentam para verificar se umas concordam com as outras. - Colacionar (do latim collatum, supino de conferre) é "comparar entre si textos diferentes, a fim de constituir um texto autêntico".

539

COMPARTIR, compartilhar, partilhar, participar. – Partilhar é propriamente "dividir em partes, distribuir em porções"; e num sentido particular é "repartir em quinhões um espólio, fazer partilha de uma herança pelos herdeiros". – Compartilhar é "concorrer à partilha com outros herdeiros"; e numa acepção mais genérica é "tomar parte em alguma

coisa com alguém". Aproxima-se, principalmente neste sentido, de participar: do qual se distingue pela ideia, que sugere, da atividade com que se *compartilha*: ideia que não é essencial de participar, pois este verbo enuncia apenas a ideia de "ter parte em alguma coisa". — Também compartir confunde-se com os dois precedentes, sobretudo com o verbo compartilhar, pois, como este, significa "tomar parte em alguma coisa com alguém". A única diferença que se pode sentir entre estes dois verbos é a que consiste na ideia de divisão e distribuição que compartir sugere melhor que compartilhar.

540

COMPASSADO, lento, vagaroso, tardio, tardígrado, tardo, pesado, moroso, demorado, ronceiro, pachorrento, zorreiro, fleumático. - Dos três primeiros do grupo, diz Bruns.: "Concordam estes vocábulos na ideia geral de 'demorado', 'não apressado'; cada um apresenta, porém, essa ideia de modo diferente. - Compassado exprime cuidado, meticulosidade, esforço para não ir mais depressa. O passo compassado não é o passo ordinário da pessoa que momentaneamente o leva, mas sim aquele que uma circunstância qualquer a obriga a tomar, talvez com sacrifício seu. – Lento diz-se das pessoas e das coisas consideradas como agentes. No primeiro caso, lento qualifica melhor o caráter da pessoa que o modo de ser de uma das suas ações; quem tem o falar lento, tem-no assim habitualmente. O homem que perde a sua atividade torna-se lento. O passo lento tarda em levar ao ponto de chegada. No segundo caso, lento é relativo ao efeito, e não ao sujeito: um veneno lento tarda a manifestar-se, deixa ainda muito tempo de vida. - Vagaroso diz-se do que não é tão ativo como pudera, ou como devera ser. O que é vagaroso tarda, por culpa do sujeito, em chegar ao termo a que se desti-

na". – Os três vocábulos que se seguem têm o mesmo radical, e exprimem de comum a ideia de vagaroso e retardado. – **Tardo** é "o que tem o passo lento, pesado, frouxo; que anda muito devagar". "A ruminar caminha o tardo boi". - Tardio, além de tardo, significa "retardatário; que chega sempre tarde, ou depois da hora precisa". - Tardígrado é de significação mais restrita: só é aplicável ao movimento, e quer dizer "de andar lento e compassado, de passos vagarosos, que custa a mover-se". – Pesado só figuradamente é que entra neste grupo, e devido à ideia, que lhe é inerente, de que uma coisa ou pessoa pesada "não se move senão, em regra, lentamente e com esforço". - Moroso é o que demora muito a chegar, ou a fazer alguma coisa. Sugere a ideia de enfado, de tédio no agir. – Demorado é "o que tarda demais; é aquilo em que há delonga, e que se não faz no devido tempo". - Ronceiro é "o que é pesado, rude, e que se move com preguiça e desajeitadamente". Moinho ronceiro; boi ronceiro; e até – estilo ronceiro. – Pachorrento é "o que tem fleuma para se não apressar, para fazer tudo lentamente, sem cuidados e preocupações". - Zorreiro vem de zorra, que é carroça pesada (ou espécie de trenó) que se arrasta a muito custo; e significa, portanto, "muito ronceiro; que só se move ou só faz alguma coisa à força de estímulos". A própria palavra zorra é empregada neste sentido. – Fleumático = "de bom humor; pachorrento; que é, de natureza, calmo, paciente, impassível". É mais uma qualidade de temperamento que estado. Não seria próprio dizer, portanto, que F. "ficou" fleumático diante do ultraje ou do perigo.

541

COMPATRIOTA, compatrício, patrício, concidadão; conterrâneo. - Compatriotas chamamos aos que são da mesma pátria, e mais particularmente quando nos achamos

fora dela. - Patrício tem uma significação mais restrita: aplica-se mais ordinariamente ao que nasceu na mesma província ou estado em que nascemos nós. E uns em relação aos outros são compatrícios. - Concidadão é "todo aquele que pelos laços da nacionalidade se nos liga". Num sentido mais particular, é "o que habita a mesma cidade que nós habitamos". – Conterrâneo só se aplica aos que nasceram no mesmo lugar (na mesma terra) em que nós nascemos.

542

COMPENSAR, indenizar, reparar, ressarcir. - Compensar é suprir por um proveito, ou uma vantagem, outra vantagem ou proveito que se não tem ou que se perdeu. Exclui, ou pelo menos não determina rigorosamente que seja igual ou que equivalha a coisa com que se compensa à coisa de que se é compensado. Se eu perdi um certo bem, poderei julgar-me compensado da perda mesmo que seja inferior ao perdido o bem que me vier em compensação. - Compensar, em suma, é "atenuar o mais que é possível uma falta, um prejuízo; dar ou garantir proveitos que correspondam ao esforço que se fez, ao trabalho que se executou". - Indenizar é "compensar um prejuízo por meio de um valor equivalente". Só se pode este verbo referir a coisas materiais. Não se dirá, por exemplo, que se indenizou alguém de um sacrifício ou de um dano moral que se lhe tenha causado. – Reparar tanto se emprega no sentido moral como no físico. Reparam--se injúrias; reparam-se males, prejuízos, danos de qualquer ordem. É mais compensar que indenizar. Inclui também a ideia de apagar, de fazer que desapareça, ou que fique esquecido o mal que se causou. É neste sentido que se diz que se reparou uma falta, uma ofensa, etc. – Ressarcir é também "compensar (um prejuízo), corrigir uma perda, um mal, um dano".

543

COMPENSAR, contrabalançar; igualar, equiparar, equilibrar, contrapesar. - Compensar é "fazer que uma coisa valha a outra, mesmo que não sejam iguais". Compensam-se reciprocamente duas coisas a cada uma das quais falta alguma parte ou porção que é suprida pela outra. - Contrabalançar é "pôr em igualdade duas coisas; é fazer que uma tenha a mesma força, o mesmo valor da outra". - Contrabalançam-se duas forças acrescentando a uma o que tem de mais a outra, ou tirando desta o excesso, para que ambas tenham o mesmo valor. – Igualar é o mais genérico do grupo; e significa – "dar a duas ou mais coisas as mesmas proporções, o mesmo volume, o mesmo peso, a mesma cor, etc." Igualam-se dois ou mais objetos fazendo, sob qualquer aspeto que se os encare, que um não seja diferente dos outros, ou que sejam todos iguais. - Equiparar ajunta ao verbo igualar a ideia de comparação, de confronto. Equipara-se uma coisa a outra quando se toma esta por modelo e se lhe põe aquela em pé de igualdade. - Equilibrar é "igualar no peso propriamente, na força, no valor". Não se equilibram formas, nem cores, nem sons: igualam-se. Equilibra-se também um corpo quando permanece numa posição em que o mantêm forças que se anulam ou se equivalem. - Contrapesar é propriamente "igualar o peso de duas coisas, acrescentando a uma o que lhe falta para que pese tanto como a outra".

544

COMPETÊNCIA, competição. – Só os respetivos sufixos é que marcam a diferença existente entre este dois vocábulos. – Competição é de sentido mais restrito que o primeiro, e designa exclusivamente a ação de "competir, de entrar em concorrência com outro, de pôr-se em rivalidade ou mesmo em conflito com alguém". – Competência,

além de aplicar-se igualmente no sentido de competição, designa ainda "a qualidade especial que se atribui a alguém para alguma coisa"; e ainda mais particularmente, como termo de jurisprudência, designa "a jurisdição própria de um tribunal ou de um juiz, o seu direito de conhecer de uma causa".

545

COMPETÊNCIA, capacidade. – O primeiro destes vocábulos já vimos, no precedente grupo, que é mais um termo jurídico; isto é, melhor do que em outra qualquer, é empregado na acepção de "qualidade, direito, poder, atribuição própria para exercer alguma função, ou para entender em certas questões". - Capacidade (de capax, de capere "apanhar, entender", etc.), é "a aptidão própria para alguma coisa, o preparo especial para algum ofício ou função". É evidente, pois, que nem sempre se poderá atribuir capacidade àquele que tem competência. Um juiz inepto não tem capacidade, mas tem *competência* para julgar dentro da sua jurisdição. Dizemos, em certos casos, que, por exemplo: um menor não tem capacidade jurídica (isto é – não tem qualidades para exercer certos direitos); um indivíduo não tem capacidade profissional para certo cargo (isto é – não tem as aptidões próprias que se requerem para o exercício desse cargo). No primeiro caso, não caberia competência (salvo hipóteses especialíssimas). No segundo caso, mudaríamos o valor do asserto se disséssemos que – um indivíduo não tem competência profissional; pois poderia o referido indivíduo ter capacidade sem ter competência: o que reduz a competência à condição de uma capacidade de direito, ou capacidade reconhecida por lei.

546

COMPETENTE, respetivo, próprio, adequado. – "Qualifica-se de competente –

diz Bruns. - o que exclusivamente se destina a determinado fim". Os párocos devem exarar o registro dos batizados no livro competente. - Respetivo dizemos daquilo que não só é competente, mas também destinado a uma particularidade que sobressai do geral. Os párocos registram em livros competentes os batizados, os casamentos e os óbitos; cada registro, porém, no seu livro respetivo. – Próprio difere de competente: I.º em designar este o que é indispensável; e **próprio** o que pode servir para o fim que se pretende; 2.° em **competente** determinar a validez do fato; ao passo que o que é próprio só se pode considerar como tal devido a não se opor à natureza do fato. Assim: Um recibo não é válido quando não tem o selo competente (além do selo próprio). O livro que é competente para os párocos registrarem os casamentos, etc., pode dar-se, ou pelo formato, ou pela qualidade do papel, ou por outra qualquer circunstância, que não seja próprio para isso. - Adequado diz-se do que foi feito de propósito para um fim determinado, ou do que se modificou de modo a servir para certo fim".

547

COMPETIR, rivalizar, concorrer, emular.

- Todos estes verbos exprimem de comum a ideia de "ter sentimentos ou exercer ação contra alguém que procura ou quer aquilo mesmo que nós queremos". Quem compete com outro ou com outros põe-se em conflito e em luta para alcançar alguma coisa. Também dizemos que fulano não pode competir com sicrano quando com este o primeiro não tem qualidades para concorrer ou para pôr-se em confronto ou disputa. - Rivalizar é "fazer por adiantar-se alguém na posse de alguma coisa, ou por excedê-lo em alguma qualidade ou esforço". - Concorrer é "disputar contra alguém a conquista de alguma coisa". Concorrem os candidatos que

procuram dar provas de que têm mais direitos a um mesmo cargo, ou mais aptidões para o oficio posto em concurso; ou de que oferecem mais vantagens para executar um serviço posto em concorrência. – Emulam dois colegiais quando um procura exceder o outro nos estudos. - Emular é, de todos os verbos do grupo, o que enuncia ação mais nobre; e não se confunde com os outros. Pode-se competir, rivalizar, concorrer por paixão, por egoísmo, por interesse: emular sugere particularmente, na acepção mais própria e natural, a ideia de que as pessoas que emulam se esforçam por imitar-se ou por exceder uma a outra no que tem cada uma de melhor. (É exato, no entanto, que, tratando-se de monstros, poderia dizer-se que emulam no seu furor sacrílego contra a inocência; ou na paixão do sangue; ou no horror do crime...).

548

COMPLEMENTO, suplemento; implemento, completação; acabamento, conclusão. -Complemento é "aquilo que completa um todo; é a parte sem a qual o todo não seria perfeito". - Suplemento é o que se acrescenta a um todo; não faz parte essencial desse todo: apenas aumenta-lhe a utilidade com o acréscimo de alguma coisa. - Implemento é "o que serve de encher, de atestar"; e por extensão - de perfazer, de efetuar, de executar completamente alguma coisa. O implemento da nossa tarefa, do nosso contrato, das nossas funções. – Completação é "o ato ou a ação de completar"; e toma-se frequentemente como a própria coisa (complemento) com que se completa. Anchieta fez naquele dia (no dia em que plantou a cruz no planalto de Piratininga) a completação da sua obra na América. - Acabamento é a ação de acabar; e, portanto, é sinônimo quase perfeito de completação, do qual difere apenas em não sugerir sempre, como este, a ideia de atividade, de esforço de

quem acaba. Não sabia o mísero que estava tão perto o acabamento (o fim) da sua desgraça. Neste exemplo não caberia completação. F. chegou afinal à completação do seu projeto, ou do seu empreendimento, do seu desejo ou do seu ideal (e aqui não caberia acabamento). — Conclusão é "a ação de concluir, de chegar ao fim, de rematar". Conclusão da obra, da tarefa, do discurso. Não se dirá, porém —, conclusão do seu infortúnio; pois a palavra conclusão sugere também a ideia da atividade de quem conclui.

549

COMPLEXO, complicado; implexo, implicado. - Complexo é "o que compreende ou abrange muitas coisas, ou grande número de partes de uma coisa"; e é por isso que se toma este vocábulo como sinônimo quase perfeito, em muitos casos, de complicado. Esta questão é muito complexa (isto é – apresenta muitas faces, ou compõe-se de muitos elementos, sob o ponto de vista dos quais pode ou deve ser considerada, e por isso parece difícil de entender ou de estudar). -Complicado é "o que se compõe de coisas diferentes e enredadas de modo que se torna difícil de ser entendido". Nem sempre, portanto, o que é complexo é propriamente complicado: e a inversa é também verdadeira. Há livros ou autores complicados, mesmo tratando de questões muito simples. Há também obras bem complexas que são muito claras, que nada têm de complicadas. - Entre complexo e implexo há a diferença marcada pelos respetivos prefixos. - Complexo enuncia a ideia de "dobradas, entrelaçadas, umas com as outras, as partes ou elementos que entram no que é complexo". - Implexo encerra a ideia de coisa "intrincada, metida na outra ou dentro de outra, fazendo que esta deixe de ser simples, clara, fácil de entender". Um conto implexo, por exemplo, será aquele em que o autor intercalar coisas (digressões, enredos, etc.), que lhe dificultem a inteligência. — Entre **complicado** e **implicado** há uma distinção análoga. Dizemos que uma coisa é *complicada* quando as diferentes porções que a formam estão de tal modo travadas e confusas que a nossa inteligência não pode penetrá-las facilmente; e dizemos que uma coisa é *implicada* quando é de si mesma embaraçada, por não ser simples, ou não estar desdobrada, aberta, clara.

550

COMPREENDER, entender, conceber, perceber, sentir. - Diz Roq. que o verbo entender "explica uma percepção do ânimo e em que os sentidos e a memória têm mais parte do que na percepção que explica o verbo compreender, na qual tem mais parte o entendimento. Entende-se uma língua, um sinal dado: esta percepção a devemos à prática material, ao uso, à ação dos sentidos. Compreende-se a força de um discurso, a causa oculta de um efeito: devemos esta percepção à perspicácia, à subtileza do entendimento. – Do verbo latino concipio fizemos nós conceber, que em significação translata quer dizer – formar no ânimo, meditar e abraçar um propósito, um plano, etc. De outro verbo latino percipio fizemos perceber, a que demos principalmente a significação de compreender, entender, que também se dá às vezes ao verbo conceber. Mas a diferença entre conceber e perceber consiste em que, quando eu concebo sou eu o agente, e quando percebo não faço senão entrar no espírito daquilo que outro diz ou faz. Concebe o general um plano de batalha ou de ataque de uma praça, faz os seus preparativos, e começa a executá-lo; percebe-o o inimigo, e procura malográ-lo, empregando todos os meios que a arte da guerra lhe ministra". - Sentir, aqui, é "apanhar bem o sentido, penetrar o íntimo, compreender perspicuamente". É o mais genérico do grupo. Sentem-se as grandes verdades; sente-se um belo discurso, um tre-



cho de música; sente-se o intento do inimigo; sente-se a causa de um fenômeno: sente-se um aviso posto no alto de um monte.

55I

COMUM, público, geral. - Comum, neste grupo, designa "aquilo que não é próprio de ninguém, mas a que todos têm direito". Num prédio, a porta de entrada pode ser comum para os vários lanços do edifício; os mesmos lanços têm um corredor comum para as diferentes habitações; os rios, as fontes, os logradoiros, mesmo que não sejam públicos, podem ser de serventia comum a um grande número de pessoas. - Público designa "o que não é privado ou particular". As ruas, os jardins das praças são públicos (de uso comum a todos os que vivem na cidade). - Público sugere ideia da coletividade, só dentro da qual há relações de ordem pública. Tudo quanto se refere à nação – isto é - ao conjunto dos homens que formam um agrupamento social – é público de sua mesma natureza: quer dizer - "comum, de direito, a todos". – Geral é "o oposto a particular, o que diz respeito à totalidade, o que é comum a todos, o que abrange todas ou pelo menos o maior número de particularidades". É preciso, portanto, distinguir entre **público** e geral: público só é aplicável às coisas que se referem à sociedade, ao Estado; geral aplicase a todos os casos em que, dentro do gênero, se quer designar o total ou a maior parte dos indivíduos. Entre dois correios (serviços postais) públicos, pode um ser geral, e outro não (desde que este último se circunscreva a uma certa zona). O serviço *geral* entende-se a todo o país; e aquele que um dos Estados da União fizesse para si, dentro dos respetivos limites, não seria geral, portanto. Mesmo que muitos Estados combinassem um serviço para si, não seria este geral, pois com este caráter só a União é que pode instituir e manter um semelhante serviço.

552

COMUMENTE, ordinariamente: de ordinário; geralmente, de regra (ou em regra). - Comumente, segundo Lacerda, "refere--se ao grande número de pessoas que fazem a mesma coisa". Ordinariamente refere-se ao grande número de vezes que tem lugar a mesma coisa. Em tal paragem cursam ordinariamente bons ventos. A velhice é comumente sábia, ou cautelosa. O vulgo erra ordinariamente – quer dizer: erra quase sempre. O vulgo erra comumente – quer dizer: "erram quase todos os que se incluem na denominação de vulgo". - De ordinário é uma locução que se pode dizer - equivale ao advérbio ordinariamente, sem que se possa apanhar entre os dois uma distinção sensível. – Geralmente aplica-se tratando-se de coisas que são tais na grande maioria dos casos. Quando se diz, por exemplo, que os homens são geralmente bons – afirma-se que a maior parte dos homens são bons. - De regra (ou em regra) quer dizer – "segundo o que se dá quase sempre, segundo o que quase invariavelmente se observa".

553

COMUNA, município, concelho. - Sobre estes três vocábulos escreve Bruns., convindo não esquecer que ele escreve em Portugal: "O vocábulo comuna, como sinônimo dos outros dois deste grupo, tem duas acepções, que, por uma já estar sepulta no passado, e a outra ainda em embrião para o porvir, não têm aplicação na atualidade, pelo menos falando de coisas nossas. No passado, comuna foi o nome das povoações que, libertadas do jugo feudal, do soberano, recebiam dele uma como carta de alforria que lhes concedia certos privilégios para se administrarem, até certo ponto, por si mesmas. No futuro, comuna será o governo absolutamente independente de cada município. – Município e concelho designam atualmente a mesma circunscrição territorial; mas cada vocábulo representa uma ideia diferente: o município é administrado, até onde o governo central lho consente, pelo povo, isto é, por vereadores de eleição popular; o concelho é o município sujeito às imposições e à fiscalização do governo central". — No Brasil, só é usado o termo município, significando "a entidade administrativa que está para o Estado (província administrativa) como este para a União".

554

CONCEDER, outorgar. - Conceder é "dar por mercê, ou reconhecendo, quando muito, um direito a que não é de absoluto rigor atender": supõe sempre uma certa autoridade, ou pelo menos superioridade, ou alguma vantagem de condição na pessoa que concede. Também outorgar, e talvez com melhores razões, supõe autoridade na pessoa que outorga. Mas quem concede é de presumir que esteja livre de conceder ou não: quem outorga, no entanto, cumpre um dever outorgando, atende a um reclamo, exerce uma função. O imperador d. Pedro I dissolveu a primeira constituinte e outorgou a Constituição de 25 de março (não - concedeu). O juiz concedeu o prazo da lei (não - outorgou).

555

CONCEITO, opinião, juízo. – Conceito é "o modo de julgar, ou a conta em que se tem uma pessoa, pelo estudo que se fez dela; ou por um conhecimento direto e seguro que se tem da mesma". Faço o melhor conceito de F.; tenho meu primo em bom conceito – significam que o juízo que faço de F., e de meu primo, é fundado em observações minhas, e assenta na minha convicção própria. – Opinião é "o juízo livre e pessoal, e quase sempre sem grandes fundamentos, que fazemos a respeito de alguém, ou acerca de algum fato". Muda-se de opinião, às vezes, até por

influência de outrem; de conceito só muito excepcionalmente é que se mudaria. — Ju-ízo é "o ato de julgar uma pessoa ou um caso, pondo em confronto os elementos, as circunstâncias, as particularidades que entraram no objeto que se julga". O juízo, portanto, como o conceito, supõe-se que é filho do raciocínio, fundado em motivos ou razões que nos convencem.

556

CONCEPÇÃO, inteligência, entendimento, mente, compreensão, intelecto, razão, juízo, senso, bom senso, apercepção, espírito, gênio. - Segundo Lafaye, no sentido absoluto e filosófico, estas palavras (quase todas as do grupo) exprimem as faculdades da alma a que se referem nossas operações mentais. No sentido relativo e comum, designam qualidades que, em maior ou menor grau, possui cada homem. Deve notar-se logo que há uma grande diferença entre concepção, inteligência e entendimento, de uma parte; e de outra parte, entre razão, juízo, senso e bom senso. As primeiras são faculdades puramente intelectuais: é mediante o seu exercício que nós nos instruímos. As outras são faculdades, não propriamente aperceptivas, ou compreensivas, mas que entendem apenas com a função de refletir, de raciocinar e julgar. Sem entendimento, sem inteligência e sem concepção tem-se pouca aptidão para apreender, e precisa-se de muitas explicações e esclarecimentos. Quando se carece de razão, de juízo, de senso ou de bom senso é que se tem um defeito muito mais grave pelas suas consequências na vida prática. Com muito entendimento, inteligência e concepção chega-se a saber muito, a sair-se bem, por exemplo, no estudo das ciências. Com muita razão, juízo, senso e bom senso tem-se a vantagem da firmeza e da sabedoria; pensa-se retamente, e obra-se como é preciso. As crianças dão,

desde cedo, provas de entendimento, de inteligência, de concepção; mas a razão, o juízo, o senso, e o bom senso só mais tarde é que lhes vêm, pois que são mais o apanágio da idade, da experiência, da reflexão que propriamente dons intelectivos. Inteligência e entendimento assemelham-se muito e diferem notavelmente de concepção. Pela inteligência conhecemos de uma maneira ativa; pelo entendimento, de maneira passiva. A inteligência apanha, percebe: esta palavra vem do latim intelligentia, que, como intelligens, marca o ativo - uma faculdade. O entendimento corresponde a intellectus (intelecto) que marca o passivo – uma capacidade. E para nos servirmos de termos escolásticos – a inteligência é o intelecto agente; e o entendimento é o intelecto paciente. A inteligência é como a vista (ou a visão); e na vista, alguma coisa há que parte de nós, que exprime nossa atividade. Somos nós que vemos o objeto; e poderíamos não vê-lo, deixando de abrir os olhos, ou tendo mesmo os olhos abertos, não olhando para ele. O entendimento é como o ouvido, que para ouvir é bastante estar aberto, e não precisa de ir ao encontro das coisas a conhecer. De acordo com a diferença assinalada, dizemos: os olhos da inteligência; a apreensão, a ação, a operação, o desenvolvimento, a subtileza, o esforço, o alcance, as descobertas da inteligência. Ao contrário, não nos podemos servir de entendimento senão em frases como estas: as ideias se introduzem, entram, são recebidas no entendimento; os objetos, as verdades apresentam-se ao entendimento, enchem o entendimento (Boss.); as ideias, segundo Platão, residem no entendimento divino (Fén.); enriquecer de conhecimentos seu entendimento; as luzes com que a fé nos aclara o entendimento; a ciência é a luz do entendimento (Boss.). A inteligência é verdadeiramente uma faculdade, e como um operário, que tem instrumentos. "Para aprender a pensar é preci-

so exercitar nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência." (J.-J. Rous.). O entendimento é uma capacidade, um continente, um receptáculo, onde as coisas chegam por várias portas: "Os sentidos são as portas do entendimento" (Volt.). A inteligência é viva, rápida, penetrante. Do entendimento só se pode dizer que é aberto ou fechado, largo ou estreito. – A concepção tem mais relação com a inteligência que com o entendimento. Ela é ativa: não consiste em receber apenas. Mas a inteligência é propriamente penetrante: é a acies mentis dos latinos, a ponta, a finura, a subtileza do espírito: a concepção é pronta. "O orador deve ter um espírito justo, extenso, penetrante, uma concepção pronta". A inteligência traspassa os mistérios, penetra as coisas mais difíceis, mais secretas; mas não exclui a lentidão, nem o esforço: a concepção compreende instantaneamente, por uma meia palavra, e não tem necessidade de que se acabe a demonstração ou a explicação: basta, por assim dizer, que tenha sido como fecundada por alguns dados para suprir por si mesma o resto. Demais, inteligência dizemos melhor quando nos referimos a coisas abstratas; e concepção empregamos falando de planos, de combinações, de formas, em suma de tudo de que se faz imagem; pois bem se sabe que em um outro sentido concepção é sinônimo de imaginação. É preciso ter inteligência para seguir uma demonstração de álgebra; e concepção para fazer-se, em geometria, uma ideia das figuras, de sua posição, e de suas diversas relações. – A concepção, a inteligência, o entendimento fazem considerar o homem como aprendendo, como procurando saber, isto é – apanhar, adquirir o que lhe oferece o mundo objetivo. A razão e o juízo o representam como um juiz que, com a lei nas mãos, decide que tais ou tais coisas são a ela conformes ou contrárias. A lei é a

razão; a ação, ou a faculdade de determinar a conveniência, ou a desconveniência com a lei, é o juízo. A razão é a lei não escrita, como a lei é a razão escrita. - Racional⁴⁵ exprime uma qualidade absoluta, comum a todos os homens, e por isso mesmo que são homens; judicioso, ao contrário, designa uma qualidade relativa, uma certa habilidade que se encontra em diversos graus nos diferentes homens, e que até parece faltar inteiramente em alguns. Dizemos raramente – perder a razão – porque raramente acontece ficar-se louco; mas dizemos frequentemente - perder o juízo - porque há mil coisas que podem impedir ou perturbar o exercício desta faculdade, companheira, e serva, por assim dizer, da razão, pelo qual apreciamos as relações das coisas com os princípios racionais. Não teríamos dúvida ou dificuldade em dizer que Deus é um ente racional; mas dizer que ele é judicioso seria manifestamente impróprio, pois esta palavra sugere ideia de uma operação na qual o nosso espírito delibera, hesita e se esclarece pouco a pouco antes de sair da incerteza: e Deus vê imediatamente e intuitivamente todas as coisas. -Uma segunda diferença consiste em que a razão tem mais relação com a conduta. Assim, dizemos muito bem, no sentido relativo, que F. não tem razão quando queremos significar que F. não segue a luz natural, não lhe obedece. Não ter juízo, porém, significa sempre – não perceber, por falta de juízo, o que é preciso crer ou fazer. Aquele que não tem razão, neste sentido, é desarrazoado, e não irracional; pois esse comporta-se de maneira contrária à razão, sabendo muito bem o que a razão prescreve. Aquele que não tem juízo, ou não se dá o trabalho, ou não é capaz de distinguir o verdadeiro do falso, o bem do

mal, etc. – A palavra senso, no sentido próprio, exprime uma de nossas faculdades intelectuais, bem entendido – a menos distinta e a menos nobre. Conserva ela o mesmo caráter quando tomada como sinônimo de razão e de juízo. Designa alguma coisa de comum e de vulgar, que expõe menos luzes do que prática e superiência. É assim que não é raro encontrar senso, e até muito senso, em homens de pouco espírito. "A mais idosa era a única que tendo espírito, tinha também senso; as outras, com espírito, eram verdadeiras malucas" (S. S.). Em geral, o senso, seja pela pouca cultura que sugere, seja pela pouca importância das coisas, dos negócios a que é aplicável, indica uma razão, um juízo inferior; é como um primeiro degrau para chegar à razão e ao juízo; é, de algum modo, o instinto da razão e do juízo. "Escuta-se o homem sensato; consulta-se o homem judicioso" (Roub.). Preferir-se-á, portanto, a palavra senso para marcar uma razão, ou um juízo ordinário; ou bem pouco, ou um pouco de razão e de juízo; ou ainda a razão e o juízo com relação a coisas as mais simples, as mais comuns da vida. "Por felicidade, a grande arte de reinar exige mais senso do que gênio, mais desejo de adquirir luzes do que grandes luzes, mais conhecimentos práticos do que conhecimentos abstratos" (Montesq.). "Seu senso é o mais limitado do mundo" (Mol.). – Entre o senso e o bom senso, a diferença parece muito pequena. O senso, no entanto, tem mais relação com o juízo; ele diz respeito à pessoa, é uma faculdade: o bom senso, ao contrário, parece-se mais com a razão; e, quanto à pessoa, alguma coisa como que recebida de fora, um como fundo de princípios, ou de crenças comuns, às quais a pessoa não faz mais que se conformar. Dir-se-á melhor, falando de alguém que se determine, e em uma acepção particular, que essa pessoa tem um grande senso, um reto senso, ou um senso limitado; que essa

⁴⁵ **P**õe aqui Laf. o vocábulo *raisonnable*. Em português, mudaria muito a argumentação se em vez de *racional* empregássemos *razoável*.

pessoa perdeu o senso. Mas não se diz, de maneira geral – o senso, como se diz – o bom senso. "Isso é contrário ao bom senso" (Pasc.). "Isso choca o bom senso". "Consultar o bom senso" (Bourd.). Em nenhum desses casos caberia **senso**. Um homem de senso tem uma qualidade pessoal, que timbra cada um em possuir, por mais que ela suponha pouca instrução, e que se refira às coisas ordinárias da vida. Um homem de bom senso está muito abaixo: não tem, para conduzir-se, nenhum recurso que lhe seja próprio, mas apenas algumas luzes comuns - um grande bom senso; ou, como se diz ainda – um grande bom senso de natureza. Filinto, no Misantropo, e Cleanto, no Tartufo, são homens de senso; Sancho Pança, no Dom Quixote, mostra-se muitas vezes um homem de bom senso. "O senso comum não significa entre nós mais que o bom senso, razão grosseira, razão começada, primeira noção das coisas ordinárias, estado intermediário entre a estupidez e o espírito" (Volt.). Desta frase e da distinção que estabelecemos poderia concluir-se que o bom senso equivale perfeitamente ao senso comum. Não é assim, no entanto. Eles se assemelham no fato de não serem, como o senso, uma faculdade ou um talento, mas, como a razão, um conjunto de princípios, de máximas, que servem de regras para a função de julgar. A diferença é fácil de sentir. O bom senso é essencialmente bom, exemplar; e ainda que seja uma razão de qualidade medíocre, aplicável somente às coisas pequenas, vulgares e práticas, não se pode dizer que seja tão comum como poderia imaginar-se: o **senso comum** (o modo de ver, de sentir de todo mundo, o que se sente ou se pensa comumente), ao contrário, é essencialmente comum, mas nem sempre bom. O próprio Voltaire escreveu: "Deve-se estar muitas vezes bem incerto quando se está certo, e pode-se não dar provas de bom senso quando se julga segundo o que se chama – o

senso comum". - Tanto espírito como gênio enunciam – "faculdade, ou melhor – qualidade relativa à imaginação; mas à imaginação criadora, e não à imaginação representativa como a concepção". O homem de espírito e o homem de gênio tiram de si mesmos alguma coisa, produzem ou combinam. -Espírito, no entanto (de spiritus "sopro, vida"), termo genérico, que compreende, em sua extensa significação, todas as nossas faculdades e operações interiores, por oposição às do corpo, nada tem que marque particularmente a invenção; enquanto que gênio (do latim genius, ingenium, de generare, "engendrar, gerar") indica precisamente uma faculdade inventiva e fecunda. "A invenção é a única prova do gênio" (Vauv.). O gênio descobre, cria, dá nascimento: o espírito dá a forma, embeleza, aperfeiçoa. O homem de gênio é mais original, e deve menos aos preceitos; "sai muitas vezes da arte para enobrecê-la, e afasta-se das regras, se estas não o conduzem ao grandioso e ao sublime; vai só, mas vai muito alto, e penetra muito longe" (Labr.). É como inspirado, como impelido por um deus, por seu gênio, e parece seguir um instinto. Duclos define o gênio – "uma espécie de instinto superior ao espírito"; e Marmontel – "o instinto dos grandes homens". "O gênio das ideias – diz Rivarol – é a culminância (comble) do espírito; e o gênio das expressões é a culminância do talento". Há no homem de gênio um como raio de espírito divino, mens divinior, um fogo sagrado que o anima. O homem de espírito tem mais cultura, é mais metódico; a natureza, nele, foi mais desenvolvida e polida pelo estudo; ele tem modelos que não desdenha imitar; suas reflexões o previnem contra as faltas; e, se suas obras são menos admiráveis, em compensação notam-se nelas menos desigualdades. Em suma, o gênio é menos geral ou complexo que o espírito; acha-se como que limitado, preso a uma só

coisa, mas a explora, penetra, profunda. O espírito, ao contrário, abraça muito mais, aplica-se a tudo; mas de tudo trata apenas pela rama. Um homem de gênio é sempre um homem superior; um homem de espírito é, na linguagem comum, um homem galante, que brilha na conversação pelo chiste, pelas finas alusões; que sabe dar graça e um tom delicado a tudo que diz e a tudo que escreve (segundo Laf.). - Mente é "o próprio espírito em potência; é o que tem de mais profundo, essencial, poderoso à inteligência humana; é a faculdade em que reside a força do entendimento, o poder de pensar, a atividade da alma". É fácil, portanto, confundir mente com inteligência, e principalmente com entendimento. Segundo Roq., porém, "rigorosamente falando, diferençam-se em que entendimento é a faculdade de compreender, de comparar, de analisar; e mente é este mesmo entendimento depois de haver compreendido, comparado, analisado. O entendimento cria, a mente conserva". Isto seria, no entanto, reduzir a mente a um quase simples sinônimo de memória. E o próprio exemplo de Camões, citado pelo autor, não autoriza semelhante definição:

Para servir-vos, braço às armas feito; Para cantar-vos, mente às musas dada. (*Lus.* X, 148)

Ora, a simples memória não é faculdade a que se socorram as musas. É exato que, em alguns casos, o vocábulo mente parece confundir-se com memória; quando dizemos, por exemplo: Tinha em mente dizer-te alguma coisa..." Mas, ainda aqui, a confusão é apenas aparente; pois o que se quis, com essa frase, exprimir é que se tinha na alma, no espírito, e como resultado de uma operação que lhe é própria, alguma coisa a dizer. E tanto assim que, geralmente falando, em frases onde cabe memória só muito excepcionalmente caberia também o vocábulo mente: "Guardo memória de tudo aquilo"; "Não tenho memória para conservar aquelas palavras"; "Apagaram-se-me da memória tais fatos"; etc. Por outro lado, nestas frases: "A minha mente não alcança estas coisas"; "Não tenho mente para entender sentenças tão abstrusas"; "A mente poderosa, clara, aberta do poeta, do sábio..." – nessas frases não poderia substituir-se mente por memória46. Afinal, o que é preciso não esquecer é que esta palavra mente é uma das mais extensas da língua, e que só mesmo em cada caso é que se lhe poderá fixar o valor exato. Saraiva consigna toda esta variedade de acepções e sentidos: espírito, alma; razão, sabedoria; juízo, discernimento; inteligência, talento, gênio; pensamento, plano, projeto, intento; memória; caráter, índole, sentimentos, valor, ânimo, coragem; sentido, significação. - Compreensão é faculdade mental que se confunde com entendimento: é propriamente a faculdade de "apanhar inteiramente um objeto, um assunto, em todas as suas particularidades". Pode-se marcar alguma diferença entre compreensão e entendimento. Este designa operação subjetiva, ou pelo menos mais independente do exterior; compreensão designa uma capacidade do espírito, exercendo-se sobre coisas exteriores. Poderíamos dizer sem chocar o senso lógico: "mente, entendimento divino"; pois neste caso quereríamos exprimir a grandeza, o poder do entendimento de Deus, segundo as medidas que temos do entendimento humano. Mas decerto que não diríamos com igual propriedade: "compreensão divina"; porque, neste caso, pareceria que, pelo menos, reconhecíamos a possibilidade de limitar-se a compreensão de Deus. - Intelecto é "o

⁴⁶ Nesta assinalar que no vocábulo mente (latim mens, tis) figura a raiz grega men ou man, que sugere ideia de "pensar", "sentir".

próprio entendimento, o espírito, o conjunto das faculdades intelectuais"; e por ser um termo genérico, é mais vago, e não tem nem a precisão nem a força dos que, dentre o grupo, lhe ficam mais próximos. Comparado com inteligência, deve logo notar-se que ele designa uma capacidade concreta, própria, pessoal. Não se diz, por exemplo: "F. não tem intelecto" (seria o mesmo que dizer – "não tem entendimento"); porque intelecto é coisa que todo homem possui. Dizemos, no entanto: "F. é de intelecto muito limitado"; ou mesmo "F. é homem de vasto intelecto". Não dizemos também: "o intelecto humano"; nem: "o intelecto divino". E dizemos, no entanto, a "inteligência divina"; a "inteligência humana". – Apercepção é "a faculdade de sentir, por um alto poder do próprio espírito, alguma grande verdade, ou alguma noção muito abstrusa, fundando esse sentimento numa íntima certeza de consciência". "Ele tem uma nítida apercepção das coisas divinas" (tem um secreto, recôndito, intrínseco e luminoso sentimento das coisas divinas). "F. tem uma apercepção maravilhosa da finalidade do universo" (tem uma clara e profunda consciência do destino de todo o criado). Parece, portanto, que **apercepção** é mais um dom, uma capacidade, uma força da alma do que propriamente uma faculdade.

557

CONCITAR, instigar, açular, insuflar, induzir, provocar. - Todos estes verbos têm de comum a propriedade de exprimir a ideia de fazer agir. - Concitar é "levar alguém a agir falando-lhe com boas razões, atuando-lhe no ânimo, insistindo muito para que se levante, se agite e faça o que se deseja". "Concita-se um povo a revoltar-se contra um tirano". -Instigar é "concitar com argumentos, ou mesmo com atos que falem ao brio, aos sentimentos, aos preconceitos - em suma às paixões – daquele que se instiga". Pode-se ain-

da instigar alguém a um belo movimento de alma; concitar, porém, geralmente se aplica ao que é ilícito, ou pelo menos ao que não é bom. – Açular é "mover por sinais, gestos e gritos; é instigar espicaçando, irritando". Em regra, só se diz dos animais; e por extensão emprega-se nos casos em que, tratando-se de homens, queremos marcar a baixeza da ação a que se os açula. Açular a turba furiosa a investir o palácio. Açular bandidos contra a inocência. – Insuflar é "instigar alguém a que faça alguma coisa, mas com certa perfídia ou tática, falando-lhe como ao ouvido, sugerindo-lhe habilmente o que se deseja". "Insuflou-lhe aquele ódio feroz ao rei". "Insuflou contra nós as paixões mais torpes". - Induzir é "levar alguém a fazer alguma coisa como abrindo-lhe o caminho e fazendo-o seguir, aconselhando-o, animando-o". "Induziram os perversos a pobre criatura a dar aquele passo". "Os maus companheiros induzem sempre aquele menino a fugir do colégio". "Os aduladores induziram o príncipe aos mais deploráveis excessos". - Provocar é propriamente "chamar alguém para alguma coisa, excitando-o, atraindo-o". "Provoca-se o inimigo a combater". "Provoca-se um movimento sedicioso". "Provoca-se alguém a agir para rebatê-lo".

558

CONCLUIR, inferir, induzir, deduzir, coligir. – Dos quatro primeiros verbos deste grupo, diz Roq.: – "Indicam estas palavras a ação de tirar consequências de proposições assentadas antes, mas por diferente maneira e método: donde resulta que se não podem logicamente confundir. - Concluir é terminar um arrazoamento, uma argumentação, uma discussão, uma prova, em virtude de relações necessárias ou demonstradas com as proposições anteriores. A conclusão é, pois, um fim, uma terminação de qualquer coisa, correspondendo ao reto significado de concluir, que é finalizar ou terminar uma coisa; e assim chamamos conclusão à proposição que se deduz de outras; e chama-se também conclusão à resolução tomada depois de uma larga discussão ou controvérsia. - A palavra induzir, em seu sentido reto, é instigar, mover alguém a fazer alguma coisa, de ordinário má; e no sentido figurado, como termo de lógica (acepção em que aqui a consideramos), é discorrer, ou tirar consequências segundo o método de indução. Este método, que também se chama analítico, consiste em observar atentamente os fatos por partes, e da observação de muitos fatos concluir que existe um princípio ou lei geral da qual, como fonte comum, eles emanam. - Deduzir é tirar consequência ou raciocinar segundo o método de dedução, que também se chama sintético; o qual consiste em tirar uma consequência particular de um princípio geral. – Inferir é tirar consequência sem seguir rigorosamente nenhum dos métodos anteriores, nem atender ao enlace das ideias, desprezando os intermédios e só olhando aos extremos, fundando-se em relações às vezes imaginárias, e, se verdadeiras, sem se haverem submetido a um rigoroso exame. Não se pode pedir provas ao que faz uma exata indução, ou uma rigorosa dedução; porque, em si mesma, as leva; será preciso, porém, pedi-las ao que se contenta com inferir, para que deste modo se obrigue a fazer uma indução, ou uma dedução. O que conclui apoia-se em princípios demonstrados, ou tidos como tais, e cujo enlace é ou parece necessário". – Coligir é "inferir ligeiramente e sem grandes fundamentos, à vista do que parece". "Do que disse o ministro colige-se que não há perfeita harmonia no gabinete" (isto é – percebe-se, é-se levado a crer).

CONCLUSÃO, consequência, indução, dedução, ilação, inferência. - "A proposição - diz Bruns., referindo-se aos quatro primeiros vocábulos do grupo – tirada de outras proposições, que se chamam premissas, toma umas vezes o nome de **conclusão**, outras o de consequência. Tal proposição denomina-se conclusão quando a consideramos em si própria, apenas sob o aspeto da verdade ou da não verdade do arrazoamento produzido, e abstraindo dela toda ideia de ligação com as premissas. A mesma proposição denomina-se consequência quando a consideramos inversamente; isto é, não quanto à verdade ou falsidade do juízo que ela exprime, e sim como dimanada das premissas. Este nosso modo de considerar é que frequentemente pode ser forçado. A conclusão pode ser verdadeira apesar de ser má a consequência; e vice-versa – a conclusão pode ser falsa, apesar de ser boa a consequência. A conclusão será verdadeira conquanto seja má a consequência, se a proposição que se segue às premissas, mesmo sem derivar-se precisamente destas, enuncia uma verdade incontestável. Pelo contrário: a conclusão será falsa, ainda que seja boa a consequência, quando a proposição que se segue às premissas, conquanto destas derive precisamente, enuncia um juízo falso: o que implica que as premissas, ou pelo menos uma é falsa. Quando a conclusão é verdadeira e a consequência má, deve negar-se a consequência – o que se pode fazer sem negar em nada a verdade da conclusão, posto que em tal caso a negação não recaia senão sobre a ligação lógica das premissas com a proposição que se tira delas. Quando, no sentido inverso, a conclusão é falsa e a consequência boa, pode conciliar-se a consequência rechaçando a conclusão, posto que aquilo que se concilia não tenha que ver senão com a ligação das premissas com a proposição que se tira delas, e nada com o valor da proposição em si. Para um raciocínio ser perfeito, é preciso que todas as suas proposições sejam verdadeiras, e que aquela

que segue as premissas saia destas com toda naturalidade, sem o menor esforço. O pior dos raciocínios é aquele em que a conclusão é falsa e a consequência má: o que se dá quando a proposição que segue às premissas enuncia um juízo falso (caso em que a conclusão é falsa), e quando, ao mesmo tempo, proposição não vem das premissas (o que torna a consequência má). Infere--se do que acabamos de dizer que consequência (termo objetivo) designa o juízo que deriva naturalmente de um princípio, mas que, podendo derivar dele em acordo ou desacordo com as regras do raciocínio, será bom ou mau (de preferência a verdadeiro ou falso) segundo o modo como for feito; e que conclusão (termo subjetivo), indicando o resultado do ato ou juízo pelo qual fazemos derivar certas consequências de determinadas premissas, é em si verdadeira ou falsa, segundo enuncie uma verdade ou um erro, ou haja nela ou não conformidade da consequência com as premissas, e regularidade no raciocínio. Conclusão, além disso, sendo o vocábulo com que se designa o juízo definitivo que se faz, indica o fim do discurso, e encerra em si o conjunto ou a súmula das consequências que se contêm em todas as suas diversas partes. - Indução é o processo pelo qual o espírito, indo além dos fatos que lhe servem de ponto de partida ou de base, vai do particular ao geral, passando de umas consequências a outras consequências, e chegando assim a formular um princípio ou conclusão que tem muito mais de provável que de verdadeiro, muito mais de hipotético que de real. - Dedução é o processo pelo qual o espírito descobre o que está rigorosamente encerrado numa verdade ou numa suposição, mas empregando um meio diametralmente oposto ao que se emprega na indução; isto é, partindo da conclusão já estabelecida, para ir da causa ao efeito, do geral ao particular, do princí-

pio às consequências que ele contém; e isso por uma série de proposições dependentes umas das outras, mas que se encadeiam mutuamente e reciprocamente se sustêm. As ciências naturais, tendo por principal instrumento a observação guiada pelo raciocínio, fundam-se na indução. A matemática, procedendo só por meio do raciocínio, funda-se na dedução. – Ilação e inferência podem ser considerados como sinônimos perfeitos (derivam-se ambos do mesmo radical latino); diferentes, porém, de consequência, por esta se deduzir exclusivamente do raciocínio, podendo aquelas ser produto da analogia, da observação, ou de qualquer outra operação análoga. Em filosofia, a consequência é inevitável e forçosa; a inferência e a **ilação** são eventuais e variáveis, segundo o modo de ver do agente. Se as premissas são verdadeiras, a consequência não pode ser falsa; podem, porém, tirar-se ilações e inferências falsas de fatos verdadeiros e de observações corretas e exatas. O movimento do sol em roda da terra é uma ilação errônea de fenômenos reais e incontrovertíveis. De premissas verdadeiras não pode deduzir-se mais de uma consequência; mas, de um fato ou de uma observação podem tirar--se muitas ilações, não só diversas entre si, mas inteiramente contrárias umas às outras, como sucede frequentemente na prática da medicina".

560

CONCUPISCÊNCIA, luxúria, lascívia, lubricidade, libidinagem, volúpia, sensualidade, moleza (molícia), voluptuosidade. - Concupiscência é, na sua significação própria e geral, "o desejo imoderado de gozos materiais; e num sentido mais restrito (e no qual é mais comumente tomado) é o excesso de apetite carnal". – A isto cabe com mais propriedade o nome de luxúria, de lascívia ou de lubricidade, ou mesmo de libidinagem. - A luxúria, no entanto, su-

gere a ideia de requinte em tudo aquilo que dá prazeres torpes. A lascívia deixa supor que o vicioso se entrega ao seu vício, cedendo a exigências da própria natureza, mas sem impetuosidade, sem violência ou ardor: ideias estas que se incluem mais claro na lubricidade, que é o apetite do bruto, o furor do sátiro. – Libidinagem acrescenta a todas as que precedem a ideia de paixão violenta, a que o libidinoso se abandona como se o domínio completo do gozo lhe cancelasse toda a consciência moral. – Volúpia é mais propriamente o desejo, ou melhor, o intenso desejo do prazer; e nem mesmo limita a qualidade do prazer, parecendo indicar em geral todo desejo imoderado de deleites, de coisas agradáveis. Tanto assim que se diz: a volúpia do mal; a volúpia do oiro; e até dizem os poetas – a volúpia do sonho. Só em sentido restrito é que volúpia significa - "desejo carnal excessivo". - Voluptuosidade distingue-se claramente de volúpia: é a qualidade de voluptuoso, isto é, do que se sente cheio de volúpia, ou do que se entrega à volúpia. - Volúpia é o próprio desejo: voluptuosidade é o estado ou a qualidade do voluptuoso. - Sensualidade e moleza aproximam-se muito de luxúria e lascívia. Sensualidade é, no entanto, de mais latitude que luxúria, pois abrange todos os sentidos: designa a qualidade de sensual, isto é, inclinado a prazeres materiais. Dizemos, por exemplo: "ama o dinheiro com a sensualidade de um argentário"; "adora a beleza com a sensualidade de um grego"; ou - "aprecia a música, a pintura com a sensualidade de um sibarita" (querendo significar que tanto aquele que ama o dinheiro, como os outros, o que aprecia a música e o que adora a beleza com sensualidade, não fazem mais do que experimentar o que nessas coisas há de grato aos sentidos). Em nenhum desses casos caberia luxúria, pelo menos com a mesma

propriedade. – Moleza (ou molícia, e ainda molície) nem sempre se aplica no sentido de lascívia, sensualidade, luxúria, etc.: é mais – o enervamento moral, e mesmo fisico, produzido por qualquer causa. É comum dizer-se: "sinto esta moleza que não me é natural"... (= este quebrantamento, este desânimo, esta indisposição). No sentido com que entra neste grupo, moleza emprega-se para significar – "indolência deliciosa, vida efeminada, entregue a prazeres voluptuosos."

561

CONFERÊNCIA, entrevista. - "Querem alguns - escreve Bruns. - que a palavra entrevista seja galicismo desnecessário. Não apoiamos essa opinião⁴⁷. A Academia espanhola, tão nimiamente meticulosa em anatematizar quanto cheira a estrangeirismo, não teve dúvida em reconhecer a necessidade do vocábulo e em dar-lhe foro pátrio. Condenaremos, certamente, que de conferência e entrevista se façam sinônimos perfeitos; mas insistiremos em recomendar este último termo como útil, sempre que se queira designar uma particularidade que pode dar-se na conferência. Esta é a conversação entre duas ou mais pessoas sobre negócios de interesse comum, público ou internacional: conversação que se realiza no local onde uma dessas pessoas costuma tratar dos seus negócios. Quando a conferência se efetuar num sítio determinado a que concorram todos os conferentes, e particularmente se esse sítio for uma localidade não habitada por nenhum deles, denomina-se entrevista".

562

CONFIANÇA, fé, certeza. – Confiança é "uma certeza de consciência que nos leva

⁴⁷ Tanto mais que muitos dos que implicam com entrevista usam tanto de *interview!*

a esperar que uma coisa seja ou se realize como esperamos". - Fé, aqui, é "confiança fundada em pressentimento, em desejo muito veemente, em opinião muito forte". - Certeza é "a confiança que se funda num fato material, a convicção que resulta de um cálculo seguro". "Temos confiança no dia de amanhã..." "Tenho fé em que passaremos o perigo incólumes". "Temos certeza de que o homem chega hoje..." ou – "de que o negócio se realizará dentro de alguns dias".

563

CONFIANÇA, segurança, seguridade. -Confiança, neste grupo, é "a certeza de que uma coisa será ou se há de fazer segundo o nosso desejo e o nosso esforço". - Segurança é "a situação do que está seguro, isto é, livre de perigo; o estado do que não tem a temer aquilo de que se trata". - Seguridade (que só se aplica em relação a pessoas) é "a falta de temor – diz Roq. – a tranquilidade de ânimo, nascida da confiança que se tem, ou da opinião em que se está, de que não há perigo". Apesar de que esta distinção é muito lógica, não dizemos que seja autorizada por Vieira, o qual usou **segurança** com a significação de seguridade, dizendo: "O bispo, que se portou com grande valor e segurança". "O general está em segurança porque tem confiança nos seus soldados; mas não tem seguridade porque ignora a tática de inimigo". "O governo tem grande confiança nos recursos de que dispõe para sufocar a revolta".

564

CONFIGURAÇÃO, conformação; figura, forma. – Destes dois últimos termos escreve Roq.: - Figura é "a feição externa de qualquer coisa, o aspeto (geral) que ela nos apresenta. – Forma, em linguagem filosófica, é o que determina a matéria a ser tal ou tal coisa; e, geralmente falando, entende-se

pela construção, arranjamento das partes. Dizemos que um homem tem boa figura quando é bem-apessoado; e em sentido figurado, dizemos que faz boa figura, quando desempenha bem as funções de que está encarregado, ou se sai bem em coisa que empreendeu e em que figura. Em nenhum destes casos poderia usar-se a palavra forma, pela relação que ela tem com a matéria; e no homem e em seus atos dá-se maior importância ao espírito. Uma alfaia, um móvel tem necessariamente uma forma, porque são a matéria modificada deste ou daquele modo; e não se pode dizer que tenha uma figura, porque esta palavra se refere particularmente aos animais. Contudo, algumas vezes toma-se forma por figura, porque na verdade a figura depende da forma externa; mas não se pode dizer figura por forma. F. tem boa forma de letra – dizemos de quem escreve bem, tem bonita letra; mas ninguém dirá que F. tem boa figura, de letra. No sentido translato e moral ainda é mais sensível a diferença entre estes dois vocábulos. Um negócio, uma empresa, etc., está em boa ou má figura segundo apresenta bom ou mau aspeto, boas ou más aparências. A forma de um governo é monárquica, aristocrática, ou democrática, segundo entra, em sua constituição ou arranjamento de partes constitutivas e legislativas, a autoridade do soberano, o poder do soberano, o poder dos fidalgos, ou a influência do povo. Nem dos negócios e empresas se dirá que estão em boa ou má forma; nem dos governos se pode dizer que têm boa ou má figura. Contudo, personificando os governos, podemos dizer: Os governos que têm uma forma viciosa fazem sempre má figura no concelho das nações". Bruns. dá um exemplo em que se acentua mais claro, se é possível, a distinção entre as duas palavras: "Um triângulo – diz ele – é uma figura; a forma dessa figura é que determina se ele é retângulo, agudo, ou

obtuso". – Conformação é "o modo como estão particularmente arranjadas as partes de um corpo – modo que se revela pela forma, que é o aspeto exterior da conformação". – Configuração é "o modo como se relacionam entre si as partes de um todo, de maneira a tomarem, no seu conjunto, uma certa figura ou aparência". Configuração diz mais – aspeto geral, feitio, feição de conjunto; enquanto que conformação indica – constituição íntima, estrutura.

565

CONFISCAR, apreender, arrestar, embargar, sequestrar, penhorar, apenar. - Todos estes verbos enunciam de comum a ideia de retirar alguma coisa do poder de alguém; cada um deles, porém, marca uma forma particular da ação geral indicada. - Confisca um agente (ou uma autoridade pública que tenha jurisdição para isso) alguma coisa para o fisco. A confiscação ou o confisco é, portanto, uma pena de lei. De um homem sem funções públicas, ou sem caráter de ofício público, decerto que se não poderia dizer, em caso algum – que confisca. – Apreende-se aquilo de que alguém está de posse legitimamente; ou cuja posse legítima depende de alguma condição ou formalidade que não foi cumprida. – Arresta-se uma propriedade legítima para pagamento ou segurança de uma dívida: e isto por efeito de uma sentença judicial. Segundo Teix. de Freitas, arresto e embargo são a mesma coisa: significam - "a apreensão judicial da coisa sobre que se litiga"; e num sentido mais restrito - "a apreensão judicial de bens suficientes para segurança de dívida, até decidir-se a questão dela, ou já pendente, ou a propor-se". Mas entre arrestar e embargar nem sempre haverá uma perfeita sinonímia. Embarga-se uma construção, um serviço, uma sentença, uma fábrica (impedindo-lhes a continuação, a execução, ou o funcionamento); e não - arresta-se propriamente, pois arrestar é "tirar do poder de alguém a coisa que se arresta", enquanto que embargar é apenas "suspender a posse, a ação, ou o pleno domínio" sobre a coisa que se embarga. Esta distinção, no entanto, não é essencial, pois mesmo o arresto não é despojamento, mas apenas suspensão de posse sobre a coisa que se arresta, até que se liquide o litígio ou responsabilidade de que essa coisa é garantia. Reb. da Silva empregou arrestar com a significação de confiscar quando escreveu: "As armas e os cavalos não paravam nas mãos de quem os possuía, senão até serem arrestados, como propriedade pública". Se as armas e os cavalos não estavam já em poder de quem os possuía – é que tinham sido já arrestados (apresados) e não esperavam mais por isso, senão pelo confisco. Nem é pelo arresto que passariam a ser propriedade pública, mas pela confiscação. - Sequestrar é pôr em sequestro, isto é, segundo T. de Freitas, "fazer depósito judicial da coisa, sobre a qual se litiga, equivalendo o sequestro muitas vezes a embargo ou arresto". – Penhorar é "apreender judicialmente alguma coisa que sirva de garantia a uma obrigação". A ação de penhorar (ou penhora) define T. de Freitas como sendo "o ato escrito, pelo qual, em cumprimento de mandado do juiz, se tiram bens do poder do executado, e se põem sob a guarda da justiça, para segurança da execução da sentença." – Apenar (segundo o Dic. da Ac., citado por Aul.) é "intimar, embargar, cominando pena, para comparecer, para prestar qualquer serviço: Mandou apenar quantos carpinteiros e calafates havia na terra".

566

CONFORME, segundo. – "Estas duas palavras – diz Roq. – não são frases adverbiais como quer o autor dos sinônimos (refere-se a fr. F. de S. Luiz): são, sim, advérbios, ou

antes preposições, que correspondem à latina secundum; e com elas explica-se a conformidade de uma coisa com outra, Conforme, no entanto, supõe a coisa mais exata e indispensável; e segundo supõe-na menos absoluta, ou mais voluntária. – Dou-o conforme o recebi; fica conforme estava (isto é: exatamente como estava, ou como me tinham dado). João vive segundo lhe dita seu capricho; fala segundo lhe dá na cabeça. – Nos dois primeiros exemplos não se pode usar da voz segundo, porque não explicaria uma conformidade tão absoluta e exata, como exige aquela ideia; nem nos segundos se pode usar com propriedade da voz **conforme**, porque daria à ideia uma conformidade demasiado exata, e menos livre e voluntária, do que se quer dar a entender. – Esta diferença se faz mais perceptível quando a conformidade, que se quer explicar com a proposição, se apoia só numa probabilidade ou numa opinião; pois em tal caso se vê claramente a impropriedade do uso da preposição conforme, que nunca pode explicar uma conformidade duvidosa, sem uma notável impropriedade. - É verdade, segundo dizem; chove, segundo creio (e não: é verdade, conforme dizem; chove, conforme creio)." – Dos mesmos vocábulos havia dito fr. F. de S. Luiz: "São frases adverbiais, que exprimem uma relação de conformidade, conveniência, congruência, etc.; mas conforme é mais próprio para exprimir a rigorosa conformidade; segundo, para exprimir a conveniência, congruência, etc. O escultor deve fazer a estátua conforme o modelo que se lhe dá; e ampliar ou estreitar as dimensões, segundo o local em que há de ser colocada (as formas devem ser idênticas às do modelo; as dimensões devem ser convenientes ao local). O homem de juízo obra segundo as circunstâncias, e a conjunção das coisas; mas sempre conforme as máximas da razão e da sã moral (quer dizer: as ações do homem de juízo devem ter uma relação

de perfeita conformidade com as regras da moral, e uma relação de justa congruência com as circunstâncias dos tempos e das coisas). Deus há de julgar os homens conforme os invariáveis princípios da sua eterna justiça, e segundo as boas, ou más ações, que eles tiverem praticado durante a sua vida, etc."

567

CONFORTAR, consolar. - Enunciam de comum estes verbos a ideia de assistir ou socorrer alguém nalgum transe, não só com palavras, mas ainda com atos, gestos e carinhos. - Consola-se a pessoa aflita ou amargurada dizendo-lhe palavras que lhe mitiguem a dor, acariciando-a, dando-lhe provas de condoimento, fazendo-lhe manifestações que a comovam, etc. - Conforta-se alguém nalgum transe ou nalgum grande embaraço ou grave conjuntura, inspirando-lhe coragem para que vença o mal ou a pena. Jesus precisava de ser confortado no momento supremo da paixão... A Mãe santíssima e dolorosa precisava de ser consolada. Consola-se um pai da perda do filho; conforta-se o mísero que vai subir ao patíbulo.

568

CONFRARIA, ordem, irmandade, congregação. - Irmandade é a associação laical que não tem mais objeto que a devoção a um santo, à Virgem, ou a uma imagem determinada: a irmandade do Santíssimo: a irmandade da Conceição. - Confraria é a irmandade de certa importância que se rege por estatutos ou compromissos. - Ordem é a confraria importante, que tem bens próprios, e que, além de se dedicar ao culto e a promovê-lo, se ocupa de certas obras pias e beneméritas. No Porto, a ordem do Carmo é uma instituição benéfica. - Congregação é a sociedade formada por membros do clero, que, em virtude da sua disseminação, não se podem dizer regulares, e que, pela regra que se impõem, não se podem dizer propriamente seculares. As congregações ocupam, portanto, um lugar intermédio entre as antigas ordens religiosas regulares e o clero secular (segundo Bruns.). Daí mesmo se infere, pois, que o vocábulo ordem, ainda hoje, se aplica também a associações exclusivamente religiosas: a ordem de S. Bento, de S. Francisco, etc. E ainda, segundo define Aul.: "espécie de classe de honra instituída por um soberano ou autoridade suprema para recompensar o mérito pessoal: as ordens de Cristo, de S. Tiago, etc."

CONFUTAR, refutar, impugnar, rebater. - Enunciam de comum a ideia de repelir, tirando-lhes o valor ou mostrando-lhes o absurdo, aquelas coisas que outros afirmam ou que nos dizem. – Impugnar é "combater as opiniões de alguém, e lutar contra elas, procurando destruir os argumentos em que se lhes funde a defesa". - Confutar é "destruir, eliminar como errôneas as opiniões de outrem, ou as noções por outrem sustentadas". – Rebater é "revidar com argumentos as objeções que se nos apresentam, retrucar aos argumentos com que o contrário quer destruir os nossos". – Refutar é "mostrar como as objeções são inanes, ou como aquilo que se nos diz, ou que se afirma de nós ou de alguém, é falso". - Impugna-se na Câmara um projeto de lei; confutam-se as ideias de um representante sobre o estado de sítio; rebate-se um aparte, ou uma invetiva; refuta-se uma afirmação.

570

CONJUGAL, nupcial, matrimonial. - Têm de comum estes vocábulos a ideia de indicar o que se refere ao ato ou à condição dos que contraem matrimônio. - Conjugal refere-se à condição ou à vida dos esposos, ou diz respeito às relações que subsistem entre eles.

- Nupcial refere-se ao ato, às cerimônias que se celebram no dia em que se contrai o matrimônio. – Matrimonial refere-se ao contrato, ao vínculo que prende os cônjuges de acordo com a lei. Nestes exemplos fica bem clara a distinção entre estes três adjetivos: A felicidade conjugal; a festa nupcial; os direitos matrimoniais.

571

CÔNJUGE, consorte, esposo; marido, mu-Iher, senhora. - Segundo Bruns. - cônjuge é a palavra com que se designa cada um dos esposos com relação ao outro; e é usada quase que só na linguagem jurídica ou forense. Os cônjuges estão unidos pelo matrimônio, sem que entre um e outro estabeleça a lei nenhuma diferença de supremacia nem de inferioridade. - Consortes são os cônjuges considerados como companheiros que compartilham a mesma sorte ou fortuna. – Esposo e marido designam o homem ligado à mulher pelo casamento. Marido (do latim maritus, de mas... maris "macho", talvez derivado do caldaico mar "forte") parece estabelecer certa superioridade do homem sobre a mulher; e, particularmente, o fato de competir ao homem o ser como que o esteio da casa, o seu sustentáculo, o que deve, dos dois cônjuges, prover ao de que a família necessita. - Esposo (do latim sponsus "prometido, noivo") é vocábulo comum aos dois cônjuges; e - com a diferença de terminação – estabelece entre eles uma perfeita igualdade de condições e de deveres: a reciprocidade do amor, a harmonia dos carateres, dos gostos, dos desejos, etc. O uso vulgarizou o termo marido; e só isso faz com que o vocábulo esposo seja mais próprio do estilo elevado, e se tenha, até certo ponto, como pretensioso na boca do vulgo. - Mulher e esposa são respetivamente os equivalentes femininos de marido e esposo. – Mulher é o termo que, sem

afetação, o marido emprega para designar a sua companheira. Chamando-a esposa, tal denominação tem, na sua boca, uma certa afetação ridícula que o bom gosto exclui. Falando, porém, da mulher de outrem sempre se emprega o termo esposa. – Também, neste último caso, cabe o vocábulo senhora, que muita gente aplica igualmente à própria mulher...

572

CONIVÊNCIA (conivente), cumplicidade (cúmplice). – Conivência designa a indiferença ou dissimulação com que se viu praticar um ato culposo, ou se soube que ia ser praticado, e podendo tê-lo impedido, não se fez isso. A conivência importa, portanto, a responsabilidade moral do conivente, pois este é, de fato, um como coautor passivo do delinquente. - Cúmplice é aquele que auxilia o autor na prática do crime ou da falta, mas que não tomou parte direta no ato criminoso; pois neste caso passaria a ser coautor. A cumplicidade resulta de um concurso ou cooperação, moral ou material na culpa; enquanto que a conivência é apenas uma cooperação moral.

573

CONSAGRAR, dedicar, oferecer (ofertar), votar. – "Concordam estes verbos em exprimir a ideia de apresentar ou oferecer algo que se reputa de valor à divindade, à pátria, ou a alguém. – Votar encerra ideia acessória da privação que resulta do objeto votado para quem faz voto dele. A pessoa que se vota à salvação da pátria deixa de pertencer-se a si mesma: as suas forças, os seus pensamentos, a própria vida, entrega-as ao fim que se propôs. As freiras que se votavam ao Senhor renunciavam para sempre a família, o mundo e as suas galas. – Dedicar não se diz com relação aos sentimentos do sujeito, como o sugere o verbo precedente. Dedicar é relativo à modificação que se produz no objeto com relação a quem ele é dedicado. Diz-se que uma pessoa se dedica a aliviar os que sofrem, não tanto para ponderar a abnegação dessa pessoa, como para encarar os benefícios que redundam em proveito dos desgraçados. As virgens que se dedicavam ao Senhor – é uma expressão que tem sentido diferente do daquela outra - as virgens que se votavam ao Senhor. Com a primeira atende-se à quantidade de virgens que o Senhor possuía, à magnificência que elas prestavam ao culto; com a segunda revelam-se os sentimentos de piedade que animavam essas virgens. -Consagrar é um ato mais solene que dedicar; e por isso só se diz, ou do que tem muito valor, ou com respeito à grande ideia que formamos daquilo ou de quem recebe a homenagem. Dedicam-se altares aos santos (não – a Deus). – Consagram-se templos ao Senhor, à virgem (não - aos santos)". (Bruns.) - Oferecer é "apresentar a dádiva, a oração, os votos, etc., para que sejam aceites por aquele a quem se oferece". - Ofertar é "dedicar, apresentar como oferenda". É, portanto, de predicação mais precisa que oferecer. Oferecemos um sacrificio à pátria (não - ofertamos). Ofertou-lhe toda a alma, o que possuía de sagrado...

574

CONJURAÇÃO, conspiração; intriga, cabala, enredo, trama, conluio, mexerico. – Conspiração – resume Bensabat com muita precisão - "é o desígnio formado secretamente entre muitos para se desfazerem ou livrarem, por um grande golpe, de certos personagens, ou corpos importantes, acreditados no Estado, e mudar a face das coisas. Esta palavra, derivada de spir 'sopro, respiração', designa um concurso de pessoas que respiram (que se inspiram mutuamente) ou tramam em segredo a mesma coisa. A sua ideia natural e dominante é, pois, a de um desígnio formado nas trevas por algumas pessoas que, animadas da mesma paixão, tendem juntas ao mesmo fim. A conjuração é a associação, ou antes, a confederação feita entre cidadãos ou súbditos poderosos para operarem, por meio de empresas brilhantes e violentas, uma revolução memorável no Estado. Esta palavra deriva de juro "jurar ou empenhar-se por uma liga sagrada". A ideia natural e dominante de conjuração é a de uma sociedade ligada por muito fortes compromissos, a fim de levar por diante uma empresa de grande importância. A conspiração diz respeito às vezes a pessoas particulares: o que a distingue - essencialmente da conjuração. A conspiração não tem ordinariamente em vista senão as pessoas e uma certa mudança na face das coisas: Alberoni formou uma conspiração contra o regente de França, para que a autoridade passasse a outro; os cortesãos, os príncipes, a rainha, o próprio rei formaram muitas contra Richelieu, para se subtraírem a um império duro e absoluto. A conjuração tem por fim operar uma grande mudança, uma revolução d'Estado ou no Estado, ou seja, a respeito da pessoa do soberano legítimo, dos direitos invioláveis da autoridade, nas formas próprias e características do governo, ou nas leis fundamentais e constitutivas. Catilina propunha-se, na sua conjuração, destruir os últimos dos romanos e a sua pátria, se não conseguisse escravizá-la. - Intriga é um enredo oculto que se emprega para conseguir alguma vantagem, ou para prejudicar alguém. - Cabala é um conluio ou maquinação secreta de indivíduos associados para conseguir um certo fim. - Enredo é um artifício ou maquinação oculta, para conseguir algum intento. A intriga tem alguma relação com o enredo, porém opera sempre surda e obliquamente; enquanto que o enredo não passa de um mexerico visando causar inimizades e distúrbios nas famílias. A

intriga, cujo campo é muito mais vasto, tem ordinariamente por fim prejudicar alguém, tirar-lhe a sua posição, malograr os seus desígnios, etc". - Trama (diz outro autor) "é um desígnio perverso e criminoso, secretamente formado entre duas ou mais pessoas contra alguma ou algumas outras pessoas, ou contra a segurança do Estado. Entre este vocábulo e conjuração e conspiração há a notar uma particularidade que está na própria essência de cada um deles; e é, que tanto a conjuração como a conspiração não podem considerar-se como existentes antes de entrarem no terreno da prática; ao passo que a trama existe desde que o acordo das vontades se estabeleceu, ainda que nunca se chegue a realizar o que nele se projetou. - Conluio é "o acordo entre duas ou mais pessoas contra alguém, ou para fazer mal ou prejudicar a outra pessoa ou pessoas". - Formaram conluio contra nós; puseram-se de conluio contra mim. – Mexerico é termo vulgar com que se designa o baixo "enredozinho" feito a meia-voz, quase sempre visando algum proveito que se não alcançaria de outro modo. O mexerico tem por fim prevenir uma pessoa contra outra, ou mesmo pô-las em dissensão e conflito.

CONSTRUIR, edificar, fabricar, fazer. – Segundo Roq. – da palavra latina ædes "casa, templo", vem adificare, edificar, que indica construir, levantar, fabricar o edifício. -Construir vem de construere, que significa materialmente reunir materiais para qualquer gênero de construção. É, portanto, a palavra que mais extensa significação tem entre as do grupo (exceto fazer). De faber, nome genérico, que significa fabricante, operário, artífice que lavra, principalmente golpeando em coisa dura, como pedra ou metal, vem fabricare, fabricar, que é executar ou fazer obra. - Edificar refere-se ao edifício considerado em geral, elevado à sua conclusão, segundo a planta e as proporções que se haviam adotado; e construir, à operação material da obra, aos trabalhos e operações mecânicas com que é executada. – Fabricar não só se refere a edifícios, como também a toda obra fabril, a tudo que se constrói com arte. Deus fabricou o mundo; Baco fabricava, em Mombaça, um altar sumptuoso que adorava. Fabricam-se relógios, moedas, panos, sedas, vidros, chapéus, papel, etc.; e, em sentido figurado, fabricam-se mentiras, enganos, etc., (- isto é - inventam--se, urdem-se, etc.) – Fazer é o mais genérico de todos os do grupo, e de predicação mais vaga e menos completa ou precisa. Poderia substituir, em todos os exemplos, a qualquer dos outros verbos do grupo, com alguma restrição apenas quanto ao verbo fabricar no sentido figurado.

576

CONSTANTE, firme, forte, inabalável, inflexível; tenaz, persistente, obstinado, teimoso, inalterável, fiel, perseverante, leal; constância, firmeza, fortaleza, fidelidade, perseverança, lealdade, persistência, tenacidade, obstinação, teimosia. - Constante é "o que, tanto no sentido moral como no físico, se conserva tal como é próprio do seu dever ou da sua natureza ou condição". Mas entre a **constância** e a **firmeza** é preciso notar uma certa diferença. O que é constante não é versátil, não é instável, não muda; o que é firme não é abalável, não é destrutível, não se desfaz ou abate facilmente. O amor é constante – dizemos; a amizade é firme. O tempo está *firme* (isto é – não há perigo de que varie); tem sido constante o bom tempo (isto é – o bom tempo tem-se conservado por muitos dias). - Estamos firmes no nosso propósito; seremos constantes em nosso clamor contra a tirania. – Entre constância e perseverança há também distinção facilmente perceptível. É constante o que se conserva como é; é perseverante o que se esforça por alcançar o que quer. Este vocábulo só se aplica no sentido moral. Não há perseverança onde não se supõe necessariamente algum intento: ideia que não é essencial a constância. - Tenaz exprime alguma coisa mais do que perseverante. A tenacidade é uma perseverança que procura vencer os obstáculos. É perseverante quem trabalha confiando no trabalho; é tenaz quem luta por uma aspiração até vê-la realizada. - A persistência fica entre a constância e a perseverança. É persistente aquele que persevera mais por um dever do que por efeito da própria vontade. - Obstinado acrescenta à noção de tenaz a ideia de que a tenacidade vem mais da índole ou de uma convicção viciosa que da consciência. A obstinação não é propriamente firmeza moral: é mais propósito fundado na paixão ou na ignorância. E tanto que se pode aplicar este termo aos próprios irracionais. - Mas, se a obstinação vem de um defeito de convicção ou de índole, a teimosia é mais fruto de vontade caprichosa. O teimoso obra no intuito, não propriamente de agir, mas de mostrar que está agindo. A teimosia supõe, como a obstinação (conquanto seja mais ligeira ou leviana do que esta), uma vontade sem consciência. Também se pode dizer de muitos animais que são teimosos. - A constância e a **fidelidade** sempre se põem juntas; mas uma pessoa é constante quando se conserva "como é", ou "como tem sido"; e é fiel quando se conserva "como prometeu ser". – E aqui está a diferença entre fidelidade e lealdade: aquela, a fidelidade, sugere a ideia de que só se é **fiel** quando se tem de revelar esta qualidade por um dever, contrato, ou compromisso de que resulte semelhante imposição moral. Esta ideia não está intrínseca no outro vocábulo, lealdade.

O homem leal é aquele que tem a alma como que aberta com aqueles que o fre-

quentam, ou com quem trata; o homem fiel é aquele que tem pura, inalterável a fé jurada; que não falta às promessas que fez, aos compromissos que tomou. - Forte, no sentido moral, significa – "de ânimo seguro; que não arrefece, antes conserva todo o seu valor no meio dos perigos e das tormentas da vida". A fortaleza é mais virtude dos santos que dos heróis. - Inabalável confunde-se com firme: dir-se-ia mesmo que com o vocábulo inabalável não se faz mais do que acentuar a ideia de firme. Nem mesmo se poderia dizer - inabalável e firme (e sim – firme e inabalável; ou melhor – firme, inabalável). – Inflexível é "o que não dobra, o ânimo que não cede, que não quebra". - Inalterável diz propriamente - "que se não altera, que não muda de ser, de forma, de condição, etc." Também dizemos - constante, inalterável (e não inalterável, constante).

577

CONTESTÁVEL, duvidoso, incerto, problemático, hipotético. - Contestável é "o que tem algumas aparências de certo ou verdadeiro, mas que pode ser incerto ou falso, ou cuja verdade ou veracidade pode ser combatida". – Duvidoso é "aquilo que nos deixa indeciso, que nos põe o espírito entre uma e outra coisa, ou entre umas coisas e outras, sem motivos suficientes para afirmar ou para negar". - Incerto é "o que nos deixa indeciso por ser desconhecido, ou por ser vago, indeterminado". - Problemático dizemos "daquilo de que se não pode fazer um juízo seguro, ou mais ou menos bem fundado, por depender isso de solução como um problema". - Hipotético é "aquilo cujo conhecimento se funda em mera suposição ou cujo valor depende de demonstrações que ainda vão ser feitas (ou então cujo valor se aceita convencionalmente)".

578

CONTRIBUIÇÃO, imposto, tributo, derrama, páreas, subsídios, direitos, taxa, finta. – Contribuição – escreve Roq. – é um nome genérico, que abraça tudo aquilo com que, de qualquer modo que seja, se acode à defensa e sustentação do Estado; pois, além da contribuição pecuniária, há também a chamada de sangue, pela qual o cidadão tem que acudir à defensa da pátria. Define--se geralmente a contribuição dizendo que é a quota que cada um dos contribuintes paga, segundo as regras estabelecidas, para acudir aos gastos que a comunidade tem que fazer para conseguir o fim que se há proposto. Querem alguns que seja uma imposição extraordinária para acudir a um gasto público, principalmente em tempo de guerra; mas este não pode ser seu primitivo e genérico sentido, pois toda contribuição deve ser geral, ordinária e permanente entre os associados. Com a palavra contribuição coincide a de imposto, que vem do latim impositum, e significa "posto em cima, ou sobre alguma coisa". – Imposição é o ato de impor; e o imposto, considerado com relação a este ato, vem a ser também termo genérico, que exprime a totalidade dos encargos que formam as rendas do Estado; e assim se diz que estamos carregados de impostos, compreendendo deste modo todas as contribuições. - Tributo vem de tributum; e esta palavra, segundo Covarrubias, deriva-se do imposto que pagavam em Roma as diferentes tribos que formavam a reunião dos cidadãos romanos. Define-se geralmente o tributo dizendo que é aquilo que paga o vassalo ao senhor em reconhecimento do domínio deste; e chama-se tributário ao que paga tributo. Considera-se igualmente o tributo como um direito concedido ao soberano sobre todos os que estão sujeitos à sua obediência segundo as leis, convênios, etc. – **Derrama**, palavra mui conhecida antigamente, é hoje em dia pouco usada, e significa um imposto ou finta eventual, pelo comum arbitrária e ainda violenta, regularmente exigida por inimigo ou conquistador; e às vezes pelas Câmaras para perfazer a quebra, ou falha que teve certa renda ou tributo que se deve à Coroa. - Páreas são o tributo que um príncipe ou um Estado paga a outro, em reconhecimento de obediência ou vassalagem. - Subsídio, do latim subsidium, que significa "reforço", "ajuda", "socorro", "auxílio", vem a ser o nome de um imposto temporário e extraordinário; o qual, ainda que pareça voluntário, é forçoso, pois que se exige em virtude de uma lei em casos extraordinários, e às vezes fica para sempre, como o subsídio literário em Portugal. – Dá-se o nome de direitos particularmente ao "que se paga nas alfândegas, mesas de renda, ou pagadorias, quer sobre os gêneros importados, quer sobre aqueles que são expedidos para fora do distrito". - Taxa é "o quantum devido por algum serviço especial que o Estado nos presta": a taxa postal, por exemplo. - Finta era, nos tempos da colônia, uma contribuição extraordinária como a derrama, podia, no entanto, ser arrecadada em artigos da terra. Quando uma Câmara tinha de acudir a casos de carestia, ou quando o comandante de uma expedição precisava de víveres, e não tinha meios de adquiri-los normalmente, lançava uma finta (obrigando, por exemplo, cada lavrador a fornecer-lhe uma parte da respetiva safra ou colheita).

579

CONTUBÉRNIO, convivência (convívio), intimidade, familiaridade, camaradagem, mancomunação, conluio, conúbio. - Contubérnio, mancomunação e conluio distinguem-se dos outros pela ideia, que lhes é comum, de que os que se aliam têm o propósito de auxiliar-se para conseguir alguma coisa, ordinariamente ilícita. O primeiro (do latim contubernium = cum + taberna "armazém", "taberna", etc.), designa "acordo, convivência condenada de pessoas de condição desigual". "Vimos então toda aquela formosura e todo aquele orgulho em contubérnio com o crime". Dizemos que F. está em mancomunação com S. quando queremos exprimir que os dois estão ligados secretamente para fraudar alguém, ou para obter algum proveito ilegítimo. O conluio acentua a ideia de mancomunação, e é sugestivo de trama, de "inteligência secreta contra alguém". Estes três vocábulos sempre se aplicam em mau sentido. - Convivência designa apenas o fato "de viverem duas ou mais pessoas em relações frequentes". - Convívio é uma convivência "mais cerimoniosa e social". - Dizemos o convívio da corte, das altas-rodas, das pessoas distintas (e não – convivência). Ao contrário, dizemos - a convivência, e não - o convívio dos irmãos, dos parentes. - A familiaridade "consiste no modo habitual" – diz Bruns. – de falar despretensiosamente a alguém, e de obrar para com essa pessoa como se obra ou se fala em família, com toda liberdade, e sem mais peias que as que exige a educação ou o estado das pessoas" em relações dessa ordem. Emprega-se também muitas vezes este vocábulo para exprimir uma "certa intimidade suspeita" entre pessoas de condição diferente. - A intimidade "consiste numa familiaridade discreta, mas confiante em que predomina a amizade, e em que não há cerimônias de espécie alguma. Quando as pessoas que têm familiaridade entre si são de condições diferentes, pode dar-se algumas vezes que uma se valha da sua superioridade para impor-se, e que a outra esqueça a sua inferioridade para empavonar-se; ao passo que a intimidade, igualando as condições, faz reinar entre os íntimos um mútuo respeito que ajuda a manter as boas

relações". – Camaradagem é o nome que se dá à "convivência habitual de amigos que trabalham juntos, de pessoas do mesmo ofício ou profissão". – Conúbio (fora da acepção restrita de aliança nupcial) é toda ligação tão perfeita como a que resulta daquela aliança. Pode empregar-se tanto no bom como no mau sentido.

580

CONVENIENTE, decente, decoroso, honesto, discreto. - Comparando estes adjetivos, tomados na acepção em que se referem ao modo de parecer, aos costumes, etc., escreve Bruns., quanto aos três primeiros: -Conveniente é termo genérico que se aplica a tudo quanto está em conformidade com o bem, seja qual for o aspeto sob o qual se encare a coisa que de conveniente é qualificada. - Decente dizemos do que é conveniente com relação às regras da moral exterior, das convenções sociais, do respeito que todos nós devemos a nós próprios e aos outros. - Decoroso dizemos com relação às regras do uso, da civilidade, da sociedade. O que é decoroso fica-nos bem, e contribui para que façam de nós boa opinião. - Honesto, aqui, confunde-se com decente e decoroso: é o que parece não só correto (ainda que com simplicidade) como grave, comedido, fiel à moral vigente. Conquanto em si mesma a honestidade não seja uma virtude exterior, emprega-se muito frequentemente o termo honesto como referindo-se apenas à boa aparência. - Discreto é propriamente aquele que, do que sabe, nada diz que possa comprometer alguém ou a si mesmo; e neste grupo figura para designar a pessoa que é, nos seus modos, no seu falar, muito cuidadosa em não sair nunca da justa medida.

58I

CONVERSAÇÃO, conversa, conferência, colóquio, palestra, prosa, cavaco, cavaquei-

ra, diálogo, confabulação. - Conversação e conversa designam propriamente o ato de trocarem ideias duas ou mais pessoas. Estão, no entanto, muito longe de ser perfeitos sinônimos. Há guias de conversação, por exemplo; e nunca se diz - guia de conversa. Dizemos vulgarmente – conversa fiada; e nunca se ouve dizer - conversação fiada. A conversa supõe, portanto, um objeto que nos interessa imediatamente; e diz qualquer coisa como trato, princípio de convênio, ensaio de acordo, etc. A conversação é mais um entretenimento mais ou menos agradável, e versa geralmente sobre assuntos que nos interessam mais pelo que valem para o nosso espírito do que por outra coisa. Dizemos - a conversação com pessoas discretas e sábias muito nos aproveita (não - a conversa). Tive uma conversa com F. sobre aquele negócio (troquei com F. algumas ideias sobre o negócio de que se trata). - Conferência, aqui, é "a conversa entre duas ou mais pessoas, e na qual cada uma das pessoas apresenta as suas e estuda as ideias das demais, no intuito de chegarem todas a um acordo". - Colóquio hoje é nome que se dá a uma conferência entre duas pessoas, em reserva, e sobre assunto de pequena monta. Ninguém dirá que o deputado F. teve um colóquio com o ministro tal. -Palestra e prosa podem dizer-se sinônimos perfeitos: tanto um como outro aplicam-se à conversação descuidosa e ligeira, mais passatempo do que entretenimento que encante ou estimule o espírito. - Cavaco, que diz Bruns. ser palavra essencialmente portuguesa, é "a conversação agradável, simples, e despretensiosa que se dá, comumente, entre pessoas da mesma esfera". - Cavaqueira será "o cavaco prolongado e enfadonho". – **Diálogo** é "a conversação sustentada por duas pessoas que se sucedem uma a outra com a palavra". Em regra, o diálogo é uma forma de discussão, mais que propriamente de simples conversação. - Confabulação

(do latim confabulatio) é um pouco mais que simples entretenimento, pois ordinariamente supõe um motivo, ou um objeto, a respeito do qual, conquanto nada se adiante, pelo menos sugerem ideias os que confabulam.

582

CONVICÇÃO, persuasão. – Destes dois vocábulos escreve S. Luiz magistralmente: "A convicção dirige-se diretamente ao entendimento. A persuasão, à vontade. Convencer é reduzir alguém por provas evidentes a reconhecer uma verdade, a não poder negá-la. Persuadir é determinar alguém a querer, ou a praticar alguma coisa. Pela convicção ficamos conhecendo claramente a verdade, ou o bem, que se nos propõe. Pela persuasão ficamos movidos e determinados a amar, ou a praticar o que se nos insinua. A convicção é filha só da razão, a **persuasão** depende mais da sensibilidade. Para produzir a convicção, basta conhecer bem as relações de uma ideia, de um fato, ou de uma ação com a verdade, isto é, com os princípios, e expor essas relações com precisão e clareza. Para produzir a persuasão basta conhecer as relações, que tem o objeto, de que se trata, com as propensões, interesses, e paixões da pessoa a quem se fala, e expor essas relações com força, vivacidade e calor. A primeira requer o completo conhecimento da matéria, e um juízo sólido e profundo. A segunda demanda um cabal conhecimento do coração humano, e a arte de excitar a sua sensibilidade. Da união destes dois modos de considerar os objetos é que resulta a divina eloquência. Se falta o primeiro, o discurso não terá solidez, e persuadirá (talvez) sem convencer. Se falta o segundo, o discurso será desanimado e frio, e convencerá sem persuadir".

583

CONVINCENTE, evidente, certo, indubitável, incontestável, persuasivo, persuasório, suasório. - Convincente dizemos do que "convence, do que leva ao ânimo a convicção". - Evidente é aquilo que, à primeira vista, se reconhece, se sente; que não carece de demonstração, ou de explicação. - Certo exprime, como evidente, que o fato é tal como se diz; mas a convicção, pela qual somos levados a declarar como certo, produziu-se em nós de modo diferente daquela pela qual dizemos que é evidente. Efetivamente, a convicção com que dizemos que é evidente veio-nos de uma como luz instantânea que fixou a convicção no nosso espírito; aquela, porém, que nos leva a declarar certo vem de um estudo, ou trabalho mental que nos permitiu ver a verdade por meio de outras verdades já conhecidas, ou seja, por meio de uma série de ideias e de raciocínios que nos levaram a formular um juízo que tem por base provas reais. Uma coisa é evidente porque aparece tal; uma coisa é certa porque está provada. Infere-se do precedente que a convicção que nos leva a dizer certo é pelo menos tão forte, e está tão bem estabelecida como aquela que nos faz dizer evidente. - Indubitável dizemos do que é de tal modo evidente e certo que não permite a menor dúvida. Este vocábulo melhor exprime o estado do espírito do que a realidade do fato, pois um fato só é indubitável porque o espírito se recusa absolutamente a duvidar dele. - Incontestável é o que apresenta um tal caráter de certeza, e tais provas de verdade que se nos não permite contestá-lo. É vocábulo relativo ao próprio fato, e não ao estado do espírito, pois o fato não é incontestável por não poder o espírito contestá-lo, mas sim por ser de tal natureza que não admite contestação ou que contra ele se levantem objeções. - Persuasivo e persuasório dizemos do que persuade, do que tem força para persuadir; mas a persuasório atribui-se-lhe a ideia acessória de intenção e vontade de persuadir. - Suasório

melhor se diz do que dissuade que do que persuade; ou antes, nota-se nesta palavra um misto das duas ideias: dissuadir do que se intenta, e persuadir do contrário. "Os meios *suasórios* empregam-se para persuadir antes de se obrigar pela força a obedecer". (Segundo Bruns.)

584

CONVIR, importar, relevar, cumprir. -Com muita concisão, e de modo muito preciso, diz Lacerda destes verbos: "O que traz vantagem a alguém, ou a alguma coisa, convém. O que é útil, ou de proveito, importa. O que muito importa, porque é de grande utilidade, releva. Cumpre o em que interessa a obrigação ou dever". E S. Luiz oferece os seguintes exemplos: "Convém ao homem público mostrar sisudez e gravidade em todas as suas ações: trajar com simplicidade e modéstia; não entrar nos jogos e divertimentos da mocidade, posto que lícitos sejam e honestos, etc. Importa ao homem de negócio ter em bom arranjo as suas contas; ao mercador, e ao traficante não gastar mais do que permitem os seus lucros. Releva ao pai de família trazer bem administrados os seus bens, bem governada a sua casa, etc. Cumpre a todo homem ser justo, honesto, humano, virtuoso; cumpre ao prelado, ao pastor, ao mestre dar bom exemplo às pessoas que lhe estão sujeitas; cumpre ao cidadão respeitar e observar as leis, etc."

585

CONVIVA, convidado, comensal. — Nosso conviva é aquele que conosco se acha na mesma festa, ou na mesma mesa em que estamos. A diferença que existe entre esta e a palavra convidado é marcada mesmo unicamente pela exclusão, que conviva sugere, de qualquer ideia de causa a que se atribua a circunstância de se acharem juntos os convivas. Por um simples acaso podemos ser

conviva de um desconhecido. - O mesmo não se dá em relação a convidado, pois este necessariamente se supõe que toma parte num banquete ou numa festa qualquer porque foi para isso solicitado. Como se pode ser conviva de alguém sem ser convidado, também pode dar-se o caso de sermos convidado sem chegarmos a ser conviva. Nesta frase fica perfeitamente assinalada a distinção a notar entre os dois vocábulos: "A festa não foi o que se esperava: eram muitos os convidados, mas foram poucos os convivas". - Comensal é aquele que come na mesma mesa em que nós comemos, sem que, no entanto, haja relação nenhuma entre nós e o nosso comensal, a não ser essa de comermos habitualmente na mesma mesa.

586

COONESTAR, justificar. – Coonestar é "mostrar como, ao menos aparentemente, é digna, é boa, está conforme aos bons princípios morais, uma ação que parece má ou que é realmente condenável". Coonesta o tratante as suas velhacarias (procura fazê-las passar como legítimas). Há autoridades que tentam coonestar as suas violências mentindo e caluniando. – Justificar é "demonstrar que não se tem a culpa que nos imputam; que se está inocente da falta de que se nos acusa". Justifica-se um funcionário público das acusações que lhe fazem. Justifica-se perante a opinião pública um estadista caluniado.

587

COOPERAR, colaborar. — À primeira vista pareceria que não se enganam demais os que empregam, com pouca ou nenhuma propriedade, um pelo outro estes verbos. De fato, se houver quem escreva, ou diga num discurso, ou numa conversação, que um intelectual da América, mesmo desconhecido, colabora com os intelectuais de França no levantamento da arte francesa; ou então, que um certo ar-

tista cooperou conosco, ou com outro artista, na pintura de um quadro, ou na composição de uma ópera, ou de um drama – de fato muita gente haverá que tenha como impertinência discutir a precisão dos verbos que se empregaram aí; e, no entanto, é preciso reconhecer que nada há que com mais razão deva ser discutido. Nas duas frases, os verbos estão trocados. Na primeira, só o verbo cooperar é que caberia; assim como na segunda só o verbo colaborar é que seria o próprio; pois este diz rigorosamente "trabalhar junto, no mesmo trabalho"; enquanto que o verbo cooperar significa "esforçar-se, agir pelo mesmo fim por que outro age ou se esforça". Quando nos empenhamos por alguma grande causa, pedimos a outros que venham cooperar conosco, isto é - que venham servir a mesma causa, e como lhes parecer que a servirão melhor. Quando temos de dar conta de um serviço, de um relatório, por exemplo, numa repartição, e precisamos de auxílio, convidamos alguém a colaborar conosco, isto é – a trabalhar conosco juntamente no dito serviço. Um ministro pode dever muito à colaboração de seus subalternos; a polícia, para exercer proficuamente as suas funções, precisa da cooperação que a imprensa lhe pode prestar. Dois poetas colaboram num poema; muitas associações cooperaram na obra da abolição.

588

COPIAR, trasladar, transcrever; colar, decalcar (calcar), plagiar. – Copiar é reproduzir um escrito, um quadro, um desenho, etc., mais ou menos fielmente. - Trasladar é passar com toda exatidão um escrito para outro papel; fazer cópia perfeita, de modo que sirva como se fora o próprio original. - Transcrever é passar para outro papel, ou para outro livro, em melhor ordem, ou noutra ordem, o que estava escrito em outro livro ou papel. - Os outros verbos que figuram no grupo têm de comum com os precedentes a ideia de reproduzir (escrito, quadro, qualquer trabalho gráfico). - Decalcar é reproduzir apertando sobre o original o papel em que deve sair a cópia. Emprega-se também o verbo calcar com a significação de decalcar; e ainda com a de "fazer alguma coisa tomando por modelo ou fôrma uma outra coisa do mesmo gênero já feita". "O menino decalcou sobre a parede a figurinha grotesca". "Tasso calcou sobre a Ilíada a sua Jerusalém". – Colar é verbo muito nosso, da gíria das escolas, significando "passar clandestinamente para a prova que se faz, escrita ou mesmo oral, o que nos convém do compêndio". "Hoje não há mais estudante que se valha do recurso da cola..." - Plagiar é "apresentar alguém como sua a produção que é conhecida como de outrem".

589

COPIOSO, abundante, muito, numeroso. - Numeroso - diz Bruns. - é "adjetivo coletivo que só por erro, ou por ignorância, se emprega com substantivos não coletivos. Dizer que F. foi acompanhado pelos seus numerosos amigos – é um erro que, nem por ser muito vulgar, deixa de ser menos grosseiro. Dizemos – um exército numeroso, um numeroso rebanho, uma numerosa família. Dizer – famílias numerosas – não é o mesmo que dizer – muitas famílias: com esta expressão indicamos grande quantidade de famílias; com aquela indicamos famílias compostas de muitos membros. Muito diz-se da grande quantidade de unidades, ou da grande quantidade de matéria: muitos amigos; muito arroz; muita pedra. – Abundante dizemos daquilo que é em quantidade tal que se prevê ser, não só suficiente, mas até há de sobrar. Este vocábulo é quase sempre relativo à produção, ou à proveniência: ano abundante; as abundantes riquezas do solo. - Copioso refere-se à útil abundância de unidades".

590

COROA, diadema. – Coroa, "segundo a origem latina, significa geralmente adorno de flores, etc. com que se enfeita a cabeça; e particularmente o ornato circular de oiro, prata, etc., com que os reis cingem a cabeça, como emblema da sua dignidade. – Diadema, conforme a origem grega, significa propriamente a faixa branca com que antigamente os reis cingiam a cabeça. – Coroa emprega-se às vezes no sentido de reino, e para designar as prerrogativas reais, o Estado, etc.; porém diadema nunca designa senão a insígnia real com que se cinge a cabeça". (Lac.)

591

CORRETO, exato, perfeito, castiço, vernáculo, puro, clássico, lídimo; correção, exatidão, perfeição, casticidade, vernaculidade, pureza (purismo), classicismo, lidimidade. – Todos estes vocábulos têm aqui uma acepção restrita, relativa à maior ou menor perfeição com que se fala ou escreve uma língua. - Correto dizemos daquilo "que está de acordo com as regras da gramática". A correção tanto se refere à grafia, ou à pronúncia das palavras, como à estrutura da frase, à linguagem, ao estilo. – Exato é "o que diz o que deve dizer, segundo a boa razão, ou conforme com os princípios da ciência, ou com a verdade consagrada". A exatidão é, portanto, relativa ao espírito do discurso, ao que ele exprime, ao seu valor lógico. Uma frase pode estar correta e não ser exata: isto é, pode estar construída com todo o rigor gramatical, e exprimir, no entanto, um contrassenso. Se dissermos – "a água é dura, ou sólida", rebater-nos-ão logo que isso não é exato; e, no entanto, ninguém nos dirá que a proposição, ou melhor, que a oração não é correta. - Perfeito é "o que apresenta o sumo grau da correção", e tanto se pode aplicar ao sentido como à forma

do discurso, mas principalmente à forma. Escrever com perfeição – é escrever com a maior correção possível, mesmo que nem sempre se exponham ideias ou sentimentos que mereçam plena sanção. - Castiça é "a linguagem que está de acordo com a índole da língua", mesmo que muitas vezes não pareça muito ajustada às regras comuns da gramática. A casticidade é, portanto, mais relativa ao que é próprio, particular da língua do que aos princípios que regem a linguagem. – Vernáculo é "o idioma próprio do país". Não se confunde, portanto, vernaculidade com casticidade. Um papel, uma carta escrita em vernáculo pode muito bem dar-se que o não seja em castiço ou em linguagem castiça, isto é, pode estar escrita segundo o modo comum de escrever-se ou falar-se no país (e ser em vernáculo) e, ou por ignorância de quem escreve, ou por desídia, ou por outra razão qualquer, não apresentar a fisionomia característica da língua como a escrevem e falam os cultos (e não ser, portanto, em castiço). - Pura é a linguagem sem vício de elementos estranhos, esmerada principalmente quanto ao emprego exclusivo de palavras próprias da língua. A pureza consiste, pois, em não estar a língua deturpada de formas de outras línguas. Pode pecar-se contra a pureza da língua tanto empregando abusivamente vocábulos exóticos escusados como admitindo construção, aparências, meneios de frase que lhe não são próprios. - Clássico é "o que está consagrado como melhor para servir de modelo". Também se refere tanto à frase como à palavra. Há escritores que têm a preocupação de evitar o emprego de um termo que não tenha sido usado por algum clássico de grande autoridade. Seria necessário, no entanto, mostrar a esses como um classicismo exagerado, em vez de bem, faz grande mal à língua que se supõe defender. A semelhante classicismo cabe com mais propriedade o

nome de purismo. - Lídimo é "o que não infringe as leis ou as regras da gramática, nem está fora do uso próprio da língua". A lidimidade poderia, portanto, confundir-se com outros vocábulos deste grupo, principalmente com pureza. Mas lídimo se aplica de preferência à palavra, e puro à forma, à expressão. Diremos, portanto - a lidimidade do termo – a pureza da linguagem.

592

CORSÁRIO, pirata, flibusteiro, corso, pirataria. – Entre corsário e pirata sempre houve uma distinção que se pode dizer meramente convencional: designando o último – o ladrão do mar, que assalta e rouba quantas embarcações encontra; e o primeiro, designando o que tem carta de corso, isto é, que está autorizado pelo próprio governo a que serve a perseguir os navios mercantes do inimigo em tempo de guerra. O corso era, portanto, a pirataria exercida dentro do direito. Mesmo abolido o corso entre os povos modernos, subsiste a distinção entre os dois termos fora da acepção própria. Dizemos de um indivíduo sem escrúpulos no adquirir, sem reserva de meios no seu instinto de ganho – dizemos que é um pirata desafrontado (e não – um corsário, que é, afinal, vocábulo que desaparece das línguas muito naturalmente à medida que vai não tendo mais aplicação). – É preciso notar, no entanto, que nos tempos coloniais se dava o nome de índios de corso aos que viviam em bandos errantes, assaltando inimigos e fazendo excursões predatórias pelos povoados. – Também se dizia – piratas do sertão - designando, assim, não os selvagens que faziam o corso, mas as quadrilhas de indivíduos que fugiam à ação da justiça e se tornavam salteadores de profissão. - Flibusteiros é o nome que se dava, no século XVII, aos indivíduos que viviam em aventuras pelos mares da América, numa espécie

de pirataria heroica, principalmente contra navios e praças marítimas dos espanhóis, a cuja fortuna tanto mal fizeram. Hoje, aplica-se ainda este nome ao aventureiro que invade um país, ou uma província com o intento de fazer fortuna ou de conseguir algum resultado político, valendo-se da força, ou de qualquer modo contra o direito.

593

CORTE, fio, gume. - Melhor do que Roquete e do que Lacerda, distingue Bruns. estes três vocábulos, com os quais - diz ele - "designa-se a parte com que, nos instrumentos cortantes, se opera a solução de continuidade, ou se separa do todo a parte. – Fio e gume não são sinônimos tão perfeitos como o pretendem os sinonimistas. – Gume é a parte destinada a cortar; chama-se-lhe sempre gume, sem atender ao estado em que ela se encontra. Quando a faca não corta, afia-se-lhe o gume. - Fio é a linha extrema do gume cortante: uma parte do gume, portanto, não todo ele. O gume perde o fio à força de cortar. Corte é mais o modo como o fio opera. Esta navalha tem bom corte".

594

COSMOGONIA, cosmografia, cosmologia. – Segundo Lac. – "todas estas palavras significam a ciência que tem por objeto o estudo do universo; mas segundo a raiz comum, e a composição particular de cada uma, classificam esse estudo de diferente modo. – Cosmogonia é a ciência (teoria ou hipótese)48 da formação do universo. - A cosmografia é a ciência da disposição, figura e relações das partes de que o universo é composto. A cosmologia é propriamente

48 № Dizemos – a cosmogonia mosaica; ou – a cosmogonia de Kant ou de Laplace; e não - a cosmografia, nem a cosmologia, senão em outra acepção.

a física geral, que, sem entrar no exame dos fatos particulares, considera somente os seus resultados e analogias, etc., subindo assim ao conhecimento das leis gerais do universo. A cosmogonia tem por objeto o estudo variável do mundo com respeito à sua formação. A cosmografia descreve as partes componentes, e expõe as relações do estado atual do universo; e a cosmologia raciocina acerca deste mesmo estado".

595

COSTUME, hábito, uso, rotina. - Consiste o hábito em fazer ordinariamente, ou frequentemente uma mesma coisa, ou uma coisa do mesmo modo, como se isso nos fosse natural, em consequência de, à força de atos reiterados, nos havermos amoldado ou afeito a ela; ou em virtude de se haver o nosso espírito constituído na necessidade de a procurar, proporcionando-se, cada vez que a repete, um gosto ou prazer mais ou menos vivo. É termo subjetivo, pois exprime um fato pessoal e peculiar ao sujeito. Com o termo hábito tem grande analogia a palavra rotina, que significa propriamente o trilho que inconscientemente se segue em virtude de uma prática habitual, ou que se segue apenas porque vemos que outros o seguem. Diferem, porém, as duas palavras em ser o hábito, como dissemos, subjetivo; enquanto que a rotina é objetiva, pois este vocábulo sugere a ideia de que se quer obter o resultado por um meio quase irrefletido. – **Hábito** pode tomar-se à boa ou à má parte, segundo o sentido que tem na frase, ou segundo o sentido que lhe dá o qualificativo que o acompanha. - Rotina toma-se quase sempre a má parte, por indicar que se opera maquinalmente, por desídia ou por ignorância, preferindo-se adotar e seguir um método ou processo mau ou sediço a aperfeiçoar os meios de ação. Fazer uma coisa por hábito será louvável quando o

hábito for bom, e censurável se ele for mau. Fazer uma coisa seguindo a rotina é sempre censurável, porque é obrar como sempre se tem visto obrar, sem esforço por fazer melhor o que se faz. - Costume, propriamente, encerra ideia de coletividade, porque designa um modo de obrar, ou de usar segundo o que é geralmente adotado por todos ou por muitos. É também vocábulo objetivo, predominando nele, não a ideia do sujeito, mas sim a da coisa, ou do objeto a que a vontade do agente se submete, ou ao qual o seu espírito obedece para conformar-se ao modo geral de obrar ou de usar. Seguimos um costume, não em virtude de uma especial modificação que nos distinga dos outros, mas precisamente por não nos diferençarmos deles. Cada um de nós tem os seus hábitos, uns contraídos por gosto, outros por fraqueza, outros por negligência; a força da vontade pode fazer-nos perder os hábitos de que nos queremos livrar. Cada terra tem os seus costumes, mais ou menos geralmente seguidos; podemos resistir, e até opor-nos a esses costumes, mas não podemos fazer que outros os percam por um esforço da nossa vontade. O hábito está em nós, e por isso o dominamos; o costume está fora de nós: podemos adotá-lo, mas não podemos destruí-lo. Mesmo em sentido mais pessoal, costume indicará sempre um fato exterior. "Tenho o bábito de tomar café depois de jantar" - é uma expressão de alcance muito diferente ao da – "tenho o costume de tomar café depois de jantar": aquela indica um ato que nos é agradável e de que faremos questão, porque se nos tornou por assim dizer necessário, e cuja privação nos seria penosa; esta indica apenas a ação que fazemos todos os dias. - Uso é vocábulo menos extensivo que costume; não deixa, no entanto, por isso de encerrar ideia de coletividade. Se o **costume** é de todos, ou quando menos de muitos, o

uso é apenas peculiar a determinado grupo da totalidade. Se numa terra é costume ir aos ofícios da igreja, nem por isso fazem todos uso do livro de missa: esse uso é quase exclusivo às senhoras. (Segundo Bruns.)

596

COVARDE, pusilânime, fraco, poltrão, medroso, tímido. – Covarde (ou cobarde) é "o que não tem energia moral para ser digno nas conjunturas difíceis". A covardia é um vício de alma, incompatível com todas as virtudes generosas. Um indivíduo pode ser fraco, medroso, poltrão mesmo, sem ser indigno: o covarde é sempre indigno. Aquele que, provocado, não aceita um repto pode ser fraco ou poltrão (sim: se, por exemplo, não deu motivos para que se lhe lançasse o repto); mas o provocador, se recua, ou se fere à traição e foge, é covarde. – Pusilânime significa simplesmente - "de ânimo pequeno" (pusillus "pequeno" + animus). O indivíduo pusilânime não se atreve a investir ou mesmo a reagir quando devia fazê-lo. – Fraco é o "que teme e não age". Entre fraco e poltrão a diferença consiste em ser o poltrão, além de pusilânime, covarde. Por prudência, por escrúpulos morais, pode um indivíduo parecer fraco; poltrão será sempre aquele "que não obra", mais por uma espécie de preguiça moral que lhe derranca a alma, do que pela consciência do perigo. - Medroso é "o que tem medo e recua, ou não avança; o que teme coisas fantásticas". Entre medroso e tímido há uma grande diferença. A timidez é mais um defeito de educação do que propriamente uma falha de caráter, ou um estigma de temperamento. É fundada na consciência da própria fraqueza, ou da própria inferioridade: enquanto que o medo é uma depressão de alma que leva o medroso a ver perigo onde perigo não há, e a temer, mais por fraqueza, que por prudência.

597

CRÁPULA, deboche, orgia, libertinagem, devassidão. - De pleno acordo com os melhores sinonimistas, escreve Bruns.: "A crápula é o excesso de devassidão no que ela tem de mais vil e grosseiro, de mais abjeto e repelente. Se quisermos referir-nos com este vocábulo aos gozos carnais⁴⁹, exprimimos a ideia do vício mais asqueroso, e dos meios mais imundos. – Deboche, vocábulo que alguns pretendem ser galicismo inútil, é, pelo contrário, um vocábulo de grande utilidade na língua por exprimir, em determinadas circunstâncias, uma nuança particular em que se atenua a ideia geral que ocorre ao espírito com qualquer dos outros vocábulos deste grupo. O deboche é sempre um excesso no gozo dos prazeres sensuais; mas, se a crápula não pode deixar de ser vil e grosseira, pode ter o deboche requintes de elegância e de distinção que não são dados à libertinagem, nem à devassidão. Concorre também em pró deste vocábulo a circunstância de poder indicar, não um vício, ou um hábito inveterado, nem sequer uma série de atos de libertinagem, mas sim um deslize, um ato isolado, que se faz uma vez, um dia, alguns dias a seguir, mas sem reincidência nesses atos. Fazem-se deboches; mas não se fazem libertinagens nem devassidões. Nem mesmo a palavra orgia pode com exatidão substituir sempre o termo deboche; sendo aquela um excesso de gula em que predomina a embriaguez, circunstância que nem sempre se dá no deboche. A ideia que predomina nesta palavra é a de fugir aos deveres profissionais para fazer um gasto excessivo em gozos sensuais; pode isso fazer-se uma vez; pode repetir-se várias vezes; mas só se o deboche se converter em hábito merecerá então, segundo as circunstâncias,

49 🐿 É de notar que, mais particularmente, crápula se refere a incontinências no beber.

o nome de libertinagem, ou de devassidão. Consiste a libertinagem em desprezar as regras da moral dando-se ao desregramento dos costumes. A devassidão consiste mais no insólito dos atos que se praticam que na frequência com que eles se repetem. Nisso distingue-se bem da libertinagem, a qual indica um estado permanente, ou quase permanente".

598

CRASSO, grosseiro, palmar. – Empregados para qualificar erro, absurdo, ignorância etc. distinguem-se assim estes adjetivos: crasso se diz com relação à pessoa que perpetra o erro; palmar com relação à enormidade do erro e ao castigo que ele merece; e grosseiro com relação à baixeza do erro cometido. Um erro crasso na boca de um douto, não o será na boca do vulgo. Um erro só é palmar quando cometido por pessoa que tinha obrigação de saber e não errar. Um erro grosseiro nem merece o cuidado ou o trabalho de combatê-lo ou refutá-lo.

599

CRIAR, produzir, gerar. - "Por todos estes modos se dá existência ao que não era, mas cada um destes verbos indica diferente meio na causa que cria, produz, ou gera. -Criar é tirar do nada uma coisa, e metaforicamente é erigir, instituir. - Produzir é tirar de si, com atividade ou ação vital, alguma coisa. – Gerar é propagar a espécie pela geração. - Deus criou o universo e todos os seres que o compõem. Os reis criam novos cargos e dignidades. Os sábios criam novas ciências. As sementes, que se lançam à terra, germinam, crescem, e produzem o fruto, segundo suas espécies. Os literatos produzem suas obras, quando as concebem em sua mente, e com os auxílios que lhe ministram as letras ou as ciências, dão à luz suas *produções*⁵⁰. *Geram* ou engendram todos os animais sua prole, segundo sua espécie; e, moralmente falando, erros *geram* erros, e vícios *geram* vícios". (Segundo Roq.)

600

CREBRO, frequente, repetido, reiterado. – Das duas primeiras palavras deste grupo diz Roq. que vêm ambas do latim (creber e frequens) e indicam o que se reitera, se faz ou sucede amiúdo; mas a primeira acrescenta à segunda a ideia de bastidão e espessura; isto é, exprime uma ação (ou fenômeno) que se repete muitas vezes amiudadas, e por muitas pessoas ao mesmo tempo (ou manifestando-se quase simultaneamente em vários pontos). - Frequente é expressão vulgar; crebro é talvez só usada em poesia. Querendo Camões exprimir não só a frequência dos suspiros, senão também a multidão simultânea dos amantes que na ilha encantada os exalavam. disse:

Crebros suspiros pelo ar soavam, Dos que feridos vão da seta aguda (Lus. IX, 32)

– Repetido é aquilo que se diz, que se dá, que se faz muitas vezes. Tem-se dado na Itália meridional repetidos terremotos. Os acessos agora estão sendo menos repetidos. – Reiterado acrescenta à noção de repetido a ideia de insistência, esforço, empenho com que se repete a coisa reiterada. Têm vindo lá do norte reiteradas solicitações ao governo... O ministro tem sofrido reiterados ataques.

60I

CRENÇA, fé, opinião. – De pleno acordo com Bourg. e Berg. diz Bruns.: Fé (do la-

⁵⁰ Note-se que, em relação aos literatos, também se emprega o verbo **criar**, quando se trata de grandes obras de arte.

tim fides "confiança") é a perfeita e absoluta adesão do espírito àquilo que se considera verdadeiro. A fé tem por base a confiança que temos na pessoa que no-la inspira, por a julgarmos não só incapaz de nos enganar, mas também de se enganar a si própria. A pessoa que tem fé em alguma coisa submete o seu espírito sem hesitação e sem exame à autoridade ante a qual se curva, reconhecendo não ter direito para a contestar, ou pô-la em dúvida. Por isso se qualifica de cega, e de inabalável a fé... Este vocábulo é particularmente relativo às religiões, e muito especialmente à religião cristã; pois esta, fundada exclusivamente na revelação, não poderia subsistir se se pusesse em dúvida a veracidade de Moisés e a dos outros profetas. Note-se também que este vocábulo se emprega frequentemente em sentido absoluto, como quando se diz que a fé remove montanhas; que a fé se entibia; que a Idade Média foi o período da fé, etc. – A crença é muito diferente da fé, tanto quando a consideramos nas suas relações com a religião, como quando a encaramos sob outro qualquer ponto de vista. A crença é a aquiescência que se funda no exame e na reflexão; pois só a razão, pesando, comparando e deduzindo, é que nos determina a ter crença... – Opinião é uma adesão pessoal ao que se crê bom ou verdadeiro; mas nela cabe sempre maior ou menor grau de dúvida – a bondade ou verdade do que se crê sendo mais uma presunção que uma convicção. Na fé e na crença, e principalmente na crença há estabilidade; a opinião só se adota condicionalmente: por isso é frequente mudarmos de opinião. Demais, este vocábulo não é relativo a matéria religiosa, com a qual a dúvida ou a hesitação são incompatíveis... É em política e nas ciências que a opinião representa o seu papel principal: os partidos, como as hipóteses, não são mais que opiniões.

602

CRER, pensar, julgar, presumir, supor, cuidar. – Quem crê aceita como verdade aquilo em que tem fé; ou então, em outro sentido (que é propriamente o que tem de comum com os outros verbos do grupo), está propenso a admitir que a coisa é como se lhe diz, ou como tem na mente. Creio na divindade de Jesus. Creio que F. é meu amigo. Creio que aquele moço há de brilhar nas letras. – Pensar é, aqui, "ter no pensamento, ter como opinião, ou modo de ver pessoal, sem ter, no entanto, base para uma sólida convicção, ou para afirmar decisivamente". Penso que as coisas irão melhor do que tu pensas. - Julgar é "pensar com mais algum fundamento; ter opinião baseada em dados ou razões que se pesaram, conquanto não nos autorizem a afirmar ou a negar categoricamente". Julgo que erras, porque sei de muita coisa que tu ignoras. - Quem presume não tem certeza, mas apenas inclina-se a crer levado por indícios, pressentimentos, ou mesmo por ilações muito vagas. Pelo que ouvi numa roda, presumo que o Bento não será candidato (pretendo, suspeito, desconfio que não será candidato). - Supor é admitir por hipótese, ou condicionalmente, segundo um princípio da razão que se tem para crer. Suponho, à vista do que ontem me disseram, que está tudo perdido... Ele supôs que nós queríamos destruir-lhe a igrejinha... - Cuidar, aqui, é ter na atenção, e por isso apenas esperar ou temer que uma coisa seja ou se dê, deste ou daquele modo. Cuido que me não deixarás mal... Cuidaste então que eu não vinha?

603

CRESTOMATIA, seleta, antologia, florilégio, coleção, coletânea, polianteia, silva, miscelânea, catalecto, analecto (folclore). - Coleção de trechos escolhidos - tal é a significação comum a todos os vocábulos deste grupo; convencionalmente, porém, atribui-se a cada um deles determinada particularidade. - Crestomatia (do grego khrestôs "útil", e mathein "aprender") diz-se de uma coleção de trechos seletos de bons autores, coordenados metodicamente em dificuldade crescente para seu estudo. - Seleta, o termo mais usual de todos os deste grupo, designa coleção de trechos seletos de autores de nota, sem nenhuma ideia acessória a respeito da natureza desses trechos, nem da sua disposição. O estudo das crestomatias é mais profícuo que o das seletas. -Antologia (do grego anthos "flor", e legein, "colher") designa particularmente a coleção de poesias primorosas. Não quer isto dizer que na antologia não tenham cabida certos trechos de prosa; mas para que nela figurem devem ser primores de linguagem e de pensamento. - Florilégio distingue--se de seleta em terem neste cabida, não só trechos literários, mas também trechos de obras científicas; ao passo que ao florilégio só pertencem os que são puramente literários. - Polianteia (do grego poly "muitas", e anthos "flor") é reunião de trabalhos literários, quase sempre em homenagem a alguém ou em rememoração de algum fato. É termo análogo a antologia; distinguindo--se, porém, deste em sugerir que a escolha se fez de momento e segundo o critério ou gesto de quem escolheu; enquanto que a antologia designa – escolha feita pelos mais competentes ou mesmo pelo consenso de várias gerações. O que figura na antologia é como se já fosse clássico, pelo menos no país, ou mesmo na província onde se faz a publicação. O que figura na polianteia será apenas o melhor que se encontrou, na opinião do colecionador. Publicam-se polianteias comemorativas mais ou menos detestáveis (e não - antologias). Conviria publicar uma antologia de autores paranaenses, ou de poetas do Maranhão (e nunca decerto - polianteia). – Coleção = reunião, ajuntamento de muitas coisas da mesma espécie e até de espécies e qualidades diferentes. Coleção de histórias; coleção de anedotas; coleção de amostras. - Coletânea (ou coletâneas) = escolha de diversos autores, ou de vários pedaços do mesmo autor. – Silva confunde-se com miscelânea: ambos designam reunião de trechos de um ou de alguns autores, feita sem método. O primeiro dá ainda, melhor que o segundo, ideia de coleção tosca, desordenada como floresta; miscelânea sugere ideia de variedade, profusão e desordem. -Catalecto (do grego katalegô "eu escolho") é a coleção de trechos escolhidos nos autores antigos, particularmente nos gregos e latinos. - Analecto (do grego analektos "recolhido") é a coleção de trechos escolhidos de um só autor. Dão alguns, porém, a este vocábulo a extensão que tem florilégio. (Bruns.) - Folclore está tão introduzido na língua que não é possível negar-lhe aqui lugar: é "a coleção de lendas, tradições, etc. em que, por assim dizer, se condensa a sabedoria anônima de um povo". Dá-se particularmente este designativo à coleção de trovas populares ou xácaras correntes, como eram as sagas dos escandinavos ou como as rapsódias dos gregos.

604

CULTIVO, cultura. — Tanto no sentido moral, como no físico distinguem-se estes dois nomes. Cultivo — diz Bruns. — é "vocábulo menos extensivo que cultura; pois ao passo que este se diz do conjunto das operações necessárias para obter os produtos da terra, cultivo se diz do modo como se faz uma cultura especial, os cuidados e meios que se empregam para obter determinado produto." Dizemos, portanto: na fazenda daquele homem o cultivo das batatas é feito com muito cuidado. Entre todas as culturas foi a que mais apreciamos. — É preciso

acrescentar que, no sentido moral, cultivo é propriamente "a ação de cultivar"; e cultura é o estado ou a qualidade de culto. A França é um país de alta cultura, e onde o cultivo da mocidade se faz com muito carinho.

605

CUMPRIR, observar, guardar. - Segundo Bensabat, estes verbos são sinônimos no sentido de fazer ou executar o que está prescrito por uma ordem ou por uma lei ou mesmo por um dever moral. O sentido próprio de **observar** é ter à vista, prestar atenção a, impor a si mesmo como regra ou como norma. "Se houvéssemos de observar aquela sentença do rei egípcio..." (d. Franc. de Melo). O sentido próprio de guardar é ter sob sua guarda, velar sobre, ter sempre à vista com muito cuidado o objeto para o conservar e defender: "Pouco se poderá acrescentar como novidade guardando-se, como se deve guardar, o preceito crítico que manda julgar os livros pelos princípios." (Reb. da Silva) O sentido próprio de cumprir é tornar efetivas as prescrições de desempenhar, executar com toda exação e rigor: "Cumprir uma ordem; cumprir a lei".

606

DAMA, mulher, dona, matrona, senhora. - Segundo Roq. - mulher é palavra genérica, que corresponde a homem, e significa a criatura racional do sexo feminino; e por excelência – a que está casada. – Dona é corrupção de domina "senhora", e significa "senhora de respeito, casada, viúva, religiosa, de certa idade, etc., e por isso serve de distintivo que se dá a uma senhora de qualidade junto a seu nome". Em significação secundária, designa a mulher que já conheceu varão, como diz positivamente o autor do Palmeirim: – "Quando o escudeiro chegou, a que ficara virgem, e houvera no entretanto ajuntamento com o cavaleiro seu amo, era feita dona, e bem contente" (II, c. 106). E no mesmo sentido parece ter dito Camões:

Estavam pelos telhados e janelas Velhos e moços, donas e donzelas. (Lus. VII, 49.)

Dama é originariamente a mesma palavra dona, vinda de domina pela francesa dame; mas tem sempre a significação certa de mulher nobre e de qualidade conhecida, talvez como hoje dizemos fidalga; teve, porém, depois uma significação secundária diferente da de dona, isto é, a significação de - "mulher galanteada de algum cavalheiro"; e degenerou até significar "manceba, concubina", com o mesmo valor que maîtresse entre os franceses; como se vê na Carta de Guia, p. 90, em que d. Francisco Manuel diz: - "Aquele amor cego fique para as damas, e para as mulheres o amor com vista". Matrona é palavra puramente latina, e significa "a mulher, mãe de família, nobre e virtuosa". - Senhora é "a sócia, ou companheira do senhor; portanto – a mulher casada em relação a seu marido, a mulher distinta pela rigorosa compostura".

607

DANOSO, prejudicial, nocivo, pernicioso, lesivo, perigoso, maléfico, ruinoso. - Danoso é propriamente "o que produz ou traz mal ou dano", tanto moralmente como no físico. – Prejudicial é "o que importa perda ou prejuízo"; e como a perda ou o prejuízo é sempre um dano, segue-se que facilmente se confundem estes dois adjetivos. Há casos, no entanto, em que não seria lícito substituir um pelo outro conservando-lhes uma rigorosa propriedade; por exemplo: "O incêndio foi mais danoso ao prédio do que se supunha". "O mau tempo tem sido muito prejudicial aos meus negócios". Ainda no primeiro destes casos poder-se-ia, sem grande pecado, dizer que o incêndio "foi

mais prejudicial"; mas, no segundo, provavelmente ninguém diria que pudesse caber danoso, mesmo porque negócio não é coisa que se danifique. O prejuízo, no negócio, resulta de não se lucrar dele quanto se calculava: o dano, no prédio, é o mal que ele sofreu. – Nocivo é também "o que produz ou pode produzir mal, que é próprio para causar dano". Confunde-se com pernicioso. Este, no entanto, é mais forte, e aplica-se melhor para designar "o que produz males irremediáveis, ou que pelo menos são de gravidade alarmante". Há alimentos nocivos à saúde (isto é – que arruínam, ou que alteram a saúde); e os venenos são perniciosos (isto é – são tão nocivos que podem causar a morte). Daí o dar-se o nome de perniciosas às febres de mau caráter, sendo certo que toda febre é nociva. - Perigoso distingue-se de todos os precedentes pela particularidade, que marca muito claro, de deixar dúvidas quanto ao mal que possa causar: o que é perigoso pode ser, ou não, prejudicial, ou danoso; pode ter, ou não, más consequências. É perigoso saltar de um carro em movimento. É perigoso expor-se ao mau tempo. – Maléfico diz propriamente – "que produz mal"; e confunde-se, portanto, com danoso, prejudicial, nocivo, e mesmo com pernicioso. É fácil de ver, entretanto, que nem sempre poderia ser usado em vez de qualquer destes. Foi o incêndio muito danoso (e não - maléfico). O mau tempo foi prejudicial às festas (e não - maléfico). Há frutas nocivas às crianças (e não - maléficas). De todos o que mais se poderia confundir com maléfico é pernicioso: raro será o caso em que se não pudessem trocar. – Ruinoso é "o que causa ou pode causar estrago, ruína". Aproxima--se de nocivo, conquanto não seja possível confundi-los em muitos casos, mesmo porque nocivo, em regra, exige um complemento, enquanto que ruinoso é de significação mais geral e absoluta. "A administração daquele homem foi *ruinosa*" (deixou estragos gerais); "a administração dele foi *nociva* ao ensino público" (fez particularmente mal ao ensino).

608

DAR, doar (dádiva, dote, dom; donativo, doação, dotação); oferecer, apresentar, entregar. – Conquanto na sua estrutura coincidam na mesma raiz (gr. do, que sugere ideia de "dom") distinguem-se estes dois primeiros verbos do grupo essencialmente, como já eram distintos no latim, na acepção em que são considerados como sinônimos (dare e donare). – Dar é "passar a outrem a propriedade de alguma coisa, mas sem nenhuma formalidade, apenas entregando-lhe ou transmitindo-lhe a coisa que se dá". -Doar é "dar com certas formalidades, mediante ato solene ou documento escrito, e ordinariamente para um fim determinado". O que se dá é dádiva, dom, ou dote, ou dotação. Entre estas três palavras há, no entanto, distinção essencial, em certos casos pelo menos. O dom e a dádiva são graças que se fazem por munificência, pelo desejo de agradar, ou com o intuito de comover, ou de tornar feliz. – Dom é vocábulo mais extenso, e é com mais propriedade aplicado quando se quer designar "bens ou qualidades morais"; conquanto se empregue também para indicar dádiva, que se refere mais propriamente a coisas materiais. A inteligência, ou melhor, a fé, as grandes virtudes são dons celestes (não – dádivas). O lavrador tinha a boa colheita como dádiva de Ceres (não - dom). - Dote (do latim dos... tis, de dare), "além de significar dom, isto é, virtude, qualidade de espírito, ou mesmo predicado físico, é termo jurídico, significando "tudo que a mulher leva para a sociedade conjugal". Entre dote e dotação, além da diferença que consiste em designar, a primeira a própria coisa com que se dota, e a segunda,

a ação de dotar – há ainda uma distinção essencial, marcada pela propriedade que tem dotação de exprimir a "renda ou os fundos com que se beneficia uma instituição, um estabelecimento, ou mesmo um serviço público". A dotação de uma igreja, de um hospital, do ensino primário (e não – o dote). – O que se doa é donativo ou doação. O donativo é uma dádiva, um presente feito por filantropia, por piedade, ou por outro qualquer nobre sentimento. A doação (além de ato ou ação de doar) é "um donativo feito solenemente, mediante escritura pública"; é o "contrato – define Aul. – por que alguém transfere a outrem gratuitamente uma parte ou a totalidade de seus bens presentes". F. fez à Santa Casa a doação do seu palácio tal (não - donativo). "O rei, de visita à gloriosa provincia, distribuiu valiosos donativos pelas instituições de caridade" (não - doações). - Oferecer diz propriamente "apresentar alguma coisa a alguém com a intenção de dar-lhe". Significa também "dedicar"; isto é, "apresentar como brinde, como oferta, ou oferenda". Oferecer o braço a uma senhora; oferecer um livro a um amigo; oferecer a Deus um sacrificio. – Apresentar é "pôr alguma coisa na presença de alguém, oferecendo--lha, ou mesmo pedindo-lhe apenas atenção para ela". - Entregar é "passar a alguém a própria coisa que se lhe dá, ou que lhe pertence". Entre dar e entregar há uma diferença que se marca deste modo: dar é uma ação livre; **entregar** é uma ação de dever.

DÉBIL (debilitado), fraco (enfraquecido), frágil. - Fraco e frágil originam-se do mesmo radical (frango fragilis, fractus) e significam, portanto, falta de forças, de consistência, de firmeza. Mas frágil, além de aplicar-se no sentido moral, exprime uma qualidade própria de certos corpos, e neste sentido não se confunde com fraco. O vidro, por exemplo, é, de sua própria natureza, frágil (e não fraco). - Débil (de + habilis não hábil, falto de habilidade, de destreza, de forças, ou das forças que tinha ou que lhe eram próprias) é "o que tem diminuídas as forças, que se acha exausto, esgotado de energia, sem vigor, sem robustez". - Entre débil e debilitado há a diferença que se marca pela circunstância de que debilitado supõe sempre uma causa atual da debilidade: ideia que se não encerra em débil. Está debilitado pela doença, pelas privações, pelos sofrimentos (e não – débil). - Débil, portanto, indica uma qualidade própria, uma condição mais permanente; e debilitado indica estado; e por isso mesmo não diríamos em caso algum – "está débil", em vez de – "está debilitado". Diferença igual se nota entre fraco e enfraquecido, se bem que menos rigorosa ou menos sensível. Dizemos perfeitamente – "sinto-me ainda muito fraco; estou ainda muito fraco", em vez de – enfraquecido. Não seria próprio, no entanto, dizer; "sou enfraquecido de coração, ou de saúde"; nem: "está fraco da, ou pela moléstia".

610

DEBUXO, esboço (esboceto), bosquejo, risco (risca), delineação, delineamento, figura, plano, planta, traçado, projeto, desenho, modelo, molde, ideia, escorço. - Todas estas palavras relacionam-se pela ideia comum, que encerram, de sugerir por algum modo uma coisa que se fará segundo o modelo que a traços gerais dela se dá. - O debuxo representa o objeto vagamente, apenas pelos seus contornos gerais. - O esboço é a figura que nos dá as grandes linhas de um desenho; é como que um princípio de execução da obra que se vai realizar, e da qual se dá assim uma ideia em miniatura. Tanto se pode dizer tratando-se de uma obra de pintura ou desenho, como de uma estátua, ou mesmo de uma obra literária. - Esboce-

to é um diminutivo de esboço. - Bosquejo é como que uma concepção do artista projetada imperfeitamente, ou sem ter ainda a perfeição de que é suscetível, mas dando já uma ideia do que será a obra definitiva. Distingue-se de **esboço** em ser este apenas um desenho a traços gerais; enquanto que no bosquejo, por menos preciso que seja o relevo, já há cores. - Risco ou risca é a figura pela qual se dá, da obra planeada, uma ideia ainda mais vaga ou menos precisa que pelo debuxo. Diz-se mais particularmente tratando-se de construções. - Delineação é propriamente a ação de delinear, isto é, de figurar alguma coisa por simples linhas. Nem sempre é o mesmo que delineamento; pois este se aplica de preferência para designar a própria figura que se delineou. Dá-se um delineamento geral do edifício; fez ou lançou os primeiros delineamentos da povoação (e não – as primeiras delineações; nem – a delineação geral). - Figura é a representação de uma coisa ou pessoa; ou - dizem Bourg. e Berg. – "a cópia de um original considerada sob o ponto de vista da forma, dos contornos, do desenho". Não é, portanto, uma cópia exata, fiel, perfeita do original, ou uma imagem nítida, precisa do que se concebeu ou planeou: na **figura** não se consideram mais que certas relações de forma, de cor, etc., com a pessoa ou coisa que se representa. A figura é, no entanto, mais que o simples delineamento e que o esboço; tanto que se diz - o esboço ou o delineamento de uma figura. – Plano, planta, traçado e projeto aproximam-se pela ideia, que lhes é própria, de representação, por meio de linhas de alguma obra que se planeia. De todas, neste sentido, a mais usual é planta, que é o desenho em que se dá uma ideia exata da posição e das relações que entre si guardam as diferentes partes da coisa planeada; podendo ser o plano uma planta menos precisa e menos detalhada. O projeto é, como

o plano, uma ideia geral daquilo que ainda se vai fixar. O termo **traçado** sugere ideia de rumo, de orientação, e aplica-se particularmente a plantas de caminhos. - O desenho representa o objeto na sua forma própria e com a possível fidelidade e perfeição; apenas nele não se empregam cores. - Modelo e molde, que coincidem na mesma origem latina (modulus, "medida, tipo"), significam a figura ou a imagem da coisa que se vai reproduzir. Nem sempre, no entanto, poderá aplicar-se um pelo outro. Não diríamos, por exemplo: "F. é um molde de virtudes patrióticas" (e sim – "um modelo de virtudes"). Quer isto dizer, portanto, que molde é a "forma a que se devem adaptar as coisas do mesmo gênero"; e modelo é "a norma, o tipo que, no gênero, deve ser imitado ou reproduzido". - Ideia é "o meio ou modo, qualquer que seja, pelo qual se sugira aquilo que pretendemos realizar". - Escorço é o "desenho de uma coisa em miniatura"; ou, se se trata de trabalho literário, é "a ideia ligeira, ou o plano conciso de uma composição que se vai fazer, ou de um pensamento que se poderia, ou poderá ampliar".

611

DECAIR, descair. - Não se podem confundir estes dois verbos. - Decair é baixar, declinar, enfraquecer-se, deixar de ser o que era. Decaiu da confiança, do conceito, da estima de alguém. – Descair é sair da posição ou da linha, desviar-se da direção que levava. Ninguém descai sem desdoiro: a descaída é sempre uma depressão ou um deslize. Descaiu para o vício. Descaiu para a esquerda, para o sertão.

DECAPITAR, degolar, guilhotinar, descabeçar. – A ideia de "separar a cabeça, cortando o pescoço" é comum a estes verbos. Mas tem cada um a sua propriedade específica segundo os casos em que são aplicados. Dizemos, por exemplo: "Os bandidos entraram, e foram degolando a torto e a direito" (e não - decapitando, pois este verbo sugere, em regra, solenidade de execução; o que – deve notar-se – não impede que possa empregar-se o mesmo, em sentido figurado, sem esta restrição; como quando se diz: "a criança foi ao jardim, e decapitou todas as flores"). Não se condena um criminoso a ser degolado, mas a ser decapitado. O bandido foi decapitado na praça pública (e não – degolado, pois degolar sugere ideia de execução fora de toda ordem legal). – Guilhotinar é decapitar na guilhotina; enquanto que decapitar é decepar a cabeça por golpe de cutelo. -Descabeçar é "tirar a cabeça, de qualquer modo"; e aplica-se mais no sentido material de cortar a cabeça, a extremidade superior de coisas, de pessoas ou mesmo de animais.

613

DECORO, dignidade, honra (honor), decência, reserva, recato, gravidade, pudor, vergonha, compostura. - Diz Roq. que - "Cícero distingue duas espécies de decoro: um, geral, que se estende a tudo que é honesto; e outro, particular, que pertence a cada uma das partes da honestidade. Define o primeiro: o que é consentâneo à excelência do homem, naquilo em que sua natureza o diferença dos outros animais; e o segundo, como espécie do primeiro: o que é consentâneo à natureza do homem, de modo que nisso se manifeste moderação e temperança com certo ar nobre (De Off. I, 28). – Dignidade é a qualidade que constitui um homem digno da consideração e honra que se lhe tributa; e também a maneira grave como procede em harmonia com os empregos que exerce, ou a graduação que ocupa na ordem social. – Honra é a boa opinião e fama adquirida pelo mérito e virtude; e considerada no indivíduo, o que se devia chamar honor, é aquele sentimento habitual que leva o homem a procurar esta boa opinião e fama pelo cumprimento de seus deveres e pela prática de nobres ações - é o segundo anjo de guarda da virtude, como disse Vieira. O sentimento da honra nasce do desejo inato, que todos temos, de merecer a estima de nossos semelhantes. O sentimento do decoro nasce da ideia de superioridade aos irracionais que em nós sentimos, e da tendência a mostrar esta mesma superioridade aos que são de uma condição inferior. O sentimento da dignidade resulta de nossa posição social, e da justa ideia de fazer ações consentâneas aos cargos que ocupamos, ou à jerarquia a que pertencemos. O primeiro leva o homem à virtude, e às ações generosas; o segundo sustenta-o para que se não degrade; o terceiro avisa-o que nada faça que lhe deslustre o bom nome, ou lhe diminua a reputação. No que o mundo chama honra há muitas vezes mais vaidade que virtude; no que se chama decoro tem não poucas vezes mais parte a opinião pública do que a razão; e no que se chama dignidade domina de ordinário mais a hipocrisia que a sinceridade. – O que dissemos – continua Roq. – a respeito de erro e error pode aplicar-se a honor e honra. Usavam os nossos antigos mui acertadamente dos dois vocábulos com distinta significação; mas os modernos, talvez porque o primeiro cheirava a castelhano, ou porque entenderam que ambos significavam a mesma ideia, condenaram ao esquecimento o primeiro, e só usam do segundo. Respeitamos os direitos de uso; mas, como neste caso é arbitrário e despótico, dir-lhe--emos que não tem razão; e os homens de bom senso e inteligentes deveriam reabilitar a palavra honor, para evitar a homonímia, diferençando-a de honra pela maneira seguinte. O honor é independente da opinião

pública, é qualidade inerente à pessoa. Assim dizia o autor da Eufrosina: 'Perdi meu bonor, maldizendo e ouvindo pior'. A honra deve ser o fruto do honor; isto é, a estimação com que a opinião pública recompensa aquela virtude. Um homem de honor é a honra de sua família. Herda-se o honor, e não a honra: esta funda-se depois nas ações próprias e no conceito alheio. Honra-se alguém, mas não se lhe dá honor. Um soberano honra com sua presença a casa de um súbdito; mas, se este não tiver honor, não ficará por isso mais bonrado". – Segundo Bruns. – "a gravidade é ostentosa e aparente, e consiste particularmente em evitar tudo aquilo que é frívolo, ou em que há ligeireza. Presta-se este termo a ser tomado em sentido irônico por designar uma certa dignidade fictícia que o amor próprio impõe às pessoas que têm a convicção de que passariam despercebidas se não se apresentassem gravemente - dignidade que também é comum àquelas que fazem uma ideia exagerada do lugar que ocupam na sociedade, e do que exige realmente a sua verdadeira situação". – A decência (do latim decet "é conveniente") consiste no conjunto das exterioridades que, segundo as exigências da época em que se vive, harmonizam entre si a aparência da pessoa e a sua compostura, sua linguagem, seu trajar, seu modo de receber os que a procuram, etc. Este termo é, portanto, exclusivamente relativo ao que na pessoa é puramente exterior, e não se diz tanto com relação a ela própria como em relação aos que com ela convivem ou têm de tratar. Assim é que o trajo que reputamos como decente num lavrador não o será num magistrado, pois a decência, como acabamos de dizer, não é uma qualidade intrínseca, mas um conjunto de circunstâncias que os outros querem ver em nós. Sob o ponto de vista moral, a decência é uma certa reserva que guardamos nas nossas relações sociais e que consiste na estrita observância

das leis que as prescrevem. Em sentido mais restrito, e mais próximo de pudor e vergonha, a decência implica também a ideia do meio em que se vive, e consiste no respeito da moral que induz a não ofender a castidade. Há senhoras que vestem sem a decência que a moral impõe. - Consiste a reserva no cuidado de não sair da conveniência e discrição que se calculou, de não ultrapassar uns certos limites - o que constitui uma qualidade negativa, e não propriamente uma virtude. - O recato, sendo igualmente uma qualidade negativa, que induz a evitar as ocasiões de perigo ou de tentação, não pode em absoluto ser considerado como virtude; este termo não significa "cuidado em não ofender", mas sim "cuidado em evitar que se nos ofenda". – O pudor é sinal exterior de inocência e de pureza de costumes. – A vergonha é, aqui, um pudor muito delicado que nos impede de fazer alguma coisa que se contrapõe aos nossos escrúpulos morais, à nossa compostura; sendo esta "a correção com que nos compomos (no moral e no físico) para guardar com os outros a conveniente decência".

614

DECEPÇÃO, desilusão, desengano. - Decepção é "surpresa por não encontrar o que se esperava, ou por não ter saído como se tinha calculado". - Desilusão é "surpresa de verificar que não é ou não saiu como se estava certo que era ou que havia de sair". -Desengano é o desapontamento, a tristeza, ou a desconsolação que traz a decepção ou a desilusão.

615

DECEPÇÃO, surpresa, engano, logro, ilusão, codilho. – Decepção é o termo geral que exprime "o modo como o nosso espírito se surpreende com aquilo que não esperava". - Surpresa é "o susto que experimentamos ao dar com aquilo que para nós é imprevisto". – Engano é "a ilusão ou erro em que se cai, devido ou ao nosso desapercebimento, ou à astúcia de outrem". Neste último caso, logro é o termo próprio; pois este vocábulo sugere a ideia dos meios que se puseram em prática para induzir-nos em engano. – Ilusão é "o engano que devemos em regra mais ao nosso espírito do que ao intento ou esforço alheio". – Codilho é "o logro que se nos prepara com dissimulação e astúcia".

616

DECLARAR, descobrir, manifestar, revelar, divulgar, publicar, promulgar, anunciar, noticiar, desvendar, expor, patentear, explicar, enunciar, expressar, referir, relatar, narrar, contar, mostrar, proclamar, espalhar, assoalhar, apregoar, propagar, propalar. - Tratando dos seis primeiros verbos deste grupo, diz Roq. que "todos significam, em geral, dar a conhecer o que estava ignorado; podendo isso verificar-se por vários modos, segundo cada um particularmente indica. - Declarar é pôr em claro, aclarar, explicar, interpretar o que está escuro, ou não se entende bem. - Descobrir é, como já se viu em outro grupo, tirar o que cobre, oculta uma coisa; destapar, abrir, alcançar a ver. - Manifestar é pôr as coisas como à mão, mostrá-las, presentá-las, fazê-las patentes. – Revelar é tirar, levantar o véu; supõe uma violação de juramento ou de estreita obrigação, ou penoso esforço para publicar o mui reservadamente sabido ou secretamente guardado ou oculto, resultando desta revelação ou grandes benefícios ou graves danos; como quando se revela uma extensa e infernal conspiração, um segredo de Estado, ou o sigilo da confissão, que é o mais sacrílego crime. - Divulgar é patentear, dar a conhecer a todos uma coisa, propagando-a tanto que chegue a ser geralmente sabida, até do mesmo vulgo. - Publicar é fazer patente ou notória uma coisa por quantos meios houver. Aplica-se mais geralmente este verbo tratando-se de matérias que a todos interessa saber, como são leis, ordens, decretos, regulamentos; e para isto vale-se o governo de pregões, proclamas, bandos, circulares e anúncios nos papéis públicos. - Declaram-se as intenções, os desejos, as ações que não eram conhecidas, ou quando muito que eram conhecidas incompletamente, ou de um modo incerto. Descobre-se a alguns o que lhes era oculto, dando-lhes disso notícia. Manifesta-se o que estava escondido, pondo-o patente, ou aclarando com expressões positivas e terminantes o que era simulado. Revela-se um segredo por se não poder guardar, e muito mais quando disto resulta interesse ou glória. Divulga-se o que não era sabido de todos, estendendo-se a notícia por toda parte. Publica-se o que não era notório, fazendo-o de um modo autêntico e formal, para que chegue à notícia de todos, e ninguém alegue ignorância". – No sentido deste último verbo, promulgar é o mais próprio. Além disso, promulgar designa particularmente a ação de fazer autêntico o texto de uma lei, mediante uma fórmula própria e solene. O ato de promulgar é independente do ato de publicar, sendo a publicação apenas uma formalidade da promulgação. – Anunciar é fazer público por meio de anúncio, isto é, por declaração mais ou menos minuciosa do que se quer que seja conhecido. E num sentido mais restrito – anunciar "é fazer público, por algum sinal, o que há de vir". - Noticiar é "publicar como coisa nova, como fato não sabido". Noticia-se um escândalo que se dera (não - anuncia-se). Anuncia-se um espetáculo, uma sessão para amanhã (não - noticia-se). - Desvendar é quase o mesmo que revelar, apenas com esta diferença: desvenda-se o alheio - um negócio, um segredo que interessa mais diretamente,

ou mais propriamente a outra pessoa; revela--se o que nos diz respeito a nós próprios uma suspeita, um intento, uma ideia, etc. -Expor é propriamente "apresentar às vistas de alguém", e no sentido em que este verbo se faz sinônimo dos outros deste grupo - é fazer, explicando por palavras, - uma comunicação ou publicação tão clara como se se "pusesse o que se quer comunicar ante os olhos da pessoa a quem se comunica". - Patentear é "expor com grande publicidade, em termos claros e precisos, de modo que fique evidente o que se expõe". - Explicar é "fazer claro, inteligível o que é obscuro ou confuso". – Enunciar é "dizer por palavras, como se do nosso espírito puséssemos para fora o que pensamos". – Expressar é "enunciar com clareza, pelos termos próprios, que não deixem lugar a dúvidas, nem a sentido ambíguo". – Referir é "contar, comunicar, passar a outrem aquilo que se ouviu; publicar segundo o que nos disseram". - Relatar é "referir minuciosamente depois de haver estudado a matéria que se refere". - Narrar é apenas "expor (o que se ouviu, o que se leu, ou o que se sabe) com toda minuciosidade". – Contar é dar conta, passar (alguma coisa que se ouviu ou soube) a outrem. Sugere este verbo a ideia de que a pessoa que ouve tem interesse em saber o que se lhe conta. – Mostrar é "pôr diante dos olhos"; e só figuradamente é que se emprega este verbo como significando – "fazer entendido tão bem, tão perspicuamente como a coisa que se vê". - Proclamar é "anunciar, publicar em alta voz e com solenidade". – Espalhar, como os quatro últimos que se lhe seguem, enuncia a ideia de "fazer passar, sem reserva e sem ordem, a notícia de alguma coisa, ou o anúncio do que se espera, ou aquilo que não se sabia". Mas: - espalhar não sugere mais que o intuito de fazer conhecido o fato de que se trata; – assoalhar é "espalhar com desabrimento, publicar com ostentação"; -

apregoar é "assoalhar espalhafatosamente, anunciar gritando"; - propagar sugere o interesse com que se espalha e divulga; e propalar é "pôr, ou fazer entrar, com cautela e habilmente, no domínio do vulgo". Quem propala não assoalha, não apregoa, nem mesmo publica propriamente, mas vai passando o que sabe, ou o que intenta, como a meia-voz, clandestinamente.

617

DECOMPOR, analisar, anatomizar, examinar, dissecar, destrinçar, esmiuçar, escalpelar. – Decompõe-se um todo separando-lhe as diferentes partes, discriminando os elementos que o compõem. – Analisar é "fazer exame detalhado, minucioso, e sob um dado ponto de vista". - Anatomizar é, aqui (em sentido translato), "fazer estudo cientificamente, estudar a fundo, examinar com muito cuidado todos os detalhes". - Dissecar só difere do precedente em conservar no sentido translato alguma coisa do que a diferença do mesmo no sentido próprio: só se dissecam cadáveres, animais mortos; podem anatomizar-se tanto os mortos como os vivos, e mais particularmente estes. - Examinar, como já vimos em outro grupo, é "considerar com muita atenção o que temos a alcance dos olhos, discriminando particularidades, pormenores". - Destrinçar, no sentido figurado que tem aqui, é "explicar, expor, esmiuçar, como desfazendo a confusão que existia no que se destrinça". - Esmiuçar é "examinar, estudar muito por miúdo, nos mais insignificantes detalhes". - Escalpelar é propriamente cortar com o escalpelo; e no sentido figurado diz – "analisar com todo rigor, como fazendo uma verdadeira dissecção da coisa que se analisa".

618

DECRETO, lei; aviso, resolução. - Decreto é "o que se determina" (num caso

particular); lei é "o que se estatui ou se prescreve para casos gerais, como fixando princípios que os devem reger". No entender de Lacerda, "decreto, segundo a origem, exprime a ação de discutir e julgar, é o resultado das opiniões dos que discerniram, isto é, debateram e tomaram resolução acerca de alguma coisa. - Lei é a expressão da vontade soberana, e é nela que repousa a ordem pública. As cortes decretam, e os seus decretos só têm força de lei pela aceitação do soberano". Bruns., que diz haver Lacerda compreendido mal estes dois vocábulos, nem por isso foi mais feliz, explicando-nos que "no regímen atual, só os corpos legislativos podem fazer leis propriamente ditas. Qualquer lei que tenha outra origem – se tal origem for elevada – é apenas um decreto. A lei é a expressão da vontade de todos; o decreto é a medida que um ministro julga útil". -Quanto a decreto, pelo menos, é Lacerda quem está com a verdadeira noção. É ele que se concilia com outros sinonimistas, mesmo quanto à lei. - "Decreto", diz Alves Passos, "vem do latim discernere, e exprime a ação de discutir e julgar - é o resultado das opiniões dos que discerniram. - Lei é a expressão da vontade soberana, e é sobre ela que repousa a ordem pública. (Lacerda, como se viu, repete esta definição.) Os parlamentos decretam, e os seus decretos só adquirem força de lei pela aceitação do soberano. 'As Cortes... decretaram, e nós sancionamos a lei seguinte...' – assim se verifica entre nós a promulgação das leis". - Em outra parte, tratando de decisões de concílio, cânones e decretos, escreve o mesmo autor: "Decisões de Concílio são todas as suas determinações a respeito das matérias da sua competência: é o termo genérico, que abrange cânones e decretos. -Cânones são as decisões relativas ao dogma e à fé, e são obrigatórios para todos os fiéis

sem exceção de pessoa, porque são sancionados pela autoridade do Espírito Santo, cuja assistência perpétua foi prometida à Igreja⁵¹. – Decretos são as decisões que regulam a disciplina eclesiástica: os decretos dos Concílios não são obrigatórios num Estado senão depois de obterem a sanção e assentimento do Rei e dos Prelados nacionais". - Lafaye trata largamente dos dois vocábulos, ilustrando, como sempre faz, de grande número de exemplos clássicos as suas definições. Mas Bourg. e Berg. resumem perfeitamente o melhor nestes termos: "A lei (do latim lex) é uma determinação emanada de uma autoridade, e ordenando ou proibindo certas coisas: é um termo geral que exprime a vontade de todos e se aplica a todos. O decreto (do latim decretum, supino do verbo decernere52 'decidir') é, ao contrário, particular no seu objeto e em sua origem: um decreto pode não aplicar-se senão a uma pessoa, ou a um pequeno número de pessoas, e pode não tratar senão de um só ponto (ou de uma só questão). Em suma, o decreto exprime apenas a vontade de um só homem, ou de um pequeno número de homens: não é, pois, essencialmente obrigatório, como a lei, para todos, e em todas as circunstâncias. É uma lei que, nos países livres, fixa o orçamento e a taxa do imposto; é por decretos que são nomeados os altos funcionários. Além de tudo, **decreto** serve muitas vezes para designar as mesmas prescrições da lei: devemos todos obedecer aos decretos desta lei. Enfim, os decretos podem adquirir força de lei, tornar-se leis verdadei-

51 Cânones corresponde a leis na ordem temporal.

52 Viu-se que Alv. Pas. dá como do latim discernere. É evidente que se engana; pois discernere não só não dá no supino decretum, e sim discretum, como é decernere que significa "julgar", "decidir", "pôr termo"; enquanto que discernere quer dizer "separar", "diferençar", "distinguir", "discernir".

ras, mediante certas sanções: é assim que as decisões do conselho dos Quinhentos traziam o nome de decretos, até que fossem transformadas em leis pela sanção do conselho dos Anciãos". - Os dois últimos vocábulos do grupo distinguem-se deste modo: aviso é uma decisão, dentro da lei, é claro (ou interpretando, explanando pontos ambíguos ou confusos da lei), e em caso concreto, de administração, ou mesmo de direito; resolução, aqui⁵³, é decreto ou aviso (mais propriamente decreto) estatuindo o que convém sobre uma dada questão ou matéria, ou em caso ocorrente. Aviso aplica-se particularmente a atos de ministros; os corpos legislativos tomam também resoluções.

deformidade, DEFEITO, imperfeição, vício, falha, balda, pecha, sestro, manha, mania, tacha, falta, eiva, senão, fraco. - Segundo Lacerda, defeito "exprime o que há de mau em alguma coisa relativamente ao fim a que ela se destina. – Deformidade é a fealdade física, herdada ou adquirida. - Imperfeição, rigorosamente, é a falta de perfeição; mas geralmente designa defeito leve, de pouco momento. – Vício é a predisposição maléfica de qualquer coisa que lhe corrompe a bondade, que, a não existir aquela, lhe seria própria. No sentido figurado, vale o mesmo que falta, defeito, maldade". Alv. Pas. completa as suas definições, seguidas quase à risca por Lac., com os seguintes exemplos: "A indigestão causada por excessos no comer é menos perigosa que a devida a vício do estômago. A falta de dentes é um defeito grande para a beleza, e muito notável na pronunciação. O estrabismo é uma deformidade considerável, e quase sempre os que são afetados dele são tortos em todos os sentidos. As pessoas muito escrupulosas reputam as imperfeições como pecados e erros graves". - Falha, falta, eiva e senão muito se aproximam, e em todos os casos não seria muito sensível a substituição de uns pelos outros. É, no entanto, preciso distinguir falta e senão dos dois outros, falha e eiva. Falha e eiva designam ausência de alguma coisa sem a qual não se julga perfeito ou em estado ou condições normais o objeto de que se trata; e no sentido translato significam – "ausência de alguma qualidade ou aptidão que se julga própria, normal no comum dos indivíduos". Enquanto que falta e senão marcam propriamente - "ligeiro defeito moral". Cometem-se faltas ou senões (não se cometem falhas ou eivas). Ter falta de caráter é o mesmo que não ter caráter: ter alguma falha ou eiva de ou no caráter é – ressentir-se da insuficiência ou mesmo da falta de uma determinada qualidade que se supõe própria da pessoa de caráter. Um homem piedoso, gentil, estimável em suma por muitas qualidades, pode ser de uma lamentável fraqueza moral, ou mesmo não ser de probidade muito escrupulosa, ou até pouco exigente em questões de honra: tal homem pode ser censurado dessas falhas ou eivas de caráter (não, rigorosamente, de falta de caráter, pois as qualidades que o caracterizam são aquelas outras). - Senão é um defeito ainda mais ligeiro do que falta. - Balda, sestro, mania, fraco também se aproximam, e têm de comum a significação de pequeno ou leve defeito habitual, que leva a pessoa a portar-se ou a agir em certos casos como inconscientemente, e só por apego a seu próprio modo de ser ou de julgar. Dos quatro, sestro é o que mais se avizinha de defeito, e tanto no sentido moral como no físico. Os outros só se aplicam no sentido moral. Balda e fraco são como vagas tendências ou caprichos que induzem a preferir uma coisa a

^{53 •} Como termo jurídico, resolução é coisa muito diferente.

outra sem motivos de razão. Damos na balda ou no fraco a uma pessoa quando acertamos de agitar-lhe no ânimo ou no gosto alguma coisa que a estimule. - Mania é mais do que balda ou fraco, pois é quase vesânia em muitos casos. Em um sentido mais vulgar - mania diz "uma como balda mais funda, como se acusasse na pessoa, que a tem, uma ideia fixa a preocupá-la". - Pecha é defeito ou falta grave, que poderia comprometer o crédito da pessoa em cujo caráter fosse notada. Significa também – mácula, estigma, labéu; e por isso mesmo só pode ser empregada para deprimir. - Tacha está nas mesmas condições da precedente: é "mancha ou senão moral, que desdoira". - Manha é "habilidade para enganar, astúcia dolosa; balda que é mais calculada que natural ou inconsciente; sestro de sujeito velhaco".

620

DEFENDER, justificar. - Defender é impedir que se ataque, proteger alguém rebatendo ou destruindo as acusações que se lhe fazem. – **Justificar** é mostrar como a ação ou a conduta de uma pessoa não discrepou do justo, do moral. Pode-se, portanto, defender sem conseguir justificar. Sempre que se justifica também se defende, pois não há necessidade de justificar senão quando há acusação. Defende-se um réu provando como ele está inocente de quanto contra ele se articula. Justifica-se alguém de uma falta mostrando como não a cometeu.

DEFENDER, proibir, vedar, impedir, inibir, obstar, interdizer, interditar, estorvar, embaraçar, dificultar, tolher, impossibilitar. – "Concordam estes verbos", diz Bruns., referindo-se aos cinco primeiros do grupo - "em exprimir que se quer que outrem não faça uma ação, ou simplesmente que se ordena uma certa abstenção. Defender sugere a ideia de autoridade superior e cordata, que tem em vista evitar um mal, que ou redundaria em prejuízo de quem o praticasse, ou ofenderia a quem o recebesse. A disciplina militar defende o sono às sentinelas. - Proibir manifesta, como defender, ordem de autoridade que não quer que se faça alguma coisa, ou que se use dela. Este verbo não diz se a ordem é justa ou injusta. Quem proibe não justifica o seu mandado, mas exige obediência. A Igreja Católica proíbe a leitura dos livros que podem fazer duvidar da sua autoridade. Proibir é mais usual que defender. - Vedar significa propriamente tolher, impedir o passo, e, extensivamente, opor-se a alguma coisa por arbitrariedade. A entrada nos templos católicos é vedada, em determinadas solenidades, aos fiéis que não podem apresentar-se senão com andrajos. – Impedir é opor-se a que um ato se realize. A autoridade deve adotar medidas para impedir a alteração da ordem pública. - Inibir só deve dizer-se quando o ato, sendo ilegal, ou reputado como pouco legítimo, deve ser reprimido, ou pelo menos circunscrito a determinados limites. O único casamento válido ante a lei devera ser o civil, sem que, porém, se inibisse o religioso". - Obstar é "impedir materialmente (opondo obstáculo) que se faça alguma coisa". Obstaram à passagem da ponte. É preciso obstar a que se invada a praça. - Interdizer é proibir por ato público, suspender funções, uso de algum direito. Hoje é mais frequentemente empregado interditar - pôr interdito, isto é, proibição formal. – Estorvar, embaraçar, dificultar avizinham-se pela significação comum de "não deixar livre a passagem, a ação de alguma coisa". Mas estorva-se, não só concorrendo, ou disputando o passo, como opondo estorvo, entrave material; embaraça-se tornando, de qualquer modo, penoso conseguir o que outrem quer, ou perturbando a ação ou o livre funcionamento de alguma coisa. - Dificulta-se fazendo-se difícil, trabalhoso. Estorva-se a entrada de alguém por uma porta que se encheu de barricas. Embaraça-se essa entrada com porção de móveis que é preciso ir desviando ou arredando para que se possa entrar. Dificulta-nos essa entrada a compacta multidão que ali se aperta. - Tolher é "impedir de passar, de mover-se, de agir - quer proibindo ou inibindo pela autoridade, quer constrangendo pela força". Tolhe-se o movimento dos braços prendendo-os; tolhe-se a voz tapando a boca; e também um grande susto ou uma forte emoção pode bem tolher-nos a palavra. Na ação de tolher há sempre violência. – Impossibilitar é propriamente "fazer impossível", isto é, "impedir que se realize, reduzir à impossibilidade de..."

622

DELIBERAR, decidir, resolver, opinar, votar. – Deliberar é – diz Roq. – "examinar por todos os lados e de todos os modos, qualquer negócio ou questão que se haja proposto, ou sobre a qual se há consultado, pesando as razões pró e contra. - Opinar é emitir a sua opinião sobre algum assunto, discorrer sobre ele com maior ou menor probabilidade. - Votar é dar seu voto sobre matéria controversa, ou para eleição de pessoas. Na ordem de toda discussão, começa--se por opinar; segue-se o deliberar, e acaba--se por votar. Delibera-se para examinar uma questão; opina-se para dar conta do modo como se considera, e expor as razões em que se funda o ditame de cada um; vota-se para decidir à pluralidade". Acrescentemos que mais ordinariamente se aplica o verbo deliberar no sentido de - "decidir depois de, ou mediante exame e funda reflexão". "O governo deliberou adiar a solenidade" (= depois de estudar, de refletir maduramente resolveu...). - Entre decidir e resolver (que enunciam, de comum, a ação de proferir

sentença, dar despacho, concluir por um resultado) deve notar-se uma diferença, que, aliás, não é essencial, nem sempre sensível: decidir supõe que a questão se debate entre duas ou mais pessoas, ou que a deliberação de quem decidiu estava obrigada a atender diferentes razões que solicitavam sanção; resolver não sugere essa ideia: sem embargo do que é frequentemente empregado no mesmo sentido de decidir. Propriamente, Salomão tinha de decidir entre as duas mulheres. Resolve-se um problema, um caso complicado, uma questão, etc.

623

DELICADO, fino, tênue, subtil, leve; delicadeza, finura, fineza, subtileza. – Chama--se delicada, segundo Roq., uma obra cujas partes foram trabalhadas com habilidade, esmero e primor. Estende-se a significação de delicado ao delgado, ao frágil, ao débil, ao fraco, e a quanto supõe falta de força e vigor. Entendemos por fino o que não é grosso, o miúdo, pequeno, o que é bem trabalhado e concluído. Por analogia, dizemos que é fino o que não é grosseiro nem trivial, como pensamentos, expressões, maneiras, etc.; e à má parte, corresponde fino a sagaz, astuto. Chama-se subtil ao mui tênue, delgado, agudo; e por translação, às pessoas engenhosas e perspicazes. Dizemos subtileza de engenho por agudeza. Aos pensamentos mais brilhantes que sólidos, chamamos também subtis; e aos artificiosos argumentos da escola, subtilezas escolásticas. Em sentido moral, a delicadeza é mais rara que a finura⁵⁴, e de maior mérito, e não se acompanha com a maldade, como a esta muitas vezes

54 Propriamente, no sentido moral, como sinônimo de **delicadeza**, não se usa **finura**, e sim **fineza**. Emprega-se **finura** no sentido concreto: a *finura* do vidro, do lápis, do papel (não – a *fineza*). Dizemos – **finezas** de cavalheiro, de fidalgo, de namorado (não – *finuras*).

acontece. - O delicado é gracioso: compraz e lisonjeia; o fino é arguto; e às vezes pica e molesta. Dizemos – elogio delicado, sátira fina. O homem delicado esquece-se de si para comprazer aos outros; o fino sabe insinuar--se para conseguir o que deseja. A subtileza é a arte de achar verdades que nem todos conhecem, nem suspeitam; toma-se muitas vezes à má parte, e significa a habilidade em enganar, em roubar, etc., quase a olhos vistos. A delicadeza é o pronto e habitual sentimento das relações agradáveis, que nem todos conhecem. O engenho subtil dirige-se a descobrir a verdade; o delicado, a descobrir o que é decente e adequado. A subtileza pertence ao que se propõe o engenho; a delicadeza, ao sentimento da alma; a finura é qualidade intelectual, e se exerce principalmente no tato, no gosto, e no olfato. A **subtileza** e a **finura**, tanto nas obras de imaginação como na conversação, consistem na arte de não expressar diretamente o pensamento, senão em apresentá-lo em termos que facilmente se adivinhem: é um enigma com que logo acertam as pessoas entendidas. - Tênue dizemos do que é "muito pequeno, muito pouco espesso, fino, delgado, frágil". O tênue regato; neblina muito tênue: o tênue fio da vida. – Leve é muito próximo de tênue, e em muitos casos poderiam substituir-se: é "o que é sem consistência, pouco pesado, pouco espesso; o que é ligeiro, subtil, mesmo insubstancial ou pouco substancial".

DELINQUENTE, criminoso, réu, acusado, indiciado, culpado, infractor, transgressor, violador, pecador; crime, delito, infração, transgressão, violação, culpa. – Todos estes vocábulos designam indivíduo, ou que cometeu falta contra a lei penal, ou a quem se atribui a responsabilidade de uma falta dessa natureza. – Entre delinquente e criminoso, como entre delito e crime, há uma diferença que se deve ter como essencial, por mais que na tecnologia jurídica se entenda como significando a mesma coisa⁵⁵. Como se vê em outro lugar – "crime", segundo Bruns., "é o ato pelo qual ataca alguém (que seja responsável) a vida, a propriedade, a honra, os direitos ou interesses alheios"; e delito é "uma infração à lei; e não se lhe pode atribuir a gravidade do crime". Crime, segundo a definição de Moraes, é todo "malefício contra as leis divinas e humanas"; portanto, "ato, que não só vai de encontro à lei penal, mas que ofende também a nossa consciência do direito, o nosso sentimento da justiça, a nossa razão das coisas". - Delito é "infração das leis positivas". A mesma distinção apresentam delinquente e criminoso. Delinquente é o que infringiu a lei, a ordem, o mandamento: será **criminoso** se o delito é de tal ordem que afronte a nossa consciência moral. O vocábulo crime sugere, pois, uma ideia de colisão com o justo e o humano: o que nem sempre se dará em relação a delito. Dizemos: criminoso de lesa-pátria (e não delinquente). Não proteger a inocência é um *crime* (não um – *delito*). Dizemos ainda: culpa criminosa (e não – delituosa); – corpo de delito (não - de crime); - crime horrível, monstruoso (não – delito); – criminoso nato (não - delinquente nato). - Réu, como simples termo forense, é - define T. de Freitas – "a pessoa do Juízo, que nele figura como demandada". Entre réu e acusado há diferenças curiosas. Tratando-se de processo criminal, acusado e réu são sinônimos perfeitos. No cível, entretanto, não se diz do demandado senão réu. O sujeito que vai a juízo para pagar uma dívida não é acusado. Mas o termo réu, fora da linguagem forense, é equivalente de criminoso.

^{55 &}quot;Crimes e delitos reputam-se entre nós palavras sinônimas ". (T. de Freitas – Voc. Jurid.)

Os Neros, os Herodes – os grandes réus da história... Chegou aquele homem, trazendo cara de réu. É réu de morte... - Indiciado é "aquele a quem se atribui algum crime apenas pelas circunstâncias, pelos indícios que o comprometem". - O indiciado passa a ser acusado só depois da pronúncia decretada pelo juiz. - Culpado é "aquele que foi convencido de culpa"; e, como termo de processualística, é o mesmo que réu e acusado. - Infractor, transgressor e violador poderiam, pelo menos em certos casos, confundir-se, pois todos designam – aquele que infringiu, quebrantou a ordem, a regra, o preceito, a praxe, etc. Mas infração é o ato de "faltar ao preceito"; transgressão é o ato de ir "além do que estava preceituado"; violação é o ato de "ir contra o preceito atentando, cometendo violência". Diremos, portanto: - infractor da praxe, da postura; transgressor das ordens; - violador do cofre, da carta alheia. Não se diz infractor, nem transgressor da inocência, mas violador. - Já vimos em outro grupo a diferença que há entre pecado e crime: a mesma diferença existe entre pecador e criminoso. Todo crime é, por sua mesma natureza, pecado; nem todo pecado, porém, será crime, pois o pecado só passará a ser crime quando a infração da lei moral se converter em infração da lei penal, isto é – quando o ato pecaminoso prejudicar alguém (passando, portanto, a ser ato criminoso).

625

DEMÔNIO, demo, diabo (diacho), Satã, Satanás, Lúcifer, Lusbel, canhoto, Belzebu, mafarrico, capeta, dianho, tinhoso, cãotinhoso. – "Por todos estes nomes" – diz Roq., referindo-se aos vocábulos deste grupo (salvo diacho, demo, Satã e canhoto, e os que se seguem a Belzebu) "é conhecido o anjo mau, tentador das almas; cada um deles, porém, recorda circunstâncias particula-

res que importa conhecer. Diabo é palavra latina, diabolus, antes grega diabolos, que diz o mesmo que acusador, caluniador (de diaballô, "eu acuso, eu calunio, eu desacredito"). Com razão, pois, toma-se sempre esta palavra em mau sentido, como nome geral dos anjos maus arrojados do céu aos profundos abismos; os quais se ocupam continuamente em atormentar e perseguir a virtude, acusando-a, caluniando-a, e desacreditando-a quanto podem, e em incitar os homens ao vício, usando para isto de sua maligna astúcia e pérfida sagacidade. – Demônio é também palavra grega, daimon, que, antes do Cristianismo, significava divindade, gênio. Designa-se por ela o diabo, mas é mais decente, e algumas vezes se toma à boa parte, no estilo familiar. Os oradores cristãos se servem sempre dela ainda que seja traduzindo a palavra latina diabolus, como se pode ver em Vieira, nos "Sermões da primeira Dominga de Quaresma". - Lúcifer, que diz o mesmo que ferens lucem, significa propriamente a estrela Vênus, quando aparece pela manhã; e translatamente, o primeiro dos anjos rebeldes, brilhante como a estrelad'alva, e, pelo seu pecado, descido como ela no ocaso e escurecido. Designa, pois, esta palavra particularmente o estado primitivo do príncipe dos demônios, e a circunstância que dele o fez decair. – Lusbel-(ou Luzbel) é corrupção vulgar da mesma palavra latina Lúcifer, mas só tem a significação translata desta. – **Satanás** ou **Satã** é termo bíblico que do hebraico passou ao grego, pois em S. Mateus se lê, cap. IV, v. 10: upage opeso mou, satana – 'vade retro, satã'. Significa adversário, inimigo, e por antonomásia - o diabo. -Belzebu, antes Beelzebub, palavra que o nosso vulgo converteu em Brazabu, é igualmente termo bíblico que do hebraico passou ao grego, pois em S. Lucas, cap. XI, v. 15, se lê: En beelzeboul, archonti ton daimonion ekballeita daimona; - in Beelzebub, principe dœmonio-

rum ejicit dœmonia. Na língua santa, Beelzebub significa idolum muscæ, 'ídolo da mosca, deus-mosca', ou 'deus da mosca'; e assim se chamava o ídolo que adoravam os Acaronitos, porque o invocavam contra a praga das moscas; e supõe-se que tinha cabeça de mosca, ou de escaravelho. Os judeus chamavam, por escárnio e abominação, a Lúcifer Beel-zebub". - Diacho é corrupção de diabo, na qual, por assim dizer, se atenuou a significação do original. - Canhoto é termo popular designativo do demônio; e sugere ideia dos intentos sinistros que tem sempre contra as almas o espírito mau. - Demo é forma familiar de demônio. – Mafarrico, capeta, dianho, tinhoso, cão-tinhoso - são outras tantas formas populares com que se designa o demônio.

626

DEPLORÁVEL, lamentável, lastimável; deploração, lamentação, lastimação. - Dos dois primeiros escreve Lacerda: - "Lamentável é o que excita lamentações, isto é, gritos queixosos e prolongados. - Deplorável é o que nos move a chorar, isto é, a derramar lágrimas acompanhadas de manifestações da mágoa que as provoca. – A lamentação é a efusão de um coração oprimido e amargurado, que não pode reprimir-se: é triste, grande e lastimosa. A **deploração** é mais viva e mais patética do que a lamentação. O que deplora a sua sorte comove-nos; o que se *lamenta* aflige-nos". – **Lastimável** é "o que nos inspira dó, o que é digno de compaixão". "Viram, compungidos, o lastimável espetáculo de toda aquela miséria". – Lastimação é o ato de manifestar profunda mágoa e viva pena ante aquilo que move a piedade. É mais próximo de lamentação, e consiste mais em palavras do que em lágrimas, pois que se há pranto no lastimar, é mais deploração o que se faz do que lastimação. Diremos - lamentações ou lastimações de Jeremias; e - deplorações de Jesus, referindo-nos ao momento em que Ele "chorou sobre a cidade de Jerusalém".

627

DEPOIS, logo. - Segundo Lac. - "ambos estes advérbios indicam tempo que se segue ao atuaI; porém logo designa termo mais próximo, e depois termo mais remoto. Logo ao sair da missa montaremos a cavalo; e depois de darmos um bom passeio, iremos jantar com teu tio".

DEPOR, destituir; demitir, dispensar, exonerar; despedir. – Depor e destituir significam – "tirar alguém, pela força, ou por um ato ou medida excepcional, do lugar em que está". Mas depor sugere ideia de ser elevado o cargo de que se faz baixar alguém. Só se depõe o que está muito alto. Destituem-se funcionários subalternos; e, em regra, deve empregar-se este verbo tratando-se dos que exercem cargos de profissão, ou funções próprias de uma classe. - Demitir, dispensar e exonerar designam o ato de retirar alguém das funções em que estava; cada um destes verbos, porém, enuncia uma circunstância particular desse ato. Demite-se pondo fora do lugar; dispensa-se não reclamando mais a presença e as aptidões do dispensado; exonera-se aliviando o exonerado do trabalho que tinha. Demite-se um oficial porque não cumpriu os deveres do seu ofício; dispensa-se porque não são mais necessários os seus serviços; exonera-se porque lhe convém, ou porque ele pediu isso. - Despedir só se aplica a serventuários de ínfima categoria. Nem mesmo é usado este verbo, tratando-se de funções públicas.

629

DE REPENTE (repentinamente), de súbito (subitamente). – "Os clássicos usaram indiferentemente – diz Roq. – destas duas expressões, pois assim como diziam - orar, glosar, poetar de repente, também se lê na Eneida: 'vem-lhe de súbito ao pensamento'; e dizia-se - glosar de súbito: 'Glosai-me este vilancete de súbito'. E Camões disse - súbito temor, súbita procela. É, todavia, muito acertado que se distingam estas duas expressões como os franceses distinguem o sur-le-champ do subitement. - De repente (ou repentinamente) indica que a coisa se faz ou acontece sem demora, logo logo, incontinenti. - De súbito (ou subitamente) exprime o que acontece ou se faz inopinadamente, num abrir e fechar de olhos. O pregador, o poeta que improvisa, fala de repente, isto é, sem preparação prévia; o raio fere de súbito, o salteador acomete de súbito, isto é, inopinadamente, quando menos se pensa".

630

DERIVAR, provir, proceder, vir, decorrer. - Dos quatro primeiros diz Bruns.: "Derivar exprime que a origem do fato, ou da circunstância de que se trata, não é direta; isto é, que entre a origem e a sua consequência há outro fato ou circunstância que medeia entre ambas. Pela ideia que fazemos do direito é que as leis derivam da justiça". - Provir e proceder, que não afirmam nem excluem circunstância intermediária, diferençam-se particularmente em provir se aplicar às coisas materiais, e proceder, às abstratas e metafísicas. A minha fortuna provém de uma herança. O fanatismo procede da ignorância. – Vir é termo genérico para exprimir a ideia de origem. A luz vem do sol. Do descuido vêm muitas desgraças. -Decorrer enuncia a ideia de "derivar naturalmente, como um líquido que desce em plano inclinado, como consequência que sai de uma premissa". "De cada direito decorre um dever..." "De quanto nos disse decorria claramente que tudo estava perdido".

631

DERRAMAR, entornar. - Por mais que se confundam na linguagem vulgar estes dois verbos, é preciso não esquecer que há entre eles uma distinção que se pode ter como essencial. - Derramar é deixar sair pelos bordos, ou "verter-se o líquido que excede à capacidade" do vaso, ou que sai deste "por alguma fenda ou orificio." – Entornar é "derramar virando ou agitando o vaso; verter todo ou parte do líquido que o recipiente contém. Uma vasilha, mesmo estando de pé, pode derramar; só entorna quando voltada". -Acrescentemos que entornar se aplica tanto à coisa que se contém no vaso como ao próprio vaso. Entorna-se o copo; e entorna-se o vinho. Derrama-se o vinho (agitando o copo ou enchendo-o demais); mas não se derrama o copo. – Se alguém dissesse a um rei: – "Entornai, senhor, sobre mim a vossa munificiência, ou as vossas graças" – esse rei responderia naturalmente: - "Sim, derramarei sobre ti das minhas graças"... (se as entornasse... decerto não teria o rei mais graças que dar a outros).

DERRETER, fundir, liquefazer, dissolver, diluir, desfazer; derretimento, fundição (fusão), liquefação, dissolução (solução), diluição. – Derreter – define Lac. – é "desatar, soltar, por meio do calórico, as partículas de um corpo sólido. – Fundir é derreter e lançar no molde. A mudança operada nos corpos derretidos chama-se derretimento; a que se opera nos corpos fundidos chama-se fundição." Notemos, no entanto, que fundir exprime não só "derreter e modelar" como "derreter só, ou apenas derreter sem lançar em forma a coisa derretida". Neste caso, o ato de fundir será fusão; pois fundição é o ato de fundir no primeiro caso, isto é, de derreter e moldar⁵⁶. – Liquefazer é simplesmente "tornar líquido",

^{56 •} A fusão das geleiras nos Andes (não – a fundição). A fundição de moedas (não - a fusão).

sem nenhuma ideia acessória. – Dissolver, na acepção em que o tomamos aqui, é "desunir as moléculas de um sólido, pondo-o sob a ação de um líquido". - Dissolução é o ato de dissolver; mas quando se trata da própria mistura, ou da própria coisa já dissolvida, dizemos melhor - solução. "Imergiu as bactérias numa solução de açúcar" - (não - numa dissolução). - Diluir é "tornar mais fluido, ou menos espesso; isto é – misturar com líquido para diminuir a densidade". Tanto se dilui um líquido como um sólido: a substância sólida, desfazendo-a no líquido, dissolvendo-a; a substância líquida, tornando-a menos espessa ou menos densa. Em qualquer caso, o ato de diluir é diluição. – Desfazer é "mudar as condições, o estado de uma substância". Tanto se desfaz o gelo que se funde, como o metal que se derrete, como o açúcar que se dissolve, etc.

633

DERROTAR, desbaratar, destroçar, desfazer, bater, destruir, exterminar, aniquilar. - Derrotar é vencer pondo em debandada, desviando do caminho, fazendo fugir em atropelo. - Desbaratar é "vencer destroçando, desfazendo as hostes vencidas, de modo a não poderem mais combater". - Destroçar é "dispersar violentamente, como pôr em esfacelo, destruir, estragar o inimigo". - Desfazer é "pôr em desordem, desorganizar as hostes contrárias". - Bater é verbo que exprime em geral a "ação de hostilizar e vencer". - Destruir é "desmantelar o inimigo, desfazendo-lhe os batalhões". – Exterminar é "destruir a ferro e fogo, massacrando, extinguindo". - Aniquilar é "reduzir a nada" propriamente. - Os patriotas pernambucanos derrotaram os flamengos nas duas batalhas dos Guararapes. Já os haviam destroçado no monte das Tabocas. Vingavam-se assim de haverem sido desbaratados no momento da invasão, havia uns vinte anos quase. "O fogo da praça, mortífero e tremendo, desfez por um instante os nossos batalhões; mas dentro em pouco, refeitos, batemos as avançadas, destruímo-las, e só não as exterminamos porque foram socorridas. Alguns dias depois, eram os bárbaros completamente aniquilados".

634

DESABRIDO, violento, hostil, agressivo, ríspido, áspero, rude, duro, brutal, ferino. - Desabrido significa "desenvolto, despeado das conveniências, de toda consideração". Gestos, palavras, modos, frases desabridas. – Violento é "o que além de desabrido (ou mais que desabrido) é arrebatado, impetuoso, que se exerce pela força". Ataque violento; gritos, remoques, modos violentos. - Hostil é o que é próprio de inimigo, que denota desejo, propósito, disposição de travar luta. Intuitos hostis; frases, atitudes hostis. – Agressivo diz mais do que hostil, pois a hostilidade nem sempre supõe necessariamente agressão. Encontramo-lo hostil, e com pouco tornou--se mesmo agressivo (isto é, provocante, insultuoso, investindo e agitando-se). – Ríspido é "o que mostra exagerada severidade; o que é duro, intratável, insolente". Olhar, palavra, homem *ríspido.* – **Áspero** é antônimo de macio, delicado, amável; assim como rude o é de culto, civil, fino. Gênio, frases, modos ásperos; franqueza, costumes rudes. - Duro é "o que, além de ríspido, é brutal e cruel". Duras ironias; exprobrações, insultos duros. - Brutal é "o que é próprio só dos brutos". Maneiras, vícios brutais; brutal ostentação de força. – Ferino é "o que é excessivamente cruel, maligno, insolente, desumano como as feras". Frase, olhar, insulto ferino.

635

DESACONSELHAR, dissuadir, despersuadir, desiludir, desenganar, desconvencer. -Todos estes verbos enunciam de comum a ideia de mudar a resolução, o modo de ver,

o intento de alguém. – Desaconselhar é dar um conselho contrário ao que se havia dado ou aplaudido. – Dissuadir é "fazer mudar de opinião, de propósito, de parecer". -Despersuadir é "tirar alguém da persuasão em que estava"; assim como - desconvencer é "fazê-lo renunciar a convicção que tinha". - Desiludir e desenganar significam propriamente – "tirar alguém da ilusão, do engano, da esperança, do intento em que está". – Desaconselha-se uma menina de casar--se depois que se viu que o noivo gosta de outra... Dissuade-se um amigo de uma ideia nefasta, de um mau passo que vai dar. Despersuade-se um rapaz de muita coisa que lhe disseram os colegas na escola. Desilude-se a criança de que volte a irmãzinha que espera. Desenganou-se o rei de tudo quando viu as tropas com o povo. Ele está certo de que os fatos se deram assim: não há esforço que o desconvença disto. Ele está convencido de que tem talento: e vão lá desconvencê-lo...

636

DESAFIO, duelo, repto, provocação. -Segundo Lac. -, desafio é o ato em que se provoca outro para combate singular. - Duelo é o combate entre duas pessoas desafiadas, por desagravo, ou para provar inocência. O desafio verifica-se de palavra; o duelo verifica-se por meio de qualquer arma convencionada. O duelo pode seguir-se imediatamente ao desafio; mas comumente os desafiados escolhem a hora, o lugar e a arma com que o duelo há de verificar-se. - Repto distingue-se de desafio em significar este particularmente que é um motivo de honra que o inspira; quando o repto tem lugar nos casos em que o reptador quer confundir o reptado, quer provar que tem razão, que está com a verdade, etc. - Provocação enuncia a ideia geral de "chamar alguém com instância e com intuito hostil quase sempre".

637

DESANDAR, voltar, retroceder, recuar, retrogradar, tornar, retornar, regressar, volver. – Todos estes verbos têm de comum a significação de "mover-se para trás". - Desanda quem, ou o que ia andando ou movendo-se para diante. - Volta quem, ou o que volve do lugar em que está para o lugar onde estava. – Retrocede aquele que vem para trás (sem mais circunstância alguma acessória). – Recua quem se afasta para trás como fugindo a um perigo, ou cedendo a uma conveniência. - Retrograda quem marcha em sentido contrário àquele em que devia, ou se supõe que devia marchar. - Torna, ou retorna quem, ou o que wolta, isto é – que volve ao lugar onde estava, ou ponto de partida. - Regressa também aquele que volta, mas ao cabo de ausência mais ou menos longa, ou de paragem distante daquela de onde partira e para a qual retorna. - Volver não tem predicação tão completa como os demais do grupo; e conquanto possa empregar-se com a significação de voltar, tornar, retroceder, exprime em geral a ação de mover-se, marchar para um ou outro lado.

638

DESAPEGAR, despegar. Distingue Bruns. muito bem estes dois verbos. — Despegar — diz ele — "é separar o que está pegado. — Desapegar é fazer perder o apego. Despeguei o selo da sobrecarta. Não consegui desapegá-lo da sua louca paixão. — Desapegar por despegar pertence à linguagem popular".

639

DESAPERCEBIDO, despercebido. — Não se podem confundir estas duas palavras. Quando se diz que uma pessoa está desapercebida, enuncia-se a ideia de que essa pessoa não se apercebe, não dá pelo que aparece, pelo que se diz, ou pelo que se passa em torno. Significa ainda, além de desatento, como abstrato

ou inconsciente - desprevenido, desacautelado. - Despercebido quer dizer - "que não é visto, que não chama atenção, que passa como ignorado, como não pressentido".

640

DESARRANJAR, desordenar, transtornar, desorganizar, desmanchar, desfazer, baralhar, confundir, desconcertar, desconchavar, barafundar. – Desarranjar é "desfazer o arranjo em que estava alguma coisa". Desarranjou-me o gabinete de trabalho. Não me venha isto desarranjar a vida. Receio que a intriga me desarranje o plano. – Desordenar é "tirar da ordem, mudar a disposição em que estava..." - Transtorna-se desordenando completamente. – Desorganizar é propriamente "tirar as partes de um todo da disposição em que estavam e à qual devia ele a sua existência ou a sua função integral". - Desmanchar é "desfazer separando as partes, desarmando o todo". – Desfazer é "fazer voltar (as partes de um todo) ao que era antes de ser feito". - Baralhar é "transtornar misturando muito, como se faz às cartas do baralho". - Confundir é "misturar ao ponto de tornar como indistintas as coisas que se misturam". Confundem-se objetos materiais como se confundem ideias, palavras, etc.: o que, aliás, se dá igualmente em relação aos outros verbos do grupo, que todos se aplicam tanto no sentido natural como no translato. — Desconcertar é "infringir a disposição íntima em que estavam as partes de um todo, de modo que fique impedido de ter a serventia ou a função própria". – **Desconchavar** é "desmanchar de todo, fazendo perder a harmonia ou a forma que tinha". - Barafundar é "reduzir muitas coisas a grande desordem".

64I

DESARRUGAR, desenrugar. - "Da palavra ruga" – diz Bruns. – "derivam-se estes dois verbos"; assim como os seus antônimos arrugar e enrugar (dos quais já em outra parte nos ocupamos). A diferença marcada pelos prefixos a e en que figuram nestes antônimos e que determina a distinção a notar entre desarrugar e desenrugar. - O primeiro quer dizer "extinguir os vincos, as dobras, as rugas que de qualquer modo se fizeram nalguma coisa. Desarruga-se o papel estendendo-o, amaciando-o, polindo-o; desarruga-se o lenço, a roupa, etc.; e até, por artifícios, consegue-se desarrugar a pele, fazendo desaparecer, ou disfarçando os vestígios que nela deixou o tempo ou a doença". – O verbo desenrugar é, como o seu antônimo, sugestivo de esforço; pois enuncia a ação de fazer que desapareçam os vincos, as rugas que de momento são devidas a algum esforço ou alguma causa estranha. Desenruga-se a fronte. O vento desenruga as velas.

642

DESAVENÇA, dissensão, dissentimento, dissidência, dissídio, divergência, desinteligência, discordância, discórdia, discrepância, desacordo, cisão, cisma, cizânia, desconcerto, desarmonia. - Desavença, desacordo e desconcerto enunciam particularmente, ou sugerem de modo mais claro que os outros vocábulos do grupo, que havia igualdade de ânimo, identidade de vistas, ou concordância de intuitos quando se deu a desavença, o desacordo, ou o desconcerto. Há desavença quando duas ou mais pessoas deixam de estar, umas em relação a outras, fiéis ao contrato, à combinação que tinham feito. Há desacordo quando apenas tem cessado entre essas pessoas a harmonia em que andavam. Há desconcerto quando se põem fora, abertamente, do que fora concertado. Entre dois sócios, por exemplo, começa a haver desacordo; daí podem passar à desavença formal, e por fim a inevitável desconcerto. - Dissensão, dissentimento, dissi-

dência e dissídio sugerem principalmente a ideia de que a falta ou cessação de harmonia se manifesta pela disputa. – Dissensão é mais forte que dissentimento, e sugere que a desarmonia é menos funda ou efetiva que no caso de dissidência. Esta significa que o desacordo ocorrente levou à separação: o que não se dá com o vocábulo dissídio, que diz melhor – "dissensão, desacordo momentâneo". – De dissidência aproximam-se mesmo cisma e cisão. - Cisma é de preferência empregado no sentido religioso, para designar o fato de se haver alguém (em regra – um grande número de crentes) posto fora da comunhão em que vivia, passando a viver separadamente. - Cisão, que enuncia o ato de separar-se alguém do grêmio onde militava, aplica-se em qualquer sentido, desde que se trate de opiniões, crenças, etc. - Há divergência entre duas pessoas, entre dois princípios, entre dois acertos, quando estes parecem, partindo do mesmo ponto, seguir em direção contrária. Entre um Cristão e um materialista há divergência. - Entre um Cristão puro e um católico haverá desinteligência: não propriamente - divergência. - Desinteligência é apenas o fato de "não se entenderem direito duas ou mais pessoas". - Discrepância é mais "o ato de não ser alguém do mesmo aviso, das mesmas opiniões de outrem: é a diversidade, a diferença, a disparidade em que se fica em tal caso". - Discordância é muito semelhante ao precedente: e ambos aproximam-se de desarmonia. Há discordância entre duas pessoas (ou entre duas notas de música), desde que uma não tem o mesmo sentir da outra (ou, tratando-se de música, se há dissonância entre duas notas). Há desarmonia entre certas pessoas, se entre elas se quebrou a paz em que viviam. Diremos que há desarmonia no lar, ou entre o casal (não - discordância, mesmo porque discordância sugere ideia de ser momentânea a diferença de parecer ou

de sentir); diremos ainda: Neste ponto estamos em discordância (não – em desarmonia). Há discordância de opiniões (não propriamente – desarmonia). Lavra desarmonia numa associação, numa empresa, numa família (não discordância, que não é coisa que lavre...). – Desarmonia aproxima-se, portanto, de cizânia e discórdia. Há discórdia quando a desarmonia chegou ao seu último grau, manifestando-se violentamente. – Sizânia ou cizânia (como outros escrevem) é a dissensão, mesmo a discórdia, entre duas ou mais pessoas, suscitada por alguém; e sugere ideia de que essas pessoas eram íntimas, ou tinham relações de amizade.

643

DESCANSO, repouso, quietação (quietude), tranquilidade, sossego, paz, serenidade, calma, placidez, bonança. – Segundo fr. S. Luiz – "descanso é a cessação de movimento, ou de trabalho, que causou fadiga ou moléstia. - Repouso é simplesmente cessação de movimento. - Quietação exprime carência de movimento⁵⁷. - Tranquilidade exprime um estado isento de toda perturbação ou agitação. - Sossego exprime a tranquilidade subsequente ao estado de perturbação ou agitação. - Paz é o estado de tranquilidade a respeito de inimigos que poderiam perturbar-nos ou inquietar-nos. - Serenidade é a tranquilidade que reluz no exterior, que se mostra nas aparências. Falando do homem, quietação, repouso e descanso dizem respeito mais imediato ao corpo; tranquilidade, sossego e paz

57 Má sensível diferença entre quietação e quietude. Dizemos: quietude do lar doméstico e não – quietação, pelo menos, não com a mesma propriedade, salvo exprimindo ação. — Quietação é o "estado, ou a ação de pôr em estado de repouso, silêncio, imobilidade"; quietude é a "qualidade de ser ou estar quieto, é o sossego moral, a tranquilidade de espírito, a doce paz do coração".

referem-se mais propriamente ao espírito; e serenidade exprime o estado do espírito manifestado no semblante e nas mais aparências. Assim: um homem está em quietação quando se não move; está, ou fica em repouso, quando cessou de fazer movimento; e está, ou fica em descanso, quando cessou de fazer algum movimento ou trabalho que lhe causou fadiga e cansaço. Um homem está tranquilo (ou em estado de tranquilidade) quando nada perturba ou agita o seu espírito; está, ou fica em sossego, quando, depois de perturbado e agitado, recobra a sua tranquilidade; está em paz, quando nenhum inimigo o inquieta; está em serenidade, quando o seu semblante, e toda a sua continência mostra a tranquilidade do seu espírito e a paz do seu coração: quase da mesma sorte que dizemos – estar o céu sereno, quando nas suas aparências indica não haver perturbação, ou agitação dos elementos. Pode finalmente o homem estar em quietação, repouso, ou descanso, sem gozar tranquilidade; e pode viver tranquilo no meio dos trabalhos e fadigas. Mas todos estes vocábulos aplicam-se também às coisas, e não só ao homem. Assim, dizemos que um corpo está em quietação, repouso, ou descanso; e dizemos que o mar está tranquilo, que o vento sossegou, que a república está em paz, que o céu está sereno, etc." - Calma é a quietação como alívio; revela pelo exterior, muitas vezes, o que não está, ou mesmo o contrário do que está oculto, ou – aplicada em sentido moral – no espírito. E tanto que não é de rigorosa propriedade dizer – a "calma do meu espírito". O doente está em calma (isto é – cessou de agitar-se, de gemer, de afligir-se porque abrandou ou cessou a dor que o afligia.) - Placidez é o estado de quietação, descanso e serenidade que revelam ou indicam sossego, brandura de coração. – Bonança é a paz de espírito, a tranquilidade que sugere ausência de males e aflições da vida.

644

DESCONHECIDO, incógnito. - "O incógnito disfarça-se – diz Roq. – o desconhecido ignora-se. Eis aqui a diferença destas duas palavras. - Incógnito é a pessoa que se conhece mais tarde, porque vem com um traje diferente do que usa, ou porque se desfigurou com algum fim. - Desconhecido é o que nunca vimos, de que não temos conhecimento, ou cujas propriedades estão de todo mudadas. Um militar que cortou os bigodes, e vem à paisana, chega incógnito; o amante que, para melhor ver sua dama, se disfarça em peregrino, vem incógnito. O que por engano foi introduzido numa sala é desconhecido; o que esteve na Índia ou na América trinta anos, quando volta ao seio de sua família está desconhecido. Os príncipes costumam de ordinário viajar incógnitos nos países estrangeiros. Quem guiou os soldados da cruz à Palestina foi um ermitão desconhecido. O incógnito descobre-se; o desconhecido dá-se a conhecer".

645

DESCORADO, pálido, lívido, macilento, lúrido. – Dos quatro primeiros diz Bruns. - "Descorado dizemos de quem perdeu parte das boas cores do rosto. - Pálido, de quem, habitual, ou acidentalmente, não tem cor no rosto, ou a tem muito enfraquecida. Também se diz das coisas. A palidez pode ser natural, ou resultar de doença, ou de comoção; é compatível com a beleza e com a fealdade. – Macilento designa, não só a falta de cor, mas também a daquela força ou seiva que se nota "na pessoa que tem saúde" ou "que não está definhada". - Lívido, que só se aplica a pessoas, designa "uma cor intermédia entre o negro e o branco, cor própria dos cadáveres". - Lúrido significa 'pálido e amarelo, baço, terroso, de uma cor que se imagina como a dos espetros". Lúridos fantasmas.

646

DESCORTÊS, incivil, grosseiro, desatencioso, tosco, impolido, impolítico, indelicado, inurbano, rústico. - Descortês é "aquele que falta com a consideração devida a outrem". - Incivil é "o que se não porta com a correção de maneiras própria do lugar em que está ou da pessoa com quem trata". Tanto incivil como descortês indicam falta de trato social. - Grosseiro, tosco e rústico designam a pessoa sem cultura, rude, não afeita ao convívio de pessoas educadas. - Tosco é "o que não foi polido, limado, o que ficou como o deu a natureza"; rústico é "o que tem costumes e hábitos próprios da vida do campo"; grosseiro é "o que não tem educação e falta por isso com alguém a atenções que lhe são devidas". - Desatencioso diz mais - incivil - que grosseiro propriamente. Um cavalheiro, no entanto, que não tem muito cuidado em ceder o passo, o lugar a uma senhora, será desatencioso, mas pelo menos nem sempre será incivil. Quer dizer – que incivil é o que não tem o modo de tratar próprio de homem civilizado; e desatencioso é o que não está muito atento e solícito por não faltar às atenções que merecem as pessoas com quem trata. – Inurbano é "o que não tem a compostura, as maneiras próprias de gente da cidade". - Impolido significa propriamente "não polido, rude, descortês, quase grosseiro". - Impolítico é "aquele que, no trato com as pessoas, não sabe distingui--las, ou não tem discernimento e habilidade para lhes não ser desagradável de qualquer modo". - Indelicado é "o que não tem ou não mostra a delicadeza própria de pessoa de fina educação".

647

DESCULPA, escusa, recusa; perdão. – Diz Roq. que "muitos confundem desculpa com escusa, e até escusa com recusa; mas a verdade é que são todas muito diferentes, como vamos ver. Às razões que damos para nos descarregarmos de culpa, e com que nos pretendemos justificar da repreensão que nos fazem, é que se chama desculpa. Às razões com que nos escusamos de não fazer o que se nos pede, ou de não aceitar o que se nos propõe, chama-se escusa. O ato e razões com que nos recusamos a um convite que ofende nosso pundonor - eis o que é recusa. Quem se desculpa supõe-se culpado; quem se escusa supõe-se incapaz, ou menos oficioso; quem recusa mostra altiveza e dá de rosto com despeito ao que lhe ofenderia a honra. Vieira desculpou-se por uma carta a d. Teodósio por se ter embarcado para o Maranhão sem se despedir dele. Zeno escusou-se com ou perante Antígono, que o convidara para viver com ele em palácio; e Hipócrates recusou o dinheiro que lhe prometera o rei da Pérsia..." – Perdão, aqui, é "o ato de dar como não cometida, ou de pedir que assim se considere, a falta em que se caiu". É uma desculpa completa, absoluta e formal.

648

DESDIZER-SE, retratar-se. – Desdizer-se é "desistir de uma coisa, de uma asseveração, dizer o contrário do que se tinha dito antes, e por conseguinte declarar por falso o que se havia dado como verdadeiro. - Retratar-se é desaprovar expressamente o que se tinha feito, dito, sustentado e defendido, já de palavra, já por escrito. -Desdizer-se corresponde a coisas de pouco valor, e cujos efeitos não podem causar muito dano; retratar-se indica maior formalidade, importância e publicidade. Não se obriga o herege somente a que se desdiga, senão a que se retrate pública e solenemente. - Desdizer-se refere-se mais ao interior sentimento da consciência do que se desdiz; e retratar-se, ao efeito da retratação. O

homem que se desdiz passa por inconstante, volúvel, pouco delicado, e às vezes malévolo; o que se retrata destrói todo o efeito do que havia sustentado e defendido. Desdizem--se as testemunhas, porque a isto as obriga sua consciência; retrata-se um delator, e deste modo destrói a delação. A retratação nem sempre nasce de convencimento do erro, do reconhecimento de falta ou delito; senão também da força da lei, ou da sentença que a isso obriga como ressarcimento do dano causado. Muitos retratam-se movidos de remorsos; outros, por mera formalidade, e para satisfazer a pena legal. Quando Galileu se viu obrigado a retratar-se, de joelhos, de suas ideias sobre o sistema do mundo, fez o que podia para destruir o efeito que havia produzido; porém, quando, ao levantar-se, deu uma patada dizendo: – E pure si muove ('E com efeito se move') –, manifestou que, apesar de sua forçada retratação, não se desdizia de modo algum do sistema que tinha adotado, e do qual estava firmemente persuadido". (Roq.)

649

DESERTO, solitário, despovoado, ermo, desabitado. - Dizemos - paragens desertas para exprimir que estão como abandonadas; e dizemos – paragens ermas – para significar que, além de abandonadas, são paragens sombrias, onde a quietude e o desolamento nos apertam a alma. – Estância solitária é aquela que não é procurada, ou frequentada pelos homens. Pode admitir-se até no meio da cidade uma habitação solitária ou deserta; não – erma, pois que esta palavra sugere ideia de afastamento, desolação. - Despovoado e desabitado dizem propriamente "sem moradores", sem mais ideia acessória. Quando muito, dizemos que é ou está despovoado o lugar "onde não há povoação"; e desabitado o lugar "que não é habitualmente frequentado".

650

DESERTO, ermo, solidão (soidão, soledade), retiro, isolamento (desolamento), recanto, descampado. - Deserto é "o lugar despovoado, sem cultura, como abandonado da ação ou do bulício humano". – Ermo acrescenta à noção de deserto a ideia de silêncio, tristeza e desolamento. Uma família, uma multidão pode ir viver no deserto; o anacoreta fica no seu ermo. - Solidão é "o lugar afastado do mundo, e onde se pode ficar só, como separado dos outros homens". - Soidão é forma sincopada de solidão; mas parece acrescentar a esta a ideia de desamparo, do horror que causa o abismo, a solidão temerosa. Entre solidão e soledade há diferença que se não pode esquecer. Antes de tudo, soledade é mais propriamente a qualidade do que está só, do solitário, do que lugar ermo. Tomando-a, no entanto, como lugar ermo, a soledade sugere ideia da tristeza, da pena, da saudade com que se está na solidão. Dizemos, por exemplo – "a soledade da jovem viúva" – (caso em que não se aplicaria solidão, pelo menos nem sempre). - Retiro é "o lugar afastado onde alguém se recolhe e como se refugia do ruído e agitação do mundo". – Isolamento é o lugar onde se fica separado da coletividade, fora de relações com os outros homens. A mesma diferença que notamos entre solidão e soledade pode assinalar-se entre isolamento e desolamento. No seu isolamento nem sempre se há de alguém sentir desolado (isto é – só, abandonado em sua mágoa); assim como nem sempre no seu desolamento há de estar de todo isolado (isto é afastado dos outros homens).
 Recanto é "o sítio retirado, fora das vistas de todos, longe do movimento geral da estância de que o recanto é uma parte quase oculta e escusa". - Descampado significa "paragem, mais ou menos extensa, ampla, aberta, despovoada e inculta". Propriamente só de deserto, solidão e ermo é que pode ser considerado como sinônimo.

65 I

DESERTOR, trânsfuga. — Distingue Roq., com muita clareza e precisão, estes dois vocábulos. Designam — diz ele — igualmente o soldado (ou o membro de um partido) que abandona as suas fileiras; mas trânsfuga ajunta à significação de desertor a ideia acessória de fugir para o inimigo. O desertor é fraco, é cobarde, não tem o nobre sentimento de amor da pátria (ou não tem caráter, não tem coragem para sustentar o que jurou, ou para ser fiel aos compromissos tomados). O trânsfuga é traidor, merece o desprezo dos próprios inimigos. Aos trânsfugas bem se pode aplicar o dito de Camões:

"Negam o rei, a patria; e si convem, Negarão, como Pedro, o Deus que têm. (*Lus.*, IV, I3)

652

DESERDAR, exerdar. – Perfeitamente define Bruns. estes verbos: – "Deserdar é não nomear para herdeiro a quem espera receber a herança. – Exerdar é excluir alguém dentre os herdeiros. Assim: deserdar, termo da linguagem usual, significa simplesmente que não se deixa a herança a quem espera obtê-la; exerdar, termo jurídico, é relativo à disposição testamentária, que reveste forma legal, e pela qual se exclui da sucessão a determinado herdeiro".

653

DESIGNAR, indicar, sinalar (assinalar), marcar. – Segundo Roq. – "referem-se todos estes vocábulos à ideia comum de dar a conhecer (ou apontar, distinguir entre muitos) algum objeto; e distinguem-se pelo diferente modo de conseguir este fim. – Indicar, em latim indicare (também indicere), innuere, vem de index, que é o dedo com que costumamos apontar o lado para onde se acha um objeto, ou o caminho e direção

que se há de seguir, e, por esse modo, dar ao que o quer conhecer, ou achar, indícios ou indicações que para esse fim lhe podem ser úteis. - Designar, em latim designare, que vem de signum, "sinal", significa mostrar ou anunciar a coisa oculta por meio da relação que certas figuras têm com ela; de tal modo que, sem presentá-la à nossa vista, estejamos certos dela pelos sinais que se nos deram para que a não confundíssemos com outra. Em sentido figurado, significa sinalar, determinar uma pessoa ou coisa para um fim preciso, e então corresponde ao destinare latino; assim que ao pensamento ou ideia que temos de fazer uma coisa lhe chamamos desígnio, isto é – um plano determinado da vontade para execução do que se intentou. – Sinalar (ou assinalar) é pôr sinais em qualquer coisa, para que por si mesma se possa conhecer (ou por esses sinais se possa distingui-la); assim que sinalar é mostrar, presentar clara e positivamente a coisa, declarar determinadamente a pessoa, a ação, etc. Falando, pois, de um homem raro, que procura distinguir-se dos demais por seus egrégios feitos, dizemos que se assinala, ou que é assinalado entre todos:

As armas e os barões assinalados

que o nosso poeta cantou foram os que entre seus compatriotas se distinguiram e ilustraram por seus altos feitos. — Marcar é pôr marca; e confunde-se na ideia com sinalar, porque marca corresponde a signum; diferença-se, porém, no uso; pois marca é um sinal de gênero particular, posto na pessoa ou coisa que se marca para bem se conhecer; e assim se diz: marcar o gado com ferro em brasa, o ladrão na testa, a moeda com o cunho, etc. Diferença-se mais em não ter a significação reflexa que acima notamos em sinalar. As marcas usam-se principalmente no tráfico e comércio, e consistem em letras, cifras, fi-

guras, debuxos que se fazem sobre fardos, caixas, barricas, etc., para se conhecer imediatamente a quem pertencem, etc., e se distinguirem de outros com que se acham misturados. Os indícios, assim como as indicações, os sinais, que nos dão, inteiram-nos e dão luz sobre um objeto, uma intenção, um plano; e nos ajudam e dirigem para descobri--lo e conhecê-lo. Indicamos a um caminhante extraviado o caminho que deve seguir; indicamos a um moço inexperiente a maneira de proceder para obrar com acerto. *Indicam-se* a quem quer aprender os autores que deve estudar, e o método que deve seguir. Os sinais naturais servem para designar os objetos. O fumo designa o fogo. Designa-se um homem por seu talhe, feições, aspeto e maneiras. A marca apresenta maior certeza que os sinais. Podemos enganar-nos no caminho que nos indicaram; podemos não entender os sinais com que nos designaram um objeto. Porém a marca o dá a conhecer de um modo determinado, certo e seguro. O ponteiro de um relógio marca as horas; o barômetro, os graus de peso do ar; o termômetro, os graus de calor e de frio; a marca que com um ferro em brasa se põe aos cavalos nas nádegas, e aos ladrões na testa ou nas costas, são como nomes que levam impressos, que os distinguem dos demais e evitam toda equivocação. Indica-se para dirigir; designa-se para distinguir; marca-se para reconhecer. O índice de um livro indica onde se acham as diferentes matérias de que consta; o dedo indica o objeto para que apontamos e que queremos mostrar; os mapas indicam a posição dos lugares, o caminho e rumo para ir a eles. Os sinais designam as pessoas; as marcas, as mercadorias; as diferentes bandeiras designam as respetivas nações; o pulso designa o estado de saúde ou de enfermidade. Seguimos o caminho que nos indicaram; examinamos os sinais com que nos foi designado um objeto; reconhecemo-lo pela marca que se lhe pôs".

654

DESIMPEDIR, desembaraçar, desobstruir, desempecer, desempeçar, desempachar, despejar, abrir, desatravancar, desencalhar, desentulhar, desentupir, desocupar. - Todos estes verbos enunciam a ação de tornar livre, aberta uma passagem, um canal, um caminho, um espaço que estava ocupado. -Desimpede-se para que não fique impedida a entrada ou o trânsito. – Desobstrui-se para que fique livre o conduto. - Desencalha-se para que não fique parado o que tem de passar pela calha; e figuradamente - o que deve ter ou se quer que tenha andamento. - Desempecer, desempeçar, desempachar confundem-se com desimpedir. Mas desempecer sugere a ideia de remover alguma coisa que impede não só de passar, mas de agir. Dizemos que F. se desempece de relações funestas; ou que a superioridade moral lhe desempece de pequenas intrigas a função que veio exercer (e não - desimpede). - Desempeçar, que parece uma alteração de desempachar, tem como este a significação de "dar vazão, expediente, removendo o empacho que fazia parar, ou que obstava a que seguisse". "Desempache-me o caminho"; "desempece-me a passagem..." - Desembaraçar é talvez o mais genérico do grupo, e significa "livrar de embaraço" sem mais ideia alguma acessória. Desembaraça-se o caminho, o canal, a passagem, o movimento, a ação. Desembaraça-se alguém de apuros, de preconceitos, de relações, de compromissos, etc. -Desatravancar é "desembaraçar de grandes coisas em desordem, que impedem o livre movimento". Propriamente só se emprega este verbo no sentido concreto. - Despejar é "desembaraçar esvaziando do que a enche a coisa que se despeja". No momento do tumulto, chega a polícia e faz despejar a praça, ou o teatro. - Abrir, aqui, é "dar espaço, largueza, afastando obstáculo". - Desentulhar é "remover entulho, isto é, o que enche

algum espaço (fosso, cova, depressão, etc.) para que fique desembaraçado e desoprimido". – **Desentupir** é "desembaraçar (um tubo, um orificio) de alguma coisa que impede o curso, o escoamento, a saída". - Desocupar é "despejar um recinto, uma passagem, removendo o objeto que a toma ou enche". Desocuparam a praça. Desocupou a casa, o lugar, o beco.

655

DESNECESSÁRIO, escusado, supérfluo, demasiado, inútil, dispensável, excessivo, sobejo, sobrado, nímio, superabundante. -Desnecessário é propriamente "o que não mais é necessário". Só vem a ser, portanto, desnecessário, em rigor, aquilo que tinha sido necessário. – Escusado e dispensável confundem-se e bem poderiam ser tomados como sinônimos perfeitos se o sufixo vel não marcasse em dispensável uma propriedade que não é tão clara em escusado. O que é escusado não havia necessidade ou conveniência de ser feito; o que é dispensável podia dispensar-se, mas apenas podia dispensar-se, sem a ideia de que se dispense efetivamente. Era dispensável o documento que juntou à sua defesa: não é escusado, no entanto, pois dá mais força ainda às provas da sua inocência. Aí não se poderiam trocar os dois adjetivos. – Sente-se, portanto, que escusado se aproxima de supérfluo muito mais do que dispensável. O que é supérfluo, porém, é escusado, não porque seja desnecessário, mas porque é demais, porque excede à medida. -Supérfluo é convizinho, pois, de demasiado, sobejo, sobrado, nímio. Mas dizemos, por exemplo –, que o patrão usa demasiado rigor com os seus operários (e não - supérfluo, nem – sobejo, nem – sobrado; quando muito - nímio). Sente-se que demasiado e nímio marcam uma certa gradação de intensidade, melhor do que propriamente excesso. Sobejo e sobrado designam o que excede

muito os limites, mas que não se pode dizer que seja demasiado ou supérfluo. F. tem sobejas razões. Sobrados motivos temos nós para clamar. (Ninguém diria que F. tem supérfluas razões; nem que demasiados motivos temos nós...). - Sobrado sugere ideia de superioridade: ideia que se não inclui em sobejo. Por que me trata com tão sobrada arrogância? Há de abater-se aquele sobrado orgulho. – É excessivo "o que excede a norma, o que vai além da medida". Aproxima-se tanto de demasiado que raro será o caso em que se não possam substituir. – Superabundante é "o que é mais do que excessivo, ou o que é excessivo com ostentação e alarde". - Inútil é, aqui, "o que é escusado por não ter a serventia ou a eficácia própria".

656

DESPOJAR, espoliar, esbulhar, desapossar, extorquir, privar. – Tirar a alguém o que lhe pertence - é a significação destes verbos. Despoja-se, no entanto, cometendo violência física. Esbulha-se privando o esbulhado ou de fazendas, ou de bens morais. – Espoliar emprega-se de preferência, e talvez com mais propriedade, no sentido moral. Despojaram o cadáver de quanto levava consigo; despojaram de galhos a árvore; de suas vestes a criança; de tudo os míseros vencidos. Esbulhou de todos os lucros o sócio; e quer ainda esbulhá-lo do próprio crédito. Espoliar-nos deste direito de protesto - não é poder que esteja em homens. – **Desapossar** = "privar da posse em que se estava, impedir que se continue a ser dono, ou a ter domínio de... – ou – sobre... – Extorquir = "arrebatar, tirar alguma coisa com grande e clamorosa violência". - Privar = "obstar a que se continue no gozo, ou na posse de alguma coisa". Desapossaram-no da casa; extorquiram-lhe dinheiro, fazenda, confissão, testemunho; privaram-no de relações com a família, de dizer a verdade, de ir à festa.

657

DESQUITE, divórcio, repúdio. - Segundo S. Luiz, divórcio "exprime separação; repúdio exprime rejeição, repulsa, ação de lançar de si, de despedir, ou antes - de repelir da sua companhia. Ambos são termos de jurisprudência. - Divórcio é a separação dos casados, a dissolução do vínculo matrimonial. - Repúdio é o ato do casado, ou esposado, que enjeita, ou rejeita a mulher ou esposa, e a lança de si, e de sua casa e família. O divórcio parece supor a mútua incompatibilidade dos casados, e mostra que a livre-vontade, que os uniu, se acha reciprocamente mudada. O repúdio supõe império de uma parte, e dependência da outra; estabelece uma grande desigualdade entre as pessoas, e sujeitaria uma delas ao arbítrio caprichoso da outra, se as leis dos povos, em que este mal foi, ou é tolerado, lhe não prescrevessem certos limites. Nos países católicos não é permitido nem o divórcio, nem o repúdio; mas usamos do primeiro vocábulo quando os casados se separam quanto à coabitação e à administração de bens, em virtude de uma sentença, dada por juiz competente; e podemos usar do segundo, quando o marido lança a mulher de sua casa, e recusa conviver com ela, talvez sem legítima causa, e sem esperar a decisão da autoridade pública, a quem isso compete". – Quando a separação legal não importa para os cônjuges separados a liberdade de contrair novas núpcias, tem o nome de desquite, que é a única forma de separação nos países onde não há o que se chama propriamente divórcio, isto é –, dissolução, para todos os efeitos, do vínculo conjugal. O divórcio dá o casamento como não existente; o desquite não extingue, pelo menos, o laço moral entre os esposos, mas apenas certas relações jurídicas que decorreriam da união e que cessam com o desquite. O repúdio não tem consequências legais contra os direitos do cônjuge repudiado.

658

DESSEPULTO, insepulto. - Bruns. distingue muito bem estes dois adjetivos. -Insepulto – escreve ele — dizemos do cadáver que está por sepultar; dessepulto, do cadáver que foi tirado da sepultura e abandonado.

659

DESVANECER, dissipar. - Desvanecer significa o mesmo que "reduzir a uma coisa vã, atenuar espalhando, dissolvendo, quase apagar"... - Dissipar é "expelir, dispersar, fazendo assim desaparecer". Na acepção em que é tomado aqui, este verbo desvanecer se aplica mais usualmente no sentido moral. Não dizemos que – o vento desvaneceu as nuvens (e sim – espalhou, dissipou...). Mas dizemos que - F. lhe desvaneceu da alma aquela névoa que a ensombrava; ou – do ânimo exaltado aquelas fumaças de heroísmo. Por outro lado o que se desvanece nem sempre se extingue de todo. "Os amigos, mal lhe desvaneceram naquele instante a ideia do suicídio: à noite, quando só, arrebentou os miolos..." O que se dissipa desaparece completamente. A luz dissipa as trevas (não – desvanece).

DETER, sobrestar, sustar, parar, cessar, in**terromper.** – Todos estes verbos enunciam de comum a ação de impedir que continue o que estava em movimento, ou o que tinha sido começado. – Deter é "obstar com força". – Sobrestar é "ficar no ponto em que está, não prosseguir, não mover-se". - Sustar é "fazer que não continue, suspender a ação, o movimento". - Parar aproxima-se de sobrestar: quer dizer "cessar de agir, de mover-se, de funcionar"... - Cessar é "ter fim, fazer ponto". - Interromper, como se diz em outra parte, é "fazer cessar sem a ideia de que não venha a prosseguir... ou melhor - sugerindo a ideia de que prosseguirá". — Detém-se uma bola que desce por um declive; detém-se o braço homicida; detém-se o veículo descaminhado. Sobresteve o rei na sua cólera; sobrestamos no alto do monte desafiando o inimigo. — Sustou-se o serviço por falta de verba; susta-se a ação, a vingança. — Parou no meio da rua; dizem que para o trabalho. — Cessou de chover; cessará o flagelo; cesse de importuná-lo; o menino cessou de chorar; o pobre velho cessou de sofrer; quando cessará a triste vida? — Interrompeu a viagem para ver-nos; interrompeu o discurso...

661

DETRITOS, resíduo, fezes, sedimento, lia, borra, escória, escorralho, restos, fécula, vasa, sarro. - Coisa que resta de mistura, de solução – é a ideia comum expressa por estes vocábulos. - Detrito, mais usado no plural - detritos, são "restos de corpos que se corromperam, de substâncias estragadas, ou que perderam a sua qualidade essencial." Detritos orgânicos são as substâncias que restam de organismos que se desfizeram. - Resíduo diz propriamente – "o que assenta, o que fica no fundo, o que subsiste da coisa que foi". "O que no fundo do vaso ficou da solução que se pôs fora chama-se resíduo dessa solução". – Fez, também mais usado no plural – fezes, são "os resíduos grosseiros, inaproveitáveis, que não contêm mais substância útil". - Sedimento é, em geral, "o que assentou, o que estava em suspensão num líquido, e que se precipitou no fundo do vaso". – Lia é "o depósito que se forma de um líquido em fermentação". - Borra é a lia grossa e inútil; e por extensão – tudo o que de alguma coisa fica de imprestável: borra do vinho - o que fica no fundo do barril; borra da seda – a parte dos casulos que não se aproveita para a fiação. - Escória é propriamente a "matéria inútil, ou pelo menos grosseira e de pouco valor, que se separa dos metais durante a fusão". Figuradamente = "o que é a porção mais insignificante de uma coisa, a parte vil, sem valor, de ínfima qualidade de uma classe, de uma raça, de uma corporação", etc. - Escorralho é termo vulgar que designa "a massa inútil restante no fundo ou nas paredes de um vaso que se esvaziou". No sentido figurado = a última camada, a porção mais baixa e de menos valor. - Resto, ou restos é "tudo que ficou de inferior ou de inaproveitável de alguma coisa". Restos mortais = o que ficou da vida que se foi. - Fécula, do latim faecula (diminutivo de faex, "fez"), é "o que assenta de um líquido em que se agitou algum vegetal triturado, do qual se extrai assim a porção de substância que se depositou". - Vasa é propriamente "o lodo, ou o sedimento lodoso que se encontra no fundo do mar, de qualquer porção de água pouco agitada ou não corrente". No figurado = o que de pior, de mais impuro se encontra nos vícios ou na maldade de alguém. - Sarro, tanto é borra, fezes, restos, como a crosta, as partículas que uma substância deixa nos vasos onde esteve, ou por onde passa. – Diz-se particularmente – o sarro do fumo – designando assim a camada escura que a fumaça do tabaco deixa nos dentes, nos bigodes, nos dedos.

662

DEVER, obrigação. — Melhor do que muitos do grande número de sinonimistas que compulsamos, tanto vernáculos como espanhóis, franceses, etc., diz-nos destes dois vocábulos fr. S. Luiz, nos seguintes termos: "A lei liga o homem, impõe-lhe uma obrigação (obligatio). A obrigação constitui o homem numa dívida, gera um dever. A lei prende a liberdade do homem, e não a deixa seguir senão um caminho: esta é a obrigação. A liberdade, coartada pela obrigação, deve seguir o único caminho que a lei lhe indica: este é o dever. Dever é uma ação que

o homem faz conforme a obrigação legal. Como a obrigação nasce da autoridade da lei, não pode estender-se além dos limites dessa autoridade; e como o dever é uma dívida do homem, não pode estender-se além da esfera das suas faculdades, isto é, da sua possibilidade. Assim, cessa a obrigação quando a coisa não pode ser mandada, ou quando quem a manda não tem autoridade para isso: e cessa o dever, quando a coisa não pode, ou não deve ser executada".

663

DEVOLVER, **restituir**. – Devolvemos aquilo que estava em nosso poder, sem ideia alguma de que a coisa devolvida pertença à pessoa a quem a recambiamos. Restituímos alguma coisa que é propriedade de outra pessoa, de quem a recebemos com o compromisso de fazê-la voltar a seu dono. Restituímos ao legítimo proprietário o que não é nosso. Devolvemos, isto é, fazemos voltar ao lugar de onde veio, ou à pessoa de quem a recebemos, a coisa que estava conosco. – Restituir = fazer voltar à situação de direito, ao devido estado, ao lugar competente; devolver = fazer voltar ao lugar onde estava.

664

DIABÓLICO, satânico, infernal, demoníaco. - Resumindo o que dizem Bourg. e Berg. escreve um dos nossos autores quanto aos três primeiros vocábulos deste grupo: "Exprimem estas palavras três diferentes graus da maldade. – **Diabólico** dizemos do que à ideia de maldade reúne a de manha, finura, astúcia. – Satânico qualifica a maldade maliciosa ou astuta, levada a tão alto grau como a pode compreender o próprio Satanás. – **Diabólico** dizemos das pessoas e das suas obras e qualidades; satânico, só das qualidades. É um homem diabólico; tem uma imaginação diabólica; fez um plano, um ato diabólico. Há sujeitos, com cara de santos e que têm sorrisos satânicos. - Infernal, que se diz das pessoas, das suas qualidades e dos seus atos, encarece sobre diabólico por encerrar uma ideia de horror de que este carece. Um homem diabólico é travesso; um homem infernal é perverso". – Demoníaco se diz do que é astuto, inquieto, maligno como o demônio. Gênio demoníaco = possesso, caprichoso, incompreensível, malvado como o demônio.

665

DIALÉTICA, lógica. - "Esta parte da filosofia" – define Laf. – "que ensina a bem raciocinar, a bem usar da sua razão; e, numa acepção derivada – talento que consiste em raciocinar direito, a pensar como é preciso, de uma maneira sã, consequente, metódica". - Lógica vem do grego logos "discurso, pensamento, razão"; dialética, do grego dialegesthai "entreter-se, discorrer, conversar". Daí resulta esta diferença notável: que a lógica nos instrui sobre o bom uso da nossa razão no esforço de procurar a verdade; enquanto que a dialética ensina a bem dirigir a nossa razão na disputa, nas conversações, na transmissão da verdade. Um profundo pensador, como Descartes ou Malebranche, é um bom lógico; um hábil controversista, como Bayle, ou o grande Arnaldo, é um bom dialético. Aquele a quem falta lógica raciocina mal; o que não sabe manejar a arma da dialética não resiste aos argumentos do adversário. Há em todos os homens, ainda os mais grosseiros, uma lógica que se desenvolve com a idade, e lhes sugere até altas ideias, como a de Deus, por exemplo. "Aristóteles fez ver na sua Retórica que a dialética é o fundamento da arte de persuadir, e que ser eloquente é saber provar" (Volt.). "Há uma lógica natural de que ninguém se deve afastar qualquer que seja o assunto, mas principalmente em estâncias morais" (Lah.). "Uma das armas de Beaumarchais,

e que lhe serviu para tudo, é a sua dialética... é a lógica oratória, a de Demóstenes" (Lah.). Eis aí o termo próprio achado: a dialética é particularmente a lógica oratória. – A dialética é também a lógica das escolas da Idade Média, a lógica da escolástica; pois que todos os nossos meios de chegar à verdade aí se reduziam a um só – a disputa. Também os grandes reformadores modernos, que combateram esta filosofia de argumentadores, criticaram-na, sob o nome de dialética, como impotente para descobrir coisa alguma, e opuseram-lhe a lógica. A prova disso é Descartes. "É preciso também – diz ele – estudar a **lógica**, não a da escola, porque esta não é, falando propriamente, mais do que uma dialética que ensina os meios de fazer passar aos outros as coisas que se sabem; ou ainda de dizer sem juízo muitas palavras sobre coisas que se não sabem; e é assim que semelhante lógica, em vez de aumentar ou fortalecer - corrompe o bom senso; mas a lógica que é preciso estudar é aquela que ensina a bem conduzir a razão para descobrir as verdades que se ignoram". Mesmo na linguagem comum, a palavra dialética recorda os defeitos bem conhecidos da escolástica. "A lógica mais exata, conduzida e dirigida por um espírito de geômetra, é a alma de todas as obras de Arnaldo; mas decerto que anda longe essa lógica de ser uma dialética seca e descarnada, que não apresenta mais do que um como esqueleto de raciocínio" (D'Ag.). Por outro lado, como a lógica se ocupa da procura, e a dialética se ocupa da demonstração da verdade; como uma tende a guiar o pensamento individual independentemente de toda expressão, e a outra a fazer triunfar nas discussões, a fazer prevalecer pela palavra uma tese ou uma causa – por isso a **lógica** é mais relativa ao fundo, e a dialética à forma; a primeira às ideias, a segunda à maneira de as apresentar. Um bom lógico pensa e raciocina direito, com justeza; mas, se não tem arte e habilidade, pode muito bem ser um detestável dialético. E reciprocamente: sem lógica, sem retidão de espírito, raciocinando mal, ou obliquamente, pode-se, como outrora os sofistas, ser muito bom dialético, para dar ao falso as aparências do verdadeiro. Tomar e propor erros como premissas, como verdades fundamentais - eis o efeito da má lógica; saber tirar dessas premissas conclusões capciosas, próprias para vencer um adversário ou os contraditores - eis a obra de uma subtil dialética. É neste sentido que se tem dito de J. J. Rousseau: "Se não se tem o cuidado de o deter ao primeiro passo, logo a sua dialética, tão subtil quanto é má a sua lógica, vos arrasta com ele na torrente das consequências" (Lah.). No estado atual da filosofia, a lógica é uma ciência que compreende a dialética: a dialética é a parte da lógica que a escolástica cometeu o erro de cultivar exclusivamente; a única que é preciso ser conhecida do orador, porque é a única que trata da comunicação, ou da exposição da verdade; a que concerne ao raciocínio quanto a suas diferentes formas e que se designa por uma só palavra – a silogística, ou a argumentação".

666

DIALECTO, língua (linguagem), idioma, jargão, geringonça, provincianismo, gíria, calão, patoá. — De quase todos estes vocábulos, e de acordo com os mais autorizados sinonimistas, escreve Bruns.: — Língua é o modo de falar de uma nação, de um povo ou de uma raça — modo sujeito a regras fixas que determinam a individualidade dessa língua e a fazem inconfundível com outra qualquer. A língua portuguesa é falada em Portugal e no Brasil. A língua árabe predomina entre os povos maometanos. — Idioma, vocábulo que geralmente se confunde com língua, não deve dizer-se de um modo

absoluto da língua de uma nação, mas só dessa língua desligada de qualquer sujeição às regras gerais que a singularizam. Assim é que no idioma português cabem expressões particulares que a língua portuguesa não admite, expressões que, conquanto tenham o cunho nacional, carecem do quilate necessário para se considerarem como de lei. O idioma trasmontano tem particularidades que são realmente merecedoras de estudo. (Deste termo diz ainda um outro autor que "se aplica também, com um certo ar de desprezo, às línguas que não têm um domínio extenso, um grande círculo de ação; que se não tornaram *línguas* literárias, sobretudo ao compará-las com línguas mais perfeitas: os idiomas bárbaros introduziram certas palavras no grego e no latim. Emprega-se especialmente idioma falando das línguas de tribos pouco civilizadas e que quase não são usadas fora do território dessas tribos: os idiomas das hordas da Guiné, dos selvagens da Polinésia; de todos os idiomas da Itália central, o do Lácio é o único que se tornou uma língua". Bourg. e Berg.) - Dialecto é uma língua de pouca extensão, derivada de uma língua principal, mas diferente desta nas flexões e em várias outras particularidades... Um dialecto propriamente dito é uma derivação de uma língua principal, mas derivação que carece de estabilidade (e de fixidez) pois, entre os povos que falam um mesmo dialecto, encontram-se, não só variedades de pronúncia, como diferença de vocábulos: o que se pode ver, por exemplo, no dialecto galego, que não só varia de pronúncia de uma para outra província, senão de comarca, e até às vezes de povoação para povoação; sem contar que no galego de Lugo há vocábulos desconhecidos na Corunha, como nesta os há desconhecidos em Orense e em Pontevedra. O dialecto asturiano oferece muito maior uniformidade que o galego, e não obstante nota-se diferença

sensível entre o que se ouve em Castropol, perto da Galiza, e o que se prolonga até à região chamada Montanha de Santander. (Dialecto, diz Roq. que "significa linguagem particular de uma província, colônia ou cidade, derivada e alterada da língua geral de que procede, tanto na pronúncia, na acentuação, como nos acidentes gramaticais, etc.". A língua grega tinha quatro principais dialectos – o ático, o dórico, o jônico, e o eólico, além de outros menos notáveis, a que se pode chamar subdialectos, como o beótico, o siracusano, o siríaco etc. Consiste o dialecto: I.º no uso de palavras estranhas a outros dialectos; 2.º no uso de significações particulares a certos dialectos; 3.º na vária escritura das palavras, trocando, aumentando ou diminuindo as letras, ou invertendo a ordem das mesmas; 4.º na alteração das formas das palavras declináveis, já dando-lhes terminações diferentes do que se observa na língua comum, já classificando-as em diversa declinação ou conjugação; 5.º na sintaxe. O que aconteceu aos gregos, quanto aos dialectos, aconteceu a alguns povos da Alemanha, da Itália, das Espanhas, e também aos índios do Brasil, cuja língua geral, que se falava em quatrocentas léguas de costa, tinha diversos dialectos, como observou o padre Vieira, que nos principais deles compôs catecismos para doutrinar os mesmos índios".) - Linguagem é vocábulo muito mais extenso, mas por isso mesmo muito menos preciso que língua. Qualquer sistema de sinais que exprimem o pensamento é uma linguagem, quer obedeça esse sistema a regras determinadas, quer não: há linguagem falada, linguagem escrita, linguagem acionada (linguagem mímica). Aplica-se também esta palavra a seres alheios à humanidade; e até a objetos inanimados; e assim dizemos que os animais têm a sua linguagem; e também: a linguagem das flores, etc. Em sentido mais restrito, exprime esta palavra o modo como se serve

da sua língua quem exerce uma profissão, e também como nela se exprime quem está dominado por uma paixão; é nesta acepção que se diz: linguagem técnica, linguagem médica; a linguagem da cólera, etc. - Jargão é a palavra adotada para exprimir uma ideia de coisa que não existe entre nós: aquilo a que os franceses dão o nome de patois... (Aliás, os franceses distinguem patois de jargon. O patois, segundo Bourg. e Berg., é um dialecto degenerado, que cessou de ser língua literária, se é que o foi, e que não mais é falado senão pelo baixo povo, em uma província, ou mesmo em um cantão, e que foi substituído, na boa sociedade, por uma outra língua, a língua oficial; é assim que tendo a cruzada contra os albigenses destruído a civilização da França meridional, a língua d'oc cessou de ser literária, e subdividiu-se numa multidão de patois locais, enquanto que a língua d'oil, falada pelos franceses do norte, se fazia a língua oficial e literária; tendo esta por seu lado recebido sua forma completa, os vários dialectos, que a tinham formado, degeneraram em patois (picardo, normando, borgonhês, etc.). O jargão (jargon), de jars, "pato", é um modo de falar ininteligível, seja devido aos termos empregados, seja devido à maneira embrulhada, obscura, segundo a qual se dispõem expressões conhecidas, ou se apresentam ideias pouco claras. Por extensão, ou por desprezo, chama-se às vezes jargão uma língua estrangeira, o patois de uma província, para exprimir que dele nada se compreende; diz-se também da linguagem de uma pessoa, de uma sociedade, do estilo de um escritor: o jargão do Limousin; eu nada entendo do jargão da metafísica.") - Geringonça (ou gerigonça) é o termo que em português equivale ao francês jargon e diz-se de toda linguagem ininteligível, quer pela natureza dos termos nela empregados, quer pelo modo confuso e obscuro de nele se disporem expressões conhecidas para exprimir ideias

que geralmente se designam de outro modo. Por desprezo, dá-se esse nome a uma língua estrangeira que nos parece rude. - Calão e gíria são sinônimos perfeitos com que se designa a linguagem dos fadistas e gatunos; diferençam-se apenas em calão provir do espanhol caló, e gíria ser vocábulo português. Da linguagem dos ciganos, melhor se diz gíria que calão". Notemos ainda que esta segunda tem sempre mau sentido: dizemos – gíria popular, gíria dos bastidores, gíria dos quiosques; e – baixo calão; calão dos alcouces, etc. - Provincianismo é termo, ou expressão usada na província, ou fora do grande centro de cultura onde se fala bem a língua. - Patoá (adaptação do francês patois) não é propriamente dialecto, mas "uma como simples e vaga nuança da língua principal; ou alteração ligeira que sofre a mesma língua conforme a província em que é falada". O patoá dos napolitanos, dos calabreses.

667

DIÁRIO, quotidiano, diurno. - Diário e quotidiano é o que se faz ou ocorre todos os dias. Mas o segundo exprime particularmente esta ideia de "todos os dias com perfeita regularidade"; enquanto que diário designa melhor prazo, espaço de tempo que se repete. Dizemos - vencimentos diários, renda diária (e não quotidianos vencimentos, nem renda quotidiana). Diurno, além de antônimo de noturno, designa também o que corresponde ao espaço de tempo de um dia astronômico. "O sol ou ilumina diurnamente, ou em seu aparente movimento diurno, todos os pontos da esfera terrestre". Aí marca-se apenas a ideia de tempo e de espaço percorrido durante esse tempo. "Costumamos fazer uma visita diária ao hospital" (uma visita por dia). "Costumamos fazer duas visitas diárias ao hospital". Em nenhum desses casos caberia quotidiano. Por outro lado, dizemos: "o pão quotidiano" (o pão de cada dia, de todos

os dias); "o meu ganho diário" (o meu ganho por dia de trabalho). "O meu serviço diurno é sempre mais pesado" (o serviço que faço durante o dia, para diferençá-lo do que faço durante a noite).

668

DICÇÃO, elocução, estilo; vocábulo, palavra, voz, termo, expressão, frase. - As três primeiras palavras deste grupo se referem ao modo de exprimir o pensamento; e ainda que de ordinário se confundam, há entre elas distinção que se não deve esquecer. Dicção é a voz, a locução que enuncia a ideia; elocução e estilo referem-se ao modo como se arranjam as palavras na frase. Mas elocução sugere ideia da escolha e disposição das palavras; e estilo sugere ideia do gosto, do espírito, do talento próprio, pessoal, com que um autor se exprime. Dizemos – dicção vernácula; elocução fácil; estilo brilhante: de onde se vê que dicção se refere à lidimidade e pureza da forma; elocução, à peculiaridade saliente, característica da elocução. O estilo depende da estrutura, da enervação, do travamento, de tudo isso que tem de particular a cada escritor o modo de escrever; a elocução pode-se dizer que é o estilo no falar, é o modo de dizer, com mais ou menos propriedade e clareza; a dicção é o termo, a voz considerada na sua pureza em relação à vernaculidade. Há estilo pesado, estilo leve, estilo brilhante, magnífico, admirável, conciso, subtil; há elocução fluente, serena, majestosa, elocução emperrada, difícil, tolhida; há dicção correta, castiça, dicção viciosa, imprópria. – Bruns. acrescenta os seguintes vocábulos a dicção num dos grupos onde estudou esta palavra: - "Palavra é termo genérico, correspondente ao verbum latino, e diz-se de todo sinal representativo da ideia pela linguagem, mas considerado apenas materialmente, isto é, nas suas relações gramaticais, linguísticas ou filológicas.

Palavra simples, palavra composta, palavra comprida, palavra curta," etc. - Vocábulo é a palavra considerada quanto à sua pronúncia ou som. Vocábulo sonoro, vocábulo grato ao ouvido; vocábulo esdrúxulo, vocábulo grave, etc. – Termo é a palavra considerada em relação à ideia que exprime, ou ao uso que se faz dela. Termo consagrado, termo forense, termo técnico, etc. - Expressão tem maior sinonímia com termo que com os outros vocábulos do grupo. Diferençam-se estas duas palavras em termo ser objetivo, posto que se refira à ideia que exprime, e expressão ser subjetivo, por se referir à ação direta do sujeito que fala, ao seu modo de exprimir o pensamento. O valor de cada termo está indicado na língua pelo dicionário, pela gramática; o valor de expressão depende do orador ou do escritor, do modo como ele combina ou emprega as palavras para traduzir as suas ideias e pensamentos. - Frase tem mais sinonímia com expressão do que termo. Apenas frase pode ser tomada como parte de uma proposição, fora do conjunto da qual deixará de ser propriamente uma expressão.

669

DICIONÁRIO, léxico, vocabulário, glossário, elucidário. - Segundo Bruns. - "dicionário é a coleção de todas as palavras de uma língua, dispostas em ordem alfabética, e seguidas da respetiva definição, ou da sua tradução noutra língua. Dá-se também este nome a qualquer coleção de termos e nomes de determinados ramos do saber humano, como história, geografia, veterinária, etc., dispostos, como no anterior, em ordem alfabética, e seguidos de quantas indicações os podem tornar compreensíveis. – Léxico se diz apenas dos dicionários das línguas clássicas antigas, e particularmente do dicionário da língua grega (ou da latina). -Vocabulário é termo de significação pouco

precisa, pois enquanto uns dão esse nome à coleção de todos os vocábulos de uma língua, seguidos de breves definições, pretendem outros dá-lo à coleção de todos os termos simples da língua para guiarem na sua ortografia; e outros ainda à coleção de certos termos peculiares a uma arte ou ciência. - Glossário é um vocabulário que explica termos obscuros por meio de outros conhecidos. Seria útil que algum erudito fizesse um glossário completo dos termos arábicos e godos que correram em Portugal durante a primeira dinastia. – Elucidário é o nome que o padre Joaquim de Santa Rosa de Viterbo deu ao seu glossário de antigos termos portugueses. Posteriormente tem-se dado esta denominação a vários outros vocabulários".

670

DIFERENÇA, distinção, dissemelhança, disparidade, desproporção, desigualdade, diversidade, variedade, distância. - Diferença (do latim dis, prefixo de separação, e o verbo ferre "levar") é, segundo Bourg. e Berg., a qualidade característica das pessoas ou das coisas que são outras, que não são as mesmas que certas pessoas ou coisas às quais as comparamos. É termo genérico, tendo como significação própria estabelecer o caráter, a originalidade dos objetos comparados, e de cuja originalidade exprimem várias nuanças os sinônimos agrupados acima. – A dissemelhança (do prefixo dis, e do adjetivo semelhante) é a diferença que existe entre dois objetos que não são semelhantes. Tem, portanto, a dissemelhança relação apenas com a forma, e não com o fundo. Dois objetos diferentes podem não ser dissemelhantes; por exemplo: duas circunferências, dois quadrados, um retrato e seu original; mas uma circunferência e um quadrado são dissemelhantes porque não têm a mesma forma. Algumas vezes, dissemelhante serve para

indicar simplesmente uma diferença ligeira, pouco apreciável; como a dissemelhança que existe entre dois carateres que se aproximam um do outro, mas estão, todavia, separados por certas particularidades pouco sensíveis. - A distância (do prefixo dis, e do verbo latino stare "estar, fixar-se") é, ao contrário, uma grande diferença: este termo se diz propriamente do intervalo que separa dois objetos afastados um do outro; e por extensão, da diferença bem sensível que existe entre duas pessoas, ou duas coisas que não têm a mesma natureza; ou que apresentam poucos pontos comuns: da indigência à riqueza há muitas vezes uma distância intransponível. – A desproporção (do prefixo dis, e de proporção) é uma diferença muito grande, grande demais; este termo marca sempre um excesso em uma das partes que se comparam – excesso que não permite mais a comparação e que destrói toda relação de proporção entre as partes: dir-se-á, por exemplo, que há uma grande desproporção entre as forças de um homem e as de seu adversário, entre as pretensões de um vaidoso e suas capacidades. - Desigualdade (do prefixo negativo des e de igualdade) marca uma diferença da mesma natureza, mas menor que a desproporção. Serve este termo desigualdade para designar o estado relativo de dois objetos que não são iguais em valor; a diferença de quantidade que existe entre duas coisas, ou entre duas pessoas, como quando se diz, por exemplo, que há uma grande desigualdade de população, de recursos, entre duas nações. Também algumas vezes desigualdade se diz da falta de equilíbrio, de continuidade dos mesmos atos, ou das mesmas qualidades em uma mesma pessoa: dizemos, por exemplo, de uma pessoa caprichosa – que tem uma certa desigualdade de humor, de caráter. - A disparidade (do prefixo dis, e do latim par "igual") supõe sempre uma comparação: é a diferença que existe entre duas coisas ou duas

pessoas que não têm, por assim dizer, nenhuma relação de analogia ou de semelhança; por este lado, este termo se aproxima muito de distância, mas exagerando, pois marca uma diferença maior, e, além disso, quase não se emprega senão para exprimir relações morais, como - a disparidade de dois caracteres, de duas opiniões. - Variedade (do latim varius, "vário, diverso") é um termo coletivo que serve para designar, não uma simples diferença, mas um conjunto de objetos diferentes, dissemelhantes, que se acham reunidos, e cuja reunião produz um efeito qualquer, mas geralmente agradável à vista ou ao espírito. É a ideia do efeito produzido que domina no sentido de variedade. -Diversidade (do prefixo separativo dis, e do latim vertere, "voltar") é, "como variedade, um termo coletivo, mas aquele distingue-se deste em marcar mais nitidamente oposição entre ideias, tendências contrárias e que se combatem ou se afastam o mais possível umas das outras, em uma palavra – uma diferença absoluta, radical, que está na essência mesma das coisas. Assim que a variedade dos sentimentos é compatível com a harmonia geral, enquanto que a diversidade das opiniões é necessariamente uma origem de conflitos". - A distinção, como bem explica S. Luiz, "exclui a perfeita identidade; como a diferença exclui a perfeita semelhança, e como ainda a diversidade exclui a conformidade. Dois objetos distinguem-se pela simples razão de serem dois, ainda que aliás sejam perfeitamente semelhantes. Basta o número para excluir a perfeita identidade".

67I

DIFICULDADE, obstáculo, embaraço, empecilho, estorvo, impedimento. - O obstáculo – diz Roq. – "faz a coisa impraticável; a dificuldade fá-la difícil, árdua. Enquanto duram as dificuldades, adianta-se pouco; enquanto subsistem os obstáculos, não se adianta nada, porque o que chamamos vencer um obstáculo é evitá-lo ou destruí-lo: e em tal caso, o ser a operação praticável consiste em que o obstáculo não existe já; a dificuldade, porém, pode vencer-se sem que deixe de existir, empregando meios superiores a ela. Há dificuldade em andar por um mau caminho, no meio de precipícios, porém pouco a pouco se vai adiante. Um grosso tronco derribado através da estrada, uma cheia que cobre as pontes, podem ser obstáculos que nos não permitam continuar a viagem". - Embaraço aproxima-se de dificuldade: é "qualquer coisa que não deixa livre a passagem, a ação, o movimento". Sentimos embaraço em falar quando comovidos. - Empecilho acrescenta à noção de embaraço a ideia, que sugere, de "importunação, de intuito de embaraçar e fazer dano". "As intrigas lhe criaram empecilhos que aumentaram os embaraços naturais da delicada função". -Estorvo exprime a ideia geral de "o tudo quanto apresenta oposição a alguma coisa". Um estorvo pode apenas embaraçar, ou pode impedir. - Impedimento é propriamente a "impossibilidade que resulta de um obstáculo". O impedimento em que está alguém de fazer o que deseja, ou de cumprir o seu dever, por motivo de moléstia, ou porque há obstáculos que é preciso eliminar primeiro.

672

DIFUSO, prolixo (ou proluxo), comprido, longo, extenso. - Difuso é o que fatiga, desagrada, enfastia pela excessiva minuciosidade. - Prolixo (ou proluxo) é o extenso demais, o que contém coisas supérfluas, tornando-se por isso longo e fatigante. -"Difuso – diz Laf. – refere-se ao mesmo tempo à quantidade e à qualidade: o que é difuso é extenso demais por falta de propriedade ou de justeza. - Prolixo só diz respeito à quantidade: o que é prolixo é longo demais. É simplesmente uma falta de medida. Por um outro lado, difuso tem mais relação com a dicção, com o estilo; e prolixo, com as coisas ditas, com os fatos expostos. - Difuso anuncia antes uma superfluidade de palavras; e prolixo, uma superfluidade de circunstâncias naquilo que se narra. A língua francesa, com seus auxiliares e seus artigos, é difusa. (Cond.); chamam-se expressões difusas aquelas que são opostas aos termos próprios (Id.). Mas dizemos – uma carta, uma narrativa, uma memória prolixas, referindo-nos às coisas que aí se contêm". De difuso, longo e prolixo diz o nosso Roq. que "indicam os defeitos que fazem pesado e fastidioso um discurso, uma obra, o estilo de qualquer autor; mas que entre si diferem. – Longo ou comprido recai sobre a duração; difuso, sobre o modo; prolixo, sobre a superfluidade minuciosa de coisas inúteis. Longo, ou comprido, é o sermão que dura muito tempo; é difuso quando o pregador trata com demasiada miudeza a matéria, o ponto ou pontos de que se compõe; será prolixo o pregador, se multiplicar inutilmente os epítetos ou adjetivos, se usar de perífrases em lugar de definições, se ajuntar explicações acessórias inúteis e fastidiosas, detendo-se em pequenas e ligeiras circunstâncias, etc. A carta que o padre Vieira escreveu a El-Rei d. Afonso VI acerca das missões na ilha dos Nheengaybas é longa, mas não é difusa, e nenhuma prolixidade nela se nota. Ao longo ou comprido opõe-se o curto; ao difuso, o lacônico; ao prolixo, o conciso". Por sua vez, diz Bruns., tratando de comprido, longo e extenso: "O primeiro, se atendermos à primitiva significação do vocábulo, deve dizer-se do que chega até onde deve chegar, do que não é curto, do que tem comprimento suficiente. É por exageração deste último sentido que comprido se diz do que vai além de onde devera chegar, do que tem muito comprimento; mas note-se que para determinar esta acepção

do vocábulo é necessário modificá-lo com o advérbio muito. Uma manga comprida chega ao ponto onde deve chegar; nem é curta, nem exagerada. Uma manga muito comprida não se pode admitir, tem comprimento excessivo. – Longo é mais relativo à duração que à extensão. Um longo discurso cansa; um discurso comprido talvez seja interessante. Temos gosto em receber cartas compridas dos nossos amigos, mas enfastiam-nos as longas cartas de quem não estimamos. - Extenso é relativo ao desenvolvimento de cada uma das partes que compõem o todo. Uma carta extensa pormenoriza cada um dos pontos que nela são tratados. Em mil circunstâncias, o uso confunde estes vocábulos, com especialidade os dois primeiros".

673

DIGRESSÃO, divagação, distração, diversão. - Digressão é propriamente o fato de sair, de afastar-se do ponto em que se está, do assunto principal de que se trata. Um orador que faz muitas ou repetidas digressões pode comprometer o efeito do seu discurso para o fim que tem em vista (pois as digressões afastam do tema do discurso a atenção dos ouvintes). – Divagação é também o ato de sair do lugar em que se está para perambular em volta; e em referência ao orador ou ao escritor, é o vício de esquecer, de deixar em segundo plano a matéria principal, distraindo-se o escritor ou o orador com outras coisas mais ou menos fora daquilo que é propriamente o seu tema. - Tratando do primeiro e dos dois últimos vocábulos do grupo, diz Roq.: "Quando divertimos a atenção de um objeto, em que a tínhamos ocupada, fazemos uma diversão. Quando de propósito nos desviamos do caminho que levávamos, ou nos apartamos do fio natural do discurso ou do negócio, fazendo como rodeio e voltando depois a ele, fazemos uma digressão. – A distração pode ser,

e muitas vezes é, involuntária; a diversão e a digressão sempre são voluntárias. Aquela sucede de ordinário em objetos de estudo, aplicação e meditação; estas verificam-se em discursos, nos negócios da vida humana, nos trabalhos de todo gênero. A inconstância ou ligeireza de nosso espírito causa com frequência a distração; para aliviar o espírito ou o corpo fatigado, é muito útil e talvez necessária a diversão; na eloquência considera-se como um vício a digressão, posto que às vezes é conveniente".

DILACERAR, lacerar, despedaçar, espedaçar, retalhar, golpear, cortar, rasgar, romper, estilhaçar, atassalhar. – Todos estes verbos têm de comum a significação de romper, reduzir a pedaços; e no sentido figurado – a de pungir, de causar moralmente uma sensação tão dura como se nos rompesse a alma. – Entre lacerar e dilacerar há apenas a diferença marcada pelo prefixo que figura no segundo. – Lacerar é "cortar, rasgar"; e aplica-se tanto no sentido natural como no figurado. – Dilacerar é "rasgar com força, ímpeto, violência, separando os pedaços". "Os cães dilaceraram o cadáver" (reduziram-no a postas). "O cão lacerou toda a criança" (rasgou-a, cortou-a). O triste espetáculo lacera-nos a alma; a desgraça de um filho dilacera a alma dos pais. – Entre espedaçar e despedaçar nota-se uma diferença análoga; espedaça-se dividindo em pedaços; despedaça-se espedaçando com violência. No sentido físico sente-se melhor a distinção: espedaçamos uma folha de papel, uma porção de pano, espedaçamos o pão, etc. (reduzimos simplesmente a pedaços); despedaça-se um móvel, um vaso quebrando-o de encontro a um muro; o cão despedaçou o gato. – Golpear é apenas "ferir de golpe, dar golpe contra, ou nalguma coisa". Nem sempre o golpe corta; pois cortar é abrir, separar. – Retalhar

é golpear e também cortar muitas vezes: ferir em várias partes, ou separar em muitas porções (retalhos). Golpeia-se a árvore para extrair--lhe a seiva. Corta-se a árvore separando-a do tronco. Retalha-se-lhe o tronco para lenha. Na primeira investida, golpeou-lhe o flanco; em novo assalto cortou-lhe a mão direita; afinal matou-o, retalhando-lhe cruelmente a face... -Rasgar e romper concordam na significação de "abrir fenda em..., lacerar, ferir desunindo, desligando tecidos": ambos sugerem ideia de violência, e em muitos casos são sinônimos perfeitos: a farpa rasgou ou rompeu a manga do casaco. Mas romper significa também "quebrar, despedaçar, destruir com violência": rompem-se cadeias, obstáculos (e não propriamente - rasgam-se). Há de ser muito raro o caso em que rasgar se não possa substituir pelo outro. – Estilhaçar é "reduzir a estilhas ou estilhaços": a explosão estilhaçou todo o aparelho, ou o rochedo, ou a vidraça. – Atassalhar é "cortar em pedaços (tassalhos), lacerar muito". Emprega-se mais frequentemente no sentido translato: atassalhar a reputação, a honra, o bom nome alheio.

675

DILAPIDAR, dissipar, esbanjar, prodigalizar, gastar, consumir, desperdiçar (esperdiçar), malbaratar, desbaratar, estragar. – Dos quatro primeiros trata Bruns, nestes termos: "Dilapidar, que propriamente significa arruinar e espalhar as pedras arrancadas, emprega-se no sentido de gastar como perdulário, comparando essa ação com a dos vândalos, que destroem os monumentos e dispersam seus materiais. Diz-se com relação às grandes fortunas, reunidas talvez à custa de sacrifícios, e que são gastas à toa e sem o menor proveito. Aplica-se muito apropositadamente este verbo aos governos que abusiva e estultamente arruínam as nações. D. João V, que em tudo quis macaquear a Luiz XIV, dilapidou o erário. - Dissipar, que se aplica às grandes e às pequenas fortunas que se consomem no luxo, nos prazeres e nos vícios, compara-as ao fumo que desaparece nos ares. - Esbanjar (vocábulo derivado de bojo, ou volume que faz a bolsa repleta) não indica um resultado tão completo como os verbos precedentes. É termo familiar, que melhor se aplica ao modo de gastar à toa e rapidamente o dinheiro que se traz consigo. - Prodigalizar chama principalmente a atenção para a incúria do pródigo que dissipa ou dilapida os seus bens". - Gastar, aqui, é "despender em excesso, e sem muito critério, mais do que o necessário, ou pelo menos sem o proveito ou a utilidade com que razoavelmente se despende". - Consumir é "fazer desaparecer sem deixar fruto". - Desperdiçar (ou esperdiçar) é "gastar desatinadamente e sem proveito algum, por fora, lançar de si desordenadamente". – Malbaratar é propriamente "dar por pouco a fortuna, os bens que se possuem, não fazer caso do seu dinheiro ou, em geral, daquilo que lhe pertence". -Desbaratar distingue-se de malbaratar pela ideia, que sugere, do "esforço, da ansiedade com que põe fora e estraga" aquele que desbarata. Uma pessoa que não tenha amor ao dinheiro, nem certa discrição e medida nos seus gastos, pode malbaratar até uma fortuna. O pródigo e estroina desbarata o seu patrimônio. – Estragar é "destruir, pôr em ruínas, desmantelar". O que se estraga nem sempre se perde inteiramente; mas, com certeza, quem estraga os seus bens, a sua saúde, a sua reputação, é que lhes causa dano.

676

DIMANAR, emanar, manar; fluir, efluir, defluir; correr, escorrer; estilar, gotejar, pingar; exsudar, ressudar, transudar, ressumar (ressumbrar); escoar-se; golfar, jorrar. – Muitos dos vocábulos aqui agrupados não

são propriamente sinônimos, pelo menos em certas acepções: apenas aproximam-se, no sentido natural, pela ideia comum de sair, derivar-se, deixar a fonte. – Dos três primeiros, diz Bruns.: "Entre dimanar e emanar nota-se a mesma diferença que existe entre, por exemplo, dilucidar e elucidar: dimanar sendo uma atenuação de emanar, como este o é de manar. Manar se diz do que brota perene e abundantemente; emanar, do que vem com força; e, figuradamente, do que sai ou se deriva direta ou imediatamente de alguma causa poderosa; e dimanar do que brota serenamente; e, no sentido figurado, do que deriva mediatamente de algo. Manam os rios das fontes; emanam dos pântanos os miasmas deletérios; dimana o sangue do coração. É da doutrina católica que o poder de ligar e desligar dimana, nos sacerdotes, e emana, no papa, do próprio Deus". – Quanto a alguns outros do grupo, eis o que escreve fr. S. Luiz: "Empregamos estes vocábulos (manar, estilar, pingar, gotejar) para exprimir a ação com que um líquido sai, ou é lançado de um vaso ou corpo que o contém, e nisto são sinônimos; mas têm entre si diferenças mui características. Dizemos que um líquido mana do vaso, quando sai dele em fio, ainda que seja lentamente; que o corpo estila o líquido, quando deita fora, às gotas, o mais fino, o mais apurado dele; que o líquido pinga de um corpo, ou que o corpo pinga o líquido, quando este cai de cima gota a gota; e, finalmente, que o corpo goteja, quando dele caem gotas amiudadas. Mana a água da penha; o rio da fonte; o sangue da ferida; manam as riquezas e bens do céu sobre a terra, etc. Os olhos estilam lágrimas; e também se diz que deles manam lágrimas, quando estas correm como em fio, em maior abundância; algumas árvores estilam o humor de que se formam as gomas; "os lábios da mulher estilam doçura" (diz Arraez), etc. Pinga do telhado a água da chuva; pinga o vinho

da cuba; pinga gordura das carnes assadas, etc. A espada goteja sangue; o telhado goteja água, que por tempo arruína as paredes; gotejam os vestidos do naufragante; "gotejam as tranças das ninfas do mar" (Camões) etc. - Os verbos fluir, efluir e defluir enunciam também a ideia de "manar, sair, correr, estilar"; e só existe entre eles a diferença marcada pela prefixação dos dois últimos. O que flui deriva-se, corre, mana, sem ideia alguma acessória, principalmente quanto à direção que toma aquilo que flui. O que eflui emana, destila, como se irradiasse para todos os lados. O que deflui dimana, decorre, de um lugar determinado para certo outro lugar, e como se viesse do alto. "Flui-lhe dos lábios aquele doce mel de voz divina; eflui-lhe da fronte serena uma luz maravilhosa; deflui-lhe dos olhos um fulgor que nos cega"... - Entre correr e escorrer só há a diferença que consiste em dar o segundo desses verbos a ideia de que há uma causa atual, positiva, que faz correr. Corre o rio (não - escorre); escorre o sangue da ferida que se espreme. – Os verbos exsudar, ressudar, ressumar (ou ressumbrar) e transudar, quase que se pode dizer, são aplicados indistintamente; e, de fato, não é sensível a diferença que se pode notar entre eles, pois todos significam "sair, verter, vir para fora". Mas o que *exsuda* sai como o suor, verte pelos poros; o que ressuda sai com mais força; o que ressuma (ou ressumbra) sai como por efeito de pressão, como aquilo que escorre; e o que transuda verte com esforço. – Escoar-se enuncia a ideia geral de passar (um líquido) lentamente de um lugar para outro; e no sentido translato, a de ir passando, desaparecendo, sumindo-se. Escoa-se a água de um vaso; escoam-se as horas, os dias, escoa-se o tempo, etc. – Golfar é sair, correr às golfadas; e jorrar é sair com ímpeto. Feriu-lhe o peito e golfou um sangue negro. Bateu com a lavanca, e do rochedo jorrou água.

677

DIREITO, jurisprudência. - Segundo Bourg. e Berg. – "estas duas palavras significam, guardando umas tantas diferenças, a ciência das leis. - Direito (do latim directus 'dirigido, direto') é absoluto e geral; é a ciência das leis consideradas em sua essência, em suas relações com a moral e o direito natural, e relativamente ao fundo: o direito das gentes é o conjunto das leis que regulam as relações dos povos entre si; o direito romano é o conjunto das leis romanas, a concepção que os romanos tiveram do direito natural aplicado às relações sociais; o direito privado, o direito público formam igualmente um conjunto que dá a esta expressão sua significação geral. - Jurisprudência (do latim jus, juris 'direito', e prudentia 'ciência') é um termo relativo e particular, tendo relação com a forma, com as regras do direito, com os detalhes, com os usos, e com a aplicação da lei em tal ou tal caso, em tal ou tal país: a jurisprudência romana não é somente o conhecimento das leis romanas, mas também o da interpretação que faziam delas os tribunais e os jurisconsultos romanos. É no mesmo sentido que se diz: a jurisprudência de tal autor, de tal comentador, de tal legista; a jurisprudência da Corte de Apelação; a jurisprudência do Supremo Tribunal – isto é a tradição seguida por esses tribunais na interpretação e aplicação da lei. - A jurisprudência pode, pois, variar, pois que ela depende das opiniões humanas; o direito, que deriva da moral, tem regras absolutas e imutáveis".

678

DIREITO, justiça. – A ideia comum a estes dois vocábulos, na acepção em que neste grupo são tomados, é – diz Laf. – a de significar a maneira – direita, justa – de proceder para com outrem. – Direito (de directum, rectum, regere "reger", e daí regra "o que serve

para guiar, para fazer ir direito") significa uma coisa. – Justica é um termo abstrato, usado só no singular, e que exprime propriamente uma qualidade. - O direito é, pois, uma coisa, e a justiça uma qualidade – a qualidade dessa coisa. "Haverá um direito que se funde verdadeiramente na natureza e do qual se possa demonstrar a justiça por princípios tirados do conhecimento do homem?" (D'Ag.). – Das mesmas palavras diz o nosso Roq.: "O direito é o objeto da justiça, isto é, o que pertence a cada um. A justiça é a conformidade das ações com o direito; isto é, dar e conservar a cada um sua propriedade. - O direito é ditado pela natureza, ou estabelecido pela autoridade divina ou humana; pode variar algumas vezes segundo as circunstâncias. A justiça é a regra (o princípio) que é necessário seguir: não varia nunca".

679

DIRIGIR, guiar, conduzir, levar. - Têm de comum estes verbos a ideia de "encaminhar, fazer seguir para algures, orientar, ou mesmo assistir, proteger na viagem". -Guia-se, no entanto, "mostrando, ensinando o caminho, indo diante; dirige-se encaminhando, instruindo, dando direção de qualquer modo que seja; conduz-se dirigindo, regulando a marcha como chefe; leva-se conduzindo pela mão, ou ajudando a andar, dando forças, metendo ânimo, e talvez arrastando por força. O postilhão inteligente guia bem ao correio que não sabe o caminho. O pai, o mestre, o aio, o mentor dirigem com proveito o filho obediente, o discípulo dócil, o aluno aplicado, na carreira da educação e dos estudos. Um bom piloto conduz bem o navio ao porto. Leva o coronel seu regimento ao combate. - Guiar faz relação diretamente aos meios; conduzir, ao fim. Um traidor guia-nos por um atalho, para conduzir-nos ao sítio onde está emboscado o inimigo. - Dirigir faz relação a um termo, a

um fim determinado. Quem guia e conduz vai em pessoa; o que dirige pode dar os sinais, ou a direção, sem ir ele próprio. Levar indica dispor do objeto à sua vontade ou de sua marcha, e às vezes tomando-o nos ombros ou nos braços. A bússola guia ao navegante; o piloto conduz o navio; o leme o dirige na derrota; os ventos, enfunando as velas, o levam ao porto".

680

DISCERNIMENTO, juízo, critério, tino, consciência, inteligência, sentido, senso, perspicácia, sagacidade. - Todos estes vocábulos sugerem ideia de finura, capacidade, segurança, no entender, no julgar, no distinguir, no apreciar comparando. Dos dois primeiros dizem Bourg. e Berg.: "O discernimento (do prefixo dis e do verbo latino cernere "ver") é a qualidade do espírito pela qual se apercebem todos os detalhes de um objeto, todas as diferenças que distinguem uma coisa de outra; em uma palavra, é uma nítida visão das coisas em suas partes e seu conjunto, e que permite classificá-las segundo o respetivo valor. É sobretudo à teoria e à moral que se aplica este termo: o discernimento nos faz distinguir o bem do mal, o verdadeiro do falso; o discernimento é uma qualidade indispensável ao artista, ao crítico, para bem fazer a escolha das partes que constituem uma obra, e para bem apreciar. O juízo é uma qualidade do espírito que tem por base o discernimento, mas que leva mais longe, que ultrapassa a teoria para ir até à prática. É a faculdade pela qual, depois de haver discernido, se compara e se julga – isto é – se apreciam as condições relativas das diversas coisas, e se decide o que se há de fazer, segundo as luzes e os processos da razão. O **juízo** é necessário, não para distinguir o bem do mal, mas para decidir o que é preciso fazer; aplica-se, portanto, aos atos, à conduta: um homem de bom senso mostra sempre um grande juízo em todas as suas ações; um estouvado obra sem *juízo*; não tem, em sua conduta, nenhum juízo". – Critério é uma faculdade semelhante ao discernimento: distinguindo-se este, no entanto, por ser uma qualidade própria do espírito, ou do espírito em si mesmo. Critério não designa mais do que o juízo suficiente para entender, deliberar, escolher, fundado em razões que se apuraram. Num sentido mais restrito, critério é qualquer coisa de semelhante a "medida, bitola, craveira do nosso espírito, ou pela qual se regula o nosso espírito em qualquer esfera de aplicação". - Tino é como "uma subtileza, um instinto, uma aptidão natural para sentir a, para dar com a verdade; é um como discernimento congênito para entender." – Consciência, aqui, não é mais que "apercebimento do que se quer, do que se diz, do que se faz." - Inteligência, neste grupo, é a "compreensão clara, e como que instintiva, do que convém". - Sentido é aqui, como consciência, a "atenção com que se está, com que se obra, com que se olha, etc. Meteu-se no perigo sem sentido, ou sem consciência do que fazia. - Senso é "o tino, a inteligência, a habilidade natural com que se entende". Tem-se ou não se tem o senso do justo, o senso estético, o senso religioso, etc. – Perspicácia é como que "a inteligência pronta, a visão rápida das coisas, o dom natural de entender como pelo simples olhar. - Sagacidade é a firmeza de senso, a aptidão natural do espírito para descobrir o que está oculto; aptidão que, por isso mesmo, se compara ao faro de muitos animais".

68I

DISERTO, elegante, eloquente, facundo, claro, expressivo, brilhante. - Dos quatro primeiros, diz Roq.: - "Se **elegante** é o mesmo que composto, adornado, culto, sem afetação, seleto e esmerado; se eloquente é o bem e perfeitamente falado, com elegância, pureza e facúndia: é preciso olhar como rigorosamente sinônimas estas duas vozes, porque nestas duas aplicações só se descobre uma mesma ideia, isto é, a de graça e beleza na elocução. Porém isto parece convir peculiarmente à elegância, a qual consiste na formosura do estilo, na boa escolha das palavras, na perfeita construção das cláusulas, porque seu objeto é agradar; e não à eloquência, a qual consiste na energia do discurso, na escolha das razões, na eficácia dos argumentos, porque seu objeto é persuadir. Cícero é elegante em suas epístolas, eloquente em suas orações. Vieira é sempre elegante em suas cartas, e por vezes eloquente em seus sermões. Em elegância excedeu-se a si mesmo na censura à terceira parte da História de S. Domingos de fr. Luiz de Souza; em eloquência passou adiante a todos os oradores cristãos no sermão contra as armas de Holanda, pois quis converter a Deus. - Facundo é palavra latina (facundus, de fari 'falar') e designa propriamente o homem bem-falante, copioso no falar, que tem boa elocução. Distingue-se de **eloquente** em que esta palavra se refere quase sempre à eloquência considerada como arte, e aquela ao dom de bem-falar de que a natureza dotou a muitos homens, podendo citar-se com particularidade Ulisses, que por isso tem o epíteto de facundo. A diferença que fazemos entre eloquente e facundo parece autorizar-se com aquele lugar de Suetônio: Eloquentiæ, attendit Caius, quantumvis facundus, "Caio aplicou-se à eloquência, posto que fosse facundo (In vitâ, 53). Camões sentiu bem a diferença que vai de elegante a facundo, naqueles formosos versos em que fala de d. Nuno Álvares Pereira:

A'quelas duvidosas gentes disse. Com palavras mais duras que elegantes, A mão na espada, irado, e não facundo, Ameaçando a terra, o mar e o mundo.

(Lus., IV, I4)

683

- Diserto é palavra latina disertus, mui apropriada para designar certo grau mais perfeito de elegância, que não é facúndia nem eloquência. O que é elegância do estilo junta a propriedade dos termos e a variedade das expressões, e sabe disseminar os ornatos com acerto e simetria – esse será diserto; tal é a ideia que dele nos dá Varrão, dizendo: Ut ositor disserit in areas cujusque generis fructus, sic in oratione qui facit, disertus; "Assim como o hortelão semeia hortaliças e legumes em seus canteiros segundo suas espécies, de igual modo faz na oração o diserto". O ser diserto é qualidade muito apreciável em quem escreve tratados didáticos e filosóficos. Cícero, elegante em suas epístolas, eloquente em suas orações, é diserto em seus tratados filosóficos; Vieira, sempre elegante em suas cartas, e por vezes eloquente em seus sermões, é diserto em seus Papéis pragmáticos". – É claro o "que se torna fácil de entender". É expressivo o "que está formulado pelos termos próprios". É brilhante o "que reúne as condições do expressivo, claro, radioso". Dicção clara, ideias claras. Forma expressiva. Estilo brilbante.

682

DISPENDIOSO, custoso, caro. - Dispendioso dizemos do que "importa em muito, em grande despesa". - Custoso, do que é "dificil pelo custo exagerado". - Caro, do "que tem preço acima do real valor". O que é dispendioso pode não ser caro; e nem sempre o caro será dispendioso. O mesmo se pode dizer de custoso e caro. Um livro do preço de dois mil-réis, e pelo qual nos pedem três – é caro; mas não é custoso. Um terno de casaca muito fino vale quatrocentos, quinhentos mil-réis: custa muito, é custoso; mas não será caro (desde que o preço ou o custo não está acima do valor). Uma longa viagem pela Europa será dispendiosa. Só será custosa conforme as condições do viajante.

DISPENSA, licença, escusa, isenção (exenção), imunidade, liberdade, direito, regalia, prerrogativa, privilégio, franquia. -De alguns destes vocábulos tratam Bourg. e Berg. nestes termos: - "A liberdade é o direito de se determinar e de agir segundo a própria vontade; esta palavra exprime um poder positivo, concernente à própria pessoa, e indicando que ela é senhora de fazer e de decidir o que quer. A liberdade de um povo consiste no direito que ele tem de fazer por si mesmo as suas leis, de governar--se como entende, segundo a constituição que a si mesmo se deu, e que à sua vontade poderá modificar. As franquias diferem das liberdades por exprimirem um direito negativo - o de ser dispensado, isento de certas obrigações, de certas imposições direito reconhecido e apoiado no costume e na tradição. As *franquias* de uma cidade, de uma província, consistem no direito, reconhecido a essa cidade, a essa província, de não pagar certos impostos, de possuir certas liberdades determinadas, de se administrar por si mesma, de eleger seus magistrados, de não fornecer tal ou tal contribuição, etc. Esta palavra implica, pois, mais uma certa dose de autonomia administrativa do que propriamente de liberdade política. As comunas da Idade Média gozavam franquias estipuladas nos respetivos forais, mas não eram independentes do poder real. - Imunidade (do latim immunis 'que não está sujeito a um encargo) exprime um direito excepcional, mas fixo e determinado, concedido a uma coletividade, a uma corporação, a uma cidade, e que importa a dispensa de certas obrigações, de certos encargos impostos aos outros. A Igreja tem sempre gozado de imunidades recusadas às outras ordens do Estado. A imunidade é, pois, um privilégio coletivo, e cujo efeito é permanente e passa de geração a geração. – A exenção (ou isenção) e a dispensa são privilégios particulares, direitos excepcionais, ou melhor – derrogações do direito comum feitas em favor de uma pessoa. Distinguem-se estas duas palavras uma da outra pelo caráter passivo de exenção, e o caráter ativo de dispensa. A exenção (do latim eximere 'libertar, desligar') consiste em fazer livre, desembaraçar daquilo que pode ser considerado como um fardo, uma coisa difícil de suportar: é motivada por uma razão – a fraqueza daquele que está exento (ou isento) dos serviços devidos, e dos quais tem exenção como recompensa. A exenção dos impostos era concedida a Atenas, aos cidadãos que tinham prestado à pátria grandes serviços. A dispensa (do latim dispensare 'distribuir') consiste em conceder um favor que permite não fazer aquilo que os outros são obrigados a fazer, ou de fazer aquilo que outros não podem ou não têm o direito de fazer. É uma permissão excepcional que tem origem no bom grado, e que se pode conceder sem motivos: a dispensa do serviço militar tem sido muitas vezes concedida a moços que não tinham nenhum direito a um privilégio. - A ideia comum a prerrogativa e privilégio é a de uma vantagem concedida pela lei ou pelo uso a um indivíduo, ou a uma classe de indivíduos, com exclusão dos outros indivíduos ou das outras classes. A **prerrogativa** (do latim *prα* 'antes', e rogare 'pedir') - por alusão ao direito da primeira centúria romana à qual se pedia antes o sufrágio – tem relação com a classe, e designa toda vantagem de honra, de distinção, de dignidades, que a uma pessoa dão o nascimento, a ordem ou a classe de que essa pessoa faz parte: as prerrogativas dos príncipes de sangue; as prerrogativas da nobreza; as prerrogativas da magistratura são as honras, as dignidades, as precedências de que gozavam os príncipes de sangue, os nobres, os magistrados; os grandes de Espanha têm a *prerrogativa* de se cobrir diante do

rei. – O privilégio (do latim privus 'privado' e lex 'lei') é propriamente uma lei feita em favor de um particular, e que o põe fora ou acima da lei comum e lhe concede vantagens especiais, como isenção de certos encargos, do serviço militar, de impostos que pesam sobre os não privilegiados; ou que dá direito a certos favores que os outros não podem ter. O privilégio tem, pois, relação com o interesse, e resulta de decisões tomadas, de concessões feitas: os nobres tinham o privilégio de não pagar a finta; os membros do clero têm o privilégio de escapar às leis militares; a casta dos guerreiros tinha, entre os Egípcios, o privilégio de só ela usar armas; alguns dignitários tinham o privilégio de só poderem ser julgados por juízes especiais". - Licença e escusa em muitos casos aproximam-se de dispensa e de algum outros do grupo. Quem pede licença pede permissão para fazer ou para não fazer alguma coisa que era de sua obrigação. Quem pede escusa pede que o desobriguem, que o dispensem de algum serviço a que está obrigado. O menino tem licença para sair, ou de sair (é livre, tem liberdade de sair). O oficial conseguiu escusa do trabalho durante três dias (conseguiu que o dispensassem, conseguiu dispensa...). - Direito em certas acepções confunde-se com liberdade. Tem F. o direito (ou a liberdade) de andar na rua. F. vai ao comício exercer os seus direitos (ou as suas liberdades). Direitos do povo - equivale a - liberdades do povo. - Regalia é propriamente o "direito próprio, inerente à dignidade de rei". Por extensão, designa "liberdade, imunidade, prerrogativa, privilégio; direito, em suma, que não é comum a todo mundo". Já se foram as velhas regalias da nobreza de sangue. Ele tem, ele exerce desassombrado as regalias do talento.

684

DISSEMINAR, semear, espalhar, difundir, derramar, distribuir. – Dissemina-se a instrução pelo povo; disseminam-se falsas ideias. Emprega-se também frequentemente este verbo com o sentido de dispersar. A autoridade mandou disseminar a multidão. — Semeia-se o trigo; também se semeiam ideias (no sentido figurado). — Espalham-se aquelas coisas que se não querem juntas ou reunidas. — Difunde-se aquilo que se deseja propagar, espalhar, fazer que se estenda a todos. — Derrama-se lançando de si, esparzindo-se o que se tem abundante. "O soberano derramou sobre nós as suas munificências"... — Distribuem-se as coisas que se repartem por todos. Mandou-se distribuir as munições. Fez distribuir pão pelos pobres.

685

DITAME, conselho, parecer, opinião, voto. - Ditame é "um conselho que se nos impõe, que tem a força da autoridade, o prestígio da razão". - Conselho é "a inspiração que nos vem da sabedoria, da experiência, do bom senso". - Parecer é "o modo de ver, a apreciação que vem daquele que se consulta, em regra, com a autoridade que resulta das funções que exerce". - Opinião é "um parecer individual, um modo de ver que resulta do direito que tem cada um de pensar como entende e que, portanto, só tem uma importância relativa à pessoa, ou ao critério e competência da pessoa que opina". – Voto é "a manifestação do que se quer, ou da opinião que se tem". - Ouvem--se os ditames da consciência, da moral; não se dispensa o conselho do sábio; pede-se o parecer de um amigo, ou funda-se uma resolução no parecer que nos deram; respeita-se a opinião alheia, mesmo que seja absurda; dá-se voto num caso que está sujeito a nosso juízo e deliberação.

686

DIVIDIR, repartir. – "Ambas estas palavras – diz Bensabat – significam partir em

diversas partes, separar as diversas partes de um todo; porém dividir não indica precisamente senão a desunião do todo para formar partes mais simples; e repartir, além da desunião do todo, tem uma certa relação com a união própria de cada parte para delas formar novos grupos particulares. Divide-se o todo, ou o inteiro, em duas, em três, em muitas partes. "As companhias compunham-se de 250 homens repartidos por dez esquadras". (R. da Silva). - Dividir é simplesmente – partir em diversas partes; e repartir é dividir em partes, separar por partes, distribuir. Diz-se, portanto: dividir um círculo, uma linha; repartir uma herança, o lucro de um negócio. Divide-se o argumento de um sermão em três partes; reparte-se a riqueza entre os pobres".

687

DIVISA, emblema, símbolo, empresa, tenção; insígnia, distintivo, lema, signo, sinal, brasão. - Dos cinco primeiros escreve S. Luiz: - Símbolo é em geral qualquer imagem sensível, que representa, ou com que representamos um objeto espiritual. O símbolo deve ter alguma ligação com o objeto representado, ou esta seja natural ou convencional. A pomba é símbolo natural da simplicidade; o tigre, da ferocidade; a serpente, da prudência, etc. O caduceu é símbolo convencional da eloquência; a oliveira, da paz; o louro, da vitória, etc. – Emblema é propriamente um quadro composto de uma, ou mais figuras, que representam um pensamento moral ou político. O emblema é rigorosamente uma metáfora, ou alegoria, que fala aos olhos; e requer que as figuras tenham analogia, ou semelhança natural com o objeto representado. A imagem da pomba fazendo o seu ninho dentro de um capacete militar é o emblema da paz. Uma mulher esbelta e leviana, com um pé no ar, e tocando apenas com a ponta do outro uma roda, ou

globo, levando nas mãos um véu enfunado pelo vento, é o *emblema* da fortuna, etc. Um emblema, cujo sentido se não alcança facilmente, degenera em enigma. – Divisa é um símbolo adotado para discernir e distinguir uma pessoa, ou corporação, designando o seu caráter, o seu sentimento dominante, ou também alguma ação notável e característica, ou finalmente o principal emprego a que essa pessoa, ou pessoas se destinam. Ordinariamente é a divisa acompanhada de uma letra, ou mote, e algumas vezes só a letra ou mote constitui a divisa. O pelicano tirando o sangue do próprio peito para alimentar os seus filhinhos, com a letra - pela lei, e pela grei – era a divisa de D. João II. A esfera acompanhada do mote – talent de bien faire – era a divisa do ilustre Infante D. Henrique. O príncipe Eugenio tomou para divisa uma águia com esta letra - natus ad sublumia. -Empresa é a representação emblemática das façanhas, ou virtudes heroicas dos varões ilustres. Uma série de empresas, alusivas às ações grandes de um homem ilustre, compõem a sua história. – Tenção é uma divisa alusiva ao pensamento, ou desejo, que alguma pessoa tem, de empreender feitos altos e gloriosos". – Insígnia é o emblema, ou o sinal que representa a dignidade, a hierarquia, ou as funções; e que se supõe sempre alçada para ser vista, como sugere Camões nestes versos:

No trajo a grega usança está perfeita, Um ramo por insignia na direita.

(*Lus.*, VII, 75)

- Distintivo é o "sinal próprio que distingue alguma pessoa, seita ou corporação". Ele traz ao peito o distintivo do clube. – Lema é a letra ou a sentença que serve de divisa a um partido, a um sistema, a um povo. O lema dos Inconfidentes de Minas – Libertas qua sera tamen. O lema **Ordem e pro-** gresso da nossa bandeira. – Signo e sinal só poderiam distinguir-se pela propriedade com que o primeiro marca ou exprime um caráter, ou uma qualidade permanente ou mais da natureza própria da coisa ou pessoa que se distingue. Ela tem na fronte aberta e majestosa um signo de excelência divina. Vejo nos ares uns sinais de tormenta. Vimos no alto do monte o sinal convencionado. - Brasão – define Aul. – "distintivo e insígnias de famílias nobres, ou de pessoas a quem é conferido por merecimentos distintos e altos feitos". Propriamente, o brasão representa as tradições das grandes famílias; como faz Bocage sentir nestes versos:

Vêm de heróes, quais não viu Cartago 「ou Roma,

De seus avós, andantes cavaleiros, A chusma de brazões não cabe em soma.

688

DÓCIL, obediente, manso, pacífico, brando, submisso, flexível, doce, tratável, macio, meigo, suave; docilidade, obediência, mansidão, brandura, submissão, flexibilidade, doçura, macieza, meiguice, suavidade. – É dócil o ânimo que facilmente se afaz ao que é necessário. A docilidade é uma qualidade moral, que corresponde à doçura como qualidade física. Dizemos que o açúcar é doce; ou – a doçura do açúcar (e não – dócil; nem – docilidade). Por outro lado, dizemos: menino dócil; ou – a docilidade do menino (e não – doce; nem – docura). Dizemos ainda: doces palavras (e não - dóceis); doçura de voz (e não - docilidade). Em suma: doce e doçura aplicam-se, tanto no sentido concreto como no abstrato; dócil e docilidade, só no abstrato, isto é, como indicando qualidade moral. - Obediente (latim obediens, entis, de obedire = ob + audire) é o que se faz dócil, solícito em atender ao que se lhe ordena. A obediência pode

comparar-se com a submissão, como faz Roq. nestes termos: "A obediência é a ação de obedecer; a submissão é a disposição habitual a obedecer. Neste último sentido é que são sinônimos a obediência e a submissão; com esta diferença: a obediência indica particularmente o costume de obedecer às ordens, aos mandados conforme se nos ditam; e submissão indica uma disposição geral e permanente, não só para executar as ordens e os mandados, senão também para conformar-nos com todas as vontades, desejos e inclinações dos outros de qualquer modo que se deem a conhecer. Pela obediência executam-se as ordens que se recebem; pela submissão estamos naturalmente dispostos a executá-las. A obediência recai sobre a ação mesma; a submissão, sobre a disposição interior do ânimo. Uma pessoa pode obedecer sem estar submissa (posta sob a autoridade de outrem), isto é, sem dobrar sua vontade à de outro; neste caso a obediência é involuntária e forçada; a submissão, ao contrário, supõe sempre disposição à obediência, e a promete. - Manso, no sentido físico, que é o próprio, pode comparar--se a submisso. A mansidão (latim mansuetudo de mansuetus, p. p. de mansuesco= manus + suesco, significando suesco, escere "afazer-se, acostumar-se") consiste na docilidade com que se obedece, na brandura natural com que se aceita o mando de outrem. No sentido figurado, manso é o "que tem índole pacífica, o que é humilde e suave de coração para receber as inspirações, os conselhos, as ordens de outros, para suportar com calma e resignação os males da vida". - Pacífico é "o que tem índole inclinada à paz; que se mostra de ânimo sereno". Homem pacífico; povos pacíficos; tendências, ideias, disposições pacíficas. - Brando e flexível podem aproximar-se pela significação comum de fácil de dobrar. A brandura, no entanto, é uma qualidade mais nobre. O superior pode

ser brando com o subalterno (não - flexível). A flexibilidade pode confundir-se com a dobrez, com a subserviência. Um ânimo flexível pode, em certos casos, entender-se por servil, obnóxio. A brandura é sempre uma qualidade excelente e confunde-se com mansidão. - Brando é comparável também a suave, tanto no sentido moral como no físico. Brandura ou suavidade de alma: voz branda ou suave; suave ou branda aragem. Deve notar-se, no entanto, que o suave tem alguma coisa de grato, delicioso. Perfume suave (não - perfume brando). - Macio designa particularmente - o que é suave, agradável ao tato. No sentido moral, aproxima-se de tratável, pois macio é aquele que é doce, brando, delicado no trato. Nem sempre será, no entanto, a macieza (ou maciez) uma qualidade excelente, própria das índoles nobres e sãs, pois muitas vezes se toma esta palavra para indicar a afetação com que se mostra alguém macio por astúcia. Nunca estará em semelhante caso o adjetivo tratável. - Meigo é "o que é simples, ingênuo, grato e bom". A meiguice é uma qualidade própria da inocência, como já ficou dito em outra parte. Meigo semblante de anciã; meiguice de anjo; meigas crianças.

690

DOMICÍLIO, morada (moradia), residência; estada (estadia), detença, permanência, assistência, demora, parada. – Morada é o lugar onde se mora, isto é, onde se vive habitualmente. – Domicílio é "o lar, a casa da família, a residência do cidadão"; " é – diz T. de Freitas (Voc. jur., 59) – o lugar jurídico, onde o Direito supõe existir cada uma das pessoas para o fim de saber-se quais as leis a ela aplicáveis, quais os juízes da sua jurisdição"... – Residência é "a morada fixa, também para efeitos jurídicos": razão pela qual mui frequentemente se confunde com domicílio. Mas a residência, além de outras

distinções, sugere ideia de tempo, de prazo legal. Para exercer certos direitos políticos precisa-se de residência, ou de tantos anos de residência no lugar onde se devem exercer tais direitos. Domicílio tem-se onde se está. Residimos, ou temos residência no Rio; moramos, ou temos a nossa morada em Botafogo. Mudamos a nossa morada para S. Cristóvão. Não mudamos por isso de residência, nem mudaremos enquanto estivermos no Distrito Federal; não mudamos propriamente de domicílio, pois o domicílio está onde nós estamos. Uma família que chegou ontem ao Rio tem já morada e domicílio: tem morada porque parou, porque mora algures; tem domicílio porque o lugar onde se abrigou está, desde o momento em que aí se recolheu, amparado pelas leis. Mas essa família não tem residência propriamente, pelo menos para certos efeitos jurídicos. O chefe dessa família, antes de ter uma *residência* determinada, não poderá, por exemplo, ser eleito intendente municipal. – Moradia, fora da acepção própria que esta palavra tinha outrora, é mais o prazo da morada, e por isso não se confunde com esta. A nossa moradia foi curta em Belo Horizonte (isto é – o tempo de *morada* ali) e não – a nossa *morada* foi curta. – Os outros vocábulos do grupo têm de comum com residência e moradia (não com domicílio nem morada) apenas a particularidade de sugerir a ideia de estar, de fazer estação em alguma parte. – Estada é propriamente o ato de estar algures. Há entre estada e estadia uma diferença análoga à que se nota entre morada e moradia; sendo estadia o tempo que dura a estada. No dia da nossa estada em Petrópolis não choveu. Tivemos de levar, ou de fazer longa estadia no Pará, devido ao mau tempo. – Com estadia confundem-se demora e parada; mas estes acrescentam alguma coisa ao sentido do primeiro: demora indica retardamento, pausa feita na viagem em que se vai, interrupção talvez forçada da

viagem; parada sugere ideia de cessação momentânea da marcha em que se ia. O tempo nos obrigou a repetidas paradas; felizmente não tivemos longa demora em parte alguma: o que nos permitiu uma estadia de três semanas no esplêndido arraial. - Detença é demora, estação, estadia forçada. - Permanência é o ato de permanecer, de ficar em alguma parte durante algum tempo: sugere a ideia de que, por mais longa que seja a estação, sempre se supõe que não é definitiva. - Assistência é a permanência junto de alguém, ou em alguma parte por algum motivo ou com algum fim que interessa à coisa ou pessoa a que se assiste.

690

DONO, proprietário, senhor; detentor, possuidor (posseiro), retentor; domínio, propriedade, senhorio; detenção, posse, possessão, retenção. – Dos três primeiros vocábulos deste grupo diz Roq.: "Proprietário faz relação a propriedade, e contrasta com usufrutuário, rendeiro, inquilino". -Dono exprime particularmente a ideia de elevação e superioridade, e tem significação mais extensa; pois dono da casa nem sempre é o proprietário do edifício material, mas indica sempre o pai ou o chefe de família, que é o primeiro, e governa em sua casa. Diz-se proverbialmente que - "onde não há dono não há dó"; - mas não se dirá no mesmo sentido – "onde não há proprietário..." – Senhor junta à ideia de elevação a de dominação, autoridade e poder; contrasta com servo, ou escravo, e tem significação ainda mais extensa que dono, pois um rei é senhor do seu reino, dos seus domínios, etc.; um morgado é senhor de terras, etc.; os príncipes foram noutro tempo senhores da vida e da morte de seus vassalos; cada um de nós é senhor da sua vontade. Acrescentemos que domínio é propriamente "o poder do dono"; e também, num sentido mais restrito, é a própria

coisa sobre que o dono exerce esse poder. O mesmo se dá com propriedade, que "é o direito – define Pereira e Sousa (Dic.) – que cada um dos indivíduos, de que se compõe uma sociedade civil, tem sobre os bens que adquiriu legitimamente"; e também a própria coisa sobre que o proprietário exerce esse direito. Pode-se ainda entender do mesmo modo o outro termo, senhorio, que é a "autoridade de senhor", e também pode ser a própria coisa sobre que se exerce essa autoridade. - Detentor, segundo T. de Freitas, é "quem possui, não em seu próprio nome, mas em nome de outrem; como o inquilino, o locatário, o arrendatário, o depositário, o comodatário, etc."; sendo, portanto, detenção "a posse de alguma coisa por quem é só detentor: isto é - sem ânimo de possuir", ou de fazer-se proprietário. Segundo o mesmo autor - retenção é "o direito do possuidor para conservar na sua posse coisa cuja restituição se demanda em juízo; e, de ordinário, por causa de benfeitorias, como acontece a favor de arrendatários em certos casos". - Posse (Dic. de Per. e Sousa) "é a detenção de alguma coisa com ânimo de a ter para si: consistindo, porém, a posse em fato, e o domínio em direito; adquirindo-se a posse pela ocupação, devendo acrescer no domínio, além disto, título hábil". Observa Ferreira Borges (Dic.) que "não sendo senão pela posse que cada um tem as coisas em seu poder, e delas usa e goza, daí vem empregar-se frequentemente a palavra posse no sentido de propriedade; e, todavia, são coisas muito diferentes, e que não se devem confundir. Quando eu tenho a simples detenção de uma coisa, estou na posse alheia, como o depositário, o arrendatário, etc. Como só pela posse é possível exercer o direito de propriedade: segue-se que a posse se acha naturalmente ligada à propriedade, e dela não pode separar-se". – Entre **posse** e possessão só se nota a diferença que consiste no fato de possessão, aqui, designar a própria coisa sobre que se tem o direito de posse. "Angola é uma das melhores possessões portuguesas" (dos melhores domínios...). Também se diz - posse - em casos semelhantes, como: "Ao descer pela costa, fomos ouvindo repetidamente que tudo aquilo era posse de El-Rei de Espanha" (era ocupação, ou era terra de que, se apossara El-Rei...). Mas dizemos: estar na posse, ter a posse, conquistar a posse de - (e não - a possessão de...). - Entre possuidor e posseiro não poderia haver confusão. - Possuidor designa em geral "o que está na posse efetiva de alguma coisa, sem enunciar que seja ou não legítima essa posse (isto é, que se trate de simples detenção ou de propriedade). Por isso, toma-se comumente o termo possuidor como sendo o mesmo que dono, senhor. F. é possuidor de grande fortuna. E, no entanto, a mesma distinção que se faz entre posse e propriedade é necessário admitir entre possuidor e proprietário. -Posseiro é propriamente o que se propõe fazer, ou que está fazendo, pela posse, o seu direito de propriedade: direito que neste caso resulta da conversão da posse natural em posse civil, ou da posse material em posse jurídica. No Brasil os antigos posseiros fizeram-se proprietários (legítimos possuidores) desde que registraram devidamente as terras ocupadas, e preencheram outras condições da lei.

69I

DONZELA, moça, rapariga, menina. – Moça, segundo S. Luiz, "refere-se propriamente à idade, e significa em geral – mulher de pouca idade. – Donzela é diminutivo de dona (do baixo-latim dominicella, diminutivo de domina) e significa originariamente moça nobre. Neste sentido o tomou Camões, quando disse, falando da desditosa Ignez de Castro (Lus. C. III, est., 134):

Tal está morta a palida donzela, Secas do rosto as rosas...

entendendo por donzela – moça nobre, linda e mimosa – ainda que já mãe de filhos; bem como os antigos entendiam por donzel - moço nobre -, e em particular aqueles que desde pequenos se criavam com os reis e infantes (Monar. Lusita. I. XVI, c. 15). -Rapariga "parece significar mais propriamente – moça não nobre, moça de baixa origem, talvez de serviço, etc." Acrescenta Roq. que "donzela é termo nobre e decente; não assim **rapariga**, e ainda menos **moça**, que muitas vezes se toma em mau sentido, como fez Camões falando de Aníbal:

Tu tambem Peno prospero o sentiste, Depois que hu'a moça vil na Apulia

(Luz., III, 141)

Nota ainda, e com razão, Bruns. que donzela "é hoje termo mui pouco usado", sendo preterido pelo vocábulo menina. – É realmente menina a palavra hoje mais usada, mesmo em linguagem cerimoniosa. Nem há em português outro vocábulo preferível para designar a mulher de muito pouca idade e solteira. Moça, que se está tornando de uso geral, sobretudo falando-se familiarmente, tem o defeito de ser muito vago e inexpressivo. Ninguém se animaria a dizer, por exemplo: a moça Esther; as moças Amaral. Nem dirigindo-se a um pai: - como vão as suas moças?⁵⁸ Está hoje muito introduzido o espanhol senhorita; e há também quem diga pucela... Chegarão estes a postergar o vocábulo menina, tão delicado, tão mimoso, e tão nosso?

692

DOUTO, erudito, sábio, instruído (instructo), ilustrado, versado, sabedor, sapiente, esclarecido, culto, perito. - Dos três primeiros trataram muitos sinonimistas. Entre os autores da língua, é Alv. Pas. um dos que o fizeram melhor. "O erudito e o douto - diz ele - sabem fatos nos diferentes gêneros de literatura: o douto e o sábio conhecem com inteligência. O erudito sabe muito: o douto sabe bem: o sábio conhece princípios de que sabe tirar consequências. A boa memória e paciência no estudo bastarão para formar o erudito: o douto carece de reflexão e inteligência; e o sábio, de penetração. É erudito o que traz muitas citações para o ponto em questão; é douto o que as fizer a propósito e com tino; é sábio o que é versado em ciências rigorosas, e que sabe tirar consequências exatas dos princípios que estabelece. Pode-se ser erudito sem ser douto nem sábio: mas não se pode ser sábio sem ser douto e erudito". - Instruído se diz daquele que adquiriu muita instrução. Entre instruído e ilustrado há pelo menos a diferença marcada pela significação geral, absoluta do último. Dizemos com propriedade: F. é instruído em coisas de finanças (e não propriamente - ilustrado). - Ilustrado enuncia, portanto, uma qualidade geral; e instruído, tanto designa uma qualidade geral, como uma qualidade restrita. - Instructo não é mais que uma forma poética de instruído. - Esclarecido, aplicado ao espírito, à inteligência, equivale a ilustrado e confunde-se com culto. Este acrescenta, porém, aos outros a ideia de fino, esmerado e brilhante. - Sabedor não se poderia em caso algum confundir com sapiente. O primeiro designa o indivíduo que "sabe muito de uma certa ordem de conhecimentos"; e talvez restrinja o saber ao que se pode acumular com paciência e trabalho, com esforço e pertinácia. - Sapiente é muito mais que o

^{58 🛰} Aliás, é hoje muito usual perguntar-se a uma senhora - como vão as moças? Mas aí, alude-se às pessoas mais jovens da família. Ainda assim, o vocábulo menina é preferível.

próprio sábio comum: é o sábio no sentido mais alto e espiritual. Sapiência, mesmo fora do sentido teológico⁵⁹, é a sabedoria a que se eleva a alma pela sua luz interior, pela capacidade de entender as coisas mais excelentes do universo moral. - Versado e perito só em certo sentido, e em casos especiais é que se podem considerar como sinônimos dos outros vocábulos deste grupo, e sempre modificados por alguma restritiva. - "Versado em alguma coisa" significa - hábil, tratando-se dessa coisa pelo conhecimento especial, pela experiência, pela prática que tem dela. - Perito distingue-se de versado em só poder-se aplicar em regra no sentido prático. Decerto que não diremos: um homem perito em gramática, ou em história (e sim - versado). Do mesmo modo não diremos: - um versado cirurgião, ou - um versado fotógrafo (e sim – perito).

693

DURAÇÃO, tempo, eternidade. - Os sinonimistas que podemos consultar tratam apenas dos dois primeiros; e quase todos tomam duração em acepções diferentes: daí a contradição em que se nos apresentam em alguns pontos. Também é para notar a confusão que todos fazem de duração com eternidade, dando aquela por esta às vezes; e dando ainda, em muitos casos tempo por duração e vice-versa. Vejamos entre os do vernáculo o autor que foi seguido por todos os que lhe sucederam: - "O tempo - escreve S. Luiz – é para a duração como o espaço é para a extensão. A duração mede--se pelo tempo, como a extensão pelo espaço. Suponhamos o tempo como uma linha reta, dividida em muitas partes iguais, a que chamamos instantes, horas, dias, meses, anos, ou séculos. O objeto que continua a

existir, correndo maior porção desta linha, ou maior número de suas divisões, é o que tem maior duração; assim como, supondo o espaço dividido em muitas porções iguais, a que chamamos lugares, o objeto que ocupa maior número delas é o que tem maior extensão. Assim é que o tempo parece ser como uma fórmula geral, que, aplicada à existência continuada de qualquer indivíduo, nos dá o valor relativo da sua duração. Tempo, tomado em toda a sua generalidade, exprime uma ideia mais vaga, mais indefinida, mais abstrata; duração exprime o tempo determinado e preciso em que se verifica o começo, a continuação, e o fim da existência de cada ser. No uso vulgar da linguagem observamos muitas vezes esta mesma diferença. Quando queremos notar, avaliar, exprimir precisamente o intervalo de tempo, que decorreu desde o primeiro até o último instante da existência de um objeto, usamos do vocábulo duração, que exprime este intervalo. Assim dizemos, v. g., que um homem, uma árvore, um edifício, etc., durou tantos anos, teve tantos anos de duração. Nos mais casos empregamos ordinariamente o próprio vocábulo tempo, o qual, ou exprime toda a extensão da linha que supusemos, e abrange a duração de todos os seres criados, ou exprime diferentes porções dessa linha, segundo o objeto a que aplicamos a noção geral de tempo". - Bourg. e Berg., de acordo com Laf., dão o seguinte: - "Duração é um termo absoluto que designa uma coisa ilimitada, indefinida; é um dos aspectos sob os quais consideramos o infinito⁶⁰. Em um sentido mais particular, duração tem um sentido passivo e objetivo, diz-se das coisas e não das pessoas, e exprime a extensão dos acontecimentos desde o começo até o fim: a duração desta missão foi de três anos; esta

⁵⁹ Em teologia, sapiência é, ou o conhecimento das coisas divinas, ou a própria sabedoria infinita, a omnisciência de Deus.

^{60 🌤} Esta definição quadra perfeitamente a eternidade; e contrasta com a que vem em seguida.

viagem foi de pouca duração. – Tempo é um termo subjetivo e ativo: refere-se às pessoas, a seus atos, ao momento da duração que empregam em tal ou tal função: o tempo do sono; foi-vos preciso pouco tempo para fazer esta viagem. Além disso, é relativo, e exprime a parte, a extensão da duração durante a qual se deu um acontecimento ou se produziu um fenômeno, com relação a outras épocas, a outras partes da duração: foi no tempo do reinado de Ciro que os persas conquistaram a Ásia ocidental; as fábulas são a história do tempo em que os animais falavam; o tempo em que se levantaram os castelos feudais está já muito longe de nós". - Notemos que a de tempo é uma ideia absoluta; e a de duração, relativa. Mas tempo é um termo absoluto enquanto tem para nós uma acepção relativa; pois fora das relações em que estamos com o universo criado, não existe tempo. Esta ideia de tempo é com efeito absoluta quando o aplicamos na acepção restrita de "porção da eternidade", medida pela contingência das coisas que passam, pela duração dos fenômenos que se sucedem em redor de nós. "O tempo consome tudo" – é frase usual em todas as línguas; e, no entanto, é mais fácil conceber que é a duração que consome, e não o tempo. A de duração é ideia concreta; a de **tempo** é abstrata. Não dizemos: o tempo da vida humana; mas: a duração da vida humana. Bastaria notar a distinção que há entre estas frases: o tempo das flores (a época, a estação das flores); a duração das flores (o espaço de tempo que as flores duram). Não se concebe duração sem um sujeito, sem alguma coisa que existe, que subsiste, que dura. – O tempo bem se pode compreender separado da existência do universo: e então passa a ter mais propriamente o nome de eternidade, que é o ser absoluto, isto é, o ser, fora de todas as contingências, fora de toda relação; o ser sem princípio nem fim, sem condição, sem modalidade alguma (excluindo a própria ideia de duração). Como o que não tem princípio nem fim, tratando--se de espaço, é infinito: é eternidade o que não tem princípio nem fim, tratando-se de tempo. Como a eternidade para o tempo (e como o infinito para o espaço), o tempo está para a duração. Se, tratando-se de tempo, consideramos a duração; tratando-se de espaço, consideraremos a grandeza.

694

EBULIÇÃO, fervura, efervescência, fervor, fermentação. – Efervescência – diz S. Luiz – é a branda agitação de um líquido, nascida do calor não muito forte, ou da mistura de alguma substância que produz esse efeito. Vem este termo do latim effervesco, cuja forma incoativa designa o começo da ação, a primeira agitação do líquido que começa a ferver. - Fervura é a agitação mais forte e perturbada do líquido, nascida de calor também forte, e sustentado no mesmo grau: tal como se observa na água fervendo. - Ebulição diz o mesmo que fervura; mas é próprio da linguagem científica, e envolve (ao que parece) a expressa circunstância de se desprenderem e soltarem bolhas do corpo fervente. - Fervor diz também o mesmo que fervura; mas exprime com especialidade o elevado e intenso grau de calor, que a produz e acompanha; e emprega-se este termo às mais das vezes em sentido figurado, para significar o ardor das paixões, e a inquieta agitação que elas nos causam quando chegam a certo grau de veemência. Assim, dizemos – o *ferwr* (isto é – o ardor) do sol, do estio, etc.; fervor da mocidade; fervor das paixões (isto é - o seu intenso ardor e agitação). Em frase devota, dizemos: o fervor do espírito, o fervor da devoção, etc. Quando empregamos efervescência em sentido translato, também lhe conservamos a significação característica. Assim, a efervescência das paixões é o seu primeiro desenvolvimento, e movimento agitado; a efervescência do povo é a inquieta agitação do povo por alguma causa que a isso o excita. - Comparando efervescência com fermentação, escreve Roq.: - Os químicos entendem por efervescência a agitação interior que se verifica num líquido a cuja superfície sobem, e às vezes se movem como em fervura, as moléculas de algum corpo. Diferença-se muito a efervescência da fermentação, sobretudo se se atende a seus resultados. A palavra fermentação explica a ação recíproca de muitos princípios preexistentes que formam um só corpo, e que se decompõem para formar outro, e a que pôs em movimento a fermentação. Ela é a causa motriz da efervescência, e esta é seu resultado. O mosto que se deita num tonel entra logo em estado de fermentação; as bolhas que levanta, e as partículas estranhas que se movem em sua superfície, e talvez transbordam, são a efervescência. Há só uma sorte de **efervescência**, sendo que se reconhecem três sortes de fermentações: vinosa ou espirituosa, de que resulta líquido inflamável; ácida, de que resultam os vinagres; e a podre ou pútrida, que é causa da podridão. No sentido figurado, fermentação significa a agitação que produzem nos ânimos novas opiniões, mormente políticas, novidades importantes, etc.; e efervescência significa esta mesma agitação, manifestando-se por falatórios, reuniões, talvez motins, e que ameaça romper em maiores excessos se não for reprimida.

695

ÉBRIO, ebrioso, inebriado, bêbado, embebedado, embriagado, temulento, borracho, emborrachado, avinhado, aguardentado, encachaçado, alcoolizado. — Todos estes vocábulos designam — perturbado por efeito de bebida alcoólica; fora de si, sem a lucidez normal, devido à causa momentânea. De todos, ébrio é o menos grosseiro e o que melhor se adapta ao sentido translato. No sentido natural, ébrio significa – transtornado por ter bebido; mas esta palavra se presta a um sem-número de modalidades que fazem esquecer-lhe a primitiva significação restrita, ou a significação própria, etimológica. Dizemos: ébrio de sangue; ébrio de natureza; ébrio de luz; ébrio de cólera, etc. Só quando empregado sem adjunto é que ébrio conserva inalterável o seu valor próprio e natural. Quando se diz que um homem está ébrio, enuncia-se que ele não está em seu juízo normal por ter bebido demais. Ebrioso pode dizer-se por ébrio; e também significa - "proveniente de embriaguez": delírio ebrioso; agitação, loucura ebriosa. – Inebriado também se emprega por ébrio. Convém, no entanto, não esquecer que inebriado exprime com mais propriedade um estado momentâneo de ebriedade. Além disso, **inebriado** não se pode substantivar como ébrio. - Bêbado, embriagado, embebedado são suscetíveis também de translação, por meio de adjuntos. - Embriagado é apenas uma forma popular de inebriado, podendo em qualquer caso ser um substituído pelo outro no sentido translato. Bêbado, ou bêbedo, como é preferível, significa "estonteado": por efeito de álcool, no sentido natural; ou por outra causa qualquer, no sentido figurado. Bêbedo de luz, de perfumes. Bêbedo, sem adjunto, só diz – "tomado de bebida alcoólica". Embebedado designa o estado atual, momentâneo, do que bebeu. - Temulento diz também – "que bebeu em excesso"; e ainda se aplica este vocábulo para designar a casa, a festa em que se passa bebendo: temulentas orgias; temulentos domínios de Baco. – Os demais vocábulos do grupo são todos grosseiros, e não se aplicam senão para designar "bêbado" no sentido natural. - Borracho e emborrachado parecem indicar o último grau do vício de

beber. Os outros designam a bebida que foi causa da embriaguez: - avinhado - o que se embriagou com vinho; aguardentado, com aguardente; - encachaçado, com cachaça. - Alcoolizado é genérico: designa - "que se embriagou com qualquer bebida alcoólica".

696

EÇA, cenotáfio, catafalco. - Eça e catafalco só se diferençam em ser o catafalco uma eça mais sumptuosa: e em designar também a eça a banqueta ou estrado onde se descansa a tumba, ou onde assenta o sarcófago nas grandes solenidades fúnebres. O catafalco é como um monumento levantado no meio do templo em honra do morto cujas exéquias se celebram. Cenotáfio, como diz a própria formação do vocábulo (do grego kenos "vazio", e taphos "túmulo"), é também o monumento que se levanta em honra do morto por ocasião de alguma grande cerimônia; e a distinção entre cenotáfio e catafalco só consiste em que no catafalco pode achar-se ou não o cadáver - o que nunca se dá quanto ao cenotáfio, que é apenas uma representação da eça e da própria urna funerária.

ÉCLOGA, pastoral (poesia pastoril), idílio, bucólica. – Lacerda resumiu assim o que escreveu Roq. sobre estas palavras: "Todos estes vocábulos designam poesias pastoris. Diferençam-se do seguinte modo. Pastoral (= poesia pastoril) é o gênero; écloga (ou égloga), idílio e bucólica são as espécies. Pastoral designa qualquer descrição ou imitação de algum passo ou quadro da vida campestre, representada debaixo do seu aspeto mais agradável. Écloga, ou égloga é uma espécie de poema pastoril em forma dramática, e dialogado, no qual pastores falam ordinariamente dos seus amores, e tiram as comparações e adornos com que enfeitam os seus discursos dos objetos que particularmente se referem aos trabalhos em que se ocupam, etc. Idílio é uma espécie de poema pastoril mais simples do que a écloga, porque não se requer nele tanto movimento; mas, por outra parte, exige-se no idílio mais sentimento, mais suavidade, e mais abundância de imagens e descrições. Bucólica, verdadeiramente, é a palavra grega de que pastoral é a tradução portuguesa: é toda sorte de poema em que as personagens são gente do campo, e o assunto a vida pastoril e os seus vários acidentes".

698

ECONÔMICO, poupado, parco, parcimonioso. – É econômico aquele "que emprega com moderação e proveito os seus bens, que administra com muito critério e segurança a sua fortuna". A economia não consiste em não gastar, ou em não despender, mas no despender bem. Pode uma pessoa despender muito sem deixar por isso de ser econômica; desde que despenda com utilidade relativa à despesa que faz. Também poderá despender pouco sem ser por isso econômica; isto é, se despender mesmo esse pouco sem um proveito correspondente. - Poupado é "o que só despende aquilo que lhe é estritamente indispensável". A poupança é a pequena economia do pobre. Não se compreenderia um ricaço poupado: a poupança no rico passa a ser avareza ou somiticaria. - Parco tem a significação ampliada de poupado: é "o que só despende o suficiente; que elimina do seu orçamento tudo quanto é supérfluo, todos os gastos propriamente voluptuários". - Parcimonioso é "o que leva a excesso a parcidade; que poupa migalhas; que só despende aquilo de que absolutamente se não poderia privar". Decerto pouco dista do avarento o parcimonioso.

699

EDITOR, impressor; edição, impressão, publicação. - Impressor é apenas o que imprime, o que faz impressão de alguma obra, de conta própria ou de conta de outrem. A do **impressor** é uma arte; mas não dizemos a arte do editor; pois editor é o que manda não só imprimir, mas fazer todos os outros serviços em que consiste a edição, e sem os quais a obra pode estar impressa sem estar propriamente editada. É certo, no entanto, que mui comumente se diz impresso por editado. Em regra o editor publica e vende obras de sua propriedade ou cuja edição contratou com o respetivo autor: o impressor limita-se a fazer a impressão. - Publicação é propriamente o ato de publicar, isto é, de expor à venda, aos olhos do público, e assim divulgar. Uma obra, depois mesmo de impressa ou de editada, pode não vir a ter publicidade, não chegar ao domínio do público: a publicação, portanto, é ato independente do ato de imprimir ou editar.

700

EDUCAÇÃO, criação, instrução, ilustração, civilização. – A criação – diz Roq. – é o primeiro cuidado que o homem deve a seus pais, ou a quem faz suas vezes: tanto no físico, para a conservação de sua vida, saúde e robustez; como no moral para a direção de sua conduta, e estudo de suas obrigações. A educação recai sobre a moral e a instrução: supõe já outros princípios mais elevados, ideias mais extensas, regras metódicas para ilustrar a razão, adornar o entendimento, aperfeiçoar o coração, e suavizar os costumes. Um lavrador honrado, uma boa mãe, criam bem a seus filhos. Um aio, um preceptor educam, não criam ao mancebo posto a seu cuidado. A boa criação e a boa educação dirigem-se essencialmente a um mesmo fim, que é a perfeição moral do homem; pode dizer-se, porém, que a primeira o desbasta, e a segunda o pule por meio da instrução. Assim é que, o principal defeito de quem não tem criação é a grosseria; de quem não tem educação é a ignorância. – As outras do grupo são palavras modernas muito usadas, que porventura se confundem, mas que são diferentes. Consiste a diferença, que se lhes nota, em que a instrução se refere a uma ideia motriz (a trabalho, processo, esforço); a ilustração é seu efeito imediato: e a civilização é o resultado das duas. O homem é naturalmente ignorante; necessita instruir-se para sair desse estado. Uma vez instruído, adquiriu ilustração; e uma vez ilustrado, contribui para a civilização, que não é outra coisa mais que a soma de instrução e de ilustração aplicada às necessidades sociais.

701

EFETUAR, realizar, fazer, executar. - Segundo Lac. – fazer é produzir qualquer ação, física ou moral. A significação desta palavra é genérica, e representa a ação não limitada por nenhuma relação direta ou indireta. Realizar é fazer que se torne real uma coisa que por qualquer motivo esperamos que venha a suceder. Efetuar (ou efeituar) é fazer, tornar em fato positivo, real, o que não era senão simples promessa ou esperança. Executar é fazer, tornar existente o que não era senão projeto ou plano; e por isso, executar designa uma ação relativa a outra ação anterior. Fazemos uma casa, um livro, uma obra de caridade, uma desfeita, etc., etc. (sendo este um dos verbos de predicação mais vaga da língua). Realizamos um ideal, um desejo; uma festa, uma viagem (qualquer coisa que aspirávamos ou que tínhamos planeado). Efetuamos um negócio, um acordo (qualquer coisa que tínhamos tratado ou combinado). Executamos uma ordem, um plano, etc. (isto é – pusemos em prática o que não era mais que projeto, ordem, disposição, etc.).

702

EFÍGIE, retrato, cópia, fotografia, imagem, figura. – Todas estas palavras designam a representação de pessoas ou de coisas, mas de maneira diferente. – A **efígie** – diz Roq. - ocupa o lugar da própria pessoa, pois a representa qual é, real e verdadeira; e assim se diz de um crucifixo – a sagrada efígie de Cristo. A imagem só representa a ideia de uma pessoa ou coisa. Tanto à efigie como à imagem não é essencial uma fidelidade absoluta, ou sequer mais ou menos perfeita ao original. Dizemos por isso – a imagem de um santo; a efígie de um condenado: tanto a imagem como a efígie podem não ser o retrato fiel do santo, ou do condenado. O retrato é a representação de uma pessoa, e enuncia principalmente a ideia da semelhança com o original. – De imagem e retrato, diz Laf. em uma nota à p. 677: "Imagem e retrato, em particular, tomam-se em uma acepção figurada por espécie de descrição oratória ou poética. Mas a imagem serve para descrever, ou melhor – é como a descrição de coisas ou fatos; e retrato é a pintura das pessoas, quer no sentido moral, quer no físico". "A descrição da tempestade no primeiro livro da Eneida não é uma amplificação: é uma imagem verdadeira do que acontece em uma tempestade". (Volt.). "Santo Agostinho fez o retrato e o caráter deste gênero de pecadores". (Bourd.). - Cópia é a reprodução exata de uma coisa ou de uma pessoa, ou mesmo de uma ação, de um gesto, de uma atitude, de um sinal, etc. – A fotografia é o retrato, a cópia de qualquer objeto feita por meio da arte fotográfica. Fotografia de uma pessoa, de uma paisagem, de uma cena, de um salão, etc. – A figura representa o original por traços que lhe recordam a feição, e até que lhe sugerem os intentos, as emoções dominantes, etc. "A figura, diz Laf., não consiste em mais do que a forma, a silhueta, o contorno, o desenho, a atitude, diferençando-se assim do retrato, que reproduz a pessoa traço por traço, e, sobretudo, as feições, a fisionomia".

703

ELEGER, escolher, preferir; eleição, escolha, preferência. - Preferir é escolher entre duas coisas; é, como diz Roq., "antepor uma pessoa ou coisa a outra, determinar-se por ela, ou a favor dela por qualquer motivo". Escolher é separar o bom do mau, o útil do inútil, o que convém do que não convém, examinando e consultando o gosto, a utilidade, e demais circunstâncias da coisa; a ação deste verbo supõe a dúvida ou a indecisão existente ainda. O ato de decidir-se a vontade, e destinar a coisa ao fim proposto, é eleger, ou fazer eleição. A preferência pode ser justa ou injusta, sincera ou apaixonada, por interesse, ou capricho. A escolha pode ser acertada ou desacertada, prudente ou inconsiderada. A **eleição** supõe liberdade e direito na pessoa que elege, e destino a cargo ou emprego na pessoa eleita, ou fim determinado na coisa de que se faz eleição. O homem honrado e virtuoso prefere a morte ao crime; mas o perverso prefere os prazeres turbulentos do mundo à doce paz da inocente virtude. Escolhe um general os soldados mais valentes e determinados para uma empresa dificultosa e arriscada. Escolhe o superior um súbdito para o ministério ou função. Elegem os súbditos um prelado; os eleitores, um deputado. Um pregador faz eleição do assunto que há de tratar, como disse Vieira: "Para glória sua e igual bem das nossas almas, fiz eleição deste assunto" (VI, 6). A mulher leviana prefere as cores claras e vistosas às escuras e modestas, quando quer fazer um vestido, vai à casa da modista, vê os diferentes estofos, examina-lhes a qualidade, consulta o gosto e a moda (e esta é a verdadeira operação de escolher); fixa sua escolha em tal ou tal estofo que mais lhe

convém, mais lhe agrada, ou que lhe parece melhor (e eis a ação de eleger, ou de fazer eleição). Vieira, tendo dito que o melhor meio de desarmar a fortuna era colocar-se no último lugar, ajuntou: "Só quem soube fazer esta eleição desarmou a fortuna" (V, 214). Notaremos, contudo, que, por isso, eleger só se aplica às pessoas, exprimindo a ideia de dar a preferência a uma ou algumas entre muitas. Sujeitemo-nos, pois, a este arbitro: conservemos à expressão fazer eleição a boa aplicação que lhe deu Vieira, e deixemos ao verbo escolher aquela que verdadeiramente lhe pertence, e acima fica indicada".

704

EMBAIXADOR, ministro, enviado, encarregado de negócios; legado, núncio, internúncio. - Segundo Clovis Bevilaqua (Dir. pub. internac. I, 404), o direito internacional distingue hoje quatro classes de agentes diplomáticos: - os embaixadores (compreendidos nesta classe os legados e os núncios apostólicos); - os enviados extraordinários e ministros plenipotenciários (aos quais se equiparam os internúncios); os ministros residentes; - os encarregados de negócios. Entre os ministros diplomáticos das três primeiras classes não há diferenças essenciais: todos eles são delegados e representantes de sua nação, revestidos de caráter público. O embaixador era, a princípio, considerado representante pessoal do soberano; mas esse modo de ver não se compadece com a organização política dos Estados modernos. O enviado, qualquer que seja a categoria, é delegado e representante da pessoa internacional. As diferenças reduzem-se ao título, à precedência, e a outras prerrogativas meramente honoríficas. O **legado** do Papa é embaixador extraordinário: o núncio. embaixador ordinário; o internúncio, ministro plenipotenciário. Entre os ministros das três primeiras classes e os encarregados

de negócios, a diferença está em que aqueles são acreditados pelos chefes de Estado perante os governos de outros Estados; ao passo que estes (os **encarregados de negócios**) são acreditados junto aos ministros das relações exteriores.

705

EMBRIÃO, feto; gérmen, semente (sêmen)... - Embrião (grego embruon, correspondente ao latim fatus) significa o que se forma e produz no seio da mãe. Confundiram-se talvez por algum tempo estes dois termos de fisiologia; mas hoje diferençam--se perfeitamente, e não devem ser usados indistintamente um pelo outro. Chama-se embrião ao corpo informe do animal, a seus primeiros rudimentos; ao produto imediato da concepção; ao que não tem ainda a figura correspondente à sua espécie. Quando, porém, se apresentam já clara e distintamente as partes que compõem o animal, o embrião toma o nome de feto. Muitos anatomistas têm observado que aos trinta dias da concepção está o animal assaz formado para poder chamar-se feto. Em botânica chama-se embrião ao corpo organizado que contém a amêndoa de todo grão fecundado. Também no sentido figurado se emprega, com a significação de - coisa ainda não desenvolvida. A palavra feto só se usa no sentido próprio, e com relação aos animais. (Roq.) – Gérmen (ou germe) é "o princípio - diz Bruns. - a causa, a origem de que vem ou pode vir alguma coisa". Semente é a causa de que devem resultar efeitos. O gérmen considera-se como existente na pessoa ou coisa em que se produzirá o efeito. A semente é "considerada como trazida do exterior para a pessoa ou coisa em que vai produzir efeito. Numa criança podem existir germens de vícios; mas a máeducação proporcionar-lhe-á sementes de vícios. Os resultados da **semente** são mais

certos e, sobretudo, mais próximos que os do gérmen; pois este pode não ser fecundado, e por consequência não produzir, ou só produzir mais tarde, quando o fecundarem; ao passo que a semente frutifica, e não tarda em dar os resultados próprios, maiores ou menores, segundo o terreno em que for semeada." - Sêmen é o original latino de que nos veio semente; mas sêmen se aplica exclusivamente no caso em que se quer designar, por assim dizer, a semente animal, o agente da fecundação.

EMBUSTE, mentira, peta, patranha; ardil, estratagema, astúcia, artifício, manha, subterfúgio, logro, enredo, laço, lábia, ronha, solércia. - O embuste é "uma mentira calculada" para enganar aqueles que nos ouvem. A mentira, sendo "aquilo que não tem existência, ou que existe de outro modo que não aquele como se apresenta", nem sempre é *inverdade* criada por aquele que a diz: e nisto distingue-se do embuste, que sempre indica má-fé e malícia. - Peta é "mentira inventada por gracejo ou troça". - Patranha é "conto inventado para impressionar os ânimos crédulos"; "histórias inverossímeis que se inculcam por naturais ou verdadeiras - são patranhas". - Ardil é "artifício armado para fazer cair em erro ou engano". – Estratagema é particularmente o ardil usado na guerra; e, em sentido figurado, é astúcia posta em prática contra o adversário ou a pessoa com quem se está em litígio. - Astúcia, artifício, manha, subterfúgio, logro, enredo, laço, ronha, lábia, solércia - entram neste grupo como significando de comum alguma coisa, algum modo com que se engana. A distinção entre todos é fácil; e, quando muito, conviria não esquecer que artificio, logro, enredo, laço, subterfúgio são mais recursos de que usa o que planeia enganar; e que astúcia, manha, lábia, ronha, solércia são mais qualidades que recursos ou processos.

707

EMPRÉSTIMO, comodato, mútuo (mutuação). - Empréstimo - no entender de Roq. – é tanto "ato de emprestar, como a coisa emprestada; é uma espécie de contrato pelo qual concedemos a outrem, de graça, alguma alfaia, dinheiro, etc., para que depois no-la restitua. Também se chama empréstimo a uma soma emprestada que recebe o governo, ou algum particular, e de que paga juros. É termo genérico e vulgar, que abrange as duas espécies de empréstimo mais conhecidas em direito pelos nomes de comodato e mútuo. Quando a coisa emprestada deve ser-nos restituída individualmente à mesma, chama-se comodato; quando pode ser restituída, não individualmente à mesma, senão na mesma espécie, em igual qualidade, chama-se mútuo (sendo mutuação o ato de contratar o empréstimo em tais condições). Otimamente mostrou Vieira a diferença entre estes vocábulos, e as ideias por eles representadas, no seguinte trecho: "E que diferença há entre o empréstimo que se chama comodato, e o empréstimo que se chama **mútuo**? A diferença é que, no comodato, hei de pagar, restituindo aquilo mesmo que me emprestaram; pedi-vos emprestada a vossa espada, hei de restituir-vos a mesma espada. No mútuo, porém, não sou obrigado a pagar com o mesmo, senão com outro tanto; pedi-vos emprestado um moio de trigo, não vos hei de pagar com o mesmo trigo, senão com outro". - Sobre estes três termos escreve T. de Freitas: - "Empréstimo é contrato gratuito quando tem a denominação de comodato; mas pode ser contrato oneroso quando é mútuo. A diferença entre estes dois contratos (entre as duas espécies de empréstimo) vem a ser que o comodato tem por objeto coisas não fungíveis, que devem ser identicamente restituídas; sendo, porém, objeto do **mútuo** coisas fungíveis, isto é, que se consomem com o uso, e devem ser ao mutuante restituídas em outra igual quantidade da mesma espécie e qualidade".

708

ENCARECER, exagerar. — Segundo Roq., — "exagerar mais propriamente recai sobre as circunstâncias que fazem notável a coisa exagerada; e encarecer, sobre as que a fazem apreciável, conservando o verbo neste sentido figurado (em que é sinônimo de exagerar) a propriedade de seu sentido reto. Exagera-se o número dos inimigos; encarece-se o valor das nossas tropas, encarece-se o mérito de ter servido nela ao rei e à pátria. Um historiador exagera os fatos que refere; um mercador encarece o primor da alfaia que vende. Um casamenteiro exagera as riquezas, e encarece as boas prendas da dama que propõe".

709

ENSEJO, ocasião, oportunidade, conjunção, azo. – Ensejo é (segundo Bruns.) o tempo que se nos apresenta como a propósito para obrarmos, ou uma circunstância que nos convida a que a aproveitemos. – Ocasião é o tempo em que algo se realiza, ou uma circunstância, ou conjunto de circunstâncias que convidam a agir, ou que facilitam a ação. A ocasião é devida a acaso; isto é, não depende do agente. – Oportunidade é uma ocasião favorável. – Conjunção é a simultaneidade de circunstâncias que formam a ocasião. – Azo é a ocasião que se nos depara propícia para obrarmos como tínhamos premeditado.

710

ENTERRO, enterramento, saimento, funeral, exéquias. – Diz Roq. que todos estes vocábulos se referem às últimas honras fú-

nebres que tributamos àqueles que passaram à melhor vida; e também se referem à maior ou menor pompa com que se celebram as cerimônias desse gênero. - "Enterro significa, em geral, a ação religiosa de enterrar os mortos, e o acompanhamento que vai com o defunto; e deram também os clássicos este nome ao lugar onde se sepultam os mortos. Belém, digno enterro dos nossos reis – disse um deles". – Saimento é palavra hoje desusada, mas que significava antigamente, não só a pompa fúnebre de pessoas enlutadas que saíam a celebrar os funerais régios, como também as exéquias solenes que se faziam no aniversário da morte das pessoas reais; como se vê do Leal Conselheiro, p. 457. - Enterramento significa simplesmente o ato de *enterrar* ou levar a *enterrar*. Tem significação muito menos extensa que enterro, e não pode confundir-se com saimento. - Funeral é a pompa fúnebre com que se faz algum enterro. – Exéquias são as honras fúnebres que se fazem a um defunto, desde a casa até a igreja, ou da igreja até o túmulo; e também assim se chama o ofício fúnebre que com pompa se celebra em algum templo por um príncipe ou defunto ilustre, logo depois da morte, ou passado tempo não estando já o corpo presente. As exéquias dos papas duram ordinariamente oito dias. É para notar como os nossos antigos sabiam tirar do latim as palavras que lhes convinham, conformando-se com o gênio da língua portuguesa, talvez mais do que o fazem os modernos. - Saimento parece uma palavra que nenhuma relação tem com o latim, pois esta é a verdadeira tradução do vocábulo latino exequiæ, de que os modernos fizeram exéquias; porque exequiæ vem de exequor, o qual se compõe de ex e sequor, e significa "seguir, acompanhar", e segundo Ainsworth vale o mesmo que sequor pompam funebrem ad sepulturam "sigo a pompa fúnebre ou do enterro até à sepultura"; e

isto era o que nos **saimentos** se fazia. Tinha também saimento a significação extensiva que damos a exéquias, como acima vimos. O enterro dos pobres mais é enterramento que funeral. O funeral dos abastados e ricos não se pode comparar com as exéquias dos grandes. As exéquias dos príncipes e senhores mais se fazem por vaidade dos vivos que para utilidade dos mortos. O maior saimento de que talvez falam as histórias é o que El-Rei D. Pedro I fez aos ossos de D. Inez de Castro"...

711

ENTRETER, divertir, espairecer, distrair, recrear, deleitar. - Entreter é "prender a atenção de alguém, de modo que passe o tempo agradavelmente sem se aperceber de mais nada". Ele nos entreteve longas horas com as suas galanterias. Vamos entreter-nos com o dominó até que eles voltem. - Aquele que se diverte com alguma coisa, ou de alguma coisa, "põe toda a sua atenção e seu gosto nessa coisa, afastando-se de outra, ou de outras". – Espairecer é "vaguear sem preocupações, distrair o espírito em ligeiros passeios, por onde os ares e os panoramas, o bulício das praças, ou o silêncio das devesas, nos agradem e nos entretenham". - Distrair enuncia propriamente a ação de "retirar ou fazer desviar a atenção de alguma coisa". Não é rigorosamente o mesmo que **divertir**. Quem se distrai não pensa, não cogita, não se impressiona com aquilo de que está distraído; quem se diverte não pensa, nem faz outra coisa senão aquilo que o entretém. - Recrear é "dar prazer, comunicar ou sentir alegria". Quem se recreia sente-se como reanimado, a renascer da fadiga, do tédio. - Deleitar é muito mais que recrear. Quem nos deleita causanos um prazer que nos faz feliz. Quem se deleita sente vivamente, goza com delícia aquilo que lhe agrada.

712

ENVIAR, remeter, mandar, despachar, expedir. - Enviar é "dirigir, pôr a caminho". - Remeter é "fazer chegar às mãos, à posse daquele a quem se envia". - Mandar é "enviar alguém para algum fim, ou expedir alguma coisa pelas próprias mãos". - Despachar é "desimpedir, deixar sair". - Expedir é "fazer seguir". - Enviam-se encomendas; enviam-se representantes, ou empregados; enviam-se cumprimentos, ou felicitações, ou saudades, ou pêsames. Remetemos a um amigo o que ele nos pede; a um freguês, a fatura de gêneros de sua ordem. Remetem-se também os presos escoltados. Manda-se uma pessoa cumprimentar os noivos; manda-se um presente ao menino aniversariante. Despachou logo o "próprio" com a solução do negócio. Expedem-se ordens, principalmente; mas também se expedem mercadorias, cartas, veículos, etc.

713

EPÍLOGO, peroração; desenlace, desfecho; fecho, remate, final. – Epílogo e peroração só se distinguem pelo sentido restrito de peroração, que só se aplica à parte final do discurso: é só o orador que faz peroração, isto é, que, ao concluir a oração, recapitula o que tinha dito. – Epílogo tem significação mais extensa: tanto se diz do final de um discurso como do final de um poema, de um drama, de um romance, etc. No epílogo não se faz apenas o resumo do que se havia tratado desenvolvidamente; mas acrescentase alguma coisa que explique o destino ulterior dos personagens, ou do protagonista da ação. É por isso que epílogo se aproxima de desenlace e desfecho, designando estes a parte final da composição, o momento ou o passo em que o autor como que desenleia, desfaz o enredo. Tanto desfecho como desenlace só se empregam tratando-se de drama, ou, em geral, de composição em

que haja intriga. Diferença-se o desfecho de desenlace em ser aquele um desenlace dramático, imprevisto e emocionante; sendo o desenlace apenas a explicação final da trama. — Fecho, remate e final referem-se apenas à nota última da composição literária, qualquer que seja o gênero. Dos três, o mais vago e genérico é final, que não inclui ideia alguma acessória, e que encerra alguma coisa de todos os outros vocábulos do grupo. — Fecho sugere ideia de acabamento perfeito, de nota cabal com que se conclui o que se tinha dado de belo. — Remate dirse-á melhor daquilo que se põe depois do fim ou da conclusão da peça.

714

ÉPOCA, era, período. – "Época, conforme a origem grega, designa um ponto fixo da história, a data de um sucesso memorável. Também se toma por certa série de anos, caracterizada por algum acontecimento notável, cujo influxo os abrangeu a todos mais ou menos; como a época dos descobrimentos dos portugueses. – Era, conforme a origem latina, significa o acontecimento, o sucesso memorável a que se refere o cômputo de certa série de anos; como a era de Julio Cesar, a de Cristo, etc. - Era diferença-se de época em que a primeira faz referência ao cômputo dos anos, e época ao sucesso que por sua importância nos prende a atenção. - Período histórico é a série de anos que medeia entre uma e outra época". (Lac.).

715

EQUIDADE, retidão, justiça. — Segundo Bruns. —, a equidade consiste em manter a balança em equilíbrio para dar a cada um o que lhe pertence de consciência, pesando exatamente os prós e os contras, e consultando imparcialmente a nossa razão, para avaliarmos, como é devido, os fatos e motivos que devem influir na nossa decisão. Ter

equidade é não fazer exceção ou distinção de pessoas; é tratar a todos igualmente e como a si próprio. A equidade não corresponde, portanto, a nenhum direito humano, nem a nenhuma lei positiva, mas sim à lei natural, e ao direito tal como o sentimos e reconhecemos na nossa consciência. A equidade é a base da justiça; pois esta é uma instituição puramente humana, ou virtude convencional... É inegável que a justiça se aproxima mais ou menos do direito absoluto; mas é inegável também que ela depende essencialmente do grau de moralidade e de cultura do indivíduo e da sociedade... Outra grande diferença entre a justiça e a equidade está em que a justiça não considera senão o fato em si, não podendo penetrar nas intenções nem nas causas determinantes do fato, por não ter alçada na consciência; ao passo que a equidade sonda as consciências, aprecia as causas determinantes, tem em conta as circunstâncias, e atenua muitas vezes o rigor da justiça... A retidão consiste em seguir retamente o caminho traçado pela consciência, ou melhor - pelo sentimento da equidade. O seu caráter predominante é a firmeza inabalável e inflexível ante os rogos, as solicitações, as ameaças, e o próprio interesse. Quem é reto, ou tem retidão, sacrifica tudo ao sentimento de justiça e de equidade que o anima. Comparando a retidão com a justiça, pode-se dizer que esta consiste no respeito dos direitos alheios; e aquela, a retidão, na estrita e escrupulosa observância das leis. A justiça só intervém quando há oposição de pretensões ou de interesses; a retidão preside a todos os atos da vida em que a equidade tem de intervir. O juiz obra com equidade quando julga segundo os ditames da sua consciência, de acordo com os princípios absolutos do direito; obra com justiça quando sentencia conforme ao provado; e obra com retidão quando resiste a empenhos, a ameaças, a seduções etc.

716

ERÁRIO, tesouro, fisco. – Sob o domínio dos primeiros imperadores romanos, fisco significava propriamente o tesouro do soberano, o seu tesouro particular; e o tesouro público, designado pela palavra æraruim, "erário", era destinado aos gastos do Estado. Não tardou muito que se não confundissem estas duas palavras, como se confundiram suas significações, e se confundem ainda hoje nos Estados onde se não faz diferença alguma entre o **erário** privado do soberano e o da nação. – Erário é termo mais próprio, falando-se dos governos absolutos, como era o da antiga Roma; tesouro convém mais, e é mais usado em países modernos, de governo representativo. - Fisco designa hoje o direito que o tesouro tem de fazer cobrar o que lhe é devido... (Segundo Roq.).

717

ERIGIR, fundar, instituir, estabelecer, levantar, erguer, construir, constituir, organizar, formar. – Erigir – escreve Bruns. – "é construir um edifício ou um monumento cuja parte visível tem de recordar uma pessoa ou acontecimento, ou de ser destinada a um certo fim. Dizemos – cuja parte visível – porque o verbo erigir não desperta nenhuma ideia relativa à parte do edificio ou do monumento jazente sob o solo. A etimologia deste verbo (do latim regere "pôr em pé e direito") não consente que ele se aplique senão ao que se eleva do solo; e assim é que não se pode dizer, por exemplo, que - o governo erigiu uma quinta regional –, nem – um caminho de ferro –; e sim que – estabeleceu uma quinta regional –, que – estabeleceu ou construiu uma linha férrea -, etc. Erigem-se templos às divindades; estátuas aos grandes homens, etc. Note-se que **erigir** consiste num fato só e isolado; e por isso não se deve dizer que - o monarca erigiu um asilo –, a não ser que ele

apenas se ocupasse da sua edificação, deixando a outrem o cuidado de o dotar com os fundos necessários para o seu funcionamento; se ele o edifica e o dota, diga-se então que ele o fundou, instituiu ou estabeleceu (ou criou). - Fundar é criar e dotar uma empresa ou estabelecimento que há de ser permanente. É conseguintemente termo relativo à origem, à solidez e à duração da obra para a qual se contribui com fundos. O infante D. Henrique fundou em Sagres os primeiros estabelecimentos marítimos de que a história portuguesa faz menção. Os antigos reis fundavam mosteiros... – **Instituir** acrescenta à noção de fundar a ideia de instituto, regra ou regulamento. Os reis instituíam ordens militares. A Igreja institui as cerimônias do culto. – Estabelecer é, propriamente dito, o mesmo que mandar (que se faça); e como não é possível erigir, fundar ou instituir sem mando, resulta daí que tudo o que se erige, se funda, ou se institui, pode também dizer-se que se estabelece. É, portanto, termo genérico que significa particularmente - dar existência a alguma coisa". – Levantar, como erigir, aplica-se no sentido de "construir alguma coisa de vulto, e que deve destacar-se pelas proporções, pela altura, pela posição vertical". Decerto que se não dirá - "Levantamos um clube", para significar que o fundamos. Levantam-se templos, palácios, estátuas. No sentido moral também dizemos que se levanta o ânimo, a coragem de alguém. - Erguer equivale a levantar. -Construir, no sentido genérico, é - "dar estrutura a"; e tanto se aplica no sentido moral como no físico. Tanto se constrói um prédio como um nome, uma reputação, um lar. -Constituir é "dar existência a, formar, organizar, estabelecer". Constitui-se uma sociedade mercantil; constitui-se família; como se constitui procurador, e até, se constitui fortuna. – Organizar é propriamente "dar existência orgânica, formar ou constituir em organismo". Ninguém diria, sem dúvida, - organizar uma questão, um negócio, uma casa, pois só se *organiza* coisa que tem estrutura, ou que é formada de *órgãos. Organiza-se* um ministério, uma nação ou um estado político, uma família, uma empresa. – **Formar** confunde-se até certo ponto com **organizar**. Não se diz, porém, *organizar* um caráter, senão *formar*. Enuncia, pois, **formar** a ideia de "fazer alguma coisa segundo um certo plano ou modelo".

718

ESCAPAR, fugir, evadir, esquivar, evitar. - Segundo S. Luiz, têm estes verbos uma significação comum, que os faz sinônimos, e consiste em que todos exprimem a ação com que nos pomos a salvo de algum incômodo, trabalho, perigo, dificuldade, etc. Diferençam-se, porém, entre si, porque cada um exprime diferente modo desta ação. - Fugir de alguma coisa é apartar-se dela, alongando-se, correndo para o lado oposto, não se deixando alcançar, etc. Fugimos do lugar contagiado; fugimos da terra, em que habitamos, antes que seja descoberto o nosso crime; fugimos à justiça, que nos procura; ao assassino que nos persegue; fugimos do tumulto do mundo para a solidão; etc. - Evitar alguma coisa é apartar-se dela desviando-se, declinando do caminho, fazendo por se não encontrar. Evitamos despesas, trabalhos, perigos, dificuldades, desviando-nos das ocasiões; evitamos o encontro desagradável, mudando de direção, etc. -Escapar de alguma coisa⁶¹ é livrar-se dela,

61 Quanto a escapar de, e escapar a, escreve o mesmo autor: "Escapamos de um perigo, quando estivemos metidos nele, e saímos a salvamento. Escapamos a um perigo, quando nos antecipamos a evitá-lo. Escapou da prisão quem esteve nela e pôde salvar-se; do contágio, quem foi dele acometido e recobrou saúde; do naufrágio, quem saiu das ondas com vida. Escapou à prisão quem foi procurado para ser preso, e soube evitar as diligências da justiça; ao contágio, quem não foi tocado dele; ao naufrágio, quem esteve próximo a naufragar, e arribou a porto seguro, etc."

estando-lhe já nas mãos, ou próximo a isso; roubar-se ao mal que o tinha apanhado, ou que não tardaria a alcançá-lo. Escapamos da doença, da morte, do naufrágio, da prisão, das mãos do inimigo, etc. - Evadir alguma coisa é sair dela em salvo, destra e subtilmente, com arte, com astúcia, com subterfúgios, com manhas. Evadimos a questão, a força do argumento, a dificuldade do negócio, a proibição da lei, etc. (É mais usado pronominalmente.) – Finalmente esquivar alguma coisa é arredar-se dela, ou afastá-la de si com esquivança, isto é, com desapego, com isenção, com aspereza, com desdém. Esquivamos o homem mau, que busca a nossa amizade; os abraços do amigo infiel; o importuno que nos persegue, etc."

719

ESCARCHA (geada), gelo, saraiva (granizo, pedrisco, chuva de pedra), neve, caramelo, carambina, sincelos. – Todos estes vocábulos designam (segundo Roq.) as diferenças de forma e de consistência que se observam na água congelada, isto é, privada do calórico que conservava a mobilidade de suas partículas. Quando nas noites longas do inverno o ar e a terra se esfriam quanto baste para que o orvalho se gele, os gelos que se formam são tão subtis, e estão tão próximos uns dos outros que, pela transparência, parecem brancos e formam a geada a que os franceses chamam gelée blanche, e a que os castelhanos chamam, e os nossos antigos chamavam, escarcha: "as escarchas e neves que o inverno traz nas despedidas" - disse um clássico. Quando o frio aperta, mormente nos climas do norte (falando lá no outro hemisfério), converte-se a água em corpo sólido, começando por formar uma côdea semelhante a uma lâmina de cristal, até que toda ela se converte numa massa como vitrificada; e a este corpo sólido e frio dá-se o nome de gelo, a que os franceses chamam glace, e os espanhóis bielo. Quando as gotas de chuva passam por frias regiões, gelam-se antes de cair, e formam o que chamamos saraiva, a que também se chama granizo porque tem a forma de grãozinhos ou confeitinhos; assim lhe chamam igualmente os espanhóis, dando-lhe os franceses o nome de grêle, que é o grisil céltico, e o grando dos latinos. Quando esta chuva gelada é mui grossa, e como pedrinhas, chama-se-lhe com razão chuva de pedra; e quando esta pedra é miúda, porém esquinada como as pedras de sal, chama-se-lhe pedrisco. A reunião de uns gelos extraordinariamente finos, formados pela frialdade da atmosfera no momento de sua condensação, e antes que as partículas aquosas tenham podido reunir-se em gotas, é a neve. Estes pequeninos gelos, deixando entre si algum espaço, formam flocos mui ligeiros que, pela sua transparência, apresentam uma brancura formosa que deslumbra os olhos. Finalmente, caramelo é a neve congelada, ou o gelo grosso na superfície das águas, dos rios, etc. – Dá-se o nome de carambina ao gelo pendente das árvores, dos muros, dos penhascos, etc.; e o de sincelos ao gelo pendente dos beirais dos telhados.

720

ESCORREGAR, resvalar, deslizar. – Escorregar é ser deslocado pelo próprio peso, ou mover-se mais ou menos rapidamente sobre uma superfície lisa. - Resvalar é "perder o equilíbrio e cair ou descer escorregando, ou rolando". Tanto resvalar como escorregar têm sido empregados por bons escritores como significando deslizar; mas este verbo não sugere como aqueles a ideia da rapidez da deslocação, nem propriamente a de desequilíbrio. - Deslizar é escorregar de leve, pouco a pouco, suavemente; mover-se em superfície lisa serenamente. Pisou numa casca de banana, escorregou e caiu; pisou em falso, resvalou e tombou no buraco; o veículo,

mesmo travado, foi deslizando sobre o asfalto até encontrar o muro. A lágrima que resvala cai dos olhos; a que escorrega desce rapidamente pela face; a que desliza vem descendo lentamente.

721

ESCURO, obscuro, sombrio, tenebroso, caliginoso. – Diz Roq. muito bem destes vocábulos: Todos exprimem falta de luz em corpos ou lugares, mas com diferente grau, ou a diversos respeitos. No que é escuro falta a luz ordinária, mas resta ainda alguma claridade. Dia escuro é o em que se não vê o sol, que está coberto, anuviado, mas em que se vê o suficiente para se distinguir os objetos. No que é **obscuro** falta a claridade indispensável; é o escuro cerrado, ou carregado. Dia obscuro é o em que há névoa espessa, que impede ver os objetos, a não ser muito de perto. No sombrio falta a plenitude do dia. Um bosque é sombrio quando a espessura do arvoredo impede que nele penetre toda a luz do dia, e não dá passo senão a débeis reflexos. O que é tenebroso carece de toda luz. O inferno é tenebroso porque não penetra ali nenhuma luz. - Caliginoso é palavra poética e latina (caliginosus) e exprime não só o último grau de escuridade como a extrema cegueira no órgão visual; por isso se diz: olhos caliginosos, por escurecidos, cegos, física ou moralmente; e não se poderia dizer escuros⁶², nem sombrios, nem tenebrosos. - No sentido figurado, escuro dizemos comumente do que se não entende ou ouve bem, do que é triste: pensamento, texto escuro; voz, palavras escuras. - Obscuro dizemos particularmente do que não tem lustre, nem nobreza: nascimento, lugar obscuro; nome obscuro. Sombrio não se diz senão do ar e feições do rosto do homem triste, e

62 Aliás, escuros ainda se diz. É muito usual - escureceu a vista.

do caráter e dos pensamentos das pessoas que vivem fora de alegria. — Tenebroso dizemos com propriedade das ações, dos projetos, das empresas odiosas e secretas, envoltas em véus impenetráveis. — Caliginoso dizemos acertadamente da grande cegueira de entendimento, da grande obscuridade do que escapa à nossa perspicácia e previsão. Em bons autores pode ler-se: "Olhos caliginosos dos sectários, da malevolência; o caliginoso polo do futuro".

722

ESCUTAR, ouvir, atender. - Não se pode confundir o verbo ouvir com os dois outros; pois ouvir designa uma função inconsciente do sentido da audição: é sentir as impressões causadas pelo som no órgão desse sentido. Entre escutar e atender há diferença muito mais subtil. Estes dois verbos, como diz Alv. Pas., "são sinônimos quando exprimem a ideia de prestar atenção ao que se diz, com a diferença seguinte: Escuta-se para se ouvir bem o que se diz; atende-se para compreender bem o que se ouve. O primeiro representa uma função do ouvido; o segundo, uma operação do espírito. O que ouve bem o pregador atende para não perder nada do sermão. O que está longe escuta para o poder ouvir. Para escutar evita-se o barulho; para atender evita-se a distração".

723

ESFAIMADO, esfomeado, faminto, femélico, famulento. — A palavra latina fames, e a portuguesa dela derivada, fome, são os radicais de todos estes adjetivos, que indicam o que tem fome. Alguma diferença, porém, é preciso notar entre eles. — Famélico é palavra alatinada, famelicus, que se traduz em faminto ou esfomeado, pela oposição que tem com saturatus, "farto". Se houvéramos de traduzir aquele dito de Plauto: Dum ridebunt saturati, mordebunt famelici (Ps. prol. 14)

– diríamos muito bem: "Enquanto rirem os fartos, morderão os famintos". - Faminto indica o que tem fome e deseja comer; corresponde, como vemos, ao famelicus latino, e ao bambriento espanhol, mas não tem tanta força como o esfomeado ou esfaimado português, segundo parece dar a entender Vieira quando diz: "Por isso há tantos famintos, ou esfaimados da graça" (V. 423). O prefixo es aumenta a força, a intensidade do radical; pelo que estes dois adjetivos (esfaimado e esfomeado) exprimem uma fome violenta, devoradora nos indivíduos a quem se aplicam. – Esfaimado é menos vulgar que esfomeado; e faminto é poético, mormente no sentido figurado de mui desejoso; do que temos bom exemplo em Camões, que disse:

Desta arte o sumo bem se me oferece Ao *faminto* desejo, por que sinta A perda de perdel-o mais penosa.

(Canc., II)

... famintos beijos na floresta! (Lus., IX, 83)

Famulento é palavra muito expressiva e poética, que não exprime somente fome grande, ou grande desejo, senão uma fome, um desejo ardente, insaciável, a que nada satisfaz, nada farta; como muito bem disse Camões:

Que nunca o pensamento
Voando sempre de uma a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte;
Imaginando como, e famulento,
Quanto mais como, a fome vai crescendo.
(Canc., II)

E depois dele, disse Bocage:

Com famulentos olhos a devora.

(De Roq.)

724

ESFALFADO, extenuado, cansado, fatigado, exausto. — Todos estes adjetivos enunciam

de comum a ideia de falto de forças devido a excesso de exercício. - Esfalfado aplica-se particularmente nos casos em que a debilidade provém de "gasto de forças por abuso de funções orgânicas". - Extenuado dizemos melhor quando a debilidade é "profunda e principalmente quando a fadiga é mental". - Cansado é termo genérico para exprimir "de forças gastas por excesso de trabalho físico". - Fatigado é "o que cansou de momento", quer no sentido físico, quer no sentido moral. - Exausto aplica-se igualmente em qualquer sentido, e significa "esgotado de forças". O que saiu das orgias vem esfalfado. Quem estudou muito, quem escreveu demais, quem discutiu longamente numa assembleia, ou num tribunal, sente-se extenuado. Os que trabalharam todo o dia, à noite estão cansados. Os ricos sentem-se às vezes cansados de aturar os pobres; os pobres, cansados de sofrer. Quando o conselheiro chegou ao alto da escada, sentia-se fatigado. F. está fatigado da lida; do discurso, ou de falar; fatigado de correr, de ouvir, de estar de pé, ou de estar sentado. A doença deixa-nos exausto; o trabalho, as aflições puseram-no exausto. Alma exausta de crenças, de coragem, de esperanças.

725

ESMERO, capricho, apuro, primor, requinte; cuidado, asseio, limpeza, correção, alinho, gosto. - Todas estas palavras referem-se à diligência, zelo, carinho, esforço particular com que se executa algum trabalho. Executa-se com esmero quando se faz o melhor que se pode; com capricho quando se faz com cuidado tenaz e minucioso, brio e galhardia; com apuro, quando se faz com extremo, finíssimo capricho; com primor se executou, quando a coisa executada saiu perfeita, ou pelo menos com qualidades para ser tida como das melhores, das primeiras no seu gênero. – Requinte é "o excesso de apuro; o meticuloso rigor, o exagero da correção". - Consiste o cuidado na "atenção e solicitude com que se aplica alguém a fazer alguma coisa". - Asseio, neste grupo, é a "discreta correção com que se age, com que se executa algum serviço". - Limpeza é a "habilidade e capricho com que se faz alguma coisa". - Correção é "o cuidado e apuro com que se executa alguma coisa tão bem como deve ser executada". - Alinho é "o asseio no trajar, a discrição na conduta e no discurso". – Gosto, aqui, é "o senso do razoável e preferível, o critério, a presteza, a graça com que se age, se diz, se faz", etc.

726

ESPANTOSO, terrível, terrífico, terrificante, horrível, horrendo, horroroso, horrente, hórrido, horrífero, horrífico, horripilante, medonho, pavoroso, temeroso. – Horrendo – diz Roq. – "é o que por sua grandeza desconforme infunde medo e temor ao vê-lo ou ouvi-lo". - Horrível é tudo o que por sua fereza causa horror nos que o presenciam. Refere-se ordinariamente a objetos animados. – Horroroso, pelo contrário, diz-se mais frequentemente de objetos inanimados; e em particular do que depende da ordem da natureza, ou daquilo em que há atrocidade. - Espantoso designa uma ideia menos extensa (e mais vaga) que os anteriores adjetivos, e causa assombro, porém pode ser alguma coisa que por demasiada grandeza cause o que chamamos espanto. Horrendos são os trovões quando ribombam no fundo dos vales; horrendas são as bombardas que estoiram amiudadas; horrendo era o tom da voz com que falava o gigante Adamastor. Horrível é o leão quando nos desertos assalta o caminhante. Horrorosa é a noite em que se não vê nem uma estrela, passada em pequeno baixel que as ondas agitam e a enfurecida borrasca ameaça fazer em pedaços contra escarpados rochedos;

horroroso é um crime atroz e inumano. São espantosos os castigos, os espetros, os terremotos, os furacões, os bramidos, e tudo que causa espanto. Os três primeiros (horrendo, horrível e horroroso) tomam-se sempre em mal; o último (espantoso) toma-se algumas vezes em bem, como coisa maravilhosa; e, neste sentido, é espantosa a viajem do Gama à Índia; são espantosos os feitos de Duarte Pacheco. Podem, porventura, reunir-se num mesmo sujeito estas quatro qualidades, sob diversas relações. Polifemo, considerado em sua desmedida grandeza, era espantoso; considerado em seu aspeto desagradável à vista, e com um só olho na testa, representa-se-nos horrível; considerado como um gigante de desmesurada força, figura-se-nos borrendo; considerado como um monstro de crueldade, representa-se-nos horroroso. O gigante Adamastor, segundo o imaginou o nosso poeta, era espantoso por sua disforme e grandíssima estatura; os olhos encovados, a boca negra, os dentes amarelos, a barba esquálida, e os cabelos cheios de terra faziam-no horrível; os membros descompassados, e tom de voz medonho e temeroso com que falava faziam-no horrendo; e se, como Polifemo, se apresentasse despedaçando homens, e comendo-lhes as carnes, seria, como o ciclope, horroroso monstro". - Horrente, hórrido, horrífero, horrífico e horripilante são variantes dos três anteriores quase que só na forma, pois há de ser muito raro o caso em que não tenham sido empregados indistintamente. Quanto a horrente só se tem a observar que pode ser empregado em dois sentidos: significando o mesmo que horrífico e outros; e também significando horrorizado, que tem ou sente horror: ali, diante da sombra, ficou horrente a pobre menina. De horrível deve dizer-se ainda que se aplica tanto quando se quer exprimir o que impressiona os sentidos, como daquilo que repugna à alma ou a consciência: o que nem

sempre se dará em relação aos outros, ou à maioria deles pelo menos. Dizemos, por exemplo: dor horrível, apreensões horríveis, amarguras, aflições horríveis. Poderíamos dizer ainda: aflição, dor horrorosa; mas decerto ninguém arriscaria: horrenda aflição; nem dor horrente, ou - amargura horrífica. Em suma: parece indispensável distinguir o horror que parece estar só na imaginação, ou que se passa no espírito (e então exprimi-lo-emos por horrível, e também por horroroso) do terror que se diria sempre resultado de impressão imediata, atual dos sentidos (e em tais casos usaremos dos demais adjetivos do mesmo radical). – Os restantes vocábulos do grupo – terrível, medonho, pavoroso, temeroso distinguem-se pelos respetivos radicais: é terrível o que causa terror, isto é, uma impressão de sobressalto que faz tremer e que abate a força moral; é medonho o que produz medo (susto, sobressalto violento e inconsciente); é pavoroso o que inspira pavor (grande espanto, terror que faz fugir); é temeroso aquilo que causa temor (sentimento mais de respeito, assombro e maravilha que de medo). - O que se disse de horrível e horroroso, em relação aos outros do mesmo radical, pode dizer-se de terrível em relação a terrífico e terrificante; devendo notar-se, no entanto, que todos estes se empregam ainda mais indiferentemente talvez do que aqueles.

727

ESPECIAL, particular, singular, privativo, exclusivo. - Particular é o que não é comum a todos ou a muitos, o que pertence a um ou a poucos, o que distingue um ou alguns de outro ou de muitos. - Singular é o que tem o caráter de excepcionalidade, que só se encontra num caso ou num indivíduo, ou que pelo menos é tão raro que se pode considerar como existente num indivíduo apenas, ou em muito poucos indivíduos. - Especial é o que é como próprio da espécie, como particular a um certo grupo de coisas, fatos ou pessoas. - Privativo é o que, por exceção, por direito especial, por alguma qualidade própria, pertence a uma certa pessoa em razão da sua dignidade ou do seu cargo. – Exclusivo é o que é próprio ou se atribui a alguém ou alguma coisa exclusivamente, isto é, arredando, excluindo outras pessoas ou coisas. Em casos especiais podem distinguir-se casos particulares; nestes pode haver algum caso singular. Faculdade, direito privativo é o que só uma certa pessoa pode exercer. Vantagens, proveitos exclusivos são os que nos competem e que outros não podem gozar.

728

ESPERANÇA, confiança, fé. – Roq. compara as duas primeiras palavras do grupo deste modo: – Muito extensa é a esperança: espera-se tudo que é bom, favorável, grato; a última coisa que o homem perde é a esperança. Mas quantas vezes não passam de puras ilusões as mais lisonjeiras esperanças? Quando, porém, a esperança é bem fundada, firme e quase segura da realidade, chama-se confiança que vem da palavra latina fidutia, fidentia, confidentia, a que os nossos antigos chamavam fiuza. A esperança refere-se a sucessos ou fatos que hão de acontecer, ou que podem acontecer; a confiança, aos meios por que se hão de conseguir ou executar. Confio, ou tenho confiança nas minhas riquezas, por meio das quais espero ou tenho esperança de lograr o que desejo. O homem que tem grande confiança em Deus, e se ajuda de boas obras, espera por elas ganhar a salvação eterna. – É preciso distinguir as frases estar com esperanças, e estar de esperanças. A primeira significa – ter esperança de obter alguma coisa boa, agradável. Só está de esperanças a mulher grávida, que espera ter o seu bom

sucesso. – Quando a confiança se funda em crença, em convicção, chama-se fé. A própria fé religiosa não é senão a confiança profunda que se tem numa grande verdade que se nos revelou, ou que nos é inspirada pelo poder de Deus. Temos fé no futuro, num amigo, no trabalho, na virtude, etc.

729

ESPIA, espião, vigia, sentinela, atalaia. -Segundo S. Luiz, vigia "exprime genericamente o que está desperto, com os olhos abertos e atentos, para ver e notar o que se passa. – Sentinela quer dizer vigia militar: é o soldado que está de vigia em algum posto. - Atalaia é propriamente vigia ou sentinela posta em lugar alto, de onde possa ver ao longe e descobrir o campo. – Espia é o que segue esta ou aquela pessoa para observar de perto os seus passos, movimentos, palavras, etc.; ou também o que anda por aqui, e por ali, espreitando e observando com solapada cautela o que se faz ou o que se diz. O pai deve ser vigia cuidadoso de seus filhos; o superior, dos seus súbditos; o pastor, do seu rebanho. A sentinela e a atalaia cumprem um dever militar, e são responsáveis pelas consequências do seu descuido. O espia é, as mais das vezes, "um homem de baixos sentimentos, que ou por curiosidade criminosa, ou por sórdidos interesses, ou por algum outro semelhante motivo, anda observando as ações, palavras e gestos de outros, encobrindo, com disfarce, o seu verdadeiro intento, e talvez sob capa de amizade, para depois os entregar aos seus inimigos". – Entende Bruns., e com muita razão, que conviria reservar o vocábulo espião para designar "o indivíduo pago por outrem para ver e observar o que se passa e vir dar conta do que vê e observa; pois espia, e não espião, se diz do indivíduo que por sua própria conta, às escondidas ou disfarçadamente, observa o que se passa".

730

ESPIAR, espionar, espreitar. - Da diferença notada entre espia e espião provém a diferença que se deve notar entre espiar e espionar. Quem espia procura ver e observar disfarçadamente para proveito próprio, ou para algum fim, que lhe interesse. Quem espiona faz o papel de espião, procura ver e ouvir, espia por incumbência de outrem, por paga ou por ofício. - Entre espiar e espreitar nota-se a diferença que consiste em espiar dizer apenas que se procura seguir para observar, sem que o espiado saiba disso, ou de modo que só venha a sabê-lo depois de traído; e espreitar sugere ideia de emboscada, de bote armado às ocultas, de traição para prender, para apanhar, etc. O bandido espreita no caminho o viandante, para o matar ou roubar. A polícia espia um sujeito perigoso (segue-lhe os passos para saber o que anda fazendo).

731

ESPONTÂNEO, voluntário, livre. - Livre – diz Lacerda – é o ato "que se pratica por determinação da vontade, mas de modo que se pode deixar de praticá-lo. Sento-me porque quero, mas podia não sentar-me. -Voluntário é também o ato que se pratica porque a vontade o quer; mas que não podíamos deixar de praticar, porque não podíamos deixar de querer. Exponho a vida voluntariamente para salvar da morte um objeto a quem tanto quero como me quero a mim mesmo. – Espontâneo é o ato em que a vontade não tem nenhuma parte, e que se pratica sem se advertir em tal, e sem que se possa impedi-lo. Penso sem advertir que estou pensando; respiro, sem poder deixar de respirar. Pensar e respirar são conseguintemente atos espontâneos". - Notemos que à função de pensar, de respirar, de digerir, etc., caberia então melhor o adjetivo inconsciente e em muitos casos o adjetivo reflexo. Espontâneo dizemos, em linguagem comum, do que é "da nossa livre vontade, do que fazemos sem que nos fosse solicitado".

732

ESTADO, nação, povo. - "Estado é a nação considerada como entidade sujeita a governação e administração. Frequentemente considera-se o estado com relação aos outros estados. (Estado - define Clovis Bevilaqua – é um agrupamento humano, estabelecido em um território, e submetido a um poder público soberano, que lhe dá unidade orgânica. São elementos constitutivos do estado: o povo, o território e o poder público soberano. Quando se tem mais particularmente em vista o povo distribuído em classes sociais, o agrupamento denomina-se nação. Quando se considera esse agrupamento organizado pelo poder público, e representado pelos funcionários, que o exercem, tem-se o estado.) - Nação (do latim *natio*, derivado de *nasci* "nascer") é o conjunto de indivíduos de uma mesma raça, habituados aos mesmos usos, costumes e língua. - Povo (do latim populus "multidão") é o conjunto de homens que vivem sob a mesma lei e o mesmo governo. Assim dizemos: o povo português é de boa índole; o povo espanhol tem muito de godo e de árabe. Dos dois povos reunidos dizemos que - o fanatismo e a crendice têm dificultado o progresso da nação ibera. Do sentido primitivo de nação e povo procedem todas as distinções que convém estabelecer entre estes vocábulos. Nação indicou em primeiro lugar uma aglomeração natural de homens, fundada na origem comum a todos eles e nas suas comuns qualidades características. Povo indicou uma aglomeração, artificial ou natural, estabelecida em vista de interesses comuns, tais como leis, governo, habitat, etc. Assim é que a nação pode compreender vários povos; pois, formando a península

ibérica a nação ibera, existem nela os povos português e espanhol. Por outro lado, e como consequência da primitiva significação destas palavras, várias nações submetidas ao mesmo governo podem formar um único povo. Assim as nações mongólica, tártara, etc. formam o povo chinês. Extensivamente dizemos nação por povo, com uma diferença análoga. Nação dizemos com relação à índole, costumes, usos, culto, língua, etc. Povo diremos com relação ao estado político ou social, instituições, leis, governo etc.: nação civilizada, nação fanática; povo guerreiro, povo nômada, povo livre, povo escravizado, etc. Duas nações são rivais; dois povos aliam-se para se defenderem mutuamente de um terceiro. Nação tem um sentido geralmente mais extenso, e marca uma relação mais íntima que povo. Na península ibérica viu-se que vários povos (catalães, aragoneses, castelhanos, navarros, vasconsos, lusitanos. galegos, etc.) acabaram por constituir uma nação, porque, os laços que os uniram são tão íntimos que quase podem fazer considerá-los como descendentes de uma mesma origem. Povo tem ainda mais acepções, pois pode designar uma parte, ou uma das classes de uma nação. Assim se diz: "o povo das cidades; o povo das aldeias; o povo e a classe média, etc." (Bruns.) – "No sentido literal e primitivo" – diz Roq. – "a palavra nação indica uma relação comum de nascimento, de origem; e povo, uma relação de número e de reunião. A nação é uma dilatada família; o povo uma grande reunião ou agregado de seres da mesma espécie. A nação consiste nos descendentes de um mesmo pai; e o povo, na multidão de homens reunidos num mesmo sítio"...

733

ETERNO, perpétuo, contínuo, imortal, sempiterno, eternal, eviterno, perene, perenal. – De eterno, perpétuo e perene diz S. Luiz: – Eterno toma-se muitas vezes por sempiterno, significando o que não teve princípio, nem há de ter fim: neste sentido dizemos que Deus é eterno, que o mundo não é eterno. Toma-se outras vezes em sentido mais restrito, significando o que não há de ter fim, ainda que tenha tido princípio: neste sentido dizemos que o espírito do homem há de existir eternamente; que os prêmios e penas da vida futura hão de ser eternos. Nesta segunda acepção confunde-se talvez eterno com perpétuo, atendendo-se tão somente à ideia comum de durar sempre, em que ambos os vocábulos convêm, e são sinônimos. Há, contudo, entre eles uma notável diferença, que não permite empregá-los indiferentemente em todos os casos. Eterno é o que há de durar sempre; mas este sempre é absoluto, sem limite, sem-fim. - Perpétuo é também o que há de durar sempre; mas este sempre (é relativo) admite certos limites: sempre até o fim dos tempos; sempre até o fim do tempo, ou da duração própria do objeto de que se trata; sempre, em geral, até o fim do tempo determinado pela natureza; pelas leis, pelo costume dos homens, etc. Assim tal pessoa promete ao seu benfeitor gratidão perpétua; tal outra contrai uma obrigação perpétua, isto é, enquanto lhe durar a vida, até o fim dela. O matrimônio é um contrato perpétuo, isto é, até o fim da vida de qualquer dos contraentes. As pirâmides, os obeliscos, as estátuas, etc. são monumentos perpétuos, isto é, durarão até se gastar o mármore, ou o bronze, de que foram construídos. - Perene convém com perpétuo na ideia comum de durar sempre; mas ajunta a esta ideia a de uma ação continuada, ou continuamente renovada. Um monumento é perpétuo pela sua duração, e pode dizer-se perene, porque a cada instante está atestando o fato em memória do qual se erigiu. Os movimentos dos astros são perpétuos e perenes (stellarum perennes, atque perpetui

cursus – diz Cícero): perpétuos, porque hão de durar enquanto durar a ordem do mundo; perenes, porque hão de durar em ação contínua, incessantemente, sem interrupção. Também dizemos - "fonte perene, manancial perene, e não - perpétuo; porque neste caso atendemos mais particularmente ao fluxo contínuo da água, do que à perpetuidade da sua duração". - Dos cinco primeiros do grupo não é possível deixar de transcreverse aqui o que escreve Laf. Começa ele estabelecendo que todos têm de comum a ideia de – "sem-fim" – que sugerem. "Eterno é o latim aternus, contração de aviternus, que se formou de aevum "a duração infinita" e da desinência de tempo ternus ou rnus. O ser ou o objeto eterno⁶³ é absolutamente semfim; subsiste, portanto, fora do tempo ou dos séculos. É antônimo de temporal. "... Saber sofrer suplícios temporais para evitar os eternos... Preferir as coisas visíveis e passageiras às invisíveis e às eternas". (Boss.) Eterno, eternidade, despertam só por si esta grande e medonha ideia de um sempre ou de um futuro inteiramente ilimitado... Perpétuo (perpetuus, de perpeti "durar até o fim") significa - sem-fim, mas relativamente, isto é, com relação a um fim, a uma época determinada; dentro de certo espaço de tempo. "Que vem a ser uma escravidão perpétua? Não é uma espécie de eternidade?" (Bourd.) Um ditador perpétuo, um secretário perpétuo - entende-se: ditador, secretário por toda a vida. - Contínuo (continuus, de cum e tenere "conservar") é o que conserva, ou se mantém conjuntamente, o que forma seguimento ou continuidade. Esta palavra indica, como perpétuo, uma sorte de eternidade relativa, uma duração sem-fim dentro de certos limites: "Depois de haverem sofrido neste

mundo uma perseguição contínua, os justos acharão no céu uma eterna consolação". (Boss.) Trabalho, movimento, exercício contínuo; prece, ilusão, fadiga, inquietação contínua. Mas o que é perpétuo é um todo indivisível, que dura de uma maneira permanente ou perseverante: enquanto que aquilo que é contínuo é um todo, ou como um todo composto de partes que se sucedem sem cessar sem interrupção, sem lacuna. "O roble tem uma folhagem perpétua". (Volt.) "O espírito humano faz nas ciências um contínuo progresso". (Pasc.) Condena-se alguém a silêncio perpétuo, a exílio perpétuo (a galés perpétuas, a prisão perpétua); fazemos, porém, de alguma coisa uma ocupação, não perpétua mas contínua. Uma experiência contínua nos ensina isto ou aquilo. Todos os corpos estão sujeitos a uma contínua mutação. O que é perpétuo é ou dura sempre (isto é – até o fim da duração que lhe é própria); o que é contínuo vai ou se faz sempre (sem parar, ou sem cessar de ir ou de fazer-se). Um ditador perpétuo um ruído contínuo; um monumento perpétuo, uma lamentação contínua. A distinção é, pois, rigorosa; e, portanto, contínuo não se diz jamais das coisas que são, dos objetos. A recíproca, no entanto, não é verdadeira: perpétuo tem algumas vezes o sentido de contínuo; e tanto que se diz das coisas que se fazem, se passam ou acontecem. Mas então, representam-se essas coisas sinteticamente, abstração feita de toda ideia de sucessividade; e por isso mesmo é que se emprega esta palavra de preferência no singular. Uma guerra perpétua é como um todo sem partes, ou de partes indistintas, que dura longo tempo; enquanto que uma guerra contínua se compõe de combates contínuos, de ações que se sucedem, que repetidas vezes têm lugar. - Imortal, "não suscetível de morte, não sujeito a morrer", não oferece dificuldade alguma. É um epíteto reservado para os seres vivos ou personificados, para tudo que vive ou parece viver sem termo, perpetuamente,

^{63 •} Temos também a forma **eternal**, quase só usada em linguagem literária, e que parece atenuação de **eterno**.

para sempre. "Naquela dor, Calipso se julgava infeliz de ser imortal (Fen.)..." - Sempiterno (latim sempiternus, de semper "sempre") é, no francês – diz Laf. – "uma palavra sem família, desnacionalizada, da qual não nos servimos senão familiarmente e gracejando"; no português, porém, não acontece o mesmo: sempiterno é uma acentuação, se é possível, de eterno; e particularmente se aplica ao que se refere a Deus, ou às coisas da divindade. A sempiterna justiça, o Senhor sempiterno (que não teve princípio, nem acabará nunca). -Eviterno é forma arcaica de eterno, só usada hoje em poesia, ou, em geral, em linguagjem literária. Significa mais propriamente imortal que eterno: é "o que não terá fim, mesmo que tenha tido princípio". - Perenal é atenuação de perene.

734

EUMÊNIDES, Fúrias. - "Os antigos romanos – diz Alv. Pas. – chamavam Fúrias. e os gregos Eumênides a certas divindades subalternas encarregadas de atormentar a consciência dos culpados. As Eumênides pertencem propriamente à mitologia e à história grega; e as Fúrias, à mitologia e à história romana. O nome de **Fúria** é tão usado e familiar em nossa língua que muitas vezes dizemos que uma mulher arrebatada e má é uma Fúria. O vocábulo Eumênides só é familiar dos sábios; e talvez o seu justo valor não seja bem-determinado. Tomada geralmente, a palavra Eumênides reúne as ideias de bom, de favorável, de força, cólera e ardor: as Eumênides castigam o culpado para o corrigir: – o castigo assim é salutar. As **Fúrias** são as feras ministras do tartáreo Jove:

As horridas irmãs do negro Averno. Dos impios corações tormento eterno.

São as executoras das sentenças de condenação eterna = aspérrimos verdugos do delito. São as vingadoras da justiça.

Tisifone cruel e vingadora, De um açoite cruel estando armada, Executa insolente, a qualquer hora, O castigo na gente condenada.

(Eneida)

As Eumênides castigam o culpado para o trazer ao caminho do bem; e nisto diferem das Fúrias".

735

EXECRAÇÃO, maldição, imprecação, praga; execrar, maldizer, amaldiçoar, imprecar, praguejar. - De acordo com S. Luiz, escreve Roq. o seguinte sobre estes vocábulos: "Em sentido literal, imprecação é a ação de rogar a um poder superior que fulmine males contra alguém" (execrar). -Maldição é a ação de maldizer alguém (ou amaldiçoar) ou de lhe anunciar, agoirar males com desejo de que eles sucedam. - Execração é a ação de execrar, isto é, de tirar a alguma pessoa ou coisa o que ela tem de sagrado, ou provocar contra ela a vingança celeste. – Praga é um dano grave corporal, ou um infortúnio que rogamos contra alguém, ou invocamos contra alguma coisa. É assim que a imprecação é propriamente uma oração ou súplica para que venham males: é o contrário de deprecação. A maldição é um desejo, uma como sentença dada: é o contrário de benção. A execração é uma espécie de anátema religioso: é o contrário de sagração. Praga é vocábulo genérico com que o vulgo designa não só as imprecações, maldições e execrações, como todos e quaisquer desejos de mal ao próximo, expressos por frases mais ou menos grosseiras, que todas se encerram em praguejar e rogar pragas. A imprecação provém da cólera e da fraqueza; a maldição, da justiça e do poder; a execração pode vir de um religioso horror; as pragas vêm sempre de má índole, péssima educação, e língua perversa; por isso se chama com razão ao malédico, boca de pragas ou praguento.

736

EXPERIÊNCIA, observação. - A observação, segundo Bourg. e Berg., é um "meio de conhecer as coisas" que consiste em notar como é que são feitas ou que se produzem. A experiência é um "meio de conhecer" que consiste em produzir, em provocar os fenômenos, para melhor observá-los, acompanhando-os em sua marcha. São dois processos científicos igualmente necessários; mas a experiência sobreleva à observação: é mais precisa, e permite-nos aprofundar o conhecimento, desde que somos nós que a dirigimos: os sábios recolhem observações sobre os fenômenos da natureza; os sábios verificam por experiências as teorias que formulam. Pela observação constatam-se fenômenos; pela experiência tiram-se as provas, fazem-se as demonstrações que se quer fazer para aperfeiçoar o conhecimento. A astronomia é toda fundada na observação, como diz Roq.; a química, na experiência.

737

FÁBRICA, manufatura, oficina, tenda (usina). - Fábrica, na significação que o torna sinônimo dos outros vocábulos deste grupo, designa em geral a oficina onde se produz alguma coisa, ou onde se prepara algum artefacto ou qualquer artigo de comércio. Sugere ideia de indústria, não propriamente de arte, ou quando muito em certos casos, de arte mecânica. - Manufatura, que adaptamos do francês, tem sentido muito menos extenso, e só se aplica a certos estabelecimentos, não só de grandes proporções, mas onde se trabalha com mais arte e onde se produzem artigos mais delicados ou em cujo preparo ou manipulação se emprega mais habilidade. Dizemos - fábrica de gás; fábrica de cerveja; fábrica de cal (e não manufatura). Dizemos com mais propriedade: - manufatura de rendas, de panos, de flores: - em vez de – fábrica. É este, no entanto, o termo entre

nós mais usual, poucas vezes empregandose <mark>manufatura. – Oficina</mark> é a sala, a casa, o lugar onde trabalham oficiais de algum oficio. É vocábulo ainda mais extenso talvez do que fábrica: sugere ideia de produção; e tanto se emprega tratando-se de trabalho mecânico ou material, como tratando-se de artes liberais: oficina de construções, de ourivesaria, de pintura, etc. – Usina, conquanto também francês, está sendo mais usado que manufatura, para designar "estabelecimento fabril onde o trabalho é feito mediante emprego de aparelhos e maquinismos". Em regra, aplica-se este termo nos mesmos casos em que se aplica fábrica: usina ou fábrica de louças, de vidros, de fundição, de pregos, de eletricidade, etc. - Tenda é o lugar onde trabalha um artífice ou artesão: tenda de ferreiro, etc. Sugere, no sentido particular que tem aqui, ideia de trabalho.

738

FACHADA, frontaria, frente, frontispício. — Segundo Bruns., e mais precisamente do que se vê em Roq.: — Fachada é a parte exterior de um edificio, toda essa parte exterior; e frontispício é a fachada em que está a porta principal, ou que dá para a frente. O palácio da Câmara municipal de Lisboa tem quatro fachadas: o frontispício é a fachada que olha para o largo do Pelourinho. — Frontaria é o frontispício de uma casa, ou de um edifício de modesta construção. (Se bem que muitos consideram frontaria como designando "fachada extensa do lado principal".) — Frente é a parte do solo que está ante a frontaria de um edifício.

739

FACULDADE, poder, potência. — Muito bem distingue Lac. estes três vocábulos: — Faculdade — diz ele — "é a disposição, dada pela natureza, às diferentes espécies, por via da qual os indivíduos são aptos para praticar alguma ação, se não carecerem do poder para isso indispensável. – Poder é a liberdade, a não existência de obstáculo para executar uma ação. - Potência é a força necessária para a executar. Assim, sem que haja faculdade, poder, e potência ou força, não pode ter lugar nenhuma ação humana. Eu tenho a faculdade de ver; mas não vejo se me falta o poder; e este me faltará se me vendarem os olhos. Tenho a faculdade e o poder; mas inutilmente se carecer de potência ou força; e carecerei se o sono se apoderar de mim".

740

FALECIMENTO, morte, traspasse, trânsito, passamento. – Todos estes vocábulos designam cessação da vida; mas distinguemse conforme a ideia acessória que sugerem. – Empregamos falecimento quando aludimos à "falta que fez quem acabou". - Traspasse, como trânsito, designa o ato de "passar para além, de deixar esta passando para a outra vida". - Traspasse é mais solene e faz referência à "hora precisa em que o vivente deixou de viver"; trânsito sugere ideia da "suavidade com que morrem os justos, os que têm serena a consciência". - Passamento, como os dois precedentes, inclui a ideia (ou melhor – exprime-a exclusivamente) de "passar à outra existência"; é, no entanto, mais sugestivo da solenidade da hora da morte, das aflições da agonia; e só se aplica tratando de grandes homens. - Morte é termo genérico significando "cessação da vida", sem mais ideia alguma acessória. Tanto se aplica ao homem, como a todos os viventes, mesmo aos vegetais. Tanto se diz de uma pessoa que morreu de doença ou de desastre, como da que foi assassinada.

741

FANAL, farol. – Ambas exprimem a ideia de "luz que serve de guia". Mas farol não se presta a ser aplicado em sentido metafórico:

designa propriamente "a torre ou construção elevada, ao pé do mar, e em cuja parte superior há um foco luminoso para ser avistado pelos navegantes" (Ramiz Galvão). -Fanal, tanto se emprega no sentido natural como no figurado; e acrescenta à noção de luz, que orienta e guia, a ideia de chama, que ilumina. Dizemos, por isso, que "a fé é o fanal da consciência humana" (e não o farol).

742

FASTIDIOSO, enfadonho, tedioso, importuno. - "Que desagrada, que aborrece, que faz perder a paciência" – é a significação de todos estes vocábulos. - Fastidioso é "o que enfastia, o que causa uma certa repugnância". – Enfadonho é "o que produz aborrecimento, o que molesta e enfada". -Tedioso é "o que inspira ou causa tédio, isto é - nojo e desgosto". - Importuno é "o que aborrece pela insistência com que nos desagrada". Não há nada mais fastidioso do que ouvir maus versos, ou "longos trechos de prosa safada"... É enfadonho esperar duas horas por um sujeito impontual. Nada mais tedioso do que um dia de chuva no verão; ou do que aguentar uma companhia hedionda toda uma noite. Há importunos que têm levado ao suicídio muita gente de juízo e de pouca misericórdia".

743

FAVORÁVEL, propício; próspero, benigno. - Segundo Laf. - "que é por alguém, que o auxilia na realização de seus desígnios ou de seus desejos." - Favorável vem do latim favor "interesse, inclinação para ajudar, para fazer direito". - Propício, do latim propitius, foi formado de propè "junto" e significa – "que está junto de alguém para o assistir, para o proteger, como um deus, ou um gênio tutelar. – Favorável diz menos que propício; exprime algumas vezes uma

simples disposição, benevolência, e não propriamente um socorro efetivo: sentimentos favoráveis (Acad., Bourd.). Não estou convencido de que tenham eles por mim favoráveis disposições. (Bourd.) E quando favorável marca igualmente beneficência, serviço atual e real (caso único em que é sinônimo de propício), anuncia alguma coisa de menos potente e menos decisivo. O que nos é favorável concorre para o sucesso de nossos desígnios; o que nos é propício faz com que nos saiamos perfeitamente bem por nós próprios. A ocasião nos é favorável; o destino, ou o céu nos é propício. Pede um cliente a um patrono que lhe seja favorável; o pecador pede a Deus que lhe seja propício. - Favorável dizemos propriamente das coisas, das circunstâncias, do que é simplesmente auxiliar; e propício, daquilo que só por si determina o sucesso, – de Deus, da fortuna, de um gênio, de um rei... - Próspero, do latim prosperus, que significa também "feliz", quase que é só usado em poesia e em alto estilo. Além disso, diversamente de favorável e de propício, não se refere próspero jamais a um mal a evitar, ou que se evita; mas indica sempre um acontecimento feliz. Quem conta sempre com coisas favoráveis ou propícias escapa aos inconvenientes, aos embaraços, aos perigos, às desgraças de todo gênero; quem conta com todas as coisas prósperas não experimenta senão felicidade. Além de tudo, próspero é raramente sinônimo das outras palavras deste artigo, porque de ordinário é relativo ao efeito e não à causa. Dizemos propriamente – uma ocasião favorável ou propícia (Acad.), e – um sucesso próspero (Corn., Mol.). O que nos é favorável ou propício ajudanos, secunda-nos... O que nos é próspero é alguma coisa para nós de bom, de vantajoso... - Benigno usa-se pouco ou raramente com a significação que tem neste grupo. Parece este termo recordar a astrologia judiciária, e serve para designar as influências do sol,

dos astros, dos elementos. "Amável planta, árvore querida daquele que a fecunda com seus olhares *favoráveis*, como um sol benfazejo; crescei à sombra de sua bondade, e abrivos a suas *benignas* influências (Boss.)".

744

FAVORITO, valido, privado, predileto, preferido, mimoso (mimo). - Dos três primeiros diz Roq.: "Estas três espécies de indivíduos têm grande entrada com os príncipes e senhores, e recebem facilmente suas graças e favores; mas cada um deles por diferente modo, e com diversas relações". Favorito é o mimoso a quem se favorece (especialmente) a quem se ama com preferência; recebe os favores do poderoso, talvez servindo-lhe as paixões, mas não lhe dá conselhos nem o domina, antes recebe seus mandados e lhe obedece. É um ente passivo, e em geral pouco estimado. – Valido é o que tem valimento junto do príncipe, e que, aparentando humildade para com ele, o domina com astúcia em proveito de sua ambição. -Privado é o que priva com o príncipe, vive com ele como em vida privada, goza de sua privança e conversação familiar; mas nem o serve baixamente como o favorito, nem busca dominá-lo em proveito próprio como o valido. Antigamente a palavra privado designava um cargo muito honroso junto de nossos reis, ou uma ocupação como de ministro do despacho, e não valimento; era o adjetivo latino privatus substantivado, referindo-se a conselheiro, consiliarius privatus. Fernão Lopes menciona vários privados de el-rei d. Pedro I; d. João Afonso Telo, conde de Barcelos, era o maior privado de el-rei d. Fernando; Diego Lopes Pacheco era também muito privado. O célebre João das Regras foi privado de el-rei d. João I, como tal se assinava, e assim o denomina o epitáfio gravado sobre sua sepultura em S. Domingos de Benfica. Este parece ser o último que teve o título de

privado, o qual não tornou mais a ser usado nos reinados seguintes. "Até o reinado de d. João I", diz o sábio acadêmico Trigoso (Mems. da Ac. das Ciências, XI, 174), "chamava-se privado aquele conselheiro que tinha maior trato e conversação secreta com o soberano nos negócios do Estado; e os que depois se chamaram validos eram os que com ele tinham merecimento, ou graça em virtude da qual conseguiam o que lhe pediam; porque valer propriamente significa "ser útil, servir, e prestar". Nota o mesmo sábio que depois que a dignidade ou ofício de privado deixou de existir, começou este nome a passar como sinônimo de valido; e cita Sá de Miranda, que diz:

Quem graça ante El-Rei alcança, E hi fala o que não deve, Mal grande de má privança. Peçonha na fonte lança, De que toda a terra beve.

O mesmo poeta:

Que Deus é fogo que abraza Sei-o de um privado seu.

E noutro lugar:

Não falemos naquela infirmidade De seus validos... etc.

Neste mesmo sentido disse Camões, falando de d. Sancho II:.

De governar o reino, que outro pede, Por causa dos privados foi privado. (Lus., III, 91).

E fazendo alusão a el-rei d. Sebastião:

Culpa dos reis, que às vezes a privados Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham.

(Lus., VIII, 41).

Ainda mesmo depois que a palavra privado perdeu a significação histórica de que

acabamos de falar, e apesar de que alguns escritores usaram promiscuamente dos vocábulos privado e valido, entendemos que entre eles há não pequena diferença, como indicamos, e que não menos difere dos dois o vocábulo favorito. Os bons reis podem ter privados que não se desonram a si mesmos com baixezas como os favoritos, nem os dominam para proveito próprio como os validos; mas que os aconselham privadamente para bem, e os servem como leais e desinteressados súbditos. O conde de Castelo Melhor foi privado, e talvez valido, mas não favorito de d. Afonso VI; os favoritos deste eram os Contys. O príncipe da Paz foi valido de Carlos IV, rei de Espanha, mas não se pode dizer que foi seu favorito. O padre Vieira foi grande privado de el-rei d. João IV, mas não foi seu valido, e ainda menos seu favorito. Ouçamos a este grande homem falar dos validos, e fazer a diferença entre eles e os **privados**: "Se convém que os reis tenham valido, ou não, é problema que ainda não está decidido entre os políticos; mas dois validos, ninguém há que tal dissesse, nem imaginasse" (III, 80). "Os validos hão de estimar mais a graça do príncipe que todas as mercês que lhes pode este fazer, porque esta é a maior. Hão de encher a graça que têm dos príncipes com serviços, e não se hão de encher com ela de mercês. O maior crédito do valido é que a sua privança seja privação. Por isso os validos, com mais nobre e heroica etimologia, se chamam privados" (II, 98). Quer dizer que os validos, para tirarem o odioso deste nome, se dão a si mesmos o nome de privados; pelo que, na linguagem cortesã, privado vem a dizer o mesmo que valido, como diz o mesmo Vieira falando de Aman: "A tais soberbas e insolências chegam os privados de quem não sabe ser rei". (V, 525). - Predileto é "o mais querido entre os que se quer, o que mais se ama entre os amados, o que se prefere entre os que nos agradam". O predileto dos amigos, dos filhos, dos parentes; passatempo, estudo, manjar predileto; música predileta; autor predileto. — Preferido não sugere, como predileto, a ideia do motivo, mas só a da escolha. A coisa ou pessoa preferida é "a que se escolhe por uma razão qualquer"; a pessoa ou coisa predileta é "a que se prefere por ser a mais querida, a que mais nos agrada". — Mimoso é termo familiar, e designa "o que tem os nossos carinhos especiais; o que em linguagem de intimidade se chama também mimo (e até melindre, menina dos olhos).

745

FECUNDO, fértil, úbere, ubertoso, abundante, farto; fecundidade, fertilidade, uberdade, abundância, fartura. - "Fecundo – diz o sempre seguro mestre – refere-se à potência natural de produzir abundantemente. - Fértil refere-se à atualidade da produção abundante. Dizemos que um terreno é fecundo, isto é, capaz de dar grande produção; e dizemos que o ano foi fértil, isto é, que as terras produziram bem, que houve abundância de frutos. A fertilidade ostenta as riquezas da fecundidade. Confundem-se muitas vezes estes dois vocábulos no uso vulgar, já porque a fecundidade e a fertilidade têm entre si estreitíssima e necessária relação, como causa e efeito; já porque o povo, considerando as terras, não como filósofo, mas sim como cultivador, somente atende aos resultados da fecundidade, que consistem na efetiva produção, e se manifestam pela fertilidade. Mas o filósofo, o físico jamais confundirá estes termos, porque sabe que um terreno, um animal, ou uma espécie de animais é fecunda quando tem todos os princípios necessários para dar uma abundante produção ou geração; e que o terreno ou o animal só é fértil quando esses princípios se desenvolvem, e produzem o seu efeito. A mesma diferença se observa no

sentido figurado. O gênio é fecundo, isto é capaz de criar, de produzir. O escritor é fértil pela abundância de suas produções. Uma grande verdade é fecunda em consequências. O homem de Estado, em tal situação de negócios, mostra-se fértil em recursos. Quem diz que uma nação, v, g., tem sido fértil em grandes acontecimentos, exprime simplesmente que nessa nação tem havido muitos desses acontecimentos. Quem diz que ela tem sido fecunda exprime que a nação tem em si, e na sua organização política, princípios próprios para produzirem tais acontecimentos. No primeiro caso, podem estes ser efeito de algum feliz concurso de circunstâncias casuais; no segundo, são sempre resultados da influência do governo, das leis, dos costumes, do espírito público, etc." (S. Luiz, 134). – Úbere é termo poético, e é mais usado na forma superlativa ubérrimo. A uberdade é mais propriamente "munificência do solo, abundância de messe, riqueza de produção"; e por isso aproxima-se mais de fertilidade que de fecundidade. - Ubertoso é outra forma de úbere; e faz referência particularmente aos proveitos que se tiram, pelo trabalho agrícola, de um solo fecundo. - Abundante é o que se produziu tão copiosamente quanto basta para compensar o esforço despendido. Há abundância de alguma coisa quando essa coisa existe largamente, amplamente satisfazendo a todos. - Fartura é mais que abundância: o que é farto excede às necessidades normais; sacia e sobra.

746

FELICITAÇÕES, parabéns, congratulações, saudações, cumprimentos, emboras. – Felicitações (também usado no singular) e parabéns confundem-se muito no uso comum. O primeiro, no entanto, não só tem sentido mais extenso, como é mais nobre. Pode-se apresentar a um ministro,

a um diplomata, felicitações por uma grande vitória alcançada no exercício do cargo (e não - parabéns). - Parabéns, como a própria formação do vocábulo está indicando, refere-se aos proveitos, às vantagens que se conquistaram. Damos parabéns a um amigo pela sua nomeação para um bom ofício; damos-lhe felicitações pelo seu aniversário, ou pelo bom sucesso de sua esposa. - Saudações designa apenas o ato de manifestar bons desejos, simpatia, respeito; e também o ato de "felicitar mais cerimoniosamente". - Cumprimentos enuncia o ato de "render homenagem, cumprir deveres de cortesia". -Emboras são ligeiras saudações, por motivos de pouca monta. Ninguém decerto iria dar simples emboras a um amigo que tirou a sorte grande... - Congratulações é termo que não tem nada de pretensioso, e que é indispensável na língua para exprimir o ato, não propriamente de felicitar alguém, mas "o de se alegrar com alguém". Felicito a vossa, ou a sua família; congratulo-me com a minha própria. O rei dirige congratulações ao seu povo, ou com este congratula-se por algum grande sucesso feliz para a nação.

747

FELIZ, ditoso, afortunado, venturoso, bem-aventurado. – Em dois grupos a estes vocábulos refere-se Roq.: "Por isso que a fortuna pode ser próspera ou adversa – diz ele no primeiro – formou o gênio da língua dois adjetivos, compostos deste vocábulo, que indicam seu diferente aspeto. Aquele que é por ela favorecido chama-se afortunado; e desafortunado ou infortunado o que ela abandona. Entre ditoso e feliz não há diferença nenhuma senão a que consiste em ser o primeiro vocábulo português; e o segundo, latino. – Venturoso, como aqui o entendemos, tem o mesmo valor que afortunado, com a diferença – que parece referir-se a coisas futuras que esperamos,

como parece inculcar a palavra mesma (de venturas, "que há de vir"). - Bem-aventurado é aquele que alcançou boa ventura, que está no gozo de bem-aventurança; e como a verdadeira não se encontra neste mundo, chamam-se com especialidade bem-aventurados os que gozam da vista de Deus no Céu. A seguinte frase pode indicar as precedentes distinções: Se eu for tão venturoso no negócio da salvação como fui afortunado nas coisas do mundo, depois de ter vivido ditoso ou feliz neste mundo, serei bem-aventurado na eternidade. Em outro artigo, tratando de feliz e afortunado, escreve o mesmo autor: "Estas duas palavras têm relação com os bens e as vantagens que desfrutam os homens, e com a satisfação que experimentam no gozo destes bens. O homem que possua grandes cabedais, belas herdades e todos os cômodos da vida, é rico e abastado; mas só será feliz quando seu ânimo não estiver contristado, e o sossego da alma acompanhar as delícias da prosperidade". - Afortunada pode ser uma pessoa que, sendo pobre, tenha à medida de seus desejos tudo que empreende. - Afortunado significa "favorecido da fortuna"; feliz significa "que goza da felicidade, ou de uma felicidade". Uma pessoa é afortunada por seus muitos bens, por seus completos prazeres, pelos grandes favores que recebeu da fortuna; é feliz pela satisfação, contentamento e tranquilidade do ânimo. – Afortunado supõe uma felicidade extraordinária. Diz-se que um homem é feliz quando experimenta um prazer muito vivo; mas, como os prazeres duram pouco, cansam o espírito, e às vezes degradam o corpo, têm lidado em vão os filósofos por saber em que consiste a verdadeira felicidade. (S. Agostinho, na Cidade de Deus, contou 288 opiniões diferentes, acerca da felicidade, cap. 20). Um antigo dizia que "a felicidade consistia em ter o corpo são, e a alma livre"; e um moderno sustentou que a felicidade

possível ao homem consistia: "no trabalho, que é a vida do corpo; na luz, ou na cultura do espírito, que é a vida da inteligência; e na caridade, que é a vida do coração". O mais seguro é crer que a verdadeira felicidade não se encontra nos bens desta vida, senão na bem-aventurança eterna; pois, como disse Vieira, "tudo que é terra é desterro, e só o Céu, para que fomos criados, é a nossa verdadeira e bem-aventurada pátria" (VI, 289). – Quanto a ditoso e feliz, que Roq. não distingue, vale a pena ver o que escreveu S. Luiz: "Ditoso é, segundo a força etimológica do vocábulo, aquele que goza de muitos bens e riquezas. - Feliz é o que goza de felicidade; e nós dizemos que goza de felicidade (e é feliz, portanto) o homem que vive tranquilo e satisfeito na pacífica fruição dos bens que bastam aos seus desejos. Assim, tomando estes vocábulos em todo o rigor e propriedade das suas significações, pode o homem ser afortunado e ditoso, sem ser feliz: e pode ser feliz no meio da desdita e do infortúnio. O ambicioso, por exemplo, que chega a conseguir o objeto de seus vastos pensamentos e desejos; que pode suplantar os seus competidores na carreira das honras; que subindo, por favor da fortuna, até o cume da humana grandeza, avassala e subjuga reinos e impérios, vê ante si ajoelhados os outros homens; este ambicioso, digo, é sem dúvida afortunado; mas pode não ser feliz, e por certo que a felicidade raras vezes se encontra acompanhada de tanto aparato. Pelo contrário, o homem modesto, que ama a verdade e a virtude; que sabe dominar as suas paixões, e reger os seus desejos; que vive contente com a sua mediocridade; o que reúne a tranquilidade do espírito e a paz do coração com a saúde e vigor do corpo, pode certamente dizer-se feliz, e contudo não é afortunado, nem ditoso. O homem afortunado e ditoso logo tem parentes, amigos, lisonjeiros, adoradores; mas se a fortuna o desampara,

tudo isto desaparece. Ele está sempre dependente dos objetos externos. O homem verdadeiramente feliz vive, as mais das vezes, desconhecido, e apenas estimado de poucos; mas ele não depende nem dos louvores do vil adulador, nem dos forçados obséquios do pretendente. A sua felicidade está dentro do seu próprio coração. O homem mau e malvado é, muitas vezes, afortunado no meio dos seus crimes; mas nunca pode ser feliz. Pelo contrário, o homem virtuoso e verdadeiramente sábio pode ser feliz até no meio das perseguições e suplícios. O rei mais poderoso, e o homem mais afortunado de toda a Ásia admirou-se de saber, pela voz do oráculo, que o mais pobre dos Árcades era o homem mais feliz de toda a terra".

748

FERRAMENTA, instrumento, utensílios.

- "Entende-se em geral por instrumento aquilo que serve de causa para produzir um efeito. Nós somos os instrumentos do destino, da Providência. Num sentido mais limitado, **instrumento** dizemos de todas as coisas materiais que facilitam os meios de fazer alguma obra, alguma operação, ou de adquirir o conhecimento de algum objeto. Entre os instrumentos tomados neste sentido, chama-se **ferramenta** àqueles que são mais simples em seu feitio, e cuja ação depende unicamente de um movimento mecânico das mãos. Um martelo, uma enxó, um escopro são ferramentas que se chamam assim por serem geralmente de ferro ou aço. Os instrumentos são mais complicados, cuja invenção dá a conhecer mais inteligência, e que tem por objeto operações não puramente mecânicas, mas que são dirigidas pela inteligência. A ferramenta pertence propriamente às artes mecânicas; e o instrumento às artes superiores que supõem mais instrução e exigem mais inteligência. Um oculista, um oficial ótico faz, com as

suas ferramentas, microscópios e telescópios, que são instrumentos de ótica. Um cuteleiro prepara com as suas ferramentas as lancetas e bisturis, que são instrumentos de cirurgia. Um violeiro faz com suas ferramentas as violas, as guitarras, etc., que são instrumentos de música". (Roq.) - Utensílio abrange a significação das duas palavras precedentes: tanto dizemos utensílios de pesca, de carpintaria; como utensílios de música. Designa, além disso, tudo que, mesmo sem ser propriamente ferramenta nem instrumento, serve, no entanto, para algum uso, ou tem serventia para a execução de algum trabalho: utensílios de escritório, utensílios de mesa, de cozinha, etc.

749

FINADO, defunto, morto. "Empregam-se estes três vocábulos para significar o homem que cessou de viver: aí está a sua sinonímia. Mas cada um deles exprime por diferente modo a mesma ideia; e nisto consiste a sua diferença. – Morto é o termo próprio com que significamos precisamente o estado de um ser que deixou de ter vida; e por isso se diz genericamente, não só do homem, mas também dos animais brutos, e ainda de outros seres em que consideramos vida. Assim dizemos – homem morto, animal morto, planta morta, fogo morto, etc. - Defunto e finado são termos figurados que empregamos, por eufemismo, em lugar de morto, mas somente falando do homem, e como para disfarçar a ideia triste e desagradável que nos excitaria o termo próprio. Assim dizemos, à maneira dos latinos, defunto, isto é – o que passou o tempo da vida; finado, isto é – o que *fez fim*". (S. Luiz.).

750

FLUIDO, líquido. Consultamos, acerca destes dois vocábulos, grande número de autores, e quer parecer-nos que Bourg. e Berg. puderam, em poucas palavras, condensar e

resumir quanto em todos vemos de melhor: - Líquido (do latim liquidus, que formou o verbo liquecere "fundir-se") dizemos dos corpos não sólidos, cujas moléculas têm pouca consistência, pouca coesão, e que, portanto, rolam facilmente umas sobre as outras. Emprega-se esta palavra sem atenção ao grau de tendência que tenham as moléculas para a separação, e mesmo falando dos corpos que mais se aproximam do estado ólido, como certas substâncias moles e viscosas: lama líquida; um xarope é líquido. - Fluido (do latim fluere "correr") acrescenta à ideia de líquido a de movimento; dizemos fluido um líquido que corre: assim a água de um rio é líquida considerada em si mesma; é fluida se a consideramos corrente. Além disso, as moléculas de uma substância fluida têm mais tendência para desagregar-se; o que torna esta palavra de significação mais extensa que líquido, pois tanto se diz da água e dos corpos análogos, como dos gases, das correntes imponderáveis, etc.: o ar é um fluido".

751

FRANCO, sincero, leal. – Segundo Bruns. - o homem franco diz o que pensa sem disfarce nem hesitação; o homem sincero não mente quando diz o seu pensamento; e leal é o homem que, mesmo com sacrifício próprio, não falta ao que a consciência lhe dita com relação às promessas que fez. Assim: o homem franco é aquele que não cala o que pensa desde que é necessário dizê-lo; o homem sincero, quando fala, nunca diz o contrário do que pensa; o homem leal é absolutamente fiel ao seu dever de consciência. O homem sincero pode calar-se para não ofender; o homem franco decerto que não se apercebe de que a sua sinceridade possa magoar; o homem leal é ao mesmo tempo sincero e franco, e por isso não cogita das consequências que possam ter a sua sinceridade e a sua franqueza.

752

FRAUDULENTO, doloso; fraude, dolo. - Note-se logo que dizemos: causar dolo, e não - causar fraude. - Dolo é, pois, o dano, o prejuízo; fraude é a astúcia de que se valeu aquele que produziu ou causou o dano. Daí a distinção entre doloso e fraudulento. Dizemos: quebra fraudulenta; e não dolosa, conquanto não haja quebra fraudulenta que não seja ao mesmo tempo dolosa. Como, porém, a ideia de dolo já se inclui no vocábulo "quebra", seria redundância dizer - quebra dolosa. – É muito comum, no entanto, empregar-se, mesmo no sentido jurídico, estas duas palavras dolo e fraude (e os dois adjetivos delas derivados) quase sempre indiferentemente.

753

FÚTIL, frívolo. – Se se atende ao valor primitivo destes vocábulos, "parece que fútil é o que facilmente se derrama, se dissipa, se evapora; e frívolo, o que facilmente se quebra e se faz em pedaços". Por onde fútil significa um pouco mais que frívolo. Dizemos que é fútil uma coisa vã, que não tem realidade, que se desvanece como um sopro, como o vapor fugitivo. E dizemos que é fríwola uma coisa de pouca monta, de pouco valor, de pouca consistência, de pouca solidez. O homem fútil será aquele que fala e obra sem razão, e sem reflexão; em frase vulgar, - que não diz coisa com coisa, que tudo faz no ar, que não sabe o que diz, nem o que faz. E o homem frívolo será o que diz coisas de pouca importância; que se ocupa de objetos de mui pouco valor, etc. Um raciocínio fútil será aquele que é vazio de sentido e de razão; que só consta de palavras. E um raciocínio frívolo será aquele que tem pouca força e solidez; que facilmente se desfaz; que não tem fundamento algum seguro. Os bens da vida são frívolos: têm mui pouca consistência. As nossas esperanças

são muitas vezes *fúteis*: só existem na nossa fantasia, e dissipam-se como o fumo.

754

FUGA, fugida. - Confundem-se muito estas duas palavras; e os próprios sinonimistas que consultamos não estabelecem entre elas distinção apreciável. Quase todos entendem que fuga exprime "uma ideia mais extensa, mais ampla e geral que fugida"; que o primeiro enuncia a ideia de "fugir em todo sentido, em todas suas acepções"; e que fugida só se refere "à guerra". E, no entanto, dizemos também: os inimigos em fuga desesperada; pôr em fuga os ladrões. Parece, pois, que fuga encerra, além da de fugida, a ideia de escapula; e que fugida sugere melhor a ideia de caminhada. É frase muito usual esta: "Daremos uma fugida até lá" (não – uma fuga). "Deu-se ontem a fuga dos presos". "Levaram uma longa fugida até a fronteira".

755

FUNDAMENTAL, básico, principal, capital. - Fundamental e básico dizem propriamente - que serve de fundamento, que serve de base. A diferença que há, pois, entre base e fundamento é a que se deve notar entre básico e fundamental: básico se diz daquilo que é "como que o princípio; que serve de apoio por ser onde começa e como se assenta a construção"; fundamental dizemos do que é "como que o alicerce", o sustentáculo de toda a construção. Argumento básico, por exemplo (em sentido translato), é o que deu princípio à defesa ou à discussão; argumento fundamental é aquele em que vai apoiar-se toda a defesa, toda a demonstração da tese. - Principal é o mais valioso, o mais notável, o que desperta mais interesse ou atenção entre muitos, ou numa coisa. -Capital é o mais alto, o que serve "como de cabeça". Leis, regras, noções principais são as

mais notáveis entre as que se apresentam ou consideram. Lei capital, ou noção capital será a mais importante entre as principais.

756

FÚNEBRE, funéreo, funeral, funerário, mortuário, exequial, feral, lúgubre, lutuoso. - Todos estes vocábulos sugerem ideia de tristeza causada pela morte, ou de coisas tão tristes como a ideia de morte. Os quatro primeiros do grupo (todos de palavras latinas formadas de funus "préstito fúnebre") distinguem-se apenas pelo sentido acessório dos respetivos sufixos. Dizemos, por exemplo: - urna funerária (e não - fúnebre, nem funeral, nem funérea); - pompa fúnebre; ou - pompa funeral; ou ainda - funérea pompa (e não - funerária). - Fúnebre, funéreo e funeral referem-se, portanto, propriamente à cerimônia do enterro, ao acompanhamento com que se honra o morto. Funéreo e funeral são sinônimos perfeitos: Mas entre estes dois e fúnebre é preciso notar alguma distinção. Dizemos - ideias fúnebres, e não – ideias funéreas, nem – funerais. **Fúnebre** significa, portanto, além de funeral, e de funéreo, o que tem de lúgubre aquilo que se refere à morte. - Mortuário se aplica ao que pertence ou diz respeito propriamente ao morto: câmara mortuária. - Exequial é o que se refere à pompa com que se honra ou se comemora o sucesso lutuoso. - Feral diz também "fúnebre, lúgubre", e é mais frequentemente usado na linguagem literária: palma feral, cruz feral, signo feral. – Lutuoso = que sugere ideia de morte; que inspira dor, tristeza de luto: sucesso lutuoso; dia, aspeto, cerimônia lutuosa. – Lúgubre pode não referir-se, ou não aplicar-se somente a coisas que têm relação com a morte. Dizemos dia lúgubre, pensamentos lúgubres, cerimônias lúgubres – para exprimir – dia, pensamentos, cerimônias que nos inspiram tristeza por terem alguma coisa de fúnebres, por serem

dolorosas e tétricas como se imagina que será o silêncio, e o negror dos túmulos.

757

FÚRIA, furor (furibundo, furioso, furente, enfurecido, furial); cólera, raiva, ira (colérico, encolerizado, raivoso, enraivecido, raivado, iroso, irado, iracundo); insânia, sanha (insano, sanhudo, assanhado). – Entre fúria e furor há uma diferença essencial: a fúria não é mais que o efeito, ou a manifestação do furor. É o furor um como súbito delírio, ou uma perda momentânea de consciência, produzida por algum grande choque moral, por alguma paixão violenta. Destes dois vocábulos derivamse: - furibundo = cheio de furor; - furioso = atacado de *fúria*; – **furente** = posto em fúria; - enfurecido = tornado furioso; - furial = próprio da fúria, em acesso de furor. Ergueu-se o homem furibundo (e este adjetivo só se aplica ao homem). Homem, vento, mar, tempestade, cão furioso. Alma, olhar, palavras, gesto furente. Quando enfurecido, o bicho é temeroso, o homem é ridículo. Dança furial; festa, cena, balbúrdia furial. – Cólera, raiva e ira (principalmente cólera e ira) dão muitos como sendo sinônimos perfeitos. Dizemos, não há dúvida – cólera divina, ou - ira divina; cólera ou ira de Deus: não diremos, porém - raiva de Deus, conquanto se defina a raiva como manifestação de cólera. De ira diz Roq. que "é palavra puramente latina, que, segundo uns, vem de uro "queimar", "arder"; e segundo outros, vem de ire (quod à se it qui irascitur: hinc qui iram deponit dicitur ad se redire, Donat.) Segundo Cícero, a ira é uma paixão impetuosa que nos excita a tomar vingança daquele de quem nos julgamos ofendidos com injúria. A **ira** e a **loucura** só se distinguem em durar aquela menos tempo que esta, como disse Catão o velho: Iratus ab insano non nisi tempore distat. E o poeta lírico: Ira furor brevis est.

- Cólera (e melhor cholera) é palavra latina vinda do grego cholê, que significa "bílis", "fel"; e no sentido translato ira, agastamento. Diferença-se de ira em que se refere à "bílis", suposta causa da ira. Lê-se no Palmeirim: "Levantar a cólera a alguém" – que é a verdadeira tradução do dito de Aristófanes que os franceses traduzem: Remuer la bile à quelqu'un. Não nos parece que cólera seja mais violenta que ira, a não ser que demos a esta palavra o valor da francesa colère: o que seria cometer um grande galicismo; antes pensamos que às vezes é até menos forte que ira, quando só representa enojo, agastamento. (Como, por exemplo, quando nos referimos à cólera de Aquiles...) - Raiva (do latim rabies) significa, em sentido reto, uma doença, que melhor se chama hidrofobia; em sentido translato é a ira levada ao último grau; supõe, não só agitação violentíssima com furor, senão permanência deste furor, e mais ardente e insaciável desejo de vingar-se, sem consideração a nenhum respeito, como fazem os cães danados, que nem a seus próprios donos poupam: cão com raiva seu dono morde – diz um antigo provérbio. E nisto diferença-se particularmente de cólera e de ira, que, posto que impetuosas, são transitórias, e não cegas e implacáveis como a raiva". - Da diferença aí estabelecida entre cólera, raiva e ira provém a que se nota entre os respectivos derivados. - Colérico diz propriamente "atacado de cólera"; e também se emprega esta palavra para designar – o que é propenso à cólera, o que facilmente se encoleriza: gênio, temperamento colérico. - Encolerizado quer dizer – levado à cólera, posto em cólera, cheio de cólera. - Como diz S. Luiz, "a terminação em oso, nos adjetivos, exprime muitas vezes a propriedade, a força, a tendência, a propensão natural: assim chamamos rixoso, estudioso, amoroso, etc., o homem que é dado a rixas, que é inclinado aos estudos,

que tem propensão para os sentimentos de amor, etc." A terminação em undo exprime abundância, profusão, excesso, talvez frequência, profundeza, etc.; assim dizemos - venerabundo "o que faz demonstrações de profundo respeito"; furibundo "o que mostra excesso de furor"; rubicundo "o que mostra grande vermelhidão, vermelhidão ardente", etc. A terminação em ado, nos particípios perfeitos dos verbos, exprime o estado atual passivo do sujeito; a existência do atributo do sujeito no tempo ou época de que se fala; assim em amado, enfeitado, estimado, etc. - Iroso, pois, é propriamente o homem inclinado à ira⁶⁴, que tem, da sua condição, e como por natureza, facilidade de deixar-se possuir desta paixão; que é propenso a irar-se, etc. - Iracundo é o homem excessivamente iroso (e também irado excessivamente); que abunda (por assim dizer) nesta paixão; que é violentamente dominado dela; cujas iras são frequentes, talvez arrebatadas, impetuosas, etc. - Irado é o homem que atualmente (ou no momento) está tomado de ira. – Iroso e iracundo "designam a paixão, o hábito da ira: irado designa o estado atual do sujeito: por onde, pode um homem estar irado sem ser iroso, nem iracundo; e pode ter esta paixão, estando atualmente de ânimo quieto e tranquilo". – Distinções análogas devem notar-se em relação a raivoso, enraivecido e raivado: - raivoso significa - "inclinado à raiva; suscetível, por natureza, de enraivecer-se facilmente"; enraivecido e raivado dizem - "atacados de raiva presentemente ou de momento". Estes últimos indicam estado [e só se usam mesmo com o verbo estar; e o primeiro, raivoso, indica modo de ser, condição (e só este se usa com o verbo ser)]. Entre enraivecido e raivado só há diferença de intensidade, sendo o primeiro mais

forte, e indicando **raivado** aquele "que está ligeiramente movido de raiva". - Insânia entra aqui só em sentido translato, dizendo o estado de ânimo que se caracteriza por sinais de loucura aparente. O homem insano está como doido, demente, fora de si, como enfermo de paixão. - Sanha, "segundo d. fr. Francisco de S. Luiz no Glossário oriental. vem do hebraico sanah, do verbo sana "ter ódio"; e segundo a etimologia é o mesmo que ira inveterada. É também palavra castelhana (saña); e este era o nome português por que entre nossos antigos era conhecida a paixão a que os latinos chamavam ira, como diz positivamente El-Rei d. Duarte: "Da ira o seu próprio nome em nossa linguagem é sanha, que vem de um arrebatado fervor de coração por desprazer que sente com desejo de vingança" (Leal Conc., 96). No tempo de El-Rei d. Manoel, e ainda depois, era muito usada a palavra sanha em lugar de ira. Daremos um exemplo, tirado das *Trovas* de Diego Brandão à morte de El-Rei d. João II; falando, daquele príncipe perfeito, diz:

Era um mesmo no prazer e na sanha, Das coisas virtuosas havia cobiça; A todos igualmente fazia justiça, Sem se lembrarem as teias d'aranha.

(Canç. Ger., f. 91).

Tendo sido a palavra latina ira adotada no uso vulgar da língua, com razão daremos à de sanha o valor de ira furiosa, ou assanhada, como a do animal que mostra os dentes ameaçando". (Roq.) - Temos, por fim, que sanhudo designa o indivíduo de natureza propenso a sanha, de temperamento caracterizado por uma ira violenta e capaz de excessos de maldade e que assanhado diz apenas -"atacado de sanha". Emprega-se também esta última forma para indicar aquele que se mostra preso de grande alvoroço. É muito usual dizer-se: crianças assanhadas com a festa, etc.

758

FURTO, roubo, rapina, latrocínio, ladroeira, ladroíce, rapto; furtar, roubar, rapinar, raptar, peculato, estelionato, plágio. - Entre furto e roubo há distinção muito fácil de sentir e que é vulgarmente bem conhecida. Quem, ocultamente, com arte, com ardil ou astúcia, lança mão a um objeto que lhe não pertence, furta. Furtar é, portanto, tomar alguma coisa para si contra a vontade do dono dessa coisa. O roubo é o furto que se caracteriza pela violência feita ao dono ou à coisa roubada. Quem furta escamoteia, apodera-se da coisa com habilidade e fraude; quem rouba apropria-se da coisa pela força. Sendo tão clara a distinção, não se sabe explicar por que é que na língua não se tem admitido o termo furtador, empregando-se a palavra ladrão tanto para designar o que rouba como o que furta. - Rapina é o roubo de que vivem os bandidos e salteadores; e caracteriza-se por isso mesmo - pela violência, e pela rapidez do golpe de que se vale o rapinador. O que rapina vive do que rouba, do que arrebata aos outros. É por isso que se dá o nome de aves de rapina àquelas que de surpresa caem sobre outros animais de que se nutrem. - Latrocínio é o roubo cometido à mão armada; e num sentido mais restrito é o ato de roubar matando a vítima; conquanto diga a propósito um autor de nota: "Latrocínio é palavra latina, latrocinium, e significava primitivamente os roubos que faziam os soldados (porque antigamente latro significava soldado pago, miles conductus, cuja paga se chamava em grego latron, e daqui o nome latro, que depois significou ladrão de estrada, salteador, viarum obsessor, quod plerumque tales sunt milites, id est latrones) e depois significou os roubos feitos com mão armada e com violência, e às vezes com morte do roubado, mas nem sempre, como pretende o autor dos sinônimos da língua portuguesa⁶⁵. Não leu ele certamente o que a este respeito diz S. Tomás, cujas palavras são, falando dos príncipes: "Si vero aliquid principes indebite extorqueant, rapina est, sicut et latrocinium", etc., que o nosso Vieira traduziu assim: "Se os príncipes tomarem por violência o que se lhes não deve, é rapina e latrocínio". De onde se segue que estão obrigados à restituição como os ladrões; e que pecam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso, e mais comum o dano com que ofendem a justiça pública de que estão postos por defensores" (III, 324). Por mui violentos e tiranos que sejam os príncipes, não vão cometer mortes para roubar; é, portanto, claro que a diferença que há de latrocínio a roubo, ou a rapina, não consiste em se fazer matando ou roubando, senão no abuso da força e da autoridade, as quais, sendo estabelecidas para proteger a justiça, delas se servem os malvados para roubarem com insolência e muito a seu salvo. - Ladroeira, tanto exprime o próprio fato de roubo, a façanha do ladrão: como o valhacouto dos ladrões

65 Nefere-se a S. Luiz que escreveu a propósito o seguinte: "Furto é o ato de tomar o alheio, com ânimo de o reter e possuir contra a vontade de seu dono. - Roubo é o furto feito com violência e força; o furto do ladrão público. Leão, Orig. fol. 39, diz: "a ação do ladrão público chama-se roubo; a do ladrão secreto, furto". - Rapina é o roubo do salteador, gente (diz Barros) que vive de saltos e rapina: de onde vem chamarem-se aves de rapina as que caem de improviso e como de salto, sobre outras aves, ou animais de cujas carnes se alimentam. - Latrocínio é roubo, ou rapina com morte do roubado. - Há ainda outras espécies de furto, cujos nomes particulares se não podem confundir com os que aqui vão definidos. Tais são o peculato - furto de dinheiros públicos feito por quem tem a administração e manejo deles; o estelionato, furto fraudulento, furto do bulrão e iliçador, etc.; o plágio, furto pelo qual alguém apropria a si o que se acha nas obras literárias de outrem; o rapto, roubo de mulher, roubo de pessoas, etc."

que se associam, o lugar onde dominam. – Ladroíce designa, também, não só a qualidade de ladrão, como o fato de roubar. – Rapto só se aplica ao roubo de pessoas. – Só se diz – raptar – tratando-se de uma mulher, de uma criança, etc.

759

FUTURO, vindoiro, porvindoiro, póstero, porvir. - Segundo observa S. Luiz, "parece que há entre o porvir (subst.) e o futuro (também subst.) alguma diferença, um pouco subtil, na verdade, mas não indigna de reflexão. O porvir é que não veio ainda, nem aconteceu, nem é certo que haja de acontecer. O futuro é o que de certo há de ser, ou acontecer, ainda que nós o ignoremos. O porvir, não só envolve escuridade relativamente ao nosso conhecimento, mas também supõe a real indeterminação do objeto. O futuro tem realidade objetiva (como se exprimem os metafísicos) ainda que nós a ignoremos. O porvir é expressão negativa, e por isso mais genérica, mais vaga, e mais indeterminada. O futuro é expressão positiva, e por isso mais determinada, e menos vaga e incerta. Só Deus sabe o porvir; mas os homens podem predizer com certeza alguns futuros. O receio do porvir deve fazer-nos precatados, a fim de evitarmos um futuro desgraçado". É por isso mesmo (isto é, porque o futuro tem uma validade objetiva que porvir não sugere) que dizemos, por exemplo – que uma certa coisa ou certo fato interessa ao nosso futuro, ou ao futuro da família, da pátria, das letras, etc. (e não - interessa ao porvir). Entre porvir e futuro como adjetivos, a diferença é a mesma. - Vindoiro e porvindoiro distinguemse perfeitamente deste modo: porvindoiro refere-se ao porvir, e diz "o que está por acontecer, mas não se sabe quando nem mesmo se acontecerá"; e vindoiro é "o que vem ou deve vir proximamente, o que virá

logo depois do presente". Dizemos: a semana vindoira, para designar a semana que deve seguir-se à que está correndo. Gerações porvindoiras são todas as que hão de vir, mesmo daqui a milhares de anos. Gerações vindoiras = as que vão aparecer depois da nossa. Vindoiro é mesmo alguma coisa menos indeterminado, que futuro; tanto que sempre é necessário restringir a este a significação geral, pela adjunção de próximo para que se lhe atribua assim um valor correspondente a vindoiro. O mês próximo futuro - diz o mesmo que - o mês vindoiro. - Póstero (quer na função de subst. quer na de adj.) só se emprega tratando-se do homem; e diz propriamente "o que virá depois do que está vivendo": os nossos pósteros, as gerações pósteras.

760

GALARDÃO, prêmio, recompensa, gratificação. - Galardão e prêmio "exprimem (segundo o sábio autor do Ensaio) em geral a ideia de uma recompensa, que se dá a qualquer pessoa por seus serviços ou merecimentos, reais ou supostos. Mas prêmio parece mais próprio para exprimir essa recompensa quando ela é determinada por lei, ou por algum gênero de ajuste e convenção, quase como paga, ou preço do serviço; como coisa rigorosamente devida. Em consequência desta restrita significação, parece também que o prêmio supõe sempre alguma obrigação de o distribuir na pessoa que o distribui. - Galardão exprime uma ideia, em certo modo, mais nobre; e não supõe sempre aquela obrigação. Todos indistintamente podem concorrer para galardoar (conferir galardão a...) o homem de merecimento relevante, ou que tem feito importantes serviços: a aprovação, a estima, o louvor, o reconhecimento, que se tributa ao cidadão virtuoso e útil, é o melhor galardão que ele pode esperar, e receber por suas virtudes. O homem, que dedica todos os momentos da vida ao serviço da pátria, não pode receber dela um prêmio equivalente ao seu generoso sacrifício. O único galardão digno da sua virtude, o único a que ele deve aspirar, o único de que a vil inveja não pode jamais privá-lo, consiste na própria convicção que tem, e na íntima satisfação, que goza de haver cumprido o mais nobre de seus deveres, e de ter merecido a estima da posteridade". - Recompensa é uma como reparação do sacrifício feito, do serviço prestado, do tempo perdido. Em muitos casos é quase o mesmo que prêmio: oferece-se uma recompensa (ou um prêmio) a quem achar a coisa perdida, ou a quem descobrir alguma coisa. - Com esta significação, no entanto, é preferível empregar a palavra gratificação, que é a recompensa com a qual se mostra alguém satisfeito e grato pelo serviço que se lhe prestou.

761

GALRAR (ou garlar), cochichar, charlar (ou chalrar), parlar (ou palrar), parolar, tagarelar, treler, taramelar. – Galrar (ou garlar) é "falar muito e com pretensão de quem sabe o que diz". - Cochichar é "falar muito baixo, ao ouvido de uma pessoa, para evitar que outras ouçam". - Charlar (ou chalrar ou ainda chalrear) é "dizer coisas desconexas, absurdas, como doido, ou com leviandade de criança, e mais por matar o tempo". – Parlar (também palrar) é "falar à toa, a torto e a direito, sem grande atenção ao que se diz". - Parolar é outra forma de parlar (do latim parabola): e quando muito pode distinguir-se um do outro por dizer parolar mais propriamente "parlar com jactância, como o imbecil que intima"... - Tagarelar é "falar muito, muito alto e sem discrição". – Treler é termo também muito vulgar significando "falar pronunciando mal, como entre dentes, mas indiscretamente, revelando coisas que não devem ser sabidas". - Taramelar é "falar muito, dando por paus e por pedras, como por ânsia ou volúpia de falar".

762

GANÂNCIA, ganho, lucro, interesse. - As três primeiras palavras do grupo diferençam--se em que - ganância é "a utilidade ou interesse que se adquire pelo trato, pelo comércio, ou por outra coisa; e lucro significa o proveito ou utilidade que se tira da mesma coisa; e em linguagem mercantil, é o ganho que resulta de uma especulação, deduzidas as despesas. Lucra um homem dando a alugar um traste, uma cavalgadura, etc.: ganha pondo em giro um capital⁶⁶. A ganância está nas probabilidades do comércio, e sujeita a leis; o lucro é próprio da mesma coisa, é uma consequência das utilidades que presta, e não está sujeito a nenhuma lei senão à do contrato que se fez. A ganância é sempre lícita e regulada pelas leis mercantis, como disse Vieira: "Quem dá a câmbio tem o seu capital seguro e as ganâncias; o lucro é sempre excessivo". Daqui vem que a ganância tem um caráter generoso, sendo que o lucro sinala especulações usurárias⁶⁷. – Ganho usa-se hoje em dia em lugar de ganância; mas com pouca razão, porque tendo ganância a significação clássica limitada ao interesse lícito e legal que provém de comércios, devia deixar-

66 Não parece clara a distinção. Estamos acostumados a ouvir dizer: quem faz um serviço ganha (não - lucra); quem faz um negócio lucra (também - ganha; mas de preferência, e talvez mais propriamente – lucra). Quem aluga, isto é, quem dá mediante aluguel um prédio, não diz que - lucra; nem mesmo - ganha; mas que – aufere, percebe, tem renda ou rendimento. 67 🛰 Também aqui é preciso observar que há pelo menos uma certa confusão. Mais do que lucro é ganância que designa fruto de especulações usurárias. Dizemos - lucros e perdas - tratando das operações de uma casa comercial (e não - ganâncias e perdas). -Convém ainda assinalar que o vocábulo ganância diz mais do que simples lucro, pois sugere ideia da avidez com que o sujeito se põe numa verdadeira competição com outros para assegurar os seus lucros. Em suma, de todos os do grupo é, pelo menos na acepção usual, o mais depreciativo: ganância diz alguma coisa como usura exagerada, cobiça, voracidade, ânsia de ganhar.

-se a ganho a significação lata de proveito ou interesse que vem de trabalho, de indústria, ou de qualquer produto da inteligência e atividade do homem. (Roq.). — Interesse é "todo proveito, utilidade, valor que resulta de um trabalho ou serviço, de um direito ou uma função".

763

GENERALIZAÇÃO, abstração. - Diz Roq. que "alguns ideólogos confundiram estes dois termos, mas que são eles diferentes e representam duas operações do entendimento que os modernos chamam subsidiárias, e que são distintas e diversas. A abstração é aquela operação pela qual, desprezadas algumas partes ou propriedades de um objeto, dirigimos a atenção a uma ou algumas delas, e nelas a fixamos, e as consideramos como se estivessem desacompanhadas das outras. A generalização é aquela operação pela qual a mente se eleva às ideias gerais. Com a abstração tira-se alguma coisa ao conhecimento, diminui-se o objeto da atenção; com a generalização ajunta-se, engrandece-se, em uma palavra generaliza-se... Eis aqui a descrição sucinta da generalização: recebo a sensação de um objeto particular; ajunto-lhe a ideia de ser, e com isto a possibilidade de infinitos objetos iguais àquele por mim percebido: ei--lo generalizado. Se, ao contrário, em vez de subir do indivíduo à espécie, e desta ao gênero, separo mentalmente daquele objeto alguma de suas propriedades: eis a abstração. Quando vejo, por exemplo, uma ave, e sem me ocupar da cor de suas penas, da forma de seu bico, etc., suponho a possibilidade ou a existência de outras aves da mesma ou semelhante espécie, e a elas atribuo as propriedades que naquela descubro, generalizo".

764

GENEROSO (generosidade), liberal (liberalidade), munificente (munificência), magnânimo (magnanimidade). – De acordo com Bourg. e Berg. dá-nos Bruns.: Consiste a generosidade no completo esquecimento de si próprio para só pensar no bem dos outros⁶⁸; ela induz à clemência, à beneficência, e à dedicação. O homem verdadeiramente generoso sacrifica quanto tem, e até a própria vida, para que dos seus bens e do seu ser possa advir alguma felicidade ao próximo, mas ao próximo considerado em absoluto, sem distinção de amigos nem de inimigos. Raro exemplo de generosidade deu Codro oferecendo a própria vida para dar a vitória a Atenas. A liberalidade é uma espécie de **generosidade** que consiste em dar quanto se pode, sem, no entanto, nos privarmos do que nos é indispensável. A liberalidade difere, porém, muito da generosidade, principalmente por ser a manifestação de um impulso espontâneo: o que não se pode dizer da generosidade, a qual - nisso consiste a sua virtude – é refletida e ponderada. O liberal dá quase sem querer dar, e, portanto, dá sem sacrifício; o generoso dá porque quer dar, porque se decidiu ao sacrifício do que dá. A magnanimidade não é própria senão das grandes personagens; e apenas se diz com referência a ações que excedem em muito as ações ordinárias dos homens. "Sêneca elogiou a magnanimidade com que Cesar perdoou a Cina". Magnânimo é "aquele que tem alma verdadeiramente grande". – Munificência só se devia atribuir a Deus. Deste gênero é o único atributo que se pode

68 W Isto parece demais: generosidade assim excederia à própria caridade cristã. O que está no uso corrente é que generoso é antônimo de somítico ou mesquinho, avarento, sovina: generosidade é a nobre qualidade de ser franco em distribuir com os outros os bens que estão a nosso alcance. O homem generoso não faz questão de ninharias; remunera largamente os que lhe prestam algum serviço; atende aos que precisam de sua solicitude, fortuna ou valimento; põe-se ao lado dos pequenos, ampara os desvalidos.

supor na divindade. Por extensão, aplica-se à generosidade, ou talvez melhor, à liberalidade dos príncipes, ou àquela que com a deles se assemelha. Munificente será aquele que possa distribuir largamente graças e dons por todo o mundo...

765

GERAL, universal. - "O que é geral pode admitir exceções, o que é universal não tem nenhuma. O que é geral compreende o maior número dos particulares, ou a todos em grosso: o que é universal compreende todos os particulares um por um. É opinião geral que as mulheres são pouco aptas para o estudo das ciências profundas; mas esta opinião está longe de ser universalmente adotada, e muitas mulheres ilustres a têm desmentido. Geralmente falando, quem é infiel a Deus não é fiel aos homens. É máxima universal que o homem deve viver conforme as leis, etc." (S. Luiz.)

766

GLÓRIA, honra, celebridade, fama, renome, nomeada, reputação, crédito, conceito, lustre, distinção. – Destas duas palavras diz magistralmente Roq.: "A glória é, como disse Cícero, uma brilhante e mui extensa fama que o homem adquire por ter feito muitos e grandes serviços, ou aos particulares, ou à sua pátria, ou a todo o gênero humano. Honra, como aqui entendemos, é a demonstração exterior com que se venera a alguém por seu mérito e ações heroicas; no mesmo sentido em que disse Camões:

O fraudulento gosto que se atiça. C' uma aura popular, que honra se chama. (Lus., IV, 95)

Pela glória empreende o homem voluntariamente as coisas mais dificultosas; a esperança de alcançá-la o impele a arrostar os maiores perigos. Pela honra se empreendem

coisas não menos dificultosas, nem menos arriscadas; quão diferente é, no entanto, o objeto em cada uma destas paixões! A primeira é nobre e desinteressada, e obra para o bem público; a segunda é cobiçosa e egoísta, só por si e para si obra. Aquela é a glória verdadeira que faz os heróis; esta é a vã glória, ou glória falsa que instiga os ambiciosos; sua verdadeira pintura foi traçada por mão de mestre nesta estância dos Lusíadas:

Dura inquietação d'alma e da vida, Fonte de desamparos e adulterios, Sagaz consumidora conhecida De fazendas, de reinos e de imperios; Chamam-te ilustre, chamam-te subida, Sendo digna de infames vituperios; Chamam-te fama e gloria soberana, Nomes com que se o povo necio engana! (Lus., IV, 96)

A honra pomposa e triunfal, que recebeu em Goa d. João de Castro depois da heroica defesa de Diu, deixaria mui obscurecida sua glória se ele não nos legara, no momento tremendo de ir dar contas ao Criador, aquelas memoráveis palavras, que são a medida de seu desinteresse e o exemplo de verdadeira glória nunca depois imitado: "Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao Viso-Rei da Índia faltam nesta doença as comodidades, que acha nos hospitais o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a comerciar ao Oriente; a vós mesmos quis empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabelos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixelas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma galinha; porque, nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salários do Governador que os soldos de seu Rei; e não é de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos". (Vida de d. João de Castro, I. IV.) Considerada a palavra honra como representando a boa opi-

nião e fama adquirida pelo mérito e virtude, diferença-se ainda da glória em que ela obriga ao homem a fazer sem repugnância e de bom grado tudo quanto pode exigir o mais imperioso dever. Podemos ser indiferentes à glória, porém de modo nenhum à honra. O desejo de adquirir glória arrasta muitas vezes o soldado até à temeridade; a honra o contém não poucas nos limites de sua obrigação. Pode a glória mal-entendida aconselhar empresas loucas e danosas; a honra, sempre refletida, não conhece outra estrada señão a do dever e da virtude. – Celebridade é "a fama que tem já a sanção do tempo; a fama ruidosa e universal"; podendo, como a simples fama, ser tomada a boa ou má parte: tanto se diz - a celebridade de um poeta, como - a celebridade de um bandido. - Fama é "a reputação em que alguém é tido geralmente". Inclui ideia de atualidade, e pode ser também boa ou má, mesmo quando empregada sem restritivo. Advogado de fama (= de nomeada, de bom nome). Não lhe invejo a fama (= má fama, fama equívoca). - Renome é "a boa fama, a grande reputação que se conquistou por ações ou virtudes"; é a qualidade de "ser notável, de ter o nome repetido geralmente e com acatamento". – Nomeada é "fama ligeira, que dura pouco, e nem sai de um pequeno círculo". Tanta nomeada para acabar tão triste... Fugaz nomeada... – Reputação é menos que fama, é mais que nomeada; é "a conta em que alguém é tido no meio em que vive. Pode ser boa ou má, falsa ou duvidosa". - Crédito é como se disséssemos "a qualidade que dá ideia do valor, do bom nome de alguém". Diminui-se o crédito de F.; mas decerto que não se macula, nem se nega propriamente o crédito de uma pessoa. – Conceito é "a opinião que se forma de alguém", podendo igualmente ser bom ou mau. - Lustre e distinção confundem-se: mas o primeiro dá melhor a ideia da evi-



dência brilhante em que fica a pessoa que se destacou do comum pela perícia, pela correção, pelo heroísmo.

767

GOZO, gosto; sabor, paladar, ressaibo, ranço. – Antes de tudo, notemos que os dois primeiros vocábulos do grupo são subjetivos, e os outros objetivos. Entre gozo e gosto, na acepção em que se tornam sinônimos, há uma notável diferença. - Gosto significa "prazer, satisfação, grata disposição de alma"; gozo indica prazer tão intenso que chega a ser delícia: é como "um gosto intensificado, uma profunda e suave alegria da alma". O primeiro, gozo, é ainda mais subjetivo que o segundo, gosto. Dizemos, por exemplo, que uma certa substância tem mau gosto (em vez de mau sabor): e neste, e em casos tais, gosto já não é sinônimo de gozo, e passa a ser sinônimo apenas dos outros do grupo. Ainda assim, é preciso notar que se atribui a **gosto** um sentido que tem apenas analogia com o sentido que lhe é próprio. Neste sentido, gosto é o sentido pelo qual percebemos o sabor de qualquer substância. É só por figura que tomamos gosto como significando a impressão que nos dá a substância: isto tem gosto de fel (equivalendo a – isto em nosso gosto produz a impressão do fel). No mesmo caso está o vocábulo paladar: agrada-nos ao paladar, tem um paladar agradável. O paladar é o mesmo gosto; apenas menos extenso, e mais preciso. O termo gosto pode ser aplicado figuradamente em referência a todas as artes, em geral a todas as coisas que dependam de escolha ou preferência, e paladar nem sempre. - Sabor é a propriedade que tem a substância de impressionar-nos o paladar. Propriamente, sabor é a propriedade de impressionar agradavelmente, tanto que não seria próprio dizer – mau *sabor*, nem – bom *sabor*; entendendo-se que o sabor é sempre bom. Só o uso tem autorizado aquelas formas na linguagem vulgar.

E a prova de que sabor indica sensação agradável produzida no órgão do gosto, temo--la no adjetivo saboroso. – Ressaibo é como se disséssemos "gosto ligeiro, não bem definido ou acentuado, não intenso". - Ranço entra aqui figuradamente, com uma significação análoga à que lhe é própria; isto é; de "sabor acre, gosto desagradável de substância que começou a corromper-se". Esta linguagem tem uns rancos de arcaísmo...

768

GRADAÇÃO, graduação. - Destas duas palavras diz Roq. que "posto que se pareçam muito uma com outra, são, contudo, mui diferentes, e se usam em casos mui diversos". - Gradação é a palavra latina gradatio, aportuguesada; e significa progressão gradual; e em frase de retórica significa uma figura, que também se chama *clímax*, que consiste em presentar uma série de ideias numa progressão tão constante de menos para mais, ou mais para menos, que cada uma delas diga sempre alguma coisa mais ou alguma coisa menos que a precedente, segundo for a gradação. Tal é esta de Vieira: "Nuvens negras, obscuras, caliginosas..." E esta outra de Camões, em razão inversa:

Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada. (Lus., V, 57)

Graduação é palavra puramente portuguesa, formada do verbo graduar, em latim grado, que significa o ato e efeito de graduar, a disposição de alguma coisa em graus, como são barômetros, termômetros, lentes, etc., em sentido figurado, a condecoração de uma pessoa segundo os graus de dignidade, preeminência, etc."

769

GRANDEZA (grandura), tamanho, volume, dimensões, proporções, magnitude. - Grandeza (ou grandura, que, no sentido

em que a consideramos neste grupo, seria melhor forma e talvez mais própria) é "a qualidade de ser maior ou menor um corpo que outro". - Tamanho aplica-se também no mesmo sentido; convindo notar, no entanto, que grandeza exprime uma ideia mais absoluta; e tamanho sugere ideia de uma grandeza normal, ou já conhecida, com a qual se compara ou pela qual se julga a grandeza de que se trata. Dizemos, por exemplo, que este livro é de bom, ou de regular tamanho, quando lhe comparamos o volume com o volume que comumente apresentam os livros. Não se diria decerto – livro de boa ou regular grandeza. Por isso ainda, ninguém pergunta: de que grandeza é tal ou tal objeto? - desde que o objeto é conhecido e tem uma grandeza normal (que é tamanho). - Volume é "a grandeza do corpo maldestacada do conjunto ou da massa, como se ele estivesse em movimento, ou muito ao longe, de modo que se lhe não pudesse tomar nem a forma, nem as proporções". Não se aplicaria, portanto, esta palavra aos infinitamente pequenos, nem mesmo a corpos de grandeza insignificante. Poder-se-ia dizer - o tamanho, e até - a grandeza de um mosquito, ou mesmo de um infusório; nunca, porém - o wlume. - Magnitude, tratando-se de grandezas excepcionais, pode tomar-se num sentido análogo ao de tamanho; pois magnitude só se aplica, no sentido físico, a certas grandezas extraordinárias, a corpos cujo volume é excessivamente grande. Esta palavra é, no entanto, muito pouco usada nesta acepção, é preferida para designar grandeza no sentido moral ou grandeza das coisas morais: magnitude de um empreendimento, de uma ideia, de uma causa, etc. – Dimensão é "qualquer face do corpo, ou qualquer lado da superfície, ou a extensão da linha": em geral - é "a medida da grandeza num certo sentido ou direção", e quando queremos com esta palavra referir-nos ao tamanho, ou dar ideia do

wlume do corpo ou da extensão da superficie, temos de empregá-la no plural, pois que só assim designa ela a medida da extensão ou do corpo no seu conjunto: um edifício de dimensões colossais; uma esplanada de amplas dimensões. — Proporção designa a relação existente entre as várias partes de um todo; e dá também, no plural, ideia de grandeza do todo. Do mesmo modo que não se pode dizer — a dimensão de um edifício (porque não há edifício de uma só dimensão), também não se diz — a proporção desta com aquela ou com aquelas partes do corpo; a dimensão da largura, do comprimento, etc.

770

GRANDÍSSIMO, muito grande. — Parece que se trata aqui de uma simples questão que se resolve pela gramática; e não é assim, no entanto. — Grandíssimo é muito mais que simples superlativo sintético de grande. Escreve a propósito Roq.: Diz o autor dos Sinônimos da língua portuguesa⁶⁹, e já antes dele

69 Nalude a S. Luiz. "As formas – diz este – nos adjetivos portugueses em íssimo, adotadas pelos nossos escritores desde o século XV, não foram introduzidas para trazer à língua uma abundância estéril: eram necessárias para melhor se poderem exprimir diferentes graus das qualificações dos objetos, e para que desaparecesse do discurso polido a grosseira fórmula mui muito, que até então se usava no mesmo sentido. – Grandíssimo, pois, diz mais que simplesmente muito grande; exprime um grau mais elevado na escala; e as formas em íssimo correspondem ao mui muito dos antigos, e ao muito muito com que ainda hoje, na linguagem vulgar e familiar, exageramos as qualificações dos objetos, que são suscetíveis de diferentes graduações. Assim, quando dizemos, v. g., que tal sujeito é muito rico, mas que tal outro é riquíssimo, deve entender-se que nesta segunda expressão supomos a qualidade de rico em mais alto grau que na primeira, significando tanto como se disséramos mais que muito, ou mui muito, ou muito muito rico. Da mesma sorte se devem entender as expressões muito douto, doutíssimo; muito hábil, habilíssimo; muito excelente, excelentíssimo, e todas as outras semelhantes, de que abunda o nosso idioma".

havia dito o acadêmico Francisco Diaz, que só desde o século XV foram adotados pelos nossos escritores os superlativos de uma só forma em issimo, imitando o latim. Não é inteiramente exata esta asserção, como já notamos em o Leal Conselheiro, p. 213, edição de Paris. El-Rei d. Duarte chama aos senhores, ou principes ilustrissimos e serenissimos. Nas cortes de Évora, de I48I, encontram-se os superlativos santíssimo, cristianíssimo, grandíssimo, etc. É, contudo, certo que este uso não era regular, nem muito geral, e que se usava mui frequentemente da grosseira forma mui muito, ou muito muito, em vez do superlativo muitíssimo. Da introdução desta forma resultou, não uma estéril abundância de expressões perfeitamente sinônimas, senão uma gradação mais ampla, ou para melhor dizer, mais um grau na escala qualificativa dos objetos. Assim que, muito grande é mais que grande; porém grandíssimo é mais que muito grande. A mesma diferença se dá entre muito rico e riquíssimo, muito douto e doutíssimo, etc.

GRANJA, quinta, chácara, casa de campo, sítio, fazenda. – Quanto às duas primeiras: "Ainda que estas palavras se refiram a uma ideia comum, há entre elas grande diferença. – Granja significa herdade ou prédio rústico, que se cultiva para lucrar em seus frutos. – Quinta significa um prédio rústico, mas de recreio, e até de luxo, de que seu dono se contentava antigamente de tirar só a quinta parte do respetivo produto, como um conhecimento de propriedade e domínio, deixando tudo o mais para aumentar os ornatos que recreiam o ânimo. As grandes propriedades rurais do Alentejo são verdadeiras granjas; nos arredores de Lisboa, e em Cintra há muitas e belas quintas. De todas, a mais notável é aquela onde se retirava d. João de Castro depois de suas proezas militares, não para satisfazer interesses materiais, senão por desejar viver para si mesmo, havendo-se inutilizado no serviço da pátria de maneira que nem o desamparava como inútil, nem o buscava como ambicioso. É mais provável que d. João de Castro cortara as árvores frutíferas e plantara árvores silvestres e estéreis mais pela razão acima dada, de que a sua fazenda era, não uma granja, senão uma quinta do que o fizera - quiçá mostrando que servia tão desinteressado que nem da terra que agricultava esperava paga do benefício, como diz o autor de sua Vida". – No Brasil, são pouco usadas estas duas palavras; em vez das quais temos: fazenda ou sítio com a significação de granja; e casa de campo ou chácara em vez de quinta. Há notável diferença entre fazenda e sítio; designando o primeiro a "vasta propriedade territorial, com prédio mais ou menos confortável, e onde se fazem grandes lavouras e principalmente criação em larga escala"; e o segundo, sítio, designando propriamente "um pequeno prazo de terras com casinha humilde e tosca, habitada por pequeno lavrador". - Casa de campo não é também muito usual no Brasil: para indicar a casa de campo usa-se ainda do vocábulo fazenda, ou então de chácara. Entre chácara e fazenda há igualmente a grande diferença, que consiste em ser a chácara, não só de muito menor extensão de terras (e só se prestar para o cultivo de legumes e frutas), mas sempre situada nas imediações das cidades e vilas.

GRATIDÃO, reconhecimento. Segundo S. Luiz: - "Reconhecimento exprime o ato de tornar a conhecer, isto é – de conhecer bem o benefício, de repassá-lo na memória, de o confessar. – Gratidão exprime o sentimento habitual que nos inclina a dar graças pelo benefício. - Reconhecimento refere-se imediatamente ao beneficio; gratidão, ao benfeitor. Reconhecemos o benefício, e somos gratos a quem no-lo fez. - O reconhecimento parece que depende principalmente do juízo, e da memória: é um dever de justiça; basta ser justo, para ser reconhecido. A gratidão depende mais da sensibilidade: é um dever de sentimento; faz-nos caro o benfeitor, e inspira-nos o desejo de lho mostrarmos; é necessário ter o coração sensível para amarmos a quem nos faz bem. O reconhecimento lembra-se do benefício; confessa-o; e está pronto a pagá-lo por outro. A gratidão lembra-se do benefício com prazer e sensibilidade: tem gosto em confessá-lo; está também pronta a retribuí-lo; mas nunca chamará a isto paga, nem jamais se julgará desobrigada da sua dívida. O reconhecimento, enfim, é o princípio da gratidão: esta é o complemento do reconhecimento. Aquele que, reconhecendo o beneficio, cuida em pagá-lo por outro, para se livrar do peso do reconhecimento, é um ingrato. A gratidão preza e ama o título de devedora, e quer sempre conservá-lo, ainda que muito faça em serviço do benfeitor".

773

GUANTE, manopla, luva. - "Antes que se tivesse - escreve Roq. - introduzido na língua a palavra luva, que vem do inglês glove, não se conheciam outras para designar o resguardo com que se cobre a mão, senão guante e manopla; mas havia entre elas esta grande diferença. O guante era resguardo ou ornato de camurça, pelica, etc., em que se metia a mão, a mesma coisa que hoje se conhece pelo nome de luva; e a manopla era a peça do arnês com que se guarnecia a mão, e toda de ferro. A manopla é muito mais antiga que o guante. Desde que se deixou de usar a armadura, não houve mais manopla e ficou o guante; depois veio a luva. Por isso que tem a nossa língua a palavra luva, que não existe entre os franceses

que dizem gant, nem entre os italianos que dizem guanto, nem entre os espanhóis, que dizem guante - classificaremos deste modo as três palavras: falando dos tempos modernos diremos sempre luvas; falando dos tempos imediatos à cavalaria andante, diremos guantes; e falando dos cavaleiros vestidos de ferro, só deveremos dizer manoplas, que é o termo próprio. Contudo, alguns escritores usavam da palavra guante neste caso, a qual entre nós é menos equívoca por termos a moderna luva, que não têm as outras línguas neolatinas. Parece que no uso destas palavras seguimos os ingleses, os quais não têm outra palavra para designar guantes e luvas senão gloves, e designam as manoplas pela palavra gauntlets, que muito se parece com guantes."

774

GUARDA, escolta, piquete, patrulha, ronda. – Estas palavras – na opinião de Roq. – diferençam-se segundo o caráter que tem gente armada no desempenho de funções militares que pelas ditas palavras se designam. - Guarda é o corpo de soldados que assegura ou defende algum posto que se lhes confiou. -Piquete é certo número de soldados de uma companhia com os respetivos oficiais, e que estão prontos para qualquer operação. – Escolta é uma porção de soldados que acompanha e vai fazendo guarda a qualquer pessoa ou coisa. - Patrulha é uma esquadra de soldados que se põem em ação para rondar, ou como instrumento de força para reprimir qualquer desordem. - Ronda é a visita de gente armada que se faz de noite em roda (à la ronde) de uma praça, de um arraial ou campo militar, para observar se as sentinelas estão alerta, etc. Também há rondas de justiça que andam pela cidade, etc., para evitar distúrbios, e manter a segurança dos habitantes, etc. - Tinha S. Luiz escrito o seguinte a respeito dos dois últimos vocábulos: - "Ronda

é de gente de pé. - Patrulha é de gente de cavalo". D. Francisco Manoel, Epanaph. Bellic., IV, 472: "A cavalaria do partido de Bargantinhos, pouca e mal armada, como lhe era possível, fazia a patrulha da campanha: com tal nome, que funda em alguma origem estrangeira, quiseram os militares notar a diferença da ronda de cavalaria à dos infantes." Também se chama ronda, e não patrulha, a das justiças (gente de pé) que anda pela cidade, vila ou lugar, para evitar distúrbios, e manter a segurança dos habitantes. Isto escreveu, como dissemos, S. Luiz; e a propósito, completou assim Roq. o seu artigo sobre este grupo de vocábulos: "Não tem fundamento nenhum a diferença que estabelece o autor dos Sinônimos entre patrulha e ronda, dizendo que esta é de gente de pé, e aquela de gente de cavalo, e alegando a autoridade de d. Fr. Manoel. Nem em castelhano, nem em italiano, nem em inglês, existe tal diferença; e a Academia Francesa diz no seu dicionário: Patrouille à pied, à cheval. É necessário não conhecer Lisboa depois do conde de Novion para não saber que a cidade era percorrida de noite por *patrulhas* de polícia a pé e a cavalo, e que igual serviço faz hoje a guarda municipal, patrulbando a pé e a cavalo. Fique, pois, assente que a patrulha é a gente de pé ou de cavalo, mas sempre gente de guerra, e para segurança dos habitantes, etc.; e a ronda é ordinariamente de gente de pé para vigiar as sentinelas à roda, e nisto se distingue da patrulha".

775

HARMÔNICO. harmonioso. melódico, melodioso, melodia. – Laf. não trata de melodia, nem dos dois adjetivos desta derivados; mas quanto a harmônico e harmonioso escreve ele: "Ambos significam – em que há **harmonia**." **Harmônico**, usado principalmente em música, indica a qualidade de uma maneira abstrata, fria, sem ideia de gradação; indica o gênero do objeto marcando sua relação com a harmonia, mas sem nenhuma referência ao efeito agradável que daí resulta; é simplesmente designativo ou característico: o belo harmônico (Le P. André); as instituições harmônicas de Zarlin (Id.). Harmonioso, cheio de harmonia, é uma palavra da linguagem comum, que se refere sempre e sobretudo ao efeito produzido, e produzido com plenitude: "Vós me fareis ouvir os sons mais doces, os acordes mais barmoniosos: é um prazer para o ouvido". (L. P. André) "Resulta em suma para cada nação o mesmo grau de prazer harmônico da leitura de uma página de Cícero ou de Virgílio, conquanto este ou aquele verso de Virgílio deva parecer mais barmonioso a um francês, este ou aquele outro a um alemão." (D'Al.) - Analogamente: melodioso significa "em que há melodia, cheio de melodia"; e melódico = "que se refere à melodia, próprio da melodia"; podendo ser esta definida como "a linguagem do som", ou como – "uma sucessão ou uma série de harmonias ou sons harmoniosos". Melodia diz propriamente "a passagem, a mudança de um para outro som". Na música produzida por vários instrumentos há, ou deve haver, tanta harmonia como melodia. Muitos instrumentos, dando apenas um acorde, são barmônicos; e podem ser barmoniosos se os sons que formam o acorde forem suaves e gratos. Um só instrumento não faz concerto; não dá, portanto, harmonia; mas pode dar melodia; e ser melódico, se é capaz disso, e melodioso, se a melodia for agradável. Um sino, por exemplo, não dá melodia, porque não produz mais que um som. Muitos sinos de vários tamanhos podem combinar-se barmonicamente, dar melodias muito gratas; e ser, portanto, harmoniosos e melodiosos.

776

HERANÇA (hereditariedade), sucessão; legado, deixa. – Sobre estes vocábulos escreve Bruns.: "Herança é tudo quanto nos vem dos nossos ascendentes por via de direito; e extensivamente - o que nos vem dos colaterais, ou mesmo dos estranhos, por testamento. Falando dos ascendentes, herança abrange não só o material, senão também o que é moral: antigamente, os filhos dos grandes homens não recebiam outra berança que não fosse um nome ilustre; hoje, os filhos dos pequenos homens recebem por berança pingues fortunas. - Hereditariedade é o direito de herdar; diz-se de tudo quanto se pode receber dos ascendentes, descendentes e colaterais: direito de hereditariedade no pariato. Não há aristocracia sem bereditariedade de nobreza. - Sucessão é a transmissão de bens ou de direitos, com os encargos inerentes. Conseguintemente pode dar-se o caso da sucessão ser prejudicial; isto é: que os encargos sejam superiores aos bens, o passivo ao ativo. Este vocábulo serve também para designar o conjunto dos bens em partilha. - Legado e deixa dizemos do que se lega por testamento a quem não é o principal herdeiro. Deixa é termo familiar".

777

HERÓI, super-homem, representativo, grande homem, homem ilustre; grande, graúdo. – Herói é uma palavra cujo valor vai mudando com a moral dos tempos: e ao ponto em que hoje - herói e grande homem, super-homem e representativo parecem bem difíceis de distinguir. Segundo Bourg. e Berg., dá-se o nome de grande homem àquele que se distingue por qualidades brilhantes, por sua superioridade sobre os outros homens, aos quais inspira admiração. Este termo é de significação genérica, e aplica-se a todos os que o merecem por seu mérito excepcional em qualquer gênero de ações, em qualquer esfera de atividade: um grande capitão, um grande político, um grande poeta, um grande sábio é um grande homem; diz-se - um grande homem de guerra,

um grande homem de Estado; um grande homem pela coragem, pela sabedoria, pela virtude, pela ciência. Herói é termo de acepção mais restrita, e designa especialmente - o grande homem de guerra: a qualidade própria do herói é a bravura, a coragem. Tem, pois, esta palavra uma significação menos extensa que grande homem. Aplica-se, no entanto, algumas vezes esta palavra a grandes bomens em todo gênero; e neste caso, herói marca um mérito excepcional, bem superior ao do simples grande homem, e caracterizado por alguma coisa de grande, de vigoroso, de enérgico: S. Vicente de Paula foi um herói da caridade. Quando, naquele sentido mais restrito, se fala dos homens de guerra, herói refere-se mais particularmente às qualidades exteriores e mais brilhantes, ao valor, à intrepidez; e grande homem, às qualidades interiores, mais sólidas e mais estimáveis, ao saber, à capacidade, à inteligência. "Medíocres generais são às vezes verdadeiros heróis no campo de batalha; um grande homem deve possuir todo o valor do soldado e toda a ciência da arte militar". – Homem ilustre não diz propriamente o mesmo que grande homem, e muito menos que herói. Homem **ilustre** tem um sentido muito restrito e um valor muito relativo. No país onde vivem, pode-se dizer que são homens ilustres todos os que se distinguiram na política, nas letras e ciências, etc. - Grande quase que se reduz a designar o que tem na sociedade uma posição de destaque, pela sua importância, devida quer à fortuna, quer ao prestígio político. - Graúdo é uma forma popular de grande, e quase sempre reveste alguma coisa de ironia. – De todos os vocábulos deste grupo, os de significação mais elevada são representativo e super-homem, palavras modernas com que se designam os homens que, pela grandeza extraordinária da sua vida, e pela importância da sua função social, passaram a ser grandes tipos

para toda a humanidade. Representativo é aquele que, por assim dizer, como que resume na sua a vida de uma geração, de um povo, de uma época, de toda uma raça; ou que se torna expressão de um grande ideal, de uma cultura, ou de uma civilização inteira. É o legítimo herói, como o concebe a mais alta consciência atual. São verdadeiros representativos os heróis de Carlyle, os de Emerson, os grandes iniciados de Schuré. -Super-homem é ainda de uma significação mais elevada e excelente; e como que inclui alguma coisa de místico e divino. Super-homem só se deve aplicar à criatura que, pela majestade moral como que se elevou acima da espécie, excedeu à grandeza humana, e assumiu proporções que o fizeram superior à humanidade. O super-homem de Nietzsche é um ente novo na escala da inteligência e da vida. Super-homem é João de Patmos, é o Batista, é Buda, é Moisés.

778

HISTÓRIA, fastos, anais, legenda; lenda, epopeia; relação, narrativa, narração, crônica, notícia, exposição, histórico, descrição, conta, informação, apontamentos, memória, comentário, monografia, epanáforas, biografia, vida, anedota; conto, historieta, fábula, romance, novela, apólogo, alegoria, prosopopeia, parábola. – Todos estes termos sugerem ideia de registro ou fixação (por meio da palavra escrita) de sucessos, ou de concepções mais ou menos verossímeis. - História, fastos, anais. História, na acepção em que tomamos aqui o vocábulo, é o mais vasto e compreensivo, e o mais nobre de todos os que se aproximam neste artigo. Mesmo sob o ponto de vista científico, a história tem a grandeza da obra de arte. "O seu objeto não é recolher tudo – escreve Condillac (cit. Laf.) – não é recolher tudo, mas escolher os fatos que melhor possam explicar a origem das leis, dos governos, das artes, das ciências; os usos, o caráter, os costumes dos povos, as causas da grandeza e da decadência dos impérios. Tudo nela deve ser ligado; tudo deve apresentar, quanto possível, um perfeito encadeamento dos sucessos: exige ela, portanto, muito método; e, além disso, reflexões curtas, vistas extensas, estilo claro, preciso, exposição rápida, quadros bem desenhados e bem coloridos". Assim entendida, a história não se confunde nem com os sinônimos do subgrupo. Fastos designa "registro de acontecimentos notáveis". Entre os romanos era uso marcar à margem dos calendários os grandes dias em que se haviam passado os fatos mais extraordinários, que se rememoravam com festas públicas. De sorte que nos fastos de um povo não figuram sucessos que podem ficar-lhe muito bem nos anais; pois estes são apenas o registro anual de fatos, segundo a ordem cronológica, e sem preocupação de nenhuma ordem. - Legenda, lenda, epopeia. Legenda, aqui, é "narrativa brilhante, maravilhosa, de fato ou fatos extraordinários". Lenda é forma oriunda (contracta) de legenda; e foi, no sentido, também desfigurada, pois lenda é mais "invenção, conto fantástico (sobre personagens ou fatos reais) do que propriamente narrativa de fatos memoráveis". Dizemos: a legenda de Hércules, de d. Henrique, a legenda do marechal; e – lenda da rainha santa, a lenda do Caramuru. Epopeia é a narração de façanhas heroicas, de empreendimentos grandiosos, feita quase sempre em versos: aproxima-se, portanto, mais de legenda, e mesmo de história, que de lenda. Dizemos: a "epopeia da conquista", aludindo a tudo que na história da conquista houve de excepcional como esforço e valor humano. Dizemos: a "epopeia dos Bárbaros"; a "epopeia da navegação". Não dizemos, porém –, a "epopeia do cativeiro" ou – a "epopeia dos grandes crimes". - Relação, narrativa,

narração, crônica, notícia, exposição, histórico, memória, comentários, epanáforas, monografia, descrição, informação, conta. Relação é "o ato de referir singelamente um sucesso, ou de dar conta de uma incumbência"; narrativa é a "relação feita com mais arte, com certa unidade"; narração é o "ato de narrar, o modo, o processo, o método de expor"; crônica e a "narração, minuciosa mas menos cuidada", de fatos verdadeiros, feita segundo a ordem dos tempos"; notícia é a "exposição resumida, sucinta de um fato, de um país, de uma coisa"; exposição é o "ato de expor, de explanar, sem outro intuito que não seja o de esclarecer elementos de juízo"; histórico é "simples narração de um fato que se julga digno de ser incorporado à história"; memória é o "arquivamento, de um fato ou vários fatos, já sob um ponto de vista, ou com intuito de dar testemunho deles perante os vindoiros"; comentário, ou comentários, como é mais usual, são "memórias em que se discutem, controvertem, e apuram fatos"; monografia é "tratado ou estudo sob ponto de vista histórico, científico, moral, etc., de um assunto, ou de um ponto de ciência, de história, etc., reunindo todos os dados possíveis sobre esse assunto"; epanáfora (ou também epanáforas) é o mesmo que "relação enfática de sucessos que, se não se consideram propriamente heroicos, pelo menos como fazendo honra a um povo, ou a uma época"; descrição é o "ato de dar conhecimento de um fato, ou o desenho literário de um sucesso, ou de um fato, em termos exatos e precisos"; informação é a "notícia que deve inspirar fé"; assim como conta é a "informação que se dá por dever de ofício ou de encargo"; e apontamentos são as notas pessoais que tomamos sobre um fato. Fazem-se, ou dão--se: — a relação de uma viagem; — a narrativa de uma aventura elegante, ou de uma bela façanha; – a narração de uma desgraça; – a crônica

de uma cidade, ou de uma corte, ou de uma instituição; - a notícia de um acontecimento; - a exposição de um caso a elucidar; - o bistórico de um feito de armas; - a memória de sucessos de que fomos testemunha; – o comentário, ou comentários de um fato, de uma campanha; - a monografia de um distrito, de uma planta, de um metal; - a epanáfora, ou as epanáforas de uma época; - a descrição de uma paisagem, ou de uma ocorrência; – a informação que se nos pediu ou ordenou; a conta daquilo a que nos obrigamos; - o apontamento, ou os apontamentos acerca do que num sucesso mais nos interessa. - Biografia, vida, anedota. Biografia e vida não parecem que sejam, como pensam alguns, sinônimos perfeitos. Biografia é a "simples descrição da vida de alguém". Mesmo os homens menos ilustres têm a sua biografia; mas só se escreve a vida de um grande homem. Vida, nesta acepção, é muito mais nobre, e parece estar para o indicado sinônimo como está história para historiografia ou para crônica. Diríamos: biografia de Cabral, ou de Tomé de Souza; vida de Napoleão, ou do Dante, pois, tratando destes, não lhes faríamos a simples biografia, mas destacaríamos o que eles fizeram de grande e que os caracteriza como tipos históricos. Anedota é a "narração concisa de um fato ou de um incidente acerca de uma pessoa, e que lhe deixa em revelo uma qualidade, ou um defeito característico". Conto, fábula, alegoria, apólogo, parábola, historieta, novela, romance, prosopopeia. Conto é a "narração de um sucesso, fictício em parte, ou tendo um fundo de verdade, ou pelo menos quase sempre verossímil, e exprimindo, ou dando, como num traço firme, rápido e colorido, um nobre conceito"; fábula, segundo a definição clássica, é "uma curta narrativa de pura imaginação, sob cuja forma se inculca uma verdade"; – alegoria é a "forma de dizer uma coisa por alusão, coisa diferente do termo

que se enuncia"; - apólogo e parábola são "espécies de alegorias". O apólogo, mais extenso que a fábula, "faz falar os animais, os homens, as coisas inanimadas, e ainda os seres abstratos". O mérito do apólogo consiste em "ocultar o sentido moral até o instante mesmo da conclusão, que se chama moralidade", distinguindo-se por isto da alegoria, a qual "não necessita de explicar a verdade que encerra". É assim o apólogo muito semelhante à fábula; e segundo Roq., em linguagem comum, usam-se indiferentemente estas duas palavras, ainda que apólogo seja a mais erudita. Parábola é "uma espécie de alegoria mais elevada, profunda e dificilmente inteligível, por ter sempre um sentido espiritual, anagógico. Sabe-se como Jesus, que sempre ensinou por meio de parábolas, precisava de as explanar depois aos próprios discípulos". Prosopopeia é discurso pretensioso ou composição declamatória, que se aproxima do apólogo, ou que tem deste alguma coisa. Na prosopopeia, tanto falam pessoas como animais, plantas, ou mesmo coisas inanimadas. É mais uma figura de retórica que propriamente um gênero de composição: "O rochedo, ferido, clamou comovendo toda a montanha: - eia, divindade!..." Historieta só difere de anedota por não ter, como esta, pelo menos nem sempre, um fundo de verdade. Novela é um gênero literário mais extenso que o conto; o romance é ainda de mais vastas proporções que a novela. Qualquer destes gêneros pode tratar de fatos reais, ou puramente imaginários, contanto que verossímeis.

779

HISTORIADOR, historiógrafo. – Muito bem, e com perfeita concisão, distingue Lac. estes dois vocábulos: "O historiógrafo é um homem pago para escrever a história de uma nação, ou de um príncipe. - Historiador é o sábio, não pago, que compõe a história, quase sempre não contemporânea. O historiógrafo é um simples cronista, que aponta fatos e reúne materiais. O historiador examina os fatos, coordena-os, analisa--os, julga-os".

780

HUMILDADE, humilhação. - "A humildade – diz Roq. – é uma virtude cristã que nos inspira o conhecimento da nossa baixeza em comparação de Deus, ou daqueles que exercem sua autoridade. A humilhação (ou humiliação) é o ato de humilhar-se, e também toda demonstração externa de humildade. Aquela, a humildade, consiste nos sentimentos habituais da alma; esta, a humilhação, nos atos externos por que se manifesta, como disse Vieira: 'A bumildade é o interior da humilhação; assim como a humilhação é o exterior da humildade'. (Serm. do Roz. I, 225). Mas, como o exterior nem sempre concorda com o interior do homem, pode muitas vezes a humilhação encobrir grande soberba e orgulho, e outras vezes degenerar em baixeza e abjeção; porém, será sincera e verdadeira quando for a legítima expressão da humildade do ânimo, que é sempre singela, e não conhece artifícios".

78I

IDEAL, imaginário. – Segundo Lac. – ideal "é o que não tem existência fora de nós. -Imaginário é o que depende principalmente da nossa imaginação, que transforma a capricho o que apreendeu pelos sentidos. Com referência às belas-artes, principalmente a pintura e a escultura, chama-se ideal o resultado de várias concepções, mediante as quais o artista concebe um modelo perfeito e que não tem existência, tal como foi concebido, na natureza das coisas, posto que prestassem, as belezas que nela se acham espalhadas, os elementos da perfeição idealizada. No uso comum, toma-se muitas vezes

ideal por fictício, quimérico; assim como se dá o nome de imaginário ao que se tem por fabuloso, sem realidade; daí a expressão: espaços imaginários".

782

IGNOMÍNIA, infâmia, opróbrio, desonra, vergonha. - Infâmia, diz Alv. Pas., "vem de in e fama"; e significa "falta de fama" (privação da fama ou da boa fama). – Ignomínia é derivada de in e nomen; e significa "falta (ou privação) de bom nome". - Opróbrio deriva de ob e probum; e significa o oposto de probo. A infâmia tira a reputação e a honra; a ignomínia enxovalha o nome; o opróbrio expõe aos ultrajes e vitupérios. A infâmia, de fato, é a que resulta da opinião dos bons - pela prática das ações torpes; a infâmia, de direito, é aquela que vem do julgamento legal de um crime baixo. O resultado deste julgamento caindo sobre o nome produz a ignomínia. O opróbrio resulta da "infâmia e da ignomínia". – Desonra é a "privação da honra produzida pela prática de infâmia ou de ação infamante". - Vergonha é "o constrangimento, que sofre o pudor, produzido ou resultante da desonra".

783

IGUARIA, acepipe, manjar, pitéu, guloseima, gulosina, gulodice, gulosice, guisado, petisco. - Manjar e iguaria são termos genéricos, e designam "o que se come". A iguaria é, no entanto, só aplicável aos manjares finos e delicados. – Pitéu é o nome familiar que se dá aos bons pratos. - Mais comumente usado e mais popular, como designativo da iguaria muito apetitosa, é o vocábulo petisco. - Guisado só se aplica a certos manjares preparados de carne. - Os outros vocábulos do grupo, formados de guloso, designam doce, manjar delicado e leve, que só é saboroso e não nutriente - tudo o que se chama lambiscaria. - Gulosice e gulodice exprimem também o vício do guloso, ou da gula.

784

IMAGINAÇÃO (imaginativa, inventiva), fantasia. - Imaginação é propriamente a imaginativa em ação. – Esta – a imaginativa – é a nossa faculdade de imaginar, isto é, de criar, de compor ou combinar coisas, fenômenos, fatos reais, mas segundo o nosso modo de ver, ou na ordem ou disposição particular ou pessoal que lhes damos. Em regra, toda obra de arte alguma coisa tem de imaginação: a grande faculdade dos artistas sendo, portanto, a imaginativa. Confunde--se esta com a inventiva, e, em geral, seria muito difícil distingui-las por uma diferença apreciável. Deve notar-se apenas que inventiva é vocábulo muito mais extenso e complexo que o outro. Dizemos, por exemplo, com muito mais propriedade - "a inventiva grega" - do que - "imaginativa grega". - Inventiva designa, pois, toda a faculdade criadora do homem ou de uma raça em toda esfera de atividade ou de esforço. - Entre imaginação e fantasia só se deve notar a distinção (que é, aliás, bem pouco perceptível em muitos casos) que consiste em ser a fantasia uma faculdade mais livre ainda, e mais pessoal se é possível, que a imaginação. A fantasia não se limita a criar valendo-se de elementos hauridos na natureza: cria livremente, segundo os caprichos de quem a exercita. No Inferno, do Dante, ou no Paraíso Perdido, de Milton, ou no Orlando Furioso, de Ariosto, não seria fácil distinguir o que é imaginação do que é pura fantasia.

785

IMOLAR, sacrificar; imolação, sacrifício, holocausto. – Sacrificar "significa propriamente tornar sagrado; privar-se de uma coisa para a consagrar à Divindade; dá-la inteiramente, sem nenhuma reserva, de modo que fique perdida para quem a possuía, que fique transformada. – Imolar significa fazer um sacrifício sanguinolento, degolar uma

vítima, destruir o que se oferta. Sacrifica-se toda sorte de objetos; imolam-se vítimas, seres viventes, animados. O sacrificio tem por fim prestar veneração; a imolação tem por fim aplacar. A ideia de sacrificar é mais vaga e mais extensa; a de imolar é mais enérgica e mais limitada". – Holocausto era, entre os hebreus, o sacrifício em que a vítima não só se imolava, mas se consumia inteiramente pelo fogo. O holocausto é, portanto, um sacrificio completo, em que a vítima se destrói e desaparece, ou deixa de ser o que era.

786

IMPALPÁVEL, intangível, intáctil. – Impalpável é o que é tão subtil que se não pode palpar, isto é, sentir com as mãos. -Intangível é o que se não pode tocar por ser imaterial. Dir-se-á que intáctil diz a mesma coisa; mas entre intáctil e intangível há uma distinção essencial e absoluta. O primeiro, intáctil, exprime propriamente "inacessível ao tato", ou "que escapa ao sentido do tato"; e só se aplica no sentido físico. - Intangível significa "inteiramente fora do alcance dos nossos sentidos"; e aplica-se melhor no sentido moral. O ar é impalpável; a luz é intáctil; o espírito é intangível.

787

IMPARCIAL, neutro, neutral, indiferente; reto, justo, justiceiro, justiçoso. - Entre neutro e neutral há só a diferença marcada no segundo pelo sufixo al, de adaptação, conveniência, etc. - Neutro diz simplesmente "nem um nem outro" (ne + uter); neutral diz também "nem um nem outro", mas "em dada circunstância". Diz-se, portanto, mais corretamente – "ficará neutral" (e não - neutro); "este nome é do gênero neutro", ou simplesmente "neutro" (e não - neutral). – Como sinônimo de imparcial também se distingue neutral deste modo: neutral é "o que fica inativo, indiferente, impassível entre um e outro"; e imparcial é "o que não toma partido, ou não manifesta preferência por nenhum dos dois". - Neutro nem é sinônimo propriamente de imparcial. - Lacerda compara imparcial com justo e os demais congêneres do grupo: imparcial - diz ele, - "é o que não toma partido, que não favorece a um mais do que a outro". - Justo é o que procede e julga conforme à justiça, sem guardar consideração às pessoas. Para ser imparcial basta ter a força necessária para considerar as coisas e as pessoas sem afeição nem ódio; para ser justo é preciso ter conhecimento das regras de bem julgar. - Justiceiro é o que, sem deixar de aplicar as regras da justiça no julgar as coisas e os homens, propende, nos seus julgamentos, para o rigor, e talvez para a crueldade. "Entre o justo e o justiceiro há esta diferença: ambos castigam; mas o justo castiga, e pesa-lhe; o justiceiro castiga, e folga". (Vieira) - Justiçoso é o que tem prazer em administrar justiça e castigar. "O justiçoso alegra-se quando faz justiça e pune, mas não folga de ser cruel no castigar". - Reto é "o que leva o seu sentimento de justiça a julgar sem respeito algum pelas pessoas, sem atender a nenhum motivo estranho à justiça, sem ceder a interesses ou simpatias".

788

IMPRORROGÁVEL, inadiável, intransferível. - Só inadiável e intransferível é que se devem considerar propriamente sinônimos; pois improrrogável sugere ideia de prazo já decorrido. Uma festa é inadiável e intransferível quando não pode ficar para outro dia ou para outra época. Mas não se diz de uma festa que é improrrogável, pois que festa não é coisa que se prorrogue, isto é -, que se estenda, que se amplie, que se faça mais longa. Por outra parte: concede-se um prazo improrrogável, isto é -, um prazo que se não pode fazer maior (e não - inadiável,

nem – intransferível). Entre intransferível e inadiável só há esta diferença: inadiável é "o que se não pode deixar para outro dia"; intransferível é "o que se não pode deixar para outra época". Afinal esta distinção não se pode dizer que seja formal.

789

INAPTIDÃO, incapacidade, insuficiência. - Segundo Alv. Pas. - "estas palavras são sinônimas quando exprimem a falta de disposições necessárias para chegar ao fim a que nos propomos; mas com a diferença seguinte: a insuficiência nasce da falta da proporção entre os meios e o fim. A incapacidade nasce da privação dos meios. A inaptidão nasce da impossibilidade de adquirir meio algum. É grande erro de um pai seduzir, ou forçar um filho a dedicar-se a mister para que se lhe reconhece insuficiência. É erro obrigar um filho a estudar matemáticas puras, quando se lhe reconhece a sua incapacidade para esse gênero de estudos. É um desprezo sacrílego da religião forçar um indivíduo a ser padre quando se lhe reconhece inaptidão para isso".

790

INCÓLUME, ileso. – Incólume "suscita a ideia de um perigo mais imediato que ileso; mas este determina melhor a ideia do mal que se evitou. Fica ileso aquele que sai sem ferida, ou sem perda de nenhum membro, de onde outros saíram feridos ou mutilados. Fica incólume, ou sai incólume aquele que sai ou fica intacto de algum perigo".

791

INCONSTANTE, volúvel. — O inconstante "varia de objetos a cada momento; mas durante esses momentos fixa-se. Pelo contrário, não se fixa nunca o volúvel, que passa sem cessar de um a outro objeto, sem mostrar mais afeição a um do que a

outro, ou antes mostrando igual afeição a todos. Um amante é *inconstante*; um menino é volúvel. O *inconstante* varia; e o volúvel não se fixa"... (Lac.)

792

INDECISO (indecisão), irresoluto (irresolução), incerto (incerteza), perplexo (perplexidade). - Segundo S. Luiz -, incerteza "exprime o estado da alma quando lhe falta a luz necessária para fazer com segurança os seus juízos. - Indecisão é o estado da alma quando não vê nos objetos motivos suficientes que a determinem a formar um juízo seguro, e a fixar a sua escolha. É a incerteza nos casos práticos, em que é necessário decidir para obrar. - Irresolução é o estado da alma quando não tem energia bastante para seguir a decisão do seu entendimento; para vencer a indiferença da sua vontade; para superar os obstáculos que se opõem ao seu proceder. - Perplexidade é indecisão, ou irresolução inquieta. A incerteza diz respeito somente ao estado intelectual. Os outros vocábulos referem-se à prática das ações morais. Da incerteza nasce a indecisão, que nos não permite julgar decisivamente o que convém, ou cumpre obrar. A irresolução é própria da vontade. Muitas vezes estamos decididos sobre o que devemos praticar, mas irresolutos por indolência, pusilanimidade, insensibilidade, timidez, etc. - Perplexidade supõe indecisão do entendimento, ou irresolução da vontade, com inquietação e agitação, nascida da necessidade em que nos vemos de decidir ou resolver, e do receio de tomarmos um partido errado, cujas consequências nos venham a ser nocivas. Remove-se a incerteza e a indecisão, instruindo, ilustrando, convencendo o homem incerto ou indeciso. Remove-se a irresolução excitando, estimulando, persuadindo, forçando, arrastando o homem irresoluto. Remove-se a perplexidade por um e

outro modo, mostrando ao mesmo tempo (ao perplexo) que o homem que procede, depois de justo exame e deliberação, com reta intenção, e segundo a prudência, não deve inquietar-se a respeito do bom ou mau sucesso das suas ações. A indecisão, bem como a incerteza, supõe poucas luzes, ou desconfiança delas. A irresolução supõe fraqueza, ou pouca energia de ânimo, falta de coragem. A perplexidade supõe de mais o receio do futuro".

793

INDELÉVEL, inapagável, inalterável, fixo, inextinguível. - O que é indelével (de in e delebilis, de delere "apagar", "destruir") não desaparece. O que se não apaga, ou não pode apagar, é inapagável. Como só se apaga, no sentido próprio, borrando ou cobrindo com outra cor, ou extinguindo a cor que a coisa tinha, segue-se que de um sinal ou mancha numa tela, ou de um vestígio de tinta numa roupa, não seria próprio dizer inapagável, mas indelével. Uma inscrição, por exemplo, que se não pudesse apagar com uma esponja, seria inapagável; e seria indelével se o tempo ou a ação das intempéries não pudesse fazê-la desaparecer. – Há ainda entre inapagável e os demais deste grupo uma diferença essencial – a que consiste em só poder inapagável aplicar-se à própria coisa que não é possível ou fácil apagar. Dizemos - tinta indelével, inalterável, fixa, inextinguível (e não - inapagável). - Fixo é o que permanece, que não muda, não varia. - Inalterável acrescenta à noção de fixo uma ideia de perfeita igualdade, no ponto de vista sob que se considera a coisa de que se trata. – Inextinguível é o que se não pode extinguir, isto é, fazer que desapareça, que deixe de existir, de qualquer modo. Por isso, inextinguível é o mais extenso de todos os vocábulos do grupo; e melhor do que todos, ou quase todos, pode ser aplicado no sentido moral.

794

INDIFERENCA, insensibilidade, indolência, apatia, impassibilidade, inexcitabilidade. – Segundo Roq.: – Apatia é palavra grega formada de a privativo, e pathos, "paixão" (sentimento), vindo a significar, portanto, privação de toda paixão, carência de paixão. A apatia é geralmente o resultado natural do temperamento e da organização, e se estende às qualidades da alma. Por isso é que do *apático* se diz que não tem paixão por coisa alguma e nada o estimula. A palavra insensibilidade não supõe nem tanta extensão, nem tanta indiferença, nem depende tanto da natureza do ser como a apatia; pois podemos ser insensíveis a uma coisa e não a outra. Raro é que a insensibilidade seja geral e absoluta. Um homem pode ser insensível ao amor, por seu temperamento ou caráter, e não o ser à honra. Na apatia acha-se a alma inativa, carece de ação e de estímulo; na insensibilidade está impassível. O homem de boa vida e honrado pode ser insensível aos prazeres, e a tudo que conduz ao vício; mas é mui sensível à virtude e ao exercício de quanto pertence à beneficência com seus semelhantes. A indiferença nem sempre é inativa; porque, ainda que o estado da alma seja o sossego, nem por isso se nega a razão. Não tendo interesse nem inclinação a nenhuma coisa, segue o indiferente de ordinário o impulso que outros lhe dão, e por meio deste se ocupa em coisas cujo êxito lhe é em si muito indiferente. O homem que é indiferente ao interesse seu próprio, que vê com igual rosto a próspera e a adversa fortuna, mas que não é de modo algum indiferente às regras e ditames da razão, ao bem de seus semelhantes, merece louvores por sua indiferença, que é a de um sábio, e não a de um egoísta. – Indolência é o estado de desídia e inação em que fica a alma, sem estímulos para agir, sem motivos de tomar partido entre ideias ou questões

que se controvertem. – A impassibilidade caracteriza-se pela imobilidade que parece refletir o estado da alma "que não sofre do que se lhe passa em torno"; que é indiferente à vista do que se dá. – Inexcitabilidade é a qualidade de não ser excitável, de não ceder a estímulos. O impassível não se comove; o inexcitável não se deixa excitar, não se agita facilmente.

795

INDIVÍDUO, pessoa. - Indivíduo não é só todo animal, mas "todo ser íntegro que ocupa um lugar na natureza". - Pessoa é, como diz Roq., "um homem ou uma mulher que tem este ou aquele estado. A condição que acompanha um ser racional é o que o distingue como pessoa, e o que o faz credor de certos direitos, e o sujeita a estes ou àqueles encargos. Um indivíduo não representa nenhuma classe, só indica uma espécie; a pessoa está sujeita a uma classe, e tem unidos à sua existência atributos que a distinguem das demais. - Indivíduo é um ser que se considera isolado; uma **pessoa** é uma parte da sociedade". – É preciso acrescentar que, em ciência jurídica, pessoa é, em geral, "toda representação de direito", como definem os jurisconsultos. Uma associação, uma companhia, etc., podem ser pessoas jurídicas. T. de Freitas diz que pessoas são "todas as representações de direito que não se referirem a coisas, nem a efeitos".

796

INDIZÍVEL, inexprimível, inefável. – Indizível – diz Bruns. – aplica-se, tanto no bom como no mau sentido, "às coisas que são de tal modo extraordinárias que não achamos palavras ou frases com que expressá-las. – Inexprimível dizemos das coisas que de tal modo excedem toda concepção que não podemos descrevê-las, ou dar das mesmas, pela palavra, uma ideia exata. – Inefável se diz das

coisas místicas que não se podem ou não se devem revelar; e extensivamente, daquelas alegrias, deleites ou prazeres que se elevam, além de quanto humanamente se pode esperar".

797

INFÂNCIA, puerícia, meninice; infantilidades, puerilidades, meninices; infante, menino, criança, pequeno; infantil, pueril. - É de S. Luiz o seguinte: - "Infante é o macho ou a fêmea da espécie humana, de tão tenra idade que ainda não fala direito, ou não pronuncia bem o que fala (do latim infantia 'carência da palavra'). O tempo da infância costuma contar-se desde o nascimento do homem até os sete anos de sua idade. – Menino ou menina é o macho ou a fêmea da espécie humana na sua puerícia, isto é, desde os sete anos até que aparecem os primeiros sinais da puberdade". - Criança é o macho ou a fêmea da espécie humana⁷⁰ enquanto se anda criando. – Basta o que aí fica para definir e diferençar bem os outros vocábulos do grupo. – Meninice ou puerícia é a idade ou o tempo ou o período de vida do menino. – Meninice, ou meninices no plural, diz "coisas (leviandades, costumes, gostos, etc.), de menino ou próprias de menino". - Puerilidades diz a mesma coisa, sendo meninice e puerícia sinônimos perfeitos. - Infantilidade é simpleza própria da infância. – Pequeno é termo familiar com que se designam meninos, rapazinhos, e também *crianças.* – **Infantil** equivale a – "próprio de infante, de *criança*". – Pueril = próprio de menino, ou - referente à puerícia.

798

INFLUÊNCIA (influxo), ascendência (ascendente), prestígio; ação, superioridade,

70 S. Luiz dá: "criança é o macho ou a fêmea *de qualquer espécie animal...*". Mas hoje, não se tratando de espécie humana, só se diz *cria*.

predomínio, preponderância, preeminência. – Influência, aqui, é a ação de uma pessoa sobre outra. Às coisas físicas aplica-se melhor e com mais propriedade o vocábulo influxo que designa o "efeito direto da influência". – **Influência** é o mais extenso dos dois. Tanto dizemos: influência dos astros, do tempo, do clima, como influência moral, influência das leis, da cultura, da civilização, etc. É de notar, no entanto, que não há uma diferença essencial entre estas duas formas. - Ascendência (ou ascendente; sendo mesmo este o mais usado) é "o prestígio, o predomínio que resulta do grau de superioridade moral de uma pessoa a respeito de outra". - Prestígio é "uma como influência misteriosa, uma grande força moral resultante de qualidades excelentes ou de algum dom que se diria maravilhoso". - Ação dizemos que uma pessoa exerce sobre outra quando é capaz de, só pelo seu ascendente, ou pelo seu poder, fazê-la agir. - Superioridade é "a autoridade moral que provém da hierarquia, ou da posição superior". -Predomínio é "a influência incontrastável, o mando absoluto que resulta da força ou da autoridade efetiva". - Predomínio é mais que influência, que ascendente, que prestígio, que superioridade mesmo. – Preponderância é "a ação, a grande autoridade exercida sobre o ânimo de outrem"; e resulta do valor, da excelência, da importância de quem a exerce. – Preeminência é a "qualidade de ser o mais alto e valioso, de estar em primeiro lugar na hierarquia". É, portanto, mais que superioridade. Entre muitas dignidades superiores, pode haver uma preeminente.

799

INFORMAÇÃO, inquérito, perquisição, pesquisação (pesquisa), devassa, inquirição, indagação, investigação, sindicância (sindicação). - Pesquisas (no sentido restrito sob que é aqui considerado o vocábulo) dizemos "dos meios que a justiça emprega – diz um dos nossos autores - para chegar ao conhecimento da verdade". - (Pesquisação é o ato de pesquisar, de fazer pesquisas). As pesquisas revestem-se quase sempre de um caráter ilegal e vil, mas impõem-se pela força das circunstâncias. A perquisição tem caráter legal bem determinado, e exprime que a pesquisa é feita escrupulosamente para chegar a descobrir ou encontrar o que à justiça falta para estabelecer a sua opinião. O inquérito é ordenado para descobrir, não pessoas ou coisas, mas a verdade dos fatos, determinar-lhes exatamente a natureza, e apurar as responsabilidades. -(Inquirição é a ação de inquirir, de examinar, de averiguar. - Inquérito e inquirição nem sempre se devem confundir: inquérito policial é uma coisa; e inquirição policial é outra. Inquérito policial é o conjunto dos atos da polícia na investigação e descoberta dos fatos criminosos; inquirição é propriamente, como se disse, o ato de inquirir. Dizemos – ato da inquirição, e não - ato do inquérito). A informação "é geralmente levada a efeito para estabelecer opinião sobre os indivíduos apontados, quer pelo seu procedimento habitual, quer pelo seu caráter". Devassa era outrora o que é hoje inquérito. - Indagação é "o ato de indagar, isto é, de fazer esforço e diligência por descobrir", assim como investigação é o ato de investigar, isto é, de indagar com mais escrúpulo e cuidado. Quem só pergunta e inquire - indaga, faz *indagação*; mas quem *investiga*, não só indaga como examina, busca, pesquisa. – Sindicância é a inspeção e inquérito feitos no intuito de saber-se o que há de anormal na repartição sindicada. – Sindicação é propriamente o ato de sindicar. Viemos cá para sindicação da verdade (não - sindicância). A sindicância a que se procedeu na alfândega, etc. (e não - sindicação).

800

INSERIR, encaixar, intercalar, interpor, introduzir, interpolar. - Inserir significa propriamente "meter entre uma e outra coisa, ou no meio de várias coisas". Inseriu-se na multidão. Poderá inserir o meu entre os artigos da revista. "Foi-se inserindo entre as duas aleias de jasmins". - Encaixar é também, aqui, "meter entre duas coisas, mas como à força". - Intercalar é "meter de permeio" sem mais ideia alguma acessória. Intercala-se um feriado entre os dias da semana. Figuradamente: "aquela coragem vai intercalada de sustos..." - Interpor é "pôr de permeio para separar ou para algum efeito atual ou imediato". No eclipse do sol, a lua interpõe-se entre este astro e a terra. - Interpolar é "meter de permeio mais de uma vez ou em mais de um ponto". O capítulo tal está todo interpolado de trechos inúteis... - Introduzir é "meter dentro, fazer entrar".

801

INSÍPIDO, insosso, insulso. – Insípido é o que não tem sabor, ou pelo menos o sabor que lhe é próprio; isto é – que não nos impressiona o paladar. – Insosso e insulso (a mesma palavra sob formas diferentes) dizem – "sem sal", ou "sem o sal suficiente". O primeiro, insosso, é mais usual na linguagem comum; e no sentido figurado é preferível insulso.

802

INSÓLITO, desusado, desacostumado, estranho. – Insólito é "o que é estranho e desabrido, e que não se espera por não estar nos costumes, ou não ser próprio da boa educação". – Desusado significa simplesmente – "fora de uso, estranho por não ser usual". – Desacostumado (talvez muito melhor – descostumado) é "o que não está nos costumes, e que se estranha porque não se dá comumente". – Estranho é "o que nos impressiona excepcionalmente por ser anormal, extraordinário".

803

INSTANTE, momento. – Segundo S. Luiz - "momento exprime um brevíssimo espaço de tempo". - Instante é um espaço de tempo ainda mais breve; ou antes (se assim podemos dizer) um ponto, um primeiro elemento da duração. "O instante (diz Heit. Pint. - Dial. da Just., c. I) se há com o tempo da maneira que se há o ponto com a linha, porque tão indivisível é um como o outro; e pois o ponto não é linha, logo nem o instante é tempo". Além disso, momento parece que admite uma significação mais ampla, tomando-se às vezes pelo tempo em geral, ou pela conjunção das coisas: como quando dizemos que para o bom-sucesso de um negócio importa muito aproveitar o momento favorável. - Instante, porém, sempre se toma na sua significação restrita, pela mais pequena e indivisível duração do tempo. Finalmente, momento também se usa em sentido figurado pelo valor, peso, e importância de um negócio. - Instante somente se emprega no sentido literal.

804

INSURGENTE (insurgido), rebelde (rebelado), insurrecto, insurrecionado, sublevado, levantado, revoltoso, revolucionário. – De insurgente e rebelde escreve Lac.: O sentido comum a estas palavras é o levantar-se alguém contra alguma autoridade; mas diferençam-se da maneira seguinte: - Insurgente é o que se levanta contra a autoridade, mas com causa que se reputa de algum modo legítima. - Rebelde é o que se levanta contra a autoridade sem causa justificável, e portanto criminosamente. O insurgente tem por si a opinião de que obra com direito, usando da sua liberdade contra a injustiça. O rebelde tem contra si a opinião de que abusa dos meios de que pode dispor para opor-se à lei e autoridade legítima. - Entre rebelde e rebelado há diferença, em muitos casos pelo menos, essencial.

- Rebelde usa-se comumente com a mesma significação de rebelado; mas este vocábulo designa sempre um estado; enquanto que rebelde nem sempre, pois que propriamente designa uma qualidade. Dizemos - menino, empregado, e até povo rebelde para significar - menino, etc., pouco dócil, indisciplinado, não sujeito a autoridade. Um povo rebelde nem por isso será rebelado. Dizemos, portanto, que F. é rebelde; e que S. está rebelado. – Entre insurgente e insurgido há também diferença que se não pode esquecer. - Insurgido é "o que está já levantado, de armas em punho"; insurgente diz melhor – "o que se está levantando, o que se agita pela revolta". Podemos dizer de uma terra, de um distrito, de uma aldeia, etc. – que está insurgida (e não propriamente – que está insurgente). – Insurrecto e insurrecionado aproximam-se mais, e até se confundem com insurgido (tendo os três o mesmo radical). Tanto insurrecto como insurrecionado exprimem – "posto em armas, levantado contra o governo". Mas entre um e outro há uma diferença marcada pela ideia de passividade que se inclui em insurrecionado. Dizemos, por isso – país insurrecionado (e não - país insurrecto). - Sublevado propriamente só se aplica a multidão, a massa, a grande número. A sublevação é uma revolta, um levantamento em massa, das primeiras camadas até às de cima. Povo sublevado (não - indivíduo sublevado). – Levantado tanto se aplica a uma multidão, como a um só homem. Sugere ideia da altivez com que se insurge aquele de quem se diz levantado. – Entre revoltoso e revolucionário há diferença análoga à que se nota entre revolta e revolução. A revolta é, não só o estado de guerra aberta contra a autoridade, como é movimento de menos importância que a revolução. A revolução sugere ainda a ideia de revolta (além de geral, ou mais extensa) vitoriosa, ou em caminho da vitória. O revoltoso pode ser um simples rebelde, ou um rebelado: o revolucionário entende-se que

exerce um direito: é aquele que se insurge legitimamente contra uma autoridade que saiu da ordem legal.

805

INTERIOR, interno, íntimo, intrínseco; próprio, inerente, essencial, inseparável. -Segundo Lac.: Interior é o que está debaixo da superfície, o que não aparece exteriormente. - Interno é o que está mais dentro de alguma coisa, que está profundamente encerrado dentro de alguma coisa, que opera dentro da coisa onde se acha. – Intrínseco designa o que forma parte de uma coisa, aquilo sem que uma coisa não pode ser porque com outras coisas a constitui internamente. – Íntimo é o que não só está oculto numa coisa, mas também está nela oculto ou encerrado muito profundamente. O que não é aparente e visível é interior. Com relação ao homem diz-se alegria ou tristeza interior. O que está tão concentrado que é preciso penetrar muito dentro da coisa para o descobrir, é interno; e com relação ao homem diz-se, com referência à parte corpórea: frio, calor interno. É intrínseco o que faz parte de um objeto não acessoriamente, ou não acidentalmente (mas essencialmente). É, ou diz-se íntimo, em sentido moral, o que queremos encarecer como estando no fundo da alma: dor íntima, afeição íntima. – Próprio é, aqui, "o que pertence de natureza ou de direito, o que é peculiar, inerente à pessoa ou coisa". - Inerente é "o que está ligado, o que se acha tão intimamente unido a uma coisa que parece fazer parte dela". - Essencial é "o que é da própria natureza da coisa; é aquilo sem o que a coisa não existiria". - Inseparável não é propriamente o mesmo que essencial. Este encerra uma ideia de "próprio por ser da mesma natureza"; enquanto que inseparável diz apenas - "que anda sempre unido; que acompanha de ordinário; que se não pode separar da coisa a que se acha unido".

806

INVÁLIDO, nulo, írrito. - "São termos de jurisprudência, que qualificam um ato ou título como incapaz de produzir direito ou obrigação alguma. Mas o ato ou título nulo é aquele que em si mesmo, e na sua substância foi viciado, por falta de alguma condição, ou solenidade ordenada pela lei. Assim, é nulo, v. g., o contrato em que não houve livre consentimento de uma das partes; é nulo o testamento feito pelo testador em estado de demência; é nula a ordem passada por autoridade incompetente, etc. O ato ou título írrito é aquele que tendo sido feito com as condições e solenidades da lei, contudo, por circunstâncias supervenientes, não é reconhecido, nem aprovado, nem ratificado, para por ele se poder fazer obra. Assim, na jurisprudência romana o testamento, aliás bem feito, tornava-se *írrito* no caso de sobrevirem certas mudanças à pessoa, e ao estado do testador. Entre nós, se o litigante transigiu com o procurador da parte, e este reservou o consenso e aprovação do seu constituinte, a transação se torna írrita por falta desta aprovação e consenso. O tratado entre dois soberanos, se não é ratificado por algum deles, fica por isso mesmo írrito, etc. Finalmente, o ato ou título inválido é aquele que não tem força de obrigar. - Inválido é termo genérico, que exprime precisamente a falta de validade, de força, de vigor; e por isso se aplica a muitos e diversos objetos. No nosso caso, dizemos tanto do ato ou título nulo, como do ato ou título írrito; porque ambos, posto que por diferente motivo, são inválidos, isto é - são incapazes, como dissemos, de produzir direito e obrigação".

807

JAMAIS, nunca. - Entende Roq. que os nossos clássicos confundiram estes dois advérbios e que S. Luiz não aclarou suficientemente a diferença que bem se pode

notar entre eles71. Jamais (em relação a coisas futuras, isto é como advérbio de tempo) exprime propriamente a ideia do que se não quer que suceda manifestada por aquele que pode por si próprio fazer alguma coisa e está decidido a não fazê-la pela convicção que tem de que lhe seria prejudicial ou desonrosa. – Nunca exprime particularmente a ideia de que não sucederá uma coisa que se apetece, e não porque ela seja impossível, senão pela desconfiança que tem de sua própria fortuna o sujeito que a deseja. A ideia de jamais refere-se à fortaleza, ao despeito, à indignação. A ideia de nunca respira desconfiança, dúvida, desesperação. Jamais transigirei com meus inimigos – diz um general que espera a vitória à frente de seus contrários. Jamais consentirei que meus direitos sejam menoscabados - diz um rei a seus ministros. Nunca serei feliz – diz um filósofo no retiro de seu gabinete; nunca chegarei a conhecer as causas das coisas; nunca a

71 陁 E no entanto convém ler o que escreveu S. Luiz: Nunca é o latim nunquam "em nenhum tempo". Jamais é o latim unquam "em tempo algum, vez alguma." Nunca leva consigo mesmo a negação, faz a proposição negativa. Este homem nunca me tratou mal; nunca me desgostou; nunca me lisonjeou, etc. Jamais pede regularmente a negação expressa, para fazer a proposição negativa. Não farei jamais o que me pedis; não mudarei jamais de resolução; não vos ouvirei jamais. Nunca usa-se mais ordinariamente nas proposições que exprimem um juízo positivo: nunca tal crime cometi; nunca isso me passou pelo sentido. Jamais tem particularmente lugar nas proposições que exprimem interrogação, dúvida, incerteza, etc. Que homem de juízo se agastou *jamais* sem causa? Não sei que jamais me ofendesse; duvido que tal promessa jamais se realize, etc. Algumas vezes ajuntam-se ambos os vocábulos na mesma frase para dar mais energia à expressão; e dizemos, v. g.: nunca jamais vos deixarei; isto é – em nenhum tempo, vez alguma vos deixarei. Outras vezes usam-se, um em lugar do outro, como se fossem idênticas as suas significações. Assim dizemos, v. g. – prometo de jamais vos deixar – tomando jamais por nunca; e dizemos também: – é o melhor homem que nunca vi – tomando nunca por jamais, etc.

posteridade fará justiça às minhas investigações. Jamais me apartarei de meu propósito; nunca terei recompensa. Numa novela mourisca, diz um cavalheiro namorado: "Jamais de amor esta chama, que ardente vibra em meu peito, poderão apagar os homens, poderão extinguir os tempos." Nunca espero minha ventura, que esquiva de mim foge. Jamais deixarei de amar-te, porém nunca de amor receberei o prêmio. Quando jamais se refere ao passado, vale o mesmo que nunca; mas tem particular energia, e como que indica uma negação reiterada; como se pode colher dos seguintes exemplos, que se têm em Moraes: "Jamais pude co'o fado ter cautela. Que cítara jamais cantou vitória. Lugar de penas e tormento esquivo, onde jamais se viu contentamento".

808

JURA, juramento, protesto, promessa, afirmação. – Entre jura e juramento é preciso estabelecer uma distinção essencial. "Fazemos, ou damos, ou prestamos um juramento, quando invocamos a Deus, ou as coisas santas, para confirmação da verdade das nossas palavras, ou dos nossos testemunhos, ou da sinceridade das nossas promessas. Fazemos uma jura, ou fazemos juras, quando empregamos certas frases ou fórmulas de baixo estilo, de que a gente da plebe se serve para o mesmo fim. O **juramento** supõe reflexão: é um ato sério, e religioso, e às vezes judicial, público, solene. A jura emprega-se as mais das vezes por hábito, e sem reflexão, sem verdadeira intenção de jurar propriamente; e pertence aos modos usuais de falar da gente baixa, e mal-educada". - Promessa, aqui, é "o ato de dar segurança formal de que é verdade o que se afirma". Substitui hoje o juramento nas cerimônias ou atos civis. F. fez a promessa da lei, isto é – garantiu formal, expressamente e de consciência, que assume a responsabilidade do que vai dizer ou do que vai fazer. - Protesto é, aqui, "toda declaração pública ou solene, ou categórica da consciência, contra ou a favor do que se ouve ou do que se vê". Sugere ideia da energia e veemência com que é feita a afirmação. F. fez-nos o protesto de que nunca faltará ao seu dever de justica. - Afirmação é o "ato de afirmar, isto é – de declarar com toda força e firmeza". F. fez a afirmação solene de que não transigirá.

809

JUSTA, torneio, certame. - "A justa era propriamente o combate de homem a homem, a cavalo e com lança. Com o correr dos tempos, estendeu-se a significação desta palavra a outros combates, pelo abuso que fizeram os antigos cronistas e romancistas de cavalaria, que desfigurando o verdadeiro sentido das palavras puseram frequentemente em confusão nossas ideias. Devem-se pois distinguir as justas dos torneios. Os torneios faziam-se entre muitos cavaleiros que combatiam em tropel, ou em quadrilhas, fazendo voltas em torno (daí a palavra torneio), ora a cavalo, ora a pé, com lança ou espada; a justa (do francês antigo jouste, hoje joûte) era um combate singular de homem a homem, e que se travava com encontros de lanças. Ainda que as justas se fizessem ordinariamente nos torneios, depois dos combates de todos os campeões, sucedia, sem embargo, que se faziam também sós, independentemente de nenhum torneio". -Certame é termo genérico, aplicando-se a todo ato em que se põem em cotejo forças, valores, etc. Certame literário, certame industrial, etc.

LARGUEZA, largura. – É muito clara a distinção existente entre estas duas palavras: largueza = amplitude; largura = uma das dimensões da superfície. - Largura somente se usa mesmo "no sentido físico, e exprime precisamente uma das três dimensões dos corpos, isto é – a distância que há de um lado a outro de qualquer superfície, sem respeito ao seu comprimento. Assim dizemos, v. g. - a largura de um rio, de uma praça, de uma tábua, etc., quando somente queremos designar a distância que há de uma à outra margem, ou de um lado ao outro, etc. (lat. latitudo). - Largueza, no mesmo sentido físico, tem significação menos restrita, e exprime em geral a extensão de uma superfície, ou a capacidade e amplitude de um espaço. Assim dizemos, v. g. - a largueza dos campos vizinhos à cidade (isto é, a sua extensão); a largueza de uma praça, que tem capacidade de receber muitos mil homens; a largueza de uma casa, que aloja muitas famílias, etc. Mas, além disso, largueza também se usa no sentido moral (do lat. largitas) v. g.: largueza de ânimo, quando queremos exprimir um ânimo amplamente liberal, não acanhado; largueza de ideias, de opiniões (como hoje dizemos) isto é - opiniões ou ideias liberais, largas, despejadas, não estreitas, etc.".

811

LEGAL, legítimo; lícito, permitido. - Legítimo é vocábulo de significação muito mais extensa que legal. Este "tem mais particular uso na linguagem da jurisprudência positiva, e parece referir-se a tudo o que se faz ou obra segundo o que está determinado nas leis humanas; isto é – guardando as solenidades, formalidades, ou condições, que elas prescrevem. Um título é legal quando está autenticado na forma que a lei ordena; um testamento é legal quando foi feito com as solenidades da lei; uma prova é legal quando nela se acham verificadas todas as condições que a lei requer. – Legítimo é tudo aquilo que se conforma com a ordem da natureza, com a razão, e com as leis. É termo mui genérico, e tem lugar na linguagem da filosofia, da moral, da jurisprudência, etc. Em física, é legítimo oiro, legítima prata, legítimo diamante, o que tem a natureza própria destas substâncias, o que não é contrafeito, nem adulterado. Em lógica, é legítimo o raciocínio, quando os princípios são verdadeiros, e a consequência legitimamente deduzida, isto é - deduzida segundo as regras. Em moral, são legítimas as ações que conformam com a razão, a equidade, e a justiça universal; é legítimo o uso que fazemos das nossas faculdades quando esse uso é conforme aos intuitos da natureza, e regulado pela razão. Em jurisprudência, são "legítimas todas as ações, ou omissões, que as leis ordenam". - Lícito "supõe um direito que está mais na consciência que nas leis; que é superior, portanto, a toda autoridade; e tem uma extensão que só a moral pode limitar. Nem todos os negócios legais são lícitos. - Permitido dizemos de tudo aquilo que a lei e a moral não condenam".

812

LIMAR, polir, brunir. - Lac. resume perfeitamente os que o precederam: Limar é tirar com a lima as asperezas e desigualdades de uma superfície. - Polir é fazer desaparecer o trabalho da lima, tirando o resto das asperezas que ficaram, e tornando liso, luzidio e agradável à vista o corpo limado. – Brunir é dar o último grau de lustre aos objetos limados, principalmente metais, dando-lhes uma certa cor particular como a dos espelhos. No sentido translato, limar uma produção do engenho é corrigir o estilo, torná-lo igual, rejeitar vulgaridades, etc. - Polir essa mesma produção é, além de a limar, dar-lhe elegância, graça, brilho. O verbo brunir não se usa neste sentido".

813

LINGUISTA, filólogo, gramático (linguística, filologia, gramática). – Ordinaria-

mente confundem-se, não só linguística e filologia, mas estes dois termos com o próprio terceiro do grupo. Não é raro ouvir chamar-se filólogo ou linguista a um gramático, ou mesmo a um simples gramaticógrafo. Littré define assim a filologia: "espécie de saber geral que abrange as belas-letras, as línguas, a crítica, etc.; mais particularmente – estudo e conhecimento de uma língua, considerada como instrumento ou meio de uma literatura". E quanto à **linguística** diz o mesmo autor: "é o estudo das línguas consideradas em seus princípios, em suas relações, e apenas como sendo um produto involuntário do espírito humano". É, portanto, a linguística uma ciência natural; enquanto que a filologia é propriamente uma ciência histórica. Pode-se restringir ou particularizar a filologia; mas a linguística, que estuda em geral o fenômeno da linguagem em si mesmo, supõe-se que abrange todas as línguas que se possa ter a alcance. Poderíamos dizer: filologia grega, filologia das línguas semíticas, filologia americana; mas decerto que se não dirá: linguística americana, etc. – Gramática é propriamente o estudo de uma língua no estado em que se encontra, e portanto, nos princípios, leis ou regras clássicas que a regem. A gramática pode abranger também muitas línguas, e então se chamará comparativa; e neste caso, aproxima-se muito da linguística. – Entre gramático e gramaticógrafo há uma grande distinção. – Gramático é o letrado que conhece bem a sua língua, que a professa, que a fala e escreve com perfeição. Gramaticógrafo é o que escreveu algum tratado, ou algum compêndio de gramática.

814

LONGÍNQUO, remoto, distante. – Diz muito bem Bruns.: "O que está distante não está perto; notemos, porém, que o que está distante pode estar apenas um pouco mais além do alcance da nossa mão; ou estar a muitas léguas de nós. O que está remoto, não só está muito distante, mas está em lugares desconhecidos, ou onde é muito difícil ir. - Longínquo dizemos daquilo que apenas se vê ou se ouve por estar a grande distância. Trovões longínquos. Nações remotas".

815

MAQUINAR, urdir, tecer, tramar, forjar, forjicar, traçar. - Se estes verbos - diz. Roq. referindo-se a urdir, tecer e tramar – "conservassem rigorosa analogia no sentido figurado com as respetivas significações no sentido próprio - urdir seria lançar as primeiras linhas de um enredo; tramar exprimiria o enlaçamento do enredo, a ação de lhe dar força e consistência; e tecer exprimiria ambas as coisas, isto é, começar e prosseguir uma teia de enredos, etc. Não obstante: tramar é o termo que mais ordinariamente se usa como mais enérgico para exprimir a astúcia e ardil com que se preparam e concertam enredos e enganos, para lograr o fim que se intenta". - Forjar, no sentido figurado com que entra neste grupo, é "preparar, combinar planos contra alguém". - Maquinar é "tecer longos enredos, preparar elementos contra alguém, ou para conseguir alguma coisa". Maquina-se contra o governo; forjam-se enganos, motins, revoluções. - Forjicar é "forjar mal, com muito trabalho e pouco jeito". - Traçar (ou trassar, como seria melhor talvez) é "delinear, lançar as primeiras linhas de um plano, ou de um projeto".

816

MANANCIAL, fonte, nascente; manadeiro, nascença, origem. - Manancial e manadeiro designam o lugar de onde mana água; e por extensão, o lugar de onde nos vem algum dom, algum bem ou proveito. Manadeiro aplica-se de preferência ao pequeno manancial, e quase exclusivamente no sentido próprio. - Fonte é palavra mais vulgar que designa igualmente o lugar onde se encontra água; mas no sentido translato tanto se aplica às boas coisas como às más. Fonte de riquezas; fonte de misérias. Fonte de delícias; fonte de males. (E ninguém diria: manancial de desgraças.) - Nascente quase que só se emprega para designar a origem dos rios, em geral da água corrente. Também se usa no sentido translato, com a significação de fonte. - Nascença é a nascente em si mesma sem referência ao fato de ser corrente ou não a água que daí mana ou nasce. - Origem é a nascença, o começo, o ponto de partida; e tanto se aplica para designar nascente de rio, como com a significação de princípio, ou procedência de alguma coisa.

817

MAR, oceano. - Resumindo Bourg. e Berg. diz um autor: "Designa-se com estas palavras a vasta extensão de água salgada que cobre a maior parte da superfície do nosso planeta". - Mar é o termo que ordinariamente se aplica para designar alguma das partes dessa extensão; e também para designar o conjunto das águas que circulam o globo, mas só quando esse conjunto é considerado de modo vago e geral (em sentido absoluto) e mais quanto à natureza que à vastidão dessa extensão. Dizemos: o mar e o céu; o mar é imenso; as areias do mar. E dizemos também o mar Báltico; o mar do Norte; o mar, os mares da costa, etc. Oceano designa em geral a vasta extensão dos mares. Usa-se, porém, às vezes para designar somente uma das suas partes, mas só quando essa parte forma uma das grandes divisões em que o mar se considera: o oceano Atlântico e o oceano Pacífico são as duas grandes divisões do oceano. - Antigamente dizia-se também - o mar Atlântico.

818

MAS, porém. – Destas duas conjunções, que tão raramente se distinguem, trataram Roq. e Lac. "Confundem-se muitas vezes - escreve o primeiro - estas duas conjunções, sendo que se devem distinguir. – Mas é conjunção distintiva e adversativa, que acompanha a adição de alguma circunstância, que se opõe mais ou menos à proposição já enunciada; é muito a propósito nos incisos". Eis aqui alguns exemplos de seu uso: "Catarina, não só disputa, mas define; não só argumenta, mas conclui; não só impugna, mas vence... Duros como as pedras, mas não convencidos". (Vieira, III, 267, 282.) - Porém é conjunção restritiva, que se contrapõe de um membro da oração a outro, moderando-o, ou destruindo-o; é muito a propósito nos períodos. "Deus na lei da graça derrogou esta circunstância de rigor; porém na lei natural, tão fora esteve de variar que"... "Se deixamos de amar o amigo ausente, não é culpa sua, é injustiça nossa; porém se foi ingrato, não só ficou indigno do mais tíbio amor, mas merecedor de todo ódio". (Vieira, III, 321, 372.) Exemplos das duas conjunções numa mesma oração: "Que cada um se descesse das opiniões que tinha estudado, muito foi; mas não foi tanto; porém que todos, em um ato tão público, não duvidassem de confessar estes mesmos erros... aqui para a admiração... A algum que não lha acrescente, poderá ser, mas um só; porém a quem lhe recebe, ou a sua (fazenda) ou a dos seus vassalos, não é justo, nem rei, quem tal consente". (III, 281, 344.) - Porém usa-se também, como o vero e o autem dos latinos, depois de uma palavra. "Não se diz, porém, nem se sabe, quem fossem os autores. Haverá, porém, algum político tão especulativo..." (III, 338, 340.) - "Mas não se diz nunca em casos semelhantes, pois sempre começa o membro ou inciso da oração". Lac. resume perfeitamente o que disse Roq.

MASMORRA, calabouço, enxovia, cadeia, prisão, cárcere, ergástulo, aljube. - Masmorra deriva-se, segundo Bruns., do nome que os mouros dão às covas subterrâneas em que guardam os cereais. Diz-se de um aposento escuro, frio e silencioso, em que se guarda algum prisioneiro. – **Calabouço** é a casa-forte da cadeia, na qual se encerram os presos por delitos graves. - Enxovia é a parte mais segura e menos asseada da prisão, onde se metem os presos de nenhuma consideração social. – Cadeia é a prisão pública de uma localidade. - Prisão é termo genérico, designando o lugar onde alguém está preso. – Cárcere é o mesmo que cadeia; mas é vocábulo menos usado. (Deve acrescentar-se que é também mais nobre. Há cárcere privado, por deferência com o preso [não – cadeia]. Dá ainda cárcere a ideia de prisão por formalidade.) - Ergástulo, vocábulo que só se usa hoje em linguagem literária, é a prisão rigorosa. - Aljube, que hoje só se diz dos edifícios que noutro tempo tinham esse nome, é o mesmo que cadeia.

820

MATERNAL, materno; paternal, paterno; fraternal, fraterno. - De paternal e paterno escreveu S. Luiz, seguido depois pelos sinonimistas que lhe sucederam: Paternal exprime o que é próprio de pai, o que pertence à qualidade de pai. – Paterno exprime o que é próprio do pai, o que pertence ao pai determinado e individual da pessoa de quem se fala. Assim dizemos v. g. que Deus nos ama com amor paternal, isto é, com amor de pai. E dizem que o filho herdou os bens paternos, isto é, os bens do pai, ou de seu pai. Esta diferença, conquanto pareça subtil, e por mais que algumas vezes se desatenda na locução vulgar, nem por isso é menos verdadeira, ou menos digna de reflexão em muitos casos. Quando, por exemplo, dizemos que tal ou tal pessoa tem as feições paternas; que descende de tal casa pela parte, ou pelo lado paterno, ou materno; que escreve com pureza e elegância a língua materna, etc., não podemos substituir por paternal, ou maternal os adjetivos paterno ou materno: pelo menos não poderíamos fazer essa substituição sem muita impropriedade e até erro inadmissível. Do mesmo modo: quando dizemos, por exemplo, que El-Rei ama os portugueses com sentimentos paternais; que um irmão tem praticado a respeito de outro irmão todos os deveres, ou todos os ofícios paternais, etc., não podemos usar de paternos em vez de paternais. – Resta acrescentar que dizemos também - amor, carinho materno -, referindo-nos ao carinho, ou ao amor da mãe pelo próprio filho: não devendo entender-se, portanto, que materno, como paterno e fraterno, só se aplicam ao que é físico. – Fraterno e fraternal apresentam diferença análoga à que se nota entre os dois outros subgrupos do artigo.

821

MATINAL, matutino. – Matutino "dizemos daquilo que só é próprio da manhã, do que só pode suceder pela manhã, ou na alvorada. – Matinal se diz daquilo que, sem ser mais próprio da manhã que de qualquer outra hora do dia, sucede entretanto nas primeiras horas da manhã, ou logo ao amanhecer, em vez de se dar em qualquer outra hora". – De um passeio que se fizer às onze horas, ou ao meio-dia mesmo, dir-se-á matinal (e não – matutino, pois matutino só se dirá do passeio feito logo ao amanhecer.)

822

MEDICAMENTO, remédio. – Remédio é vocábulo de significação mais extensa que medicamento: aplica-se a "tudo o que se destina a *remediar*, e portanto tão bem a curar, a restabelecer, como a corrigir, sanar,

reparar, etc. – Medicamento designa as drogas símplices ou compostas preparadas para se administrarem ao doente com o intento de o curar. – Remédio é o que remedeia, cura; mas o medicamento é o que se aplica para curar. Muitas vezes aplicam-se medicamentos a males que não têm remédio. – Remédio é expressão genérica, e de significação muito mais lata do que medicamento. – Remédio usa-se no sentido próprio e no translato. – Medicamento refere-se precisamente à cura dos doentes".

823

MEMÓRIA, lembrança, recordação, reminiscência, retentiva. - Memória é a faculdade própria do nosso espírito de conservar impressões, ou "as ideias e noções dos objetos, e de as reproduzir na ausência deles". – Lembrança é um dos atos desta faculdade: o que se dá quando a memória nos faz presentes essas impressões. - Recordação é outro ato da memória: o que se passa quando nós lhe pedimos (por assim dizer) conta das ideias e noções que lhe entregamos como em depósito: ato que é como chamar e trazer à lembrança o que havíamos confiado à memória. Finalmente reminiscência é ainda outro ato da memória: é a lembrança de ideias e noções, que em tempos remotos nos foram presentes e que em nós deixaram mui fracas e ligeiras impressões, das quais, por isso mesmo, apenas podemos agora achar e reconhecer os vestígios; chegando às vezes quase a duvidar da existência anterior de tais ideias no nosso espírito. Tem memória quem conserva as espécies das coisas que foram objeto de seus pensamentos, e as pode reproduzir. A memória pode ser fácil, ampla, tenaz, pronta, etc. A memória talvez enfraquece com a idade, com a doença; e talvez se extingue de todo por indisposição do cérebro. Tem lembrança ou lembra-se quem atualmente suscita ou tem presentes

as espécies dos objetos, que já o impressionaram. A lembrança pode ser mais ou menos remissa, mais ou menos viva; e às vezes é tal que parece fazer-nos realmente presentes os próprios objetos. A vista de um lugar excita-nos de ordinário a lembrança do objeto agradável ou desagradável, que ali avistamos a primeira vez. A lembrança de qualquer objeto traz quase sempre consigo a de outros que com ele são ligados ou associados, etc. Tem recordação ou recorda-se quem traz à lembrança ou suscita as espécies dos objetos que entregou à memória. O homem grato recorda-se muitas vezes, com gosto e sensibilidade, do benefício recebido. O bom português recorda com saudade a antiga glória da sua pátria. O orador faz recordação do discurso, ou recorda o discurso antes que se exponha a recitá-lo em público. O estudante recorda a lição antes de entrar na aula, etc. Tem finalmente reminiscência quem se lembra mui remissamente de algum objeto que em outro tempo viu ou conheceu; quem acha em sua memória alguns, quase apagados, vestígios desse objeto. Dizem que Pitágoras ostentava ter reminiscência de diferentes estados pelos quais a sua alma tinha passado em existências anteriores. Alguns filósofos foram de parecer que as ideias que temos das coisas puramente inteligíveis, bem como de alguns que chamam primeiros princípios, são meras reminiscências; e segundo Platão, tudo quanto parece que nós aprendemos de novo não é, na realidade, senão reminiscência". - Retentiva seria sinônimo perfeito de memória, se não acrescentasse à noção de reter na **memória** a ideia de *lembrança* ou *recordação* súbita e viva.

824

MENDIGO, mendicidade, mendicância; indigente, indigência; pobre, pobreza. – De pobre e mendigo diz Alv. Pas.: "São sinônimos estes dois termos quando se considera

o mendigo como um homem reduzido à última **pobreza**. Porém **mendigo** não supõe necessariamente a pobreza, e muitos mendigos há por ociosidade e calaçaria. - Pobre é o que tem falta do necessário para viver; mendigo é o que pede esmola. Não devas a rico, e a pobre não prometas. – Mendigo vem de manu dicus, segundo S. Izidoro, porque os pedintes noutro tempo não falavam e só abriam a mão, e com a ação manifestavam a sua necessidade. A pobreza supõe um estado sempre involuntário, e a mendicidade pode ser voluntária. Triste vida é a do pobre: se pede, envergonha-se; se não pede, morre de fome: a necessidade o obriga a mendigar, e o mendigar o torna aborrecido. Em verdade o dizemos: que não é das melhores coisas a pobreza; mas antes ser pobre de bens que de ideias; e quase sempre os que têm riqueza de espírito são os mais faltos de fortuna, porque as duas coisas raramente se agasalham debaixo do mesmo hospício. O corpo místico de Jesus Cristo tem por mãos os reis, e os prelados são os olhos; mas os pobres são as suas entranhas – estão chegados ao seu coração; e quando for tempo de vir ele castigar as injúrias que lhe fizeram, começará por aqueles que o desprezaram na pessoa dos seus pobres... Pelo contrário, o Senhor atenderá os amigos dos pobres naquele dia tremendo... O mendigo que pode trabalhar é um ladrão de profissão, que rouba aos verdadeiros pobres; e aquele que lhe dá esmola por mal-entendida caridade é cúmplice do seu roubo". – E é por aí que nos devemos guiar para distinguir mendicidade e mendicância. Ambos estes vocábulos designam o ato de mendigar; convindo não esquecer, porém, que a mendicidade é o ato de pedir por necessidade, a vida de mendigar por ser pobre; e como mendigar legitimamente. A mendicância é, por assim dizer, o vício de mendigar, de viver como mendigo, isto é, pedindo sem necessidade, por especulação

e manha. - Indigente é vocábulo mais extenso que mendigo, e é tão extenso como pobre, pois tanto este como indigente podem ser aplicados fora dos casos em que têm o sentido restrito e comum de falto de bens, ou carecedor do necessário. Tanto se pode ser simplesmente pobre ou indigente de ideias, de moralidade, de recursos, etc., como indigente ou pobre de bens. - Indigente diz muito mais que pobre: a indigência é a falta do indispensável; enquanto que a pobreza é mais propriamente a escassez que a falta do necessário. Na linguagem vulgar, no entanto, dizemos pobre por mendigo, como já vimos em outro grupo.

825

MERCADORIA, mercancia. - Mercancia é propriamente "a arte ou o trato de mercar, ou a profissão de mercador: negócio, comércio". Rico trato de mercancia (Barros). No sentido translato tem significação análoga: "Dar, com esperança de recompensa, não é liberalidade, mas mercancia." "O que é liberal por estudo muitas vezes faz mercancia da liberalidade" (Lobo). - Mercadoria é o objeto do trato do mercador; as coisas que ele compra e vende. Levam o nosso trigo de mercadoria à Itália para trazerem em retorno sedas e brocados (Sever. Not.). Mercadorias feitas entre os naturais do reino (Ord. Man.).

826

MESSE, seara; ceifa, colheita. - Seara designa o trigo (geralmente o cereal) "já nascido nos campos, ou mesmo já crescido, mas ainda não maduro". Toma-se às vezes seara (ou, como escrevem outros, ceara) pelos próprios campos semeados, principalmente de grãos frumentáceos (latim seges). – Messe designa o trigo já maduro, o cereal a ponto de ser colhido; e também se aplica à própria ceifa (lat. messis). As searas estão boas, quando o trigo nasce bem, quando o trigal cresce viçoso, exuberante. São fartas as messes quando o trigo está bem-criado e bem-maduro, só faltando ceifá-lo e recolhê--lo. Seara refere-se mais imediatamente à sementeira, e às suas próximas consequências: do latim sero. - Messe refere-se mais particularmente à colheita, e ao objeto dela: do latim meto. - Seara é termo mais usual, tanto no sentido próprio como no figurado. - Messe é menos vulgar, e por assim dizer, mais científico; e emprega-se com especialidade no sentido religioso, isto é, quando se fala da messe evangélica, aludindo ao lugar do Evang. de S. Mateus IX, 37. Assim Lucen. Vid. de Xav. I. 3, c. 9: "sendo pois... grande a cópia de messe, e igual a falta dos obreiros... etc."

827

MILAGRE, prodígio, maravilha. – "Damos o nome de prodígio a um fato que parece não pertencer ao curso ordinário das coisas, e por isso mesmo se toma talvez como prognóstico de acontecimentos felizes ou infelizes. Damos o nome de milagre a um fato, contrário à ordem natural das coisas e às leis conhecidas do universo; fato que somente pode ser produzido por um poder superior às mesmas leis. Damos o nome de maravilha a um fato não vulgar, que excede à nossa expectação, e talvez à nossa própria imaginação; e que por isso grandemente nos admira. A aparição de um cometa, ou de algum novo corpo celeste; o eclipse do sol ou da lua; a aurora boreal, etc., eram em outro tempo, e são ainda hoje prodígios para o homem ignorante, a quem tais fenômenos parecem fora do curso ordinário dos acontecimentos naturais. A ressurreição de um morto é para todo homem sensato um milagre; porque visivelmente se opõe às leis conhecidas da natureza, que só a Onipotência pode alterar, suspender ou dispensar. A subida de um homem aos ares, por meio de

um balão aerostático, foi ao princípio uma maravilha, que excitou a admiração geral, até dos sábios, a quem não eram desconhecidas as leis físicas que dirigiram o inventor. Pelas explicações que damos destes vocábulos é fácil ver que eles são relativos; isto é, que um fenômeno pode parecer prodigioso, maravilhoso ou milagroso a um, sem merecer essas qualificações a outros. O vulgo ignorante tem como prodígio tudo o que não é frequente, tudo o que é raro, e que não sucede todos os dias; dá o nome de milagre a qualquer efeito extraordinário cuja causa lhe é desconhecida: e *maravilha-se* à vista de uma obra de arte, que ele não sabe apreciar, mas que lhe parece superior em perfeição a tudo o que tem visto no mesmo gênero. Houve tempo em que o abusivo emprego destes vocábulos parece que se estendeu até os homens doutos e instruídos, e principalmente aos poetas, posto que em diferente sentido. Tudo então eram prodígios e formosura, de beleza, de graça; milagres de valor, de generosidade, de liberalidade; maravilhas da natureza, da indústria, do saber, etc. O progresso das ciências, e das artes, tem corrigido o primeiro abuso em parte; e o conhecimento da verdadeira eloquência, e das regras de bem escrever, tem emendado o segundo. Hoje não duvidaremos qualificar de prodigiosos alguns fenômenos raros, sem contudo supormos que eles sejam prognósticos de sucessos faustos ou infaustos. Reconhecemos a possibilidade e existência de milagres; mas, excetuando aqueles, que são atestados nas escrituras canônicas, em todos os mais requeremos provas superiores a toda exceção, e que sejam capazes de fundamentar a nossa convicção em tal matéria. Finalmente, não duvidamos chamar maravilhas da natureza, ou da arte, aquelas que, pela sua raridade, perfeição, formosura, ou singular artifício, merecem esse nome, e justamente excitam a nossa admiração. Na linguagem dos escri-

tores sisudos também se devem empregar os mesmos vocábulos com igual temperança, postas de lado as ridículas e afetadas hipérboles do gongorismo, com que no século XVII se aviltaram estas e outras expressões, aliás destinadas para significarem objetos dignos da nossa admiração".

828

MÍSTICO, espiritual; misticismo, misticidade; espiritualismo, espiritualidade. -Místico é tudo aquilo que se refere à consciência religiosa; ao que há de mais profundo na vida interior; ao que pertence mais à natureza contemplativa da alma humana que propriamente ao senso moral; ao que tem um certo caráter de misterioso porque envolve razão oculta, incompreensível. Vida mística; sentido místico, etc. – Espiritual diz propriamente "da natureza do espírito; inerente à alma; que se refere à função da inteligência; que nada tem de submisso ou de adstrito à matéria." - De misticismo e misticidade diz Laf. que são "disposições interiores dos místicos; isto é, dos filósofos ou dos devotos, cujo espírito imerge nas profundezas da contemplação divina ou dos mistérios da imortalidade. O misticismo é uma doutrina; a misticidade é uma qualidade. Um refere-se às opiniões; outro ao caráter. Os filósofos que professam o misticismo têm como adversários os racionalistas; a misticidade torna sonhador, contemplativo, e pouco próprio para os negócios. O misticismo sugere ideia de atividade especulativa: é uma convicção. A misticidade é um sentimento de que se está dominado e que nos leva a agir de uma certa maneira. Encontra-se a *misticidade* na alma das pessoas simples e ingênuas, cujo espírito não conhece, nem conhecerá talvez jamais as ideias do misticismo. O misticismo inclui-nos na escola, ou na seita dos místicos (dos filósofos místicos); a misticidade constitui o místico. Dir-se-á antes misticismo falando dos filósofos e dos teólogos, pois estes ocupam-se de teoria, de discussões e controvérsias; e misticidade falando das almas e dos livros piedosos, que são efetivamente, e de sua mesma natureza, místicos. Convém notar ainda que a misticismo se liga mais necessariamente a ideia de excesso. No livro das Maximes des Saints estabelece Fénelon uma boa e sã misticidade (S. S.)". – Distinguem-se do mesmo modo espiritualismo e espiritualidade -Espiritualidade = qualidade de espiritual; espiritualismo = doutrina, sistema filosófico oposto ao materialismo.

829

MODA, uso, voga. – Segundo Lac. – moda é um uso recente, que começa de novo a praticar-se, e que não se tornou ainda geral; logo que se torna geral, e continua a admitir-se e praticar-se, deixa de ter o nome de moda, e toma o de uso. Todo uso começou por ser moda. A calça larga foi moda, mas hoje é uso. Foi moda, e agora é uso, o cabelo cortado. A moda caracteriza-se pela novidade. O uso não se singulariza, nem se faz de nenhuma sorte reparável... – Voga é a concorrência excitada pela preferência que, por qualquer motivo, se dá a certos objetos, e a certas pessoas que os fazem, ou a certas lojas que os vendem, etc. É moda trazerem as senhoras vestidos largos e compridos; e está em voga a modista tal por ser a que os talha com mais graça. – Acrescentemos que voga inclui ainda ideia de vigor, ação, preferência, etc. Está em voga o princípio, a doutrina, o sistema, etc.

830

MODISMO, idiotismo. - Idiotismo (do grego idiotes "particular, peculiar") é - diz Bruns. – um modo de falar próprio e peculiar a uma língua, e que, por ser contrário à gramática geral, não pode ser traduzido

literalmente em nenhuma outra língua; tais são as expressões: ora diga lá; veja lá, etc. O modismo, que muitos confundem com o idiotismo, difere deste pela particularidade de opor-se o idiotismo apenas à gramática; enquanto que o modismo, não só não se conforma com a gramática, mas altera o próprio sentido dos vocábulos; por exemplo nas expressões: ele tem lá a sua aquela; fora com os chapéus! — nas quais os vocábulos aquela e fora têm um sentido que não é o que geralmente se lhes atribui.

831

MONACAL, monástico. – Não seria possível confundir sempre, quer dizer – em todos os casos, estas duas palavras. Dizemos, por exemplo: – vida monástica, referindo-nos à vida que se leva no convento ou no mosteiro; e – vida monacal, referindo-nos à vida dos monges, à vida própria dos monges ou dos frades. – Monástico refere-se, portanto, ao mosteiro; monacal refere-se ao monge.

832

MONÓLOGO, solilóquio. — Um homem que reflexiona consigo mesmo, que fala só para si, está em, ou faz solilóquio. O solilóquio é, portanto, o discurso que ninguém ouve, a não ser o próprio que o diz. — O monólogo supõe-se que é ouvido por alguém; que é feito mesmo para que alguém o ouça. É, pois, uma espécie de solilóquio, porque é também um só que fala, mas ouvido por outrem.

833

MONTANHA, monte, serra; serrania, cordilheira; colina, cerro (cerrote), outeiro, morro, lomba, lombada. – Têm de comum estes vocábulos a significação de porção de terra mais ou menos elevada, sendo monte o gênero e os outros as diferenciações. – Monte é, pois, toda elevação de terra que se

destaca do solo circunjacente, "com declive mais ou menos rápido, mas sempre bastante sensível". - Montanha é "o monte de grandeza considerável", e que se distingue tanto pela amplitude como pela elevação. - Serra, como define Lac., é "uma montanha prolongada, com vários cabeços e picos, que semelham de algum modo e fazem lembrar a serra do carpinteiro, circunstância da qual parece ter-lhe vindo o nome". Se a serra se ramifica muito, e tem extensão descomunal, toma o nome de serrania. - Cordilheira (ou cadeia de montanhas) é "uma vastíssima extensão de serras que parecem encadeadas umas nas outras". - Morro é "um monte não muito alto e de suave declive". - Outeiro (ou oiteiro) é um pequeno monte, ou um monte de elevação ainda menor que a do morro. -Colina distingue-se de oiteiro por sugerir a ideia de terra fecunda e lavrada. - Cerro é "um pequeno monte penhascoso e abruto". - Lomba é colina de menor elevação, porém de mais amplitude e mais suave. É também o dorso ondeado da colina. - Lombada é "uma série de lombas, ou uma lomba que se estende demais". - Exemplos: - as montanhas da Suíça; - o monte Atos, o Ararat; - a serra da Prata, a serra da Estrela; as serranias que formam a cordilheira dos Andes; - a colina de Sião; - o oiteiro da Glória; - o morro do Pinto; o cerro, ou o cerrote do Dedo de Deus, em Copacabana; – as lombas da savana.

834

MONTANHOSO, montuoso; montanheiro, montanhês, montanhesco, montano, montaraz, montês, montesinho ou montesino; montígeno, montívago. — De todos estes vocábulos, escreve Bruns.: "Montanhoso e montuoso dizem-se do solo. O solo montanhoso é aquele que está muito acima do nível do mar e que é quebrado; o solo montuoso é o que se compõe de montes, vales, colinas, etc. Quanto aos outros vocábulos

deste grupo diremos: - Montanheiro é termo a que se deve preferir montanhês = que vive nas montanhas (referindo-nos a pessoas), e montês, que tem igual significação, falando-se dos animais. – Montanhesco significa 'relativo a montanha' (com ares ou com proporções de montanha). - Montano usa-se apenas em composição: trasmontano, cismontano, etc. - Montaraz significa 'bravio ou silvestre'. - Montesinho ou montesino diz-se do que é próprio dos montes ou das montanhas. - Montígeno diz-se do que é produzido nos montes ou nas montanhas; e montívago, do que vagueia pelos montes".

835

MUNDO, universo, orbe. - Tratando de mundo e universo é Roq. mais completo que S. Luiz. "Chama-se mundo e universo" – diz ele – "o céu e a terra considerados como um todo. A palavra universo conserva sempre esta significação; porém a palavra mundo tem muitas acepções diferentes. - Universo é uma palavra necessária para indicar positivamente este conjunto de céu e terra, sem relação com as outras acepções de mundo. - Mundo toma-se particularmente pela terra com suas diferentes partes, pelo globo terrestre; e neste sentido se diz: 'dar volta ao mundo': o que não significa dar – volta ao *universo.* – Mundo toma-se também pela totalidade dos homens, por um número considerável deles, etc.; e em todas estas acepções não se compreende mais que uma parte do universo. – Universo, ao contrário, é uma palavra que encerra, debaixo da ideia de um só ser, todas as partes do mundo, e representa o agregado de todas as coisas criadas, com especial relação à natureza física. Diz-se que Jesus Cristo remiu o mundo; mas não - que remiu o universo; o velho e o novo mundo, e não - o velho e o novo universo; neste mundo, isto é, na terra, nesta vida, e não – neste universo, porque não há senão um e mesmo universo". – Só figuradamente pode aplicar-se a palavra universo fora dessa rigorosa significação, ou sem atenção a ela. – Dizemos, por exemplo: – o universo moral; em psicologia estamos em presença de um universo novo, para significar, no primeiro caso – a totalidade das leis morais; e no segundo – as novas noções a que ascende a consciência humana à medida que vai desvendando no universo coisas que nos têm parecido misteriosas. – Orbe toma-se pelo mundo, e refere-se mais particularmente à superfície do globo, dando ideia da sua amplitude. Em todo o orbe não se encontrou nunca uma alma em cujo fundo não estivesse a ideia de uma justiça eterna, isto é, superior às contingências do mundo. - Mundo, neste exemplo, significa portanto - a comunhão dos homens, a consciência humana – móvel no tempo e no espaço; enquanto que orbe diz toda a superfície do nosso globo.

836

MÚTUO, recíproco. – Mútuo – diz S. Luiz - "é precisamente o que se faz de uma parte e de outra. – Recíproco é o que se faz de uma parte e de outra, em recompensa. - Mútuo exprime a simples ideia de dar, e de receber de ambas as partes: esta troca de ações é voluntária e livre. - Recíproco exprime a ação de dar ou fazer de uma parte conforme se tem dado ou feito da outra: esta reação é devida e exigida. Se duas pessoas que se avistam a primeira vez sentem inclinações uma para a outra, esta amizade, ou amor, ou simpatia é mútua. Se uma pessoa faz à outra algum obséquio, favor, ou serviço, e a outra lhe torna em recompensa outro serviço, favor, ou obséquio, a relação que daqui resulta entre as duas é recíproca. Os amigos fazem uns aos outros obséquios voluntários, desinteressados, mútuos. Os amos e os criados satisfazem uns a respeito dos outros obrigações devidas, exigidas, recíprocas".

837

NÁIADE, ninfa, tágide, dríade, napeia, sereia, uiara. – Náiades eram, na mitologia grega, os gênios, as semideusas que guardavam as fontes, os lagos, os rios. – As ninfas guardavam os prados, os bosques, as montanhas. – Presidiam também aos lucos e às campinas as napeias e as dríades, mais esquivas que as ninfas. – Tágides eram as ninfas do Tejo das quais disse o grande vate:

E vós *Tajides* minhas, pois creado Tendes em mim um novo enjenho ardente...

- Sereia era uma ninfa do mar... "metade mulher metade peixe, cujo canto era tão suave e melodioso que atraía os navegantes para os escolhos do mar da Sicília, onde naufragavam e morriam". - Uiara é dos nossos mitos indígenas um dos que, lá para o norte, subsistiram e se fizeram "mais populares no Brasil histórico". Segundo Gonçalves Dias, "a Uiara, ou mãe d'água, ou espírito d'água, é uma bela mulher, de longos cabelos de oiro, cuja voz e cujo olhar fascinam e atraem para a água, principalmente as crianças. A Uiara habita palácios e cidades encantadas no fundo dos rios e dos lagos, para onde arrebata as criaturas que seduz".

838

NAVAL, náutico. – Dizemos – tática naval; – guerra, combate naval; – arte, ciência, instrumento náutico. Este adjetivo refere-se, portanto, à arte de navegar, à navegação; enquanto que naval se refere aos navios.

839

NECESSÁRIO, preciso, forçoso, conveniente, indispensável, útil, urgente. – "Necessitar indica maior urgência que precisar"; daí a diferença entre necessário e preciso.

- Necessário exprime necessidade; e preciso exprime pouco mais que conveniente, pouco menos que necessário. Conveniente diz apenas – "que é de desejar, que será acertado, que está no interesse de..." - Forçoso sugere ideia da força, do império com que se impõe a coisa, de que se trata. - É necessário trabalhar para viver. É preciso que se não falte à repartição amanhã. - É forçoso dispensar um empregado tão pouco assíduo. – É conveniente não sair sem necessidade quando chove. - Indispensável = "que é absolutamente necessário; aquilo sem que não é possível passar". "Tenho menos que o necessário, pois conto apenas com o indispensável para não morrer de fome" - Útil = "que convém no momento; que serve para alguma coisa; que em certo caso é de proveito". - Urgente = "que convém, que é necessário e até indispensável no instante preciso".

840

NÓS, nós outros. - Há muitos escritores que julgam escusada esta forma nós outros, entendendo que isso é muito exclusivo do castelhano; mas bem se vê que sem resquício de razão, pois em grande número de casos não seria absolutamente possível prescindir do restritivo outros no pronome. Escreve, portanto, Lac. muito bem a propósito: – "Nós diz-se em sentido absoluto: nós escrevemos, nós trabalhamos. – Nós outros diz-se em sentido relativo; supõe classes diversas de pessoas, e refere-se àquela à qual pertence o que fala, com oposição ou exclusão das outras, podendo a exclusão ser clara, ou havendo de subentender-se: Vós ides passear; nós outros ficamos trabalhando. Nesta frase a oposição é clara, mas deve subentender-se a exclusão na seguinte: Nós outros que nos dedicamos ao estudo, nem por isso temos mais estimação". O mesmo havia dito Roq.

NOTÓRIO, público, manifesto. – Público, segundo Alv. Pas., "vem de ple multidão"; e daqui se formou plebs "plebe, vulgo". Tomado adjetivamente aplica-se a objetos conhecidos de muita gente. - Manifesto é o que está em modo de ser conhecido por todos; manifestar é tirar das trevas. - Notório é o que é bem conhecido, e com certeza: o notus dos latinos quer dizer tanto como isso. Notório tem uma significação bem definida em direito: a notoriedade faz prova. O que é notório conhece-se tão bem que é indubitável. – Público é o que todos sabem ou conhecem; mas este vocábulo só marca a extensão do conhecimento, e não estabelece a certeza da coisa conhecida, o que é próprio de notório. – Manifesto é o que, tendo saído das trevas que de algum modo o envolviam, está bem à mão (manus) para ser conhecido. A coisa manifesta não está oculta; a notória não é incerta; e a pública não é secreta – é sabida por todos.

842

NOVO, recente. – Novo é aquilo "que não tinha ainda acontecido, ou não tinha sido inventado, ou de que não havia notícia; e também o que não tem tido uso, ou que tem sido mui pouco usado. Recente exprime precisamente o que sucedeu há pouco tempo; o que ainda está flagrante, ou sucedeu de fresco. Uma lei é nova, quando se promulga pela primeira vez; um invento é novo, quando dantes não era conhecido, ou não havia notícia dele; um vestido é novo, quando ainda não teve uso, ou só muito pouco uso tem tido. A lei é recente, quando foi promulgada há pouco tempo. O invento é recente, quando há pouco tempo que começou a ter voga, ou a ser conhecido do público. O vestido é recente, quando está feito de fresco. Novo parece que se refere à substância (por assim dizer) da coisa, do fato, ou do sujeito; e recente, à sua data. A revolução francesa oferece-nos muitos exemplos recentes, dos terríveis efeitos das paixões humanas, quando são violentamente agitadas pelas comoções públicas; mas nenhum destes exemplos é novo na história das nações. A doutrina do magnetismo animal é recente na Europa; mas muitos dos fenômenos, em que ela se funda, nada têm de novos".

843

OBLAÇÃO, oferenda, oblata, oferta. - Segundo Roq. – todas estas palavras vêm do verbo latino offero "oferecer"; porém diferençam-se em que oferenda é aquilo que se oferece a Deus, a seus santos, a seus ministros; e oblação não se diz senão da oferenda que se faz com certas cerimônias estabelecidas pela Igreja. A oferenda do pão e do vinho no sacrifício da missa é uma oblação. Os presentes que os católicos fazem ao altar em proveito dos sacerdotes, ou das igrejas, são oferendas e não oblações. "Toda oblação é pois oferenda, mas nem toda oferenda é oblação". -Oblata é aquilo que se oferece a Deus, ou aos santos. Distingue-se de oblação em significar propriamente a coisa que se oferece; enquanto que oblação é mais o ato de oferecer. "No momento da oblação..." (no momento em que o celebrante oferece o pão e o vinho). "Aquela oblata da inocência há de comover ao Senhor". – Oferta distingue-se de oblata em ser coisa que tanto se pode oferecer a Deus como a outro ente. "Dou--lhe esta flor como oferta do meu coração". "A esmola é mais oferta feita a Deus que ao pobre".

844

OCO, vazio, côncavo, vão, vácuo. — Os três primeiros vocábulos deste grupo "são sinônimos quando exprimem a ideia de corpo escavado, ou em que se nota um espaço no qual falta matéria líquida ou sólida. Côn-

cavo designa uma qualidade, ou uma circunstância própria da figura determinada do corpo; é oposto a convexo. - Oco é puramente a negação da solidez do corpo, seja qual for sua figura. Assim, côncavo e oco diferem; pois que um corpo, cujas superfícies internas forem planas, é oco, e não é côncavo. - Vazio supõe uma negação acidental daquelas coisas que o corpo oto pode ou costuma conter, e não contém atualmente; e nisto bem difere de oco, vocábulo que, como vimos, supõe uma negação positiva, não do que pode conter distinto da sua matéria, mas da sua própria matéria, por cuja falta lhe não compete a propriedade da solidez. É oco um balão de vidro, porque está construído de modo que só tem a matéria suficiente para formar sua superfície esférica; e sempre será oco seja qual for a forma de sua superfície interna – quadrada ou côncava. Vazio só tem relação com o que costuma ou pode conter o corpo; côncavo tem relação com a forma, e oco tem relação com o espaço. Uma borracha de goma elástica é oca, côncava, e pode estar vazia: enchendo-a de água, deixa de estar vazia; apertando-a convenientemente para lhe dar uma figura angular, deixa de ser côncava; e comprimindo-a até que sua superfície interna se toque por todos os pontos, deixa de ser oca". - Vácuo é mais termo científico, e exprime precisamente a completa ausência do próprio ar. Por extensão aplica-se também por vazio, para significar o espaço desocupado, a ausência de outra matéria que não seja o ar. "Perdem-se na vácua imensidade..."

845

OMITIR, suprimir, cortar, elidir, eliminar, cancelar. — Omite-se alguma coisa quando se deixou de indicá-la, de incluí-la, de mencioná-la. Suprime-se alguma coisa quando se retira essa coisa do lugar em que estava com outras. — Corta-se quando se suprime

separando, rescindindo, como destacando porção de alguma coisa por meio de instrumento de gume. Elide-se quando se suprime para abreviar. — Elimina-se quando se risca, se põe fora, se exclui ou se faz sair. — Cancela-se quando se risca, e se apaga, para que não tenha efeito, para que fique como se nunca tivesse existido. — Contou-me a história omitindo o nome do herói. — Suprimiu da relação o nome do mais digno. — Cortou do artigo muita coisa inútil. — Elidiu da frase aquela letra. — Foi eliminado do clube por indigno. — Cancelou-se a nota por injusta.

846

ONDA, vaga, vagalhão, escarcéu, marouço. - Onda dizemos da forma ondulada que a água toma ao mover-se, elevando--se e baixando-se sucessivamente. O vento forma ondas no mar, nos lagos, nos rios, e até nos tanques. Não inclui, portanto, esta palavra nenhuma ideia de violência. Não obstante, como a língua portuguesa carece de vocábulo que por si só designe os montes de mar que com violência se arrojam de encontro aos navios ou à costa, é com este termo onda modificado que se exprimem as ideias que dele derivam: as ondas vêm beijar a praia; ondas preguiçosas, impetuosas, alterosas, furiosas, etc. - Vaga é a onda, de mar ou de lago, que se considera quanto ao seu grande volume, não propriamente quanto à violência. - Vagalhão é a grande vaga, a vaga do mar irritado, a qual excede em volume às que a precederam. - Escarcéu é o cume espumoso das grandes vagas muito agitadas. - Marouço, termo pouco usado, é um coletivo que designa quantidade de montes de ondas que se notam numa paragem. (Bruns.)

847

ONZENA, usura. – Usura, segundo Lac., "designa em geral o lucro avantajado que se tira do uso de alguma coisa, e especial-

mente de negociação, ou de dinheiro que se empresta a outrem. Assim, pois, usura compreende a ideia de toda sorte de lucro, mesmo legítimo. - Onzena, porém, significou sempre lucro excessivo, imoderado, ilegal. O vocábulo usura acha-se muitas vezes empregado em bom sentido; porém onzena não se acha nunca empregado senão em mau sentido. Hoje a palavra tem a significação que se dava dantes à palavra onzena, tendo esta caído em desuso, e já não se empregando no estilo mercantil."

848

OPÇÃO (optar), escolha (escolher), preferência (preferir). – Exprimem de comum estes vocábulos a ideia de manifestar preferência por uma entre duas ou mais coisas. Mas a **opção** é ato que tem alguma coisa de jurídico; e quando entre dois ou vários empregos tem a mesma pessoa de declarar qual deles quer exercer, não se diz que escolhe, mas que opta por este ou por aquele. De optar decorrem, neste caso, consequências de direito: a opção feita é uma escolha definitiva. De uma variedade de frutas escolho (não - opto) as que mais aprecio. "Eu vos escolhi do mundo" – disse Jesus aos seus (e não – vos optei). F. optou pelo cargo menos rendoso, porém mais brilhante (não - escolheu). A lei reconhece o direito de opção quanto à nacionalidade aos estrangeiros que... etc. (e não - direito de escolha). - Preferência = "ato de preferir; isto é, de querer antes uma que outra coisa".

849

OUTREM, outro. – Há uma perfeita distinção entre estes dois vocábulos, por mais frequentemente que na prática vulgar se confundam. A diferença essencial que os separa consiste em que: outro se aplica, ou é aplicável, como determinativo, isto é, para determinar quer coisa, quer pessoa; e outrem só tem função pronominal, e só se aplica em relação a pessoas. "Outro tem as formas adjetivas, e deve por isso mesmo ter claro, ou subentendido, um nome substantivo, a que se refira a sua significação; v. g.: vi outro homem; plantei outra árvore; liguei um metal com outro. Outrem não precisa de nome algum que o determine, porque ele mesmo leva subentendido o substantivo homem, e até parece ser uma contração de outro homem. Assim dizemos, por exemplo: - qual de nós tem razão, outrem o julgará; – quando eu cheguei, já outrem tinha tomado o lugar; - vós direis isso, e outrem dirá o contrário (isto é, em todos estes casos, outro homem, ou outra pessoa). Outro usa-se em ambos os números, e gêneros; outrem só no singular, sem designar gênero, podendo aplicar-se a qualquer. A mesma diferença há respectivamente entre alguém e algum; ninguém, nenbum".

850

PAGA, pagamento, salário, ordenado, mensalidade, soldo, soldada, vencimentos, honorários, estipêndio, remuneração, retribuição. - Segundo Bruns.: Paga é o termo genérico de que os outros vocábulos do grupo são espécies. Tudo o que se recebe em troco de um serviço prestado, ou de um objeto cedido por venda, é paga. Esta palavra é relativa a quem recebe; e nisso diferença--se de pagamento, que é a paga considerada com relação a quem a dá. Assim é que se diz: a paga está certa; fazer os pagamentos em oiro. – Salário é a paga que se dá a quem trabalha manualmente, ou presta serviços familiares: não se deve reter o salário do trabalhador. - Ordenado é a quantia que mensal ou anualmente se paga a quem presta qualquer espécie de serviços, não completamente servis: cozinheiros, empregados, etc. recebem ordenados. – Mensalidade é o ordenado que se dá aos professores. - Soldo é a paga do militar. Soldada é o ordenado dos

serviçais. - Vencimentos quer dizer - o ordenado dos que prestam serviços liberais: ministros, empregados superiores, etc. recebem os seus vencimentos. - Honorários difere de vencimentos em serem estes pagos mensal ou anualmente; ao passo que os honorários são a remuneração de um serviço completo: os médicos, os advogados, etc. recebem os honorários que lhes são devidos pelo serviço prestado. - O estipêndio é uma quantia fixa, dada de superior a inferior, de quem manda a quem obedece, de quem protege a quem é protegido. - Remuneração e retribuição são termos de significação geral com que se designa o ato de recompensar algum serviço, e também a própria recompensa. Remuneração é propriamente a ação (ou o efeito) de dar o estipêndio devido, gratificar, fazer paga por algum serviço. Retribuição sugere ideia da justiça ou perfeita equidade com que é feito o pagamento, como se a pessoa que paga correspondesse, com a precisa exação, aos serviços que lhe foram prestados.

851

PÁGINA, lauda, folha. - Folha é a porção de tela, ou de lâmina considerada nos dois lados ou superfícies. Uma folha de papel apresenta duas laudas; uma folha de livro compreende duas páginas. Entre página e lauda a distinção é mais vaga. Ainda assim, em grande número de casos não seria possível confundi-los. Este livro tem páginas belíssimas. Neste exemplo, não seria permitido substituir páginas por laudas, nem por folhas. Dizemos: uma lauda de papel; escrevi até encher a lauda (e não – uma página de papel; nem – escrevi toda a página). Não se diz - lauda de um livro. - Página refere-se, portanto, ao que se encontra na lauda. Mesmo quando se diz – página em branco, o que se quer é marcar a estranheza com que entre as páginas há uma simples lauda. Entre página

e folha poderia haver confusão em alguns casos; neste por exemplo: Procure a folhas tantas; ou — Procure à página tal. Em regra, para clareza, aumenta-se à folha o restritivo verso (ou reverso em alguns casos): folha tal verso (isto é — a folha vista ou entendida pela lauda oposta à da frente). Por último: página sugere ideia de número de ordem, tanto como a de quantidade: a página 50 deste livro; um livro de 800 páginas. Não se usa dizer — um livro de 200 laudas; como não se usa dizer — uma carta de 5 páginas.

852

PALPÁVEL, visível, sensível, perceptível, táctil. - Palpável é o que se sente pelo tacto; e, no sentido translato, é o que está tão claro, que é tão real que é como se pudesse ser palpado. - Visível é o que se percebe pelo sentido da vista, o que "entra pelos olhos", como se diz. - Sensível é o que se pode perceber imediatamente por algum dos sentidos. -Perceptível sugere ideia de que a faculdade que percebe é mais alta que o simples sentido. Não se diz, por exemplo, que as rugas ou asperezas de uma superficie são perceptíveis (mas – que são sensíveis). Ninguém diz que a verdade ou a profundeza de um conceito é sensível (mas – que é perceptível). Percebe-se propriamente com a inteligência; sente-se com os sentidos. - Táctil difere de palpável em só poder aplicar-se no sentido natural. Propriamente, táctil diz – que pode ser apalpado; ou então – relativo ao tacto.

853

PARALOGISMO, sofisma. – Paralogismo é – diz S. Luiz – "um raciocínio falso, ou uma argumentação viciosa, que se faz por erro do entendimento. – Sofisma é uma argumentação falsa, que se faz de propósito maliciosamente e com artificio, para enganar. É propriamente uma argumentação capciosa e insidiosa. O paralogismo emprega talvez

princípios falsos como verdadeiros, ou proposições incertas como demonstradas; e talvez erra no modo de deduzir as consequências; mas quem faz paralogismo engana-se a si, antes de enganar os outros; cuida, por erro, que discorre bem, que tem achado a verdade. O sofisma arranja com tal artifício os princípios, os termos das proposições, e a ordem do discurso, que vem a tirar consequências falsas. Mas quem usa do sofisma quer de propósito enganar os outros. O paralogismo nasce dos nossos erros: é um efeito da fraqueza do entendimento humano. O sofisma nasce da malícia, e da má intenção: é um efeito do interesse que temos de enganar e iludir aqueles a quem falamos."

854

PARELHA, junta, par, casal. – Ideia de dois indivíduos – é a que enunciam de comum estes vocábulos. - Parelha só se diz de animais de tração ou de corrida. - Junta só se emprega tratando-se de bois de tração ou de tiro. - Par é mais genérico que os precedentes; e tanto se aplica em referência a coisas como a indivíduos, e mesmo a pessoas. Par elegante (marido e mulher); par de sapatos, de luvas; par de vasos, etc. - Casal também se emprega tanto em referência a pessoas, como a certos animais: um casal que vive como Deus com os anjos; alguns casais de chins; casal de coelhos; casal de patos. E até se usa dizer - casal de xícaras.

855

PENA, saudade. – É Roq. quem se vai sair da grande responsabilidade de haver juntado como sinônimos estes dois vocábulos. "A palavra saudade" – diz ele – "que os antigos escreviam soidade, ou suydade, de soledade, é tão singular, e exprime uma ideia tão complexa e um sentimento tão mimoso que não tem, rigorosamente falando, sinonímia com nenhuma outra; há, contudo, entre ela e pena um ponto de contato que mui discretamente notou um ilustre escritor português". Pena é a impressão que faz o desgosto em nosso ânimo; é uma mortificação que nos penaliza, mas vagamente, e sem os afetos complicados que a saudade produz. "A palavra saudade" – diz Garrett numa erudita nota ao seu Camões - "é, porventura, o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa língua. A ideia, ou sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa". Mal sabia o ilustre poeta contemporâneo, quando isto escrevia, que quatro séculos antes dele havia exprimido a mesma ideia um sábio rei português. Diz o senhor d. Duarte, no Leal Conselheiro (p. 151): "E porém me parece este nome de suydade tão próprio, que o latim, nem outra linguagem que eu saiba, não é pera tal sentido semelhante". E entrando a defini-la diz: "Suydade propriamente é sentido (sentimento) que o coração filha por se achar partido (apartado, separado) da presença de alguma pessoa ou pessoas que muito por afeiçom ama, ou o espera cedo de ser; e isso medes (assim mesmo) dos tempos e lugares em que por deleitação muito folgou; digo affeiçom e deleitaçom, porque som sentimentos que ao coraçom pertencem, donde verdadeiramente nace a suydade, mais que da razão nem do sizo". D. Francisco Manoel exprimiu a mesma ideia dizendo: "A quem somente nós sabemos o nome, chamando-lhe saudade." E não se contentou com isto, senão que deu a razão porque isto assim é, descrevendo a saudade nesta elegante e suave linguagem: "Floresce entre os portugueses a saudade por duas causas, mais certas em nós que em outra gente do mundo; porque d'ambas essas causas têm seu princípio. Amor e ausência são os pais da saudade; e como o nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionam as maiores ausências, daí vem que onde se acha muito amor e ausência larga, as saudades sejam mais certas; e esta foi sem falta a razão por que entre nós habitassem como em seu natural centro... É a saudade uma mimosa paixão da alma, e por isso tão subtil que equivocamente se experimenta, deixando-nos indistinta a dor, da satisfação. É um mal de que se gosta, e um bem que se padece; quando fenece, troca-se a outro maior contentamento, mas não que formalmente se extinga; porque, se sem melhoria se acaba a saudade, é certo que o amor e o desejo se acabaram primeiro. Não é assim com a pena; porque, quanto é maior a pena, é maior saudade, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; conforme sucede aos rios impetuosos conservarem o sabor de suas águas muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento. Pelo que dizemos que ela é um suave fumo do fogo do amor, e que do próprio modo que a lenha odorífera lança um vapor leve, alvo e cheiroso, assim a saudade modesta e regulada dá indícios de um amor fino, casto e puro. Não necessita de larga ausência; qualquer desvio basta para que se conheça" (Epan., p. 236). Nem o desiderium latino; nem o souvenir ou o regret francês podem comparar-se com a mimosa saudade portuguesa; há, contudo, uma expressão francesa que de algum modo arremeda este nosso vocábulo, que é le souvenir du cœur. Camões sentiu bem o que era a saudade quando disse:

Agora a saudade do passado, Tormento puro, doce e magoado, Que converter fazia estes furores Em magoadas lágrimas de amores.

(Canc. XI)

856

PERCEPÇÃO, sensação, sentimento. – Segundo Bourg. e Berg. "estas três palavras

exprimem efeitos diferentes produzidos na alma pela impressão dos objetos. Antes de tudo, é preciso estabelecer uma profunda distinção entre a sensação e o sentimento de um lado, e a percepção do outro. As duas primeiras referem-se às faculdades da sensibilidade e da afetividade; a terceira, às faculdades intelectuais. A percepção é o ato pelo qual o espírito tem uma vista dos objetos exteriores (ou também das próprias sensações); pelo qual os recebe em si e os distingue; o seu efeito é o de instruir, e segundo essa vista for mais ou menos clara, ou mais ou menos confusa, fica-se tendo mais ou menos clara inteligência do objeto. Dizer que se tem a percepção de uma verdade, é dizer que a ideia dessa verdade entrou no espírito, e que este tem consciência dela. A sensação e o sentimento são modificações do espírito que sente uma mudança qualquer, seja boa ou seja má. Estes vocábulos diferem um do outro em várias circunstâncias. A sensação é propriamente a modificação, agradável ou desagradável, que os objetos nos causam ao ferir os sentidos, quando a impressão é levada ao cérebro pelos nervos; poder--se-ia dizer que é a percepção da impressão acompanhada de um efeito bom ou mau. A sensação tem, pois, sempre relação com uma ação exterior, posto que resulte de uma impressão dos sentidos; e, além disso, como cada sensação corresponde a uma impressão, a palavra sensação implica um efeito essencialmente momentâneo e passageiro: uma ameaça inesperada causa uma sensação de medo; uma pancada forte causa uma sensação de dor; o que é agradável ao gosto, ao olfato, produz sensações de prazer. O sentimento é, ao contrário, uma modificação duradoira, que provém indiretamente da impressão e da sensação, ou que tem a sua origem num trabalho interior do espírito afetado agradável ou desagradavelmente por uma causa, seja interna,

seja exterior: a vista de um belo quadro, a leitura de um belo poema causam um sentimento de prazer; a lembrança de uma boa ação, a consciência de um dever cumprido - causam um sentimento de satisfação. Do mesmo modo que as impressões contrárias produzem sentimentos opostos a esses. Esta distinção entre sentimento e sensação traz outra consigo; a saber: a que consiste em que sentimento é fenômeno de mais duração, ou antes, exprime a sensação considerada quanto à sua intensidade e mais longa duração: um sentimento de tristeza, etc." - Bruns., depois de haver traduzido o que precede, transcreve ainda um artigo da Academia Espanhola, do qual destacamos esta parte: "Por sentimento sempre se tem entendido, e sempre devera entender-se, toda modificação da parte afetiva da alma, e, por conseguinte, entram nesta categoria os apetites, os desejos, os afetos, as paixões. Em caso algum pode chamar-se sentimento à impressão dos objetos exteriores nos órgãos; esta impressão não pode ter outro nome senão o que sempre lhe deu a filosofia; a saber: sensação. O gozo, a ira, a ambição, sentimentos; o frio, o calor, o ruído são sensações."

857

PERPENDICULAR, vertical. - Uma linha pode ser perpendicular a outra, qualquer que seja a posição dessa outra; mas uma linha só está em posição vertical quando está a prumo, isto é, perpendicular ao eixo da terra, ou ao plano do horizonte astronômico. Uma linha perpendicular a uma inclinada, a uma horizontal, a uma vertical; uma perpendicular a outra perpendicular. A perpendicularidade indica, portanto, relação certa de uma com outra linha. A verticalidade indica posição certa de uma linha. À linha perpendicular só se pode opor uma inclinada ou oblíqua; à vertical opõe-se a horizontal.

858

POETA, vate. – A origem da poesia (diz Alv. Pas. melhor do que outros) remonta muito longe; e creem alguns que fora inventada para louvar a Deus; e que existia muito antes de Moisés. Os poetas daqueles remotos tempos costumavam recitar os seus versos, tendo na mão uma vara de loureiro; cerimônia esta usada também pelos que prediziam o futuro, ou adivinhos: e daí parece que veio a denominação comum de vates; porém há poetas que, bem longe de conhecerem o futuro, desconhecem as mesmas coisas presentes, e que se não podem por isso apelidar vates. Poeta é o que faz obra de poesia. Deriva a palavra de um nome grego que significa "fazer e fingir" duas propriedades da poesia. - Poeta é o que celebra feitos em poesia; é o cantor facundo do apolíneo coro. - Vate, ainda que muitos pretendam que derive de vi mentis, é, contudo, próprio de quem sonda os arcanos do porvir: é o que, inspirado e cheio do furor de Apolo, prediz acontecimentos na linguagem sublime da poesia. É do vate que escreveu Ovídio este verso:

Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.

No mesmo sentido o tomou Camões na Eclog. VI, quando disse:

Verá que os moços pescadores eram, Que o escuro enima ao vate deram.

O vate é o

Intérprete da voz onipotente Que o distante futuro tem presente.

859

POESIA, poética. – São de tal modo distintas estas palavras que nem aqui as agruparíamos se já não figurassem entre os nossos sinonimistas. - Poética designa, segundo um dos mais recentes, a coleção de regras, segundo as quais os poetas, isto é, os homens que nascem com propensão para a poesia, fazem as suas composições. Assim é que dizer **poética** vale tanto como dizer — arte do poeta. — **Poesia** é o produto de tais regras postas em execução pelo gênio do poeta. De propósito se diz — pelo gênio, e não — pelo talento do poeta, porque o poeta nasce, não se faz; pode aperfeiçoar-se observando as regras, mas não pode fazer-se poeta a si mesmo, se a natureza o não tiver feito.

860

PONTÍFICE, prelado, bispo, sacerdote. -Pontífice é hoje – diz Bruns. – como sempre foi, o sacerdote que dirige o culto, e exerce suprema inspeção sobre os outros sacerdotes. No catolicismo só se diz do Papa. - Sacerdote é qualquer padre - seja qual for a sua jerarquia – no exercício das suas funções, e só em relação a essas funções. Quando se diz: sacerdote indigno, tem-se apenas em vista a indignidade do padre em exercer as funções do seu ofício. - Prelado é título jerárquico que apenas se dá aos mais altos dignitários da igreja católica: cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos, chefes de ordens religiosas regulares, núncios, legados, abades e priores de certos mosteiros, etc. Este vocábulo, repetimos, é relativo apenas à jerarquia do eclesiástico. - Bispo é o prelado que tem a seu cargo a direção espiritual de uma diocese.

861

PORQUE, pois que, pois, que. – Todas estas palavras servem para explicar a razão do que se diz. – Porque não só indica certeza, mas enuncia causa, razão, motivo mais direto que o enunciado pelos outros. Fico porque não posso ir. Não compro porque não tenho dinheiro. – Pois que explica como natural, provável, usual o que se afirmou

ou negou. Não recitarei o soneto se me não animarem; pois que nem todos têm a coragem daquele rapaz... – Pois está no mesmo caso; e parece sugerir ainda uma explicação ou uma conclusão menos imediata, mais vaga, menos positiva. Não farei o que me pedes, pois para tanto não tenho autoridade. Nota-se que a relação conjuntiva enunciada pelo precedente pois que (sendo mais vaga ou mais frágil que a expressa pelo primeiro do grupo porque) é mais forte e mais direta que a enunciada pelo vocábulo pois. - Que também se emprega com a significação dos demais do grupo. Não irei; que em casos tais o melhor é não ser apressado. Não posso dizer-lhe; que nem sempre se deve ser franco. Farei o que me ordena; que para isso estou desde muito preparado.

862

POSSUIR, ter. - Temos aquilo que nos pertence; possuímos o que é nosso e de que estamos de posse. Para ter, segundo Alv. Pas., não é necessário poder dispor de uma coisa, nem mesmo que ela esteja atualmente entre nossas mãos ou sob a nossa guarda direta; basta que essa coisa seja nossa. Para possuir é necessário, se não rigorosamente que a coisa esteja em nossas mãos, pelo menos que tenhamos o poder atual de dispor dela. Um homem pode ter muito dinheiro, e não o possuir propriamente, se o tiver emprestado: este homem não é senhor do seu dinheiro, não pode dispor dele, porque o não possui, apesar de o ter. Em suma: ter é ser dono, proprietário, senhor; possuir é estar de posse ou na posse.

863

POSTERIOR, ulterior, seguinte, subsequente, subsecutivo. – Posterior dizemos do "que é, ou do que já foi com relação a outro fato ou circunstância anterior. – Ulterior dizemos do que há de vir, ou há de

ser com relação a outro fato ou circunstância que existe ou já existiu. - Seguinte é o termo que se emprega mais frequentemente que os outros deste grupo; e dizemos de tudo quanto vem depois de outra coisa da mesma espécie. - Subsequente é o que se segue imediatamente a outro e como decorrendo deste, ou como se fosse uma derivação ou mesmo uma consequência dele. - Subsecutivo é o mesmo que subsequente, com mais a ideia de não ter havido grande intervalo entre os dois atos ou circunstâncias".

864

POSTULADO, axioma. – Designam estas duas palavras "certas proposições que se enunciam como indubitáveis no princípio de alguma obra ou discurso, para delas nos servirmos a seu tempo em nossos raciocínios ou demonstrações; mas há entre elas uma diferença que se não pode esquecer. Postulado é uma proposição que pomos como certa, e pedimos que se nos conceda como tal, porque o adversário não tem meios de a negar. Axioma é uma proposição, que se dá como certa, por ser evidente de si mesma, e porque o adversário a não pode recusar. Postulado vem do latim postulare, que significa propriamente "pedir com direito a que se nos conceda o que pedimos". Axioma é vocábulo grego, que significa "dignidade, autoridade": enunciado, portanto, que tem autoridade em si mesmo; que é digno de fé; enunciado ou proposição por excelência. O postulado é uma proposição que talvez se demonstrou em outro lugar, ou que de tal modo é recebida e reconhecida por todos que ninguém a deve pôr em dúvida. O axioma é uma proposição que não precisa de demonstração, porque - entendidos os termos – não se pode duvidar da sua verdade. Quem impugna a primeira, ou há de duvidar de uma demonstração já feita, ou há de contrariar o consenso dos sábios. Quem impugna a segunda, ou não entende os termos, ou não reconhece verdade alguma nos conhecimentos humanos."

865

PRAVIDADE, perversidade, perversão, maldade, malignidade. - Pravidade (do latim pravitas, de pravus "torto") é propriamente "deformidade moral". Praticou, deu provas de enormes, incríveis pravidades. - Perversidade e perversão não se confundem: o primeiro enuncia uma qualidade, a de ser perverso; a segunda, perversão, significa o "ato de perverter", ou "o estado daquele que se vai pervertendo". A perversidade daquele bandido chegou a exceder a perversão geral em que está ou em que vai aquela terra. - Maldade designa a qualidade de ser mau, ou também a própria ação do mau. Pode-se dizer que este vocábulo abrange todas as qualidades e propensões cruéis, contrárias à natureza legitimamente humana. Substitui perfeitamente todos os do grupo. - Malignidade é uma certa maldade, mais propriamente maliciosa que cruel; que mostra intento, trabalho, esforço, e mesmo inteligência em ser malvado. Em coisas de espírito, por exemplo, uma maldade pode bem não ser verdadeira malignidade, desde que seja uma maldade estúpida ou grosseira.

866

PREÂMBULO, prefácio (prefação), proêmio, prólogo, introdução, prelúdio, introito, preliminar, prolegômenos, exórdio. - Preâmbulo diz em geral "o que precede, o que vem antes de começar-se propriamente o que se vai fazer". A explicação preliminar de um tratado ou de uma lei, ou de uma obra, são *preâmbulos*. – **Prefácio** é também o que se faz antes; mas tem sentido mais restrito, e quase que se não aplica senão tratando-se de livros. - Prefação é a mesma coisa. – Proêmio é palavra que vem do

grego, através do latim. O vocábulo grego é formado de pró + oimos "canto" (Ramiz Galvão - Voc.); e parece, portanto, que só devia aplicar-se como significando "exórdio de canto, de poema." Conquanto menos usado que a maior parte dos outros do grupo, emprega-se, porém, com o mesmo sentido de prefácio, ou "primeiras linhas". - Prólogo, em geral, isto é, aplicado a toda obra de espírito, é propriamente "discurso preliminar"; e em referência a obra dramática é o que precede ao primeiro ato da peça. - Introdução será um prefácio mais longo, dando o plano geral do texto, ou o histórico das ideias ou da matéria que vai ser tratada, mais propriamente quando a matéria é didática ou de natureza científica. - Prelúdio é, em geral, tudo que precede anunciando, tudo que prenuncia o que vai dar-se ou aparecer, e, tratando-se de produções do espírito, aplica-se como preâmbulo, prólogo, prolegômenos. - Introito diz propriamente "entrada, início, primeiras palavras sobre aquilo que se vai tratar ou fazer". - Preliminar, pela própria composição do vocábulo (pre + liminaris, de limen "soleira, porta, entrada"), significa "o que se diz, o que se faz antes de entrar no objeto principal". -Prolegômenos diz propriamente "primeiras noções, explanações gerais". - Exórdio é termo de retórica que designa "o princípio, ou a primeira parte do discurso".

867

PRECISAMENTE, justamente, positivamente, expressamente, formalmente. – Exprimem de comum estes advérbios "a ideia de acentuar bem o que se diz ou se faz". – Precisamente enuncia essa ideia com relação ao rigor ou cuidado com que se diz ou se faz alguma coisa sem nada de mais nem de menos; é, portanto, relativo ao sujeito que faz ou que diz de modo *preciso*, isto é – claro, exato, sem confusão. – **Justamente**

diferença-se de precisamente apenas em ser mais relativo ao objeto que ao sujeito. Digo precisamente o que me encarregaram de dizer, para bem cumprir o mandado. Digo justamente o que se me ordenou que dissesse, para não alterar o que me foi dito. Quando digo que alguma coisa sucedeu justamente como eu tinha previsto, refiro-me ao fato em si; e quando digo que sucedeu precisamente, refiro--me à perspicácia com que previ. - Positivamente digo alguma coisa quando a enuncio por termos claros e sem disfarçar nada do que sinto, ou sem deixar de expor toda a verdade, com muita franqueza. – Declaro expressamente quando enuncio por termos formais e expressos; e formalmente quando imprimo ao enunciado a forma própria.

868

PRECOCE, prematuro, temporão, antecipado. – Todas estas palavras têm de comum a significação de – que vem, que aparece antes do tempo próprio. - Precoce é o que se manifesta antes da idade própria por excesso de força vital, por exuberância de natureza. - Prematuro é, como indica evidentemente a formação mesma do vocábulo, "o que se manifesta antes de estar maduro"; e, portanto, aplica-se ao que vem antes do tempo oportuno. Dizemos - talento, gênio precoce (não - prematuro); velhice, morte prematura (não - precoce). - Temporão é "o que vem antes da estação própria, da época em que naturalmente devia vir; e quase que se aplica de preferência tratando-se de frutos". - Antecipado diz apenas – "o que se faz antes do tempo em que se devia fazer".

869

PRIMEIRO, primário, primitivo, primevo, primordial. – Segundo Lac. – primeiro é, em geral, o ser que está ou se considera à frente de uma série deles; é o que precede a todos em alguma das diferentes circunstân-

cias de tempo, lugar, dignidade, etc. - Primitivo é o primeiro ser de uma série com relação aos seus diferentes estados, ou com relação a outros seres que daquele se derivaram. - Primevo (como se vê da própria formação do vocábulo) refere-se ao que é da primeira idade, ou das primeiras idades. D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal. A disciplina que se observava nos primeiros séculos da Igreja chama-se disciplina primitiva. As leis por que se regia um povo nos primeiros tempos da sua organização social chamam-se ao depois lei primevas. - Entre primeiro e primário há uma distinção essencial que se pode marcar assim: o primeiro está em primeiro lugar, ou está antes de todos na série; marca, portanto, apenas lugar na ordem, e é por isso mesmo que quase normalmente reclama um completivo: F. é o primeiro na classe; os primeiros homens; o primeiro no seu tempo; o primeiro a falar. Enquanto que primário marca também o que vem antes de todos, o que está em primeiro lugar, mas com relação aos atributos, ou ao modo de ser dos vários indivíduos que formam a série ou que entram na ordem: diz, portanto, primário – "o mais simples, aquele pelo qual se começa". Ensino primário; noções primárias. – Primordial refere-se à época que precede a uma outra época e que se considera como origem desta. Período geológico primordial é o que precede ao primitivo. Neste já se encontram organismos: o primordial é azoico.

870

PROFANAÇÃO, sacrilégio. – "Profanação (do latim pro 'fora' e fanum 'templo') é propriamente um ato cometido contra a religião por um profano, isto é, por aquele que não tem o direito de entrar no templo, que está fora ou excluído do grêmio dos crentes. Consiste a profanação especialmente em não respeitar os lugares sagrados, e, por extensão, em atentar contra as coisas santas, quer por palavras, quer por ações. Pode, além disso, a profanação ser cometida tanto de propósito como inconscientemente: aquele que se porta sem a reverência usual numa igreja; o que aí profere uma blasfêmia, ou que pela sua compostura irregular escandaliza os crentes - comete uma profanação; os supersticiosos que aplicam objetos bentos a atos de feitiçaria - cometem profanações, ainda que obrem de boa-fé. O sacrilégio (do latim sacra 'coisas sagradas' e legere 'escolher, tomar') diz muito mais que profanação: constitui um ato de impiedade; é um crime que consiste em violar as coisas santas; e é principalmente sob o ponto de vista da grandeza do crime e da punição que é preciso considerar esta palavra. É sacrilégio pilhar um templo, quebrar imagens, destruir objetos do culto. Os cristãos consideram como um enorme sacrilégio calcar sob os pés a hóstia consagrada. As vestais que deixavam extinguir-se o fogo sagrado cometiam sacrilégio. O que furta objetos do culto comete sacrilégio". - Mesmo fora do sentido propriamente religioso conservam a sua significação estes dois vocábulos, e são frequentemente empregados para designar atos atentatórios da inocência, da moral, da justiça, da verdade, etc.

871

PROGÊNIE, progenitura, ascendência, linhagem, estirpe, raça, casta, família, sangue, casa, geração, genealogia, prosápia, prole, origem, posteridade. – Não sem proveito esforça-se Bruns. por estabelecer diferença entre as duas primeiras palavras deste grupo. O vocábulo latino progenies diz ele – era uma expressão nobre com que se designavam os "descendentes". Deste vocábulo derivam-se duas palavras portuguesas - progênie e progenitura, esta última por intermédio de progenitus. Faria e Moraes

consideram estas duas palavras como sinônimos perfeitos, designando "os filhos, os descendentes", de acordo assim com a etimologia, progenies. Os escritores, porém, e entre eles Garrett, empregam-nas, ora para designar a descendência, ora para designar ascendência. Este oráculo da língua diz algures: "Nome e sangue ignoro de tão bela senhora; mas por certo de alta progênie a tenho" –, referindo-se, portanto, aqui à ascendência da dama; noutra parte, porém, diz: "Com honra ao menos acabará minha progênie?" – aplicando aqui evidentemente progênie para designar a descendência. Temos assim uma mesma palavra para designar duas ideias opostas... Nós, ao inscrevermos estas duas palavras no Dicionário Ilustrado, e fundando--nos no sentido do prefixo pro, comum a elas, e no sentido de genus de progênie, e de genitus de progenitura, intentamos discriminálas deste modo: - "Progênie: Ascendência, origem, linhagem. Impropriamente: progenitura. - Progenitura: Descendência, filhos. Impropriamente: progênie. Estas definições estabelecem a nosso ver – mas só a nosso ver, repetimos – a sinonímia dos dois vocábulos: progênie designando a ascendência; e progenitura, a descendência". – Em outra parte, o mesmo autor: Raça é o termo mais usual para exprimir as qualidades morais da pessoa, comparadas com as dos seus ascendentes, e, sobretudo, quando as qualidades que se consideram são más. A casta é uma particularidade na raça; é a espécie considerada sob o aspeto da origem de que provém, dos caracteres que herdou. - Sangue tem muita analogia com raça; mas emprega--se de preferência para designar as boas ou as más qualidades que se destacam muito no caráter do indivíduo. Além disso, raça pertence neste sentido ao estilo familiar, e sangue ao elevado. Não obstante, também se diz: raça de heróis; vem de sangue plebeu. – Família diz-se da raça considerada quanto

aos membros que a compõem, ao seu lugar na sociedade, e também às suas qualidades morais. - Casa considera-se como família em relação aos membros que a formam; mas geralmente só se diz das famílias ilustres. - Linhagem e descendência designam os descendentes: linhagem, com relação ao tronco; descendência, com relação ao progenitor ou ao número. A linhagem de Abraão foram Isaac e Jacob; este último teve numerosa descendência. - Estirpe é a linhagem considerada como muito antiga e bem distinta; mas tanto pode empregar-se no bom como no mau sentido. "Tem a marca daquela estirpe degenerada"... "Do claro Afonso estirpe nobre e digna" (Camões). - Genealogia é a série dos antepassados de alguma pessoa que se tem por nobre; estudo da estirpe de alguém. - Geração é o conjunto das famílias ou pessoas do mesmo sangue. Por extensão aplica-se também para designar todos os homens de uma época. - Prosápia é a ascendência de alguém que se jacta de nobreza. - Prole é o conjunto dos descendentes de um tronco; todos os filhos de um casal. – Origem é o tronco de que provém uma geração, uma família, ou mesmo um indivíduo. – Posteridade é toda a série dos indivíduos ou famílias que procederam ou hão de proceder da mesma origem.

872

PRÓPRIO, mesmo. – Como adjetivos, estes dois vocábulos são empregados quase sempre indistintamente; e, no entanto, parece que é clara a diferença que se nota entre eles, pelo menos em casos como estes, por exemplo: "Irei eu *próprio* à sua casa" (quer dizer: irei eu em pessoa); "irei eu *mesmo*" (isto é – não irá, ou não mandarei outra pessoa).

873

PULO, salto, pinote, cabriola, pirueta, cambalhota, pincho. – Dos dois primeiros

diz Lac. - Salto é o movimento, feito com esforço, com que o corpo do homem, ou de qualquer animal, se levanta do chão inteiramente, para vencer de golpe uma altura, quer de baixo, quer para algum dos lados. - Pulo é o salto para cima, tornando a cair no mesmo lugar, ou próximo dele. "Salta o homem da janela abaixo; salta o cavalo, salvando um valado; salta o tigre para prear o homem que se acolhe a uma árvore, etc. Pula a pela caindo no chão; pula o homem de contente". - Pinote é "salto súbito e violento, ou desordenado e repetido". Dá pinotes a besta. Anda aos pinotes (ou aos saltos) o coelho. - Cabriola é salto ligeiro, rápido, "como de cabra", em que o saltador gira no ar ou se dobra e revira saltando. - Pirueta é cabriola repetida, como se se saltasse girando. - Cambalhota é movimento como de pulo e trambolhão. – **Pincho** é pulo, pinote como em arremesso ou investida.

874

QUANTIA, soma; quantidade, número. - Entre quantia e quantidade a diferença é palpável. Dizemos: quantidade de gente, de livros, etc. (não - quantia); quantia em oiro, em papel; quantia enorme, quantia de 100\$000 (não – quantidade). – Quantidade é, portanto, tudo o que pode aumentar ou diminuir; e num sentido mais particular, designa grande número, multidão, porção incalculável. - Quantia, na acepção usual, é porção de dinheiro, de valores. Já se faz obsoleta a locução – sem quantia, significando "sem conto, difícil de contar, inúmero". - Entre quantia e soma há uma diferença semelhante, tomando-se soma no sentido em que é sinônimo de quantia. Soma tanto se emprega neste sentido particular, como para designar quantidade formada de outras quantidades, sem atenção à espécie de coisas de que se trata. Soma significa, em geral, um como resumo de várias porções,

valendo por estas mesmas. Tratando-se de dinheiro conserva esta significação restringida pela espécie. Conseguiu-se reunir a soma de tanto (isto é, várias quantias que se representam nesta soma). – Entre número e quantidade nota-se muito claro: o número é a designação, a fixação, ou a expressão da quantidade. Dizemos: quantidade de trigo (não - número); número de alqueires (não quantidade de alqueires); quantidade de povo (não - número de povo). Há casos, no entanto, em que se poderia aplicar indistintamente quantidade ou número: grande número de meninos, ou grande quantidade de meninos; uma certa quantidade de livros, ou um certo número de livros. Conclui-se daí: - que, em regra, quantidade se aplica tanto ao que pode ser contado por indivíduo, por grupo, por objeto, etc., como ao que pode ser medido, pesado, discriminado, etc.: Quantidade de areia; quantidade de bois; – e que **número** só se aplica no primeiro caso, isto é, ao que é ou pode ser contado por indivíduo, etc.: número de bois.

875

QUIMERA, ilusão; fantasia, utopia, visão. - Quimera, como se sabe, é o nome, na mitologia grega, de um animal fabuloso, formado de partes e membros de diferentes animais; daí o emprego desta palavra para significar toda coisa absurda ou monstruosa que uma imaginação doentia é capaz de conceber. Nem sempre, porém, a quimera será coisa disparatada só pelo contraste em que se põe com o que é natural; muitas vezes pode acontecer que esse contraste seja apenas aparente. Tanto assim que dizemos - uma bela quimera, para significar que, através da monstruosidade, ou da incongruência aparente, se descobre alguma harmonia ou beleza naquilo mesmo que parece agora simples quimera. – Neste caso, diríamos com muito mais propriedade - utopia. Esta pa-

lavra (formada do grego topos "lugar", com o prefixo negativo ou, significando, portanto, "não lugar" ou "lugar não existente") é o nome que deu Thomas Morus a uma ilha imaginária, onde se ensaiam instituições excelentes em teoria, mas falhas na prática, ou de aplicação muito difícil. Daí o sentido que tem hoje em todas as línguas modernas esta palavra utopia. Aplicamo-la a toda ideia, projeto, aspiração, etc. que se considera como belo sonho irrealizável ou que só se poderá realizar em futuro impossível de prever. Utopia não é, portanto, coisa que se pareça com quimera; e tanto assim que se costuma dizer: quanta aspiração, que foi ontem utopia, é hoje realidade... querendo deste modo indicar que isto de ser uma coisa utopia pode muito bem estar mais na sua extemporaneidade do que propriamente no seu valor ou no seu modo de ser. - Fantasia não sugere o que de monstruoso, disparatado, absurdo tem a quimera: designa apenas aquilo que é falso; que não corresponde logicamente ao que é normal; que não existe na natureza, ou cuja ideação não decorre da natureza. – A utopia pode vir ainda a realizar-se; não a fantasia... se bem que, a dar-se isso, não seria decerto a primeira vez que se visse entre os homens coisas dessa ordem. - Visão, aqui é quase o mesmo que fantasia; pois enuncia a ideia de coisa que só tem existência no espírito alucinado. É preciso notar, no entanto, que na fantasia se supõe capricho, extravagância bizarra: ideia que se não inclui tão bem em visão. O visionário vê coisas que não existem; o fantasista cria, inventa coisas falsas; o utopista sonha com alguma coisa muito bonita, mas pouco ou mesmo nada pratica: – Ilusão, neste grupo, é "coisa falsa que se nos apresenta ao espírito como coisa real". É por isso que se lhe dá também o sentido de "esperança vã, ou confiança exagerada na sorte", quando se diz, por exemplo, que F. não tem mais ilusão,

ou *ilusões* na vida; querendo significar que F. agora já vê as coisas como elas são; que já distingue as coisas reais das falsas coisas.

876

RADIANTE, radioso, irradiante, irradiador; faiscante, cintilante, chispante, coruscante, relampejante, flamante, reluzente, flamejante, fulgente, refulgente, fulgurante, brilhante, resplandecente, resplendente, fagulhante. - Havia dito S. Luiz que radiante é o que atualmente lança raios de luz; e radioso, o que em si mesmo, e como de sua natureza, tem a qualidade, a propriedade, a força de lançar luz, ou raios luminosos. O sol é radioso, ainda quando não está radiante. – E escreveu depois Roq.: A efusão abundante de luz caracteriza o corpo que se diz radioso; a emissão de muitos raios de luz, o corpo que se chama radiante. Distinguem-se os raios de um corpo que é radiante; no radioso estão os raios de luz confundidos... Falando com propriedade, os raios de luz emanam da substância radiosa, e como que rodeiam a substância radiante. A palavra radioso sinala a propriedade, a natureza da coisa; e a palavra radiante, uma circunstância, um estado da coisa. (Tanto que se diz mesmo - estado radiante da matéria, e não - estado radioso.) Um corpo luminoso é por si mesmo mais ou menos radioso: quando esparge sua luz é mais ou menos radiante. – Irradiante sugere ideia de esforço ou de causa excepcional. O sol irradia uma claridade sumptuosa (não radia). Matéria, substância radiante (não irradiante). Olhar irradiante de cólera (não radiante). - Irradiador só é aplicável no sentido físico: foco irradiador. - Os que se seguem diferençam-se pelos respectivos radicais: - faiscante = "que despede faíscas, que luz instantaneamente como faísca"; - fagulhante = "que luz como fagulha"; - cintilante = "que lança centelhas"; - co-

ruscante = "que corusca, isto é, que lança como coriscos"; - chispante = "que despede chispas"; - relampejante = "que brilha instantaneamente, como relâmpago"; - reluzente = "que reluz, que se fez ou está brilhante"; - luzente = "que por si mesmo luz"; - flamejante = "que brilha como a chama"; - flamante = "que lança chamas"; - fulgente = "que fulge"; - refulgente = "que refulge"; - chamejante é outra forma de **flamejante**; - **fulgurante** = "que fulgura, isto é, que brilha com luz muito viva e instantânea"; - brilhante = "que brilha, que emite luz muito intensa, ou reflexo muito vivo"; - resplandecente e resplandente só se distinguem pelo que marca no primeiro o sufixo incoativo: resplandecente é "o que está resplandecendo"; resplendente é "o que resplende".

877

RASTO, vestígio, pegada, pisada, trilha, pista, rastilho, sinal, carreiro. – Vestígio é o **sinal** ou mostra, que, em algum lugar, de si deixou a coisa que nele esteve ou por ele passou. É termo genérico, aplicável às diferentes espécies de vestígio designadas pelos outros vocábulos do grupo. - Pegada é o vestígio do pé do homem, ou do animal. - Pisada é a pegada impressa no lugar em que esteve o homem, ou o animal. Donde se vê que pisada é uma espécie de pegada, e ambas são espécies de vestígio. - Rasto é o vestígio que deixa por toda a extensão do seu caminho a coisa que por ele passou, ou vai passando, principalmente de rasto, ou de rojo. – Trilha é o rasto impresso no chão pela coisa pisada, que passa com frequência, carregando, ou calcando. – Pista finalmente é o rasto, que deixam os animais no caminho por onde passam. Nas ruínas de uma cidade descobrem-se, ou observam-se vestígios de sua passada grandeza e sumptuosidade. O homem, ou o animal, que passa sobre um pavimento de madeira, mármore, etc., com os pés molhados, faz pegadas. Os sacerdotes de Bel, de que fala o livro de Daniel, deixaram pegadas na cinza espargida sobre o pavimento do templo. O homem, ou o animal, que caminha sobre um terreno recentemente lavrado, faz ou deixa pisadas. As pegadas ou pisadas, continuadas por alguma extensão de caminho, bem como os sinais que por ele deixou a coisa levada de rojo, mostram o rasto que devemos seguir para achar essa coisa; indicam a direção que ela tomou no seu caminho. Os homens, os animais, os carros, as cavalgaduras, etc., passando com frequência por um caminho, por uma estrada, trilham o chão, fazem o que chamamos caminho trilhado, caminho geralmente seguido: mostram a trilha por onde podemos caminhar seguramente, e sem risco, etc. Finalmente, o animal caçador segue a caça pela pista, isto é, pelo rasto, que ela deixou na sua passagem. Todos estes vocábulos empregam-se oportunamente no sentido figurado, tendo--se atenção à significação específica de cada um deles, e à sua maior expressão, segundo o objeto do discurso. Assim Lucen. (Vid. de Xav., I, I2): "E estas são todas as pegadas e rasto da fé e cristandade que por ali passou". Bernard (Eclog., VI) falando com Sá de Miranda: "Ah! discreto pastor quem te seguisse tuas pisadas cá! O mesmo Sá de Miranda" (c. II): "Vi caminhos tão maus, tal trilha, e tamanho rasto", etc. (S. Luiz). – O sinal será apenas, ou poderá ser mais subtil que o vestígio. Decifro, percebo por ali sinais da passagem dela... (e não propriamente vestígios). O vestígio é visível, palpável, sensível: o sinal nem sempre; e quantas vezes para sentir ou perceber um sinal é necessário um senso bem apurado, uma visão penetrante, uma inteligência muito lúcida. – Rastilho, aqui, é apenas um diminutivo de rasto: rastilho das formigas, rastilho da lesma, etc. - Carreiro só figuradamente, ou num sentido muito restrito é que entra neste grupo, com a significação de *pista, trilha, rastilho...* Também se diz: *carreiro* das formigas; como se diz: o *carreiro* que vai à roça.

878

REAL, régio, reiuno, realengo, reguengo. -Real é o que é propriamente do rei; régio é o que se refere ao rei; que é próprio da realeza; Real majestade – só se aplica a um rei; régia majestade – poder-se-á aplicar a quem não seja rei. A régia pompa com que o conde, ou o ricaço celebra as suas festas... (aqui não caberia real). – Reiuno é brasileirismo (Rio G. do Sul) que significa – "pertencente ao rei". Aplica-se quase com a significação de público. Campo, animal reiuno. - Realengo diz também – próprio de rei, ou que só se encontra entre os reis; confunde-se, portanto, com régio, e em muitos casos com reiuno. Presta-se, melhor que qualquer dos dois, a ser substantivado. Terra, terreno realengo = terreno pertencente à Coroa. Constância, grandeza, magnanimidade realenga. - Reguengo é também o que pertence ao patrimônio real, o que foi incorporado aos bens da Coroa. Terra, herdade reguenga (isto é – do trono, ou da coroa).

879

REALCE, relevo, destaque, evidência, saliência, proeminência (preeminência; proeminente, preeminente), ressalto. – Relevo é a evidência pelo maior vulto; – realce é a evidência pelo brilho, pela figura, pela majestade; – destaque é a evidência pela posição saliente, pela distinção com que do meio das outras sai a coisa ou pessoa em destaque. – Evidência, aqui, é toda manifestação clara, de que ninguém pode duvidar. "Contenta-se aquela pobre alma de anão mais do relevo da fortuna que do realce do gênio." "Basta-lhe aquele fugaz destaque de um dia...". "Com tais maluquices põe-se em evidência". - Saliência, na acepção natural, é o estado ou condição daquilo que sai do plano em que assenta; e no sentido translato é "a qualidade daquele que se levanta acima do comum, e que por isso chama atenção e é notado". Toma-se frequentemente à má parte, para significar a falta de modéstia, compostura ou discrição daquele que se quer fazer visto e apreciado. - Proeminência é "a grande elevação a que chegou alguém na sociedade em que vive". Não se confunde com preeminência. Proeminente = "muito alto e destacado"; preeminente = "o mais alto e destacado de todos". -Ressalto = "destaque súbito, como por um prodígio de esforço".

880

REALIDADE, verdade. – Segundo Roq. – a realidade diferença-se da verdade em que, pela palavra realidade se entende tudo o que existe relativamente a nós, limita-se unicamente ao mundo, às coisas mundanas, ao que fica a nosso alcance, isto é, a alcance da nossas faculdades. A verdade, porém, pertence às ideias reais e às ideias factícias; tem por objeto, não somente o mundo que existe, senão também tudo o que pode existir; combina as abstrações, as possibilidades, os infinitos. Pela mesma razão diferem entre si as expressões na verdade, e na realidade. -Na verdade refere-se ao que pensamos do objeto, segundo ideias claras e exatas; na realidade refere-se ao que o objeto é em si mesmo segundo a sua natureza. A primeira – na verdade – diz respeito ao mundo intelectual; a segunda - na realidade - ao mundo real.

881

RECIBO, quitação. – Recibo "é o termo geral com que se designa qualquer documento que se passa e dá a quem nos paga ou entrega uma quantia, ou alguma coisa, quer coisa

ou quantia que se nos empresta, que nos é devida, ou que nos é entregue para que a transmitamos a outrem, ou ainda para que a conservemos sob a nossa guarda. – Quitação é um recibo geral, um documento com que se desobriga alguém completamente do compromisso que tinha, seja este de que natureza for, mas principalmente tratando-se de dinheiro ou em geral de valores. Dá-se recibo a quem talvez ainda nos fique devendo; a quitação liberta completamente da dívida o devedor".

882

REAVER, recobrar, recuperar, retomar, reconquistar, reocupar, reassumir, readquirir, reivindicar. – Todos estes verbos enunciam de comum a ação de tomar de novo aquilo de que já estivéramos de posse, ou o lugar onde já havíamos tido assento. - Reaver é "entrar novamente na posse de que tínhamos sido privados". – Recobrar e recuperar são duas formas do mesmo verbo latino recuperare, que tem significação semelhante à do verbo reaver, sem sugerir, no entanto, como este rigorosamente a ideia de posse concreta. Dizemos que alguém recobrou ou recuperou a saúde, os seus créditos, o seu bom nome, etc. (e não - que reouve). - Retomar é "tomar (isto é, ocupar ou chamar a si por força ou por astúcia, etc.) novamente o que tinha sido já tomado." De uma praça que estivesse sob a nossa guarda ou comando e que o inimigo nos conquistasse, não deveríamos dizer que a retomamos, e sim que a recuperamos. Retomamos seria próprio dizer se a praça inimiga que havíamos já conquistado, e da qual nos desalojaram, viesse a ser por nós de novo conquistada. Quer isto então dizer que se aproximam muito retomar e reconquistar; mas deve notar-se que o segundo – reconquistar – sugere sempre ideia de esforço, trabalho, luta. Eu retomei o meu lugar na bancada (não - reconquistei).

Reconquistemos a fama perdida (não retomemos). Também retomar só se aplica, no sentido próprio, às coisas concretas; reconquistar, tanto às coisas concretas, como às abstratas. - Reocupar diz menos ainda que retomar quanto à intensidade da força que supõe a ação respetiva: reocupar é "apenas voltar ao posto antigo, por-se outra vez no lugar em que tinha estado". – Reassumir é "chamar a si de novo as atribuições que tinham já sido exercidas pelo que as reassume". Reocupa-se um lugar; reassume-se um cargo, uma função. -Readquirir é "fazer posse outra vez daquilo mesmo que se havia perdido". Readquire-se (obtém-se de qualquer modo) a fama, os bens, etc. - Reivindicar é "recuperar o que era nosso de direito e que se achava, no entanto, na posse de outrem".

883

REGER, gerir; regente, regedor; gerente, gestor; regência, regedoria, gerência, gestão. – Reger é "governar, guiar, conduzir segundo a lei, a regra" (regula, de rego... ere). - Gerir é "administrar, superintender". Gerem-se negócios; gere-se uma fábrica, uma empresa; gere-se o emprego de um capital, uma fortuna, a fazenda pública, etc. (não - rege-se); rege-se uma escola, uma instituição, o próprio Estado, etc. Tanto gerimos o que é nosso, como o que a outrem pertence, e cuja gerência, ou cuja gestão nos tenha sido confiada. Também regemos o que nos pertence, o que nos é próprio, como aquilo cuja regência exercemos ou fazemos em nome de outrem. Regemos a nossa família; rege o regente o Estado em nome do soberano menor. – Entre regente e regedor só há a diferença que consiste em aplicar-se o segundo ao que exerce uma função de oficio (regedoria); e o primeiro ao que exerce a função de reger acidentalmente. Em suma: regente = que está regendo; regedor = que tem o cargo, a autoridade de reger. A função do regente é

regência; a do regedor é regedoria. — Entre gerente e gestor há a mesma diferença que existe entre gerência e gestão, vocábulos que coincidem aliás no mesmo latim gerere. A gerência é propriamente a administração subalterna, uma como subadministração. O gerente de uma empresa tem acima de si uma autoridade superior, uma diretoria, um conselho. A gestão é a administração superior, a livre administração. Do que dispõe, superintende, ou administra os serviços de uma fábrica dizemos gerente, e não gestor. Dos meus negócios eu sou o gestor; e do que gere a fazenda, a coisa pública também se diz gestor, e não gerente.

884

REPRESÁLIA, desforra, vingança, retaliação, desforço, despique, vindicta. – Dos três primeiros vocábulos deste grupo diz Bruns. - "O vocábulo vingança distingue--se dos outros deste artigo por designar um ato premeditado em segredo, e que só se manifesta no momento de o realizar. É verdade que a pessoa sobre a qual a vingança se exerce pode supor (desconfiar) que algo se trama contra ela; ignora, porém, como e quando esse algo a assaltará... - Desforra é o ato pelo qual alguém retribui a outra pessoa a desvantagem que esta lhe infligiu anteriormente. A desforra deve precisamente ser da mesma espécie da desvantagem recebida; ou, a ser de outra espécie, deve considerar-se como sua equivalente. A desforra sempre é tida em conta de justa e leal, e é frequentemente oferecida pela pessoa que obteve a primeira vantagem. - Represália é "o dano que se faz em compensação (em revide, como retaliação) ou vingança de outro dano recebido". - Retaliação é "o ato de fazer a outrem um mal, ou causar-lhe um dano igual ou semelhante ao que nos causou". – **Desforço** é "a vingança mediante a qual alguém se ressarce de mal recebido, ou

recobra a vantagem de que tinha sido despojado". – **Despique** é "vingança pequenina, desforço acintoso, desforra maligna". – **Vindicta** é a vingança imposta ou infligida como castigo. Dizemos – a vindicta da lei (não – a vingança); – a paixão da vingança; – vingança cruel, insana (e não vindicta).

885

RESIGNAÇÃO, passividade, paciência, abdicação, renunciamento. - Define-se quase sempre a resignação como "um completo abandono da vontade própria a outra vontade superior"; portanto, como uma submissão absoluta ao que tenha de ser fatalmente. Neste caso, porém, deixaria a resignação de ser uma virtude, como faz crer o instinto de quantos, à vista de grandes males irremediáveis, aconselham sempre que nos resignemos; e muito convencidos de que é sábio o conselho. Entendemos nós, no entanto, que a definição acima quadra a passividade, não a resignação. A resignação ativa é que é virtude, e grande virtude própria de grandes almas; não se confundirá nunca com a passividade do inorgânico. -Resignação, como virtude cristã, é o fundo e discreto compungimento da consciência que se consola de tudo haver feito por evitar o mal ou a desgraça. O sujeito que vê sacrificar a inocência e não morre por ela; o pai que abandona os filhos porque não tem com que os sustente; o homem que sofre injustamente uma vergonha e não geme, ou um ultraje e não protesta – não é um resignado, mas um ente passivo. – Paciência é "uma virtude muito semelhante à resignação: é a virtude que nos leva a sofrer, sem clamor de escândalo ou de ridículo, os males que não podemos evitar". O grande exemplo de paciência, que até hoje não foi excedida, é o de Job, que padeceu todas as misérias e desgraças e cada vez mais firme de consciência e mais fiel na dor. - Abdicação é "o ato

de abdicar, isto é, de desistir, de abrir mão daquilo que nos pertencia, ou pelo menos de que estávamos de posse". É ação, não é qualidade, nem estado. Poder-se-ia, em muitos casos, confundir mais com abnegação do que com qualquer outro do grupo, se abnegação não enunciasse como característica a ideia de grandeza de alma, desapego de interesse, etc.; enquanto que abdicação diz bem acentuadamente – o ato de lançar de si, de abandonar, de não ter mais como seu aquilo que se abdica. - Renunciamento aproxima-se um pouco mais de abnegação; se bem que seja desta muito distinto. Renuncia--se recusando, afastando-se ou afastando de si, abjurando, renegando, não querendo saber da coisa que se renuncia. "Em política decerto não se encontra nunca um homem capaz de renunciamentos como aquele".

886

RETINIR, retumbar, ressoar, repercutir, ecoar, soar, ribombar, retroar. - "Destes vocábulos, é soar o que tem significação menos complexa". - Soar é produzir um som natural, que nada tem de extraordinário: soa a voz; soa a hora; soam os passos. -Ecoar é repetir-se um som no eco, tal como se produziu ao soar, ou modificado pelo eco que o repercute. - Ressoar é soar repetidas vezes o que repetidas vezes se reproduz: ressoavam passos. Também significa esta palavra o prolongamento confuso de um som por efeito acústico: a sua voz ressoava no templo. – Retumbar é o mesmo que ressoar, mas ressoar com força e de modo a impressionar o ânimo. - Retinir diz-se dos sons agudos que se prolongam pela vibração: "o retinir das espadas" (Bruns.). - Repercutir exprime a ação ou o fato de repetir-se mais ou menos atenuado (um som ou um movimento) fora do lugar onde se produz ou onde começa. Sugere ideia da violência com que o som ou o movimento se refletem. Um terremoto nos Andes vem às vezes repercutir em Mato Grosso. - Ribombar (ou rimbombar) é retumbar, ecoar produzindo grande estrondo e abalo. Ribombam trovões; ribomba (fig.) o clamor do profeta, o grito de angústia. – Retroar é troar longamente, ressoar com estrépito. Retroa a gritaria, a fuzilaria, etc.

887

REDARGUIR, replicar, retorquir, retrucar, rebater, responder, objetar, obtemperar, recriminar, contrapor, opor, contestar, revidar, reenvidar, contradizer, contraditar, respingar. – Redarguir é "responder no mesmo tom, isto é, com uma arguição a outra arguição, com uma afirmativa oposta à outra afirmativa". "Quem é o senhor para falar-me assim? – perguntou-lhe o conde. E quem é o senhor para não ouvir-me? - redarguiu altivamente o digno moço". – Replicar é "responder procurando destruir a objeção". Replica-se quando se responde àquele que nega ou contesta o que já afirmamos. - Retorquir é "como fazer voltar contra o adversário as razões, os argumentos que ele próprio expôs contra nós". – Retrucar é "rebater vivamente ao que se nos propôs ou disse com certa acrimônia". - Rebater, que é o mais vago e extenso dos verbos deste grupo, é propriamente "bater contra aquilo que vinha sobre nós; fazer voltar o que se dirigiu contra nós". No sentido mais restrito com que entra neste grupo, é o mesmo que retrucar, com a diferença que se pode rebater com calma e sem segunda tenção. -Responder tem a significação genérica de "dizer alguma coisa em relação ao que se nos disse". – Objetar é "dizer alguma coisa em oposição ao que se nos disse". - Obtemperar = "responder com discrição e calma, como quem apenas observa ou faz sentir que não é justo ou exato o que se nos disse, ou a estranheza que se mostrou

à vista do que dissemos". - Recriminar = "responder acusando a quem nos acusou; rebater censura censurando". - Contrapor = "expor, apresentar contra". - Opor = "enunciar, apresentar em oposição". – Contestar = "responder, ou rebater procurando desfazer as alegações, negar as acusações". -Revidar = "rebater ataque com ataque mais violento". - Reenvidar = "rebater repetindo o desafio, ou a provocação que se tinha feito". – Contradizer = "dizer o contrário do que se nos disse, ou do que dissemos". -Contraditar = "rebater os argumentos, alegações, ou afirmações da parte contrária". -Respingar = "responder com mau humor; dar má resposta a quem se deve respeito".

888

REVELAÇÃO, inspiração. – Segundo Roq. - Revelação "significa em geral a manifestação de alguma verdade secreta ou oculta; e em linguagem teológica, a manifestação, que Deus faz ao homem, de verdades que se não podem conhecer pelas forças da razão, ou por meios puramente naturais. A inspiração é a ilustração ou movimento sobrenatural com que Deus inclina a vontade do homem a fazer alguma ação boa. A revelação ilustra o entendimento; a inspiração move e leva a vontade. Revelam-se fatos, verdades, doutrinas; inspiram-se sentimentos, desejos, afetos, resoluções. As doutrinas contidas nas sagradas Escrituras são reveladas, porque Deus manifestou a seus autores fatos e verdades que eles não podiam alcançar pelas luzes da razão. Os sagrados Escritores foram inspirados para escrevê-las, isto é, o Espírito Santo os ilustrou interiormente, moveu a escrever, e dirigiu sua pena em tudo que escreveram para ensino e santificação dos homens".

889

ROTEIRO, itinerário; diário, portulânio. – Itinerário e roteiro marcam os lugares, os

pontos por onde se tem de passar viajando de uma para outra parte, com as indicações que possam convir ao viajor. A única diferença que se deve notar entre estes dois vocábulos é a que consiste em aplicar-se roteiro de preferência, ou mais ordinariamente a viagens marítimas, e itinerário a terrestres. - Diário é propriamente uma relação de viagem; é um itinerário mais minucioso, devendo não esquecer-se que este último vocábulo inclui a ideia de que a relação é destinada a guiar, e por isso determina os pontos por onde tem de ir o que viaja (a mesma noção é marcada pela palavra roteiro); enquanto que diário é mais propriamente notícia circunstanciada, feita dia por dia, da viagem que se realizou; e é, portanto, um resultado da viagem. Ninguém diria, pois, em vésperas de sair – que vai fazer ou determinar o diário da viagem ou excursão, mas - o itinerário, ou o roteiro; nem, de volta da viagem, diria que vai escrever, ou que escreveu o noteiro ou o itinerário seguido, mas - o diário da excursão feita. - Portulânio é hoje palavra desusada: designava (antes da época em que se introduziu o emprego da bússola) a notícia dos portos de uma carreira, e pela qual se regulavam os navegantes. Era muito usada entre os portugueses nos tempos em que começaram o périplo africano.

890

SABEDORIA, ciência. — Sabedoria "é o conhecimento intelectual das coisas humanas, e também das coisas divinas e humanas". — Ciência é a notícia, o conhecimento das coisas humanas. — Sabedoria tem significação mais extensa e complexa do que ciência. A sabedoria, que se considera qualidade inerente ao homem, compreende o saber e o praticar conforme a reta razão. A ciência refere-se somente à parte especulativa, e pode considerar-se independentemente do homem; e, neste caso, define-se a ciência

uma série de verdades, cujo conhecimento não pode alcançar por si o senso comum, mas precisa do raciocínio, do esforço, do discurso. "A matemática é ciência, mas não é sabedoria". Ser leal, sincero e humilde é sabedoria (é ser sábio), mas não se dirá que seja ciência.

891

SACRO, sagrado, santo. – Sacro "significa o mesmo que sagrado, mas só se aplica ao que pertence propriamente à religião. Dívida sagrada é a que tenho com o meu amigo; não – dívida sacra. – Sagrado tanto se emprega com o sentido restrito de sacro na generalidade dos casos, como àquilo que, fora das coisas propriamente religiosas, apresenta o caráter de venerável como essas coisas. - Santo é aquilo, que pelas suas qualidades excelentes, ou pela sua própria natureza, é de Deus ou lhe pertence, é do céu e digno de veneração".

892

SADIO, são, salutar, salubre, higiênico. -Destes vocábulos escreve um dos nossos autores: - Higiênico dizemos do que proporciona a conservação da saúde; sadio, do que a não altera, e também daquele que a não tem alterada. O ar puro é sadio; procurá-lo é higiênico. – São é aquilo que não encerra em si nenhum princípio mórbido; que é bom para a saúde; e em sentido negativo dizemos daquilo que a pode alterar. Figuradamente diz-se do que exerce ou pode exercer uma boa influência, e, sobretudo, do que é incapaz de a exercer má: os sãos princípios da moral. São, como sadio, designa uma qualidade intrínseca do sujeito; higiênico é referente ao efeito que o sujeito produz. Salubre aproxima-se da significação do vocábulo são pelo caráter de permanência da qualidade no sujeito; mas difere dele em ter uma significação absolutamente ativa. O que é salubre proporciona saúde, contribui para conservá-la e desenvolvê-la; não se limita a não prejudicá-la. Convém que os convalescentes procurem um clima salubre (um clima propício ao restabelecimento da saúde, um clima que só por si dá saúde, ou contribui para recuperá-la). - Salutar tem, como salubre, uma significação essencialmente ativa, mas difere deste em que a influência designada pela palavra salutar se manifesta apenas em determinada circunstância, ou não se pode exercer senão em determinados casos. Um castigo salutar em determinada ocasião não o seria em todas as outras. - Salutar aplica-se melhor ao que é moral; e salubre exclusivamente ao físico.

893

SANGRENTO, sanguinolento, sanguento, sanguinoso, sanguino, sanguíneo, cruento, sanguinário, sanguissedento. – Sangrento = de que escorre sangue; - sanguinolento = em que há ou se faz grande derramamento de sangue; - sanguento = tinto de sangue; - sanguinoso = cheio de sangue, maculado de sangue; - sanguino = que causa morte, mortífero, de que sai muito sangue; - sanguíneo, aqui = cruento; - cruento = em que muito sangue se derrama, sedento de sangue, banhado em sangue; - sanguinário = que se compraz, que se ufana de derramar sangue: – sanguissedento = sequioso de sangue.

894

SECULAR, leigo, laical. - Secular, que se contrapõe a regular ou regrante, é "o clérigo que não pertence a nenhuma ordem religiosa". – Leigo é o que não tem caráter religioso (também se emprega **secular** no mesmo sentido). Figuradamente, usa-se leigo com a significação de "estranho, hóspede". - Laical (ou leical) é o que é próprio do leigo; o que não é clerical.

895

SEGE, carruagem, trem, coche, veículo, viatura, tílburi, cabriolé, carro, plaustro, faeton, caleça, caleche, cupê. - De todos estes vocábulos, veículo é o de significação mais geral, designando "toda espécie de carro que sirva para transportar por terra"; e num sentido mais extenso, é "qualquer meio de transmissão, tudo que serve de condutor". - Sege está hoje fora do uso comum; "era antigamente a carruagem de luxo". - Carruagem é "o carro grande, coberto, de quatro rodas, com assentos cômodos, sobre molas, e que serve para viagens mais ou menos longas". - Trem é, "tanto a sege ou carruagem luxuosa, como o conjunto de carruagens que formam a comitiva de grande personagem". - Coche era antigamente a grande carruagem, rica, e usada em cerimônias. Hoje quase que se diz exclusivamente do carro fúnebre. - Viatura, em geral, é "toda sorte de carros: é quase tão geral como veículo, mas designa só por si a totalidade dos veículos que se encontram num lugar, ou que pertencem a um dado serviço". – Tílburi é "palavra de origem inglesa (tilbury) que designa um pequeno carro de duas rodas, coberto ou não, trazido por um só animal". – **Cabriolé** é adaptação do nome francês cabriolet (de cabrioler "saltar como cabra") e que designa o mesmo que tílburi. - Carro é outro vocábulo genérico, designando toda sorte de viatura. Carro de palácio; carro para casamento; carro de praça; carro de luxo; carro de bois, etc. - Plaustro é palavra que, tendo caído em desuso na linguagem comum, só poderia ser usada em estilo literário: é "carro grande, pesado e descoberto". - Faeton é palavra de origem inglesa (phaeton) com que se designa a "carruagem leve, descoberta, de quatro rodas". - Caleça é formada da mesma palavra francesa calèche, de que fizemos também caleche; mas Aul. distingue assim as duas: "caleça é

sege para jornada; caleche é carro de dois assentos e quatro rodas, descoberto na parte dianteira". – Cupê é palavra de origem francesa (coupê) muito usada hoje para designar o carro nobre ou de grande tom, fechado, de quatro rodas e ordinariamente de dois lugares.

896

SEGREGAÇÃO, segregar, secretar, secreção. - Segregar e secretar exprimem de comum a ideia de separar, afastar, destacar uma coisa da outra. Não devem, no entanto, confundir-se. - Segregar diz propriamente – "pôr de parte, desunir, apartar, expelir de si alguma coisa. Segrega-se uma alma do mundo saindo do convívio dos homens, e metendo-se numa solidão. E também: "segregam os organismos o que lhes não é útil à vida, ou o que não podem assimilar"... É mesmo só neste sentido que segregar se faz sinônimo de secretar. Este verbo diz em geral – "pôr para fora"; mas sugere a ideia de que faz isso como função própria e natural; função que se diria também integral porque se associa a outras funções orgânicas. Por sua vez a segregação não se confunde com a **secreção**, sendo esta, não só o ato de *secre*tar, como o produto mesmo da segregação em certos casos e do ato de secretar em outros.-Segregação é apenas a ação de segregar. Não diríamos, portanto - segregação da saliva, mas - secreção (por ser uma função natural); nem - secreção de um doente, mas - segregação.

897

SEGUIDAMENTE, ato contínuo, imediatamente, de seguida, em seguida, logo após. – Seguidamente exprime de modo claro e indubitável o mesmo que – "sem interrupção", ou – "sem parada, sem tardança". – Fomos seguidamente da fazenda à aldeia e à cidade. – A locução ato contínuo (ou – em ato contínuo – como também se usa) diz o

mesmo que seguidamente, com a diferença que aquela locução sugere ideia de que não mediou tempo apreciável entre o que se deu e o que se seguiu. "Celebrada a missa, teve lugar ato contínuo a cerimônia da bênção"... -Imediatamente dá ideia da pressa, da rapidez com que se seguiu uma coisa, ou um ato a outro. "Chegamos e fomos imediatamente à casa do capitão"... - De seguida quer dizer - "sem parar, continuando o que se vinha fazendo ou dizendo". Equivale quase a ato contínuo, se bem que esta locução exprima melhor a rapidez com que um ato sucede a outro. - Em seguida diz apenas - "depois do que se fez"; e equivaleria perfeitamente a logo após se esta locução não desse melhor a ideia da instantaneidade com que um ato seguiu a outro.

898

SERVIR DE, servir para. - Quando uma coisa se adapta a um certo uso, dizemos que serve para... Quando acidentalmente pode prestar-se a um emprego ou uso que lhe não é próprio, dizemos que serve de... A língua serve para falar... O vinho lhe serviu de água...

899

SIGILO, segredo, reserva. – Para distinguir segredo dos dois outros vocábulos deste grupo, basta ver que dizemos, por exemplo: F. revelou o segredo, e não - revelou o sigilo, nem - revelou a reserva. - Segredo é, pois, a própria coisa que se nos confia, que está só conosco, que devemos guardar conosco. - Sigilo e reserva dizem exclusivamente à obrigação em que estamos de não revelar o segredo. O sigilo é muito mais rigoroso que a reserva. Quem guarda reserva a respeito de uma coisa tem apenas o cuidado de ver bem como e a que ordem de pessoas poderá comunicá-la; quem guarda sigilo deve conservá-lo em absoluta reserva, como segredo de importância.

900

SILVO, sibilo, apito, assobio. - Só a boca - diz Bruns. - pode produzir o assobio. -Quando o assobio é forte e agudo, é silvo. Mas o silvo pode ser também produzido por qualquer outra coisa que não seja a boca: por exemplo – pelo apito das caldeiras das máquinas. - Sibilo dizemos do som muito agudo, como o que é produzido pelos projéteis que atravessam o espaço, ou como o que o vento produz nas enxárcias. Também se diz dos silvos prolongados. -Apito é propriamente o aparelho ou peça que produz silvo; e por figura aplicamos esta palavra para designar o silvo, isto é, o efeito ou o produto do apito.

SIMPLEZA, simplicidade. - Simplicidade é "a qualidade de ser simples, tanto no sentido moral como no físico. - Simpleza só se emprega no sentido moral. - Simplicidade toma-se quase sempre, em boa parte, como negação de dobrez, refolho, complicação. - Simpleza parece referir-se ao adjetivo simples na acepção de néscio, bobo, de pouco engenho, parecendo ignorante, parvo. A simpleza de Sancho II, de que fala o cronista, era certamente desta espécie, e mui diferente da simplicidade, pois esta, excluindo a dobrez, o dolo, a astúcia, sabe conciliar-se com a discrição e o juízo. A simpleza, no nosso entender, é singela, mas tola; a simplicidade é singela, mas avisada".

902

SISTEMA, teoria. – Sistema, segundo S. Luiz, "exprime propriamente a ordem e arranjamento que se dá a um certo número de coisas, ou de fatos, para fazerem como um todo: é a unidade que se introduz na multiplicidade de coisas ou de fatos. - Teoria exprime propriamente o conhecimento real ou hipotético dos princípios pelos quais se

explicam esses fatos, as suas causas, razões e efeitos, e sua recíproca dependência; e segundo os quais se discorre sobre outros semelhantes. O arranjamento, que o célebre naturalista sueco (Lineu) deu aos diversos, e infinitamente variados produtos da natureza, reduzindo-os a certo número de classes, ordens, gêneros e espécies, é um sistema. A explicação, que deu Condillac, de todos os fenômenos do espírito humano, pretendendo achar na sensação a primeira razão ou princípio de todos eles, é uma teoria. Toda a ciência humana depende essencialmente dos fatos: é necessário arranjá-los para evitar a confusão, a isto chama-se sistema. É necessário depois explicá-los por princípios simples e luminosos: aí temos a teoria"...

903

SOCIAL, sociável. - Segundo S. Luiz, a partícula avel exprime quase sempre a ideia de potência, virtude, força, capacidade, e propriedade natural da pessoa ou coisa. É a terminação latina abilis, que significa literalmente "o que possui a virtude de..." Assim dizemos amável, respeitável, estimável, etc. "o que possui a potência, a virtude, a propriedade, a dignidade de se fazer amar, respeitar, estimar". A terminação al exprime ordinariamente a ideia do que é dependência, acessório, pertença, efeito, ou circunstância de alguma coisa. Assim dizemos natural "o que pertence à natureza", ou "diz relação à natureza", etc.; moral "o que diz respeito aos costumes", ou "deles depende"; casual "o que é, ou parece efeito do acaso", substancial "o que pertence ou diz respeito à substância", ou é "acessório dela". Segundo, pois, a diferença das respetivas terminações: sociável quer dizer "o que tem potência, força, capacidade, ou virtude natural de viver em sociedade; o que tem disposições naturais que o solicitam para o estado de sociedade". Social quer dizer "o que pertence, diz rela-

ção, ou respeito à sociedade; o que é dependência, acessório, efeito, ou circunstância do estado de sociedade. O homem é sociável; e, por isso, em nenhuma parte da terra se tem descoberto homens que não vivam no estado social, mais ou menos desenvolvido, mais ou menos aperfeiçoado. Todas as suas disposições físicas e morais mostram que a natureza o solicita para o estado de sociedade, e de tal maneira que ele não poderia viver, nem conservar-se, nem desenvolver as suas mais nobres faculdades, fora desse estado. O homem, pois, é essencialmente sociável. O pretenso estado natural, que alguns autores parece que têm querido pintar-nos como estado primitivo do homem, é uma quimera. O homem, porém, não pode conceber-se no estado de sociedade sem certas relações com os seus semelhantes, sem certos deveres para com eles. Essas relações e deveres são sociais. Nesse mesmo estado, e à proporção que ele se vai aperfeiçoando, desenvolvem--se no coração humano certos sentimentos; o homem adquire certas virtudes; governa--se por leis, usos, práticas e opiniões, etc. Estas opiniões, usos, leis, virtudes etc., são sociais. A amizade, a generosidade, o amor da glória, etc., são sentimentos sociais".

904

SOPORÍFERO, soporífico, soporativo, soporoso. – "Derivam-se estes adjetivos da palavra latina sopor 'sono', e com eles qualificam-se as coisas que têm a propriedade de fazer dormir ou adormecer". – Soporífico dizemos com relação ao estado de sono produzido pela coisa que assim se qualifica; dizer que uma substância é soporífica, é declarar que ela faz dormir, que ela causa realmente o sono, ou põe no estado de sono. – Soporífero, termo quase só usado na linguagem científica, exprime a propriedade das substâncias que trazem, que dão o sono. – Soporativo, que pertence, como soporífi-

co, à linguagem usual, distingue-se deste em exprimir, não o estado de sono, mas a virtude, que tem a substância, de produzir esse estado. Quando se administra uma poção soporativa, é para que ela faça adormecer. -Soporoso é termo pouco usado; mas devido à terminação abundanciosa oso, 'significa o que produz sono em grau excessivo, talvez até perigoso'. Uma substância soporosa mergulha em sono profundo. Qualquer narcótico tomado em grande dose é soporoso".

905

SÚBDITO, vassalo, cidadão. - Segundo Bruns.: - Vassalo indica uma dependência, não só mais direta e mais próxima que súbdito, senão também mais particular. Os antigos reis tinham por vassalos a grandes e ricos senhores. Hoje, vassalo é termo pouco usado, pois como sinônimo de súbdito, cidadão de uma nação, é palavra bem pretensiosa. Entre súbdito e cidadão notase a seguinte diferença: súbdito é vocábulo relativo à dependência do cidadão às leis do seu país; cidadão qualifica a nacionalidade, as prerrogativas que para o indivíduo decorrem do fato de ser cidadão. Além disso, vassalos só os há nas monarquias; súbditos em todas, e cidadãos na maior parte das nações modernas.

906

SUL, meio-dia. – A expressão meio-dia significando o sul – só poderia ter sido criada pelos povos que estivessem no hemisfério do norte, aos quais, à hora do meio-dia, o sol se apresenta precisamente ao sul, marcando o sul com rigorosa exatidão. Daí o podermos, em relação a pontos do hemisfério do norte, empregar indistintamente sul ou meio-dia; e tratando-se de situações no hemisfério oposto, só o termo sul. Não diríamos, portanto, que o Paraná se acha ao meio-dia, mas sim ao sul de S. Paulo.

907

SUMO, supremo, soberano. - Convêm estes três adjetivos em exprimir genericamente o que é altíssimo, elevadíssimo, excelentíssimo no seu gênero; o que não tem nada ou ninguém acima de si. Distinguem-se, no entanto, por diferenças que merecem ser notadas. - Sumo designa precisamente, e de modo absoluto, a maior altura e elevação física ou moral, acima da qual se não pode subir. Esta palavra nos vem do latim summus, cujo oposto extremo é imus "o que está no mais baixo, do qual não pode descer". - Supremo designa a maior graduação na escala: supõe inferiores, e está acima de todos. Veio-nos do latim supremus (sincopação de superrirnus = super + imus) superlativo de supra, cujo oposto extremo é infimus (de infra + imus?) "o último na escala descendente; o que está abaixo de todos". - Soberano designa propriamente "o que é supremo em autoridade e poder". Aplica-se também com a significação de "muito alto, preeminente, muito altivo". - Dizemos v. g. - sumo cuidado, suma atenção, isto é, a maior que se pode ter; - suma amizade, suma glória, suma autoridade (além da qual não se pode passar). Chamamos supremos certos tribunais, porque estão no mais alto da escala, isto é, porque na escala dos diferentes magistrados, ou das diferentes jurisdições da mesma repartição, ocupam o mais alto lugar, e decidem em última instância. E chamamos, por exemplo, governo ou príncipe soberano aquele que tem autoridade e poder supremo, com força de se fazer obedecer. (De acordo com S. Luiz.)

908

SUMO, suco, caldo. - Sumo é qualquer líquido que se pode extrair de vegetais, particularmente de frutas. Sumo de limão, de agrião, de laranja. – Suco supõe sempre que o líquido extraído é substancioso; que tem propriedades nutritivas; e tanto se pode dizer do sumo de plantas, como do que se possa extrair de outro qualquer gênero de substância. — Caldo só num sentido restrito é que se usa como sinônimo dos dois outros: caldo de cana, caldo de uvas (suco de uvas).

909

SUPLENTE, substituto. — Substituto é todo aquele que toma ou preenche o lugar ou posto que ficou vago. — Suplente é o que está designado expressamente para suprir a falta de alguém, para ocupar-lhe o lugar no caso em que ele não compareça. Um presidente de república tem seus substitutos legais, isto é, pessoas determinadas que devem tomar-lhe o cargo no caso de vaga ou impedimento temporário. Uma autoridade de polícia, um juiz têm seus suplentes, isto é, pessoas determinadas às quais compete o exercício do cargo nos casos de impedimento.

910

SURTO, rapto, transporte, arroubo, voo, voadura, remígio, assomo, arrebatamento. - Surto diz propriamente "arranco, avanço, impulso para as alturas". Tanto aplicamos ao primeiro ímpeto da ave para voar, como ao transporte audacioso do coração ou do espírito, no sentido figurado. O surto da águia; surto de eloquência, de entusiasmo. -Rapto é o exalçamento súbito, extraordinário, grandioso; e tanto se aplica também no sentido moral como no físico. No sentido moral, aproxima-se de exaltação, transporte místico. "O largo rapto do condor sobre as cordilheiras..." "Num rapto sublime daquela alma incendiada..." - Transporte é, no sentido translato, "toda emoção violenta, toda súbita exaltação, todo forte entusiasmo que domina a alma, qualquer que seja a paixão que a abale"; e no sentido natural, é a ação de mover-se, de elevar-se com força, impetuosamente. É mais frequentemente

empregado no sentido moral. - Arroubo é o transporte que tem mais de admiração e êxtase que propriamente de força; é um como arrebatamento sereno e delicioso da alma, o entusiasmo do contemplativo ou do místico. Dizemos também: arroubos de águia (isto é – voos, transportes amplos e serenos de águia). - Voo é "o ato de mover-se ou librar-se no ar por meio de asas"; e tanto se emprega no sentido próprio, como no figurado para designar o ato de elevar-se o espírito às alturas, tratando-se de fenômenos da inteligência. Alma capaz de grandes voos. "Aquele espírito não tem envergadura para amplos voos". - Voadura é propriamente o tempo de um voo. Dir-se-ia melhor: ave de curta voadura (exprimindo – ave que voa pouco de cada vez, que percorre pequeno espaço em cada voo). - Remígio (latim remigium, de remex, de remus) tem a significação própria de "remo em movimento, asas"; e emprega-se na língua para designar também "o voo das grandes aves, o bater de asas por efeito do qual elas cortam o espaço". Também se usa no sentido moral. "O seu poderoso remígio para a glória"... – Assomo – "ação de elevar-se às alturas, de aparecer na eminência". Admiráveis os assomos daquele inspirado quando fala do Céu. - Arrebatamento = "surto grandioso, amplo, solene".

911

SUSPEITA, desconfiança, cisma, receio. – A desconfiança é o receio de que nos enganem, ou de que uma coisa possa vir a não ser, ou um fato a não dar-se como nós supomos ou esperamos; ou de que venha a realizar-se como não desejamos. Quase sempre a desconfiança é um hábito, um vício do caráter, ou devido a circunstâncias da vida que nos abalem o sentimento oposto. Tem-se desconfiança dos homens, do futuro, do sucesso do nosso esforço, e até do tempo, do acaso, etc.

- Receio e suspeita distinguem-se assim: a suspeita é uma ligeira cisma ou desconfiança de que algum dano se nos faça, ou venha contra nós, como de outras vezes, ou como em casos análogos se tem dado com outros; e receio é a dúvida incômoda, quase aflitiva, em que se está de que nos venha ou suceda algum dano, ou deixe de vir-nos alguma coisa que desejamos. Temos suspeita de que ele prometeu, mas não vem. Temos receio de que nos intrigue com o rei. – Cisma, que é vocábulo pouco usado em linguagem literária, será o mesmo que "um princípio, os primeiros sinais do estado ou condição de espírito que os três precedentes enunciam". Tem desconfiança? – Não: tenho apenas umas cismas... Desvaneceu-se-me a suspeita: nem a mais ligeira cisma tenho hoje a toldar-me esta serenidade de alma... Todos os seus receios estão desfeitos: aquela cisma que ainda mostra vai acabar logo.

912

TÁCITO, implícito, subentendido. - Tácito é o que se não diz expressamente por estar subentendido. Acordo, consentimento, permissão *tácita* é o que se fez ou deu pelo silêncio ou pela inação, sem falar nem agir contra. - Implícito é o que, de própria natureza, ou razão, uso ou estilo, se contém noutra coisa como ocultamente, isto é, sem estar nela claro ou expresso. A consequência está implícita na premissa (isto é - como metida dentro dela, implicada). - Subentendido é "o mais que deixa entender o que já foi dito"; propriamente "o que fica - dir-se-ia - por baixo do que se disse". Quando eu digo:... "foi morto" está subentendido que há um assassino ou matador...

913

TASCA, taberna (ou taverna), venda, quiosque, baiuca, bodega, espelunca, locanda. – Taberna é propriamente "a pequena casa onde se vendem bebidas a retalho". - Tasca é "a casa onde se come e bebe ligeiro e barato". – Está hoje muito em uso quiosque, que é uma tasca em meio de praça, ou em esquina de rua; feita de madeira, como um pequeno pavilhão com largas abas, dentro do qual só está o vendedor, ficando do lado de fora os fregueses. – Venda é "toda pequena casa onde se vendem gêneros comestíveis". É de todas, a palavra mais usada hoje no Brasil e em Portugal para designar a casa de negócio a varejo de toda espécie de produtos alimentícios. – Baiuca é "a tasca escusa, imunda, onde se reúnem desordeiros e malandros". – Bodega é outro nome da baiuca. = Espelunca – "lugar escuso e imundo, onde se reúnem viciados". - Locanda - "cubículo, sujo e em desordem, onde se vendem comidas ordinárias".

914

TÁTARO, tatibitate, tartamudo, tartamelo, gago. - Tátaro "é voz imitativa e familiar que indica uma certa tartamudez em que predominam as sílabas tá, tá. Os tátaros mudam comumente o c em t, e dizem – Tatarina, em vez de – Catarina; – taxa, em vez de – caixa, etc. – Tatibitate é também voz imitativa e chula com que se designam os tátaros que acrescentam ao defeito físico modos e gestos ridículos". - Tartamudo é o que mal pronuncia as palavras, atropelando-as, precipitando-as; confundindo-as assim de tal modo que se tornam difíceis de entender-se. A tartamudez tanto pode provir de defeito dos órgãos da fala, como ser efeito momentâneo de alguma comoção. Tartamudo dizem que era Moisés. - Tartamelo parece distinguir-se de tartamudo (de que é simples corrupção) em não sugerir a mesma ideia de precipitação e de ânsia que se inclui em tartamudo. O tartamelo pronuncia mal, não destaca as sílabas, nem mesmo as palavras, ou então as corta, trucida as frases,

etc., mas não é tão precipitado. – **Gago** é o que tem dificuldade em falar, em dizer sobretudo a primeira palavra, e a primeira sílaba de cada palavra; e por isso fala como quem se lança aos ímpetos, ou vai aos saltos; ou como se as palavras lhe viessem aos borbotões, ou lhe saíssem de jato em jato. O **gago** fica muito vizinho do **tartamudo**; e será muitas vezes difícil distingui-los.

915

TEMER, recear, suspeitar, desconfiar. -Temer, aqui, é "crer na probabilidade de um mal ou contratempo qualquer: temo que ele se desdiga; temo que me censurem". - Recear é temer o engano, a falsidade, o mal que outrem nos pode fazer, ou o prejuízo que nos pode causar, sem que, porém, tenhamos grandes fundamentos que justifiquem o nosso receio: receamos que não venha; os escarmentados receiam tudo de todos. - Suspeitar é formar um mau juízo em virtude de indícios ou antecedentes: "suspeito que ele me engana". (Bruns.) - Parece haver, do último para o primeiro, uma perfeita gradação na força expressiva destes verbos: suspeitamos desconfiando, isto é, inquietando-nos ligeiramente; receamos preocupando-nos; tememos pondo-nos em guarda, quase afligindo-nos. - Desconfiar é menos que recear e temer, mas é mais que suspeitar. Desconfia aquele que tem já algum motivo um tanto sério para, conquanto, esse motivo não atinja diretamente a pessoa ou coisa de que se desconfia. No meio de bandidos desconfiaríamos de um santo. Desconfiaríamos de um homem de bem que convivesse com velhacos. O marechal confiava desconfiando.

916

TEMPLO, igreja (igrejório, igrejário, igrejinha, igrejola), basílica, ermida, capela, delubro, fano, edícula, santuário. – Segundo S. Luiz, "convêm estes vocábulos (os três primeiros) em exprimir a ideia genérica de lugar destinado para o exercício público da religião; mas com suas diferenças". -Templo refere-se diretamente à divindade; igreja, aos fiéis; basílica, à magnificência, ou realeza do edifício. - Templo é propriamente o lugar em que a divindade habita e é adorada. - Igreja é o lugar em que se ajuntam os fiéis para adorar a divindade e render-lhe culto. Por esta só diferença de relações, ou de modos de considerar o mesmo objeto, vê-se que templo exprime uma ideia mais augusta; e igreja, uma ideia menos nobre. Vê-se ainda que templo é mais próprio do estilo elevado e pomposo; e igreja, do estilo ordinário e comum. Pela mesma razão se diz que o coração do homem justo é o templo de Deus; que os nossos corpos são templos do Espírito Santo, etc.; e em nenhum destes casos poderia usar-se o vocábulo igreja. - Basílica, que significa própria e literalmente "casa régia", e que na antiguidade eclesiástica se aplicou às igrejas por serem casas de Deus, Rei Supremo do Universo - hoje se diz de algumas igrejas principais, mormente quando os seus edifícios são vastos e magníficos, ou de fundação régia. Tais são as basílicas de S. Pedro e de S. João de Latrão em Roma; a basílica patriarcal em Lisboa, etc. Quando falamos das falsas religiões, damos às suas casas de oração, ou o nome geral de templo, ou os nomes particulares de mesquita, mochamo, sinagoga, pagode, etc., segundo a linguagem dos turcos e mouros, dos árabes, judeus, gentios, etc. - Igreja e basílica somente se diz dos templos cristãos, e especialmente dos católicos romanos". -Os vocábulos igrejário, igrejório, igrejinha e igrejola são diminutivos de igreja, sendo este último, igrejola, o que melhor exprime a ideia da insignificância do edifício. A primeira, igrejário, pode aplicar-se ainda com a significação de – "conjunto das igrejas de uma diocese ou de uma cidade". – Ermida

é propriamente igrejinha em paragem desolada; e também pequeno, mas belo e artístico templo em aldeia, ou povoado. - Capela é "propriamente a sala destinada ao culto, o lugar onde se faz oração nos conventos, nos palácios, nos colégios, etc. Em sentido mais restrito, é pequena igreja pobre de bairro, de fazenda, de sítio, ou de povoação que não tem ainda categoria eclesiástica na diocese". - Delubro = templo pagão; capela de um templo; e também o próprio ídolo. – Fano – pequeno templo pagão; lugar sagrado, onde talvez se ouviam os oráculos. - Edícula = pequena capela ou ermida dentro de um templo ou de uma casa; oratório, nicho. – Santuário = lugar sagrado, onde se guardam coisas santas, ou onde se exercem funções religiosas.

917

TERRA, terreno, solo, campo. - Terra sugere ideia das qualidades, das propriedades da massa natural e sólida que enche ou cobre uma parte qualquer da superfície da terra. – Terreno refere-se, não só à quantidade, ou à extensão da superfície, como ao destino que se lhe vai dar, ou ao uso a que se adapta. - Solo dá ideia geral de assento ou fundamento, e designa a superfície da terra, ou o terreno que se lavra, ou onde se levanta alguma construção. - Campo é solo onde trabalha, terreno de cultura, ou mesmo já lavrado. Naquela província há terras magníficas para o café; dispomos apenas de um estreito terreno onde mal há espaço para algumas leiras e um casebre; construiu o monumento em solo firme, ou lançou a semente em solo ingrato; os campos já florescem; temos aqui as alegrias da vida do *camp*o.

TEZ, cútis, pele, derme, epiderme. - Segundo Bruns – a tez é a superfície da pele, o seu aspeto, a sua cor principalmente. A

cútis é o que da pele se pode apalpar, ou sentir pelo tato. Tez morena; cetinosa cútis. - Pele é a porção de tecidos formada pela derme e a epiderme. – Derme é o tecido que forma quase toda a espessura da pele; epiderme é a membrana transparente que cobre a superfície da derme.

919

TÍBIO, tépido, morno. – Tíbio é o que não é ou não está quente nem frio, que não impressiona sensivelmente. No sentido figurado, é o que não tem coragem, ou não inspira coragem nem desânimo. Semblante, espírito, alma tíbia. - Tépido é o que está ligeiramente morno, o que apenas deixa sentir um pouco mais calor do que frio. Água tépida é o mesmo que se disséssemos – quebrada da frieza. – Morno é o que é já mais quente do que frio, ou cujo calor já se sente bem. Banho morno dizemos do que se toma em água cuja temperatura corresponde mais ou menos à do nosso organismo.

TIMBRE, sinete, selo, carimbo, marca. -Todos estes vocábulos designam "sinal que nos dá a reconhecer alguma coisa, ou que torna alguma coisa autêntica". - Timbre é propriamente o emblema, ou a figura heráldica de um escudo, pela qual se reconhece a nobreza do que o traz. Por extensão, é "todo sinal impresso ou gravado que distingue alguma coisa, ou algum fato". Figuradamente emprega-se com a significação de "prova ou divisa de honra; capricho ou ostentação; orgulho ou ufania". - Sinete é "o sinal gravado ou impresso, formado de iniciais, ou mesmo contendo ligeiras inscrições, ou ainda alguma simples figura tomada como emblema". - Selo é o vocábulo de significação mais genérica de todos os do grupo, e designa "o sinal, o distintivo, a marca pela qual se faz autêntica a

coisa selada". - Carimbo tomamos (como quase todos os do grupo) pelo sinal feito pelo carimbo; e diz quase o mesmo que sinete, com a diferença de ser às vezes o carimbo apenas marca, isto é, simples distintivo, sem ideia alguma acessória; e sinete indica sempre "sinal impresso ou gravado". - Marca é qualquer sinal (emblema, figura, letra, firma, ou palavra) com que se distingue uma coisa da outra, ou de outras. Aplica-se particularmente a produtos de comércio ou de indústria que se quer distinguir dos de outros estabelecimentos. Dizemos: marca da fábrica; marca do criador; a marca dos volumes. Em nenhum destes casos emprega-se outra palavra. Do grupo a que mais se aproxima de marca é a palavra carimbo em certos casos.

921

TOGA, garnacha, beca, paludamento, trábea. - Toga e beca poderiam confundir-se, e até considerar-se sinônimos perfeitos, se o primeiro não sugerisse uma ideia de função sagrada, dizendo alguma coisa da pureza imaculável do magistrado. Dizemos, por isso: manchou a toga (e não – a beca). Beca, dando apenas ideia da veste talar que usam os juízes, os advogados, etc., não se aplica no sentido de símbolo como toga. - Garnacha é palavra menos usual que designa "a vestidura talar, larga e com cabeção, de que usam os padres e magistrados". (Aul.) Fr. Dom. Vieira: "Beca (do italiano becca "faixa, espécie de estola comprida") – vestido talar dos colegiais: era túnica sem mangas e fraldas largas. Os magistrados usam de beca, que é túnica justa, apertada, com cinto, mangas curtas refolhadas; capa talar aberta adiante: aliás garnacha". - Paludamento = "manto branco ou de púrpura, usado pelos generais romanos, e depois pelos imperadores" (C. de Fig.). - Trábea = "toga branca ornada de bandas de púrpura".

922

TOMO, volume. – "A divisão que o autor de uma obra faz das matérias, que nela trata, distingue os tomos: tomo quer dizer, portanto, divisão, e aplica-se às divisões maiores das obras literárias. A encadernação separa os volumes. Pode um só tomo formar dois ou mais volumes, e pode um só volume compreender dois ou mais tomos. Não é nem pelo número dos tomos, nem pela grossura dos volumes, que se deve fazer juízo da ciência ou erudição do autor. Algumas obras há que constam de muitos tomos, e se acham encadernadas em muitos e grossos volumes, as quais poderiam, sem prejuízo para a literatura, reduzir-se a um só tomo, e encerrar-se em um só, e bem pequeno volume". (Segundo S. Luiz.) Sendo tomo, como diz S. Luiz, divisão, segue-se que não se pode empregar a palavra tomo senão nos casos em que a obra conste de dois ou mais tomos. Seria, portanto, de uma impropriedade deplorável dizer, por exemplo: "comprei aquela obra em um só tomo..."

923

TORPE, impudico, desonesto, obsceno, indecente, impuro, imoral, indecoroso, impudente, desvergonhado (desavergonhado), descarado; desfaçado. - É torpe o que é tão vil, imundo e asqueroso, baixo e hediondo que mata, por assim dizer, as próprias almas covardes. Torpe é o que abusa da inocência; o que perpetra a infâmia fugindo à luz; é o que mancha um templo, ou escandaliza um santuário. - Impudico é tudo o que aberra das leis do pudor e da decência; o que se não vexa de ser desonesto; o que não se envergonha de ser safado; o que faz ostentação do seu descaramento, e como que se ufana do escândalo que produz. - "Desonesto - escreve o mestre - é o que se opõe à castidade, à pudicícia, à pureza, etc." - Obsceno diz muito mais

que desonesto na mesma ordem de ideias; porque a sua particular energia é significar o que é sujo, imundo, sórdido, torpe, etc. (do latim obscenus = ob+coenum "lama, lodo"). O desonesto ofende a castidade, a pudicícia, a pureza. O obsceno viola abertamente estas virtudes; ajunta à desonestidade a torpeza, a imunda grosseria, e talvez a impudência. Desonesto dizemos de tudo quanto ofende a castidade: pensamentos, lembranças, vistas, ações, etc. Obsceno é mais próprio das coisas externas, e que se oferecem à vista; e por isso se diz particularmente das palavras, dos livros, dos painéis, dos gestos, das posturas, etc.; e se alguma vez dizemos também - pensamentos obscenos, é porque nos referimos à fantasia, quando ela nos representa imagens, que merecem essa qualificação". - Impuro só se aplica ordinariamente no sentido moral para designar "o que é sujo, obsceno, sugerindo particularmente a ideia de estragado, corrompido". Prazeres, desejos impuros; coração impuro. - Indecente é "o que se tem por desonesto por ser contrário ao decoro, aos bons costumes, à sã moral". Palavras, gestos, atitude, atos indecentes. - Imoral - "contrário à moral, aos bons costumes". - Indecoroso = "contrário ao decoro; que escandaliza, ofende a decência". – Impudente = "que não tem pudor". - Desvergonhado (ou desavergonhado) = "que não tem vergonha". - Descarado = "cínico, sem compostura de homem digno". – **Desfaçado** "de uma desvergonha desafrontada e ufana".

TRADUÇÃO, versão. - Segundo Laf. -"designam estas palavras o modo de reproduzir numa língua o que foi escrito ou enunciado em outra". Versão (do latim vertere "mudar", (de sentido, de face, de aspeto) significa propriamente que um discurso é mudado de uma para outra língua;

e tradução (de traducere "transportar") marca que o discurso é transportado de uma língua para outra. Ora, como é mais fácil mudar uma coisa de um para outro lado, ou fazê-la mudar de aspeto, do que fazê-la mudar de uma parte para outra, segue-se que a palavra versão indica que nesse trabalho entrou menos de espírito de quem o fez do que no trabalho de uma tradução. A versão é literal; quem a faz não altera em coisa alguma o sentido do discurso que verte, nem muda mesmo a ordem gramatical do texto, e a construção das frases; conforma-se de tal modo e tão fielmente com a índole do original que lhe reproduz os próprios idiotismos. "O latim das Escrituras é uma simples versão literal em que se conservaram... muitas frases hebraicas e gregas". (Fénel) "Redigir um compêndio da Bíblia em melhor latim que a Vulgata, cujos autores só cuidaram da literalidade da versão." (Lah.) A tradução deixa ao tradutor mais liberdade: daí o dizer-se – uma tradução livre, e jamais - uma versão livre. O tradutor acrescenta ao que fez a versão o que tem de próprio o gênio de sua língua; acomoda-se, quanto lhe permite o seu talento, às leis da correção e da elegância; procura, em suma, enunciar seus pensamentos tão bem como faria se ele próprio os tivesse concebido. Tem, portanto, o tradutor estilo seu, e ao ponto de poder uma boa tradução tornar-se, na língua do tradutor, uma bela obra literária; tal é a tradução francesa das Geórgicas de Virgílio por Delille. "Se o tradutor se afasta demais do original, é claro que não traduz, mas imita; se o copia servilmente, faz uma versão. Não haveria um meio-termo a preferir?" (Marm.) Se a versão (do Novo Testamento) de Mons tem alguma coisa de censurável, é principalmente o afetar um certo excesso de polidez e querer dar, na tradução, um deleite que o Espírito Santo, que a inspirou, não se apercebeu de pôr no original. (Boss.) Gueudeville, tradutor da *Utopia* de Th. Morus, diz, no seu prefácio, que fez uma *tradução* livre, e que se se preferem *versões* escrupulosas, o melhor é que lhe não leiam a obra. Para explicação do latim, quer Dumarsais que "se ponha por baixo do texto a *versão* interlinear, e por baixo desta *versão* a verdadeira tradução em língua francesa"... (D' Al.)

925

TRAGO, sorvo, gole, hausto. - "Concordam estes vocábulos" – diz Bruns. em relação aos três primeiros – "na ideia que lhes é comum, de indicar a quantidade de líquido que de uma vez se mete na boca; cada um representa, porém, diferente gradação de tal ideia. O gole é a quantidade de líquido que se toma na boca com um só movimento de lábios, e sempre supõe a ideia acessória de que esse líquido vai ser engolido: um gole de vinho, de leite, etc. Não se toma, porém, um gole de gargarejo... O trago é um gole abundante de líquido não quente. (Sugere ideia da viva sensação que produz, quer seja má, quer seja boa. Tanto se diz - trago de fel, como – um trago delicioso.) Toma-se um trago de vinho, mas não – um trago de caldo. Sorvo é o que de uma vez se aspira com os lábios, particularmente de líquido quente; um sorvo de café". - Hausto é o sorvo largo e cheio, que se toma com sofreguidão; o trago que se engole com esforço. Aspira-se a grandes haustos o ar da manhã. Toma-se aqui a largos haustos o elixir da vida.

926

TRAJO, vestimenta, vestidura, vestido, veste, roupa, fato, indumento. – Fato e roupa são termos genéricos que designam "vestidos, ou vestes de uso comum." Roupa é mais extenso, pois aplica-se a toda e qualquer peça de tecido do uso de alguém. Dizemos – a nossa roupa branca; a nossa roupa fina, ou de cerimônia; a roupa de banho; a

roupa de cama, etc. Fato designa só a roupa de fora, a que se mostra: fato novo; fato de brim; fato completo. - Indumento é também veste, vestidura; mas é menos comum, e só se aplica em linguagem literária. "A púrpura é o indumento real" (Aul.). - Dos outros escreve S. Luiz: "Veste parece que é de todos estes vocábulos o mais genérico; e por isso dizemos: as vestes usuais, as vestes sagradas, as vestes reais, etc. Vestido tem significação menos extensa, e exprime tão-somente as vestes usuais e ordinárias, com que cobrimos o corpo por necessidade, ou comodidade. No trajo atual dos portugueses a casaca, a véstia, o calção, as meias, os sapatos, etc., pertencem ao vestido. Vestidura parece que exprime as vestes ordinariamente sobrepostas ao vestido, e pelas quais distinguimos na ordem civil, ou na eclesiástica, e nas funções solenes, os empregos e dignidades das pessoas. Assim, o manto ou opa real, a capa magna, a beca, etc., são vestiduras do rei, do bispo, do magistrado, etc. Vestimenta exprime especialmente as vestes sagradas, que se usam no exercício público do culto religioso. A casula, a dalmática, as estolas, a capa de asperges, etc., são vestimentas. Trajo exprime, não só o que é essencial do vestir, mas também a forma dele, a maneira de o usar, e certos ornatos que o acompanham, como fitas, pedraria, colares, toucado, espada etc. Assim dizemos: trajo nacional, trajo estrangeiro, trajo de cerimônia, de teatro, etc.; isto é, tudo o que pertence ao vestir, ao modo de vestir e ao asseio e ornato do corpo, etc. Parece que é propriamente o habillement dos franceses."

927

TRISTEZA, tristura. — A terminação *eza*, num grande número de vocábulos portugueses, exprime a noção abstrata da qualidade. Assim, por exemplo, *barateza* — exprime a qualidade do que é barato; *firmeza* — a

qualidade do que é firme; careza – do que é caro, etc. A terminação ura, em outro grande número de vocábulos portugueses, exprime o efeito, o resultado de alguma ação, operação, trabalho, etc. Assim, o efeito de escrever é a escritura; - do criar, a criatura; do queimar, a queimadura; - do misturar, a mistura; – do pintar, a pintura, etc. À vista do que, tristeza exprime a qualidade que faz o homem triste; o afeto, a paixão, ou o estado de alma, a que damos este nome. Tristura parece que se refere mais propriamente aos efeitos desta paixão, e que envolve, com particular energia, os sinais externos, que a acompanham; significando uma tristeza pesada, íntima, profunda, que se manifesta fortemente no semblante, e em todo o hábito da pessoa. (Segundo S. Luiz.)

928

TRIUNFAL, triunfante. – Não é possível confundir estes dois adjetivos. Dizemos que o general, o rei, o herói entrou triunfante na cidade, ou saiu triunfante da luta; e que teve na cidade uma recepção triunfal; ou que fez uma viagem triunfal pelo país, ou uma entrada triunfal na cidade. Em nenhum desses casos poderíamos trocar, ou substituir um por outro os respetivos vocábulos. Não diríamos decerto que o herói entrou ou saiu triunfal; nem que teve uma recepção triunfante. Daí se vê que triunfante se refere propriamente ao triunfo, ao fato de haver triunfado; e que significa – que alcançou a vitória e goza do renome, do brilho que ela dá. E vê-se também que **triunfal** é o que é relativo ao triunfo, que lhe é próprio, que o indica e celebra; e quer dizer – "do triunfo, ou devido ao triunfador, próprio de quem triunfou".

929

TRUNCAR, mutilar. – Truncar, no sentido próprio, é "cortar, ou destacar de qualquer modo a parte superior, ou a mais importante de uma coisa, deformando-a, desfigurando-a mais ou menos". - Mutilar é cortar ou destacar pedaços que tornam o animal ou a coisa imperfeita. Truncando, desintegra-se; mutilando, desfeia-se. No sentido translato: trunca-se uma obra suprimindo-lhe trechos ou partes essenciais, ou das mais importantes; mutila-se, cortando-lhe certos trechos, que, conquanto não sejam essenciais, a prejudicam, tirando-lhe a perfeição que tinha quando inteira.

930

TÚNICA, tunicela, casula, dalmática. – Designam estes vocábulos "vestes ou paramentos sacerdotais usados em cerimônias do culto". A túnica é "vestidura dos diáconos e demais ministros que ajudam nas celebrações". A tunicela é "pequena túnica usada pelos bispos, que a vestem entre a alva e a casula". - Casula é paramento de que só usam os celebrantes: é "uma capa de damasco que o sacerdote põe sobre a alva (compõe-se – diz Aul. – de duas partes: uma anterior e outra posterior, que se reúnem por ombreiras)". – Dalmática é outro nome que tem a túnica e que corresponde a casula; pois, como esta no celebrante, a dalmática veste os ministros por cima da alva, no momento das celebrações.

931

TURNO, vez. – Turno, diz perfeitamente Bruns., supõe repetição do mesmo ato; vez, não (pelo menos nem sempre). Entramos por turno sempre que nos toca entrar; entramos por nossa vez depois de terem entrado os que estavam antes de nós. - É preciso notar que, na linguagem comum, só se usa de vez, em qualquer dos dois sentidos.

ÚLCERA, chaga, ferida. – Em alguns casos talvez que se possam confundir estes vocábulos, principalmente úlcera e feri-

da. O outro com estes dois é que é mais difícil confundir. Dizemos, por exemplo: úlcera cancerosa, ferida de mau caráter; mas não dizemos: - chaga de mau caráter, nem - chaga cancerosa. Este vocábulo chaga (do latim plaga "golpe, pancada") designa, tanto a ferida cruenta ou em supuração, como a cicatriz que ela deixou. Sugere ideia de padecimento, e amargura, causada pela violência que produziu a chaga. – A úlcera (do latim ulcus, que significa, entre outras coisas - "esfoladura, escoriação") é "uma ferida maligna, uma chaga antiga e profunda, que não fechou". - Ferida designa todo mal causado por ferimento ou contusão. Em linguagem familiar ou comum emprega-se por úlcera, ou chaga. Tem de fato mais estreita afinidade com esta última, sendo toda ferida uma chaga aberta.

933

UM, único, só, singular. – Um designa apenas a unidade; isto é, uma só coisa, a coisa que não é menos, nem mais de uma. "O que é um não é dois nem meio; - o que é único, é que não tem segundo; - o que é só, não tem companheiro; - o que é singular, é que se põe em destaque como único. Único refere-se à unidade perfeita: não se lhe pode ajuntar outra unidade. Só refere-se à solidão absoluta: não se lhe pode ajuntar companhia alguma (pois que do momento em que alguma coisa se lhe ajuntou, já não é mais só). Como, porém, o que é único pode considerar-se sem companheiro que o iguale ou se lhe assemelhe; e o que é só pode também considerar-se como sem segundo que o acompanhe; por isso facilmente se confundem as significações dos dois vocábulos, ainda que a noção metafísica de um seja diferente da do outro. O que é singular também é único, mas somente sob um dado ponto de vista, ou considerado debaixo de algum particular respeito: é o que se distingue dos outros, e entre eles, por alguma qualidade, que não é comum a todos. Dos três maiores filósofos da antiguidade grega, Sócrates, Platão e Aristóteles, nenhum se pode dizer propriamente único, ou só: o seu número basta para mostrar que lhes não compete nenhuma destas qualificações. Mas cada um deles pode dizer-se singular, porque todos o foram na tendência de suas doutrinas; nos métodos que seguiram e ensinaram; na influência que tiveram sobre o progresso das ciências, etc."

934

UNIÃO, junção. — Junção designa "o ato pelo qual duas coisas cessam de estar separadas; e também se diz do próprio ponto em que elas se reúnem. — União designa o estado de duas coisas que não se acham separadas, quer estejam unidas desde certo tempo, quer tenham estado sempre unidas. O vocábulo união sugere a ideia de uma relação mais íntima que o termo junção. Quando entre duas coisas subsiste a união, pode dizer-se que elas constituem uma unidade".

935

URGÊNCIA, pressa. – Distinguem-se perfeitamente estes dois vocábulos, que às vezes se empregam sem distinção na linguagem ordinária. Tenho muita urgência; tenho muita pressa – é comum ouvir-se, em casos idênticos, e com o mesmo sentido. Mesmo entre autores, vê-se a diferença entre estes dois termos assim definida: "o que requer pressa não consente perda de muito tempo; o que requer urgência exige que não se perca tempo nenhum". Mas passando a aplicar os dois vocábulos, sempre se logra perceber alguma coisa mais do que se aí apanha. Nestas frases, por exemplo: "Tenho urgência de dinheiro; temos urgência de realizar o negócio; preciso de falar-te com urgência; a urgência em que me sinto de procurá-lo, etc.

S

– nessas frases só a palavra urgência diz com perfeita propriedade o que se quer. Dá-se até que em alguns casos a mudança de urgência por pressa viria alterar logicamente a frase: – "falar-te com urgência" e – "falar-te com pressa" decerto que são coisas bem diferentes. – Por outro lado, nestas frases: vou com muita pressa; por que tanta pressa em sair?; deu-se ela pressa em falar-nos, etc. – aí, é evidente, não caberia urgência para exprimir o que desejamos. Vê-se desses exemplos que urgência é propriamente "necessidade imediata, instância, exigência"; e pressa é "açodamento, atividade exagerada, ânsia, alvoroço em fazer alguma coisa".

936

ÚTIL, proveitoso, conveniente, vantajoso, proficuo; utilidade, proveito, conveniência, vantagem, proficuidade. – Útil dizemos daquilo que presta para alguma coisa, que tem, na ocasião, nas circunstâncias, ou nas condições em que está, algum préstimo. – Proveitoso é o que oferece ou traz proveito. Entre **proveito** e **utilidade** há uma distinção que se deve considerar essencial. Basta ver que há utilidades que não são proveitosas (desde que não se tirem delas os proveitos que se calcula ou deseja); mas não se concebe proveito algum que não seja útil. O que é útil provém da qualidade, ou da simples propriedade boa ou favorável (utilidade) de alguma coisa; o que é proveitoso provém da vantagem, do fruto, do benefício que se tirou (proveito) de alguma coisa. - Proveito encerra, pois, ideia de lucro; utilidade, ideia de serventia. - Conveniente significa "que convém; que combina com o que queremos; que importa não deixar de fazer, porque pode induzir a um bem, ou dar uma vantagem, interesse, etc." - Conveniência é a qualidade do que é conveniente. Pode, portanto, haver utilidade, e até proveito, que não nos seja conveniente no momento (que não nos convenha na

ocasião); mas as nossas conveniências (isto é – as coisas que nos são convenientes) sempre nos são úteis, mesmo que, afinal, verifiquemos que não nos trazem real proveito. - Vantajoso propriamente só devíamos dizer daquilo que nos promete ou oferece lucros ou proveitos maiores que os proveitos de uma outra coisa; pois a vantagem consiste na superioridade, na maior conveniência, serventia, importância, etc., da coisa vantajosa. – É proficuo aquilo que não se faz sem vantagem, sem proveito. - Proficuidade é só a qualidade de ser profícuo; isto é, não pode ser tomada (como acontece em relação aos outros substantivos do grupo) pela própria coisa profícua. Tenho, vejo nisto utilidade, ou utilidades, proveitos, conveniências, vantagens (não - vejo, ou tenho proficuidades).

937

VÃO, baldado, inútil, improfícuo. – Têm de comum estes adjetivos a ideia, que exprimem, de – "sem proveito, sem resultado, sem sucesso". – Vão significa muito expressivamente – "de todo impossível, de todo improfícuo"; e sugere uma ideia de desesperança ou desilusão. - Vãs tentativas; desejos, aspirações vãs; vãos esforços. - Baldado é de fato muito fácil, em grande número de casos, confundir-se com o precedente. Mas note-se que não seria próprio dizer, por exemplo –, baldado desejo; ou – baldado intuito; e que, no entanto, com toda propriedade diríamos – intento, trabalho, esforço baldado: isto nos põe claro que só é baldado o que não conseguimos apesar dos nossos esforços. Daí ainda: - sonhos vãos, e não - sonhos baldados; — vãos pensamentos, e não — baldados pensamentos. - Inútil é o que se fez sem utilidade, o que não tem préstimo para o que se quer. – Improfícuo dizemos do que se fez sem nada adiantar. Daí o poder a própria coisa inútil nem sempre ser improfícua sob um outro aspecto; e vice-versa.

938

VERACIDADE, veridicidade, verdade; veraz, verídico, verdadeiro. - Na acepção usual e comum em que são considerados aqui, devem distinguir-se assim estes vocábulos: veracidade é a qualidade de ser veraz; veridicidade é a qualidade de ser verídico; verdade é a qualidade de ser verdadeiro. Veraz é o que se conforma com a verdade, que corresponde perfeitamente à verdade; verídico é o que diz a verdade; verdadeiro é o que se ajusta perfeitamente à verdade, o que tem o caráter de verdade. - Num sentido menos comum, e propriamente filosófico, substantivando o vocábulo verdadeiro, distingui-lo-emos de maneira análoga à pela qual se distingue o belo da beleza, o justo da justiça, o sublime da sublimidade, etc. O capítulo de Laf. sobre esta espécie de sinônimos é excelente. Depois das indispensáveis generalidades, escreve ele quanto a o verdadeiro e a verdade: "Estas duas palavras são mais sinônimas que todas as outras (do grupo a que nos referimos), e o que dá lugar a que se hesite demais quanto ao emprego de uma ou de outra, é o fato de serem ambas muito abstratas, muito afastadas do mundo real e concreto. Não há. no entanto, como confundi-las. A verdade é o verdadeiro relativo, o verdadeiro que se demonstra e se adquire por este ou aquele meio. O verdadeiro é um tipo da verdade, um ideal, uma concepção, com a qual se conformam todas as verdades. Quando Boileau diz que nada é tão belo como o verdadeiro, exprime de uma maneira absoluta, nítida, precisa, incisiva – tudo o que foi, é, ou será verdadeiro, tudo o que é suscetível de possuir a qualidade marcada por este adjetivo; nada mais resta a desejar, não se espera mais que o autor determine de que verdade quis falar-nos". Pascal chama o homem -"julgador de todas as coisas, imbecil verme, depositário do verdadeiro". "Deus e o verdadeiro - diz ele ainda - são inseparáveis; e

se um é ou não é, se é certo ou incerto, selo-á o outro assim necessariamente". Mas quando ele fala do **verdadeiro** relativo, isto é, daquele que se adquire, e deste ou daquele modo, serve-se da palavra **verdade**. "Nós conhecemos a *verdade*, dizem os dogmatistas, não somente pelo raciocínio, mas também pelo sentimento, e por uma inteligência viva e luminosa".

939

VIAL, avenida. — É de Bruns. este artigo: "Avenida dizemos de uma ampla via que se compõe de uma larga rua central, separada de duas outras ruas laterais por largos passeios arborizados: a avenida da Liberdade". — Vial, neologismo proposto para substituir o francês boulevard, diremos de uma rua ampla, orlada de largos passeios arborizados: "o vial dos Italianos é um dos pontos mais frequentados de Paris".

940

VIGA, trave, barrote. — Viga é "a peça grossa e comprida de madeira falquejada para construções". — Trave é também "viga, mas podendo ser ou não falquejada, de madeira ou de ferro; e sugere ideia da relação em que está com outras peças, e da segurança em que põe a armação do edifício". — Barrote só se diferença dos dois primeiros talvez pela circunstância de aplicar-se este nome ordinariamente à trave ou viga em que assenta o soalho; pois, barrote sugere ideia de apoio, sustentáculo, fundamento. A viga e a trave (mas principalmente a viga) são peças empregadas quase sempre na parte superior das construções.

941

VIRIL, varonil, homem, varão. — As duas primeiras e a última destas palavras, "que coincidem no mesmo radical *vir* do latim [da raiz grega *i* (*hi* ou *vi*) sugestiva de nervo,

de força], distinguem-se perfeitamente no português. - Viril é o que é próprio do homem considerado como fisicamente forte, capaz de gerar, o másculo da espécie. Dizemos – força, esbelteza, tipo viril; mas não diremos – inteligência viril. Ânimo viril, sim; mas espírito viril, nunca se diz. - Varonil é o que é próprio do varão, isto é, do homem que possui as mais nobres virtudes da espécie. Para sentir-se bem a diferença que existe entre homem e varão, seria bastante dar um grande número de frases em que não seria possível confundir as duas palavras, ou empregar uma pela outra; por exemplo: - o sábio, o justo, o glorioso, o santo varão: dicções nas quais não poderia entrar a palavra homem sem mudar-lhes o sentido; - homem cruel, homem bárbaro, homem sem caráter: casos em que não poderíamos meter o vocábulo varão. Desta diferença entre varão e homem, subsiste alguma coisa em varonil e viril.

942

VITAL, viável, vivaz. – Não se confundem estes três vocábulos. Vital é o que pertence à vida, o que é próprio para a vida. **Viável** (na acepção restrita com que é empregado na fisiologia, ou na medicina) é o que apresenta condições para viver por si; e diz-se do feto que nasce capaz de vida extrauterina. Vivaz é o que tem muita vida, ou vida para muito tempo; o que é esperto e vigoroso.

943

VITORIOSO, vencedor. – Segundo Bourg. e Berg. – "designam estas duas palavras aquele que se avantajou, que prevaleceu num combate. Vencedor é originariamente substantivo, daí resulta que, mesmo quando é empregado como adjetivo, se aplica a um só fato, a uma só vitória. Depois do combate, o vencedor mostrou-se generoso e compassivo; Cesar foi vencedor de Pompeu em Farsália. Vitorioso, que é ordinariamente adjetivo, marca, ao contrário, o estado, a qualidade habitual daquele que alcançou vitórias, mesmo quando esta palavra é empregada substantivamente – o que é bem raro. Em Roma, os generais vitoriosos obtinham as honras do triunfo; Alexandre, vitorioso e triunfante, veio morrer em Babilônia; este príncipe, vitorioso em toda parte, impôs a paz a seus inimigos; os vitoriosos são levados ao orgulho e à insolência".

944

VOLIÇÃO, veleidade, vontade. - Volição é o fenômeno da vontade enquanto está conosco, ou pelo menos até o momento em que começa a manifestar-se: é um como princípio da vontade; assim como a vontade pode considerar-se quase como um princípio de ação. Pois vontade, sendo o ato de querer, já enuncia um fenômeno psicológico mais completo que a simples volição, que é como que o primeiro sinal, o ato de conceber o que se quer. Na vontade, além de subentender-se a volição, já entra a decisão. – Note-se ainda que é por isso mesmo que volição não tem uso na linguagem comum, mas apenas na linguagem filosófica. – Veleidade será como vontade imperfeita, ou indecisa; vontade que hesita; ímpeto, ou assomo vago, que fica entre a volição e a vontade.

945

ZABUMBA, bombo. – É de Bruns: "O bombo é uma espécie de grande tambor, que se toca com uma só maçaneta, e que faz parte das bandas. O bombo (ou bumbo), isolado de uma banda de música, e que se toca só, ou que acompanha algum instrumento rústico, chama-se vulgarmente zabumba".

946

ZAGAL, pastor, pegureiro, alganame, maioral; zagaleto, zagalejo. - Os mais em uso, e que propriamente designam a pessoa, a guarda da qual está um rebanho — são os vocábulos **pastor** e **zagal**, principalmente o primeiro, que é o mais genérico. Segundo Bruns. — o **maioral** é o chefe dos rebanhos; o **alganame** toma conta de um rebanho, tendo como subordinado o **zagal**, ou os **zagais** que forem necessários, conforme a importância do rebanho. **Zagaleto** e **zagalejo** são simples diminutivos de **zagal**. **Pegureiro** é o ínfimo entre os **pastores**.

947

ZAROLHO, vesgo, estrábico, zanaga, peto.

- Designam a pessoa que tem defeito nos olhos, ou na disposição do globo ocular, de modo que para ver não olha direito, ou parece não fitar de frente a coisa que está vendo. Estrábico é o termo genérico indicativo do que vulgarmente dizemos vesgo, que é a pessoa que vê olhando como de soslaio, de esguelha, ao viés. Zarolho é mais propriamente o vesgo que tem, não só torto, mas confuso, instável o olhar. Zanaga é nome vulgar que se dá ao zarolho. - Todos estes vocábulos empregam-se no sentido figurado ou moral, e com significação análoga. Zarolho, vesgo, estrábico de alma. Vesgo é o mais próprio, ou o mais forte pelo menos para designar vesgo, esquerdo, sinistro no sentido moral. - Peto = que tem a vista um tanto atravessada; que é ligeiramente estrábico.

948

ZUMBAIA, mesura, cortesia, rapapé, salamaleque. – Cortesia, diz Lac. que "é termo genérico para designar todas as ações feitas, segundo o uso e estilo adotado, em testemunho de respeito e deferência. A cortesia pode fazer-se curvando o corpo, abaixando a cabeça, tirando o chapéu, etc. Mesura, conforme ao rigor da origem, é cortesia própria das senhoras; e se faz dobrando os joelhos sem inclinar a cabeça; mas diz-se geralmente de qualquer inclinação da cabeça em reverência de alguém. Zumbaia é palavra que nos veio da Índia, e significa a reverência que se faz abaixando a cabeça profundamente". - Salamaleque é adaptação de palavra árabe, e que quer dizer - saudação solene, como a que fazem os mouros aos grandes. Rapapé é a saudação espalhafatosa, que se faz com muitas zumbaias, e afastando para trás um pé, com mostras exageradas de respeito, mais afetado que sincero. – De todo o grupo, só cortesia e mesura é que podem fazer-se com dignidade, ou modéstia, e escapar ao ridículo.

949

ZUMBIDO, zunido, zum-zum. – Zumbido é (como as que se lhe seguem) palavra onomatopaica, que designa o som confuso, o ruído ou sussurro produzido pelas abelhas, pelas moscas, ou por outros quaisquer insetos alados. – Zunido é som mais fino, zumbido mais agudo, e menos confuso, produzido pelo vento quando encontra resistência, ou por algum corpo de pequeno volume quando fende ou desloca rapidamente o ar. Zunido da seta; zunido do vento no beiral das casas. – Zum-zum tanto se diz do zumbido como do zunido; e é mais usado no sentido translato para significar – vagos boatos, atoarda, rumores surdos.